ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DISCURSOS ACADÊMICOS

TOMO II

1920-1935

Rio de Janeiro
2006

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2006

Presidente – *Marcos Vinicios Vilaça*
Secretário-Geral – *Cícero Sandroni*
Primeira-Secretária – *Ana Maria Machado*
Segundo-Secretário – *José Murilo de Carvalho*
Diretor Tesoureiro – *Antonio Carlos Secchin*
Diretor das Publicações – *Antonio Carlos Secchin*

PUBLICAÇÕES DA ABL

Produção editorial e Revisão
Nair Dametto

Assistente editorial
Monique Cordeiro F. Mendes

Digitação
Assunta Dametto

Capa e Editoração eletrônica
Maanaim Informática Ltda.

DISCURSOS ACADÊMICOS – ISSN 1677-7239

Sede da ABL: Avenida Presidente Wilson, 203
Castelo – 20030-021
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax : (0xx21) 2220-6695
E-mail: publicacoes@academia.org.br
Site: http://www.academia.org.br

DISCURSOS ACADÊMICOS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

MEMBROS EFETIVOS – 2006

Affonso Arinos de Mello Franco
Alberto da Costa e Silva
Alberto Venancio Filho
Alfredo Bosi
Ana Maria Machado
Antonio Carlos Secchin
Antonio Olinto
Ariano Suassuna
Arnaldo Niskier
Candido Mendes de Almeida
Carlos Heitor Cony
Carlos Nejar
Celso Lafer
Cícero Sandroni
Domício Proença Filho
Eduardo Portella
Evanildo Bechara
Evaristo de Moraes Filho
Pe. Fernando Bastos de Ávila
Helio Jaguaribe
Ivan Junqueira
Ivo Pitanguy
João de Scantimburgo
João Ubaldo Ribeiro
José Mindlin
José Murilo de Carvalho
José Sarney
Lêdo Ivo
Lygia Fagundes Telles
Marco Maciel
Marcos Vinicios Vilaça
Moacyr Scliar
Murilo Melo Filho
Nélida Piñon
Nelson Pereira dos Santos
Paulo Coelho
Sábato Magaldi
Sergio Paulo Rouanet
Tarcísio Padilha
Zélia Gattai

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Antonio Carlos Secchin (*Diretor*)

SUMÁRIO

Apresentação – *Marcos Vinicios Vilaça* ix

Recepção do Sr. Humberto de Campos (8 de maio de 1920)
I – Discurso do Sr. Humberto de Campos 3
II – Resposta do Sr. Luís Murat 23

Recepção de Dom Silvério Pimenta (28 de maio de 1920)
I – Discurso de Dom Silvério Gomes Pimenta 49
II – Resposta do Sr. Carlos de Laet 61

Recepção do Sr. Xavier Marques (17 de setembro de 1920)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 77
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 101

Recepção do Sr. Constâncio Alves (22 de agosto de 1922)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 115
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 131

Recepção do Sr. Gustavo Barroso (7 de maio de 1923)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 177
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 189

Recepção do Sr. João Luís Alves (6 de novembro de 1923)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 217
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 243

DISCURSOS ACADÊMICOS (13 de dezembro de 1923)
I – Discurso do Presidente Afrânio Peixoto 267
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 271
III – Discurso do Sr. Augusto Lima 279
IV – DISCURSOS ACADÊMICOS 281

Sessão de Inauguração da nova sede da ABL – Petit Trianon (15 de dezembro de 1923)
I – Discurso do Presidente Afrânio Peixoto 287
II – Discurso do Embaixador Alexandre Conty 291
III – Discurso do Ministro João Luís Alves 297
IV – DISCURSOS ACADÊMICOS 301

Recepção do Sr. Laudelino Freire (22 de março de 1924)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 311
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 343

Recepção do Sr. Cláudio de Sousa (8 de outubro de 1924)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 359
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 389

Recepção do Sr. Adelmar Tavares (4 de setembro de 1926)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 407
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 431

Recepção do Sr. Fernando Magalhães (8 de setembro de 1926)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 451
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 463

Recepção do Sr. Luís Carlos (21 de dezembro de 1926)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 483
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 505

Recepção do Sr. Olegário Mariano (20 de abril de 1927)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 523
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 547

Recepção de Dom Aquino Correia (30 de novembro de 1927)
I – DISCURSOS ACADÊMICOS 573
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 601

Recepção do Sr. Roquette-Pinto (3 de março de 1928)
I – Discurso do Sr. Roquette-Pinto 627
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 653

Recepção do Sr. Ramiz Galvão (23 de junho de 1928)
I – Discurso do Sr. Ramiz Galvão 671
II – Resposta do Sr. Fernando Magalhães 689

Recepção do Sr. Alberto de Faria (12 de dezembro de 1928)
I – Discurso do Sr. Alberto de Faria 705
II – Resposta do Sr. Hélio Lobo 733

Recepção do Sr. Afonso Taunay (6 de maio de 1930)
I – Discurso do Sr. Afonso Taunay 747
II – Resposta do Sr. Roquette-Pinto 783

Recepção do Sr. Guilherme de Almeida (21 de junho de 1930)
I – Discurso do Sr. Guilherme de Almeida 799
II – Resposta do Sr. Olegário Mariano 817

Recepção do Sr. Gregório Fonseca (29 de outubro de 1932)
I – Discurso do Sr. Gregório Fonseca 839
II – Resposta do Sr. Alcides Maya 859

Recepção do Sr. Alcântara Machado (20 de maio de 1933)
I – Discurso do Sr. Alcântara Machado 875
II – Resposta do Sr. Afrânio Peixoto 909

Recepção do Sr. Celso Vieira (5 de maio de 1934)
I – Discurso do Sr. Celso Vieira 929
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 971

Recepção do Sr. A. J. Pereira da Silva (26 de junho de 1934)
I – Discurso do Sr. A. J. Pereira da Silva 989
II – Resposta do Sr. Adelmar Tavares 1017

Recepção do Sr. Octavio Mangabeira (1.º de setembro de 1934)
I – Discurso do Sr. Octavio Mangabeira 1035
II – Resposta do Sr. Afonso Celso 1059

Recepção do Sr. Ribeiro Couto (17 de novembro de 1934)
I – Discurso do Sr. Ribeiro Couto 1083
II – DISCURSOS ACADÊMICOS 1109

Recepção do Sr. Rodolfo Garcia (13 de abril de 1935)
I – Discurso do Sr. Rodolfo Garcia 1125
II – Resposta do Sr. Afonso Taunay 1145

Recepção do Sr. Paulo Setúbal (27 de julho de 1935)
I – Discurso do Sr. Paulo Setúbal 1175
II – Resposta do Sr. Alcântara Machado 1195

Recepção do Sr. Vítor Viana (10 de agosto de 1935)
I – Discurso do Sr. Vítor Viana 1215
II – Resposta do Sr. Celso Vieira 1235

Recepção do Sr. Múcio Leão (16 de novembro de 1935)
I – Discurso do Sr. Múcio Leão 1257
II – Resposta do Sr. A. J. Pereira da Silva 1297

Recepção do Sr. Miguel Osório de Almeida (23 de novembro de 1935)
I – Discurso do Sr. Miguel Osório de Almeida 1315
II – Resposta do Sr. Roquette-Pinto 1345

Recepção do Sr. Alceu Amoroso Lima (14 de dezembro de 1935)
I – Discurso do Sr. Alceu Amoroso Lima 1359
II – Resposta do Sr. Fernando Magalhães 1383

APRESENTAÇÃO

Costumo dizer que a melhor história da literatura brasileira está na coleção dos Discursos Acadêmicos.

O leitor tem, a seguir, um capítulo de grande substância, para aprender e aplaudir essa trajetória da criação cultural.

A Academia Brasileira de Letras, ao dar seqüência à publicação das falas dos Acadêmicos, cumpre não apenas uma tradição, mas o seu compromisso estatutário fundamental – o de zelar e promover a língua e a cultura.

Acresce a isso um certo orgulho pelo conjunto desses ensaios, no tanto que significam, em sua expressão tão opulenta, a qualidade dos que a integram.

De outra parte, é confortável ver como a Academia é, de fato, brasileira. Nela ingressam brasileiros de todas as regiões, pois o nosso critério de admissão é regido pela meritocracia, sem artifícios, sem concessões.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 2006
109.º aniversário da ABL
MARCOS VINICIOS VILAÇA
Presidente

NOTA EDITORIAL

Este tomo compreende um período de 16 anos; nos subseqüentes, o período será de 15 anos, conforme abaixo:

Tomo II – 1920-1935;
Tomo III – 1936-1950;
Tomo IV – 1951-1965;
Tomo V – 1966-1980;
Tomo VI – 1981-1995;
Tomo VII – 1996- .

Rio de Janeiro, agosto de 2006
ANTONIO CARLOS SECCHIN
Diretor da Comissão de Publicações da ABL

Discurso do
SR. HUMBERTO DE CAMPOS

e

Resposta do
SR. LUÍS MURAT

Sessão solene extraordinária
do dia 8 de maio de 1920

I

DISCURSO DO SR. HUMBERTO DE CAMPOS

SENHOR Presidente,
Senhores Acadêmicos,

Referem as crônicas do reinado de Luís XI que Nicolau Paulino, cancelário de Borgonha, após uma avaliação conscienciosa dos seus haveres em prata, e ouro, e terras, deliberou instituir um hospital para os pobres. Informado desta resolução, o soberano, que o sabia impenitente na cobrança dos impostos, na perseguição aos devedores mais humildes, aos foreiros mais necessitados, comentou cristãmente:

– É justo que, quem fez muitos pobres, edifique uma casa, para os amparar e recolher.

A vossa Academia foi, – consenti que vo-lo diga, – o meu cancelário de Borgonha. Oriundo de uma família de comerciantes, aos quais a fortuna tem sido propícia, eu me desgarrei do meu rebanho no crepúsculo matutino da vida, à passagem de um dos vossos pastores. Foi há vinte anos, quando o vosso confrade Sr. Coelho Neto andou, como Francisco Xavier nas Índias, a espalhar, entre bárbaros, a árvore da Beleza imperecível, com a semente de ouro do seu verbo. À passagem do taumaturgo, agrupavam-se os discípulos, revelavam-se os apóstolos, surgiam os iniciados. As marcas das suas sandálias eram novos canteiros no areial. As dunas do Ceará, o sertão maranhense, a floresta amazônica deficientemente desbravada, ouvindo o seu Evangelho,

palpitaram, prevendo o prodígio. Do ventre do Saara saía um mundo novo. Era o milagre da Palavra fecundando o Deserto.

Ao barulho das multidões que o seguiam, vitoriando-o, aclamando-o, eu me ergui, de longe, nas pontas dos pés, para ver-lhe a passagem. Não o vi. Beijei, porém, a areia do seu caminho e não me saiu mais do pensamento infantil o rumoroso espetáculo da sua glória.

Aos dezesseis anos, tomando, por intuição, o meu bordão de solitário, saí a percorrer, como os monges infantes, os lugares que ele santificara com a sua peregrinação. Florestas, praias, cidades, sertões, eu tudo visitei, acompanhando na terra úmida, sempre veneradas, as suas pegadas indeléveis. Andei. Vaguei. Peregrinei. E vim, perdido nos Alpes, bater à porta do vosso mosteiro de São Bernardo. Era meu direito procurá-la. Era vosso dever, e da vossa piedade, abri-la. Fizestes de mim, pelo prestígio de um dos vossos companheiros, um sonhador, um egresso da fortuna, um rebelde às vantagens da vida utilitária. E manda o Código do Trabalho, em artigo generoso, que o operário seja amparado, na sua desgraça, pelo capitalista que o inutilizou.

* * *

A Cadeira que me designastes está, ainda, entre dois esquifes, que reclamam, no vosso templo, a minha oração: Emílio de Menezes, a quem me destes por sucessor; e Salvador de Mendonça, a quem me prestarei, oportunamente, e mais longamente, o culto da minha saudade.

Seria inexplicável, entretanto, que eu, de passagem, não deixasse uma flor, sequer, a quem penetrou a vida entre espinhos, e dela saiu entre rosas.

Salvador de Mendonça avulta, ainda agora, na minha imaginação, com a suave poesia de certas legendas medievais. Uma tarde, há sete anos, retirava-me eu de uma redação de jornal, quando cruzei, na escada, com um ancião de rosto erguido e olhos vidrados, que subia, com a mão esquerda sobre o ombro de um moço, e tateando, com a direita, a madeira do balaústre. Aquela fisionomia de estatuária grega era-me familiar. Eu tinha visto, já, em alguma parte, aquele rosto pálido, ornado daquela barba cuidada, quase alva, cortada em ponta. Em que busto de Homero ou de Édipo me haveriam mostrado aqueles olhos apagados? Em que mármore de Lisipo eu teria descoberto aquele brando sorriso de Sócrates, em que se misturavam, completando-se, doçura

e severidade? Voltei sobre os meus passos e contemplei o ancião. Era Salvador de Mendonça, que, glorioso e cego, ia levar à folha, naquele dia, as suas reminiscências.

Nada me patenteia tanto a fragilidade humana como a presença dolorosa de um cego. A contemplação de Homero ou de Milton enche-me de pavor. Diante deles, apontando-os, eu vejo a Natureza, que me diz: "Homem fútil, verme triste da terra, vê, agora, o que és tu! O planeta, dizes, é teu. É teu o que te rodeia. Inventas aparelhos atrevidos para sondar o mistério dos mundos. Sobes às nuvens. Cortas os montes. Desces ao fundo do mar. Entretanto, vê: basta que eu te sopre aos olhos um grão de areia para que te sintas solitário no universo!"

Se o Homem nasceu, realmente, para a contemplação e a posse da Natureza, por que ela não o fez como as pedras preciosas, que refletem o sol por todas as faces? Por que Ela, tão pródiga, só concedeu à alma, para espiá-la e namorá-la, as delicadas janelas dos olhos?

A Natureza dirá, talvez: "Homem, se, vendo-me tão pouco, tanto me desejas e afliges, que seria de mim se teus olhos tivessem, na terra, o tamanho do teu coração!"

Salvador soube, porém, consolar-se da sua cegueira: vivia de recordações e de rosas.

Dentro da sua treva ele criara um mundo novo: plantou um jardim, adotou, ao lado das filhas, uma família de roseiras, e fez, de umas e outras, na glória da sua velhice, o consolo da sua cegueira.

O crepúsculo desta nobre vida, esmorecendo num rosal, tem a doçura religiosa de um grande quadro pagão. Cego e velho, este Anacreonte honesto abandonou a orgia tumultuosa do mundo, e as rosas o recolheram. E ele as apertava, ainda, nas mãos geladas, quando ressoaram os punhados de terra, graves, profundos, soturnos, sobre as tábuas do seu caixão...

* * *

Há uma face da sociedade brasileira que vem reclamando, de há muito, o cuidado dos historiadores. É a que se compõe de figuras brilhantes e curiosas, que se não fazem preceder de nenhum anúncio, que prometa o milagre. São árvores fortes e altas, que espantam o céu, agasalham os pássaros, mas de

que a selva, em geral, desconhece a semente. São os homens que nascem de si mesmos, sem família notável, sem avós ilustres, sem antepassados gloriosos, e que formam, na vida intensa, a democracia dos salões, da política, das letras e das finanças. No Exército social, eles são os generais de caserna que conquistaram os postos sob a fuzilaria, e que compraram com o próprio sangue, nos campos de batalha, aquilo que é obtido por outros, facilmente, pela simples casualidade do nascimento. Como a generalidade dos heróis, eles começam nas fileiras, na promiscuidade dos quartéis, no tumulto da multidão. Há, entretanto, nestes privilegiados, uma força que os impele para a claridade, desagregando-os do meio em que tiveram origem. São elementos que se individualizam, gotas de azeite que sobem à tona, bolhas de ar que se elevam do leito dos rios, atravessam a água e se aliam, em cima, à espuma que passa... No conjunto da sociedade, eles trazem no orgulho, no desassombro, na rebeldia e, não raro, na brutalidade das maneiras, o estigma da procedência. A aristocracia odeia-os, mas tem de recebê-los, de aplaudi-los, de suportá-los. São os intrusos, que se impõem, e que constituem, geralmente, a fachada de ouro, sempre renovada, do edifício social.

Emílio de Menezes foi um desses combatentes que se impuseram, em um meio propício, com a clava da sua coragem. Descendente de um casal pobre, que desabrochou em oito mulheres e um homem, que era ele, sentiu o futuro poeta, muito cedo, a necessidade de abandonar Curitiba, sua cidade natal. Um dia, uma das irmãs casou com um farmacêutico da capital, e o cunhado, no propósito de auxiliar a família a que se aliara, admitiu como empregado de balcão, na sua farmácia, o único rebento masculino daquele ramo curitibano.

Emílio de Menezes, que andava, então, pelos quatorze anos, era um rapazola comprido, esguio, e de poucas letras. Os seus conhecimentos eram todos primários, bastantes, entretanto, para que ele não errasse na manipulação das receitas, nem confundisse, no comércio miúdo, as raízes medicinais. O "Chernoviz", com as suas estampas instrutivas, merecia-lhe cuidados afetuosos, despertando-lhe um religioso interesse pelas plantas, pelos animais que se sacrificavam em benefício do homem, pelo conjunto, enfim, dos fenômenos e cousas da Natureza. Foi nesse ambiente, com certeza, no convívio do ácido prússico, da macélia, da nux-vômica, da genciana e da centáurea menor,

que o seu espírito desabrochante se impregnou do amargo violento e dos princípios corrosivos que o haviam de particularizar, mais tarde, sobre a terra. O convívio dos venenos havia de, fatalmente, envenenar-lhe a ironia.

Aos dezoito anos, influenciado pelo movimento literário a que dava início o entusiasmo de Rocha Pombo, Emílio de Menezes constituía, pela originalidade da sua figura e dos seus hábitos, uma das curiosidades de Curitiba. As suas roupas, feitas sob as recomendações diretas do seu capricho, traduziam-lhe a esquisitice do gênio, a bizarria das maneiras, a singularidade da imaginação. A calça, larga e comprida, escorria-lhe pelas pernas finas de cegonha humana, repousando em botas enormes, de cores extravagantes. O paletó, frouxo, de comprimento incomum, descia-lhe pela ossatura delgada, com abundância de fazendas e de medidas. A gravata, em borboleta, era um escândalo, que o chapéu de feltro, de abas largas, aplaudia e completava. Possuía poucos amigos, repudiava as orgias, e raramente era visto entre rapazes joviais, mesmo quando se reuniam, de semana em semana, para a missa do seu ideal. Estes, entretanto, o respeitavam e queriam, pela novidade da sua palestra, entrecortada, sempre, de vivacidade maligna, ferina, escandalizante.

Um dia, fatigado da província, onde se indispusera com a maior parte da capital, chegou Emílio de Menezes a Paranaguá, fugindo aos seus conterrâneos. Amigos, pertencentes ao cenáculo de Curitiba, arranjaram-lhe dinheiro para uma passagem, e, com este, algumas cartas de recomendação amistosa. E é com estas, portadoras de esperança, que o vamos encontrar no Rio, quinze dias depois, relacionado, já, nas rodas de imprensa, por intermédio de alguns paranaenses generosos.

Uma das recomendações que trazia, era para o professor Coruja, e dera-lha Nestor Vítor. O destinatário da carta, liberal, afável, gentilíssimo com os rapazes de letras que o procuravam, estendeu a mão ao moço provinciano, abriu-lhe as portas do lar, franqueou-lhe a mesa, o coração, a intimidade. E, um ano depois, casava-se Emílio de Menezes com uma das filhas do seu hospedeiro, em companhia da qual saltava, em 1890, de regresso, em Curitiba, como funcionário federal, encarregado, ali, do recenseamento da população.

Tornando ao Rio de Janeiro, onde a Fortuna o esperava, começou para o boêmio do Paraná um período de prosperidade. Era na orgia financeira do Encilhamento. A falsa riqueza desafiava o apetite dos homens, derramando-

lhes aos pés, pródiga, o ouro mentiroso da sua cornucópia de papelão. Emílio, valendo-se de amizades opulentas, obteve capitais e entrou a realizar, na Bolsa, especulações aventurosas. Foi feliz. O ouro enchia-lhe as algibeiras, e passava, das suas, para a dos boêmios necessitados. Morava, então, na Rua da Luz, em uma casa que se tornou, pela sua prodigalidade, a hospedaria dos amigos. À sua mesa, de proporções invulgares, sentavam-se capitalistas e poetas. Da imprevidência da cigarra laboriosa, viviam, então, cigarras e formigas. Tomou o paladar à opulência, à vida suntuária dos banqueiros, aos hábitos aristocráticos da nova fidalguia republicana. Comprava móveis antigos objetos caros, preciosidades de gosto e de custo. Possuía um carro de luxo, onde se acomodava elegante com as suas roupas irrepreensíveis, o seu feltro de Mosqueteiro e os seus *plastrons* extravagantes, em que brilhava, sempre, uma pedra de preço. Começou a engordar. A prosperidade econômica fizera-se acompanhar da prosperidade das banhas. E quando a primeira fugiu, a segunda, mais leal, mais persistente, mais firme, não abandonou o boêmio. Ficou pobre, mas estava gordo.

Dessa feição do poeta, vós, todos, estais lembrados. A impressão que ele nos dava, nos seus tempos de saúde física, era a de um gigante feliz. A cabeça leonina, ampla, formosa, evocava os dias longínquos da terra em que a bondade era sócia inseparável da fortaleza. A face redonda e corada; a fronte larga; os olhos claros, grandes e doces; o bigode vasto e alourado, reduzindo as proporções da boca forte, de dentes sólidos, davam ao rosto de Emílio de Menezes o aspecto de um gigante de legenda árabe, arrancado pela civilização mais polida às entranhas salitrosas do mar. O corpo enorme, de um Cristóvão descido da montanha para as tentações boêmias da cidade, formava, com a sua máscara poderosa, um espetáculo de singeleza, de graça e de força, que nos fazia recordar, à primeira vista, a infância ingênua da humanidade.

Houve quem o comparasse, um dia, a Benvenuto Cellini. A comparação é acertada. Emílio de Menezes era, em verdade, como o divino bárbaro de Florença, um misto de atleta e de santo de simplicidade e de insolência, de ductilidade e selvageria. Colocado nos umbrais da Renascença, Cellini resumiu, em si mesmo, todo o esplendor e toda a treva de duas idades contraditórias. Rústico e genial, residiam, nele, a um mesmo tempo, a mansidão e a arrogância, a glória e a brutalidade, as delicadezas da intuição artística e os

defeitos do instinto irrefreável. As suas *Memórias* são, hoje, a própria história do Renascimento. A mão que feria, que assassinava, que era o pesadelo dos príncipes, o espanto dos mercadores, o pavor dos lacaios, era a mesma que, instantes depois, se firmava, leve, sobre o ouro, fixando maravilhas espantosas e comoventes, pelo mimo, pelo apuro, pela gracilidade, na curva ressoante das taças e na peanha fulgente dos relicários!

Na arte e na pessoa de Emílio, havia, também, esse amálgama de meiguice e brutidão. Agressivo e generoso, irreverente e compadecido, ele era, ao mesmo tempo, leão e cordeiro. Os seus amigos tornavam-se, para ele, inatacáveis: eram diamantes sem jaça, almas sem pecado, pérolas sem defeito. Os seus inimigos não tinham virtudes: eram arvoredo sem fruto, espinheiros sem flor, terreno sem cultura, sem préstimo, sem utilidade. Havia nele, alternadamente, a humildade e a irreverência. Lisonjeava ou feria. A sua espada era de pluma ou de aço. Tudo dependia, nos combates, do alvo e da ocasião.

O seu gênio estava, entretanto, no brilho do ataque aos adversários. A sua língua, que teria sido servida pela sabedoria de Esopo no segundo almoço de Xanto, não respeitava, então, nem homens, nem santos, nem deuses. A maledicência transformava-se, nesses momentos, para ele, numa arte elegante e sagrada, de que se tornava o mais meticuloso dos sacerdotes. Utilizava a malícia, a sátira, a palavra ferina, com a graça, a volúpia, a perversidade galantes com que em Florença se utilizava o veneno. A sua imaginação, de uma fertilidade americana e de uma riqueza oriental, era, nesse particular, um jardim amavioso e encantado, onde colhia, a todo instante, para os desafetos, cavalheiros ou senhoras, flores de perfídia que entonteciam e envenenavam. As rosas da sua galanteria tinham caule de estilete. Homicida pela palavra, a sua estátua, quando ele a tiver, deve trazer nas mãos, como a de Harmódio em Atenas, um punhal e um ramalhete. À semelhança daqueles rajás indianos que matavam os prisioneiros dando-lhes o pó dos seus diamantes, ele misturava, nas suas vinganças, aos manjares da palestra, a faiscante pedraria do seu espírito. As cadeias de vocábulos com que inutilizava os adversários eram daquelas com que Alexandre algemou Dario derrotado: ensangüentavam os pulsos, mas eram de ouro.

* * *

A geração contemporânea de Emílio de Menezes, que é ainda a nossa, considerava-o o maior dos seus humoristas. Eu não sei de quem o fosse menos neste país, e contesto-lhe o título com os mesmos fundamentos que levaram Paul Stapfer a recusá-lo a Voltaire, condenando-o, entretanto, à gravidade majestosa de Shakespeare.

No seu estudo, que eu reputo completíssimo, de Machado Assis, Alcides Maya resume a opinião universal sobre o *humour*. "O *humour* – diz ele – é revolta, melancolia, piedade: fora apenas revolta, e não se exprimiria em forma artística, embora irregular; mas também é sombra de alma, humanidade que se não resignou de todo, que ainda sonha, ainda solidária... Brinca de morte com as suas criações; destrói e abate com a coragem negativa de um suicídio executado a rir; sobre a ruinaria que espalha, eleva, como em terra folgada, a pura animalidade; porém ao fundo, bem ao fundo das páginas afeleadas, lá está o ideal, fonte de justiça, de amor e de simpatia." E em outra parte: "O humorista é um forte bom, vencido, mas sobranceiro à derrota, e na atitude que assume, não de orgulho puro, e sim de altivez dolorosa, há, anulando o despeito pessoal, uma certeza superior das contingências terrenas."

É essa a legítima interpretação do *humour*, tomado nas suas correntes originárias. Filho pródigo da Compaixão e do Tédio, o humorista é, entre os homens de arte, o único, no planeta, que não tem leito nem pátria. Se quer chorar, os outros sorriem. Se ele sorri, os outros choram. As suas gargalhadas são lavadas de lágrimas e o seu soluço, quando o emite, vem à boca, doloroso, através de um sorriso Não odeia, nem ama. Os extremos do sentimento são-lhe desconhecidos, porque só ele se não ilude, crente, na terra, com as nuvens mentirosas do horizonte. Uma grande piedade triste enche-lhe o abismo do coração. Quando o rodeiam os pigmeus, ele olha para si mesmo, e sorri. E quando o assaltasse, por acaso, a vaidade da sua estatura, exaltada pelo conhecimento da própria fragilidade, ele olharia, para humilhar-se, o espetáculo das montanhas circunjacentes.

Colocado sem bússola, como todas as criaturas, no deserto da vida, o seu sono é vazio de sonhos, porque ele é o único, na caravana, que dorme sem esperança. Diverte-se com os homens como os deuses se divertiriam com ele. Individualizando-o, ele é o contraste, exato, daquele Luís Garcia, de Machado de Assis, que amava a espécie e aborrecia o indivíduo: o humorista consola o

indivíduo e, porque a ela pertence, zomba da espécie. Se a vida fosse um templo, como o de Dagon, ele lhe abalaria as colunas, sepultando-se nos seus escombros com a grande massa dos filisteus.

Como artista, o "humorista" faz lembrar um homem de outro planeta que tivesse, de repente, aportado ao nosso, e que, no desconhecimento absoluto das nossas convenções e costumes, se pusesse, sem consulta, e aconselhado apenas pelo seu capricho, a fazer uso dos nossos objetos comuns.

Indiferente aos valores morais e artísticos, às fórmulas tradicionais e consagradas, a sua originalidade provém, exatamente, do conflito dos seus processos com a generalidade dos processos habituais. A moeda de ouro e o punhado de lama têm, entre os seus dedos, como arte e como moral, o mesmo padrão. Os homens e as cousas, para ele, não têm nome. Ele é o Supremo Sacerdote que lhes ministra o batismo, e que lhes dá um lugar provisório na criação, independente das origens. E como a sua justiça é, aparentemente, arbitrária, nasce, do choque do seu capricho com as convenções estabelecidas, o mérito da singularidade.

Definindo o humorismo como arte, diz Paul Stapfer, com humorística propriedade, que o humorista amarra um ramalhete de penas de pavão na cauda de um porco. O humorismo, como forma, nasce, realmente, do vago escândalo dos contrastes. O escritor que recuasse na imolação de uma página genial no altar de uma pilhéria comum, não seria um humorista. Este não desbarata, porque ele recusa valor à sua fortuna. Abraão, aí, jamais recua no sacrifício de Isaac, porque os pais, nessas montanhas, não reconhecem os filhos...

* * *

O que havia em Emílio de Menezes era o satírico; satírico à maneira de Horácio, de Marcial, de Lucílio, de Pérsio e, sobretudo, de Juvenal.

Quintiliano atribui à sátira uma origem puramente romana. *Satira tota nostra est*. E Horácio, que a perfilhou, concede a legítima paternidade a Lucílio.

A sátira, modalidade combativa, só podia nascer – di-lo um historiador – de um povo belicoso. Ela é uma arma como a espada, como a lança, como a flecha, como os mais perigosos instrumentos de guerra. A civilização grega, que deu Aristófanes, não suportaria a brutalidade de Marcial. As asas de ouro

do espírito ateniense tombariam, rotas, ao peso de uma sentença de Horácio. O gênio latino, que levantou o Coliseu, enchendo-o de feras, estava mais apto à criação de um gênero literário que se podia transformar, de súbito, em espetáculo sanguinolento.

Entre o humorista e o satírico aprofunda-se um fosso insoterrável. O humorista zomba do mundo, e de si mesmo. São-lhe defesos a lisonja, o louvor, o elogio individual. O satírico zomba do homem, selecionando os indivíduos, e pode ser lisonjeiro, áulico, palaciano. Juvenal faz o panegírico de Catulo e respeita a austeridade de Adriano. Rabelais, o "patriarca do humorismo", não encontrou um antídoto humano para o "ridículo de Pantagruel". Examinando o trigal, o satírico escolhe as espigas, separando-as. O humorista amaldiçoa, ou abençoa, a seara, no seu conjunto; o pão do primeiro é feito com joio. O segundo tritura, para o seu pão, o joio e o trigo.

Exercida genialmente, como o foi por Juvenal, a sátira pode ser, na família ameaçada, a sentinela da virtude. Denunciando o vício atrevido, amedrontando o crime insolente, assinalando, rápido, com um traço de fogo, as feridas de caráter onde elas mostrem os bordos, o satírico é um dos elementos indispensáveis à disciplina dos instintos, dos costumes, das instituições. A sátira é, mesmo, o freio de ouro das sociedades desembestadas.

* * *

Sob esse aspecto, Emílio de Menezes foi, no seu tempo, incomparável. A sua irreverência, cáustica, mordaz, dilacerante, encheu vinte anos de vida carioca. Ninguém o ultrapassou no epigrama, na sátira, no dito oportuno e pitoresco. A língua portuguesa não teve jamais, entre nós, de um só homem tão copiosa contribuição de perversidade punidora, dentro das possibilidades da raça. A fama da sua mordacidade foi tão dilatada, que ele se queixava, nos últimos anos, – como sucede, aliás, a todos os satíricos – da responsabilidade, que lhe atiravam, de todas as irreverências que surgiam.

As flores da sua perversidade eram, entretanto, inconfundíveis. E essa produção corre mundo, faiscante, ferina, fraccionada, como um punhado de navalhas sem cabo, em que se deve pegar com cuidado. As suas lâminas têm, quase, um destino previsto. As flechas deste soldado de Anfípolis levavam endereço, geralmente, ao olho direito de Filipe. E vós sabeis como ele as atirava à

rua, entre os dedos anônimos da multidão. Em uma roda de amigos, na Rua do Ouvidor, na Avenida, nas mesas da confeitaria Pascoal ou da Colombo, a conversa recaía, extemporânea, sobre um tipo ou sobre um fato. De repente, Emílio, que preferia ouvir a contar, abria em forquilha o polegar e o indicador da mão esquerda, sustentava com eles o bigode farto, e desatava a rir, num riso sacudido, sem estrépito, que era, sempre, à perspicácia dos conhecidos, o anúncio seguro de que a máquina terminara a manufatura de mais uma lâmina.

Certa vez, por exemplo, conversava-se de um escritor eminente, notável, entre nós, pela variedade e abundância das suas manifestações literárias.

– É um gênio – dizia alguém. – Ele faz versos, crônicas, romances, contos, crítica literária; é jornalista, orador, político; enfim, trata de tudo.

– Sim – atalhou Emílio; – mas é prédio da Avenida.

E como o apologista lhe pedisse o segredo da comparação, explicou:

– Muita frente, e pouco fundo!

Alguns dos nossos homens eminentes foram, por muito tempo, o objetivo permanente da sua ironia. Eram uma espécie de alvo em que ele se exercitava, acertando a mão ou, melhor, a língua, sempre que lhe faltavam tipos novos, postos sob a sua pontaria pela fatalidade dos acontecimentos. Entre esses mártires, havia um historiador ilustre, sábio respeitadíssimo, em torno do qual se criara, injustamente, uma lenda de desleixo, de abandono próprio, e, mesmo, de falta de higiene. Utilizando essa versão popular, contava, então, o poeta:

– Uma vez, ele mandou à tinturaria, para ser lavado, um terno com que andava há doze anos. Uma semana depois, aparece-lhe à porta um empregado do tintureiro, e entrega-lhe um embrulho pequenino, que lhe cabia na mão.

E como lhe perguntavam o que seria, Emílio concluía invariável:

– Eram os botões, menino! A roupa, de puída e velha, havia-se dissolvido na água.

Uma tarde, estava um de nós, eminente ironista, ao lado do poeta, quando passou, perto, arrogante, um cavalheiro conhecido na cidade pela sua aversão ao pagamento das dívidas. Ferido pela insolência do tipo, Emílio voltou-se, rápido, para o companheiro, perguntando-lhe, à queima-roupa.

– Em que se parece aquele sujeito com um botão?

O outro não atinou com a chave do enigma, e ele completou, perverso:

– É que ele também não paga a casa em que mora...

Um colecionador anônimo dos seus ditos excelentes registrou, dele, uma série copiosa de "maldades" do gênero.

Havia no Rio um jornalista de má fortuna, diretor de um periódico oportunista, que claudicava de uma perna, aleijada por uma inchação crônica, e que vivia, então, da exploração, mais ou menos inteligente, da vaidade alheia. Uma tarde passava este homem de imprensa e de negócios pela Rua do Ouvidor, arrastando, tardo, a perna enferma, quando um íntimo de Emílio de Menezes lhe chamou a atenção:

– Admira – diz – como aquele homem, com o tamanho defeito, seja tão "cavador"...

– Pois a mim não me admira – contrapôs o poeta.

E voltando-se para o companheiro:

– Ele não tem uma perna "inchada"?

Há vinte anos, era famoso no Rio, pelos seus processos de adquirir dinheiro, um boêmio cuja habilidade se tornou proverbial. A sua fórmula para promover a elasticidade das bolsas era cômoda e comovente. Chegava-se a um amigo, e lastimava-se:

– Veja só! Eu já tive uma fortuna regular, com os meus prédios, as minhas apólices, a minha caderneta de Banco... E hoje, sou isto!

E após uma pausa:

– Você, que me viu tão feliz, não me poderá "passar" uma de cinco mil réis?

Comentando esse meio de vida, Emílio explicava:

– Coitado do Rocha! O que ele diz é verdade. Ele teve posição, casa, fortuna. Hoje, vive do "passado"...

Já enfermo, apoiando-se ao bengalão que sempre o acompanhava, ia o poeta, uma tarde, pela Avenida, quando dele se acercou um dos parasitas do seu conhecimento.

– Boa tarde, Emílio! Como vai a saúde?

– Vai indo. Mas, que é que desejas? Dize, que eu tenho pressa.

O parasita, gentil, maneiroso, aproximou-se do poeta, passou-lhe as mãos pelo teclado de botões do fraque preto, sacudindo as partículas de uma poeira imaginária. De repente, descobrindo-lhe na gola um fiapo branco olvi-

dado pela escova, tomou-o com os dedos, lançando-o, ao solo, enquanto dava o assalto:

– Estou, Emílio, em um dos meus piores dias; arranja-me uns dez mil réis...

– Dez mil réis! – trovejou a vítima, recuando.

E apontando para gola do fraque:

– Põe já o fiapo aqui!

O seu orgulho esteve, sempre, aliado à sua mordacidade. Ninguém lhe feria o brio de homem, mesmo a título de gracejo, sem sofrer, prontamente, a represália. Pretendendo fazer espírito, um deputado convidou-o para um aperitivo:

– Quero dar-te a honra da minha companhia... Vamos tomar alguma cousa...

E o poeta, com um sorriso de piedade:

– A honra? ... Obrigado, meu velho; você já está tão desfalcado...

As suas definições possuíam um cunho inconfundível, pelo pitoresco, pela novidade, pela graça imprevista.

Um dos seus amigos, o padre Severiano de Rezende, de regresso de Paris, onde deixara a batina, surgiu, um dia, diante do poeta, à Rua Gonçalves Dias, trajando jaquetão claro, chapéu de palha, flor à lapela, mas tendo à mão, em conflito com aquela meia elegância, um guarda-chuva de cabo torcido.

– Estás belo, padre, assim à paisana!

– Achas?

– De certo.

E olhando melhor:

– Agora, é só a bengala que traja à clerical.

– Que bengala? – estranhou o ex-sacerdote. – Isto é um guarda-sol...

E Emílio:

– Pois é isso mesmo; que é um guarda-sol senão uma bengala de batina?

De um funcionário do governo que se queixava de não receber os vencimentos há seis meses, e que vivia na penúria, dizia ele, penalizado:

– Coitado! Já tem teias de aranha no céu da boca!...

Em roda de literatos, um deles, discutindo poesia, procurou amesquinhar Machado de Assis, observando, leviano:

– Era um péssimo poeta. O último verso dos tercetos *A uma creatura* tem onze sílabas; é um verso de pé quebrado!

Emílio, que nutria uma religiosa admiração pelo Mestre, franziu a testa profética, e protestou, soturno:

– Os bons versos não têm pés; têm asas!

As anedotas puramente anônimas de Emílio de Menezes, isto é, aquelas que não visavam indivíduos, nem eram atualizadas com a intercalação de nomes próprios, constituirão, no futuro, um dos mais finos cabedais do repertório da língua.

Não há literatura mais rica, mais opulenta, do que essa de anedotas, que circula pelo mundo nas páginas cosmopolitas dos almanaques. Lendo esses repositórios, sobem a centenas, a milhares, os ditos, os trocadilhos, as facécias que fariam honra aos espíritos mais escrupulosos e agudos. Quem teria lançado, entretanto, à campina sem dono, essas flores maravilhosas? Que mão misteriosa teria passado na treva, semeando, no silêncio da noite, esse trigo de ouro, de que se alimenta, sem susto, a alegria inocente do povo? Quem atirou ao oceano esses punhados de pérolas, que vêm enfeitar, entre o espanto dos pescadores que passam, o colo arfante das praias?

Emílio de Menezes foi um desses perdulários. A sua jovialidade era uma água miraculosa que ele dava a beber a toda a gente, e que ainda lhe extravasava das mãos. Essa água, pura e fresca, irá, mais tarde, como a dos rios, perder-se no mar. Identifiquemo-la, entretanto, enquanto se não dá de tudo a fusão da torrente no oceano.

Certa vez, ia o poeta em um bonde, quando se sentaram no banco imediato, em frente, duas senhoras de grandes banhas, que dificilmente puderam penetrar no veículo. Com o peso das duas matronas, o banco, que era frágil, range, estala, geme, estranhando a carga. Emílio, que observa o caso, leva a mão à boca no seu gesto característico, e põe-se a rir em silêncio, no seu riso sacudido e interior. E como o companheiro o olhasse, explicou:

– Sim, senhor! É a primeira vez que eu vejo um banco quebrar por excesso de fundos!...

E desatou a rir, de novo, sustentando o bigode nas mãos.

No discurso que Emílio de Menezes pretendia proferir à entrada desta Casa, ele queixava-se, amargo, da deslealdade dos ironistas amigos, que se apropriavam das penas zombeteiras com que fazia cócegas no nariz do próximo, e que lhe atribuíam, ainda, em paga, o manejo da urtiga, irritadora da pele.

No trabalho meticuloso em que Fabre reabilita a cigarra, malsinada por La Fontaine, intérprete secular do despeito dos gregos, demonstra esse entomologista a falsidade da tradição que atribui a este inseto, filho do sol, o defeito da imprevidência. E no restabelecimento da verdade, na reintegração dos seres na natureza e no conceito dos homens, conta que a cigarra, nos dias de verão, se aproxima de um ramo tenro, faz-lhe uma pequena cesura, e põe-se a sugar, tranqüila e honesta, a seiva deliciosa da planta. Acossados pela canícula, sem uma gota de orvalho no cálix das flores ou na taça verde das folhas, as formigas correm, de longe, ao aviso da boêmia. E assiste-se, então, a esta cena surpreendente: enquanto a cigarra canta, bebendo, saciando-se à custa da própria tenacidade, as formigas dessedentam-se no líquido que ela derrama, e, na disputa, mordem-na, maltratam-na, agridem-na, procurando afugentá-la, para se apossarem do mel que lhe sobra!

Emílio foi no seu tempo, sob esse aspecto, a cigarra deste formigueiro. Malsinado pelas formigas, que viveram da seiva que ele arrancava, cantando, ainda encontrou, na morte, como a sua irmã de Verão, a injustiça de La Fontaine!

O poeta, em Emílio de Menezes, era o imprevisto desdobramento do homem. Ele recordava, nesse particular, certos rios secundários da Amazônia, em que a superfície das águas não dá idéia do seu volume. Em frente ao meu barracão de seringueiro, no Mapuá, no ponto em que essa corrente se bifurca, apertando nas tenazes a bárbara virgindade da selva, corria a unir-se ao outro o braço mais estreito do rio. Debruçadas nas margens, as juçaras eram como braços femininos e amorosos, oferecendo aos viajantes e às águas o verde ramalhete das suas almas. Abertos em flores roxas, desciam, dia e noite, no rumo do mar, as balsas de mururé, como coroas mortuárias tecidas pela saudade da terra para o enterro do oceano. Ensombrando a correnteza, árvores de toda ordem atiravam à água, enfeitando-lhe o manto, punhados de flores, que deslizavam quietas, entre adeuses de insetos, na ignorância do seu destino... Olhando aquele rio estreito e festivo, eu me supus hóspede de um regato

amável, que me mostrava, na sua quietude, nas suas balsas floridas, na frescura permanente das águas, as intimidades do seu coração. Um dia, fui sondá-lo: disfarçada por aquelas flores da superfície, rolava para o Amazonas, rápida, silente, vertiginosa, uma poderosa massa d'água que tinha, diante da minha casa, quarenta metros de profundidade!

Emílio de Menezes era um desses abismos dissimulados. Sob a camada risonha e clara da sua vida jovial, trovejava, grave, profundo, soturno, o rio da sua inspiração poética!

A figura de Emílio tem, no seu tempo, sob esse aspecto, uma feição singular. Tendo chegado tarde para participar do movimento literário iniciado por Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, e cedo demais para aguardar em silêncio a fórmula e a companhia da geração que viesse, Emílio deliberou constituir, sozinho, o seu apostolado poético. Os muros de Jerusalém eram ressoantes de harpas amorosas quando se ouviu, fora, na solidão do Deserto, o trovão de Isaías. Isolado, sem discípulos, sem mestres, sem precursores nem seguidores, o novo profeta era o oráculo de uma poesia nova, cuja música, de sons cavos, lúgubres, intimidavam e embeveciam.

A arte de Emílio de Menezes não se parece, em verdade, com qualquer outra da sua época. Se os gigantes cantassem, cantariam com aquela sonoridade. Polifemo, chorando sangue e lágrimas pelo olho vazado, devia ter, à beira do mar, o choro das suas blasfêmias. O seu verso, largo, severo, musical, dá-nos na sua impassibilidade majestosa uma impressão de oceano rolante. Os próprios estos do seu amor são austeros, sombrios, de uma grande harmonia descompassada, como se subissem do fundo das ondas. Se Adamastor, assentando no promontório tormentoso, soprasse a sua saudade, entre os uivos das ondas, no côncavo de um búzio tempestuoso, a sua voz não seria, talvez, mais grave e mais triste. Ecoavam na sua boca, blasfemando ou gemendo, as vozes dos titães soterrados. Os seus alexandrinos tinham, na gravidade da música, rebôos de caverna:

Este leito, que é o meu, que é o teu, que é o nosso leito,
Onde este grande amor floriu, sincero e justo,
E unimos, ambos nós, o peito contra o peito,
Ambos cheios de anelo, ambos cheios de susto;

Este leito que aí está revolto assim, desfeito,
Onde humilde beijei teus pés, as mãos, o busto,
Na ausência do teu corpo a que ele estava afeito,
Mudou-se, para mim, num leito de Procusto!...

Louco e só! Desvairado!... A noite vai sem termo,
E, estendendo, lá fora, as sombras augurais,
Envolve a Natureza, e penetra o meu ermo.

E mal julgas, talvez, quando, acaso, te vais,
Quanto me punge e corta o coração enfermo
Este horrível temor de que não voltes mais!...

Neste soneto, instrumentado com a mesma harmonia larga, trovejam os mesmos ecos:

Tomba às vezes meu ser. De tropeço a tropeço,
Unidos, alma e corpo, ambos rolando vão.
É o abismo, e eu não sei si cresço ou si descreço,
À proporção do mal, do bem à proporção.

Sobe às vezes meu ser. De arremesso a arremesso,
Unidos, estro e pulso, ambos fogem ao chão,
E eu ora encaro a luz, ora à luz estremeço,
E não sei onde o mal e o bem me levarão.

Fim, qual deles será? Qual deles é começo?
Prêmio, qual deles é? Qual deles é expiação?
Por qual deles ventura ou castigo mereço?

Entre o perpétuo sim e ante o perpétuo não,
Do bem que sempre fiz, nunca busquei o preço,
Do mal que nunca fiz, sofro a condenação.

Infelizmente, essa feição artística, esse apego exagerado à música dos vocábulos, que constituía a sua virtude, o segredo do seu renome nas letras, foi, também, o veneno da sua glória. De imaginação pouco fértil nesse terreno, e de coração mal encordoado para os dedos do sofrimento, e, sobretudo, sem um patrimônio de cultura que lhe permitisse o suprimento com o recurso das adaptações inteligentes, tinha ele de apelar, necessariamente, para o artifício, para a espuma colorida, para os efeitos do vocabulário, que substituem insuficientemente a idéia. Quando o pensamento é pálido, recorre o artista à beleza da orquestração, em que consegue, geralmente, resultados maravilhosos. Este soneto, pertencente à última fase do poeta, constitui, na apoteose sonora das palavras, um desses apelos felizes:

Aureolado da opala, o topázio, a ametista,
Que o sol ocíduo põe na agonia da tarde,
O monte, que, de légua, ou de léguas, se avista,
Do amplo juso à cimeira, em pedrarias, arde.

À suntuosa mudez não há olhar que resista,
Nem ao quieto esplendor quem se não acobarde,
Um silêncio de luz lhe vai da base à crista:
É o féretro da pompa, é o túmulo do alarde.

Em tal fulgurarão, translúcido, irradia,
E essa translucidez que é apenas ilusória,
Deixa ver que há um Além, além da fantasia.

Desce lenta, entretanto, a noite merencórea...
Queda-se a Natureza, amortalhada e fria,
Na saudosa visão de um momento de glória...

Em palestra, um dia, com Edmond de Goncourt, contou Heredia, sem imediata aplicação do símbolo, um episódio que devia ter, então, alguma relação com a sua poesia decorativa. Certo milionário extravagante, espírito bizarro, dado a prazeres custosos e exóticos, ideara, certa vez, a adaptação de uma

figura viva às figuras mortas do seu tapete, e comprou uma tartaruga. Ao chegar em casa notou que a carapaça do anfíbio era rude, áspera, grosseira, e mandou que a polissem. Em seguida, para que se tornasse em harmonia com a decoração suntuosa das tapeçarias, levou-a a um dourador, que a dourou, e, finalmente, a um joalheiro, que lhe incrustou no casco, com afetuosa perícia, um punhado de topázios de preço. Assim adornada, a tartaruga passeou, ainda, dois dias, como um mostruário errante, pelas alcatifas do salão; ao terceiro, porém, sucumbiu, vítima dos artifícios.

Os sonetos de Emílio de Menezes não eram evidentemente meras tartarugas poéticas, valorizadas para o palácio das letras pela faiscante pedraria da concha. Quando assim sucedia, havia uma diferença: é que a tartaruga morreu com a incrustação dos topázios, enquanto que, nos sonetos de Emílio, os topázios, que matam alguns, dão, a outros, a glória da imortalidade.

O conhecimento que possuía dos homens o meu antecessor nesta Cadeira, fê-lo amigo dos irracionais. A casa onde viveu os últimos anos, e onde morreu, na Aldeia Campista, era ressoante de guinchos, de uivos, de miados, de cacarejos, de vozes que se confundiam e subiam ao céu, como se tivesse encalhado na terra, entre árvores, a Arca de Noé. Galgos afilados, angorás voluptuosos, galinhas pintalgadas; galos de cauda em forma de trompa e crista em bico de serra, – eram, no lar, os seus amigos, o seu mundo, o seu universo. Nas exposições caninas e avícolas, era ele, sempre, um dos julgadores do concurso, com autoridade incontrastável no assunto. E tão competente era, ou parecia, na geografia física de tais províncias da Natureza, que toda a gente se lembra, ainda, daquela galinha de cabeça de peru, com que ele concorreu, há três anos, ao certame anual da Sociedade Nacional de Avicultura, nos terrenos em que florescia, há quatro lustros, a suave santidade das freiras da Ajuda.

Diante dos seus bichanos e dos seus "loulous", Emílio tinha horror à humanidade. Para ele, como para Henry Rabusson, o homem tem necessidade da companhia do cão sempre que pretenda elevar-se na ordem dos sentimentos. Ao contrário de Michelet, que os considerava candidatos à humanidade, ele achava que o homem é que era, ainda, um simples candidato aos sentimentos bons, puros, altos, generosos, que a sua perspicácia descobria nos cães. Como Schopenhauer, Emílio acreditava, ainda, que o homem só

teve a noção da sinceridade, classificando-a, como virtude, no dia em que domesticou o cachorro. E nesta simpatia pela animalidade, criava gatos soberbos, galinhas magníficas, perus explosivos e, sobretudo, cachorrões trovejantes, honestos, leais, dedicados, que mandava negociar na cidade, a duzentos mil réis cada um...

* * *

São estes os vultos gloriosos cuja herança acadêmica me foi destinada nesta Casa: um, devoto das rosas, que identificava pelo perfume; outro, amigo dos cães, que distinguia pelo ladrido. Pondo Emílio de Menezes os cães acima dos homens, o seu espírito se revoltaria, talvez, no mundo em que repousa, se eu evocasse, a propósito da sua memória, as outras figuras da espécie. Parece-me preferível, pois, nesta despedida, recordar, em uma imagem final, uma sabida anedota do seu agrado.

No cerco de Paris, em 1870, a fome atormentava a população. Os cavalos foram comidos, um a um. Os gatos desapareceram dos telhados, os cães desertaram as ruas, e os ratos, mesmo, foram caçados nos esgotos. Por esse tempo, Charles Monselet, que então escrevia no *Figaro*, correu às trincheiras, incorporando-se, com o seu "loulou", o *Azor*, em um batalhão de voluntários. Durante vinte dias suportou Monselet heroicamente o regímen do batalhão, comendo ratos e gatos, cujos ossos o cão, depois, triturava nos dentes.

Um dia, faltaram os felinos e os roedores, e o jornalista resolveu um sacrifício pérfido: comer o cachorro. À noite, em uma casa vizinha às trincheiras, foi o cão abatido, esfolado, posto a ferver com especiarias estimulantes, e transformado, por milagre de caçarola, no mais saboroso dos guisados militares. Terminado o jantar, Monselet reuniu em um prato os ossos da vítima e gemeu, enxugando os olhos:

– Pobre *Azor*! Que jantar perdeste hoje!...

É esta, mais ou menos, agora, a exclamação que me cabe:

– Ah, Emílio! Que pilhérias me darias tu, neste momento, se estivesses presente a esta solenidade!

II

RESPOSTA DO SR. LUÍS MURAT

SENHOR Humberto de Campos:

Há esforços que abrangem uma área muito mais vasta do que geralmente se supõe.

Os homens são energias congregadas para afeiçoá-los a um certo fim, a uma certa necessidade que, embora se oculte e desperceba, é, contudo, a razão de ser da sua vida, a manifestação de alguma cousa que jaz no fundo de sua natureza moral.

O espírito que agrupa essas energias é o que vai imprimir ao conjunto a direção de que necessita para atingir o alvo a que deve chegar.

Em meio às dificuldades que se lhe antolham, alguma cousa que ele desconhece, que foge à sua compreensão, não cessa de influir para que se não perca um só dos esforços necessários àquele progresso.

A vida não é um prazer, nem uma dor, mas um encargo grave que é mister conduzir e terminar com honra para nós, dizia Alexis Tocqueville.

Em verdade o é, e de tal modo avulta com os anos, que difícil se torna carregá-la se alguma cousa, a que nos referimos, a não estimular e levar à solução final.

O que é mister é não forçar a marcha e, tampouco, remiti-la. O que incumbe fazer é obedecer ao instinto que nos está abrindo caminho, obviando ao que possa levantar-se para obstar a que levemos por diante a nossa tarefa.

Em toda parte há homens que arrostam com os maiores obstáculos, não para conseguirem alguma cousa, mas porque alguma cousa os obriga a esforçarem-se, a abrirem caminho, a lançarem mão de todos os meios para chegarem ao seu fim.

Esses é que são verdadeiramente os mais dignos, os mais aptos, os vitoriosos.

O que julgou ser o incentivo que os elevou às posições mais notáveis, não foi mais do que um elemento subsecivo, aparente, cooperador, a que teve de obedecer, porque representava o que naturalmente devia repontar das circunstâncias que o destino ia criando para preparar ao elemento oculto, de que ele carecia para sua expansão.

Essas circunstâncias não surgem *ad ephesius*: são aparências da realidade oculta, formas que traduzem o que, de per si só, não poderia manifestar-se, pois a realidade está em nós mesmos, faz parte da nossa constituição espiritual. É aí que devemos procurar a causa e não em um fato ocasional, de importância secundária.

O que a palavra de um homem ilustre iluminou e fez ressoar, estava à espera só de um estímulo, precisava, apenas, de um bafejo, de um sopro, de um pouco de calor, para abrir-se e espalhar o seu perfume...

Ao espírito de espontaneidade individual é que deve o mundo o que possui hoje de grande nas artes, nas letras, nas ciências, na filosofia, na indústria, no comércio e na política.

Mas que é esse espírito de espontaneidade, tão sobrelevante e acatado, senão aquele gérmen, que permanece sem vida no fundo da nossa organização moral, aguardando, apenas, que uma rajada imprevista venha trazer-lhe o que a sua natureza ansiava por encontrar – o estímulo, o calor, o bafejo?

É a fonte, sim, de todo o desenvolvimento normal do indivíduo, e Tocqueville, acertando em atribuir a essa fonte vital tudo quanto possuímos de verdadeiramente notável, sem o querer, talvez, deixava, em esboço, uma teoria da qual podia sair mais desenvolvida a fórmula sobre a qual fora assentar tudo que resume a ação do pensamento, no sentido do progresso geral da humanidade.

Já se disse, e vós o repetistes, Sr. Humberto de Campos, que uma existência fácil e suntuosa prepara mal os homens para lutar contra as dificulda-

des, e deixa adormecer a consciência da sua própria força, sem a qual a atividade humana é desprovida de toda eficácia.

Que induzira a uma tal conclusão quem não fora dos mais mimosos da fortuna? O conhecimento objetivo dos fatos? Não. Mas o conhecimento do mundo interior; da nossa natureza moral; do espírito em que se acham acumulados todos elementos com os quais não podemos deixar de contar para a nossa diretriz na vida. É ali, e não fora, que devemos procurar a causa do nosso desenvolvimento intelectual, pois a normalidade não tem outra origem senão o que constitui o fundo da nossa natureza. Abrir mão dessa observação, ou insistir em tomar o efeito pela causa, é não ter uma idéia perfeita do fundamento ou da razão de ser da nossa aparição no cenário do mundo.

Daí a frase do mesmo autor, afirmando pertencer este mundo à energia e acrescentando que nunca deve haver descanso na vida, qualquer que seja a época. Se o esforço está fora de nós, e mais, ainda, dentro de nós, é claro que o que dissemos acima é uma verdade.

Se uma intensa aspiração basta aclarar-nos o caminho, a desanuviar-nos o destino, a transformar a possibilidade na realidade, como atribuir a ocorrências fortuitas a causa do nosso progresso e do nosso triunfo?

As resoluções tomadas na mocidade têm uma significação mais profunda do que geralmente se pensa. O espírito que conduz a nossa marcha não é jovem como a muitos pode parecer. Vem atravessado por correntes opostas, mas que nem por isso desprezam esse fundo de solidariedade que constitui o eixo da nossa evolução. A complexidade espiritual não exclui a harmonia, é antes, até, uma condição dela: são como as tempestades do pólo. Quantas energias ocultas não se associam para que se dê esse fenômeno tão maravilhoso? Quantas forças desencontradas não vêm aliar-se para formar aquele núcleo, ao alcance dos nossos sentidos?

Nos desertos polares há uma festa de luzes, disse-o a clarividência de um dos mais acatados espíritos da França. As duas almas do globo, acrescentou, no seu duplo prestígio, elétrico e magnético, expandem-se, criam, organizam, triunfam.

Nas nossas almas, como nos desertos polares, há também uma festa de luzes. As torrentes jorram em cambiantes; os elementos cruzam e despedaçam as nuvens; há uma verdadeira expansão de todo o nosso organismo, dentro do

qual se opera essa transfusão feérica, essa explosão de formas multicores, de que se reveste a idéia, quando associada a outras forças menos dotadas de energia.

Há na natureza humana um poder que não se nos revela senão a meio, e é isto, de certo, o que nos autoriza a crer que nos nossos corações há uma agulha imantizada, como a dos pólos. E, de fato, quem poderá negar que ela se não fizesse sentir, Sr. Humberto de Campos, no vosso destino?

Sempre emocionada, sempre agitada por correntes opostas, ei-la a dirigir-vos os passos, a encaminhar-vos para um certo rumo, sem ao menos suspeitardes. E, ao fim da jornada, quase, relanceando o olhar pelo caminho percorrido, ainda julgais que a causa, o motivo do vosso êxito, da vossa boa fortuna, fora a passagem de um dos nossos homens de letras pelas regiões do Norte, de onde sois filho.

É sempre assim. Nunca reparamos no que nos alçapremou e glorificou.

Apegamo-nos a verdadeiras bagatelas para justificarmos o nosso triunfo na vida. Ora, é o pintor West a explicar como se tornara notável na sua arte: – "foi um beijo de minha mãe que me fez pintor", dizia ele; ora, é Correggio, afirmando que o gênio se lhe revelara à contemplação das obras de Miguel Ângelo; ora, Lutero, acreditando fosse a leitura da vida de João Huss o que o levara a empreender os seus grandes trabalhos, como se não houvera nele, já, o gérmen que apenas precisava de um incentivo para medrar e florescer.

* * *

Estudando a obra de Emílio de Menezes, divergis de alguns que viam nele um humorista.

Estabeleceis, com muita habilidade, a distinção que deve haver entre o humor e a sátira, distinção que eu nunca pude perceber bem. Tão sutil é a *nuance* que os extrema; tão aproximada a índole de um e de outro que estava quase a dizer que o *humour* é a Sátira, mas através dos nevoeiros de Londres, e da natureza singular e de difícil penetração dos anglo-saxões.

Alegria séria e fleumática, zombaria cheia de amargor, mal oculto sob a forma de panegírico; melancolia que torna ao sorriso irônico; eis o *humour*.

Os Snobs de Thackeray, obra apontada como a mais perfeita no gênero, não é só uma *boutade* com o fim apenas de fazer rir ou de dizer mal. São

uma série de estudos, cujo fim principal é fustigar, com espírito, os ridículos da sociedade e da administração inglesa. Sobreleva, nesse escritor, um profundo sentimento de piedade, embora oculto. Que importa, se a intenção é a mais alta, e o pensamento extreme se apraz ao revolver o que a sociedade ou o homem tem de mau, para, sob o látego do chasco, corrigi-los, orientá-los, modificá-los?

Não eram coléricos, nem rancorosos os sentimentos que o coração de Thackeray aninhava; tampouco se lhe não vincava a fronte, numa explosão de ódio concentrado, se uma dessas vergonhas sociais lhe anunciavam os olhos.

Sua pena não visava à destruição; nem se aprazia em trucidar, mas em levantar, em melhorar, em reformar.

Achava a hipocrisia o vício capital da devota Inglaterra. – William Hughes firmava que o seu intuito principal era mostrar o egoísmo que afeta a bondade; o orgulho, sob a máscara da humildade; a bonomia estudando os próprios efeitos diante de um espelho. E acrescentava: Thackeray possui o raro engenho de pintar a comédia humana sem cair na caricatura.

Ora, Emílio de Menezes era exclusivamente um caricaturista. Nenhuma das qualidades dos humoristas ingleses encontro nele.

Ressalta do espírito geral da obra de Sterne, por exemplo, a inclinação bufa.

Suas homilias, suas prédicas aos seus paroquianos, são mais chistosas que elegantes ou profundas. Cheias de analogias grotescas, de comparações bizarras, perdiam o caráter suave, delicado ou grandioso da forma erudita ou sagrada da palavra que ressuma do Evangelho, para se perderem em deleitações, cuja excentricidade tantas vezes fora increpada pelos seus paroquianos.

Sacrificando, destarte, o que a homilia encerra de grave e sugestivo, ao prazer dessultório e deprimente do grotesco, viu seu nome, nem sempre acatado, embora o sentimento que emprestava às suas criações.

Se examinarmos, entretanto, com atenção as suas obras, que releva do conjunto delas? Que há nessa organização que assim se impôs à nossa admiração? A sua delicadeza; a sua sensibilidade tão viva, sempre interessada no amanho das emoções; dando vida, quase que eterna, ao que parecia destinado a viver um momento; a imaginação, com as suas asas velozes e possantes, a percorrer espaços sem fim; a submissão a todos os nadas que o atraíam e o

dominavam, muitas vezes, atormentando-o; pondo em perigo a sua sagacidade; essa bondade e essa melancolia, misturadas a todos os acessos da sua alegria e da sua loucura. Sofria? delirava? Que eram seus sonhos, que o êxtase, a volúpia espiritual, ou as vibrações d'alma, acordavam no fundo de sua natureza psicológica, tão complexa e interessante?

Como tocar essas essências preciosas que a sua alma, como uma abelha, fabricava, com tanto amor, e que Voltaire anotara com um sorriso de bonomia?

Que eram elas, ou o que continham, que levava o mesmo escritor a compará-las aos painéis de Rembrandt?

E essa quase divinização do sentimento, não seria o sublime? Fazer viver e sentir muito não será abrir caminho à perfeição? E quem aperfeiçoa não dá à obra de Deus um destaque que lhe faltava, pelo modo como a desfearam, a reduziram, a obscureceram?

Eu não vejo como se possa comparar, quem não teve outro fim senão o ridículo dos seus semelhantes a esses corajosos reivindicadores da honra e da liberdade humana.

Que é que os levara a combater? Que exprimem essas lutas senão um grande e incomparável interesse pela causa do bem? Esses corajosos ataques que visavam, senão aplainar dificuldades tremendas e seculares, abusos e opressões, com um grande ardor, com uma grande fé, com uma grande persistência, e, às vezes, mesmo, com uma grande resignação?

Dickens, estudai-o bem, é a expressão da simpatia pelo sofrimento das classes deserdadas, e a tal ponto subira esse ardor combativo que é considerado um verdadeiro reformador, devotado à causa do progresso.

Na *Petite Dorrit* a verve explode em rasgos de filantropia e estoicismo; a face do monstro é avergoada sem piedade, os abusos do governo são batidos na bigorna de uma crítica inexorável; a rotina burocrática desfibrada, e o nepotismo, a desmembrar-se do corpo anquilosado da aristocracia inglesa, e não sei já a quantos séculos em plena desmoralização pública, desfeita em pedaços e arrastada à execração da verdadeira moral e da verdadeira política.

Tudo, em Dickens, é condenação dos prejuízos retóricos, da papelada inútil, amontoada, finalmente, nos arquivos da nação; é o ridículo como arma de propaganda, de revolta, de demonstração sistemática e definitiva de que a constituição política do país onde nasceu, não é o que se pensa, nem o que se

devia esperar, pois não tem faltado à Inglaterra quem lhe mostrasse o verdadeiro caminho das reivindicações sociais.

Sua obra retalha o que o abandono deixou sem cuidado, o que a fé desconjurara; o que a aliança com os prejuízos apeara ao grau inferior das contingências naturais; o que a hipocrisia e o egoísmo extremaram, ao invés de igualar e disciplinar para as grandes lutas da vida. A quem fez ele a guerra? Às paixões que aviltam a alma, e não a tocam do ouro dos sentimentos superiores, quando um objetivo desinteressado e altruísta inspira o ato. Se são acerados os seus gracejos é que de alguma parte vem o molde em que os funde, a craveira em que os mede, a liga em que se misturam pensamentos elevados e instintos baixos a fermentarem no *bas fond* da sociedade que ele vitupera e argúi.

Não lhe passam, à toa, pelo escalpelo, os lordes pletóricos, as damas ridículas, os *cockneys* em mulambos; os basbaques dengues; os benjamins efeminados.

A tesoura com que retalha essas carnes é cruel; mas necessária Assim, Swift, e antes dele, na caligem dos templos bíblicos, os Jós, os Isaías, os Ezequiéis.

Examinando, porém, a estrutura íntima desses vingadores excelsos dos infelizes e oprimidos, não encontro nenhuma diferença entre eles – diferença fundamental, orgânica. Não vejo como classificar Emílio de Menezes nesse grupo de defensores dos direitos e prerrogativas populares.

Que pleiteavam Juvenal e outros? A mesma cousa que os escritores ingleses, chamados humoristas.

Alcides Maya escreve: "*o humour* é sombra d'alma, humanidade que se não resigna de todo, que ainda sonha, ainda solidária..."

Mas que alveja a sátira senão amparar os espezinhados da sorte; aliviá-los da opressão que os aflige; pô-los ao corrente do que se passa nas altas camadas sociais ou, então, escalpelar os abusos, os vícios, os defeitos de toda gente, sem distinção, nem piedade. A sátira é, também, sombra d'alma; não é céu calmo, mas o que vibra o raio destinado a fulminar as tiranias abjetas, ou as democracias falaciosas. É uma operação do sentimento, como o *humour*, quando a razão o caldeia e embebe na mesma emanação sutil e violenta. E não haverá, parelhamente, um suicídio a rir como na em que Juvenal dilacera os hipócritas ou na em que faz sentir os perigos dos grandes exaltamentos, isto é,

quando não possuímos o módulo das empresas a que nos arriscamos ou a contrastar a nossa capacidade moral?

Que há neste grito senão o conselho e a medida?

"Insensatos! Não será na argila que se bebem os venenos? No fundo da taça de ouro, faiscante de pedrarias, a espumar do vinho de Sétia, não estremeceis?!"

Os quadros de Juvenal são violentos, horríveis e espantam como essas figuras medievais, que os pintores insistiam em reproduzir na tela.

Dickens não é um vencido, como não o fora Thackeray; o ideal ressuma das páginas das suas obras, como fonte de justiça, de amor e de simpatia, tal como em todos os satíricos, em todos os grandes intérpretes da palavra suprema, a agitar-se na consciência dos verdadeiramente inspirados pela sublime loucura de igualar as condições, de suplantar a injustiça, de defender o direito, de triunfar, em uma palavra, dos que erradamente têm conduzido a humanidade ao estado em que hoje se acha.

Se o humorista é um forte bom, vencido, mas sobranceiro à derrota, como ainda o afirma Alcides Maya, assumindo uma atitude não de orgulho puro, e sim de altivez d'alma, que direi do satírico, de Juvenal, por exemplo, que foi o maior de todos; de Juvenal, a emoção, a febre, a chama trágica, o arrebatamento para a honestidade, o riso vingador, a personalidade, a humanidade, segundo a definição tão tocante e profunda de Victor Hugo?

Que é que lhe iluminava a consciência? A justiça. A palavra? A justiça, ainda. O coração? A justiça sempre.

Que irradiava do pelourinho a que amarrava os criminosos? Um clarão de liberdade e de sempiterno amor pelos que a injustiça dos poderosos havia amordaçado ignominiosamente. Como castigar a força, senão expondo-a à execração pública; como minorar os sofrimentos, senão dando um exemplo de coragem e de abnegação?

O escritor que recuasse, explicais, Sr. Humberto de Campos, em um trecho do vosso discurso, na imolação de uma página genial no altar de uma pilhéria comum, não seria um humorista.

É o caso de Emílio, que sacrificava tudo para enxertar em um assunto sério uma pilhéria que fizesse contrastar a matéria em que assentasse a conver-

sação com a singularidade de uma anomalia ou de um achincalhe. É o caso do ramalhete de penas de pavão na cauda do porco.

Sacrificava tudo ao chiste, e até a sua nobre musa numa imolação infeliz, quando fazia dos defeitos humanos o pábulo da sua verbiagem e do seu mau humor, quase sempre velado por um certo ar de bonomia que lhe era peculiar, e de aparente indiferença pelos preconceitos da sociedade em que vivia. Não foi, pois, nem um humorista, nem um satírico, mas um caricaturista, como disse acima.

Olhava para os erros e corrupções de seu tempo, sem nenhum desejo de os corrigir ou melhorar.

Não foi nem o luto, nem a paródia, nem a ironia, como esses três aspectos da alma humana devem ser considerados.

Era o ideal eclipsado, olhando, apenas, o lado que ele julgava mau dos seus desafeiçoados; exagerava-lhes os pequenos defeitos, pelo prazer único de ver sangrar a ferida que a sua mão rasgara.

Mas o que é pior, é que muitas vezes não havia nenhum motivo para isso; forçava o ridículo ou o grotesco sem grande variedade de detalhes. O que ele queria, era fazer rir; dominar com a sua verve as pessoas que o ouviam, fazendo-se temido dos que o não prezavam.

E conseguiu-o. Isto contribuiu muito para lhe prejudicar as grandes e notáveis qualidades de poeta que folgo em reconhecer.

Preza-se a graça, o toque ousado, fino, mordaz, polido, delicado, quase galante de Cervantes, e, principalmente, quando sobreleva a tudo isto "uma maravilhosa intuição dos fatos íntimos do espírito e uma filosofia de aspectos múltiplos, parecendo possuir uma carta nova e completa do coração humano".

É o conhecimento do fundo moral do homem; é a visão clara e nítida de todos os fatos ocorridos nessa prodigiosa e complicadíssima trama que produz em Cervantes uma sensação imprevista, sensação essa que transborda e provoca no leitor uma impressão sempre nova, porque os seus recursos são infinitos. As explosões de novidades, permita-se-nos a expressão, não estão só nos personagens, senão também na ação e no estilo.

O espírito de Cervantes é um combatente, como o foram o de Isaías, de Ezequiel; e mais tarde, o de Swift, o de Thackeray, o de Sterne, o de Macaulay, o de Dickens.

Circunstâncias, sempre novas, giram em torno da idéia-mãe. Dessas circunstâncias que ele muitas vezes provoca; do cenário que a sua verve prepara, e o seu espírito combativo sugere, para o fim de atacar, ferir e rechaçar os incidentes e ocorrências do momento, irrompe um conjunto de formas novas, em que a piedade, porventura, preleva a todos os outros motivos que o grotesco imaginara para desluzir ou deprimir os personagens. Embalde! Quanto mais se esforça por dominar a cena, mais se avoluma o sentimento de piedade, a força de simpatia e de solidariedade humana, e é isto, precisamente, o que torna o gênio de Cervantes o mais original, o mais delicado e o mais amável de quantos têm existido.

Com o seu bom senso, a sua clarividência, que são sempre o bom gosto, e, poucas vezes, a sabedoria, vergasta, sorrindo, quem merece o seu castigo e, na própria pilhéria, estadeia, sem se ensoberbecer ou se enfatuar, o respeito oculto, a dignidade, que em muitos ressumbra, do ridículo, aparentemente dominador.

E, a tal ponto a invenção se torna sensível e tocante que, ao darmos de rosto com o ridículo do asno, a galhofa se transforma em dor pungente e nos faz vir lágrimas aos olhos.

E foi por isso, talvez, que disseram que o hipogrifo se transformara em Rossinante, e que, por trás do personagem eqüestre, Cervantes criara o personagem asnal. Daí o motejo épico.

Ora, observando todas essas cousas, – o ridículo, muitas vezes sobrepujado pelo épico; o bom senso, que não sendo propriamente a virtude, pode ser o interesse modificado pela cultura, pela educação e pelo preceito altruístico da solidariedade humana, aproximando-se, destarte, da fórmula cristã do amor do próximo; os governos atrelados às suas ambições; o desmaranho do lar; os palavrões, servindo de égide ao que se convencionou chamar – a honra militar; a glória guerreira; a obediência à senha; o tumulto das paixões hipócritas; os personagens traídos pela sua própria astúcia e pelo hábito de enganar aos outros, tudo isto, que é grotesco, pode também ser épico, e pertencer tanto ao humorismo como à sátira, tanto a Swift, Thackeray e Sterne, como a Homero, Juvenal ou Carlyle.

A sátira é uma arma que tanto faz correr lágrimas como sangue. Quem assim a definiu, viu-a sobre todas as suas faces; percebeu na antiguidade o seu

soluço e o seu estertor e viu-a no presente capaz ainda de despertar em cada homem a consciência da sua dignidade, em cada povo o sentimento de orgulho que é o único que pode salvá-lo da desonra e da escravidão.

O satírico é a retidão, o cavalheirismo, a exaltação, a piedade, a justiça, a consciência do próprio valor, pronto sempre a vingar um ultraje feito aos fracos ou a ungir com a sua dedicação e o seu sacrifício quem, desprezado e perseguido, apela para esse poder oculto, mas sempre eficaz, uma vez que haja sinceridade na súplica. O satírico é o braço que a Providência enviou para escarnecer do poder do homem, e feri-lo no coração com o dardo da sua eloqüência e da sua verve.

A história, sendo cômica, é também trágica; o satírico participa dessas duas formas da ação humana, através os tempos.

Senhor da verve e da eloqüência, resguarda-se, entretanto, dos percalços que a ironia provoca, sem ultrapassá-la, desferindo, como de uma cidadela invencível, os pelouros com que vai reduzir a escombros todas as mentiras que a convenção engendra, todas as facécias com ar sério das democracias emolientes; todas as vitalidades apodrecidas da raiz ao cerne.

É nas esferas puras da verdade, nos cumes mais empinados da moral, nos relevos mais culminantes em que a filosofia assenta os seus princípios e as suas leis liberais, que a sátira plana. É uma escola de bom gosto, de cultura, de louvor, de ironia, de combate. Não fustiga nem avergoa, exclusivamente. Ama o bem; abre-lhe ensanchas a que se expanda; aqui, leva a vida às almas mortas; aos corações dessangrados; às consciências obscurecidas por um falso ensino ou intuição religiosa.

Se Emílio de Menezes não desconjurou a fé na arte, na ciência, na filosofia; se não abriu e fez campo contra predicados que honram a vida, não os exalçou, nem defendeu com aquele ardor e paixão de uma natureza que não tinha nada de céptica, em relação às cousas que se prendem ao nosso destino e finalidade.

Não distraiu de si pela mão de uma convicção arraigada a coragem e afoiteza com que proporcionamos aos nossos semelhantes os benefícios do conforto e da resignação. Quem se resigna, sobe. A resignação é uma ascensão. Se a sátira é, antes de tudo, o respeito de quem a pratica, supõe, destarte, uma existência pura, extreme de toda censura.

Tão ao próprio com as contingências e evoluções do espírito, a sátira faz de cada defeito, que preleva e castiga, um caminho que vai direito à perfeição.

No culto da imparcialidade adquire a precisão do golpe, tão necessário para ferir o que a natureza moral do homem possui de monstruoso e heteróclito.

É pois, sim, como o dissestes, Sr. Humberto de Campos, um dos elementos indispensáveis à disciplina dos instintos, dos costumes, das instituições. "É mesmo o freio de ouro das sociedades desembestadas."

Essa, releve-me a querida memória de Emílio de Menezes, não a possuía ele. Foi, repito, um caricaturista, indisciplinado, terrível, quando o agastavam as insolências, as vaidades, os desregramentos e intemperanças dos que, por muito terem, julgam que a nobreza consiste na fortuna, e a moralidade no escândalo, sempre escondido por trás da proteção e do dinheiro.

Trechos há no vosso lindo discurso, Sr. Humberto de Campos, a que eu não posso deixar de referir-me pelos conceitos que encerram e pelas imagens com que os adornais. Infelizmente, o tempo e o momento me não permitem segui-los com aquela curiosidade e anotação que seriam necessárias.

Aludis com razão à música de vocábulos de que é feita a arte de Emílio de Menezes.

Chamais a esse engano do poeta o veneno de sua glória, se bem fosse também a sua virtude. "De imaginação pouco fértil nesse terreno e de coração mal encordoado para os dedos do sofrimento, e, sobretudo, sem o patrimônio de cultura que lhe permitisse o suprimento com o recurso das adaptações inteligentes, tinha ele de apelar, necessariamente, para o artifício, para a espuma colorida, para os efeitos do vocabulário, que substituem insuficientemente a idéia. Quando o pensamento é polido recorre o artista à beleza da orquestração, em que consegue realmente resultados maravilhosos."

Dizem ser esse o defeito de Théophile Gautier e de outros que julgavam inspirar-se na sua maneira de versejar.

Não é bem isso, segundo penso.

Como ele havia escrito que a poesia é uma arte que se aprende, que tem seus métodos, suas fórmulas, seus métodos, seus arcanos, seu contraponto e seu trabalho harmônico, essa afirmativa, adstrita à que também averbara de inconcussa e absoluta, ao comparar as palavras a pedras preciosas, deu mar-

gem a que se lhe adulterasse o pensamento, inculcando-o como o maior de todos os infratores das leis severas do verso, como um inimigo da idéia e da imagem.

A despeito da preocupação dos ritmos harmoniosos, das rimas ricas, dos *tours* do pensamento, rebuscados e preciosos, não falta a Théophile Gautier o sentimento profundo das cousas, a alma, sem a qual é impossível realizar qualquer das vistas ou intuitos da poesia.

A visão do pitoresco bem como o sentimento da expressão plástica não lhe turbaram a intuição moralizadora e reconstrutora, como se pode facilmente ver pela leitura das suas obras poéticas.

Isso que ele aduz, em defesa das suas opiniões, e que eu noto também nos vossos versos, Sr. Humberto de Campos, isto é, que as palavras têm em si mesmas e fora do sentido que elas exprimem, uma beleza e um valor próprio, quem o contestará?

As pedras são expressões de cousas que os olhos materiais não podem tocar, porque pertencem a um outro mundo, onde as forças exprimem qualidades desconhecidas à nossa inteligência. As palavras cristalizam-se, mas não podem refletir a verdade. Que são elas senão meros representativos de cousas que se ocultam às nossas vistas e ao nosso entendimento?

O sentimento, como a idéia, precisam desses relevos condicionados à contingência geral de um mundo que recebe as impressões sob a forma de estratificações tão singulares que não há como desenredá-las das espessas camadas em que vêm envolvidas.

Assim, o espírito que falta à palavra vai necessariamente viver noutra esfera, cuja manifestação não será possível, visto faltar-lhe os meios de comunicação.

Estudar profundamente os dicionários é conselho que não se deve desprezar, mas é mister estudar o organismo de cada palavra e as suas relações com os demais membros da frase.

De um glossário opulento, sem dúvida, precisa o poeta para dar expressão às impressões íntimas que o arrebatam e o forçam a emiti-las, como condição imprescindível de equilíbrio.

Escolher as palavras, como faz o ourives com as pedras preciosas, para lhes dar um destino qualquer, não é pequeno trabalho, pois no escolher está o

conhecimento da harmonia, das combinações misteriosas a que somos forçados pela natureza mesma dos assuntos, pela variedade dos elementos materiais com que temos de jogar para que não faltem à obra de arte os atributos necessários ao seu acabamento definitivo.

Outros achavam ainda que ele queria dar à poesia a impassibilidade, a imobilidade dos mármores. Daí, o erro de certa escola que o não compreendera e que fez dessa arte sublime um fino jogo de palavras que vós, Sr. Humberto de Campos, explicastes com a narração da história do anfíbio e do milionário extravagante.

Que são os mármores, no fim de contas? Cousas imóveis, sem vida, sem nenhuma expressão, sem nenhum desejo ou vontade, sem nenhuma intenção ou objetivo? Impugnando a opinião estranha de Winckelmann, generalizando, senão apurando a contradita de Michelet, escrevi alhures:

> Esses deuses, estampados no mármore, vieram do Egito. Parecem conservar a nostalgia do seu país, mergulharem no passado com uma ansiedade incrível. Arrancaram-nos do seu berço para os colocarem nas praças públicas de Atenas.
>
> Tornam-se cidadãos, perdem o caráter absoluto e inexpressivo, presidem as reuniões, enchem de respeitoso acolhimento o lar doméstico e todo o infinito da sua natureza se perde em pequenos atos que o jônio ou o dório exaltavam em suas cerimônias. É notável como os deuses se vão lentamente humanizando.
>
> Palas, na *Ilíada*, tão feroz e sanguinária, que fere Marte, em combate com uma pedra, na *Odisséia*, é a palavra de ordem e de sabedoria, pleiteando os direitos do homem, junto aos deuses.
>
> Em toda parte, na arte mesmo de Sófocles, antecipando a de Eurípides, se vê que o próprio rochedo é enternecimento, que a arte grega não é de nenhuma forma fria e indiferente. A filosofia de Hércules é a filosofia da bulha e do contraste. Não punge mais a chaga de Filocteto que a sua insânia, ou a apóstrofe de Prometeu, ou, ainda, o sonho daquele velho cego que procura na hospitalidade o conchego e o repouso.
>
> Todos esses maravilhosos enternecimentos que, dir-se-ia, dilaceraram o coração do mármore, comunicam-se à alma helênica e atravessam séculos.
>
> O raciocínio, o sofisma, os segredos da lógica dão mais força à já violenta agitação das olímpicas metamorfoses, o pensamento ondulante do gênio iônico.

Vede essas escravas encantadoras, deliciosas, que a meiguice milesiana torna mais caras. Que beijos ardentes naquelas bocas, que doidice e fantasia naquelas imaginações incontentáveis!

Há como que um soluço a ressoar eternamente naqueles peitos de mármore, porque Ésquilo, que tantas obras-primas inspirou à escultura, era verdadeiramente o gênio da dor. Ora, a dor é movimento e o movimento é vida. É ainda pressentimento, é acento trágico. O espanto, que foi a idéia fixa de Miguel Ângelo, é o que se vê nos tetos da Capela Sistina. As dúvidas de Ésquilo possuem um poder extraordinário. Distraímo-lo da arte que as múltiplas condições mesológicas e históricas criaram e vieram corrigindo, a despeito da sua perfeição original.

Essas duas naturezas isoladas, trágicas e transbordantes, o gigante grego e o gigante da Renascença, sem linhas precisas, excessivos, quase fulminantes, deliram, estertoram como vítimas de um mal desconhecido, proclamando furiosamente a justiça.

Exorbitante psicologia a que a história literária consagrou aos mais altos destinos humanos, mais do que a expressão de uma sociedade, mais do que o conflito latente de um povo, tomado de uma ânsia irrefreável. Essa não se fixa, não se limita, não se reduz a fórmulas.

O amor neles não era passageira e leve convulsão, como quer Marco Aurélio, mas um abalo profundo, um choque imprevisto, enérgico, que as correntes orgânicas põem em jogo; massas flutuantes, antagônicas, muitas vezes explosivas.

A palavra, na poesia, é como o tipo nas criações helênicas: o espelho em que a inteligência vai refletir-se. Sem isto, não podia discernir e retratar os eternos exemplares das cousas, tais como existem no mundo das puras essências. Os gregos, para exprimirem uma idéia dominante, procuravam um acordo na reunião e escolha das formas. Daí, essa agitação, esse movimento contínuo nos mármores. Daí, ainda, esse espelho onde se refletiam as lutas, as dores, os gozos, a vida moral, em uma palavra, de toda civilização helênica.

A imagem da vida, agitada, móbil, e ruidosa da Hélade, está admiravelmente representada na sua escultura. Quanta vida moral, quanta angústia nas sublimes e terríveis atitudes de alguns daqueles mármores!

Hércules, por exemplo, a contorcer-se sob a túnica, quase a morrer, indicando pelo rosto contraído e feroz as torturas que está sofrendo, prova bem alto que eles não são frios, que tudo aquilo representa uma alma em luta, símbolo de

> inquietude e de dúvida; de um ideal de liberdade e de fé, ansioso por um novo fanatismo, por um outro espírito, embora terrífico e ameaçador, diferente do que sonhara Ésquilo, baseado na justiça, transfigurado nessa Minerva, a fundar o irrepreensível tribunal que durante muito tempo fez de Atenas o centro e o templo do direito.
>
> Agitação em tudo! Como nas sombras do túmulo de Édipo vai a imaginação encontrar os mistérios mais recônditos do eterno castigo, iluminado pelo espírito vindicador da justiça!
>
> Expressão da cultura, símbolo tumultuário, em verdade, Prometeu, ensinando "uma cousa que a Ásia não sabia, como pelo ferro e pelo aço, pelo esforço, a arte faz jorrar essa filha imortal, a razão, a sabedoria, o éter do pensamento lúcido", o *sensorium Dei*, na frase de Newton, a só inventiva e fecunda, exatamente oposta ao torpor sonhador do miraculoso Oriente. Insensatos! Como ânsias e paixões tão violentas podem quebrar-se docemente nas curvas desses seios e dessas axilas lúbricas!
>
> Feita, é certo, mais de violência insensata e dolorida do que de doçura e resignação, como a arte cristã, a escultura grega, depois de convulsionar longa e furiosamente nos seus rebojos, no alto das montanhas ou no fundo dos báratros, ascende gloriosa e serena, deixando em cada coração a imagem impotente das cousas que passam, a vaga melancolia dos objetos que perduram na memória, como vínculo de solidariedade entre o presente e o passado...

Essa não foi, certamente, a arte de Emílio, mas é, talvez, a vossa, Sr. Humberto de Campos.

Se nem sempre a medida é exata, o contorno apurado, a feição delicada; o molde é de bom quilate. Em poesia, que montam os excessos, e uma ou outra irregularidade, se a beleza é irregular nas suas combinações para produzir a graça, excessiva, às vezes, para produzir a linha ideal que deve conduzir à perfeição?

Sainte-Beuve escreveu: *on peut lancer et perdre bien des flèches*; basta, porém, acrescentava, para honra do artista, que algumas dêem em cheio no alvo, fazendo ressoar a árvore profética, o carvalho de Dodona.

Badigeonner à la toise, eis o verdadeiro mal.

As preocupações de forma, de cor, de sonoridade do estilo, são antes um agrado encantador das musas que um desvio da linha da beleza a que o pensamento deve obedecer.

A tirania que a palavra pretendesse exercer; o culto que desvaira alguns cultores da poesia, pretendendo substituí-la à idéia, como se ela reunisse as qualidades necessárias a manter o movimento e a vida na estrofe, tudo que não é consentâneo com a arte, nem com o bom senso, banistes das vossas preocupações artísticas.

Não há em vossos versos expressões banais, nem rebuscamentos inúteis que tanto prejudicam esse gênero literário. O verso é correntio, sem afetação; batido, com força, é certo; mas sem rebarbas ou arestas, pois o metal em fusão penetrou bem na juntura das fôrmas. Não esquecestes o preceito, que o desenvolvimento da individualidade pode tornar-se causa de decadência. Encarais o assunto com desprendimento e tornais a idéia uma força ou um nexo em que entram o caráter a virtude como emblemas que se não dispensam, porque a vida resulta do acordo dos sentimentos superiores. Desenvolver a individualidade é provocar a ruptura do equilíbrio; é cair nos excessos do egoísmo. A arte precisa de ser impessoal para conseguir a perpetuidade; precisa de ser desinteressada para levar aos corações a chama que deve abrir a corola à flor; inundar de luz o receptáculo abatido pela escassez de elementos vitais; entusiástica, porque é o melhor condão das cousas que procuram viver, a despeito da morte que ronda a vida, em todas as camadas ou círculos em que a ação de um poder oculto se faz sentir.

As vossas poesias não lembram outras; a vossa cultura garante-as desse perigo e dá-lhes um caráter pessoal, que é, talvez, a qualidade que releva, entre tantas que, com prazer, observei. Não vos falta, permita-me a expressão, a severidade do espírito dórico à fecunda imaginação sensualista do iônio. Isto quer dizer, Sr. Humberto de Campos, que a imaginação não emula primazias à razão, mas procura congeminar-se para o mesmo fim.

Andam ali, muito mão por mão, o naturalismo e o espiritualismo, e, até nesses cantos tropicais, em que a violência do clima estua com fragor no ritmo e no estilo da frase emocionada, um fundo de grandeza espiritual transparece e acolhe com simpatia o cenário exaltado pela vossa imaginação. Não se dirá que são quadros apertados por um objetivismo obscuro ou estéril: não

lhes falta o alimento maravilhoso tão necessário às criações poéticas. O idealismo está ali a revoar, sem perder as qualidades humanas em que se esconde para melhor derramar a sua luz.

Entre os gregos duas escolas disputavam a soberania: – a que se empenhava com fervor em inquirir o mundo dos sentidos e a que impelia os espíritos para fora do universo material, exaltando-se às regiões da pura idealidade. Prefiro esta àquela e não raro se me depara o vosso empenho de seguir a mesma direção, quer sob o ponto de vista propriamente formal da vossa inquirição, quer acordando em desdobrar aos olhos do leitor as paisagens menos obscuras e imperfeitas do mundo natural.

É na idealidade que o estro deve ir buscar a inspiração; sobre ela assentar o seu poder; em torno dela bater as suas asas. Nela reside a liberdade, e a inspiração só opera milagres quando a procura e a encontra. A inspiração, pois, deve gravitar entre a idéia, a mímesis de Platão, e o naturalismo, sempre fecundo, de Aristóteles.

Todas essas formas da realidade subjetiva e objetiva vejo representadas nos dois volumes de *Poeira*. Quadros *après nature*; alegorias vivas, animadas, a exaltarem-se, aqui e ali, se algum relevo mais frisante provoca no vosso espírito um desses milagres tão comuns nas naturezas verdadeiramente poéticas. Conciliar a euritmia com a beleza é o mais fecundo, o mais artístico dos esforços. Variar o movimento, a ponto de levar ao espírito do leitor a convicção de que todo o movimento é forma e toda forma movimento, eis o que devia ser a preocupação de todos quantos se entregam à arte tão difícil do verso. Na idéia reside a realidade e na realidade a vida. E que pode traduzir melhor a vida que o movimento? Mas o movimento só o é enquanto o não observamos de um plano superior. Uma vez atingido o grau acima, a forma envolve o conjunto abstrato, e a idéia é atingida, não já como uma simples operação do espírito, mas como um objeto palpável.

Acontece exatamente o inverso do que se dá na natureza material, em que a vida se vai desprendendo do eixo das suas operações superiores, para se deixar envolver por uma camada grosseira, que a subtrai completamente à sua origem.

É em torno desse poderoso núcleo de sensações que voeja a ilusão, e esta constitui um dos elementos, senão o elemento capital, dessa ciografia em que operam, por assim dizer, todos os segredos das luzes e dos sonhos...

Não é que vos falte um *canon*, uma medida, e proporções rigorosamente estabelecidas. A vossa arte, sem lhe faltar elegância, não exclui a liberdade. A idealidade tão culminante em alguns imaginários da velha Hélade, por mais severa que se nos afigure, não se evola do debuxo ou do contorno; mas, reparai, que se não desatam, tampouco, da pureza e do rigor do traço, a perfeição, a graça, o colorido, a delicadeza dos ornatos e os encantos da ilusão.

Assim, muitas poesias do primeiro e segundo volumes da *Poeira*.

Se há alguma cousa a increpar nelas é a tendência para o cepticismo e o materialismo, tendência que avassalou a literatura em todos os tempos, à míngua de uma filosofia bem orientada.

As cousas misteriosas são o que há mais belo, grandioso e doce na existência. É tão divina a natureza do segredo que o símbolo sugeriu às artes um modo de interpretar a vida.

A *Morte de Moisés*, a *Lenda do Cisne*, *A Oração de um Inca*, *Condor*, *Daho-Upas*, *Alegorias*, *Canto Bíblico* e tantas outras poesias, são envoltórios de um pensamento fugidio, errático, perdido num suave simbolismo, embora vago, em que a matéria se evola para dar lugar ao sonho.

Assim também grande parte do segundo volume.

Alegorias é uma poesia profunda, em que a arte se não desdoura em ombrear com a ciência:

É um ígneo rio que rebolsa e estruge
No organismo telúrico o profundo,
– Sangue fervente e tépido que ruge
Nas artérias pletóricas de um mundo.

Novo Alfeu de outra fábula, que a austera
Voz terrível de um deus fez rio em chamas,
Brama, galopa a trepidar... No entanto
Do planeta a face álgida e bruta,
Onde tudo é sereno, e é riso e é canto,
Não se a vê, não se a sonha, não se a escuta.

Depois a descrição magnífica de um incêndio.

A labareda entrando o cimo da folhagem; rebentando frondes, desabando-as, inteiriçando-as, comburindo-as.

A intenção é humana, vigorosa, entremeada de gemidos, de soluços, de lágrimas, que se não ouvem, nem se vêem, mas que se adivinham.

Uma das mais sugestivas e fulgurantes páginas de Michelet é a que atribui à América uma função, um papel, de coordenadora telúrica; reguladora dos fogos e das águas. Alta poesia, profunda ciência! Uma visão estranha percorre o santuário da natureza, em calma, agora, após o crepitante movimento que as estrofes descrevem lembrando-nos a página do aludido historiador.

De fato, a América é previdente, por não poder ser contemporizadora.

É um organismo, em verdade, a terra: – os seus continentes representam alguma cousa mais do que uma expressão geográfica. Momentos há em que abrem caminho a manifestações tão extraordinárias que, dir-se-ia, representariam órgãos encarregados de distribuir a vida e o equilíbrio por todo organismo.

"Com seus movimentos concêntricos, suas curvas elegantes, traçadas em redor do Sol, seu movimento de si para si, pela ascensão incessante das suas forças interiores, seu movimento elétrico, tão sensível no Equador, e suas correntes magnéticas, tão sensíveis para os pólos, sua circulação líquida nas correntes do mar, sua circulação aérea tão rápida e tão leve, que, por uma troca incessante de nuvens e vapores, harmoniza sua vida de superfície", a terra não é só, como dizeis, Sr. Humberto de Campos, um rio de chamas, é um organismo profundo, com um coração – Java e Cuba, de onde partem duas torrentes cálidas: "Vão ao norte; são resfriadas, e, revivendo em seguida, voltam incessantemente ao coração que as lançou, auxiliam a correspondência magnética elétrica do Equador ao Pólo. Suas tempestades são solidárias. O estio, quando a fusão polar, quando as correntes do norte nos vêm, refresca-a e o elemento magnético parece ir adiante da eletricidade central. Daí, violentas tempestades que perturbam os nossos sentidos."

Eis a alma humana, eis a terra.

Quanta vida, quanto movimento, quanto claro-obscuro nesses dois volumes da *Poeira*, indicando uma natureza em espasmos constantes, um duplo movimento elétrico e magnético; uma pletora de vida estuante, a que

não corresponde a frieza, a incapacidade, a temperatura, sempre baixa, do nosso meio literário.

Não me é possível, infelizmente, alongar-me como desejava. A leitura dos vossos livros sugere-me uma série de considerações que não posso acudir de momento.

A todas as cousas emprestais um talento e uma espontaneidade que não nos é lícito deixar de admirar. Sente-se um verdadeiro prazer à leitura do vosso livro *Da Seara de Booz*, tão original, quanto gracioso e profundo.

Todas aquelas impressões, todas aquelas imagens, tão vivas de fatos remotos, se adaptam admiravelmente ao assunto, muita vez trivial da atualidade.

Faz sorrir o engenho da procura e o fino da comparação.

Que lindos painéis a invocarem aqueles contrastes e analogias; que ressurreição animada naqueles episódios ou figuras, tão bem condicionadas à literatura leveira dos jornais!

O fato mais insignificante da nossa vida quotidiana e burguesa é ali posto sob a égide de uma lenda ou acontecimento memorável. De sorte que o incidente adquire uma tal importância, assume um tal valor literário que não julgo exagerar se disser que há nesse livro verdadeiros primores, pelo surto da memória, pelo colorido da imaginação, pela perfeição do estilo, pela originalidade e graça do quadro. As cores da lenda; o sainete original e extravagante que acaso se lhes nota, não desmerecem ou perdem com a aplicação; antes adquirem mais vida, pois a alma que os anima, não se extingue, nem flutua, a esmo, na nova trama em que a envolvestes. Sendo, algumas vezes, mais vivo o colorido, o sentimento, nele oculto, torna-se mais intenso e arde com mais força. Não é fácil esse gênero de literatura. Supõe, além do engenho, o gosto na escolha do símile, uma memória fácil e segura; um critério arguto e estético, indispensável à seleção, ao preparo, ao encontro e fusão dos prismas.

De fora, parte dessas exigências essenciais não prescinde da ironia ou do modo como deve tratar as tintas, sem prejudicá-las ou constrangê-las. Aí, sim, talvez se nos depare o *humour*, segundo a vossa própria definição e que alguns julgam encontrar em Emílio de Menezes. A vossa ironia ressumbra do orgulho satisfeito; da eqüiponderação dos valores morais que se não desequilibraram na luta, nem se desgastaram no amanho da terra que fertilizastes e abençoastes pelo trabalho. Em Emílio, como já dissemos, há o caricaturista,

irreverente e revoltado contra as intransigências do meio; contra a impermeabilidade do ambiente moral às suas tentativas de dominação e avassalamento. Em um, o triunfo das idéias; a capitulação das cousas transitórias, à sua vontade, dominada por um sentimento justo; no outro, as oposições sistemáticas, derivadas de um gênio questuário e voltívolo, em que não luziam predicados de intransigência e de perseverança e nem esse devotamento à ciência que Augustin Thierry punha acima de todas as forças da inteligência e do coração, no tocante ao êxito das nossas tentativas. Não alonguemos os contrastes, não esmerilhemos as vantagens que sobram a um e diminuem em outro.

Preciso terminar, embora não haja posto em foco todas as qualidades do vosso caráter, e todos os dons da vossa inteligência, Sr. Humberto de Campos. O que obtivestes é tudo obra do vosso esforço, da vossa perseverança, da vossa energia. Sem esses nobres atributos não se escrevem obras como *Da Seara de Booz*. Quando se abre mão de vantagens como as que a vossa situação material vos proporcionou, membro de uma família abastada, como éreis, para empreenderdes a romaria que empreendestes, é porque se possui, de fato, esse dom, quase sobre-humano, que a pena de Voltaire, com tão vivo empenho, exalçou e enobreceu. A mais alta sabedoria é, em verdade, uma firme resolução.

Eis aqui porque hoje vos venho trazer as boas-vindas; eis o motivo da vossa presença neste cenáculo.

Li algures que feliz é aquele que conserva sempre um sorriso nos lábios, como Horácio. É que ele evitava sempre tudo que perturbava o equilíbrio da alma. Nunca se excedeu em suas idéias e em seus sentimentos. É o vosso caso.

Nesse admirável morticor em que se espraia a vossa imaginação, a serenidade e o equilíbrio despontam e dominam o quadro.

Bem vejo, e com que tristeza! que nesses prismas se não realçam os estímulos que nos estão avivando no coração e na consciência esse fundo de religiosidade que deve ser a alma dos nossos sentidos, a expressão, não fugaz, mas eterna, da nossa vida. Contemplais com indiferença esse lado do panorama interior. Parece que só observais formas confusas, sem claridades. No ambiente em que respirais falta o ar puro das eternas verdades. Estas estão modificadas e adulteradas; por isso, ao invés de se vos depararem aqueles emblemas de outros tempos mais felizes, só encontrais restos ou sombras do

que foram, porventura, a vida e a forma de um pensamento iluminado pela religião do bom senso e da esperança.

Não arguo, pondero; não retrilho, observo e anoto com pesar.

Aos vossos olhos não chegou ainda a luz do astro que há de conduzir as almas desviadas do verdadeiro rumo, dando-lhes a luz necessária a uma peregrinação menos torturante.

Com o cristianismo, mas com o cristianismo do seu fundador, desaparecerão os vãos simulacros, a alegoria física que tanto empeciam o ardor descritivo do verso.

As montanhas, as árvores, os ventos, as vagas, adquiriram um prestígio que até então não tinham.

Falaram, gemeram, e conduziram as almas, como os abetos dos Pireneus, o peregrino tresmalhado.

As vozes concertaram e deram ao alaúde mais calor e mais vida, e os oráculos transformaram-se em vozes da natureza.

Essa é a verdadeira poesia; – a poesia da fé, da esperança, do amor, na sua tríplice expressão – a família, a pátria, a humanidade.

Assim, é no amor que a poesia deve inspirar-se e essa culmina na palavra do Evangelho, que não é diferente daquela que fez estremecer a alma de Orfeu, dando-lhe a verdade eterna.

Tudo o amor vence, tudo, tudo o amor consegue. Num dos cantos órficos, lê-se: "Foi o amor que me fez escavar a morte para achar a vida; arranquei a ciência oculta sob as múmias. Os padres de Ísis e Osíris desvendaram-me seus segredos. Eles não tinham que seus deuses, eu tinha Eros. Pelo amor falei, cantei, venci. Por ele soletrei o verbo de Hermes e o verbo de Zoroastro; por ele pronunciei o de Júpiter e o de Apolo."

Havia nessa alma como na de todos os grandes portadores do fogo divino uma fé inabalável, uma certeza de que além deste mundo alguma cousa de superior e de eterno existia, indispensável ao nosso progresso intelectual e moral.

Essa alguma cousa era Eurídice morta, que lhe deu a verdade eterna, como em vida lhe havia dado a embriaguez da felicidade. Amemos, mas como devemos amar, fazendo da mulher o fundamento da nossa vida e a esperança do nosso destino.

Pitágoras manda honrá-la no céu e na terra; porque ela na humanidade representa a natureza; e a imagem perfeita de Deus não é o homem só, mas o homem e a mulher. Daí, sua fascinante e fatal atração; daí a embriaguez do amor, onde se representam o sonho das criações infinitas, e o obscuro pressentimento de que o Eterno masculino e o Eterno feminino gozam de uma união perfeita no seio de Deus.

Eis aí o amor, eis aí a graça. Com o amor, se nos desvelam os olhos; se nos abrem os corações para os altos sentimentos da honra e da virtude e se nos repontam as asas com que devemos voar para o infinito de todas as perfeições.

É o que queria ver em todos os nossos poetas; um como renascimento celeste. As virtudes mais alevantadas não podem ter outro assento, nem outro incentivo.

Não imitemos Lucano; mas os que faziam dos mitos a feição mais caroável do engenho.

Pela mulher compreendemos estoutra mulher – a Natureza. Que seja ela a imagem santificada e que nos auxilie a remontar, por graus, na frase de Edouard Shuré, à grande alma do mundo, que cria, conserva e renova, até a divina Cibele, que arrasta o povo das almas em seu manto de luz.

Quando digo a mulher, resumo o caráter e a honra, o pensamento e o coração. O conjunto dessas partes é o que forma o que chamamos o homem e a mulher. Nessa dualidade purificada e santificada pelo amor reside a grande obra de Deus. Extremar, pois, a mulher das paixões, erguê-la ao mais alto pedestal como um *numen*, é o dever de todos os poetas. Vejo, com prazer, que a não diminuístes, tornando-a um objeto de cobiça material. Em vossos versos não a deprimis, mas a exaltais com fervor e, não raro, aparece abrilhantada e enaltecida por um ou outro conceito verdadeiramente cristão, pois, onde ela é, sem dúvida alguma, considerada o complemento do homem, é nas páginas reivindicadoras do Evangelho. Aí, sim, é a esposa e não a amante, o ídolo a atrair a nossa irreverência ou a nossa cupidez, consoante o grau ou a precariedade do nosso espírito.

A filosofia céptica é o resultado do nosso pensamento materializado. Tornemo-lo, pois, capaz de penetrar o que a Natureza nos esconde, e compreendamos os nossos deveres, em relação àquela que constitui a parte mais íntima, mais sensível e, por isso mesmo, mais santa, do nosso ser moral.

Discurso de
D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA

e

Resposta do
SR. CARLOS DE LAET

Sessão solene extraordinária
do dia 28 de maio de 1920

I

DISCURSO DE D. SILVÉRIO GOMES PIMENTA

EX.mos SENHORES Acadêmicos:

Minha presença nesta respeitável assembléia das letras pátrias argúi em mim uma temeridade pouco explicável em meus anos, com os meus hábitos e, se me não iludo, também com a minha própria índole; e em vós argúi uma benevolência fina, que me cativa, e um alto bom senso que vos eleva na estima e na consideração do povo brasileiro. Na votação com que acolhestes meu nome, não devo, nem posso enxergar reconhecimentos de méritos literários, que conheço me faltam; e, quando algum pudesse alegar, estaria sempre muito aquém da honra com que me distinguistes. Quisestes antes render preito ao princípio que represento, e, em minha humilde pessoa, honrar o Deus das ciências e da sabedoria. Quisestes que neste congresso, onde se assentam distintos representantes da atividade intelectual, houvesse um que especialmente representasse esta grande coletividade espiritual, que é a Igreja Católica da qual somos filhos, e eu indigno ministro.

Foi infeliz, reconheço, a escolha da pessoa para tão alto encargo, mas vossa resolução foi acertada, nobre e digna dos aplausos dos católicos, em cujo conceito crescestes, e em cujos corações elevastes novo padrão de estima e de afeto. Avulta-se-me, porém, a responsabilidade com este encargo, e me cresce o temor com a certeza de não poder corresponder às expectativas dos que me indicaram, ou me estimularam, e quase me forçaram.

Esse temor, já de si mesmo grande, aumenta-se considerando eu a grandeza do varão cuja Cadeira venho ocupar nesta assembléia. Alcindo Guanabara é um dos maiores vultos literários do Brasil, de tão extraordinário talento e cultura que, aos 18 anos, escrevia artigos, que pelo vigor da argumentação, pelo primor do estilo, pela clareza da intuição, mereceram ser atribuídos às primeiras capacidades literárias desse tempo. Dava vida com seus escritos aos jornais agonizantes, como aconteceu com o *Novidades*, onde seus artigos lhe deram ocasião a um curioso encontro com o notável político e literato Francisco Belisário, Ministro da Fazenda. Discutia-se no Senado um projeto do Visconde do Cruzeiro e de Lafayette. Combatia-o Alcindo Guanabara em artigos, que produziram abalo e mereceram ser reproduzidos nos mais acreditados órgãos da imprensa nacional. Sai o primeiro artigo; viva sensação. Sai o segundo, sai o terceiro, e Belisário não se pôde ter. Vai pessoalmente à redação a saber quem era o autor de tão brilhantes artigos. Mostram-lhe aquele rapaz ainda imberbe, e de tal admiração se apodera, que o vai apresentar às eminências políticas do tempo, Paulino, Cotegipe e Coelho Bastos, e a ele se conserva ligado até a morte por uma estima que parecia culto.

Engenho universal, escrevia sobre política, economia, finanças, literatura, poesia, agricultura, revelando-se em tudo homem superior pela largueza da concepção, pela clareza da intuição, que quase eu chamaria profética, pela força e viveza do estilo, pela beleza e castigado da frase, merecendo ser classificado entre os príncipes dos escritores brasileiros. O cátalogo dos jornais que esse homem extraordinário fundou, sustentou, acreditou e elevou com seus escritos e artigos editoriais, ou de colaboração, de combate, de crítica, de instrução, sérios ou humorísticos, basta para o colocar em plano dificilmente igualado por primorosos escritores.

Explicável é, pois, meu enleio tendo de levantar o legado deixado pela morte de Alcindo Guanabara, e sentar-me na Cadeira que honrou, Cadeira enobrecida pela personalidade de Joaquim Caetano da Silva, outro gigante das letras pátrias, que na Europa culta fez conhecido e elevou o nome brasileiro; e defendeu com superior entendimento os direitos da pátria, como fez na questão entre o Brasil e a França com obra escrita em francês tão correto e elegante, que, no juízo dos entendidos, não cede a palma a nenhum dos escritores

nacionais da época, e com tão sólidos argumentos, que devia deixar por sua vez dirimida e perempta essa questão.

Sem tocar em numerosos escritos desse brasileiro insigne, uns impressos outros manuscritos, em que se revela profundo conhecedor da história e da língua pátrias, e das línguas clássicas, aqueles dois volumes "*L'Oyapoc et l'Amazone*" sobejam para imortalizar o patrono desta Cadeira, que Alcindo realçou com o esplendor de seu gênio e que eu venho ocupar realçando também, mas como as sombras realçam as cores nos quadros dos grandes artistas.

Uma cousa tem particularmente excitado a curiosidade pública na minha investidura nesta Cadeira. Estão aflitos por ver como se há de haver um bispo, tendo de homenagear um literato de talento superior, mas reputado totalmente profano e inteiramente indiferente ao ideal religioso. Folgo, porém, de declarar que essa dificuldade que despertava os curiosos me ocasionou verdadeiras consolações e contentamento, porque estudando a vida e escritos de meu antecessor me convenci que Alcindo Guanabara não foi um ateu, desconhecedor, quando não desprezador, do Supremo Senhor do Universo, nem um desses espíritos que se dizem emancipados; foi sim um varão deveras crente, e na vida pública nunca procurou encobrir suas crenças religiosas, antes proclamava sua fé sem rebuço, com acentos de vigor pouco comum em nossa atual sociedade. "Onde não existe a fé, não vibra a paixão pelas cousas superiores, disse Alcindo Guanabara em solene discurso, o que fica é o pântano do interesse espúrio, é um miserável declínio moral que macula os indivíduos, dissolve a sociedade e faz perecer a nação. Não podemos nos submergir, vivendo indiferentes e enervados, roídos pelo cepticismo sem fé religiosa... Daqui desta assembléia, continua ele, levante-se reboando por todo o ângulo do país o clamor quotidiano de nossa religião: *Sursum corda!*"

Reconhece e proclama o valor da ação do Cristianismo por ocasião de promover uma grande obra de beneficência social, e diz: "nela será honrada a mais alta das virtudes cristãs, e que será o depoimento eloqüente de que a mais nobre das ordens do Salvador à humanidade foi aqui ouvida e obedecida. É uma sublimidade do espírito cristão a devoção pela vida, a abnegação e dedicação pelo próximo". Expressa ele sua confiança em Deus dizendo: "esperamos firmemente em Deus que nossa obra será abençoada. Deus estará

conosco, pois estamos com ele, e receberá com bondade a oblação que lhes fazemos". Reconhece o valor da bênção dada em nome de Deus pelo pontífice diocesano, e nesse mesmo discurso confessa: "as disposições religiosas dos cidadãos que, sem outros recursos senão os que lhes podiam advir de sua atividade e de sua fé, desejavam afirmar o doce sentimento de piedade cristã e de solidariedade humana."

Quem tais sentimentos nutre e manifesta não pode ser senão verdadeiro crente, mormente quando a corrente da época parecia arredar dos discursos e dos escritos concepções de ordem sobrenatural.

Longe dessa confiança excessiva nas forças e esforços humanos com que os políticos, sociólogos, cientistas, industriais presumem levar a cabo suas empresas, notai como ele punha no céu a esperança de seus empreendimentos e a Deus acudia para os coroar do êxito desejado. "Quando há sete anos, diz ele, tratando de uma dessas obras difíceis e grandes, quando há sete anos o dever me trouxe, como agora, a esta mesma tribuna, para anunciar que partíamos nesta nova cruzada, eu exorava a Deus para que ela tivesse êxito, que nos não faltasse o amparo dessa força." Depois desse êxito feliz e desejado, notai como Alcindo se volve a Deus, reconhece o benefício de sua mão e convida os companheiros ao agradecimento. "Agora, continua ele, que chegamos ao primeiro estádio da via que temos de percorrer, agora que inauguramos este templo, cumpramos antes de tudo o doce dever de rendermos numa oração singela o nosso agradecimento pela realização de nossos votos humildes. Graças, Senhor, por haverdes acendido em nossos corações a chama purificadora do amor do próximo!" Uma alma devota e piedosa, dessas que vivem absortas nas cousas espirituais, não se exprimiria com mais fino afeto, com mais doce e cordial candura.

Nem se diga que essas passagens são rasgos oratórios, que nem sempre traduzem os sentimentos reais de quem fala. Para convencer-nos da sinceridade de sua fé, e da íntima persuasão de quanto é a Religião necessária e indispensável na sociedade e mormente na educação da juventude, aí está o projeto por ele apresentado e defendido no Senado Brasileiro a favor da Infância abandonada e delinqüente. Aí, depois de refutar os que pretenderam ser esse projeto inconstitucional, acrescenta estas reflexões que me permitireis transcrever por suas próprias palavras:

> Se retirardes do projeto esse perfume de religião e de moral, que vai constituir o ambiente de regeneração que os pequenos miseráveis devem respirar, podeis perder a esperança de vê-los um dia restituídos à higiene da alma e à saúde moral.
>
> A observação e a experiência são mestras da vida, e é apoiado nas lições que elas nos dão, que ouso afirmar que a só instrução literária é insuficiente de todo para essa obra sutil e delicada do combate às taras ancestrais e da reorganização dessas almas deformadas antes mesmo da vida e tão cheias de deturpações e de tortuosidades. Não é verdade que se fechem as cadeias, porque se abrem as escolas, a menos que paire no ambiente das escolas o perfume da religião e as iluminem os raios de sol da moral. A solução do problema não está só na instrução. Não basta ensinar a ler para formar homens honrados. Ia até dizer que a instrução literária, desacompanhada dos freios e contrapesos da religião e moral, pode ser e é muitas vezes um elemento a mais de facilidade ou incentivo para o desregramento e para o crime.

Para me não alongar demasiado, valha por tudo quanto escreveu esta inteligência privilegiada essa conferência sobre a Dor, que, como fonte de sentimentos patéticos expressos em linguagem de primor, e mais como franca profissão de fé, basta para chamar sobre seu nome a admiração dos sábios e as bênçãos dos católicos. Permiti-me repita algumas das suas frases que mais vêm ao nosso intento:

> Se sois cristãos, diz ele, a dor não vos abate, mas vos conforta, vos anima, vos eleva, vos engrandece. Jesus, filho de Deus e Deus ele próprio, quis sofrer a dor humana para reabilitá-la e torná-la profícua. Era porém Deus, e toda sua grandeza está no que havia de voluntário nesse sofrimento. Maria, porém, é apenas uma mulher. E Mãe!... Os desfalecimentos d'alma, a paixão, a agonia, as lágrimas, o sofrimento que não há palavra que o descreva, que a pungia acompanhando toda a paixão do Filho Unigênito, desde o Pretório, por essa via dolorosa que se terminou na Cruz donde ele pendia, não nasceram de nenhuma renúncia à qualidade de Deus, senão que foram sentidas em toda fraqueza de sua condição humana pela mulher e pela mãe, cuja caridade e cujo altruísmo são tamanhos, que lhe inspiraram por amor da redenção da humanidade aquela resignação da lágrima muda, que cai do alto do Gólgota pelos séculos em fora, como o bálsamo conso-

> lador de todos os corações em chaga. Se há entre vós, se há na humanidade inteira a vítima infeliz de uma dor sem consolo, erga ela o espírito e o coração até essa tragédia sangrenta, e funda a sua dor na maior dor que jamais houve sobre a terra, na dor de Maria... porque tanto quanto a humanidade viva, não haverá dor tão forte que se não amesquinhe, quando o espírito se orientar para esse calvário de redenção, e soarem ao ouvido do infeliz os versos do hino sagrado:
>
> *Stabat Mater dolorosa*
> *Juxta crucem lacrimosa*
> *Dum pendebat Filius.*

Alcindo Guanabara foi um crente de cujos lábios em momentos solenes brotava sempre o nome de Deus. Teve erros talvez, mas quem há isento deles? Eu os não conheço e se deveras os teve, mais razão eu tenho para confiar que um coração que tanto fez pelo próximo, que tais rasgos de amor deu pelos infelizes, encontrou decerto misericórdia d'Aquele cuja fé animosamente professou e tão brilhantemente proclamou.

Tratando-se de uma sumidade da imprensa nacional, permitir-me-eis algumas reflexões sobre a matéria que ele tanto dignificou com seu talento – a imprensa – e primeiro sobre a palavra que a imprensa reproduz. Há assuntos que por antigos não perdem sua interessante atualidade. Nesse caso se classifica a palavra do homem e a imprensa, que a corporiza, multiplica e perpetua. A nós, acostumados com as cousas grandes pela substância, grandes pelos efeitos, mas comuns pela freqüente repetição, passam-nos muitas vezes despercebidas maravilhas estupendas. Assim acontece com a palavra do homem. Maravilha que só não espanta por ser comum a todos os homens. Leva a palavra ao entendimento, ao coração, à imaginação dos outros, os mais recônditos segredos de nossa alma. Grandes, variados, estupendos os efeitos da palavra! Move todas as fibras do coração humano; consola, aflige, irrita, estimula, acalma. No balbuciar da criancinha tem encantadora magia, na infância é o enlevo dos pais, nos lábios dos velhos é solenemente triste, como triste é o despedir do crepúsculo cedendo lugar às trevas da noite. No jovem é folgazã e alegre, ponderada e madura no varão. Na boca do general dá ímpeto e ânimo ao soldado, na do mestre ilumina a inteligência, na do orador ora revolve as multidões ora serena paixões exaltadas; desperta os

frios, infunde brios ao indolente. A mesma palavra consola, repreende, impera, suplica, aterra e anima. Na boca do poeta a palavra fala à fantasia e ao coração, povoando aquela de imagens, revolucionando o coração de afetos. A ciência que revela os metais contidos nas entranhas da terra é admirável; admirável a que penetra no fundo dos mares, e nos mostra os segredos que lá se ocultam; admirável a que remonta muito acima das nuvens e nos comunica fenômenos não suspeitados; admirável a que chega a penetrar no interior dos astros para nos dar com segurança sua composição íntima. Muito mais admirável, porém, é o dom da palavra que manifesta os segredos da alma humana mais profunda que os mares, mais alta que a atmosfera, mais recôndita que os astros.

A palavra é um dom do céu, quase tão precioso como a mesma razão que constitui a essência humana, e tão apreciável que, se nos faltasse, de pouco nos serviria a mesma razão. Se não tivéssemos a palavra, ficar-nos-iam estéreis a inteligência e a liberdade de que nos ufanamos, e o homem estacionário sem dar um passo para melhorar sua condição na terra. Não nos seriam benefícios senão tormento essas nobilíssimas faculdades de entender e de querer, se não pudéssemos transmitir aos outros nossos pensamentos, nossos desejos, nossas mágoas e nossas alegrias; e nós seríamos como um homem prostrado por envenenada seta, cosido de dores atrozes, sem poder por palavra nem por qualquer movimento dar a entender seu suplício temeroso. Deus, porém, não faz benefícios truncados. Dando-nos a inteligência e a liberdade dá-nos também a palavra, com que a nós e aos outros podemos aproveitar, e de fato aproveitamos. É, pois, a palavra dom mimoso de Deus, e por aí vemos como deve ser por nós tratada.

Mas além deste título de todo o ponto venerando, possui a palavra outra qualidade, que a eleva a superior categoria, e que vós me permitireis não omitir nem dissimular em ocasião tão solene. A palavra não é só um dom de Deus conferido no mesmo ato da criação do homem; é também imagem do mesmo Criador. Estai um pouco comigo.

Na Trindade Divina, mistério inefável que só os cristãos cremos e confessamos, o Pai eternamente se revê e conhece, formando de si uma imagem. Mas esta imagem não é acidental, como produz a inteligência criada; é imagem substancial, eterna, espelho perfeito da pessoa do Padre, seu Verbo,

enfim seu Filho. Este Verbo eterno, só do Pai eternamente conhecido, se quis manifestar aos homens, fazendo-se homem como nós e é Jesus Cristo, homem unido hipostaticamente ao Verbo eterno, palavra do Eterno Padre manifestada aos homens. Ora, assim como Jesus é o Verbo de Deus que revela aos homens e aos Anjos mistérios ocultos no seio da Divindade, e que só por Ele nos foram manifestados, assim a palavra do homem nos manifesta os segredos da alma, que só podem ser conhecidos pela palavra do homem, falada, ou escrita ou assinada. Jesus é a imagem substancial da inteligência eterna, a palavra humana que tão preciosa se nos apresenta para si mesma e pelos bens de que é instrumento necessário e indispensável, cobra foros de nova fidalguia, e adquire novos títulos à nossa veneração como imagem constante do mais consolador mistério que nossa fé adora, o mistério da Encarnação.

Por este critério melhor podemos avaliar a dignidade e importância da palavra falada ou escrita, e sondar a causa dos efeitos maravilhosos que produz, e dos benefícios que traz ao gênero humano. É de origem divina; reproduz aos olhos humanos mistérios divinos; e apesar dos contínuos abusos que dela fazem os mortais, não perde os traços de sua origem, que os homens podem perverter, destruir não podem.

Diante deste auditório, onde está congregado o que há de mais alto na cultura nacional, parece cousa sediça lembrar alguém as excelências da palavra falada e mais ainda da palavra escrita, e principalmente da imprensa. E eu daria prova de minguado senso ocupando-me dessa matéria, se um fim muito especial a isto me não conduzisse, como vereis.

A palavra escrita, ou antes a imprensa, que hoje encarna e absorve a antiga escritura, é o maior expoente do poder da palavra humana em nossos dias, incalculável benefício do Criador ao gênero humano, a qual ainda nos seus desvios e nos males que com eles tem produzido manifesta os traços da grandeza que trouxe de sua origem. E quando os mesmos males servem para demonstrar a pujança dessa potência, sobe de ponto a demonstração por pouco que atendamos aos benefícios que ela produz. Pela imprensa se ligam e se comunicam os povos mais extremados do nosso planeta, se propagam as artes, se aproveitam os inventos. Sem ela estaria a humanidade estacionada. Pela imprensa se nos fazem presentes os séculos passados e nós podemos praticar com as gerações que nos precederam, ouvir seus gemidos, presenciar seus

feitos, testemunhar suas mazelas e seus crimes. A palavra escrita nos mete no seio os cabedais da sabedoria antiga, as lições dos filósofos, os rasgos dos oradores, a harmonia dos poetas, os brados dos profetas, a pregação dos Apóstolos, a vida, a doutrina, os exemplos e os milagres do Filho de Deus, Jesus Cristo, a quem curvo o joelho e adoro.

À imprensa, benefício providencial com que Deus dotou a sociedade, devemos a difusão da ciência, o progresso espantoso das artes, a correção e polidez dos costumes, essa civilização que nos permite assimilar o que há de aproveitável nos outros povos. Nós lhe devemos o conhecimento da nossa própria história, o prazer de ouvir os rasgos de nossos heróis, a suavidade de nossos poetas, os surtos de oradores; todo o cabedal de nossas letras, o tesouro da ciência pátria, ainda que recente, já tão rico. Sem a imprensa andaríamos às cegas dentro em nossa terra, e no meio de um arsenal opulento estaríamos de todo desarmados. A imprensa é o flagelo da tirania, e é o poder mais temido que conhecem os poderes da terra, os quais dela têm mais medo do que das armadas e dos exércitos. Julgam vencedores seus planos, quando conseguem conquistar para eles a cooperação da imprensa.

A imprensa, quer seja sob a forma de livro, de revista, de jornal, é um tribuno que fala a auditório nunca igualado na terra por nenhum sagrado ou profano. Calculai os milhares de impressos que saem todos os dias dos prelos desta cidade, cada um dos quais pode ter centenas de leitores; calculai que esses impressos penetram nos centro das famílias, no laboratório das oficinas, nos campos, nas tavernas, pregando e apostolando doutrinas, e vereis que jamais houve orador que contasse auditório tão numeroso e ouvintes de tão boa vontade; e poderemos fazer idéia do quanto vale a imprensa aplicada para edificar ou para destruir.

Podemos já avaliar o mal que causa uma imprensa inimiga da fé, da sã moral, do bom senso e da sociedade. Não há veneno tão corrosivo das entranhas da sociedade, tão deletério da pátria como a imprensa corrompida e corruptora. Envenena a inteligência e o coração do indivíduo, corrompendo-lhe assim a fonte do bem e quebrando os laços que o prendem à virtude, que são a verdade, o temor de um juiz incorruptível, a esperança de recompensa eterna. Ela torna o cidadão impaciente da lei, insubordinado e egoísta; penetra no lar e aí planta a discórdia e a infidelidade; corrompe a infância, ensina o vício,

destrói o respeito à autoridade. Se não fosse a resistência que a tantos males oferece a imprensa honesta, estaria a sociedade de todo arruinada, e impossível a vida do homem nesta terra. O mal da imprensa desviada de seu alto destino só pela imprensa honesta pode ser corrigido. Nem as leis, nem os Congressos, nem os oradores, nem os mesmos pregadores poderão sustar os danos por ela introduzidos, se potência igual – a boa imprensa – não lhes acudir em auxílio.

A talho me parecem vir estas reflexões, quando sou recebido na Academia de Letras para suceder a um dos príncipes do jornalismo brasileiro, que tanto e tanto dignificou a imprensa. Temos por empresa o aprimoramento e pureza da língua e das letras pátrias, portanto nenhum cometimento se nos pode oferecer mais próprio de nosso lema, de nosso patriotismo, do que proteger eficazmente a imprensa, que por sua seriedade, independência, honestidade e pela correção da língua, for digna da proteção desta Academia; imprensa que vergaste o vício, castigue os escândalos, estigmatize com ferro em brasa o despudor da vida pública, repila o anarquismo, e promova o verdadeiro progresso e a grandeza do Brasil.

Na classe da imprensa nobre por sua elevação, independente por seus princípios, patriótica por seus benefícios, se acha colocada uma, que infelizmente é olhada de esguelha por alguns varões de alto merecimento literário. Falo da imprensa católica, e não da imprensa devota que se ocupa especialmente de obras e atos de piedade cristã; ainda que esta pela caridade que cimenta entre os homens, pela prática de virtudes sólidas que promove, pela união íntima que procura estreitar entre a criatura e o Criador não é menos benéfica à sociedade, e nem merece menos nossa estima e gasalhado. Falo, porém, da imprensa católica em sua acepção mais ampla, dessa imprensa que deve encarar do alto os problemas vitais da sociedade, e em princípios superiores haurir força para defender a justiça e a verdade; estigmatizar o vício, proteger a virtude, propugnar pela ordem, pregar não subserviência, mas obediência racional à autoridade, repelir energicamente quanto tende, ou pode favorecer à imoralidade nos costumes ou perversão da fé. Essa imprensa tem por mira todas as questões que interessam à vida social ou particular, científicas, políticas e econômicas, e resolvê-las respeitando sempre os ditames da razão iluminada pela fé, combater o erro nas idéias e a imoralidade nos costu-

mes, mas não combater o homem a quem deve amar, por maiores que sejam as aberrações de seu espírito e a decadência moral de sua vida. Enquanto defende os sacrossantos direitos de Deus na sociedade, não prescinde os do homem e do cidadão e, mais que nenhuma outra força, promove a paz das famílias, protege a justiça dos oprimidos, cimenta a tranqüilidade social, a união dos cidadãos e assegura a integridade da pátria. Todos esses benefícios promove a imprensa católica com mais eficácia que todas as indústrias da atividade humana.

Para a imprensa católica ouso implorar a proteção desta Academia, e repito que nenhuma empresa é mais própria de sua valiosa proteção. Deve a imprensa ser não só intangível pelo lado moral como correta sob o aspecto literário. Do critério que distingue os membros desta Academia, ninguém tem direito de esperar que aprovem e muito menos protejam escritos ofensivos à moral ou hostis à nossa crença, por mais adornados que sejam de belezas literárias. Do mesmo modo deslustraríamos nosso ministério, se aprovássemos escritos de moralidade irrepreensível, mas apresentados sob forma inculta e bárbara.

Considerando a palavra sob o aspecto em que a temos encarado, nosso ofício nesta Academia toma um caráter quase direi sagrado; e nós exercemos uma espécie de sacerdócio, e rendemos culto ao Autor da natureza, tratando com respeito e carinho o dom precioso que de sua mão recebemos – a palavra falada ou escrita.

Admitindo-me como primeiro representante de um fator até agora não representado neste respeitabilíssimo Congresso, de si se está que me haveis concedido uma liberdade de que eu podia abusar, e talvez tenha abusado. Confessareis contudo que, a mim, Bispo e Brasileiro, não estava mal advogar neste recinto a causa da imprensa vista pelo prisma do interesse patriótico, moral, religioso e literário. Patrocinando esta potência inquestionável nós concorremos para o lustre do Brasil, para sua prosperidade moral, visto como Religião e língua são os mais poderosos laços que conservam as nações unidas; Religião e língua são também as mais infelizes vítimas da imprensa degenerada; assim como recebem assinalados benefícios da imprensa correta, sensata e moralizada, que nesta augusta Assembléia possui abalizados mestres. Apesar destas razões que se me afiguram valiosas, é possível que a algum de

meus distintos colegas eu me assemelhe a um frade a cantar fora do coro. Para o bom entendimento dele mesmo apelarei, e espero que desculpará no velho algum delíquio de juízo próprio da idade; e alegarei por mim a sentença que outro com menos razão alegou em ocasião não menos solene: *Liceat seni delirare!*

Foi fidalga generosidade, Srs. Acadêmicos, a honrosa distinção de escolherdes a mim, Bispo, para ter assento neste templo de letras. Dai então que, para vos mostrar quão bem avalio essa honra, ofereça a Deus, de quem sou servo inútil, toda glória, toda honra, toda distinção que advém a mim ao entrar os umbrais da Academia de letras pátrias.

II

RESPOSTA DO SR. CARLOS DE LAET

SENHOR D. Silvério:

Tudo é extraordinário nesta vossa entrada para a Academia: extraordinário, admirável, quase diria estupendo, se não receasse empregar um epíteto demasiado forte nesta Casa de expressões moderadas e comedidas.

Se elevadas posições sociais – o que aliás não afirmo – acaso têm favorecido algumas candidaturas a esta douta companhia, não assim convosco sucedeu. Muito ao invés disto, vossa alta dignidade prelatícia, indissoluvelmente ligada à fé que ambos professamos, parecia contraindicar-vos aos sufrágios de vários acadêmicos infelizmente dissociados do grêmio católico.

Por outro lado, vossa grande anciania – porque sois um pouco menos jovem do que eu – igualmente se afigurava empecilho num país de precocidades, em que os pais de família se julgam roubados quando lhes não alvorecem doutores os filhos imberbes, e onde aos trinta e cinco anos já se pode ter assento nesse conselho de anciãos, que é o Senado da República.

Finalmente, Senhor Dom Silvério, vossa incorrigível modéstia e excessivo retraimento, pondo-vos fora do contato e do bulício do mundo, claramente de vós fazia o mais impossível dos candidatos a um posto para cuja obtenção, *ad instar* do praticado em França, é condição indispensável a solicitação do interessado.

De todas essas dificuldades, porém, com seu tino superior, louvável tolerância e pertinaz energia, zombou a Academia Brasileira de Letras, que

por minha boca vos está falando. Cultora assídua do belo, soube ela compreender que a religião também é uma bela cousa. Em vez de aguardar a vossa iniciativa, pediu-vos que aspirásseis a ser um dos nossos. Ao vosso modesto escrúpulo ponderou haver certas honras que não é lícito recusar, pois tanto enaltecem o distinguido quanto o ideal que ele representa. E para tranqüilizar a vossa velhice mandou-vos ao encontro alguém que de vós, na idade, não muito se distanciasse, e, no tocante às idéias, vos assegurasse que neste habitáculo das letras a tolerância (de *pessoas*, note-se bem, que não de *princípios*) não é somente uma virtude, mas uma exigência impreterível para serenidade em nossos debates, mesmo naqueles que mais nos encandecem, isto é, os da questão ortográfica.

Há mais ainda para demonstrar o caráter excepcional da vossa entrada. Quando fostes proclamado membro efetivo, um frêmito de jubiloso alvoroço percorreu as fileiras acadêmicas. Todos se reputavam felizes podendo chamar-vos colega, e em muitíssimos semblantes se estampava o desejo de ser o indicado para a grande honra de receber-vos. Como não ignorais, à presidência, logo após a votação, compete nomear o orador. Terrível o embaraço em que então me achei! – e já tencionava empregar o antigo processo da eleição de el-rei Saul, o sorteio (processo eleitoral abandonado, mas que ainda hoje teria suas vantagens, evitando muito despeito palavroso, e até remessa de tropas), queria apelar, ia eu dizendo, para o sorteio, quando de um ateniense, perdido em nossa vasta metrópole, partiu singular alvitre, tão singular quão inesperado. O Sr. Afrânio Peixoto, esse o proponente, sugeriu, e unanimemente foi aprovado, que desta feita não fosse o presidente quem nomeasse o orador, mas a Academia quem ao presidente intimasse a honrosíssima tarefa.

Quis relutar, ponderando exação na observância dos *Estatutos*... Mas em vão. Havia um precedente, o de um genial antecessor, que aceitara idêntico encargo, embora depois não o pudesse desempenhar. O precedente em nossa terra, Sr. Dom Silvério, é formidavelmente imperioso. Entra nos tribunais; decide nos conselhos políticos. Em havendo um precedente, tudo se legaliza e fica salvo... Submeti-me, pois, ao precedente, e salvos me ficaram o direito de saudar-vos e a grande honra que disso me provém.

Notai bem, Sr. Dom Silvério, quantas argúcias podem caber numa proposta de ateniense. Às vossas palavras sempre bem meditadas não responde-

riam estuosas apóstrofes, arriscadas hipérboles, vivas enargueias de algum paredro entusiasta. Maior perigo, outrossim, não haveria, quanto ao dogma e aos costumes, na pálida, mas cautelosa resposta de um antigo escrevedor católico... E, por fim, reservadas a outros acadêmicos as recepções difíceis, ao mais débil e fatigado se deixaria a fácil incumbência do vosso elogio.

Sim, Sr. Dom Silvério, porquanto, ainda que todos na Academia sejamos imortalmente célebres, não vale negar que muito entre nós varia essa qualidade que pedantescamente denominarei – *receptividade acadêmica*. Por figurar um bom exemplo, suponhamos o caso de um dos mais difíceis de receber, e seja o de quem ora vos dirige a palavra. Imaginando-se que eu não fosse um dos primitivos e já todo feito não tivesse vindo dos remotos tempos da monarquia, – que trabalhão não fora o de quem me houvesse de receber! Que afanosa busca nos jornais onde esparsos, sepultos e merecidamente olvidados jazem os meus pobres artigos! Que esforços para justificar como fui julgado digno deste alto posto! Convosco, porém, absolutamente não... Tudo se aplaina, tudo se explica, tudo se evidencia.

Efetivamente, só insensatos desconhecem, no movimento social do nosso Brasil, a relevância do influxo católico. Cego decerto seria quem nesse influxo não descobrisse a brilhante galeria de varões apostólicos, que é o Episcopado Nacional. Nem olhos teria de ver quem nesse grupo de beneméritos logo não divisasse o Arcebispo de Mariana. Assim, por um conjunto de circunstâncias, em cujo centro figura o vosso grande mérito, nada mais fácil do que saudar-vos, quando, como régios batedores, vos precedem fama e renome, e guarda de honra vos fazem sessenta anos de serviços à religião e à pátria.

Em todo discurso qual o que há pouco proferistes, e embevecidos ouvimos, há, Sr. Dom Silvério, um arcabouço comum. Sem falarmos dos acessórios adornos de pensamento e de estilo, é preciso que o novo acadêmico algum tanto se ocupe do padroeiro da sua cátedra, e com certa longura trate do seu imediato antecessor. Desse duplo encargo maravilhosamente vos desempenhastes.

Com relação ao patrono da vossa Cadeira, fostes devidamente justo. Joaquim Caetano da Silva é o tipo desses brasileiros sisudos, circunspectos, austeros, cuja fôrma parece haver-se perdido no tumulto das revoluções. Pessoalmente o conheci quando ele era Inspetor Geral da Instrução Primária

e Secundária do Município da Corte, de 1861 a 1867, quadra em que no Colégio Pedro II fiz o meu curso de Letras. Com seu porte majestoso e basta cabeleira reproduzia uma dessas figuras que emolduradas vivem séculos nos quadros antigos. Era um literato, um poliglota, um diplomata e, mais que tudo, um patriota. Dele se pode afirmar que foi um dos precursores da conquista do Amapá; e, antes que sobre esse litígio secular se houvesse travado a derradeira pugna sob a chefia de Rio Branco, já em profundíssimos estudos e alentados volumes tinha Joaquim Caetano firmado o nosso direito.

Quando, Sr. Dom Silvério, a justiça histórica, tardia, mas inevitável, tiver decidido que para a glorificação do segundo Rio Branco não bastam as placas de ferro de uma avenida; quando em uma das nossas praças públicas se erigir a estátua do grande homem que tornou o Brasil, em território, maior do que jamais fora – então no pedestal do monumento hão de figurar duas nobres efígies: uma, a de Joaquim Caetano; e também a de Teixeira de Melo, que foi consócio nosso, menos conhecido, porém não menos eficaz preparador de outra incruenta vitória – a do Contestado das Missões.

Vosso imediato predecessor, Sr. Dom Silvério, na Cadeira que hoje vindes ocupar, foi bem feliz em vos ter antecedido. Com máxima solicitude, com aquele esmero que pondes em todas as vossas obras de caridade, perlustrastes cuidadoso os escritos do notável jornalista e atraente orador que ele soube ser, e neles descobristes o *quantum satis* para a todos os espíritos generosos – e entre eles requeiro um lugar – levar a convicção de um cristianismo que passara talvez despercebido, mas que ora já não o está, depois que sobre ele projetastes o luminoso feixe da vossa crítica. Inquisidor benévolo, aí sublinhastes solenes profissões de fé, clarões de esperança, suavíssimos arroubos de piedade. Vossos esforços em tal sentido eu os considero coroados de pleno êxito; e tanto me convenceram que de modo nenhum me sorririam, neste lugar e nesta ocasião, as penosas funções que nos processos de canonização cabem ao *advocatus diaboli* – funções aliás necessárias, e absolutamente não desairosas, como não o são as dos órgãos do ministério público nos juízos criminais. Delas entretanto abro mão, Sr. Dom Silvério, primeiro porque, como já disse, não há resistir à vossa demonstração; e, depois, porque altamente me sensibiliza o afeto com que estudais os homens, não investigando culpas para as acusar, mas esmerilhando bondades para abençoá-las.

Fui contemporâneo e franco adversário do vosso antecessor; terríveis e sem tréguas os combates em que nos empenhamos; mas pronto me acho para, diante de seu túmulo, abater a minha espada e fazer-lhe continência, desde que, com a vossa grande autoridade, nos dais a segurança de que ali, naquela sepultura entreaberta, repousa um pensador cristão.

Assim esgotado, Sr. Dom Silvério, este delicadíssimo assunto, permiti que, não como vosso conselheiro, que não ousaria ser, mas pela íntima confiança que deve reinar entre confrades nas letras, eu vos ponha de sobreaviso quanto a futuros julgamentos relativos a jornalistas e políticos, e notadamente a políticos jornalistas.

Pelo seu diuturno contato com as turbas, essa espécie de letrados adquire uma curiosa natureza psicológica. Eu já me explico.

As revoluções, que se jactam de ter acabado com a tirania dos príncipes, engendraram nas multidões outras e mais poderosas tiranias. Isto, aliás, é humano, e já o tinha previsto esse grande gênio que foi Shakespeare. Quando, na sua tragédia *Julio César*, o povo, amotinado, sabe que fora morto o ambicioso ditador, imediatamente rodeia o assassino e frenético exclama: "Seja agora Bruto o nosso rei!" Que quer isto dizer? Que os povos, quando repousadamente não se educaram para a liberdade, em lhes faltando um senhor, procuram logo outro. Todos, antigamente, se inclinavam ante a vontade, nem sempre razoável, dos monarcas absolutos; tremem hoje todos ante os ditames das sociedades de resistência. Lisonjeavam-se outrora os cabeças coroadas: parlamenteia-se hoje com o monstro de mil cabeças. Ora, o jornalista moderno, colocado em frente da hidra, deixa de ter pensamento próprio para em si mesmo gerar a multiplicidade de opiniões. Passa a ter muitas almas. *Homo duplex*, escreveu Buffon; mas Buffon não conhecia a evolução, melhormente eu diria a involução, da democracia: *Homo multiplex*, escreveria ele hoje.

O jornalista político, segundo a necessidade inelutável de acompanhar a onda da opinião, e de não a contrariar opondo-lhe a dele, o que desastradamente lhe angariaria antipatias e diminuiria a circulação da folia, longe de ser o diretor, é o joguete das maiorias, e, por isto, não raro lhe sucede, antes de escrever, indagar como e em que sentido o faça.

Sabeis, Sr. Dom Silvério, que nós, os velhos, muito gostamos de contar histórias, do que nos não devemos envergonhar, porque também as contava, e

encantadoras, Jesus Cristo, nosso Mestre e Senhor. Ouvi, portanto, uma, que não deixa de ter graça, e talvez nos traga lição.

Em certo jornal, cujo redator-chefe costumava publicar artigos religiosos na Semana Santa, aconteceu que uma vez não o pôde fazer. Estava ausente, tinha ido à Europa concertar as nossas e suas finanças. Para o substituir foi então convidado um jornalista emérito. Erudição, talento, estilo, nada lhe faltava. Em breve ficou tudo ajustado: dimensões do artigo, local em que seria estampado, e também o preço da colaboração, porque *dignus est operarius mercede sua*... Mas o articulista, por vezo do ofício, tinha muitas almas, e, antes de se despedir, indagou qual delas conviria no momento. – "Já sei, disse, que tenho de escrever sobre o Cristo: mas pró ou contra?"

Este caso, Sr. Dom Silvério, provavelmente nunca se passou. Mera ficção, podemos, a nosso talante, localizá-la no espaço e no tempo. Fique, pois, assentado que sucedeu na Ucrânia, cinqüenta anos anteriormente ao fim da Grande Guerra, isto é, meio, século antes que o navalismo inglês tivesse aniquilado o militarismo germânico.

Seja como for, convenhamos que seria um curioso espécimen de teratologia psicológica; mas se o acoimardes de artificial e, prudente observador, quiserdes *in situ* surpreender a natureza, não vos há de faltar azado ensejo. Lede, por exemplo, atentamente os discursos que este ou aquele festejado orador tenha declamado em assembléias de incréus, vociferando contra a fé católica; e cotejai-os com as expressões maviosas em que se derrama no meio dos bons padres e colegiais. Arroubados então ficam devotos clérigos, extasiam-se cônegos, monsenhores, e deles há que logo correm a felicitar o Onipotente pelas simpatias do potentado ou pela adesão do conselheiro... Eis porque, Sr. Dom Silvério, ouso premunir-vos quanto a futuros julgamentos. Acertastes hoje, poderíeis enganar-vos amanhã... Em se vos deparando alguma dessas multíplices personagens, imitai o avarento de Molière, e, quando o homem vos tiver mostrado duas mãos, quero dizer, duas almas, perguntai-lhe ainda pelas outras.

Em rápida enumeração das vossas obras, Sr. Dom Silvério, aparece em primeiro lugar, por ordem cronológica, o livro a que pusestes como título: – *Prática da Confissão*.

O tribunal da penitência! Especialíssimo tribunal, em que não há promotor, nem advogado, nem oficiais de justiça, nem soldados em armas; onde o réu é quem se denuncia e acusa, e o juiz quem anima e consola; onde se ajoelha o remorso e se levanta a paz de consciência! Para isto, Sr. Dom Silvério, traçastes o bom caminho. Felizes os que por ele corajosos enveredam! Deploremos os que recalcitram discutindo; porém mais ainda os que, de olhos fechados, se contentam de sorrir!

Escusado é notar que, nesse vosso trabalho, à certeza doutrinal aliastes as graças do bem-dizer; nem de outra opinião foi alguém de indiscutível autoridade, aquele venerado bispo do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, tão brilhante orador quão vigoroso polemista.

"É um livrinho – escreveu ele em setembro de 1874, da sua prisão da ilha das Cobras – é um livrinho, no meu ver, de ouro, não só pelo claro, metódico e seguro da doutrina, – dote este último que não se acha em muitos de nossos tratados – senão também pelo mimo e suavidade do estilo, tão perfumado daquela ingênua elegância dos nossos velhos clássicos que não duvidaria chamar a Vossa Reverendíssima de nosso *Brasileiro Bernardes*, se porventura para tais batismos literários me não falecesse completamente jurisdição." (P. 10 da 2.ª edição.)

Mais tarde, após a morte de Dom Antônio Ferreira Viçoso, oitavo bispo de Mariana, escrevestes a *Vida* desse colendíssimo prelado. Estoutro livro, de que conheço duas edições, não é somente uma excelente obra: foi uma boa ação. Mostrara-se Dom Viçoso vosso amigo e protetor, quando, aos quinze anos de idade, pela casa vos entrou a morte, tirando-vos o pai, e em seu lugar deixando lágrimas, penúria, viuvez e orfandade. Aproveitou-vos Dom Viçoso a vocação e fez-vos seminarista. Deus vos fez padre e bispo. O que em amparo recebestes, melhormente não o poderíeis pagar do que como o fizestes: com a moeda da gratidão e o prêmio da fama imorredoura.

Sei bem, Sr. Dom Silvério, que pela vossa, pela minha maneira de ver, pouco interessa ao justo esse fantasma de vida afeitado pelo positivismo com o pomposo letreiro de *imortalidade subjetiva*; – pensamento nosso que com formosa imagem otimamente expressou Lamartine, quando perguntou que é que ao cisne, em surto às alturas, acaso importa a sombra que ainda projeta sobre a relva do prado... Mas, humana, literariamente falando, eu vos asseguro

que Dom Viçoso irá vivendo no vosso livro, enquanto se fale português, tempos tão alongados quanto os de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires nas páginas de Frei Luiz de Souza.

Porventura, Sr. Dom Silvério, com vos elogiar, sincera e vorazmente, a limpidez e a singeleza estilística, assim vos recomendo aos leitores contemporâneos?

Receio que tal não seja.

O gosto dominante é, com efeito, o do rebuscado, estrepitoso, bombástico, extravagante, escandaloso, nas letras e nas artes, que umas e outras são aspectos da alma social. Percorrei as nossas avenidas, e vereis, no mais horripilante ecletismo, torrinhas, minaretes, cúpulas aceboladas, zimbórios bizantinos a coroarem casas que são pesadelos arquitetônicos. A grande pintura, a pintura histórica, morta depois de Victor Meireles e Pedro Américo, que cantaram na tela a epopéia da guerra paraguaia, tornou-se caprichosa, mas muito caprichosamente decorativa... Na estatuária, há bandeiras flutuantes de bronze, donde emergem cabecinhas de heróis. A dança, que entre os gregos era arte bela e patriótica, pede esgares e contorsões lascivas ao populacho das tavernas... E se, sem deslustre, pudésseis freqüentar os nossos cinemas, teríeis curiosa impressão daquilo em que desandou a música orquestral. Há nela agora uns guizos, chocalhos, matracas e maracás, instrumentos bárbaros que imitam o coaxar das rãs, o silvo da cobra, o pipocar da girândola, o estouro da mina, miaus de onça, berros de feras enraivadas... O povo, que com isto se deleita, dormira ouvindo um noturno de Chopin, ou vaiara melodias de Bellini. Todo o meu receio, portanto, é que, viciado pelas disfonias da moda, esses tais vos achem dessaborida a dicção, por não ser neologista, pernóstica, excêntrica, exótica, nevrótica, histericamente impressionista. Depois que os srs. médicos lhes meteram em cabeça que o gênio é uma nevrose, muitos se fazem malucos por ver se acabam geniais... Quero esperar, contudo, que ao menos nesta Academia, acrópole, último reduto das boas letras nessa invasão do mau gosto, devidamente apreciadas sejam as qualidades do escritor que Macedo Costa cognominou *Bernardes Brasileiro*, e para quem eu hoje, tão menos competente, e antes de mim já muitos outros, reclamamos as láureas do autor da *Vida do Arcebispo*.

Que dizer, Sr. Dom Silvério, das vossas pastorais, tantas, tão repetidas, quantos os dias em que se vos faz necessário corrigir, afastar do mal, corroborar no bem os povos sob vossa jurisdição paternal? Tive a feliz idéia de solicitar que do vosso Arcebispado me as enviassem, e de lá me vieram não menos de vinte e tantos opúsculos – *opúsculos* no tamanho, porque não sois dos que gastam palavras só pelo gosto de escrever, – mas verdadeiras obras bem acabadas, modelos no seu gênero, austeras nos ensinamentos, e sempre com as naturais louçanias que vos caracterizam o frasear.

Nos estreitos limites de um discurso... perdão! nos acanhados moldes destes períodos com que vos estou recebendo, não cabe a detida análise dessas vossas produções; mas permiti que ao menos de uma eu desentranhe pequenino trecho, em que como que se estereotipa a nota distinta da vossa individualidade.

Depois de anunciardes, como era mister, a vossa exaltação ao sólio episcopal de Mariana, em 1897: "Quanto me confunde, exclamastes, quanto que confunde e abate este pregão solene! E é de força que eu o faça. O pobre filho de Antônio Alves Pimenta e Porcina Gomes de Araújo é hoje Bispo de Mariana! Altos juízos de Deus!"

E logo disto tirando consectário para proveito espiritual:

> Aqui tendes, queridos irmãos, uma confirmação eloqüente do sistema observado por Jesus Cristo desde a fundação da sua Igreja, que é escolher instrumentos tão desproporcionados aos efeitos desejados que entre pelos olhos de todos ser o braço de Deus quem tudo faz, e que o homem é nada.

Basta... Quanto são diferentes, Sr. Dom Silvério, os nossos e os vossos processos! Nós, os do mundo, quando exumamos antepassados, é para dos seus sarcófagos tirar insígnias e veneras com que nos adornemos; vós, no momento em que a Igreja vos aclama seu príncipe, lembráveis os nomes obscuros de vossos pais para na vossa humilhação glorificar a Deus! Mas não importa... Longe de vos abaterdes, vós vos exaltastes, e também a eles... Eu não sei, Sr. Arcebispo, se faço mal acreditando que lá do *etéreo assento*, como disse Camões, não só memória, mas também visão se consente deste mundo –

visão que, aliás, segundo a Escritura, não se recusa aos Anjos, testemunhas que são dos variados lances das lutas terrenas... Pois bem! se assim é, mais de uma vez, nos seus modestos jazigos, terão exultado os ossos de vossos maiores – *et exultabunt ossa humiliata* – e eles, os vossos pais bem-amados, aí, agora, se acham convosco, assistindo, como no dia da vossa exaltação episcopal, à vossa sagração nas letras!

Em seguida às pastorais, permiti que eu mencione um dos vossos menos conhecidos trabalhos, aquele que em 1885 publicastes com o título: – *À Morte de Minha Mãe* – e que nunca mais reimprimistes, no que fizestes muito bem, porque não se repetem os transes em que quase todos havemos agonizado junto ao leito de morte de entes idolatrados.

A um dos vossos irmãos no Episcopado, o egrégio Dom João Esberard, de quem me ufano de ter sido íntimo amigo, estranhei certo dia, amistosamente, o prolongar das lágrimas com que pranteava sua santa Mãe; ao que com dolorida razão me contestou: "Filho, vós outros que tendes esposa e prole, com muitos repartis o vosso afeto. Não assim o padre católico, cujas ternuras todas se volvem para os pais e mães que os acarinharam..."

Tal também devera ter sido, Sr. Dom Silvério, a vossa dor imensa, e imprudente eu me tornaria se, depois de tantos anos, mais me detivesse nesta página lutuosa.

A isto prefiro saudar-vos com dois títulos que, fora do círculo, aliás amplíssimo, dos vossos mais próximos, talvez não sejam bem conhecidos pelo que afrancesadamente se costuma chamar o *grande público*. Ora bem, a este revelo que haveis poetado, não digo em vernáculo, o que bem pode ser que haja sucedido, mas no opulento idioma do Lácio. Em versos latinos vossa justeza da metrificação (hoje descurada, mesmo nos cursos oficiais) pede meças à inspiração. E jornalista igualmente o fostes, Sr. Dom Silvério, "*em tempo de tormenta e vento esquivo*" para a nave católica.

Como Davi, não duvidastes baixar ao campo da batalha e apedrejar o incircunciso que afrontava as hostes de Israel. Homens da nossa idade, e mesmo muito mais moços, devem ter lembrança dos combates que na imprensa do Rio e na das províncias travou com o Episcopado o maçonismo chefiado por Saldanha Marinho, sob o pseudônimo de *Ganganelli*. Os poderes públicos tomaram então partido contra os bispos, e, assim malferindo essa grande

escola de autoridade que é a Igreja Católica, inconscientes desfecharam o primeiro golpe contra a monarquia. Vossos valentes artigos, claro está, pleitearam a boa causa, que era a da liberdade de consciência ante o regalismo absorvente. Não sei se, depois disso, ainda freqüentastes o jornalismo... Quer parecer-me que não... Tanto pior para o jornalismo!

Que deste formais verdadeiro conceito, compreendendo-lhe a força, lastimando-lhe os excessos, desejando vê-lo encarreirado ao bem – assaz o comprova, Sr. Dom Silvério, o que tão lucidamente expusestes, deprecando o apoio da Academia para a imprensa digna deste nome e que não minta à sua missão: nem pelos nobres corações a quem vos endereçastes, deixará de ser atendido o patriótico apelo.

Poeta e jornalista – essas as últimas facetas que mostrei do cristal da vossa inteligência; mas ainda me resta acentuar que, da palavra, cujo elogio tecestes, não somente a escrita haveis cultivado, ou mesmo só a falada do alto da cátedra sacra, e logo repercutida em jornais, mas também a palavra santamente humilde, com que de contínuo, *opportune ac importune*, ides ao encontro das almas aflitas e periclitantes nesse intérmino jornadear que são as vossas visitas pastorais. Ora, permiti que a tal respeito eu evoque uma impressão pessoal.

Quando o Marechal Floriano (a quem Deus tenha em glória) entendeu que à minha saúde, e à de outros concidadãos melhormente convinham as alterosas montanhas de Minas, não empestadas pelo estado de sítio, durante onze meses me alberguei no *coração de ouro* desse *gigante de ferro*, para me servir de uma bela imagem de Gorceix; e de povoado em povoado às vezes divagava, por disfarçar o tédio e a melancolia da minha situação. Certo dia, ao cair da tarde, toda a gente do lugar onde eu pousava entrou a movimentar-se. Havia no êxodo uma curiosa mescla de meios de condução. Vagarosos e chiantes carros de bois recordavam tempos dos Merovíngios. Trêfegos cavalos e meditativos muares transportavam mancebos, velhos e damas, de quem nunca se diz a idade. Caminhava alegre a pé a mor parte da multidão. O céu era límpido, daquele azul safíreo que só têm as terras altas e secas. Deliciosa frescura repassava o ambiente. Do lado oposto ao sol no ocaso já cintilavam estrelas, como por não desampararem de luz a amplidão celeste; e contra a zona oposta e luminosa se destacavam os braços negros de um cruzeiro, des-

ses que a religião dos mineiros planta sobre os cômoros, dominantes as suas aldeias e cidades... Súbito, o gilvaz de um rojão listrou de fogo a celeste abóbada... Mais outro, mais outro... Procurei então com a vista, no grupo que se aproximava, o potentado cuja vinda era dessarte saudada por todo aquele povo... E éreis vós, Sr. Dom Silvério, vós que não comandais um soldado, que não tendes empregos a dar, que nunca vos enredastes em política, mas que ali, nos vossos domínios arquiepiscopais, como aliás em toda parte onde vos acheis, exerceis a mais tirânica das autoridades – a autocracia da fé, o despotismo do amor.

Assim tem sido a vossa obra: – una, constante, invariavelmente dirigida ao alto. "Toda ciência (quem o disse foi, não um Padre da Igreja, mas o libérrimo Victor Hugo) toda ciência acaba em adoração." Vossas letras, Sr. Dom Silvério, são uma adoração perene; e por isto, melhor símile não posso para elas achar do que uma dessas catedrais em que na Idade Média colaboravam legiões de arquitetos, escultores e alvanéis.

Primeiro, sobre a rocha indestrutível da Verdade assentastes os alicerces dos princípios; e lenta, mas progressivamente, erigistes as paredes da majestosa fábrica. Fizestes o corpo do templo, e nele o santuário, ante o qual acendestes a lâmpada inapagável da nossa fé. Aí vemos colunas que do solo se alteiam, como esses esteios da crença que nem por subirem ao céu desdenham o apoio da razão humana. Há, pelos capitéis e cimalhas, umas grinaldas de anjos e revoadas de flores. Pelas janelas esguias coa-se a luz cromatizada nos vitrais. Uma penumbra de mistério reina ao longo das naves, e lá estão os confessionários, onde ensinastes aos culpados a conquista do perdão. Vedes ali um púlpito, e ele é também domínio vosso, porque dele freqüentes desceram os vossos ensinamentos. Há, sob as lajes de uma capela, um túmulo, o de um santo (perdoai-me agora as antecipações da canonização): é o túmulo de Dom Viçoso e, por vós invocada, revive essa augusta sombra, e ainda nos dá lições.

Não é tudo: a igreja tende a subir, e alça-se em torres, onde há ogivas que são como mãos postas para o céu. Ascendemos para o azul, vamos subindo, subindo – mas ainda é pouco. Atentemos nos bronzes sagrados, e eles nos dirão que, correndo vales e serras, mais longe do que o deles foi o brado das vossas missões. A torre acumina-se, atira para cima a sua flecha, e nesse hastil,

já tão próximo do infinito, desabrocha uma flor, a Cruz, que ao mesmo tempo é patíbulo e epinício, supremo abatimento e martírio triunfal!

Eis, Sr. Dom Silvério, o símbolo do que haveis feito. Podem não amá-la, à vossa obra, os que desamam a religião: mas, sob pena de cancelo nos seus diplomas de estetas, lícito não lhes é menosprezarem a solidez e os primores do lavor, nem a perfeita unidade de vossa construção.

Ai de nós, quando a comparamos com as nossas! Quantos combates havemos ferido, somente propugnando ambições ou vaidades! Quantos esforços despremiados, ou desdenhados pela ingratidão! Vós não, porque pelejastes o bom certame. Não há, porém, comparar o caleidoscópio, de instáveis ou coloridas figurações, com o telescópio, majestosamente assestado às profundezas do cosmos. Nossa escusa única, a dos que talvez errada, mas penosamente labutamos, é que variados e complexos são os nossos ideais, por serem humanos: o vosso é Divino, e por isto chegou para vos encher uma longa vida.

Senhor Dom Silvério! Um jornalista malicioso – defeito da profissão, o qual, felizmente, não se me apegou, – tratando-se da festa em que ora vos recebemos, antecipou conceitos tão graciosos quão verdadeiros. "Teremos, disse, um Arcebispo recebido por um conde, isto é, por um companheiro do Papa. Será delicioso! Vai ser um *Te Deum*!"

E disse muito bem o jornalista engraçado. Um *Te Deum*! Mas um *Te Deum* é a mais solene e comovente ação de graças ao Deus onipotente e benfazejo. Para haver um *Te Deum* preciso é que nele colabore a poesia sacra medieva, tão pujante de inspiração quanto a arquitetura contemporânea sua; é preciso o gênio musical de um Palestrina, de um Lulli, de um nosso José Maurício; é preciso o perfumoso encanto dos altares, o fulgor das luzes, o povo em recolhido silêncio, o concerto dos instrumentos apoiando o mais perfeito de todos, que é a voz humana... Um *Te Deum*! Mas um *Te Deum* é a expressão mais subida do amor e da gratidão: – do amor que é o nexo de todos os corações bem-nascidos; e da gratidão, que é a mais formosa das pérolas no oceano dos sentimentos!

Seja como for, Sr. Dom Silvério, nosso *Te Deum* está feito... Podem agora festivos repicar os sinos da publicidade!

Sacerdote de uma religião de paz, de concórdia e de bênçãos, grata vos seja a tolerância dos que não crêem, e todavia vos elegeram; abençoai-nos a nós, os que apesar de tudo ainda cremos, *immota fides*; e a uns e outros cingi em amistoso amplexo, a todos os que congraçados vos recebemos, e com as modestas palmas da minha palavra exornamos o vosso triunfo. Sede muito bem-vindo!

Discurso do
SR. XAVIER MARQUES

e

Resposta do
SR. GOULART DE ANDRADE

Sessão solene extraordinária
do dia 17 de setembro de 1920

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHORES:

Um dos fundadores desta Casa, Valentim Magalhães, cuja memória nesta ocasião me é grato evocar, fez que eu certa vez, cativo de sua insistência, lhe prometesse candidatar-me à primeira vaga que se abrisse na Academia. De ânimo leve, um tanto fascinado, prometi; mas apenas acabara de fazê-lo, tamanhos se me afiguram os óbices por vencer na íngreme subida a que me convidava o amigo, que achei conveniente ir-me logo afeiçoando à idéia de uma evasiva, com qualquer pretexto, no momento oportuno, isto é, no momento crítico. Essa oportunidade, aliás, por efeito e para gáudio da minha intenção secreta, distanciava-se tanto mais quanto ao meu espírito, intimamente dissuadido, repugnava corvejar sobre hipóteses lutuosas. Ao tempo, afinal, à ação imprevista do tempo, o liquidatário de tantas esperanças e tantos compromissos, entreguei a incumbência de desatar mais este e restituir-me à paz de uma abstenção muito avisada e concorde com a minha consciência.

Valentim Magalhães possuía aprimorado, no melhor sentido da expressão, o espírito de camaradagem. Nunca lhe pude ouvir as razões que o induziram a considerar plausível a minha entrada, desde aquela época, para a Academia. Pessoalmente nunca nos conhecemos. E somente em honra do seu caráter afetivo assinalo a simpatia com que sempre distinguiu o autor que dezenove anos antes estreara nas letras sob os auspícios de sua brilhante

nomeada. Outros, tendo-o conhecido de perto, acordam com Euclides da Cunha em atribuir-lhe certo exagero no modo de admirar os talentos da sua e da nova geração, abrangendo no círculo de uma "afabilidade radiante" não só escritores de qualidade, "mas até os mais obscuros escrevedores da província". Este testemunho satisfaz-me. Provavelmente desses seus hábitos de pródigo, e mais da nossa falta de convivência, proveio não ter ele sentido quanta fantasia lhe invalidava as boas intenções a meu respeito. Latino Coelho, escrevendo com chiste a psicologia dos pretendentes, subordinou-lhes o êxito à condição de terem o necessário estro, sem o qual não haverá mais que a ínfima capacidade de aspirar, quando muito, a ser guarda da alfândega ou escrivão de juízo de paz. Trate-se de emprego ou honraria, essa afinidade dos pretendentes com os poetas em lucubração julgo-a mais que uma agudeza humorística. O portador de grandes ambições tem alguma analogia com os inspirados: vive em um estado agudo da vontade, possuído de um hóspede divino que lhe segreda lisonjas entontecedoras; todas as suas energias, monopolizadas, convergem para aquele ato de criação de que resultará sua própria imagem nobilitada e engrandecida. Mal dos que se deixam contaminar de humildades, ascéticas ou filosóficas, sempre fatais a qualquer espécie, ainda a mais razoável, de ambição.

O tempo, para quem eu, com tão pouca fé pessoal e desvalido de "estro" havia apelado, deu a mais desconcertante resposta aos meus desígnios. Vi-me forçado a contrariá-los, a pensar seriamente, com outro ânimo, talvez até superstícioso, em um compromisso que de súbito se me impunha, entre surpresa e dor, sagrado pela morte. Em março de 1903 dizia-me em carta o saudoso acadêmico: "Escreva-me, dando notícias suas, e decida-se a apresentar-se à primeira vaga da Academia Brasileira." Em menos de dois meses, em 17 de maio, verificava-se a vaga. Era a de Valentim Magalhães...

Assim é que fui candidato, sem ilusões, quando razão não tinha para esperar senão um justo revés: candidato por um desses motivos irraciocinados do sentimento, que às vezes nos levam a arcar com aparências audazes e emprestam colorido extravagante, pretensioso, no caso, às ações mais inocentes. Escusa acrescentar, uma vez que aqui estou, que eu me não encolhi duravelmente no temor daquelas aparências. Porque, encurtando razões, e por falar como o modesto pastor da fábula,

qui n'a dans la tête
Un petit grain d'ambition?

Esta reminiscência é uma homenagem do coração devida àquele que, embora trocando pela justiça a liberalidade, primeiro cogitou de franquear-me este egrégio cenáculo. Por exígua que seja, eu não a podia negar-lhe. E só isto me absolverá de haver falado de mim para dizer-vos mais do que o meu comovido agradecimento e o quanto me acho desproporcionado ao peso desta investidura com que me honrastes, sem parte e sem voz nos diálogos dos grandes espíritos que aqui se congregam representando a cultura brasileira.

* * *

Todavia é com relativa tranqüilidade que me aproximo da Cadeira patrocinada por Manuel Antônio de Almeida. Esse amigo das letras edificou uma tradição de benignidade a que podem confiadamente agasalhar-se os literatos de menor valia. Jornalista e crítico, foi também autor de um romance único, escrito com os dons singelos que a natureza lhe concedeu e a muita mocidade lhe não consentiu acrisolasse. Essas dádivas naturais bastaram no entanto para garantir a vitalidade do seu livro, em que se tem o quadro mais flagrante dos nossos costumes no começo do século XIX. Este livro, aqui aparecido entre 1854 e 1855, intitula-se, como sabeis, *Memórias de um Sargento de Milícias*.

A trivialidade, o cômico exterior, a pitoresca licença da vida plebéia daquela época, encarnada em tipos característicos, tais como o do meirinho, estadeando no uso da casaca, do calção e do espadim um grande ar de "majestade forense"; o do barbeiro tagarela que acumulava à serventia das navalhas e do prato a das lancetas de sangrador; o do escolar gazeante, a coçar a jaqueta ou o robissão de lila em madraçaria atrás dos cortejos da via-sacra; o da mulher de mantilha, beata e parteira, inseparável dos bentinhos, do palmito bento e da garrafa de soprar; o do arruador valentão, de chapelinho à orelha, "cheio de dictérios e chalaças", mas feroz no "sarilho"; o do mestre de reza, pago para embutir o padre-nosso, a golpes de palmatória, na cachola das crias de casas burguesas: essa ingênua galeria, quase totalmente desaparecida do cenário social sob os escombros de dous regimens, não teve observador mais

arguto nem mais ladino intérprete de suas malícias, de seus enredos, de suas paixões vulgares. Tampouco lhe faltou o talento descritivo para pintar ou restaurar, com o auxílio da crônica e da tradição, onde já não era possível a observação direta, as cenas, as paisagens, as decorações em que ressurgem os personagens grotescos da curiosa burleta nacional, cada qual individuado, sem contudo exorbitar do costume, na lógica do seu temperamento. As "folias" e a festa do Espírito Santo, a começar pelas pompas pueris do imperador do Divino e seu séquito de cantores, tocadores de pandeiro e tamboril, até ao fogo de vistas no Campo dos Ciganos, onde se erguia o "império"; a casa do caboclo que dá fortuna e cujos clientes, surpreendidos na dança macabra pela chibata do major Vidigal e seus granadeiros, eram metidos em danças mais afervoradas; a esquina do Ouvidor, ponto de reunião e cavaco dos beleguins da corte; as súcias fora da cidade, em noites de luar, com musicata de violas e machetes, de fados e modinhas, – são painéis em cujas tintas se revêem os amadores do Rio colonial. Em situações ou lances dramáticos, conquanto se não ponham em jogo senão paixões elementares, amores fáceis, ciúmes risíveis, apetites carnais, medíocres invejas e vinganças, a habilidade do narrador só foi excedida pela naturalidade, a concisão e o movimento dos diálogos que ele soube compor em uma língua sápida, vivaz, de lídima forjadura popular. Qualidade não somenos é esta para quem sabe quão argüido foi Balzac de emprestar discursos inverossímeis aos heróis dos seus admiráveis romances. Saiu assim a pintura de Manuel de Almeida tão viva e natural que a crítica de hoje, apesar do nosso rigoroso formalismo em arte, de boa mente lhe relevou o desalinho da frase e a inconsistência da forma, tendo por excelentes compensações a veracidade e a fidelidade com que foram reconstituídas as figuras corriqueiras da velha sociedade carioca. E se deste modo procedeu a crítica profissional, por seu turno o público, abrandando a inflexibilidade da regra de Buffon, não deixou perecer por insuficiência de estilo a obra do espontâneo e jovial contador das aventuras dos Leonardos.

Mas os livros também correm os seus fados. *Habent sua fata libelli.* O destino deste fê-lo quase despercebido da geração a que pertenceu o autor, e talvez pelas mesmas causas que o tornaram interessante aos olhos dos pósteros. Os historiadores das letras quando o não desconhecem, apenas o mencionam. Ferdinand Wolf, que consagra um capítulo à introdução do romance na

literatura brasileira, arrolou-o simplesmente, fora do texto, entre outros que só conhecia de citação. Registra-o Inocêncio da Silva, mas com o critério de bibliognosta. Fernandes Pinheiro e Sotero dos Reis nem notícia tiveram, ao que parece, da existência do romancista.

Nos dias em que viveu Manuel de Almeida, de 1832 a 1861, repercutiu e lavrou no Brasil o entusiasmo romântico. O Romantismo teve aqui uma ação considerável e duradoura, influindo em todos os ramos da nossa atividade espiritual. Como em toda a parte, escapando à estreiteza das fórmulas e definições, incompressível e difuso, ele forma um ambiente em que o espírito se impregnou de aspirações e idéias novas. Considerem-no uma reação individualista contra o gosto clássico ou o racionalismo, um reflorir das tradições e crenças místicas da Idade Média, a predominância do idealismo, da imaginação, da intuição, do sentimento, o Romantismo foi em síntese a expressão da mentalidade rejuvenescida que em princípio do século passado começou a despertar na Europa com uma visão nova do mundo e da vida e diversa concepção das relações do homem com o universo. Por isso mesmo que partiu de um conceito tão geral, veio a abranger nas regiões do pensamento humano as manifestações mais variadas: a moral, a política, a arte, a ciência, a literatura. Isto se verificou largamente no país que lhe assinam por berço. Lichtenberger especifica-lhe os efeitos: no domínio da ciência, opondo a especulação idealista ao empirismo e ao método analítico; na esfera religiosa, ligando a alma ao infinito pela contemplação direta das maravilhas do cosmos; na ordem política, suscitando o esto patriótico e o amor das instituições lentamente desenvolvidas no curso da História. O direito foi concebido, não como um ato deliberado da vontade, mas resultando inconsciente e necessariamente da alma nacional; a arte, não como um produto da reflexão, mas da imaginação e da sensibilidade. Tanto quanto lhe proporcionaram as revelações incompletas do gênio nacional, o Romantismo, na fase em que se acentua, invadindo a consciência da classe culta, irradiou no Brasil o seu influxo penetrante. Em Gonçalves de Magalhães teve um intérprete da sua filosofia, ao mesmo tempo que um poeta de inspiração emanuélica. Na política refletiram-no os princípios liberais, as tendências particularistas das províncias, o lirismo dos oradores parlamentares; e entendia Sílvio Romero que a própria Constituição já era uma excelente amostra do nosso proto-romantismo. Os costumes e as várias

feições da vida social tomaram cores românticas. Na literatura deparou-se-lhe o campo mais fértil e mais vasto. O coração dos poetas enriqueceu-se de fibras mais sonoras. A alma se lhes derramava, como a água de um vaso muito cheio, ao mais ligeiro choque. Da ternura à melancolia, do amor ao desalento e ao desespero, todos os sentimentos, emancipados da medida clássica, prorrompiam em ritmos mesclados, cuja confusão dava às vezes a impressão do delírio. A miragem, o sonho, o maravilhoso, a fantasmagoria, todas as deliqüescências, todos os requintes da imaginação rivalizavam com a veemência das paixões, sempre transbordantes da forma. Os grandes nomes desse glorioso período histórico são assaz conhecidos. As suas obras constituem a maior parte do nosso cabedal literário. São, abreviadamente, os poemas de Magalhães, Porto-Alegre, Macedo, Francisco Otaviano, Gonçalves Dias, Dutra e Melo, Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu. Nos gêneros romance, novela e teatro, as produções de Araújo Porto-Alegre, de Norberto Silva, de Teixeira e Sousa, de Macedo e José de Alencar. Teixeira e Sousa, que foi dos mais fecundos escritores dessa primeira geração romântica, fazia-lhe honra, enchendo os seus livros, nota um crítico moderno, de salteadores, subterrâneos, incêndios, envenenamentos, assassínios e ressurreições, o que concorda com o juízo de Wolf quando lhe assinala a dileção pelo trágico e o terrível, patenteada em "imbróglios interessantes" e "soluções surpreendentes". Falando de Macedo e outros do seu tempo, denunciava o mesmo historiador, como um caráter comum a quase todos, a tendência ao misterioso e à complicação da intriga, quando não faziam, como Norberto em seus contos, verdadeiros melodramas ou "imitações exageradas das produções da escola pseudo-romântica". Tanto, porém, se entranhara no gosto da época a sentimentalidade e o fictício da escola, que Fernandes Pinheiro julgava tecer o melhor encômio ao autor da *Moreninha* alegando ter ele pintado "com mórbido pincel os mais imperceptíveis matizes da vida íntima, sem que jamais naufragasse nos parcéis do realismo". Ora, precisamente nesses "parcéis" é que se salvou o jovem e descuidoso autor das *Memórias de um Sargento de Milícias*. Com um talento objetivo que contrastava a idealização e a subjetividade extrema dos demais, vingou a realidade menosprezada em excesso por estes e descreveu com tal verossimi-

lhança e precisão de pormenores as cenas do seu romance que passa hoje o mesmo por um paradigma de sadio e discreto realismo.

Fora demasia pensar que o faceto narrador dos amores de Luizinha entesourava em sua natureza um poder de reação capaz de o insular das influências dominantes do meio e do momento, a que se não furtaram nem Gonçalves Dias nem José de Alencar. Mais que provável, é admissível que as páginas que ele deu ao jornalismo e o drama lírico que consta haver deixado, provem a sua filiação ao Romantismo. O certo, porém, é que dentro daquela atmosfera de ação difusiva sobre o sentimento, propícia a enganosas refrações e ilusões de óptica, ele conseguiu isolar certa porção de verdade que foi o elemento vivificante de sua obra. Sem ser gênio, teve seguramente a sua hora de abstração, rara oportunidade à plenitude da individualidade humana, e produziu este livro ditoso que vai vivendo paradoxalmente, a despeito de graves negligências de linguagem. É lícito mesmo se lhe reconheça a consciência dos ridículos da escola, quando, por exemplo, ajuíza de um dos caracteres que engenhou: "o homem era romântico, como se diz hoje, e babão, como se dizia naquele tempo". Esse traço não acentua menos que outros o gosto pouco conforme de Manuel de Almeida à estesia reinante. Vinculado à mesma estirpe intelectual com os seus ilustres contemporâneos, torna-o deveras curioso a circunstância de sobressair nele uma qualidade que, sendo das essenciais ao Romantismo, em sua ascendência européia, foi a mais ausente do espírito dos nossos românticos. O conceito filosófico da potência criadora do poeta e do artista, segundo o idealismo alemão, coloca a estes em condições de se imaginarem sempre superiores às suas obras e reservarem à margem da sinceridade com que nelas se incorporam uma vista isenta, clara e perspícua, aberta para as imperfeições e os limites dessas parcelas do ideal realizadas. Esse contra-estímulo ou freio inibitório, esse poder de se não iludir é a ironia romântica, já então definida por Tieck, uma força que permite ao poeta dominar a matéria de que trata e não se render inteiramente ao seu assunto, mas conservar-se acima dele.

Manuel de Almeida em cada passo do seu romance está nessa atitude cauta e prevenida, expressão, seja consciente ou inconsciente, de uma desconfiança interior, resignada e humorística, respeitante à fragilidade e contingência do mundo imaginário a que procura comunicar o sopro vital da arte.

Valeu-lhe isso como um preservativo contra as pieguices da paixão, e manteve-o no campo do natural e do verdadeiro. Reunindo ao senso da realidade a poesia do passado, o seu romance é ainda por este último título, além de um documento, uma relíquia literária, dessas que, à semelhança das de família, inspiram aos povos o culto enternecido das tradições, o carinhoso respeito às cousas que lembram o verdor do seu espírito e a infância da sua civilização.

O querido folhetinista carioca não deixou talvez de sua existência mais bela cópia. Para as ações excelsas, para as brilhantes aventuras pouco viveu. Ou viveu pouco ou a fortuna lhe foi esquiva e negou-lhe desses encontros felizes de que volta saciada uma juventude, tendo galopado pela estrada onde tantos se arrastam ou caem alquebrados, como mendigos, sem trazer no alforje mais do que esperanças fanadas. Manuel de Almeida, diplomado em Medicina e funcionário da Fazenda, exerceu entre outros cargos o de diretor da Ópera Nacional. Morreu aos trinta anos, em um naufrágio, como Gonçalves Dias. Indulgente e acessível, guarda na imortalidade o caráter que em vida revelou, como atesta a sua complacência, na direção da Imprensa Nacional, para com o distraído tipógrafo que seria mais tarde Machado de Assis. Não será por certo dos seus menores méritos o haver adivinhado e favorecido com espontânea amizade o futuro artista-filósofo, aquele que mais já fez pela universalidade da nossa literatura.

Conta-se de Sócrates que, sonhando, vira um pequeno cisne procurar refúgio em seus joelhos, mas em breve estender asas e voar, desferindo melodias que encantaram os homens e os deuses. Ao outro dia apresentaram-lhe pela primeira vez o jovem Platão, e Sócrates, subitamente iluminado, exclamou: "Meus amigos, é o cisne que vi em sonho." Manuel de Almeida não foi menos vidente nem menos afortunado acolhendo como amigo, em seu gabinete, ao iniciado que diante dos caixotins da oficina se esquecia da tarefa a trocar confidências com a musa. A distância que há entre as *Memórias de um Sargento de Milícias* e as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é o argumento com que o destino lhe apoiou aquele rasgo, de conseqüências tão fecundas para o patrimônio das letras nacionais. Cabe-lhe a glória inconteste dos precursores, glória que não deslumbra nem desacoroçoa, antes estimula as vocações, sempre atraídas pelas pegadas desses pioneiros. O caminho que ele con-

correu para desbravar era trinta e seis anos depois a estrada larga e orlada de loureiros por onde passou Inglês de Sousa. Este mais não fez que praticar um ato de inteligente justiça quando lhe inscreveu o nome, cingido de palmas, no alto desta Cadeira.

* * *

Herculano Marcos Inglês de Sousa, escritor e romancista, abriu outras e diferentes vias à atividade sobrada do seu espírito. Sua personalidade é um diamante de mais faces. Nela se desdobram, em invejável harmonia, os três aspectos que lhe possibilitaram o viver integralmente para as necessidades da sua época: as faculdades racionais do cultor da ciência, as energias efetivas do homem de ação e a potência imaginativa do homem de letras. O campo de fenômenos que lhe forneceu o objeto de conhecimento científico, o das ciências morais e sociais, particularmente do direito, propiciou-lhe a cultura simultânea da imaginação literária. Despontaram ao mesmo tempo o jurista e o novelista, enquanto pela virtude de um caráter simpático às soluções vitoriosas da prática, ele confirmava o apotegma do filósofo italiano: a vida não se encerra toda ela na academia para os literatos, no foro para os advogados.

Era filho do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa e de D. Henriqueta Amália de Góis Brito Inglês, ambos de linhagem conspícua pela representação intelectual e social. Nascido em 28 de dezembro de 1853 na antiga província do Pará, partiu com 11 anos de idade para o Maranhão, onde esteve internado em uma casa de ensino secundário. Passou ao Rio e do Rio a Pernambuco, em cuja Faculdade de Direito se matriculou e estudou até o quarto ano. O último cursou-o na Faculdade de São Paulo, aí recebendo o grau de bacharel em 1876. Tinha então vinte e três anos de idade. Suas aptidões já experimentadas durante o curso, nos debates pela imprensa e nos comícios políticos, rasgavam-lhe esplêndidos horizontes. O labor prático arrebatou-o desde logo, mas sem lhe estagnar na alma as fontes do idealismo por qualquer especialização demasiado absorvente. A sua vida, aliás, vai ser até o fim a demonstração de um raro paralelismo: a conjunção do estudo e do trabalho, das idéias e das aplicações; uma razão lúcida para conceber e um pulso viril para realizar. Coube-lhe, com efeito, em correspondência com todos os seus princípios, afirmar-se a la par na ordem dos fatos concretos.

Advogado durante cerca de quarenta anos, Inglês de Sousa não conheceu a estreiteza e a secura da inteligência profissional. Uma das vantagens dessa profissão, disse, falando a advogados, o presidente da República Francesa, Raymond Poincaré, está em oferecer aos que a adotam uma tarefa social sem lhes restringir o horizonte do pensamento. Todavia, de que íntima expansibilidade não haverá mister cada dia o espírito, a fim de reagir contra o automatismo invasor que, pela repetição das fórmulas, do processo, dos estilos forenses, tende fatalmente a encarcerá-lo, subtrair-lhe a elasticidade, a encurtar-lhe os remígios? E todo ofício, não há dúvida, desde que praticado com dedicação e funda compenetração do dever, importa certa uniformidade de movimentos e uma correlativa incapacidade de adaptação a novos ritmos. No caso do ilustre paraense é de crer já lhe circulasse na organização muita seiva generosa antes daquela com que os estudos morais costumam fecundar a nossa vida interior e a cujo efeito nutriente se desenvolve no homem o interesse pelas cousas que o libertam do pequeno círculo das preocupações rasteiras, materiais, e egoísticas. A advocacia não foi para ele o ato quase maquinal que se passa entre a banca e o foro, entre a clientela e o mundo judiciário; não foi a rotina lucrativa que centraliza as energias da vontade e a isola numa laboriosidade não isenta de desaire. Ela o não privou do convívio nobilitante dos belos ideais; tampouco lhe afrouxou a austeridade ou diminuiu a tensão ao escrúpulo com que discernia as causas propostas ao seu patrocínio. O causídico admirado pelo talento e a proficiência, ainda mais porventura se impunha pela ética irrepreensível. Da advocacia, tão largamente exercida, desde o consultório em Santos até o Rio, onde se estabeleceu com a fundação da República, havia ele de tirar elementos para uma alta reputação, que veio a culminar, por saber, moralidade e consciência, na fama do jurisconsulto. Os frutos opimos da sua cultura e prática do direito recolheu-os o país, a sociedade, a ciência, a instrução superior: foram os sábios ensinamentos do catedrático da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro; foi a sua presidência do Instituto dos Advogados; a colaboração nos Congressos Jurídicos e no Congresso Pan-Americano; os luminosos pareceres e razoados produzidos perante os tribunais; a sua contribuição para a reforma do processo ordinário e sumário; são as obras com que enriqueceu a nossa literatura jurídica, notadamente *Títulos ao Portador*, pelos competentes considerada

clássica, e estoutra "obra monumental", que é, ao parecer unânime dos seus pares da Câmara dos Deputados, o projeto de Código Comercial. Só este projeto, disse da tribuna uma voz autorizada, basta para que a memória do autor "permaneça vívida entre os cultores do direito e benemérita na pátria a que ele bem serviu como político, como jurista e como homem".

Sob o aspecto propriamente intelectual e da ação, ainda outras formas assume a descomunal capacidade de Inglês de Sousa. O seu pensamento, abstraindo dos preceitos jurídicos e regras processuais, logrou descortinar outras esferas, onde atuava e tanto mais se comprazia quanto eram esferas concêntricas do Direito. No círculo máximo deste viu ele a política, e a política é de fato uma das forças em que se lhe decompõe a prodigiosa atividade. Caráter equilibrado, desconheceu certas oposições, antes lógicas que naturais, que discriminam os espíritos teóricos e os espíritos práticos, e outras que interdizem o ajoelhar ante o altar da beleza e aqueles que se alistam na milícia da verdade. Mais plástica, mais compreensiva e humana é a sua natureza. Nos jardins de Cipião, em alguma daquelas conversações que enchiam de graça e luzes de sabedoria as férias latinas e onde sobre a forma de amena controvérsia se manifestavam os eternos conflitos do real e do ideal, ele poderia conciliar os pontos de vista de Philus e de Laelius, este preconizando como o estudo mais digno do homem "as ciências que nos fazem úteis à república", aquele pugnando por que não renunciemos as "verdades sublimes", neste "universo que os deuses nos deram por morada". Na tolerância do seu temperamento neutralizam-se, fundem-se todos os antagonismos, e deixam de altercar tendências e qualidades que um arraigado preconceito separou em antinomias necessárias.

São sem conta as vítimas do erro, da ilusão e da perplexidade na escolha do caminho para o êxito. Inúmeros são os loucos, como lhes chamou Marco Aurélio, que fatigam a vida em ações sem escopo definido. Lamentáveis sobretudo aqueles que, atormentados pela curiosidade metafísica de certos problemas humanos, esboçam apenas na consciência assustadiça vagos desejos e aspirações sem finalidade. A sociedade abriga em seu seio muitas dessas atividades sem órbita. Afora o que delas utiliza o instinto da conservação, não se sabe quais outros fins as solicitam deveras, porque andam de experiência em experiência, tornando de rumos que pareciam bem encetados, acumulando funções que não são idôneas, arrostando empresas que muito mais

vigor demandam. A concorrência de objetivos, em tais casos, não significa ductilidade, mas volubilidade; não é uma qualidade da inteligência, é um defeito do caráter. Inglês de Sousa teve a fortuna de nunca errar caminho, ele que tantos percorreu, e a ventura maior de ver brotar em cada trato lavrado pelo seu esforço, com o favor dos dons aparentemente opostos que o privilegiavam, uma obra de utilidade, um primor de inspiração social. Dispersou-se, mas sem desperdiçar-se. As tarefas em que se repartiu foram todas determinadas por aptidões verdadeiras. Por isso não forçou nenhuma das posições a que ascendeu e pôde com igual talento ser político, participar nessas lutas pela salvaguarda, o governo e o bem do Estado, lutas à feição da sua têmpera, pois já as reputava Cícero não só o mais glorioso emprego da atividade, mas o melhor ensejo da virtude, "que deve ser toda de ação".

Na política estreou-se desde estudante em São Paulo, militando no partido liberal, de cujo órgão na imprensa, ao lado de José Bonifácio, foi redator. Valho-me aqui dos testemunhos dos contemporâneos seus e de representantes das antigas províncias, onde exerceu funções públicas, legislativas e administrativas: todos lhe assinalam a constância e proficuidade do trabalho, a exemplaridade do caráter cívico em perfeita relação com a nobreza de sua vida privada. Eleito deputado à Assembléia Legislativa paulista, "os seus trabalhos e discursos eram norteados por uma orientação segura e fecunda, exercendo influência salutar nas deliberações daquela casa". Por sua iniciativa cria-se a Escola Normal, cujo regulamento é ainda ele quem elabora, a pedido do presidente da província. Na situação liberal que instituiu e pôs em prática a eleição direta, foi nomeado presidente de Sergipe. Ali "não se limitou a presidir à eleição direta, pela primeira vez que se aplicava a Lei Saraiva". Apesar de curta sua administração, de 1881 a 1882, teve tempo de remodelar a instrução pública, de viajar o interior da província e cuidar dos meios de transporte, "chegando a levantar em um estabelecimento de crédito desta capital a quantia necessária para os estudos preliminares de uma linha férrea que ligasse Simão Dias a Sergipe". No trato com as facções políticas "soube opor uma resistência legal e pacífica aos vexames, aos desmandos, à quase desorganização que se notava na província e conservou sempre a mesma resistência na luta e a mesma moderação na vitória". Uma das suas primeiras providências, ao chegar a Sergipe, foi transferir para a Bahia a guarnição militar, que se

havia revoltado. O Governo imperial, reconhecendo-lhe os bons serviços, agraciou-o com o oficialato da Rosa. Governou também a província do Espírito Santo, deixando em uma reforma do ensino elementar duradouro vestígio de sua presidência. Inaugurado o novo regímen, aceitou-o, sendo mesmo convidado pelo Marechal Deodoro para governador do Amazonas e indicado para igual cargo em Pernambuco por Silva Jardim e Aníbal Falcão. Esteve alguns anos arredio dos negócios públicos. Dessa abstenção tiraram-no por fim os conterrâneos, conferindo-lhe o mandato de deputado à Câmara Federal. Era já enfermo e combalido, mas não sabia resignar-se à inação e escusar-se do dever. À causa pública deu até os últimos alentos. Os seus ombros atléticos suportaram ainda outras responsabilidades: a direção e propriedade do *Diário de Santos*, a *Revista Nacional de Ciências e Letras*, de que foi fundador com Antônio Carlos, em São Paulo, a secretaria do Tribunal de Relação da mesma província, a diretoria da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, a fundação do Banco de Melhoramentos e da Companhia Agrícola, Industrial e Colonizadora de São Paulo, a tesouraria da Academia Brasileira de Letras.

A 6 de setembro de 1918 repousava em paz o varão insigne, de alma forte e serena, a quem os imperialistas de ontem, não obstante a nobre simplicidade de suas maneiras, a modéstia e o silêncio de que se cercou, teriam chamado com justeza um apóstolo de energia.

* * *

Inglês de Sousa, convém relembrar, nasceu na antiga província do Pará, em uma pequena cidade do século XVIII, primitivo assento de índios pauxis, à margem esquerda do baixo Amazonas. A situação de Óbidos, plantada na eminência de uma colina, a quinhentas milhas do litoral, é das mais pitorescas, notara Agassiz. A largura do rio não chega ali a dous quilômetros: o que permite ao observador alcançar de vista ambas as margens, dominando um vasto panorama de selvas e águas que desenrola para o nascente e para o poente. É também, no curso do majestoso rio-mar, o último ponto aonde se faz sentir a palpitação das marés atlânticas.

Tendo vivido toda a infância no regaço da floresta equatorial, saturando a alma na surpresa dos estupendos fenômenos que singularizam aquelas

paragens, o escritor paraense prometia exatamente a obra literária que nos deu, e tal qual a formou, sob influxo poderoso, numa espécie de identificação panteística em que o gênio regional aparece fecundando a sua sensibilidade enamorada. Vívida, sincera, pessoal, essa obra é a filha legítima das núpcias dos seus sentidos com a natureza amazônica. Circula em toda ela a seiva redundante que arroja as frondes da samaúma, e a linfa diluvial que sulca e abebera em todos os sentidos a planície contínua. É ampla e densa, como a amplitude exaustiva da terra e como a espessura das águas invasoras que a penetram. Por toda a parte são rios que se alongam, cruzando as suas torrentes, ora claras, ora túrbidas, a céu aberto ou sob esparavéis de verdura; são os lagos onde se refractam os raios fulgurantes dos astros do Equador; são as dilatadas sombras da floresta ubíqua e obsessora, em cujas entranhas se obstina a insociabilidade agressiva do selvagem. Não lhes falecem, entretanto, na monotonia de tais espetáculos, as mesmas louçanias que iluminam de quando em quando a pradaria luxuriante ou o balseiro de águas estofas, por cima do qual se entretecem com altas ervas, caniços e largas folhas rosadas de malva, alcatifas que se rasgam varadas pela igarité do tapuio. Síntese desse belo selvático seja o esplendor da "vitória-régia", o lírio colossal dos igarapés, "tipo do transbordamento da natureza vegetal dos trópicos". Quem leu que a não retenha na memória visual aquela página vivamente colorida em que Agassiz nos conta a sua excursão ao lago Máximo, circundado de magníficas florestas que a plumagem cintilante das araras esmalta de amarelo, verde, azul e escarlate, em busca dos recessos onde se banha, defendido por agudos espinhos, entre folhas de cinco pés de diâmetro, o nenúfar gigantesco, símbolo da pujante formosura do equinócio, o rosicler da vitória-régia, em cuja pintura se esgotam todas as gradações do róseo, e o branco aveludado, saltando pela púrpura sombria, se repete nos tons lácteos, do centro, com vislumbres de ouro...

Mas Inglês de Sousa não foi mero pintor de esplendorosas paisagens. A vida com a sua harmonia superior, nas energias cegas ou conscientes do instinto e da razão, igualmente lhe põe em jogo as robustas faculdades representativas. Evocando-a com intensidade, em toda a extensão e multiplicidade dos fenômenos respectivos, é que ele se privilegiou com os foros da grande arte e se fez um revelador de almas ou, como se diz na *República* de Platão, um criador de fantasmas. Apesar da simplicidade dos seus processos literários,

justo é se lhe reconheça, com Araripe Júnior, o vigor da imaginação. Tratando-se de literatura, é comum associar-se a essa palavra a idéia de translação metafórica e quase reduzir a imaginação àquela que se manifesta no estilo por uma profusa eflorescência de imagens verbais. A linguagem de Inglês de Sousa, correntia e singela, clara e luminosa, não se priva em absoluto desses recursos translatícios, de que nos dá espécimens fortemente pitorescos. É imaginosa e vivace, naturalmente, sem repensado lavor, quando em *O Missionário* fala do seminarista ainda cheio de recordações do viver campestre: "na ânsia de assegurar-se da verdade, de agarrá-la fisicamente como a um bezerro rebelde"; quando diz do sacerdote no altar: "unindo o polegar e o indicador de ambas as mãos mostrava o êxtase da alma suspensa entre o céu e a terra"; e dos pecadores contra a lei do Cristo "a pregá-lo outra vez na cruz dos seus desatinos"; e do coração que vai medroso confiando os seus segredos "com a precaução com que se abriria uma gaiola de pássaros para não deixar fugir os sentimentos à uma, em tropel confuso". Até aqui a invenção de expressões; mas não se exaure nesse broslar da frase o dom que com razão se considera a faculdade mestra dos romancistas. Quanta imaginação, de fato, não requerem as mil combinações de traços, de circunstâncias, de particularidades, as situações, os incidentes, as fisionomias, os gestos, as peripécias, os desenlaces de que se constitui a história fictícia, a descrição ou a narrativa em cuja textura aparece às vezes tão intensa e imediata a realidade, que mal se pode crer seja um prestígio de imagens antes que sensações experimentadas ao contacto direto das cousas. Assim era com o pintor a quem alude Paulhan, o qual já prescindia do modelo, porque deste lhe estavam presentes todas as feições, as linhas, as formas, a cor e a postura em que o retratava. Fala-se em observação... Mas o momento da observação não coincide com o momento da criação. Aqui é a vez da imaginativa. O artista tem duas vistas: aquela com que vê os objetos e aquela com que os reproduz. E esta só se exercita bem a olhos fechados. Inglês de Sousa foi dotado de ambas, em grau eminente. O seu espírito observador cobriu-se no frescor da idade, de um arabesco de impressões que um dia, já ele ausente da terra natal, no Recife e em São Paulo, começaram a projetar-se em descrições de panoramas animados, como surgiam os palácios e cidades à luz da lâmpada de Aladino. Não menos maravilhosa é a imaginação do escritor que evocou e descreveu com os seus encantos perigo-

sos de mameluca, cercada do seu povo de potâmides, *gens humida*, a giganta amazonense, a terra proteiforme e genesíaca do nosso extremo norte.

A Amazônia é o capítulo fantástico da geografia brasileira. Os que nunca a vimos, sonhamo-la como um abismo de raridades e prodígios; mas os que a perlustram acabam indefectivelmente encampando as mesmas fantasias. Desde a figuração do seu físico até a narração da permanente aventura em que transcorre ali a existência humana, tudo nos impele ao devanear do subjetivismo, aguçado pela resistência do inextricável. Ela não é só o *haschich* dos temperamentos líricos. Nas suas várzeas rebalsadas, onde se elaboram os venenos palúdicos, a febre do entusiasmo acomete os espíritos mais lúcidos e positivos. O grande rio "evoca em tanta maneira o maravilhoso, que empolga por igual o cronista ingênuo, o aventureiro romântico e o sábio precavido". Desses maravilhados o mais recente e brilhante exemplar foi o próprio escritor da "Terra sem história", cuja imaginação, posto que racionalizada pelos hábitos mentais do cientista, não pôde forrar-se ao hiperbolismo dos símiles e conceitos. Em frase remontada, de surtos épicos, ei-lo transportado a épocas geológicas imemoriais, recompondo na "terra mais nova do mundo", com espécimens de fetos arborescentes, monstros da fauna anfíbia e certas formas anacrônicas, reminiscências paleontológicas, semelhantes ao sáurio alado, a paisagem pré-histórica onde a cada passo o assalta "uma impressão paleozóica" e o homem, "intruso impertinente", passa como um fantasma trôpego emergindo apenas do dilúvio terciário.

Entretanto, em meio de tais hipóteses, miragens e analogias mais ou menos alucinadas, um fato se contorna bem preciso em sua desoladora fatalidade: é a pequenez, é a debilidade do homem no seio daquela estupenda natureza. A terra-mãe submete os seus filhos a uma implacável seleção; esmaga-os no próprio gesto maternal com que os amamenta; devora-os a descuido, como Gargântua indiferentemente tragava salada com peregrinos de envolta. Ainda se está por saber qual o tipo humano talhado para triunfar, pela saúde e a longevidade, na luta com as intempéries do encharcado deserto, no longo e doloroso processo de adaptação ao seu clima. Os "aimaras" de peito largo, refere Kirchoff, descendo dos planaltos peruanos até à margem do rio, a fim de trabalharem nas lavagens do ouro, morreram quase todos, vítimas do ar muito denso das baixadas. Mas dos que sobreviveram, logo na segunda gera-

ção se verificava, pela estreiteza do tórax, um menor desenvolvimento dos pulmões, já apropriados à economia do esforço e à defesa do organismo. Os nossos heróicos cearenses e demais brasileiros do Nordeste continuam, eles sós, a suprir, à custa de miséria e tormentos infernais, a vida que foge espavorida dos plainos do Amazonas, flagelada pela agrura das condições climatéricas. Já Montesquieu pensava que os povos dos países quentes são tímidos como os velhos, e porque os seus nervos estão menos protegidos pelo tecido epidérmico as sensações se lhes tornam em regra violentas. Daí poderem-se distinguir os climas pelo grau de sensibilidade, da mesma sorte que são distinguidos pelos graus de latitude. Mas se de fato as influências climatéricas são debilitantes para os seus naturais, no sombrio pantanal brasileiro, não menos certo é que o aparato da natureza exterior, as forças e os fenômenos com que ela se ostenta soberana e formidável, têm levado o alarma e o assombro aos mais fleugmáticos, aos mais acerados e impávidos exploradores oriundos da fria Europa. A pororoca, as terras caídas, a cheia, o desabar das florestas, o extravio dos rios, a submersão de ilhas, o paludismo, anunciam furores de um minotauro; perturbam, abalam e dobram os mais aprumados ânimos, enquanto o solo alagadiço, inconsistente, sem feições definidas, repele o traço diuturno e todo o relevo de construção durável. Notou a propósito um daqueles visitantes estrangeiro da selva equatorial que a combinação do grande calor e abundante umidade, dando extraordinário viço à vida vegetal, parece com esse mesmo vigor rechassar os homens e os brutos. E observam todos que a fauna da Amazônia não está em relação com a pujança da sua flora. O homem evidentemente não o está, nem física nem moralmente. Sitiado de perigos multiformes, ele tateia o seu futuro como em um quarto ato de *Macbeth*, sob o mau signo de potências mágicas, com pesadelos e visões de florestas que o investem. A mutabilidade do cenário contagia-o. Condenado ao nomadismo estéril, à espreita sempre do mal, de um inimigo, de uma catástrofe, não conhece a volúpia de viver, nem o trabalho aturado, metódico, sedentário, em que se preparam e solidificam as civilizações. O lodaçal do Nilo, cujas águas se submeteram ao regímen das leis faraônicas, foi a matéria plástica de uma civilização que esculpiu na crosta do planeta monumentos perenes, atestados do esforço secular de um povo que soube vencer o deserto bravio. O nascimento do Egito datam-no os historiadores do dia em que os seus habitantes

conseguiram regular o curso do rio, calhar-lhe as aluviões e sanear-lhe as margens. Poderemos acaso sondar o futuro em que no limo do Amazonas cessem de perecer em gérmen aspirações vitais e se plasme a raça forte que o integre na economia nacional com a sua possível função civilizadora?

Intentou-se, é verdade, defender o clima "caluniado", acusando a intemperança e a imprudência dos homens. Euclides da Cunha descontou os exageros da imputação; mas a rigorosidade, a insalubridade do clima não a deixou menos confirmada com o usar o eufemismo – "eliminação generalizada dos incompetentes" ou eleição dos mais dignos de viver. Do efeito dessas inclemências sobre a inteligência e a moralidade dos indivíduos é ainda ele quem fala: "Naquele perpétuo banho de vapor, compreende-se a vida vegetativa sem riscos e folgada, mas não a delicada vibração do espírito na dinâmica das idéias, nem a tensão superior da vontade nos atos que se alheiem dos impulsos meramente egoísticos". Este fato testificou-o implicitamente o autor da *Viagem ao Brasil*, quando em visita ao Amazonas. Na superfície do globo, segundo o vaticínio condicional do célebre naturalista, não haverá região mais afortunada, se algum dia as faculdades intelectuais e morais do povo se concertarem com as galas deslumbrantes e a riqueza imensa de que a dotou a natureza. Ora, cerca de cinqüenta anos faz que o sábio estrangeiro proferiu esse voto profético; e decorrido meio século, eis como pinta a situação ali um dos escritores que atualmente encarnam o patriotismo estudioso e militante da juventude brasileira: "É um inimigo forte, aparelhado em frente de uma vítima desacautelada e tímida. O fator antropológico é insignificante em presença do fator cosmológico. É uma luta desigual e tremenda a que o equador assiste, há perto de quatrocentos anos..."

Essa é a Amazônia trágica, eriçada e misteriosa dos forasteiros, dos aventureiros e dos desbravadores, dos naturalistas e dos geógrafos, dos regatões e dos seringueiros. A visão de Inglês de Sousa é menos pávida e pessimista. Afogada em inundações, extraviada em matas virgens, perseguida de pragas e malefícios, a Amazônia que lhe tocou a sensibilidade, constelando-a de emoções artísticas, é todavia muito menos revolta, menos excêntrica e dantesca. É a Amazônia vista através de uma afeição filial, que se aquilata e fortalece ao próprio açoite das severidades maternas. Familiarizado com os seus arrancos e com tudo o que debaixo daquele céu atroa e espanta, ele a vê e a retrata

nos seus pequenos aspectos encalmados, nos seus oásis de vida doméstica, nas tréguas que lhe tem concedido a natureza tumultuária. São esses recantos de paisagem que nos deparam os *Contos Amazônicos*, compreendidos sob esta rubrica todas as primícias, neste gênero literário, publicadas pelo estudante paraense em São Paulo. Nas praias do "mar de água doce" não há positivamente como organizar um viver de pastores na Arcádia. Sem embargo dos contras, lograram as missões dos jesuítas, já nos séculos XVII e XVIII, florescer ao longo do rio, e mais de um viajante lobrigou em sítios que foram aldeamentos e hoje são vilas e cidades, uma imagem, posto que grosseira, da tranqüilidade e dos costumes bucólicos. Essa imagem achamo-la também nestes *Contos*, onde sorri a felicidade um pouco menos efêmera dos casais entregues ao labor pacífico do campo, à orla da floresta, nas vivendas dos sítios ensombrados de cacaueiros, nos igapós e nos lagos piscosos a pescar peixe-boi e tartaruga. "É naturalmente melancólica, escreve Inglês de Sousa, a gente da beira do rio. Face à face toda a vida com a natureza grandiosa e solene, mas monótona e triste do Amazonas, isolada e distante da agitação social, concentra-se a alma nesse apático recolhimento, que se traduz externamente pela tristeza do semblante e pela gravidade do gesto. O caboclo não ri, sorri apenas; e a sua natureza contemplativa revela-se no olhar fixo e vago em que se lêem os devaneios íntimos, nascidos da sujeição da inteligência ao mundo objetivo e dele assoberbada. Os seus pensamentos não se manifestam em palavras, por lhes faltar, a esses pobres tapuios, a expressão comunicativa, atrofiada pelo silêncio forçado da solidão." É assim que ele no *Voluntário* nos traça o perfil da velha tapuia de Alemquer, na varanda da choça, a ver passar o rio e a fiar tucum para tecer a maqueira.

A possível estabilidade e rotina da existência, na remissão ou intermitência dos flagelos naturais que assolam aqueles vilarejos quase lacustres, é essa do caboclo indolente e pensativo que ao cair da tarde, "depois de ter comido a sua lasca de pirarucu assado ou a gorda posta de fresco tambaqui com pirão de farinha d'água, molho de sal, pimenta e limão, ia sentar-se à soleira da porta, donde contemplava o pôr-de-sol entre os aningais da margem do rio, e ouvia o canto da cigarra chorando saudades da efêmera existência que a tananã oculta, em doce estribilho, consolava". Ou é o idílio da gentil Mariquinha de Vila Bela, à beira do lago onde alvejam as flores da batatarana, e

em cujas águas se refletem as imagens radiosas desse Amor *de Maria*, que vai ter um epílogo desgraçado, como não é raro nos amores do resto do mundo, porque um jovem "costumado aos namoros fáceis do Pará pensava que em Vila Bela, na vida estreita da aldeia, podia impunemente brincar com o sentimentalismo das raparigas". É ainda a exaltação coletiva dos povoados, ofendidos no pundonor patriótico, protestando com o vigário, o juiz, o professor e o delegado de polícia, e subscrevendo para desafrontar a honra nacional espezinhada na questão Christie. E para não ser menos costumeira a vida dessas cidades reclinadas à margem do Amazonas e dos seus tributários, lá surgem entre as evocações do novelista as cenas de banditismo de Jacó Patacho e seus quadrilheiros, cujas atrocidades fazem passar o estremeção do horror pela alma fria e silente do caboclo; ou a recordação ainda mais tétrica da Cabanada, com os seus cabanos vestidos de algodão tinto em murixi vermelho e armados de terçados, arvorando à popa das montarias, por furos e paranamirins, aos gritos de "mata-marinheiro", a bandeirola rubra da revolta contra a fazenda e a vida dos portugueses e maçons. Mas há também a compensação do prazer, nas expansões festivas do "sairé", e a compensação do sonho, em promessas de fortuna e gozo, embora falazes, como aqueles rebanhos encantados da serra do *Valha-me-Deus*, sempre a fugir dos olhos dos tapuios que lhes viam os rastos e lhes ouviam os mugidos.

Nessa pinturesca e instrutiva psicologia das populações ribeirinhas e sertanejas do alto e do baixo Amazonas, ao passo que interpreta a alma pasmada do curiboca em face de um mundo deveras assoberbante, nos deu o psicólogo a medida do que era, e talvez do que seja, a sedimentação social naquele terreno incerto, cadenciada pela oscilação secular dos seus povoadores. Quis ele porventura sugerir a sociabilidade da raça, mercê de um vínculo menos frágil e precário que o dos ajuntamentos de adventícios e o dos arraiais provisórios, constituídos de exploradores de riqueza, incapazes de depositar qualquer tradição. Na Amazônia observada e refeita pela imaginação do romancista configura-se, a despeito dos elementos hostis do meio dispersivo, um tipo de sociedade que se consolida pelo sentimento histórico de um passado vivido em comum. E não só isto. Já aí se descobre uma expressão moral, acentuada em idéias e aspirações dignificantes da raça.

É o que Inglês de Sousa mais desenvolvidamente inculca em seu livro capital, *O Missionário*. Desdobra-se aqui em exuberantes capítulos a formação sucedânea da tribo amazonense, com a gente nativa e a família regional presa ao solo por todos os interesses, simpatias, dependências e necessidades que lhe circunscrevem o destino. É a sociedade de Silves, pequena vila emoldurada em florestas, à margem do lago Saracá. O grosso de sua povoação compõe-se de tapuios, mamelucos e outros mestiços mais apurados; são pescadores de pirarucu, plantadores de cacau, colhedores de andiroba e copaíba, regatões que percorrem o labirinto fluvial chatinando pelos longínquos empórios do guaraná e da castanha. Os industriosos fabricam urus de palha e cuias; as mulheres são fiandeiras e tecem redes de embalar. Ainda não há por aí o seringueiro, que virá mais tarde, com a descoberta do ouro branco. Sobre esse fundo plebeu salienta-se o escol da vila: o presidente e os vereadores da câmara municipal, o coletor das rendas públicas, negociantes estabelecidos com casas de varejo, proprietários de sítios, o professor público, o delegado de polícia, o sacristão da matriz... Falta o vigário, mas está a chegar, e Silves em festa vai esperá-lo a bordo do vapor que fundeia no lago, cercado de montarias.

O padre Antônio de Morais, do seminário de Belém, rapaz sanguíneo e forte, criara-se na soltura do campo e era filho de um fazendeiro de Igarapé-mirim, homem de "largos apetites nunca saciados". O regímen do seminário combateu-lhe os excessos do temperamento, ou, antes, derivou-os em exaltação mística. O novo vigário de Silves é um pastor de conduta exemplar, todo consagrado aos deveres do seu ministério, e tão assíduo nos atos religiosos que afinal esgota o fervor do rebanho, incapaz, por índole, de longa tensão espiritual. Descontente com o relaxamento e a indiferença dos paroquianos, o padre Morais procura confortar-se nas reservas de idealidade que a ambição de glória lhe entretinha na alma de romântico. Resolve então abandonar a paróquia e ir pelas brenhas catequizar os índios mundurucus. Afronta com ardor inexcedível obstáculos e perigos, padece tremendas privações; nada lhe entibia a fé e o ânimo combatente. Antes, porém, que pise os domínios da selvagem Mundurucânia sucede-lhe aportar a um sítio delicioso, à sombra de altos castanhais, onde uma ninfa de sangue mameluco o retém cativo dos seus "olhos lânguidos de creoula". Padre Morais precipita-se das alturas do seu

sonho grandioso de apóstolo na salacidade trivial dos escravos do instinto. Era uma estátua de pés de barro.

Não tentarei a apreciação literária desta obra notável, que teve críticos dos mais ilustres e aplausos conscienciosos. Como restrição a tais louvores, é certo, houve que lhe achasse muito vasto o cenário para o drama, que, a fim de o preencher, se amplifica e amiúda em excesso. Prefiro ver nesse feitio do livro a prolixidade reflexa da terra, e na sua aparente desproporção uma admirável simetria com o meio e a humanidade – *rari nantes* – aí dispersa e apoucada. O autor escreveu largo e caudaloso, modelando-se assim o seu estilo pela imagem das cousas. Naquele reino da exuberância não é, naturalmente, com o laconismo de expressões avaras que se logra canalizar o volume das impressões. *O Missionário* ficou sendo o mais sazonado fruto do Naturalismo brasileiro. Sem as perversões e os exageros em que se desnaturou a escola, Inglês de Sousa reivindica aos devaneios de um padre visionário a dura realidade do determinismo. Mostrou o que pode ser a criação do caráter pela ação daquele meio físico, das causas sociais e acidentais ali consorciadas. A civilização da Amazônia é aquela já sabida teia de Penélope. O que o rio faz o rio desfaz: húmus, lavouras, moradias, fortunas. O homem não se podia eximir a tais vicissitudes. A moralidade humana desnivela-se como o solo, e nada preserva a virtude que hoje desabrocha, viçando com ímpeto, de amanhã submergir-se nas águas da cheia e sepultar-se em lodo sob as terras caídas. *O Missionário* foi o primeiro documento que em boas e lapidares letras revelou e dramatizou esse esforço da alma para desatolar-se do lenteiro que a sorve.

O descaminho do catequista Antônio de Morais não é uma sátira descaridosa vibrada com espírito, sectário, em satisfação a caturrices de livre pensador, contra o clero amazonense. Mais elevado e mais grave, amenizado às vezes por traços de mansa ironia, é o sentido dessa malograda empresa apostólica. O padre Morais não era um hipócrita. Há boa fé, pureza e desprendimento em seus propósitos. Cedendo a estímulos nobres e altruísticos, ele parte em demanda da Mundurucânia, que é a perspectiva do martírio e da morte, e sobe até ao penúltimo degrau do heroísmo. Traído pelo sangue do sultão de Igarapé-mirim, e prestes a naufragar, acusa as sirtes que o sitiam, as cumplicidades que o aliciam ao erro. "Adormecer na segurança do bem-estar atual, reservando para mais tarde os cuidados da salvação eterna, era a verda-

deira filosofia prática que o amazonense adotava, que a floresta, o rio, toda a natureza amazônica ensinava..." Na eminência da falta, ainda se interroga e confia "que a sólida educação que recebeu no Seminário, o fundo de religião e moralidade com que o dotara a natureza e a firme vontade de ser superior às fraquezas humanas, sem dúvida venceriam as tentações da sua carne de vinte e três anos". Resiste, marca a sua partida do sítio tentador, e antecipa um canto de vitória sobre as insídias que o envolvem. "Que era o amor de uma mulher comparado com o amor da humanidade?... Novo São Francisco Xavier, o apóstolo dos índios, casto como São Efrem e São Luís de Gonzaga, forte e sereno como o seu homônimo, vencedor do demônio, ele, padre Antônio de Morais, ilustraria os sertões da Amazônia e glorificaria a sua pátria..."

Essa luta íntima é das mais intensas tragédias que a literatura recolheu da alma humana. E o livro de Inglês de Sousa, dando-lhe por teatro uma região tão infensa à vida superior do espírito, de um só lance criou um símbolo eloqüente e um alto dever para a consciência brasileira.

A grande Silves, estendida no imenso vale onde sofre os rigores de leis inelutáveis, compreende as suas relações com a humanidade e ensaia os passos intrépidos da virtude que conduzem até aos cimos do sacrifício. O seu seio, alfobre de sensualidade, não é moralmente tão infecundo que não possa gerar em algum cérebro apaixonado um sonho de beleza ou suscitar corações cheios de piedade. O que lhes falta, a esta e as outras Silves semibárbaras, manchas da nossa lacunosa civilização, é no caráter dos homens essa força eficiente que faz perseverar nos princípios e, dando seguimento à ação, os harmoniza afinal com as obras. O missionário que se resigna, com escândalo de Deus e do mundo, ao abandono de sua missão, ou seja vítima do pecado original da raça ou da conspiração de causas exteriores, está a sugerir, em favor dos semelhantes, que os não deixem desamparados da previdência social, de nenhum dos corretivos e dos cuidados com que o progresso da ciência aumenta cada dia o poder da nossa espécie. Será mister ampliar nesses seres dúbios e fracos o domínio do sentimento moral, e sem embargo dos determinismos que lhes quebrantam a confiança em si próprios, educá-los na crença de que também são forças em concorrência com as forças eternas da natureza. Importa forjar-lhes uma vontade sã e firme, que se não renda facilmente às mãos tirânicas da soberana fatalidade.

Tal é o pensamento generoso que transparece no fecho dessa obra, acima do seu literal pessimismo, e dela faz uma obra de verdade e redenção, digna do jurista que em todas as posições e circunstâncias em que serviu à pátria, serviu inestimavelmente à cultura, à liberdade e à justiça.

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHOR Xavier Marques,

A ânsia de expandir sentimentos afetivos fez que o primeiro período do vosso discurso abrolhasse todo em rosas de gratidão à memória de um dos mais confiantes fundadores desta Casa.

Revelando-nos, logo de início, e sem afetado propósito, o traço predominante do vosso caráter de doçura e conformidade, descobristes assim que devemos à lembrança de Valentim Magalhães um título mais de benemerência: – Ficamos pois sabendo foi aquela sua *afabilidade radiante* que, estimulando energias sopitadas e acordando curiosidades ambiciosas, vos disse uma feita da fascinação e donaire dessa Princesa Longínqua, por cujos encantos desde então bateu o vosso pulso e a cujo serviço pusestes, de longe ainda, e, timidamente, embora, engenho e cultura, asas com que se alcandora o vosso espírito.

Se a Academia, consoante a prática de toda beldade, negaceou a princípio, fê-lo antes para atiçar bem mais o desejo de posse, conquanto desse, pouco depois, prova sobeja de que não havíeis saído um só instante das suas preferências, ao coroar uma das vossas obras, beijo de glória afinal que importava o compromisso tácito de se render, como em breve se rendeu, ao vosso reclamo.

Não houve mister corvejamento sobre carnes palpitantes nem remígios sinistros em torno a corpos vivos, porque, Sr. Xavier Marques, mercê da vossa

educação, nunca pusestes em qualquer de nós olhos de má sombra e ruim desejo.

À gula de renome, que, presumo, existe nas índoles mais acolhidas e discretas, bastariam a veneração dos patrícios e a expectativa simpática, que os vossos livros iam provocando, mesmo fora da configuração geográfica da província natal, cousa essa de espantar em tão extenso país, onde a preocupação do ganho e do luxo, de desporto e dança, vai cada vez mais anemiando o gosto das letras.

Viestes, portanto, verdadeiramente desejado.

O lugar que o destino vos reservou, arreiamo-lo jubilosos de festões, porque a vós, mais que a qualquer outro, cabia, por direito de conquista, tanto que ninguém veio a campo convosco, mão tenente. Pena é não seja cometida a um crítico de tirocínio a missão de saudar na vossa individualidade um dos poucos autores brasileiros com obra preconcebida e conscientemente realizada, num conjunto arquitetônico de estrutura sólida.

Em mim pesou o encargo, não direi por desígnio malicioso, mas por, sem dúvida, amor às antíteses, que nutrem as mais erguidas criações de arte com os efeitos do claro-escuro, para o fim de sacudirem a emotividade pela violência dos contrastes.

Ocupando a Cadeira de Inglês de Sousa, cujo padroeiro é Manuel Antônio de Almeida, deveríeis ter notado tal ou qual afinidade entre o contador das *Memórias de um Sargento de Milícias*, o animador do *Missionário* e o revelador de *Pindorama* e *Sargento Pedro*.

O gosto da tradição e a maneira de bosquejar painéis em Sousa apuraram-se no mestre da *Arte de Escrever*, porque neste se sublimam as excelências de ambos, sem o menor sedimento de imperfeições, quanto ao contexto e à linguagem. A observação arguta, a experiência da vida, a fina sensibilidade e a pesquisa honesta do documento fizeram, principalmente desses vossos livros históricos, verdadeiras ressurreições, tanto a afabulação parece narrativa estilizada de códices, apenas com um latejo de sangue mais apressado e um rubor mais ligeiramente acentuado de emoção patriótica.

E, contudo, ouso pensar não seja ofensa, Sr. Xavier Marques, aplicar-vos o reparo feito ao autor dos *Contos Amazônicos*, se acaso vejo também o

cenário da epopéia da descoberta demasiado vasto para o drama que imaginastes da conquista e do povoamento.

No calor com que revidais a censura ao criador do *Missionário* não é impossível esteja o intuito da própria defesa, máxime no passo em que aconselhais *se deve modelar o estilo pela imagem das cousas, tirando dessa aparente desproporção admirável simetria entre o meio ambiente, quase sem raios, e a escassa população que nele se dispersa...*

Com efeito, assim procedestes em *Pindorama*, embora com essa habilidade que vos reconheço de criar harmonias, ainda com o mais frágil ou intenso material.

Onde acaso teríeis ido adquirir esta ciência de matizes e esta segurança vocabular, reveladoras a um tempo de sutileza sensorial, prática do ofício e bem gosto artístico?

Fico não desacertarei, se prontamente acudir: – que na poesia.

É vezo, entretanto, de certos noticiaristas assinalar entre nós como feias jaças, em versejadores que prosam, o estilo imaginoso e a cadência dos períodos.

Tais qualidades, que apenas alcançaria o meneio constante do verso, indubitavelmente vos tornaram mestre no escrever, porque dominador dos ritmos, ninguém melhor que o poeta saberá reger as pausas ou escolher no glossário o termo preciso para a sugestão do que deseja representar, sujeitando a emoção e graduando os efeitos, ouvidos sempre alerta contra hiatos e colisões, espírito afeiçoado às fórmulas sintéticas, preservadas na expressão mais sonora e mais plástica.

Os volumes das *Insulares* serviram, antes de tudo, de exercícios mecânicos, espécie de escalas cromáticas, por meio das quais chegastes à virtuosidade atual, embora contenham peças de grave conceito e lindo lavor, o que constitui a marca da vossa fatura.

Foi, portanto, mediante o continuado treino na metrificação, que atingistes ao desembaraço perfeito com que dais corpo aos mais fugitivos sentimentos, transmitindo as percepções mais sutis da vossa sensibilidade em parágrafos destramente construídos, assim com o termo técnico ou erudito, como também com o qualificativo vulgar ou a palavra sem nobreza, sempre que se faz preciso, conforme as circunstâncias.

Eis porque, possuindo a linguagem castiça pelo sabor clássico da construção, e pinturesca, nervosa, moderna, pelas expressões da gente que habita estas ribas atlânticas, constituís, a ombrear ainda uma vez com Inglês de Sousa, fiel abonador dos numerosos brasileirismos que, em nosso futuro dicionário, vitalizarão o idioma luso em plagas americanas.

Mas, houvestes por bem deixar o tórculo do metro e da rima, e com tal sofreguidão, como a que, suponho, sentis, neste momento de arrancar presto do corpo, afeito à blusa larga e à pantalona praieira, esta assaz incômoda entretela do fardão acadêmico...

Porque, tenho cá para mim, não prezais muito isto de etiquetas e modas, desde que vi, num dos vossos romances, convidados de um baile aristocrático trajarem sisudamente a sobrecasaca fúnebre dos enterros e duelos...

É que, com certeza, não teríeis comparecido àquela ou a outra qualquer festa mundana, enjoado da "*casquilhice, da lisonja, do esnobismo e de tudo que há de medíocre, com pretensões a valer...*"

Vejo, pois, que, em casos tais, procedeis como certos pintores, quando, porventura, pretendem, sem sair da oficina, reproduzir a policromia e os aspectos da natureza... por imaginação ...

Preferis, sem dúvida, o recolhimento e o sossego, por serdes contemplativo como um insular mesmo, costumado ao diálogo com as sombras da tarde, olhar alongado pelas vastas águas sem termo, sobre as quais somente pairam pensamentos de melancolia crepuscular.

A visão das distâncias e a longura do plaino líquido sempre hão de provocar devaneios tristes e cismas cinzentas... É a nostalgia do Além...

Mas se desesperos ou desejos em tumulto acaso vos conturbam o ânimo, tal agitação se vai aos poucos adoçando em quietude, a alma fatigada de imensidades lento e lento se aproxima de Deus, e a música das vagas, com os seus murmúrios acalentadores, acaba por adormecê-la em apaziguamento e bem-estar.

Dir-se-ia que, semelhante à "Noiva do Golfinho" da *Cidade Encantada*, viveis também sob o sortilégio de uma Ondina, que vos ensinou amorosamente o idioma do mar.

É assim que conheceis o colosso como nem um mago o há conhecido, em todas as suas modalidades, raivoso ou letárgico, entendendo-lhe os múlti-

plos acentos, a cada hora do dia ou da noite, em todas as estações, quer "quando o vento sibilante escama as águas, onde a tarde reflete o seu azul finamente dourado", quer quando, ao livor espectral da lua as maretas brincam nos recifes como "urcos marinhos", enquanto ao longe "as vagas enrolam e desenrolam o seu manto escuro, cujas fímbrias se rasgam nas arestas do penedo".

Sim, todos os clamores da massa equórea vos são familiares: – desde a aguagem das marés na costa próxima até as lamentações desesperadas nos farelhões remotos; desde o assanhado tumulto que faz o marulheiro nas coroas, até quando, heróico, o oceano entra a soar como uma fanfarra, as ondas a reluzirem, impando como peitos de aço.

Quem melhor nos descreveu os anseios do gigante, quando troca os gorgolhões de afago aos chanfros do penhasco por uma espécie de rugido animal, uma trepidação tempestuosa em que nada se distingue e tudo em redor se confunde? E quem já encontrou sons mais próprios para reproduzir esses marulhos caricosos da carneirada pelas locas das fragas e desvãos da madrigueira?

Para interpretá-lo assim, quanto tempo não haveis quedado, sozinho, na escuridade, a ouvir-lhe os vagalhões longos e monstruosos, que avançam bramando, ou a ver-lhe horas e horas, no baixio negro, a água plana e chumbada, parecendo oleosa palude, sem um anseio, um arfar, um floco de espuma, debaixo de uma chuva de fogo?

Tão impregnado ficastes da poesia complexa da existência marítima, que ao lermos a coletânea dos contos praieiros, entramos de sentir toda a sugestão e amarugem da vida local, como se estivéssemos a haurir emanações salitrosas, ouvindo o ritmado estrondo das vagas e vendo como arde a paisagem através do trêmulo revérbero das areias.

Com ser o reflexo de terras e gentes do Recôncavo, a lhes espelhar linda e fielmente a selvatiqueza e a ingenuidade d'alma, a par da tristeza e maravilha das cousas daqueles rincões, esta é para mim a parte melhor de vossa obra.

Assim, "Mariquita", "O Arpoador", "Maria Rosa", "Sargento Pedro", "Pindorama", "Jana e Joel" nada mais são que um poema em vários cantos, qual deles mais comovido, qual de mais requintado lavor, poema do mar que, agradecido, vos "arroja coroas de angélicas e lírios, flores de espuma que nascem dos choques sonoros..."

Por eles é que a Bahia preferencialmente vos engrinaldou de louros; neles é que o vosso gênio desafiará o tempo.

Saindo um momento do litoral, onde vos enfeitiçou a magia de alguma Loreley, compusestes "O Feiticeiro", história refundida de "Boto & Comp.", em que se acrisolam essas virtudes descritivas sem discrepância reconhecidas por todos, e em que estampais verdadeiros flagrantes dos costumes burgueses, kodaquização nítida da mestiçagem folgazã e crônica exata das bárbaras superstições africanas.

Depois, passastes a retratar o meio aristocrático de São Salvador, a fim de que nada do rincão estremecido escapasse à mirada carinhosa, num livro em que um publicista de renome até chegou a ver o drama da adaptação do homem branco às latitudes tropicais!...

Não há como a crítica para descobrir nos autores cousas que eles nunca tiveram em mente...

"Holocausto" é o título, plenamente justificado com a renúncia de amor de um jovem médico, que, atingido pela tara da tuberculose, amima voluptuoso a própria infelicidade, acompanhando com vagares terríveis o atrofiamento dos músculos, o dessorar do sangue, a perversão dos nervos e a debilidade crescente do corpo.

Mas, ao invés da deserção simples, como fora mister, procurou valer-se do prestígio exercido sobre a pobre noiva com o fim de obrigá-la a casar com o seu melhor amigo, sem prévia consulta aos sentimentos dos interessados, imolando destarte a própria ventura ao que julgaria o bem alheio.

Certo, generosa é a idéia de evitar a todo transe se cometam grandes crimes pelo egoísmo dos que amam, sem um pensamento sequer para aqueles que hão de vir... Mas, como em tudo, mesmo na verdade, há sempre pontos discutíveis, relevar-me-eis considere altamente censurável este holocausto, que, sobre o próprio sacrifício, acarreta o de duas outras existências, a menos que a prometida não passe ali de loureira ávida de casamento.

Não foi, ao contrário talvez do vosso intuito, a livre vontade que levou o protagonista àquele estado místico de renúncia, senão as leis do determinismo, que lhe prepararam esse ambiente febril de tragédia, caso não queiramos admitir a intervenção da fatalidade nos destinos humanos...

E, todavia, foi à fatalidade, na sua significação mais complexa, que deveis o ingresso na política, arte e ciência alhures, mas, entre nós, cousa calamitosa, que exaure o país com o flagelo das discórdias sangrentas, em contraste humilhante com a vitalidade da natureza.

Se a terra, de fato, causa espanto e maravilha, não deixa contudo de carecer muito de tratos e correções, tanto que talvez seja o único pedaço do mundo, onde ainda hoje se morra à sede e se padeça das suas terríveis conseqüências.

Não quis nem permitiu a política que pastoreassem as águas mansas ao longo das planícies adustas ou cingissem os vales, os chapadões e o ventre d'oiro das montanhas, com o cíngulo das estradas pelas quais, em fluxo constante, subissem a instrução e a justiça, o médico para sanear e o industrial para produzir, descendo caminho do litoral, em refluxo contínuo, todas as várias riquezas sertanejas.

Na sua natural bisbilhotice, ela, a política, avistando-vos esquivo ao bulício circunstante, logo foi, com os seus ademanes e requifes, bater à vossa porta a forçar o acolhimento, se é que não penetrou no vosso retiro, com trejeitos e esgares arlequinescos, sub-repticiamente.

Como quer que seja, ao atrito dos sucessos ou às solicitações do ambiente, vistes um dia, não sem surpresa, que manejáveis uma pena contra homens e cousas.

Não me foi dado encontrar-vos em tais refregas, mas, atentando na estima geral que vos cerca e conhecendo quão explosivos são os sentimentos partidários nessas plagas, não me será difícil concluir que, se neutro não quedastes em meio às lutas, mercê da inteireza do vosso caráter, quase neutra teria sido a fatura dos vossos artigos de polêmica...

Porque isto de ser urbano e polido em dias que correm apenas traz insucessos e desvalia: – Tanto mais arremeterem com pessoas, tanto mais amigos de destruir bens, mais encarniçados contra a honra alheia, quanto mais lograrão benesses e recompensas, pois políticos, lá nesses longínquos redutos, querem-se truculentos e roncadores, bem que aqui se esfumem em transigências, completamente diluídos no número global das votações quase unânimes.

É que o cálculo dos interesses, o lustro da representação, o temor à perda iminente das posições, o egoísmo, a ignorância e a falta de fé conduzem muitos

deles ao comodismo, estado de inércia em que se assemelham a certos sáurios anfíbios, tardonhos na aparência, embora na realidade solertes e atilados.

Não sofreria, portanto, a aguda sensibilidade que o vosso punho, uma vez ao menos pudesse remexer pântanos, levantando exalações que bafejassem com hálito corrupto a honra do próximo, visto esse material de ódio, vilipêndio e inconseqüência não fazer jamais boa liga, por demasiado bruto, com a cultura e a bondade.

O cargo político, que exerceis, deve pois ter sido antes prêmio à glória literária outorgada excepcionalmente neste regímen por um chefe arguto, que justo galardão de pugnas partidárias, salvo se menos exatas forem as asserções dos vossos biógrafos, quando afirmam não criastes um só desafeto nesta matéria.

Ora, como tal cousa estaria no rol das impossibilidades metafísicas, fico não verei iludida a minha lerda perspicácia, que bem desejara igual em penetração à daquele avisado crítico, por exemplo, que revelou a *Vida de Castro Alves*, a fim de que pudesse focalizar os múltiplos aspectos de uma obra tão vasta, tão complexa e de tanto caráter, qual a vossa.

Mas, se foram altas qualidades morais, e, portanto, assinalado caráter quem vos conduziu o espírito, este, certamente, seria quem vos abriu caminhos ao coração, fazendo da vossa vida raro modelo de probidade, de perseverança e, por que não dizer? de coragem.

Não será porventura prova de coragem cega esta feroz, obstinada resistência ao meio bárbaro, desatinado pelas paixões, senão mesmo pelos interesses ruins e inconfessáveis?

É que possuís um abrigado refúgio de silêncio e pacificação. Quando os embates vos confundem e maltratam, logo volveis ao remanso de Itaparica, onde, muita vez, rompendo a lauda de áspero revide, buscais na arte o suspirado consolo e a necessária serenidade.

E para ela não apelais inutilmente, pois dentro em breve esqueceis apodos e vinditas, mercê da excitação criadora, da divina volúpia de rebuscar expressões, que, na síntese de uma simples fórmula harmoniosa, caracterizem e definam um indivíduo ou um aspecto, um fato ou uma atitude.

Se é certo que ao vosso temperamento plácido não aprouve o emprego de cores primárias em enredos complicados e surpreendentes, destes, no entanto, com fartura, quanto pôde caber numa imaginação sadia e equilibrada.

Assim, para compor a *Arte de Escrever* não houve mister consulta a autores estranhos. Debruçastes-vos sobre os próprios contos, estudastes as vossas novelas, analisastes os vossos romances.

Com o amor do termo justo, o sentimento do ritmo, a ciência da composição, poderíeis tirar exemplos da obra que realizastes, pois de tudo há nela quanto baste, para ensinar como se combinam traços, se cunham fisionomias, se criam peripécias, se acham desenlaces e se matizam narrativas, sem sair do campo do natural e do verdadeiro, pintando, restaurando ou evocando.

Em qualquer dos vossos livros encontraremos, com a ordem e a regularidade, a medida e a clareza; esta, sinal de equilíbrio e precisão; aquela, marca de bom senso e de bom gosto. E os efeitos são de tal modo graduados, que chegais, em certos lances, a descobrir valores novos e novas correspondências entre paisagens e estados d'alma.

Se em vós a imaginação é moderada, a despeito daquela fantasia à Wells, sob o título de *Viagem Maravilhosa*, opulento, entretanto, é o modo pelo qual ela se exprime, tanta a justeza da frase, tal o movimento dos períodos.

Passeando uma só personagem ou agitando massas consideráveis de indivíduos, mostrais como se pode ser variado sem se perder a indispensável unidade, jogando com a luz, esbatendo as sombras, desdobrando perspectivas ou dando relevo às oposições.

A *Cidade Encantada* e a *Boa Madrasta* cristalizam estas qualidades, sendo que neste último romance as almas são mais bem cuidadas que a Natureza, recortando-se, com sulcos de funda nitidez, as ânsias e as dores morais, estando mais bem tratadas as conjecturas e as crises sentimentais. Quero dizer que, aí, o psicólogo sobrepuja o pintor de gênero, o que afinal traduz ainda uma ascensão!

A *Boa Madrasta* é, portanto, o fecho do monumento pacientemente erguido à glória do nosso idioma.

Com Manuel Antônio de Almeida e Inglês de Sousa, sombras sagradas que iluminam o lugar que ora ocupais, constituís sem dúvida um dos poderosos fatores da unidade da pátria, pois cada qual no seu recanto a exaltar as

belezas da terra, dizendo d'alma bravia e generosa da gente, soube projetar na eternidade o corpo esplêndido do Brasil bem amado.

Sr. Xavier Marques: – é possível que de vossos livros ninguém saia a pensar... Mas o que asseguro é que deles ninguém deixará de sair comovido.

Prefiro assim; porque, como Vauvenargues, também prezo mais um autor que exprime um belo sentimento, do que outro, se me dá uma coletânea túmida de pensamentos inúteis.

A idéia primacial da vossa obra distinta poderia até se conter num só conceito de poeta: "*Toutes les vraies et grandes amours conduisent à Dieu.*"

Porque sois, de fato, um crente, pelo amor mesmo que votais à terra natal.

E tanto estes sentimentos se confundem, que nos vossos transportes patrióticos e arroubos místicos, nem atinais qual deva ser colocada como dominadora: – se a Cruz ou se a Bandeira.

Mostrarei já a todos aqui, e talvez a vós mesmo, surpreendido, esta postura de transverberado, de quem se sente extático, acima do solo, diante desses dois signos sublimes.

Vede! O *Pindorama*, tragédia da conquista, finda nesta cena de exaltação religiosa:

> Como o sino de Ceuta, os bronzes do Colégio vibravam no espaço, narrando a glória de Jesus e do seu exército.
>
> D. Fernão sentiu-se arrebatar e entrou. Uma visão do eterno lhe consolava os olhos: o lenho sagrado, soltando-se das mãos do padre Loio, crescia e subia, cercado de auréola refulgente, na luz do ocaso que tinha então o rubor de uma aurora.
>
> – Prodígio divino!...
>
> A cruz subia sempre, dominando torres e solares, acima das cúpulas da floresta e das palmeiras ondulosas que já não rugiam a pocema hostil, mas pareciam rezar um *penitet* solene por sobre os verdores da terra conquistada.

E agora ouvi como remata o drama da independência, à hora em que a todo o pano a esquadra adversa se sumia, mar dentro:

> Desferramos das Mercês, batemos-lhe fogo até à barra. Dali aproamos ao forte de S. Marcelo, atracamos, saltamos lá dentro com o capitão Botas. Os brasi-

> leiros, presos no forte, tinham feito uma bandeira, como aquela... O capitão mandou içar a bandeira. Foi a primeira!... E fui eu, Pedro, fui eu, com estas mãos, que a levei ao topo do mastro. Oh! não te conto... Não tinha mais corda nem mastro, e eu continuava a içar a içar... Não sabia mesmo onde queria pô-la...
>
> – Nas nuvens?
>
> – Não; mais alto ainda, donde o mundo inteiro, à roda de nós, pudesse vê-la...

Não sei de páginas que revelem melhor um espírito e um coração.

Sr. Xavier Marques: já que pela magia da vossa evocação nos arrojastes a um ambiente heróico de façanhas e de militança, permiti, a bem da unidade do discurso, que, dirigindo-me a vós, use de uma ordem de comando.

Não é certamente a de "Descansar", porque, a quem sofre o mal divino da inteligência, tal cousa não será concedida aqui na Terra... Estes apenas descansam *deste mundo*, e para sempre...

Mas, dir-vos-ei, ao concluir, a fim de que chegueis confiante e jubiloso para as comunicações fraternas do nosso convívio, aquela outra, de tão franca e tão agradável significação:

À vontade!

Discurso do
SR. CONSTÂNCIO ALVES

e

Resposta do
SR. FÉLIX PACHECO

Sessão solene extraordinária
do dia 22 de agosto de 1922

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHORES:

Ao iniciar seu discurso de recepção na Academia Francesa, declarou Rostand haver coligido os exórdios de todos os recipiendários e verificado, pela leitura deles, ter vindo muito tarde para encontrar um modo original de ser modesto.

Tudo já fora dito pelos seus antecessores durante mais de duzentos e cinqüenta anos de Academia e de modéstia acadêmica.

Apesar disto, o criador de *Chantecler* sempre deu com uma fórmula nova para, segundo a praxe, deprimir o seu merecimento; autorizando assim a malícia a suspeitar, no poeta, o intuito de valorizar mais o seu achado, acentuando, primeiro, a impossibilidade de o descobrir.

De tais leituras me dispensaria eu, por considerar que, em solenidades como esta, convém mais à modéstia o silêncio que o discurso.

O sentimento que fala aqui, agora, o que cabe, neste momento, por ser natural, verdadeiro, e não censurável, porque o compreendeis, é o orgulho que deve experimentar quem quer que receba a honra da vossa escolha.

As palavras que o seu reconhecimento disser, hão de estar, forçosamente, em muitos exórdios, mas vibrarão com a nota individual de quem as enuncia, exprimindo no timbre de sua voz a natureza de sua emoção.

A que ora me domina, inspira-se no respeito que sempre consagrei a esta Casa, e tingi-me em melancolia de recordações.

Amei a vossa Instituição, desde os seus primeiros dias, nos lineamentos do seu programa e na individualidade dos seus fundadores.

Criou-a o desejo de garantir e perpetuar, pelas obrigações de um estatuto, o que, espontaneamente, já realizara a convivência de alguns homens, divergentes por vários motivos, mas unificados pelo culto das Letras.

Foi, assim, o sentimento da amizade que edificou essa obra de confraternização literária, nos moldes da mais ampla tolerância intelectual; não por ambição de glória ou de vaidade, não com esperança de exercer qualquer tirania, mas com o propósito singelo de proporcionar um refúgio de serenidade a almas congregadas pela religião da literatura.

Nada testemunha, com maior expressão, o caráter dessa companhia, a cordialidade, a urbanidade ali reinantes do que o encanto que nela encontrava Machado de Assis.

Naquele ambiente de simpatia animadora, parecia desencapotar-se da sua discrição desconfiada, fazendo entrever mais um pouco de sua alma, que era delicadeza e recato, bondade revestida de timidez, humanidade com disfarces de misantropia, e até, o que parece surpreendente, firmeza com aparências de dubiedade.

Pela sua feição, podia ser Machado de Assis o fautor da Academia.

Mas quem a planejou, quem mais se interessou por ela, com tenacidade e entusiasmo, quem lhe deu existência, foi Lúcio de Mendonça, que muitos, e sem inverossimilhança, julgariam inadequado a esse empreendimento.

A sua intransigência militante de republicano radical, a sua veemência de polemista apaixonado, eram contra-indicações para a tarefa pacificadora de harmonizar, no interesse da literatura, dissidências políticas e hostilidades de crenças.

Todavia, é ele o arquiteto dessa construção e não admira que o seja, pois nesse batalhador de tão rigoroso partidarismo e tão ásperas guerrilhas, luzia um nobre espírito de homem de letras, com largo e fervoroso amor das coisas belas.

Poeta e prosador, consagrava à língua em que escrevia os cuidados do artista conscienciosо que escolhe, para esculpir as suas figuras, o mármore mais perfeito e para fixar os quadros de sua imaginação, as tintas mais puras.

Julgava com finura educada na familiaridade dos mestres.

Estimava o trabalho alheio e, não raro, essa estima levantava-se da cadeira de leitor e saía à publicidade no generoso impulso de louvar.

A sua simpatia era imparcial no acolher os talentos, viessem de onde viessem, até de um trono. Não hesitaria, creio, em admirar um rei, autor de bons versos; mas cumprida a obrigação, imposta pela sua consciência literária, de aplaudir o poeta, não se consideraria impedido de, em nome de seus princípios políticos – depor o monarca.

Se Lúcio de Mendonça não elogiou verso ou prosa de testa coroada – demonstrou de modo indubitável que a sua admiração literária era sobranceira a paixões políticas – indigitando para fundador da Academia o seu atual presidente.

Essa justa homenagem ao valor intelectual do denodado polemista católico e monárquico, prestada por um homem que nunca beijou a mão de El Rei, nem beijaria o pé ao Santo Padre, – assume relevo maior, como expressão de nobreza d'alma e de superioridade de espírito – para quem sabe o temeroso redator do *Brasil* e o seu futuro companheiro de Academia, cruzaram as penas em duelos iracundos – que eu acompanhava como aprendiz, grato a ambos, por me haverem honrado com a mais generosa simpatia.

Não me perdoaria a consciência se, no momento em que recordo favores do colaborador da *Semana*, deixasse de rememorar e de agradecer os obséquios de quem redigia o *Escrínio do Brasil*.

Trinta anos já passados não apagaram a lembrança, e coisas passadas não alteraram a doçura daquelas palavras de animação e de prestigiosa benevolência.

Sendo de tanta beleza o feitio moral de Lúcio de Mendonça, não admira que sua compreensão da camaradagem literária abrangesse a todos sem discernir idades nem condições.

Louvava os moços, como se os considerasse irmãos, e também se batia com eles como se os tivesse por condiscípulos.

Essas discussões eram, a meu ver, a prova mais significativa da sua fraternidade.

Quem louva, pode louvar na situação de superior, à distância, do alto de soberba protetora, deixando cair o louvor como o sol inacessível lança a

esmola de sua luz. Mas quem desce, acudindo a um desafio, afirma que se julga o igual do adversário e o tem por digno do seu combate.

Ora Lúcio de Mendonça, possuindo já o prestígio de uma reputação literária, conquistada por trinta anos de atividade – já ministro do Supremo Tribunal, já acadêmico – empenhava-se em lutas com estreantes; e uma das suas rijas polêmicas travou-a com um dos nossos companheiros, cuja fulgurante vocação jornalística irrompera, rubramente, no tumulto de uma juventude belicosa.

Conservo cicatrizes da sua pena, mas também guardo o eco das expressões de benignidade com que, sem me conhecer, foi surpreender-me na humildade do meu jornalismo provinciano; e não poderia omitir que a sua generosidade me inscreveu entre os que iriam constituir a Academia.

Essa indicação, o voto persistente de Joaquim Nabuco – a quem minhas escusas, aceitas por outros, não demoveram – são títulos que eu devo lembrar aqui, não por serem de glória, mas por serem títulos de dívida.

Poderia esquecê-los, ao dar-vos os meus agradecimentos?

A mesma gratidão que se dirige aos vivos, vai procurar aqueles desaparecidos cuja intervenção, à distância, me favoreceu.

Não foram estranhos ao êxito da minha candidatura o patrocínio de Lúcio Mendonça e o voto de Joaquim Nabuco, a quem a minha saudade glorifica e venera.

Vi-o, pela primeira vez, ao passar pela Bahia, quando regressava do exílio voluntário que padecera em Londres, pela sua fidelidade à causa dos cativos.

Desse encontro, guardo apenas a impressão de uma formosa cabeça de moço, entre duas grandes sombras, a da noite que caía e a da espessa multidão que subia, aclamando-a e à qual ele excedia pela estatura, feita para dominar nas horas tempestuosas de guerra e de glória. Conheci-o, porém, de perto, quando ele já não era o tribuno do abolicionismo e começara a ser o historiador do Segundo Império.

O combatente inda não emudecera; no entanto já se fazia, pouco a pouco, em seu íntimo, o apaziguamento das paixões políticas, que iam cedendo lugar à calma das criações literárias, finalmente entrecortadas por murmúrios de preces e silêncio de meditações religiosas.

As mãos que gesticularam, sobriamente, nos improvisos da oratória popular e parlamentar, já se demoravam no lavor de páginas de arte luminosa e serena, e talvez já descansassem desses trabalhos tranqüilos, juntando-se na imobilidade da oração.

Esse período da vida de Nabuco, iniciado na colaboração do *Jornal do Brasil*, continuando na convivência da *Revista Brasileira* de José Veríssimo, pertence também à história da nossa Academia, e merece ser lembrada aqui, não só por esta circunstância, mas por ser de maturidade intelectual e da perfeição artística do nosso primeiro secretário.

É o tempo de *Minha Formação*, de *Um Estadista do Império*, que engrandecem o prestígio da Academia Brasileira; é também a época de elaboração de *Pensées détachées*, livro admirável onde Faguet viu cintilações do estilo de Chateaubriand e que seria excelente recomendação de uma candidatura à Academia Francesa.

Se o escritor, na plenitude do seu poder mental, grava páginas definitivas, o homem apura qualidades e virtudes para que a derradeira imagem de sua fisionomia moral – fosse uma obra-prima.

Essa formosura interior já transparece no seu rosto.

O Nabuco dos últimos dias da nossa convivência apresentava na sua figura o que raramente se vê – a beleza e a majestade da velhice.

Graça Aranha, com a alegria criadora do artista que encontra um tema correspondente à sua estética, pintou admiravelmente a mocidade heróica de Nabuco; os clarões da sua manhã, o deslumbramento do seu meio-dia; as horas radiantes e vitoriosas.

Falta a réplica a este quadro: o da honra inefável do entardecer, quando a violência cromática do crepúsculo começa a suavizar-se em melancolia, e tudo parece preparar-se para o momento augusto e misterioso de concentração e piedade, em que, no silêncio da terra e na atenção dos céus, revoarão com os derradeiros pássaros as primeiras badaladas da "Ave Maria".

É o Nabuco dessa hora crepuscular, coroado de neve, com alma resplandecendo alvuras alpinas – o que se alteia em minha memória e sinto junto a mim ao ocupar a Cadeira cujo patrono é Laurindo Rabelo.

Se houvesse entrado para esta Casa quando os acadêmicos elegeram os seus paraninfos, é certo que, no momento da escolha, o lembraria entre os

dignos de compor, acima da Academia mutável dos vivos, a Academia suplementar de sombras inamovíveis que assim são, verdadeiramente, aqui, os imortais.

Laurindo figura entre estes com direito adquirido por um punhado de versos, remanescentes de grande acervo extraviado.

Perdia as suas obras com a mesma facilidade com que as compunha. Algumas delas não poderiam vir a lume em publicações da nossa Academia.

Outras, porém, coligidas e por coligir, merecem reedições, para que seja sempre lido e amado esse poeta, bem nosso, de profunda sinceridade, quase de todo alheio a influências estranhas, que encontrou o melhor de sua poesia dentro de si mesmo, na amargura de sua alma ulcerada pela hostilidade dos homens e pela crueldade do destino.

O que mais brilha em suas estrofes são lágrimas e lágrimas, que foi derramando pelo caminho da vida, onde encontrou mais que sete passos de amargura.

E, no entanto, essa figura dolorosa aparece como herói de uma espécie de romance cômico. A sua legenda é, como a de outro infeliz, Bocage, uma série de casos divertidos em que o poeta se destaca – espadachim do sarcasmo – replicando com seguras estocadas às agressões da tolice e da soberba; ou entretendo o vulgo com o fogo de artifício de sua improvisação inesgotável, ou gozando ociosidade de boêmio em descantes ao violão.

São numerosas as anedotas da sua existência inquieta, de estudante de seminário, de acadêmico de Medicina, de cirurgião do Exército; muitos também os seus epigramas a lentes, autoridades militares, a quantos enfim, por qualquer motivo, lhe desagradavam.

Na admiração popular, durante muito tempo, cabeça erguida, semblante carregado, polegares metidos nas cavas do colete, balanceando o corpo esguio, e muito mal vestido, passou pausadamente, o chamado – poeta Lagartixa.

O vestuário de Laurindo foi causa de muito riso.

Contam que, regressando tarde à casa que o hospedava, e não querendo bater à porta, estirou-se num banco de jardim, para esperar a manhã, e do seu chapéu alto, ainda novo, fizera travesseiro.

Ajunta-se que, certa vez, voltou do mercado com uma tainha no bolso interno do paletó abotoado, indiferente às cócegas que lhe fazia na barba a cauda do peixe.

Improvisador extraordinário era, na Bahia, procurado para todas as festas e aplaudido em todos os salões.

O entusiasmo dos admiradores perdoava-lhe as roupas.

Mas, muitas vezes, chegavam elas a tal estado que até os mais complacentes se resignavam a perder a encantadora companhia do poeta.

Um desses, a quem a família pedira que convidasse Laurindo para um baile, escusou-se, ponderando:

"Agora não. Esperem que ele tenha outra roupa."

Assim que isso se deu, fez-se o convite, logo aceito.

Mas o sarau começou sem o poeta. Quando já estavam cansados de esperar, bate alguém à porta. É ele. E todos correram para receber o retardatário. Quem chegava era um carregador trazendo em tabuleiro a roupa nova do poeta e este bilhete: "Aí vai o Laurindo."

Não procuro apurar a veracidade de algumas dessas histórias.

As que, porventura, forem falsas, mais não fazem que carregar na intensidade das verdadeiras, sem lhes mudar as cores. A inexatidão do quadro consiste antes no que dele se exclui, do que nele se exagera.

Vemos o boêmio que fere ou distrai os homens, meneando a cabeça, como uma árvore cujo topo o vento agita; mas não vemos nessa árvore sobranceira o que se nota no pinheiro que Théophile Gautier mirou à beira do caminho, ereto e altivo, qual soldado a sangrar, que quer morrer de pé; isto é, a chaga que lhe abriram no flanco, e por onde a seiva escorre.

Laurindo pode ser comparado a esse pinheiro ferido que, na visão do ourives de *Émaux et camées*, simboliza o poeta que, nas dunas deste mundo, quando lhe golpeiam a alma, derrama os versos seus, divinos prantos de ouro.

Na coleção de cenas, mais ou menos autênticas, da legenda do poeta, faltam as que ela excluiu, e que, juntas às jocosas, formariam antíteses de trágico efeito artístico e de absoluta verdade; as em que Laurindo aparece na miséria e na dor; tirado, por mãos amigas, do socavão onde altivamente morre à fome; ante o cadáver do irmãozinho assassinado; vendo o pai ensangüentado por mão homicida; espectador atribulado da angústia da irmã – irmã tam-

bém pelo gênio da poesia – acabando na loucura e morrendo de saudades do noivo prostrado no chão da guerra; inclinando-se, com a graça triste e o gesto piedoso de roseira desgrenhada, a sacudir sobre um túmulo pétalas e orvalho, lastimando-se em versos que mais pungiam por serem as últimas lágrimas de sua desventura e as derradeiras flores de sua razão agonizante.

E como remate desses e de outros tormentos que ele sofreu sem se revoltar – no tempo em que o romantismo era revolta – sem blasfemar – e a poesia da época blasfemava – vede o episódio da suprema resignação, quando aquele que poderia julgar Deus seu inimigo aperta o crucifixo nos braços que nunca levantou contra o céu – e morre cristãmente.

Esse poeta sincero e simples, sem surpresa de ninguém, foi, por outro poeta, de natureza semelhante, Guimarães Passos, erigido em patrono da Cadeira que inaugurou.

Mas já deixou de causar estranheza a substituição do trovador da *Casa branca da serra* pelo cronista *Cinematógrafo*.

Alguém teve por esquisita a lembrança de elegerem para aquela Cadeira, em vez de quem "como Laurindo e Guimarães fosse na vida o prisma azul por onde não se vê a vida", um "espectador desta sociedade que se constitui..."

Esse a quem tal sucessão maravilhava e nela até divulgava ironia, era o candidato eleito.

Se a Academia quisesse obedecer ao critério de reservar cada cadeira para determinada família de espíritos, de modo que só admitisse pretendente ligado ao morto por afinidades intelectuais, Paulo Barreto não teria proferido o discurso de recepção em que afirmava haverem desaparecido os boêmios líricos e se ter extinguido na arte o sentimentalismo.

Esta Cadeira não seria o seu lugar e nem sei que outra lhe quadrasse, porque antes de sua entrada, não houvera aqui, ou em figura de vivo, ou em fantasma de patrono, quem vigorosamente representasse o gênero literário que ele, no Brasil, cultivou com tamanha superioridade.

Assim só porque nele era grande o dom da simpatia artística, que lhe tornava penetráveis e compreensíveis naturezas diferentes da sua, pôde, com pincel amistoso, tonalidade exata e traços irrepreensíveis, fazer o retrato do outro, de quem muitas diferenças o separavam.

Guimarães Passos era essencialmente poeta e Paulo Barreto nunca fez versos.

Quando, pela reorganização de serviços no jornal em que colaborava, Guimarães Passos foi incumbido de trabalhos de repórter, preferiu retirar-se a aceitar a nova profissão; e Paulo Barreto era repórter por excelência, dizia ser repórter, de ser repórter se ensoberbecia.

Guimarães Passos amava a boêmia e desejaria que ela fosse sem fim. Paulo Barreto, pelo contrário, nela via feição transitória da mocidade, que devia ser brevíssima. Acusava-a de "desperdiçar energias e criar hostilidades ao ambiente real" e dizia que "se Labruyère a conhecesse certo havia de considerá-la um vício".

Depois de assim formular a sua aversão à boêmia, manifesta o seu desprezo pelo boêmio, nestas palavras do seu discurso:

> Durante muito tempo, o escritor não passava no Brasil de um curioso anormal, desprendido das coisas terrenas, sem roupa, sem conforto e sem dinheiro, sem pouso certo, lacrimosamente dentro do seu sonho, a escrever sobre mesas de duvidoso asseio os poemas inspirados por uma bela hipotética.

Não eram feitos para se entenderem o bardo descuidoso que não pensava no dia de amanhã, nem no de hoje, e o prosador disciplinado, de espírito prático, que amava as letras sem descurar dos negócios e prezava o trabalho pelo conforto que assegura e a consideração que conquista.

Quando se encontravam na rua, embora fossem pelo mesmo caminho, e juntos, levavam intenções opostas.

Um ia pelo ofício e o outro por divertimento. Guimarães Passos passeava a fantasia distraída e Paulo exercia a observação vigilante.

Mas, apesar dessas dessemelhanças, Paulo, a quem interessavam todos os incidentes da vida e todos os tipos da cidade, não podia querer seriamente que, das ruas e das letras, desaparecesse o boêmio. Quem ama, como artista, a existência na variedade do seu pitoresco, há de admitir tanto o jornalista que faz inquéritos da mais palpitante modernidade quanto o trovador que faz serenatas do mais antiquado romantismo. A um cronista como ele o foi, competiria, por dever profissional, aprovar a edilidade pela proteção dispensada

aos pássaros que cantam nas árvores urbanas, e censurar a polícia pela perseguição aos cantadores que trinam nas esquinas.

Referindo-se com tamanho desamor à boêmia, Paulo, parecendo visar Guimarães Passos, atirava em outros, nos que o hostilizavam, em inimigos recentes ou antigos, que também destes os tinha apesar de bem moço, porque começara muito cedo. E onde havia de ter começado senão na *Cidade do Rio*?

Era ali que as vocações precoces iam esperar pela celebridade e pelo buço, José do Patrocínio, alma afetuosa, braços abertos, recebia carinhosamente os plumitivos implumes.

Paulo Barreto parece ter entrado para a *Cidade do Rio* na idade em que muitos ainda não saíram do colégio. Os primeiros artigos, turbulentos e temerários, revelavam o inevitável nas obras da juventude: a convicção da infalibilidade, a certeza de que tudo está errado e a esperança de tudo endireitar, a irreverência demolidora.

O estilo desses primórdios era obscuridade e desordem, o que não admira: o caos é o começo de tudo.

Em Paulo Barreto, que madrugara na imprensa, havia névoas do alvorecer, pontilhadas de centelhas promissoras.

Pouco a pouco a frase se aclara; através das sombras que se adelgaçam, o sol começa a sua tarefa de colorista e escultor, dando contornos e tintas às coisas informes e apagadas. Perdurarão apenas, aqui e ali, alguns farrapos de nuvens opacas.

O jornalista que começara a falar no tom de quem já soubesse tudo, conhece que alguma coisa ignora, e lê, lê muito, com muita pressa e compreensão rápida e fácil, nos intervalos do seu labor imenso, nas curtas horas de descanso do seu dia exaustivo.

Lê Anatole France, Maeterlinck, Eça de Queirós, D'Annunzio, Jean Lorrain, Oscar Wilde, os Goncourts, os modernos de nomeada mundial e principalmente os mestres da crônica francesa, os grandes artistas do jornalismo, os *reporters* culminantes, como Huret e Brisson, os que, pelo estilo, pereneficam o efêmero e tornam digno de ressuscitar no livro o que morrera nas gazetas.

Deles aprendeu e imitou a arte de enquadrar em artigos e crônicas a aquarela de uma paisagem, a *silhouette* de um escritor, a caricatura de uma personagem, o comentário de um fato, a crítica de um momento social, a his-

tória de um crime, o enredo de um drama, o deslumbramento de uma festa, cenas de rua, peripécias de batalhas, tudo, enfim, dos dias que passam.

E caso o dia que passa for tão miserável que não dê um tema sequer ao jornalista, nem por isso o jornalista desprevenido deixará de dar o seu artigo ou a sua crônica.

O jornalista sem assunto será como um sujeito sem vintém. Mas quando essa penúria alcança quem possui vocação para o ofício, ele não pensa em sair à rua, para esmolar uma idéia pelo amor de Deus.

Arroja-se pela tira em branco que nesse momento difícil parece alongar-se em estrada sem fim.

E não raro, feito o artigo, terminada a crônica – quando o autor repassa, na leitura, por esse caminho de papel que, ainda há pouco, o inquietava com a sua árida alvura de areal, surpreende-se ao ver o deserto povoado, animado, transmudado por figuras que nem sempre lhe apareceram em dias de abundância, por imagens da mais sedutora beleza, exprimindo, como nunca, a ironia, a ternura, o contentamento, a piedade, o amor.

Assim, quem começara incerto, por se julgar tão pobre, pode acabar admirado de ter sido tão inteligente, sentindo que Deus o fizera à sua imagem e semelhança, também criador, com restrições: para tirar de nada – um folhetim.

Paulo Barreto era desses. A obra que deixou, com exceção de poucos livros, foi feita para o jornal que não espera e para um leitor que se não demora: o de banco de bonde, diferente do de poltrona de biblioteca. É a obra de cronista, não o que no silêncio de um convento redigia para a posteridade, e por isso tinha lazeres, mas o que improvisa no rumor de uma tipografia, para daqui a algumas horas, e por isso tem pressa.

Para o seu gênero de literatura, ele possuiu as qualidades necessárias: a sobriedade do traço, a elegância airosa e fácil; o dom da simpatia comunicativa, a leveza, o colorido, o movimento, a rapidez, a fantasia que empresta ao bom senso, pesado e rotundo, asas de borboleta e guizos de loucura e apresenta a verdade em *travesti* de paradoxo. A sua prosa trai a redação imediata que a paciência não retocou.

Perdia com isso em profundeza? Ganhava em vivacidade. Não ostentava o bem acabado da meditação? Palpitava com a instantaneidade do improviso.

Não produzia o quadro que reveste de solenidade uma parede de museu, mas a mancha, o esboço que colecionadores delicados podem guardar com zelo e rever com agrado.

Para a fatura dessas obras, dispunha Paulo Barreto da visão pronta que apanha o fato ou a idéia e do estilo espontâneo que logo os fixa, e que lhe não custaria aprimorar.

Do seu entranhado amor a Portugal, deu as mais calorosas afirmações: venerando-o nas glórias do seu passado, admirando-o na vitalidade do seu presente, embevecendo-se na contemplação da sua natureza, estudando-o na originalidade dos seus costumes, enternecendo-se com a poesia de suas canções. Mas não quis sujeitar-se à disciplina dos seus clássicos, nossos também, o que faz lembrar o dito de certo professor de Paris, atordoado por uma clamorosa manifestação de estudantes, a favor da Grécia, vitimada pelo turco: "Como eles amam o grego, fora das aulas!" É pena, porque a familiaridade desses mestres favoreceria o artista com recursos preciosos para dar à sua prosa mais ductilidade, mais força, mais beleza, mais elementos de duração, mais modernidade até e tudo sem prejuízo e antes benefício da originalidade.

Na trabalhada frase de Anatole France, clássica e nova, lampeja, com limpidez inda não vista, o velho ouro de lei de Racine, Montaigne e Rabelais.

Não há, nessa observação, censura, haverá quando muito, queixa, nascida justamente da admiração e da simpatia.

Para atenuação da culpa, basta considerar que quando Anatole France começou realmente, perante o grande público, a sua carreira literária, aparelhada com uma erudição formidável que lhe pesava tanto quanto pesa à abelha o néctar das mil flores que sugou, e senhor de uma forma perfeita, contava quarenta anos, isto é, a idade exata de Paulo Barreto, ao deixar a imprensa e o mundo, legando-nos uma obra avultada, não totalmente contida nos seus livros numerosos.

Levou-o a morte, precisamente na época normal da maturidade, quando inspiração e experiência se equilibram e se completam e se ajudam em fraternal harmonia.

A sua produção é, para bem dizer, de infância e mocidade, toda ela feita aos nossos olhos, sem descanso. Assistimos ao seu crescimento, dia por dia, na publicidade, como assistimos ao das árvores da rua. Quem quiser estu-

dá-lo no seu desenvolvimento contínuo encontrará, da *Cidade do Rio* à *Pátria*, passando pela *Gazeta de Notícias* e *O País*, a mais significativa documentação e a mais segura cronologia. E verá – nascendo, crescendo, florindo e frutificando uma vocação admirável com o irresistível das forças naturais.

Paulo Barreto não conheceu as indecisões aflitivas dos que vacilam, entre várias carreiras, na dúvida do que vieram fazer no mundo. Nasceu jornalista e não consumiu tempo em perguntar o que seria. Foi, quanto antes, para o jornal, escrever; assim o rouxinol não fica num galho a pensar se nasceu ou não para rouxinol; vai cantando.

Surgindo tão moço, como jornalista, Paulo Barreto havia de ter causado a seu pai, o Dr. Coelho Barreto, orgulho e decepção. Orgulho, pela promessa de futuros triunfos; decepção, pelo malogro de esperanças austeras. Aquele ilustre mestre era positivista ortodoxo, filiado à Igreja Brasileira.

Deu ao filho, parece que intencionalmente, o glorioso nome do Apóstolo, dos maiores do calendário de Augusto Comte e que designa, como é sabido, um dos treze meses.

Mas ainda: levou o seu filho único ao templo, para que recebesse o sacramento da apresentação, que lhe foi conferido por Miguel Lemos, a 8 de setembro de 1883, dia por mais de um motivo memorável: por ter então oficiado Lagarrigue e por ter o chefe do apostolado nacional, pela derradeira vez, exercido atribuições sacerdotais por delegação de Lafitte e invocado este chefe comum que, já no postrídio dessa cerimônia, aberto o chisma, passava ser chamado, rancorosamente, o sofista.

Quem poderia prever que aquela criança de dois anos, destinada, na expectativa paterna, a ser um fervoroso fiel da Religião da Humanidade, um apóstolo, talvez, e nunca o ironista que foi, quem sabe se algum dia Paulo do comtismo, porém jamais um João do Rio, – estava olhando para a cerimônia, em que figurava, com os olhos, destituídos de veneração, do futuro repórter das *Religiões do Rio*? Quem imaginaria que a apresentação de Paulo era um sacramento perdido, talvez estragado por influência maléfica de Lafitte, na véspera de sua deposição?

Paulo Barreto voltou ao templo, não como crente, mas como *repórter*, quando visitava cartomantes e feiticeiros, e por essa ocasião notou, com iro-

nia, que ainda não haviam plantado o bosque sagrado, necessário ao culto externo da Religião da Humanidade.

Ora, todos sabem que o positivismo abomina o jornalista e no dia em que mandar não se limitará a podar o jornal com a tesoura de alguma lei manhosa – derruba-o com o machado da ditadura. Nesse dia, *Dies Irae*, com outras instituições, desabará o mundo acadêmico, já condenado pelo comtismo, em cuja balança, na concha dos pecados, pesa o fardão de Paulo Barreto, piorando-lhe a situação, muito séria já, por haver ele repudiado o batismo e o nome, crismando-se com outro para a vida da imprensa.

Adverso ao jornal, o positivismo há de, portanto, julgar mais severamente do que a qualquer outro, a quem, com a agravante imperdoável de ter desprezado o sacramento conferido por Miguel Lemos, na presença de Lagarrigue, encarnou, de modo tão assinalado, a instituição maldita: foi o jornalista capaz de criar, dirigir e escrever, sozinho, um jornal, em todas as seções; foi tal a variedade de sua aptidões, mais que um jornalista, uma redação: com o noticiarista dos comentários irônicos ou graves, o redator de artigos políticos, o autor de contos elegantes, o crítico de livros, o de arte, o de teatro, o cronista dos salões aristocráticos, o repórter das vielas sinistras, o investigador dos assuntos de alto interesse social, o inventor de entrevistas imaginárias, o escritor que, como ele disse de si mesmo, "veio para a vida – ver" e o que também veio para agir; o que surgiu, com um espírito novo, quando a cidade assumia novo aspecto; o que chegou a propósito para registrar o movimento, a ansiedade, a febre, o rumor da vida vertiginosa de um período de remodelação; o que se extinguiu – tornando-se assim mais sensível o irreparável do seu desaparecimento – quando esta Capital se agitava com a expectativa de maiores transformações, quando se aproximam dias fulgentes que, uma vez acabados, perpetuariam o seu brilho de festa se pudessem refletir-se em páginas do incomparável cronista da cidade.

Não tento apresentar-vos aqui a sua figura; mas, sem esforço meu, estais a vê-lo agora, com a alegria e a mocidade que trouxe, quando entrou por esta Casa "como um raio de sol" no dizer do grande orador que o recebeu; e assim o veremos, redivivo que está, no esplendor inextinguível do discurso de Coelho Neto.

Antes de ter perdido aquela mocidade irradiante, perde a vida; e o pouco que dela lhe restava quase o deixa onde fora deixando o que já se fora: na sua mesa de trabalho. Foi o trabalho que o matou.

A imprensa não é somente a insaciável aniquiladora de florestas. Para se nutrir, esmaga, tritura e devora as árvores e os homens.

A morte de Paulo Barreto foi um desenlace em harmonia com a sua vida vertiginosa.

Já agonizante não esquece que é repórter.

A notícia do seu fim,

...essa última notícia
ele próprio insistira ao seu jornal trazer,

como Félix Pacheco disse na comovente elegia em que glorificou e chorou, com toda a ternura do seu coração de poeta, o amigo e companheiro.

Nesses versos, singelos na sua beleza, como a dor verdadeira, apenas adornada com seu pranto, – uns breves, como lágrimas, outros prolongados, como longos lamentos, palpita a angústia inenarrável daquele acabar:

Todo esse prodigioso acúmulo de vida,
Num minuto precípite passou,
E a elegância repolida
Do esteta singular, do construtor soberbo,
Tombou, baqueou,
No colapso acerbo,
Dentro de um auto em disparada,
Pela avenida iluminada,
Já debaixo da glória, em plena rua,
No turbilhão,
Ouvindo, perto, o oceano a altear-se para a lua
E a seu lado a rodar, a rodar a multidão...

Essa multidão que, na ignorância da desgraça, ocupada com os seus cuidados, vira indiferente, à luz das lâmpadas elétricas, passar a morte numa

enganadora corrida de automóvel, pois parecia a vida na sua impetuosa jovialidade, horas depois, convocada pela nova acabrunhadora, iniciava em honra daquele simples jornalista homenagens extraordinárias.

A alma encantadora das ruas amplificou-se e transfigurou-se na alma dolorosa da cidade.

E foi a cidade que conduziu o seu cronista ao túmulo.

As ruas retribuíram o afeto de quem as conhecia e amava uma por uma.

De todas elas veio fluindo em regatos a multidão que num transbordar de imensa vaga oceânica deu ao acompanhamento do jornalista essa imponência que muda a depressão da dor em solenidade de triunfo. Quando na pompa desse derradeiro dia Paulo Barreto tornou a passar pelo caminho da sua desamparada agonia noturna, tudo quanto era violáceo de saudades flamejava em glória de púrpura: a calamidade da sua morte desaparecia na magnificência dos seus funerais.

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHOR Constâncio Alves:

Quarenta vezes justas a asa da morte roçou e feriu estas cadeiras. O nosso número, portanto, já se acha igualmente completo no país ainda não descoberto, onde a simpatia intelectual dos fundadores entendeu escolher os patronos que devia dar-nos.

Só restam hoje, aqui, poltronas sem crepe, quinze, em cujos espaldares de glória fulgem, lado a lado, os nomes de Teófilo Dias e Afonso Celso, Cláudio Manuel e Alberto de Oliveira, Porto-Alegre e Carlos de Laet, Franklin Távora e Clóvis Beviláqua, Álvares de Azevedo e Coelho Neto, Raul Pompéia e Domício da Gama, Artur de Oliveira e Filinto de Almeida, Tobias Barreto e Graça Aranha, Adelino Fontoura e Luís Murat, Domingos de Magalhães e Magalhães de Azeredo, José Bonifácio, o Moço, e Medeiros e Albuquerque, Varnhagen e Oliveira Lima, Tavares Bastos e Rodrigo Octavio, Evaristo da Veiga e Rui Barbosa, Tomás Gonzaga e Silva Ramos.

Ainda não vencemos a terceira década, e, sem embargo, que extensa a teoria dos que se foram: Alcindo, Aluísio, Araripe, Artur Azevedo, Loreto, Artur Orlando, Eduardo Prado, Arinos, Garcia Redondo, Guimarães Passos, Paulo Barreto, Inglês de Sousa, Nabuco, Patrocínio, Veríssimo, Homem de Melo, Lúcio, Pedro Lessa, Luís Guimarães pai, Machado de Assis, Lafayette, Bilac, Pedro Rabelo, Heráclito Graça, Pereira da Silva, Barão do Rio Branco, Raimundo Correia, Osvaldo Cruz, Salvador de Mendonça, Emílio de Me-

nezes, Sílvio Romero, Teixeira de Melo, Jaceguai, Urbano Duarte, Valentim, Euclides, Taunay, Francisco de Castro, Martim Júnior e Sousa Bandeira...

Quatro desses nem tiveram a honra de ser recebidos: o tempo, no acelerado de sua marcha de cego, carregou-os antes da posse.

A curul mais flagelada, a de Francisco Octaviano, já sentiu passarem por ela nada menos de quatro ocupantes.

Duas vezes o véu sinistro desdobrou seu luto em cada um dos lugares em que inscrevêramos os nomes de Junqueira Freire, Rio Branco, Laurindo Rabelo, Alencar, Pardal Mallet, Sousa Caldas, Bernardo Guimarães, Manuel de Macedo, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varela e João Francisco Lisboa.

Choram da mesma sorte a perda de seus primeiros dignitários outros sítios da companhia, marcados pela eterna lembrança de Joaquim Caetano, Basílio da Gama, Gregório de Matos, Martins Pena, Júlio Ribeiro, Manuel de Almeida, Maciel Monteiro, Joaquim Serra, Pedro Luiz, Gonçalves Dias e Hipólito da Costa.

É como vedes, Sr. Constâncio Alves, todo um mundo de sombras, enchendo de ufana tristeza a nossa saudade orgulhosa!

> *Nous ne pouvons plus faire un pas sans nous heurter contre un cercueil. Il faut marcher pourtant, serrer les rangs, combler les vides et continuer sa route en voyant tomber à côté de soi ceux avec qui on avait commencé et l'on espérait finir sa carrière. Dure loi, mais sans laquelle la vie fléchirait devant la mort et lui céderait l'empire de ce monde. L'Académie ne peut pas périr. Plus ses pertes sont nombreuses, plus importe qu'elle se hâte de les réparer. Ses obligations se multiplient sous les coups mêmes que la frappent et ne lui permettent pas de donner à la manifestation de ses deuils tout le loisir qu'elle voudrait. Le temps nous presse.*

Vós devíeis estar entre aqueles quinze privilegiados, que citei no princípio, quero dizer, entre os sobreviventes egrégios que, por felicidade nossa, ainda nos restam de primeira hora. Entretanto, quanta gente, senão na verdade menos velha do que vós, em todo caso provavelmente mais moça do que sois, acorreu, insofrida, a estas portas e logrou entrá-las!

Não raro, a ironia do destino se compraz de castigar-nos com a obrigação de confissões da ordem desta. Quando fui admitido, como simples repórter, no *Jornal do Commercio*, em janeiro de 99, já ali vos encontrei, enchendo com a graça leve e os espinhos cor de rosa do *Dia a Dia* o fim das *Várias*. Vinte e três anos são passados e desde 913 aqui me encontro, freqüentando este recinto, que tenta gente a esse tempo evitava, e, hoje, seguramente o décuplo, com direito, cobiça ferozmente.

O *Dia a Dia* passou a ser *A Semana dia a dia*, não sem protesto do Ministro japonês de então, que se habituara a ler-vos todas as manhãs em Petrópolis, gratíssimo pelas vossas farpas atiradas contra a Rússia.

Nesse entretanto, morreu anônimo, ou voltou para Cuba, de onde era filho, e eclipsou-se, o Garcia, o vosso Mercúrio, um velhinho baixo, teso e seco, que nos aparecia sempre na redação das onze para a meia-noite, trazendo as tiras do costume, chovesse pedra, como algumas vezes aconteceu em dias de barulho na cidade, ou chovesse água, como era mais freqüente suceder. A Biblioteca Nacional, já então vosso pouso definitivo, transferiu-se de defronte do Passeio Público para o palácio que ela própria divide hoje solidária e irmãmente com a falta de assento da Câmara. Morreu Machado. Acabou-se Veríssimo. Até a Academia, para danação da inveja alheia, de pobre que era, dizem que ficou rica...

E continuastes teimosamente durante todo esse longo período, antes da herança, depois da herança também, fora desta instituição, que, aliás, tanto vos requestara para seu membro fundador, e havia passado a ter constantemente em vós, no rodapé das quintas, o seu melhor e mais afetuoso e assíduo cronista.

Posso declarar, porém, que, no que me toca, me absolvo do pecado com o distribuí-lo um bocadinho pelos demais colegas, que, neste momento de fausto e de alegria, nos escutam a nós ambos. Os que, em rigor, não são réus da preterição a que aludo, ao menos o foram pelo não insistir, como Nabuco insistiu, no reclamar a vossa presença entre nós.

Consolemo-nos reciprocamente dessas injustiças todas, com o íntimo contentamento desta hora de recreação e de amizade, que, para ser completa, necessita, do mesmo passo, não se alongar em esquecimentos e despiques, por mais que uma cousa e outra costumem fazer a delícia dos discursos de recep-

ção, quando não estamos em estado de sítio benigno como agora, e quando a censura da mesa é, então, como deve ser, cuidadosa e severíssima...

Copiando com carinho as boas práticas da Academia Francesa, devemos rejeitar o modelo, quando não servir e não for bem o caso.

Formigão insaciável de biblioteca, conheceis naturalmente o que se passou com o desventurado Augusto Barbier, que, eleito em 1868, na vaga de Empis, teve a desgraça de ser recebido no ano imediato, quando ainda ninguém esquecera a absurda vitória de Conde de Carné contra Littré, e quando a ilustre companhia acabava de perder nada menos de sete sóis gloriosos, desaparecidos na sombra: Mantalembert, Berrier, Viennet, o Duque de Broglie, Sainte-Beuve, Pongerville e Villemain.

Temos aqui na nossa Academia, enviados por Domício da Gama, e possuo também eu lá em casa, oferecidos por Veiga Miranda, os dezoito grandes e preciosos volumes do *Récueil des Discours*. Mas não preciso ir à fonte oficial, e valho-me da *Chronique Parisiense des six derniers mois d'Empire*, de Paul Ginisty e Quatrelles l'Épine, embora estes houvessem confundido um pouco as datas e carregado bastante as tintas no resumo.

Barbier começa o seu discurso, fazendo alusão a um poema da *Legenda dos Séculos*, o "Sátiro":

> *L'auteur, Messieurs, y raconte que le grand Hercule prit plaisir, un jour, à mener Pan dans l'Olympe. Cette fantaisie mythologique m'a paru avoir quelque analogie avec ma situation actuelle. En effet, tant d'hommes de génie ont brillé sous la voûte de ce temple, tant d'esprits supérieurs, tant de maîtres en l'art d'écrire et de bien dire y ont fait resonner leurs voix, que l'on peut bien, sans trop d'exagération flatteuse, reconnaître en ces lieux une sorte d'Olympe de la littérature française. Quant à moi, tout en étant loin d'appartenir à la race de l'agile coureur des champs et des bois, il serait facile de me trouver un trait de ressemblance avec cet enfant de la nature: ce serait la façon dont j'ai souvent rendu mes idées...*

Era demais. Sylvestre de Sacy não se conteve e escandalizou com a sua resposta o auditório, apesar deste já familiarizado com a malícia acadêmica:

"C'est que, cette fois, la malice a fait place à une manière d'impertinence" – explicam os autores que citei.

Aqui está como os referidos autores resumem os termos do discurso acadêmico que recebeu o pobre Barbier:

> *Vous êtes ici, Monsieur, c'est un fait, mais je ne comprends pas trop pourquoi vous y êtes.... Vous avez fait un livre, où il y a une pièce intitulé* La Curée... *Tenez, je vais essayer d'en lire une strophe... Mais non, vous voyez qu'il n'y a pas moyen; c'est malséant... Et puis, je vous croyais mort depuis 1832. De quel droit n'êtes-vous pas mort? J'ai été fort étonné d'entendre parler de vous pour le fauteuil de ce pauvre Empis... L'Impératrice me fait l'honneur de converser avec moi sur la littérature: il est question de Mlle. Aïssé, de Mme. Krudner, de Mme. Récamier, mais jamais de vous.*

Narro o episódio somente para pôr alguma cousa da vida da nossa gloriosa co-irmã francesa na história ainda quase virgem da Academia Brasileira, perante a qual todos sabemos não teríeis o mau gosto de entrar começando por uma alegoria de sátiro, roubada a Victor Hugo e sumida entre as banalidades do exórdio infeliz de Barbier, que Sylvestre de Sacy castigou tão duramente. Não há, aqui, este perigo, mesmo quando o novo acadêmico não seja estritamente um homem de letras, hipótese tantas vezes anunciada antes da posse, entre os remoques dos literatelhos lá de fora, e brilhantemente desmentida pelos recipiendários, logo no primeiro discurso de cada um.

A diversos temos realmente recebido nesta sala com justa efusão, sem ao menos lhe perguntar se não vinham mais propriamente da política, da medicina, do jornalismo, do direito, da militância, da igreja, da diplomacia, ou de outra procedência qualquer, que não as letras. As letras, ao cabo, no fundo, são tudo isso junto, e se nós, ao invés de imitar neste particular a nossa congênere de França, limitássemos aqui o ingresso exclusivamente aos bardos e novelistas e gramáticos, teríamos feito apenas um truncamento de cultura, incompatível com a expressão geral de inteligência, de autoridade, de patriotismo e de bom gosto, que desejamos que a Academia apresente sempre, no seu obstinado fervor pelas tradições da língua portuguesa enriquecida no Brasil, e pela beleza renovada que simultaneamente nos cumpre animar.

Mas, quanto a vós, pela multiplicidade dos títulos que na vossa pessoa concorrem, devemos desde já declarar que a nossa acolhida necessariamente não será a que de ordinário se faz às pessoas estranhas nas residências particulares.

Aqueles três bustos, que ornamentam o lugar de nossas sessões, amplamente o confirmariam, com o sorriso afetuoso, que a eternidade da justiça fixou no bronze.

A nossa troca de discursos é, pois, uma formalidade inexpressiva, tratando-se, como se trata, de um velho e estimado companheiro e amigo, que, embora tantos anos ausente de nós, viveu sempre fraternalmente a nossa vida, participando, com a mesma sinceridade, dos júbilos e tristezas que vamos tendo na sucessão dos dias, e erigindo-se, voluntariamente, no jornalismo cotidiano do Rio, em um permanente comentário simpático da ação da Academia.

Penso que já passou definitivamente o tempo em que o público não cria em nós. Não culpemos ninguém por essa antiga opinião. Convenhamos antes que isso era, naqueles primórdios longínquos, um conceito natural e muito generalizado.

Na minha idade de arremetidas demolidoras, que não recordo senão para assinalar o inútil e o ridículo desses golpes, com que cada um o que faz é apenas pagar o prêmio de sua juventude, derramando-se em irreflexões e injustiças, de que um dia haverá de penitenciar-se; na minha idade de arremetidas demolidoras, que tiveram a virtude magnífica de não poder deitar nada abaixo, como há de estar acontecendo a uma porção de jovens depois de mim, falei, certa vez, em "alfândegas intelectuais, com as suas tarifas protecionistas muito úteis para os efeitos da publicidade e da glória".

Era a primeira apreciação publicada no Rio sobre o grande romance da lavra de eminente acadêmico, que, apesar de acadêmico e eminente, ainda constituía, até então, um autor ineditado e inédito. Eu visava diretamente, com a minha prosápia, nessa crítica, a Academia, com os seus quarentas imortais por voto próprio; e, embora elogiando sem reservas, como devia, a fulgurante estréia, salientava a circunstância, para mostrar a independência dos novos e aversão a esses processos.

Estou, entretanto, que foi exatamente esse rabisco de ocasião que mais me aproximou desta Casa. O acadêmico louvado retrucou-me galantemente de Londres, agradecendo os gabos ao seu livro, obra de verdadeiro artista, trabalho de pensador autêntico, concluindo por ajuntar textualmente, com oportuno bom humor, que era quase um conselho, que, anos depois, não deixei de seguir: "Quanto à Academia... Está entendido. Serei eu o seu paraninfo. Vou escrever ao Machado de Assis. É fatal. A Academia é inofensiva. Quem é que acredita nela?"

As últimas expansões de nosso brilhante confrade, nos recentes e pitorescos desconformes futuristas de São Paulo, autorizam talvez a supor que ele, sempre novo e sempre trabalhador, depois de mais de dez anos de Europa, ainda pensa do mesmo modo a respeito da Academia, de que é, aliás, uma das maiores e das mais lídimas figuras.

Mas quem não pode de modo nenhum continuar a pensar como antigamente sou eu, pois a Academia de fato existe, quero dizer, não é mais assim tão inofensiva como outrora se supunha, por isto mesmo que, hoje, realmente todos acreditam nela.

Não foi isso milagre do livreiro benemérito, que prestou às nossas letras o mais assinalado serviço que elas até então receberam no Brasil, mas fruto natural, conseqüência lógica da evolução mesma da nossa vida, desabrochando com o tempo e criando a bela força e o inegável prestígio, com que temos sabido crescer e nos impor, sem afetações e sem particularismos.

Não refiro a passagem senão para acentuar, por honra vossa e em vosso louvor, que se alguém uma vez supôs que a Academia não existia, e por isso não acreditava nela, esse alguém podia ser todo mundo, menos vós.

Que melhor bilhete de recomendação do que esse voto apreço ininterrupto pela Instituição que hoje vos acolhe com tanto prazer em seu seio?

Ainda quando escrevíeis para nos censurar, a vossa atenção para conosco era sempre carinhosa e alta. O eminente escritor militar, que sucedeu a Joaquim Nabuco na cadeira de Maciel Monteiro, não guardou, decerto, nenhum ressentimento de vossa veemente sortida em defensão de nosso primeiro e glorioso Secretário-Geral. Era, no fim de contas e sempre, a Academia, que enaltecíeis e louváveis numa de suas mais radiantes e fascinadoras figuras, que vos pareceu, como a outros, um pouco diminuída na bela fala do

padrinho do acadêmico. Veríssimo acudiu prontamente com uma carta, inocentando da culpa dessa irreverência a ilustre companhia, tal qual fez mais tarde o pensamento irredutivelmente honesto de Mário de Alencar, defendendo de argüição idêntica, porém muito mais injusta, um artigo de Domício da Gama aparecido na *Revista Americana*.

A polêmica derivou de Nabuco para o preclaro paraninfo que serviu na famosa sessão, e, de um lado e de outro, os floretes ágeis da sátira, manejados com absoluta perícia epigramática pelos dois consumados mestres do gênero, foram tirando chispas de fogo.

Esses suculentos torneios da graça travessa e belicosa têm sobre todas as outras guerras e combates uma vantagem evidente: nunca produzem mortos nem feridos. O que fica de tudo é só uma vibração de beleza e de independência, patente na justeza ferina dos golpes e na segurança invencível das paradas, logo reciprocamente alongadas em outras tantas *rispostas*, para gáudio unânime da platéia educada, como creio piamente que é, em geral, a que aprecia essas deliciosas pugnas. Vai-se ver no fim, e o duelo se reduziu a uma sucessão de fintas, com que os esgrimistas se divertiram a valer à nossa custa, um contra o outro, e nos lograram sarcasticamente a todos que estávamos apreciando de palanque a briga. Arranhões, se os houve, apaga-os o tempo, que seria deveras um pouco insípido, sem o *intermezzo* barulhento desses encontros corpo a corpo, em que só há louvar o desperdício do talento, e uma vez que da intrepidez verbal estadeada com tanto brilho, tanto garbo e tanto estrépito, jamais resultam conseqüências que determinem a intervenção da polícia e a chamada do automóvel branco da assistência com a bandeirinha solícita da Cruz Vermelha tremelicando em cima.

A polícia e a assistência, aqui, no caso, somos nós, e a ordem que expediríamos, se para tanto tivéssemos autoridade e não receássemos também uma daquelas sovas, que quebram com fúria, mas felizmente recompõem logo sem novidade as costelas da gente, seria para que os bravos campeões se dessem novamente as mãos, como é ou, pelo menos, deve ser, de boa regra nesta Casa conservadora, abastada e pacatona.

Reparo, sem malícia, que todos, até mesmo, se me dão licença, a memória, naquela ocasião tão discutida, de Joaquim Nabuco, continuaram a passar muito bem e permanecer perfeitamente íntegros nos seus foros.

E é introduzido pela sombra augusta do admirável político, tribuno, filósofo, historiador e diplomata, que penetrais neste recinto, Sr. Constâncio Alves. Vós mesmos o dissestes com propriedade e formosura, no vosso discurso, aludindo àquela outra *Academia Suplementar*, onde Paulo Barreto e Pedro Lessa inauguraram exatamente a trigésima nona e quadragésima cadeira, o que significa, como eu próprio igualmente afirmei no começo, que também lá o nosso número já se acha completo, razão de sobra para tranqüilidade vossa e de todos nós, que ainda estamos vivos e não temos de viajar para o *undiscovered country*, esperando, ao contrário, e muito confiadamente, que aquele a quem de coração desejaríeis para paraninfo e desde muito habita a glória, não se lembre, onde se encontra, de propor nenhuma ampliação do quadro paralelo...

Se o metal inerte pudesse falar, haveríeis de ver, neste momento, como a face do homem elegantíssimo, que foi aquele admirável orador e escritor, tomaria de improviso uma acentuada expressão de júbilo. Tudo pelo chegardes finalmente aonde ele quisera ver-vos desde o primeiro dia, quando esta agremiação só guardava no bojo desejos e esperanças, e era talvez ainda um simples simulacro, ou apenas vaga promessa de nosso atual e opulento chá das quintas-feiras.

E, ao sorriso satisfeito desse busto da direita, responderia decerto com alegria não menor o seu companheiro daquela outra herma do lado esquerdo, com o qual já fizemos carinhosamente as pazes, depois de ele morrer, e cujo perfil vindes de traçar, com o de Nabuco – o Moço – com tanto brilho e tanta precisão encomiástica de linhas.

Lá mais ao fundo, Machado de Assis, sempre igual nas delicadezas de sua grande alma, completaria com o seu afetuoso recato, cheio de orgulho tolerante, e com a sua esquisita sensibilidade, feita de gentileza sem esparramos e cristalizada em pérolas de *humour* e de sonho, o coro de boas-vindas e louvores, com que vos saúda aqui, na linguagem tranqüila, prestigiosa e duradoura da saudade, a memória dos três conspícuos fundadores, a que também podemos naturalmente associar a solidariedade póstuma de José Veríssimo, quando não ao mesmo tempo a de todo o seletíssimo grupo que colaborava na segunda fase da *Revista Brasileira*, de que ainda, por nossa fortuna, tanta gente ilustre resta viva.

Com essas credenciais, com que batestes à nossa porta, Sr. Constâncio Alves, a vossa eleição passava a ser uma simples questão de ocasião.

Lá fora, muita gente, cuja pressa e insofrimento contrastam veemente com o vosso vagar de burocrata zeloso, com a vossa paciência de erudito sem vaidades e com a vossa graça calma e demorada de ironista fino e arguto, não entenderá provavelmente o que eu quero dizer, por mim e talvez também pela Academia, quando aludo a eleições que são ou devem ser uma simples questão de ocasião.

É quase certo que, na política, o senador que de mim fizeram contra minha vontade, pense que as coisas nem sempre devam ser assim. Mas, nos nossos pleitos da Academia, mais sérios, mais espaçados, mais graves pelas responsabilidades morais e mentais do mandato, assim como pela extensão perpétua da investidura, convém medirmos melhor todas as circunstâncias ocorrentes nos diversos méritos que pleiteiem uma cadeira vaga. Isso ocasiona, às vezes, incidentes e dilações, e determina segundo pleito e novas candidaturas; mas ninguém tem o direito de se queixar, porque tudo, como disse, se reduz a uma simples questão de ocasião, de que somente nós somos os juízes, e não constitui menosprezo ou gravame para pessoa alguma.

Não imagineis que é uma explicação que vos dou, ou a qualquer outro.

A Academia se sente bastante ciosa de suas prerrogativas, para não ter que baratear escusas, ou se justificar de demoras havidas. É apenas um aviso que deixo e uma advertência que formulo aos candidatos de amanhã, quando já fordes também membro efetivo e acadêmico votante.

Na nossa vida literária, como na nossa vida política e social, o defeito brasileiro principal está na relativa ausência daquelas qualidades de discrição que formam a própria essência da polidez, no que a polidez significa o sentido das conveniências pessoais mais íntimas e a compreensão do interesse geral mais legítimo.

Sobram tais predicados na vossa modéstia cultíssima, Sr. Constâncio Alves, e tanto basta para marcar do bom selo a vossa personalidade por tantos títulos ilustres.

Acredito que só a circunstância de sermos ambos jornalistas, como o foi também o inesquecível João do Rio, influiu para que o nosso eminente

Presidente fosse levado a incumbir-me da missão que estou desajeitadamente desempenhando.

Eu era, entretanto, o menos indicado para isso, pela pouca prática que tenho de arrumar os alfinetes e as fitas indispensáveis ao bom arranjo dos açafates olentes, próprios destas recepções.

Não pensou também a indicação no grave perigo e na evidente imprudência de ajuntar assim, numa quadra como esta, apesar de ser tal quadra a de um governo eminentemente intelectual e de vontade, de fé e ordem e patriotismo, três homens de imprensa, dous vivos e ambos um pouquinho frondeiros no seu conservadorismo, a carregarem outro, que não morreu senão da efêmera morte física, e cujo feitio novo, movimentado, literário e perquiridor cintilava demais para ser aceito sem desconfiança e sem reserva.

O momento, por obra e graça do Senado, de que aqui, como o meu prezado colega Sr. Lauro Müller, não faço parte, é sumamente delicado para a profissão, mesmo quando quem dela vem, para chegar até nós pelo atalho decente das letras, é magro como vós, com o vosso fardão de aparato, o único que conheço aberto na frente, fora do uniforme oficial fechado e quente que me abotoa, e quando o duplo confrade, que vos está a receber, anda a lutar, sem esperança, para ver se não engorda mais, já tendo necessitado mandar desapertar a sua casaca verde-garrafa e ouro, como decerto precisou igualmente fazer, depois da posse, o nosso querido e saudoso Paulo Barreto, cujos bordados, ainda relativamente novos, talqualmente os meus, se vexariam do brilho um pouco mais escuro, o que vale dizer um pouco mais antigo e um pouco mais autêntico da fé de ofício que os vossos representam, podendo, aliás, isso mesmo acontecer também com o espadim que trago e me pertence deveras, mas me foi dado de presente, em troca ou substituição de outro, que voltou ao seu dono, sem que eu saiba até agora aonde foi parar.

Confessemos logo despejadamente que essas trapalhadas todas de indumentária compõem muito mal a nossa modéstia, e tão sem jeito cobriram a vossa que só tivestes desculpa recorrendo a uma tirada de Rostand nas primeiras linhas de seu discurso de recepção na Academia Francesa.

Conversa fiada de poeta, para excusar jactanciosamente perante si mesmo de haver desistido de falar em verso naquela ocasião, como o

Cirano embaixo do balcão da Roxane, Chantecler no terreiro no dia da Pintada, ou o Filhote da Águia no aposento melancólico do castelo de Schoenbrunn...

> *Messieurs, j'ai feuilleté ces vertes brochures sur lesquelles Minerve rejette son casque en derrière; j'ai colligé les exordes de tous les récipiendaires passés; et j'ai connu que, si j'arrive à l'Académie trop tôt pour pouvoir abréger les humilités préliminaires, j'y arrive trop tard pour espérer trouver une façon originale d'être confus. Tout est dit... depuis deux cent cinquante ans qu'il y a des académiciens, et qui sont modestes.*

Tudo isso, é claro, o espavento de glória enunciava para blasonar – o galicismo abonado por tanta gente cabe como uma luva – de nunca ter sido tão tentado de "ne pas parler en prose". A sua fingida modéstia o que queria era apenas "doubler les émotions", "débuter ensemble sous la coupole et dans la prose".

Eu acredito muito mais na vossa timidez, confessando com simplicidade e com franqueza o seu orgulho, Sr. Constâncio Alves, do que na modéstia emproada de Edmond, simulando apregoá-la.

Para um tímido passar de tímido a outra coisa pior ou melhor, basta a simples troca de uma letra no vocábulo. Qualquer dos dois qualificativos estaria certo e seria verdade na definição de vossa pessoa.

Quem vos encontrar na cidade, meio encolhido e meio curvo, os ombros estreitos metidos em fraque talvez preto e coberto invariavelmente do capote, se o termômetro está abaixo de 30º, à cabeça um coco também quase preto, a expressão geral sem nenhum traço deselegante de descuido ou de boêmia antiga, balanceando um bocadinho o andar vagaroso, com jornais amassados ou brochuras e livros apertados no braço esquerdo, o direito empunhando um indefectível guarda-chuva, que não previne nada contra o seu contemporâneo o dilúvio, dirá logo: ali vai um tímido!

E não errará na suposição. Um homem que, ao contrário de João do Rio, que conheceu todos os recantos da cidade e todas as camadas sociais, de Botafogo à Gamboa, e foi o cronista de todas as festas, se limita a ir de casa à

Biblioteca e da Biblioteca ao "*Jornal*"; um homem que não vai a teatros, que só entra num cinema por acaso, que nunca viu Carnaval, nem assistiu a uma só corrida de cavalos, regata, partida de "foot-ball", ou tourada e que só conhece o Municipal por ter ido ali ouvir conferências de Anatole France, Jaurès e Clemenceau; um homem cuja vida se passa entre os livros, e que, entretanto, até quando se entra numa livraria, parece que entra com medo, não pode ser senão um tímido. Um tímido e um triste, pois, além do mais, considera como verdade profunda o dito do ironista: a vida seria muito agradável se não fossem os divertimentos.

Os tímidos, porém, nem sempre são só o que mostram. Convém examiná-los bem, e noutras ocasiões, que não assim de passagem, na rua. Vendo-vos, como agora vos estou vendo, de farda e espadim, acho, não sei por quê, que toda essa imponência marcial e decorativa vai a matar na vossa timidez. É que podeis provavelmente ser, e sois, além de tímido, temido, com perdão do mau gosto do trocadilho.

Não há, aliás, incompatibilidade nenhuma entre essas duas feições.

Todos nós, neste mundo, uma vez somos isto e outra vez somos aquilo.

A incoerência dessa variedade de aspectos é puramente ilusória. Ou a vida não seria então o misterioso complexo que realmente é e que, a todo instante, nos obriga aos mais diferentes papéis.

Dos vossos, Sr. Constâncio Alves, me contento de dizer que os representastes sempre e ainda agora muito bem.

Não há, que eu saiba, outra forma de ser sincero no jogo de cena dessa grande comédia, que o Dante, a quem estudastes tão superiormente, o ano passado, nas três maravilhosas conferências da Biblioteca, estilizou em símbolos no trágico e no lírico, para poder depois chamá-la de divina, mas que basta ser humana e diária, para admitir logo não importa que paradoxos ou inverossimilhanças.

Não sou, aliás, eu só quem diz. Disse-o mais curtamente e muito melhor, três décadas antes de mim, o nosso venerando e respeitado Presidente, quando escreveu, em março de 1891, na sua secção *Escrínio*, do jornal *O Brasil*, que então se publicava no Rio de Janeiro:

"C. A., macio dizedor de verdades ásperas"...

"Macio dizedor de verdades ásperas"... Muito bem achado juízo! Aí estão, nem mais nem menos do que o tímido e o temido de que há pouco vos falava. A maciez permanece com o primeiro, e as asperezas passaram ao segundo, primeiro e segundo iguais ao terceiro, o da verdade, não querendo isso dizer que aqueles dois sejam rigorosamente iguais entre si, ao contrário do que reza o velho axioma ou teorema.

Ocupando embora a Cadeira que tem o nome de Gregório de Matos, sou pouco versado em matéria se sátira, nem sei aonde ela acaba para dar começo ao humorismo. Mas como já vi definida, e logo por Auguste Comte, que é mesmo para a gente não duvidar, como a "sistematização do instinto destruidor", cedo me persuadi de que há muitas cousas erradas neste mundo, que estão positivamente certas, e outras historicamente certa, mas que parecem, de fato, erradíssimas.

Prescindo de exumar, nesta última categoria, as vossas rusgas passageiras com o nosso prezado colega e eminente mestre, a propósito de Eufêmia Camacho, ou de Joaquim Nabuco, com repercussão sobre Pedro II, através da lira antiga abandonada e cheia de um radicalismo que passou com o verdor dos anos, embora na pessoa de quem se trata essa permanente mocidade pelejadora continue abrindo-se em magníficas cintilações depois dos setenta, para encanto e aprazimento de todos nós, que lhe queremos e o respeitamos como patriarca da Casa, e capaz, ainda hoje, de reduzir qualquer ao silêncio com um simples piparote de sua graça cheia de imprevistos e de brilho.

Não me furto, entretanto, de remontar mais para trás no tempo, na esperança de religar agora o passado ao presente, com esquecimento do meio-termo, sempre desaconselhável, até mesmo nas Academias como a nossa.

Que animação vos não dava o autorizado Professor com as repetidas referências ao vosso nome! E que prazer não sentirão hoje todos aqui, podendo assistir à velha cordialidade renovar-se entre os dois!

O namoro começou sintomaticamente a propósito do encontro de duas locomotivas na Sapopemba, uma chamada *General Deodoro* e outra *D. Pedro II*. Deveis concordar que não é mau princípio para um segundo casamento, passados trinta e um anos, quando não se deve mais fazer grande cabedal da idade para a conservação dos pontos de vista de afastamento.

Escreve a 4 de junho de 91 o fulgurante dono de *Escrínio*:

"Recomendamos o assunto ao conceituoso C. A."

Não vos fizestes de rogado. E pagou-vos fartamente em benevolência o grande mestre, nestas palavras de 7 do mesmo mês:

> O escritor do *Dia-a-Dia* fez-nos a vontade, interpretando analogicamente o encontro de *Pedro II* e *Deodoro* (na estação de Sapopemba); porém não quis dizer tudo o que pensa quanto às avarias do último trem. Explica o seu retraimento pelo receio de dar com os ossos na estação de Maxambomba. Fundado receio. Por muito menos o Joffily ficou sem jornal. Em todo caso, felizes nos consideramos por ter bolido com o C. A.: lucramos mais um de seus chistosos artigos.

Dez dias depois, ainda ele vos destacava noutra alusão elogiosa:

> O espirituoso C. A., do *Jornal do Brasil*, comentou a substituição do busto de gesso da República, no Congresso, por outro maior, porém ainda de matéria quebradiça. Aludindo à lembrança de se transladar o Congresso para o Museu, diz que – ainda é cedo. Por estas e outras é que a República fecha jornais. (Seção *Escrínio*, de *O Brasil*, de 17 de junho.)

E continuava na manhã seguinte:

> C. A. do *Jornal do Brasil* celebrou o *Fico* do Sr. Hermes com citações de tragédias gregas e reminiscências de opereta francesa.
>
> Se o Sr. Hermes tem espírito, como parece pela gracinha da renúncia, deve, a bandeiras despregadas, ter-se rido com duas coisas: com o debique do C. A. e com a inalterável seriedade do Sr. Portella. (18 de junho de 91.)

Não é pouco, mais tem mais ainda:

> Emmanuel pediu aos espectadores que ao teatro não levassem crianças de colo. Sobre o caso fez o C. A do *Jornal do Brasil* algumas variações com a costumada perícia. (*Escrínio*, 22-23 de junho.)

Na mesma secção, a 20 de setembro:

> Em Campinas, uma companhia lírica suspendeu as cadeiras à redação de um jornal que lhe chamou de feias e velhas as cantoras. Deste engraçado incidente tira o C. A. do *Jornal do Brasil* algumas variações no violino em que é mestre.

Veja-se esta com endereço ao Sr. Aristides Lobo:

> Falo por experiência: há dias chamei de velho um ilustre cidadão que não quer que lhe falem na idade. Custou-me uma descompostura. E se não perdi o bilhete da entrada é porque o teatro em que trabalha só é freqüentado pela companhia.

A relativa solidariedade política entre o jovem jornalista republicano em oposição a Floriano e o velho escritor liberal, monarquista irredutível, explica razoavelmente essas simpatias que eu tenho a obrigação cordial de recordar para reavivar.

Não era só no jornal *O Brasil* que o brilhante mestre abundava em tais encômios. Copio também textualmente um pedaço do quinto artigo da série *A Providência na Revolução*, publicado no *Comércio de S. Paulo*, onde esplendia o sebastianismo intransigente, porém mais literário do que político, de Eduardo Prado:

> Tudo lhe servia (a Aristides Lobo) de pretexto para acusar de conspiração os monarquistas. Se ousavam manifestar convicções, eram díscolos perigosos e urgia fossem reduzidos ao mutismo. Se permaneciam silenciosos, é que tramavam coisa... "Calam-se, logo conspiram", era o estribilho do inclemente jacobino. Não vale negar que, ao cabo de algum tempo, essas repetidas inventivas começaram a tornar-se ridículas, e com delicioso aticismo foram pelo C. A. (Constâncio Alves, do *Jornal do Brasil*) reduzidas ao número das mais irrisórias celebreiras desta república...

* * *

Eu devo ter, Sr. Constâncio Alves, pela longa prática da datiloscopia, algum jeito para descobrir também a identidade intelectual exata das pessoas. Se se lê claro em dois milímetros de superfície palmar, não sei por que não se haverá de recompor, por indicação apanhada num simples trecho de dez ou doze linhas, a marca menos ostensiva que cada escritor porventura esconda e guarde. E não falhei em relação a vós, na minha pesquisa, meu caro folhetinista e meu brilhante... poeta!

Meu brilhante poeta, digo bem. O indício lá estava patente na evocação de Rostand, no começo do formoso discurso, que vindes de pronunciar. A suspeita foi confirmada na alusão, que fizestes, de passagem, aos belos versos de Théophile, *Le Pin des landes*. Vi logo claro no escuro, a poesia resinando de vosso tronco robusto e sentimental plantado fundo, tal qual o outro, nas dunas ingratas da vida.

E, de vossa dissertação sobre a boêmia, a propósito do poeta Lagartixa e do Guima d'*A Casa Branca da Serra*, concluí, sem esforço, que já devíeis ter igualmente poetado um dia.

Anotastes, com estranheza, a ausência dessa aptidão em Paulo Barreto, só para me despistar. Mas a um antigo interpretador de manchas e desenhos papilares ninguém ilude assim tão facilmente. Armei-me de lentes, abri de novo o Galton e o Vucetich, esmiucei *whorls* e *loops*, e aqui vos tenho, seguro pela gola, para vos mostrar a todos com o vosso nome certo no Parnaso e a filiação completa entre as musas, de cujo reino encantado vos fingis egresso, como se ainda hoje, com todo esse ar santarrão de prosaísmo e esse aspecto mofado de erudito e de irônico, não continuásseis a freqüentá-lo.

Comuniquei a alguns amigos o meu propósito descobridor, e de um deles, Artur de Cerqueira Mendes, meu querido irmão de letras, residentes em São Paulo, recebi preciosa ajuda e confirmação definitiva do que imaginara.

Tínheis ali um contemporâneo de Academia recentemente falecido, o Sr. Deolindo Galvão. É esse vosso dedicado e afetuoso colega, que tão grande lugar ocupou sempre na vossa estima, quem agora vem assistir à vossa posse, na leitura dos versos por seu intermédio comunicados àquele brilhante escritor, que ainda me adianta outro apontamento precioso, dizendo:

> Contava-me o Dr. Deolindo Galvão, falecido há dias, terem sido escritos de improviso, sob a influência de uma impressão forte, quando o Constâncio estudante...

Preparai-vos, que o caso é grave e podeis ser chamado a contas, pois não tendes mais, hoje, "o estoicismo de celibatário sistemático", como dizíeis numa carta de 5 de novembro, felicitando aquele vosso amigo, que ia casar:

À SOMBRA DE UM LEQUE

Braços dados, seguíamos. Na rua,
De casa mudas e cerradas portas,
Pousava a paz claustral das horas mortas,
O silêncio do céu, o alvor da lua.

E calados nós dois, da noite em face,
Temendo que do amor a correnteza,
Desesperada por se ver represa,
Alucinadamente transbordasse...

Por atração secreta, de repente,
Nossas mãos encontraram-se geladas,
Como quem faz um crime, e alvoroçadas
Entrelaçaram-se amorosamente...

Doce torpor, divina letargia!
Para que a noite não pudesse vê-las,
A indiscreta que incessante espia
Com as claras pupilas das estrelas,

Cobriste-as com teu leque rendilhado,
Qual asa de ave, que protege o ninho.
E ficou a tremer, no ar dourado,
A plumagem puríssima de arminho.

Sob a asa da noite, as nossas almas,
Sob a asa do leque, as nossas mãos...
Que vivo ardor naquelas horas calmas,
Incendiando corações irmãos!

E arfava sempre o leque, a branca vela,
Dessa invisível nau da fantasia,
Que, unidas, nossas almas conduzia
Numa viagem loucamente bela.

E o fino arminho, de beleza rara,
Dir-se-ia a espuma da salgada esteira,
Que o vento em níveos flocos atirara
Na extática vertigem da carreira.

Tudo passou. Quem sabe se o teu seio
Mais tarde palpitou ao meigo encanto
Desse poema de amor em um só canto,
Ou, antes, canto que ficou em meio?

Quando o presente é mão que me constringe,
E o pranto arranca e fibras dilacera,
E o futuro desenha-se em esfinge
Que, taciturna, ao longe nos espera,

A saudade, a divina evocadora,
Reproduz, traço a traço, aquela cena,
E minh'alma se abriga, já serena,
Do teu leque à penumbra protetora.

Bahia – 1884.

Claro que, achado assim o fio da vossa meada azul, e intimado vós mesmo do processo e da devassa, o resto não foi mais tão difícil, pois tivestes de capitular, como se vê desta carta que vou ler:

> Prezado paraninfo. – Agora que não posso esconder os crimes, digo-lhe que o poeta que os cometeu já pagou o que devia às musas ofendidas. Arrependeu-se, pediu-lhes perdão e enforcou-se, aos 20 anos, numa das cordas da lira ultrajada. Queira V., poeta de verdade, perdoá-lo, como Apolo já o perdoou. – *C. A.*

Mentirosos sempre os poetas! Mentiroso vós, jurando que o cujo que em vós havia o enforcastes aos vinte anos, em respeito às musas e para merecer o perdão de Apolo. Não reparastes que, na pequena coletânea que vos arranquei a pulso, há um soneto, por sinal lindíssimo, com um fecho que bastaria para fazer a reputação de um grande burilador, e datado de julho de 1922, isto é, de apenas um mês atrás. Vou jurar que o compusestes, quando fostes eleito, associando filial e carinhosamente o nome saudoso de uma santa às justas alegrias de vosso triunfo tardio e preguiçoso.

Ouça a Academia e diga-me, depois, se este primor de quatorze linhas não vale tanto como o volume suculento das *Figuras*:

MATER

(A Jackson de Figueiredo)

Eras em plena mocidade, quando
Da nossa casa, um dia, te partiste;
E eu, coitado, sem mãe, pequeno e triste,
Fiquei por esta vida caminhando.

Assim – no meu amor – teu rosto brando
Do tempo à ação maléfica resiste;
E o meu é, hoje, como nunca o viste,
Tanto o passar da idade o foi mudando.

Tão velho estou, que já me não conheces;
Nem poderias ver no que te chora
Esse a quem ensinaste tantas preces.

E tão moça ainda estás que (se memora
A saudade o teu vulto) – me apareces
Como se fosses minha filha agora.

Julho – 1922.

Retrocedamos trinta e oito anos para apreciar o chiste do rapazola enamorado, que hoje se faz de tão esquecido:

À VIZINHA QUE NÃO ME QUER VER

Ajoelhada, ante os altares,
Ouviste missa, outro dia,
E eu te mirava, com ares
De pobre de portaria.

Ah! nem a esmola furtiva
De um olhar – rápida aurora –
Que as esperanças aviva
E os desalentos minora!

Botaste esmola no cofre
Das almas do Purgatório.
Que compaixão por quem sofre
Um tormento transitório!

E eu, que no Inferno vivo,
Eternamente a pensar,
Que não tenha o lenitivo
De um piedoso olhar!

Olhas os santos chagados
Com branda expressão de dó,
E dos meus tristes cuidados
Não queres ver nem um só!

"Ama teu próximo"... Entendo
Que isto é ordem que Deus deu,
Ora, teu vizinho eu sendo,
Quem mais próximo que eu?

Atenta, por vida minha,
Nesse ditame de amor,
Sê como os santos, vizinha,
Escuta este pecador.

De um teu olhar só, ao toque,
Verás que o meu coração
É cachorro de São Roque,
Ovelha de São João.

Bahia – 1884.

Curioso fora que o humorista que sois não repontasse um dia nas folhas com o guizo da sátira a sacolejar na arlequinada maldosa.

Quando o Emílio, tão mal julgado até hoje, talvez ainda não fizesse os epitáfios, que deviam depois imortalizá-lo juntamente com a sua outra grande poesia, um pouco superficial na aparência, é certo, mas, no fundo, tão cheia de comoção e de beleza interior, como da sonoridade exagerada e da opulenta pompa externa de que se vestia, já a vossa musa brincalhona liquidava sumariamente muita gente por meio de quadrinhos irreverentes, conceituosa e terrivelmente assassinas. E obráveis nisso tudo com a mesma calma de esculápio incréu, com que, em setembro de 85, na vossa tese de doutoramento *Da cremação e inumação perante a higiene*, defendíeis, lá na Bahia, o processo novo, "por julgar" – são palavras vossas e não minhas – "mais prudente e mais humano cuidar dos mortos do que dos vivos".

Essas trinta e sete páginas, várias de proposições e aforismos, devem ser, na ordem cronológica, a vossa primeira pilhéria séria.

As troças menos graves principiaram muito antes no *Cri-cri*, jornalzinho manuscrito e clandestino, que redigistes no colégio e é voz corrente que

mais de uma vez produziu sarilho grosso. Como a Biblioteca da Faculdade da Bahia pegou fogo, tal qual aconteceu depois com outra ali mesmo, por efeito do bombardeio, que eu não queria lembrar para não vos envergonhar como baiano, imaginastes que a vossa famosa tese tinha desaparecido na voragem do incêndio. Isso mesmo mo dissestes, aliviado do susto de que eu pudesse encontrá-la. Não vos lembrastes, entretanto, de que tendes colegas pérfidos, que igualmente são médicos, e são literatos, e são baianos, e que a tese havia de aparecer, ao menos num exemplar, para remédio. Também não há por aí quem dê, e eu, entretanto, posso dar notícias certas da *Rosa Mística* e do *Manual de Tanatoscopia Judiciária*, do grande herdeiro e legítimo sucessor das glórias de Nina Rodrigues na Medicina Legal...

Não há novidade maior no vosso trabalho. Apenas, à página três, um indiscreto bispou isto que só não vos reconcilia com o Apostolado da Rua Benjamin Constant porque, para tal Igreja, *os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos*, de onde se segue que estes não devem ser queimados, como queríeis:

"Augusto Comte, na bela teoria que apresentou de fetichismo..." etc.

Bela teoria e fresco fetichismo! Alguém me escreveu a esse propósito: "O autor disse-me, escusando-se: 'como sabia que os seus doentes haviam todos de morrer, queria logo queimá-los'..."

Aqui vão, é claro que sem os nomes por cima, duas amostras do gênero *cremação*, com a vossa firma embaixo:

Quando ele exalou sua alma,
Quem estava perto, se quis
Levar aos olhos o lenço,
Levou o lenço ao nariz.

A cova – cujo apetite
Dos chacais excede a gula –
É possível que o engula,
Mas é de crer que o vomite.

Digamos, para desorientar, que a data dessas duas perversíssimas quadrinhas é de 1887.

Ainda andava eu, então, nas calças curtas de meus nove anos, e já a fama de vosso sarcasmo irradiava da Bahia para o Rio. E foi exatamente Lúcio de Mendonça. o grande intelectual acolhedor e sem inveja, com o qual viemos mais tarde a pelejar os dois juntos, quem teve, em relação a vós, como antes e depois disso repetiu em relação a tantos outros, a generosa e simpática iniciativa de chamar a atenção dos especialistas daqui para o nome do jovem colega estreante na província. Eis o que, textualmente, copiei dele mesmo em *A Semana* de 25 de junho daquele ano:

> *Um humorista baiano.* – Entre nós onde os humoristas são tão raros, mormente na poesia; onde a soturna melancolia indígena se estende também às letras, em que tanto falta a alegrar-nos uma frase que cante ou um verso que assobie, é verdadeiro achado o que nos mostram num número do *Diário da Bahia* do ano passado. Vê-se que são versos feitos despreocupadamente, ao correr da pena, mas com faiscante jovialidade, a propósito da medida, tomada por um delegado de polícia da Bahia, chamado Fortunato de Freitas, proibindo a briga de galo. O autor, que tomo a indiscreta liberdade de apresentar aos nossos dois notáveis humoristas da prosa e do verso, *José Telha – ci-devant Lulu Senior* e Artur Azevedo, – se é que ainda o não conhecem – é o médico baiano Dr. Constâncio Antônio Alves, segundo ouço a um bem informado leitor do *Diário da Bahia*.

Pagastes bem, com o vosso discurso, a dívida contraída para com o primeiro saudador de vossos méritos literários. Ainda ficou da vossa gratidão um bom saldo dos juros da mora, para as custas devidas em pagamento pelas despesas da ruidosa contenda de 98 entre ele e nós dous, por causa do Luciano de Mendazza (leia-se Francisco de Castro).

Antes da vossa chegada, porém, já eu havia rezado o ano passado, aqui nesta sala, o *penitet me* diante dessa memória tão cara à Academia. Fizestes agora o mesmo. Muito bem. Fechemos o balanço dessa conta de amizade, de arrependimento e de admiração, e passemos adiante.

Não resisto, entretanto, antes disso, em dar a conhecer aos vossos confrades um outro mimo em verso de vosso humorismo:

AO MEU ESPELHO

Não esqueci, meu espelho,
A tua sábia lição.
Não foi regra, nem conselho,
Foi apenas reflexão.
Lembro-me bem desse dia.
Soluçava de paixão
E no meu quarto gemia
De cortar o coração.
Felizmente ninguém via.
Andando daqui pra ali,
Num dos meus passos te vi
E o meu choroso carão.
Ah! que vergonha senti
Por fazer tal figurão...
E logo, ao pensar naquela
Grotesca situação
(Nunca vira coisa assim)
Deixei de chorar por ela,
Passei a rir-me de mim.
Curou-me o riso a paixão.
Caso te vejas assim,
Pio leitor, meu irmão,
Nalgum momento nefando,
O papel representando
Do amor barbado e chorão,
Anda, aceita o meu conselho:
Na tua melancolia,
Vai consultar o espelho,
Pois tinha toda razão
O sujeito que dizia:
Ele reflete e nós não.

Bahia.

Agora esta ajuizada sentença escrita sobre

O CRÂNIO DE UM LOUCO

Poeta, dizes bem, o céu é um crânio.
E eu digo: mas de um doido genial:
As nuvens – são as cismas preguiçosas,
As estrelas – idéias luminosas
E este mundo – uma asneira colossal.

188...

A vossa musa ignorada, só agora despida em público por mim com esta sem-cerimônia toda, não se contentava da própria inspiração, e, como Raimundo, empreendia versões, uma das quais – *Le Pin des landes*, de Gautier, sonsamente referida por vós no título original em francês, no vosso discurso de há pouco, vou ler com indicação da data, que é também um magnífico sinal de vossa precocidade, segundo creio, mas não posso afirmar com segurança, pois não houve meio de apurar a vossa idade, por mais diligências que fizesse nesse sentido, e embora uma indiscreta *Vária* de hoje vos atire lá para as alturas remotas de 62, sem especificar se antes ou se depois de Cristo...

LE PIN DES LANDES
(Th. Gautier)

Quem das Dunas percorre o deserto inclemente,
No Saara francês, dentre o polvilho branco
Da areia, dentre relva e charcos, vê, somente,
O pinheiro surgir com uma chaga no flanco.

Porque, por lhe roubar o pranto de resina,
O homem, o grande avaro algoz da criação,
Que vive à custa só daqueles que assassina,
No seu dorido tronco abre larga incisão.

Não chora o sangue seu, que goteja, o pinheiro,
Verte o bálsamo todo e toda a seiva até,
E à margem do caminho eleva-se altaneiro,
Qual soldado a sangrar, que quer morrer de pé.

Também o poeta é assim, nas dunas deste mundo:
Se o não ferem, conserva, inteiro, o seu tesouro,
Mas, se lhe rasga o seio algum golpe profundo,
Derrama os versos seus, divino pranto de ouro.

23 – abril – 1888

São ainda desta fase, mas quatro anos mais moço do que a tradução daquela poesia do *parfait magicien des lettres françaises*, uns tercetos condoreiros recitados em I de outubro de 1884 em honra de Pedro Luís, patrono da Cadeira em que o nosso preclaro João Ribeiro substituiu ao delicado e glorioso poeta dos *Sonetos e Rimas*.

Deixo de ler esses tercetos, para não alongar ainda mais o meu discurso, em cuja publicação, aliás, farei incluí-los na íntegra.

A PEDRO LUIZ

Ele era moço, porém, grande e forte,
Nunca manchou su'alma e seu país.
PEDRO LUÍS

.....
Subia mais e mais a treva funerária...
No crânio do poeta – estético modelo,
Lembrando as criações da antiga estatuária –

Onde o moderno ideal gravou eterno selo,
A vida anseia e vibra e treme e se aniquila,
E estende-se do nada o vasto pesadelo,

Da lívida agonia a lágrima cintila:
Cerra-se sobre o bardo a funda treva informe,
No nevoento céu da mádida pupila

A pálpebra caiu como um crepúsc'lo. Dorme
Na torva eternidade – essa floresta hirsuta –
Mas inda os rubros tons do seu clarim enorme

Listram de tom de sangue o espaço que os escuta,
Túmido está o ar de cânticos de guerra
Quando o venceu a morte, em traiçoeira luta,

Fez um rumor igual – seu corpo ao vir em terra –
Ao da queda de ipê, de atlética estatura,
Cujo fragor revolve os côncavos da serra.

Este tremendo baque abriu a cava escura,
O leito onde repousa o campeador da idéia,
Na glória marcial da fúlgida armadura,

Mas não pode quebra-lhe a alma giganteia,
A "deusa varonil" que altiva dominava,
Desde os vergéis do idílio as grimpas da epopéia.

No punho do poeta o verso era uma clava.
Quando o incandescia um grande pensamento
A púrpura caudal da rugidora lava

Penetra o porvir no seu transbordamento,
Abalara ao impulso ingente do seu ombro
A "Mentira de bronze", um triste monumento.

E em frente ao pedestal – da tirania um combro –
Seu estro desgranhara a juba flamejante,
Bramindo imprecações de cólera e de assombro.

Da mísera Polônio a angústia cruciante
Cristalizou num canto, e os cárceres transpondo
Da história, tendo n'alma a indignação de Dante,

Amostra então o vil patíbulo hediondo
De Silva Xavier – o grande visionário –
Como o globo ocular – "carbúnculo redondo" –

Fixo eternamente à vista do sicário
Caim, como sonhara Hugo, do Inconfidente
O olhar – ensangüentando a neve do sudário –

Rubro, sinistro, longo, implacável e ardente
Flagela do país a pávida consciência
Como um remorso austero – inexoravelmente.

Salve, bardo imortal da nobre resistência
Contra o crime! Da morte aos pálidos luares
Que te mandam por entre a dúbia transparência

Das brumas do sepulcro – uns raios singulares,
Tomaste as proporções fantásticas de um vulto
Perdido na mudez das regiões polares.

Eu vejo-te na história esplêndido, insepulto,
– Como as aparições errantes das baladas –
Exigindo da pátria a dívida de um culto.

Sinto-te palpitar nas ondas agitadas
Das estrofes viris, indômitas, guerreiras,
Donde emergem, passando em largas revoadas,

Como numa batalha – acima das fileiras –
Sonoridades de aço e músicas bizarras,
Clamores de canhões e sombras de bandeiras

E o épico estrugir das rútilas fanfarras;
Na ode, águia real, altívola, indomável,
Com asas de procela e sanguinárias garras:

E no seio da pátria – a Déa incomparável –
Cujo amor lhe agitou a mente luminosa
E as cordas lhes vibrou da lira formidável.

Salve, sombra imortal! E que a arte poderosa,
De Fídias glorifique à de Manzoni. É justo.
Levantem-lhe perene estátua gloriosa;

Mas podem dispensar o mármore robusto
Pois, ó cantor dos sons enérgicos e tersos,
Basta para te erguer o monumento augusto
O bronze perenal dos teus soberbos versos.

Foi esse o primeiro rebate de vosso espírito de combatividade política, tantas vezes posto em prova mais tarde na imprensa independente.

Idêntica marca de nobre liberalismo ressumbra com eloqüência e virilidade da extensa produção em oitavas, que também divulgarei com esta fala de saudação, *À Pátria Livre*, recitada a 13 de maio de 1888, na redação do *Diário da Bahia*, da qual fizestes parte, com o Dr. Manuel Victorino, de 1883 a 1890.

À PÁTRIA LIVRE

Foi há pouco... Enorme, escura
Arrojou-se a multidão,
Tomada dessa loucura
Sagrada da redenção.
Uivam sinistros pesares,
Rugem raivas seculares...
É a alma de Palmares
Palpitando em Cubatão...

E o poder, impenitente,
Treme na sua curul:
Trevosa ameaça ingente
Desenha a sombra no azul,
Rebrama a negra coorte,
E vê-se o heroísmo forte
Da "Tróia negra" do norte
Nas "Termópilas do sul".

São os tristes foragidos
De um degredo secular;
Foram outrora vencidos
Vêm a desforra tirar.
E que a negreira fereza
Não oponha uma represa
À raiva da correnteza,
Ao desvario do mar.

Mas ai! a luta se trava,
O sangue corre inda mais;
E o brio da raça escrava
Vence os negreiros chacais.
Vibram cóleras tigrinas,
Trocam frases assassinas
A boca das carabinas
E a língua eril dos punhais.

Mas os "Leônidas novos"
Rudes leões a bramir,
Que mostram do mundo aos povos
Como sabem resistir;
A legião que não se abate,
Inda a sangrar do combate,
Canta o hino do resgate,
Marselhesa do porvir.

Venceu, enfim, essa onda
Que se espraia e hoje é mar;
A negra bastilha hedionda,
Que manchava a terra e o ar,
De repente se esboroa;
Cavo baque o mundo atroa...
Obedeceu a coroa
À vontade popular.

Porém no deslumbramento
Da pátria paira um negror;
Sombrio pressentimento
De que se misturem dor
E delírio alvissareiro,
O riso e o luto agoureiro;
Exéquias do cativeiro,
Funerais do imperador.

A que sentimentos fundos,
Não verga a princesa!... Eu sei
Que oscilava entre dois mundos
Ao firmar a grande lei
Que as algemas despedaça:
Prevendo a glória e a desgraça,
Ante a aurora de uma raça,
Ante a agonia de um rei.

Quando em seus olhos magoados
O pranto fulgindo vai,
Pergunta o povo, em cuidados,
Se esta lágrima que cai,
Tal qual um diamante vivo,
É angústia ou lenitivo;
Se é bênção por um cativo,
Ou se é prece por um pai.

A morte... sempre funesta...
Se a ceifa sinistra faz.
A pátria em prantos protesta
Contra sanha tão voraz.
Ela que a Castro prostrava,
Essa alma feita de lava,
O gênio da raça escrava,
"Musa libérrima, audaz".

A Luís Gama, temerário
Náufrago desse escarcéu,
Que vê, mas só do sudário
Da pátria rasgar-se o véu,
Alma que mais brilho assume
Da pele sob o negrume,
Como dos astros o lume
No cavo ônix do céu.

E o bardo-tribuno, Andrada,
O Demóstenes do Bem,
Arauto dessa alvorada
Quando vinha muito além;
Fusão de Hugo e Virgílio,
Cantando a ode e o idílio...
Hoje perdido no exílio
Donde não volta ninguém.

Mas se estes vultos se somem
Da morte nos turbilhões,
Avulta um gigante, um homem
Da glória aos loucos clarões.
Herói não vencido – Dantas,
Que entre emoções as mais santas,
Vê quebrarem-se-lhe às plantas
Os bravos das multidões.

E tu, pátria redimida,
Não nutras temores vãos,
Abre o seio estremecida,
A todos que são irmãos.
Do entusiasmo aos rumores
Sagra com palmas e flores
Os velhos batalhadores,
E os novos concidadãos.

Não podia ser de outro modo, sabendo-se terdes estado no Recife e obtido matrícula na Faculdade de Direito em 1880. Obrigado, por motivo de grave moléstia, a desistir do curso jurídico e a regressar à Bahia, devíeis, contudo, haver bebido fartamente ali todas as auras da liberdade.

Pernambuco foi sempre um vulcão da idéia nova, e a propaganda abolicionista corria naquela província, berço e palco da oratória apolínea e convincente de Nabuco, muito mais intensamente do que nas outras do Império.

Entretanto, em vossa terra, panejavam também bandeiras de legenda. Debaixo de uma delas, a do Senador Dantas, alinhastes a vossa metralha, e, no cursar a velha Faculdade, não vos esquecestes de ir simultaneamente estudando cá fora as outras doenças do povo propriamente dito, doenças mais sérias, porque mais difíceis de curar, e só se curam com muita higiene que é, aliás, a única medicina em que se deve crer, segundo ouvi de Afrânio Peixoto, que, para isso afirmar, possui, tal qual vós, uma tríplice autoridade: a baiana, a hipocrática e a acadêmica.

Como quer que seja, o fato é, que saístes de lá um médico inútil para a clínica, mas, em compensação, um batalhador perfeito para o ideal.

É disso prova exuberante o discurso que pronunciastes como orador oficial de vossa turma. Tenho sob os olhos o *Diário da Bahia* de 25 de dezembro de 85, que o publicou na íntegra. Deveis amar profundamente essa peça, porque ela vos definiu com inteira precisão, logo de entrada na vida pública. Na vibração calorosa dessa fala, com a qual vos despedistes da velha escola, onde andastes a aprender com tanto afã uma arte que não haveríeis nunca de praticar, vejo nitidamente os germes de vossa escrita de combate, anos depois, na primeira fase do *Jornal do Brasil*.

Rodolfo Dantas, não havendo talvez logrado preferência para a compra do *Jornal do Commercio* ao Conde de Villeneuve e aos seus sócios Picot e Leonardo, os quais, com toda razão, optaram em favor do antigo, dedicado e capacíssimo servidor de casa Dr. J.C. Rodrigues, desistiu do velho e lançou os alicerces do novo órgão, com a colaboração valiosa do digno sobrinho daquele titular na administração da folha.

Aí, sem demora, marcastes com brilho e honra um lugar de destaque ao pé de Nabuco, Sancho de Barros e Gusmão Lobo.

Aliás, não precisastes para esse efeito senão continuar a oração da formatura, proferida seis anos lá na vossa Bahia.

Não vos perdoarei de modo nenhum se não incluirdes essa admirável peça no vosso segundo livro, que, para aparecer, pode bem prescindir de esperar que passeis à *Academia Suplementar*, cuja existência denunciastes e eu imediatamente confirmei, como me cumpria, sem saber, porém, se ela estará mesmo todinha no céu, ou se não andará também um pouco dispersa no outro mundo, parte pelo Inferno e parte pelo Purgatório, como acontece com a Academia efetiva, com a sua sede no Rio e gente em São Paulo, Montevidéu, Londres, Washington, Nova York, Roma e não sei mais onde...

Bastaria a peroração, calcada sobre uma linda imagem colhida em Renan, para vos mostrar desde logo como um escritor de raça.

Mas, muito mais do que isso, o que me espanta, em todo correr desse discurso, é a profunda nota de análise e de crítica social do momento brasileiro de então. Vergastes corajosamente da tribuna a vergonheira inominável da escravidão, cujo desaparecimento a ironia dos destinos e dos rótulos ia reservar daí a três anos aos conservadores. E erguestes, naquele meio e naquela ocasião, palavras de fé, que deviam ter escandalizado um pouco o auditório oficial e merecem ser recordadas:

> Meus Senhores! Não sou daqueles que, por uma falsa compreensão de patriotismo, encaram com desprezo a nossa vida social, desconhecem em nós os impulsos civilizadores e pronunciam-se com este violento pessimismo que cada vez mais vai conquistando adesões.
>
> Mas também, por maior que seja a tolerância de que se revista o nosso espírito não poderemos estudar, sem uma espécie de inquietação, o resultado dos

> vícios constitucionais que atrofiaram em nós a suprema energia com que os povos fortes realizam as suas aspirações de grandeza e de progresso.
>
> O Brasil, por um conjunto de circunstâncias que não podemos estudar aqui, apresenta-se a nossos olhos tão depauperado que, a fim de tornar-se apto para a luta pela vida, necessita de uma medicação poderosamente enérgica.
>
> Para serem debelados estes males, uns que vêm dos tempos coloniais, e outros de mais perto, é indispensável que todas as nossas energias, devidamente utilizadas, contribuam para a obra de demolição e transformação nacionais.
>
> Grande parte dessa missão gloriosa nos está reservada; à geração moderna compete esta reconstrução urgentíssima e a vanguarda precisa ser o nosso posto nesse brilhante movimento de rebelião contra as coisas que devem perecer.

Havia uma bela palpitação de mocidade nessas palavras, verdadeiro ardor patriótico e singular destemor de moço.

Valeu-vos, porém, essa fé? Lograstes acaso conservá-la? Sentistes porventura que ela não diminuía?

Ignoro. O que sei é que a República vos trouxe para o Rio, com a impressão de que o vosso programa sadio e novo estava naturalmente vitorioso.

Acontecia, entretanto, que a aludida República não tinha propriamente sido feita como se fizera a Abolição.

Di-lo, pelo menos, o grande Rui, no prefácio da obra do nosso buliçoso e bem informado confrade Osório Duque-Estrada, e com a autoridade de propulsor maior tanto de um movimento como de outro. A Abolição, a seu ver, realizou-se "por obra do sentimento nacional na plenitude de sua natureza". Das revoluções que temos tido, opina ainda o incomparável mestre, a Abolição "é a que mais honra a nação, de cuja vontade emanou, e a que traduz a mais bela, a mais límpida, a mais santa, a mais profunda, a mais útil de todas as nossas conquistas morais, de todas as nossas transformações econômicas, de todas as nossas renovações sociais nos quatro séculos de existência deste ramo do gênero humano".

E a República? Esta, contrasta Rui Barbosa, "originou-se de um incidente gerado pelas desordens de um organismo predisposto pelas suas condições de irresistência e inércia a não lhe resistir".

Será preciso pôr mais na carta, para adivinhar o desencanto que aguardava aqui no Rio ao autor dos versos candentes a Pedro Luís e ao 13 de Maio, e ao veemente orador da turma dos médicos baianos de 85?

Não tive tempo de consultar as coleções do *Jornal do Brasil* do ano de 91. Mas sei, pelos aplausos generosos que Laet vos tributava em outra folha, que bulistes com bastante gente e destes muito que fazer e que falar.

Caminhávamos, então, cegamente e loucamente, da Constituição para o golpe de Estado, e a vossa bonita plataforma de jovem, lida seis anos antes no berço natal, por ocasião da colação de grau, pelo que agora vos estava sendo dado assistir aqui, era apenas uma bandeira rota, ultrajada pelos falsos democratas, simples acólitos do militarismo triunfador.

Dessa convicção para a oposição não havia senão um pulo a dar, e estou que destes. No fundo, as grandes figuras da patrulha intelectual do *Jornal do Brasil* não fizeram outra coisa.

Mas a vossa oposição, como a das referidas figuras, era mais propriamente literária do que política. Muita gente, ainda hoje, se engana, supondo que esta é pior do que aquela. Não é tal. Pode ser que assim realmente seja, quando a literatura política só pode descompor e escreve mal. Mas quando escreve bem e não descompõe e apenas ironiza, é o diabo, e não haverá quem lhe resista, a não ser um Floriano, que não foi medroso nem tolo, e enfrentou em nome da ordem aquilo que Napoleão, no seu tempo, costumava chamar ideólogos, quando topava um Chateaubriand ou uma Staël.

Mas não cheguemos assim tão depressa à segunda fase do *Jornal do Brasil*, com Rui Barbosa e à vossa ida forçada para a fazenda de Rodolfo Dantas, em São Paulo, onde creio que passastes, como outros confrades nossos em Minas Gerais, todo o tempo da revolta de 93, de medo de ser preso ou então fuzilado, receio injusto, como poderá provar o nosso grande Luís Murat que aqui está vivo e são, para dizer com imparcialidade que o marechal, ao qual também combatia apaixonadamente, não era tal um sanguinário sem entranhas.

Joaquim Nabuco, com quem tivestes a mais íntima convivência naquela folha e de quem pintastes, como de Rodolfo Dantas, um admirável retrato no vosso recente e primoroso livro *Figuras*, não quis deixar a outrem o encargo de louvar a vossa preciosa colaboração no início daquele diário, que preten-

deu copiar entre nós os modelos clássicos da imprensa francesa, o *Temps* e o *Journal des Débats*. Aqui está a carta que ele próprio vos dirigiu, ao retirar-se da redação do *Jornal do Brasil*:

> Rio 29 de dezembro de 1891. – Meu caro amigo. – Deixe-me dizer-lhe adeus, acrescentando que de nada levo tão agradável impressão da minha presente estada no Rio como da nossa convivência no *Jornal do Brasil*. Creia que de longe continuarei a acompanhá-lo com a simpatia que me inspira um talento de que se pode dizer que é a pérola de um caráter. Guarde sempre um pouco de sua afeição para o seu – Amigo e colega admirador – *Joaquim Nabuco*.

No artigo XI da série – A *minha formação política* (*Comércio de S. Paulo*, de 2 de junho de 1896), depois de se referir a Rui Barbosa e José do Patrocínio, escreveu ainda Joaquim Nabuco estas frases, que caem como um honrosíssima comenda sobre o vosso fardão de acadêmico e podiam ser pregadas aí com o alfinete de ouro da justiça num passador de grande oficial:

> Ainda outro, ao acaso. Haverá quem não sinta a música inata de Constâncio Alves? Este é bem da ordem dos pássaros, tem o canto, a prosa dele gorjeia, sobe, trina como a voz de um rouxinol; no entanto se quisesse reduzir a verso a ironia melodiosa que tem em si, que restaria dela?

O mestre não sabia do poeta, só agora descoberto por mim. E achou, por isso, de alterar de algum modo o que disse, e que ficou assim copiado com retoque no livro *A Minha Formação*: "Agora outro, muito diverso. Haverá quem não sinta a música inata de Constâncio Alves? Este é bem da ordem dos pássaros, tem o canto; a prosa dele gorjeia, sobe, trina; no entanto, se quisesse *reduzir a uma obra d'arte* a ironia melodiosa que tem em si, que restaria dela?"

Muito melhor elogio é, porém, aquele que o ainda então vosso colega vos consagrou, no seu artigo a respeito do *Jornal de Brasil*, intitulado: "Um perfil de jornal". Acredito que tereis gosto em reouvi-lo:

> O traço característico do *Jornal do Brasil* é ser um jornal saído de um gabinete de estudo. Não era preciso a contribuição dos mestres (Emile de Laveleye, Paul Leroy-Beaulieu) para se ver que ele representa antigas simpatias pelas ciências sociais. A colaboração de tantos especialistas (cartas militares, cartas navais, H. de Gorceix, Barbosa Rodrigues) revela a hábito de buscar informações nas melhores fontes. A crítica literária (Teófilo Braga, José Veríssimo) alia-se à literatura pura (de Amicis, Fialho de Almeida), à crítica de ciência e d'arte (Schimper, Camarate), enquanto a vibração da nota efêmera do dia (C.A., um pseudônimo que em outro tempo eu leria Joaquim Serra) sai fácil, matinal e sonoro como um gorjeio de pássaro.

Com esse intelectualismo requintado está-se a ver que o jornal, como jornal, não podia deixar de dar com os burros n'água.

Mas ficou através do tempo e da distância a união e a comunhão de tão belos e finos espíritos.

Muitos anos depois, tendo de viajar, rumo à Europa, a fim de tratar da questão de limites do Brasil com a Guiana Inglesa, não quis Nabuco fazê-lo sem um afetuoso adeus ao antigo companheiro:

> Rio, 29 de abril de 1890. – Aceite, meu querido Constâncio, com o meu abraço de despedida, a certeza de que seu nome terá sempre o dom de evocar para mim as mais gratas impressões e o mais intenso interesse, qualquer que seja o intervalo. Seu muito admirador e amigo *Joaquim Nabuco*.

A Rodolfo Dantas sucedeu, tempos depois, na direção do *Jornal do Brasil*, a pena sem rival de Rui Barbosa. A este também bem vos tem ligado sempre até hoje a mais fervorosa admiração, correspondia com um apreço cordialíssimo, que é, como a estima de Nabuco e de Rodolfo Dantas, um título de grande honra para vós. Fostes o orador oficial por ocasião da festa do jubileu do glorioso brasileiro e fixastes numa cálida oração o vosso entusiasmo por ele.

Em 93, no mais aceso da luta do formidável atleta contra Aristides Lobo, o vosso riso sardônico auxiliava poderosamente a campanha. O próprio e grande Rui referia de público e entre gabos essa vossa preciosa ajuda.

No *Jornal do Brasil* de 9 de agosto daquele ano escrevia o Mestre:

> Quando o Sr. Aristides estiver disposto a produzir outra vez primores, não se constranja: é mandá-los diretamente a esta casa. Na ausência do redator principal, o nosso eminente companheiro da seção vizinha, o receberá com as devidas reverências.

O "companheiro da seção vizinha" éreis vós. "As devidas reverências", já se imagina quais podiam ser, num homem como vós, que se jacta de não freqüentar salões, do que vos veio, talvez, o hábito dessas curvaturas às avessas, cumprimentos difíceis de ser aceitos de boa cara.

"O Inimitável", que era como Rui titulara aquele artigo contra Aristides Lobo, não morria de caretas, e respondeu ou mandou responder com sete pedras.

Retruca-lhe Rui Barbosa com um terrível editorial – *O Almocreve de Petas*, em 22 de agosto de 1893, e ainda aí se alude aos vossos dardos:

> Na sua monomania insaciável de trincar vítimas, assesta-nos agora as mandíbulas irrequietas, e, depois de supor que nos intimidava com a ameaça de liquidar em nossa pessoa as suas iras enfuriadas pelo espírito sutil do nosso ilustre colaborador do *Dia-a-Dia*, como se aqui por casa não houvesse também todas as armas da repulsa, desde os dedos da mão até à bala do revólver, vem saltear-nos agora com uma denúncia de morte.

Um antigo florianista poderá por aí tirar da candura de vossa intervenção cheia de graça no debate político conclusões a que não me aventuro, porque vos sei pacatão por índole. Registro apenas que o tempo continuou a esquentar depois de 27 de agosto.

A 6 de setembro seguinte rebenta a revolta da esquadra. Não tenho notícias certas de vossa valentia panfletária, desde então até setembro de 1896, quando reaparecestes, com o mesmo apreciado e perigoso *Dia-a-Dia*, no *Jornal do Commercio*. Apenas sei, e isto mesmo vagamente, que andastes espairecendo um pouco na propriedade agrícola de Rodolfo Dantas, o que me basta como informação, porque o resto dizem logo as primeiras linhas de

vossa colaboração no velho órgão, as quais passo a ler: "Há três anos o Governo suspendeu no gancho do estado de sítio, que não é um estado satisfatório, as garantias constitucionais e eu para imitá-lo, suspendendo também qualquer cousa, suspendi a pena."

A história se repete, mas vós tivestes o bom gosto de não vos repetir. Felicito-vos cordialmente por esse progresso, como acadêmico, que tem a obrigação de ser conservador.

Na Academia Francesa, que Anatole vive a escandalizar com o comunismo ultra-revolucionário do grupo de *La Clarté*, pode, hoje, haver o risco de não ser assim; mas lá mesmo, *sous la coupole*, a totalidade, menos ele, prefere ficar com Richelieu e Napoleão, o que é mais razoável, e permite a cada imortal escrever melhormente os seus livros e tratar sem susto das coisas da vida e dos problemas sedutores da arte.

A melhor prova de exatidão dos conceitos que estou emitindo está justamente na vossa eleição, que pode ser feita sem estorvo na própria tarde e na hora mesma em que se trocavam os últimos tiros de fuzil em Copacabana.

Benefícios da ordem, Sr. Constâncio Alves, vantagens da calmaria que nem sempre era o que havia no zinir de vossas hervadas flechas de antanho...

Floriano quebrou-lhe as pontas galhardamente, e hoje tem estátua.

Nessas cousas, o melhor é fazer como ele fez para triunfar: nada de palavras. Quando se fala demais, como quando se escreve em excesso, perde-se pela língua e perde-se pela pena.

O silêncio, sim, é uma arma formidável e irrita muito mais. Eu não aconselharia recurso diferente desse, que está sempre nas nossas mãos e ninguém nos pode tirar, para que a lei de imprensa, ora em discussão no Senado, seja um código de honra e de moral e não um assalto à liberdade de pensamento e ao direito de livre crítica.

O *Jornal do Commercio*, com o seu eminente diretor foragido, não precisou de outro canhão para combater o Marechal de Ferro. Não podendo, como folha tradicionalmente conservadora, apoiar o movimento subversivo encabeçado pelos almirantes Custódio e Saldanha, mas não querendo também defender o Presidente, fechou-se em copas e nunca deu a menor notícia do que se estava passando. Quem percorrer as coleções do velho órgão, voltará convencido de que a revolta da esquadra em 93 foi uma formidável peta.

Poderíeis talvez ter colaborado com muito mais eficiência nessa grande mentira com o vosso mutismo do que com as vossas farpas. O humorismo tem desses desastres. É da vida e é do *humour*...

Não definirei uma cousa nem outra. Não há nada mais difícil de se definir do que sejam estas duas cousas a um tempo grandes e pequenas: a vida e o *humour*.

A primeira é o que é; o segundo naturalmente será o que entender que deve ser. Foi um em Rabelais e outro em Laurence Sterne; foi mesmo dois em Montaigne, a crer no que diz aquele admirável Paulo Stapfer, de quem nos destes uma fotografia tão pitoresca nas *Figuras*: ..."le merveilleux pouvoir qu'il eut de se *dédoubler*, pour donner la moitié de sa personne en spectacle à l'autre moitié: faculté rare et singulière où réside, à mes yeux, le secret le plus profond, l'essence même de *l'humour*."

Não sei como vos arranjareis nesse pitoresco desdobramento de personalidade. Será bem o caso de uma consulta àquele espelho que contastes em tão risonhos e belos versos: "ele reflete e nós não".

Falo como absoluto desconhecedor do gênero. Quem vos devia receber era o nosso Afrânio Peixoto, que dissertou tão magistralmente sobre o *humour* na sua conferência da biblioteca. Eu nunca entendi aquelas páginas de reticências do *Brás Cubas*, o que não me impede de ter a Machado de Assis na mais alta conta e veneração. Entendo, porém, Renan e Anatole, "humoristes excellents, parce qu'ils furent ou sont encore, pour notre instruction et pour notre plaisir, des connaisseurs malins et souriants de l'homme et de leur propre moi".

Creio que, com esta frase tomada de empréstimo, vos enquadrei com justeza dentro de vossa família literária própria e adequada. E completo a gravura, ainda com o traço alheio de Paul Stapfer:

> *Ce genre d'esprit est, en effet, aux antipodes de l'art classique, étant objectif et personnel avec frénésie, raillant toutes les règles, niant la mesure, l'ordre et la proportion, détruisant à cœur joie la beauté de la forme. Mais comme il se delecte au paradoxe il est capable aussi, par une contradiction, très heureuse, de s'allier au style le plus parfait, au goût le plus exquis, à l'atticisme le plus pur...*

Fostes tido muito tempo como um anticlerical. Que escritor o não terá sido e o não é, na apreciação estrita do fenômeno religioso, através de argumento de ocasião? O que se precisa ver é o que está no fundo do sentimento de cada um. E, aí, só vos poderá chamar de herege quem não tiver mergulhado um pouco na vossa obra, ou não conheça de vossas predileções pela vida dos santos, sobretudo de São Francisco de Assis, que aconselhava a alegria e via o mundo como poeta.

Pôde por isso mesmo louvar bastante o vosso último livro o maior escritor católico da nova geração brasileira, o Sr. Jackson de Figueiredo, a quem as correntes espiritualistas de nossa terra devem já os mais assinalados serviços. Ele negou um pouco o vosso humorismo, porque acredita mais na vossa piedade. Nós, porém, não temos necessidade de entrar nesses pormenores e nos limitaremos a dizer que vos elegemos porque acreditamos em vós e na vossa capacidade de ação literária. O resto não é conosco. É convosco e com os outros.

À vontade! Estais em vossa casa. Sede bem-vindo, Sr. Constâncio Alves!

Discurso do
SR. GUSTAVO BARROSO

e

Resposta do
SR. ALBERTO FARIA

Sessão solene extraordinária
do dia 7 de maio de 1923

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHORES Acadêmicos.

Preferia ser recebido nesta Casa da maneira diversa da que é posta em prática na posse solene dos acadêmicos eleitos. Preferia ser recebido em silêncio, sem que me obrigassem a elogiar aqueles que me precederam na cadeira de Joaquim Caetano e sem que um nobre acadêmico fizesse de público a crítica de minha obra literária. Porque, a meus olhos, esta parece tão desvaliosa que é demasiada generosidade alguém ocupar-se dela; porque, a meu espírito, aqueles a quem sucedo se apresentam entre tão vistosas galas de inteligência e de alma, que me não sinto bastante apto para apreciá-los com a agudeza e o brilho que exigem.

Mas o regimento nega-me o prazer excelente da obscuridade, forçando-me a ouvir, sem protestos, o bem que, porventura, de mim seja dito e a fazer o panegírico dos ilustres mortos. *Proefulgebant eo quod non visebantur.*

As recepções acadêmicas, com aparato e discursos protocolares, são muita vez verdadeiros castigos, em que o recipiendário serve de alvo à ironia cruel de quem o recebe. Deveis lembrar-vos do maligno discurso do padre Caumartin, recebendo o bispo de Noyon, a que Saint-Simon perversamente alude, e da pesada zombaria de Marmontel, *elogiando* La Harpe. Nem vos quero falar de exemplos nossos, que são recentes e demasiado semelhantes, senão mais maldosos. Felizmente, estou livre deste susto, pois não podia ser mais agradável a meu espírito e a meu coração a escolha, feita pela mesa,

daquele que me vai responder, cuja simpatia intelectual e cuja amizade profunda são dos títulos de que mais sinceramente se orgulha minha mocidade.

Manda a praxe que, na minha posição, o indivíduo aparente a maior modéstia possível. Não vos asseguro ter tanto quanto apregôo; todavia, posso afirmar que não penso como Charles Perrault, delicioso narrador de contos de fadas, que fez tornarem-se públicas, de secretas que eram, as sessões da Academia Francesa, e, cumprimentado pelos confrades, após seu belo discurso, exclamara:

– Se o achais bom, é sinal de que agradará ao mundo inteiro!

Nenhum de nós, confessemos, possui tão alta fé no juízo da ilustre associação a que pertence, e longe de mim tal pretensão, máxime diante desta assembléia, florida de senhoras, as quais, na opinião de Frederico Masson, são "exímias em distinguir, louvar e criticar". No tempo do bom Perrault, bem avisados andavam os imortais furtando-se à sua crítica perigosa. Aí por 1671, não se lhes permitia comparecer às solenidades acadêmicas, e, segundo o *Journal* de Dangeau, elas somente começaram a freqüentar a Academia trinta anos mais tarde.

Charles Perrault, que nos encantou a meninice com as histórias da *Gata-borralheira* e da *Bela Adormecida*, era desses inovadores comuns a todas as academias, inclusive a nossa. Se dele herdamos o uso das sessões públicas, de que muitos gostam e poucos condenam, achando que a Academia deve ser o Jardim Fechado dos poemas orientais, infelizmente, não adotamos sua melhor invenção: a máquina de escrutínios, com quarenta bolas brancas e quarenta pretas. Não me atrevo a falar-vos de seu feitio e funcionamento, pois nunca a vi, e o próprio que a fabricou assim se lhe refere em suas memórias: "difícil de explicar e facílima de compreender". Lamento, porém, que não seja aplicada em vossas eleições, senhores Acadêmicos: dar-vos-ia menos trabalho votar por máquina e talvez contribuísse para melhores escolhas...

Olhando o público que convidastes, contemplando vossas fardas e casacas, acordam-me na memória as palavras dum dos melhores historiadores dos Quarenta de França:

> Há dois séculos, a Academia, renovando-se, deu, assim, mais ou menos quinhentas representações duma peça de dois personagens que, se não é sempre

> igual, é, pelo menos, sensivelmente, a mesma... Não há teatro que não inveje tal êxito, obtido com tão pouca despesa, tão diminuta gente e meios tão restritos.

Não há dois séculos, porém, há mais de vinte anos fazeis o mesmo. O Sr. Alberto Faria e eu repetimos, em vossa presença, pela trigésima quinta vez, salvo engano, idêntico diálogo, mais ou menos teatral. Vede que me sobravam razões para desejar a proteção discreta do silêncio.

Além disso, como tratar convenientemente da obra e pessoa dos homens eminentes que, antes de mim, vos fizeram melhor companhia, se exercer a crítica me faz medo? Apesar de Flaubert classificá-la como a décima Musa e Anatole France profetizar que acabará absorvendo a arte, há uma velha anedota que tilinta seus guizos em minha memória e me desassossega. Mais vezes têm razão as anedotas do que os filósofos.

Grande pintor e crítico de estética, após ter desenvolvido aos discípulos atentos e maravilhados, perante um quadro de Rafael, suas formosas e complicadas teorias sobre a arte cristã do Renascimento italiano, em geral, e a do divino Sanzio, em particular, murmurou intimamente desconfortado:

– Se Rafael me ouvisse, talvez nada entendesse!

Por que não ter o direito de pensar o mesmo a respeito daqueles a quem minha crítica, ignorante, ou pretensiosa, poderá envolver em conceitos descabidos, emprestar intenções que jamais lhes passaram pela mente, dar-lhes idéias que nunca possuíram, ou fazer-lhes até mais graves injustiças?

Não basta ter sido eleito pela Academia para se ficar dono de todos os conhecimentos humanos. Essa escolha não se parece com os puxões de orelha dados pelo arcanjo Gabriel a Mafoma, após os quais ele ficou sabendo ler e muitas cousas mais. Ela não implica o dom da sabedoria, que não é nenhuma fruta do bem e do mal. Portanto, é lícito ao escolhido duvidar do próprio mérito. Quem lhe dirá que não foi eleito por acaso, como Henri Meilhac, ao qual o autor da *Vie Littéraire* se referiu em deliciosa página, comparando a Academia com o céu, onde se chega por diversas vias, tanto pela Graça como pela Justiça? Qual o eleito que poderá afirmar tê-lo si do pela segunda e não pela primeira? Quem lhe assegura que sua eleição não foi daquelas "más escolhas necessárias", produtos da "fraqueza humana" dos imortais, sem as quais "sua infalibilidade seria odiosa", daquelas eleições que "desarmam a inveja"?

Certo, a distinção não é prodigalizada e bem raros o logram. Daí seu alto valor, pois lhe não quadra o conceito de São Jerônimo: *Quamvis clarus honor vilescit in turba*. Tanto assim que os desejosos dela não poupam esforços para obtê-la. Forçosamente, conheceis quanto se lutava para penetrar naquela clara e alegre academia veneziana dos Granelleschi, guardada nas Memórias de Daniel Forsetti e relembrada por Filipe Monnier, apaixonado cronista da cidade dos Doges. Não vos será também estranha a história, contada por Hoffmann, de Antonio Scacciati, cirurgião e pintor, que, a fim de fazer parte da Academia Romana, lançou mão de curioso ardil. Salvador Rosa, seu amigo íntimo, fê-lo passar por morto. Como os mortos nos parecem sempre melhores e maiores do que os vivos, apagadas invejas e competições, a Academia resolveu elegê-lo, às instâncias do protetor apesar de defunto, como honra insigne. Mal se findava o escrutínio, e o falecido se apresentava, vivo, bolindo, a tomar posse da Cadeira!...

Se me obriga o costume à modéstia, também me aconselha a gratidão. Esta, para convosco, é maior e mais sincera do que a outra. A fim de obter vossos sufrágios não me obrigastes a *morrer*, que já não é pouco. Se mais de uma vez bati em pura perda à vossa porta, resta-me o consolo de que nunca me inscrevi sozinho e sempre tive fortes adversários a combater. São infinitamente mais saborosas as vitórias difíceis.

Meu único mérito talvez seja nunca ter seguido o exemplo de Montesquieu, que tantos de entre vós acompanhastes: zombar da Academia até o dia de entrar em seu seio. Este é mais acolhedor do que vulgarmente parece. Os Mézerays, que votam por sistema contra todo o mundo, são geralmente raros, e não há Cérbero que se não adoce à vista de um bolo de mel.

O vezo de motejar da Academia, a fim de chamar-lhe a atenção e mesmo forçar-lhe as portas, não escapou à arguta observação de Piron, o do epitáfio célebre, que só não foi dos Quarenta, por oposição do rei a seus desejos, mas para quem seu patrono obteve, em compensação, a gorda pensão anual de mil e duzentas libras. Quantos candidatos derrotados aqui, dos que expõem sua pobreza com os olhos na ficha de presença, não levantariam as mãos para o céu, se os patronos que os abandonam nas refregas lhes obtivessem dos poderes públicos indenizações semelhantes? Piron, que já íamos esquecendo, escreveu, a propósito de tais mofas, este epigrama:

A quoi ressemble en nu point
Votre illustre compagnie?
Vous ne vous en doutez point,
Messieurs de l'Académie:
À la grande confrérie,
Plus grande à Paris qu'ailleurs.
D'elle nos mauvais railleurs
Font d'un ton de petits maîtres
Cent contes tous des meilleurs;
Puis finissent par en être...

Sou o terceiro, desde a fundação desta eminente e respeitável Casa, que tem a honra de sentar-se na Cadeira número dezenove. Protege-a o nome austero de Joaquim Caetano da Silva, nascido no Rio Grande do Sul, em 1810, e falecido na vizinha cidade de Niterói, em 1873. Educado em França, formado em Medicina pela famosa faculdade de Montpellier, trouxe para o Brasil sua cultura clássica e científica, que pôs ao serviço da pátria, na época difícil da Regência. Lente do Colégio Pedro II, e, depois, diretor, continuou sua vida de profundo estudioso até entrar para o serviço diplomático, no qual defendeu o país nas questões de limites das Guianas. Seu admirável livro *L'Oyapoc et l'Amazone* foi a fonte principal em que se abeberou um de nossos maiores estadistas na ultimação da luta secular de fronteiras, iniciada na epopéia ardente das monções e das bandeiras. Soberano atestado de esplêndida erudição e alto patriotismo, esse livro prolongou no presente a ação de Joaquim Caetano no passado.

Deixando a diplomacia, em que fora grande advogado do Brasil, exerceu os cargos de Inspetor Geral da Instrução e Diretor do Arquivo Público. Cegou nos últimos anos de vida. Não poderia haver tortura maior para quem, como ele, vivera dos livros e para os livros. Eis, em rápidos traços, o perfil da notável figura nacional, sobre quem o erudito Acadêmico que me recebe já fez estudo completo e que reduziu a migalhas certos historiadores de jornal, sem estilo, sem gramática e sem verdade, em má hora preocupados com a personalidade de nosso antigo Encarregado de Negócios na Holanda.

O primeiro defensor de nossos limites patrocina a cadeira mais que honrosa, dada, ao fundar-se a Academia, ao primeiro de nossos jornalistas,

Alcindo Guanabara, cuja luminosa inteligência nos seduz, tanto quanto o fundo de tolerância de sua alma, mau grado frias aparências de cepticismo, nascido talvez do ambiente político em que viveu.

Cuvillier-Fleury aconselhava, em crítica, preferir o homem ao escritor. Muitos julgarão, no caso de Alcindo, preferível o contrário, estudar o escritor, deixando de parte o homem. Pessoalmente o conheci e admirei. Guardo de seu convívio ilustre uma lembrança suave. E prefiro vê-lo por ambas as faces. Vindo de entre humildes, nunca a estes esqueceu. Palavras, gestos, atitudes, atos, todo ele acolhia bem e melhor servia quem dele precisasse. Havia em sua alma uma luz de bondade natural destinada a apagar-lhe os grandes erros.

Alcindo Guanabara foi um homem de letras que o jornalismo prendeu em suas garras e atirou para as lutas cruentas da política. Estas nunca mais o largaram. Quem ler sua conferência sobre a *Dor*, quem meditar suas formosas palavras acerca desse maior agente da marcha do mundo (“*omnis creatura ingemiscit et parturit*”), concluirá que, no conferencista, se amostra claramente o estofo de um grande literato. E ainda o bom gosto literário que preside a seus inúmeros e brilhantíssimos discursos, dentro e fora do parlamento, ou artigos de imprensa.

Há a considerar, mais, na personalidade de Alcindo, uma feição diversa daquelas que têm sido estudadas. A do talento multiforme lhe reconhecem todos; a de suavidade da alma deísta e generosa, mais crente e esperançosa do que se afirmava, lhe entreviu com sua doce simplicidade meu saudoso antecessor. Resta a de seu espírito construtor, na ordem dos fenômenos jurídicos, sociais, políticos, econômicos e financeiros, que se palpa nos trabalhos avulsos dessa natureza. Esse homem não praticava suas teorias, mas dava-as aos outros douradas pelo brilho de sua inteligência poderosa.

Apolônio de Tiana, o grande mago dos tempos idos, após longa e grave discussão com Doutores e Teólogos, na Biblioteca de Alexandria, chegou-se a uma janela de onde se avistava toda a tumultuária e brilhante cidade dos filósofos e das seitas. Tinha na mão pedaços de papiros e pergaminhos em que escrevera notas, no ardor das disputas cabalísticas e metafísicas. Alguns antagonistas o acompanhavam. O mágico ilustre estendeu a destra para o espaço solheiro abriu-a e soltou os papéis que a enchiam. Eles espalharam-se no ar, revoluteando, e um a um foram-se transformando em alvas garças, que desa-

pareceram no azul em todas as direções. Aos circunstantes espantados o iniciado disse:

– São as minhas idéias que se vão mundo em fora. Elas hão de pousar em qualquer parte e aí construir seus ninhos.

Relendo a obra jornalística, jurídica, social e parlamentar de Alcindo Guanabara, estes últimos dias, fiquei a pensar que ele, apesar de ser um teórico, dos que mandam fazer o que dizem e não o que fazem, realizou no Brasil o lindo milagre de Apolônio de Tiana. Não se negam asas a suas idéias e elas irão pousando mais hoje, mais amanhã, aqui, ou ali.

Não estou aqui para dizer-vos muito da vida e obras desses antecessores afastados, sim para louvar as daquele que ocupou o lugar imediatamente antes de mim. Tão diversas as três individualidades: o médico erudito, escritor, austero e patriota digno; o jornalista combativo, parlamentar teórico e político fácil; e o pastor de almas, sacerdote virtuoso, estilista clássico, por amor natural ao verdadeiro e ao belo, não por luxo, ou vaidade.

Nem sempre é conveniente falar de eclesiásticos nas Academias de que fizeram parte. O padre dado às letras pertence a uma espécie à parte, um tanto perigosa. Imagine-se o vexame de quem, na Academia Francesa, quisesse publicamente ocupar-se de alguns de seus membros que pertenceram à Igreja. Tomasse, por exemplo, o padre Genest, que Sainte-Beuve chamou "filho de parteira como Sócrates", que, antes de entrar para aquela alta corporação, fora alquilador, bufarinheiro, formado na Inglaterra. Secretário do Duque de Nevers e vigarista; ou o "suave libertino" Francisco Timoleão de Choisy, grande deão da catedral de Bayeux, prior de Saint-Gelais, de Saint-Benoit de Sault e de Saint-Lo de Ruão, que em menino os pais vestiam de mulher, acostumou-se a isso e, já velho, fechava-se num quarto para ficar à vontade, de saias; ou o padre Furetière, prior de Chaisne, de agitadíssima existência, que, segundo alguns historiadores, empalmou folhas impressas do Dicionário da Academia, e, iludindo a boa fé do chanceler de França, obteve o privilégio da publicação da obra, sendo expulso da nobre confraria; ou, então, ainda outro expulso da mesma, Carlos Irineu Castel de Saint-Pierre, clérigo, o mais terrível espírito de contradição do mundo, que pegava a um sujeito para ir teimar com ele todas as manhãs, a fim de ter apetite, e que atacou pela pena e pela palavra a memória de Luís IV, o grande protetor da Academia.

Felizmente, digamos com orgulho, entre nós tais casos seriam raríssimos.

O clero brasileiro é dos que mais honram a Igreja Católica. Em toda a história clerical do Brasil, creio, não acharia São Pedro Damiano muito material para escrever um novo capítulo do seu *Liber Gomorrhianus*. E o nobre varão cingido pelos arminhos episcopais, que formou em nossas fileiras de homens de letras, honrou-as pela serena beleza do seu viver e pelo brilho de sua sabedoria.

Esta era tão grande, dizem, que em torno dela se criou um halo de lenda.

Corre mundo uma anedota, que repito com a intenção única de mostrar como vulgarmente se espalhava o renome do valor mental do Arcebispo de Mariana. Em grande reunião de altos prelados, na Cidade Eterna, um deles, esquecendo por instantes a humildade cristã, fez qualquer remoque acerca de Dom Silvério.

Um colega daquele que, quando vivo, iluminou o sólio arquiepiscopal da velha e nobre diocese mineira, pensando talvez na milagrosa Virgem do Puy, toda escura, que a tradição aclama *Nigra sed formosa*, numa ocasião em que Dom Silvério deu arras de seu notável saber, replicou ao irreverente:

– *Niger sed sapiens.*

Se remoque e réplica não se pronunciaram, a voz do povo, que é de Deus, criando essa história, proclama a sapiência de Dom Silvério.

Dele, em sua ação de pastor, pode-se dizer o que o Padre Martin, erudito cronista eclesiástico, disse de Carlos Allemand Lavigerie, apelidado Carlos o Magnífico, Cardeal de Cartago:

> Recebera de Deus, para administrar a diocese, inteligência viva, penetrante, intuitiva, que rapidamente verificava necessidades, recursos, abusos e lacunas, e, na complexidade do presente, sabia adivinhar as exigências do futuro. Sua atividade, sempre alerta, suscitava as mais diversas obras, sem se deixar abater, ou diminuir por causa delas. Sua espantosa facilidade de trabalho prestava-se a todas as tarefas. Seus talentos de organizador achavam logo para suas criações formas quase definitivas. Sua decisão pronta, súbita, muita vez audaciosa, não recuava diante de empresa alguma julgada necessária, ou simplesmente útil. E, demais, sempre o

perdão nos lábios, a seguir o rumo indicado pelo grande Inocêncio III: *Misericordia superexaltatur judicio.*

Eis aí a figura episcopal.

Olhemos, agora, o vulto literário. Esse nobre ancião teve entrada nesta Casa um pouco pelo principado da Igreja, pois as academias, aristocratas e conservadoras por natureza, carecem do prestígio das altas figuras sociais, e muito pelos livros, que os seus são lavrados em boa linguagem e no ouro mais puro dos sentimentos cristãos. Não sou daqueles que crêem; sou dos que duvidam; mas o cristianismo, em sua feição católica, me arranca sempre preitos de admiração. Penso profundamente na frase de Renan a Emilio Gebhar, em Atenas: "Leve-me ao Areópago. O rochedo de onde São Paulo falou vale mais para a história do que a tribuna de Demóstenes!"

Na lista das obras de Dom Silvério, vem em primeiro lugar, como a mais antiga, a modesta *Prática da Confissão*, editada pela tipografia do *Apóstolo* em 1873 e pela livraria Garnier em 1892. Santa Teresa escrevia a um carmelita, achando que as mulheres não se conheciam bem a si mesmas para se confessarem direito e os padres não as conheciam suficientemente para ouvi-las bem. Era necessário educá-las e educá-los. Dom Silvério, como o dominicano Luiz de Granada, autor do *Guia de los Confessores*, fez esse pequeno volume para conduzir por florido caminho os que confessam seus pecados e os que os ouvem.

Seu melhor livro é a famosa *Vida de Dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana*. Relembra na linguagem e outros traços comuns a *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, de Frei Luís de Sousa, por certo leitura das preferidas pelo autor. Há nessa longa biografia episcopal episódios suaves como o do Arcebispo e o Pastorinho do frei português. Conta-se nessa obra, do berço à cova, a trabalhosa e santa existência de ilustre Bispo, que, de humilde aldeia portuguesa, saiu com a austera vocação que o levou à sombra heráldica do pálio, e, sem dúvida, às portas de ouro do Paraíso, por entre os espinhos de mui longa e fadigosa jornada.

No descrever as lutas em que se cobriu de glória o epíscopo marianense, Dom Silvério deixa adivinhar como, nos homens da Igreja, apesar do lume de fé que os guia, ou de serem verdadeiramente apostolares, se agita às vezes a alma sob vendavais. É a psicomaquia de Santo Ambrósio, a incessante luta

espiritual de Santo Agostinho, dramatizada pela poesia clássica da era de Apuleio e Claudiano, a eterna história do cristão, cujo triunfo é a redenção da alma lutadora.

Às vezes, penso que crer, orar, ter fé, lutar assim, ou descrever a santa vida exemplificadora de outrem, são meios de se não sentir viver, de enganar a eterna monotonia da vida, essa mesmice que atira exploradores ao pólo e cientistas ao microscópio, fugindo ao tédio insuportável da repetição das mesmas tolices e tristezas que levaram Maria Baskhirtsheff ao desespero absoluto.

Não é fácil ler esse livro de Dom Silvério. Ele não agrada ao primeiro manuseio, nem abre portas hospitaleiras às primeiras palmas. Pode-se aplicar-lhe o que diz Luiz Bertrand das *Confissões* e da *Cidade de Deus:* "Precisa-se ter coragem e perseverança, para penetrar no dédalo desses textos eriçados, mas logo que se entra e acostuma ao edifício uma admiração nos invade, maior, pelo espírito que o habita. Sua face hierática se anima e ele sorri na harmonia forte das idéias e do estilo." Eis como o livro se nos antolha e, após, nos agrada, visto pelo lado de dentro. Tem algo das catedrais. Somente do interior se vêm luzes e cores de vitrais e é preciso certa iniciação, pelo menos boa vontade, para entender-lhes o sentido oculto na ingenuidade aparente.

Lá dentro, ao observador leviano, eivado de cepticismos e incredulidades comuns, a alma do escritor parecerá, escrava dos cânones restritos e limitada às opiniões dogmáticas da Igreja. O mesmo não verá quem conheça a palavra do Apóstolo: *Ubi spiritus Dei, ibi libertas*. As almas escravas do Cristo, afirmam os católicos, são as mais livres. Sua servidão, juram, é a maior das liberdades. Sobretudo se a alma está serena, perante o Senhor, quando não sente o *languorem animis*, que Petrarca escreveu numa desolada oração à margem de um manuscrito de Cassiodoro, aquela *voluptas dolendi*, a que se refere São Tomás de Aquino como mal dos espíritos delicados.

Não se resume em tão pouco a bibliografia de Dom Silvério. Ele publicou, como simples sacerdote, essas duas obras e mais *Resposta ao Discurso do Conselheiro Saldanha Marinho, A Morte de Minha Mãe* e *Peregrinação a Jerusalém*. Como vigário geral e capitular da sua diocese, imprimiu quinze circulares. Como Bispo auxiliar de Dom Benevides, em Mariana, e titular de Cámaco, quatro circulares, seis pastorais, uma carta ao clero sobre a encíclica

Sapientia christiana e a *Tabella* de emolumentos diocesanos. Como Bispo de Mariana, oito circulares e seis pastorais. Como Arcebispo, seis pastorais. Além disso, um sermão, duas orações, uma conferência e o discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras.

Dom Silvério escreveu muitas poesias religiosas em latim, publicadas esparsamente.

Alguns dos trabalhos acima enumerados e outros novos foram reunidos e publicados em volume o ano passado, sob o título *Cartas Pastorais*. Nela, seu estilo de acentuado sabor clássico e a unção religiosa a mostrar a todos, carinhosamente, paternalmente, o caminho do bem, a dizer-lhes, como no Deuteronômio: *Audi, Israel... et narrabis ea filiis tuis...*

Dom Silvério Gomes Pimenta, Arcebispo de Mariana, membro da Academia Brasileira de Letras, Comendador da Coroa da Bélgica, de Cristo, e da Rosa, Conde Palatino, nasceu a 12 de janeiro de 1840, em Congonhas do Campo, que eu vi há uns quatorze anos engalanada e ruidosa em dias de jubileu, com a rua principal, tortuosa e lamacenta, descendo para a ponte do rio e subindo do outro lado até o Santuário.

Estudou Humanidades no colégio local, descarnado casarão, que ainda deve existir, de chagadas paredes de taipa emolduradas de madeiros. Dali saiu sabendo bem francês, geografia, sobretudo latim, e mais algumas disciplinas para o seminário de Mariana, em 1855, sendo no ano seguinte, com dezesseis de idade, escolhido professor de latim do mesmo estabelecimento, em cujo corpo docente se manteve até 1890!

Recebeu a tonsura clerical a 10 de abril de 1857; as quatro ordens menores a 20 de fevereiro de 1861; o subdiaconato, três dias mais tarde; o diaconato a 21 de abril de 1862; e em Sabará, a 20 de julho do mesmo ano, a sagrada ordenação de presbítero.

Por morte de Dom Viçoso, em 12 de julho de 1875, elegeram-no vigário capitular. Em 1877, exerceu o cargo de vigário geral do bispo Dom Benevides. Em 1878, o governo imperial o nomeou arcipreste da catedral de Mariana, e o Santo Padre, prelado doméstico. Em 1887 foi elevado a protonotário apostólico.

No dia 2 de junho de 1890, recebeu de Sua Santidade o Papa Leão XIII as honras de Bispo titular de Cámaco e a nomeação de auxiliar de Dom

Benevides. Foi sagrado a 31 de agosto, em São Paulo. Morto Dom Benevides em 1896, foi pelo consistório de 7 de setembro desse ano nomeado bispo de Mariana, sendo feito arcebispo pela elevação da diocese, dez anos mais tarde.

Escolhido sucessor de Alcindo Guanabara, tomou posse da Cadeira a 28 de maio de 1920.

Faleceu cristãmente às seis horas da tarde do dia 30 de agosto de 1922, com oitenta e dois anos de idade.

Ao ser recebido na Academia Francesa, o velho Flourens afirmava sentir alegria e dor ao mesmo tempo: alegria pelo seu triunfo e dor ao pensar que fora conseguido à custa da derrota dos outros candidatos, tão merecedores da honra, senão mais, do que ele. Agitam-me as mesmas sensações: alegria da vitória que me permitistes alcançar e dor da certeza que tenho, neste discurso, de ser flecha caída aquém, ou além, do alvo. Por isso, munindo-me da necessária soma de humildade cristã, que a sombra augusta de Dom Silvério há de inspirar-me generosamente, parafraseio o bispo Possidius de Guelma, primeiro biógrafo de Santo Agostinho: "Peço à caridade dos que pacientemente me ouviram unirem suas ações de graças às minhas bênçãos ao Senhor por me ter dado forças para, bem ou mal, terminar esta empresa!"

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHOR Gustavo Barroso.

Antevejo que sem substância nem sal pareça, a muitos críticos do tempo d'agora, nosso diálogo desta noite festiva. E de certo o é numa parte, a de quem segue o *leader* da conversa, menos apercebido que ele da erudição acadêmico-francesa. Não importa. A própria obrigatoriedade temal, já de si mesma escusa bastante a ambos, também devera neutralizar o ácido à crítica, de seu turno invariável no processo hostil. A mazela da repetição, sempre alegada contra os *imortais*, sendo comum aos públicos censores dos respectivos discursos (não raro *imortalizandos*, a breve passo), dá-lhes igual direito à zombaria: uns e outros, entrefitando olhos maliciosos, apenas fazem lembrar o risonho encontro dos harúspicos, que a antiguidade ingênua cria ledores de boa fortuna alheia, nas palpitantes entranhas das vítimas abertas. Mas, esqueçamos desdéns postiços a velar ambições bem humanas; digo assim, porque considero tais as da compra de sonhos por glórias, na feira de vaidades que é o mundo.

Vós, Sr. Gustavo Barroso, falastes como convinha de Alcindo Guanabara e D. Silvério Pimenta, daquele com simpleza e graça áticas, deste com austeridade e magnitude romanas, escapando ao moteto de velho dizedor, para taxar pessoa cuja conversação lhe parecesse balofa e insulsa: *Homo sine latinitate et græcitate*. Entretanto, receio que alguém, na confusão de espírito e letra, imagine estou a increpar-vos mansamente, *per antiphrasis* ou *conversio*

sermonis, a abundância do latim dispendido, como aparato gozoso de substituir aqui a um mestre na língua ciceroniana...

Mas antes de tratá-los a primor, buscastes ferir-vos e ferir-nos, de leve embora, com alfinetes alados, ou asas de espinho, aliás estrangeiros à *Casa de Maribondos*, precursores das louras *Abelhas de ferrão.* Anedotas em revoada, melhor talvez, revôo de epigramas longínquos, pedem comentos algo retificativos, atenuando vosso gesto de Benjamim acadêmico, por isto mesmo álacre e bulhento. E há de perdoá-los o coração de moço, que tanto se orgulha da amizade desta velhice, isenta de quaisquer invejas.

Depois de aludirdes a jocosas pegas de cara, no grêmio que nos serviu de modelo, qual a do bispo de Blois a Clermont de Tonnerre, autoridade prelatícia de outra diocese, por ele quase excomungado literariamente, na insinuação de Tácito francês; citastes o invento do escrutínio maquinal, atribuído a Charles Perrault, que só os contos de fada celebrizariam, para aconselharnos, com sarcasmo tolhiço, o uso das bolas brancas e bolas pretas. E acedestes linhas avante, sobre a afirmação de nunca haverdes seguido o exemplo de um dos Montesquious, grato a vários de nossos confrades, zombadores da Academia até a hora desta abrir-lhes o seio: que "este é mais acolhedor do que parece". E que "Os Mézerays, que votam, por sistema, contra toda a gente, em geral são raros, e não há Cérbero que se não adoce à vista de um bolo de mel".

Desagrave-se a memória do sucessor de Voiture, tão injustamente apreciável, através da referência demasiado sintética. Sobrevivendo ao invento de Perrault década e pico, lançava, sempre uma bola preta na urna. Descoberto e inquerido, afinal, respondeu, explicando o protesto singular: "C'est pour laisser à la Postérité un monument de l'indépendence de I'Académie dans les élections."

As escolhas eram então a sabor do rei, manancial perene de humilhações. Baste um só caso a desenhar o servilismo da época. Em 1683, tendo elegido a Academia o príncipe dos fabulistas modernos, Luís XIV, que a este não perdoava o devotamente afetuoso a Fouquet, vetou o ato daquela; mas, ao cabo de seis meses, permitindo-lhe revalidá-lo, mediante um segundo escrutínio, dava o motivo aos delegados da ilustre companhia: "Vous pouvez recevoir La Fontaine; il a promis d'être sage."

Se Mézeray não houvesse falecido, pouco antes, teria o desgosto de votar contra o poeta, pintor de campos e animais, visto como nem o mel da poesia, que flui em música adormentadora até das próprias feras, era capaz de iludir a vigilância a dito Cérbero.

Oxalá conte nossa corporação maioria absoluta de membros semelhantes, quando o Acaso improvisar no Brasil um Luís XIV de goiabada. Tiranos de alma e espírito... nem de fruta e açúcar!

Enganastes-vos, mais certo, enganaram-vos, Sr. Gustavo Barroso, no que concerne ao eclesiástico Furetière, assim arrolado entre grotescos: "...segundo alguns historiadores, empalmou folhas impressas do *Dicionário da Academia* e, iludindo a boa-fé do chanceler de França, obteve privilégio de publicação da obra, sendo expulso da nobre companhia". Divergem historiadores de minha estante, mostrando-se favoráveis ao acadêmico, de mais graça que unhas no controverso *affaire*. A redação inicial do léxico referido fora confiada a Vaugelas, saboiardo aceito no grêmio pela fama de falar bem francês; mas que não ativava o labor, a despeito de pensionado com 2.000 libras, dando ensanchas à Musa gaiata de Bois-Robert:

*Depuis six ans dessous l'*F on *travaille*
Et le destin m'aurait bien obligé
S'il m'avait dit: Tu vivras jusqu'au G.

O prior de Chaisne empreendeu fazer, por conta própria, outro léxico, melhor no intuito e na traça; e, desde logo, ferveram ciúmes, que acabaram por eliminá-lo dali em 1685, após 23 anos de permanência benéfica. Combatente de rija têmpera, escreveu em prosa e verso contra a Academia, formando seus libelos dois volumes tirados à luz postumamente. A *Fureteriana*, de grande curiosidade, encerra plano e escorço de um poema alegórico e tragiburlesco, em seis cantos, intitulado *Os partos da Academia*. A primeira edição do dicionário desta é de 1696, quatro anos posterior ao traspasse de Furetière e dois ao aparecimento do respectivo léxico em letras de molde. Releva notar que os compiladores do *Dicionário de Trevoux* aproveitaram-se de todo seu trabalho lexicográfico, deveras precioso, sem uma única vez citar-lhe o nome...

Eis aí as vicissitudes de um remoto homem de letras, em vida suspeito de expoliador e depois de morto expoliado. Não as lembro para recomendar-vos cautela, porque vossos inimigos jazem confundidos e vossa obra é inconfundível.

Condensando o ardil da eleição de Antonio Scacciati, o morto-vivo da Academia Romana, conforme à macabra facécia de Hoffmann, rendestes-nos graças pelos sufrágios definitivos antes que vos finásseis (de mentira também... já se vê). Percebe-se que floristes de riso uma queixa, decorrente de três tentativas menos felizes; mas a negaça de alguns colegas nossos, afinal congregados para deferir-vos a porfiosa palma, apenas significava desejo de apurar-vos a paciência, virtude mais que rara na mocidade.

Vosso imediato predecessor andava pelos 37 anos de idade, apenas três além dos que contais, quando publicou a *Vida de D. Viçoso,* onde se oferece à meditação dos moços, como ele era e vós sois o período redondo: "É a caridade virtude de seios mais abertos que se pode imaginar. Enquanto as outras intendem com algum particular objeto, como a paciência em sofrer, a temperança em conter-se, a fortaleza em não acobardar-se aos perigos, a clemência em perdoar, só ela juntamente sofre, modera-se, arrosta, perdoa, e executa por cheio o que as mais acabam por partes divididas." E folgo, Sr. Gustavo Barroso, que tenhais expresso autoconsolatoriamente, há pouco, aquilo que em termos próximos exprimiu, quarenta e seis anos faz, o sacerdote modesto: "Parece que a bondade das empresas neste mundo se pode avaliar pelo peso das contradições que encontram, e dizer que tanto melhores são, quanto maiores montes de obstáculos lhes apresentam os homens."

Pois foi ao autor desse livro de filosofia moral e prática, na aparência de simples perfil descritivo de um varão benemérito, livro admirável em seu gênero e sem par no Brasil, que elegemos de consciência, quando já resvalava na campa entreaberta, não ao nobre prelado marianense, pese embora a irritados e irritantes *expoentistas* afirmá-lo eu, com a franqueza habitual e o habitual destemor de responsabilidades.

Destinada a puras cogitações literárias, como refúgio único à aristocracia do talento, neste país democratizado até à medula, a Academia não deve ser praça de expoência de coisas estranhas a seu objetivo, e menos pode ser circo dos expoentes de coisa nenhuma. Diversos são os lugares que convém,

aliás honestamente, no genuíno sentido do vocábulo, a exclusivos guieiros de política, urdidores de diplomacia, técnicos de guerra, curas de almas, ou de corpos, artistas de indústria, intermediários de comércio (ainda mesmo o de livros, que arma dinheirosos em Mecenas). Dos grandes senhores, indebitamente entrados à Academia Francesa, dizia Scudéry "*n'avoir de plume qu'au chapeau*". E, mais áspero, de Bussy, o conde, incluindo na sátira aos ricos de haveres, mas pobres de espírito, chamava-lhes *sots de qualité*.

A idéia de nossa imortalidade fictícia, que tantos ambicionam sem condições para fruí-la, pode exprimir-se com palavras de um moderno e atual, aplicáveis aos fundadores desta Casa:

> *Ils répètent à la démocratie, vraiment trop sourde, que la vie n'est pas possible sans le rêve, qu'aimer ce qui est beau c'est déjà être bon; qu'échapper à la prise des besognes serviles c'est commencer d'être heureux; que fixer, par le sortilège de l'art, un moment entre deux éternités, c'est presque vaincre la mort...*

Outros sagraram bispo e arcebispo ao já venerando D. Silvério Pimenta; nós apenas consagramos nele o escritor clássico. Nem nos requerera apoio, alegando achaques, prestes a finarem-no; porque, nesse caso, era também o de responde-se-lhe, como Duclos a Bougainville: "Não está em nós dar-vos a extrema unção." E Bougainville, academizado mediante o embuste da má saúde, ainda teve nove anos de vida experta, mais quatro que o pseudo trôpego cardeal Peretti, após a transfiguração no árdego papa Xisto V...

Se o houvéssemos acolhido sem aquele título legítimo, conquista da mocidade, assentando-o na cadeira por Alcindo Guanabara criada, debaixo da égide de Joaquim Caetano; a jovens cultores da prosa e do verso, mais cheios de olhos que cauda de pavão, olhos acesos em muita cobiça para tudo ver aqui, lícito seria soprar-nos aos pavilhões auriculares, com dorido carinho, o apólogo de Olivier Patru: "*Un ancien grec avait une lyre, à laquelle se rompit une corde d'argent, et la lyre perdit son harmonie.*"

Vós, moço e escritor, Sr. Gustavo Barroso, deveis prezar duplamente vossa significativa investidura, para ajudar-nos a manter o doce convívio intelectual, jamais bafejando a pretensão de intrusos, que levariam à ruína a casa fun-

dada sob os auspícios de Machado de Assis, o qual nunca foi, ou quis ser mais, nem menos que – *homem de letras*: de *boas letras*, ajunte-se distintivamente.

Volvendo à obra capital do "Padre Silvério", que Aureliano Pimentel colocou entre os "primeiros prosadores portugueses" (brasileiros da língua portuguesa, diria eu por evitar equívoco), reproduzirei duas linhas da autoridade citada, com endosso da de Macedo Soares, ao tempo da edição príncipe: "O estilo tem os mesmos atrativos que o do célebre e admirado autor da *Vida do Arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Mártires*." Efetivamente, cotejados os monumentos congêneres, ressalta uma eqüipolência de valores artísticos, denunciativa de assimilação completa, assim no meneio da idéia, como no sabor da vernaculidade, pois que o segundo não é mero decalque do primeiro. A frase natural daquele, emparelhando com a espontânea deste, longe está de impressionar como remendo de fina púrpura em grosso burel. Mas a semelhança é tamanha, que em ambos se nos depara até a freqüência de um mesmo galicismo, aliás encontradiço também nas páginas do recipiendário de hoje... A que monta isto, porém? D. Francisco Manuel de Melo socorre-nos com a delicadeza da resposta, em crítica elegante a um belo produto coevo: "Acham-se contudo, por todo este livro, uns leves descuidos, que eu comparo aos sinais do rosto das formosas, os quais, sendo em alguma maneira defeitos, servem de lhe acrescentar a gentileza."

Escrevinhadores carregados de preguiça mental, que são a imensa maioria dos gazeteiros da decadência, preferiram aclamar o antiste êmulo de Fr. Luís de Sousa, louvando-se de outiva no crédito dos filólogos que mencionei, a lerem-lhe o tomo repleno de interesse social, político e religioso. Não descuriosa, porém, seria sua atitude, se avisados fossem de chistes manifestos, em vez de rabugens presumíveis, no correr dessa narrativa de trabalhos apostólicos, onde facilmente achastes, Sr. Gustavo Barroso, "episódios suaves como o do *Arcebispo e o pastorinho*", do monge lusitano, que perfuma numerosas antologias.

Para que se avezem a estimá-lo darei, a seguir, o engodo de um par de anedotas características, ali topadas:

> A primeira vez que saiu em visita geral do bispado, achando-se a poucas jornadas de Mariana, no lugar chamado Pinheiro, acertou de consultar a seus

padres qual deles pregaria ao povo; parando a dúvida entro dois, se havia de ser Luís Antônio dos Santos, ou José de Araújo Saragoça, este para se desencarregar no outro alegou que, por ser mais prático e autorizado, lhe competia, dizendo com referência a sua escusa: *Ubi est major, cessat minus*, em lugar de *Ubi est major, cessat minor*, como pedem as leis da concordância gramatical, ao que acudiu o Sr. Bispo com este espirituoso reparo: "Com o que assim se põe neutral?", aludindo juntamente à esquivança de pregar e ao erro de gramática. Riram-se à grande os circunstantes, e mais se riram porque o bom padre não deu pelo erro, nem pela correção; e o Sr. Bispo, sem insistir, dissimulou jeitosamente o caso, e passou a conversação para outra matéria.

Encontrara-se o Sr. Bispo com um português, e pode ser filho da mesma terra, ou de suas vizinhanças. Alegrou-se muito o homem com a visita de tão ilustre patrício, e, como era natural, caiu a conversação sobre as cousas de sua terra, e se prolongou largamente. Entretanto, chegou à casa um pobre campônio, que trazia alguma dependência com o prelado; e, estando este a praticar com outra pessoa, na sala, se pôs a esperar, fora da porta, até que o primeiro despejasse e ele pudesse entrar; de maneira que, sem ser visto, ouviu toda a conversação dos dois interlocutores. Fazia o português grandes encarecimentos de sua terra, louvava o clima, exaltava o solo, engrandecia os homens, e punha tudo acima das estrelas; até que, num arroubo de entusiasmo, exclamou: "Enfim, Sr. Bispo, dizer que nossa terra é terra por onde Jesus Cristo andou em pessoa, e cá por esta não veio." A este ponto não se pôde mais conter o camponês e, de fora, acudiu com a sua, dizendo: "É foi bom que cá não viesse." Admirou-se o Sr. Bispo de uma tal proposição, tão pouco da religiosidade mineira, e perguntou por que assim falava. Então confirmou o interruptor seu dito com esta resposta: "Sim, senhor; foi bom que não viesse cá, porque, se viera, não acharia quem o crucificasse, e ainda hoje estaríamos sem a redenção." Com esta resposta atalhou-se e desconsertou-se tanto o português rebolão, que, sem proferir mais palavra, foi despejando a sala, e o rústico teve ocasião de entrar, e tratou com o prelado o negócio a que vinha.

A agudeza do matuto, com a *redenção*, vale a de D. Viçoso, com o *neutral*, pelo que bem se aviriam, no trato do negócio...

Mas tornemos a nossos mortos queridos a fim de recompor-lhes os louros das coroas, meio amarfanhadas por mãos descaroáveis. D. Silvério

Pimenta assim procedeu, ao transpor os umbrais da Academia, fazendo o elogio de Alcindo Guanabara. Mediante extratos de ótimas orações, que ele produzira dentro e fora do Congresso Nacional, esmerou-se em provar-lhe o sincero deísmo. Era o basta peremptório à anedota, da incoercível língua farpada de um Marcial indígena, representando o jornalista a indagar, de quem lhe encomendara um artigo, para folha de Semana Santa, se devia escrever *pró, ou contra Cristo?* Impresso o discurso de recepção, quiseram lobrigar nas entrelinhas a própria defesa do autor, furtando corpo à mácula de haver preenchido a vaga de um ateu. Com a íntima força da caridade, que definira à maravilha, o príncipe de igreja sorriria, indulgente, a este respingar despeitoso dos tisnadores, ante o fracasso da empresa malédica. Análogo proceder tivestes, Sr. Gustavo Barroso, compenetrando-vos da frase de Aristófanes, aplicada a sátrapa asiático: "O homem é cousa frágil, exposta a todos os acidentes", frase essencialmente verdadeira e mais de cristão que de gentio. Por isso, não hesitastes em dizer, com inteira justiça, da pessoa de Alcindo Guanabara: "Vindo de entre humildes, nunca a estes esqueceu." "Havia em sua alma uma luz de bondade natural, destinada a apagar-lhe os grandes erros." Não só confirmadora, mas também explicativa de vosso asserto, que tão de raiz se casa com o de D. Silvério Pimenta, é a biografia do extinto ilustre, cujo pálido bosquejo ousarei tentar agora, aliás sem o ilusório intuito de fazer dele um *varão de Plutarco*. Mesmo porque admitirmos desabusado conceito do panfletário Courier, o biógrafo antigo, faria Pompeu ganhar a batalha de Farsália, se tanto lhe convisse à beleza da composição...

Alcindo Guanabara nasceu, aos 19 de julho de 1865, na freguesia de Guapi-Mirim, município fluminense de Magé, em que exerciam o magistério seus pais legítimos, Manuel José da Silva Guanabara e Júlia de Almeida da Silva Guanabara, formados pela velha Escola Normal de Niterói.

A infância e a meninice decorreram-lhe ali, em São Fidélis, Monteverde, Paraíba do Sul e Mangaratiba, aonde a sorte instável levava os dois professores, cujas agruras apenas atenuavam o afeto recíproco e a esperança no filho.

Nesses lugarejos, ou pouco mais disto, recebeu dos progenitores a instrução primária, terminada no último, aos 13 anos de idade. E entregou-se logo a

pequenos labores, remuneráveis, quer ensinando a outros menores o aprendido, quer executando trabalhos manuais na medida das escassas forças físicas.

De 1878 a 1889, ainda em Mangaratiba, adquiriu rudimentos de latim, ministrados pelo vigário local, a quem ajudava à missa. Ouvindo-o recitar a Epístola, quando lá oficiou, estando em visita pastoral, D. Pedro Maria de Lacerda, que o supôs propenso à vida eclesiástica, ofereceu-se para custear-lhe a educação religiosa. Agradecendo ao bispo o generoso oferecimento, escusou-se de não aceitá-lo.

Mudada a família para Petrópolis, foi admitido gratuitamente, como aluno interno, num colégio de boa fama, o de José Ferreira da Paixão. A fim de compensar, de algum modo, o auxilio, desempenhava as funções de bedel, assumindo em 1882 a regência de uma aula de matemáticas elementares. Aí, em 1883, concluiu os estudos secundários.

Mal se fixara na bela cidade serrana, empolgou-lhe o espírito juvenil a obra de Charles Dickens, que muito havia de influir em sua vida. Rodados treze anos, estando em Portsmouth, visitou a casa onde nascera o "maior escritor que produziu a Inglaterra no século XIX". E acudiu-lhe nítida aquela vigorosa impressão, que descreveu num soberbo capítulo das *Memórias* (inéditas), assim rematado:

> Foi aos quinze anos que, tendo lido *Pickwick Papers* e *David Copperfield*, acendeu-se em mim a curiosidade ardente de conhecer intimamente o criador dessas páginas, e devorei a biografia que Foster lhe traçou. Compreendi a força do escritor: o segredo dela residia na capacidade de trabalho e no método que nele punha. Desde então, minha preocupação de menino foi imitar Dickens; não, certamente, o glorioso Dickens romancista, mas o ignorado Dickens trabalhador...

O incipiente colaborador do *Avante*, de Petrópolis, viria a ser no jornal o que Dickens, *repórter* parlamentar do *Morning Chronicle*, só logrou sê-lo no livro, por temperamento pessoal de artista.

Em 1884 matriculava-se na Faculdade de Medicina, do Rio de Janeiro, pelo desejo de ser doutor, – "o que toda a gente, mais ou menos, é nesta terra", – conforme diria ao arrepiar carreira. Exigüidade pecuniária, concorrente a impecer-lhe a conquista do diploma, forçou-o à contingência de

empregos ínfimos, porteiro do Jockey-Club e, a seguir, inspetor disciplinar no Asilo dos Meninos Desvalidos, sob a direção do Dr. Daniel de Almeida.

Quando estudante das matérias da segunda série do curso médico, uma circunstância momentânea, mas reveladora de verdadeira vocação, descortinou-lhe novo horizonte, acima do qual não tardaria a brilhar como estrela de primeira grandeza: o aparecimento, em 20 de março de 1886, d'*A Fanfarra*, "órgão acadêmico", tendo-o no posto de "diretor".

Num escrito analisando o regulamento da escola superior, censurava-se o Ministro do Império. O Dr. Daniel de Almeida fez sentir a Alcindo Guanabara que, a continuar com o nome no cabeçalho da folha, não poderia permanecer na casa por ele dirigida. Não hesitou em deixar o Asilo, sem embargo do que *A Fanfarra* morreu do mal de sete dias...

Porém, no seguinte mês já obtinha um lugar na *Gazeta da Tarde*, mediante apresentação de Marinho de Andrade a José do Patrocínio. Entrou juntamente com Figueiredo Coimbra, achando no corpo de redatores o Sr. Luís Murat e Raul Pompéia. O chefe dos quatro deu-lhe uma tesoura, breve substituída por uma pena, troca de instrumento que importava em honra, falha de maior proveito material. Qual a causa? Encarregado apenas de *fazer a mala* de São Paulo, num dia de *parede* da redação, por falta de pagamento, escrevera toda a *Gazeta*, com surpresa dos colegas e alívio de Serpa Júnior, cuja gerência manquejava, como ele próprio. Nem a subseqüente faina de *Aranha Minor* nas *Teias de aranha*, tessitura de fios por vezes luminosos, os primeiros de uma glória em alvorada festiva, lhe valeu acréscimo de renda... monetária: 60$000 mensais, somente, até dezembro!

No mesmo ano, tanto *A Semana*, de Valentim Magalhães e Filinto de Almeida, como *A Vida Moderna*, de Artur Azevedo e Luís Murat – revistas em que resplendiam os estetas do tempo, cujos remanescentes pessoais a Academia Brasileira de Letras abriga, – contaram-no entre os colaboradores distintos. A atestar-lhe a capacidade de imaginação e a elegância de estilo, guardam as páginas de uma, na "Galeria do elogio mútuo", o perfil de Soares de Sousa Júnior e o soneto "Vamos, senhora, percorrer o Egito"; as de outra, as prosas diversas "Rubores", "Amor", "Lirismo", "O Louco", "Solus", "On revient..." e o soneto "Na Índia, existe egrégia divindade".

Novo Baco, adolescente, ele não só invadira, mas conquistara a Índia, enramado de pâmpanos e florido de rosas...

Após essa consagração literária, funda, com Moreira Sampaio, *o Novidades*, em 25 de janeiro de 1887, para o qual leva as queridas *Teias de aranha*, de comentário quase sempre bizarro aos casos vulgares. Mas, passando a servir interesses dos conservadores, com a bandeira de partido a flutuar nas ameias do poder, a 25 de março inicia, sob o pseudônimo de Nestor, simulando velhice experiente, a secção grave "Notas políticas", quotidiana também. Nesta faz-se polemista destro, enfrentando bravamente o *Prudhomme* negro da *Gazeta da Tarde* e demais corifeus do Abolicionismo, já na rota da vitória definitiva. Além disso, desentranhava-se em artigos de vário assunto, multiplicando *noms de plume*. Dias houve de escrever dois e três, afora os principais, tendo aquelas assinaturas, ou nenhuma. E era ainda *Marcelo*, na crônica, *Diabo Coxo*, nas críticas humorísticas, *Mefisto*, nos contos e fantasias, com a energia e a verve habituais, sem sombra de cansaço intelectual na fluência dos períodos. Os editoriais versando finanças, pela soma de conhecimentos da especialidade, chegaram a ser atribuídos ao Conselheiro Francisco Belisário, Ministro da Fazenda. Completara-se o jornalista, desde então julgado emérito.

Tamanho prestígio ganhou, até mesmo advogando a causa antipática da Escravidão, que nem o vento de 13 de maio de 1888, fonte de entusiasmo patriótico borbotado ruidosamente, lhe desacreditou o cálamo, transferido logo depois ao *Diário do Comércio* e, em 1889, ao *Correio do Povo*, para a campanha democrática, triunfante a 15 de novembro.

Proclamada a República, elegeram-no membro da Constituinte, representando a província natal. E, partícipe na elaboração da lei básica, de maneira profícua, o parlamentar aumentou o renome do jornalista.

Não tinha mais que 25 anos, idade comum a estréias na vida pública.

Dissolvido o Congresso, por efeito do Golpe de Estado de 3 de novembro de 1891, protestou contra o ato violento do Marechal Deodoro da Fonseca, elevado à curul presidencial contra voto seu e de outros partidários de Prudente de Morais, elementos históricos sob a chefia de Francisco Glicério. Restabelecida a Legalidade, continuou deputado até o fim da primeira legislatura (1891-1893).

De 1891 a 1892 colaborou no *Jornal do Commercio*, conservando grata lembrança dessa passagem, asserenadora de espírito algo irrequieto. Num discurso de 17 de outubro de 1908, pronunciado em honra do grande órgão, assim se exprimia, olhos volvidos para a quadra distante e saudosa:

> Desculpai-me, Senhores, se vos estou traçando do jornalista um perfil, que se dissera de um profeta antigo. Eu bem sei que, na hora atual, há diferenças sensíveis entre o jornalista da moda e o de que vos falo; mas, peço-vos, não esqueçais que vos disse que eu tenho o culto do passado e o respeito da tradição. *La France*, disse algures Victor Hugo, *est toujours à la mode en Europe*. Como as viagens são rápidas, seja-me lícito acrescentar que o está também aqui, fornecendo-nos, a um tempo, chapéus *cloche* e tipos novos de jornal. Vem-nos de lá o padrão do jornal que se prende às pessoas e abandona as idéias, mais cioso do ruído do que da influência, despido da túnica dos ideais para outra mais aderente do que a que matou Hércules, e mal cobertos do *bournous* da *reclame*, a cujas abas arrastam as más paixões e os vícios da turba. Vem-nos também de lá o tipo de jornalista, que foi, creio eu, Émile Faguet, que descreveu como um senhor sem talento, nem saber, sem idéias, nem gramática, dotado apenas do que ele chamou "bom senso" e qualificou como "virtude eminentemente medíocre". Quão longe estamos da época em que o sábio Littré se preparava para o jornalismo, passando três anos no *National*, de Armand Carrel, a fazer extratos de jornais estrangeiros!

Três lustros após, se vivesse ainda, para honra da classe, que não diria ele, feito homem de letras, – como Quintino Bocaiúva, Ferreira de Araújo e José do Patrocínio, inspiradores imediatos e mestres constantes, – na escola do verdadeiro jornalismo, o dos grandes ideais de liberdade e justiça!

Nomeado superintendente geral de imigração na Europa, em princípio de 1893, parte sem demora, com a esposa e dois filhinhos. O movimento da esquadra, aos 6 de setembro, robustecendo a guerra civil, meses antes travada nos pampas, malograva todo e qualquer esforço atrativo de colonos. E o Marechal Floriano Peixoto, cunctator vigilante, aproveitando-lhe a estada no estrangeiro, incumbe-o de uma compra de torpedeiras, negócio assaz glosado pelos adversários. Desse ano, cheio de acontecimentos, é seu opúsculo, de propaganda nacional, *La République Brésilienne*.

Regresso em 1894, toma assento na Câmara dos Deputados, eleito representante do Distrito Federal, para a segunda legislatura (1894-1896). E escreve a *História da Revolta*, inserta nas colunas do *Comércio de S. Paulo*, a qual se reeditou em livro. Anonimamente saída à luz e de paixão sensível, muitos a suspeitaram obra de florianista sabido em técnica naval, quiçá marinheiro agaloado. Todavia, a quem haja de balancear opiniões, para julgamento consciencioso da época e da luta, cumpre ler o testemunho da parte interessada.

No parlamento não esteve inativo, muitas vezes erguendo a voz, sonora quando a bem da organização social, lacunosa e precária: uma delas em 1896, pela infância abandonada e delinqüente, cujo projeto de lei protetora no Senado, em 21 de agosto de 1917, ano menos dia antes de sua morte. Lamentável é que ainda não conseguisse o êxito almejado, a despeito do belo discurso justificativo, *canto de cisne* em que o sentimento piedoso do ex-coroinha de Mangaratiba transparece, de par com a magia reflexa do ex-bedel do Asilo dos Meninos Desvalidos. Nesse ano, como naquele, data do folheto *Finances Brésiliennes*, que Alcindo Guanabara elaborou para *uso externo*, contra a criação legislativa do aparelho defensor apenas alegaram despesa incomportável. Vige o argumento, solidário e mau, e considerarmos o olvido da providência, salutar no duplo aspecto moral e material. E os frutos desse esquecimento, adquirindo colorido rubro numa sazão funesta, podem dar realidade futura a escárnio pretérito, que ouvi em Campinas, minha terra adotiva. O velho caboclo Chico Elisiário, sebastianista de quatro lombadas, para quem a "República seria muito divertida, se não fossem os muitíssimos impostos", segundo as próprias palavras, uma ocasião procurou atalhar-me o entusiasmo dos 20 anos, no recenseamento que lhe fazia das compensadoras vantagens do novo regime: "Concordo com V., menino, concordo; mas, que diacho! concorde comigo um poucochinho, também: Nesta república ainda falta duas cousas, unicamente duas – *garantia de vida e garantia de propriedade*." E o bom do caipira paulista, que em supercheria nada ficava devendo ao mineiro, talvez acedesse, se soubera um tico de francês: *Au reste très bien*... O aumento e a crescença da infância abandonada e delinqüente, cujo destino tanto preocupava o sociólogo legislador, podem vir a dar, relevai a insistência, razão ao Voltaire da roça, evocado num desgarro jornalístico a trair saudade de antigo ofício, ou vício.

Mas não só a tal miséria humana, irremediada e ameaçadora no coração do país, devotou-se o talento de Alcindo Guanabara, em magnânimos torneios verbais. Haja vista os discursos que proferiu, linda e comovedoramente, na fundação da Liga Brasileira contra a Tuberculose, 5 de agosto de 1900, ao inaugurar-se o respectivo Dispensário, 25 de maio de 1907, e, por último, numa festa celebratória da existência da mesma, 5 de agosto de 1908. Um benemérito dessa instituição, o mui querido Sr. Ataulfo de Paiva, autoridade nos assuntos de assistência judiciária e social, que em livro destacou superiormente a técnica daquele trabalho, de viva voz timbra ainda em recordar a zelosa solicitude do colega pelos fracos e enfermos.

O herói da tribuna, eclipsando não raro o herói da imprensa, de nenhum modo exorbitaria a repetir Boileau, *mutatis*, levemente *mutandis*:

Mon verbe, mal ou bien, dit toujours quelque chose.

Por erro de perspectiva, na cisão do Partido Republicano Federal, Alcindo Guanabara declarou-se infenso a Prudente de Morais, jugulador do militarismo nos primeiros alvoroços. Pelo *República*, combatia-lhe, sem ambages e de entuviada, a ação gradual e firme, a ponto de tornar-se suspeito de conspirador contra a ordem. Eis que surge o atentado de 5 de novembro de 1897, do qual sai ileso o sereníssimo presidente, mas a custa da vida do Marechal Carlos Machado Bittencourt e com grave risco da do General Luiz Mendes de Morais, ministro da Guerra e chefe da Casa Militar, vítimas do ex-cabo Marcelino Bispo, cuja insânia a ambiência do desregramento político fizera explodir. Começaram as batidas policiais, a que nem os parlamentares logravam subtrair-se, num *estado de sítio* autêntico. No dia 12, a bordo do *Orellana*, a levantar ferro para Montevidéu, são presos Alcindo Guanabara e Sr. Barbosa Lima, propalaram que disfarçados em frades barbadinhos... pela natural compostura fisionômica de ambos. Sofrem logo desterro para Fernando de Noronha, onde os presidiários se dizem *fora do mundo*. Mas, por não ser a ilha lugar destinado a presos políticos, o Supremo Tribunal Federal concedeu-lhes *habeas corpus*.

Na volta, como não bastasse ao desafogo de Alcindo Guanabara o resto da terceira legislatura (1896-99), estabeleceu ele *A Tribuna*, de programa desenvolvido numa página grande e cheia, manifesto de hostilidade ainda ao chefe da Nação e já de preparo à candidatura do sucessor, a quem apoiaria no

curso de todo o governo (1899-1902). Findo o quatriênio, deu a prelo grosso tomo, intitulado *A Presidência de Campos Sales*. Estudo da situação reconstrutora de nossas finanças, graças principalmente ao *funding-loan*, aliás negociado na anterior, merece lido pelo historiador da República.

Purificando-se a chama partidária n'*A Tribuna*, que aparecera em maio de 1898, – dois meses antes de a Câmara dos Deputados negar, por 92 contra 85 votos, licença para serem processados Francisco Glicério, Alcindo Guanabara, Srs. Barbosa Lima, Irineu Machado e Torquato Moreira, – ali ressurgiu o literato do *Novidades*, sob novas máscaras, de arame, ou de seda: n'*A Semana*, travesso *Scapin*; n'*O Dia*, suave *Pangloss*... Cousa curiosa: esse homem, que todos reputavam um céptico, considerava-se um otimista! Com quem a verdade, inteira? Talvez dela tivesse ele uma ilusão consoladora, refletida em sua generosidade inconteste. Ainda em 1901-02, na revista *A Universal*, firmou excelentes crônicas com os velhos pseudônimos de *Diabo Coxo* e *Marcelo*. O de *Pangloss* levou-o depois para alguns diários, entre os quais *O País*, a que prestou concurso brilhante até 1905, tendo aí advogado as providências financeiras que mais tarde se concretizaram no *Convênio de Taubaté*.

O período menos feliz, senão totalmente desastrado, do notável jornalista, absorvido por causa má, foi o da segunda *Imprensa*, onde o redator da primeira pouco lhe fez a honra da companhia. A vibrante campanha do civilismo, separando os dois atletas, fez que se dilatasse o prestígio de Rui Barbosa e minguasse o de Alcindo Guanabara, frio adepto de seu antagonista, Marechal Hermes da Fonseca. Esquecera-se ele de que no inflamável *Forum* da imprensa, especialmente da imprensa política, a autoridade triunfal vem da inspiração oportuna. Daí, o dizer Saint-Marc Girardin:

> *L'à-propos, en politique, est la rencontre que les passions font de la justice, car elles la rencontrent parfois. Seulement, entre les passions et la justice les entrevues sont courtes. Mais c'est dans ces moments-là qu'il est beau d'être écrivain, c'est-à-dire de deviner le sentiment public, de lui donner la voix et la parole, en y joignant l'accent de notre conscience, et d'entendre, dès le lendemain, ce sentiment agrandi par l'éloquence, retentir de toutes partes dans un immense écho. Je sais bien que cet écho ne redit pas le nom de celui que l'a éveillé; mais qu'importe*

qu'il ignore le nom, s'il répète la pensée, et s'il propage l'opinion? Le journaliste doit tenir à la puissance de sa pensée plus qu'à la célebrité de son nom.

Alcindo Guanabara divorciou-se da opinião pública, mais uma vez, alienando de si a simpatia até dos intelectuais. Dessa vez, porém, traumatizou-lhe moralmente a pena um *mau olhado*, o que constitui escusa plena, de certo, ao parecer de supersticiosos, seja a maioria dos homens, em qualquer grau de civilização...

Para nós, – falo agora em nome da coletividade, cuja presidência me delegou o gratíssimo encargo de receber-vos, Sr. Gustavo Barroso, – para nós, o que subsiste desse amável companheiro desde 20 de agosto de 1918 em peregrinação no eterno giro da matéria, desse jornalista a contrários modos apreciado, no trânsito fugaz da vida sublunar, é a lembrança de seu inegável espírito literário, bem semelhante ao vosso na inteligência do belo, espírito sobretudo essencial a nosso instituto.

"Como fonte de sentimentos patético, expressos em linguagem primorosa", citou-lhe D. Silvério Pimenta *A Dor*, conferência de 9 de setembro de 1905; recorrendo a ela, achastes, vós, "em suas formosas palavras, acerca desse maior agente da marcha do mundo", o "estofo de um grande literato". Como exemplo de finura de gosto, justeza de medida e discrição emotiva, eu preferiria apontar o discurso de homenagem a Machado de Assis, na Câmara dos Deputados, em 30 de setembro de 1908. Mas um trecho da *Tradição*, pela oratória dezesseis dias posterior, é que o define, no ponto de vista da Academia, conforme disse há pouco, interpretando-lhe o sentimento e o pensamento:

> Esse respeito do passado, esse amor à tradição, tenho-o eu, efetivamente, como a essência de toda a beleza e o fundamento de toda a liberdade. Não existe arte onde não se faz sentir a influência do passado. É de Brunetière a observação de que não há grande poeta, desde Homero até Hugo, que não tenha o espírito obstinadamente voltado para o passado, como se o respeito da tradição fosse a fonte inexaurível de toda a poesia. Ele é, por outro lado, o laço vital da humanidade: liga as gerações às gerações, fazendo-as solidárias na obra do progresso. É à luz do passado, menos crua, mais doce e, sobretudo, menos movediça, mais igual, que aprendemos a distinguir em nós o que há de egoísta e pessoal e a não reter em

> nós senão o que é eternamente humano. O belo, o puro, o nobre, na literatura e na arte, não vêm a ser mais do que o respeito da tradição, através do crivo do temperamento do artista. O progresso moral e social da humanidade não é senão o desenvolvimento regular das verdades colhidas e fixadas pelas gerações que passaram. A própria pátria não tem outra expressão: não é senão o conjunto das idéias e dos sentimentos que as gerações que foram nos legaram para que as transmitamos às gerações que hão de ser.

Não é assim que sentis e pensais, também, Sr. Gustavo Barroso?

Responde-nos, pelo afirmativa, o próprio teor de vossa obra, caracteristicamente *tradicionalista*, não *rotineira*, no que tem de melhor.

Copiosa, extensa e progressiva, argúi milagre de talento, pois a produzistes rapidamente, antes da idade crepuscular, sem tempo para estudos repousados, andando aos saltos de terra em terra, a cambiar sempre posições, numa existência curta e afanosa.

Vossos traços biográficos enquadram-se numa lauda:

Filho legítimo do Sr. Antônio Filino Barroso e Ana Dodt Barroso, nascestes em Fortaleza, aos 29 de dezembro de 1888.

Bem cedo vos seduziram os prélios da imprensa, pois na terra natal fundastes, com Gil Amora, *O Garoto*, jornalzinho "crítico e rabelaisiano", ao sairdes do Liceu (1906), e, só, *O Regenerador*, "órgão combativo e socialista", ao entrardes na Faculdade de Direito (1907), redigindo em seguida o *Jornal do Ceará*, de bravia oposição política (1908-1909).

Aqui chegado em 1910, lecionastes Desenho, Geografia e História, no Ginásio de Petrópolis, até vos bacharelardes pela Faculdade Livre de Direito, em 1911.

De 1911 a 1913 fostes redator do *Jornal do Commercio*, trabalhando nas duas edições, da manhã e da tarde. Largastes esse cargo para exercerdes o de secretário geral da Superintendência de Defesa da Borracha, no Rio.

Voltastes ao Ceará em 1914, a fim de gerir a pasta do Interior e Justiça; deixando o governo, dirigistes o *Diário do Estado*.

Deputado federal pelo Ceará, na legislatura de 1915-1918, coube-vos um lugar na Comissão de Marinha e Guerra. No último desses anos fundastes, com o Sr. Paulo Silveira, o *Brás Cubas*, efêmero semanário de combate político.

Em 1919 partistes do Brasil secretariando a embaixada ao Congresso da Paz, chefiada pelo grande brasileiro Sr. Dr. Epitácio Pessoa; e, adido ao já eleito presidente da República, o acompanhastes nas visitas oficiais a Portugal, Estados Unidos e Canadá.

Ainda em 1919 assumistes as funções de inspetor escolar do Distrito Federal, trocadas em agosto de 1922 pelas de diretor do Museu Histórico Nacional, no desempenho das quais permaneceis.

À testa das revistas ilustradas *Fon-Fon* e *Seleta*, desde 1916 até o presente, não vos tem faltado lazer para colaborar em vários periódicos: *Gazeta de Notícias*, *A Pátria*, *O Dia*, *O Jornal*, *Correio Paulistano*, etc., etc.

Em vossa vida fecunda e brilhante, Sr. Gustavo Barroso, a política foi um episódio passageiro, sem conseqüências graves. E a imprensa, porque de boa hora só a freqüentais literalmente, já nenhum dano pode causar-vos. Das folhas cearenses aproveitastes apenas os contos regionais, formadores do volume *Praias e Várzeas*; do *Jornal do Commercio* saiu a maior parte das crônicas, a que se reuniram fragmentos de conferências e discursos, para a compaginação da *Idéias e Palavras*.

Qualquer desses livros, editados tardonha e respectivamente em 1915 e 1917, representaria uma "estréia auspiciosa", na estereotipada frase dos noticiaristas. Sem dúvida interessantes ambos, mas não de acentuada concepção, ou forte relevo estilístico, podiam merecer até elogios de certos *oficiais do mesmo ofício*, a quem só desagradam superioridades na concorrência. Porém não quisestes aparecer como toda a gente, ou pior, como a mediocridade feliz, que escorrega para cima, visto não contrariar arranjos alheios... por amor dos próprios.

Em 1912 irrompíeis com a *Terra de Sol*, que trazia em si lume de vida, bastante a fazer-vos desde logo vitorioso, sob o pseudônimo de *João do Norte*, que vindes metamorfoseando de bioco em resplendor. Era uma obra de etnografia e *folk-lore*, refletindo agudamente misérias e grandezas de solo adusto, onde luta uma raça não desfibrada pelo cosmopolitismo. Vossas inatas qualidades artísticas, servidas por observação direta do meio físico e moral, conferiam-vos à pena um admirável poder descritivo. Grava-se-nos para sempre, na retina da memória, entre outras páginas, de vigor e colorido,

a objetivadora de uma praga cearense, página que me não furto ao gozo de reler, gozo que desejaria comunicativo:

> A avoante ou pomba de bando, como este último nome indica, é um pombo selvagem, pardacento, de pequeno tamanho, de arribação, estadeando aqui e ali, emigrando sempre, andando à matroca, numa alígera boêmia, que aparece em bandos numerosos e depois some-se. Deixa os ovos a chocar ao sol, de onde nascem novos bandos sem fim.
>
> Surge em bandos incontáveis, de milhares de milhares, escurecendo o sol como grandes nuvens sussurrantes, feitas do bater de muitas asas, que se abatem sobre o sertão prejudicando as plantações.
>
> O lugar em que pousa um desses bandos chama-se pombal. Trinta, quarenta mil pombas descem numa varjota, perto de uma poça, onde estanquem a sede, para dar começo à postura. O chão fica coberto de uma alcatifa pardacenta, rumorosa, sempre agitada, com um incessante reboliço de asas que batem e bicos que escarvam e trituram, arrulam e gemem. As árvores adjacentes cobrem-se de pombas, toucando-se assim de folhas pardas, movediças, arrulantes, vivas... E dessas árvores para o chão, do chão para as árvores, para o céu, para a luz, para toda parte, constante e incessantemente partem, voltam, voam, tornam, pousam, avoejam. É um contínuo vaivém, um contínuo mover-se. As do chão lutam entre si, disputando espaço para se aninhar, empurrando-se, beliscando-se, esmagando-se, num sussurrar, num chiar, num farfalhar, num ruge-ruge... Comem vorazmente tudo que alcançam; e, à beira da poça de água, para beber, ainda é maior a luta e maior a confusão. Há pombas nas árvores, descansando, nos ares, a voar rumorosamente, pelo chão, em reboliço e atropelo, nos capinzais, nas pedras e nas moitas...
>
> O chão por baixo vai ficando branco de ovos em imensa quantidade, esquecidos entre talos de gramíneas devoradas, ocultos entre seixos, caídos a esmo por toda a parte. Deles se apanhariam cargas e mais cargas. A gente ao passar, esmaga-os às centenas. E as inquietas avoantes parece que ficam durante a postura sem o sentimento do medo; movem-se, voam, empurram-se mas não se amedrontam, nem se espantam com gente, calhau, ou tiro.
>
> Acorrem pressurosos ao pombal cães, gatos bravios, lagartos, raposas, guaxinins, cassacos, gaviões, punarés, cobras; todos os esfaimados, todos os salteado-

> res e todos os gastrônomos. Começa a destruição; pombas estraçalhadas, devoradas, sangradas; ovos chupados, engolidos, espatifados. E elas nem procuram fugir, entregam-se aos carrascos, alheadas do perigo.
>
> Quando o bando levanta o vôo denso, fica o chão liso, limpo, espanado de ervas e sementes, todo escarvado, esfuracado; as árvores quase peladas – como se já andassem em seca brava. O bico terrível da praga tudo ceifou. Aqui e ali um montão de penas, ensangüentadas, vai-se espalhando ao vento, revoluteando...

É o animado pinturesco de um escritor feito!

Mas essa mesma página, de gloriosa rutilância, que nem minha ruim leitura pode amortecer, foi pretexto à expansão da inveja, nos murmurinhos da calúnia emboscada. Um anônimo lembrou-se de que na obra de certo viajante inglês, ou de outro qualquer estrangeiro, havia referência a avoantes,* para logo forjar a chanfreta de um plágio, goro como d'*As Pombas* do Parnasiano. E um segundo ampliou a maleza obtusa, insinuando como de um Dodt toda a *Terra de Sol*, cujo manuscrito ficara ao neto, gralha de Fortaleza adornada com pena de pavão dinamarquês, aliás, espécie inédita. A última invencionice argúi velho cunho luso, pois o *Eurico* de Alexandre Herculano e as primeiras novelas de Rebelo da Silva, assim como os primeiros poemas de Almeida Garrett, saíram em original da gaveta de uns descuidosos parentes monges, consoante parvalhaços de além-mar. Se ninguém descobrira avô alienígena, ou tio frade ao Sr. Rodolfo Teófilo, para matraquear-lhe a infâmia no rastro, deve-o só o estimado baiano e romancista cearense, que antes de vós, Sr. Gustavo Barroso, descreveu a praga avoadora, a tê-lo feito, em estilo inferior...

Como replicastes, porém?

Soberbamente.

Destes a prelo *Heróis e Bandidos* (1917) e *Ao Som da Viola* (1921), desdobramentos da *Terra de Sol*, indubitavelmente de muita valia literária e científica. Ambos representam estudos psicológicos, tendo por objeto o

---

* O britânico Alfred Ressell Wallace é quem subministra, no cap. II do *Darwinism*, curioso trecho do naturalista norte-americano Alexandre Wilson, descrevendo nas vizinhanças de Shelbyville, Estado de Kentuchy, um sítio de cria (*breeding-place*) de *Ectopistes migratorius* (*passenger-pigeon*, dos ingleses, hoje quase extinto). O nome genérico grego tem a mesma significação do específico latino.

homem naquela zona de assombros. Num – descreveis a vida do cangaceiro com a arte de encantador Merimée; noutro – analisais os cantores de sua gente com a perícia de metódico Bedier.

Intermediamente, apareceu *A Ronda dos Séculos* (1920), que está para nossa literatura como *Les Trophées* para a francesa, pelos contos eruditos e imaginosos, encerrados nas secções *Antiguidade Oriental, A Grécia e o Oriente helenizado, De Roma ao Islam, Idade Média, Reforma e Renascença, Na era dos Descobrimentos, Época moderna* e *A grande guerra*. Negar-lhes foros de originais, sob o argumento de versarem episódios históricos e fastos lendários, importaria em restringir a originalidade aos temas, patenteando inópia crítica. Qualquer deles é tão vosso, na feitura artística, como de Herédia são os épicos sonetos, embora inspirados geralmente em escritos de antigos e contemporâneos (*Le Cydnus* reproduz uma página de Plutarco e *Sur l'Othrys* outra de Dechamps). Os autores dos dois livros, de tanta semelhança no plano e na execução, em nada se diminuiriam se os epigrafassem com as palavras de Fr. Amador Arrais: "Confesso que as mais das iguarias com que vos convido são alheias, mas o guisamento delas é de minha casa." Assim entendia a originalidade o Quinhentista, eco dos clássicos em geral.

Alargados os horizontes à visão, abrangendo assuntos universais, de todas as idades, desenvolveu-se-vos a capacidade imaginativa criadora, Sr. Gustavo Barroso. Essa obra cíclica, deveras emocionante, colocou-vos entre exímios ficcionistas da prosa, na língua portuguesa. Com ela vencestes na ficção, tentada em *Praias e Várzeas*, estreitamente regionalistas ainda.

Por isso não me surpreendeu, na *Mula-sem-cabeça* (1921), a beleza de duas novelas, a que empresta o título à pequena coletânea e a denominada *Mapirunga*. Pertencendo ao regionalismo, pelas figuras e local, como as irmãs distantes, já acusam realizações estéticas no gênero.

Enfiados ficariam os que na *Casa de Maribondos*, poucos meses atrás posta à venda, enxergaram sinal de decadência precoce do escritor, achando-lhe mesquinhos os "Contos". Em vez deste subtítulo, meio impróprio, o livrinho devera trazer o de "Anedotário", propriíssimo atenta sua significação: complemento necessário da obra *folk-lórica*. A malévola surdina de certos leitores, embora secretamente delicados com as reminiscências do ex-redator e

ex-caricaturista d'*O Garoto*, resultou de incompreensão crítica. Para os que vos conhecem, de trato pessoal e direto, nem as historietas, populares e picarescas, intercalares às facécias, tradicionais e inocentes, fariam recear extravio de gosto. Vossa educação é penhor de que, mau grado os atrativos pecuniários, jamais cultivareis a fruta malsã, com a qual se engalanam os altares de Pornéia, levantados à sombra de folhas inescrupulosas.

Preciosos a múltiplos aspectos, alguns desses volumes, em cuja lista se deve incluir o dos *Uniformes do Exército* (1922), justificam vossa entrada no Instituto Histórico do Ceará, na Academia de História do México, na Sociedade de Geografia de Lima, na congênere de Lisboa e na Sociedade de Tradições Populares de Basiléia. O dos *Pergaminhos* (1922), que cumpre juntar ao d'*A Ronda dos Séculos*, pela perfeita equivalência, legitima vossa admissão na Royal Society of Litterature da Inglaterra, correspondente na importância à Academia Brasileira de Letras.

E dispenso-me de falar do resto de vossa obra, porquanto esses títulos atestam de sobejo a justa irradiação de vosso nome.

* * *

Ab initio dissestes, Sr. Gustavo Barroso, que preferíeis ser recebido, nesta Casa, de maneira diversa da posta em prática, isto é: silenciosamente.

Ocorreu-me, ao ouvir-vos tal, uma anedota de vosso simpático Piron.

Quando ele esteve a pique de ser eleito, o acadêmico da mesa a quem incumbia saudar o recipiendário, tomando muito a sério a cerimônia, lembrou-lhe a conveniência de irem preparando os respectivos discursos.

– "*Mon discours est tout fait*, obtemperou Piron, *et le vôtre aussi*.

– *Comment cela?*

– *Je me lèverai, j'ôterai mon chapeau, je dirai: Messieurs, je vous remercie de l'honneur que vous m'avez fait de m'admettre. Vous vous lèverez, vous ôterez votre chapeau, et vous répondrez: Monsieur, cela n'en vaut la peine.*"

Infelizmente, aqui como lá, não se permite cena tão fugitiva.

De minha parte, seria suficiente, creio, apenas o que resta dizer, como resposta à passagem de vosso discurso, sem grão de incenso místico do mês de Maria, mas perfumada com a graça das rosas de maio:

> Não basta ter sido eleito pela Academia para se ficar dono de todos os conhecimentos humanos. Essa escolha não se parece com os puxões de orelha dados pelo arcanjo Gabriel a Mafoma, após os quais ele ficou sabendo ler e muitas cousas mais. Ela não implica o dom de sabedoria, que não é nenhuma fruta do bem e do mal.

Do tópico, leve e florido, sai ziguezagueando a borboleta de uma ironia, a difundir o pó dourado e sutil das asas...

Sr. Gustavo Barroso, cavaleiro da Legião de Honra; oficial da Instrução Pública (de França), de Leopoldo II (da Bélgica), de Polônia Restituta, do Libertador (de Venezuela); comendador de San Tiago e de Cristo (de Portugal), de Santo Olavo (da Noruega), do Salvador (da Grécia), da Coroa (de Itália), do Sol (do Peru); Sr. Gustavo Barroso: os poderosos do mundo, culminantes na política de Monarcas e Repúblicas, houveram por bem enfeitar-vos, para o doce *sacrifício* da vaidade, colorido de fitas e reluzentes metais, que não raro matizam e iluminam peitos vácuos, ambulando insatisfeitos, ou insaciáveis, na mendicância diplomática de tafularias farfalhosas...

De mim confesso liso, sem intento de excoriar melindres, mas repugnando o espetáculo dessa promiscuidade exibitória, que não trocara por tantas veneras, de vós e poucos outros enobrecidas, uma única página dos *Pergaminhos*, autenticadores da natural e maior de todas as grandezas – a do intelecto.

E para terminar, à maneira de apólogo, que apólogos ilustram sempre, resenharei um deles, "O infante de Navarra", a que pusestes de epígrafe o retratinho em *água-forte*, lavor do padre Antônio Vieira, na *Palavra de Deus*:

> Raro príncipe se achará nos anais da Fortuna que, em toda sua vida, a experimentasse tão vária..., era manco de um pé, aleijado de um braço e naquela parte da cabeça padecia do mesmo defeito.
>
> Na verdade, D. Afonso, bêbado e incontinente, sobre imbecil, cambaio e bracilongo, espavoria as mulheres que procurava agarrar, sem respeito de condição alguma. Ao ver-lhe os olhos travessos e cupidos, a nariga torta e monstruosa de verrugas, o queixo em bico e de barbicha arruivascada, todas debandavam a correr, como ninfas, à súbita aparição dum Córidon de chavelhos...

Observá-lo no encalço de uma importava em apanhar o flagrante de um quadro inteiro, digno da marca artística de Raimundo Correia:

O bode a persegui-la, e ela a fugir do bode!

O monarca seu pai, ídolo da gente navarresa, pela generosidade imensurável, acabrunhava-se na mágoa que lhe causava o monstrengo físico e moral. Mas, um dia logrou haver na corte, aonde mandara buscar de Sabóia, o miraculoso médico Simão Tadeu, que sanava quantos males imagináveis, "com três, ou quatro passes de magia branca, segundo os amigos, de magia negra, conforme os inimigos". Foi uma festa nunca vista em Pamplona, a capital do reino, a que ele viera felicitar, metamorfoseando o filho ao desditoso D. Garcia.

Eis o que sucedeu junto ao palácio real, num palanque de estranho fausto cercado por clero, nobreza e povo, na ânsia comum do bem, que resultaria daquela cura perfeita:

"Simão, voltando-se para o príncipe, ergueu os braços, dos quais as mangas da sâmara escura tombaram, desdobradas como asas de morcego. Os redondos óculos de aro de ouro faiscaram e, ao povo, seu vulto pareceu crescer tanto no espaço soalheiro, que o barrete pontudo como que passava além do branco muro do Paço. Abaixou os braços, cobrindo o corpo do aleijão. Levantou-os e – oh, assombro! – ele amostrava a estatura normal de um homem, as bossas estavam aplainadas e tinham desaparecido os nós dos joelhos."

Cessados os entusiásticos aplausos da multidão, emudecidas as chorumelas oficiais, reverentemente disse o forasteiro:

– Pronto, Senhor!

Emocionado e trêmulo, o rei balbuciou-lhe ao ouvido:

– Simão, ele era tão feio quanto mau. Deste-lhe a beleza, dá-lhe a bondade. Alisa-lhe a alma, como lhe alisaste o corpo.

Tadeu fez demorados passes. Um lume de bondade aureolou o rosto do moço.

D. Garcia, anelante, segredou-lhe, por último:

– Ele era horrendo, mau e estúpido. Agora, para completar tua milagrosa obra e aumentar minha gratidão, torna-o sagaz. É o melhor sonho de minha vida que verei realizado!

Porém, o outro volveu, desalentado:

– Impossível, Alteza! Meu poder não vai a tanto. Lede a Bíblia e meditai sobre os milagres de Cristo. Pecadores tornaram-se santos, legiões de demônios

> abandonaram as vítimas, monstros aformosentaram-se, enfermos recobraram a saúde e até mortos se levantaram da sepultura. Ele, que era Deus, nunca aos néscios fez ganhar espírito. Como quereis que eu, simples mortal, consiga o impossível. Ninguém cura, Senhor, a estupidez!

Bem vedes, do próprio reconto, parejando com a relativa impotência dos reis, agraciadores de quem lhes serve, a falibilidade, ou o limite da sabedoria, até mesmo nos mágicos que não somos... nem aspiramos a ser.

Nós, imortais de ficção, ainda que o fôramos de realidade, avantajando-nos assim ao mago Tadeu, também não poderíamos dar-vos, Sr. Gustavo Barroso, o que tendes, em alto grau, se acaso vos falecera à harmonia do conjunto, reflexa em tão bela estampa: o fulgor do talento, com o qual só a Natureza, verdadeira soberana do Universo, esmalta condecorativamente seus eleitos, para a curta e fatal parábola do berço ao túmulo. Porém quisemos quanto podíamos, que era proclamar essa qualidade superior, num momento de efusões puras, porque extremes de quaisquer vícios humanos. Daí, o estarmos reunidos em júbilo agora, a fim de saudar o triunfador de 8 de maio, mediante uma voz humílima de certo, mas fortalecida intimamente pela aprovação geral a estas palavras finais, em que a sinceridade deserta a ênfase:

Bem-vindo sois, jovem filho da *terra de sol*, banhada pelas *verdes mares bravios*, ao grêmio de nosso afeto, reparador de inclemências e confortante de injustiças!

Discurso do
SR. JOÃO LUÍS ALVES

e

Resposta do
SR. AUGUSTO DE LIMA

Sessão solene extraordinária
do dia 6 de novembro de 1923

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHORES:

Não sei o que há de verdade no episódio narrado com tão oportuna malícia por C. A., em uma das suas crônicas semanais, no *Jornal do Commercio*.

Contou ele que Freycinet, então presidente do Conselho de Ministros, fora, como candidato a uma vaga na Academia Francesa, solicitar o voto de Ernest Renan e que este lhe respondera: "Sim, sr. presidente do Conselho, salvo se o sr. presidente da República for candidato."

A ocasião em que aqui foi relembrada essa ironia, atribuída ao glorioso filósofo, dá-me agora o direito de dizer que, se não tenho a ridícula pretensão de comparar-me ao estadista francês, consola-me, se com ela pode coexistir consolo, a falta de um Renan para dar-me igual resposta.

Aliás, não vos fiz o desapreço de bater-vos às portas como ministro, posição efêmera, que não pode, por si, dar valor a quem não o tem, mas pode diminuir o dos que já o possuem, por serviços outros, tão ingrata e difícil é a posição de ministro em nossa terra.

Quem aqui veio pedir-vos o agasalho do vosso prestígio e o fecundo convívio do vosso espírito não foi, nem podia ser, o ministro: – fui eu.

Foi, sim, um cultor de letras jurídicas, parlamentares e jornalísticas, e o fez porque acreditava que tais gêneros de cultura aqui lhe permitiriam ingresso.

Que não me enganei, assim pensando, vós o dissestes, elegendo-me, com tanta honra para mim.

Fazendo-o, certamente vos lembrastes daquele autorizado conceito do mesmo Renan, no discurso com que recebeu Lesseps, o imortal engenheiro de Suez, na Academia Francesa:

> *Le programme de notre Compagnie n'est pas* une simple culture littéraire *poursuivie pour elle même, et n'aboutissant qu'à de frivoles jeux, à peine supérieurs à ces difficiles enfantillages où se sont perdues les littératures de l'Orient.*
>
> *Ce sont les choses que sont belles; les mots n'ont pas de beauté en dehors de la cause noble ou vraie qui'ils servent.*

Sucedendo, mas não substituindo, a Pedro Lessa e a Eduardo Ramos, na Cadeira de Lúcio de Mendonça, espero não desmerecer da honrosa companhia, embora lhe não possa trazer o brilho de idéias novas, nem mesmo a precedência das de imitação, como as do acadêmico Olivier Patru, o inventor dos discursos de recepção, e, dizem, que do *jeton de présence* na Academia Francesa.

Perdoareis, portanto, se for obscuro o meu concurso que vos asseguro devotado aos altos e nobres fins desta Academia, em cujo recinto entro, lembrando-me do verso de Dante:

> *Me degno a ciò né io né altri crede.*

Nem eu, nem outros crêem que eu seja digno desta honra e da sucessão que aceitei, formidável encargo para quem vai ocupar a Cadeira de Pedro Lessa, e bem o sabeis vós, que com ele convivestes.

O traço fundamental do caráter de Pedro Lessa, reconhecem todos os seus panegiristas, era a combatividade; o do seu espírito, hão de proclamar os leitores de sua vasta obra, era a sólida cultura filosófica, apurada por uma crítica sem dogmatismo, sem preconceitos e sem temores.

Nessa cultura filosófica se encontra o segredo dos seus merecidos triunfos – como professor, como polemista, como historiador, como jurisconsulto, como juiz.

Não há, porém, ocultar que a sua combatividade foi por vezes apaixonada e algumas outras cruel.

Talvez fosse isso atribuível ao seu pessimismo, que ele não negava, embora contraditório com a sua orientação conservadora e com a sua infatigável ação didática, política e jurídica.

Como professor, conta-se que, irritado – e com razão, contra o ato de um ministro, que abrira larga brecha para os exames nas faculdades de ensino superior, dispensando arbitrariamente exigências regulamentares, reagiu, mas reagiu pelo absurdo: – aprovou com distinção, sem argüi-los, todos os seus alunos!

Força é reconhecer que Lessa foi cruel com os seus discípulos, se verdadeiro o episódio, porque não pode haver maior crueldade para com um estudante do que aprová-lo na sua ignorância, pesado fardo para o resto da sua existência.

Foi, assim, sem o querer, que Lessa se constituiu o precursor atenuado dos exames por decreto, por motivo de *gripe*, e dos exames por *habeas corpus*, por motivo de receita para o Tesouro.

Depois disso, como exigir a elevação do nível da nossa cultura e como negar que ela baixa assustadoramente?

O que diria de uma reforma de ensino, entre nós, o senador francês Léon Labbé, membro da Academia das Ciências e professor da Faculdade de Medicina, que confessava com tristeza a Gustavo Le Bon e este consignou em *Le Deséquilibre du monde*, seu recentíssimo livro: "que pour modifier notre système d'éducation, il faudrait changer d'abord l'âme des professeurs, puis celles des parents et enfin celles des élèves"?

Não há dúvida que Lessa reivindica para os cursos jurídicos uma grande e salutar influência na nossa vida imperial e republicana, pelo ensino neles ministrados.

Ele o poderia afirmar, bastando o seu próprio exemplo, a sua própria personalidade, que conquistou, depois de dois memoráveis concursos, a que assisti como estudante da Academia de São Paulo, a láurea de professor, através de óbices que então, como hoje, como sempre, entulham a estrada que devem percorrer os homens do seu valor.

Mas, ainda é dele este episódio sobre um seu discípulo.

Ouça a ilustre Companhia a maldade saudável e, se posso dizer, benfazeja, porque visava verberar um grande mal e removê-lo, com que Pedro

Lessa nos conta a sua colaboração jurídica nas sentenças de um ex-aluno ignorante:

> Tive um discípulo, diz ele, que, apenas formado e decorrido o prazo legal, conseguiu a nomeação de juiz para excelente comarca de um Estado vizinho. Alegando o seu noviciado, pediu-me que nos primeiros tempos examinasse os autos sujeitos à sua decisão e por ele sentenciasse. Acedi, não calculando o imenso labor que me iria pesar sobre os fracos ombros, e iniciei a ímproba tarefa, julgando com a consciência de um juiz. Ao cabo de algum tempo escreveu-me, muito reconhecido, mas ponderando que conviria eliminar das sentenças os textos de direito romano; pois, todos na localidade sabiam quanto eram nulos os seus conhecimentos da língua de Cícero e Ulpiano e estranhavam-lhe as citações latinas.
>
> Pois bem, disse-lhe eu, eliminemos o latim. E o latim foi eliminado. Mais tarde, nova carta, na qual me increpava as citações de escritores estrangeiros. Faziam-lhe todos plena justiça ao seu formosíssimo talento, mas não ignoravam quanto era adverso à leitura dos jurisconsultos estrangeiros, admitindo todos quando muito a possibilidade de ligeiro ou fugitivo trato com um ou outro dos reinícolas.
>
> E foram eliminadas as citações de jurisconsultos estrangeiros. Decorrido algum tempo, mais outra missiva. Desta vez, delicada e timidamente fazia ver que se notava nas suas sentenças um certo esforço por escrever correntemente a língua vernácula. Esse esforço (nem sempre coroado de sucesso, acrescentarei eu) lhe parecia impróprio de papéis forenses, além de dar azo a que a maledicência a outrem pudesse atribuir as sentenças por ele proferidas: todos, e notadamente os advogados do lugar, lhe aclamavam o brilhante talento, reconhecendo, todavia, que nele mais uma vez se verificava a conhecida incompatibilidade entre as grandes inteligências e qualquer espécie de esforço ou trabalho. Prometi-lhe que eliminaria esse frustrado desejo de ser correto. E assim se fez. Supunha satisfeito e contente o meu querido amigo, quando um dia tenho o prazer de uma de suas visitas inopinadas. Recebi-o alegremente, e quase como quem recebe um filho, que em regra tanto mais estremecem os progenitores, quanto mais débil e enfermiço é, e mais cuidados lhes dá. No decorrer da conversação, da minha parte

amável, notava que um pensamento incômodo verrumava o espírito do meu interlocutor.

Afinal, depois de me sondar as disposições, e em mim perceber a bonomia de um confessor indulgente, desabotoou os lábios e deixou escapar o segredo que lhe oprimia o largo peito; ainda não se satisfizera com as repetidas concessões que de mim havia obtido; algumas vezes, quando aludia alguém a uma de suas decisões, divisava no seu longo séquito, em geral composto de advogados, solicitadores, auxiliares de justiça e partes, sorrisos enigmáticos, frases suspensas, ambíguas e importunas reticências, e tudo lhe parecia indicar que pairavam dúvidas acerca da lavra de suas sentenças. Tão visível era o seu pesar, e tanto me confrangia, que ali mesmo tomei uma resolução extrema, lenitiva, para o meu amigo, e a ninguém prejudicial; visto como se não fosse assim, ainda seria pior.

Adquiri uma pequena e artística urna de charão, na qual daí por diante, sempre que recebia do jovem magistrado processos para julgar, depunha dois papelinhos: um dizia "vence o autor"; dizia o outro: "é o réu quem vence". Feito meticulosamente o sorteio, toda a subseqüente tarefa se reduzia a alinhavar lacônicamente, em duas palavras, as razões de decidir.

Desde então não tive mais mãos a medir.

Era muito para ver a louçania, o garbo quase militar, com que o meu criado, como se fora um bom e belo empregado postal, passava os dias no duro afã de receber e despachar autos, por essa forma decididos. Tive ensejo, alguns anos depois, de ver o meu saudoso amigo. Era notável a sua boa disposição, estava em plena florescência; os olhos animados de um vivo fulgor, o rosto coberto da mais bela e vigorosa coloração, de todo o seu corpo ressumbrava um ar petulante de saúde, de força, de vitória; tinha o apetite de um cidadão romano, na decadência da república. Vede bem, Senhores, conclui Lessa, em que insondável abismo nos podem despenhar a desídia, a indolência, o esquecimento dos deveres e a falta de compreensão da dignidade do cargo, no exercício de uma das mais nobres e altas profissões a que se pode erguer um homem!

Como, porém, negar que Lessa, auxiliando um juiz ignorante e facilitando-lhe a indolência, concorreu para o mal que ele incisivamente causticou nessa página, que não podia ser resumida, sem perder do seu brilho?

Nos *Discursos e Conferências* há outras passagens como essa, de análise cruel, mas sincera, de psicologia mordaz, mas verdadeira, há também ensinamentos, que bem revelam o filósofo e o pensador.

É ali que o encontramos, na saudação a um ilustre jornalista, dizendo com justeza, da alta função, social da imprensa:

> Os jornais, disse ele, devem funcionar principalmente como fios condutores dessas correntes de idéias e sentimentos, que produzidos por uma contínua ação e reação do público sobre o escritor e deste sobre aquele, geram a convergência de pensamentos e tendências, o amálgama de vontades, condição essencial da liberdade das nações, que se chama a opinião pública.
>
> Para a primeira parte desse duplo labor, para sutilmente apreender as necessidades e anelos de várias estratificações sociais, para ser o refletor do pensamento comum, precisa o jornalista de uma inteligência vivamente sensível a todas as trepidações da sociedade, deve ser um desses espíritos sonoros, de que nos fala o grande lírico da França, espírito de mil vozes, que vibram e palpitam ao mais leve sopro, almas de cristal, que reluzem e cintilam ao raio mais fugaz. Mas, não basta a fina receptividade, que permite bem auscultar o corpo social; é mister possuir o talento, o preparo, o critério e a integridade moral, sem os quais não pode o escritor reagir proveitosa e eficazmente, influindo por sua vez na formação das idéias e dos sentimentos da sociedade, bem orientando a vontade popular, cooperando para que se retifique o pensamento da agremiação, sejam justos os sentimentos comuns e realizáveis com utilidade as aspirações gerais.

Que bela lição se contém nessas linhas, em que se revela a feição conservadora e construtora do espírito educativo do mestre, feição sobre que teremos ainda de insistir!

Já lhe volta, porém, o ardor combativo quando zurze, impiedosamente, às vezes com exagero, mas sempre com patriotismo, os males e vícios da nossa vida política, como no discurso com que paraninfou os bacharelandos de S. Paulo, em 1906.

A própria filosofia – e Pedro Lessa foi um filósofo, no rigoroso significado desse termo – mereceu-lhe esta arrancada de pessimismo:

> Tranqüilizai-vos, disse ele: não vos falarei de filosofia. Neste assunto, depois de ter arrastado penosamente os meus discípulos pelos inúmeros corredores do vasto e complicadíssimo labirinto dos sistemas, durante cerca de quinze anos (mais cinco do que o *Fausto* de Goethe), cheguei ao resultado, precisamente miserável, de adotar, como um desolador transunto da verdade, o conceito de "Fradique Mendes", em uma de suas "cartas" deliciosas: – um sistema filosófico é mais uma conjectura para se juntar a um imenso montão de conjecturas... Da filosofia, as minhas rudes verdades só terão talvez um pouco daquele acerbo pessimismo, que o incontentável e maledicente Schopenhauer parece ter comunicado a muitos que, nesta época, bem ou mal se ocupam desse gênero.

Há nisto uma injustiça feita a si mesmo, pois havemos de ver que a sua filosofia foi construtora, embora muitas vezes coada pelo filtro da ironia, senão da mordacidade.

Esta é que se nos depara, candente em excesso, quando nos conta que a sua grande aspiração de moço, ao fim do seu curso acadêmico, foi a carreira diplomática.

Dela (escreveu) o dissuadiram parentes e amigos "porque, diziam eles, sem cogitar absolutamente das outras e essenciais qualidades que me faltavam, eu não sabia dançar, eu não sabia palrar, eu não me sabia trajar, com elegância, com os ademanes, com os requintes estéticos, que faziam a essência da diplomacia entre nós. No causticante dizer de um dos maiores estadistas que teve o Império, os diplomatas brasileiros podiam definir-se 'bacharéis em belas roupas'. A completa vacuidade do cérebro, a perfeita indiferença a todas as coisas da inteligência e da pátria, e a tafularia e casquilhice, têm sido os atributos conotativos da maioria dos nossos diplomatas. Se algum paciente antropólogo se desse ao trabalho de estudar esta surpreendente, e quase fantástica modalidade do ser humano, o cretinismo doirado e feliz, é entre os diplomatas brasileiros que haveria de encontrar os belos tipos da estranha sub-espécie".

Não está aí uma página de combatividade demolidora e cruel, de sarcasmo ferino, que das exceções fez a regra, generalizando um tipo que não era geral na *carrière*?

Felizmente o próprio Lessa atenua o rigor das suas palavras, relembrando o nome de Rio Branco, o moço, a que poderia juntar o de Rio Branco, o

velho, e o de Joaquim Nabuco, para só falar de alguns mortos, dos quais o primeiro e o último bem serviram à Pátria, na diplomacia sob o regime republicano.

Não escapei, eu mesmo, na minha obscuridade e desvalia, à mordacidade combativa de Pedro Lessa.

De um trabalho meu, sobre a responsabilidade dos juízes do Supremo Tribunal, definida na Constituição, mas até hoje só teoricamente existente, disse ele que era "um portento de inciência ou de desprezo dos princípios cardeais e das normas secundárias do direito público federal".

Conhecendo o temperamento do notável juiz, a impulsividade dos seus gestos de agressão contra o que lhe parecia desacertado, não me revoltei com a crueldade da sua frase.

Na mesma revista em que fui atacado, procurei dar-lhe resposta "com boa fé e sem paixão", demonstrando a injustiça do seu conceito.

Dois fatos me convencem de que o consegui: – um, público, foi o silêncio posterior de Pedro Lessa, coisa rara em quem, por temperamento e por legítimo orgulho, timbrava sempre, nas polêmicas em que entrava, em falar em último lugar; outro – foi a honrosa estima que jamais me negou que tanto me cativava e me enobrecia.

Não quero dizer que tivesse aceitado a minha opinião, mas quero afirmar que o seu espírito de justiça reformou a condenação pejorativa com que, no primeiro ímpeto, a fulminara.

Muita gente que o conhece através somente de algumas fases de agressividade, que não eram raras, pensará talvez que esse seu feitio encontrava imenso campo de expansão nos autos em que funcionava como advogado, e advogado de grande renome e vasta clientela.

Não era assim, porém, no que me foi dado ler e conhecer de seus trabalhos de causídico.

É possível e provável que, em um outro caso, não dominasse o seu temperamento, mas no que pude compulsar (o mais fica sepultado no pó dos cartórios) verifiquei a serenidade sincera da exposição dos fatos, a profundeza dos conceitos jurídicos e a lógica dos argumentos – qualidades que lhe granjearam, por certo, aquela vasta clientela, tão importante e vasta, que é notório que sacrificou o seu interesse pessoal para obedecer ao apelo do Presidente

Afonso Pena, seu coestaduano, que, colocando-o no Supremo Tribunal Federal, prestou ao país e ao direito brasileiro, neste simples ato, inspirado pela sua visão de jurisconsulto, que também foi, um dos seus bons serviços, sob o regime republicano.

Do que li, porém, dos trabalhos forenses de Pedro Lessa, há uma página que bem merece aqui lembrar, porque é uma página de boa literatura, dessa que sabe pintar e estigmatizar costumes e apontar vícios sociais, como os pintou e apontou Balzac, analista e ator da desopilante comédia humana de todos os dias, embora às vezes ela possa ter uns tons sanguinolentos de tragédia, para quebrar-lhe a monotonia da galhofa.

Defendia ele os direitos de cliente contra poderosa companhia estrangeira.

Em casos tais é, infelizmente, comum sair o pleito do ambiente sereno do pretório para os comentários apaixonados da cidade, provocados pela sua imprensa.

Foi isso o que, na espécie, irritou o advogado e o que lhe permitiu esta esplêndida crítica de nossos costumes forenses:

> Já uma parte da imprensa diária se manifestou favorável à ré, com a mesma convicção e competência com que, em artiguetes laudatórios, encarece as miríficas virtudes dos variadíssimos e problemáticos preparados da vasta farmacopéia de Nova York, no mesmo dia em que publica os respectivos anúncios espalhafatosos, pelas suas colunas pagas.
>
> ... Se não demove as pessoas refletidas e sensatas, a *propaganda* (que reinação!) feita pela ré já tem calado no ânimo de mais de um indivíduo. Assim, por exemplo, um sapateiro sustentava, há dias, entre duas soveladas, que o Egrégio Tribunal, proferindo o primeiro acórdão sobre esta espécie, a augusta sentença que tantas vezes temos citado, julgou com o direito de todas as nações cultas. A ré discorda do sapateiro preopinante, porquanto afirma, no final de suas razões, que o Egrégio Tribunal aplicou o direito estrangeiro, neste ponto oposto ao direito pátrio. Um alfaiate entende que o Egrégio Tribunal, com o magistral acórdão, se afastou do direito romano. Como o alfaiate é italiano, um caloiro por troça pôs-se a ler-lhe o volume da tradução de Glük, em que explana a doutrina romana; mas, o alfaiate não se convenceu. Um tanoeiro descobriu que o Egrégio

> Tribunal, ao lavrar a memorável decisão, rompeu com a uniforme e estável jurisprudência, firmada pelos tribunais pátrios, que em inúmeros feitos já haviam sentenciado que as vítimas dos desastres oriundos de culpa, ou negligência, das companhias de estradas de ferro, não têm direito a indenização alguma. A todos levou as lampas um experto engraxate, o qual (dizem), vendo reluzir alguns níqueis da ré, de tão fremente entusiasmo ficou possuído, que logo se pôs a gritar, com grandes aplausos do rapazio que o cercava, que a ré não devia pagar indenização nenhuma, que não devia pagar – porque tinha a seu favor a legítima defesa.

Eis aí, Senhores, como, no foro, o advogado Pedro Lessa combatia, com indiscutível verve, pela causa dos constituintes.

Mas, agora vamos vê-lo, na austeridade serena do magistério, nessa cadeira de Filosofia do Direito, cujo estudo revolucionou para o bem, tirando o ensino do limbo da metafísica de Balmes ou do racionalismo de Ahrens, para o ambiente sadio da observação científica dos fenômenos sociais, de que o direito é, ao mesmo tempo, causa e efeito.

Para dar-vos idéia do que era o ensino da Filosofia do Direito no meu tempo, baste dizer-vos que poucos anos antes de Pedro Lessa transformar o ensino em São Paulo, como Tobias Barreto o transformou no Recife, o ponto sobre que tive de dissertar, através de todos os imperativos categóricos de Kant e de todas as sutilezas da concepção medieval da lógica, foi este, e dele jamais me esqueci:

"O milagre é a suspensão das leis naturais. Deus pode fazer o milagre."

Foi isso, no meu segundo ano jurídico, isto é, no ano da graça de 1886!

Aquele ponto lá estava no compêndio da época e pode verificá-lo quem duvidar. Parecia que eu estava num seminário, fazendo exame de teologia!

Fácil é avaliar qual foi o esforço do meu espírito para aprender comigo mesmo aqueles princípios de sã filosofia jurídica, que os meus caloiros bebiam embevecidos na fonte cristalina das lições de Pedro Lessa, sobre cuja estréia de professor pôde Carvalho Mourão dizer com verdade:

> Jamais me esquecerei da encantadora surpresa que foi para nós essa lição de estréia, terminada por uma espontânea ovação; ovação que nos deu, logo, a impressão de uma rajada sadia de ar fresco e oxigenado a varrer as vetustas e som-

> brias salas do antigo convento – amigo da imobilidade e do silêncio. Pode dizer-se que com ele penetrou no adormecido recinto da Faculdade paulista o espírito do século, com todas as suas ânsias de aspirações humanas e as suas largas visões do futuro, pois só ele iniciou e completou um curso animado, todo, por um sistema de idéias modernas e progressistas... Tinha então Pedro Lessa 28 anos e, desde logo, ficou consagrado mestre e jurisconsulto, porque jurisconsulto só o é quem, com espírito de filósofo, vê no direito não um código misterioso de regras herméticas, mas uma força propulsora da vida para os seus fins ideais.

E agora ides ver o professor, derrocando com profundeza, naquelas trinta páginas da sua "filosofia do Direito", a velha filosofia de Kant, para concluir que a *Crítica da Razão Pura* assenta em uma série de afirmações e que não menos divorciados da verdade são os fundamentos da *Crítica da Razão Prática*.

Logo em seguida, o encontrareis combatendo a escola histórica de Savigny, que "observa e induz, mas não atinge as mais elevadas generalizações da ciência", pelo que nela "não há lugar para os princípios fundamentais, universais e permanentes. Nem tão pouco se compreende o direito ideal".

Não lhe resiste à análise de Ihering, que "tem o defeito capital de nos dar mais uma doutrina sem base científica, para se juntar às inúmeras de que está repleta a literatura jurídica. Vê-se que o pensamento de Ihering oscila entre o livre arbítrio e o determinismo. Não há na *Evolução do Direito* uma convicção precisa e segura no que toca a esta magna questão filosófica, que os espíritos frívolos desdenham, mas que para os pensadores, dignos deste nome, é '*o problema filosófico por excelência*', a chave que nos dá a solução de inúmeras dificuldades das ciências sociais".

Foi, naturalmente, essa convicção que fez com que a obra filosófica de Pedro Lessa se condensasse, culminando nas lúcidas e exaustivas páginas da sua monografia sobre *O determinismo psíquico e a imputabilidade e responsabilidade criminais*.

Aí, depois de uma erudita síntese crítica dos sistemas filosóficos sobre o livre arbítrio e o determinismo, desde a filosofia grega, com Sócrates e Aristóteles, a filosofia teológica e medieval, com Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, a filosofia moderna, com Hobbes, Locke, Descartes, Leibnitz, Hume e Kant, até à filosofia contemporânea, com Augusto Comte,

Spencer, Stuart Mill, Alexandre Bain, Schopenhauer, Fouilléé, Renouvier e tantos outros, Pedro Lessa, passando em revista as escolas penais, a clássica, com Carrara como pontífice, e a positiva, com Lombroso, Ferri e Garófalo como apóstolos, estabelece com clareza e argumentação cerrada as razões da sua filiação à escola determinista.

Para ele, o homem não tem livre arbítrio nas suas ações. Estas são sempre determinadas por um motivo.

Esse motivo pode encontrar-se na educação, que "é o principal de todos os elementos que concorreram para a formação do caráter, para a constituição psíquica, para o etos".

Os códigos de religião, os códigos de moral e os códigos de direito positivo são, com as suas recompensas e penas, o viveiro de motivos determinantes das ações humanas, quando outro motivo não é mais forte para provocá-las, levando ao pecado, ao vício e ao crime.

"O determinismo psíquico reconhece ao lado dos instintos, das inclinações, dos sentimentos, das paixões, das influências do meio, do temperamento e outras, mais estes fatores da volição: a idéia, o pensamento, o raciocínio, os conhecimentos científicos."

> Todos os sistemas de moral, ensina Lessa, procuram assegurar o cumprimento de seus preceitos pelas penas e recompensas, que nada mais são do que motivos artificiais, factícios, de mais fácil compreensão, mais adaptados à inteligência da generalidade dos homens, auxiliando-se com essas sanções a sanção natural dos atos humanos, que é a conseqüência boa ou má, que decorre necessariamente da prática dos nossos atos voluntários. Os legisladores, os estadistas, os jurisconsultos, implicitamente aceitam todos a teoria determinista, porquanto vivem a criar motivos artificiais, que sejam impulsores artificiais para a vontade da maioria dos homens.
>
> Verificadas as necessidades sociais, averiguado que tais atos são condições de conservação e progresso da sociedade, e tais outros contrários à vida, ao bem-estar e melhoramento da agremiação, os legisladores e os estadistas nada mais fazem do que, aplicando a doutrina do determinismo, adicionar à sanção natural, à conseqüência necessária dos nossos atos voluntários, sob o aspecto da vida e desenvolvimento da coletividade e dos indivíduos, as sanções artificiais, as penas e

> recompensas jurídicas, os diversos meios de coação do Estado, outros motivos, outras tantas idéias, acompanhadas de uma emoção, que servem para impedir a nossa atividade psíquica ou determinar as nossas volições.

Eis, aí, a síntese da concepção filosófica de Pedro Lessa – quanto à moral e ao direito.

É nela que devemos encontrar a explicação de sua atitude, preconizando, em outro estudo, "a utilidade ou necessidade de uma religião" e defendendo, para a nossa pátria, a religião dos nossos maiores.

> ...Se a religião é necessária, dizia ele, mantenhamos a que foi sempre abraçada pela imensa maioria da nação, a que a tem sempre consolado nas angústias e nas dores, e santificado todos os júbilos e vitórias nacionais, a religião daquele que, na frase de um de seus adoradores sem fé, há de ser sempre o evocador dos incomparáveis sonhos, o mágico dos eternos adeuses, mestre das consolações inesperadas, príncipe dos perdões infinitos.

À obra do filósofo junta-se a do jurista construtor e a do historiador dotado de profundo senso crítico.

A do jurista é vasta e variada: o direito constitucional, o direito administrativo, o direito civil, o direito comercial, o direito penal, o direito internacional e o direito processual devem-lhe páginas de excepcional valor, que o colocam com destaque na plêiade dos jurisconsultos de que nos orgulhamos, dos Teixeira de Freitas, dos Lafayette, dos Nabuco, dos Ribas, dos Carlos de Carvalho, de Rui Barbosa, para só falar de mortos.

Algumas dessas páginas, ele as enfeixou em *Dissertações e Polêmicas*, onde me permito destacar o seu estudo de direito constitucional sobre a liberdade religiosa e as suas conseqüências, no qual estabelece de modo irrecusável estes dois fecundos princípios:

> O que prevalece e está consagrado no direito constitucional vigente é o regime da ampla liberdade para as corporações e fundações. Foi uma das raras inovações felizes que fez a Constituinte de 1891. Repeliu-se a velha doutrina das limitações à liberdade de associação para fins religiosos.

> Se, tendo em atenção o modo como há sido entendida a liberdade religiosa na América do Norte, estudarmos o § 7.º do art. 72 da nossa Constituição Federal, a conclusão a que havemos de chegar forçosamente é que a regra aí contida não veda que os Estados subsidiem os hospitais e casas de instrução, dirigidos pelos religiosos.

E assim completa o seu pensamento:

> Se todas as confissões, fundadas nos princípios fundamentais do cristianismo, têm direito a uma proteção igual, nunca se poderá censurar o legislador, que, respeitando o princípio da igualdade, propulsar entre nós o desenvolvimento do catolicismo; porquanto devemos dizer dele o que do cristianismo, em geral, repetem frequentissimamente todos os bons publicistas norte-americanos: se não é hoje a nossa religião oficial ou legal, é inquestionavelmente a *religião nacional* do Brasil.

É a mesma orientação a que já anteriormente aludi, revelação do espírito conservador de Pedro Lessa, que terei de documentar em breve.

Aos que estranhem esses conceitos na sua pena de filósofo determinista, responderei com a autoridade do professor Bunge, da Universidade de Buenos Aires, que no seu livro O *Direito É a Força* escreveu:

> A herança de uma longa série de ascendentes, todos mais ou menos místicos, gravou em nossa alma uma tendência religiosa que se enfraquece hoje, mas que dois ou três séculos de cepticismo não eliminarão facilmente. Pelo que, é perfeitamente possível, neste momento, que – mesmo entre temperamentos positivos, mesmo entre homens incrédulos – existam sentimentos religiosos sinceros. Darwin freqüentava o templo. Gladstone, chefe do partido liberal inglês, escreveu, mais com boa vontade do que com erudição, o livro intitulado *O Rochedo Inexpugnável dos Evangelhos*.

A subordinação de Pasteur às suas crenças religiosas é bem conhecida... O caso destes sábios, deste homem político, oferece exemplos de um dualismo *sui generis*, eminentemente atual: – a coexistência do espírito crítico e do sentimento místico. Esta coexistência é razoável. Com efeito, qualquer que

seja a extensão dos conhecimentos científicos, estes deixam sempre, com o Incognoscível, uma porta aberta para o espiritualismo... Os sentimentos religiosos e a crítica científica têm sua utilidade respectiva e mesmo sua utilidade comum.

Longe de se contradizerem, devem fiscalizar-se. Enquanto os sentimentos religiosos mantêm um ambiente de moralidade favorável, a crítica, com o auxílio desse ambiente, avança no caminho do progresso.

É ainda no mesmo livro, *Dissertações e Polêmicas*, que se encontram os artigos de Pedro Lessa a respeito da competência dos Estados para legislar sobre o processo das justiças locais.

No nosso mundo jurídico não foi esquecida a memorável e elevadíssima polêmica entre Lessa e João Mendes sobre a difícil questão, em que o primeiro firmou a solução pacífica na doutrina, nas leis e na jurisprudência, sobre a distinção entre o que impropriamente se chamou direito adjetivo, delimitando a competência legislativa da União e dos Estados em matéria de direito e de processo.

A História teve em Pedro Lessa um exímio cultor, não dessa história que é a cronologia árida dos fatos, mas da que consiste no estudo, através deles, da evolução de um instituto, de um povo ou de toda a humanidade, permitindo tirar do passado "materiais para as induções das ciências sociais".

É assim o seu capítulo da "História do Direito no século XIX", nas *Dissertações e Polêmicas*.

São assim os seus estudos sobre o historiador pátrio Francisco Adolfo Varnhagen e sobre o escritor maranhense João Francisco Lisboa, assim como o seu laudo na contenda relativa à data comemorativa da Confederação do Equador.

Onde, porém, Pedro Lessa se eleva e se revela com o profundo espírito filosófico e crítico dos historiadores da raça dos Mommsen e dos Sumner Maine, é na sua "*Introdução*" à tradução, por Adolfo Melchert, da *História da Civilização na Inglaterra*, de Buckle.

"A História antes de Buekle", "A História no conceito de Buckle", "Mais algumas teorias. O conceito real da História", são os três capítulos fortes, eruditos e construtores, daquela "Introdução".

No primeiro, depois de uma rápida crítica dos historiadores gregos – Tucídides e Xenofonte, e romanos – Suetônio, César, Tito Lívio, conclui que "a história, para os gregos e romanos, é um gênero literário. A amplificação oratória, as ficções, o maravilhoso épico, inçam as narrativas, desfigurando os fatos, e subtraindo-os à justa apreciação dos mais claros e seguros entendimentos".

A Idade Média nos legou alguns toscos esboços de história universal, modelados pelos escritos de Eusébio, Osório e outros historiadores católicos.

A prática das glosas, tão útil ao desenvolvimento do direito, no período medieval, transplantada para o estudo e composição da História, foi fecunda em resultados, especialmente na sua aplicação às coleções de documentos e às dissertações críticas. E cifrou-se nisso, diz Lessa, o progresso da História na Idade Média...

Na Renascença, Maquiavel bosquejou a sua original concepção da História, baseada em um abstruso semi-fatalismo, a que serviu de pólo oposto a de Bossuet, para quem, observa Lessa, "Deus intervém na direção das coisas humanas, obrigando constantemente a natureza a sair das leis por ele próprio estabelecidas".

Começa com Vico a pretensão de fundar a Filosofia da História.

Para Pedro Lessa, porém, nem Vico, com a sua "*Scienza Nuova*", nem Niebuhr, nem Voltaire, com os seus *Essais sur les mœurs*, nem Montesquieu, com os seus livros clássicos sobre o espírito das leis e as causas da grandeza e decadência do povo romano, nem Condorcet, como o seu *Esquisse d'un tableau historique des progrès de l'esprit humain*, podem ser considerados como tendo feito Filosofia da História.

É a Herder que ele atribui a primazia de uma tentativa dessa filosofia, embora declare logo que as *Idéias sobre a Filosofia da História da Humanidade* são apenas "um dos mais famosos subsídios prestados ao tentâmen de formar a Filosofia da História".

Antes, porém, de chegar ao objetivo principal do seu estudo, que, divulgado em outras línguas, imortalizaria um escritor fora dos círculos acadêmicos, Pedro Lessa observa que "um pouco antes de Buckle na Inglaterra, já em França o filósofo extraordinário, com o qual mantém uma certa afinidade o historiador inglês, tentara determinar a lei fundamental da História, e erigi-la

à categoria de ciência; mas, o gênio assombroso de Augusto Comte e a admirável solidez de seus conhecimentos científicos não lograram evitar à *filosofia positiva* a sorte dos ensaios anteriores do mesmo gênero".

A lei fundamental da História é para Comte *a lei dos três estados.* "É certo, é cientificamente certo que o espírito humano começou pelo estado teológico, passou pela fase metafísica, entrou definitivamente no período positivo? Podemos com segurança dividir a história nessas três épocas?"

E Lessa responde:

> Em verdade a reflexão sobre os fatos históricos, desde a mais alta antiguidade, nos convence que as idéias teológicas, metafísicas e positivas, têm sempre coexistido. As três ordens de concepções não assinalam períodos sucessivos do pensamento humano, porém modalidades sincrônicas, posto que diversas, direções várias, posto que coevas, das idéias que formamos sobre os fenômenos, apreendendo-lhes numerosas leis, de ordens diferentes de conhecimentos; como reconhecem Comte e Stuart Mill, no período atual, denominado positivo, as concepções teológicas e metafísicas subsistem perfeitamente, ao lado das verdades científicas.

É então que Littré, o discípulo revoltado, procurando corrigir a *lei dos três estados*, inventa a *teoria das quatro épocas*: a idade das necessidades; a da religião; a das artes; e, finalmente, a da ciência, teoria cheia de falhas e erros, maiores do que os da doutrina do mestre.

No segundo capítulo, Lessa examina a teoria de Buckle, filiada à escola do determinismo psíquico, e aproveita o ensejo para mais uma vibrante defesa dessa escola, que qualifica como "a teoria regeneradora da humanidade, a doutrina do bem, da moral, da salvação".

Esse entusiasmo basta para marcar a sinceridade de uma convicção meditada e consciente, como só podia ser a do seu lúcido espírito.

Dessa convicção deduz que, "se o determinismo psicológico é a expressão da verdade, Buckle tem razão, quando logo no limiar do seu majestoso edifício coloca esta epígrafe significativa: "temos, pois, que o homem modifica a natureza, e a natureza – o homem; e dessa recíproca influência devem necessariamente decorrer todos os acontecimentos".

Ficasse nesse postulado e com ele desenvolvesse os capítulos da sua história da civilização e estou que o meu inigualável antecessor, com a sua argumentação diamantina, não teria que destruir as pretendidas "quatro leis fundamentais da história", formuladas por Buckle, nem que contestar a sua ideada "base da Filosofia da História", isto é, "a grande divisão da civilização em européia e não européia", deduzida de que "a tendência da história da Europa é no sentido de subordinar a natureza ao homem; fora da Europa, no sentido de subordinar o homem à natureza".

Seria, na verdade, uma fórmula muito simplista e muito cômoda. Mas, eis que surge o cristianismo demolidor de teorias, com que Lessa, pensador autônomo e filósofo por conta própria, sabe combatê-las, para em seguida construir, embora aqui o combate tenha o apoio de Littré:

> Para se poder dividir a civilização em européia e extra-européia, fora mister que a civilização européia fosse autóctone. Mas, a Europa inteira se conservava ainda bárbara, quando a Caldéia, a Fenícia, a Assíria, e, muito antes, o Egito, brilhavam com o esplendor das artes e do comércio, fundavam grandes cidades, levantavam esplêndidos monumentos, laboravam os metais e ensinavam o resto da humanidade a ler, a escrever, a contar e a medir.
>
> Foi na extremidade da Ásia, nessa Grécia, meio européia e meio asiática, que surgiu a civilização européia, destinada a se tornar universal.
>
> A proposição de Buckle só é verdadeira quando restringida a um período recente; mas, então foge e se esvaece, por outro lado, porquanto a civilização emanada da Europa se implanta na América, na Austrália, começa a transformar a Índia, maravilha o Japão, regiões – todas essas – em que, segundo o suposto axioma, a natureza é mais potente que o homem.

Sinto que o tempo não me permita reproduzir, porque resumir seria reprovável, se não impossível, a brilhante argumentação de Pedro Lessa, para mostrar como pôde ele, filósofo, historiador, e sociólogo, chegar, então, a esta inesperada afirmativa:

> Buckle não constituiu a filosofia da história...
> Pela própria natureza das cousas, a filosofia da história é impossível.

No terceiro capítulo do seu trabalho, que tanto eleva a nossa cultura, expõe as suas razões da impossibilidade da Filosofia da História, "porquanto não podemos conhecer o conjunto dos fatos que formam o todo da História da humanidade, nem induzir ou generalizar, para prever o futuro tomando por base os fatos do passado ou do presente".

Ao mesmo tempo, porém, afirma que o método de Mommsen e, melhor ainda, o de Fustel de Coulanges, são os que podem levar a fazer da História o que ela deve ser, não uma simples narração de fatos à moda de César Cantu, mas "a descrição de fatos cientificamente classificados e repositório de materiais para as induções das ciências sociais".

Em suma, "a missão da História não se restringe a fornecer os materiais, metodicamente dispostos, para as induções sociológicas. Subsídio precioso [...] abundantes e seguros recursos para as induções, ou para as verificações das ciências sociais nos fornece a História", cuja colaboração é indispensável na economia política, na moral social, no direito e na política.

Tal é, Senhores, através do seu próprio criticismo, a filosofia de Lessa sobre a História, pois já agora seria irreverente falar na sua filosofia da história.

Irreverência não há, porém, em reafirmar que ele, espírito adiantado, propugnador de novos ideais, tinha idéias eminentemente conservadoras.

Sem me referir às suas opiniões didáticas sobre a solução de alguns problemas sociais, só surpreenderá a minha afirmativa, já incidentemente demonstrada, aos que julgarem superficialmente a obra proteiforme de Pedro Lessa, através dos seus gestos de polemista agressivo.

Quero documentar o meu conceito, em louvor do majestoso monumento científico e jurídico que ele legou à sua pátria.

Falando aos seus discípulos e salientando os benefícios colhidos pelo país no ensino ministrado nos seus cursos jurídicos oficiais, previne-os ele contra os demolidores, que define "como audazes remodeladores empíricos do direito, os ruminadores incorrigíveis das obsoletas endrôminas requentadas de João Jaques Rousseau, para os quais as nações são equiparáveis às míseras cobaias, em que o fisiologista aventura toda a sorte de experiências que a imaginação lhe sugere".

Ouvi, agora, a formidável apóstrofe:

> Democratas de vielas, Desmoulins de fancaria, Dantons de opereta, grotescas imitações, paródias imprestáveis de antiquados originais, já de si ridículos e funestos, eles acreditam ver nas velhas academias um importuno antemural oposto às idéias impensadas e às exóticas reformas com que pretendem subverter a sociedade, acreditando talvez que a felicitam.

Depois, em 1916, no elogio de Varnhagen, ele se dirige aos seus concidadãos, grandes e pequenos, poderosos e fracos, governantes e governados, com estas confortadoras palavras, que envolvem um conselho patriótico:

> Que é que nos falta neste momento de prementes dificuldades, em que o desânimo e a conseqüente inércia avassalam tantos espíritos? Não temos que lutar com uma só das tremendas calamidades que a guerra assoprou entre as nações da Europa. Não nos afligem fatos superiores à vontade de homens regularmente educados e medianamente enérgicos. Do que precisamos para vencer a presente crise (e ainda é o conhecimento da História, a comparação do presente com o passado, que no-lo revela), é de predicados que já tivemos e que facilmente podemos readquirir, de qualidades que se formam com algum pouco de boa vontade; de trabalhar com tenacidade, de economizar inteligentemente, de viver com a coragem de todo homem digno, de respeitar as leis e as autoridades, de eleger autoridades e representantes que se imponham ao respeito do povo por seu procedimento escorreito e exemplar, de disciplina e coesão, de libertar-nos das ambições criminosas, ilegítimas ou excessivas, de um pouco de patriotismo e de alguns pequenos sacrifícios.

Parece que falava, não o historiador, mas o dedicadíssimo presidente dessa excelsa obra de patriotismo, que é a "Liga da Defesa Nacional", a que Pedro Lessa deu o melhor de sua alma, com fé de apóstolo e ardor de moço!

Mas ouçamo-lo agora, em *novissima verba*.

É no prefácio do seu livro, hoje clássico – *Do Poder Judiciário*, – código de direito constitucional, a que me permito fazer algumas restrições, que ele reafirma o seu espírito conservador, já então com a serenidade de grande juiz:

> Dado o grande número de brasileiros que hoje condenam as vigentes instituições políticas, e pedem que sejam elas alteradas ou mesmo suprimidas em

> benefício da liberdade política e da moralidade administrativa, creio que todo o tentâmen no sentido de contribuir, para as fazer conhecidas, representa um esforço digno de apreço; pois a verdade é que os males que lhes costumamos atribuir, decorrem, não da sua observância, mas da falta de conhecimento e aplicação das mesmas. Cumprem-se e aplicam-se freqüentemente as normas legais do regime federativo, com o espírito embebido nas idéias do regime e do sistema opostos.
>
> Antes de modificarmos, ou de eliminarmos, a nossa lei fundamental, aconselha a mais elementar prudência que cuidemos de a conhecer e aplicar.

Foi com esse alto pensamento conservador que Pedro Lessa pôde realizar a sua obra de magistrado.

Foi, certamente, por isso, que quem tinha autoridade para fazê-lo o denominou "Marshall brasileiro".

Não considero imerecido, mas não me parece o mais feliz esse paralelo entre os dois eminentes juízes.

São, tanto quanto ele, com a primazia da antecedência, construtores do nosso direito constitucional pelo Judiciário, por exemplo, José Higino, Anfilóquio, Barbalho e Lúcio de Mendonça.

Para mim, a psicologia de Pedro Lessa, ministro do Supremo Tribunal, mais se aproxima à do notável juiz Harlan, que, segundo o professor Lambert, em novíssimo livro, com o sugestivo título *Le Gouvernement des Juges*, "soube impressionar vivamente e atrair a atenção da opinião pública americana, pela freqüência e vivacidade dos seus *dissents* nas matérias constitucionais".

Assim foi Pedro Lessa que, mesmo julgando, sem jamais faltar aos ditames da justiça e do direito, não escapou aos impulsos do seu temperamento de polemista, e que, no início de sua alta magistratura, teve freqüentes *votos vencidos*, proferidos "com o olhar aceso e faiscante de ira", com vivacidade de expressões e tendências inovadoras da jurisprudência aceita.

Acabou vencendo – tal era o poder de sua argumentação – em que quase todas as teses constitucionais que sustentou contra a jurisprudência anterior, como na extensão do *habeas corpus* e do recurso extraordinário, e na ampliação da competência da Justiça federal nas causas entre cidadãos residentes em estados diversos.

Assim como o juiz Harlan, que, "ayant concouru à quelques unes des premières décisions *qui dévièrent le contrôle constitutionel des cours de sa fonction initiale*, fit entendre plus tard des protestations bruyantes contre son extension au jugement de l'oportunité ou de la rationalité des lois", Pedro Lessa, eu creio, se tão cedo não o arrancasse a morte ao nobre serviço da justiça, recuaria um pouco de suas doutrinas extensivas.

Certa vez, em uma das palestras com que me honrou e distinguiu, presente um íntegro colega, ele me disse com aquela sua franqueza de homem reto e sincero: "em algumas matérias, foi preciso jogar a barra um tanto longe; é tempo de recuar um pouco".

Registrei essa frase, sem jamais supor que a poderia repetir.

Repito-a, aqui e agora, porque ela é em louvor do íntegro juiz, que, verificando que a necessidade social ou política já não o exigia e dando alma à Constituição, convinha em reconhecer que nova orientação interpretativa se impunha, sem desfigurar ou violar a lei básica, antes permitindo-lhe, pela autoridade da Suprema Corte, e só por ela, uma existência compatível com as necessidades sociais e políticas do país.

Comparado a Marshall ou a Harlen, o que é incontestável é que Pedro Lessa deu prestígio à toga, vida ao direito e força à Constituição.

Agora noto, Senhores, que o nosso auditório pode estranhar que eu não falasse da vida de Pedro Lessa no século. Não o fiz em obediência ao preceito do nosso regimento; não o fiz também porque, se apresentasse aqui a sua biografia, poderia parecer que vos falava como membro do Instituto Histórico, relembrando a vida terrena do consócio morto.

Para esta ilustre Companhia, a vida é a obra produzida; que Lessa nascesse no Serro ou alhures, no ano de 1859 ou em outro, pouco importava ao crítico de sua obra, desde que isso não era fator da formação do seu luminoso espírito. Nem mesmo disse quando ele morreu; não o direi.

Aqui, ninguém morre.

Por vossa vez, não podereis estranhar que, tendo discorrido longamente, embora com deficiência, sobre a obra de Pedro Lessa, não fizesse a crítica dos seus trabalhos literários.

Diante do "*ad impossibilia nemo tenetur*", certo estarei absolvido, porque para a falta não concorreu a minha volição, senão o determinismo psico-

lógico, que vos conduziu a elegê-lo sem obras literárias, e a ele em ser eleito, sem ter escrito, ao que me conste, versos ou poemas, romances ou contos, crônicas ou novelas, dramas ou comédias, pelo menos dos que vêm à publicidade e conferem o merecido e nobre título de literato, sem negar eu que, nos primeiros anos de juventude, com o primeiro buço, poucos terão escapado às grandes manifestações do amor, quase nunca platônico, em versos ou prosas, que a idade madura vem a maldizer ou renegar.

Não falo de mim que, com a prévia autorização de mais de um discurso acadêmico, posso dizer que *não perpetrei* nada disso. Referindo-me à ausência da obra literária de Pedro Lessa, não cometo impertinência, nem censura, que seria irreverente à ilustre Companhia.

Na verdade, Senhores, quando em dia feliz – *albo lapillo notare diem* – o elegestes e, quando em dia de galas, o recebestes no seio desta Academia, quisestes mostrar e demonstrar que a fundação de Lúcio de Mendonça tinha com a do grande Richelieu uma identidade de princípio que assegurou à Academia Francesa a sua tricentenária existência.

Que princípio é esse?

É aquele que, ao ser recebido como acadêmico, Ernest Renan (que invoco sem idéia preconcebida) assim explicou:

> *Je veux dire – ce principe – qu'à un certain dégré d'élévation, toutes les grandes fonctions de la vie raisonnable sont sœurs; que, dans une société bien organisée tous ceux qui se consacrent aux belles lettres et bonnes choses sont collaborateurs;* que tout devient littérature, quand on le fait avec talent.

Professor, advogado, filósofo, historiador e juiz, Pedro Lessa consagrou-se sempre "*aux belles et bonnes choses*"; tudo ele fez com talento e saber; a sua vasta obra constitui, pois, boa literatura.

Nada lhe faltava, portanto, para ser acadêmico.

Vós lhe destes este título e bem o fizestes.

Para a sua vaga, fostes felizes na escolha de Eduardo Ramos, infelizmente morto antes que tomasse posse desta Cadeira, o que vale dizer – antes que vos encantasse com a magia da sua palavra, dando lugar a que vos desencante eu hoje com o desprimor da minha.

Embora a rigidez do regimento não permita considerá-lo membro da ilustre Companhia, certo esta me consentirá que relembre, em rápida silhueta, a feição original do grande e culto talento de quem, para substituir Pedro Lessa, me precedeu com todos os títulos, nos sufrágios da Academia.

Para os que não o conhecessem de perto, a feição intelectual de Eduardo Ramos seria a da sarcástica, mas em realidade ele era um afetivo e um crente do bem e do justo.

Toda a sua alma, toda a sua orientação de primoroso escritor, todo o seu espírito de crítico dos homens e das coisas do seu tempo, na *Correspondência de Erasmo*, nas *Prosas de Cassandra* e nos *Retalhos e Bisalhos* se concentram nesta frase que ele pôs no frontispício do primeiro daqueles livros: – "*Ce n'est sans douleur, que je ris de toi.*"

Era o riso, ou melhor, o sorriso, ora de humorismo, ora de sarcasmo, de quem, condenando vícios e verberando males, não deixava de sofrer pelos efeitos deles na sociedade em que viveu.

Vede como faz o elogio da mentira:

> Pode-se definir o caráter dos homens, e dos povos, pelo balanço das suas mentiras. Existe a mentira que acrescenta: – é a *lisonja*. E a mentira que mutila: – é a *calúnia*.
>
> A primeira ganha com o que dá. A segunda com o que arrebata.
>
> As mentiras com as asas de anjo chamam-se ilusões. As ilusões com asas de vampiro chamam-se perfídias. A mentira se desdobra em uma vasta escala, desde a inocência do molusco solitário, que se dissimula no limo do seu rochedo, até a perversidade noturna da hiena cadaverosa.
>
> Antes de atingir a seus negros extremos, na expressão culminante de maldade humana, a mentira guarda-nos o seu tesouro de bálsamos. Porque ela é a fecunda criadora de possibilidades. Somente por ela nos é permitido gozar da sensação real do improvável.
>
> Somente ela é capaz de prender as quimeras que passam no turbilhão aéreo do seu vôo, fazendo-as cantar junto à nossa fronte abatida as melodias inéditas de suas harpas... Até as próprias virtudes mentem, nas grandes resignações, nos martírios risonhos... Há dolorosos silêncios que são mentiras mudas... Bem haja, pois, a mentira.

Qual a literatura que não se orgulharia de uma página como essa? Outras, todas as outras são assim na obra de Eduardo Ramos.

Em todas há o mesmo fundo de cepticismo com que, político, abandonou a política e advogado, dos mais cultos e dos mais íntegros, muitas vezes duvidou da justiça humana.

Não abandonou, porém, a alta política, feita pela nobre crítica das coisas públicas, que o interessavam, como bom patriota, e não descreu jamais da justiça imanente e eterna, que o apaixonava como sincero cultor do direito.

* * *

É tempo, Senhores, de vos libertar do enfado.

Se não vos trago, para suceder-lhes, o tesouro da obra científica de Pedro Lessa, nem o precioso escrínio da obra literária de Eduardo Ramos, trago-vos um espírito cheio de fé na vossa ação criadora, em bem da cultura nacional, para o que não são de desprezar os mais modestos obreiros.

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHOR João Luís Alves,

Aprouve à Academia ser eu quem vos dê, em seu nome, as boas-vindas. Esta função protocolar que qualquer dos outros confrades receberia com satisfação só me veio a caber por motivos de preferência com que o nosso presidente justificou a proposta do meu nome, logo adotada por todos. Se bem me lembro, foi esta a suma dos motivos. A Cadeira que vindes ocupar tem como patrono um poeta e foi criada por outro poeta, que era também romancista, jornalista e magistrado; foi, por morte deste, ocupada por um jurista, professor e magistrado, que nunca escreveu versos; a este sucedeu outro jornalista, professor, autor de crônicas sociais e políticas e de poesias, e, finalmente, vindes vós, jornalista, jurista, professor, parlamentar e homem de Estado. Ora, eu tenho sido algumas destas cousas e tentado ser outras. Fui magistrado, professor, governador, e sou político. Tentei ser poeta, jornalista e historiador. E aí tendes as razões, talvez um pouco confusas, pelas quais tendo já sido julgado idôneo para receber o saudoso Eduardo Ramos, que, além de tantos outros títulos, possuía também o de poeta, sou-o ainda, com mais forte razão e confusão para receber-vos, a vós que acabais de declarar nunca terdes escrito versos. Creio ter sido também invocado o motivo de ordem regional, de sermos ambos mineiros, mineiro tendo sido Pedro Lessa, e quase mineiro Lúcio de Mendonça, que em Minas passou a primeira e melhor parte da sua vida intelectual. Certo, com boa vontade se encontra ana-

logia nas cousas, à primeira vista, mais dessemelhantes, e razão nos maiores disparates. Não era preciso muito esforço, para explicar a minha afinidade com Eduardo Ramos. Além de alguns outros pontos, de comum entre nós, havia o de ser ele baiano e eu mineiro, vizinhos muito próximos, filhos de dois estados, que, algumas vezes, podem ter arrufos, e arranhar-se, como em ligeiras brigas de irmãos, mas que, afinal, se harmonizam, de boas pazes feitas. Não era também da Bahia Urbano Duarte, a quem sucedi nesta Casa?

Não já afinidades de raciocínio, mas legítimo parentesco espiritual descobriria entre nós, Dr. João Luís Alves, a fina perspicácia do presidente da Academia, se considerasse, além dos princípios que nos foram comuns, da educação mineira, o encontro dos mesmos ideais na política, da mesma disciplina no partido, cujo órgão na imprensa, o *Diário de Minas*, defendendo as mesmas causas, o mesmo programa, dirigimos, em épocas diferentes, vós no governo Silviano Brandão, eu no governo Venceslau Braz. Mais estreito se revelaria o parentesco na lembrança de que éramos, e somos ainda, professores, embora em disponibilidade, da Faculdade de Direito de Belo Horizonte, de cuja revista, em certo tempo, fomos juntamente redatores.

Foi por essa ocasião, a partir de 1901, que vos conheci na capital de Minas, armado cavaleiro da imprensa política e professor de Direito; comentando o projeto do Código Civil, de Beviláqua; reproduzindo, de 1898, um erudito estudo sobre o infanticídio e propugnando pela até hoje esperada reforma do Código Penal, tão esperada como o *Dicionário da Academia*. Eis os vossos e meus companheiros da Faculdade nesse ano (1901), segundo a memória histórica de Mendes Pimentel: Afonso Pena, Gonçalves Chaves, Camilo de Brito, Francisco Veiga, Levindo Lopes, Virgílio de Melo Franco, Henrique Sales, Rebelo Horta, Bernardino de Lima, Augusto de Lima, Sabino Barroso, Pádua Rezende, Teófilo Ribeiro, Davi Campista, José Pedro Drummond, Gastão da Cunha, Rodrigo Bretas de Andrade, Estêvão Lobo, Rezende Costa, Edmundo Lins, Mário de Amorim, Ferreira Tinoco, José Antônio Saraiva, Salvador Pinto, Mendes Pimentel e João Luís Alves.

Estes nomes, com exceção do do orador, dispensam anotações biográficas, e acredito não ter sido impertinente, declinando-os neste ensejo à Academia, que os conhece, na sua quase totalidade; porque à Academia, conquanto não seja instituto de história, não é, contudo, estranha a história cultural e

política do Brasil. Há quanto a nós dois, Sr. João Luís Alves, um registro que nos interessa de perto e nos comove; é que desses *vinte e seis* professores, que éramos em 1901, só restamos hoje... *dez!*

No ano seguinte a esse, proferíeis, no grande estilo da pragmática doutoral, o discurso de grau dos novos bacharéis, excitando-os ao cumprimento dos preceitos da ética profissional na magistratura, na advocacia, na política e na administração.

Eis uma bela síntese-programa, por vós então formulada: "Juiz, aplicai essa força (o direito) com os temperamentos da eqüidade; advogado, invocai-a com lealdade e sinceridade; político, estabelecei-a, sem idéias doutrinárias preconcebidas, auscultando as necessidades do meio social e do momento histórico, se não quiserdes transformá-la em instrumento de anarquia, ou vê-la como letra morta, repelida pela consciência nacional." Citáveis, depois, algumas palavras do discurso que Renan pronunciara muitos anos havia, no Liceu de Luís o Grande: "Sereis talvez as testemunhas das mudanças mais consideráveis que tenham até aqui presenciado a história da humanidade."

Profundo vaticínio, realizado nos dias de crise que o mundo está vivendo. Não pensáveis decerto, depois de transcritas essas palavras de um sentido misterioso, que uma tremenda comoção viesse a agitar a terra com sucessos tão extraordinários quais os que presenciamos na guerra universal, e terminada ela, nesta paz nublada e cheia de incertezas e ameaças.

Se muitos outros títulos, já por esse tempo, não vos recomendassem às simpatias da Academia, então de recente fundação, títulos que se podem apreciar nos discursos proferidos na Câmara Mineira, de uma eloqüência discreta, vestindo uma forte dialética; nas vossas lições de direito administrativo, à cuja forma elegante e perfeita dicção prendíeis a atenção dos alunos, e, por fim, nos artigos de polêmica doutrinária e política, travada nas colunas do *Diário de Minas*; se já não existissem esses títulos, bastaria, por si só, essa oração de paraninfo, modelo tanto de elevação de conceitos e de sabedoria jurídica, como de linguagem animada e correta. Já nessa ocasião, e quando tínheis apenas a idade de Cristo, não seria aplicável à vossa possível candidatura a esta Casa, ainda que fôsseis ministro tão prematuramente, a evocação que vos suscetibilizou, feita pelo malicioso C.A., do episódio em que Renan teria prometido dar o seu solicitado voto ao ministro Freycinet se não fosse candidato o

presidente da República. Nem então, e muito menos agora, em que o vosso acesso à Academia foi precedido de volumosa documentação de idoneidade literária, como orador parlamentar, mestre da arte da palavra, colaborador legislativo, eficiente, e comentador vernáculo do Código Civil. Com tal patente e tão meritória fé de ofício a pasta de ministro não poderia ser embaraço a que chegásseis ao vosso posto nesta milícia. Não fosse da índole das Academias, pela tradição de sua origem de corte, namorar as letras com particular galanteria nos bordados de ouro das fardas e no esplendor das dignidades de alta gerarquia. E por que não poderíeis aqui entrar também como ministro, se nessa eminente posição houvéreis conquistado novos títulos à palma acadêmica? Entre os que vos chamaram com o seu voto, não haverá quem pouco curioso dos anais parlamentares, das revistas jurídicas e nada freqüentador das galerias do Senado e da Câmara, vos terá preferido pelos vossos brilhantes discursos desenvolvendo o programa de Governo, especialmente o do banquete, que recebestes como ministro? Se não foi como ministro que vos propusestes candidato, e que a Academia vos elegeu e hoje vos empossa, não deve ela, contudo, ser indiferente a esta insigne função de Estado, em que sois investido, porque uma parte dela se exerce na esfera das artes e das letras, e é por vosso órgão que o poder público, de acordo com o pensamento constitucional, colabora, por meio de animação aos artistas e escritores, na realização do Belo, que nas Acrópoles modernas, dignas deste nome, como na antiga, é uma das condições basilares da harmonia e da paz social. Sois o ministro da instrução, e a Academia, além de ser pelos seus estatutos e em virtude de lei órgão das letras nacionais e de cultura da língua pátria, é depositária de um legado, cujos rendimentos se destinam à difusão do ensino primário no Brasil.

Convinha à Academia que fôsseis poeta, romancista, dramaturgo, comediógrafo, autor de contos ou de ensaios de puras letras? Certo que convinha, patentes como tendes revelado nos vossos discursos, nas dissertações jurídicas e nos artigos de jornal, belas qualidades de imaginação, apurado gosto e estilo. Mas fostes vós mesmo que o dissestes, sem que vo-lo perguntasse a Academia, que jamais perpetraste nada disso, depois de afirmardes, com certa malignidade, que poucos se evadem, quando ainda pungibarbas, à tentação de manifestar o amor, quase nunca platônico, em versos e prosas que

a idade madura vem a maldizer e renegar. Que não fizestes versos, bem o verifiquei do rigoroso inquérito que fiz junto aos vossos contemporâneos da *Ordem*, do *Monitor Sul-Mineiro* e da *Peleja*, em cujas colunas o cintilante Cormenin, vosso pseudônimo, jamais publicara senão prosa. Se não praticastes este gênero literário, o do verso, talvez haja um pouco de temeridade em insinuardes, sem a autoridade da experiência própria, que a poesia dos primeiros buços, em regra geral, não tenha senão fins pecaminosos. Nesta austera companhia, onde avultam alguns poetas, que noutras cousas, além da poesia, não quiseram ou não puderam avultar, são raros, entretanto, os que não versejaram na primeira mocidade. Não digo todos, mas a maior parte deles visavam mais a glória literária do que a conquista de amoricos. Alguns, os parnasianos, contrariavam, na *impassibilidade*, que era o característico da escola, a qualquer suspeita de realismo erótico; outros, puros idealistas só viviam pela fantasia, rendilhando idéias no tecido inconsútil de imagens irreais; não poucos, invocando a musa revolucionária, empunharam a teoria da Abolição, da República e do Socialismo, e deste número era um dos vossos antecessores, o veemente poeta das *Vergastas*, que, como muito bem dissestes, foi o verdadeiro fundador desta Casa. Havia ainda o grupo dos panteístas, dos filosóficos, dos simbolistas. Mas eram todos, afinal, sonhadores, ainda quando escreviam, como Raimundo Correia, os sonetos – "Plena Nudez" e "Beijos do Céu", que dois colegas nossos, recitando-os, presente o nosso santo e saudosíssimo confrade Dom Silvério, entenderam naturalmente que, como obra de arte, não feririam a susceptibilidade moral e teológica dos ouvidos arquiepiscopais. Convenho em que não fizestes poesia metrificada e rimada. Não tivestes lazer suficiente para esse trabalho de paciência, porque cedo vos empolgou o estudo do direito, e não tardou que, logo depois de formado, fôsseis seduzido por essa feiticeira – a Política, que, embora descendente de Palas Atena, costuma, entre nós, afetar desdém pelos freqüentadores do Parnaso. Não obstante faltar-vos a técnica literal do verso, não podeis dissimular ser uma alma de poeta, porque sois um emotivo, e nos vossos trabalhos oratórios se divisam imagens, ritmo e disposição de forma e pensamento, como só os costumam possuir os artistas do verso. Somente a vossa musa, em vez de ser uma das nove, varia entre Minerva e Têmis. Eis como vos exprimíeis em relação a um eminente senador, depois presidente da República, no vosso discurso de 28

de setembro de 1917, e eu tenho as vossas palavras como um documento de autopsicologia estética:

> O nobre Ministro do Interior do Governo Campos Sales é daquela raça de juristas que têm honrado a cultura jurídica do Brasil, como Nabuco, Teixeira de Freitas, Lafayette, Carlos de Carvalho e tantos outros, para só falar dos mortos, daqueles que fazem do cultivo do direito um verdadeiro sacerdócio de todas as horas de sua vida, daqueles que amam o direito pelo direito, daqueles que encontram na solução dos problemas jurídicos, postos ao seu espírito, as emoções vivas que encontra o estatuário, revendo a obra-prima da sua estátua; as mesmas emoções que encontra o compositor, conseguindo pôr no papel as notas musicais das harmonias que lhe passam no espírito; as mesmas emoções vibrantes que encontra o matemático, resolvendo um grande problema de astronomia.

Estas palavras quentes eram proferidas a propósito do esperado Código Civil. Em outra passagem do mesmo debate sobre esta matéria, fizestes a poesia do direito, que comparastes às estrelas do mar Egeu, iluminando o abismo equóreo, onde se sumira a lira de Safo. Aqui estão as vossas palavras:

> Se entrei no debate e abusei da atenção do Senado, fi-lo porque estava convencido, parafraseando um conceito luminoso de Pietro Cogliolo, de que a palavra da ciência jurídica, apesar da triste deliqüescência dos tempos, ainda vibra e conforta; como as estrelas do mar Egeu indicavam o lugar onde submergira a lira de Safo, assim ela indica, às gerações novas, que recebem com fé e guardam com amor, o lugar onde as sociedades e os povos encontraram a nova energia para defesa de seus destinos – o Templo do Direito.

Não era preciso que um poeta dissesse – "não fazem mal as musas aos doutores" – para que sempre se tenham considerado irmãos, na sua origem, o direito e a poesia: tão sabido é que as leis primitivas de todos os povos tinham a forma de versos, e eram às vezes grandes epopéias; e que os chefes políticos eram, ao mesmo tempo, magistrados, sacerdotes e poetas! As influências literárias atuam beneficamente sobre a política, como forças

superiores de ideação; porque, de ordinário, ao contrário do que se pensa sem maior reflexão, na arte prevalece mais a estática, ou a conservação, que é a alma imutável das cousas; na política – a dinâmica, ou o movimento e a renovação. Richelieu, criando a Academia Francesa, modelo desta, quis fundir a política e a literatura, como um escudo protetor de união contra as surpresas reacionárias da filosofia. Mas o século XVIII não logrou esse ideal, dando-se o contraste de reinar a revolta na filosofia e a obediência na literatura, e o que é ainda mais esquisito: o mesmo indivíduo, Diderot, era revolucionário de idéias e escrevia tragédias burguesas, e tinha faceirices, como a de aconselhar aos escritores embeber a pena no pó das asas das borboletas; do mesmo modo, La Harpe, libérrimo campeão em política, não se afastava em literatura do Código Boileau, apesar de ter sido este o verdadeiro Luís XIV das letras, construtor da Versailles espiritual, chamada "Arte Poética", ou, como o intitulara o próprio Luís XIV, "Contrôleur général du Parnasse".

Eu proporia que se não falasse mais em literatura de ficção, para caracterizar os homens de letras; porque, considerando bem, não há disciplina humana mais cheia de ficções do que estas duas – o direito e a política. Não é a poesia que faz do branco – preto, e do redondo – quadrado, mas o direito nos casos soberanamente julgados. Não é nos romances que se proclama a soberania do sufrágio universal, representada pela trigésima parte dos habitantes de um país. Estas e outras ficções são, entretanto, necessárias, tão necessárias à nossa contingência política, como os dogmas à religião. É delas que se faz a ordem social. E o patriotismo, em rigor, que vem a ser, senão uma ficção, que nos faz amar extensões de território que nunca vimos nem nunca veremos? Talvez fosse por isso que o espírito insaciável, mas positivo, de Edmond Sherer assim se expandiu:

> *Il se peut que le patriotisme soit un charme pour beaucoup de gens; quant à moi, j'en suis péniblement affecté, je l'avoue, comme d'un manque d'élévation et de grandeur.*

Os políticos podem ser sinceros e há muitos que o são, como nós, Sr. João Luís Alves: mas, obrigados à reserva e à discrição, que derivam da própria essência dos partidos. É inegável que os documentos políticos dificil-

mente poderão descobrir a parte mais profunda e verdadeira da alma. Neles, e no melhor sentido demológico, mais se procuram exprimir, que os próprios, os sentimentos, as tendências, e até os preconceitos dos outros. É nas obras chamadas de ficção que, por isso mesmo, o autor, sem ter que prestar contas a ninguém, desvenda a sua alma, travestindo-a nos personagens por ele criados, em cuja boca põem, articuladas com destemida clareza, palavras e frases, que, por discrição, na vida real, não ousaria pronunciar como próprias. É que, na política, o terreno oferece incertezas de direção, e não são raros os reveses e as surpresas: o que haveis reconhecido, quando falastes aos bacharelandos, em 1902:

> A política vos acenará com as glórias da tribuna parlamentar e os serviços prestados à Pátria no seu governo; mas, para conquistá-las, não vos iludais, amargos serão os dias de luta, tristes os desenganos, muitas as perfídias. As ambições contrariadas criarão obstáculos às vossas mais puras intenções e as próprias paixões populares levantarão barreiras aos vossos atos mais sinceramente patrióticos.

E citáveis os versos de Musset:

La politique, hélas! voilà notre misère,
Mes meilleurs ennemis me conseillent d'en faire.

Apesar desse quadro de cores tão carregadas, não resististes às tentações do conselho, não dos vossos "melhores inimigos", que por inveja não vos tolerariam a glória e os louros da batalha, mas dos vossos melhores amigos, que eram também os amigos melhores da nossa terra. E bem cedo vos fizestes político. Aí estão nos vossos trabalhos parlamentares, que reunistes em volume, e em muitos outros, que ainda ficaram nos anais, os troféus dos bons combates que pelejastes, terçando armas com as primeiras figuras do nosso parlamento. Entre as homérides, havia também algumas escaramuças, como esta em que vos empenhastes com o antigo presidente desta Casa, que pedia, e vós negáveis, um interventor no Estado do Amazonas. Chegou a haver certa irritação de impaciência, como se vê do seguinte extrato:

O Sr. Rui Barbosa – Por que então sofismas desta ordem?

O Sr. João Luís Alves – Agradeço a Vossa Ex.ª mais uma vez esta classificação de sofista.

O Sr. Rui Barbosa – Não é necessário ser sofista para usar de sofisma.

O Sr. João Luís Alves – Agradeço a Vossa Ex.ª tão sutil distinção.

O Sr. Rui Barbosa – Não é sutil distinção, porque todos nós podemos cometer erros.

O Sr. João Alves – O erro não é um sofisma, é um argumento de má-fé.

O Sr. Rui Barbosa – Nem sempre.

O Sr. João Luís Alves – Sempre, o argumento errado de boa-fé é paralogismo.

O Sr. Paulo de Frontin – Esta é a distinção filosófica.

O Sr. Rui Barbosa – Perdoe-me Vossa Ex.ª: o paralogismo não é senão uma espécie de sofisma, a que por distinção se dá o nome de paralogismo.

E mais adiante:

O Sr. Rui Barbosa – Aqui está o que se chama um sofisma, e sofisma pueril.

O Sr. Luís Alves – Agradeço a V. Ex.ª. Não é sofisma nem pueril.

O Sr. Rivadavia Correia – É lógico.

O Sr. Rui Barbosa – Agradeça como quiser.

O Sr. João Luís Alves – Pois então não agradeço.

O Sr. Rui Barbosa – Pois não agradeça.

O negócio aquecia-se, como se vê: mas não chegou a ter maiores conseqüências, senão ficar provado que o vosso egrégio contestante negara a existência constitucional de interventor para um Estado, mas a afirmara para outro. E vós continuastes a negar tal entidade, apenas com a restrição, que muito honra a vossa tolerância, da nota recentemente aposta ao texto desse primoroso discurso. Se o Congresso, o Judiciário e o Executivo não repeliram essa criação da jurisprudência política, por que havíeis de ser vós e os vossos livros mais realistas que o rei, isto é, a República?

É lícito sofismar no Parlamento? Sim, responderia Hamilton, não o constitucionalista americano, mas o parlamentar inglês, o de um só discurso, autor da *Lógica Parlamentar*. Hamilton era um céptico e cultivava o sofisma com a paixão do *virtuose*. Aprendera a lógica em Bacon e professava a doutri-

na que Platão atribuía a Górgia. Excedeu, porém, a todas as onze variedades de sofismas reconhecidos por Aristóteles, e elevou-as a um número fantástico. Eis o que pensava na sua política epicurista: – "Para um parlamentar, que não quer ser malogrado, a cousa séria e sólida é sempre o poder." Assim dizia e assim praticava. Entrou na política sob os auspícios dos *wigs*; aí ficou, vindo os *tories*, e quando os *wigs* subiram de novo, nem um minuto pensou em deixar o lugar.

No parlamento inglês, diz o tradutor da *Lógica Parlamentar*, Joseph Reinach: "quand un ministère change, l'opposition et le parti gouvernant changent de place; Hamilton, lui, quel que soit le cabinet, reste toujours assis du même côté du sac de laine, du côté de la Trésorerie."

A política, dizia Hamilton com a sua franqueza desabalada, não é senão um jogo: "não se joga para perder mas para ganhar; o seu fito é a administração pública". Se tal doutrina fosse hoje pregada, até as pedras se levantariam das calçadas e os prelos se inflamariam às labaredas da indignação do jornalismo. Mas o livro de Hamilton é do começo do século passado, de 1808, e não fez escândalo, porque acontecimentos de mais vulto o abafaram. Era o ano do bloqueio continental, em que a luta implacável contra Napoleão estava no seu cúmulo; quando Wellington, que não era senão Wellesley, acabava apenas de embarcar para Portugal, e de Portugal vinha, fugindo de Junot, D. João VI para o Brasil. A *Lógica Parlamentar* foi, pois, um desastre de livraria, apesar de ser um breviário genial de dialética. Prevalecesse tal escola, e o parlamentarismo inglês, tão solidamente austero, perderia a sua força moral perante o mundo. Mas Bentham, embora o utilitarismo da sua escola filosófica, desmascarou os sofismas e restabeleceu a verdadeira lógica. Holtzendorff, porém, faria melhor, se já vivesse nesse momento histórico, para antepor à doutrina cínica do parlamentar inglês o princípio por ele proclamado de que "a política é um meio de realização do direito". Mais longe ainda foi a doutrina dos vossos antecessores Lúcio de Mendonça, Pedro Lessa e Eduardo Ramos. Do primeiro fez época a fórmula vermelha do "homicídio legal" que ele opunha aos insurretos contra o governo Floriano, que, no seu conceito de jurista, encarnava, mais que o princípio da autoridade – a própria ordem constitucional. Para defender esta, nada de contemplações, nem de eqüidades sentimentais, assim pensava o já então ministro do Supremo Tribunal. Com a mesma

vivacidade e veemência, mas sob outro aspecto, defendia o seu sucessor Pedro Lessa a ordem jurídica – não já pela autoridade contra os dirigidos, mas destes contra aquela. Excessos e abusos de poder – eis os inimigos permanentes dos direitos individuais, pensava o professor e depois o juiz. Só há um poder capaz de salvar as liberdades públicas, de que todos os governos são inimigos instintivos – é o Poder Judiciário: e nessa corrente de idéias chegou quase às fronteiras da ditadura judiciária, como ele próprio reconheceu, segundo acabais de testemunhar. Contra os decretos do Legislativo e do Executivo, poderes precários de curto período funcional, ficaria com ação e efeitos onipotentes e anulatórios o instrumento do *Habeas corpus*, emanado de um poder vitalício, cúpula dos outros poderes, máximo intérprete da Constituição, e de fato irresponsável, até em marcar as fronteiras entre o direito e a política. Era demais, e por isso, conservador como demonstrastes que ele era, voltou à harmonia e igualdade de poderes, transigindo assim com a autoridade, que dantes suspeitara.

De Eduardo Ramos, o jurista baiano, muito havia que louvar, mas na justa medida, no equilíbrio superior com que, na imprensa e no pretório, combatente e sacerdote, verberou os excessos de poder e exaltou os princípios da justiça. Vós também o tendes feito com galhardia e brilho. O direito tem sido a vossa bússola, mesmo através da política. Tendes proclamado os seus princípios, como professor, advogado e parlamentar: desde a cátedra de Direito Administrativo, em que descrimináveis serenamente – na teoria do contencioso – as esferas dos direitos e interesses do Estado das dos direitos e interesses individuais; – até a tribuna parlamentar, onde a vossa palavra e a vossa ação se acharam sempre ao lado das construções do direito: – do direito constitucional – nas importantes questões de estado de sítio, intervenção nos Estados, organização judiciária, anistia, etc.; – do direito civil – nas discussões do Código Civil e nas inúmeras questões que relatastes na Comissão de Justiça; – do direito comercial – nos debates sobre letras cambiais, em que proferistes magistrais discursos, de ação decisiva nos debates; – do direito financeiro fiscal – na série de esforços exaustivos, que se traduziram vitoriosamente no atual protecionismo aduaneiro. O vosso lema era o conselho que dáveis, em 1902, aos alunos bacharelandos: – "Qualquer que seja o vosso

destino, como juiz, como advogado, como político, o problema sempre posto ao vosso espírito será o problema do direito."

Há uma reserva apenas no apreciar o vosso direito fiscal, e eu peço licença para mencioná-la: – é quanto ao rigor com que o antigo Secretário das Finanças de Minas, hoje Ministro do ensino nacional, consentiu em que se exigisse, pena de seqüestro, a pesada taxa de 27 e meio % a uma fundação destinada a combater o analfabetismo e a premiar a cultura do nosso idioma. O fato recomenda, aliás, o zelo dos interesses do Estado da parte do seu administrador financeiro. A questão era controvertida; não éreis juiz, éreis parte, isto é, a fazenda pública: *in dubio pro fisco*. Nesse sentido também decidiram, embora, a meu ver, sem razão, o juiz de Minas e o daqui. Não é esse, pois, senão um novo motivo de aumentar o conceito da Academia pelo vosso valor moral, o que é de se registrar, porque não são somente os valores literários, isolados, que ela estima e acolhe, senão também os que fazem realçar as virtudes e revelam boa educação e elegância espiritual.

Eram esses mesmos valores, que se integravam no caráter de cada um dos que ocuparam, antes de vós, a Cadeira de Fagundes Varela, a começar pelo seu fundador, aquele bravo paladino da moral e do direito, que nas colunas do *Colombo*, periódico publicado na vossa quase natal cidade – a Campanha, acendeu os primeiros fachos da propaganda republicana em Minas, e que no Supremo Tribunal Federal imprimiu, fortemente, em cada um dos feitos que relatou, o cunho da sua altivez pessoal. Eu conheci Lúcio de Mendonça e entretive com ele estreitas relações pessoais e intermitente, mas sempre amistosa correspondência epistolar, de que possui alguns exemplares o Arquivo da Academia. Conservo de modo indelével na memória o seu severo perfil e a sua atitude de intransigência de caráter ao lado dos altos predicados literários postos em tão saliente relevo pelo vosso antecessor, por sua vez tão brilhante e justamente apreciado em vossa oração.

Fugindo ao rigor literal dos estatutos, que não reputam membros efetivos da Academia, embora eleitos, os que, como Eduardo Ramos, não tenham sido ainda recebidos, traçastes contudo algumas linhas sobre a sua obra literária. Era justo e fizestes bem; porque, longe de ser estranho a esta Casa, Eduardo Ramos, embora extra-numerário, sempre lhe pertenceu pelo espírito e pelo coração. No geral conceito dos nossos veteranos, era até con-

siderado como um dos melhores colaboradores na fundação definitiva da Academia. Graças à sua iniciativa parlamentar, foi ela reconhecida pelos poderes públicos, que lhe deram habitáculo e lhe permitiram isenções e regalias, com que pôde amenizar as agruras dos anos noviços. A eleição de Eduardo Ramos, aliás bem tardia, só foi precisa para materializar a sua presença numerária. Pelas letras, já era há muito dos nossos, e as suas letras foram das melhores na tribuna parlamentar, no magistério superior, no foro, na imprensa e na poesia.

Não disponho de tempo, o que deveras sinto, para falar do político, do jurista, do colaborador da Constituição da Bahia, da sua liderança na Câmara e do papel proeminente que representou no nosso meio social e político. Repetirei aqui a minha admiração pelo homem de letras, e vou começar pelas palavras que dele escreveu o nosso antigo presidente Rui Barbosa:

> Ninguém entre nós, nos nossos dias, meneou melhor os segredos da ironia, ninguém lhe deu mais lustre às elegâncias, ninguém lhe rendilhou com mais engenho e graça, ninguém teve mão mais hábil em aligeirar o epigrama, em polir a alusão, em acerar o remoque, em centelhar o chiste, em despedir o sarcasmo, em jogar todas essas armas sutis da malícia e do paradoxo, da originalidade e do ateísmo com que, desde Sócrates, o espírito e a filosofia, últimos recursos dos vencidos na luta do merecimento com a mediocridade, se batem contra os impostores, os sofistas e os chatins da ciência, da virtude e do poder.

Para glória de um escritor nada mais era preciso, além dessa sentença, gravada pelo mestre dos mestres no pórtico de um dos livros do cronista baiano – *Prosas de Cassandra*. Em outro, *Retalhos e Bisalhos*, como digna moldura do quadro de arte, escreveu o Sr. Medeiros e Albuquerque:

> As crônicas, que estão neste volume, só as podia escrever um grande escritor, condescendendo em tratar de cousas aparentemente fúteis, mas sob as quais pôs graciosamente todo um mundo de pensamentos.

Desses dois livros e do anterior, que podia ser reproduzido integralmente em edição definitiva, se pode dizer, como já se disse dos de Flaubert, que neles as palavras têm alma, e conservam, fora da idéia ou do objeto que

representam, vida, harmonia e cor, verdade indemonstrável, mas aberta a todos os temperamentos enervados, e que Baudelaire chamava "a linguagem das coisas mudas".

Alguns assuntos nesses livros são teses de uma alta filosofia, esfloradas no tacto sutil de uma ironia paradoxal. Outros são desenhos ou iluminuras de quadros sociais cambiantes, nos quais se exercita em delicados epigramas um espírito penetrante e arguto. Em toda parte, porém, presidindo a essas operações do pensamento artístico, há uma irrepreensível correção de atitude, realçada pela linha aristocrática e elegante de um gentil-homem de raça. Sempre o mesmo apuro de linhas, a mesma *toilette* do estilo, e a par de outras lindas figuras de ornato, que dão às produções de Eduardo Ramos muita palpitação, muita vida e irresistível encanto. Conforme a exigência do assunto, assim se aparelhava o escritor. Aqui se enseja a tela, para o trato dos objetos que impressionam pelo colorido; e à sua palheta não falta nenhuma das cores ou meias cores. Ali quer-se dar a impressão do perfeito imutável ou modelar; impõe-se o mármore ou o bronze. Venha o cinzel, venha o escopro, venha o buril; e o artista escritor talha, insculpe, lavra e alinha. Quereis um modelo de primeiro gênero? Lede na *Autobiografia* a admirável passagem da "Primeira separação", onde se sucedem quadros de encantamento pinturesco; e que simplicidade em toda essa descrição. Parece que se está vendo o começo da partida saudosa:

> A canoa foi desencalhada da vasa da margem ao impulso possante daqueles homens de pele bronzeada, e, ganhando fundo, saltaram eles para dentro, em um movimento ágil, que a fez bambolear por algum tempo na oscilação mole de seu bojo cilíndrico, de menos a menos, até se fixar em equilíbrio.

Toda essa memória é talvez o trabalho mais primorosamente pessoal de Eduardo Ramos; é em mais de um aspecto semelhante a também admirável *La Vie en fleur*, de Anatole France, livro aparecido ultimamente.

Quereis agora ver o estatuário? Não é inferior ao que Antônio Vieira figura no seu imortal "Sermão do Espírito Santo". Eis a escultura de Eduardo Ramos:

> O cartão fotografado dava o retrato de um curioso cavalheiro do tempo de Henrique IV, de escarpins rasos, de fivelas, pernas, atacadas por um tecido de malhas, provavelmente de seda, até o alto das coxas, de onde partiam calções curtos e bufantes de fazenda listrada, cingidos ao cós por uma larga faixa de couro claro, ligeiramente ressaltada à frente pela compressão de um punhal oblíquo e agudo. O tronco desenhava-se forte, sob um justilho recamado de pérolas, sobre as quais triunfava um rosto de barba em ponta e soberbo bigode riçado, emergindo de um farto colarinho branco de canudilhos.

Não pode ser mais completa a escultura.

Saindo do mármore para outras matérias-primas que os hábitos de civilização têm introduzido na vida social, eu ouso dizer que ninguém melhor que o autor da *Correspondência de Erasmo* requintou em vestir o estilo; isto, muito de acordo com os seus hábitos mundanos, inspirados por uma doutrina que empresta grande relevo filosófico e psicológico ao modo de trajar de cada um. A sentença de Buffon, sobre a individualidade do estilo, podia ser substituída por esta – "o traje é o homem" – tornando afirmativo o prolóquio até hoje negativo – "não é o hábito que faz o monge". Tal é a "filosofia da costura", que assim é exposta:

> Os trajes recortam-se mais sobre o padrão do espírito, do que pela intenção do ajustamento ao contorno do vulto de quem os traz. Na estampa dos tecidos e no feitio, no seu esmero ou descuido, no talho original do molde ou na sua vulgaridade, há significações profundas de educação, de tacto, de gosto, de linha, de cultura. Eles grafam subtilezas sociais; ora revelam translucidez, ora indicam opacidade na visão dos contactos da vida; exprimem reações enfezadas ou acolhimento dócil às infinitas criações imaginosas do pitoresco, para poupar-nos ao tédio da monotonia nos costumes.

É muito fino e muito bem dito. Assim pensava também Ramalho Ortigão, tido e havido como um dos mais belos figurinos da mocidade do seu tempo. Mais requintado era o dandismo de Barbey d'Aurevilly, para quem vestir era *une grande affaire de la vie*. "*Le coutume*, escrevia ele, *a une influence latente mais positive*." Não era também este se não o pensamento ao menos a aparência exterior do abbé de Choisy, de Buffon e de Wagner? São

todos eles descendentes indumentais de Petrônio, e ainda há pouco, numa conferência que andou fazendo pelo Brasil, o nosso confrade Sr. Júlio Dantas, que é da mesma família dos elegantes, desvendou-nos uma galeria sortida dessas figuras. Mas, a despeito de tão autorizadas opiniões, será verdadeira a "Filosofia da Costura?"

Há quem diga o contrário, e afirme que só por exceção se contam os casos em que os valores espirituais se revelam no modo de trajar. A filosofia mais corrente entre os nossos grandes homens, estadistas, políticos e escritores é a dos que no sentido vulgar são apelidados de "filósofos". Vale, contudo, por um bom ideal de mundanismo a doutrina petroniana da indumentária, não para ser praticada agora, mas quando forem menos desumanos os preços dos alfaiates, ou quando os editores se encarregarem da encadernação de luxo dos seus autores. Mas a verdade é que no escritor dos *Retalhos e Bisalhos*, a correção e a elegância do trajar sempre foram sem a afetação do que hoje se chama – o almofadismo, o reflexo da sua alma harmoniosa e sadia, educada na melhor cultura das ciências e das artes, disciplinada pelos métodos da moral e do direito. O seu estilo, qualquer que seja o assunto, é sempre límpido e de apurado gosto, e não o é somente no gênero literário, propriamente dito, mas ainda nos prosaicos trabalhos forenses, em que, de ordinário, o profissional apressado mais se preocupa com a dialética do que com as louçanias da forma literária.

Um dos seus memoriais forenses tem este título: – "Licantropia", e esta epígrafe – "A usura transforma o homem em lobo". Segue-se um índice curiosíssimo que não tenho tempo de transcrever na íntegra. Citarei sempre algumas dessas teses: "O conceito da moral na hermenêutica dos ratoneiros"; "As harpias não têm memória"; "A timidez honesta dos assaltados estimula a audácia dos assaltantes".

E com essa psicologia, por vezes de um pitoresco paradoxal, conseguia evitar o realejo monótono dos lugares-comuns e das frases feitas, que são o suplício dos juízes, obrigados a lê-las nas razões finais ou em massudos folhetos.

Eduardo Ramos era, assim, em todos os círculos da sua vida, uma figura de pensador fora da linha vulgar. A sua filosofia está cristalizada nos conceitos que encerram os *Retalhos e Bisalhos*. Mas, por muito que estes valham, e mais

valham ainda a graça da ironia e agudez dos seus epigramas sociais, políticos e literários, nada, contudo, me impressionou jamais tanto como esse comovente drama afetivo de "A Mãe Negra", suprema exaltação de uma raça pelo heroísmo de amor e desinteresse abnegado de uma mulher que a representa.

É um episódio real de família, que mais parece uma combinação da fantasia para encarnar o ideal da bondade humana. Quisera reproduzir a tocante narrativa, de que foi protagonista essa mãe escrava que, por um filho emprestado ao seu seio nutriz, fez o que raras vezes chegam a fazer as mães verdadeiras.

Eis a cena final, ao receber a terna Bernardina a carta de alforria, entregue pelo bebê que aleitara:

> Ela ajoelhou-se para receber a dádiva. Mas aceitou-a sem comoção. Pouco lhe importava essa liberdade que lhe não alterava a escravidão voluntária do seu incomensurável afeto por mim. Chegou mesmo a dizer que preferia permanecer cativa, para que eu algum dia a vendesse, caso o seu preço me pudesse trazer alguma ventura... Que, por isso, não desse cuidados a ninguém a mudança de cativeiro; seu novo senhor por pouco tempo o lograria... que ela em breve havia de morrer de saudades.

Nutrido de tal leite não precisava Eduardo Ramos de outros fatores orgânicos e psíquicos, além dos excelentes que tinha de herança e de educação, para ser uma alma bem formada, sensibilíssima e afetiva, tal como todos nesta Casa o conhecíamos, através das suas maneiras fidalgamente polidas. A sua poesia, aliás pouco vulgarizada, reflete todas as delicadezas da sua alma. Não foi, entretanto, de vulto a sua produção em verso; mas o pouco que escreveu foi de suave inspiração e de delicado sentimento. Aqui vão algumas quadras da "Balada", de uma doce melancolia, em que o nosso espírito é transportado pela lenda aos tempos da cavalaria e do amor heróico:

Diz-se que, um dia, uma princesa
De altivo rosto, claro e belo,
Foi encerrada, – ai! que tristeza! –
Entre as muralhas de um castelo.

Viam-se ao longe, num rochedo,
As negras torres do solar;
Em torno o vento no arvoredo
Gemia... aos pés gemia o mar.

Foi o ciúme ou a cobiça
De acerbo amante, ou de um ministro
Que alçara a ponte levadiça
Deste reduto ermo e sinistro!...

Junto à proscrita vinha apenas,
Cheia de um bálsamo divino
E de fascinações serenas,
Um velho monge peregrino.

.....

Ai, quantas noites na esplanada,
Mirando os astros sonhadores,
Vinha beijá-la a madrugada
Na lividez de suas dores...

Pendiam entre as galerias,
Sob as arcadas ogivais,
Telas esquálidas, sombrias,
Faces de olhares sepulcrais,

Telas augustas, em que as tintas
Fixaram póstumos clarões,
Longínquos tons de almas extintas
De antigos condes e barões.

E a virgem prisioneira exora às sombras desses quadros venham libertá-la e oferece-lhes em troca o seu amor.

"Na minha boca, que inebria,
Vós sorvereis o amor que sinto,
Melhor que as gotas de ambrosia
Num vaso raro de Corinto..."

Diz... mas os vultos ficam mudos
– Mudos nas sombras das arcadas
Os corpos hirtos nos escudos,
Faces e mãos marmorizadas.

E continua o martírio da solidão e do silêncio, mas, de repente:

Qual era aquele som distante,
Que acorda os plátanos da serra,
De trompa estrídula e vibrante?
Sinais de caça ou sons de guerra?

E continua a balada, como as baladas. Sob um disfarce andrajoso, esconde-se um pajem de gentil aspecto. Vem da parte de um cavaleiro para libertar a princesa, mas tudo termina, como nas baladas: névoas, sonhos depois desfeitos. E assim conclui:

Até que um dia, essa princesa,
De altivo rosto, claro e belo,
Não mais foi vista – ai! que tristeza! –
Dentro dos muros do castelo...

Tive sob os olhos os originais dessa balada e das outras composições poéticas do saudoso escritor. Algumas, publicadas, despertaram aplausos, e hoje, relidas, causam ainda comovida impressão. Muitos aqui ignoravam este poeta. Não assim em Portugal, onde já em 13 de novembro de 1896, o *Jornal do Comércio*, de Lisboa, estampava os poemas "Caxambu" e "A Irmã de Caridade", precedidos de um grande elogio.

Não quis, entretanto, o autor desses poemas ser um poeta integral. Deixou-os dispersos pelos álbuns de lembranças e cartões postais. Nestes últi-

mos encontrei um arco-íris, simbolizado por uma mulher, envolvida em longo véu de duas cores: branco e azul:

Íris falou e eu falei:
– Dize, quantas cores tenho?
– Tens sete, lhe repliquei.
Hoje, olhando este desenho,
Vejo quanto me enganei...
Ó Íris, como as mulheres,
Tu tens as cores que queres...

Fechemos neste arco-íris o parêntese da poesia e tornemos à orientação do escritor e pensador.

Dissestes, Sr. João Luís Alves, e o haveis demonstrado com o brilho da palavra e irresistível lógica, ter sido Pedro Lessa um espírito conservador, a despeito de todas as aparências de um reacionário.

O mesmo afirmo eu do autor de *Prosas de Cassandra*, cuja fina jovialidade, em comentário a atos dos dirigentes, sempre se limitou a aparar as arestas dos excessos, nunca procurando embaraçar a ação funcional de conservação e desenvolvimento. A disciplina era para ele "uma lei moral das sociedades humanas", e como exemplo cristalizado, narra o episódio militar entre o Almirante Saldanha da Gama e um marinheiro incorrigível, que fora açoitado por sua ordem. Terminado o castigo, o refratário, ainda sangrando pelos lanhos do azorrague, com a boca espumante de ódio, protestou apunhalar o chefe que ordenara o tormento. Saldanha foi informado da ameaça, que partiu de uma das praças mais violentas entre as do seu comando, e ordenou que ela viesse imediatamente ao seu camarote. O marinheiro apresentou-se.

– Entra! – disse-lhe o almirante, indo fechar a porta que o deixava a sós com o insubordinado.

– Às ordens! – murmurou o marujo, com a mão direita erguida em continência.

– Faze-me a barba! – ordenou Saldanha, entregando-lhe uma navalha.

O fígaro obedeceu; mas de tal maneira a mão lhe tremia, que se deteve depois do primeiro lanço.

– Então?!

– Não posso, – explicou humildemente o estranho barbeiro: – tenho medo de *amolestá vossenhoria...*

Saldanha ergueu-se e cravou, no rosto do interlocutor, um sombrio olhar impávido.

O marinheiro caiu-lhe aos pés, de joelhos, beijando-lhe as mãos...

Eis a disciplina, concluiu Eduardo Ramos, no fim da narrativa, que acabo de reproduzir fielmente.

Apesar de uma qualidade tão preciosa na vida dos partidos, afastara-se da política o antigo deputado; mas, lendo as suas crônicas, cheguei a convencer-me de que ele experimentava a nostalgia dos meios políticos, em que era tão admirado e querido. Não menos convencido me acho de que, durante muito tempo, o preocupara com íntima amargura, o afastamento, em que, pela sua modéstia, um tanto altiva, e pela indiferença do meio se conservou longe desta Casa, que tantos esmeros lhe merecera nos dias incertos da iniciação. Verdade é que tanto a Academia como a Política lhe atraíram alguns epigramas sutis, o que não é de estranhar, porque elas próprias vivem de prevenção entre si, e são ambas muito combatidas. Tais hostilidades, porém, se parecem, pela sua origem psicológica e pelos seus conseqüentes, com o desdém da raposa da fábula pelas uvas fora do seu alcance.

Não sei se haverá homem de letras que recuse um lugar na política e político, amante das letras, que não tenha suas razões para aspirar a uma Cadeira neste recinto, igualmente franco a quantos forem capazes de cultivar o Belo, através de todas as atividades da existência.

Vós pertenceis, Sr. João Luís Alves, ao número dos que amam a beleza, sem a preocupação de artistas, e fazem boas letras sem a pretensão de letrados, o que vos não tem impedido de ser, como os que melhor o são, apesar da feição conservadora e severa que sois obrigado a guardar, um idealista dos bons sonhos, um devotado amante da Natureza, um cultor da estética da Vida; podendo, pois, sem o menor constrangimento, antes muito à vontade, tomar o vosso lugar, abrigado sob o nome do cantor do *Evangelho nas Selvas*.

É por assim pensar que a Academia vos acolheu com o seu gesto mais simpático, e eu, em nome dela, ufano do meu mandato, vos saúdo. Sede bem-vindo!

Discurso do
SR. AFRÂNIO PEIXOTO

Discurso do
SR. RODRIGO OCTAVIO

Discurso do
SR. AUGUSTO DE LIMA

Discurso do
SR. COELHO NETO

DISCURSOS ACADÊMICOS
13 de dezembro de 1923

I

DISCURSO DO PRESIDENTE AFRÂNIO PEIXOTO

O MAIS recente dos nossos confrades da outra academia, que foi o nosso modelo e ainda é e será o nosso padrão, a Academia Francesa, o Sr. Eduardo Estaunié, escreveu um livro, de título sugestivo: *Les Choses voient*. Vêem, ouvem, sentem, pensam e têm saudades... O mundo que é representação, que seria para nós, se lhe não déssemos nossas emoções e idéias, que o enfeitam e nos dão, tornados de novo à origem, os mais ternos e profundos pensamentos? Como cristais que se defrontam, o fluxo e o refluxo dessas imagens cem vezes uma na outra repetidas e refletidas, dão a dois objetos próximos o afastamento prolongado e maravilhoso de uma galeria de espelhos... Felizes nós que nos vemos, e revemos nas coisas, nelas fixamos o tempo que se escoa inexorável, na sucessão efêmera dos instantes, e podemos pela imaginação e pela memória reviver na saudade o que passou e não voltará mais...

Não! que voltará, sempre que for lembrada! Só há uma morte inconsolável – é a do esquecimento. Lembrar é reviver. A saudade é uma presença e, às vezes, uma ressurreição...

Assim os dias que vivemos nesta Casa, que vamos deixar, reaparecem diante de nós.

Dias alegres e tristes! Aqui viemos ter, tendo enfim achado um pouso, e aqui veio ao nosso encontro a abastança. Começando pobres, não tínhamos lar, do escritório da *Revista Brasileira*, o n.º 31 à Travessa do Ouvidor, que também mudou e tem um nome estrangeiro, o daquele Sachet, irmanado na morte sob o céu de Paris, a esse Augusto Severo, que denomina a nossa rua...

Passamos à da Quitanda n.º 47, hoje 57, onde, no seu escritório de advogado, nos acolheu o nosso Rodrigo Octavio... Como de Camões disse Diogo do Couto, éramos tão desprovidos de tudo, que até "comíamos de amigos".

Veio o reconhecimento de utilidade pública, veio a instalação em casa do Estado, esta que até agora é a nossa casa de empréstimo, e onde, desde 31 de julho de 1905, há mais de 18 anos, vivemos...

Daqui saíram para o túmulo Machado de Assis, Aluísio Azevedo em trânsito da Argentina para o Maranhão, Euclides da Cunha, Porto-Alegre, Olavo Bilac... teria saído Rui Barbosa se, modestamente, não reconhecêssemos que a casa era pequena para tão grande morto...

Aqui nos surpreendeu o legado do benemérito livreiro Francisco Alves, que nos dá abastança e nos causa tanta injusta animosidade... Confesso-vos que tendo, no poder que me conferistes, experimentado muitas vezes o rancor e a cobiça que essa riqueza desperta, aquilo da *Antígona*, de Sófocles, me tem várias vezes tornado ao juízo: "nunca os homens inventaram instituição mais fatal que o dinheiro". Há momentos em que temos o direito quase de pensar que o nosso Monthyon, o abnegado Francisco Alves, foi um malfeitor, e quis matar a Academia...

Aqui foram recebidos Sousa Bandeira, Euclides da Cunha, Artur de Jaceguai, Artur Orlando, Osvaldo Cruz, Paulo Barreto, D. Silvério Gomes Pimenta, que já não vemos entre os mortais, admitidos, só agora, à imortalidade.

Aqui, nem esse consolo tiveram... dois acadêmicos que o regimento não pode vedar a nossa memória de lembrar com efusão consoladora – Homem de Melo e Eduardo Ramos...

Aqui foram recebidos e eu os vejo com a alegria sempre renovada, Deus queira que se prolongue indefinidamente na outra casa, Augusto de Lima, Mário de Alencar, Afrânio Peixoto, Lauro Müller, Félix Pacheco, Alcides Maya, Goulart de Andrade, Duque-Estrada, Antônio Austregésilo, Ataulfo de Paiva, Aloísio de Castro, Luís Guimarães Filho, Hélio Lobo, – estes dois ausentes mas não esquecidos, – Amadeu Amaral, Alberto Faria, Humberto de Campos, Alfredo Pujol, Miguel Couto, Xavier Marques, Constâncio Alves, Gustavo Barroso, João Luís Alves... Aqui recebemos Guilherme Ferrero, Anatole France, Júlio Dantas, Ernest Martinenche, Georges Dumas, Monsenhor Baudrillart...

Aqui nos veio a França oferecer um palácio maravilhoso cheio de alfaias, tapeçarias, porcelanas, quadros, bronzes, de arte e preço, séculos e séculos, milhões e milhões, tantos, que desconfiados, na nossa humildade e modéstia, pensamos num "presente de gregos", "*Timeo Danaos et dona ferentes*"... e recusamos, para só aceitar o continente, essa jóia arquitetônica que vai ser o escrínio da Academia.

Assim se mitiga a nossa saudade... mudamos de boa casa de empréstimo, para nova casa nossa... mudamos para bem perto, de onde nos podemos ver, sem fadiga... Se as coisas vêem e sentem, este solo, estas paredes, este teto saberão que não somos ingratos e lá adiante não os esqueceremos... Para a outra Academia, a eterna Academia, a desses dezoito anos começa, na memória, a ser imortal...

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHOR Presidente.
Meus colegas:

Pela circunstância, que já se vai tornando dolorosa, de ser dos antigos desta companhia, o Sr. Presidente, numa gentileza cheia de ironia, incluiu meu nome no programa da sessão de hoje, sessão de saudades... Aqui nos achamos para nos despedir deste teto que nos abrigou por quase quatro lustros. Sob ele vivemos, e se, no rigor da palavra, não podemos dizer que muito trabalhamos, é certo que prosperamos; aqui nos veio encontrar o prestígio e a fortuna; quase que sou tentado a inverter a fórmula e dizer a fortuna e o prestígio, que, mesmo nestas coisas de cultura e engenho, que são nosso escopo, a fortuna é o degrau do prestígio.

Daqui, da simplicidade destes tetos caiados e destas salas despidas de adorno, simplicidade que bem condizia com a nossa pobreza franciscana, saímos agora para o esplendor de um palácio, entre os dourados dos estuques e os coloridos das tapeçarias sem preço... E, na antemanhã desse novo período de uma vida, que se há de projetar pelos anos incontáveis, pronunciemos, comovidos, o nome de Francisco Alves, que, tendo a visão da altura a que podia chegar a Academia Brasileira, deu-lhe asas para ascender.

Falei-vos em pobreza franciscana, e talvez tivesse sido lisonjeiro para com os deveres desta companhia...

Os frades, embora descalços e mendicantes, têm sempre teto para abrigar suas fadigas, e teto amplo e descortinado, de ordinário em sítio de beleza, entregue ao refrigério das brisas e aberto à contemplação dos horizontes.

Foram eles que descobriram as virtudes de eminências como as do nosso Castelo, que os homens de agora só entenderam útil para arrasar...

E nós, mais pobres que franciscanos, nem teto possuíamos...

Antes que a iniciativa corajosa de Eduardo Ramos, essa fidalguia espiritual que se vingou das negaças incompreensíveis desta companhia, não transpondo os umbrais da casa depois que a entrada lhe foi aberta, antes que a iniciativa parlamentar de Eduardo Ramos nos proporcionasse o conforto singelo desses tetos, a Academia andou vagabunda, abrigando seu labor modesto em diversos colmos de aventura.

A pequena sala da *Revista Brasileira*, na Rua Nova do Ouvidor, muito perto do bulício elegante da luxuosa artéria essencial do sistema circulatório da cidade, essa pequena sala, enquanto existiu, era o natural refúgio da instituição que nela germinou e nasceu. Mas a hospitalidade generosa de José Veríssimo e Paulo Tavares teve de cessar pelo desaparecimento da preciosa *Revista* que ambos fundaram em 1895 e não se pôde manter além de 1900.

E a Academia passou a pedir hospedagem, primeiro ao *Pedagogium*, então no velho casarão da antiga Secretaria da Justiça, em frente ao Passeio Público, depois ao Colégio Dom Pedro II, de que eram diretor José Veríssimo e secretário Paulo Tavares, esse que se contentou de ser Oficial-Maior, sem empregados menores e, o que é mais, mesmo sem secretaria, de nossa ambulante instituição. É claro que a posição pessoal de Veríssimo e Tavares na administração do Colégio foi a razão de ser da escolha desse local para as nossas sessões, uma vez abandonado o *Pedagogium*, onde, por motivos de serviço da casa, nossas reuniões tiveram de ser à noite, o que era sem dúvida inconveniente. A colocação da nova sede das sessões, entretanto, longe do vasto armazém da Livraria Garnier, centro da atividade intelectual da cidade e ponto de reunião de escritores, acadêmicos ou pretendendo sê-lo, não era menos inconveniente. A Academia, porém, na precariedade de sua vida material, não se podia dar ao luxo da escolha... Por fim surgiu a idéia da Biblioteca Fluminense, ali mesmo na Rua do Ouvidor, quase em frente ao Garnier... Foi um achado, pensou-se: a Biblioteca Fluminense... Quanta gente, mesmo letra-

da, ignora o que isso era: uma associação privada que floresceu nos meados do século passado, acumulou uma preciosa livraria pacientemente organizada por Francisco Antônio Martins, seu erudito e prestante bibliotecário, e um dos maiores conhecedores de livros do Brasil...

Converteu seu patrimônio num magnífico edifício, na então rua principal da cidade, em cuja loja se estabeleceu, e ainda hoje se mantém, a casa de modas de Salgado Zenha... E, tendo preparado essa opulenta instalação para seus livros, em ponto central e do mais fácil acesso para leitores de todo o gênero, conservou, desde então, suas portas trancadas, limitando a serventia de seus preciosos arquivos e depósitos à procriação das traças e dos anóbios. Depois, a sociedade se extinguiu, pelo desaparecimento dos sócios, e a biblioteca, que praticamente era apenas um conjunto de salas fechadas, se dispersou e acabou... Felizmente a Biblioteca Nacional recolheu uma boa parte do precioso acervo.

Ali, em uma das salas de mistério deste velho casarão silencioso e empoeirado, a Academia realizou algumas sessões; algumas apenas... O local era por demais lúgubre e tumular; num tácito entendimento, cedo generalizado, os Acadêmicos, já de si em número reduzido, que freqüentavam as sessões, foram desertando aquela casa de silêncio... Impôs-se ao espírito de cada um de nós, sem ter coragem de confiar aos outros o que parecia uma infantilidade, que a Academia, se persistisse em se reunir ali, desapareceria contagiada pela impressão de desânimo e inatividade que pesava naqueles vastos salões desertos, naqueles longos corredores quedos, cujas paredes revestiam as enfileiradas lombadas de livros e pastas, fechados e inúteis. E, de novo na rua, sem teto a que se acolhesse, a Academia Brasileira de Letras aceitou o tímido oferecimento que fiz da minha modesta sala de advogado à Rua da Quitanda, então n.º 47.

Era uma velha sala de frente, com teto em funil sobre a armação do telhado, de uma antiga casa colonial, baixa, de sacadas corridas e maçanetas de ferro, hoje demolida.

Aí a Academia se reuniu por alguns anos, até que, em 1905, o governo lhe deu casa, e ela veio para este local de onde agora se despede.

E nesta altura de minhas desalinhadas reminiscências deve ser lembrado um nome que, quando não fosse de toda a justiça recordá-lo aqui, mandava a

generosidade desta casa, onde não entram paixões políticas nem agitações mundanas, não calar no momento em que dele tanta gente se afasta, o nome do Sr. José Joaquim Seabra. Foi esse homem público que, sendo Ministro do Interior e Justiça do Sr. Rodrigues Alves, em liberal e benévola execução da Lei Eduardo Ramos, que nos mandava dar instalação condigna, não só pôs à disposição da Academia esta casa, como me autorizou, a mim que então era seu secretário e fui por muitos anos, com Machado de Assis, toda sua administração e movimento, a mandar fazer o seu mobiliário. Essa mesa, Sr. Presidente, em que tendes a honra de nos presidir, este estrado e essas cadeiras em que nos achamos sentados, meus eminentes colegas, toda a mobília que guarnece a nossa modesta sala de entrada, tudo nos foi dado pelo Sr. Seabra e solidamente feito, sob meu gosto e indicação, nas oficinas, hoje desaparecidas, de um velho marceneiro da Rua da Relação.

Cumprido este grato dever para com o velho político baiano, voltemos à modéstia do meu escritório, onde deixamos a Academia instalada.

Ali não tinha ela luxo nem mesmo conforto. Mas, havia luz e ar; estava-se perto da Rua do Ouvidor, em local acessível para as reuniões à hora que conviesse; na mesa havia papel e tinta, para os gastos de nosso expediente, e na sala, cadeiras, para a meia dúzia que nós, ordinariamente, éramos, e um divã longo bastante para conter as presenças extraordinárias... Não era preciso mais para que a Academia persistisse na continuidade de sua vida à espera da hora da consagração e da glória.

Nessa pequena sala, com cadeiras suplementares, que vinham, de empréstimo, de escritórios vizinhos, se realizaram diversas sessões de eleição e foi ali que receberam o voto que lhes deu ingresso na imortalidade Afonso Arinos, Martins Júnior, Augusto de Lima, Euclides da Cunha e Sousa Bandeira, já todos mortos, à exceção do nosso brilhante poeta mineiro, cuja vida nós, que já estamos aqui dentro, fazemos votos sinceros para que se prolongue e por muitos anos...

Nessas ocasiões, como era natural, o número dos presentes era muito mais crescido e ali se encontravam, então, pessoas que raramente se viam e mesmo que se estimavam pouco.

Mas a inspiração superior que nos congregava era tão alta e salutar que a Academia, reunindo eminentes partidários e apologistas de credos políticos,

religiosos e sociais, adversos e irreconciliáveis, jamais foi teatro do mais ligeiro e sutil desentendimento pessoal de seus membros.

Um pequeno e simples episódio, que vem à memória, ilustra esse estado de espírito que a Academia impunha a seus membros congregados. Foi no dia em que se elegeu Afonso Arinos, na vaga de Eduardo Prado. (Informa-me o prestante Sr. José Vicente, nosso digno chefe de Secretaria, que isso foi aos 31 de dezembro de 1901). Havia na sala respeitável número de acadêmicos, entre os quais José do Patrocínio, já muito enfermo, e que, chegando, se jogou no fundo do meu velho e desconjuntado divã. Outros colegas se sentaram ao lado, de modo que o vulto do grande jornalista negro não era desde logo reconhecível aos que entravam na sala. Nisso chegou o Sr. Carlos de Laet, que, pouco tempo antes, havia entretido com José do Pato uma violenta e azedíssima polêmica de imprensa. O Sr. Laet, sem ter visto o seu adversário no divã, foi apertando a mão de um por um dos acadêmicos ali reunidos, até que, em frente de Patrocínio, já não sendo possível evitar o cumprimento, parou e, com grande presença de espírito, perguntou:

– Camarada! Nós agora estamos bem ou estamos mal?

Ao que o jornalista, em sua larga habitual gesticulação, respondeu, risonho:

– Mas, estamos bem, amigo!

E, apertaram-se as mãos...

E já que entrei no capítulo das anedotas, seja-me lícito narrar ainda outra, que será a última. José Veríssimo havia feito enquadrar em pequenas molduras escuras os retratos de muitos colaboradores da *Revista Brasileira* e com essa linda galeria adornava a parede de sua sala de Redação. Desaparecida a *Revista*, quando a Academia começou a funcionar em meu escritório, José Veríssimo me ofereceu, dessa preciosa coleção, todos os retratos de acadêmicos, que eu coloquei, em fila, numa das minhas paredes. Certo dia uma senhora foi fazer-me uma consulta, levando uma esperta filhinha de uma meia dúzia de anos; e a menina, apontando para aqueles retratos enfileirados, perguntou:

– Mamãe, quem são aqueles gatunos?

Vendo a minha estupefação, a senhora num riso, me explicou que moravam nos subúrbios e na Estação em que embarcavam, como em outras

próximas, havia a Polícia, para prevenção do público, colocado uns grandes quadros com retratos de ladrões e batedores de carteiras.

E, pela semelhança da apresentação, foi por essa gente que a filhinha da minha consultante tomou Joaquim Nabuco, Taunay, o Barão de Loreto, o Sr. Clóvis Beviláqua...

Não foram, entretanto, esses acima indicados os únicos tetos que abrigaram a Academia, nessa longa peregrinação para seu pouso definitivo.

Em outros lugares foram celebradas sessões solenes. A sessão de instalação em que Joaquim Nabuco pronunciou seu notável discurso inaugural, talvez a página mais admirável de quantas aqui têm sido ouvidas, se realizou no *Pedagogium*. A primeira sessão solene para recepção do Sr. João Ribeiro, primeiro acadêmico eleito depois da instalação da Academia, se realizou no salão nobre da Secretaria de Estado da Justiça e Negócios do Interior, graciosamente cedida pelo Sr. Epitácio Pessoa, então titular da pasta.

Outras sessões solenes se realizaram no opulento *hall* manuelino do Gabinete Português de Leitura; havendo ainda, já depois de transferidos para esta casa, nos valido do Palácio Monroe para as sessões de recepção de Pedro Lessa e do Sr. Dantas Barreto.

Nesta casa celebramos a primeira sessão ordinária no dia 31 de julho de 1905, havendo, dez dias depois, recebido solenemente o saudoso e querido Sousa Bandeira, nossa primeira festa aqui...

E se, como disse, mais pobres que franciscanos, nem teto tínhamos, era menos lamentável o estado de nossa Caixa. As pequenas despesas da companhia eram atendidas por uma diminuta contribuição mensal, que nem todos os Acadêmicos pagavam com pontualidade, de modo que nossa vida era forçadamente modesta.

E a propósito de nossa Caixa há o nome de nosso primeiro doador a relembrar, e doador anônimo, de nossa primeira hora...

A Academia havia apenas nascido, quando recebeu um dia num envelope fechado, sem indicação alguma, a dádiva de 100$000; foi a célula inicial de seu patrimônio... soube-se, depois, que o doador confiante nos destinos desta instituição, que assim nos animava, dando o exemplo a mais abastados amigos da cultura literária, fora o Sr. Coelho Rodrigues, jurisconsulto egrégio, depois senador e prefeito, homem de excelentes letras jurídicas e latinas,

de que são atestados notáveis publicações, entre as quais avulta a tradução das *Institutas* de Justiniano. Cultor emérito da ciência dos Paulo e dos Gaio, versava tão bem a língua em que eles escreveram como a dos Coelho da Rocha e Paula Batista, em que escrevia.

A modéstia da oferta não diminuiu a beleza do gesto; nessa sessão de despedida, cabendo-me percorrer os passos de nossa vida de pobreza, o nome do primeiro benfeitor desta casa não podia deixar de ser registrado.

Nossa velha casa... Vamos deixá-la em poucas horas...

Não pode, entretanto, ser sem tristezas que a Academia abandone a simplicidade destas paredes, agora que, não tendo os frades crescido em número, a ordem se opulentou. Aqui decorreram quase vinte anos de nossa existência; daqui nós vimos desaparecer na morte quase todos aqueles que vinham da primeira hora e muitos daqueles que, depois, chamamos para nossa companhia. Aqui, dentro destes muros desguarnecidos, velados pelo carinho de amigos e pela saudade inextinguível de nossa Companhia, aguardaram a hora do sepultamento os despojos de Euclides, de Machado, de Olavo...

Para nós, os que aqui participamos, por tantos anos, dos labores da Academia, e contribuímos, através das vicissitudes dos primeiros tempos, para manter acesa a chama que se não deve extinguir, para nós, apesar da opulência da nova casa e do conforto das novas instalações, não será jamais sem tristeza e funda saudade que passaremos por esta enfiada de janelas por onde entrou o ar que nos deu vida e saiu o eco de tanta fulguração genial.

III

DISCURSO DO SR. AUGUSTO DE LIMA

INDIVIDUALMENTE, e em tese, eu sou contrário a mudanças. Digo em tese, porque há casos em que a mudança é para melhor, como a das calçadas da rua para um alpendre, ou deste para uma habitação mais confortável, ou ainda, como a dos justos para a outra vida. Há casos também em que a mudança é um remédio, como a de um clima para outro. Há os em que ela é sem remédio, como nos de despejo ou incêndio. Sei ainda de muitas outras modalidades secundárias dessa crise de transição, que de quando em quando, e às vezes de modo inesperado, nos vêm abalar os hábitos sedentários. Muito melhor nos lisonjeia o *statu quo*, porque não exige dispêndio de energia. Há, além disto, a estabilidade das tradições domésticas, a que estão ligadas as melhores lembranças, e essas tradições não se resignam facilmente, aos trambolhões das andorinhas de transporte, em traumatismo com o mobiliário. Elas ficam nas paredes, no teto, no ambiente abandonado, chorando em cada canto, como aquela saudade do soneto de Luís Guimarães. Falei em hábitos sedentários. É um fato o da nossa adaptação quase orgânica ao meio continuado. Melhor vivemos, melhor trabalhamos, melhor dormimos no ambiente familiar das cousas costumadas. Não há quem não estranhe a mudança de *habitat*. Conheço pessoalmente, do tempo em que fui chefe de polícia em Minas, o caso de um sentenciado que, extinta a pena, me foi pedir para continuar na prisão, por ter perdido os hábitos da vida livre. E eu compreendi que seria desumano e violento, se obrigasse esse infeliz a gozar de uma liberdade, que lhe era mais incômoda que a prisão.

A sabedoria popular, também, não gosta das mudanças e tem ditado o prolóquio – de que *pedra movediça não cria limo*, além de achar analogia entre a mudança e o incêndio. A mudança da Academia constitui, entretanto, uma das exceções à regra geral, em que declarei a minha aversão às mudanças; mas apresso-me em dizer que o seu caso não se inclui em nenhuma das exceções formuladas. Ela já tinha abrigo, embora não com muito conforto. Habituara-se aqui, bem conformada nos modestos apartamentos que lhe franqueou o Estado. Também não se dá o caso de incêndio, evidentemente; nem o de despejo, tendo a Academia a fortuna de ser inquilino de um senhorio que, além de lhe não exigir aluguéis, seria, galantemente, capaz de pagar-lhe a importância deles para continuar onde está. Nem é o caso da mudança de clima, porque a muito menos de um quilômetro fica a nova sede, beira-mar, como aqui, acariciada com a mesma brisa saudável da barra, e com o mesmo panorama da Glória, que, em qualquer sentido, é sempre grata à Academia. Digo – em qualquer sentido, depois de excluído o malicioso.

Indo habitar um palácio, a Academia lucra com a mudança; mas nem assim deixará de estranhar a ausência deste meio domiciliar, onde não nasceu, é verdade, mas passou, desde a infância, quase toda a sua existência até hoje. Foi pelo menos nesta casa que a encontrei, na noite em que fui recebido, sob a presidência de Machado de Assis. Mas, já antes de mim, outros haviam sido aqui mesmo introduzidos: estes já se foram. Creio que dos novos como acadêmicos, eu sou o menos moço, embora qualquer gentil contestação, que presumo e comovido agradeço. Teria, por esse fato, direito a maior quinhão de saudade nesta partilha das ausências, se não me nutrisse a certeza de que a outros, que viveram mais na intimidade dos veteranos desaparecidos deste recinto, cabe quase tudo do espólio desta herança de tristeza. Eu ficarei com parte do usufruto dela, e dela mesma consolado, bem como do cansaço próprio das mudanças, com a bem fundada segurança de que vamos ficar livres, nas nossas futuras sessões, do ruído infernal dos bondes, automóveis e carroças, que, de passagem por essa curva de rua, cintando quase o nosso edifício, colaboravam em todos os nossos trabalhos.

Que nos perdoem este desafogo as sombras de nós mesmos, reflexos de nossas almas saudosas, que vamos deixar neste salão.

IV

DISCURSOS ACADÊMICOS

A Consagração da França

A ACADEMIA Brasileira nasceu no escritório da *Revista Brasileira*, no primeiro andar de um prédio humilde na antiga Rua Nova do Ouvidor, hoje Sachet. Duas salas acanhadíssimas: redação em uma, secretaria em outra.

Dos sócios da casa o menos assíduo era o sol, representado, quase sempre, pelo gás, porque, desde a escada, tinha-se a impressão de que, em tal cacifo, mal os galos começavam a cantar Matinas, a Noite recolhia a sua sombra, pelo menos a parte com que escurecia o quarteirão logo que o sino grande de São Francisco, lentamente em sons graves, dobrava as Ave-Marias.

Na redação reuniam-se, diariamente, chuchurreando um chá chilro, José Veríssimo, diretor da *Revista*, Paulo Tavares, secretário, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Graça Aranha, Paula Ney, Domício da Gama, Alberto de Oliveira, Rodrigo Octavio, Silva Ramos e Filinto de Almeida.

Por vezes apareciam Bilac, Guimarães Passos, Raimundo Correia, Valentim Magalhães, Pedro Rabelo e outros.

Andava eu, então, publicando na *Revista* um romance – *Agareno*, – posteriormente crismado em *Tormenta*, e só me atrevia a afrontar-me com a treva da escada carunchosa e rangente, na qual, mais duma vez, encontrei ratazanas pré-históricas, quando recebia chamado para rever provas.

Com o negrume do recinto contrastava o brilho da palestra que ali se tratava. Se as idéias fulgissem e as imagens relumbrassem, certo não haveria em toda a cidade casa mais iluminada do que aquela. Infelizmente, porém, apesar dos conceitos diamantinos de Machado de Assis, do esplendor dos períodos de Nabuco, da cintilação espírito de Lúcio e dos paradoxos relampejantes de Paula Ney, era necessário manter sempre aceso um bico, ao menos, de gás, para que tantos luzeiros não andassem aos esbarros desmantelando pilhas de brochuras, abalroando nas mesas, que eram duas, uma das quais de pinho reles e tripeta, claudicando sob o peso glorioso de obras-primas à espera de editores.

Foi em tal pobreza obscura, como a do presepe (*honni soit qui mal y pense!*), que nasceu a Academia e, se anjos não esvoaçaram no beco, anunciando o natal da Instituição, cá em baixo, na terra rasa, teve a recém-nascida vozes que, se não a glorificaram com Hosanas, fartaram-se de a arrastar anunciando-lhe a morte com prognósticos ridículos.

Fraca, entanguida, morre, não morre, a Academia só não sucumbiu porque teve a desvelá-la a dedicação dos seus fundadores, que a aleitavam com esperanças, leite muito dessorado, e envolviam-na, para aquecerem-na, em faixas de entusiasmo.

Lúcio era o mais corajoso e solícito dos aios da pobrezinha. Foi ele que a vacinou com a linfa da perseverança; foi ele que a curou da coqueluche, que lhe pôs ao pescoço o colar de âmbar para evitar as crises da dentição, que a batizou no templo das musas e que lhe incutiu n'alma a grande Fé, tônico que a fortaleceu para vencer os percalços da primeira infância. Um dia – já, então, a Academia andava por seu pé, falava e comia de garfo nos famosos jantares da "Panelinha", Machado de Assis, que era o seu Presidente, comunicou que o Governo resolvera dar à instituição, reconhecida de utilidade pública – instalação condigna em uma das alas do Silogeu, dotando-a ainda com uma verba de vinte contos anuais para sua manutenção.

Com tal benefício ficaram os acadêmicos dispensados da mensalidade com que contribuíam e, em vez do que lhes saía do bolso, muito ratinhado, passaram a receber a cédula de presença na importância de vinte mil réis.

E a Academia começou a funcionar com regularidade, e cadeiras, no edifício da Lapa, onde o sol entra a jorros e com o sol o estrondo dos bondes

e de mil outros veículos perturbadores do silêncio e da serenidade. Certo dia – a Política não tem entranhas! – o Congresso, por motivos que a História ainda não averiguou, resolveu suspender a cesta dos pastéis e a Academia voltou ao regime da penúria, celebrado por Aristófanes e Licurgo – e as sessões tornaram-se pouco freqüentadas e desinteressantes. Foi nesse período de aperturas que a Morte, rebentando uma represa da Fortuna, fez com que rolasse para a Academia um rio de ouro.

O fenômeno causou surpresa, o macaréu chegou a provocar protestos e a Inveja açulou contra a que se deitara em estrame e acordara em leito atálico, toda a matilha do seu ódio.

O que se disse da herdeira, santo Deus! O interessante, porém (sempre a raposa da fábula!), é que muitos dos que mais se acirraram contra a vinha andam-lhe agora em volta, em cúpido farisco, d'olho nos cachos, que já lhes não parecem verdes, procurando meios de guindar-se pela cepa até alcançarem lá em cima os bagos sumarentos.

Eis que agora a França, não só acrescenta as posses da Academia com valores preciosos, como ainda lhe dá o prestígio de um prêmio de honra, fazendo-a legatária do palácio, que edificou para sua residência, na Avenida das Nações, com as riquezas que o exornam e que são exemplares, e dos mais belos, do seu patrimônio artístico, que ela, decerto, não confiaria a quem não fosse digno de os possuir. Que dirão de tal gesto os que tudo nos negam? Pois a França, a quem se não contesta a hegemonia intelectual, reconhece oficialmente a Academia Brasileira? A França de Montaigne e de Racine, de Rabelais e de Molière, de Ronsard e de Hugo, de Voltaire e de Anatole, acolhe no seu girão o Brasil de Gonçalves Dias e Alencar, de Castro Alves e Machado de Assis, de Álvares de Azevedo e Bilac, de Aluísio e Raimundo Correia!? Mas então nós somos alguma coisa... Ora esta!

Não há como o estrangeiro para descobrir o que temos, não só na terra, em belezas naturais, como nas criações da inteligência.

É possível que, de hoje em diante, assim como já nos interessamos por certas paisagens, louvadas pelos que nos visitam, leiamos os nossos autores dignificados pela França. Já não é sem tempo...

E não terminarei sem algumas palavras à nossa Academia. Não as direi eu, mas o grande Bernardes, que mas emprestará de uma das suas mais formosas selvas. Medite-as a Academia dos Felizes, porque há nelas conselho:

> Na Igreja Primitiva os Cálices eram de madeira, como consta do Concílio Triburiense, celebrado em tempo do Papa Formoso, ano 895, e destes usaram os Sagrados Apóstolos, como diz Honório Augustudunense, citado por Bernardo Bispo na sua *Hierurgia*. E essa é a razão daquele tão decantado apotegma de S. Bonifácio Mártir, bispo de Mogúncia, que perguntado se era lícito consagrar em cálice de pau, respondeu: "*Antigamente os cálices eram de pau, e os sacerdotes de ouro; agora os cálices são de ouro, e os sacerdotes de pau.*"

DISCURSOS ACADÊMICOS
(Avenida Presidente Wilson, 203)

Sessão do dia
15 de dezembro de 1923

I

DISCURSO DO PRESIDENTE AFRÂNIO PEIXOTO

A ACADEMIA Brasileira tem na sessão de hoje sua maior ou mais decisiva solenidade depois de sua fundação. Como na dos indivíduos, a vida das instituições é obrigada, nesses momentos impressivos, a parar, na concentração de um juízo, que procura a razão dos sucessos.

Se numa fórmula resumida pudéssemos achar a definição destes quatro séculos de civilização, na jovem e livre América, creio que não seria outra senão esta: buscamos uma tradição... Na vida do homem ou na dos povos, o passado deve existir, para honra do presente, para crença no porvir. A história, ainda falsificada pela lenda, a etnografia, embora fantasiada com a ignorância, são o substrato do patriotismo, que é afirmação necessária da nacionalidade. O nacionalismo, espécie de vaidade coletiva, tem sua visão ambiciosa justificável nas próprias ilusões desse passado.

E onde ele não existe, impõe a vida social que seja criado. Os peregrinos do *Mayflower*, que fogem à tirania da metrópole, e deixam-lhe CromwelI e a revolução sanguinolenta, vêm a ser, na imaginação de um povo de mais de cem milhões de almas, o núcleo desses puritanos, industriosos e ousados Americanos do Norte. O México e o Peru podem tornar mais além, e invocam Astecas e Incas, esquecidos do recente e dominante que têm, de Ibéricos e Cristãos. Nós outros do Centro e Sul América andamos também à procura da nossa tradição, e como politicamente havíamos de romper com violência contra os nossos ilustres ascendentes, e nos envergonhavam os aborígines e os adventícios, deixamos de parte a etnografia e nos demos à cultura da língua.

Tão deliberada e aproveitadamente, que os maiores filólogos hispânicos, Andrés Bello e Rufino Cuervo, são sul-americanos. O maior escritor português contemporâneo, representante oficial da literatura e do povo lusitano, Júlio Dantas, confessou-o há pouco: deste lado do Atlântico é muito mais cuidada a cultura do idioma comum. Toda nossa copiosa produção gramatical, essa literatura tantas vezes verbal que vai crescendo, essas tendas vernáculas espalhadas pelos jornais, pelas livrarias, pelas esquinas, dentro de cada lar, esses milhões de mestres e discípulos que procuram saber o que se não deve dizer, ou como se deve escrever, que é isso, senão a busca de uma tradição? Inconscientemente, mas imperiosamente. Não remontaremos, em nossa heráldica, aos Cruzados, como nas nobiliarquias, mas pelo espírito e pela língua, com o dicionário e a gramática, chegamos aos Quinhentistas...

A Academia Brasileira, que assumiu o trato e a cultura da língua, é, ou tende a ser, o maior órgão dessa nossa tradição. A instabilidade ambiciosa e esperançada dos povos já impede em nosso tempo a impassibilidade política. A monarquia não chegou a viver aqui três quartos de século; a primeira Constituição teve logo um ato adicional; a outra vai tendo sucessivas ameaças de reforma. Os Códigos, quando se não emendam nas sucessivas redações, como o Civil, são emendados constantemente nas aplicações da prática, como o Penal. Como as dos homens há uma aposentadoria das leis, por invalidez. O Senado já não é vitalício e a compulsória já vai chegando aos civis. Onde, no Brasil, uma instituição restrita e portanto aristocrática, vitalícia e imortal?

Só a Academia Brasileira. Não me julgueis ambicioso nessa declaração. Imito o grande espírito do nosso tempo, aristocrata, religioso, literário, portanto tradicionalista, a Paul Bourget, quando afirma que três pilares têm a ordem na Europa: na moral, o Vaticano, na política, a Câmara dos Lordes, nas letras, a Academia Francesa. Sem eles, seria o caos total, com o repúdio ao passado, a desorganização presente, e mais do que a incerteza futura.

Ainda mais que as velhas terras da Europa, essas da América carecem de amparo à ordem, à autoridade, que é instituição por excelência conservadora, como esta que há vinte e sete anos, tendo em face, e na admiração, o modelo da Academia Francesa, fundaram Machado de Assis, Lúcio de Mendonça, Joaquim Nabuco. Benditos os governos que se vêm sucedendo, e compreenderam que prestigiar tal instituição é aumentar a própria autoridade,

porque a ordem social depende do respeito às instituições do passado, consolidando tradição que se vai fazendo, e, séculos depois, quando tanta cousa houver mudado no Brasil, será coluna sempre erguida e forte, pela língua, pela literatura, pelos costumes e pela maneira, a conservar, a perpetuar, a sublimar o nome e a fama brasileiros.

Não se contentou, porém, a França em nos ter dado o modelo de uma imortal Academia, para a esperança ambiciosa da nossa. Heroína do ideal, em todos os tempos, ela tem sido sempre para nós a mestra de inteligência, de gosto, de civilização.

Não a vimos tentando a catequese católica no Maranhão, com os Claude d'Abbeville e os Yves d'Evreux? tentando no sul a tolerância e achando a oposição calvinista, que havia de malograr o sonho de Villegaignon? As idéias de emancipação política de lá nos vieram, de Montpellier, com Vidal Barbosa e Mariano Leal; e foi em Nîmes que José Joaquim da Maia procurou encontrar-se com Thomaz Jefferson, para o transplante de um galho da Revolução... A missão artística de 1817 nos dá a iniciação estética com os Le Breton, Debret, Montigny, Pradiez... Pela Independência o Rio era uma cidade francesa... jornais, – vai fazer um século um deles, o *Jornal do Commercio* – tipografias e livrarias, – ainda são francesas algumas, – hotéis, casas de modas, que têm nomes e trato francês, – médicos, advogados que estudam e aprendem por cursos franceses, – nos educaram na sociabilidade, no gosto, no conforto, na cultura intelectual.

Os tempos mudaram, mas o espírito latino e francês, que nos deu a França, definitivamente nos fizeram a alma. Pois bem, como se não bastara, essa mesma França que nos vem felicitar pela nossa maioridade política, comprovada por um século de liberdade, ao Brasil traz um mimo de arte, um palácio de bom gosto, para o oferecer, – a quem? à instituição nacional que representa a nossa inteligência, o nosso espírito, como significando à nossa jovem Academia que não quis só influir para a sua criação, mas dar-lhe uma sede, um lar, um templo, onde oficie o espírito latino, francês, brasileiro, para glória comum de nossa civilização, como dizendo a esse adolescente Brasil, ora preocupado dos bens materiais da vida, que nenhuma nação grande e forte jamais subsistiu sem esse culto de ideal que as artes e as letras representam, e é preciso tornar vivedoiro e eficaz desde os anos mais tenros.

No gesto generoso da França há mais que a munificência carinhosa que dá, há a lição implícita de mestre admirável, ao Brasil adolescente, uma noção de respeito, gratidão, apreço à literatura, sem os quais os povos não vivem, nem na felicidade do gosto, nem na perpetuidade da memória. É mais que um prêmio que consagra, é uma animação que impulsiona. Nesse belo "presente", há um esperançado futuro...

Assim o compreendeu o governo de S. Ex.ª o Sr. Presidente da República, nos permitindo, desde a primeira hora, recebê-lo, nos afirmando que a sensibilidade a este gesto era tamanha que desejava tê-lo feito, colaborando nessa doação com todos aqueles passos e decisões, para que o Brasil não ficasse aquém da generosidade da França, numa dádiva que beneficiava a instituição nacional. A Academia Brasileira lhe será grata, por toda a imortalidade de sua divisa, ao Governo que tão bem representa o Brasil, que já nos acata e prestigia; como será reconhecida aos ilustres Poderes Municipais que ao gesto de hoje colaboraram, representando dignamente esta cidade do Rio de Janeiro, a face do Brasil, que nos ama; como a vós, vos será agradecida, Sr. Alexandre Conty, que tão bem representais a França, que nos acolhe e nos anima... Os vossos atos amistosos de entendimento político e diplomático com o nosso Governo, Sr. Embaixador, a simpatia do vosso talento literário pelas cousas e letras do Brasil, o vosso carinho pela Academia Brasileira, desde o primeiro dia em que, na companhia do meu confrade Graça Aranha, dela vos falei, até este momento em que consagrais essa predileção num grande ato, nos revelam um amigo, que saberemos bem querer, por vós e pela vossa grande Pátria, que é também a nossa pátria espiritual.

E essa gratidão da Academia, Senhores, é a da tradição brasileira que se constitui, que nos será um dia os pergaminhos de nobreza histórica, que nos traça rumos ao espírito, nos dá ambição à cultura e endereço à civilização, que não esquecerá jamais a França tutelar de ontem e d'agora, e honrará ao Brasil de hoje e de sempre, para glória imortal de nossa sem par civilização latina.

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

Embaixador da França

MESSIEURS!

J'aurais vivement désiré que vous puissiez entendre aujourd'hui une voix française plus autorisée, plus experte et plus éloquente que la mienne, car seul un Académicien devrait en règle générale se faire entendre au sein d'une Académie. J'ai fait en ce sens tous mes efforts, mais les Ambassadeurs proposent et les Gouvernements ou plutôt les évenements disposent. Votre bienveillance, Messieurs, devra, si non dissiper ma confusion, du moins vous acquérir mon extrême gratitude.

En édifiant devant la baie de Guanabara une réplique du Petit Trianon, en plaçant le souvenir d'un joyau de l'Art français dans le triomphant décor de la Nature brésilienne, la France a bâti sur une plage mais n'a point bâti sur le sable. Il ne suffisait pas de maintenir pour quelques semaines dans l'enceinte de l'Exposition l'équilibre précaire de ces plâtras et cartons-pâtes dont les débris font si tristes les lendemains de fêtes. C'est un hommage durable que la France a voulu rendre au Brésil. Nous ne nous sommes pas seulement proposé de célébrer le centenaire de l'Independance de ce grand pays; nous avions à nous acquitter d'une dette de reconnaissance. L'indépendance ne fut que le premier pas du peuple brésilien. Depuis lors cette jeune nation a tout à fait conquis sa place dans le monde. Et cette place

ne lui est pas uniquement garantie à raison de l'immense étendue de son territoire, de l'accroissement de sa population, de la poussée subite et de l'épanouissement superbe de ses grandes villes. L'autorité morale du Brésil s'est affirmée, son prestige extérieur s'est imposé, sa place au rang des grandes Puissances s'est assurée le jour où nous avons entendu, comme un rappel du cri d'Ypiranga, la voix de votre grand Ruy Barbosa s'élever, à plus de 10.000 kilomètres de distance, au-dessus des batailles, au-dessus des tombes et par delà les deuils, pour prononcer la sentence du Droit, de la Vérité et de l'Humanité, flétrir une aggression barbare, destructrice des civilisations et protester contre l'invasion de la Belgique martyrisée. C'est à l'attitude du Brésil durant la guerre mondiale que je dois l'honneur d'avoir fondé ici la première et jusqu'ici l'unique Ambassade de France sur le territoire sudaméricain. Le siège éminent que le Brésil occupe dans la Société des Nations, le rôle notable qu'il y remplit ne sont que la suite et la conséquence de son noble mouvement.

Les Français ne pouvaient oublier la venue de la Mission médicale brésilienne qui s'est penchée sur le chevet des blessés de la grande guerre, leur apportant les efficaces secours de la science et la précieuse consolation de la sympathie. Cette Mission a laissé à Paris une trace permanente de son séjour. Le Gouvernement brésilien y a offert à l'Ecole de Médecine un Établissement hospitalier et scientifique admirablement organisé. Ce don en appellait un autre. Si l'Académie des lettres brésiliennes veut bien se rappeler que sa sœur ainée l'Académie française s'honore d'avoir accueilli naguère Meilhac et Halévy, et compte encore aujourd'hui parmi ses membres des hommes comme Messieurs Maurice Donnay et le Marquis de Flers, dont les propos n'engendrent pas la tristesse et frisent l'irrévérence, elle me pardonnera de lui citer un couplet d'opérette :

Les petits cadeaux, ma Commère,
Entretiennent l'amitié.

Pour entretenir son amitié avec le Brésil, pour offrir un petit cadeau qui ne fût pas un objet importun mais un perpétuel souvenir d'affection, il convenait à la France de s'adresser à l'une des Entités qui incarnent l'âme bré-

silienne de la façon la plus durable et la plus haute, et dont l'œuvre présente ces traits de l'origine commune où se révèle le plus manifestement la parenté latine.

Votre Compagnie, Messieurs, se consacre aux Belles Lettres, c'est-à-dire, au culte de l'Art: vous êtes au-dessus des accidents et des contingences qui peuvent bouleverser d'autres institutions, au-dessus des passions qui agitent les masses, votre Président affirme que vous représentez l'organe de la Tradition, et, par définition, vous êtes Immortels.

Votre Compagnie n'incarne pas seulement l'âme brésilienne, elle la dégage, la précise, la définit.

Ce que votre Sílvio Romero a écrit de l'histoire littéraire du Brésil peut s'appliquer identiquement à vos travaux:

> De quoi s'agit-il? de définir le Brésilien, de le caractériser en face du Portugais dont il parle la langue en Amérique, dont il représente la civilisation dans le Nouveau-Monde. C'est un problème de différenciation éthnique auquel ont collaboré durant quatre siècles les Portugais, l'Indien, l'Africain... le climat, et aussi l'influence étrangère, surtout française, durant un siècle, principalement en art, en industrie, en littérature; et en outre les colons Allemands et les Italiens sinon dans le pays entier du moins dans la région du Sud. C'est de cette immense mixture physique et morale, de cette fusion de sangs et d'âmes, qui ne se sont produites en aucun pays d'Amérique comme au Brésil, qu'est issu avec son caractère propre le Brésilien d'aujourd'hui et que doit sortir toujours plus pur le Brésilien de l'avenir.

Dans votre collaboration amicale avec l'Académie de Lisbonne, il me semble voir à la fois un rapprochement et une disjonction; vous dressez l'inventaire d'un patrimoine commun tout en revendiquant votre bien propre. De cette ample moisson qui constitue la richesse de la langue portugaise, vous faites ressortir à votre profit exclusif les fleurs et les fruits du terroir brésilien, fécondé par la vaste collaboration dont parle Sílvio Romero.

Ce serait faire preuve d'une singulière ignorance que de méconnaître la spontaneité et l'originalité de votre littérature, surtout en poésie.

Quelle que fût la tâche immense de ceux qui ont découvert, colonisé, exploité le vaste Brésil, en dépit de la fièvreuse agitation d'un pays où tout se crée, malgré les exigences de la vie matérielle, les yeux et les esprits ne pouvaient rester insensibles à la beauté de la nature ni les cœurs à l'abri de la passion et de la souffrance. Et tout naturellement ont surgi ceux qui ont chanté la splendeur du firmament brésilien, la magnificence de vos forêts et la féerie de vos montagnes recéleuses d'or et de pierreries, et ceux aussi qui ont bercé la douleur humaine en arrangeant des mots. Au "sertão" de Pernambuco, au "sertão" de Bahia et plus tard au "sertão" de Minas Gerais la lyre d'Orphée a retenti d'elle-même, comme à travers les myrtes de Grèce.

Mais incontestablement le Brésil est latin dans sa culture, et toute votre littérature le témoigne.

Et de la source latine deux courants distincts sont venus alimenter le territoire brésilien et en faire surgir d'exquises floraisons: l'un passant par Coimbra, l'autre à travers le sol gaulois.

Quand je lis l'admirable *Salut à la Nuit* de Manuel de Araújo Porto-Alegre, il ne m'apparaît pas seulement que

le silence éternel de l'espace infini

épouvante, moins que Pascal, le poète brésilien à qui la terre paraît mesquine; mais j'entends Alfred de Musset évoquer la

Pâle étoile du soir messagère lointaine
dont le front sort brillant des voiles du couchant.

Olavo Bilac a des poèmes où l'on retrouve les accents de Vigny, et lorsque dans le sonnet sans défaut il prétend converser toute une nuit avec les astres, je recite malgré moi la strophe du poète français:

Eclats de saphyr et de diamant,
Etoiles, je fus longtemps votre aimant,
Et je vous parlais, le soir, ardemment,
Perdu dans la nuit!

De tels rapprochements peuvent se multiplier.

Communauté d'inspiration, rencontre des pensées, analogie d'expression! A la voix on reconnaît les membres d'une même famille.

Et l'on a bien raison de voir sur votre Académie l'un des plus puissants reflets brésiliens de l'origine latine.

Cependant, si j'ai suivi, durant mon dernier sejour à Paris, avec l'assiduité d'un bon écolier, le cours de littérature brésilienne institué et entretenu à la Sorbonne par votre Compagnie, j'ai entendu, en cette même Sorbonne, un jeune et éloquent orateur brésilien annoncer le développement de l'Ecole littéraire pauliste et son affranchissement de toute influence étrangère. C'est une tendance légitime qu'on ne peut qu'approuver. Il est naturel et louable que les jeunes écrivains dégagent d'eux-mêmes et de leur propre sol des idées et des formes qui leur soient propres et

sur des pensées nouveaux fassent des vers antiques...

et... au besoin même modernes et symboliques.

Mais en prenant conscience de ses ressources purement nationales, l'esprit brésilien ne renonce pas au contact avec la France, puisque c'est en Sorbonne qu'il nous fait parte de son émancipation. Et le Petit Trianon carioca restera en vos mains comme un symbole. Son architecture du XVIII[è] siècle, époque de Raison Pure, de fine critique et, disons le mot, de sagesse réfrigerante et sèche, en fera pour vous une forteresse contre l'Ecole des Rhéteurs qui guette et menace tous les fils de Latins.

L'amitié qui unit nos deux pays doit provoquer entre eux de nouveaux et incessants échanges. J'ai appris avec plaisir que l'un d'entre vous, Messieurs, avait exprimé à l'un de mes compatriotes le regret qu'on ne connût pas bien encore en France les œuvres littéraires brésiliennes et que les traductions françaises en fussent trop rares. Déjà on songe à remédier activement à cette lacune; des traductions sont sur le chantier et l'on dit même qu'un débutant sexagénaire a l'ambition de produire sur un théâtre parisien l'héroïne bahiane qui donna son amour et sa vie, pour la joie de donner, sans esprit de retour.

Ces échanges d'idées, d'œuvres et de sentiments constituent l'expression la plus pure des relations franco-brésiliennes. Une lettre venue de Francfort,

et dont l'auteur appartient, dit-on, à votre Compagnie, prétend que la francophilie brésilienne est attisée par l'intérêt ou la démence. Il faut vraiment que la chûte du mark, dont la France est victime et non pas responsable, ait troublé les vues de cet écrivain. La sagesse des nations affirme qu'une hirondelle ne fait pas le printemps, j'ose ajouter qu'un olivier ne fait le Bois Sacré, ni un académicien l'Académie.

Je ne passerai jamais, Messieurs, devant votre nouvelle demeure sans la saluer comme un Temple où communient les Pensées et les Cœurs de nos deux Nations.

III

DISCURSOS ACADÊMICOS

Ministro do Interior e Justiça

SENHOR Embaixador,

Para esta solenidade, nenhuma voz é mais autorizada, nenhuma seria mais precisa, mais eloqüente e mais afetuosa do que a de V. Ex.ª.

O discurso, tão belo na forma, quanto conceituoso no fundo, que acabamos de ouvir, basta para justificar a minha afirmativa, se tantos outros títulos não assegurassem a V. Ex.ª o direito que muito nos honra, ao governo e à Academia, de ser o intérprete da França e do seu governo nesta hora de mais uma significativa e duradoura prova da amizade do seu país para com o nosso.

Não tinha, pois, V. Ex.ª que esperar a nossa benevolência – que dela não precisa, nem que nos trazer – por ouvir o seu formoso discurso, – a sua gratidão, que seria a inversão dos deveres morais dos beneficiados – que somos nós.

Benevolência peço eu, Sr. Embaixador, para mim, que, como intérprete do Governo e da Academia, tenho de dizer-lhe o nosso sincero agradecimento – sem o mesmo aticismo, sem o mesmo esmero, sem o *sel gaulois* do seu discurso, que acaba de encantar ouvidos lhanos, afeitos à beleza da doce língua de França.

Gratidão, nós, o Governo e a Academia, é que a devemos, Sr. Embaixador, a V. Ex.ª, ao seu governo e à sua gloriosa pátria, pela dádiva desta esplên-

dida casa que recorda, – diante da incomparável baía de Guanabara, aberta a todos os povos, maravilha do mundo, com que Deus nos quis fazer orgulhosos e ciosos de possuí-la, – que recorda, repito, num dos seus recantos mais sugestivos, pela história e pela tradição, essa Versalhes, testemunha da grandeza imperecível da França, nunca esmaecida nas horas de provação, de 1870, ou de ontem, grandeza que irradiou do século de Luís XIV até hoje, em triunfos morais, políticos e científicos, ininterruptamente, para honra e prestígio da raça latina.

Desde a sua infância sentiu o Brasil o influxo desse prestígio. Não esqueceu ele as tentativas da França Antártica, e, ainda ali, em frente deste edifício, está a fortaleza de Villegaignon, perpetuando, no nome, a audácia e a coragem francesa, embora o nosso indômito espírito de independência já então começasse a germinar, no subconsciente dos nossos antepassados, para repelir o que os historiadores denominaram a "invasão francesa", afirmando o desejo de constituirmos uma nação latina, soberana e livre, como chegamos a fazê-lo em 1822.

Mas, Sr. Embaixador, o que não conseguiram Villegaignon, Duclerc, Duguay-Trouin, com a força dos seus canhões, conseguiram, para conquistar-nos, pelo espírito, pelo coração, o espírito e o coração dos franceses. O que não obtiveram generais, alcançaram sábios e filósofos, poetas e romancistas, médicos e juristas, músicos, pintores e arquitetos – cuja ação foi, tem sido, e é de decisiva influência na formação da nossa cultura e do nosso progresso, valendo por uma gloriosa e duradoura conquista, influência tão merecidamente estudada e demonstrada pelo jovem escritor Sr. Mário de Lima Barbosa, na sua monografia sobre franceses na história do Brasil.

Na ação dos enciclopedistas e no grande movimento social e político de 1789 estão as raízes dos acontecimentos históricos através dos quais chegamos à República em 1889, passando, em 1822, pela independência, cujo centenário esta Casa comemora, como um coroamento da profícua e nobre influência do gênio francês em minha pátria.

V. Ex.ª recordou com felicidade esse influxo na literatura, embora reconhecendo, com justiça, a espontaneidade e a originalidade da literatura brasileira e fazendo, em rápida e afetuosa apreciação, a aproximação de Porto-Alegre e de Musset, de Bilac e de Vigny – a que eu poderia, embora me sujei-

tando à crítica, acrescentar a do cepticismo otimista de Machado de Assis e do otimismo cético de Anatole France.

De fato, Sr. Embaixador, "l'esprit brésilien ne renonce pas au contact avec la France, puisque c'est en Sorbonne qu'il nous fait part de son émancipation", porque emancipação não é antagonismo, nem separação, mas paralelismo na cultura, uma interdependência de pensamentos e uma permuta de idéias – que desejamos manter e desenvolver. É por isso que nos é grata a notícia de estarem em "sur le chantier" as traduções de várias obras literárias brasileiras.

Animado do mesmo intuito acabo de aprovar as instruções para o regular e periódico funcionamento do Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, cujos cursos foram tão brilhantes e proficuamente iniciados, este ano, entre nós, sob o alto patrocínio da nossa Universidade e do governo francês.

O *Petit Trianon* carioca há de ser também um centro desse nobre intercâmbio, mais profícuo para a amizade dos povos, porque desinteressado e sem possíveis antagonismos, do que o intercâmbio econômico.

Recebendo-o, a Academia saberá, conforme o voto de V. Ex.ª, conservá-lo "comme un temple où se communient les Pensées et les Cœurs de nos deux Nations".

Quis o destino, divindade tantas vezes propícia ao Brasil, que o gesto de fraternidade espiritual da França, com a dádiva deste palácio, se efetivasse no momento em que, por um acordo honroso e patriótico, foi posto termo à luta que convulsionava o Estado do Rio Grande do Sul, motivo de júbilo para todos os brasileiros e para esta Academia, que pôde celebrar a sua solene instalação nesta casa, sem as tristezas de uma luta entre irmãos, mas com as alegrias da paz estabelecida no seio da família brasileira.

É esta, pois, para nós, intelectuais, uma data duplamente memorável, e estou certo, Sr. Embaixador, que, amigo do Brasil, aplaudirá V. Ex.ª, conosco, a feliz coincidência.

Sr. Embaixador.

O Governo agradece a gentil deliberação do Governo francês de doar à Academia Brasileira esta casa, em que ela continuará a prestar à cultura nacional os serviços que determinaram a sua fundação e que muito merecem dos poderes públicos.

A Academia, por sua vez, exprime o seu reconhecimento à generosa França, cuja grandeza e felicidade ela deseja tanto como a grande felicidade do Brasil, e cujo gênio terá aqui um culto permanente, porque, mesmo na relatividade das cousas humanas, essa permanência existe na alta e consoladora fórmula com que o imortal Renan, filosofando sobre o esquecimento e prevendo o possível desaparecimento da sua Bretanha, escreveu: "Quand la Bretagne ne sera plus, la France sera; et quand la France ne sera plus, l'humanité sera encore, et eternellement l'on dira: Autrefois, il y eut un noble pays, sympathique à toutes les belles choses, dont la destinée fut de souffrir pour l'humanité et de combattre pour elle... Et quand l'humanité ne sera plus, Dieu sera, et l'humanité aura contribué à le faire, et dans son vaste sein se retrouvera toute vie, et alors il sera vrai à la lettre que pas un verre d'eau, pas une parole que aura servi l'œuvre du progrès ne sera perdu."

É nesse sentido que compreendo a nossa imortalidade acadêmica e com ela a imortalidade do nosso culto pela França e pelo seu gênio.

Pelo Governo, Sr. Embaixador, e pela Academia, mais uma vez, obrigado.

IV

DISCURSOS ACADÊMICOS

SRS. ACADÊMICOS, Sr. Embaixador de França,

Há anos, já, lendo um trecho de Mr. Alexis de Tocqueville, guardei-o de memória.

Não havia no que afirmava o sábio cultor da jurisprudência americana nada senão a verdade, nada senão a justiça. "Conheço meu país, dizia ele. Reconheço seus erros, suas faltas, sua fraqueza e suas misérias. Mas sei também do que é capaz. Empresas há que só a nação francesa está em estado de realizar, resoluções magnânimas que só ela ousa conceber. Só ela pode, em certo dia, tomar a si a causa comum e por ela combater. E, se está sujeita a causas profundas, tem entusiasmos sublimes que a levam inopinadamente até um certo ponto que povo algum lograra atingir jamais."

O entusiasmo, eis a França. O grande gênio de Napoleão não fez mais do que mantê-lo irredutível na consciência do povo francês. Era precisamente nele que apoiava a sua força: não decorria de outro sentimento o segredo da vitória. Os primeiros tempos da Revolução foram batidos nessa bigorna, esbraseados nessa forja, fundidos nesse crisol.

Foi, por isso, que ele quis dirigi-lo e não proscrevê-lo. Não se pode dispensar algumas altas paixões, compreendia-o ele muito bem, para vivificar o coração humano, o qual, sem ele, ulcera-se e apodrece.

As leis são necessárias para certas épocas e servem a um fim, adequado ao grau em que cada povo se acha. Finda a vigência relativa, criada pelas pai-

xões, pelos erros e pelos vícios, deve cessar a atuação legal e estabelecer-se um regime de liberdade que denuncie o caráter do povo e o seu estado de cultura.

A França imprimira, em diversos momentos da sua vida, à sua ação política e social, esse caráter de generalização que a torna a benfeitora dos homens. A Revolução, condensada em meia dúzia de princípios, abalou as sociedades que pareciam firmar-se naquele inaudito postulado de César: "A humanidade inteira é feita para servir um pequeno número." A liberdade foi sempre o sonho da França, a antemural das revoluções. Os países livres não são jamais açoitados pelos cataclismos sociais.

O que salvou a Inglaterra da invasão; o que a põe a cavaleiro de qualquer atentado às suas leis e à sua organização política, não é o mar, mas a própria nação, sempre de pé, centralizada nos seus sentimentos de brio e de independência, e, principalmente, a liberdade de suas instituições, seu espírito, sua constituição. Ela o demonstra e, sobretudo, o revigora nas suas convicções liberais. Para pôr cobro aos excessos que podem decorrer das revoluções só há um meio: opor-lhes a liberdade.

Os países livres, de franquias disciplinares, a cujas facilidades não ocorre prejudicar o que necessita de ordem e respeito; os governos, verdadeiramente governos, inspirados no bem público, exaltando-se na justiça, esses fazem como a França: traçam aos seus destinos uma derrota, oriunda naturalmente da combinação da liberdade e da confiança.

O espírito francês é reação e protesto. Protesto e reação contra o imperador de fabrico hereditário; depois, contra o imperador de fabrico militar. Contra o cetro, o dogma, o sabre, – o direito, a lei, a consciência livre. Substituiu o direito divino pelo direito humano; seu prestígio, seu pundonor, seu ascendente político correspondem à tribuna livre, à imprensa livre, a alma colocada acima dos preconceitos, das oligarquias, das desigualdades.

Victor Hugo disse, com razão, que ela guardaria a iniciativa do progresso, a marcha das idéias novas, a clientela das raças oprimidas.

Não perdeu a sua soberania com a derrota, não cresceu em ódios, nem em abusos com a vitória. Dizem que ela agora exige muito. Exige o que é eqüitativo, o que lhe é devido pelo muito que sofreu e perdeu. E se a Alemanha tivesse vencido?

A França teria sido riscada da carta da Europa, senão rebaixada no seu nome, nas suas tradições, nas suas iniciativas, no seu direito.

Jamais a Prússia tomou posse da Alsácia e Lorena. "Apoderar-se de uma cousa não é possuí-la, respondeu dignamente o poeta."

De fato, posse supõe consentimento. Acaso a Turquia possuía Atenas, a Áustria, Veneza, a Rússia, Varsóvia, a Espanha, Cuba? O tempo encarregou-se de frisar bem o asserto. Leis ocultas dirigem os homens e as nações: remodelam-nos, reconstituem-nos, refá-los aos auspícios de uma inspiração, até então desconhecida.

A confiança, a ordem, o respeito residem na liberdade. A grande nação verificou que era mister ir um pouco além da força para poder ser perfeita, e reformou os seus códigos e declarou guerra aos privilégios.

No seu espírito havia alguma cousa de semelhante à preamar: tudo o que uma contém de exacerbado pela função vital dos elementos em jogo; o que refervia no bojo das marés, nele, também, refluía com a impetuosidade das correntes marinhas, sob a ação reconstrutora das águas, que nessas regiões se chamam verdades.

A Alemanha, como Roma, queria impor o seu tipo às nações; impor pela força. Foi, evidentemente, o que quis fazer com a Alsácia e a Lorena. Na França o traço de união por ela planeado para a conquista, não se inspira no mesmo processo. Não é o seu tipo étnico ou consuetudinário, restaurando as forças de um organismo depauperado e vencido pela guerra. Ela possui a sua ética, o seu ideal de beleza, e são estes que procura trasladar para a conquista, para as idéias, para os costumes dos povos que teve de submeter pelas armas.

A assimilação é feita pela dialética; a conversão pela simpatia. Em uma, demonstra o lucro que há em se tornarem franceses, em outro, o tipo clássico do belo procurando a unidade no caos das paixões e do orgulho.

Se a liberdade é dignidade e harmonia, como infringir a lei que estabelece como base da vida a obrigação de ser livre?

E, de acordo com a sua história, que é o desenvolvimento da liberdade, o eterno protesto do triunfo progressivo, a França deixa ao órgão o direito de servir à função, mas sem empecê-lo na sua capacidade de resistência, sem lhe pedir mais do que possa dar.

É pela assimilação lenta, pelos cuidados da dialética, pelo esforço de erudição, pela palavra, harmonizando-se com a lenta transformação das idéias, que ela vai inclinando os homens ao seu domínio e prestígio.

A ação, o argumento, o valor predispõe a que se a aceite como o resultado de um esforço incontido nas camadas mais rudes da sua constituição múltipla.

Sendo o mesmo homem de guerra, quer nos campos de batalha, quer nas subtilezas jurídicas, não houve batalha que não vencesse, se o duelo foi leal, se a espada não enfraqueceu em extravios perniciosos.

Michelet diz: o gosto da ação e da guerra, *a espada rápida*, o argumento e o sofisma sempre prontos, são os caracteres comuns aos povos célticos. O valor e a dialética hibernes não são maiores que os da França.

> A sua aparente contradição constitucional, no aceitar o que vem de fora; ou no espalhar fora o que se origina do seu inveterado proselitismo, e, finalmente, a sua destemerosa e veemente organização, constituída, em síntese geral e definitiva, como resumo e codificação de todos os elementos assimilados ou aproveitados de si mesma, é que tornam mais íntima a sua unidade, e, por isso mesmo, capaz de exprimir, eficazmente, o que resultou de uma demorada aglutinação étnica. Estudados pela rama parecem antitéticos os seus processos evolutivos. De fato, a sua fisionomia muda muitas vezes; mas, caracterizadamente, três: no século XVI é italiana, no fim do século XVIII, inglesa; mas, operando como em vasto cadinho, funde todos esses metais, e afrancesa as nações.
>
> Estudando-se a percentagem oposta à massa sedimentária local, verifica-se que não teve força para resistir à ação orgânica da nação e submeteu-se à opinião geral. Assimilar as inteligências e as vontades não é o mesmo que assimilar materialmente, empregando a força que separa em vez de unir. Quando o exército francês deixa o país invadido, surge dele uma nação nova, que não difere da França. Nossa língua reinou na Europa, nossa literatura invadiu a Inglaterra, sob Carlos II, a Itália e a Alemanha no século XIX, diz o historiador; hoje são nossas leis, acrescenta, nossa liberdade tão forte e tão pura, que partilhamos com o mundo.

Tudo quanto a sua eloqüência conseguiu, a sua poesia emocionou e a sua filosofia esclareceu, resultou da liberdade, foi um pensamento da vontade poderosa concretizada, depois da mais pura abstração. Da pureza da exposição, do culto da língua, da *humanização* da forma, da variedade simbolista e apósita a todas as manifestações da arte, surgiu a igualdade das luzes, o balanço geral produziu o equilíbrio de forças, destinadas a compor e terminar o longo e complexo aperfeiçoamento da prosa francesa.

Que objetivo, entretanto, visa o esforço intelectual da França? A igualdade. Foi sempre assim. Não discrepou jamais do afinco posto às conquistas democráticas. Não foi outra coisa senão um padrão de igualdade, um sacerdócio, quer à sombra do prestígio religioso, quer na iniciação ou no espírito gaulês. A aristocracia não teve mão do druida; é ele que, aliado ao povo das cidades, a impede de avassalar os domínios naturalmente vedados à invasão das suas hostes.

A *fecunda turbulência* das comunas é grande pela resistência ao feudalismo; liberta cidades inteiras; proporciona à liberdade um estágio que facilitará a obtenção de franquias, que, sem a unidade política, não fora lícito esperar tão cedo.

A França, porém, está atenta.

> Se o padre permanecesse povo teria reinado só e em seu próprio nome: a demagogia sacerdotal teria tomado praça do feudalismo. Se a liberdade das cidades tivesse prevalecido, se as comunas tivessem subsistido, a França coberta de repúblicas não se teria tornado nunca uma nação; ter-lhe-ia acontecido o mesmo que à Itália, as cidades teriam absorvido os campos abandonados pelos seus habitantes.
>
> Graças à lenta extinção do feudalismo a França achou-se forte nos campos, como a Alemanha; nas cidades, como a Itália; viva e fecunda como a tribo; una e harmônica como a cidade. Um poder central, maravilhosamente enérgico, formou-se pela aliança do direito abstrato do rei e do padre, contra o direito concreto e local dos senhores.

Os vícios são sempre, ali, a conseqüência dos abusos da liberdade. Essa condição a retrai a outros perigos; não a corrompe ou degrada, pois em virtu-

de desse mesmo excesso de liberdade não é atingida pelo mal nas suas raízes, porque a liberdade suscita energias que lhe vivificam o organismo, e o que seria degradação em outros países, na França não passa de uma perda transitória, maior ou menor, de elementos indispensáveis ao equilíbrio geral dos sentimentos que fixam a norma e a diretriz das nossas ações.

Não passa de um abalo passageiro que não compromete o *substratum*, a vida, representada pela liberdade.

Há um verbo que encarna o povo; esse verbo é a França. No aparato das oposições sistemáticas, na febre e capricho das lutas, mais ou menos opressivas, o quilate popular, sobreposto à ingerência ou controle dos homens, designados para esse fim, não é atingido nunca. Tais golpes não o destroem: é sempre o mesmo.

Não há exagero em dizer-se que os pensamentos das outras nações são traduzidos, remodelados, apurados pela França. Não era outra a linguagem da Grécia, na Ásia. Falava como o arauto da beleza; dir-se-ia o florilégio das mais belas produções, ensaiadas no descortino de uma pátria nova; toda uma reivindicação justa, em suma, nascida da própria alma de uma nação que se ajusta às formas exteriores da vida para poder defini-la na sua imensa variedade de aspectos.

Lutas, glórias, evocações de sombras gloriosas, ritmo angustioso de catástrofes, ritmo heróico de vitórias, perpassam nesse cenário grandioso em que os homens surgem como gigantes, como heróis, como deuses.

Bela sempre, por mais que procurem enfeiá-la, sua beleza está sempre em agitação, em marcha; daí, a natureza infinita da sua progressão. Não há exagero, quando se diz que toda a revelação nova ficará estéril, se o gênio francês a não interpretar, a não traduzir, a não popularizar.

O pensamento solitário das nações não pode expandir-se, nem franquear o círculo do seu idioma e da sua raça, se a França o não for buscar ao seu isolamento e o não integrar na sua consciência. Ninguém possui, como ela, o sentimento da generalização, e tampouco dispõe de virtudes que atraiam o que nasceu fora das suas fronteiras.

Os processos de irradiação só ela os possui. Se não fora esse grau de aperfeiçoamento intelectual, decerto, não poderia pontificar, como fazia a Grécia nos domínios das ciências, das artes, da filosofia e da política. En-

grandece-se a cada passo. A última guerra foi para os povos um grande ensinamento, do ponto de vista da tática e da estratégia. Maravilhou-nos com o seu heroísmo, com a sua inteligência, dando aos lances mais arriscados um traço novo de original interpretação ao que se relacionava com o que a ciência da guerra afirmava ser a última palavra.

É certo que nem sempre teve a prioridade das descobertas; mas, quando não descobria, aperfeiçoava.

Não são os que têm os olhos fixos no Oriente os primeiros a verem a aurora despontar. Um certo povo da Ásia ofereceu a coroa a quem primeiramente a visse surgir nos céus. Todos dirigiram os olhos para o levante. Houve quem, entretanto, mais avisado, se voltasse para o lado oposto; e, com efeito, enquanto nada era visto daquele lado, deste, os clarões da aurora embranqueciam já o alto de uma torre.

Momentos há, Sr. Embaixador, na História da vossa pátria, em que se diria proceder do mesmo modo. Enquanto todos se voltavam para o lado em que se julgava estar a luz, ela, ao contrário, irrompia do lado oposto, e era, precisamente, aí, que a França tinha os olhos fixos.

Bem haja o povo que assim enobrece a consciência humana e congrega nações para o mesmo Verbo e a mesma Eucaristia! Tem sido ela a intermediária da divindade, o sentimento democrático que conduz à harmonia social. Das suas fatalidades opostas originou-se esse conjunto de leis que tornam capazes de se dirigirem por si mesmos, e cada função social, a sua conseqüência lógica, sem outro objetivo que unir as raças, completando o domínio da razão e restaurando definitivamente os sentimentos de solidariedade humana.

Discurso do
SR. LAUDELINO FREIRE

e

Resposta do
SR. ALOÍSIO DE CASTRO

Sessão solene extraordinária
do dia 22 de março de 1924

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHORES Acadêmicos:

Cantam ainda, nas largas ressonâncias das vibrações patrióticas, os hinos triunfais da *Festa do Sol*.

Todo um povo coroava, no altar da sua admiração, o jubileu de uma existência flamejante, não raro combatida, mas sempre venerada, cheia de lutas, vicissitudes e contrastes, mas só vivida para simbolizar o bem e a beleza, a justiça e a liberdade, o saber e a glória. Era o Brasil unânime, sem antagonismos nem rivalidades, por suas legítimas soberanias – "a soberania da nação, a soberania da inteligência, a soberania da consciência social e a soberania da verdade eterna" – a divinizar um nome, aclamando-o, entre os esplendores de uma solenidade singular e rara, à face do mundo e com o testemunho de Deus, o do maior dos seus homens.

Dir-se-ia que, no primeiro dia do tríduo memorável, ao celebrar-se no Campo de São Cristóvão a imponente cerimônia religiosa, se consumara afinal o consórcio da grandeza moral da pátria com a onipotência espiritual do filho.

Sublime quadro, e talvez único em toda a nossa vida, foi o desse instante!

Quando, sob a comoção de tantas e tamanhas dignificações, de olhar volvido aos céus, pedia o excelso compatriota ao Senhor dos mundos lhe desse força para resistir e ânimo para agradecer, – toda a multidão ali compacta, enternecida e arrebatada nos estos da mesma exaltação, banhava-se na luz de dois sóis – a que descia das alturas siderais e a que se derramava da elo-

qüência do homem, em cuja boca selara Deus o poder presciente do verbo, que o fizera divino entre humanos.

E como se lhe não arrebentaram as cordas do coração, represado pela intensidade de tantas alegrias, de tantas compensações, de tantas vitórias, alcançadas sobre tantos dissabores, tantos reveses, tantos martírios? Que se passaria no recôndito daquela alma, vendo-se assim transformada em objeto de veneração tão profunda e de tão grandiosas pompas, como só se tributam aos que, mergulhados já no sono da outra vida, ressurgem, no seio da história, engrandecidos pela posteridade?

A vida de Rui Barbosa, onímoda e onipatente, revela o quer que seja de essência miraculosa.

Eleito para galgar os altos cimos do pensamento, tornou-se mestre entre sábios, arquétipo do homem de estado, assombro da tribuna; encarnação viva do espírito liberal, idealista e evangelizador; a mais elevada expressão mental e política do seu país e do continente, condensando em si uma época e um idioma.

À luz dos julgamentos definitivos é que há de avultar-lhe o nome. Resplandecidos então pelo crisol da justiça sem manchas, refulgirão os predicados que lhe deram a ele a posição extraordinária e única, que começou de conquistar, tanto que se estreou, madrugando, nas lides e lutas do homem público.

Contemporâneos da sua época, aquecidos ao calor dos seus ideais, tocados da magia da sua palavra e do fogo comunicativo das suas paixões; participantes das suas pelejas, nelas combatidos ou com elas solidários, ora arrebatados no torvelinho dos temporais, ora arroubados nos transportes dos hinos das suas vitórias, sentindo as mesmas alegrias, ou curtindo as mesmas dores, – nós, os que aspiramos o ambiente em que viveu, lutou e se desdobrou esse homem-prodígio, apenas podemos sentir-lhe a grande obra e gozar-lhe os primeiros frutos. Sentimo-la somente, mas não a entendemos; fruímo-la, sem lhe penetrarmos a extensão, que a eleva indisputavelmente ao plano das maiores construções ideais em prol do direito contra o despotismo, da verdade contra o erro, da virtude contra a maldade, da firmeza contra a frouxidão, das realidades grandiosas contra o instituto das *razões de estado*, não raro delusórias e fementidas.

Coevos desse esforço de reconstrução política e trabalho messiânico de beleza e patriotismo, nem por isso deixam de existir vozes negativas, que acusam o reformador, como a Cristo acusaram os judeus dizendo, no pretório do magistrado que *lavou as mãos* diante da sua fraqueza (segundo o Evangelho de S. Lucas, cap. 23, 2): "A este temos achado pervertendo a nossa nação."

Há uma luz, Senhores, a luz da verdade, que dissipa o fumo negro que se exala do profundo da maldade humana. A lâmpada que ilumina as campas mortuárias não tem a mudez sempiterna do sepulcro. – "*Lampas contempta apud cogitationes divitum, parata ad statutum.*" – São palavras de Jó.

Para o julgamento do homem que se divinizou na obra do engrandecimento de um povo, na redenção de uma raça, na vigilância das liberdades, no apostolado do regime; do político clarividente cuja ação teve epopéias como a do civilismo, a de Haia, a de Buenos Aires e a do Código Civil – "há de estar sempre guardada e prestes para quando for tempo" aquela lâmpada que, sem intermitências, já ardia nos templos das divindades pagãs, simbolizando a luz da verdade eterna.

É através dessa claridade que há de mostrar-se a figura de Rui, esculpida na grandeza do profeta e na majestade do pensamento, como o brasileiro que maior obra doutrinária realizou para a sua pátria, que nele não teve o agitador estéril, o retórico, o demagogo, o paralogista, senão o semeador do bem e o realizador fecundo, o missionário da paz e o sustentador da ordem, o apóstolo do direito e o antessignano da igualdade jurídica das nações.

Tão extenso fora o campo das suas lidas e fainas; em tantas províncias da sabedoria fora o primeiro; de tantas coisas tratara e em tantas cuidara que, dir-se-á, nenhum assunto importante, quer político, econômico ou financeiro; jurídico, internacional ou lingüístico; de ensino, de ética ou estética, dele deixou de receber soluções, que para logo serviam a inspirar governos e estadistas, legisladores e economistas, tribunais e juízes, juristas e advogados, professores e filólogos, educadores e periodistas. A sua palavra tornara-se oracular: "*Rui locutus est, causa finita est*", em paráfrase, escreveu alguém, traduzindo uma verdade.

Nem espaço, nem tempo me sobrará, nos limites desta oração, para trazer-vos a síntese do quanto, no decurso de cinqüenta e quatro anos, produziu, ainda que puséssemos a mira em só considerar o que mais acentuadamente lhe

fixasse os lineamentos e o relevo literário. Quase todos os assuntos versou a sua pena e, numa visão de milagre, surge-nos centuplicando aspectos: jornalista, poeta, orador e parlamentar; advogado, jurista, legislador e financista; diplomata, moralista, candidato e sociólogo; crítico filólogo, pedagogista e tradutor.

Se a imaginação e a fecundidade criadoras são os caracteres do gênio, em tudo o que lavrou e construiu, insculpiu e cinzelou, juntas avultam a abundância e a eloqüência, unidas sobressaem a fertilidade e a beleza.

Podemos aferir-lhe a obra pelos traços de luz divergentes que, partindo da sua mente para a multiplicidade dos conhecimentos, se refrangem numa vasta e fecunda atuação, a qual se espraia na amplitude sem perder a unidade característica de, no conjunto, ser inconfundível criação estética, levantada ao maior fastígio do ideal. O pensamento, na sua exteriorização, atinge a formosura suprema, e na harmonia com o poder da expressão está a luminosidade do estilista, em quem há páginas que não são ultrapassadas pelos mais perfeitos artistas da palavra, chamem-se Demóstenes, Cícero ou Tácito; Chateaubriand, Hugo ou Castelar; Vieira, Mont'Alverne ou Latino.

Lutam os escritores com a falta de correspondência entre o trabalho de elaboração mental, infinitamente acelerado, e a faculdade de expressar-se, em regra, retardada e perturbada no tumulto refletido das idéias. Em Rui, porém, era quase miraculosa a facilidade de falar e escrever.

O seu espírito vivera "continuamente em busca de um ideal", que ele confessara nunca ter chegado a divisar, senão "muito ao longe, como esperança que se esbate num sonho de realidade".

Com a íntima convicção do verdadeiro crente é que se debruçava na torrente da vida "para observar-lhe os destinos ignorados".

"Na cerração que os encobre", escutai-o, "há clarões grandes, que rasgam os espaços do mundo moral, e nos deixam ver, além das fronteiras das nossas desilusões, nos longes mais remotos do nosso descortino, os espigões de serra do futuro, doirados pelo sol de promessas divinas. Surpreendido, então, nessas abertas de luz, o homem, reconciliando-se com a fé, que se lhe esmorecia, sente-se ajoelhado aos céus, no fundo misterioso de si mesmo..."

Entreabria-se-lhe assim, na suavidade do culto interior, a fé ardente, na sua expressão mais alta: para Deus é que se voltava com o mais profundo sentimento religioso.

Imaginação, fecundidade, poder verbal, ideal e crença foram as grandes forças que trabalharam aquela organização privilegiada. E daí a estatura do jornalista, a grandeza do causídico, o insuperável do tribuno, o assombro do candidato e o *Fídias* da palavra entre os escritores; ou o próprio gênio, através do evolver dos séculos, resumindo, nas mais arrojadas manifestações, inúmeras daquelas virtudes antigas que inspiraram a Plutarco a galeria imortal dos seus varões.

Bastaria vos lembrásseis que de Sólon e Licurgo teve a larga visão no legislar; de Publícola, a resistência contra a tirania; de Péricles, a dignidade do proceder e a grandeza d'alma; de Marcelo, a coragem cívica; de Catão, aquele saber e utilidade nas orações do Senado; e de Demócrito, a mesma doçura e humanidade depois do triunfo, porque em Rui como naquele varão de Plutarco havia o horror da "vitória que degola os vencidos".

O que de César escrevera Salústio pode-se-lhe aplicar:

"Grande pelos seus benefícios e pela sua munificência; pela afabilidade e clemência se ilustrara, dando, socorrendo e perdoando, glória alcançou; (*Cesar dando, sublevando, ignoscendo... gloriam adeptus est*); era o refúgio dos perseguidos, e tinha por sistema trabalhar, velar..., não denegar, coisa digna de conceder-se".

Se *César* para si só quisera coroas e honras marciais, por exemplo "um grande comando, um exército, uma nova guerra", a fim de que, por inteiro, se lhe patenteasse todo o valor ou gênio – *Rui,* ambicionando o poder, no posto de mais árduos sacrifícios, que é pelourinho, só desejara, devemos crer, com a afirmação da liberdade e da ordem, pôr a grandeza do seu saber a serviço da sua nação.

Num país onde o censo da elegibilidade faz que se colham os triunfos dos sufrágios na teia urdida pela lógica e sentimentos que radicam a política do poder pessoal, a livre sanção das urnas é ainda virtude insólita.

Ninguém, no entanto, mais talhado para encaminhar-nos os destinos do que o homem que, no dizer de Coelho Neto, sustentou nos ombros, ele só, toda uma pátria, levantando-a tão alto que o mundo todo a vê e admira.

Envaidecem-nos tais confrontos, porque eles só cabem aos predestinados, a exemplo do compatriota abnegado, a quem se ajusta o diadema com que Tácito circundara a fronte de Júlio Agrícola: "Tudo... quanto nele nos

maravilhou, subsiste e subsistirá no pensamento dos homens, na série dos tempos e na recordação das coisas..."

Se no reconhecer ao vosso confrade, como estou a fazer, tantos cabedais e tamanhas virtudes há exageração, não é minha só, porque consenso quase universal é que nunca ninguém, entre nós, subiu mais alto que aquele que chegou a ser o orgulho e o ídolo dos brasileiros.

Fácil é, portanto, Senhores Acadêmicos, sentirdes a angústia que me oprimiria, se desta tribuna, aonde me trouxeram os vossos generosos e reiterados sufrágios, tivesse eu de descer para ocupar, substituindo-o, a cadeira em que se ele assentou.

Não; não me elegestes para substituir a Rui Barbosa.

Influem sem dúvida as eleições acadêmicas certas relações ou alianças; mas o que nelas realmente ocorre é um *seguir-se*, um *vir depois*, ou melhor, uma perpetuação sucessiva de nomes, enlaçados apenas na solidariedade espiritual do culto e amor das letras e da língua. A liberdade de escolha é sempre o que se nos depara nas instituições literárias de organização eletiva, não raro inspirada na equivalência paradoxal dos contrastes e dos extremos. Nem sempre os resultados correspondem, como em tudo sói acontecer, à justa conformidade de valores, que se quisera fosse o critério inspirativo; mas nem por isso deixam de ajustar-se a causas preponderantes, a que se não furta nenhuma atuação entre homens.

* * *

Tendes em mim um caso que vos será lícito incluirdes entre os daquela equivalência; mas cabe-me obtemperar: se a morte, ao ceifar de vidas entre as vossas fileiras, impusesse a afinidade ou igualdade de virtudes e talentos por norma invariável de vossas preferências – que gênio poderia restituir àquela cadeira o brilho da luz que se nela extinguiu? Quem lograria fixar-lhe os clarões da eloqüência que dela irradiou?

Ligam-me ao meu antecessor, além dos sentimentos de veneração, os laços daquela solidariedade espiritual no culto do idioma, do mesmo modo que se lhe afeiçoam quantos à língua materna testificam devotamento e amor.

É possível que nem uma escolha houvésseis até agora feito, sem que vos tivésseis inspirado em determinadas relações. É possível que, também, quando

escolhestes a Osvaldo Cruz para sucessor de Raimundo Correia, ou o bispo de Mariana para suceder a Alcindo Guanabara, pudesse ser discutida a existência de quaisquer semelhanças intelectuais. Porventura, porém, na obra comum do engrandecimento do país e do seu patrimônio mental, não se unem e completam a ação beneditina do sacerdote com a ação tumultuária do jornalista, ou a grandeza daquele poeta com a estatura daquele sábio?

Assim o entendestes e assim o deliberastes.

Não se obstinou, por outro lado, o vosso escolher no só critério literário das obras de imaginação; ou de mera fantasia. Não quisestes empunhar o fantascópio. E por isso não desconhecestes, antes o proclamastes, o merecimento dos trabalhos de Francisco de Castro, de Jaceguai, de Lafayette, de Pedro Lessa e de Rio Branco, e não parece que obras de ficção sejam as *Efemérides*, as *Dissertações e Polêmicas*, o *Direito da Família*, a *Guerra do Paraguai* e a *Clínica Propedêutica*. É que não compreenderíeis a Academia, sem que aqui luzissem aqueles altíssimos engenhos, e deixasse este recinto de encher-se de nomes tão cobertos de benemerência e glória.

Não fostes insensíveis talvez à referência honrosa ao meu nome aqui feita, no seu discurso de recepção, por um dos vossos mais brilhantes confrades, crítico arguto e severo, em cuja pena a paixão com que olha homens e livros não lhe prejudica a independência; e, sem embargo do velho princípio dos extremos, bebido nos primórdios da filosofia clássica, entre os que, dentro de uma mesma ordem, distam um do outro o mais possível, fostes buscar-me, isto é, trazer o último para seguir-se ao primeiro, o menor para vir depois do maior dos escritores, dando por sucessor do advogado-rei o menor dos súbditos do dever profissional.

Mas, Senhores, direi com Castilho: "Vós sois a Academia e sem dúvida estais pedindo conta das suas obras."

* * *

Foi a infância de Rui como todas as infâncias que se entreabrem e transcorrem nos lares felizes.

A sua educação, fruto de severa disciplina, deram-lha, esmerada e completa, os progenitores, presidindo-lhe toda a fase do curso preparatório, quer o de adaptação às disciplinas secundárias, quer o de adaptação às matérias

superiores, o próprio pai, o Dr. João José Barbosa de Oliveira, humanista provecto, espírito nutrido de larga cultura, e "na província a maior cabeça da sua época, o orador mais perfeito, distinguindo-se, ao mesmo tempo, como um caráter de limpidez e inflexibilidade adamantinas" (são palavras do filho).

Forma a boa educação almas austeras e puras. E Rui poderia repetir o que confessara Marco Aurélio: "Meu pai ensinou-me a não ter nada de cobarde, nem de efeminado; minha mãe a evitar o pensamento do mal... a ser benfazejo, a preferir a verdade a tudo"; e ainda acrescentar: "amei as crianças e fui amigo das flores."

Aos quinze anos concluíra, perfeitamente habilitado, o estudo das humanidades, não com a preparação vulgar do comum dos alunos, mas com a madureza capaz de dar-lhe autoridade magistral. Ele próprio o confirma:

"Estudante pertinaz e incansável, estava eu, em fins de 1864, aos meus quinze anos de idade, habilitado para a matrícula no Recife, com atestados como o do engenheiro Silva Pereira, grande matemático, rival outrora do primeiro Rio Branco nos bancos acadêmicos, que me declarara capaz de 'ensinar matemáticas elementares', e o de fr. Antônio da Virgem Maria Itaparica, sábio filósofo daqueles dias, que testificava achar-se o seu jovem discípulo em condições de ensinar 'filosofia racional e moral'."

Era a Bahia nessa época, e em todos os tempos, viveiro de inteligências aprimoradas e de estadistas de renome, centro de grandes mestres, tribuna da eloqüência, e região ubérrima de talentos predestinados; e nesse meio e nesse ambiente foi que madrugou aquela criança.

"Esse menino de cinco anos de idade", atesta o velho professor Ibirapitanga, "é o maior talento que conheço em trinta anos de magistério; em quinze dias fez a análise gramatical, distinguiu as diferentes partes da oração e conjugou todos os verbos regulares."

Causou isso assombro a mestres e condiscípulos. Estando ainda a cursar o Ginásio Baiano, dirigido pelo Dr. Abílio Borges, depois barão de Macaúbas, ensaiou os primeiros vôos tribunícios. Informa um dos seus biógrafos que "Contando apenas onze anos, por ocasião de uma festa literária ali realizada, pronunciou um discurso tão sentencioso e cheio de lindas imagens, que seu pai, radiante de alegria, inquiriu do diretor do colégio: – Você não colaborou

neste discurso do Rui? – A mesma pergunta lhe ia eu fazer, retorquiu-lhe Macaúbas.

Presente à festa, Muniz Barreto pediu imediatamente a palavra, improvisando estas quadras:

Admira numa criança
O engenho, o critério, o tino
Que possui este menino
Para pensar e dizer.

Não, não me iludo na minha
Bem firmada profecia:
Um gigante da Bahia
Na tribuna ele há de ser.

Concluindo o curso, o barão declarou ao Dr. Barbosa: – "Seu filho nada mais tem a aprender comigo."

Foi nessa fase inicial que se lhe despertaram os pendores para os estudos clássicos, hauridos nos ensinamentos paternos e dos primeiros mestres Fiúza, Ibirapitanga, Itaparica e Carneiro Ribeiro, nomes veneráveis.

Na mesma inclinação incitou-o ainda uma sociedade de estudos filológicos, então ali existente e da qual fazia parte. E assim, em boa companhia "se imbuiu desse classicismo, que lhe tornou admiráveis as orações, os artigos, as polêmicas" (palavras de um seu biógrafo).

Não deixou jamais de viver no trato dos clássicos, fazendo-se-lhe familiar a língua de Cícero, e penetrando já o halo luminoso e circundante do monumento que ao idioma legou o gênio de Vieira.

Não é, minhas Senhoras e Senhores, sem entranhada comoção, sentindo palpitar-me o amor de filho, neste momento que seria de tanto júbilo e glória para os entes dignos e bons que me trouxeram à vida, que eu vos recordo a gratidão filial que em Rui foi sentimento preponderante.

Em todos os instantes das suas maiores alegrias, ou quando sobre a cabeça do homem político se desencadeavam as descargas dos ódios e ultrajes,

do seu amor filial era que fazia o sacrário, onde confiava que as amarguras e injustiças podiam dissipar-se, ou para nele depôr os estemas que lhe coroavam os triunfos.

"Vós, Senhor, me destes progenitores imaculados, que buscaram ensinar-me a não errar os vossos caminhos."

Como se lhe derrama o suave da linguagem em toadas de harpa eólia, e se lhe desabotoa o sentir à flor dos lábios para envolver no perfume da ternura a imagem dos pais:

"Espírito supremo daquele que me ensinou a sentir o direito e querer a liberdade, espírito severo de meu pai; imagem da bondade e da pureza, carícia do céu na manhã de meus dias, espírito sideral de minha mãe... Vós, autores benignos do meu ser, vós sois a árvore dadivosa, cujos benefícios sobrevivem no reconhecimento, que não murcha."

Mais tarde, em ímpeto dominador, respondendo a um julgamento iníquo, assim invoca a memória paterna:

> Nasci, é verdade, na pobreza; e de tal me honro... Mas se disso me desvaneço, não é menor a honra, para mim, de ter sabido, com o suor de tantas agonias, transformar espinhos em frutos de bênção, fazendo do meu trabalho um manto de respeito para a memória de meu pai. E por isso bem é que a memória do pai venha trazer hoje o testemunho incorruptível dos mortos em favor do filho indignamente difamado.

E, de fato, a memória do pai ficou dignificada "na honra triunfante do filho".

Embora clínico, e clínico que do labor médico fizera apostolado, na presciência de largos horizontes que se abririam ao futuro do filho, encaminhou-o o Dr. Barbosa para a Faculdade do Recife, na qual iniciou ele em 1866 o curso jurídico, tendo-se transferido em 68 para a de S. Paulo, onde se formou em 70.

Aí, a frase é dele, "o mundo acadêmico e o mundo político penetraram-se mutuamente". Os seus companheiros de estudos; as vibrações das idéias liberais, que enchiam as cabeças daqueles moços, contra a repercussão dos atos emanados do trono; o golpe que, a pretexto da escolha senatorial de

Inhomirim, fora desfechado contra o partido liberal, subindo ao poder o conservador, com o seu ministério chefiado por Itaboraí; a reação que lhe opuseram José Bonifácio, Nabuco de Araújo e Zacarias, este que não podia conformar-se com a iniqüidade da queda do gabinete a que presidia; a irradiação do liberalismo de Saldanha Marinho, na presidência da província – tudo formava ambiente propício para o surgimento do entusiasmo dos moços em prol da idéia democrática, e, especialmente, em favor da redenção da raça infeliz que sofria o guante do cativeiro. Rui, Américo de Campos, Luís Gama, Benedito Otoni, Bernardino Pamplona, Joaquim Nabuco, Ferreira de Meneses, Castro Alves (que geração!) eram o escol da mocidade em cujo peito ecoavam as apóstrofes de José Bonifácio, verberando no parlamento nacional os supostos golpes da coroa.

Foi nesse tempo, em 1869, e em meio assim preparado por sucessos emergentes e incidentes que, no jornal *O Radical Paulistano* e na loja maçônica *A América*, despontara jornalista e orador o discípulo que mestre já saíra do colégio do Barão de Macaúbas.

Enunciava o semanário acadêmico, de que fora ele o principal redator, o programa republicano em essência, pois que se embebera nos princípios democráticos. Na tribuna, "ali acidentalmente sob o rito maçônico", se mostrara o moço, de vinte anos apenas, o precursor da lei relativa aos nascituros de mãe escrava, fincando destarte o primeiro marco da majestosa atuação que, meio século depois, se tornara objeto do culto cívico que celebramos sob aclamações nacionais e ruidosas.

Descerrava-se assim o gênio que na unidade integral do seu eu fora por excelência uma organização política. A unidade consubstancial, trabalhada por fascinações empolgantes, tresdobrou-se na obra imensa realizada pelo jornalista, pelo advogado e pelo orador.

E cheguemos, Senhores Acadêmicos, aos grandes clarões deste espírito que foi maior do que o seu tempo, e deste homem que, consoante as expansões que se lhe rebentaram da alma crivada de desgostos na sua já incurável descrença dos últimos anos, "atravessou uma vida inteira em quase perene combate com o seu meio", empenhado "num ingrato duelo com o irrealizável".

* * *

Pelo saber quase enciclopédico e mágico prestígio da palavra, pelos problemas de que se ocupou e eficiência que exerceu nos últimos tempos do Império e na República, foi sem contestação o primeiro dos periodistas, em cuja consciência, segundo o sentia, lavrava "o incêndio comunicativo da fé nos princípios, a paixão ignescente do ódio à tirania". "Pelo temperamento reverencial de su'alma," definia-se ele, "pelos hábitos metódicos do seu espírito, pelo pendor artístico do seu gosto, nunca foi senão um liberal de molde conservador, um amigo do progresso pela reforma, um incrédulo na eficácia das revoluções."

Pregoeiro da ordem constitucional, não ocultava que o lábaro que devia acobertar as vivas comunicações do jornalista com a nacionalidade era a majestade semidivina da justiça.

"Todo o bem de que vive um povo civilizado", sustentou, "se resume neste elemento de confiança que se chama justiça; e não há justiça sem imprensa. A publicidade é o princípio que preserva a justiça de corromper-se. Todo poder que se oculta, perverte-se."

De ânimo mergulhado nesse credo, desenvolveu-se-lhe a trajetória jornalística numa ascensão de astro que, já assomando formoso e luzente, vai subindo às amplidões de mais intensa irradiação.

Das suas memoráveis campanhas, a primeira foi a do *Diário da Bahia*, no decênio de 70 a 80. Aí batalhou lutas ingentes pela vitória dos princípios fundamentais do partido liberal, a que se filiara, posto às vezes dele se divorciasse, sobretudo nos momentos em que, "rompendo-lhe o programa, esposava o federalismo como bandeira de ação e reforma imediata".

Empenhou-se com ardor na defesa de todas as questões que encerravam as "aspirações gerais à liberdade e a democracia". Da cruzada redentora foi campeão; campeão da eleição direta. Na questão religiosa declarou-se, diante do poder indissimulável do clero, adversário do ultramontanismo, tendo sido, todavia, segundo o seu próprio testemunho, "pelo direito dos prelados católicos ao livre exercício da autoridade espiritual contra o odioso e inepto regalismo da coroa". Mereceu-lhe estudo especial a lei da conscrição. Imprimiu sempre aos seus editoriais notável força persuasiva e lançava-os com tal esmero artístico, que com a plena maturidade de mestre e estilo inscreveu na história do nosso periodismo aquele decênio de doutrinação liberal.

A segunda campanha foi a de 1889, no *Diário de Notícias*, cujo programa apontou a *republicanizar* a monarquia, a bem da sua conservação, porque nutria o vidente político a certeza de que "não há monarquia compatível com a liberdade, se não for essencialmente republicana". A verdadeira fórmula, indicou-a ele, seria "praticar seriamente o governo parlamentar, e conceder à opinião nacional, inclinada nessa direção de 1831, a grande descentralização: a federalização das províncias, sob o regime parlamentar da monarquia".

Sobre os troféus da idéia abolicionista soergueu a da federalização, a fim de, com esta, como afinal sucedeu, abismando-se o império atravessado no incidente da questão militar, concorrer para implantar a descentralização, que, na torrente dos acontecimentos, já não podia ficar sob a presidência parlamentar da monarquia, mas sob a direção presidencialista da União Federal. Foi das mais intensas a campanha do *Diário*, e bem a definiremos se a tomarmos pelo fator mais ostensivo e imediato da revolução de 89. A idéia republicana, com a vitória da abolição, ganhara indisputável terreno. Pugnar naquele momento, segundo o fizera o *Diário*, pelo pensamento descentralizador, seria aumentar a confusa orientação dos partidos que sustentavam o trono, facilitando que se viesse a concretizar a aspiração dos que combatiam a monarquia. E assim se deu. Quando estampou Rui Barbosa o seu célebre artigo *Plano contra a Pátria*, o qual na opinião de Benjamin Constant foi o impulso decisivo para a revolução, uma semana depois, na alvorada de 15 de novembro, tremulava vitoriosa a bandeira da República, sem embargo de nunca ter formulado em programa a solução republicana:

> Nunca a advoguei: apontei-a à coroa, aos partidos e à nação, como perigo evitável, mediante a reforma federalista. E quando... se verificou tão depressa o meu prognóstico, aceitei o fato como resultado por todos os motivos irrevogável.

Aí tendes, Senhores Acadêmicos, o papel que coube ao vosso glorioso confrade no drama final do Segundo Reinado, perfeitamente idêntico ao que desempenhou Evaristo da Veiga, na terminação do primeiro; e, com ele, a afinidade evidente entre o patrono da grande Cadeira e o seu primeiro ocupante.

Vitoriosa a questão do fato político, não estavam contudo triunfantes os princípios. Feita a República, mais que nunca havia mister do trabalho de

preparação. Recrudesceu, por isso, o esforço de Rui, em quem desapareceu o jornalista para surgir o organizador no ministro, no subchefe do governo revolucionário e no autor da Constituição, das leis orgânicas e da sábia lei que separou a Igreja do Estado.[1]

Em tudo atuou com liberalismo indefectível e larga visão, adquirindo prestígio incontrastável. É Benjamin Constant, o chefe militar, então de maior autoridade moral, quem declara: – "Acompanho cada vez com mais confiança o senhor Rui Barbosa, com quem prefiro errar a acertar com outros."

Cai sobre a República nascente o golpe de estado de 1892. Floriano Peixoto encarna a reação e, conseqüentemente, o princípio de legalidade. Mas quando ao doutrinador pareceu que o marechal começava de praticar ilegalidades, rasgando as constituições estaduais com a de deposição dos governadores solidários com Deodoro, se insurgiu o nume tutelar da democracia contra o erro da legalidade. Sentiu Rui que a sua velha tribuna seria o posto de onde poderia "pugnar pela Constituição para restabelecê-la, restabelecer a Constituição para conservá-la". E ei-lo à frente do *Jornal do Brasil*, em 1893.

Nova cruzada e nova vitória, concretizada no estabelecimento do poder constitucional, engrandecido na austeridade, na pureza e energia do eminentíssimo varão, que foi o primeiro governo civil da República.

Não houve na vida do jornalista a continuidade do tempo, mas a contigüidade dos princípios nunca foi interrompida. A par com a firmeza do esforço a conservação dos mesmos sentimentos. Notai que nele a pertinácia na defesa do liberalismo, da federação, do governo civil e da verdade constitucional se conservou inalterável em todos os tempos.

Em 1898, sob o sugestivo título *A Imprensa*, fundou a sua nova tribuna, e aí desenvolveu, com igual abnegação patriótica, mais uma das suas fainas de guerreador-profeta, penetrado sempre da fé nos princípios que se lhe antolha-

1. "Colocado momentaneamente no governo por uma revolução, tive a parte que não podia evitar nos serviços dos que a organizaram e, seguramente, um quinhão mais crescido nos seus erros. Depois, colaborador na fundação das instituições que desses acontecimentos nasceram, devotei o resto da minha existência, com pouco resultado e diligência extrema, ao labor de interpretá-las, de submetê-las a um curso de lições de coisas, para lhes facilitar o uso, pondo ao alcance de todos, e de defendê-las contra os sofismas, equívocos ou abusos." (*Problemas de Direito Internacional*, 3)

vam por úteis e convenientes à nação. Levanta, com prudência, no artigo "Projetos e esperanças", a idéia do revisionismo. E idéia em que uma vez tivesse meditado para logo adquiria força capaz de resistir aos mais desenfreados choques adversos.

Daí a transformação do apóstolo no lutador, que com a mesma dedicação pleiteava as boas idéias, fortalecendo-as, ungindo-as e purificando-as no espírito da "regeneração, da verdade e da resistência".

Ainda outra vez reviveu o *Diário de Notícias*, e de novo ficou assinalado na imprensa do país mais uma fase de evangelização e esplendor.

O civilismo, no seu aspecto de construção doutrinária contra as negações dos princípios fundamentais da democracia e liberdade, é, sem dúvida, a mais levantada e significativa das batalhas que se hão travado na vida política do país. A natureza dos elementos que se nele empenharam, dão a extensão da notável cruzada, na qual, como em nenhuma outra, participara o sentimento cívico do povo, excetuado talvez o momento histórico em que, esboçando-se já a consciência da nacionalidade, o amor nativo impôs ao General Avílez o embarque das suas tropas impertinentes, e outras coisas mais soube exigir em prol do advento da independência.

Duas temerosas forças, de quando em quando divorciadas para o infortúnio dos povos em formação, travando-se das suas armas – a palavra e a espada – procuram devorar-se, tendo ambas por árbitro a uma personalidade de influência ocasional e efêmera, como, entre nós, costuma ser toda força de índole política. O poder civil luta contra o poder militar, diante de um pretório, que impunha o prestígio soberano e irrecorrível das decisões eleitorais.

Três nomes de brasileiros ilustres, infelizmente já mergulhados na noite eterna, representam naquele instante as aspirações exaltadas dos elementos prosélitos militantes.

É cedo para o exame sereno dos processos e resultados que do conflito advieram para a regeneração dos nossos costumes. Todavia pode afirmar-se que com Rui estava a nação. Mas se este juízo que, conforme vedes, é contemporâneo, está sujeito a restrições, uma verdade permanecerá de pé, hoje, amanhã e sempre: naquela luta memorável, alteia-se, grandiosa e estupenda, a figura de um lutador com proporções descompassadas.

Debaixo de tempestades chamejantes, de ventos que bramem e de raios que, riscando a profundeza do espaço, estalam em descargas aterradoras, tendo no alto a natureza a tremer no furor dos elementos desencadeados, e ouvindo, em torno, o troar dos canhões, "os trovões de artilharia", o metralhar das máquinas, o fuzilar das armas e o brandir das espadas – imaginai, Senhores, assim "nessa atmosfera eletrizada", diante do espantoso desse bombardeio geral de céus e terra, um só homem a lutar, lutar sempre, lutar heroicamente, imperturbável, erecto, pequenino e imenso, cada vez mais abraçado à "onipotência incompressível" da sua palavra, que respondendo a tudo – tremebrilha, chispa e fagulha, lampeja, atroa e deflagra, fere, flagela e fulmina, – e aí tendes a Rui no civilismo.

"Um lutador não é um apóstolo", sentenciou o mestre. "Exigir", sustentou ele, referindo-se a Pombal, "exigir, nas condições de um destino tão excepcional, a benevolência filosófica de Voltaire casada a essa exuberância de energia; a esse temperamento de combate que caracteriza aquele extraordinário extirpador de abusos seculares, é converter em possibilidade o mais quimérico dos entes de razão. Um lutador não é um apóstolo." (*M. de Pombal*, 39).

Toda obra de Rui, versasse assunto que versasse, é, no entanto, a afirmação de que na alma do homem que viveu a pregar a fé nas doutrinas, dela se não apartou nunca a do combatente que se coroava no sacrifício das realizações.

Não seria dado, portanto, desconhecer a missão apostólica do jornalista, que permaneceu sempre na fileira da vanguarda, de pena transformada em clava, e de onde só se recolhia abençoado dos hinos de triunfo.

Essa, Senhores Acadêmicos, a vida de Rui no jornalismo: "vida inteira de ação, peleja, ou apostolado."

* * *

No tirocínio da profissão do advogado, que tanto ilustrou, divisa-se também e também se sente a rija fibra do combatente a palpitar nos monumentos de doutrinação jurídica, que lhe inscreveram o nome, insigne entre os maiores, nessa ordem onde fulgem Nabuco, Lafayette, Teixeira de Freitas, Carlos de Carvalho, Ouro Preto, José Higino, Clóvis, Carvalho de Mendonça, Eduardo Espínola, Mendes Pimentel, Alfredo Bernardes...

No profissional tendes ainda o lutador, ou, melhor, pressente-se a fascinação do político. Penetrai-lhe a multidão de pareceres, de razões, de petições, de *habeas corpus* e demais trabalhos forenses, e sentireis que o que aí mais vibra é o sentimento, a índole, a alma daquela atração irresistível, o que, contudo, não inibira o homem do direito de, no direito, perpetuar-se em maravilhas de sabedoria.

A desafiar os tempos – aí está a sua doutrina acerca do conceito extensivo do *habeas corpus*, que nenhuma legislação consagra e pratica com maior perfeição; aí correm os seus ensinamentos sobre o estado de sítio; aí tendes um tratado de matéria constitucional contido no *Direito do Amazonas ao Acre Setentrional*, nos *Atos Inconstitucionais do Congresso e do Executivo*, na *Anistia Inversa*, na interpretação do *Art. 6.º*; aí está a *Posse dos direitos pessoais*; aí se nos deparam os seus vastos estudos referentes às questões de limites; aí está, enfim, essa *Constituição* republicana, fruto das suas prédicas, do seu liberalismo e da sua cultura.

* * *

Aos primeiros albores da adolescência infiltrara-se-lhe na alma a paixão política, que havia de empolgá-lo por todo o transcurso da vida.

O seu espírito, que se formara nas idéias do constitucionalismo inglês e bebera na infância os princípios da veracidade e da independência, não se voltaria senão para a política com a influição soberana do seu contato; para a política que disciplina, dirige, vigora e felicita povos; institui ao governo normas sábias, retas, prudentes e benéficas; ampara e assegura a administração incontaminada e incorruptível da justiça; da política que encaminha e equilibra os Estados, evitando-lhes os antagonismos.

"Meu pai", escreveu ele, "meu pai que era um liberal de educação política essencialmente inglesa, imprimiu as suas simpatias na trama do meu tecido moral... Destarte me aparelhava para a política... Educado nessa escola de sinceridade moral e liberdade constitucional... entrei em cheio na vida pública, levando a ela no meu seio, como base de tudo, a persuasão de que os princípios eram verdades, as ligações políticas obrigações, as idéias deveres, os programas pactos de honra, e de que na palavra humana, empregada no serviço do bem, reside uma força irresistível, em sendo perseverante e desinteressada."

Atentai nessa sua persuasão de que na palavra humana reside força irresistível.

É que com ele nasceu essa faculdade, o maior dos seus dons, a qual ao calor daquela paixão se sublimara a ponto de chegar a ser o que foi: o mais alto poder de expressão, entremesclado às maravilhas de eloqüência quase sobre-humana.

Conjugadas a fascinação política e a virtude da palavra, formaram ambas o homem público que, consagrando-se ao labor das grandes construções, criou para o seu país a escola política do liberalismo e da verdade; da intransigência diante do erro; da reação contra a prepotência, contra a dissimulação, contra a fraqueza; a escola do respeito, da polidez e da competência; a da construção da ordem civil e da eficiência do direito como veículo das grandes conquistas; a escola, em suma, da política que transpôs as fronteiras continentais e internacionais para, penetrando o contubérnio das nações, doutrinar e vencer em Haia, evangelizar em Buenos Aires, fazer febricitar de comoção a alma da Bélgica, pesar nas grandes decisões da Conferência da Paz, e tornar mais fortes os laços da solidariedade que nos une às gloriosas irmãs sul-americanas, ou sejam os nossos queridos amigos paraguaios, uruguaios, argentinos e chilenos, ou sejam as dignas nações do Equador, Bolívia, Venezuela, Colômbia e Peru.

Vencer em Haia! Bastaria esse feito, que enche um século; bastaria que daquele "comício imenso", onde se congregaram quarenta e duas sumidades mundiais, tivesse Rui Barbosa saído aureolado com a vitória moral do princípio da igualdade soberana das nações, para envolver-se-lhe o nome na imortalidade!

Escutai-lhe o depoimento do que para o mundo e, especialmente, para América, significou a grandiosa conquista da sua consciência jurídica:

> Da resistência do Brasil com a unanimidade do apoio das nações americanas resultou o advento da América triunfante nas serenas regiões do direito. Tal, na sua síntese evidente, a lição do drama de Haia, que a intuição das suas testemunhas mais diretas imediatamente classificou, sem contestadores, como o novo descobrimento político, a relevação do peso deste grande fator, até então desconhecido, na vida internacional.

Que brasileiro já houve que fizesse tanto? Quem possuiu jamais tamanho prestígio, ação mais radiante e maior benemerência?

Serei enfático? Perdoai-me.

Estarei de olhos turvos, no altar da minha admiração por esse compatriota?

O deslumbramento é o que me causa a sua altura. E não é estranho que a intensidade da luz turve a vista e deslumbre o olhar, reduzindo ou ampliando as proporções objetivas. Dir-vos-ei, no entanto, se é que a minha visão vacila, que não só a mim é que porventura a névoa encobre ou a luminosidade ofusca.

Toda a nação brasileira, ou quase toda, nunca deixou de seguir, aplaudir, endeusar esse filho, essa vida, esse apóstolo, com extraordinárias expansões de admiração e respeito. Não há ênfase em referir-vos que ninguém nesta terra recebeu ovações iguais nem alvo foi de tantas e tão entusiásticas glorificações populares. Nem mesmo os grandes cabos de guerra que, trazendo ao peito distinções marciais, conduziram por entre hinos de vitória a bandeira da nação, receberam mais altas honras, consagrações públicas mais solenes e apoteoses mais soberbas.

E eram-lhe assaz compensadoras essas efusões do sentimento cívico nacional.

Um dia visitei-o em Petrópolis. Acolheu-me com a bondade de sempre, e, como se nada lhe tivesse acontecido, com a serenidade que transparecia do profundo do seu olhar, disse-me: – "O Presidente da República acaba de decretar a intervenção federal na Bahia, a fim de manter o governador. Aí está a solução da campanha de patriotismo e libertação em que me envolvi. Vou endereçar ao chefe de Estado esta carta, que lhe passo a ler."

Ouvi a leitura da vibrante contestação ao ato presidencial, e ainda uma vez tive a visão da alteza de tão privilegiado espírito, e espírito de energia tão inflexível. Ousei dirigir-lhe palavras referentes à impressão produzida na opinião pública pela formidável cruzada política. "Educa-nos todos os dias V. Ex. na verdadeira escola da democracia", afirmei-lhe eu. "Sim, meu amigo, respondeu-me, tenho certeza de que o poder entre nós é detestado, mas a oposição é estéril. Isso, contudo, não me derriba o ânimo, porque sinto que o

povo me ouve no interesse porque essa nacionalidade não se arruíne pela desunião, pela descrença e pela injustiça, e tudo já o disse por escrito."

Sim, sabemos todos que toda vez que ele falava da tribuna popular, orando ao povo "rosto a rosto", tinha a certeza de que a influição comunicativa do seu verbo ungia, corrigia e convencia a consciência das multidões.

"Em torno do homem que fala aos seus concidadãos", dizia-o ele, "as multidões engrossam como os mares ao redor do veleiro, que, de crista em crista, se vai agüentando nas águas agitadas. A eloqüência aí é a da concisão das vozes de manobra entre os assovios do vento, ou a dos clarões do farol entre os cabeços dos abrolhos."

Li, em boa fonte, Senhores, que a persistência do direito contra a obstinação da lei é a origem dos males sociais. A constante desarmonia entre o princípio e a aplicação gera as perturbações e as lutas.

Em regra, a lei não traduz o direito: desvirtua-o. A lei, é certo, "decorre do direito", mas vede que "a lei procede do direito" "como o rio da sua origem", recurvado em várias direções e "apanhando as impurezas das margens". É que por homens elaborada, a lei terá necessariamente as imperfeições da falibilidade humana.

Alta expressão do direito é a liberdade; no entanto a lei que a traduz é, não raras vezes, a da proscrição, ou a do jugo sob qualquer das suas formas.

Mais alta expressão ainda da ordem jurídica é a inviolabilidade da vida, mas a lei criou a guilhotina e, não raro, de outro aspecto, abre as portas das penitenciárias para a evasão dos matadores.

A ordem pública, além de condição, é expressão do direito, mas a lei se detém diante do problema da intervenção do poder central na vida dos Estados, de modo que a própria intervenção sirva de meio, ou pretexto de perturbar a ordem.

Escreveu Victor Hugo que lhe impunha a consciência, nas suas funções de legislador, a confrontação permanente e perpétua da lei que os homens fazem com a lei que faz os homens.

A vida de Rui exauriu-se nesse esforço de pregar a expressão veraz do direito na fidelidade incorruptível da lei; e no alto de todas as tribunas que iluminou, o pensamento que o guiara fora sempre o *Pro jure contra legem*.

Essa, Senhores, a flâmula do orador miraculoso que agitou e dirigiu seus concidadãos; profligou a desvirtuação da verdade; incentivou aspirações e fortaleceu ânimos; amparou os fracos, animou a infância; flagelou costumes, adversou impatriotas, enfrentou potentados, defendeu adversários; derrocou situações, e levantou o sentimento brasileiro até os hinos ao patriotismo, à democracia, à crença e à beleza; orador em quem a fecundidade e imaginação, unidas ao ardor das paixões e à magnitude da coragem cívica, davam a impressão de que o seu gênio, no dizer de Plutarco, nem era de homem nem de Deus, mas participava de uma e outra natureza; orador que a tal eminência subiu que, quando falava na rua de São Clemente, a sua palavra era ouvida em Berlim, Londres e Paris, e por toda parte onde pudessem ser escutados os ecos dos grandes pensamentos.

Sem embargo das negações dos dissidentes, pois Rui os teve, díscolos por temperamento, partidarismo, ou porque lhe não conhecessem a obra, (e cumpre dizer que não menos do que a injustiça assim também a prevenção irreverente se extremaram), ser-me-á lícito escrever esta verdade: maior orador do que ele não possuiu o Brasil.

As suas proporções, pelas pompas da eloqüência e elevação do pensamento, tornaram certo que, maior do que o orador parlamentar só o orador acadêmico; maior do que o orador da tribuna judiciária, só o orador das candidaturas presidenciais; maior que o orador de Haia, só o orador de Buenos Aires.

À semelhança de Cícero, foi Rui tribuno, jurisconsulto e gramático; escritor e analista como Tácito; homem de estado e orador como Demóstenes.

Eu não me animaria a inculcar-vos que o varão brasileiro, o seu estilo quase sobrenatural, se mostrara maior do que Tácito e, no Senado da República, a sua figura ultrapassasse a do príncipe dos oradores romanos, nem transcendesse os "ecos da palavra demostênica".

Mas, Senhores Acadêmicos, se as tradições de um passado tão distante, confrontadas com as opulências da cultura contemporânea, podem ensejar, sem despropósitos, comparações que nos honram, eu vos recordaria que a plasticidade da eloqüência do grande Rui se retratou em formas que, sublimando-lhe o verbo, o fizeram rival de Demóstenes, mais rico do que Tácito e, pela força da idéia, de ação mais penetrante na consciência coletiva do que Cícero.

Não desertareis a observação de que o seu estilo teve a magnificência e concisão do orador grego, "que falava à razão de preferência às paixões, com gravidade, sem afetação, austero e meditativo"; possuiu a eloqüência serena da verdade, a doçura da harmonia, a beleza da simplicidade do estilo de Tácito; e revestiu-se das modalidades invectivas das catilinárias, sem a exclusão do perluxo, à feição do de Cícero.

Se se buscasse em Tácito o retrato que traçou da palavra de Cícero, oratória que se lhe afigura edifício de arquitetura grosseira, de paredes sólidas e duráveis, mas sem brilho nem polimento, e tribuno que do seu *jus verrinum* e do eterno *esse videatur*, nos seus discursos, só de três em três frases é que dava lugar a um pensamento, sentiríeis que não aventurei apenas simples voto pessoal para engrandecer na hipérbole a figura formidável do civilismo. Todavia, não deixará de haver quem descubra na vida e obra do Cícero brasileiro aquilo que admiravelmente salienta Boissier na obra e vida do acusador de Catilina: certa insaciável vaidade, certa mobilidade de impressões, certa facilidade a deixar-se prender e dominar pelos acontecimentos, e ainda aquela maravilhosa faculdade de fazer-se o espectador do que ele próprio referia e narrava.

O copioso desenvolvimento que costumava dar às orações fruto era do seu saber vastíssimo, enriquecido da aptidão de levar a análise até aos excessos do meticuloso.

Procurava o bem, o mal e o belo na alma das coisas e dos fatos para, louvando, ferindo ou cantando, abraçar-se ao ideal, que ele dizia se não define, mas "se enxerga por clareiras que dão para o infinito: o amor abnegado; a fé cristã; o sacrifício pelos interesses superiores da humanidade; a compreensão da vida no plano divino da virtude; tudo que alheia o homem da própria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação pura, uma resolução heróica, ou uma aspiração sublime".

O mesmo doutrinador que discursava durante horas seguidas, – duas, quatro e, às vezes, mais, em dias sucessivos, – possuía o condão da síntese capaz de resumir numa frase uma doutrina, numa apóstrofe um julgamento, um programa numa sentença e numa palavra uma individualidade. Numa só imagem encerrava páginas de psicologia. Vede *O estoiro da boiada*; vede o

Caranguejeiro; *O perdigueiro* e o *Tatuaçu*; vede o *Chantecler dos potreiros*; *As aves palreiras e guinchantes*; vede a *Múmia de Sesóstris*; *A couve e o carvalho ...*

Nesses quadros, debuxos e epigramas, lançados e pintados através de uma burilada, com as farpas da ironia e estiletes cruéis, não se livrou aquela palavra de mergulhar no fel das paixões para mostrar que, entre sublime e divina, não deixava de ser humana.

Nem era de esperar que disso se apartasse um homem que viveu meio século a lutar e sofrer, vencer e ser vencido, dizendo verdades e semeando idéias, com a vigilância do "piloto que mostra os escolhos".

Pouco menos de dois anos antes que se lhe apagasse a vida, a sua consciência elevara-se à nobreza destas palavras:

> Ainda hoje estou na persuasão de que, em geral, fui justo. Pelo menos, sempre trabalhei pelo ser. Mas, onde quer que, contra a vontade, me tenha sucedido a desgraça de pecar contra as maiores de todas as leis, as leis da justiça, e da caridade bem entendidas, perdoem-me os agravados, como Deus me perdoará! Não pequei de propósito: terei pecado por erro, ignorância, ocasião, falibilidade incurável dos juízos humanos. Devo confessar, e confesso que, verdadeiro sempre quanto aos fatos..., nem sempre no apreciar dos indivíduos consegui acertar.

Ainda, em colóquio, de suavíssima ressonância ática com os moços de S. Paulo, abrindo-lhes, num ato de fé, o livro da sua vida, reafirmou a sinceridade dos seus sentimentos:

> Deus me é testemunha de que tudo tenho perdoado... Assim me perdoem, também, os a quem tenho agravado, os com quem houver sido injusto, violento, intolerante, maligno ou descaridoso.

Aí está o exemplo edificante de uma velhice excelsa, envolvida nas siderações da verdade, mas amadurecida no fragor das lutas, a mostrar à mocidade o caminho da mansuetude e do perdão.

Nas vibrações da sua palavra – e assim na oratória de todos os grandes tribunos – esfusiava a ironia, a destilar-se em trocadilhos e paronomásias. Ironia fina e sutil, amarga e penetrante, mas respeitosa e polida. Nunca resva-

lou a insulto, ainda nos momentos em que, defrontando inimigos e detratores, sentia mister de responder a eles no tom explosivo em que Catulo, o satírico, revidara ao advogado que, em pleno debate, lhe inquirira "porque ele, quando discursava, ladrava tão alto",[2] ou ainda quando, ao calor das grandes causas, a palavra lhe saía, consoante o mostrara, "rechinando, esbraseando, chispando como o metal candente dos seios da fornalha".

Na do orador alvorejou em 1869 a alma do abolicionista. Aos vinte anos, realizou a sua primeira defesa do escravo contra o senhor. Em 1871 estreou-se na tribuna judiciária; em 74, ainda na tribuna popular, em favor da eleição direta, assunto de que aos vinte e cinco anos já se preocupava. Em 76 é o conferencista a propugnar a liberdade religiosa; no ano seguinte, a sua eloqüência literária derrama-se sobre a memória de Alexandre Herculano. O orador parlamentar surge em 78, no Legislativo Baiano, em prol da liberdade comercial e, no ano imediato, no parlamento nacional, respondendo triunfalmente a Silveira Martins.[3]

Sem a pretensão de com acerto distinguir, não me furto, todavia, ao impulso de uma referência, na qual se nos mostra o titão a escalar, em maravilhosa ascensão, os cimos até aonde parece ser capaz de chegar o humano poder da eloqüência.

Aí tendes, entre o *Discurso* de 79, em resposta a Silveira Martins, e a *Oração* de Buenos Aires, por traços mais luminosos da trajetória do orador:

- *Discurso*, no Teatro S. João, na Bahia, resposta a Manuel Vitorino;
- *Conferências abolicionistas*, ali proferidas em 24 e 26 de maio de 1897;
- *Elogios de Castro Alves, Pombal, José Bonifácio e Osvaldo Cruz*;
- *Discurso*, no Senado, à porfia com o deputado Zama, modelo de réplica parlamentar;
- *Orações* de paraninfo em Friburgo e São Paulo;

2. O advogado Filippe, fazendo alusão ao nome de Catulo, seu adversário, e ao ruído que levantava, discursando, perguntou-lhe, um dia, em pleno debate, "porque ele ladrava tão alto". "É, respondeu Catulo, porque vejo diante de mim, um ladrão." (F. de Azevedo, *No Tempo de Petrônio*, p. 102.)

3. Pensamento do partido liberal, nessa ocasião, a reforma eleitoral. De Saraiva recebeu Rui a incumbência de elaborar o respectivo projeto, o qual, transformado em lei, tomou o nome de *Lei Saraiva*, que foi obra sua.

– *Discurso*, no banquete do *Jornal do Commercio*;
– *Discurso* a Machado de Assis;
– *Discurso* no Instituto dos Advogados;
– *Conferência*, no Liceu de Artes e Ofícios;
– *Orações*, no Supremo Tribunal, contra o bombardeio na Bahia e as de *habeas corpus* em favor do cônego Galrão, e do doutor Aurélio Viana;
– *Fala* às andorinhas de Campinas;
– *Conferências* da cruzada civilista;
– *Orações*, na campanha eleitoral da Bahia.

Os discursos parlamentares, de que servem de modelo os que constituem o livro *Finanças e política*, são talvez hoje inumeráveis.

Sentindo com verdade a eloqüência de que fora encarnação, ninguém melhor do que ele poderia traduzir o que ela é:

> É o privilégio divino da palavra na sua expressão mais fina, mais natural, mais bela. É a evidência alada, a inspiração resplandecente, a convicção eletrizada, a verdade em erupção, em cachoeira ou em oceano, com as transparências da onda, as surpresas do vento, os reflexos do céu, os descortinos do horizonte.

Neste trecho retrata-se: esta eloqüência é o orador, orador que, pela irradiante influição artística, e força oracular da linguagem, era, de plano, e à semelhança de Cícero, no dizer de Fernando de Azevedo, primoroso escritor, um vulto "que tinha as grandes dimensões para o Capitólio".

* * *

As qualidades que lhe enriqueciam a linguagem falada, por maneira tal se ajustam às da língua escrita, que, em se pintando assim na eloqüência, ressurge, ao mesmo tempo e nas mesmas linhas, perfeito e completo, o escritor, com aquele privilégio divino da palavra no estilista hierático, inimitável e soberbo.

A sua linguagem é gama surpreendente dos segredos e riquezas idiomáticas, mimo de elocução culta, polida, abundante e clara; exemplar na correção,

copiosíssima no vocabulário; fluente e harmoniosa, cheia de aticismo e plasticidade estética.

Na gradação da luz, que ora é claridade branda e suave; ora, clarão, ou fusil de relâmpago, ofuscante e rápido; ora esplendor, que é luz em plenitude, o seu estilo dotado destas tonalidades radiantes, reflete-lhe as tempestades da vida, o ímpeto das paixões, as quimeras dos sonhos; eleva-se às regiões ideais do belo, envolve-se nas cintilações, brilha, auriluz, e extravasa-se na expressão da sua facúndia arrebatadora.

Tomai, Senhores, as proporções inauditas deste homem, nas múltiplas formas em que se lhe subdividiu a atividade.

Custa a crer que atrás do jornalista que tão largo tempo passou a doutrinar; do batalhador político de tão flagelante e eficiente ação; do parlamentar envolvido em pugnas incessantes; do advogado e jurisconsulto de cujas luzes se não prescindia nos litígios importantes; custa a crer que, atrás de tantas personificações, ainda houvesse lugar e tempo para o escritor, que se não improvisa, mas se faz à custa de vigílias estafantes, áridas investigações e pesados estudos.

E se vos detiverdes no admirável do fato, tereis ainda por detrás do prosador o poligloto e o filólogo, precedidos do gramático.

E não vos surpreenda que lhe chame nome tão suspeito, como, entre nós, é este último.

Prazer ou malícia é fulminar censuras, em fórmulas de sucinta proscrição, a toda a classe dos estudiosos, em regra modestos e simples, que se consagram ao estudo da sistematização dos fatos lingüísticos.

Aos gramáticos costumam reconhecer o papel de guardas impertinentes das complicações do idioma, ainda àqueles que lhe têm dado o cabedal dos seus conhecimentos. É opinião preponderante que são eles quem criam e inventam as dificuldades.

Ora, direis que isso parece um paradoxo de insciência, ou, pelo menos, mau sintoma de obstinação contra o aprendizado essencial da língua, que nenhuma existe sem ter os seus fenômenos e fatos estabelecidos e regulados.

Certo é, porém, que os que nutrem horror aos gramáticos são os que justamente não amam a gramática e, na persuasão de que logram passar sem

ela, tanto se lhes dá o escreverem segundo os cânones sintáticos, como o escreverem com desatenções, indiferentes aos solecismos, às impurezas vocabulares e de ouvidos moucos às formas exatas que rutilam a beleza das idéias.

Afirma-se, e é verdade, que a gramática não cria a língua, não tece a linguagem; nem faz o estilo. A língua preexistiu à gramática. Mas, no evolver dos acontecimentos, coube-lhe o papel disciplinador e o ser fonte imprescindível onde primeiro vamos aprender como deve ser praticado o idioma, consoante ao gênio tradicional e à legitimidade da construção, que não deve ficar no livre alvedrio dos fantasistas descuidosos.

Também é verdade que os agrupamentos humanos preexistiram à legislação escrita. Onde, porém, encontrareis grupos de homens social e politicamente organizados, vivendo sem submissão às leis e obediência aos códigos?

Num país, à semelhança do Brasil, onde a cultura filológica se patenteia assaz desenvolvida, não há cabimento para o desapreço iníquo em que são tidos aqueles que, se o quiserem, podem rir-se dos escritores que menosprezam a sua língua.

Infelizmente não sou gramático, nem filólogo sou, e, talvez com razão, e por castigo de o não ser, se me inclua no rol dos últimos. Como quer que seja, sinto o amor do idioma e, por isso, não me é dado deixar de ter para com os seus mestres, os seus paladinos, os seus gramáticos, acatamento e veneração.

Quando vejo que em minha terra é que à língua portuguesa se deparou o maior dos seus escritores, aquele que lhe simboliza o gênio, avulta a minha admiração pelo brasileiro que, já sendo em tudo o maior, chegou ao ponto de condensar um idioma, comum a dois povos tão distanciados pelo espaço quão amigos pelos laços étnicos e pelo coração.

De mim afasto a faculdade de um juízo pessoal, e entrego a missão de sentenciar a quem de direito, a um dos gramáticos primazes, educador emérito e prosador de escol, o professor Carneiro:

> Não nos lembra escritor algum, excetuados o padre Antônio Vieira e o fecundo Antônio Feliciano de Castilho, em alguns de seus passos, que escreva e fale com a propriedade com que se exprime este exímio escritor.

Não somente em virtude deste já excepcional predicado, aí acentuado, ascendeu Rui à culminância a que chegou nas letras portuguesas, de aquém e além-mar.

Na exuberância do vocabulário, e no opulentar o léxico com a faculdade inventiva de vozes, dificilmente se lhe apontará outro igual. No farto da sinonímia, luxuriante e donosa, é prosador sem rival. Lede a *Esfola da Calúnia*, o panegírico de Osvaldo Cruz e os seus editoriais de imprensa, por amostras.

As expressões jorram-lhe sem artifício e têm o cunho autenticamente clássico. Se, às vezes, as repassa o sabor arcaico, dir-se-á que antes é para as impregnar "desse aroma de antiguidade, *une certaine fleur d'antiquité*, que do hábil emprego das boas locuções antigas se desprende", segundo ele declarava.

Para Rui o arcaísmo "é um dos segredos da graça e força nos escritores de grande raça, nos estilistas de escola, nos renovadores do gosto literário, nos criadores de obras d'arte duradoiras".

Não empregava a palavra antiga pelo simples desejo de ostentar *estilo clássico*, que, no caso, rebuscado e artificioso, não sairia de pena feita e refeita na segurança da vernaculidade.

"Não convertamos em espantalho o nome de arcaísmo", aconselhava ele. "Todas as gerações assistem ao reabrir de palavra antiquadas, que outra vez, ao influxo de novos tempos, rebentam de seu, espontâneas e belas, sob a pena dos escritores do bom gosto."

Aliás o emprego do arcaísmo foi de todos os tempos e entre bons escritores. Já os contemporâneos de Salústio lhe exprobravam o hábito sistemático e abusivo do giro da frase antiga e de locuções inusitadas em Roma. Cícero não lhe perdoava a ele a maneira de Lucrécio e a mania de imitar a Catão, o antigo.

Em França de tanto arcaísmo usam ilustres escritores que acabam tendo a linguagem "parasitária, sem graça, sem sabor e sem beleza".

A exemplo de Vieira, teve Rui a predileção das antíteses para engrandecer a frase e o prazer das repetições para realçar o estilo. É notável, pela superabundância, a adjetivação do delicioso autor das *Cartas de Inglaterra*. Onde é que Boileau foi descobrir que basta enunciar simplesmente as coisas para as fazer admirar?

É possível que assim seja no idioma francês, língua de índole e construção diversas do português, onde, pelo contrário, o adjetivo exerce função importante, qual a de vigorar a frase, em não sendo inexpressivo, mal ajustado, trivial e impróprio.

Eliminai, por exemplo, da descrição profundamente comovedora do suplício de Dreyfus, no momento em que se passa a cena da degradação militar, aqueles adjetivos, que ali palpitam e tanto avultam a cruel solenidade, e sentireis que o artista soube daqueles epítetos fazer notas vibrantes na harmonia descritiva do episódio trágico, que até nós chegaria descorado, se ali eles não estivessem a pôr em relevo, no grandioso horrível da cerimônia, o horrível pomposo do sofrimento

Mas na língua francesa, como na portuguesa, o adjetivo imprime ao estilo graça, exuberância e força. Aí está Chateaubriand, cuja pena é modelar, e que foi um dos reis do adjetivo, como lhe chamaram; tendes a Lamartine, Victor Hugo e Renan para confirmarem esta observação de um crítico francês: "Os adjetivos são as mais ricas e numerosas palavras da nossa língua. Oferecem recursos infinitos. Representam valores e dão vida às demais palavras."

Possui mais Rui Barbosa inigualável poder descritivo, manifestado eloqüentemente na associação das vozes e nos segredos do uso verbal.

Reatentai no vigor desta descrição:

> Calmaria ainda não vi igual. Não sopra o vento; não gemem as vagas; não murmuram os rios; não cantam as fontes; não ramalham as árvores; não ondeiam as messes; não acenam as flores; não bolem as folhas; não trinam as aves; não zumbem os insetos; não avoejam as borboletas; não se move o ar; a luz não oscila; não se mexem as sombras; a vela não se enfuna; o lago não se increspa; o homem não respira: como que não vive a natureza.

Observou alguém que foi Bossuet quem fez ressaltar, na índole do estilo, a importância dos verbos, máxime dos *verbos criados*, "que são os que surpreendem pela novidade, pela imagem, pelo sentido e aplicação imprevista".

Dentro das mais rigorosas normas da derivação vernácula dotou Rui o dicionário brasileiro não só de muitos verbos expressivos e enérgicos, senão

ainda de outros inumeráveis vocábulos significativos, formosíssimos e irrecusáveis.[4]

Pode dizer-se que o estilista matinou já de posse dos singulares cabedais que lhe adornam o escrever.

Se se pretendesse, entretanto, assinalar-lhe a fase em que atingiu mais vigor, correção e excelência, no grau de quase perfeição que é o do escritor sem erros, – não se iludiria quem olhasse as *Cartas de Inglaterra* como a primeira na série das suas mais acabadas produções. E se não estivesse longe de mim a intenção de fatigar-vos, fácil seria ordenar outras e outras escritas com os primores da língua, desde os *pareceres* acerca do ensino até os volumes da *Queda do Império*.

Dir-vos-ei contudo que, se entre as suas produções esparsas e menores, merece distinguida, por modelo de lídima vernaculidade, a *Oração aos Moços*, na Faculdade de São Paulo, entre os seus livros é a *Réplica às Defesas da Redação do Projeto de Código Civil* aquele em que o prosador está sobranceiro na plenitude dos seus dons e méritos literários.

Gramática das gramáticas, porque vale por todas, a *Réplica* é tesouro de riquezas idiomáticas, que as obras congenêres mais consagradas na língua portuguesa não igualam.

É livro-evangelho, na filologia; livro-padrão, na linguagem; livro de oiro, no estilo, e monumento dos monumentos nas letras brasileiras.

* * *

Minhas Senhoras e Senhores:

O panegírico do Sr. Conselheiro Rui Barbosa, à altura do seu verdadeiro e extraordinário merecimento, excede os limites desta solenidade.

Aí tendes, Senhores Acadêmicos, o que dentro neles pude condensar.

Quisestes que eu fosse o ocupante da sua Cadeira e aqui estou para ter a honra insigne de, recebido pela voz amiga, eloqüente e magistral do eminente Sr. Aloísio de Castro, nela tomar assento e ficar no vosso luminoso convívio.

4. À dedicação e competência do ilustre escritor amazonense, Sr. João Leda, já devemos a publicação em livro de um *Vocabulário* de Rui Barbosa.

Serei o último dentre vós, não importa; serei o último, mas com a sinceridade do crente que se posta diante do seu ídolo.

E ídolo foi ele, sem rivais, de todos os homens de letras que, admirando-lhe a correção, a pureza, a resplandescência e contextura deslumbrante da frase, as excelências da linguagem e os lavores requintados do estilo, o proclamaram o artista supremo do idioma pátrio.

Objeto ainda do mais entranhado afeto, também o foi do sentimento nacional, que chegou a extremá-lo do resto dos mortais, numa apoteose, da qual já, em vida, o ia arrebatando a própria imortalidade.

E ele subiu, subiu e deixou-nos, para elevar-se até àquela estátua mitológica, banhada na transparência das *lágrimas da Aurora*.

Mas, assim como, nas primeiras alvas do despontar do dia, derrama a *Aurora* o orvalho, para nos raios do sol nascente banhar a estátua de seu filho *Memnón*, assim a *Pátria Brasileira*, inconfortada e triste, não deixará nunca de envolver nas lágrimas da sua dor o nome de Rui, que é o seu orgulho e a sua glória.

E para que dele e não de mim vos fique a impressão última, que suavize a monotonia deste discurso, aspirai, por momentos, o aroma que, em volutas de sublime louvor, se lhe desprende da pena, ao cinzelar a personalidade de Carlyle, dando-nos, talhada em alto relevo, a própria índole do seu gênio e obra, oraculares e maravilhosamente grandes:

> A sua inflexível sinceridade, o íngreme dos seus contrastes, o bravio das imagens que lhe povoam o estilo, a luta contínua da sua originalidade com os preconceitos e convenções sociais, o seu entusiasmo pelas expressões heróicas da individualidade humana, o fragor das suas apóstrofes, as mutações indefiníveis do seu humorismo, melancólico e ridente, austero e escarninho, eloqüente e brutal, a própria monotonia de certas correntes do seu pensamento iterativas e periódicas como certos ventos em certos quadrantes do céu, dão a lembrar um panorama de penhascos escalvados à borda das águas azuis, com o cristal das ondas franjando-se em espuma branca, a marulhada rebramindo contra os promontórios silenciosos, o vôo solitário das aves marinhas, e por cima, nas tréguas da procela, quando as faíscas não esfusiam pelas arestas atrevidas, a eterna calma do firmamento, a força, o conflito, a pureza, a eloqüência, a imortalidade.

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SR. LAUDELINO FREIRE:

Se nos fora necessário confirmar o acerto da escolha que vos trouxe ao nosso grêmio, nada melhor nos serviria do que as belas palavras que tão efusamente acabamos de aplaudir.

A modéstia pode ser uma forma da elegância. Talvez por isso esteja na tradição acadêmica que o recipiendário nunca encontre em si aquelas mesmas qualidades que na véspera julgava possuir, sendo simples candidato. Não vos ficou mal essa faceirice, quando, aludindo ao vosso preexcelso antecessor, o Conselheiro Rui Barbosa, nos dizeis que nesta sucessão buscamos o último para seguir-se ao primeiro. Ele foi, por sem dúvida, o primeiro em tudo. Mas vós sois da sua escola, e, vestindo a toga dos juristas e dos letrados, não deixareis extinguir-se a luz do facho.

Compondo o nosso número sem preocupação de semelhanças intelectuais entre os que já foram e os que chegam, amamos a unidade dentro da variedade, somos enfim como aqueloutra Academia, que veneramos por modelo, e Voltaire definiu: "*un corps où l'on reçoit des gens titrés, des hommes en place, des prélats, des gens de robe, des médecins, des geomètres et même des gens de lettres...*" Por muitos desses títulos, estando aqui, estais em vosso lugar.

Naquela página que há anos escreveu um dos vossos amigos, mal conhecendo que o seu dia tão breve lhe não concederia sentar-se na Cadeira a

que fora chamado, ele aplicou a esta Casa a letra que o grego Platão fez esculpir no friso da Academia, onde ensinou a serenidade: "Aqui não entre quem não for geômetra." Ora, muito bem podeis aqui entrar, Sr. Laudelino Freire: sois geômetra.

Tendo professado essa disciplina no Colégio Militar, mostrais que o vosso talento deitou raízes na especulação matemática, para luzir nas múltiplas formas da cultura superior. Eu vos felicito, porque a mim sempre me pareceu uma invejável forma de poetar esse viver com a imaginação nas figuras e nos corpos do espaço.

Haverá assim um como sentido artístico nos axiomas e nos postulados, e no mais que bebestes nos *Elementos* de Euclides, passeando, entre os álamos. Afinal os helenos mostraram que a beleza reside na forma e na proporção, e neste universo onde tudo são relações matemáticas quem amar o belo tem de amar a geometria.

Nem por outra cousa assinou Platão a arquitetura como a arte preclaríssima, senão por ser a mais regrada nos princípios geométricos.

Geômetras por geômetras sejam entendidos. Eu admiro Pitágoras e o seu quadrado da hipotenusa, mas confesso não sou forte nos teoremas, nem na medida dos ângulos, e vou pouco além da distinção da linha reta com a linha curva. Porém, médico, aprendi que a medicina tem as suas matemáticas e, como está na coleção hipocrática, toda consiste em adição e subtração. "*Medicina nihil aliud est nisi adpositio et ablatio.*" Não sei ao certo o que isto seja, mas Galeno interpretou: dá as forças, se faltam, e retira os humores, se excedem.

Se não foi esta remota analogia entre as nossas cogitações que me indicou para receber ao consumado filólogo que sois, então terá sido aqueloutra, posta pelo Nietzsche, ao apontar a necessidade do rigor lingüístico na ciência médica, dando por aliadas a medicina e a filologia.

Não basta? Pois ainda reparo que sobre tantos títulos ilustres que vos exornam sois filósofo, e não há medicina sem filosofia. "*Ubi desinit philosophus, ibi incipit medicus.*" Tolerai-me estes latins, vício meu. Não ficam mal em se tratando de filosofia, a que dão peso, severidade e eu diria graça.

É, sem dúvida, muito por admirar-se essa grave feição do vosso espírito, numa terra onde escasseiam os filósofos e nuns tempos em que se pensa e

se raciocina dançando. Mas não foi o idealista grego quem exalçou a dança para dar validez ao corpo e gentileza ao espírito? O mesmo Sócrates alguma vez bailou.

Quanto a vós, que segundo ouço também rodopiais no torvelinho coreográfico, nada com isso perdestes do contemplativo e do espiritual. Escreveis livros para saber onde a felicidade das cousas, e através dos sistemas e das escolas, dos métodos e das doutrinas, sondais subtilmente a verdade, que todos dizem transparente, quando os filósofos a declaram no fundo de um poço.

Na vossa apreciada súmula de *Filosofia e Moral* não nos dizeis ao claro onde ela esteja, nem que escola preferis. Quem já decifrou o fundo da vida e a origem das cousas? Eu vos tenho por eclético. Nesta difícil arte da vida não será por desprezar-se aquele "deleitai-vos sem inquietação", do Epicuro. Mas também não é desconveniente viver estóico algumas horas, com Epicteto. Crer-se-ia que há para tudo e para todos, nisto de doutrinas filosóficas, em que os conceitos abstratos nos levarão aonde quisermos. Para dizer de verdade a glória da filosofia, como escreveu Renan, um dos que citais, não consiste no desenlear e solver a dúvida, sim no propor o problema. Pode parecer que estamos onde estávamos. Mas progredimos muito desde Aristóteles...

Desconheço o vosso conceito da filosofia na arte. Arte como fator social? Arte pela arte? O que sabemos todos é que sois artista de alma lírica, que amais na contemplação a poesia do silêncio e vos comoveis com as grandes inspirações da natureza e dos sentimentos. A arte é múltipla, a harmonia é una. Tendes lágrimas para os noturnos de Chopin, êxtases para as páginas de Flaubert e dobrais os joelhos ante o Correggio e o Beato Angélico, sentindo na espiritualidade das imagens a voz oculta e misteriosa das cousas.

Ao vosso esquisito gosto da pintura devemos um severo estudo desse ramo da arte desde o Brasil colonial aos dias de hoje, e ninguém terá em pouco esse e outros esforços com que encorajais o nosso progresso artístico. Chegastes a uma conclusão desalentadora para a geração atual: a pintura entre nós decai. Infelizmente não vos enganastes. Já não há no meneio do pincel um Pedro Américo ou um Victor Meireles. A nossa natureza ainda espera o seu grande intérprete na tela e as alegrias e tristezas humanas ainda não deram aos nossos artistas a nota verdadeiramente grandiosa ou sublime.

Como amais a pintura amais a poesia. Vossa paciência de colecionador vos induziu a publicar os *Sonetos Brasileiros*, onde os nossos poetas de todas as escolas se representam no verso e na imagem. Destes a ver o bom e o mau, supondo afinal tediosa uma coletânea de sonetos todos perfeitos, como no escrínio de Heredia. A perfeição pode acabar monótona. O fato é que sem intenção também concorrestes para apresentar o Brasil como uma terra de poetas, tal qual Sílvio Romero, a quem imputastes esse pecado, criticando-lhe o largo tomo que na *História da Literatura Brasileira* consagrou à evolução da nossa poesia, com o que vos pareceu ter inculcado que sejamos no domínio intelectual "um país tão essencialmente poético, quanto essencialmente agrícola no domínio das indústrias".

Não estarei longe de aceitar certas restrições que fazeis à obra de Sílvio Romero, mas peço licença de opor minhas dúvidas à apreciação geral com que julgais o crítico sergipano. Incoerente, contraditório, inconseqüente, tudo isso terá sido. Mas já se viu crítico imutável nas idéias? Ele não quis ser o homem absurdo, que nunca muda de opinião. Digamos que ele abusou seu tanto desse direito e mudou demais; mas conceda-se que em matéria de opiniões está o relativo das cousas, com as circunstâncias, o tempo e o lugar. O que se impõe na vasta obra de Sílvio Romero, crítico, historiador, jurista e filósofo, é a variedade e a vastidão do saber. Se era desigual no escrever, descuidado, descomedido ou desabrido, mostrava em tudo nervo, idéia e inspiração. Ninguém mais valoroso nas lutas, e, se era apaixonado, era digno e sincero.

Em José Veríssimo, a quem consagrais um ensaio de acerbas páginas, não haveria o longo estudo e a meditação de Sílvio Romero. Outro temperamento, outras tendências, outra formação, menos vôo, mais equilíbrio. Um era arrebatado e violento, compassado e frio o outro. Ambos sintetizaram um momento vigoroso da nossa crítica literária. Mas esse gênero, se bem percebo, salvo raras exceções, ainda não deu frutos entre nós. Faculdade filosófica, o senso crítico, no alto sentido, não exige somente dilatada cultura, mas a complexa madureza do espírito generalizador. Não pode ser uma qualidade comum. Há crítica e critiquelha, críticos e criticastros. Vós não quisestes, Sr. Laudelino Freire, perseverar no caminho tão propiciamente iniciado com esse livro *Os Próceres da Crítica*, a que me referi. É contudo, dos vossos trabalhos,

pelo arrojo da sinceridade e ardor das convicções, um dos mais fortes, embora dos vossos primeiros tempos de escritor.

Ainda não havíeis adquirido esse gosto do nosso bom falar vernáculo, que depois vos alistou na primeira plana entre os sabedores do nosso idioma, como um dos que mais utilmente o têm defendido. Foi uma evolução rápida e fecunda. Ganhastes horror ao galicismo e compusestes um substancioso *Vocabulário*, para extinguir a praga dos galiparlas e preservar a língua contra a tacha afrancesada. Passastes então a ser com isso um homem perigoso, e crede não é sem temor que me desobrigo desta oração, sentindo no ar a palmatória de cinco furos com que me chamareis a bolos por qualquer francesia que me escape.

Em vossa presença não é lícito falar sem todas as cautelas e as palavras se pesarão ouro e fio. Escrever, só se for com muito tento. Sois autor de um *Formulário* de profícuas receitas ortográficas. Oxalá vos não vejais em aperturas quando dentro em breve ainda uma vez se discutir a questão da ortografia nacional. Governo e povo interessam-se no caso, e todos sabem que o nobre Ministro da Instrução, nosso luzido confrade, confiou a uma ilustre comissão resolver a grave matéria, dando as regras da redação oficial.

Não creio enganar-me vendo na resolução do egrégio Ministro o desejo de esclarecer o seu caso pessoal. Porque é notório, o Sr. João Luís Alves tem um caso ortográfico: Luís com *s* ou com *z*? A prudência é dos bons ministros. Há de ser por evitar futuras complicações que o nosso estimado confrade firma os despachos com a garatuja dos médicos, e ninguém assim sabe a letra que prefere.

Nem é cousa de nonada isto de letras nos nomes. Estou a recordar-me que um bom dia, bom como todos aqueles em que lhe beijei a mão, o Sr. Rui Barbosa comentou comigo o infortúnio que a ambos nos salteara. Sem licença dos donos os reformistas de Portugal nos trocaram o *y* do nome por um *i* desgracioso e inexpressivo. À verdade não sabíamos ao que nos servia esse *y*. Era por isso mesmo a nossa graça e o nosso mistério, alguma cousa como uma esquisita reminiscência helênica, uma bênção de Palas Atena.

No fim das contas em que pararemos? Escrita etimológica? Grafia simplificada? Fonética? O diserto presidente da Academia, que nasceu advogado, já tem prontos os embargos da defesa. Para ele (se é que o não calunio), todos

os sistemas são péssimos. Só há um meio, este excelente, de uniformar a ortografia: acabem-se os idiomas vivos, enterrem-se para sempre os mortos e adote-se o esperanto, onde não há complicações. Vê-se que caminhamos para o futuro.

Força é, pois, redobrar na salvaguarda do nosso patrimônio lingüístico e a vós, Sr. Laudelino Freire, que o tendes servido nestes últimos tempos com o entusiasmo e indefessa dedicação, caberá chamar todas as forças ao combate, exclamando com o vernaculista:

Floresça, fale, cante, oiça-se e viva
A portugueza língua!

No círculo das nossas letras a criação da *Revista de Língua Portugueza* representou considerável progresso, e só à vossa competência se deve a confiança pública que lhe ganhastes e tanto a tem prosperado. Não poderia faltar-vos com os aplausos o vosso glorioso antecessor nesta Cadeira e nos parabéns que vos ele ofereceu, ele que tinha o primado das nossas letras, como o sumo escritor do nosso idioma, alcançastes a palma e o prêmio. Esperemos que a *Revista*, venha a ser o grande órgão do pensamento nacional em todas as formas da composição literária. Não me venhais, contudo, às mãos, se eu estiver com os que lhe pedirem um pouco mais de arte e um pouco menos de gramática.

Inda há pouco formulastes um belo panegírico da ciência gramatical, mas cauteloso refugastes o título de gramático, que todos à fina força porfiam em dar-vos, pelas muitas notícias que tendes da nossa língua.

É que este gênero de homens gramaticógrafos se apresenta no geral como a antítese da vossa urbanidade e gentileza, e ninguém lhes escapa à férula de padres mestres. Nunca se viu intolerância como a deles. A Academia tem no caso as suas experiências, mas como fortunadamente não trazemos espadim nas sessões ordinárias, não houve ainda grave perigo.

Já, porém, futurastes, Sr. Laudelino Freire, vós que fostes donoso alferes da Escola Militar e nos anos juvenis floreastes uma espada menos inútil do que essa que com tanta elegância e bizarria hoje trazeis à cinta, já futurastes o que havia de ser entre nós esse combate a pé firme em campo raso, se discutíramos gramática nas sessões solenes? Seria batalha crua em que se ter-

çariam à mão-tente, como gládios fulmíneos, estas lâminas de gume embotado. Seja descrédito largar a peleja e desamparar as signas: nesse dia, talvez não tarde, porque já numerosos são os gramáticos da Casa, deixarei aos generais de verdade que aqui temos por parceiros a glória de luzirem belezas na ação, onde sereis o porta-estandarte, e hei de preferir o exemplo do meu mestre Horácio, que abandonou o broquel nos campos Filípicos, desertando as fileiras e tomando o partido dos que fugiam derramadamente.

Contudo sempre direi, com o Sr. Rui Barbosa, que a gramática não é a língua. A caturrice das regrinhas mata muitas vezes a qualidade prima do escritor, o belo gosto, e a mera preocupação gramatical só produz escritores entanguidos, enfezados, pesadões e desluzidos. O estilo, a arte da forma, é outra cousa, eu dissera um dom da natureza, e os que não trazem do berço essa intuição do ritmo, da eufonia e do equilíbrio da frase, jamais alcançarão trabalhar as gemas da arte no bem falar e no bem escrever.

O estudo aperfeiçoa o escritor, pode dar-lhe correção, facilidade ou ainda brilho, mas se lhe falece esse por assim dizer sentido especial da harmonia da forma, por mais que esforce o estilo nunca o subirá ao verdadeiro primor. Pode haver estro, arroubo, graça, pompa, valentia, lucidez, propriedade, mas a arte do estilo requer mais, quer o toque peregrino e indefinível, o sentimento exato da proporção e da beleza, único que assegura às obras do pensamento o selo da imortalidade.

Ao Sr. Rui Barbosa o estilo o viverá nos séculos futuros. Quando porventura ele não fosse, em todos os domínios em que desdobrou a sua grande vida, na política, na jurisprudência e no jornalismo o símbolo imperecedouro da nossa nacionalidade, ele a quem devêramos chamar o numeroso Rui, como a Horácio nomeava Ovídio, porque escrevia em todos os metros, perduraria na posteridade pela só incomparável glória das suas letras.

Sua linguagem, eis o instrumento prodigioso em que lavrou os monumentos da sua vida de lutador. Ela, a arma invicta do jurista, a força temível do político.

Ninguém ainda o excedeu no trato e no meneio do nosso idioma, ninguém o pôs em tanta sublimidade. À língua copiosa trouxe inumeráveis cresces, enriquecendo-lhe o vocabulário, criando novos moldes de expressão, na sua admirável sintaxe.

Por seus livros hão de ler os que quiserem buscar o nosso vernáculo na fonte mais pura, porque ele o foi tomar na sua prístina derivação, nos sermonários e nas crônicas, na conversa diurna e noturna dos Vieiras, dos Bernardes, dos Lucenas, dos Sousas, dos Barros, dos Arrais, nos lídimos padrões da boa escritura portuguesa. Daí as normas clássicas do seu escrever, de cuja rigorosa severidade nunca abriu mão, ainda que embelecendo e aviventando a nossa linguagem com o colorido de um novo relevo, em que se irmanam na majestade do seu estilo sem par as formas venustas do dizer antigo com as louçanias e os afeites do moderno.

Esse dom de escritor, servido pela mais poderosa expressão lingüística que já se admirou em nosso meio, respondia no Sr. Rui Barbosa a uma vocação irresistível. Falando ou escrevendo, sentia-se-lhe o jorro da torrente, a caudal estuosa a borbotar nessa opulência que os que o não compreendiam estolidamente levavam à conta de redundância e prolixidade. Acertada prolixidade, porque se dentre as suas obras houvéramos de eleger a melhor, força seria adotar o parecer de um antigo quanto ao mais famoso dos oradores, preferindo por mais bela a mais longa.

Não era só o escrever muito que se gabava no grande brasileiro. Entre os latinos, Lucílio versejava duzentos versos num abrir e cerrar de olhos, e o galante D. Francisco Manuel de Melo reconta o caso de certo castelhano que louvava a Lope de Vega, poeta tão fecundo que por obsequiar a um amigo escrevera numa noite uma inteira comédia, com loas e entremezes; ao que contraveio alguém, que sendo assim teria dado prova de bom amigo, não de bom poeta.

No Sr. Rui Barbosa não havia somente excepcional facilidade no compor e escrever, senão no escrever muito bem, escrevendo muito. Seus amigos conhecíamos as circunstâncias em que doente, e sob o peso de grave contrariedade política, acabou de uma penada esse formoso discurso acadêmico com que aqui recebeu a Anatole France.

Qualquer que fosse o gênero de composição que versasse, no que lhe saía dos lábios ou da pena estava o signáculo da perfeição e da superioridade. Escrevendo para a imprensa, de um dia para o outro, nessa larga vida jornalística de que nos fizestes, Sr. Laudelino Freire, uma resenha tão brilhante, seus artigos doutrinários ou políticos, onde os ideais modernos tiveram a melhor

defesa, não eram trabalhos fortuitos. É que sob a pena do mestre, disse alguém que o soube admirar, o Dr. Francisco de Castro, "sob a pena do mestre não há criações efêmeras, e até os improvisos do jornalismo têm a solidez e o labor das obras lapidares". Força é reconhecer que o nosso meio ainda não comportava um jornalista desse cunho. Os diários que redigiu tiveram vida curta e ele não foi frívolo para ser popular.

Mas de cada vez que aparecia na imprensa era para cometer grandes batalhas. Às suas camarteladas pelo *Diário de Notícias* conveliram os alicerces do Império, que se desquiciou e ruiu.

Veio depois a luta contra o governo de Floriano Peixoto, com quem rompera abertamente. Enfrentou-o intrêmulo, com o valor do peito endurecido nos prélios. Os acontecimentos políticos se agravaram com a revolta da armada, em setembro de 93. Foram dias turvos. Aos escova-botas do governo de então era malsoante a linguagem do Sr. Rui Barbosa.

Ele era nesse tempo o Rui combatido e discutido.

Matraqueava-se que dera em pantana com as finanças nacionais no Governo Provisório, ainda que ninguém lhe respondera à monumental defesa que fez do seu plano financeiro.

Só um homem lhe não faltou com a justiça, o seu adversário da véspera, esse intemerato Visconde de Ouro Preto, glória do Império, que, discordando embora da orientação financeira do Sr. Rui Barbosa, reconheceu que ela obedecia a um programa sincero e tinha uma traça definida.

Naqueles tempos inquietos ninguém foi mais perseguido do que o Sr. Rui Barbosa. Era o homem funesto do regime.

Quando estalou a revolta, nada mais fácil aos esfola-caras da situação do que se apoderarem daquele que se fizera pela voz inflexa a maior dificuldade do governo. Clamou-se à boca cheia que era revoltoso, quando está historicamente provado, com todas as provas, que o Sr. Rui Barbosa não foi participante no movimento.

Estava-se vendo o pretexto especioso para o ferrolharem nas prisões do Estado. A época não era de brinquedos. O marechal era duro dos fechos, a militança impava e pimponava. Era a consolidação da República.

Mas ao Sr. Rui Barbosa não faltou naquele dia incerto o amigo certo. Esse amigo foi meu Pai. Creio não ser indiscreto trazendo a público um epi-

sódio até aqui guardado no círculo da intimidade, e do qual data a firme veneração que me honro haver sempre tributado ao Sr. Rui Barbosa, nos muitos anos de uma estreita amizade que foi, com a doce conversação de meu Pai, o melhor livro da minha vida.

Vão precisamente trinta anos, mas eu diria ontem. Bem me lembra que no dia imediato à declaração da revolta, era eu meninote, meu bom Pai me tomou à parte, recomendando-me silêncio, porque se ia hospedar em casa um doente, que havia de vir de Minas. Fez-me espécie o aviso, porque eu me não havia em conta de diabrete. O doente veio à noite, mas eu o não vi. O que vi, no dia seguinte, muito de manhã (que é que escapa aos meninos?) foi saírem juntos de casa, em carro que rodou célere, o conselheiro Rui Barbosa e o Dr. Francisco de Castro. Quando meu Pai regressou havia deixado a salvo, na Legação do Chile, então à Rua D. Luiza, o seu grande amigo, que dali depois se embarcou para o Rio da Prata. Não sei o que eu disse então a meu Pai, mas foi como se dissera que a medicina era grande causa quando operava dessas curas repentinas da noite para o dia. E porque o meu contentamento era a minha solidariedade com o amigo da sua casa, meu Pai me sorriu com o seu sorriso mavioso, e me cobriu com uma dessas bênçãos de que eu fiz a alegria, o consolo e o prêmio dos meus dias.

Os rudes tempos da adversidade, que forçaram o Sr. Rui Barbosa a expatriar-se, nem o intimidaram, nem o entibiaram. Volveu maior. *O Jornal do Commercio,* tendo à frente o Dr. José Carlos Rodrigues, de tão cara e bem querida lembrança, solenizara-lhe o regresso com uma festa intelectual que ficou memorável. O governo civil restituíra-lhe as estrelas do generalato, que a ditadura lhe arrancara. Seu merecimento vencera todos os ódios e todas as prevenções, acabando por impor-se ainda àqueles que de princípio o combateram. E o Sr. Rui Barbosa começou essa segunda fase da sua vida política, ainda maior que a primeira, e na qual sempre pela luta, numa longa jornada, fez a ascensão que o não subiu ao poder, mas o levou ao Capitólio do seu verdadeiro triunfo.

Jurista, passou a ser o intérprete máximo das leis, o esclarecedor perspícuo dos seus textos, o grande homem do direito, o guarda intimorato das nossas instituições.

Ele nunca foi político no sentido vulgar, único conhecido entre nós, num país onde não há partidos com idéias, mas apenas rótulos pomposos, idéias de tabuleta e de cartaz. Faltava-lhe para isso a aguda ciência das conveniências. No parlamento era voz perdida. Mas quando as questões saíam do domínio dos rasteiros interesses e das facções para se altearem a outras esferas, então era a sua vez. Porque nele verdadeiramente vibrava o espírito nacional, nele o órgão da liberdade e da justiça, de cuja paixão se nutriu até os derradeiros dias e cujas causas ardidamente pleiteou na tribuna política, no pretório e na praça pública. Quem com mais pertinácia serviu ao dever? Quem a ele se adiantou na grandeza do civismo? Quem melhor definiu as nossas aspirações? Ninguém o excedeu na dedicação à pátria, que pôs em primeiro lugar e acima de tudo, como aprendera com Cícero no *Tratado dos Deveres*.

Do abolicionismo ao civilismo a voz era a mesma, aquela voz indômita e fogosa, que insuflou novo alento ao nosso povo, já descrente e amortecido pela indiferença. Cada batalha o crescia na admiração geral, dentro e fora da pátria.

Nunca a arte da oratória política, tida por Latino Coelho como o mais dificultoso gênero de literatura (esqueceu o púlpito), se elevou em nosso meio a mais remontados vôos. Sentia-se na inimitável facúndia do Sr. Rui Barbosa o rio caudaloso de Homero, o instinto da verdadeira eloqüência, dessa que supõe o "exercício do gênio e a cultura do espírito", e que Buffon separava da garrulice inane dos discursadores.

O recinto senatório foi o teatro das grandes vitórias do tribuno. Do velho Senado que Machado de Assis conhecera e nos falou em tão primorosas páginas, algumas raras figuras do Império haviam feito o ginásio da eloqüência. O Sr. Rui Barbosa foi dos pouquíssimos que mantiveram na República aquela tradição. Numa dilatada vida parlamentar, uma longa e severa pregação doutrinária, o Senador Rui Barbosa, com a palavra iluminada por todas as graças, foi na nobreza da dicção o grande mestre da oratória. Tudo nos seus discursos, a disposição, o movimento, a contextura, o aproxima ou ainda o iguala a esses grandes modelos da antiguidade, onde a palavra e o pensamento tiveram a sua mais excelsa expressão. Nunca a inspiração lhe refugiu e, orador, jamais conheceu aquele "medo que enfreia as línguas", de que se fala na *Eneida*.

Nas mais arriscadas horas não decaiu a energia do seu verbo, sempre valoroso e indefesso sempre para combater os desmandos da violência, os

abusos do poder, as cegueiras do despotismo, para censurar o vício, reprimir o mal, confutar o erro, a injustiça, a inépcia, a iniqüidade e o arbítrio.

Dir-se-ia que foi ao contacto das assembléias públicas que se despertaram os hinos mais espontâneos do orador.

De quantos aqui hoje somos, não poucos estivemos ao seu lado, quando, faz alguns anos, acudindo pelo interesse da nação, o Sr. Rui Barbosa arengou ao povo, propugnando a entrada do Brasil na guerra. Das sacadas do *Jornal do Commercio*, falando para a rua, ele enfrentava o auditório fremente. Era a mesma palavra de Buenos Aires que agora ali, vertida daquele frágil arcabouço humano, crescido e encorpado aos olhos da multidão num vulto imenso, estrondava e rebramia, incendida no ardor patriótico. Naquele dia os tempos se mudaram. Estas águas que contemplamos eram as ondas cerúleas do Egeu, e o Sr. Rui Barbosa o perfeito cidadão, o perfeito democrata, o repúblico dos dias da Grécia livre.

Essa irrefragável autoridade a que se alçou e o fez mais que ninguém venerado por seus concidadãos, ele a logrou assim pelo esplendor das suas virtudes cívicas como pela sua experiência e inimitável estudo, todas as horas ferventemente consagradas às cousas sumas da sabedoria e às cogitações excelsas, na perquirição da ciência e no culto da arte, nesse templo dos livros, em que viveu distante e desatado das vulgaridades.

Com o exemplo, aos moços doutrinou o desdém da obra aligeirada, perfunctória, incuriosa, imatura, mas que buscassem na pesquisa profunda e paciente, no saber de raiz e fundamento, no trabalho de sobremão, nos frutos bem assazonados, o último grau da perfeição, a segurança e o primor da obra polida e acabada.

Não se conheceu modelo assim de atividade sem trégua, de paciência mais constante no trabalho, que ele chamou a bela forma do patriotismo; e por isso, havendo atingido a suma exação e preexcelência, se sobreexcedeu a si mesmo cada dia e não conheceu declínio na sua comprida idade.

Terminou no mesmo fastígio, consagrado na história intelectual da humanidade como um dos espíritos mais levantados do seu tempo, havido na pátria como o varão sábio, de ânimo inteiro, que volvido para as claridades infinitas do bem e da justiça, acabou por tocar à perfeita ascese.

Para prol e bem da pátria Rui Barbosa fez do amor da Justiça o alto sonho dos seus dias e o sublimou em tocante ato de fé, quando beijou publicamente a mão a um juiz no Tribunal. Era o culto da Justiça, expressão do bem, da Justiça, símbolo da igualdade, da Justiça, emanação da verdade divina, e pois representação de Deus, que é a verdade das verdades.

Pela justiça viveu e clamou, ainda que sabia que no deserto clamava. Das sementes que semeou, muitas como as das parábolas, se secaram nas pedras e na planície escalvada. Mas outras medraram para o futuro que começa, e já o grão germina e assoma na plântula, e brota e enfolha e floresce e fruteia. O carvalho vingou e vai dar sombra. Quando então amanhecerem esses dias florentes e prósperos que Rui Barbosa sonhou à pátria, todos o sentirão vivo, presente e eternamente abençoado.

Se a cada um seu dia, o de Rui Barbosa será o das gerações vindouras. A do seu tempo mais de uma vez o negou e renegou. Mas foi para o tornar maior, para o experimentar na ingratidão e na fria dureza dos homens, para lhe conceder o resplendor dos espinhos à coroa imarcescível que lhe havemos de tecer e votar, entre os cantares da glorificação.

Não lhe dissemos adeus para sempre, não se apartou de nós. Conosco assiste e ainda agora o contemplamos como na vez da sua última visita a esta Casa, quando celebramos o cinqüentenário de Castro Alves, cujo plectro ele louvara há quarenta anos. Já o não tínhamos por nosso presidente, mas com a presença veio dizer-nos nesse dia que nem passa nem perece a admiração ao gênio.

Também assim não passará o culto do mestre imortal, que se antecipou à glória da posteridade.

Esse culto a Academia o assegurou, elegendo-vos, Sr. Laudelino Freire, para a Cadeira que entrais a ocupar.

Versando o direito entre os mais distintos, escritor castiço que a nenhum é segundo na estima do nosso vernáculo, na jurisprudência e nas letras freqüentastes a lição de Rui Barbosa, e familiar às suas obras sabeis compreender e apreciar o modelo, de tão egrégia beleza.

Na portentosa vida, tão admirada e admirável, que insignemente acabais de memorar nesses gratos louvores que toda a Academia subscreve, a fama do cidadão se completa na do homem de letras. Chegais exortado por

esse exemplo, e lidador incansável na vida dos livros, estudioso a quem não falta o aplauso dos doutos, benfeitor das artes e das letras, sereis com tão relevantes méritos uma das fortes colunas da Academia.

Não esqueceremos nesta ocasião a terra que vos foi berço e hoje exulta com a vossa vitória, o Sergipe de Tobias Barreto. Recordá-la é como vos pôr diante dos olhos a suave imagem dos pais, para quem a vossa devoção se não deixou de volver neste dia dos prêmios.

É doce na hora feliz reatar na cadeia do tempo os dias distantes e dispersos. A ventura presente se engrandece quando a anima o reflexo de um passado onde a voz das esperanças não mentiu. Respondestes belamente, Sr. Laudelino Freire, às interrogações da vossa juventude. Outros louros vos esperam. E amanhã como hoje tereis o aplauso dos vossos confrades, em cujo nome vos trago as boas-vindas.

Discurso do
SR. CLÁUDIO DE SOUSA

e

Resposta do
SR. ALFREDO PUJOL

Sessão solene extraordinária
do dia 8 de outubro de 1924

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

SENHORES Acadêmicos:

Esta assembléia, para mim sem par, seus olhos, seus rostos, sua atenção e seu próprio silêncio vos terão dito que se espera de minha palavra alguma coisa que me amedronta por demasiada e excessiva; que devo falar menos pela necessidade do que pelo brilho; e que cada um de vós, por zelo muito justo pelo companheiro que deixou de existir, e muito injusto para com a minha pobreza, requer ou exige que eu interprete seu sentir acerca do morto querido, e o faça com o espírito, as luzes e a delicadeza de sua comoção que, infelizmente, não possuo.

Por estas palavras, que adaptei a meu caso, começou Pelisson o panegírico de Luís XIV, em memorável sessão da Academia Francesa. O mesmo, ou ainda maior embaraço assalta-me neste momento. Sei que se me promete grande vossa indulgência, mas o receio de excedê-la aumenta-me o vexame. Ao entrar no templo maravilhoso que nos herdou o grande poeta morto, sinto-me ofuscado por suas gemas, de prismas raros, de fogos perturbadores, nos quais a luz se crispa ao sopro da inspiração, dando-nos a vertigem das fulgurações. Tesouro de valores tão raros devo desvendar-vos na solenidade deste recinto augusto, onde tudo, do edifício histórico, que relembra época de esplendores, à altiloqüência de suas letras, títulos e luzes, aos louros de suas quarenta poltronas, se combina e se coliga para abater-me a pequenez, reduzir-me a ambição, esmagar-me a vanglória!

A vanglória, porém, Senhores Acadêmicos, não foi a enganadora guia que me trouxe. Minha ambição foi, apenas, a de aprender convosco a lição da sabedoria, reconquistando, ao mesmo tempo, para o teatro brasileiro, a poltrona que lhe havíeis concedido no ato de vossa fundação, com Martins Pena por patrono e Artur Azevedo por titular.

Entendestes com muita bondade admitir-me em vossa ilustre companhia, não em atenção a meu valor, que é nulo, mas como estímulo a nosso renascente teatro, em cujo nome me cumpre agradecer-vos a inexcedível honra que lhe concedeis. É bem verdade que alguns proclamam a inexistência do teatro brasileiro, ou sua inferior qualidade, com pouco mais do que a comédia de costumes.

Mas a comédia de costumes é a que caracteriza e individualiza um teatro, a que lhe dá corpo e alma, sangue e raça, independência e personalidade. Ela mergulha com o escafandro da análise e os olhos agudos da sátira no mais íntimo da alma da nacionalidade, recolhendo-lhe as comoções virginais, os anseios, os sustos, as curiosidades, os sobressaltos, as alegrias, as tristezas, as núpcias, os amores, a estética íntima dos pudores, a filosofia sagrada da moral, o relicário augusto das tradições, pesando a oiro fio os amuletos de sua fé e as flores de suas virtudes. E quando, depois de ter mergulhado e remergulhado, surge à tona, emergindo à luz das ribaltas, é ela quem vasa com o estilete da ironia as impurezas, os detritos, os vícios, as taras, as imperfeições e os pezes, na bem-intencionada faina de purificar e engrandecer a alma de sua raça.

Todos os teatros nela tiveram o primeiro berço, e as alvíssaras da glória. Plauto, com ela fundou o teatro latino, na língua dos deuses, na frase de Varrão, e de sua obra diz-nos, ainda hoje, o epitáfio que a comédia, a prosa, os versos, os jogos, o riso e o amor, de luto, e a chorar, gravaram sobre sua lápide:

Postquam est morte captus Plautus
Comœdia luget, Scena est deserta,
Deinde risus, Ludus, Jocusque et Numeri
Innumeri simul omnes collacrimarunt.

Na evolução do teatro o decorrer dos séculos, o tecer das aranhas lentas do tempo, o defluir das heranças através das gerações vão, aos poucos, criando o apuro das indagações psíquicas, dos exames introspectivos, das análises subjetivas, dos inquéritos e das perscrutações morais de toda a espécie. Nossa civilização não alcançou aquele apuro. A vida, afora talvez ligeiro tumulto federal, corre-nos serena, tranqüila, blandiciosa, abundante nos celeiros da província, com frutos nativos e terra dadivosa. Não se compreende, pois, que o teatro, reflexo do meio e da civilização, venha pôr-nos em cena embates, conflitos, desequilíbrios morais e sociais que devemos pedir por empréstimo a outros povos, para fingir requintes e vícios iguais ou maiores do que os deles. Para tal teatro temos apenas os trezentos de Gedeão, que mal bastam para dez ou doze récitas anuais das companhias francesas, por alguns apenas preferidas porque trazem os últimos modelos da moda feminina...

Faltam-nos para ele público e conseqüentemente atores. Um e outro só se formam com o teatro-escola, que é função dos governos. Teatro-escola, e não as simples escolas dramáticas, como a que heroicamente dirige, com desvelo raro, o espírito inigualável de Coelho Neto, sem verba para imprimir um programa!

Teatro-escola com prosseguimento no teatro subvencionado, constituindo assim uma carreira, uma profissão certa com a finalidade prática dos cursos universitários. A França, e não vos é isso novidade, subvenciona três teatros em sua capital, afora outros, para o aperfeiçoamento da cena dramática. E exige-se que por simples jogo de fadas, sem auxílio oficial, ou, antes, ratinhado e espoliado pelo fisco, que faz da arte dramática fonte de gordas rendas, nosso teatro surja com inteira perfeição, no mesmo nível do teatro europeu!

O que temos feito equipara-se, sem deslustre, ao teatro das civilizações equivalentes. E a prova disso é que muitas de nossas peças estão sendo incluídas em repertórios estrangeiros. Aqui, entretanto, ficam vazias as poltronas do Municipal, ainda mesmo que pagas, – o que é expressivo – nas récitas de assinatura em que se represente peça nacional de mais alto entono. Nosso teatro não pode, pois, ser mais do que é, expressão da alma popular, sincero, risonho e despreocupado.

Com muita precisão, disse um de vós, Amadeu Amaral, numa crônica a respeito desta eleição: "É bem verdade que ainda não temos nenhum Ibsen, mas como é aqui, no Brasil, que a Academia tem de escolher seus membros, contentando-se com a prata de casa, não se deve levar a mal que ela não vá pedir ao Sr. Gabriel d'Annunzio para nela representar o teatro nacional, nem ao cardeal Mercier para nela representar as letras religiosas."

É nobre e generoso, Senhores Acadêmicos, o exemplo que dais de aplauso e de encorajamento a nossas letras teatrais. E a sucessão que me confiais eu posso recebê-la sem maior vexame do que o de minha obscuridade, porque Vicente de Carvalho me prejulgou digno dela quando, em eleição anterior, me deu o voto. Resta que o público vos siga o exemplo, e ajude-nos a florescer o teatro, historiador seguro e imparcial de nossa civilização confidente de nossas alegrias e de nossos pesares, o espelho, enfim, de nossa alma irrequieta, febril, ansiosa de progresso, pletórica e voluptuosa, capaz de todos os triunfos, e de todas as formas de beleza, e que se abre no esplendor mágico de nossa natureza, grande, formosa, inebriada de sol e apassamanada de matizes como a vitória régia nas águas nemorosas e triunfantes de nossos grandes rios.

* * *

Foi justamente do culto de nossa natureza e costumes que tirou Vicente de Carvalho as belezas do rimário que, muito cedo, lhe desabrochou da alma. Aos 18 anos, em 1885, publicou seu primeiro livro de versos, *Ardentias*, e quatro anos mais tarde, o segundo, *Relicário*. Era, então, um lírico apaixonado que fazia a seguinte profissão de fé:

> Prefiro o obscuro rouxinol mavioso da *Menina e Moça* aos pavões bizarros do parnasianismo. Já o nosso grande Musset, que os contemporâneos acusavam de não saber fazer versos, dizia que
>
> *"... les oiseaux*
> *Qui sont les plus charmants sont ceux qui chantent faux."*
>
> Não compreendo a arte que faz da beleza da frase o valor exclusivo do verso. A poesia moderna – isto é, a parnasiana – faz-me lembrar os manequins

> destinados ao reclamo dos alfaiates: por fora, desenham-se as formas corretas da roupa bem talhada, dentro, dorme um pedaço de pau toscamente ajeitado ao feitio do corpo humano. Entretanto, não defendo o desleixo da forma. Penso que a frase, como roupagem que é do pensamento, deve ajustar-se-lhe com elegância e correção. Apenas não quero que por amor ao apuro casquilho se faça da poesia o manequim do verso...

Entretanto, ainda que se declarando infenso ao desleixo da forma, seus primeiros livros apresentam tais defeitos de linguagem que o próprio poeta deles fala quando, mais tarde, em 1912, reuniu no volume *Versos da Mocidade* os que lhe pareceram aproveitáveis das *Ardentias* e do *Relicário*, depondo no prefácio:

> A todos eles fez o autor, tanto quanto lhe foi possível, as modificações precisas para os limpar dos defeitos de forma que os desfeiavam, e que entendiam particularmente com o respeito que se deve à língua em que se escreve. Em matéria de linguagem, e de regras em geral, o autor foi, na mocidade, um revolucionário entusiasta, como o comum dos moços, e até mais, talvez. Afigurava-se-lhe a gramática portuguesa em muitos casos apertada tirania exercida ilegitimamente sobre o falar brasileiro.

E atentem bem neste fecho: "era muito de moda naquele tempo – isto é, há 40 anos atrás – o jacobinismo literário, ou, mais precisamente, filológico".

Vê-se, portanto, que o horror à gramática, à sintaxe e ao estudo, é sintoma de passadismo mais passadista do que nós mesmos, filho da preguiça e neto da tolerância, e nem, ao menos, originalidade imprime aos programas "marinetistas" de hoje.

Não havia, entretanto, naquela época o selvagem prazer a que se dá o sadismo da pseudocorrente literária ultramoderna de destruir tudo o que o passado nos herdou por modelos de ritmo e de beleza, desarrimando-nos a alma dos firmes esteios em que se ela arquitetou, e nos quais se abordoa com a disciplina das tradições, na cadeia do sangue, na perseverança da crença. Não havia o furor vazio de auto-singularidade, de exotismo e de escândalo, de sinos, de sinetas, de reco-recos, de bumbos, de pratos, de trombones e de saxos, o delírio de disfonias e de anarquias que Carlos de Laet definiu "como

uma confusão de guizos, chocalhos, matracas e maracás, instrumentos bárbaros que imitam o coaxar das rãs, o silvo das cobras, o pipocar das girândolas, o estouro das minas, os miaus das onças e os berros das feras enraivecidas". E por felicidade do ilustre mestre da graça ática, não lhe chegaram aos ouvidos as orquestrações de fundos de caçarola e frigideiras, de cacos de louça, e de quantos apetrechos mal ressonantes se servem às orquestras renovadoras dos ritmos, cujos executantes, ao alto dos coretos, substituindo as frisas elásticas, gingam o corpo, a contorcer-se em horríveis esgares, a saltar e rodopiar sobre si mesmos, picados por infernal tarântula, intercalando na música gritos e guinchos agudos, sacudindo os instrumentos, encompridando-os e encurtando-os, como se bombeassem de dentro deles a fúria epiléptica... E não pára aí a loucura da disfonia. Da Europa ainda agora nos anunciam a criação da música do hiper-prisma, com o acréscimo de revólveres, metralhadoras, claps-claps da China, gaitas de fole, malhos e bigornas autênticas!

Mas isso não passa, Senhores, de momento efêmero de carnaval. Não se perderão as serenas tradições, porque para elas há, em todos os tempos, a família dos solitários de Port-Royal, que, como esta ilustre companhia, se sabe conservar, na frase de Victor Hugo, ao serviço das altitudes da inteligência e da fé. Port-Royal nada queria, nada pedia, nada ambicionava. Vivia na sombra do mundo e na claridade do espírito, a dois passos da Versalhes de Luís XIV, que deslumbrava o mundo. Um dia a força de destruição, que, como os movimentos sísmicos, periodicamente agita as sociedades, penetrou-lhe os umbrais. A casa foi destruída, os alicerces exorbitados, os túmulos violados, os campos desolados, e Port-Royal desapareceu sob as lavouras novas que o mercantilismo planta nas cinzas do ideal e da fé. Mas as sementes que Port-Royal havia deixado nas almas não tardaram a reflorir, porque não há força de cataclismo que as possa alcançar no seguro refúgio do sangue de uma raça. Port-Royal continuou a existir na fé, na arte, nas letras, na ciência. Tudo em Port-Royal foi destruído, pilhado, saqueado, incendiado, tudo, tudo, menos Port-Royal!

"É que eles, diz Victor Hugo, caminhavam para seu ideal cheios de vontade única e de fé profunda."

Esta vontade única e esta fé profunda dão sublimidade às idéias e santidade às ações. Acusar de decadência uma época porque cultua aquelas virtu-

des, e nelas se exalta, é negar à fé e à vontade suas raízes mais robustas, abeberadas na experiência do passado, no aperfeiçoamento gradativo do esforço, na seriação lenta mas segura do raciocínio. Que espécie de jacobinismo malsão é esse que acoima de decadência a fidelidade aos modelos clássicos em que se vazaram as belezas estilísticas de nossa língua, o amor das glórias, as maiores que têm cabido nas idades menos remotas, dessa raça fulgurantemente coberta de louros e de cicatrizes inesquecíveis pela batalha de todos os grandes ideais, desse Portugal que nos desvelou a infância no mais majestoso de todos os berços reais, forrado com as brancas velas de suas naus, coberto com as bandeiras aurifulgentes de suas conquistas, à sombra de uma cruz que se tornara, pela força do heroísmo, num estelário de feitos de arrebatadora bravura?

Nunca se pode acusar uma época corrente de decadência, pois não se sabe se os tempos seguintes serão melhores ou piores. Nossos sucessores, e só eles, poderão avaliar da força de nossa vontade e da eficácia de nossa fé. O drama humano é, apenas, mera sucessão de acidentes. Não tem, como a tragédia cósmica, o fenomenalismo fatal do peso das massas, da atração dos volumes e das outras determinantes dinâmicas.

Nossa vida é cadeia que se não interrompe de avôs a netos. Nós não somos nós mesmos. Dentro de cada um, e independente, vive um pedaço do passado que é respeito, amor, superstição, piedade. Em 1830, quando o Romantismo deu batalha ao Classicismo, e assaltou as academias, e varejou os museus, e vaiou e apedrejou Racine, pregou, também, a guerra contra a decadência. A escola romântica durou, porém, menos de meio século. Nova geração rebentou-lhe à frente, e assaltou-lhe, por sua vez, as academias e garotou nas cercanias dos institutos, e vaiou, e apedrejou. E os revolucionários de 1830, já encanecidos, passaram a pedir respeito à velhice, aos dogmas, aos princípios, porque a velhice, os dogmas e os princípios eram, agora, eles... Pode-se asseverar, portanto, que o grupo que hoje apupa os modelos clássicos virá sentar-se amanhã nestas poltronas, e pagará então a dívida de hoje.

A fórmula literária não é mais que o instrumento biossocial de uma época, nascida de uma agonia, reverdecida numa juventude, para se extinguir numa velhice, no círculo fatal que se ajusta à vida das idéias e à vida das pes-

soas. Mas ao defluírem as águas nos cursos normais, deixam para trás cristalizações definitivas que são o passado, no que tem de adquirido e de fundamentalmente estável. Quando nos grandes temporais as águas se revolvem e se revoltam, se reptam e se revidam, se recontram e se ressoltam, se reptam e se retorcem, se retraem e se retravam, e no furor da bravia revolução abre a espumarada no ar o branco jardim das novas núpcias, parece que o presente dominou o passado, que, no ar, no espaço, no mundo, no universo se subvertem todas as noções, se despencam todos os princípios, ruem fragorosamente todos os ídolos.

Mas os temporais passam. As águas amansam-se e ajeitam-se, amaream-se, amortecem-se e amoucam-se, anistiam-se e amesinham-se, ameninam-se e ameigam-se e, finda a procela, os náufragos que se debatem sem norte e sem fanal se vão socorrer ao rochedo que, então, reaparece, sereno, inflexível, inelutável, e inamovível. É o rochedo imortal da tradição que revive dentro do mistério do sangue, da herança, das religiões e das raças. Mas as revoluções são, ao mesmo tempo, úteis. São o arado que corta a terra empedernida dos dogmas e oferece novas superfícies ao sol da razão, fazendo surgir do subsolo da rotina a vida oculta que, eternamente, renasce. Não desapreciemos, portanto, o esforço desordenado mas entusiasta da nova geração. Ela cumpre um destino, realiza uma fase, determina um período na evolução que as rodas pesadas dos carros de guerra prometeram à terra, arroteando-a, e ao homem, virilizando-o. Que é a guerra senão a disciplina da destruição? Tudo nela se alia, se conjuga, se aparelha, se engranza, se coordena pela ordem e pelo método para espalhar a desordem, a ruína, o incêndio, a morte, o aniquilamento.

É a construção que se arma para a destruição, o paradoxo de ferro e aço para transformar o tudo em nada! Sua disciplina de desorganização implanta-se como segunda natureza no ânimo guerreiro, e tanto aí se aninha que, terminada a refrega, arrasadas as cidades, devastados os campos, minado o solo, ensangüentados os rios, enfumaçados os ares, ensarilhadas as armas, cessada a guerra, persiste ainda. Atacam-se, então, os princípios. A longa contenção da disciplina, ao desafogar-se do arreamento e dos correames bélicos, tenta desoprimir-se, igualmente, da disciplina moral que se consubstancia nos princípios, nas fórmulas, nas religiões, nas estéticas, nas filosofias. É agudo

ulular de instintos desaçamados, fase de confusão psíquica e de predomínio voluptuário, de inversão de valores em que a farândula de novos-ricos avieirados de improvisadas nobrezas se substitui a todas as noções que os séculos armazenaram.

Mas dentro deste caos sente-se que os espíritos de eleição não se satisfazem com as fórmulas que a guerra envelheceu ou desautorizou. O Naturalismo fatiga-os, o Parnasianismo entedia-os na impassibilidade de seus modelos de mármore e de bronze. Querem movimento, agitação, impulso. Pruilhes a alma a ânsia dinâmica. Os futuristas, os cubistas, os dadaístas, e todos os "istas" que se sucedem sem se fixar, são o vespejar ainda incerto daquele impulso, à procura de sítio onde possam instalar a colméia. Por enquanto apenas se vê, de positivo, a terra revolta. O semeador virá? Sim, que virá. Qual será a nova semente, a nova arte? Quem o sabe? Neste momento o que se apresenta é literatura dos instintos, sexual e concupiscente, sem nenhuma elevação, insaciada por insaciável, de licenciosidade que não pede meças a Catulo, a Marcial ou a Aretino, e que se vende, entretanto, às centenas de milhar. É ela que dessexualiza a mulher, a acamarada a seus vícios, lhe masculiniza as vestes, lhe apara os cabelos à moda das penitenciárias e dos presídios, lhe mete uma cigarrilha garota à boca, uma picada de morfina na pele, um gingar de marujo no passo, uma cartola na cabeça e uma concepção anárquica no cérebro...

Esperemos, entretanto, que à proporção que se reconstruírem as cidades, que se reconstituírem os templos, que se repovoarem os lares, se recomponham, também, as artes, aproveitando-se os alicerces da tradição clássica.

A mocidade que tenta destruí-la, ou dela emancipar-se, e que lhe assalta as amuradas das academias e dos institutos, pretende, com ingênuo esforço, derruir algumas centúrias de conquista lenta e segura. A tarefa é ingente mas digna, até certo ponto, de um sorriso de indulgente admiração, pois atesta que não atravessamos fase de decadência, se os mais moços de nós, a adolescência que apenas embarbece tenta a empresa simplesmente homérica de destruir dezenove séculos e pico de formação espiritual com um *shoot* de *foot-ball*!

Voltemos, porém, à vida literária de Vicente de Carvalho, que, iniciada com *Ardentias* e *Relicário*, se interrompeu, em 1894, com a conversão do poeta ao positivismo, "num brusco movimento de entusiasmo juvenil", como ele próprio o classificou. Pareceram-lhe, então, os versos que fizera indignos da alta concepção do mestre, e, julgando-se incapaz de atingir a perfeição, abandonou a lira. O positivismo veio reproduzir em nossas letras o colapso filosófico de que foram elas acometidas na evolução do Romantismo para o Naturalismo, depois dos imprevistos luminosos da intuição de Tobias Barreto. Mas o que o poeta procurava no positivismo, ele não lho podia dar, isto é, a certeza. Preocupada, apenas, com os processos de investigação, a filosofia de Comte não se consolidara com o contrastar imprescindível da teoria da prova, que é a lógica. Cinco anos bastaram-lhe para se desiludir e voltar às letras. Antes de passarmos a período ulterior, detenhamo-nos um momento junto à obra do adolescente. Seu desprezo à forma era absoluto; apenas o preocupava a idéia. Musset encanta-o, mas o Musset, como já vimos, para o qual o pássaro que canta melhor é o que desafina, o Musset apenas impressionista, que galopava livremente através da gramática e da prosódia, sem amor à rima e à ênfase, na frase de um de seus críticos, e não o que mais tarde, jugulando-se e disciplinando-se, dava a sua arte a estabilidade das formas imperecíveis, e ia bater o *mea culpa* às portas do sufrágio da Academia, conquistando votos como o de Ancelot, que ainda nas vésperas da eleição dizia ao editor Charpentier: "Esse pobre Alfredo é rapaz amável e homem de sociedade, mas, coitado, nunca soube fazer um verso!"

O primeiro Musset era "o rouxinol céptico e licencioso" de Vitet, o poeta da mocidade, o trovador da *Ballade à la lune*, o Musset da *grisette* e do primeiro *muguet* de maio, que, na crítica de Heine, nunca mentia, traduzindo, apenas, seus sentimentos, e que não era admirado, mas amado. Musset embriagado de vida, devorado pela sede dos prazeres – como Catulo na sua vila de Sírmio, coroado de pâmpanos e de louros, a esgotar nos lábios de Lésbia a taça doirada de falerno – era uma imagem sensual de paganismo que seduziu, empolgou, dominou a sociedade, enquanto o Musset da Malibran, e de *Les Nuits,* – soluços ritmados, lágrimas de elegia fundidas em diamantes raros, choradas por deuses infelizes, a mais alta sublimação da poesia – esse apenas vivia e vive no culto dos que sabem a arte e a entendem. E entre estes

alistou-se, depois, Vicente de Carvalho, que, extintos os fogos da juventude, cristalizou, como Musset, em forma mais pura o esforço mais perfeito, as maravilhas de sua inspiração. Em seus primeiros versos nota-se ainda a influência bironiana, que vanguejava, então, nos últimos lampejos. A melancolia artificial do fim do século passado cobria-lhe, às vezes, de crepe a lira, a melancolia de Ossian cultivada no lirismo sentimental de Lamartine. Não se compreendia um poeta alegre, bem nutrido, bem calçado, nem deidade que tomasse regularmente as refeições. No restaurante do luar servia-se a estas uma gota, apenas, de rosicler na corola de um nelumbo, e àqueles, uma lágrima de mulher vertida na taça de ônix do crepúsculo. Os pobres bardos, com refeição tão escassa, viviam madrigazes, escaveirados, ganindo de fome e de tristeza... alimentados, apenas, de ideal.

Ouvi estes versos de Vicente de Carvalho naquela época, quando o poeta tinha menos de vinte anos:

Tu que és forte, rebrame em fúria, Natureza!
Eu, caído num fundo abismo de tristeza,
Invejo-te a expansão livre do temporal;
E no tédio feroz que me assalta e me toma,
Sinto ansiarem-me na alma instintos de chacal...
E compreendo Nero incendiando Roma!...

E tal tédio podia lá ser naquela época de alegres estudantadas, que alarmavam o ambiente provinciano da Paulicéia acadêmica com as ruidosas cervejadas do *Corvo*, as serenatas românticas, as atitudes à D'Artagnan ou à Dom Quixote, a capa espanhola e o chapéu desabado, de que ainda aqui vos podem dar notícia Augusto de Lima e Coelho Neto, da mesma geração do poeta, e de Raimundo Correia, Valentim Magalhães, Dias da Rocha, Pedro Lessa, Raul Pompéia, Teófilo Dias, plêiade brilhante que fazia vibrar as arcadas do casarão conventual do Largo de São Francisco com o trinçar e retrinçar de seus sonhos, que iam e vinham com a ronda das andorinhas de estação a estação?

Nem aquele tédio era crível, nem o satanismo baudelairiano de Wenceslau de Queiroz, que representava, então, o pólo oposto da poesia acadêmi-

ca. Encontravam-se, ambos, Nero e o diabo, e em alegre camaradagem iam comer m dos célebres bifes da *Sereia,* tão macios que se não se levava conta na força que se dava à faca cortava-se o bife, e o prato...

A natureza meiga e finalmente afetiva de Vicente revelava-se nas suas deliciosas Cantigas:

Sobe o sol? A noite desce?
Dia ou noite são-me iguais:
Quando chegas, amanhece,
Fica noite, se te vais.

Sei que há roseiras viçosas
Porque, com os olhos em ti,
Vejo cobrir-se de rosas
Um lábio que me sorri.

Seja abril ou junho, quando
Eu estou à tua espera,
Assim que tu vens chegando
Principia a primavera...

O amor ao mar, o oceanismo que mais tarde deve ser a nota predominante de seu plectro, já na primeira obra se prenuncia com *Beira-mar*, *Olhando o mar*, e *Marinha*, a pesca das tainhas em Santos, quadro de colorido magistral, iluminação exata, figuras admiravelmente traçadas, dinamismo palpitante, uma das mais interessantes páginas de nossa poesia descritiva.

A par desses primores, peralteava-lhe, às vezes, a fantasia em versos pitorescos entremeados em assuntos delicados, como os que se seguem, tirados de um "Madrigal":

Amanhece. No céu desestrelado
Raia o sol de janeiro
Rubro como um inglês enconhacado...

Terçava, às vezes, no verso como na prosa, as armas do humorismo, não sendo essa, que por sinal muito apreçava, a feição mais feliz de seu espírito.

Para fechar a notícia da primeira fase de sua vida literária, vou ler-vos a "Velha Canção", paráfrase de Hugo, que vos dará idéia da delicadeza de sua alma quando não se tomava dos furores delirantes de um Nero de vinte anos:

Nunca eu pensara em Rosa. Ela tinha vinte anos
Eu, quinze. Uma manhã deu-me ela o braço, rindo,
E ambos, rindo, a palrar, fomos leves e ufanos,
Campo em fora, a vagar sob o azul do céu lindo.

Muito senhor de mim, sereno, eu caminhava
A seu lado, a falar, com distraída voz,
De que? Nem sei. De mil nadas. Ela escutava:
E o seu olhar azul me perguntava: E após?

Tentando ela apanhar um jambo num jambeiro,
Prendeu-se lhe no galho a manga; e, arregaçada,
Pôs-lhe indiscretamente à mostra o braço inteiro.
Ela corou. Eu ri. Ela sorriu. Mais nada.

Insinuando-se entre a emaranhada alfombra,
Um córrego rolava espumas furta-cor.
Em roda, a natureza adormecera à sombra
Cheirosa e tutelar das árvores em flor.

Com um ar de criança, ela, rapidamente,
Descalçou-se... Eu sentei-me, à toa, no barranco;
Pus-me a olhar o regate, e na água transparente
Vi um pé pequenino alvejar, muito branco...

Voltamos. Rosa vinha apoiada a meu braço.
Absorta, mal dizia um sim ou não banal.
E eu achava-lhe um ar estranho, de cansaço
Ou desânimo... Um ar diferente, afinal.

Já nem sabia mais o assunto em que falar-lhe.
Caminhava ao seu lado, acanhado e indeciso.
Vendo-a, às vezes, sorrir, e, às vezes, borbulhar-lhe
Um suspiro através das rosas de um sorriso.

Fomos andando assim. Chegamos, está visto.
Ao separar-nos, Rosa, estendendo-me a mão,
Disse-me: – Bem, adeus! Não pensemos mais nisto!
...E é só nisso, afinal, que eu penso desde então.

Ressalvando-se a linguagem e as extravagâncias muito da época de seus primeiros versos, neles se anuncia o poeta vigoroso que, vinte anos mais tarde, "reduzido pelo tempo a idéias menos radicais", lançava segunda profissão de fé nestas palavras:

> No verso, as idéias e as expressões fundem-se, e não há meio de as separar. Não creio que haja poetas de forma, e poetas de outra espécie. Não sei de poeta digno desse título que valha por obra em estilo atamancado, e não exprima na língua de oiro dos versos que ficam, idéias e sensações. Em todos os tempos os versos que ficaram são os que têm a eternidade da perfeição.

Era sua conversão ao Parnasianismo que tanto guerreara. Daí por diante pode-se dizer que adotou a definição de Desmoulins, de que um verso nunca é bom quando pode ser melhor, e limitando a produção, procurou, apenas, aprimorá-la em edições sucessivas.

Dizia Sainte-Beuve a propósito de um poeta francês:

> Em poesia, podem-se lançar e perder muitas flechas. Basta, para glória do artista, que algumas delas alcancem em cheio o alvo, e façam ressoar toda a árvore profética, o carvalho de Dodona, nela se cravando.

Se bem que os carvalhos que circundavam o templo de Zeus, em Dodona, fossem muitos, e que vibrassem profeticamente não com flechas mas com o dedilhar das brisas, admitamos as flechas para dizer das desferidas por Vicente de Carvalho na fase do amadurecimento de seu estro nenhuma se

perdeu. *Poemas e Canções*, o volume que encerra o mais precioso de sua produção, é estojo opulentíssimo de jóias tão bem lapidadas como as dos ourives célebres de Ponte Vecchio.

Pelas galas do espírito, pelos recamos e afeites das imagens, pela plasticidade do verso, pela melodia dos ritmos, pelo harmonioso dos desenhos e pelo impressionismo do colorido, como por suas graças castiças e simpleza ática, é livro que por si só sagra um poeta.

Seus painéis são variados, da ingenuidade à grandiloqüência, ao épico, e ao sublime, que é atingido sem o gongorismo dos retóricos ou as interpolações dos didatas. Seus versos, entretanto, como o poeta confessa, custavam-lhe grande esforço. O que neles parece simplicidade é tortura de esmeril e de lima, mas tortura que encontra a forma definitiva sem se trair, sem se entremostrar, dando-nos a impressão de que o verso brotou espontâneo na modelagem perfeita. Falam-nos eles, às vezes, à sensibilidade como suaves frescos e encaustos no ambiente nostálgico de vetustas naves, cujos muros malferidos pelo tempo a hera religa, recompõe, cicatriza com suaves bálsamos e verdes óleos, a cerzir carinhosamente com a flor de sua mocidade o triste e descosido coração de uma velhice. Ungem-se outras vezes de misticismo, como nestes versos:

Maria! Nome tão doce,
Nome de santa... Parece
Que o digo como se fosse
O resumo de uma prece.
Tem tão mística doçura
Abre asas à fantasia:
Maria! – o lábio murmura,
E a alma ecoa: "Ave-Maria!"

Evocam-nos, então, a meia-luz das igrejas claustrais onde a própria sombra parece monja estendida no lajedo a soluçar um pecado de amor, e as notas lentas do órgão rebanho triste de monges que atravessa a nave a desfiar as contas de seu rosário...

São, outras vezes, velhas cerâmicas que decoram com seus tons azuis um muro encastoado em trecho de paisagem. Ou ainda esplendem de colorido, como céu primaveril que se desdobra em longo veludo, no qual se expõem jóias de raro fulgor, coroas de constelações, adereços de rútilas estrelas, e as pérolas raras que se aleitam nas nebulosas.

Do campo vasto de sua imaginação pode-se dizer o que dizia Latino Coelho da Hélade: cada colina tinha sua oréade, cada rio uma náiade, cada arbusto uma dríade, cada angra uma nereide, cada burgo um epônimo e uma história, cada pedra um mito ou uma tradição, e vivia a natureza a sorrir o riso dos deuses, e eram os valos frescos e umbrosos, as montanhas pitorescas, as veigas férteis, o mar cerúleo, o firmamento límpido e anilado. Sua concepção estética é a natureza, sem outra filosofia além de seu próprio panteísmo. No meio dela, ao vê-la ensolarada, ou velada pelas sombras do crepúsculo ou envolta no negro manto da noite, ao sentir-lhe o hálito sadio, a carícia das brisas, o perfume das flores e dos frutos, ao deliciar-se com a variedade cromática dos painéis, dos vales alfombrados de redolentes arbustos, das florestas de balbutir misterioso, das montanhas de imponente destaque, das colinas empampanadas de verdes festões e doirados racimos, ao contemplar-lhe todas as maravilhas e ao embeber-se de todas as suas belezas, o poeta entrega-se à inércia sensual, que não indaga, não analisa, não inquire de origens ou de finalidades. É nesta inércia sensual, neste panteísmo dionisíaco que vige e viça a poesia de Vicente de Carvalho. E seu próprio ateísmo, que o levou à célebre polêmica com o padre Sena Freitas, para defender a memória do amigo e do escritor, de Júlio Ribeiro, a cuja agonia se quis emprestar rumorosa conversão ao catolicismo, seu próprio ateísmo, dizíamos, não é mais do que o resultado da mesma inércia. O poeta receava perder as riquezas da contemplação se levasse aos olhos as lentes da análise. Sabia que as religiões nasceram da contemplação, para com elas nascer a filosofia, a par desta os sistemas teológicos que se reuniram pelo neoplatonismo, e depois pela escolástica, para matar todas as belezas pagãs, e construir um mundo triste, que se gera na dor, que vive na dor, e na dor se sepulta.

Não queria ir além da contemplação. Vivia extasiado diante de uma paisagem encantadora, paisagem que ele mesmo transplantara com suas mãos, desde a plantinha delicada que o impedia quase de respirar para não a fenecer

com o calor de seu hálito, até a árvore secular, cujo peso e cuja majestade carregara em suas estrofes; desde o primeiro orvalho das manhãs de sol, que colhera em conchas nacaradas, e transportara com o passo de um atáxico, lambendo o solo com os pés de medo que se ele derramasse, até a matilha de maretas que desaçamara para perseguir a terra em flor, que "com o fito de escapar aos braços do oceano se escondia e ansiava atrás de cômoros de areia e de penhascos de granito"; desde o sargaço que "ao ouro leve do sol bubuia atoa" sobre as vagas até os barcos de pescadores, de velas enfunadas como o peito alvo das garças; desde o pequenino nada até o grande tudo, que em toda a natureza encontravam seus versos fonte de amor e de beleza. Avaro de seu precioso gemário, do inapreciável joial que sua lira dessamoucara, facetara, burnira e engastara, guardava-o a sete chaves, como se guardam os grandes tesouros da terra. Temia o étnico de Estagira e o apóstolo messiânico. Temia que um ou outro lhe arrebatasse toda aquela riqueza de sonho que dormia descuidada a um canto do bosque, ou nas orlas do mar. Sua religião, entretanto, corria a cortina a todos os horizontes, transmontava alturas, vadeava rios, transpunha cordilheiras, vencia os mares e vazava as distâncias, porque sua fé que era a própria natureza estava em toda parte, e ia dentro de sua própria alma, inconsciente, apenas, das fórmulas e dos dogmas.

A paixão pelo mar acentua-se na segunda fase de sua métrica. Nas *Palavras ao Mar*, cujos primeiros versos

Mar, belo mar selvagem
De nossas praias solitárias,

ficaram em todas as memórias como os "verdes mares bravios de minha terra natal", de Alencar, respira-se a frescura das brisas marinhas, o cheiro picante da salsugem. Suas ondas movem-se, acachoam-se, despedaçam-se nas areias da praia. Seus pescadores, desde a figura até o linguajar, são humanos, quase palpáveis.

São versos brancos que para Voltaire nasceram apenas da impotência de vencer uma dificuldade, e para Banville nunca poderiam ser versos, asserções que Vicente de Carvalho destrói com a exuberância, a harmonia, e a perfeição de seu ritmo.

Do mar diz Shakespeare que é infiel como as mulheres, e destas afirmou Catulo, castigado pela ingratidão de Lésbia: "o que diz uma mulher àquele a quem ama deve-se escrever sobre a onda fugitiva ou sobre as asas do vento"...

Nam mulier cupido quod dicit amanti
In vento et rapida scribere oportet aqua.

Se um não é justo para as mulheres, ninguém acoimará de injusto o que definiu as perfídias do mar. Vicente não as conheceu, entretanto. Era um pescador apaixonado, não platônico como Alphonse Karr, para quem a pescaria seria ainda mais interessante se não existissem peixes. Para os pescadores contemplativos o peixe deve ser o importuno que lhes perturba a abstração picando o anzol... Vicente, porém, não pensava assim. Pescava pelo prazer de colher o peixe.

Numa pescaria perdeu um braço, e outra foi a causa de sua morte.

Estivera horas e horas sobre um penhasco a pescar, em dia de tempo rude e hostil, indiferente à chuva e ao vento, lhe proveio a grave moléstia que o arrebatou dentre nós.

Era um exilado do mar e da floresta na civilização urbana. Em carta a um amigo assim se exprimiu:

Veste-me a pele branca o espírito desnudo,
Corre abundante em mim sangue de guaianás,
Simples, rudimentar, insubmisso, incapaz,
Ai, no fundo não sou mais do que um bugre, eis tudo!
Que porventura herdei de algum avô beiçudo.

.....

Imagina esse filho inculto da floresta,
Que ama o céu porque é belo, e ama o sol porque luz,
– Perdido na cidade ignóbil e funesta,
Cheia de sombra e pó, caiada e desonesta,
Velha Aspásia, garrida, e a desfazer-se em pus.

Referindo-se, em seguida, na mesma carta ou confissão íntima, à magistratura, de que foi um dos luminares, define-se:

Alma apenas capaz de adejar, fugidiça,
Em vôos leves de uma asa de beija-flor;
E obrigada a pairar nas regiões da Justiça
Como um corvo que sobe ao céu, todo esplendor
Para, do alto, melhor lobrigar a carniça...
Ai, a alma do tupi, bem mal domesticada
A macaqueação cabocla do europeu,
Conserva, forte e viva, a angústia de exilada
A saudade fiel de tudo que perdeu,
Da floresta nativa, ausente e devastada.

Costumava Vicente de Carvalho contar a seguinte passagem, que aplicava a seu modo de ser. Ao despedir-se o General Couto de Magalhães do chefe de uma tribo de caiapós do Amazonas, que o hospedara em sua taba, convidou-o a vir morar no Pará, enumerando-lhe todas as comodidades que aí encontraria, caminho de ferro, bondes, luz, telefone e mil outras. O índio pensou um momento e respondeu:

– Não vou. E o melhor é o senhor ficar aqui, onde não se precisa de nada daquilo!

Vai longo, porém, este louvar, e há tanto que dizer! Como deixar, entretanto, de me referir ao "Pequenino Morto", jóia delicadíssima de sentimento, a seus admiráveis sonetos de cunho camoniano, aos fragmentos da *Arte de Amar*, de suave lirismo e que ficou por concluir, e a muitos outros lavores primorosos? Não posso, igualmente, calar minha grande, minha profunda admiração por "Fugindo ao cativeiro", que é para mim, fraco entendedor de versos, e incapaz de os fazer, a página mais vigorosa, mais robusta, mais extraordinariamente batida e mais imperecível de todo seu rimário, porque é profundamente nossa, profundamente humana, arrancada da mais dolorosa das tragédias nacionais. Nossos poetas, com poucas exceções, como a de Castro Alves, quando quiseram tentar a elegia e a poesia épica, pediram a terras estrangeiras, a história estranha, os motivos de seu carpir e de seu arroubo.

Vicente de Carvalho conseguiu dar-nos uma tragédia hugoana, um drama de raça, sem sair das fronteiras de nossa história, tão rica de epopéias ignoradas, e no-la deu dentro do incomparável cenário da selva virgem, ainda ressoante do heroísmo guerreiro das tribos indígenas, do rechinar das flechas, do estridor e alarido dos conclamas bélicos, do ulular dos borés, do trapezape dos tacapes, do cascavelar dos maracás, dos rinchos e bufidos das feras, em imortal alto relevo gravado com o bronze da carne negra dos escravos no bloco de verde mármore da floresta soluçante, cujos rios transformou em lágrimas desesperadas a jorrar de pálpebras de granito. É uma das poucas e comoventes messenianas que temos em nossa poesia. Além da riqueza dramática das cenas, e do vigor das rimas, há ainda a considerar o apuro da propriedade de expressão, como neste verso:

Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras

que nos dá, na simples palavra muge, impressão auditiva exata do longínquo ruído das águas. Esta cata do termo exato e original depara-se nos a cada passo na obra de Vicente. As rajadas descabelavam as maretas, as ondas coaxavam, o marulho gorjeava tristemente e outras formas de dizer igualmente originais abundam em seu verso e em sua prosa.

Acerca da obra de Vicente de Carvalho disse nosso ilustre presidente,[I] em uma de suas, como sempre, brilhantes páginas:

> Quando se enumeram os grandes poetas que apareceram entre nós no último quartel do século passado, cita-se Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Olavo Bilac. É a trindade gloriosa. No entanto há nela uma injustiça. Por que não se aponta poeta da mesma geração e de igual valor, Vicente de Carvalho? A designação de trindade não se oporia à entrada de mais um nome, malgrado todos os protestos possíveis da matemática porque os famosos três mosqueteiros de Dumas eram, também, quatro...

I Medeiros e Albuquerque.

Mas tal injustiça, se essa trindade resumisse, na opinião da crítica, as glórias poéticas daquele período, seria igualmente notória para com outros da mesma geração, como Luís Murat, que ainda hoje ilumina esse recinto com as cintilações de seu espírito, ao lado de Alberto de Oliveira, esse tipo heráldico de príncipe, nobre no porte, no gesto, no olhar, na voz, com distinção tão própria e tão imponente que suas maneiras deslembradas de artifício têm vagares solenes de rituais, e que, se não fosse tão alto de porte, e não sobrasse em altura de alguns decímetros à medida, seria em pessoa um dos mais belos de nossos alexandrinos.

Mas injustiça não existe porque todos aqueles nomes andam entrelaçados na admiração nacional.

Vicente de Carvalho foi um pouco de tudo, além de poeta. Foi advogado, foi magistrado, tendo chegado a ministro do Tribunal de São Paulo; foi fazendeiro, e extraiu da Natureza, além do oiro da poesia, papel moeda de boa circulação; foi jornalista, e ainda perdura a fama do *Diário da Manhã*, na fase de sua direção; foi político, e chegou a secretário do governo de seu Estado; foi industrial, e dirigia ainda ao morrer importante empresa de viação; foi cultor de assuntos econômicos, e tem trabalhos publicados acerca da valorização do café; foi cronista, polemista, conferencista, e até mesmo, o que pouco se sabe, escritor de uma comédia para amadores, que se intitula *Luizinha*, e está publicada. Se bem que o epigrama não fosse o feitio de seu espírito, deixou-nos também alguns de acerado gume, como o seguinte, acerca do beijo das mulheres:

Lábios feitos de mel, de rosas ao sereno,
De céu do amanhecer franjado em rosicler
Entreabriu-os Satã; e, enchendo-os de veneno
Sorriu. Tinha inventado o beijo da mulher...

Dissemos que o humorismo não foi a feição mais feliz de seu espírito, mas, como os bons espíritos em tudo que lavram herdam bom fruto, também nele legou-nos Vicente algumas páginas deliciosas, como *Crianças*, que já foi lida nesta Academia por Humberto de Campos, e que reproduzo:

Era o dia de São José, daquele velho barbudo, calvo, túnica vermelha caindo dos ombros, nas mãos o cajado de amendoeira milagrosamente abotoado em flores, e que, desde longínquos avós de cuja memória já só ele restava, se mantinha como o santo predileto na devoção da família.

Era o seu dia, segundo a consagração do calendário. E ao fundo do oratório aberto, destacado, dominando de toda a majestade de sua estatura de dois palmos uma corte de pequenas imagens secundárias, com um ramo fresco de lírios aos pés, o santo resplandecia no clarão da vela benta piedosamente acesa em sua honra. Ali estava ele, iluminado e glorioso, o bem-aventurado carpinteiro de Belém, escolhido por Deus, como o mais puro entre todos os homens puros, para depositário e guarda fiel da predestinada, fecunda virgindade de Nossa Senhora.

Segundo uma tradição remota e que vinha, de geração em geração, transmitida de pais a filhos, a velha e encardida imagem recebia pontualmente todos os anos, naquele dia que o calendário lhe destinava, uma singela homenagem de veneração, de confiança e de amor, sob a forma de um ramo de lírios que se desfaziam em perfume aos seus pés, e de uma vela benta que ardia e se derretia em sua frente.

Os três pequenos, pilhando-se sozinhos, livres de qualquer intervenção adulta, tinham resolvido entre si dar uma busca ao interior do oratório aberto. Jorge, o mais velho, concebera a idéia e dirigiu a ação. Era já um homenzinho de cinco anos, chefe natural e terrível do grupo. Fecundo em planos e travessuras, ousado na execução, distribuindo com mão forte e pródiga despojos e taponas, Jorge era acatado e seguido.

Puxou vigorosamente para junto da meia cômoda, em que assentava o oratório, uma cadeira; ergueu para esta o Joãozinho, cujos três anos eram ainda incapazes, sem apoio e sem auxílio, de altas cavalarias como essa...

– Agora você! disse com voz de comando, dirigindo-se à irmãzinha; e ajudou-a a subir. Em seguida, cumpridos os deveres de chefe, Jorge subiu por sua vez, colocando-se atrás dos outros dois.

E os três, encantados, puseram-se a examinar a um por um os sagrados moradores do oratório.

Havia um São Pedro, com os olhos cheios de arrependimento de ter negado o Divino Mestre, fitando vagamente o teto. Tinha na mão a chave dourada com que abre às almas dos eleitos as portas da bem-aventurança; e, a seus pés, o

galo tradicional, talhado toscamente, abria as asas desiguais, esticava o pescoço, um pescoço exagerado de cegonha, e repousava sobre a túnica azul do santo a crista quase quadrada.

Fronteiro a São Pedro, com o cordeirinho branco aos pés, a face rubicunda e moça, as pernas nuas até o joelho, São João apoiava a mão esquerda na longa curva do seu cajado de pastor, e estendia o braço direito num gesto majestoso de benção ou de prédica.

São Francisco, dentro do seu comprido hábito negro, tinha um ar de suave humildade, com os olhos baixos, o rosto inclinado para o chão e emoldurado por umas enormes, incríveis barbas cor de chumbo.

Completava a coleção das pequenas imagens uma pequenina Senhora das Dores, doce figura de mãe angustiada, com o punhal simbólico cravado no coração até o cabo, as mãos postas, os olhos aflitos e lacrimosos erguidos para o céu.

A primeira cousa que atraiu o olhar do mais pequeno foi o cordeirinho de São João:

– Um bicho – disse ele apontando com o dedinho esticado.

– Não é bicho – corrigiu Jorge – é carneiro.

– Ele morde?

– Não, – explicou o mais velho; – só dá chifrada.

– Mas ele não tem chifres! – interveio Vivi.

Jorge não gostou da objeção que infringia o respeito devido à sua autoridade em assuntos relativos aos animais. E retrucou:

– Tola! Ele dá chifrada com a cabeça.

Eu tenho medo dele – disse Joãozinho.

– Não é carneiro de verdade – assegurou Jorge. – Não se mexe. Quer ver?

Agarrou pelo pescoço o cordeirinho de São João, e puxou-o. A frágil massa partiu-se; e ficou solta na mão de Jorge a cabeça do animalzinho degolado.

E agora? – perguntou Vivi assustada. – Eu não disse?

Vivi, note-se, nada tinha dito àquele respeito.

Jorge, porém, era corajoso e resoluto; meteu rapidamente no bolso a parte arrancada do cordeiro, dizendo:

– Não faz mal, eu escondo. Ninguém conte, hein?

Pouco preocupado com aquele incidente, tão simples e tão vulgar, o despedaçamento de um objeto, Joãozinho olhava já atentamente para o galo posto aos pés de São Pedro.

– Que é aquilo? – perguntou, desconhecendo a figura mal feita.

– É uma galinha – explicou Jorge.

– Eu quero a galinha! – declarou Joãozinho.

– Não – acudiu Vivi. – Aquilo é do santo.

– Mas eu quero!

Jorge era generoso: arrancou e deu ao irmão o galo de São Pedro, com as pernas partidas, e sem crista, que ficara pregada à túnica azul do santo.

Vivi reparou na imagem da Senhora das Dores, por cuja face desbotada pela mágoa corriam lágrimas de sangue; e, comovida, perguntou:

– Por que será que ela está chorando?

Jorge replicou prontamente:

– Você não vê que ela está com uma faca enterrada no peito?

Coitada! – murmurou Vivi. – É melhor tirar a faca.

Jorge tirou a faca.

– Quem será o mau que deu a facada? – perguntou Vivi.

– Foi o barbudo! – opinou Joãozinho apontando para São Francisco.

Devia ter sido mesmo: São Francisco, com a sua longa túnica negra, as suas enormes, incríveis barbas cor de chumbo, era a figura mais feia da coleção.

– Com certeza foi ele! – concordou Vivi.

– Foi! – decidiu Jorge. – Pois vai de castigo.

E agarrando São Francisco, meteu-o, preso, no vão escuro entre o oratório e a parede.

Chegara a vez de São José, que jazia, no lugar de honra, ao fundo do oratório. Jorge, com a erudição pitoresca apanhada nas conversas em que a família, de quando em quando, comentava o padroeiro, começou a instruir os irmãozinhos:

– Aquele é o marido de Nossa Senhora, é o pai do Menino Deus. Mas o Menino Deus não é filho dele, é filho do Espírito Santo, que é uma pombinha.

– É uma pombinha que anda nas folias, em cima da bandeira – interrompeu Vivi.

– Eu já vi! – disse com importância e orgulho o Joãozinho.

– Chama-se São José – continuou Jorge. – Dantes era carpinteiro; agora é santo. Quando o Menino Deus nasceu, apareceu uma estrela. Os pastores todos foram rezar. Foram também três reis. Um era preto.

– Um rei preto! – estranhou Vivi.

– Preto, sim. Na terra dos negros o rei é preto. Mas é rei.

– E as princesas?

– As princesas, não; que boba! As princesas são umas moças muito bonitas, com cabelo de ouro, e uma estrela na testa... O outro rei mandou matar o Menino Deus...

– Por quê? – perguntou Vivi.

Jorge hesitou. Na realidade ele estava pouco a par das razões políticas de Herodes; mas não quis dar parte de fraco, e, depois de refletir um momento, respondeu a Vivi:

– Ora porque... Porque era um rei muito malvado.

– E mataram o Menino Deus?

– Não puderam, capaz! São José pôs Nossa Senhora com o Menino Deus no colo, em cima de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado; e todos três fugiram para outra terra...

Joãozinho, apertando na mão o galo arrancado a São Pedro, dobrara sobre a cômoda o braço, encostara a este a cabecinha loura, e cochilava, no aborrecimento daquela exposição de História Sagrada, que Jorge ia cosendo de farrapos. Mas à alusão de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado, espetou e deu um aparte:

– O santo está sujo.

Efetivamente. O tempo e a fumaça da vela benta, acendida sempre, durante anos, no dia consagrado a São José, haviam encardido a imagem, desbotando-lhe as cores, envolvendo-a com uma poeira baça e gordurosa.

– É mesmo – disse Vivi reparando. – Está muito sujo. Coitado, é preciso limpar ele.

Jorge decidiu-se logo a limpar o santo. Fez descer da cadeira os irmãos, afastou as pequenas imagens, e o ramo de lírios. Agarrou com a mão esquerda a peanha, e com a direita o pescoço de São José. E, num gesto decidido e forte, tirou-o do oratório.

Daí a instante, São José estava no chão, sozinho, no meio do quarto, anulado e pequenino. Jorge trouxe uma bacia de rosto, larga e funda; e, enquanto vasava nela a água do jarro, ordenou a Vivi que trouxesse o sabão.

Sentaram-se os três. Joãozinho quis logo meter na bacia o galo. Mas Jorge suspendeu-lhe o braço, asseverando que não se põem as galinhas nágua, porque se

afogam. E, segurando com todo o cuidado o barbudo, calvo, venerável São José, deu-lhe um mergulho.

– Agora, você! – disse ele, dirigindo-se a Vivi. – Mulher é que lava.

Vivi não se fez rogar. E, carinhosamente, pôs-se a ensaboar o santo.

Daí a momentos, na confusão das tintas que se desmanchavam, São José tinha a barba azulada, o rosto coberto de manchas, a sua calva, aquela austera calva tão lisa e tão lustrosa, aparecia salpicada de rubores que lembravam uma empingem.

Jorge reparou nisso; e ordenou a Vivi que lavasse melhor, com mais força.

Vivi esfregou com energia. A massa molhada começou a esfarelar-se.

– E agora? – perguntou Vivi assustada.

Jorge não respondeu. Tinha ouvido passos na escada. Era a mãe que subia, a ver, decerto, que faziam os três traquinas, tão sossegados havia tanto tempo. Jorge, muito ligeiro, nas pontas dos pés, escapou-se. Vivi seguiu-o logo, enxugando no vestidinho branco as mãos molhadas de tintas diluídas da imagem de São José. Joãozinho, então, sem reparar em nada de todos esses incidentes, percebendo, apenas, que ficara único senhor do campo, apoderou-se do santo, e pôs-se, muito entretido, a lambuzá-lo de sabão. Encontrou-o a mãe nessa tarefa, a que se entregava conscienciosamente; e avançou para ele no momento preciso em que Joãozinho acabava de esfarelar com todo cuidado uma orelha de São José.

– Maroto! – exclamou ela.

E ia fazer cair sobre Joãozinho o castigo merecido pelo horrendo crime, cujos vestígios e destroços via no soalho e no oratório devastado, quando lhe acudiu à reflexão de que tudo aquilo não podia ser obra só do pequerrucho, de que havia forçosamente, no caso, intervenção de mãos mais hábeis, de braços mais fortes, de figura mais taludinha...

– Foi aquele pestinha! – murmurou indignada, pensando em Jorge.

Arrancou das mãos de Joãozinho a imagem escalavrada de São José, beijou-lhe os pés com palavras compungidas em que pedia perdão do sacrilégio dos filhos, e repôs o santo em seu oratório forrado de azul com estrelinhas de ouro, cercou-o com sua corte de pequenas imagens, todas mais ou menos mutiladas, só faltando São Francisco, que continuava oculto, de castigo, no vão escuro... Cumpridos estes atos de piedade, voltou-se para Joãozinho, que apanhara do soalho o galo de São Pedro, e o conservava na mão:

– Você fez uma coisa muito feia, e vai apanhar ou vai para o quarto escuro.

Joãozinho, aterrado, só respondeu:

– Não, mamãe, não!

Ela, porém, muito enérgica:

– Escolha: ou apanha ou vai para o quarto escuro!

Joãozinho fitou-a. Percebeu no rosto severo da mãe que não escapava mesmo. Ora, ele nunca tinha apanhado – e conhecia já o quarto escuro. Escolheu choramingando:

– O quarto escuro, não.

– Vá, então, buscar o chinelo para apanhar.

Joãozinho foi, de cabeça baixa, como um criminoso que era. Quando voltou, trazia sempre na mão esquerda o galo de São Pedro; e empunhava na direita um pé de chinelinho da Vivi...

– Com este, sim? – implorou.

E ia entregar o quase inofensivo instrumento de suplício, quando se arrependeu, retraiu o braço, susteve-se... e com o rosto aflito, os olhos suplicantes, numa vozinha entrecortada de susto e de choro:

– Eu mesmo me dou, sim, mamãe? Eu me dou com força, eu prometo que me dou com toda a força.

Orgulhoso e cioso de sua terra, como todo o paulista, do nobre orgulho que não representa jactância senão estímulo para todos os cometimentos que possam engrandecer a pátria comum, engrandecendo a região, orgulho que longe de ser censurado como bairrismo devia ser cultivado como a forma mais fecunda de patriotismo nas federações, Vicente de Carvalho tomava parte ativa e entusiástica em todas as suas iniciativas. Foi, por isso, e por natural melindre, que pleiteou ardorosamente uma poltrona na Academia Paulista de Letras, quando já, entretanto, fazia parte desta ilustre companhia. Eu pertencia àquela academia. Vicente protestara contra sua fundação, pelo que não fora nela incluído. Irritou-se com isso. Escritor e paulista, julgava-se com direito a uma das poltronas. Publicou, então, formidável catilinária, incluída no seu volume *Prosa e Verso*, que fez distribuir à entrada do salão do Conservatório Dramático onde se realizava a sessão inaugural da Academia.

Era um dos acadêmicos o Dr. Joaquim José de Carvalho, médico notável, e escritor fogoso, com muita leitura clássica, possuidor de boas letras, e ainda lembrado no Rio, onde fez suas primeiras armas de imprensa, e de magistério, ao lado de Abílio César Borges. Tomou-se o Dr. J. J. de Carvalho com a investida do poeta, e entre ambos daí por diante estabeleceu-se a luta. Vagou a poltrona ocupada pelo Dr. Rafael Correia da Silva. Vicente resolveu pleiteá-la e fê-lo com ardor, publicando, então, o volume de prosa *Páginas Soltas*, a propósito de sua candidatura. Bateu-se vivamente contra os esforços do Dr. Carvalho, o Carvalhão, como lhe chamávamos, forte, alto de porte, de vozeirão tonitroante, mas de imensa meiguice e dedicação para com seus companheiros.

No manifesto dirigido à Academia, Vicente penitenciou-se dos ataques que lhe havia dirigido, e a Academia sem rancor elegeu-o para a Cadeira vaga, com justo e legítimo orgulho de tê-lo entre seus membros, recebendo-o o barão de Brasílio Machado com formosíssima oração.

Em *Páginas Soltas*, Vicente afivelou artigos, crônicas, contos, estatísticas, cálculos, querendo dar talvez definição da variedade de assuntos que sua pena versou, e sempre com inteiro brilho, apaixonando-se por todos eles, como se apaixonava por todos os fidalgos da corte a linda madame de Esparbés. Conta-se dela, a cujas encantadoras mãos, modelo de perfeição, cabia nas ceias de Luís XV a gentil tarefa de descascar as cerejas para Sua Majestade, que as não comia senão assim, que seu coração era volúvel como uma pena de marabu exposta à mais ligeira aragem. O homem era, para a apaixonada Esparbés, um estojo encantado que nunca se esvaziava de sedução.

> Sabendo um dia Luís XV das travessuras de sua favorita, disse-lhe, irritado:
>
> – Como posso crer em tuas palavras de amor, se foste amante de quase todos meus súditos!
>
> – Oh, *sire*, não exagereis! – respondeu-lhe com ar modesto a Esparbés.
>
> – Foste amante do duque de Choiseul.
>
> – Não nego! Deixei-me deslumbrar por seu poderio, pobre de mim!
>
> – Pertenceste ao marechal de Richelieu.

– Não nego, *sire*, mas ele tem tanto espírito. Se vossa majestade soubesse...
– Cale-se! – gritou Luís XV. – Foste amante de Manville.
– Oh, *sire*, ele tem tão linda perna...
– Seja, mas o duque de Aumont, que nada tem, por que lhe cedeste?
– Oh, *sire*, ele é tão amigo de vossa majestade...

Tenho vivido dentro da natureza e para a natureza, a morte não o apavorava. Era a reintegração. Não queria, porém, a cova, e à imitação dos Parsis, de Bombaim, que expõem os cadáveres ao ar livre no mais alto ponto da crista rochosa de Malabar-Hill, em jardim luxuriante, diante de panorama vastíssimo e cheio de beleza, para que ali se reincorporem ao universo, assim versejava:

Poupem-me quando morto à sepultura: odeio
A cova, escura e fria.
Ah, deixem-me acabar alegremente, em meio
Da luz, em pleno dia!
O meu último sono eu quero assim dormi-lo:
Num largo descampado,
Tendo em cima o esplendor do vasto céu tranqüilo,
E a primavera ao lado.

E em lindíssimas estrofes descreve o cenário no qual desejaria repousar para sempre, ouvindo passar em redor um frêmito de gozo, e, no farfalhar das árvores, moroso, o rumor de um beijo:

Palpite a natureza inteira, bela e amante,
Voluptuosa e festiva,
E tudo vibre e esplenda, e tudo fulja e cante,
E tudo sonhe e viva!

Eis, Senhores Acadêmicos, em poucos e mal ataviados traços, a notícia da obra e da vida de Vicente de Carvalho, notícia que não pode deixar de ser ligeira pela deficiência de meu engenho e pela escassez da hora que vossa paciência me concede. Minhas palavras, obrigatórias neste ato, e só por força dessa obrigação toleráveis, devem, apenas, ter obscurecido o intenso brilho

das jóias que vos expus. Vossas luzes, vosso superior discernimento, e vossa arguta perspicácia impuseram-me o cilício desta dura prova, em que minha humildade mais se humilhasse para poder aquilatar da honra que me concedeis. Esquecei-vos, pois, de minhas palavras, lembrai-vos, apenas, dos versos do poeta, e que se realize plenamente o desejo e a ambição por ele expressa, "a ambição de deixar sua alma ecoando sonoramente em outras almas".

Que seus versos, esterroada a impura ganga desta desconforme oração, fiquem só eles a ecoar nesta sala. Seu corpo não se pôde reintegrar na Natureza, na plena glória e na plena luz de Malabar-Hill: que seu espírito se reintegre no espírito da nacionalidade, na mais alta de suas elevações, em todo o esplendor de nossa natureza, com toda a glória de nossa luz, repetindo ainda:

Amortalhe-me a noite estrelada: arda o dia
Depois, claro e risonho;
E seja a dispersão na luz e na alegria
O meu último sonho...

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SR. CLÁUDIO de Sousa,

Vosso formoso discurso contesta a pobreza com que vos aprouve qualificá-lo, nessa expressão de humildade que em casos tais é de velha praxe revestir a oração dos neófitos. Sempre que um cristão novo penetra os umbrais das academias, a curiosidade dos que vão ouvi-lo anseia por ver como se despojará ele dos seus méritos para exaltar a generosidade dos que o elegeram. Contra a usança tradicional só conheço uma exceção: a do autor de *Le Crime de Sylvestre Bonnard*, que acaba de fechar os olhos numa auréola de imensa glória. Anatole France, ao tomar posse de sua cadeira, na Academia Francesa, começou o seu discurso com estas palavras mescladas de sinceridade e ironia:

> *Je vous ferai d'abord mon remerciment. Vous approuvez que j'emploie sans parure le mot en usage parmi vous depuis deux siècles et demi. Je vous rends grâce de m'avoir admis dans votre compagnie, la plus illustre du monde. Et, par respect pour vous, je me garderai de déprécier votre choix et de me répandre sur moi-même en réflexions que je devais mieux faire dans le moment de soliciter vos suffrages qu'après les avoir obtenus.*

Felizmente, Sr. Cláudio de Sousa, tivestes o bom gosto de não desestimar nossa escolha no pleito, que vos deu a vitória, e a que concorreram candi-

datos de alto renome. Quisestes atribuí-la a um estímulo em favor do teatro nacional. Creio que tereis acertado. Acabais de dizer que vossa ambição foi a de reconquistar para o teatro brasileiro a Cadeira que lhe fora designada nesta companhia. Não se devem confundir todos os ambiciosos, dizia o Marquês de Vauvenargues; se tal ambição é vício, outra pode ser virtude. A vossa foi virtude. Sabemos todos o que vos deve este pobre teatro nacional, tantas vezes morto e outras tantas ressuscitado, e o que ainda alcançará do vosso esforço, da vossa tenacidade, do vosso talento. Estou certo que sabereis honrar a memória do vosso patrono, o insigne criador da comédia brasileira, e a do titular originário da Cadeira que ora ocupais, e que foi o melhor dos discípulos de Martins Pena, como soubestes enaltecer o grande poeta que vos precedeu nesta Casa.

A Academia ouviu, enlevada e cativa, o elogio de Vicente de Carvalho, que traçastes com mão segura, guiada por uma viva admiração e por um sentimento exato e profundo da sua poesia e da sua arte. Com razão notastes que a concepção estética de Vicente de Carvalho é a Natureza, sem outra filosofia além de seu próprio panteísmo. Suas estrofes virgilianas são imagens visuais da alma misteriosa das coisas. A maravilha das manhãs de sol, a carícia da aragem, a paz harmoniosa das selvas, a agonia das tardes melancólicas, a doçura das noites de luar, uma flor aberta ao anseio das abelhas, "um pedaço de muro engrinaldado de hera", tudo palpita de um frêmito comovido no ritmo do seu verso. Mas é o mar, "o belo mar selvagem das nossas praias solitárias", que principalmente o atrai, que o domina, que o deslumbra:

Ah! vem daí por certo
A voz que escuto em mim, trêmula e triste,
Este marulho que me canta na alma,
E que a alma jorra desmaiado em versos:
De ti, de ti unicamente, aquela
Canção de amor sentida e murmurante
Que eu vim cantando, sem saber se a ouviam,
Pela manhã de sol dos meus vinte anos...

Não tem segredos para Vicente de Carvalho, poeta do mar e do amor, como lhe chamou alguém, o sinistro ulular das águas revoltas, o murmúrio

suave das ondas quietas sob o sudário do crepúsculo, a infinita solidão do deserto azul, a luminosa alegria das nossas praias, inundadas da espuma que brinca nas areias doiradas...

É assim que ele ouve, quando morre a luz do dia, o sussurro, das águas tranqüilas:

Escutai bem... Quando entardece,
Na meia luz crepuscular
Tem a toada de uma prece
A voz tristíssima do mar.

Ou quando, implacável, em fúria, irrompe do seio das trevas o rugido do oceano:

Mais formidável se revela
E mais ameaça, e mais assombra,
A uivar, a uivar dentro da sombra
Nas fundas noites de procela...

O mar é o velho confidente dos seus sonhos, das suas esperanças, dos seus desencantos. "O mar é para mim como o céu para um crente." Ele o confunde com as suas alegrias ou as suas mágoas e o associa aos seus amores com enternecida volúpia:

Beijando a areia, batendo as fráguas,
Choram as ondas; choram em vão:
O inútil choro das tristes águas
Enche de mágoas
A solidão...

Duvidas que haja clamor no mundo
Mais vão, mais triste que esse clamor?
Ouve que vozes de moribundo
Sobem do fundo
Do meu amor...

Ninguém sabe o que suporta
O mar que chora na areia
Por essa tristeza morta
Das noites de lua cheia:
Embaixo, o pranto das águas,
Em cima, a lua serena...
E eu, pensando em minhas mágoas,
Ouço o mar, e tenho pena...

Nenhum poema de Vicente de Carvalho traduz, com mais relevo e intensidade, essa fusão maravilhosa do mundo exterior e do pensamento, da natureza e da sensibilidade, do que o *Sonho Póstumo,* cujos derradeiros versos serviram de fecho ao vosso magnífico discurso. Foi pena que não tivésseis recitado o poema inteiro, que é das melhores páginas da poesia em língua portuguesa. É um hino panteísta de bela inspiração, onde vibra, em êxtase, ardente e sensual, a alma do poeta, identificada com a natureza, dispersada no esplendor da luz, no perfume das flores, no ramalhar das árvores, no gorjeio dos pássaros. Ele aspirava, como outro poeta paulista, tão esquecido em nossos dias, à dissolução de todo o seu ser no seio amorável da natureza eterna. Conheceis o soneto célebre de José Bonifácio, que assim termina:

Lá, fico aragem, folha, passarinho;
Lá me transforma em eco a solidão
E a natureza inteira abre-me um ninho.

Ó deus de amor, ó deus da criação,
Prende minh'alma aos musgos do caminho,
Derrete-me no espaço o coração!

Este anelar pela morte em comunhão com a Natureza, este impetuoso desejo de se dissolver amorosamente na essência flutuante das coisas, inspirou à insigne poetisa condessa Mathieu de Noailles, irmã espiritual de Vicente de Carvalho na glorificação das maravilhas da terra, o admirável poema *La nature et l'homme,* onde cantam estes versos imortais:

Nature, je reviens à vous sur toutes choses.
.....
Je vivrai désormais près de vous, contre vous,
Laissant l'herbe couvrir mes mains et mes genoux
Et me vêtir ainsi qu'une fontaine en marbre.
Mon âme s'emplira de guêpes comme un arbre,
D'échos comme une grotte, et d'azur comme l'eau;
Je sentirai sur moi l'ombre de vos bouleaux;
Et quand le jour viendra d'aller dans votre terre
Se mêler au fécond et végétal mystère,
Faites que mon cœur soit une baie d'alisier,
Un grain de genièvre, une rose au rosier,
Une grappe à la vigne, une épine à la ronce,
Une corolle ouverte où l'abeille s'enfonce...

Vicente de Carvalho, discorrendo certa vez sobre os versos de Amadeu Amaral, que considerava de uma alta perfeição, dos mais perfeitos e dos mais suaves da nossa língua, não compreendia a indiferença desse belíssimo poeta, profundamente subjetivo, pela natureza que o cerca: "A natureza não o encanta pela grandeza ou pela doçura dos seus aspectos, não o atrai pelo mistério das suas maravilhas, não o subleva contra a fatalidade inconsciente e brutal da sua força; não lhe inspira amor, ou simpatia, ou admiração, ou curiosidade, ou ódio, ou terror. Inspira-lhe simplesmente a mais serena indiferença. Não há paisagem que lhe detenha o olhar, não há fenômeno físico que lhe seduza a atenção. Ele passa sobre a terra como sem a ver, todo embebido na névoa do seu sonho." Aí está, nessas breves palavras, toda a essência da poesia de Vicente de Carvalho. A sua vida interior, as forças invisíveis da sua consciência, os mistérios silenciosos do imenso mundo moral que dentro dele palpitava, raramente desabrocharam, em alvas flores de primavera, ou em pérolas de dor e sofrimento, nas suas estrofes cristalinas. A natureza o absorveu no seu seio deslumbrador, envolvendo-o numa auréola resplendente de luz. A sua musa, coroada de rosas, expande-se numa exaltação pagã diante de todos os símbolos da vida exterior. Ele amou assim a criação em todos os seus primores, em tudo quanto ela ostenta de triunfo e de beleza, de majestade e de graça, de magnificência e de harmonia. E quando cerra os olhos ao

espetáculo do universo, para mergulhar no estuário das suas penas íntimas, o seu lirismo é repassado de amarga ironia, como neste soneto, de puro sabor camoniano:

Enganei-me supondo que, de altiva,
Desdenhosa, tu vias sem receio
Desabrochar de um simples galanteio
A agreste flor desta paixão tão viva.

Era segredo teu? Adivinhei-o.
Hoje sei tudo: alerta, em defensiva,
O coração que eu tento e se me esquiva
Treme, treme de susto no teu seio.

Errou quem disse que as paixões são cegas;
Vêem... Deixam-se ver... Debalde insistes;
Que mais defendes, se tu'alma entregas?

Bem vejo (vejo-o nos teus olhos tristes)
Que tu, negando o amor que em vão me negas,
Mais a ti mesma do que a mim resistes...

Houve quem dissesse, Sr. Cláudio de Sousa, que a este peregrino poeta, dos maiores da nossa raça e da nossa língua, deveria suceder neste grêmio outro cultor das musas, que o compreendesse e que o amasse. Quem quer que isto alvitrou ficará contente de ver que a herança de Vicente de Carvalho passou a boas mãos, carinhosas e amigas, e que nem sempre é justo o rifão – *Poetas por poetas sejam lidos*. Se não sois poeta, o que me parece duvidoso, desde verdes anos tivestes a paixão das letras. O vosso romance *Pater*, obra da adolescência, denunciou desde logo um discípulo aproveitado do realismo de Eça de Queirós; iguais tendências com mais apuro se mostraram, anos depois, na vossa novela. *A Conversão*, página de vivo colorido e de ação intensa e vigorosa. O teatro, porém, foi a vocação irresistível do vosso espírito. Entrastes nele como um triunfador, numa quadra de profundo desalento para

a cena dramática, e nunca mais desertastes a sua causa, trabalhando com pertinácia e coragem, aperfeiçoando os vossos processos de composição e análise, e derramando, no nosso pequeno meio artístico, uma onda crescente de animação, de estímulo e de esperança.

Muito se tem escrito sobre o declínio do teatro brasileiro, mas os seus tempos de glória são depressa esquecidos. Como o império romano, ou Napoleão, ele teve os seus dias de grandeza e decadência. Na época colonial o judeu fluminense Antônio José, que tão tragicamente desapareceu na fogueira da Inquisição, deliciou as nossas platéias com as suas *óperas*, que não eram outra coisa senão comédias burlescas, de grande veia cômica, orçando às vezes pela galhofa de mau gosto, como as *Guerras do Alecrim e Mangerona*. Mas o verdadeiro iniciador do teatro entre nós foi sem dúvida o Martins Pena d'*Os Irmãos das Almas* e d'*O Noviço*, nascido nesta cidade em 1815. José Veríssimo foi por demais severo com Martins Pena, quando escreveu que teriam certamente um desengano todos quantos, iludidos pela fama, procurassem nas obras do autor dramático fluminense o regalo espiritual das comédias literárias contemporâneas ou anteriores à época em que ele floresceu. O nosso Pena não tinha pretensões literárias. No seu tempo a linguagem era descurada e banal. Ele não teve escola, não teve modelos, não teve mestres. O seu gênio brotou de uma nascente selvagem, no seio da floresta virgem. Não foi um moralista, nem um doutrinador. Observou a vida, estudou os homens e os costumes, os vícios e os erros do seu tempo, e trouxe tudo à luz da rampa com singeleza e graça, com sinceridade e indulgência, com vivacidade e bom humor. São as suas farsas o espelho fiel da sociedade fluminense na primeira metade do século passado. João Caetano, na sua aula de declamação, em 1861, dava-lhe, com encantadora ingenuidade, o apelido de – *Molière brasileiro...* Entre José Veríssimo e João Caetano devemos procurar o meio-termo, que a sabedoria aconselha, para designar o lugar, que compete na história de nosso teatro ao seu genuíno fundador. O período, em que floriu a comédia do Pena, foi de grandeza para o teatro nacional. João Caetano, que a tradição nos pinta como um belo exemplar de homem, dominava a cena com a sua formidável intuição dramática. A sua arte era instintiva e espontânea. Era ainda um adolescente quando pela vez primeira pisou o palco em pobre teatrinho da vila de Itaboraí. Foi uma revelação, que a todos encheu de espanto. De progresso em progresso, de triunfo em

triunfo, chegou a Shakespeare diante de platéias em delírio. Em 1850 representou *A Gargalhada*, de Jacques Arago, na presença do autor, recebendo dos seus admiradores uma coroa de louros, e, no camarote imperial, das mãos de D. Pedro II, uma jóia de alto preço. Alguns anos mais tarde, levou à cena o drama *Camões*, de Antônio Feliciano de Castilho. O irmão do poeta do *Amor e Melancolia*, Castilho José, assim lhe anunciava esse memorável espetáculo: "O concurso era sem exemplo. Não havia no amplo recinto da sala um único lugar vazio; chegaram-se a pagar camarotes por trinta mil réis! Achavam-se presentes suas majestades o imperador e a imperatriz, que permaneceram quase até ao baixar do lustre. Tudo era luxo; na assembléia reinava certa excitação como de um grande acontecimento. Eu fui abraçar o João Caetano num entreato. É galante como ele cegou de um olho tão bem que eu mesmo, estando ao seu lado, não compreendi como era aquela engenhoca..."

Morreu João Caetano em 1863, mas com ele não se extinguiu o facho da arte dramática no Brasil. O impulso, que lhe dera o seu gênio, não podia parar. Ficaram os seus companheiros e discípulos, como Ludovina Soares, Estela Sezefreda, Areias, Amoedo, Martins e tantos outros. E era já acentuada a nova fase da produção literária, destinada à cena, sob a influência dos novos moldes do teatro francês. Quando, em 1852, apareceu em Paris *A Dama das Camélias*, de Dumas Filho, era o teatro, no dizer de Sarcey, um conjunto de convenções. Dumas Filho tinha conhecido Margueritte Gautier, tinha-a amado, tinha sofrido, tinha chorado. Viu-a morrer na flor dos anos. E transportou para o palco esse drama de amor, com todas as minúcias da realidade, sem suspeitar que renovava por tal maneira a força do teatro e operava uma revolução. O seu drama foi escrito com lágrimas de funda e sincera emoção. Era a verdade transplantada para o palco, como expressão da vida, com as suas linhas flagrantes, com a sua transparência, a sua frescura e o seu perfume de poesia. Para ele, Margueritte Gautier, "*très mince, noire de cheveux, rose et blanche de visage*", com os seus longos olhos de esmalte, como uma japonesa, e os seus lábios do vermelho das cerejas, foi das últimas e das únicas cortesãs que tiveram coração. Datou do celebrado drama, que fez a volta do mundo e vem arrancando rios de lágrimas por toda à parte, a nova estética do teatro. Sem dúvida que os processos de técnica evoluíram, mas o fundo de realidade e de comoção é ainda o que nos veio do autor do *Demi-monde*. O teatro de verdade

e naturalidade é o que há de vencer e triunfar, – a verdade, como a queria Eça de Queirós, levemente esbatida na névoa doirada e trêmula da fantasia, satisfazendo a necessidade de idealismo que todos temos nativamente, e ao mesmo tempo a seca curiosidade do real que nos deu a nossa educação positiva.

Essa renovação de arte veio rasgar novos rumos e abrir novos horizontes à nossa mesquinha literatura dramática. O autor do *Guarani* compôs, em 1857, o seu *Demônio Familiar*, que é uma das jóias do nosso teatro, e onde pintou com traços finos e graciosos alguns aspectos da vida fluminense. Continuou a escrever para a cena, defendendo com calor as teses das suas peças. Deu-nos Joaquim Manuel de Macedo, entre outros dramas e comédias, *Luxo e Vaidade*, *A Torre em Concurso* e o *Fantasma Branco*. De Pinheiro Guimarães tivemos *Punição* e *História de uma Moça Rica*. De Quintino Bocaiúva, *Os Mineiros da Desgraça* e *Onfália*. Todas essas peças, e outras mais, foram representadas no Teatro Ginásio com enorme êxito, diante de uma platéia entusiasta.

De súbito, porém, desmoronou-se o império romano, ou, se o quiserem, escureceu a estrela de Napoleão... O teatro nacional estava ferido de morte. Escutai estas linhas de Machado de Assis, traçadas em 1873:

> Não há atualmente teatro brasileiro, nenhuma peça nacional se escreve, raríssima peça nacional se representa. As cenas teatrais deste país viveram sempre de traduções, o que não quer dizer que não admitissem alguma obra nacional, quando aparecia. Hoje, que o gosto público tocou o último grau de decadência e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para compor obras severas de arte. Quem lhas receberia, se o que domina é a cantiga burlesca ou obscena, o cancã, a mágica aparatosa, tudo o que fala aos sentidos e aos instintos inferiores?

E ainda, numa de suas deliciosas crônicas, a propósito do antigo Alcazar, da Rua da Vala, que foi o desespero das nossas avós e das nossas mães, dizia o autor de *Quincas Borba*:

> A princípio as cantoras levantavam uma pontinha de nada do vestido, isso mesmo com gesto encolhido e delicado. Anos depois, nos grandes cancãs, mandavam a ponta do pé aos narizes dos cantores...

Outras gerações vieram, que tentaram em vão reagir contra o paladar depravado das platéias. Não faltavam os autores, como França Júnior, um Martins Pena modernizado, e Artur Azevedo, batalhador do teatro, que, se me não engano, fez a sua estréia com *Uma Véspera de Reis*, verdadeira obra-prima, que há de viver na história do teatro nacional como vive ainda, na do teatro francês, aquele mimo de Madame de Girardin – *La joie fait peur*. Nem, por igual, escasseavam os bons artistas. O que faltava era o público, condição necessária e fatal do teatro. Lá dizia o mestre Sarcey, parecendo repetir uma banalidade de La Palisse: "*Sans public, point de théâtre*." E os pobres artistas, ou haviam de transigir com a *revista de ano* e o *cancã*, ou tinham de renunciar ao palco, buscando o ganha-pão, em outra parte. Lembra-me ter visto um dia, numa longínqua cidade do interior de São Paulo, o ator Furtado Coelho, velho e enfermo, dizendo monólogos a uma platéia de dez tostões a cadeira, num palco improvisado de sarrafos e aniagem. Doeu-me ver assim humilhado o eminente intérprete de Dumas Filho e Augier, o estupendo Olivier de Jalin, do *Demi-monde*, que os nossos salões de outrora tanto aplaudiram nos seus *recitativos*. Quando ele, com a palidez da circunstância, elegante e belo, descalçando vagarosamente as luvas, começava: "Era no outono, quando a imagem tua..." ou então: "Perdoa, ó virgem, se te amar é crime..." arfavam os seios das damas e uma aragem de ternura perpassava no ambiente... Guilherme de Aguiar, que foi caixeiro num armazém de secos e molhados, não teve quem o levasse de vencida na cena brasileira, depois de João Caetano. Ao lado do grande ator português Antônio Pedro, no *Drama do Povo*, de Pinheiro Chagas, alcançou inesperado triunfo. Nessa noite, referia Artur Azevedo, Guilherme de Aguiar devia representar um pequenino papel de velho fidalgo. "Figurava apenas num ato, só numa cena, e esta cena bastou para que ele se tornasse a figura culminante da representação. Antônio Pedro, Pinheiro Chagas, o *Drama do Povo*, tudo desapareceu diante do personagem corneliano, sereno e olímpico, do velho fidalgo, e todos os aplausos, todas as aclamações, todos os entusiasmos voltaram-se para o artista brasileiro." Urgido pelas condições precárias do teatro, Guilherme de Aguiar lançou-se à opereta. Mas que prodigioso artista, mesmo na opereta! Quem o viu no Tio Gaspar, dos *Sinos de Corneville*, teve a sensação de estar a ver um dos consagrados artistas da "Comédie Française", Got, ou Coquelin, tal o extremo cuidado, de sinceri-

dade e verdade, que pôs no estudo da personagem. Morreu Guilherme de Aguiar numa casa de caridade, de que era irmão. O ator Vasquez, com a face devorada por um cancro, acompanhou-lhe o enterro. No cemitério, abeirando-se do féretro, pronunciou estas palavras singelas: "Adeus, Guilherme. Está terminado o teu espetáculo. Eu ainda estou representando o meu último ato." Dali a dois meses estava morto. Xisto Baía, outro artista notável, veio também do comércio e foi corista de uma companhia lírica italiana. Fez-se depois ator inexcedível nas comédias de Martins Pena, Joaquim Manuel de Macedo e França Júnior, e foi o criador inimitável do Bermudes, de *Uma Véspera de Reis*. Quando perdeu a última esperança na regeneração do teatro nacional, arranjou um modesto emprego e abandonou o palco. Seria longo recordar nesta hora o martírio de tantos outros dos nossos artistas de teatro, que viveram na ilusão e na esperança, contando sempre com o dia da promissão, cada vez mais distante, e morreram na pobreza e no esquecimento, quando não na miséria e no desprezo. Órfãos da glória que lhes acenava do alto, foram as vítimas do meio indiferente em que pretenderam amar e servir uma arte das mais sedutoras e das mais belas.

Foi neste triste passo, Sr. Cláudio de Sousa, que vos decidistes a tentar a literatura dramática. A empresa era difícil e arriscada, não que vos falhassem os dotes essenciais para tanto, mas porque o melhor estímulo, que pode animar um autor de teatro, é a certeza de que terá um público educado e culto, capaz de compreender e julgar a sua obra. E esse, ninguém sabia por onde andava... Pois apesar disso, com uma coragem que tocava as raias do heroísmo, vos lançastes com ímpeto ao estudo e ao trabalho. E o vosso triunfo foi completo e decisivo. Observação aguda e penetrante, situações novas e imprevistas, linguagem sã, simplicidade e graça, movimento e vida, tudo se encontra na vossa primeira comédia, – *Eu Arranjo Tudo!*, que mereceu os duplos louvores da crítica e da platéia. É uma fina sátira, que põe em cena essa figura de fanfarrão, que tem por vezo concertar os males alheios. Quando terminou a peça, cada espectador dava ao Bernardo, o herói da noite, um nome diferente: o do seu conhecido, ou amigo, que com ele tanto se parecia... É este o grande segredo do teatro: reproduzir na cena o indivíduo real, com os seus defeitos, as suas virtudes, os seus hábitos, as suas maneiras, o seu feitio. A imaginação, por si só, não pode fazer obra que satisfaça o espectador. Mostrastes assim

que vos sobra essa qualidade rara, que é um dom da intuição e do instinto, de apreender instantaneamente os contornos de uma figura que passa, no turbilhão da vida, e de fixá-los na memória, antes que a imagem se desvaneça. Por isso, as vossas comédias nos dão a impressão de que as escreveis sem nenhum esforço, como se tivésseis diante de vós, na mesa de trabalho, uma coleção de *bonecos articulados*, que se movem, que conversam, que riem, que choram, e simplesmente vos limitásseis a copiar os seus ditos e os seus gestos, corrigindo-lhes algum deslize e compondo-lhes alguma travessura...

Com esta primeira tentativa, que tão bem surtiu, tomastes para logo um lugar de destaque entre os poucos homens de letras que ainda não tinham de todo desesperado da ressurreição do teatro nacional. No ano seguinte representava-se nova peça de vossa lavra – *Flores de Sombra.* Raramente se viu no nosso teatro vitória tamanha. Certo, não foi porque tivésseis escrito uma grande obra de larga inspiração, vazada nos moldes do teatro clássico, capaz de erguer as platéias na convulsão e no delírio; mas unicamente porque copiastes uma fresca paisagem do nosso campo, um pedaço de céu azul, cobrindo, com um pálio luminoso, o sossegado viver de umas criaturas simples e boas, feitas para o amor e para a saudade; porque traçastes o esboço comovido de uma triste mãe, que afoga as suas mágoas na lembrança consoladora do passado, e de uma doce roceirinha, tímida e medrosa, que vê esfolhado o seu sonho de ventura, quando a realidade pungente a ameaça com os seus primeiros açoites...

Flores de Sombra, como vós mesmo o dissestes, é a evocação da família antiga, do velho lar paulista de nossos avós, unido, solidário, e varrido de cizânias, porque batia por um só ritmo, por um só pêndulo, por um só símbolo. Os dois tipos de mulher, que criastes nessa comédia primorosa, D. Cristina e Rosinha, têm o relevo, a suavidade e a candura de uma faiança antiga. Os que viram a peça devem recordar-se da interpretação magistral que deu ao papel de D. Cristina a velha atriz Apolônia Pinto. Que tesouros de emoção ela sabia imprimir a cada frase que lhe saía dos lábios, como que envolta num soluço! "Para os velhos, que são velhos, a imagem distante é a única da vida... Nunca está só na velhice quem está na casa em que viveram os seus... No quarto de uma velha há sempre espaço para uma recordação e uma saudade..." Dizia Henri Bataille que o teatro deve ser a natureza integral: a emoção

do fato, do sentimento e da idéia. É o que encontramos em *Flores de Sombra*. Sua beleza essencial provém do sentimento. A peça não tem complicações de enredo, nem convenções. Repousa somente na verdade dos caracteres e nessa piedade amorosa e enternecida que envolve as suas figuras, tocadas de divina graça. Não foi menos feliz a vossa comédia – *A Renúncia*. Tenho prazer em repetir aqui o que disse em São Paulo, à luz das gambiarras, quando alguns jornalistas e homens de letras quiseram reparar a indiferença do público diante de uma obra dramática de real merecimento:

> Cláudio de Sousa pode orgulhar-se de haver feito em sua comédia duas criações de primeira ordem. Lúcia é a perfeita idealização de um tipo de mulher que todos nós conhecemos, resignada ao seu destino obscuro, contente de fazer o bem no silêncio e no segredo do seu sacrifício. Cristiano é a própria nobreza de homem, afogando em seu peito um anseio de amor e elegendo para si a missão solitária de guarda da felicidade e da virtude de Lúcia, como se um anjo protetor desdobrasse sobre ela a brancura imaculada de suas asas pendentes... Ouvireis dentro em pouco o derradeiro ato da comédia, e com certeza lastimareis comigo que o fútil Juliano não se tenha mostrado mais cínico e cruel, para que Cláudio de Sousa não tivesse pena de o matar, premiando a desinteressada e bela dedicação de Cristiano com a suprema ventura do amor de Lúcia, ardente, apaixonado e infinito. Seja como for, a comédia é encantadora. Quando cai o pano sobre o último ato, a gente fica a pensar que aquele demônio de Juliano, apesar do perigo que correu, vai deixar ainda isolada e triste, nas longas noites silenciosas do seu labor intelectual, aquela doce criatura, feita para o amor, para a alegria, para a glória e para a vida. E uma vaga tristeza nos acompanha e nos perturba o sono pela calada da noite... É este o secreto milagre da arte imortal: dar-nos a ilusão da vida e instilar em nossas almas as pérolas do sentimento e da comoção.

A qualidade principal do vosso teatro, Sr. Cláudio de Sousa, a que mais me encanta e seduz, está na seleção dos assuntos e dos caracteres. Nas vossas comédias se reflete a vida em sua realidade flagrante, mas sem a dureza implacável e fria dos seus aspectos de maldade e egoísmo, de vícios e impurezas, de perversões e covardia. A verdade aparece nelas diluída numa trama leve e irisada, tecida de sonho e amor, de ilusão e alegria. A existência moderna é dura,

penosa, inexorável e triste. À medida que a civilização caminha, que novas ambições crescem, que novas necessidades avultam, que novos ideais despertam, crescem também, e avultam e despertam novas humilhações, novos sofrimentos, novas provações, novas torturas para a humanidade. E se triunfar, no teatro, essa exibição das verdades cruéis da vida e das tristes enfermidades da tristíssima alma contemporânea, mais se agravará um mal que ainda não encontrou, nas terapêuticas de todos os sistemas, nem nas filosofias de todos os credos, o seu remédio ou o seu consolo. E veremos daqui a pouco, enquanto no palco se representa Ibsen, despencarem suicidas das torrinhas, trocando-se tiros de revólver nos camarotes... Geyer, numa tese célebre, formulou o diagnóstico dos enfermos do *hospital* de Ibsen: degeneração mental com obsessões, histeria, melancolia, alcoolismo, neurastenia, demência senil, delírio crônico... Bjornson, que lê pela mesma cartilha de Ibsen, lançou esta nota curiosa no prefácio de um de seus dramas: "Esta peça foi feita de acordo com as lições de Charcot sobre o sistema nervoso e com os estudos clínicos de Richer sobre a histero-epilepsia." Sois também médico, Sr. Cláudio de Sousa, por sinal que recebestes a láurea acadêmica com a vossa tese de formatura – *Os Nevropatas e os Degenerados*, mas as enfermidades e as degenerações foram banidas do vosso teatro. A única enfermidade, que nele aparece, é o amor, com a sua febre ardente, o seu delírio, as suas alucinações, os seus desmaios... Não é pequena, nas vossas comédias, pois muitas outras escrevestes, como *O Turbilhão*, *A Jangada* e *A Matilha*, a galeria das amorosas. Inquietas, caprichosas, resignadas, altivas, humildes, ambiciosas, ou sacrificadas, elas passam pela vida cantando e gemendo, sorrindo e sofrendo, levadas nas asas rutilantes do sonho, ou envoltas na mortalha funérea da dor...

Não vos desvieis da trilha que até agora tendes seguido. A realidade não exclui o idealismo nem impõe a reprodução dos aspectos torpes e repugnantes da vida. As coisas nobres também são verdadeiras. Não resta dúvida que a obra dramática deve exprimir as idéias do espírito contemporâneo e realçar certos problemas que agitam as sociedades, copiando a imagem límpida e clara dos costumes de uma época. Cumpre, porém, encarar a vida com indulgência e piedade, extraindo dela o que possa elevar o pensamento e despertar a comoção. Essa, a vossa escola. A filosofia do vosso teatro resume-se num otimismo sorridente e sadio. Não vos atraem as teses morais e sociais de

Eugène Brieux, nem as dolorosas crises da alma que nos desvenda François de Curel, nem ainda o implacável e duro realismo de Henry Becque... O que vos encanta e cativa é a sensibilidade criadora de Porto-Riche, é o surto profundamente humano de Bataille, é a ternura, a ironia e a graça de Alfred Capus. São estes os modelos que melhor quadram à feição do vosso espírito.

Ao dar-vos as boas-vindas, em nome da Academia Brasileira de Letras, posso dizer-vos, Sr. Cláudio de Sousa, aquela palavra que René Doumic dirigiu a Robert de Flers, o famoso comediógrafo parisiense, quando foi da sua recepção na Academia Francesa: "*Le démon du théâtre est en vous.*" Sois também um possesso do teatro. A vossa entrada para esta companhia foi em verdade uma restituição. Aqui ficais de guarda, como atalaia vigilante, junto das sombras de Martins Pena e Artur Azevedo. Não deixeis que se apague a flama que alumiou as vossas estréias e que há de conduzir-vos a novos e mais fulgurantes triunfos!

Discurso do
SR. ADELMAR TAVARES

e

Resposta do
SR. LAUDELINO FREIRE

Sessão solene extraordinária
do dia 4 de setembro de 1926

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

SR. PRESIDENTE. Srs. Acadêmicos.

Sainte-Beuve, com aquele sorriso de amável ironia, costumava dizer de Lamartine: "*C'est un ignorant qui ne sait que son âme.*"

Também, Srs. Acadêmicos, longe de querer comparar-me a Lamartine, a quem tão-somente invoco para ajustar-me ao capelo da frase humorada do estilista dos *Portraits littéraires*, asseguro-me mais do que nunca, entre vós, nesta hora em que a tocante generosidade da vossa acolhida me faz os olhos cheios d'água, que nada tenho senão minh'alma, e nada sei senão minh'alma.

Foi, porém, de toda esta alma que eu quis, desejei, sonhei a vossa Companhia. De há muito namorava essa orgulhosa e esquiva castelã que se resguardava através de altas e quase inacessíveis muralhas, procurando fazer-me visto dos seus olhos, ouvido dos seus ouvidos, pressentido por meus passos. De começo nem se apercebeu da minha anônima existência. Aprendi, porém, nos livros de psicologia amorosa, que insistir é quase sempre caminho de vencer, e enramei de cantigas, por seu amor, as cordas de uma pobre lira, que estou certo carrego por destino.

Sacudido no torvelinho da vida de hoje, abraçando uma carreira que estremeço, mas que um preconceito injustificável teima em dissociar das cogitações de pura Arte, pela incongruência de se avizinharem na mesma estante de biblioteca a *Divina Comédia* e o *Corpus-Juris*; de não ficar bem dizer vilancetes a voz que pede oficialmente pela Justiça Pública; de se enrolar uma

lira numa beca, jamais neguei o meu amor pela poesia... Poesia! *Visão de mulher linda e triste*, entrevista pelos meus olhos atônitos de sua beleza, numa névoa doirada, desde os folgares infantis, quando com os outros meninos, lá longe, na velha fazenda de meu pai, ao cair das tardes, eu lia para que eles ouvissem, à sombra de uns velhos tamarindos melancólicos, que o sol poente cobria de oiro, "Os meus oito anos", das *Primaveras*, de Casimiro; a "Enchente", de Varela, e as "Vozes d'África", de Castro Alves. – Poesia! *Visão de mulher linda e triste*, sobrevinda como sombra maternal em as minhas vigílias colegiais, e depois, aos meus passos arrebatados através da velha Faculdade de Recife, herdeira, ainda a esse tempo, da tradição coimbrã de uma estudantada trovadora, que impunha como ação passível de pena dormir com luar no céu e violões na terra!... Poesia! *Visão de mulher linda e triste*, enfermeira consoladora, que enxugou minhas lágrimas de exilado, quando vi sumirem-se pouco a pouco de meus olhos a ponta dos campanários e as palmas verdes dos coqueiros da terra onde nasci! Poesia! *Visão de mulher linda e triste*, em cujos ombros de anjo nunca deixei de inclinar a cabeça para sorrir das minhas alegrias ou chorar dos meus reveses!...

Entre a Realidade e o Sonho, debateu-se sempre a minha alma, como um canário entre os ponteiros de uma gaiola.

Quanta vez, esmagado pelo desalento, zurzido pela Megera, – a Vida, que tão pouco deixa sonhar! – atropelado nos vaivens do praticismo absorvente do momento que passa, prometi a mim mesmo esvaziar os armários de literatura, distribuir os livros literários aos amigos, sem deixar resquício sequer desses doces venenos, e abandonar os versos que me poderiam prejudicar a carreira. "Leria filosofias, leria ciências, leria Direito. Nada de versos..." E espanava a minha grande mesa de trabalho, empilhava-a dos grossos autos do Foro, superpunha os Lobões, os Demolombes e os Chironis... e respirava!

Era, porém, questão de "engano ledo e cego". No primeiro jornal que me caía às mãos, trazendo um artigo sobre a sucessão dos colaterais e um soneto enquadrado em florões caixa-alta, eu lia o artigo sobre a sucessão dos colaterais, mas lia primeiro o soneto... Se partia pressuroso para o escritório, à hora aprazada dos clientes, e encontrava homens de letras, estava perdido... Por mais que lhes dissesse, com grande espanto deles, que me achava inteiramente entregue aos negócios, que havia quebrado a lira para sempre, que de

letras somente as *cambiais* me interessavam, riam... Riam porque estavam certos de que só a mim mesmo procurava iludir...

E o que é verdade é que uma semana depois, sobre a vasta mesa de trabalho, com tão cuidadoso afã espanada para os autos do Foro e os graves estudos, já se insinuavam sorridentes os Coelho Neto por entre os Lobões, os Albertos de Oliveira, por entre os Demolombes, os Geraldy por entre os Pereira e Sousas.

Tinham passado os arrufos do Sonho com a Vida. Reconciliavam-se. "A visão de mulher linda e triste" sorria-me. E eu caía novamente em seus braços, justificando os decassílabos quinhentistas de Ferreyra: *Não fazem dano as Musas aos Doutores. Antes ajuda às suas letras dão*"...

E dava de ombros aos gritos da Realidade egoística que clamava ser o Sonho a renúncia, para cobrir-me da música invisível daquela "sombra de oiro" que se tornava a minha própria sombra...

Jamais reneguei a minha Arte, por envergar uma beca. Jamais deixei de entoar uma estrofe com a mesma voz com que reclamo pela Justiça. Jamais deixei de amar a Cigarra por temor à Formiga.

E um dia, só por isso, estou certo, a Castelã de altas ameias atentou no seu insistente enamorado. Deu-me o seu primeiro sorriso. Insisti. Deu-me o segundo. Deixou cair da altura da sua janela doirada, para as asas de umas trovas que eu lhe enviara, uma rosa dos seus cabelos... Exultei. Ela aceitaria entre os seus sábios, os seus pensadores, os seus filósofos, os seus Poetas, os seus Artistas, quem "não tinha senão sua alma"...

Com a desaparição de Vicente de Carvalho, deu-me a Academia alguns dos seus sufrágios. Com a de João Luís Alves, faz-me sentar entre vós, dando-me as boas-vindas pela palavra de Laudelino Freire, tão grata ao meu coração e aos meus ouvidos, nesta noite que assinalo a "minha noite cheia de estrelas".

* * *

A Cadeira em que me dais a honra de sentar na vossa Companhia, é a de Luís Nicolau Fagundes Varela, uma das vozes mais altas e inconfundíveis do Lirismo Brasileiro.

O caráter, ou melhor, a preeminência das idéias e dos sentimentos, é o que mais interesse deve despertar no estudo de um artista ou de um escritor. Às vezes, esse caráter se harmoniza com as vicissitudes da vida real; outras, torna-se-lhe impossível essa adaptação, e a sua estesia entra em conflito com todas as conveniências de outra ordem. Esta é a hipótese mais freqüente.

O orago desta Cadeira, sensibilidade excepcional, foi em vida um predestinado. Compreendendo a sua vocação, não hesitou um momento em segui-la. A preeminência de idéias e sentimentos, a que aludi, é flagrante na sua obra, tão diversa, na forma e no fundo, da sua vida contingente.

Dificilmente se encontrará em uma mesma criatura tão viva e tocante intuição de beleza em tão violento contraste com existência tão desordenada, e não é sem um respeito quase supersticioso que eu me aventuro a fazer algumas apreciações nesse sentido.

Confrontando a tragédia quotidiana desse homem com a inesgotável disposição musical do seu estro, afigura-se-nos quase incrível resistisse a tantos embates. O certo é, porém, que resistiu com a mesma consciência inflexível de uma vocação.

O caráter predominante de um artista pode estar em conflito com o senso comum. Nem por isso, porém, diante da sua obra, seria lícito restringir a admiração a que se impõe. Que importam os desvarios pessoais do autor àquele que ajuíza da sua obra, tanto mais de admirar quando ela foi trabalhada através de todos os ódios, e de todas as invejas?!

O comum das criaturas abandona-se ao arbítrio das eventualidades, mas os grandes espíritos, ao contrário, aproveitam as contingências, e fazem dos seus precipitados a matéria psíquica das suas realizações.

Aproveitemos, pois, a vida episódica dos artistas, não para só por ela julgá-los, mas como fonte preciosa para melhor conhecimento das suas qualidades e dos seus defeitos.

A vida de Fagundes Varela foi talvez a mais tormentosa entre as dos poetas da sua geração. Como se já lhe não bastasse um fundo ingênito de tristeza, a hora em que veio ao mundo foi a mais propícia à intensificação desse sentimento. Essa era a hora do romantismo, que agitou na juventude brasileira, como nas outras, o mesmo inconformismo com as realidades pungentes da vida.

Tenho como fato certo a predestinação desse poeta, mas a época em que aflorou o seu espírito muito concorreu para a nota de constante melancolia do seu plectro, se bem que este fosse, como foi, suscetível a todas as vibrações. Tudo nele é música. Tudo nos seus versos corre em harmonia com as imagens do mundo sensível, ou com as idéias que descortina, ou com as emoções que instrumenta. E essa musicalidade é que lhe imprime à estrofe tanta despreocupação de outros efeitos meramente ornamentais.

Se tal espontaneidade facilitou a esse maravilhoso orquestrador de ritmos a censura de menos cuidoso na plasticidade verbal, deu-lhe, em compensação, a coroa indisputável de grande prestígio nas salas de recitações e nas tunas românticas dos trovadores noturnos. Ele teve essa imortalidade lá de fora. Teve a consagração popular das cordas das serenatas, de norte a sul do Brasil, e eterno viverá na alma do povo, que não deixa morrer os legítimos intérpretes e definidores dos sentimentos e segredos do coração humano:

Não te esqueças de mim quando meus olhos
Do sudário no gelo se apagarem,
Quando as roxas perpétuas de finado
Junto à cruz do meu leito se embalarem.

Quando os anos de dor passado houverem,
E o frio tempo consumir-te o pranto,
Guarda ainda uma idéia ao teu poeta.
– Não te esqueças de mim que te amo tanto!

Ainda hoje, ao luar das terras do Norte, se esfloram os motivos líricos das suas estrofes. É que todas elas são genuinamente brasileiras; – brasileiras pela sentimentalidade étnica, e pelo descritivo panorâmico das nossas selvas, mares e campos. Varela, nesse particular, não foi excedido por nenhum dos outros românticos. Possuidor de todos os recursos da sensibilidade, ninguém melhor do que ele desdobrou em painéis as coisas e os aspectos da nossa ambiência, já os descrevendo como impressões materiais, já principalmente aproveitando-os à maneira de certos pintores, como efeitos, para melhor pôr

em destaque a sua impressionabilidade. Árvores, flores, céus, mares, e rios, tudo a luz do seu nome poético iluminou, e de tudo foi ao mesmo tempo um reflexo.

Amando com transporte a Natureza, e inscrevendo, como Eça, no seu escudo, que "só na Natureza devemos buscar consolações, porque o corpo de Jesus anda nas flores das laranjeiras", o poeta do *Evangelho nas Selvas* fez desse amor uma religião. Mais: fez uma embriaguez divina!

A vida nas cidades me enfastia,
Enoja-me o tropel das multidões,
O sopro do egoísmo e do interesse
Mata-me n'alma a flor das ilusões...

E o coração, seteado de dores, procurava no campo, entre roceiros, para a sua alma, a paz e a verdade purificadoras, que ele julgava alheias e distantes dos homens e das mulheres das cidades:

O balanço da rede, o bom fogo
Sob um teto de humilde sapé,
A palestra, os lundus, a viola,
O cigarro, a modinha, o café;

Um robusto alazão mais ligeiro
Do que o vento que vem do sertão,
Negras crinas, olhar da tormenta,
Pés que apenas rastejam no chão!...

E depois, – um sorrir de roceira,
Meigos gestos, requebros de amor,
Seios nus, braços nus, trança solta,
Moles falas, idade de flor...

Pensava achar na Natureza, longe do rumor e das mentiras convencionais, dos enganos e artifícios da civilização – a felicidade; e candidamente o

proclamava, como uma criança que, no fundo de um espelho, parece ver a companheira de brincos descuidosos.

Ferido cruelmente, implacavelmente apunhalado pela morte da esposa e do filho – o objeto mais alto de sua adoração, – procurou resistir à impiedade do seu destino pelos processos das libações românticas tão próprias daquela fase de transição histórica, ora buscando consolações bucólicas, como Virgílio, ora apelando, como veio finalmente a fazê-lo, para uma nova existência conjugal. Nada, porém, trazia paz àquele coração. No vinho, doirada mentira dos deuses da Hélade, não encontrava nem a verdade, nem o esquecimento. Mentiam-lhe também as "celestes bafagens e os lânguidos perfumes dos seus vapores". No fundo das taças só encontrava o travo dos seus próprios infortúnios, e o engano fugidio de uma ventura que nunca lhe sorriu...

Escravo, enche essa taça!
Enche-a depressa, e canta!
– Quero espancar a nuvem da desgraça,
Que além nos ares lutulenta passa,
E meu gênio quebranta...

Há quem não tenha querido ver no cantor de *Vozes da América*, nem a época em que desabrochou o seu gênio ("no vinho estavam a verdade e a inspiração, e o poeta devia buscá-las, como um grego no falerno das ânforas" – era a legenda dos seus contemporâneos) nem as determinantes que o levaram a buscar por esse modo o esquecimento. Não; não quiseram ver, cegos da pior cegueira, para verem tão-somente nas suas libações motivo de inferioridade moral. Inveja ou injustiça, ainda hoje procuram carregar sempre dessas sombras a grande moldura do seu perfil.

Os golpes sucessivos do Destino davam-lhe dias de ânsia e noites de inquietude. Indormido, noctívago, assistia ao desfiar das horas mortas, tentando encontrar talvez na alma recolhida da Natureza a calma para os seus tormentos; mas, por suprema ironia, essas horas se desprendiam morosas, arrastadas, e cruéis, e lhe caíam no coração como gotas candentes. E ele clamava:

Há umas horas na noite,
Horas sem nome e sem luz,
Horas de febre e agonia,
Como as horas de Maria
Soluçando aos pés da cruz!...

E um doce e triste ideal de piedade mística por todos, e por tudo, veio por fim orientar-lhe o destino interior, tornando-se-lhe esta a fase culminante do seu gênio. Atentai no *Diário de Lázaro*, e no *Evangelho nas Selvas*! O primeiro é a dor, a dúvida, a esperança, e a decepção, todos os ritmos da miséria humana. O segundo, a fé, com todos os milagres do pensamento, e, dominando um e outro desses poemas, a mesma extraordinária emocionalidade criadora de imagens.

Para os espíritos irrefletidos, esse natural expressionismo é um simples dom, mas para os psicólogos, é a demonstração viva da identificação do artista com o objeto a que quis infundir o sopro da sua imaginação taumatúrgica. "*Toda obra de arte es una personalidad*", diz Vargas Vila. "*El artista vive en ella, despues de que ella vivió largo tiempo en él.*"

E é de ver quanto foi intenso o nativismo panteísta desse escritor da terra, e quanto a sua receptividade cristã foi excepcional, e soube refletir todas as virtudes da raça. O amor às nossas selvas vibra de tal modo nos seus versos, e neles adquire tanta ductilidade, que o faz a um só tempo, como poeta, o nosso mais impressivo e expressivo cantor de paisagens e estados d'alma. Não precisou, para ser tão eloqüente, de falsificar as coisas ou desvirtuar os sentimentos. Bastou-lhe ampliar e embelezar tudo que viu.

Neste momento de renovação de valores, e volta ao primitivismo dos instintos estéticos, nenhum poeta das gerações precedentes é mais atual do que o dos *Cantos Meridionais*, quer pelo individualismo lírico, quer pela mobilidade rítmica da sua poética. A brasilidade em Fagundes Varela resistiu a todos os convencionalismos literários, clássicos ou românticos, e por isso o seu renome há de crescer à proporção que se for intensificando a consciência nacional. Pouco importa que outros tenham sido mais exímios na estrutura de suas estrofes patrióticas, mas verdade é que nenhuma estrofe saiu de peito brasileiro, mais ardente, nem mais efusiva, que as do cantor do *Pendão Auriverde*.

Diante da Natureza, dos homens e das coisas de nossa terra, a flor aberta desse coração generoso ostenta todo o esplendor e toda a riqueza virgem do nosso sangue adolescente.

Uma crítica impenitente já se deu à deplorável paciência de esmiuçar as incorreções sintáticas da obra do grande poeta fluminense, esquecendo a linda sentença de Valle Inclán de que "*el verbo de los poetas, como el de los Santos, no requiere decifrarse por gramatica. Para mover las almas, su essencia es el milagre musical*", e a poesia não foi em Varela uma exibição de vaidade, mas uma divina angústia de dizer musicalmente toda a vibração da sua alma com sinceridade e alvoroço.

Em face da manhã que, descerrando a cortina da alvorada, abre a flor do dia por entre o vozeio dos pássaros, e a alegria apolínea das coisas, o Poeta, como um Deus magnífico, grita do topo da serra o seu hino de quatorze versos na sinceridade mais flagrante da lira do seu coração:

Tudo é luz e esplendor!... Tudo se esfuma
Às carícias da aurora, ao céu risonho,
Ao flóreo bafo que o sertão perfuma!

Porém minha alma triste, e sem um sonho,
Repete, olhando o prado, o rio, a espuma,
Oh! mundo encantador! Tu és medonho!

Nunca ele cantou, sem que lhe fechasse o canto, o arquejo de um soluço. Nunca ele riu, sem que lhe fechasse o riso, o fio de uma lágrima...

Raros homens conheceram como ele a dor, este monossílabo profundo. Por isso, ferindo com vibratilidade todas as outras notas do seu heptacórdio, foi a da elegia a que lhe coroou a Musa de estrelas e de prantos. Aí estão os brados mais altos da dor humana, transfundidos no "Cântico do Calvário".

É ele mesmo quem no-lo diz:

Tornei-me o eco das tristezas todas
Que entre os homens achei! O lago escuro
Onde ao clarão dos fogos da tormenta,

Movem-se as larvas fúnebres do estrago!
Por toda parte onde arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias...

Se lhe cabe a maior glória no gênero elegíaco, não é menos admirável ou sentida a nota da melancolia cristã, em cuja religião a sua alma se refugiou açoitada de todas as desilusões, e tempestades, e é nos acordes maravilhosos destes versos, a que ele chamou "Voz do poeta", que a harpa desse coração crivado de espinhos atinge às proporções do sublime:

Perdão, Senhor meu Deus! Busco-te embalde
Na natureza inteira! O dia, a noite,
O tempo, as estações, mudos sucedem-se,
Mas eu sinto-te o sopro dentro d'alma!
.....

Da natureza inteira que aviventas,
Todos os elos a teu ser se prendem,
Tudo parte de ti e a ti se volta;
Presente em toda a parte, e em parte alguma,
Íntima fibra, espírito infinito,
Moves, potente, a criação inteira!
Dás a vida e a morte, o olvido e a glória!
Se não posso adorar-te face a face,
Oh! Basta-me sentir-te sempre e sempre!

Eu creio em ti! eu sofro, e o sofrimento,
Como ligeira nuvem se esvaece
Quando murmuro o teu sagrado nome!
Eu creio em ti, e vejo além dos mundos
Minha essência imortal brilhante e leve,
Longe dos erros, perto da verdade,
Branca, dessa brancura imaculada
Que os gênios inspirados nesta vida
Em vão tentaram descobrir no mármore!

Senhores! Voz de tão alto ressôo atravessará os tempos cada vez mais viva e harmoniosa. Não morrerão jamais os ecos dessa grande lira que os dias transcorridos fazem cada vez mais bela, cada vez mais nossa, cada vez maior!

Bendito seja, pois, o Gênio tutelar desta Cadeira, esse que a pobreza dos meus pincéis mal pôde tremulamente debuxar!...

* * *

Preso às disposições dos vossos Estatutos e ao dever de ocupar-me, principalmente, da obra do meu antecessor, só se me dão rápidos instantes para homenagem às três grandes sombras que sob o orago de Fagundes Varela aqui passaram antes de João Luís Alves.

Com a mesma unção de quem atira, embora pressuroso, um ramo de rosas votivas ao pé de um altar, inclino-me ante essas grandes efígies que avultam em toda a sua serena e olímpica majestade: – Lúcio de Mendonça; Pedro Lessa; Eduardo Ramos. Levanto-lhes eucaristicamente o meu coração.

Lúcio de Mendonça! O poeta dos meus dias escolares, a quem li com a alma dos quinze anos, e cujas *Névoas Matutinas* no encanto inebriante das suas estrofes bafejaram de orvalho as minhas primaveras... Devo-lhe a minha primeira lágrima comovida e o meu primeiro êxtase.

Criador desta Cadeira, formando com Machado de Assis e Nabuco a trilogia oracular da Academia, ele se armou cavaleiro, quando dos últimos românticos; e como aqueles, chorou seus amores, cantou sua Dama, bateu-se pelo seu ideal, amou o seu sonho. E o amou com elegância, sem subterfúgios. Não negou também a sua arte por temor da sua beca de magistrado. Têmpera de combativo, sob a armadura do cruzado, batia fortemente um coração de poeta. Qualquer que fosse a etapa da sua vida, qualquer que fosse a manifestação do seu espírito, o poeta ali estava, a alma em vôo para as alturas, a cabeça voltada para as estrelas, os olhos ardentes de fé. Enrolado na sua toga, valoroso como um romano, pelejava pelo Direito com o mesmo ardor e o mesmo desassombro com que na propaganda da República vergastava na cadência das estrofes, na tribuna das praças, nas colunas da imprensa reacionária, no livro, na palavra, no jornal – "essa metralhadora esplêndida, o jornal", como ele nos diz, – tronos e czares, púlpitos e reis.

No entanto, quem diria, exclamou Pedro Lessa quando aqui o substituiu, que esse truculento republicano tivesse levado toda a vida a lamentar, na intimidade de família, ter uma vez, por peraltice de infância, furado os olhos de um passarinho... Mas se era justamente nesse contraste que estava Lúcio, o homem, que estava Lúcio, a obra! Leia-se *Vergastas*. Leia-se *Alvoradas*. Rolam por aquelas estrofes os clangores de uma trompa de guerra e os amavios de uma avena pastoril. "Dom João do Ideal!" – poderíamos chamar-lhe, como Rodenbach a Mirbeau. Vendo-se-lhe o passo firme e duro, o porte marcial, o rosto emoldurado na barba negra, e aqueles olhos de ovelha, mansos e doces, iluminados de um clarão imaterial, a gente ao defrontá-lo hesitava, se estaria diante de um santo ou de um guerreiro.

Já se observou que se bem que levados por pendores de estudos e tendências de espírito diversos, um mais inclinado para a poesia e para a ficção, o outro para a filosofia e para a história, como na estrutura moral se confundia essa maravilhosa figura com a de Pedro Augusto Carneiro Lessa! Ambos arrebatados do mesmo ardor na defesa das idéias, no mesmo transporte de convicções, pertenciam a essa nobre estirpe de homens raros, que não sabem bater-se senão em campo aberto.

Pedro Lessa! Juiz, filósofo, beletrista, advogado, em qual das modalidades seria maior? Parece que o vejo ainda... Alto, forte, a cabeça branca encimando um busto de atleta, uns olhos vivos a luzirem através de uns vidros de grau... A primeira vez que o defrontei, foi na arena das brilhantes pugnas do seu espírito: no Supremo Tribunal. Agitava-se uma discussão de *habeas corpus*, na interpretação do texto constitucional em debate. A sala estava repleta de advogados e curiosos, e os jornais do dia haviam agitado a opinião para o julgamento da nossa mais alta Corte de Justiça. Ia em meio a discussão. Pedro Lessa falava, havia mais de uma hora, entrincheirado numa série de argumentos jurídicos, cada qual mais persuasivo, mais convincente, mais quente no calor da sua palavra, entre livros que abria, e notas que consultava, em meio de uma verdadeira fuzilaria de apartes de outros colegas, que procuravam, em voz alta, animadamente, aluir o monumento expositivo que erguia. E a cada instante ele parava, ouvia, e num leve sorriso – "Mas, Sr. Ministro, o que eu afirmo é tão claro que incomoda..." (Era esse sempre o seu refrão habitual). E entre a rajada de apartes e opiniões divergentes, empinava o busto magnífico,

resplandecia-lhe o rosto, e nada o perturbava na linha de defesa de suas idéias, cada vez mais fortificado de novos e copiosos motivos de doutrina e jurisprudência. Inflamava-se-lhe a voz, agigantava-se, transfigurado, desferindo raios, todo ele numa só força, numa só afirmação, numa só vontade: convencer! Formidável, esse campeador da Justiça!... Depois, dado o voto, nesta, como de outras feitas em que o vi, fechava os livros que abrira, enrolava as tiras de papel anotadas, e deixava-se ficar tranqüilo na sua cadeira, quase ao fundo da sala, como um leão fatigado, olhando numa atenção religiosa o colega que tomava a palavra, e, agitando automaticamente, como de seus hábitos, um pequeno leque negro, indiferente ao rumor que os seus próprios argumentos tivessem despertado na assistência.

Se Lessa, como Lúcio, foi, como já se disse, um romano por amor do Direito e um heleno pelo amor da Beleza, um heleno e um romano o foi também esse outro vulto, igualmente admirável, que assinala esta Cadeira: Eduardo Ramos, prosador de linguagem tersa, que como um ourives paciente tantas jóias nos legou na *Correspondência de Erasmo* e nas *Prosas de Cassandra*.

Advogado, parlamentar, poeta, escritor, artista sutil como um ateniense, observa Rui que ninguém, entre nós, "meneou melhor os segredos da ironia, ninguém lhe deu mais lustre às elegâncias, ninguém lhe rendilhou com mais engenho a graça, ninguém teve mão mais hábil em aligeirar o chiste, em despedir o sarcasmo". Riu amargamente da vida e dos homens; e foi em pleno esplendor que a morte, a suprema ironista, o levou, não concedendo que realizasse uma das suas mais afagadas aspirações – a de sentar-se na vossa Companhia.

* * *

O grande claro aberto com a desaparição de Pedro Lessa, que a Morte não deixou Eduardo Ramos preencher, chamastes a fazê-lo essa brilhante individualidade, tão viva ainda, entre nós – João Luís Alves.

Se há verdade na superstição de que em cada berço que balança tecem as Fadas o destino das criaturas, sobre o berço de João Luís as fiandeiras invisíveis teriam tecido: – *Brilharás, e não repousarás.*

Como os astros de própria luz que não repousam, assim também a marcha do seu espírito por este mundo.

Nascido numa fazenda de Juiz de Fora, passado o período de infância, aprendidas as primeiras letras, o menino João Luís já não sentia seduções para trepar as árvores e correr as montanhas. Preferia ler os jornais que vinham da Corte, cheios, àquela época, dos luminares do Império, do verbo flamejante da Abolição, e horas inteiras deixava-se ficar embevecido na contemplação dos retratos e na leitura dos Nabucos e dos Patrocínios, que fascinavam sua mente infantil, como se fossem seres sobrenaturais. Franzino, os grandes olhos negros e curiosos, avizinhava-se sempre das rodas dos que palestravam política, bebendo-lhes as palavras. Então, se os comentários descreviam as lutas do Parlamento, os choques de liberais e conservadores, as fulgurações dos Saraivas, dos Cotegipes, dos João Alfredos – o menino transfigurava-se.

Precária a situação financeira de seu pai; não obstante isso, traçou a pulso firme a sua rota: – estudar! Viria à Corte fazer os preparatórios, custasse esse ideal todos os sacrifícios. E um dia, viu-se sozinho no Rio, para fazer exames, com doze anos apenas, uma bolsa quase em penúria e uns sapatos cujas solas se escancaravam, rindo, talvez, da aventura do jovem Quixote. Mas se os pontos estavam sabidos à ponta da língua, tudo o mais lhe seria secundário.

Aos 14 anos, concluído o curso de humanidades, batia às portas da Faculdade de Direito de São Paulo. Aquele rapazelho, que lá se ia num grande alvoroço de estudar e de vencer, não levava, porém, uma certidão de Registro Civil capaz de abrir-lhe as portas da matrícula: a lei exigia a idade de 16 anos, e ele ainda não os tinha. Foi preciso que, em 1884, outra lei viesse em seu auxílio e o levasse pela mão aos bancos acadêmicos onde se alvoroçava, a esse tempo, uma colméia alvissareira: Edmundo Lins, Herculano de Freitas, Carlos Peixoto Filho, Afonso Arinos, Machado Guimarães, Henrique Borges, Edmundo Veiga, e tantos outros, que atingiram depois, com ele, as cumeadas da carreira pública, na magistratura, na política, nas letras.

São Paulo era então província pacata; e quase sumido na sobrecasaca estudantina, o acadêmico João Luís ouvia atento as lições e, se bem que fosse o orientador da corrente conservadora entre seus colegas, bem pressentia os

passos altos do advento da República. Ele mesmo nos conta ao envergar a beca de ministro do Supremo Tribunal:

> Recebi grau no dia do baile histórico da Ilha Fiscal. Não sou, pois, um republicano da propaganda. Não me seria lícito dizer, porém, que "esta não é a República dos meus sonhos", embora possa sempre afirmar que é a "Pátria muito minha amada". Saí, pois, da Academia, ao inaugurar-se o regime republicano. Não trazia paixões, e obedeci à orientação dos grandes homens da política mineira que aceitaram nobremente o novo estado de coisas.

Aos 20 anos, incompletos, sobraçando a sua carta de bacharel, deixava a Academia de São Paulo e iniciava a jornada de uma vida nova: órfão, só e pobre. "Eu era órfão, só e pobre", dizia na oração de 25 de janeiro de 25. E foi, decerto, à sombra dessa trindade, que presidira o limiar do seu caminho, que fora buscar aquela força formidável de combatividade para vencer. Viu que, "órfão, só e pobre", só lhe restava aceitar as armas que seriam as suas: – as da luta, as do trabalho, as da ação.

Radiava a República na sua esplêndida alvorada, e nas quebradas das montanhas mineiras reboavam as fanfarras do novo regime, despertando as energias daquele povo e daquela terra que já havia bebido o sangue do martírio das novas idéias políticas agora dominantes. Cesário Alvim vinha de ser nomeado pelo Governo Provisório, presidente de Minas, e seguindo caminho de Ouro Preto, ao passar em Juiz de Fora, viu entrar-lhe pelo vagão um moço pálido e magro, que lhe apertou a mão respeitoso, pedindo duas palavras.

O presidente de Minas anuiu com bondade, e João Luís solicitou uma promotoria, dizendo-se só, desacompanhado de qualquer empenho, mas confiado nas tradições de caráter e generosidade do grande mineiro. Cesário Alvim gostou da atitude do rapaz, e dias depois chegava a Rio Verde o seu novo promotor. *Alea jacta erat.* Daí, começou a sua ascensão para a vida pública. De 1890 a 93, promotor, juiz municipal, juiz substituto; de 93 a 98, advogado de larga clientela no sul de Minas; de 99 a 902, deputado ao Congresso Mineiro, professor da Faculdade de Direito de Belo Horizonte; de 903 a 908, deputado federal pela sua terra; de 908 a 918, senador federal pelo Estado do Espírito Santo; de 918 a 922, Secretário das Finanças de

Minas Gerais; de 1922 a 1924, ministro da Justiça da República, sendo ainda em 1924 e 1925 eleito para vossa Companhia, e nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal, últimos postos que ocupou.

De promotor de Rio Verde a ministro do Supremo Tribunal, vai de 1890 a 1925 todo um transcurso de trinta e cinco anos de intensa luta, de incansável mourejar. Se a carreira judiciária abriu e cerrou as portas de sua vida pública, não pôde resistir, porém, aos amavios e feitiços da Política; e em 1925, agradecendo a manifestação que lhe faziam os seus amigos, por assumir a pasta dos Negócios Interiores da República, pela palavra arrebatadora e cintilante de James Darcy, e evocando a figura desse parlamentar de inconfundível relevo, dizia:

> Só quem viveu aquele período, poderia sentir, então, e reviver a grande mágoa causada pela falta que ia fazer ao país o jovem lutador que, com a sua linha de ateniense e altivez de espartano, interrompia bruscamente, por sentimento de retidão política, e de afetuosa e rara solidariedade, a sua já brilhante e fecunda vida de parlamento. Pondo de parte, porém, o egoísmo de nossa mágoa, bem o fizeste, amigo. Tua atividade, exercida em atmosfera mais serena, permitiu a revelação do teu onímodo talento, e o pretório ganhou no jurisconsulto o parlamentar que a política perdeu. Bem desejei eu imitar-te em tempo, porque não me abandonam as nobres seduções da vida do Jurista, que é, na verdade, o *substratum* da minha vida pública.

Do desconsolo dessas palavras se vê que a sua alma de batalhador já se sentia um tanto abalada dos embates sofridos na trepidante e agitada carreira política que foi a sua. Observando-se, porém, o desdobrar do seu caminho, vemos que o jurista não deixa o político. Sempre o direito a empolgá-lo; e pode dizer-se que no parlamento, durante esse período de duas décadas e meia de vida republicana, nenhuma lei veio à discussão que ele não tomasse parte nos seus debates, não procurasse trazer-lhe o seu concurso, não lhe oferecesse apoio ou ataque, autoria ou emenda, ora ferindo de frente as questões com os recursos de uma cultura variada, poliforme, rica, realmente invejável, ora contornando-as, como hábil esgrimista, sem ceder flanco ao adversário. Destemeroso, calmo, e culto, sentia-se senhor da tribuna parlamentar, sendo

um discutidor temível das causas que defendia, e um arrojado aparteador das que combatia. Discutisse com a figura ciclópica de Rui, ou enfrentasse guerrilheiros terríveis e amestrados, da estofa de Barbosa Lima, Carlos Peixoto, Darcy, Moacir, Esmeraldino, não lhe fugiam os atributos que o armavam para a luta.

No seu volume *Trabalhos Parlamentares*, podemos bem aferi-los. Acicatava a frase, dardejava a ironia, construía o argumento, alicerçando-o nos autores em voga, nas revistas jurídicas da semana, nos livros os mais recentes. Não se lhe apanhava em descuido. Cada aparte tinha sua resposta; cada alegação sua contra-alegação; cada ataque, o seu revide. Assim o vemos nos trabalhos da Constituição do Rio Grande do Sul, da Intervenção de Mato Grosso em 1906; da Intervenção em Sergipe, da Intervenção no Estado do Rio em 1910; da Intervenção no Amazonas em 1913; na questão da "competência do Poder Judiciário", na das Comissões do Poder Executivo ao Poder Judiciário, na da lei sobre a letra de câmbio, na da lei sobre o cheque, na discussão do Código Civil, nos Projetos dos Códigos Comercial e Penal, na Extradição de Criminosos, na Abolição das Loterias, no Recurso da decisão de *habeas corpus*, na Reorganização da Justiça Militar, que tantos são os capítulos aí compendiados.

Questão de direito penal, processual, constitucional, cível ou comercial, econômica, financeira ou administrativa que viesse a campo, qualquer que ela fosse, o seu espírito ágil, inquieto, percuciente, analítico, dava-lhe o brilho da sua acuidade e as luzes da sua cultura.

Das palavras de saudade que no Supremo Tribunal foram dirigidas à sua memória, na sessão de registro de sua morte, destaco alguns períodos de Edmundo Lins, nome que só por si é um dos brasões de orgulho e cultura deste país:

> Matriculamo-nos na Faculdade de São Paulo, em 1885. Éramos perto de 200 *calouros*. Um dos mais moços era João Luís Alves. Tinha apenas 15 anos. Pertenciam a essa turma estudantes distintíssimos: Carlos Peixoto Filho, Mendes Pimentel, Afonso Arinos, e Herculano de Freitas. Apesar de criança, João Luís se distinguiu logo pelo talento e pelo estudo, pairando no primeiro plano, e chegan-

> do até o fim do curso (apenas 74), como das suas primeiras mentalidades, e de toda a Academia.

E mais adiante, referindo-se ao professor que deixava um "*monumento oere perennius:* o *Código Civil Comentado*", voltou a olhar o Parlamentar, dizendo:

> Estreou-se na Câmara dos Deputados em condições especialíssimas. Um dos nossos mais pranteados professores, Augusto de Freitas, analisava da tribuna, apaixonada e desapiedadamente, o diploma de um deputado mineiro, chegando a declarar que viera armado de ponto em branco, pronto a esmagar a quem quer que ousasse defender aquelas eleições. Mal acabava de pronunciar essa frase, e da bancada mineira irrompia um grito: "Pois não esmaga, não!... Peço a palavra." Para lá se dirigiram todos os olhares, e divisaram estupefatos, de pé, um moço pálido, de olhos grandes, muito brilhantes. Era João Luís Alves, que vinha de ser reconhecido. Na sessão seguinte, respondeu com inexcedível brilhantismo ao grande tribuno baiano, que foi o primeiro a abraçá-la, ao terminar, debaixo de uma salva de palmas, a sua empolgante oração.

Essa página evocativa bem fotografa, no colorido das suas palavras, esse pendor de combatividade, de energia, de bravura, que foi um dos traços mais vivos da personalidade de João Luís.

Trabalhador, não conhecia a fadiga. Como Beaumarchais, que dizia: "*Je sais bien que vivre c'est combattre, et je m'en désolerais peut-être si je ne sentais que combattre c'est vivre*", ele também não compreendia viver sem lutar, e nunca uma vitória, ou um revés sofrido, fez abater as suas armas.

Esse monumento *oere perennius*, a que se refere o nosso grande Juiz, o *Código Civil Comentado*, que tem merecido os maiores louvores dos competentes, foi obra ininterrupta de dias a fio. Muitas vezes, as madrugadas surpreenderam-no curvo à sua mesa de estudo. Cooperador dos mais eficientes do Código Civil no Legislativo, tornou-se depois um dos seus mais seguros comentadores.

Ministro, o seu biênio na pasta do Interior foi uma faina contínua de agitação, de empreendimentos, e reformas, ressaltando entre outras: – a Assistência aos Menores, as Reformas da Justiça, do Ensino, os Códigos dos

Processos Civil e Penal da Justiça, Local, a Lei do *Sursis*, o Livramento Condicional, e a Proteção à Inteligência ou a Lei dos Direitos Autorais.

Espírito voltado para os assuntos intelectuais do seu país, votou a essa última Lei a mais desvelada assistência, uma vez que a mesma procurava preencher as lacunas que a de agosto de 1898 e o Código Civil, nos seus vários artigos, haviam deixado em relação aos direitos de Autor, na salvaguarda dos legítimos interesses dos intelectuais brasileiros, pugnados, agitados e defendidos, no Congresso, com tanto brilho, pelo nosso Xavier Marques.

Hoje, relações de autores e editores estão reguladas pelo Decreto 4.790, de 2 de janeiro de 1924. *Legem habemus.* E esquecido de que me encontro numa Academia de Letras, quase me deixo arrastar (oh! a força do hábito!) à sedução dos comentários dos arts. 4.º e 5.º da referida Lei, analisando se atentam ou não contra a liberdade do comércio, se são ou não draconianas, cotejando-os com os *artigos de edição* do Código Civil, e as explanações dos Lardeurs, Huard, e Macks, Clóvis, Mendonças, e Espínolas, em confronto com as do Acadêmico a quem sucedo. Certo de que a moldura deste discurso não comporta digressões de tal natureza, delas me dispenso, como das de expor-vos suas opiniões sobre as substituições fideicomissárias e as obrigações por declaração unilateral da vontade, os laços jurídicos que prendem avalistas, emitentes e endossantes nos títulos creditórios; se o seu espírito de penólogo e jurista aceitava ou repelia as escolas clássicas de Carrara, antropológica de Lombroso, ou positiva de Ferri.

Se ele, dentro da sua esfera de ação, foi um absorvido pela política e pelos estudos jurídicos, não o era, porém, como aquele viandante de Edmond Picard, de quem nos fala Pedro Lessa, que diante de um cair de tarde, no mais emocional dos espetáculos, em face do indeciso da luz quase sombra sobre a floresta, luz indecisa que tudo coloria e espiritualizava, mergulha em profunda contemplação, e quando o seu companheiro de jornada, um pintor, pergunta, convicto de estar diante de um poeta:

– Amigo, que vêem teus olhos de tudo isso?...

– Tão-somente contratos e direitos, – respondeu. Era um jurista: – tão-só, organicamente um jurista, que na beleza da paisagem crepuscular via exclusivamente a realidade da vida constante do direito, "vastíssima teia de fios materialmente invisíveis, tudo penetrando, insinuando-se por toda parte,

adaptando-se a todos os elementos que compunham o extraordinário painel que ali se desdobrava".

O espírito de João Luís via a vida também com olhos de artista. Não o digo – com olhos de poeta, porque Augusto de Lima, ao dar-lhe as boas-vindas nesta Casa, citando vários trechos seus, revela dores de sentimento de verdadeira arte, afirmou ter procedido e meticuloso exame e chegado á conclusão de que o autor dos *Trabalhos Parlamentares* nunca fizera um verso... Embora de difícil credibilidade, a existência de um *brasileiro letrado sem o seu soneto*, não me quis dar à investigação dessa raridade, e aceitei como sentença em julgado a afirmação do grande poeta das *Contemporâneas*.

Enamorado das belas-letras, e especialmente da poesia, parlamentar vigoroso e brilhante, inteligência ágil e viva, jurisconsulto de ampla e variada cultura, trabalhador infatigável e metódico, coroavam a têmpera desse lutador duas qualidades evidentes: o *humour*, que lhe derivava da bravura pessoal, e a desvaidade que lhe advinha de um fundo ingênito de bondade. A maneira de um discípulo mardeniano, tinha para a vida sempre uma grande dose de otimismo, de alegria, de confiança. Uma frase feliz por entre duas fumaradas de cigarro, um pouco de bom humor nos momentos difíceis, uma pilhéria leve, um dito chistoso, um sorriso... e disfarçava, em face de olhos estranhos, as mais graves apreensões que o ensombrassem.

Um dos nossos jornais chegou a registrar um fato que bem demonstra essa modalidade de João Luís. Foi por ocasião da revolta de um dos nossos navios de guerra, vai para dois anos. Um dia, a cidade despertou com disparos de canhão na Guanabara; e uma flâmula vermelha no topo de um mastro denunciava sedição em certa parte da Marinha. Espalhou-se imediatamente o terror. Batalhões fiéis à legalidade desceram dos subúrbios, saíram dos quartéis, equipados, armados, municiados, tomando ruas, fortificando pontos, estendendo-se ao longo da praia que circunda a baía. Os boatos esfuziavam. O *São Paulo* encabeçava a revolta contando já com o apoio do *Minas*, dos *scouts*, e dos torpedeiros ancorados. A Revolução estava às portas, sussurrava-se.

Cavalarianos policiavam as praças, fustigando os animais que batiam os cascos em tropel, dando à cidade espantada o aspecto de que o motim poderia tomar feições mais graves. Jornais afixavam *placards* recomendando

à população que se tranqüilizasse, porque o governo estava forte e inteiramente apto para dominar o movimento. As ruas, porém, estavam quase desertas, e as casas comerciais da Avenida começavam cautelosas a bater as portas, quando o Ministro do Interior foi visto descer calmamente de seu automóvel.

Prosseguiu na mais absoluta tranqüilidade, caminhando até um dos cafés próximos à Rua do Ouvidor, – um maço de jornais debaixo do braço, fraque negro, chapéu de feltro, longa piteira fumegante ao canto da boca. Entrou, abancou-se, serviu-se rapidamente, deitou olhos em calma aos jornais, e saiu. Os raros transeuntes da manhã agitada olhavam, admirados, aquele homem aparentemente desprendido do momento. Viram-no depois demandar o seu automóvel, o cigarro sempre a queimar espetado à piteira, – e quando, passos adiante, um dos seus amigos se lhe atirou aos braços, aterrorizado:

– Então, *seu* João Luís! Coisa horrível! O *São Paulo*!

– Nada, meu caro. Venho de lá... Agora mesmo... Nada de anormal... Tomei café... Em paz...

– Que diz?! – clamou o outro. – Graças a Deus!... Já dominada, então? Tomou café? Vem de lá?!...

– Sim, – afirmou sorridente, os olhos alegres, o ministro. – Venho de lá... do *Café São Paulo*...

Esse singelo fato de bom humor bem nos revela essa superioridade de espírito, e essa bravura pessoal que tão características lhe eram. Que era também um desvaidoso, um desempavonado, uma criatura simples, afável, tratando por igual a ricos e pobres, ministros e operários, grandes e humildes, – é notório.

Os pequenos servidores que com ele trabalharam no Congresso, e na pasta da Justiça, guardam de sua pessoa a mais amável recordação. De uma feita, um dos seus íntimos, após vê-lo assumir um alto cargo de confiança, oportunidade em que fez questão de abraçar do mais obscuro ao mais alto dos funcionários, observou:

– O que mais me admira, é essa sua simplicidade... Eu, talvez, não fosse assim, como você, tão popular...

– Ah! meu velho, – respondeu: – Vaidades!... Que adiantam?!... Tenho medo que o ministro da Pérsia, de Voltaire, me mande a orquestra de Irax... E quebrando com o dedo mínimo a cinza do cigarro, sorria, recitando o refrão dos rabequistas:

Que son mérite est extrême
Que de grâces! Que de grandeur!

Referia-se sempre àquela narrativa sobre Irax, o vaidoso, que só respirava falsas glórias e falsos prazeres, aborrecendo-se dentro da sua fatuidade, até se alguém lhe dirigia a palavra. Zadig, ministro da Pérsia, e herói do romance de Voltaire, sabedor da existência de tão orgulhosa criatura, prometera corrigi-la, e um belo dia, "de mandado d'El-Rei, (na tradução de Filinto Elísio), lhe remeteu um mestre de música acompanhado de doze vozes, e vinte e quatro rabecas, um Mordomo com seis cozinheiros, e quatro Camaristas que o não tivessem de largar de si", em zumbaias e cerimônias.

No primeiro dia, assim que despertou o voluptuoso Irax, o mestre de música fez soarem as vozes e as rabecas, cantando por duas horas uma canção cujo estribilho, de três em três minutos, era:

Que son mérite est extrême!
Que de grâces! Que de grandeur!
Ah! combien, Monseigneur,
Doit être content de lui-même!

E após esse coro, diariamente, um camarista lhe fazia uma fala de três quartos de hora, exaltando-lhe os méritos, e finda a oração, levavam-no à mesa ao som dos instrumentos. Durante o jantar, que se arrastava por três longas horas, assim que abria a boca para brindar o Rei, o primeiro Camarista dizia: *Il aura raison!* – e apenas pronunciava quatro palavras, o segundo clamava: *Il a raison!* – e todos: – *Il a raison! Il a raison!* E após a refeição, clama o estribilho:

Que son mérite est extrême!

No primeiro dia, Irax exultou. "O Rei homenageava os seus méritos!"... No segundo, já não sentiu tanto agrado. No terceiro, achou desagradável. No quarto, insuportável. No quinto, supliciante, com aquelas vozes em coro:

Ah! combien, Monseigneur,
Doit être content de lui-même!

o discurso da mesa, a voz roufenha dos Camaristas, "*il aura raison, il a raison*", a arenga do panegírico, o espoucar das louvaminhas, atiraram o pobre Irax quase à loucura, fazendo-o correr a pedir a El-Rei que lhe retirasse todo aquele aulicismo, – mestre de música, mordomos, e cavaleiros, e camaristas, e rabecas, e cantores, e lhe desse um pouco de paz, compreendendo assim que tudo vinha da sua vaidade, jurando de então por diante ser menos vão e mais aplicado. El-Rei sorriu, fez-lhe a vontade, e Irax, depois, foi feliz...

Eis porque, na sua encantadora simplicidade, dizia João Luís, "receava as rabecas do ministro da Pérsia, de Voltaire".

O brilho da inteligência, uma cultura sem ostentação, a vontade firme, o trabalho sem desfalecimentos, a alegria de viver, a desvaidade das posições, tudo isso formava a construção da sua individualidade, em contornos cada qual mais admirável.

Da sua obra, podemos dizer que foi a de um político, disfarçando o pendor de um homem de letras. Já se disse que a sua Musa, em vez de ser uma das nove, variava entre Têmis e Minerva. Como a obra de todo político, entre nós, foi a sua: – vária, dispersiva, fragmentária, sem unidade.

Oh, a implacabilidade da Política que não dá que as inteligências a seu serviço repousem, creiam, construam! Como Saturno, vive do sangue dos seus próprios filhos. Qual o político que nos tenha deixado uma obra de unidade, de criação?! Joaquim Nabuco só pôde trabalhar quando, vitorioso o seu sonho abolicionista, quebrou as próprias cadeias que o prendiam à Política. Só do feitiço da sereia liberto, pôde entregar-se a sua finalidade literária. Vêm de aí *Minha Formação*, *Um Estadista do Império*, *Pensées détachées*.

Dele o mesmo se poderia esperar. Vendo realidade o seu mais alto desejo – uma toga de Juiz na Alta Corte, – prometia consagrar-se à Justiça e

às Letras, com serenidade. "Fecho um livro da minha vida pública, e abro outro", – dizia na tarde de 25 de janeiro de 1925, ao sentar-se na cadeira do Supremo Tribunal: e em traçando o seu elevado programa, – a despaixão, o estudo acurado das questões que lhe fossem destinadas, o amor à carreira que abraçava, a dedicação, o estrito cumprimento do dever ao seu cargo – terminava: "Que Deus, o Supremo Juiz, me ampare e inspire!..."

Mal traçava, porém, nervosamente, as primeiras linhas, – e que tão belas já se desenhavam! – desse outro livro que vinha de abrir, caiu-lhe a pena da mão fatigada... Pendeu a cabeça... Tinha sono o lutador! Adormeceu...

Contam que a seu lado se achava aberto um livro de versos de Rostand, o último que lera... Desse sono, ninguém o pôde despertar. Nem mesmo o grito angustiado do coração daquele anjo de esposa que não o abandonou um só momento, nos dias de sol, ou nos dias escuros da sua vida. Havia anoitecido para sempre. Não mais amanheceu para aquele ceifeiro infatigável, a quem a Justiça e a Poesia – as mais altas expressões da Beleza – velavam os momentos derradeiros. E foi para elas o seu último olhar...

Que durma, no seio de Deus, o lidador!...

II

RESPOSTA DO SR. LAUDELINO FREIRE

SENHOR Adelmar Tavares:

Se vos não fora imposto nesta grande hora o uso do fardão acadêmico, mais expressivo se me afiguraria o terdes subido a esta tribuna e vos haverdes investido na posse do vosso título, trajando vestes talares e empunhando a vossa lira.

Não seria faceirice, nem ostentação.

O significativo e dúplice simbolismo para logo diria das alianças que tendes com os mortos da vossa Cadeira, e com o vate sempre vivo, que morto resplandece no seu espaldar.

Vestiríeis a lácia toga do magistrado, para dizerdes de magistrados, e com essa eloqüência só de si semelhante, faríeis justiça aos que em vida com a justiça e da justiça viveram.

Com a lira à destra, já seria a própria eloqüência do coração a insinuar-se no transmitirdes à posteridade os loiros dedilhados.

Tudo isto é, sem dúvida, simbolismo, mas simbolismo apropositado neste momento e nesta noite cheia de esplendor para altear a eloqüência dos sentimentos quando sentidos com verdade.

E esta foi a eloqüência que realmente jorrou do vosso peito arfante sob os rijos doirados acadêmicos, e ao calor da qual iniciastes a formosa oração de hoje por dar-nos, em brevíssima frase, toda a vossa profissão de fé:

– Nada tenho senão minha alma, e nunca reneguei a minha arte.

Foi justamente essa alma de artista vibrátil e sensível, alma de artista que tem dado à arte "o mais imaterial e puro do seu coração", que atraímos ao nosso convívio, para, em íntima consonância espiritual, sentar-se na Cadeira de um poeta e entoar louvores à fama de juristas.

Onde e como quer que vos apresentásseis, a vossa alma seria sempre a mesma – alma apaixonada do bem, da virtude e do belo, credenciais de raro preço nos dias que passam, tão calamitosos e "infestos à virtude", época cruel até na paz, como diria o panegirista da vida de Júlio Agrícola.

* * *

Às vezes a Academia dá-se ao luxo de inspirar-se, nas suas preferências, numa equivalência curiosa de contrastes, deixando de lado o natural critério das afinidades, aliás jamais observado a rigor.

Seria paradoxal, por exemplo, a aliança de Osvaldo Cruz com o seu antecessor Raimundo Correia, se a palavra grandeza aqui não estivesse a consociar a preeminência do poeta com a supereminência do sábio.

Que maior contraste se nos depara que o da substituição de Alcindo Guanabara pelo Bispo de Mariana, manso pastor que viveu a afugentar pecados?

Quando o Sr. Coelho Neto, prosador por excelência, escolhe por seu patrono a Álvares de Azevedo, poeta por excelência, – que afinidade entre eles há senão a do divino dom com que Deus enriqueceu a tão subidos engenhos?

O princípio da afinidade intelectual nasceu, entretanto, com a Academia.

Vê-lo-eis na Cadeira de Cláudio Manuel da Costa com o Sr. Alberto de Oliveira; na de Gonçalves Dias com Olavo Bilac; na de Alencar com Machado de Assis; na de Joaquim Serra com Patrocínio; na de Evaristo da Veiga com Rui Barbosa, para ficarmos nas em que mais características são as alianças.

Na Cadeira que vos destinou a Academia, Sr. Adelmar Tavares, tendes por patrono um poeta, mas os que nela vos antecederam são prosadores e juristas, feição primordial ainda naquele, dentre estes, que dedilhou a lira com sentimento e graça, mas sem os constantes gritos de agonia, nem a música sempre plangente, raro jubilosa, do vate dos *Cantos e Fantasias*.

Elegendo-vos, atentou a Academia, não sei se intencionalmente, nas afinidades que vos deixam muito bem na Cadeira de Varela, cujos ocupantes foram Lúcio de Mendonça, Pedro Lessa e João Luís Alves.

Como o primeiro sois poeta; prosador e jurista como os outros.

Não quis a fatalidade que, eleito acadêmico, lograsse Eduardo Ramos investir-se na posse do título que os seus muitos merecimentos legitimamente conquistaram. Seria no grupo outro, jurisperito e prosador, de estatura e molde dos melhores.

Não sei, Sr. Adelmar Tavares, se, levado por força dos precedentes, e possivelmente com agrado vosso e maior gáudio nosso, poderei vaticinar-vos outra investidura; esta, porém, com as vestes em que desejei aqui ver-vos, e sobraçando códigos em vez de liras.

Afirmai-nos que não renegastes a vossa arte. Ainda bem.

Ponderai, porém, que para muitos, para quase toda a gente, poetas são... poetas.

Tácito, o grande Tácito, não tinha conhecimento exato e preciso da forma e movimentos da Terra. Considerava o nosso planeta como simples superfície; e a noite, para ele, provinha do fato de ocultar-se o sol detrás das terras altas, das serras e serranias.

Quereis ver como lhe chamaram, em razão deste seu atraso nos conhecimentos geográficos e astronômicos da época?

Chamaram-lhe poeta. Neste assunto e em assuntos como este não é Tácito historiador, nem filósofo: é poeta, – escreveu um dos mais argutos e provectos tradutores.

Por brilhantes e fecundos elevaram-se os espíritos eleitos de Lúcio, Lessa e João Luís, e tanto subiram, que chegaram ao cenáculo da suprema justiça.

Mal vos não ficaria também o sentenciardes aqui perto e, do mesmo passo, entre nós, desferirdes cânticos de amor e saudade.

* * *

Diríeis, ou melhor, diriam que tais cânticos são lágrimas sentimentais, lágrimas do passado, lágrimas que ninguém mais chora.

Cuidado, porém, com o homem de olhos enxutos, porque homem é que, não sendo capaz de ceder aos impulsos do coração, está fora da vida do

sentimento, e impassível aos enleios do amor nas suas manifestações mais puras.

A verdade, aqui, toda inteira, resume-a a própria musa:

– ...! quem é que não sabe
Numa lágrima sentida
Aliviar-se da vida,
Que pesa no coração? –

Quando o poeta, cuja alma se acrisolou no desalento e na dor, meneia a fronte e nela deixa apagar-se a chama do ideal, que perfuma as tristezas da vida; ou, abraçando-se a idéias transviadas, faz desviar-se a poesia das fontes da "inspiração afetuosa, da meiga singeleza, do puro lirismo" – esse poeta, mais céptico ou reflexivo do que sensível, deixa de ser poeta.

O que seja a poesia, diz-nos a pena mais embebida no espírito do seu tempo, diz-nos Camilo Castelo Branco: – "É tudo o que se nos revela ao espírito sem nos molestar o entendimento; é tudo o que nos banha a alma de unção, desprendendo-a dos liames terrenos; é, enfim, esse toque súbito, chamado arrobamento, ao qual o espírito segue espontaneamente como librando-se muito acima da terra... De lá caímos, é verdade, quando o comércio com a realidade nos acorda da letargia instantânea; mas, embora despertos, sentimos que há dentro em nós uma lâmpada nunca extinta."

Continuemos a formar a "detestável família arqueológica que ninguém tolera", família de idealistas, românticos, sentimentalistas, ou com outro epíteto que lhe queiram dar.

* * *

Estou assim, sem nenhuma intenção, Sr. Adelmar Tavares, a crismar-vos de romântico.

E acaso ficareis pesaroso com o aludir a esta feição, tão da vossa índole e feitio?

Somos um povo que se não deve queixar do Romantismo, porque foi ele que nos deu plêiades brilhantíssimas de poetas, que foram e continuam a ser os maiores nomes nas boas e belas letras.

As escolas literárias são necessariamente grandes capítulos na história das literaturas, e longe a idéia de proclamar o poder despótico do Romantismo sobre as demais.

Com o alvorecer da poesia romântica, como escola, não foram decerto decepadas as cabeças de Aristóteles, Horácio e Boileau, o "cérbero trifauce", que, à porta do Parnaso, resguardava as prerrogativas da escola clássica. Não.

No meio do estrépito dos alaúdes românticos, ressoem novamente as liras clássicas – exclamou o bardo glorioso da *Arte de Amar*, e dos *Amores* de *Ovídio*, cego predestinado para as musas e que maravilhosamente soubera tanger, com iguais harmonias, alaúdes e liras.

O que fez a reação romântica, dentro da disciplina de escola, foi opor ao princípio da imobilidade da velha corrente o princípio do liberalismo na arte e na literatura.

– E, se ruíra o Capitólio, por que não havia de cair o Parnaso?

Tornara-se excessivo o furor da imitação, que reprimia os surtos da fantasia. A imaginação, sem asas, não se elevava, e com ela rastejava uma poesia sem ideal.

O século XVIII, só para trazer-vos um exemplo, ao mesmo tempo que ostenta a audácia sem limites dos enciclopedistas, mostra-nos uma das suas mais altas mentalidades acorrentada à tibieza incompatível com a expressão assombrosa do seu gênio.

É Voltaire, a quem "toda imagem arrojada intimida e as próprias audácias sublimes de Corneille amedrontam" – tudo em virtude, segundo lhe notara a crítica, "da influência das doutrinas que aconselhavam a cópia dos antigos por única teoria literária aceitável".

Voltaire, escreveu André Bellesort, foi romântico como foi republicano, com um profundo instinto clássico e monárquico; chegou a dominar-se de superstição pelas regras do Classicismo.

E quem diria que o homem que, no século, encarnou a emancipação do pensamento, se submetesse tão docilmente a tão férreo dogmatismo?!

Outra coisa não sendo a poesia que a expressão do impulso íntimo para "levar o verdadeiro até ao ideal", isto é, não sendo senão o "reflexo dos movimentos d'alma, iluminados pelos resplendores da fantasia" – os seus

princípios ativos, por isso que se inspiram no elemento humano, não podem ficar detidos dentro dos preceitos aristotélicos.

E não ficaram, decerto. A reação triunfou, estribada na verdade, que ninguém deixa de sentir, refletida nesta frase: – *Sede homens antes de serdes escritores.*

Enquanto dentro em nosso peito palpitar um coração, "e a mente abrasada lhe arrebatar essas palpitações às regiões infinitas, a poesia romântica há de existir, ser fecunda e universal".

Fecunda, universal e eterna, porque é a expressão verdadeira dos estados d'alma, dos sonhos vagos e das comoções íntimas; é a poesia das ânsias que se enraízam nas profundezas do ser; é a poesia da ternura, da saudade, do infortúnio e da dor.

A vida sentimental exterioriza-se numa escala de paixões, – e o romantismo, que as exprime, é a poesia da vida e a própria vida da poesia.

Nasceu com o primeiro coração que amou, sofreu e cantou.

Quando Jó, beduim sublime, revoltando-se contra a injustiça da sorte e de Deus, – mal se vinha desprendendo a vida da névoa indecisa e tênue do alvorecer da história, – compôs, com as lágrimas inconsoláveis da sua infinita tristeza, a epopéia da dor – revelou-se, já foi dito, "o primeiro romântico da antiguidade".

Ferindo com o plectro "as cordas plangentes do seu saltério, chora Davi as desgraças das filhas de Sião"; e, nesses salmos penitenciais, quem é que gemia senão a alma dilacerada do "primeiro gênio inspirado desta patética família de poetas elegíacos"?

O amor que ressuma do *Cântico dos Cânticos* – que é senão romantismo? Que nome aí terá, senão o de romantismo, o respeito à virtude e ao amor puro da aldeã ingênua e casta, que se libertou das tentações de um mundo sensual e corruto?

E Isaías a enfrentar a impiedade do seu tempo com as setas de fogo da sua "eloqüência inflamada de imagens, que nenhum estilo moderno excedeu" – que foi senão um *gênio triste e fatídico,* mas um gênio precursor do mais puro romantismo?

"E todos os outros profetas", inquire a crítica esclarecida, "que são senão outros tantos românticos na acepção mais espiritualista e apaixonada da palavra?"

Guarda o mundo o perfume desta poesia semi-religiosa e semiprofana, que, suavíssima, se desprende dos livros sagrados, e consagrados.

* * *

Desta poesia que de tão longe vem, Sr. Adelmar Tavares, sois um lídimo representante.

Apraz-me para logo significar a primeira impressão que me causa a vossa obra poética, na qual imprimistes a vossa organização finamente literária, assaz sensível à sonoridade dos ritmos: é que dela trescala perenemente, como de um pequenino frasco de pura essência, o perfume da saudade, brando perfume que se confunde às doçuras da virtude mais acentuada na vossa organização moral – a bondade.

Esses os estados d'alma mais propícios à concepção e execução de uma obra d'arte, porque a fazem o resultado das construções ideais que se esquivam ao contacto dos aspectos materiais da vida.

Sentis-vos ditoso – e no-lo confessais – com serdes o poeta da saudade:

...sou feliz. Toda a glória
Da grande felicidade
É ter também uma história...
É ter do que ter saudade...

Tendes sem dúvida uma história; mas no albor da vida, não se tem ainda uma história, senão pedaços de histórias, trechos de mocidade, banhados às vezes de lágrimas, mas sempre irisados dos sonhos e esperanças, que acompanham o coração, e não o deixam resvalar às desilusões.

Bem o dizeis:

A gente nunca está só...
Ou se está com uma saudade
De um sonho desfeito em pó;

Ou se está com uma esperança
De nova felicidade...
Outro sonho que se alcança.

Sempre uma sombra com a gente,
Constantemente...
Uma sombra... Boa ou má...
Só é que nunca se está.

Dizeis ainda que

A vida tem dois caminhos...
Um todo cheio de flores,
Todo cheio, outro, de espinhos...

Uns pela estrada florida
Passam, bem longe das dores,
Só tendo flores na vida.

Outros, bem tristes, se vão,
Trazendo os pés nos espinhos
E espinhos no coração...

Todos temos espinhos e amarguras n'alma, cada um com a sua *rosa do lago plantada bem perto do coração.*

Um dia essa flor inclina-se, descora e morre – e a finalidade dolorosa é a que simbolizais nestes versos maviosos e sentidos:

Era uma vez uma rosa
Plantada à margem de um lago,
Como um sonho augusto e vago
Plantado no coração...

Veio um cisne muito branco,
E enamorou-se da rosa,

Na mais pura e fervorosa,
Na mais ardente paixão.

Um dia a mão de algum noivo,
Colheu a mimosa flor,
Para presente de amor
A quem su'alma prendeu...
E dizem que o cisne branco
Ficou tão cheio de mágoas,
Que uma tarde, sobre as águas,
Abriu as asas... morreu.
.....

Lembra este romance tristonho o cadáver de um sonho, que tendes no coração.

Felizes os que trazem dentro no sacrário do peito o culto da saudade e nela encontram lenitivo para as suas dores, como na prece tem o crente o conforto das suas dúvidas.

Quando poetais como que o fazeis bem aconchegado à *visão de uma mulher linda e triste*, que é a sombra inspiradora de todo o esforço da vossa arte.

O artista, depondo aos pés da sua Deusa as oblatas do seu dulcíssimo alaúde, repete-lhe a cada instante:

Viver feliz com o teu amor
E – nada mais.

Fosse pobre pescador, com uma barquinha branca, uma cabana, e em volta da cabana – coqueirais, – viveria feliz com o seu amor. Fosse simples pastor, vivendo na sua choupana, e em volta da choupana – laranjais, – viveria feliz com o seu amor.

Idealiza o poeta uma separação motivada por certo capricho para logo abrir su'alma ao perdão:

Eu que proclamo odiar-te, eu que proclamo
Querer-te mal com fúria e com rancor,

Mal sabes tu como em segredo te amo
O vulto pensativo e sofredor.
Quem vê o fel que em cóleras derramo
No ódio que punge desesperador,
Mal sabe que, se a sós me encontro, chamo
Por teu amor com o mais profundo amor.

A vossa musa, Sr. Adelmar Tavares, não reflete as reações bruscas de um temperamento nervoso, mas mostra-nos um sonhador como banhado das brumas do cair da tarde, ou nos esplendores das brancas névoas de uma manhã tropical, fugindo às espirais das tormentas, mas em devaneios de um subjetivismo amoroso e casto.

A mim parece-me que sois um destes torturados que dentro em si mesmos sentem a própria força criadora num ideal realmente sonhado, que tanto mais se afasta quanto mais é desejado.

Trazeis uma dor íntima, que a vossa musa não revela, mas se compraz em acariciar com as doces recordações do vosso primeiro amor:

Tudo se perde. A esperança...
A fé... A ilusão querida
De uma jura que enganou.
Tudo!... Menos a lembrança
De quem a gente na vida
Primeiro amou...

Foi-se-vos a vossa rosa do prado, deixando-vos abraçado à imortal saudade da que consigo levara as alegrias do poeta.

Não sois infinitamente um triste, mas tendes diante de vós uma campa, onde se vão aninhar, com as primaveras que ela oculta, as carícias do vosso viver.

Daí, dir-se-á, a vossa "constância em amar uma saudade":

Chorar sem esperança, de saudade;
Chorar quem nunca mais olhos verão;
Chorar alguém que nos levou metade
Da vida, e nos levou o coração...

Chorar quem demos tudo de amizade,
Amizade de amor, pura afeição
Nascida da alma, filha da bondade,
Do que irradia em nós como um clarão;

Chorar quem foi razão de um existir,
Chorar todo um presente que consiste
Num passado, sem fé por um porvir;

Ah, singela expressão da minha mágoa!
Quem poderá dizer, lágrima triste,
O profundo da tua gota d'água?!...

Outra musa vos está a advertir, porém, que

Quando as rosas da vida nos fenecem
Das folhas mortas linda virgem sai,
Como novas roseiras nascem, crescem
Da semente da rosa que se esvai.

E tendes aquela doce e pequenina cruz, diante da qual, em transportes de íntima comoção, podeis dizer: – *Luz dos meus olhos.*

Sim, tendes um anjo a florir a vossa existência, e a quem perfumais com a pureza dos cuidados e afetos:

.....

Minha filha, meu sonho, meu carinho,
Amparo meu quando eu ficar velhinho,
Luz dos meus olhos que serão sem luz...
Deus me dê forças neste mundo vário,
Para levar-te ao cimo do Calvário,
Oh minha doce e pequenina cruz!

O desalento da vossa poesia afina melhor o vosso estro com as coisas tristes do mundo, com os pequenos dramas de amor e com o que de evocativo há nas cenas e quadros do natural.

E, com efeito, mais se embevece a vossa musa na contemplação de uma paisagem crepuscular, qual a da linda praia de Olinda, onde a vossa meninice esvoaçou, do que em subir ao píncaro do rochedo, relancear a vista pela amplidão do mar, cantar as horas alegres do dia, agitar-se ao sopro das grandes imagens, ou bater asas em vôos arrojados.

Não há fragilidade de inspiração, mas a inspiração de veraz lirismo. É menos a poesia do pensamento do que a poesia do coração, que referve n'alma, matiza e doira com os encantos da ternura a vida, a luta e as próprias potências do céu e da terra.

Com que inefável melancolia, Sr. Adelmar Tavares, descreveis, ao pôr do sol, aquela praia linda, plantada à beira-mar de Olinda:

Aquela praia linda,
De Milagres*, plantada à beira-mar de Olinda,*
Ao pôr-do-sol é como um sonho que se esfuma...
Como um lençol de bruma
Estendido às alvíssimas areias.
Ninho branco de ninfas e sereias.
Fica entre coqueirais a igreja pequenina,
Alva como uma lágrima do céu,
Como uma noiva, de capela e véu,
Que estivesse a esperar
O noivo que se foi para não mais voltar..

* * *

Pelas tardes serenas
Em surdina
Passa um rumor de penas,
São elas – são as tristes andorinhas,
Que vão falar de amores marinheiros
E de fadas marinhas,

Aninhadas às folhas dos coqueiros...
O sino tange... O som do sino é como ai
Que pela praia vai
A se perder... Do alto da tarde desce
Qualquer coisa de prece...
– São as Ave-Marias.
É a canção outonal dos jangadeiros
Que levaram assim dias inteiros
De pescarias. –

Minha história de amor ficou também contigo,
Branco recanto amigo!
Na água do mar, na luz do sol, na voz do vento,
Hás de sentir que está meu pensamento!
Ninguém te entende mais do que a minh'alma
Que em sonhos, noite calma,
Como um fantasma errante
Vai-te beijar distante...

* * *

Agora és muito linda,
Alva praia de Olinda,
Coalhado todo o mar de vigas e batéis...
– Mar que, escravo de ti, vem te beijar os pés.
– Milagres – *que é que têm teus coqueiros sombrios?!*
Que estranhas emoções, ao pôr-do-sol, revelas!
Quanta esperança vem no fumo dos navios!...
Quanta saudade vai no côncavo das velas!...

Bastariam tais versos para consagrar o poeta, se antes já ele se não tivesse imposto como trovador espontâneo e delicioso.

Mantendes a tradição da velha poesia trovadoresca, e dessa flor provençal sois delicado e sincero cultor.

É, e sempre foi, o trovador vassalo do amor, e do amor faz o seu culto mais fervoroso.

As canções que aformoseiam a "Luz dos meus olhos" e a "Noite cheia de estrelas" refletem a mesma vassalagem amorosa dos trovadores provençais.

Com elegância e elevação observou o douto Sr. Júlio Porto-Carreiro, o mais carinhoso dos vossos críticos, que a vossa poesia se volta sempre para a figura feminina, que vos comanda o cérebro e o coração, e a quem ofereceis em holocausto a vossa arte e talento.

Confirmais inteiramente a observação:

Não sei porque, quando canto,
Por mais alegre, a canção
Tem uma gota de pranto
Que me vem do coração.

– Amar é obra perdida –
Mas, que dissessem, queria,
Se não fosse amar na vida,
A vida – que valeria?!

Sou jardineiro imperfeito
Pois no jardim da amizade
Quando planto um amor-perfeito
Nasce sempre uma saudade...

A Deus cabe a sem-razão,
De não ser o amor perfeito
– Quando fez o coração,
Não fez do lado direito...

A ventura que hei buscado
Pela vida, sempre em vão.
Que vezes não tem passado
À altura de minha mão...

Esta a feição delicada, ora graciosa e sempre sentida do trovador.

Tanto que surgiu, revelou-se a trova poesia rigorosa na técnica, na rima e sonoridade rítmica. Aperfeiçoou-se na beleza dos temas, na agudeza dos conceitos e na harmonia das palavras. Cultivaram-na finos espíritos entre nobres e burgueses, reis, damas e monges; e foi nesse ambiente de aristocracia que se desenvolveu até chegar à perfeição, sem se desvestir da nobreza das suas origens.

Da antiga província romana, onde nasceu para a nossa língua, emigrou como alva flor, para, perfumando a arte noutros meios, entreabrir-se aos brincos da fantasia.

Modo natural e simples de poetar, é a expressão mais espontânea dos sentimentos que o amor inspira. Será sempre, por isso, poesia do coração, na qual apenas entra a arte para enfeitá-la com as pompas da forma, que, apurada e perfeita, só pensamos encontrar nos vates, em quem, delindo-se a imaginação, a métrica artificiosa supre os primores da originalidade e do sentimento.

Não se percebe na vossa técnica o esforço da perfeição da forma. Não vos preocupais com a combinação mágica das tintas, nem nas linhas dos desenhos revelais nenhuma audácia.

Sempre o desartificioso, a simplicidade, a naturalidade.

Sem sacrificardes a verdade que na pintura buscam as imagens exprimir, não sois, entretanto, inteiramente esquivo às pinceladas coloridas e fortes.

A poesia é já de si uma pintura que, quando animada de imagens que dêem a sentir a representação simbólica das coisas, realiza o tipo de uma linguagem que mais se ajusta aos seus fins, isto é, institui "uma língua ao mesmo tempo harmoniosa e imitativa, que com os sons, números e acentos comuniquem às palavras, quanto pode ser, o caráter das coisas, de forma que não só mova o ânimo com a expressão dos sentimentos, o colorido das imagens, mas também encante o ouvido com a beleza física dos sons".

Dais de quando em quando cópia desta língua harmoniosa e viva, imitativa e forte, como neste passo em que descreveis, no silêncio da noite, o som dolente do violino:

É uma sonata histérica e doentia,
Que geme e ri, que grita e que cicia...
Sobe em dorida imprecação, gargalha,

Clama, pragueja, e se enfurece, e ralha,
E vem descendo, e anseia, e se quebranta,
E trila, e arrulha, e chora, e reza, e canta!

As hipotiposes imprimem a estes versos muito vigor e elegância. O iterativo daquele *i* sutil e triste nos dois primeiros, do *a* brilhante e arrojado nos que se seguem, vigorados pela epizeuxe que preside àquela seqüência verbal – tudo são ornatos e matizes de intensa e bela expressão.

Outros irmãos vossos, e dentre os maiores, nos mesmos transportes da grande arte, largo uso fizeram desta opulência nativa do pátrio idioma.

Na soberba e maravilhosa descrição de uma enchente, tem Alberto de Oliveira pinceladas deste vigor:

E tudo atroa, e espuma, e ferve, e ronca, e brama.

Que é que faz o poeta na sua ânsia de perfeição? Responde Bilac:

Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua.

Para Raimundo Correia todo mundo sente dentro n'alma um *Atlântico invisível...* que

...ora, inchado, estoura, e arqueja, e nuta;
Ora, túrgido a cr'oa vitoriosa
De rutilante espuma, aos céus levanta;

Ora, plácido ofega... e só se escuta
A saudade – sereia misteriosa,
Que em suas praias infinitas canta.

E vós, Sr. Adelmar Tavares, como aqueles, estais a sentir, ao longe, no mistério da solidão noturna, a doçura de um som, que

... vem descendo, anseia, e se quebranta,
E trila, e arrulha, e chora, e reza, e canta.

* * *

Para responder a qualquer reparo à escassez da obra de Heredia, François Coppée, ao recebê-lo na Academia Francesa, reconhecendo embora que no poeta a abundância é dom maravilhoso, acentuou que o fim da arte não está no produzir demasiado, mas na perfeição, naquela mesma perfeição que houvera o poeta atingido com o seu único livro *Troféus*, cujo êxito fora, como indica o título, triunfal.

Essa perfeição está no doloroso e supremo empenho que revela o artista de a possuir e alcançar.

O espírito humano, já foi dito, e todos o sentimos, é o infinito possível. Essa possibilidade, vogando no seio da eterna harmonia, gera as ondulações do belo, em presença do qual sente o poeta, torturado do ideal, a necessidade de que o "seu alaúde troveje no inferno, cante ou gema na terra, suspire no céu e se disperse pelo infinito".

O vosso alaúde não troveja, nem se dispersa: suspira ao enleio da ternura e canta os hinos do amor e da saudade.

* * *

Evoquemos, Sr. Adelmar Tavares, a figura austera e simples daquele lavrador, – "que fez da terra o seu ideal querido" – diante de cuja imagem se fundiram a dor filial e o lavor da arte, no soneto que intitulastes – *Francisco, meu pai:*

Como que o vejo... O chapelão caído
Sobre a cabeça branca de algodão...
Buscando o campo – o dia mal nascido,
Voltando a casa – o dia em escuridão.
.....
Mas um dia, eu, pequeno, vi, cavando,
Sete palmos de campo, soluçando,
Uns homens rudes... Tempo que já vai!

"Francisco, adeus!" diziam repetindo.
– Meu pai desceu de branco... Ia dormindo...
Fechou-se a terra... E não vi mais meu pai!

Que sentiria o coração desse bom velho se aqui estivesse a pulsar junto ao vosso, ao ver coroar-vos a fronte o prêmio merecido?

* * *

Tendo-me cabido a grata missão de dar-vos as boas-vindas e saudar-vos em nome da Academia Brasileira de Letras, de modo mais expressivo não poderia fazê-lo do que vos cingindo com as mimosas flores da vossa musa.

E não é sem uma doce comoção íntima, filha da amizade, que, ao receber-vos entre nós, posso confirmar-vos:

Esta, Sr. Adelmar Tavares, a vossa verdadeira noite cheia de estrelas...

Discurso do
SR. FERNANDO MAGALHÃES

e

Resposta do
SR. MEDEIROS E ALBUEQUERQUE

Sessão solene extraodinária
do dia 8 de setembro de 1926

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

PARA o admirável dicionário que será o perpétuo florão desta confraria, no momento em que exprimo, respeitoso e dignificado, o voto de graças à vossa excelsa bizarria, requeiro, Ex.mos Confrades, a entrada urgente do vocábulo, usado e mofino, com que se empavesa a crítica iterativa nas oportunidades mais ou menos ruidosas dos pleitos acadêmicos.

Já tem animado repetidamente o vosso aceso debate esse atributo exponencial, rude na interdição ou no estigma, espavorindo com crueldade a timidez súplice dos aspirantes à honra da vossa companhia. Os léxicos não resolvem o valor do termo, de modo a ajustar a fórmula à hostilidade costumeira, e porque não pude evitar o favor da impugnação recalcitrante, ainda não sei, com o selo dos expoentes, se a palavra vale por um adorno ou por um labéu. No afã, porém, da conformidade irrepreensível a que me obriga o propósito da cortesia convicta, não atino como me aplaudir em função de sinal algébrico ou de flexão gramatical.

O expoente sofre o doesto por erro lamentável da sinonímia injusta impondo o banimento severo. O expoente não é servidor das letras, porque não é delas vivedor e, se as servir, delas não vivendo, o desinteresse não atenua o peso da sentença. Da difícil contingência criada pelo rigor da designação, há recurso porém para a tecnologia dos auditórios, onde o expoente se humilha na requisição e confia, apagado, no julgamento do seu desejo. Invisto-me preferencialmente desse significado e, expoente, dentro da lei, peço licença para justificar o vosso favor.

A medicina curte resignada uma desafeição imerecida. Protestam por vê-la ao vosso lado, ela que só anseia pelo vosso aconchego. Por que tanta intransigência, quando a tradicional comunhão entre poetas, talvez doentes, e médicos, talvez rimadores, abrigou sob o mesmo teto, e dentro das mesmas aspirações, homens de pulso e de sentimento, firmes igualmente na posologia dos remédios, no trato das doenças, na cadência da métrica, na pureza dos vocábulos, nos surtos da imaginação e no polimento dos conceitos?

O academicismo colonial brasileiro não desprezou o convívio dos curadores contemporâneos: Mateus Saraiva, cirurgião-mor de presídio, criador e presidente da Academia dos Felizes, concorre com sete sonetos para a coletânea da Academia dos Seletos. Na dos Renascidos, quarenta como nós, havia o físico-mor Luís Chaves e o médico do partido imperial Félix de Morais. Na Sociedade Literária, os cirurgiões Costa Abreu e Vicente Gomes, o médico Jacinto Silva competem com o poeta Silva Alvarenga e com o Marquês de Maricá. O presidente da Sociedade Baiense de Homens de Letras, Oliveira Mendes, disserta em 1810 sobre as moléstias dos pretos vindos da costa d'África. Na Academia Fluminense, ao lado de Ledo e Cunha Barbosa sentou-se sem constrangimento Amaro Batista, professor da Academia Médico-Cirúrgica de 1821. E na galeria dos vossos patronos, além de Macedo e Laurindo, pelo voto eloqüente de um dos fundadores desta Casa, o magnífico Joaquim Nabuco, fulgura Maciel Monteiro, poeta cristalino, orador perfeito, homem donairoso, diplomata fidalgo, médico entendido, afanado e prestante.

Vezo secular, pois, no Brasil, esse de consorciar musas e males. Pudera não, se ambos vêm do mesmo tronco. De Febo, cumulativamente vistoso capitão das nove divindades e ufano genitor dos méritos esculapinos, cantou Eurípides a sagacidade médica e lembrou Calímaco os modos de retardar a morte.

Nem os Quevedos mordazes, nem os Gracians críticos, nem outros picantes desenfadados e sabidos, desonram a prestância dos escritores médicos do seu tempo. Quase nem resta recordação da maldade satírica que não respeitava magistrados e príncipes. E se fosse razoável reeditar contra a cultura dos médicos as facécias dos letrados, àqueles conviria o consolo dos clássicos, sabendo em Suetônio que Roma expulsara os gramáticos como supérfluos e ocupados em coisas de pouco momento; em Isócrates que a retórica

não é arte nem ciência, mas engano e astúcia; em São Jerônimo que os lógicos são aborrecidos, sofistas, equívocos e orgulhosos; em Tácito que a doce música da voz de Nero, bem como o seu tanger, acanhavam a dignidade imperial; em Licurgo que a aritmética era vedada aos Lacedemônios como coisa de inútil disputa; em Ovídio – *vivitur ex rapto non hospes ab hospite tutus* – que a geometria causou a ambição e a rapina na demarcação das terras e na divisão dos homens. E não faltará mais malícia para os outros engenhos.

Entretanto, curar tem sido ofício de muita preeminência. Os inspirados e taumaturgos dominam melhor a ignorância da turba indecisa pelo milagre da desenvoltura dos paralíticos, da visão dos cegos, da frescura dos lázaros, do viço dos hécticos, do que pela elegância das parábolas ou a finura das alegorias. Curaram arcanjos: a história tripartida afirma que São Miguel curou o febricitante às portas do templo.

Santos foram médicos: Elizeu, Isaías e Esdras têm fórmulas e prescrições próprias. No antidotário de Vilanova figura o famoso xarope do pregador das gentes, do Vaso de Eleição. Lucas, o *Lucas medicus carissimus*, de São Paulo, era pintor por curiosidade e médico por profissão. Codrato de Corinto, Alexandre de Lion, Pantaleão de Nicomédia e outros que, no dizer de Braz Luiz de Abreu, "a pena cala porque a fama conta", são portentosos na arte de Hipócrates.

Eusébio, Nicolau Quinto, João XXII, todos papas, praticaram e ensinaram a medicina. Imperadores e reis aliviaram os males do mundo. Tibério manipulou pastilhas eficazes, Aurélio colírios procurados. Os reis gregos, os de Pérgamo, do Ponto e da Mauritânia, herbolários de vasto prestígio, são corifeus da medicina. Filósofos e poetas medicaram também: Galeano reverencia Orfeu e Homero; Virgílio, contando a cura da ferida de Enéas, é profundo conhecedor das virtudes das ervas; Plínio realça a medicina de Ovídio; Petrônio e Demócrates poetavam e curavam. E Túlio, e Teofrasto, e Sílio, e Plutarco, valiosos nos conhecimentos médicos... No rol também há deusas e rainhas, desde Diana até Cleópatra. Assim revive o conceito epistolar de Cassiodoro: "*Doctrina facile exornat generosumque etiam ex ignobili nobilem facili.*"

Fico na era remota, porque a história do pensamento criador emaranha-se na era nova com o estudo das ciências médicas. Nos paradoxos de

Panúrgio e nas teorias de Pantagruel, Rabelais, a rir, professa a medicina. O precursor de Descartes e do cartesianismo, Mersenne, trabalhou na descoberta dos vasos quilíferos; Denis, médico filósofo, notabilizou-se no estudo da transfusão sanguínea; Bossuet praticou a anatomia com Verney; Taine, grande ledor da fisiologia e da patologia, definiu o autor da *Comédia Humana* – museu de Dupuytren, cogumelo de hospital, Molière médico. No íntimo da personalidade de Sainte-Beuve estavam, confessadamente, Lamarck e a fisiologia.

Por tudo isso, e sem maior escândalo para o desconchavo da grita, poderá dizer agora o expoente, no seu arrazoado, que se a medicina foi entretenimento de deuses, distração de santos, trabalho de reis, ofício de sacerdotes, encargo de filósofos e cogitação de poetas, por que estranhar que médicos rotulados sejam letrados anônimos, tanto quanto vates olímpicos possam ser mezinheiros ocultos? E se essa medicina já pompeia nas cortes celestes, já ornou sólios pontifícios e tronos imperiais, permita-se-lhe também o direito de um dia sonhar com o aplauso das assembléias, o esplendor dos concílios e a glória das academias.

* * *

Desta glória, com a precocidade dos predestinados, provou cedo, mal lhe despontava a adolescência penosa e rude, o vosso fino e culto companheiro que, no apuro da sua mentalidade e na fidalguia dos seus propósitos, nascendo humilde e morrendo ilustre, traçou uma vida fúlgida, alçando-a, pelo esforço feliz e recompensado, de uma infância anônima e aldeã a uma maturidade ornamentada e famosa.

Glória prematura, na perpetuidade presidencial que o destacou aos 18 anos, dentre os vinte conjurados do Grêmio Jardim de Academus, solenes afirmadores da existência de uma literatura nacional. Esse Grêmio, encafuado no recanto estreito de um velho segundo andar, nem pôde vagir, mas da sua janela única descobria-se o atraente espetáculo das salas da *Gazeta de Notícias*, para onde insensivelmente, da perpetuidade morta, transportou-se o escritor estreante, de pronto adestrado na crônica vivaz, na história palpitante, na narração evocativa, trechos de vida escrita em que o desejo é vago, o sentimento é íntimo, a ambição é dúbia.

A continuidade inflexível é a feição principal da carreira próspera de Domício da Gama. Do peitoril do Grêmio Jardim de Academus debruçou-se sobre a *Gazeta de Notícias*, de cujas colunas divisou e alcançou aquela permanência lustral em Paris, onde o esperava o amparo prestigioso de Rio Branco que o agasalhou, paternalmente, para a partilha da celebridade e para a conquista da culminância. Certamente, o germe da excelência legítima amadureceu ao calor do destino propício. A iniciação jornalística na *Gazeta* é o primeiro afago da sorte bafejante: um espírito novo e ávido tinha de florescer naquele círculo ruidoso de intelectualidade idealista e militante que primou nos últimos dias do Império.

Ferreira de Araújo organizara o sistema das cerebrações privilegiadas. No centro da constelação ele, destemido folicurário generoso, abalava crenças políticas e, sóbrio comentador elegante, zombava das parvidades humanas. Em redor, flamejava uma gravitação: o aticismo harmonioso e casto, a perplexidade magistral e profunda de Machado de Assis; a boêmia feliz e transbordante de Ferreira de Meneses; o ardor opulento, sagrado, torrencial de José do Patrocínio; o humorismo lépido e sadio de Artur Azevedo; o realismo sincero e másculo de Aluísio; as cintilações rápidas e agitadas de Valentim Magalhães; a graça caseira e pacata de França Júnior; a arte misteriosa, na ternura e na truculência, na ficção e na sátira, na evocação e na crítica, arte sombria e criadora, dando vida às cousas e dando forma aos sonhos, arte do maravilhoso Pompéia, padroeiro da apetecida imortalidade com que, na aquiescência do meu desejo, favorecestes a alegria da minha faina.

Estes homens de relevo foram também filhos de um tempo afortunado. Incitava-os o grande apóstolo da abolição; a campanha redentora animava e lapidava o pensamento nacional. Os ecos daquela luta não se apagaram, antes reboam eterna e fragorosamente: há lábios mudos que ainda falam, há cabeças formosas que, do outro lado da vida, continuam a pensar, há mortos que simbolizam vivamente a abnegação arrojada e vencedora. Lindos dias de combate e de triunfo pela causa da abolição... Da abolição e da República. Com esta conjugação histórica a fatalidade: iludiu, lastimavelmente, a esperança delirante de uma geração, deixando-a supor-se capaz da tarefa ciclópica de engendrar duas grandezas.

Domício acendrou a sua mocidade e facetou o seu engenho no convívio dessas idéias e na intimidade dessa gente. Em breve, outro ambiente intelectual concorria também para a sua formação artística. A sina fagueira, amparando-lhe o destino, favoreceu-lhe a primeira viagem, por conta do seu ofício. Em Paris, acolhe-o a casa de Eduardo Prado, aberta aos brasileiros, viajantes e emigrantes, com a hospitalidade do coração e do espírito. Aí, o culto da forma graciosa obrigava a lidar no imprevisto original e sagaz, mas da técnica do chiste derivava a idéia oportuna, luzida e moça; todos os temas desdobravam-se em frases multicores; os grandes assuntos e os pequenos motivos provocavam o conceito sutil e o dito prazenteiro. Andava o espírito pelo ar. Domício, fiel àquela camaradagem lustrosa, mas pouco afeito à bulha esfuziante, era mais companheiro dos livros de bom quilate e de melhor trato, onde começou a trilhar, curvado sobre os preciosos documentos geográficos, o largo caminho que o levaria ao termo de merecida consagração.

Aparece o cronista. Dele é boa parte da colaboração européia da *Gazeta de Notícias*, e os assuntos parisienses vinham ao leitor carioca já naquele estilo reverente e cauteloso, dizendo menos e sugerindo mais, piedoso na maldade, sereno na surpresa, recatado no sofrimento e singelo na emoção. Nos seus primeiros ensaios jornalísticos, como os do "Alfinete" escritos aos vinte anos, esboça-se o narrador sintético que, mais tarde, traçará as linhas aristocráticas dos *Contos a Meia-tinta* e das *Histórias Curtas*.

Estes dois volumes, os publicados, pois há manuscritos para outros tomos, e a erudita colaboração na "Grande Enciclopédia" não são a sua única obra literária. A produção epistolar abundante e variada merece público, pelo tom vivo das suas linhas imprevistas comentando, com graça e até filosofando com profundidade. Vê-se assim como sobre o escritor influi a condição do leitor amigo, para quem corriam espontaneamente impressões rápidas e perfis momentâneos, traçados pela sua pena despreocupada. Domício escrevia certo de ser pouco lido; na sua autocrítica, lembra a lenda do passarinho que só contava até sete e, crente de falar a muito poucos, embora sete lhe parecesse quase nada, consolava-se com a esperança de, na vida das emoções, já não ser solidão número tão restrito.

Não será solidão, mas é retraimento. Na sua linguagem exata e disciplinada, melancólica e enternecida, a concisão domina a idéia, gerada numa re-

flexão intensa, servindo à verdade e ao sentimento, mas receando o leitor que "nas páginas falhas descobre o que quisemos exprimir".

A concisão explica o título das histórias curtas, o receio confirma os contos a meia-tinta. Traços leves, entrechos ligeiros, sensações instantâneas, estendem-se tanto quanto as psicologias complicadas. É a largueza dentro da brevidade: um panorama em poucas linhas, um caráter em duas réplicas. Escreveu como falou: homem de educação esmerada, falava baixinho; baixinho também escreveu, e, na prosa como na conversação, sussurrou deliciosamente, no encanto e na suavidade. Criador imparcial, sente a figura que imagina e o caso que compõe, mas não os carrega nem os deforma com o acessório, por lhe bastar a alusão branda e para não melindrar a argúcia de quem o lê.

Como divergem na estrutura íntima e no feitio literário Domício e o amigo querido cujo nome, por sua escolha, protege a Cadeira que só a sua recordação ainda ilustra! Pompéia, um afirmativo vigoroso e firme, Domício, um impressionista, delicado e tímido; no primeiro a imaginação alada e vertiginosa, no segundo a descrição sincera e correntia; um arrebatando para a fantasia, outro pendendo para a reflexão. Pompéia inovador privilegiado e tumultuário. Domício narrador exato e tranqüilo; num toda a força da natureza esplendorosa e cataclísmica, noutro a sombra da paisagem florida onde se escuta o silêncio. Na vida, Domício, o disciplinado, singrando à feição de sua sorte dadivosa; Pompéia, o revoltado, sacudido pela inclemência do seu destino tempestuoso. E até na morte: um buscando-a num dia de alegria, o outro esperando-a em horas de tristeza.

Há em Domício, porém, uma realidade palpitante: as narrativas devem ser folhas destacadas do caderno do noticiarista, anotando episódios vividos com cuidado nas regras dos clássicos modernos. "O Cônsul", "que ficou à meia viagem da celebridade e da glória" e cuja vida "de cativo desejo, multiplica-se pelas decepções", existiu e existe por aí, mortificado na pretensão desesperada e infeliz. "Só" é talvez a confissão íntima e a justificativa ressentida do celibatário tão tardiamente arrependido e que não devia comprometer a vida única "num jogo perigoso de ventura". A "Possessão" é um incidente bulhento de vizinhança sossegada, história triste de amor feminino inesgotável, acompanhando, martirizado e escravo, a degradação e a miséria. Na "Canção do rei de Tule" há uma cena de meninice fixada pela gratidão no

perfil da criatura branda que, falando do passado, pulava por cima da mocidade sepultada nas ruínas de uma afeição mentida e contava histórias "nas tardes torvas em que chora uma saudade dentro de nós como se já tivéssemos vivido este dia noutra vida e fosse de sua memória a melancolia que nos aflige".

Mesmo a ficção tem no fundo um vago e esquecido já visto. O tipo da "obsessão", debatendo-se na dúvida da responsabilidade da culpa, é comum nos cárceres. No convívio alegre e airado do vício feminino, o "Moleque Tobias" costuma ter o prestígio sexual das extravagâncias. "Miss Epaminondas" pode bem ser a réplica delicada, sentimental, irônica, talvez vingativa, à indiferença cortês de uma mulher desejada. "João Chinchila" vale quase por uma autobiografia, pelas coincidências frisantes na paisagem da terra natal, na obscuridade das horas infantis, na docilidade da juventude trabalhosa, no surto da carreira feliz, na solidão contemplativa desse drama onde toda a gente imagina que "chega tarde e donde sai cedo demais", e até no inesperado descanso em que aguardou, tranqüilo mas dolorido, que o viessem buscar "num carro de gala, com cavalos empenachados, cantos em latim e gente respeitosa, acompanhando o triunfo do homem a quem foi dado viver sem pensão nem cuidados". "Ponta Negra", inédito precioso, admirável evocação da terra risonha que lhe maravilhou a primeira mirada, é um voto de afeto à pátria distante, resumida naquela beirada interminável de praia branca e langorosa, onde o rude pescador resignado aponta o rumo da vida útil, avisando com voz displicente que "sozinho num barco ninguém vai longe".

E como não seguiu sozinho no seu barco venturoso, Domício foi muito longe. Revolvendo a rica coleção de mapas da biblioteca de Prado, conheceu Rio Branco, o pacífico e invencível conquistador do Brasil litigioso. Firmou-se logo essa união que nunca mais desmereceu; uma identidade de sentimentos, de ideais e de inclinações irmanava os dois homens, lidando tanto um para a fama imortal do outro que na apoteose do maior o menor também refulge. Longas horas passaram eles de inspirada contemplação, adivinhando e definindo a grandeza da pátria. Enamoraram-se da forma maravilhosa da nossa terra. Na carta brasileira, onde repousavam as suas cogitações e as suas ansiedades, as linhas fronteiriças esfumavam-se na contenda ameaçadora, perdidas na incerteza dos pressentimentos. Brasil imenso, mas incompleto na perspectiva sinistra das mutilações; robusto, mas inquieto na visão

sanguinolenta da derrocada; opulento, mas penando no temor enervante do infortúnio; abençoado, mas sofrendo a ameaça torva da iniqüidade. Assim os dois sentiram, e, por isso mesmo, ainda mais amaram, embora de longe, o Brasil estremecido.

Rio Branco é o épico bandeirante dos novos tempos, maior do que os violadores dos sertões, arrastados pela miragem das serras resplandecentes. Demarcador da pátria, herói da fraternidade continental, ele só basta para afiançar a raça adolescente, responsável pelos destinos comuns. No seu rumo à celebridade, teve em Domício o companheiro mais diligente e mais dedicado; ambos olharam longa e amorosamente a terra vasta e querida para depois poderem jurar pela sua grandeza definitiva.

Em Washington, em Berna, em Petrópolis, Domício da Gama foi o organizador da vitória; também nunca o insigne defensor do nosso patrimônio territorial deixou de distribuir com ele homenagens e honrarias. Era dos do tempo de Rio Branco, e o tempo de Rio Branco marca o trecho mais viçoso da história republicana, o primeiro dentre os preferidos. Esta condição consagra. Tantos anos longe do Brasil, Rio Branco, investido vitaliciamente na direção da política internacional, foi acima de tudo o hábil movimentador da intelectualidade brasileira. Jurisconsultos, jornalistas, diplomatas, homens de letras, com o exemplo empolgante da sua atividade fremente, sentiam a estranha vibração de amor ao passado e ao futuro da nação.

Em torno do glorioso dirigente, formavam os tipos de eleição e, dentre eles, destacava-se Domício da Gama, respeitado e senhoril, companheiro dos grandes dias e das horas árduas. A sua colaboração afincada deixou traço indelével na integração do país, terminadas as lides confinais. Então, Ministro e Embaixador, partiu para representar com vantagem a nossa cultura e a nossa cordialidade. No Peru, rápida e honrosamente, desfez ressentimentos e cimentou concórdias. Em Buenos Aires, no momento talvez mais grave destes últimos cinqüenta anos, atuou desassombrado com a serena energia da sua doçura e a límpida verdade da sua razão, dentro da própria divisa – afirmar sem afrontar – dissipando o ambiente tempestuoso de hostilidade em que perigou a paz sul-americana, e conduzindo seguro o dissídio ameaçador à galhardia do seu remate generoso. Em Washington, pregando e praticando a diplomacia desembuçada, substituto de Joaquim Nabuco, fez do peso da

sucessão o estímulo do êxito e alcançou aplauso largo, prêmio excepcional na função de juiz acatado em tribunal de estranhos e notáveis. Nesse cargo, adquiriu a melhor deferência para si próprio e toda a estima para o seu país; da atenção afetuosa que lhe dispensava Wilson resultou a excepcional situação do Brasil na assembléia de Versalhes onde, por intermédio do Presidente americano, foi possível ao interesse brasileiro penetrar um pouco na vontade encastelada dos Big Four. Depois, Rodrigues Alves, o iniciador de Rio Branco na gestão dos negócios exteriores, de novo chamado ao Governo, deu-lhe a direção do Itamaraty, honrando, assim, o benemérito descobridor de capacidades, no discípulo dileto, a memória do seu maior Ministro. Por fim, em Londres, guardou a linhagem dos antigos e famosos serventuários daquele posto e professou cousas brasileiras nas universidades inglesas.

O julgamento de Domício da Gama, como homem e servidor público, está firmado na carta que a Hélio Lobo escreveu John Bassett Moore: "Sua inteligência apreendia tudo muito rapidamente, suas conclusões eram seguras e firmes. Tinha um excelente discernimento e um caráter que equivale aos seus predicados. Nunca conheci ninguém mais reto e mais honrado, em todos os seus atos. A duplicidade ou o artifício jamais entraram em seus hábitos de pensamento e de ação. Aqueles que tinham de privar com Domício da Gama logo verificavam que podiam depositar inteira confiança em sua palavra; ele conseguiu assim para o seu país o que a outros seria impossível alcançar."

Ficou lavrado o juízo dos contemporâneos de outras plagas. Gente estranha, conhecendo-lhe a morte, lamentou-se no mesmo tom, porque, por onde ia, Domício deixava recordação de uma nobreza pura e de uma bondade refinada. Mas entre os seus tentaram diminuí-lo pela maledicência, pela inveja e até pelo remoque.

"Cada vez mais me apego a esta terra bendita de beleza e doçura; todo o resto para mim agora é exílio", escreveu Domício, em uma das suas últimas despedidas, a Mário de Alencar. Quem assim se doía de não entreter continuamente o olhar, magoado de recordações, no encantamento do céu infinito e na graça das paragens desabrochadas, sofreu suspeição de indiferença e de esquivança, como um desarraigado do seu torrão. No entanto, essa sensibilidade tão elevada em uma criatura tão nítida jamais destoou da exultação amorosa pelo Brasil afortunado. A sua existência é disso uma lição, porque é inça-

da de grandes encargos e de maiores cuidados pelo Brasil completo, pelo Brasil culto, pelo Brasil engrandecido, pelo Brasil respeitado. Basta ler a sua afirmação de fé patriótica e confiante no futuro do país, a formosa oração tão cheia de desprendimento, dita, sendo ele chanceler, aos estudantes de São Paulo. É uma exortação vigorosa ao gênio da mocidade tensa, de cuja seara brotarão os cidadãos conscientes. Falou como um homem de responsabilidade, destes que não mentem ao seu tempo nem iludem a sua gente. Na indecisão do presente nebuloso, é preciso despertar as aptidões adormecidas com as apóstrofes clarinadas pela verdade intimorata. Só assim acordarão as quebradas da nossa terra que desafia todas as energias com o ermo das suas maravilhas, a penúria dos seus viventes, a narrativa dos seus males, a tristeza dos seus hábitos, a displicência dos seus usos, o tédio dos seus labores e a indiferença do seu futuro. O momento histórico universal pede este rebate de ressurgimento; por toda a parte, o liberalismo inscrito nas leis foge dos costumes, decretado pela razão não penetra no sentimento e, por isso, anda por toda a parte o exemplo doloroso da democracia sem fé, sem alma, sem virtude, democracia de embuste, entrosada na engrenagem das velhas servidões.

Na sua tarefa de trinta anos, a personalidade de Domício ganhou em brandura, atributo do seu coração, benefício do seu convívio, recompensa do seu afeto, condição do seu mister, alegria do seu viver. Os privantes mais fraternais desconheciam-lhe um arrebatamento, e só dias antes da morte a sua companheira de doze anos de vida conjugal ouviu-lhe a primeira rudeza amargurada contra o descaso dos homens. Por fim, molesto, menos de doenças do que de dissabores, declinou em rápido crepúsculo, passado de desenganos, esmorecido de humilhação, desconsolado de melancolia, sofrido de mágoas, desamparado de justiça, compondo intimamente em seu mote final, essa ansiosa interrogativa – "Por que me maltratam?" – queixume suave de uma atribulação provada na renúncia e de uma tristeza amaciada na ternura. E tal como fora nos anos de fortuna, airoso e plácido, nos dias de pesar mais se aperfeiçoou pela resignação e pela virtude, encerrando em morte austera as agruras de uma vida edificante.

* * *

Não vos direi jamais bastante do realce que me empresta a vossa companhia, onde até posso conversar com os mais graduados na minha arte.

Encantam-me o ritual da festa e o adorno da investidura, ao ter de protestar a minha gratidão, desconhecendo-me na gala desta roupagem e no simbolismo desta recompensa. Relevai a simplicidade do agradecimento; não me informaram, Excelentíssimos Confrades, se a praxe na cerimônia da recepção impõe juras e prometimentos. De qualquer modo não o farei guardando a ignorância libertadora da contingência difícil, embora do iniciado se espere o voto de um compromisso solene.

Valho-me e alegro-me do livramento desta obrigação, porque a promessa é uma atividade transferida, um dever adiado, um trabalho distante. De que serve marcar hoje uma tarefa afastada? Deixai-me dispensado momentaneamente de interrogar o que há de vir, na sedução do que já é. Mesmo deslumbrado pela alta mercê da vossa preferência, tenho presente, da elegante correspondência do primeiro e ainda hoje único ocupante da Cadeira de Raul Pompéia, esta sábia e oportuna advertência: "Para que querer ver mais longe, se se pode perder o gosto do que está perto?"

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SR. FERNANDO Magalhães,

Por hoje, meu ilustre colega, tomarei a vossa profissão habitual: eu serei o parteiro.

Muita gente tendes esperado às portas da vida, para lhe facilitar o ingresso. Às portas da Academia, aqui estou eu, para vos acolher em nome dela.

Disse uma vez alguém, descrente da justiça dos júris, que o júri era uma instituição em que os jurados iam apenas decidir quem falava melhor: o promotor ou o advogado do réu. Já houve quem dissesse que uma sessão de recepção na Academia é um torneio em que se vai ver quem fala melhor, se o recipiendário, se quem o recebe. Se algum dos presentes assim pensa, pode já retirar-se: o que fala melhor já falou...

* * *

Se comecei aludindo à vossa profissão habitual foi porque vós mesmo destes o exemplo, insurgindo-vos contra os que, não se sabe com que autoridade, procuram tutelar-nos, discutindo as nossas escolhas e falando contra o que chamam o regime dos expoentes. Por isso fizestes bem em começar afrontando esses acusadores, porque a Academia se sente orgulhosa desses expoentes, que, ao fino gosto de homens de letras, homens de boas letras, juntam a qualidade de ser os mais altos valores representativos das classes a que pertencem.

Se, de fato, nós quiséssemos que aqui ficassem apenas os que são puros letrados, vivendo da literatura e vivendo para a literatura, teríamos de dissolver-nos pacificamente. Não ficaria um só. Não ficaria sequer a memória de nenhum dos que já morreram, a começar pelo glorioso presidente que primeiro nos reuniu sob a sua autoridade: Machado de Assis.

Esse foi um burocrata minucioso, que passou a vida a informar papéis em um dos Ministérios, remetendo-os, dia a dia, ao respectivo ministro: "Passo às mãos de V. Ex.ª... De acordo com as ordens de V. Ex.ª... V. Ex.ª decidirá, porém, como entender na sua alta sabedoria..." Dessa alta sabedoria de alguns de seus chefes, como devia sorrir (sorrir apenas, porque, na sua infinita discrição, ele não sabia rir) o fino ironista de *Quincas Borba* e *Brás Cubas*!

Mas, com Brás Cubas e Quincas Borba, Machado de Assis teria também de sofrer o mandato de despejo que a todos nos atingiria.

Os que se preocupam com a invasão de médicos nesta Companhia e que, no entanto, não se admiram de ver aqui, em muito maior número, funcionários e doutores em direito, prestam a estas categorias uma homenagem muito negativa... Praticamente, é como se dissessem que os funcionários nada têm que fazer e podem assim ter tempo para a literatura, – literatura, simples literatura, de que o direito na opinião deles deve ser um ramo.

A verdade é que, como vós mostrastes tão eloqüentemente para os médicos, o gosto literário e a cultura de todas as formas que o suscitam pode perfeitamente se aliar com a mais austera educação científica. Aqui estão, lado a lado, brilhando com o mesmo fulgor, um expoente do Direito, que se chama Clóvis Beviláqua, e um expoente da Medicina, que se chama Miguel Couto. Educado na seca ciência da matemática, por aqui passou um engenheirinho, que não era de todo insignificante: chamou-se Euclides da Cunha. Foi o autor dos *Sertões*.

Se nós quiséssemos gracejar com os nossos irritantes tutores, podíamos lembrar-lhes que, ao menos, somos um pouco mais previdentes do que parece na escolha das especialidades dos médicos que elegemos. Notai que, se temos o grande médico que, pela aclamação de seus pares, é o especialista máximo de todas as especialidades, temos um, que agora é higienista, mas já foi psiquiatra, médico de loucos, e ainda neste momento acaba de agitar

perante o Congresso a questão da assistência aos psicopatas; temos outro que escreveu um notável tratado sobre a semiótica das moléstias nervosas, e temos, enfim, um terceiro cujos trabalhos sobre moléstias na fronteira da neuriatria e da psiquiatria são justamente célebres. Quantos especialistas de moléstias mentais!

Vê-se que nos garantimos...

Dizem que os especialistas têm uma tendência natural a achar casos das suas especialidades mesmo onde estes não existem. Que íntimos diagnósticos farão de nós aqui os especialistas que acolhemos!? A discrição de bons colegas e o segredo profissional os obrigam a ocultá-los. Mas nós nos sentimos com certa segurança, vendo que por nós velam neuriatras e psiquiatras ao mesmo tempo eminentes e amigos...

Convosco fizemos exceção. Não se dirá que vos tenhamos escolhido, por causa da vossa especialidade.

Bem vistas as coisas, meu ilustre colega, vós não sois apenas expoente disto ou daquilo. Sois o grande orador que os vossos discursos revelam. Sois, sobretudo, isso sim, um magnífico expoente do talento aliado à força de vontade. Sois e sereis sempre o que quiserdes ser.

As provas disso são numerosas.

Há pouco, vossos colegas e vossos alunos fizeram-vos brilhante manifestação por causa de uma homenagem que vos foi prestada no estrangeiro e vos chamaram o chefe da escola obstétrica brasileira. É provável que a designação não encontre opositores.

No entanto, como chegastes a isso? Por causa de uma porta fechada antes de tempo.

Éreis interno do professor de clínica cirúrgica. Num dia, em que este ia fazer uma operação e em que, portanto, devíeis assistir a ela, chegastes quando a porta já estava fechada. A operação começara. Batestes. Tínheis direito de fazê-lo, porque não era vossa culpa, se o serviço fora iniciado meia hora antes do que estava marcado. O professor, que era irritadiço e neurastênico, gritou que não se abria a porta para malandros. Malandro! Partistes dali para o Diretor do Hospital e pedistes para ser removido. Como só havia uma vaga, e essa na Maternidade, para lá fostes.

Quando a porta se reabriu, já isso estava feito. Mas o professor que vos chamara malandro ficou indignado, e procurando o que dirigia a Maternidade, aconselhou-o a que não vos recebesse.

Era um pouco tarde. Ele já dera a permissão. Garantiu apenas ao colega que ignorava os fatos ocorridos com este e que, à primeira falta que cometêsseis, vos faria demitir. Recebeu-vos com tão grande má vontade que nem vos deu a mão a apertar, quando lhe estendestes a vossa.

Resolvestes então mostrar-lhe o que era um homem de talento e de força de vontade. Fizestes o vosso dever e mais do que o vosso dever. Fostes o mais assíduo dos internos. Nunca deixastes de assistir a uma operação. Vencestes primeiro a antipatia do professor. Obrigaste-lo depois a ser um verdadeiro admirador da vossa competência. Subistes. Brilhastes. Impusestes vosso nome.

E aí está como de um homem a quem chamaram malandro se fez um homem que hoje se chama o chefe da escola brasileira. Íeis ser um cirurgião talvez em outra especialidade; passastes a ser um ginecologista e obstetra. Mas o que se pode ter por certo é que, se a vaga de interno que achastes aberta tivesse sido em qualquer outra cadeira do hospital, o mesmo malandro mostraria a mesma força de vontade, tomaria do mesmo modo o primeiro lugar e com certeza se diria dele hoje que era o chefe da escola brasileira de outra especialidade. Porque vós sois daqueles que nunca fazem coisas incompletas.

Exemplo magnífico de talento e de força de vontade foi também o que destes, quando vos improvisastes advogado em uma causa célebre. É verdade que nela entrastes como médico. Mas o médico nesse caso precisava ser, sobretudo, advogado, – como o advogado que vos acompanhava tinha sido principalmente médico. É assim difícil saber o que fostes mais nessa ocasião. Aliás nela, como médico, saístes inteiramente de vossa especialidade.

O que se vê nessa admirável peça forense é um vigor formidável de argumentação. Tem-se a sensação de que tomais de cada vez uma pitadinha da acusação que combateis, que a pondes no fundo de um almofariz – e que a triturais, a esmoeis, a reduzis a pó finíssimo. Depois, com um sopro desdenhoso, fazeis tudo isso voar. Não resta coisa alguma... Se tirardes à parte esse vosso trabalho, podeis, aqui, deixar longe os vossos colegas médicos e sentar-

vos perto dos advogados da Casa. Sereis duas vezes colega deles: como advogado e como acadêmico.

Essa causa tem mesmo para a nossa Academia uma certa curiosidade. Tratava-se de um médico acusado de haver envenenado a esposa. Faz-se a perícia legal e descobre-se nas vísceras da morta uma quantidade tal de mercúrio que daria para matar um batalhão.

Parecia que a prova material estava feita.

Mas o médico era um assistente de terapêutica, homem hábil e inteligente. Seria necessário, entretanto, que ele fosse um prodígio de estupidez e de incapacidade para procurar envenenar alguém com mercúrio, um dos venenos mais fáceis de reconhecer e dosar, quando tinha à mão, no seu laboratório, uma infinidade de outras armas de morte, quase impossíveis de serem reconhecidas. De mais, o excesso de dose era tão monstruoso que logo se via como a perícia médico-legal não podia ter sido regular.

O acusado teve para defendê-lo um acadêmico de ontem e o acadêmico de hoje. O acadêmico de ontem foi o nosso grande, o nosso querido e respeitável Inglês de Sousa, figura de rara e inquebrantável austeridade, mas que, para mostrar bem como estava certo da inocência do acusado, foi sentar-se ao seu lado no banco dos réus.

E de novo o digo: é impossível saber qual dos dois – o médico, que éreis vós, ou o advogado, que era Inglês de Sousa, – fez mais advocacia.

* * *

Quando eu evoco a vossa indomável energia e tenho quase desejo de lembrar que por acaso a etimologia do vosso nome vai bem com o vosso temperamento, penso no contraste que a certo respeito fazeis com o vosso antecessor. Porque, garantem os etimologistas, *Fernando* quer dizer "guerreiro audaz", e embora não tivésseis nunca empreendido façanhas belicosas, é de guerreiro audaz que tendes o temperamento.

Vosso antecessor, de quem fiz estes um tão delicado perfil e de quem analisastes tão finamente a obra literária, não era assim. Vós sois naturalmente expansivo, impetuoso. Ele era macio, suave, de uma leve ironia sempre temperada de meiguice. Vós sois um homem de ação. Ele não o era.

Não me parece que ele tenha ido para a carreira literária por um deliberado esforço, nem que, se tivesse para ela encontrado grandes empeços, houvesse insistido. Não estava na sua natureza lutar energicamente.

É curioso, entretanto, notar que, logo ao nascer, achou quem tivesse por ele uma certa preocupação literária. Ou se não foi bem isso, foi coisa parecida.

Domício não devia chamar-se *da Gama* e sim – era este o seu nome de família – *Domício Forneiro*. Mas o padre que o batizou, e ficou sendo seu padrinho, achou o nome destituído de importância e resolveu passá-lo a *Gama*.

Forneiro e *padeiro* – são, entretanto, apelidos de família muito correntes em quase todas as línguas.

Os Fournier, Boulanger, Baker – não faltam em países de língua francesa e inglesa. Mas evidentemente o padre tinha razão: *Forneiro* é um nome menos ilustre, menos prestigioso que *da Gama*.

Os homens de letras sofrem muitas vezes, para bem ou para mal, a influência dos seus nomes de família. Anatole Thibaut, achando que decididamente Thibaut era um nome muito sem relevo, quis antes ser Anatole France. E que teve razão creio que poucos o hão de negar.

O pai de Domício não o queria, porém, para nenhuma carreira literária. Desejava que o rapaz fosse engenheiro. Felizmente, logo ao princípio do curso, houve um lente que o reprovou. Domício abandonou a engenharia. Muitos anos depois, já embaixador sempre que encontrava esse lente abraçava-o agradecido. Tinha sido o seu salvador. O provérbio banal: "há males que vêm para bem", foi nesse momento justo. Com a sua aceitação mansa e resignada dos fatos, é possível que, se tivesse chegado ao fim da carreira em que o pai o pusera, nela ficasse enterrado.

Mais tarde ele teve outro insucesso salvador.

Para expô-lo, permiti que vos refira uma anedota, que pode ser um apólogo.

Conta-se que dois rapazes, sabendo estar vago o lugar de sacristão de uma igreja, a ele concorreram.

Um sabia e outro não sabia ler. O que sabia foi o preferido. O outro empregou-se em uma pequena venda que havia ao lado da igreja. Ficou sendo caixeiro.

Trabalhador e econômico, ia juntando dinheiro e depositando-o em um banco. Subiu de caixeiro a interessado e de interessado a patrão. Continuou a trabalhar e a guardar as suas economias no banco.

Um dia, vendo a possibilidade de comprar a casa vizinha da venda e fazer com que esta passasse a ser um grande armazém, pensou em obter do Banco um empréstimo. Foi pedi-lo. O diretor do Banco mandou que lhe trouxessem a conta do afortunado vendeiro. Examinando-a, verificou que ele tinha muito mais do que pedia. Estendendo-lhe a nota, mostrou-lha. O vendeiro lhe disse que não sabia ler. O diretor, admirado, exclamou:

– A que não teria chegado o senhor, se tivesse aprendido a ler!

– É um engano, Sr. Diretor. Se eu tivesse aprendido a ler, seria apenas o sacristão da igreja ao pé da minha venda...

Isso prova que os triunfos precoces são, às vezes, um mal.

Domício da Gama, quando muito moço, entrou em concurso para um lugar na Biblioteca Nacional. O seu concorrente foi um dos nossos atuais colegas aqui na Academia, diante do qual alguém contava, um dia, a anedota que acabo de referir. O nosso colega, ouvindo-a, comentou que por ocasião daquele concurso ele fora o concorrente que sabia ler e, por isso, ficara como sacristão, primeiro, no seu lugarzinho da Biblioteca Nacional, depois como professor, ao passo que Domício fez-se auxiliar de Rio Branco e de Joaquim Nabuco, passou a secretário de legação, a ministro plenipotenciário, a embaixador, a ministro de Estado.

Mas a comparação nada tem de exata. O nosso colega não ficou em sacristão. Na Biblioteca Nacional ele se fez o erudito prodigioso que é, o mestre cuja palavra se tornou decisiva nas questões da nossa língua, um dos espíritos que mais aliam estas duas qualidades quase sempre antagônicas: uma erudição profunda e uma versatilidade imensa.

Por outro lado, Domício sabia ler... Tinha na ocasião do concurso, menos competência que o seu competidor, mas era um estudioso.

O que se pôde considerar como certo é que, se tivesse obtido o lugar que cobiçou, seu temperamento, absolutamente destituído de combatividade, o levaria provavelmente a acomodar-se à carreira administrativa.

Foram a reprovação na Politécnica e o insucesso na Biblioteca que o orientaram de outro modo.

Vós contastes o que com ele sucedeu. Seguiu para Paris como correspondente da *Gazeta de Notícias*. Aí se fez amigo de Eça de Queirós e de Eduardo Prado, aí conheceu Rio Branco. Isso decidiu a sua vida, levando-o a cultivar os seus dons literários.

O interessante, porém, é que a sua íntima colaboração com Rio Branco veio menos porque Domício tivesse aqueles dons, do que por motivo bem diverso: porque sabia desenhar. Foi a sua ciência de cartografia que seduziu Rio Branco. E, assim, o desejo do pai de que ele viesse a ser engenheiro, embora interrompido por uma oportuna e feliz reprovação, sempre serviu para alguma coisa...

Domício foi durante muito tempo o braço direito de Rio Branco. Ele punha um pouco de ordem na incessante, mas desordenada atividade do nosso glorioso chanceler.

Em Petrópolis, viviam os dois na mesma casa. Rio Branco, que nunca teve noção exata de tempo, e tanto trabalhava de dia como de noite, tanto dormia de noite como de dia, às vezes, às 6 ou 7 da manhã, passava pelo jardim diante das janelas dos aposentos de Domício. Um dia este o interpelou:

– Acordado tão cedo, Barão?

E Rio Branco, muito naturalmente:

– Não; agora é que vou deitar-me.

Daí por diante, quando o Barão passava a essas horas matinais, Domício o interrogava se ia para a cama ou dela saía. E as respostas se alternavam sem nenhum método: ora uma, ora outra...

Mais tarde, ele acabou por ser, como ministro, o sucessor de Rio Branco. Creio que foi um bem que ocupasse esse cargo por pouco tempo, porque não acredito que nele viesse a brilhar. Era bom demais para ter a energia necessária. Governar é, sobretudo, saber dizer "não", e eu penso que ele seria incapaz de fazer essa desagradável operação tanto quanto seria preciso.

Lembro-me do dia em que nos anunciou, no edifício da velha Academia, que ia deixar esse posto. Ele era Ministro do Exterior do vice-presidente da República em exercício, e o Presidente efetivo, recém-eleito, ia assumir o poder.

Domício nos contou então que não continuaria como ministro.

Era antes da sessão. Conversávamos despreocupadamente. Um de nós lhe afirmou: "Pois sinto muito". Domício acrescentou: sorrindo: "E eu também". Foi então que, voltando-me para ele, disse-lhe: "Pois eu não sinto nada; fico até muito contente." Domício admirou-se: "Ó senhor! que mal lhe fiz eu?"

Expus-lhe então a razão do que dissera:

– V. não me fez mal algum. Mas é exatamente porque sou e quero continuar a ser seu amigo que prefiro vê-lo fora do Ministério. Nele eu sinto que seria forçado a combatê-lo.

Mas, de fato, creio que, mesmo combatendo-o, não deixaria de ser seu amigo, porque Domício era meigo, tolerante, incapaz de gestos violentos.

Nunca um autor se caracterizou melhor pelo título de suas obras: *Histórias Curtas* e *Contos a Meia-Tinta*.

No primeiro, há a clara reminiscência da língua inglesa, cuja literatura ele prezava imensamente. Os ingleses chamam aos contos "histórias curtas", *short stories*. Aliás, Domício, por polidez, por delicadeza, pelo temor que manifestava de ser importuno, era sempre breve. E por polidez, por delicadeza, pelo temor que manifestava de ser importuno, era sempre breve, era o homem das meias-tintas, dos tons esmaecidos. Ninguém melhor do que ele para poder repetir sinceramente os versos de Verlaine:

Car nous voulons la nuance encore;
pas la couleur, rien que la nuance.

Se tivésseis feito parte da nossa Companhia ao tempo em que ele era vivo, teríeis tido prazer em lidar com esse espírito de uma tão perfeita elegância e discrição. Tinha não só a elegância de corpo (foi até o fim da vida delgado, esbelto, de uma perfeita e natural fidalguia de gestos e palavras), mas também a elegância moral em tudo e por tudo.

Eu conheço a piedosa frase latina, aconselhando a que dos mortos só se fale bem: *de mortuis nisi bene*. Mas quando alguém quisesse, como faziam os egípcios, instituir à beira da sua sepultura recém-aberta um tribunal imparcial, em que tanto se alegasse o que ele fizera de bom como de mau, nenhum acusador apareceria.

* * *

Vossas obras, Sr. Fernando Magalhães, são mais difíceis de analisar que as do vosso antecessor, por dois motivos ao menos: primeiro, por sua natureza técnica; depois, porque sois, sobretudo, um orador.

No que diz respeito à parte técnica, vede bem o meu embaraço. É muito fácil e muito agradável neste recinto citar trechos de contos e de romances, citar, sobretudo, poesias. Mas como aqui aludir à maioria dos vossos trabalhos?

Dantes havia, nesses casos difíceis, dois recursos.

Um era para o latim, que Boileau dizia poder afrontar mesmo os ouvidos mais pudicos: "*Le latin dans les mots brave l'honnêteté.*" Mas o latim saiu de moda. Ninguém o preza. Ninguém o entende.

O outro recurso era para que aquelas retorcidas perífrases, que fizeram as delícias dos poetas clássicos. Não se tratava de nada um pouco suspeito senão por circunlóquios e alusões. Se fosse assim, eu falaria, só entendido pelos iniciados, na operação a que mais trabalhos tendes dedicado. Grandiloqüente, em um magnífico alexandrino, eu aludiria "à grave operação que trouxe à vida César". Graças a isso, um caso complicado de vossa especialidade assumiria até uma aparência nobre e poética, pareceria uma página da história de Roma.

Mas as perífrases saíram também de moda. Victor Hugo, citando o próprio exemplo, dizia que era preciso chamar as cousas pelo seu nome:

J'ai nommé le cochon par son nom. Pourquoi pas?

E aí está a grande dificuldade de aludir aqui neste recinto à maioria dos vossos trabalhos.

Foi, não para vós, mas para mim, agora, neste momento, uma calamidade que quando vos fecharam a porta, por trás da qual vos chamaram malandro, a que achastes aberta não tenha sido a de doenças nervosas, a de doenças de olhos, a de doenças do coração, a de qualquer outra especialidade.

Apesar de tudo, mesmo deixando de lado vossos trabalhos médicos, há a dificuldade de que sois, principalmente, no terreno literário, um orador. Um orador devia ser citado não por palavras ditas por um estranho, mas por meio de um disco de gramofone em que ele próprio as tivesse feito gravar. Dia virá em que isso se possa fazer pelo cinematógrafo falante.

O procurador criminal, que fez condenar Oscar Wilde, por causa de algumas de suas poesias, leu-as no tribunal e, acabando, perguntou:

– Há quem chame a isto poesias?

Wilde respondeu simplesmente:

– Lidas assim, por quem não sabe ler, incontestavelmente não. Se, com a minha voz, com a minha dicção, com a minha presença, eu lesse exemplos de vossa eloqüência, os que os ouvissem perguntariam assombrados:

– Pois isso é eloqüência?

E certamente não seria.

O que há de belo no grande orador é que ele, como o grande cantor, é o artista e é o instrumento. O romance, o conto, a poesia se materializam no livro que corre mundo, e cada um interpreta a seu modo. É mesmo freqüente encontrar poetas que não sabem recitar os próprios trabalhos. Mas o orador faz corpo com a obra que produz. Sua palavra precisa estar cheia da sua pessoa: da sua voz, de seus gestos, da sua aparência. O discurso feito por escrito, para ser lido, é fruta de conserva, fruta que vem em lata. Falta-lhe perfume e frescura.

Vós sois um orador em todos os gêneros, que a eloqüência comporta – se realmente vale a pena pensar em gêneros diversos de eloqüência.

Por mim eu creio que as várias classificações da eloqüência não têm importância alguma. Disse um autor italiano que o essencial é persuadir, convencer e comover. E é isso mesmo. Desde que se chegue a tal resultado, os meios empregados pouco importam.

Vós tendes a eloqüência do professor e a do tribuno. Já provastes ter até a eloqüência forense.

Duas vezes, com intervalo de seis anos, eu vos dei, na Faculdade em que professais, meus filhos como alunos. Durante todo o curso deles, quando voltavam, faziam-me o relatório do que lhes sucedera durante o dia nas suas aulas. Quase sempre, por minha vez, eu lia as lições que iam dar – não, é claro, porque pretendesse ficar sabendo a fundo a matéria. Queria, porém, diminuir-lhes o trabalho quando tivessem de expor-me qualquer coisa técnica. Buscava assim tornar-lhes mais fácil a tarefa de descer até minha ignorância. E duas vezes, com seis anos de intervalo, penso no entusiasmo com que ambos me falavam de vossas aulas:

– O Fernando hoje esteve magnífico!

– O Fernando hoje esteve esplêndido!

– Que bela aula, a do Fernando!

E expunham-me claramente não só a matéria sobre a qual fora a aula, como as ovações que havíeis recebido.

Não se tenha por pouco a opinião dos alunos a respeito dos mestres. Geralmente ela é decisiva. Geralmente ela é a de uma perfeita justiça. O mau professor que os alunos não compreendem, não por causa deles, mas por causa da incapacidade pedagógica do docente, que não sabe transmitir a sua ciência, acredita, às vezes, que prova o seu alto mérito, reprovando em massa esses alunos, aos quais prejudica sem instruir.

Vós não tendes esse tipo pedagógico: suscitais o entusiasmo nos que vos ouvem, e eles estudam com prazer para se sentirem dignos de quem os ensina.

* * *

No conjunto de vossos discursos há duas preocupações que dominam tudo. Por um lado, sois o implacável inimigo de todos os que procuram restringir de qualquer modo a natalidade; por outro, procurais suscitar todas as medidas possíveis para favorecer as mães, quer no período pré-natal, quer nos primeiros tempos depois do nascimento dos filhos.

Tanto estou de pleno acordo convosco nesta segunda parte, como em profundo desacordo quanto à primeira.

Na vossa apologia fervorosa de medidas radicais contra os que buscam evitar a maternidade, queríeis mesmo medidas tão draconianas para esses

casos, que já tivestes de entrar em luta com o mais ilustre de vossos colegas, que também o é nosso, e se revela sempre propenso à tolerância e à brandura.

A maternidade é uma bela coisa. Mas só é bela quando voluntária, quando desejada, quando não se torna, como freqüentemente acontece, uma verdadeira calamidade, quase, às vezes, uma maldição para os pais, para os irmãos, para os próprios filhos, condenados inocentes à miséria, à ignorância, ao sofrimento.

Diz-se que é um dever ter filhos, ter muitos filhos, aceitar pelo menos os que a Natureza nos quer dar. E fala-se muito, como vós fazeis freqüentemente, nos direitos dos nascituros.

Não! quando os pais não podem, ou não querem ter filhos, quando não estão aptos para lhes assegurar saúde, educação, bem estar, são verdadeiros criminosos em atirar ao mundo os que nele vêm apenas sofrer.

Fala-se em maternidade – e a gente parece que vê esse nome escrito com uma inicial maiúscula. Evocam-se quadros célebres, em muitos dos quais há a reminiscência das representações da Virgem Maria com Jesus Cristo ao colo. É um mimo! É uma beleza! A mãe sustém a criancinha e olha-a embevecida. Às vezes, outros pintam a mãe sentada, entregue a algum labor doméstico, enquanto a criança brinca no chão, despreocupada. Quanta suavidade! Quanta poesia! As estátuas de mães carregando os filhinhos são numerosas. E canta-se tudo isso em versos, às vezes magníficos.

Mas a realidade é essa? Eu conheço bem o hospital que dirigis. Vós sabeis que o tenho visto, dias e dias. Tenho nele admirado os dois traços que vos distinguem: um entusiasmo sem limites, uma caridade sem par. Médicos, internos, enfermeiras – tudo vibra, alegre, na faina incansável de fazer o bem, de auxiliar os que sofrem.

Mas quando as pobres mães, que ali vão ter, saem com os filhinhos recém-nascidos, quantas não perguntam com angústia se alguém as quererá com aquela carga! Quantas não indagam como se alimentarão no dia seguinte esses filhinhos!

Fora da poesia, na realidade trágica das coisas, quem quisesse fazer um díptico, teria de pôr de um lado as grandes maternidades, como as que dirigis, despejando nas ruas grupos de mães pobres com os filhinhos nos braços, e, do outro lado, no segundo painel, o Tribunal de Menores, punindo os peque-

nos vagabundos, de que a miséria fará amanhã criminosos e revoltados, o hospital em que entram mães e filhos tuberculosos.

Não há sentimentalismo que prevaleça contra essas terríveis realidades.

Georges de Porto-Riche, o grande dramaturgo francês, tem uns versos dolorosos sobre a sua infância. Diz ele que os pais o apelidaram "De mais" – "*De trop*". Era o indesejado. Era o filho que se aturava, porque tinha vindo, mas cuja vinda ninguém quisera.

Por que condenar uma criança a essa miséria e a essa humilhação?

A Bíblia disse: "Crescei e multiplicai-vos!" Mas não disse que proveria ao sustento e à educação das gerações infinitas que se fossem criando.

A terra não é elástica. Por força, se chegará a um certo limite, que a sua população não poderá ultrapassar.

Dantes, esperava-se que as guerras, de tempos a tempos, restabelecessem o equilíbrio do mundo. É verdade que seria por um meio cruel, por grandes carnificinas. Mas fosse como fosse, obter-se-ia o resultado. Nós vimos, entretanto, o que sucedeu na última guerra. Foi terrível, foi atrozmente devastadora. Ao mesmo tempo que ela, desencadeou-se uma epidemia tremenda, ainda mais devastadora que a guerra. Chega-se ao fim; somam-se essas duas incomparáveis devastações e ainda assim se vê que a população do mundo continua a aumentar.

No ponto de progressão em que estamos, o meio cruel já não é, portanto, bastante.

Os primeiros exploradores que, no fim do século XVIII e princípio do XIX, foram a certas ilhas da Oceania, acharam-nas povoadas. Os habitantes primitivos deviam ter chegado ali por acaso, perdidos no oceano em frágeis embarcações. Não tinham comunicações com o exterior, com esses pontos longínquos de onde só tinham vindo, trazidos talvez por alguma tempestade. Não sabiam, não podiam construir meios de viajar de umas ilhas para as outras. Cada uma delas constituía, desse modo, um pequeno mundo isolado e inabordável.

A regra em quase todas era o infanticídio implacável. Regra moral, regra justa, regra que todos aplaudiam. Como deixar chegar um número indefinido de novos seres vivos, se a ilha mal comportava o escasso alimento para

os que nela viviam? O infanticídio era para os habitantes uma fórmula natural de legítima defesa.

A Terra é também uma ilha no vasto oceano do Universo. Também dela não há comunicação para nenhuma outra das similares perdidas pelo espaço. É absurdo deixar povoar essa ilha indefinidamente. E implacavelmente as estatísticas mostram que o ponto de saturação está quase a chegar. É isso o que precisamos impedir, não – é claro – pelos meios bárbaros de outro tempo.

Nós olhamos para o nosso país, ainda tão pouco habitado, e temos a sensação de que a sua superpopulação inda vem longe. Mas a questão não é deste ou daquele país: é do conjunto do mundo.

Por um lado, a ciência já conseguiu diminuir a mortalidade infantil em proporções formidáveis. Em muitos lugares essa diminuição, em comparação com as taxas de mortalidade de outros tempos, é superior a cinqüenta por cento. Por outro lado, cada vez mais se prolonga a vida humana. A maré sobe assim por toda parte. Gritar ainda: "Crescei! Crescei mais! Multiplicai-vos!" é inadmissível!

Neste momento, o problema mais grave, mais pavorosamente trágico que há é exatamente esse: o do crescimento da população, porque as classes superiores já há muito limitaram, e cada vez limitam mais, a sua progênie, ao passo que as classes inferiores continuam a multiplicar-se abundantemente. Isso acontece em todo o mundo. Na cidade em que nós estamos, como nas outras, o fato é o mesmo: toma-se uma estatística por bairros, dá-se essa estatística a qualquer estrangeiro com a indicação da porcentagem da natalidade em cada um deles – e pede-se que indique quais os bairros pobres e quais os ricos. Sem hesitação, embora desconheça de todo a cidade, ele o pode fazer: os bairros pobres são aqueles em que a natalidade é maior, os ricos aqueles em que ela é menor.

Moralistas austeros se indignam porque se diz isto. Hipócritas! São dos que pregam uma coisa e fazem outra muito diversa. E ainda uma vez a estatística permite desmascará-los. Tomem-se as cifras da natalidade, classe por classe, e ver-se-á que as classes mais cultas, as mais ilustradas restringem o mais que podem a sua descendência. Quando essa estatística é de países protestantes em que os pastores, os sacerdotes, podem casar-se, ainda a gente sorri mais francamente, porque vê que a classe dos pastores entra como as outras no mesmo movimento: também ela é das de natalidade restrita.

A situação é, portanto, esta: nós estamos jogando a existência da humanidade; estamos, pelo menos, jogando a sua cultura, a sua civilização, preparando a mais terrível das invasões de bárbaros. Não são os bárbaros que vêm de fora. São os das classes incultas, das classes inferiores, que incitamos a crescer, para explorar-lhes a miséria, ao passo que, de dia para dia, as classes superiores crescem menos. Essa desproporção aumenta a cada instante.

Somos como um grupo de domadores loucos, que vivessem entre feras. As feras estão neste momento domesticadas. Mas os domadores, ao passo que não se multiplicam, incitam cada vez mais as feras a crescer, a multiplicar-se. Dentro em breve elas serão tantas, e eles tão poucos, que por força elas os tragarão.

Não, meu ilustre colega, eu não posso crer que tenhais razão na vossa propaganda contra os que não querem crescer e multiplicar-se; antes, imagino que, à semelhança do que já se faz no mundo, na única nação da Europa que é regida por uma mulher, na Holanda, se devia ensinar às classes pobres os meios de diminuir a sua assustadora progressão.

Nós, os domadores loucos, estamos cada vez em menor proporção diante das feras...

* * *

Mas, se o meu desacordo é absoluto quanto à vossa implacável perseguição contra os que querem diminuir a natalidade, é com entusiasmo que penso na campanha de toda nobreza, de toda beleza, a que vos dedicastes: a proteção às mulheres pobres, antes e depois do nascimento dos filhos.

E vós não sois apenas o homem que faz frases a esse respeito. Pondes as frases em ação.

Não incitar ninguém a que se multiplique; mas, quando a maternidade vem, cercá-la de carinho, suavizar-lhe as amarguras.

É uma cena que vale a pena ser vista – e eu a vi com admiração muitas vezes – à sala do hospital que dirigis, quando nela entrais.

Um minuto antes de vossa chegada, são rostos tristes de gente paupérrima, de gente que se prepara, na previsão de sofrimentos atrozes, para todas as dores, todas as angústias.

Entrais: falais a uma, falais a outra; tendes aqui um agrado, ali um carinho, mais além uma palavra de consolação, um claro sorriso vibrante e expansivo. Dentro em pouco, aquele conjunto de infelizes, pedindo admissão num hospital, que é sempre um espetáculo de miséria infinitamente triste, está inteiramente transformado. Há a esperança em todos os rostos. Há sorrisos. Há um ar geral de satisfação. E como todos os vossos auxiliares estão, por assim dizer, afinados no diapasão do vosso entusiasmo, sabeis, até mesmo nesse inferno, fazer nascer em torno de vós a alegria e a confiança.

* * *

Entre as vossas obras há uma que me parece curiosíssima. É *A Obstetrícia no Brasil*. Os que a encontram na lista dos vossos trabalhos, acham natural que tenhais escrito a tal respeito, pois que é assunto de vossa especialidade. Mas nada menos natural que esse livro. Esse livro é uma prova extraordinária – mais uma! – de vossa maleabilidade de espírito. Porque, em geral, se tem a idéia do orador-nato, do vosso tipo, como um homem impetuoso, um improvisador, mais feito para os arrebatamentos da tribuna que para a calma das investigações de bibliotecas, de poeirentos arquivos.

Por isso mesmo, para escrever vossa história da obstetrícia brasileira, parece que aproveitastes o fato de serdes professor da Escola Dramática, fostes ao depósito de acessórios, tomastes lá uma grande cabeleira branca, longas barbas da mesma cor e, vestido como o lendário Dr. Fausto, antes de ser remoçado, andastes a pesquisar bibliotecas e arquivos, catando fatos, citações, coisas mesmo das mais pequenas, de uma erudição segura e minuciosa.

Sem vosso nome no frontispício, ninguém acreditaria que esse livro fosse de vossa autoria.

* * *

Meu ilustre colega, vós entrais aqui como um grande e autêntico homem de letras; mas, sobretudo, como representante das belas-letras que muitos consideram a mais difícil: a eloqüência.

E, de fato, ela é admirável. O romance, o conto, o livro sob qualquer forma tomam os leitores separadamente, um a um, aqui e ali, longe do autor. Na peça de teatro o autor se esconde por trás dos atores. O orador, esse, tem

a coragem de enfrentar a multidão, um contra muitos, tem a audácia de dominá-la, de fazê-la vibrar, de transformar-lhe os sentimentos. Saber achar a forma precisa para exprimir qualquer idéia – já é um alto mérito. Muitas idéias sublimes têm talvez morrido porque os seus autores não as souberam exprimir convenientemente. Mas, ainda as idéias mais claramente expostas, nem sempre acham o terreno próprio para germinar. O milagre dos grandes oradores é que eles semeiam as idéias, mas semeiam fazendo com que elas germinem imediatamente. Eles são como esses lendários *fakires* da Índia a que se atribui tal milagre.

Dos da Índia se refere que se ajoelham, silenciosos, ao pé da terra em que puseram a semente, estendem as mãos, ficam hirtos, numa atitude hierática, e a semente brota, germina... Tudo isso é, porém, pura lenda. Mas os *fakires* da oratória, como vós, lançam a semente com as palavras e as idéias caem nos cérebros e nos corações, as idéias germinam, as idéias brotam, as idéias florescem, as idéias frutificam, ali, sob os seus olhos, imediatamente. Esse é um milagre autêntico e vós o fazeis freqüentemente.

Professor, tendes a eloqüência da cátedra: o dom, não apenas de transmitir a vossos alunos as noções científicas, mas de dar-lhes com elas o amor, o entusiasmo pela ciência.

Advogado, que um dia quisestes ser, soubestes tomar juiz e jurados, que eram claramente infensos a certo acusado, contra o qual se ia cometer uma iniqüidade, e transformá-los.

Conferencista, sabeis escolher qualquer assunto e forçar o auditório a partilhar os vossos sentimentos. Sabeis falar a doutos e a indoutos: a grandes assembléias da fina flor intelectual de nossa terra, como a que acaba de vos ouvir, e à pobre gente inculta com que lidais, no exercício de vossa profissão, nas grandes obras de assistência social, que criastes e que dirigis.

Por tudo isso, meu nobre colega, é como a um dos mais altos expoentes da mentalidade brasileira, sob as suas formas mais variadas, que nós vos recebemos com orgulho.

Discurso do
SR. LUÍS CARLOS

e

Resposta do
SR. OSÓRIO DUQUE-ESTRADA

Sessão solene extraordinária
do dia 21 de dezembro de 1926

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

AO PENETRAR este recinto, onde tanto me conforta o agasalho da vossa generosidade e tanto me glorifica o esplendor do vosso espírito, devo, depois de vos agradecer, desvanecidamente, cantar, numa evocação da beleza eterna, dois nomes, que, para logo, neste mister, desabrocharam, naturalmente, do hastil da minha pena: Academus e Platão.

Ao primeiro, maior glória não coube do que a de haver, na presciência dos videntes, criado o meio peculiar à fecundação da Academia; e esta glória foi bastante para só de si lhe transportar o nome, numa projeção histórica através dos séculos.

Os filósofos da Antiguidade procuravam os jardins de Academus para pensar, como que reconhecendo, na intimidade das árvores, cujo sofrimento à força de silêncios floresce e frutifica, o estado de graça da meditação.

Não tardou que lhes surgisse, para confirmar a predestinação de Academus, a figura apostólica de Platão, de cujo verbo evangelizador, embebido profundamente do iluminismo de Pitágoras e da ética de Sócrates, iria amanhecer por sobre o mundo a verdadeira sabedoria humana.

E da palavra maravilhosa do divino Mestre, pai do idealismo, lançada entre tais discípulos, nasceu a Academia.

Originária de um jardim, a sua finalidade própria era florescer.

Assim o impunha a lógica das cousas. Assim o foi.

Depois de uma existência plurissecular, a Academia de Atenas sobreviveu na grande Escola de Alexandria.

Em Florença, foi instituída, pelos Médicis, a Academia que recebeu o nome do Mestre.

Ainda na Itália, se multiplicaram as Academias, todas obedecendo ao mesmo critério construtivo, talvez um tanto desfigurado, por algumas, na intenção irônica de seus fundadores, que procuravam impressionar favoravelmente o povo, desafiando a maledicência.

Apareceram, assim, dezenas de agremiações intelectuais, como os *Intronati*, em Siena; a Academia *della Crusca*, em Florença, tão séria que levou 40 anos a construir o seu vocabulário; os *Umoristi*, os *Lincei* e os *Fantastici*, em Roma; os *Oziosi*, em Bolonha; os *Olimpici*, em Vicenza; os *Invaghiti*, em Mântua, etc.

E, ainda, no *Diálogo de Mascurat*, de Naudé, se encontra vasta relação de instituições congêneres, ao todo dezoito, que não nomeio, aqui, para evitar o vosso enfado.

O espírito acadêmico era, como se depreende, um sopro criador, por toda parte onde o pensamento humano, então, se iluminava.

E não foi sem uma afinidade oculta dos destinos que, das bodas de Lorenzo Mancini, gentil-homem romano, nasceu a Academia, a princípio, dos *Belli humori*, e, depois, dos Humoristas, já referida. Tinha, por símbolo, uma nuvem, que, formada de exalações do mar, as mais amargas, volvia à terra transfigurada em chuva suavíssima. Foram sua divisa as palavras de Lucrécio: *Redit agmine dulci*.

É mister não esquecer, ainda, a Academia dos Silenciosos, tão remota na história da Pérsia, que tomou uma expressão esfumada de lenda.

Embora conhecido, é sempre belo repetir o episódio que a celebrizou:

A um candidato, que lhe bateu às portas, mandaram os acadêmicos um copo cheio d'água, como símbolo de integração, dando-lhe de ver que não havia lá lugar para ele.

À silenciosa advertência respondeu o candidato, servindo-se de outra imagem silenciosa e mais poética. Pousou uma pétala de rosa na superfície da água, que não transbordou. E, destarte, imponderalizado nessa pétala, cuja flutuação não alterou o estado de equilíbrio do volume da água, estava ele, à força de silêncio, logicamente admitido à Academia.

Foi por 1629 que, em casa de Conrart, em Paris, se originou, de uma habitual reunião hebdomadária entre os mais ilustres homens de letras do momento, a atual *Académie Française*, que, somente cerca de seis anos após, em 1635, ficava oficialmente instituída, por édito real de Luís XIII e sob o patrocínio do cardeal Richelieu.

Chamada, a princípio, por alguns, Academia dos Belos Espíritos; por outros, Academia da Eloqüência, e, ainda, por vários, Academia Eminente, em alusão à qualidade do cardeal seu protetor, nenhum desses títulos logrou longevidade e ela ficou sendo, até hoje, simplesmente, *Académie Française*, dentro dessa fórmula singela, que, antes, lhe condensa a energia, ou, conforme um verso imperecível do nosso grande Bilac:

A força e a graça na simplicidade.

Ainda em Paris, se funda a Academia dos Goncourts, em atitude reacionária contra o critério chamado dos – expoentes – em uso, às vezes, na Academia Francesa. Desse embate, porém, – não fosse ele um choque de idéias – só resultou mais luz para o ambiente intelectual, pois que as duas Academias, sem prejuízo algum recíproco, florescem, cada vez mais. Remontando a época muito mais afastada, é mister, ainda, para citar uma das mais características, aludir à Academia Palatina, que tanto influiu, intelectualmente, no reinado de Carlos Magno. É preciso referir também a Academia dos Árcades, fundada, em 1690, em Roma, para dignificar o estudo da poesia.

Em nosso grande país, onde as graças virginais da terra tão bem se transubstanciam na inteligência dos homens e nas possibilidades de suas realizações, o espírito acadêmico, apesar da nossa juventude internacional, já constitui tradição.

Na primeira metade do século XVIII, cuja esterilidade literária parecia ocultar a formação de forças latentes, que deviam mais tarde desabrochar na plenitude de sua fulguração, apareceram, entretanto, as Academias: dos Esquecidos e dos Ressuscitados, ou dos Renascidos, na Bahia, a dos Felizes e dos Escolhidos, no Rio de Janeiro, e a Arcádia Ultramarina, em Minas Gerais.

Quase todos os Estados do Brasil possuem a sua Academia de Letras.

Estará em decadência o academismo, apesar das diatribes, que o agridem, periodicamente?

Parece-me que não, principalmente, de certo tempo a esta parte.

Temos, hoje, mercê da atitude sempre generosa do espírito francês, em se tratando de cousas da inteligência, atitude tão bem interpretada, no assunto, pela fidalguia mental do Embaixador Conty; temos, hoje, doada aos nossos jogos florais, uma instalação mais luxuosa do que a da própria Academia Francesa.

Ademais, constantemente, esvoaça pelos meus ouvidos o projeto de uma nova Academia.

E, ainda, os últimos pleitos acadêmicos se revestiram de expressão renhida, apresentando sempre grande cópia de candidatos.

Que quer dizer tudo isso?

Decadência é que não pode ser.

Não. Apesar do esforço de renovação, aliás, muito louvável e até, no caso, característico e indispensável, por isso que a arte é a primavera do espírito e a primavera é sempre renovação; apesar desse esforço lógico, que se tem revelado, entretanto, antes iconoclasta do que reformador, pois que as reformas não podem prescindir do estado de imanência de certas razões de origem; apesar desse movimento de idéias, que todos nós estamos testemunhando, talvez mais acentuadamente no Brasil do que nos demais países de grande cultura, o espírito clássico, que é o princípio da ordem no assunto, continua defendido irredutivelmente, dentro da sua serenidade hierática, pelos valores da inteligência, que definem a probidade mental do país.

Quando digo clássico, não quero dizer quinhentismo, Sá de Miranda, Arrais, etc. Tal significaria, hoje, deformação, estagnação.

Sou, por força, amigo da evolução, que é a lei da vida, mas da evolução, no sentido exato do vocábulo, pressupondo o progresso.

Quando digo clássico, quero dizer: conforme a ordem estabelecida, que vai, naturalmente, variando com as épocas, mas sempre fiel a um cânon.

A Academia Brasileira de Letras nunca me pareceu tão serena, como agora, na sua estabilidade, mercê do carinho ilustre da quase totalidade de seus membros e sob os auspícios da sua insigne Diretoria atual, onde avulta o nome glorioso de Coelho Neto. Sempre que investem contra ela, ocorrem-me

as palavras de Vargas Vila, panfletário terrível, inimigo, aliás, do academismo, iconoclasta da moral social, condor do orgulho humano, que me respondeu, quando eu me referia com espanto aos adversários da sua inquestionável genialidade literária:

"Sim, eles me agridem, mas com as estrelas, que me arrancam do diadema."

A beleza da imagem absolve o desabrimento da expressão.

Assim me parece o caso da Academia.

A quantos tenho ouvido convícios e doestos contra ela, os quais, pouco depois, se transfiguram em sorrisos de solicitação!

Não haja dúvida sobre o seu grande prestígio na sociedade.

Talvez até a sua vitalidade se retempere no entrechoque da luta, como a igreja católica, nau de Jesus Cristo, que, flutuando sobre o oceano das lágrimas humanas, às vezes, inturgescidas e retorsas no ar rebentando tempestades, lá vai, serenamente, incólume, através das eras, iluminando e perfumando de angelitude as solipões profundíssimas da vida.

Templo, igualmente, obedecendo, noutra ordem de condições, ao princípio teológico, a Academia é o recinto sagrado, onde venho, hoje, como viestes, ontem, naturalmente com mais brilho do que eu, mas não com mais íntimo ardor, professar a mesma fé nos destinos da nossa mentalidade, a serviço do Brasil imenso e belo, como o fizeram o fenômeno cósmico e o heroísmo andante dos nossos antepassados.

* * *

Sinto flutuar, em torno de mim, neste ambiente, uma sombra vertiginosa, que não sei bem se me está deitando o fluido espiritual de uma bênção, ou se me está advertindo da minha atual responsabilidade.

É uma projeção do astral, esfumando o vulto egrégio de João Francisco Lisboa.

Natural do Maranhão, ninho de condores, deu-lhe, para logo, o berço as rêmiges para a condição altivolante.

Engenho privilegiado de jornalista e tribuno, os seus *Jornais de Timon* e as suas orações parlamentares, que arrebatavam o auditório, pela nobreza da linguagem, pelo surto das idéias e pelo acendrado patriotismo, revelado a vida

inteira, são de si bastos para perpetuar-lhe o nome na história da literatura brasileira.

Fundou e dirigiu o *Brasileiro*, o *Farol Maranhense* e o *Eco do Norte*, periódicos que lhe registraram artigos verdadeiramente notáveis, pelo sabor analítico sobre assuntos de alta monta, como os trabalhos da assembléia geral legislativa, a liberdade da imprensa e os partidos políticos do Brasil.

Para que bem se possa ajuizar do seu grande merecimento, basta ouvir o conceito que dele formava o seu ilustre adversário no jornalismo – Francisco Sotero dos Reis:

> Entre todos esses vultos de talentos superiores que colocamos em lugar próprio nesta espécie de galeria jornalística, o Sr. João Francisco Lisboa, que à força e lucidez de pensamento reúne em subido grau o vigor, a majestade e o colorido da expressão, encarnando as suas concepções sob as formas as mais apropriadas, vestindo-as dos trajes os mais adequados, ornando-as com os matizes os mais delicados, imprimindo-lhe os ademanes os mais expressivos, e animando-as para assim dizer com os traços de sua pena, parece-nos ser o mais preeminente e grandioso vulto, que se apresenta aos olhos do observador.

O seu talento, equilibrado por uma notável expressão de probidade, posto a serviço da política, irradiou sentenças de profundo humanismo e desvelado amor pela justiça.

São dignas de transcrição as suas admiráveis palavras, a respeito da Sabinada, episódio histórico, que bem conheceis:

> Recusamos tomar parte nos regozijos feitos por ocasião de uma desgraçada guerra, e ainda hoje nos honramos de não termos querido dançar ao clarão de um incêndio, sobre os cadáveres de milhares de cidadãos, ao som dos seus gemidos – cidadãos dignos de lástima, quer criminosos, quer inocentes. Era mui cabido um ofício de finados, e em todo o caso as tachas de sangue que deixam os triunfos obtidos sobre os próprios concidadãos devem delir-se com lágrimas e não com o vinho dos banquetes.

É um ferro em brasa aplicado à consciência pública, acendendo ao derredor os clarões dramáticos da guerra fratricida.

O seu espírito, pela multiplicidade das manifestações, era bem um poliedro de cristal: no jornalismo como na tribuna, na jurisprudência como no parlamento, levava sempre as lampas aos seus adversários, ou por vigor de dialética ou no esgrimir motejos e remoques, que os emudeciam pela irrisão.

Reduzido à pobreza, naturalmente pela sua intransigência de caráter, abandonou a política, para dedicar-se, exclusivamente, à literatura e à ciência do direito.

A breve trecho, a sua banca de advogado era uma das mais florescentes do Estado e dava-lhe o necessário para viver o resto da existência, folgadamente, sem que daí adviessem quaisquer suspeitas contra a sua honradez, que continuou ilibada a vida inteira.

A página noturna da nossa história não podia passar despercebida aos olhos do nosso eminente patrício, que a constelou de lágrimas e pensamentos – exalações irmãs da fronte humana; umas destinadas a rolar para embeber a Terra, outras a subir pelo Espaço para indagar do vago a causa imanente do sofrimento universal.

Não lhe podia passar despercebido o borrão de treva com que o destino maculou a história do Brasil: a escravatura.

Entrou de escrever uma obra sobre o assunto. Mal, porém, terminara os primeiros capítulos, surge laureada pela opinião pública a *Cabana do Pai Tomás*, com vários pontos de contacto idealista e diversos casos de similitude com o seu pensamento.

A sensibilidade da sua estrutura moral não lhe permitiu o prosseguimento da obra, que seria, a julgar pelo início, de molde a incorporar-se com relevo notório à bibliografia do abolicionismo.

As cousas públicas absorviam, profundamente, a sua atenção; e foi inspirado pela influência que exercera em França, durante o período tumultuário da Fronde, a *Sátira Menipéia*, que deliberou publicar folhetins mensais de análise crítica sobre o movimento irregular da "roda administrativa". Assim nasceu, em 1852, o *Jornal de Timon*, cujo primeiro número era de 100 páginas e foi seguido de outros até ao duodécimo, já publicado, em Lisboa, em 1858.

Os quatro primeiros números do *Jornal de Timon* formam o primeiro volume da segunda edição de suas obras, que é a mais conhecida.

Aí detém-se o grande estilista a estudar os costumes políticos da sua terra natal, em confronto histórico, sob o ponto de vista eleitoral, com a Antiguidade, a Idade Média e os tempos modernos.

São telas admiráveis, onde o autor, numa eloqüência de estilo dificilmente comparável naqueles tempos, alia o vigor expressional de Rubens, no colorido, ao visualismo terebrante de Molière, na observação risível dos homens e das cousas.

O segundo volume analisa, a princípio – e com que graça e critério! – os trabalhos publicados sobre a vida da província; versa, depois, o descobrimento da América e as tentativas para explorar e colonizar o Maranhão; trata, a seguir, da invasão francesa e da holandesa, realçando a vitória das armas portuguesas, em ambas; estuda, em cotejo, as duas invasões, manifestando-se favorável à francesa, cuja tendência era humanitária e civilizadora, ao passo que a holandesa era mercantil e desrespeitosa aos costumes e religião dos colonos; não lamenta, entretanto, que tenhamos descendido dos portugueses; ao revés, dedica-lhes estas expressivas palavras: "os portugueses, de quem derivamos a origem, nação pequena e encantoada nos extremos confins ocidentais do Velho Mundo, podem com razão ufanar-se de ter fundado no novo, em um país ou deserto, ou infestado de hordas ferocíssimas, um império tão vasto como compacto, o segundo por ventura deste continente, onde somente aos Estados Unidos cede a primazia"; faz sentir, em seguida, a vantagem que nisso os portugueses levaram aos espanhóis, cujos recursos eram maiores e que "encontrando civilização adiantada no México e no Peru deixaram, todavia, resultados comparativamente inferiores"; estuda, depois, costumes e usos dos aborígines e termina analisando os atos da Companhia de Jesus.

No terceiro volume, onde a expressão lhe aparece mais trabalhada, continua a investigar a história do Maranhão e o encerra com a narrativa tocante da revolta de Manuel Beckman e outros episódios relativos à administração da Colônia.

Os dois volumes da sua alentada e brilhante obra literária trazem grande cópia de notas e documentos raros.

A sua melhor produção: *A Vida do Padre Antonio Vieira* esteve fadada ao mesmo destino do livro, apenas iniciado, sobre a escravatura. Depois de sua morte, encontraram-na num maço de manuscritos, cujo invólucro assim dizia: "Estes papéis devem ser queimados, sem serem lidos, quando eu o determinar." Tratava-se, entretanto, do melhor trabalho até hoje conhecido, em Portugal e no Brasil, sobre a existência do grande pregador missionário.

Era esse historiador notável, esse estilista finíssimo, cuja obra se incorporou, definitivamente, ao patrimônio mental do país, quem produzia estas linhas, em resposta a um amigo que o acoroçoava a escrever a história do Maranhão: "Como não tenho fé robusta no meu aliás *prodigioso talento*, nunca fico satisfeito do que produzo e escrevo."

Apesar disso, que é qualidade, aliás, própria dos grandes espíritos, modéstia – "sombra do valor", como lhe chamou alguém, o eminente publicista, orador, político, historiógrafo, filósofo, biógrafo e jurisconsulto mereceu fé, por vezes elevada ao fanatismo, a quantos se manifestaram, publicamente, sobre o seu talento; e entre estes podem contar-se: Francisco Otaviano de Almeida Rosa, Antônio Henriques Leal, Domingos Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo e Gonçalves Dias.

São ainda de sua lavra diversos folhetins e outros trabalhos literários, em torno de cujo merecimento não seria justo fazer silêncio, neste, aliás, simples esboço biográfico de tão brilhante personalidade. Estão nesse caso os folhetins: *A Festa de N. S. dos Remédios*; *A Festa dos Mortos ou a Procissão dos Ossos*; *Teatro São Luiz*; o discurso sobre a anistia aos pernambucanos revoltosos; o artigo político *A Questão do Prata* e a *Biografia de Manuel Odorico Mendes*.

* * *

A aparição, porém, de outros vultos notáveis, que me precederam nesta honrosa investidura, aos quais devo, igualmente, trazer uma coroa votiva, não permite, sem ofender a vossa paciência em me ouvir, maior desenvolvimento ao presente estudo.

Ao grande estilista brasileiro, que foi João Francisco Lisboa, adotou José Veríssimo por patrono da sua Cadeira nesta Academia. Maior elogio não se lhe poderia fazer.

Quem conhece as obras do colendo crítico nacional e, mais do que a elas, conheceu o seu temperamento pessoal de uma sinceridade inflexível, que se não designava de ir até à rispidez, quando preciso fosse, em prol da beleza; propugnador intemerato do classismo, que, em matéria de arte, exaltava, como os cavaleiros andantes, a noção da beleza a um grau quase desconhecido, pode bem aquilatar do mérito daquele que lhe pareceu digno de assumir o padroado mental da sua Cadeira na Academia.

José Veríssimo infundia-me terror, quando comecei de publicar os meus primeiros versos.

De uma feita, seu companheiro de viagem à maravilhosa gruta de Maquiné, primeira vez em que me sentia ao seu contacto social, passou por nós, no trato agreste, que medeia entre a gruta e a estação de Cordisburgo, um cansado carro de bois, cujo gemido, cada vez mais lancinante, se perdia, ao longe, como se fosse o ai de desolação daquelas solidões profundas.

Ocorreu-me, de golpe, o magnífico verso de Mestre Alberto de Oliveira:

Quanto mais peso tem mais alto canta

e José Veríssimo, por observar talvez a minha emoção, fitou os olhos no rústico veículo e disse-me, apontando-o:

"Depois do fogo a maior invenção do homem é a roda."

Não sei se pela beleza da expressão, se pela simpatia, que me inspirou aquele elogio, em tom profético, feito por um Mestre, em tão longínquos rincões, pacificados por uma profunda nostalgia bíblica; elogio à roda, que era a condição material da minha função pública de engenheiro ferroviário, o certo é que se me desvaneceu todo o terror que o Mestre me incutia.

E daí por diante fiquei sendo seu ledor assíduo, e seu admirador estrênuo, pois que, sem dúvida, a par de suas brilhantes qualidades de cronista e historiador, forma ele na escassíssima falange dos críticos de grande notoriedade do país, ao lado de Araripe Júnior, Sílvio Romero, João Ribeiro – valores culminantes da erudição brasileira – e de quem, pelo seu talento, pela sua cultura, pela sua probidade mental elevada até aos desassombro, muito me desvanece com receber-me, hoje, nesta Academia: Osório Duque-Estrada.

A José Veríssimo, como que exprimindo os desígnios ocultos que formam a lógica dos acontecimentos, sucedeu, aqui, um grande estadista, que vinha com a majestade expressional da sua figura sancionar, publicamente, os méritos do seu antecessor.

Era o Estado que trazia o seu beneplácito à literatura.

Mas não se diga que o Barão Homem de Melo foi, apenas, o preclaro homem de governo, que todos vós conheceis. Historiador e geógrafo entre os que mais o foram em nosso país, seu nome, como o rio, que, de tanto procurar o mar, se integra nele, tanto ilustrou o registro cronológico dos nossos homens e cousas, em linguagem tão tersa e em conceitos tão elevados, que de historiador passou à História.

Será preciso dizer mais?

Não, sobre ele, mas sobre Alberto Faria, que lhe sucedeu e me precede na Cadeira João Francisco Lisboa.

* * *

Ao grande poeta dos *Símbolos* e *Contemporâneas*, Augusto de Lima, cujo estro sempre me dá o sabor de uma vertigem cósmica, Mestre da lírica nacional, único até hoje que soube tirar o efeito maravilhoso de correlação entre a ciência e a poesia, devo o conhecimento pessoal de Alberto Faria.

Discutiam os dois, por essa ocasião, sobre o transunto em português de um remotíssimo original latino; e eu pude observar a erudição com que ambos versavam o assunto.

Alberto Faria afigura-se-me um bandeirante da linguagem, capaz dos maiores heroísmos em holocausto ao seu ideal.

Aérides e *Acendalhas*, obras de sua autoria, lançadas mais para os estudiosos da língua e dos costumes brasileiros, apreendidos nas fontes virginais da sua formação e desenvolvidos até aos nossos dias, através de farta e erudita documentação, põem de manifesto um grande labor minaz de investida subterrânea, no anseio terebrante de atingir aos penetrais, onde se ocultam os tesouros maravilhosos. E o abnegado bandeirante volta, de cada feita, banhado de sol, erguendo no ar, vitoriosamente, as gemas rutilantes da sua intrépida conquista. Toda a sua obra literária tange, a cada passo, o *folclore*, cuja influência é fundamental na formação de uma literatura. O *folclore* é a pró-

pria alma do povo, cantando, ingenuamente, as suas mágoas. Parece que há nele a confidência das origens, evaporando um perfume de virgindade. Murmuram nele as fontes líricas da raça.

Relicário das lendas e cantigas, que embalaram a infância das nações, ele merece a todos o carinho, que dispensamos às crianças, vendo e sentindo nelas florescer, em graça e inocência, todas as fatalidades do destino humano.

Não é sem razão que o *folclore* tem preocupado, e, ultimamente, mais do que nunca, a atenção dos estudiosos.

Nos Estados Unidos, na Itália, na Espanha, na Bélgica, na Holanda e, de um modo geral, em todos os países setentrionais, tem ele feito notáveis progressos, que se acentuam, na Finlândia, onde existe o organismo *folclorístico* centralizador.

De origem inglesa, *folk:* povo, e *lore*: conhecimento, estudo, a expressão *folk-lore* significa a ciência que tem por objeto estudar o povo.

Tangendo com o regionalismo, o *folclore* é, entretanto, um estudo de natureza mais independente, na investigação dos fatos de feição puramente popular, porque, ao revés daquele, prescinde do fenômeno político e de outros elementos como o econômico, o demográfico, etc.

A constituição sistemática do *folk-lore*, com foros de ciência, remonta a Thomas Brown, em 1646, na Inglaterra, e a Jean-Baptiste Thiers, em 1667, na França.

No tocante aos contos populares, a França apresenta, ainda, um nome notável, em 1697: Perrault, a quem todos nós devemos o enlevo angélico das horas de leitura em que ele nos sorriu, na infância, através dos seus "Contos de Fadas". Pertencem-lhe, ainda, as "Histórias ou Contos do tempo passado".

A escola literária instituída por ele foi, a seguir, ampliada com a tradução das maravilhosas *Mil e Uma Noites*, que até hoje rejuvenescem a minha alma, iluminando-a de esplendor oriental, sempre que as releio. Apareceu, ainda, na França, no século XVIII, longa série de contos populares, em trinta volumes: *Cabinet des Fées*, que alcançou êxito ruidoso. Surgiu, depois, o *Magazin des Enfants*, de Mme. Leprince de Beaumont, que, a exemplo daqueles, de Mme. d'Aulnoy, encerram narrativas repassadas de ternura ingênua.

Os verdadeiros continuadores, porém, de Perrault foram os irmãos Grimm, que fundaram a dialetologia germânica.

Na Inglaterra, Walter Scott acompanha, igualmente, Perrault, fundindo, ao sabor da fantasia popular, algumas lendas e costumes locais.

Na Grécia, foi Pausânias um dos grandes precursores do *folclore*. A sua *Descrição da Grécia* é uma obra específica no assunto e sobreleva, evidentemente, às páginas congêneres de Heródoto.

Há, no *folclore*, uma finalidade sociológica, que lhe dá um conspecto muito mais ilustre do que parece, a princípio. Verifica-se nele uma relação de imanência entre o indivíduo e o povo. Daí, fácil é concluir a sua relevante importância em todos os domínios das instituições humanas.

O seu desenvolvimento, que conta já, hoje, várias publicações, e museus, na Hungria, na Boêmia, na Áustria, e dispõe da ação investigadora dos panslavistas, na Rússia, e dos pangermanistas, na Alemanha, obteve esta conquista irrefragável: a produção literária popular é um elemento da atividade social, a cuja organização se junta, menos por necessidade estética do que por utilidade.

Os temas populares incorporam-se à literatura desde os tempos da Alta Antiguidade. Há milhares de anos já eles apareciam, embora escassamente, nos textos da Assiro-Babilônia e nos *papyrus* egípcios. Entretanto, como o *folclore* data de época, relativamente, muito mais aproximada dos nossos dias, perderam-se inúmeras versões de valor característico.

No ano 1500 antes de Jesus Cristo, já existia, no Egito, a lenda dos Dois Irmãos, de feição flagrantemente *folclórica*. Bem assim, a da Gata Borralheira, derivada do episódio relativo ao furto da sandália de Nitaqrit ou Ródope dos gregos, por um gipaeto, que a deixou cair ao colo do Faraó, em Mênfis. E, ainda, as Memórias de Sinuhit e todo o ciclo de Satni-Khamois.

Não esquecendo os Celtas, devo citar os File ou videntes, que se dividiam em dois grupos, desde o Oblairo, que não sabia mais que sete histórias, até o Olam, que narrava trezentas e cinqüenta.

George Frazer, considerando o *folclore* como a sobrevivência dos processos antigos de pensar e de agir, formando o conjunto das crenças e costumes tradicionais de um povo, reconhece a sua influência entre os hebreus e interpreta todo o Antigo Testamento, ao sabor folclórico.

Villemarqué, na sua história poética da Bretanha, região onde a poesia tem um perfume de angelitude; onde a vida humana transcorre ungida de can-

dura e de lirismo; onde o povo julga a poesia, segundo um seu provérbio, mais forte que as três cousas mais fortes: o mal, o fogo e a tempestade; onde a noção do dever é tão sagrada que ninguém acha prematura a morte, quando se morre, cumprindo o dever; onde os peregrinos pagam, em canções, à porta das casas, a hospitalidade que se lhes dá; Villemarqué, na sua colheita de cantos populares dessa região abençoada, fornece ao *folclore* um dos mais preciosos contingentes da matéria.

Fauriel, igualmente, nos seus *Cantos Populares da Grécia Moderna*, obra de interesse radical para os pesquisadores do assunto, revela toda a expressão *folclorística* dos gregos, entre os quais é também tão cândido o sentimento da poesia que um cantor, não sabendo ler e não querendo esquecer o deleite que lhe causara uma lenda, fez dela uma canção, para a conservar de memória.

E no Brasil? Que dizer sobre as toadas que correm todo o nosso vasto território, como um perfume cantante, exalando a frescura virgem da nossa alma contemplativa?

Juvenal Galeno, Couto de Magalhães, Sílvio Romero, João Ribeiro, Melo Morais Filho e, ainda, Catulo da Paixão Cearense, grande poeta da brasilidade, bastam para fixar o *folclore* nacional, tão vasto, aliás, e tão rico, principalmente, nos Estados do Norte.

Originário da emoção indígena, como prova, entre outras obras, a *Poranduba*, que quer dizer história popular, de autoria do nosso patrício Barbosa Rodrigues, ele decorre, principalmente, sob a feição do conto popular, das criações mitológicas da família tupi-guarani. Assim é que influíram, profundamente, na formação do conto brasileiro os tipos entre pitorescos e trágicos do *Curupira*, do *Matin-taperê*, da *Mãe-d'água*, do *Mboitatá*, do *Sacipererê* e as lendas do *jabuti*, da *mucura* e da *iara*.

Ao revés, no que concerne às cantigas do povo, ou, melhor, à *modinha*, pode afirmar-se que toda a nossa poesia popular é de origem portuguesa, deriva da *serranilha galiziana*. É na *modinha* que bem se caracteriza a sensitividade poética do povo brasileiro. Sente-se nela uma influência, mais remota, da *xácara* dos trovadores e, mais recente, do *fado* português.

Para encerrar esta simples referência ao *folclore* brasileiro, rendo homenagem ao lirismo nacional, repetindo aqui alguns dos seus momentos de verdadeiro estado de graça, nas seguintes trovas, das mais belas que possuímos:

É verdade e não parece,
Mas é verdade patente
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.
(POPULAR)

Sou jardineiro imperfeito,
Pois no jardim da amizade,
Quando planto o amor-perfeito
Sempre nasce uma saudade.
(ADELMAR TAVARES)

Num arbusto que murchava
Teu nome escrevi, Dolores;
Após dois dias estava
Coberto o arbusto de flores.
(LINDOLFO GOMES)

Vida que és o dia de hoje
O bem que de ti se alcança
Ou passa porque nos foge,
Ou passa porque nos cansa.
(VICENTE DE CARVALHO)

Eu quero dar um conselho
A quem o quiser tomar:
Quem quiser viver no mundo
Há de ouvir, ver e calar.
(*POPULAR*)

Minha viola, morena,
É uma gaiola de pinho
Adonde canta e soluça
Tudo quanto é passarinho.

São Pedro diz que a viola
Foi feita num desafio
Da canoa em que ele andava
Com Cristo a pescar no rio.

Não foi feita da canoa,
Mas porém da sua cruz!
A viola ainda sofre
Tudo o que sofreu Jesus.
(CATULO CEARENSE)

Quanto mais tempo se passa
Minh'alma mais queixas tem,
Por ela ser ofendida,
Sem ofender a ninguém.
(POPULAR)

Até nas flores se encontra
A diferença da sorte!
Umas enfeitam a vida,
Outras enfeitam a morte!
(POPULAR)

Certos pontos luminosos
Que dão brilho à minha sorte,
Têm semelhança com o raio
Que ilumina e deixa a morte.
(POPULAR)

Alma no corpo não tenho;
Minha existência é fingida;
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida.
(POPULAR)

Onde anda o corpo da gente
A sombra vai pelo chão,
É assim também a saudade,
A sombra do coração.
(ADELMAR TAVARES)

Ei-lo de todos os casos
O mais estranho do Mundo...
Como nuns olhos tão rasos
Cabe um olhar tão profundo?
(PEREIRA DA SILVA)

Há uma espécie de plantas
Que vingam sem ter raízes:
Assim são certos sorrisos
Nos lábios dos infelizes.
(POPULAR)

Dizem que as almas não morrem,
São imortais... não têm fim...
A minha faz exceção
'Stá morta dentro de mim!
(POPULAR)

Mas já é tempo de terminar esta digressão, que outro intuito não teve senão o de realçar uma das principais atividades literárias de Alberto Faria.

Não era, porém, o grande *folclorista*, somente, notável, por essa feição do seu dinamismo mental.

Chamaram-lhe com justeza de observação – beneditino das letras.

O seu espírito pesquisador comprazia-se com a perscrutação das origens.

Bibliófilo apaixonado, conhecia como poucos a história literária brasileira.

A sua nomeada no versar assuntos ilustres da linguagem e da tradição cultural do nosso pensamento, começou de irradiar, desde que redigia, sob o pseudônimo Adélio, a antiga secção "Ferros Velhos", na *Cidade de Campinas*.

São dignas de nota as controvérsias que ele animava, quase sempre com vantagem, na discussão de temas filológicos.

Como crítico, dos mais argutos que temos possuído, vem a propósito lembrar a página magistral que escreveu, sob o título: "Versos de um Artista".

Na defesa do Classicismo, de que era paladino invencível, afirmava: "A reação contra o classismo produziu, na Inglaterra, o *eufemismo*, na França, o *preciosismo*, na Itália, o *marinismo*, na Espanha, e reflexamente em Portugal, o *culteranismo* ou *gongorismo*, cuja degenerescência se caracterizou por extravagâncias de forma, iludindo falta de concepção nos escritores medíocres."

Na esplêndida crônica "O Amor Descoberto", onde revela vastíssima leitura, põe de manifesto o seu pendor poético, de que, aliás, raramente se utilizava. Como exemplo, devo aqui transcrever as belas quadras que produziu, embora na qualidade de tradutor, interpretando, em nossa língua, o sentido lírico-irônico da linda serenata grega, que deu título ao seu trabalho:

Cerrada era a noite, quando
Teus olhos beijei, falando:
"Isto pode ver alguém
Mais que as estrelas d'além?"

Pois de linda estrela o ciúme
Nos havia de perder!
Lá do céu – cadente lume –
Ela ao mar o foi dizer.

E, entre sorrisos de espuma,
A um remo as ondas do mar
Buscaram, uma por uma,
Para o caso lhe contar.

O remo tudo passou
Ao barqueiro, sem demora,
E este (que à casa chegou
Antes do romper d'aurora),

Apenas o sol fulgiu,
Quanto a estrela do alto viu
A mulher disse lampeiro...
Logo o soube o mundo inteiro!

É mister, ainda, aludir à perícia com que se houve em outras traduções poéticas, notoriamente, de Heredia. E, ainda, na prosa, muita vez, se lhe nota o sentimento da poesia, como nestes períodos de sua crônica "Adivinhas":

> Consoante a uma piedosa lenda cristã, as abelhas nasceram das lágrimas de Jesus, vertidas do negregoso madeiro alçado no Calvário: nenhuma rolou ao chão, todas ganharam asas, voando para os homens, a trazer-lhes da parte do Salvador certa doçura moral – o mel da crença. No dualismo da criação, elas opõem-se às vespas, que são obra diabólica.

Referindo-me às suas qualidades de tradutor, não me fora possível esquecer uma das mais formosas crônicas de *Aérides*: "A voz dos mortos" na qual se verifica a sua tradução do conto de Maupassant: "A defunta", que é, sem dúvida, uma obra-prima, cuja emoção estética e cuja linguagem nada ficam devendo ao original.

Em "Cigarras", magnífico trabalho de erudição e poesia, que constitui uma das melhores páginas de *Acendalhas*, há trechos de beleza, como estes:

> Anacreonte, que aproxima as cigarras dos deuses, disse satisfazer-se ela com o orvalho, presumivelmente pela relação mítica entre este e o néctar servido aos moradores do Olimpo. Além do que, Titão – o sol, amante da Aurora, – a deusa das manhãs radiosas, – foi convertido em cigarra.
>
> O supremo regulador moral do Universo, não alheio à poesia, designou um buraco escuro para encerro perpétuo da formiga e mandou florir uma olaia para eterna habitação da cigarra...
>
> De nosso turno, ao ouvirmos a primeira cigarra de cada ano sonorizando a grimpa de um ipê amigo, que setembro costuma toucar de ouro, temos ímpetos de dirigir-lhe convite gentil, resumível nos decassílabos, tão saudosos do lirismo remoto:

Vamos reler Teócrito, senhora,
ou, si lhe apraz, de Téos o citaredo.

É que nas páginas desses antigos, de grácil ingenuidade cheias, encontramos, antes de manusear outras, a reabilitação poética da cantora da luz, menosprezada pelos homens práticos da Idade Moderna.

Mas... que pena, grande e querido Alberto de Oliveira, as cigarras serem analfabetas!

Entre os seus melhores trabalhos de *Acendalhas* avulta a crônica "Concepção Poética da Conceição", onde o eminente filólogo traça um largo e variado comentário em torno da célebre quadra:

No ventre da virgem-mãe
encarnou divina graça:
entrou e saiu por ela
como o sol pela vidraça.

Aí se encontra a interessante correspondência epistolar trocada entre o insigne humanista e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, cujo grande espírito não se dedignou de encomiar o autor de *Aérides* e *Acendalhas*.

Além desses volumes, deixou Alberto Faria os seguintes trabalhos: *Discursos pronunciados na Academia*; *L'Homme du sonnet*; *Cartas Chilenas*; *Palestra sobre Francisco Octaviano*; *Estudo sobre J. M. de Macedo e Joaquim Caetano*; as conferências: *Fagundes Varela*; *Os Sinos*; *Nariz e Narizes*; *O Galo através dos Séculos*; *Andorinhas e Beija-flores*; *Cousas do Arco-da-Velha*.

O seu espírito sempre afeito a locubrações em torno de assuntos de alta erudição, comprazia-se, por vezes, com a ironia esfuziante.

De certa feita, em polêmica travada com adversário ilustre, que se jactava de versar o grego e o latim, Alberto Faria desfechou este feliz remoque:

"Em grego, como em latim, o Sr. ... declina."

No curso do mesmo prélio cultural, recebeu ele esta invectiva:

"Tais polemistas são invencíveis. Com eles não se discute... é dar-lhes uma pancada, uma só, mas de cego, como quem deseja matar cobra..."

Respondeu ele, servindo-se de um adágio:

"Sombra de vara torta não mata cobra..."

A atividade literária de Alberto Faria data quase da sua infância, pois que, aos quatorze anos, fundava, na cidade de São Carlos, o jornal: *A Alvorada*. Começou de pensar e sentir, publicamente, numa "Alvorada", como era natural. Deixou de pensar e de sentir, como foi profundamente ilógico, noutra alvorada. Raiava a madrugada de 8 de setembro de 1925, quando a morte material encerrou a sua fecunda existência, na ilha de Paquetá. Um sorriso fugitivo transcoava-lhe da face a derradeira expressão da vida, que se lhe desvanecia no éter, em holocausto à beleza das cousas, naquele ambiente maravilhoso. Morreu de tanto contemplar o mar. Era-lhe a última volúpia passar os dias, esquecidamente, em colóquio com a imensidade.

Como Victor Hugo ungia de esplendor cósmico a sua solidão, no alto dos penedos de Guernesey, aprofundando os olhos e a alma no Infinito, Alberto Faria provava o sabor metafísico do Universo, deixando-se estar, horas a fio, ao contacto do oceano, em meditação.

Deve ter morrido de êxtases, forma transcendental da eutanásia. E a sua morte, assim, deve ter sido, antes, uma transfiguração.

* * *

Organização complexa, mal interpretada por quem lhe não conhece a fundo a larga expressão cultural, Alberto Faria era um valor acadêmico específico, porque, sintetizando as múltiplas manifestações da sua atividade mental, a fórmula que bem o definia era esta: homem de letras.

Se algumas vezes o ardor das suas afirmações lhe incendiava, dramaticamente, a atitude, é que o caráter – "lâmpada interior" – como lhe chamava Victor Hugo, lhe explodia de revolta contra as imperfeições morais da vida.

O caráter – integração de todas as virtudes – é bem a claridade da alma, como o talento o clarão do espírito.

Feliz de quem, a exemplo do preclaro humanista, pode iluminar-se a si próprio externa e internamente, pelo esplendor do espírito, que projeta o indivíduo além da espécie; pela claridade da alma, que alumia as sombras germinais do instinto.

Não há beleza que prescinda do sentimento; e este é qualidade da alma, domínio metafísico, a que o espírito não atinge, senão ainda confusamente,

pelos processos experimentais, mas pela razão pura ou intuição. Daí, fácil é concluir a imanência da condição moral no fenômeno da beleza, sempre sensível, nem sempre visível.

Quando, portanto, o clarão do espírito pressupõe a claridade da alma, dá-se no indivíduo o equilíbrio social, que o torna, aliás, pela raridade dessa conjunção luminosa, um ser de eleição, na sociedade.

Assim o foi o sábio Alberto Faria. Elegendo-o, a Academia o reconheceu. Desaparecido, materialmente, dentre nós, ele nunca se ausentará da nossa consciência, que o imortalizou pela fortitude do seu espírito e do seu caráter.

A derradeira ocupação literária de Alberto Faria foi um estudo que ficou interrompido pela morte, sobre a personalidade de Raimundo Correia. Quis o destino, expresso na generosidade da ilustre família de Raimundo, que eu entrasse aqui prestigiado por um remanescente glorioso daquele grande Poeta, cujo espírito, ligando, dessa forma, os últimos instantes de Alberto Faria aos meus primeiros passos entre vós, vem, de algum modo, legitimar a relação de sucessão, nesta Academia, entre o grande humanista e aquele que, mercê da vossa benevolência, tem a honra de vir substituí-lo.

O espadim, que integra o meu uniforme, na presente solenidade, pertenceu ao maravilhoso artista do verso, cujo elogio se torna desnecessário, feito agora por mim, depois que ressoa, cantado por toda parte, pela voz do povo. Mestre, que sempre admirei com entusiasmo, Raimundo Correia exerce sobre a poesia nacional a ascendência hierática de um símbolo.

Duplo, portanto, é o meu conforto moral, ao ser recebido, hoje, por vós.

Primeiro, em virtude de sentar-me ao lado daqueles que são os eleitos da cultura brasileira; segundo, por entrar, aqui, como venho: ferido de uma cintilação transcendental, ao contacto deste espadim – raio de estrela, que, se me não pertence, me comunica a sua estranha fulguração de glória eterna, armando-me cavaleiro do ideal.

– Ninho de relâmpagos – será bastante agitá-lo no ar, para que dele se desprenda uma revoada de claridades vertiginosas...

E é sob a impressão fascinadora dessa taumaturgia luminosa, que só podem exercer no mundo a divindade e o gênio, que eu juro, à fé de cavaleiro, beijando a poesia nacional neste espadim sagrado, despender, na Academia Brasileira de Letras, toda a minha energia mental, a serviço da beleza.

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SR. LUÍS CARLOS:

"Rien ne manque à sa gloire; il manquait à la nôtre."

Foi com tal inscrição que a Academia Francesa, curvando-se, um dia, diante da glória de Molière, mandou colocar na sala das suas sessões o busto do grande poeta, penitenciando-se assim do erro, que cometera, de não haver querido recebê-lo no grêmio dos imortais.

Certo não sois Molière, nem a nossa modesta Companhia pretende ser a filha de Richelieu; mas é bem possível que à Academia Brasileira de Letras fosse dado repetir um dia a confissão contida naquele verso, se persistisse por mais tempo no propósito de não abrir as portas à glória do poeta ilustre que é o consagrado autor das *Columas* e dos *Astros e Abismos*; com a agravante de que aqui nada impedia o ingresso do candidato há muito apontado pela opinião de todo o país, ao passo que para justificar o escrúpulo da nossa mãe espiritual militou a forte e poderosa razão de que o autor do *Tartufo* era comediante – condição social que privou igualmente Roscius (não obstante toda a eloqüência de Cícero) de poder aspirar à alta dignidade de senador da República Romana.

A nossa Academia, porém, retrocedeu do primitivo propósito, e em boa hora se decidiu a eleger-vos, porque a verdade é que, além de serdes um grande nome das nossas letras, éreis já, desde muito, um espírito fundamen-

talmente acadêmico, não pelos moldes ineptamente apontados por certa crítica de escada abaixo, mas em virtude de hábitos e processos literários por vós observados no convívio quase diurno com alguns dos nossos companheiros de jornada.

Quem quer que tenha lido a história da Academia Francesa, tomada para modelo da nossa, não ignora que, quatro ou cinco anos antes da sua instalação oficial, já ela existia de fato, em modesto embrião, que germinou, ramificou, floresceu e frutificou, pouco tempo depois.

Em 1629 (contam Pellison e D'Olivet), alguns particulares, residentes em diversos recantos de Paris, achando que nada lhes poderia ser mais desagradável do que irem freqüentemente em procura uns dos outros, sem se encontrarem, resolveram reunir-se uma vez por semana em casa de um deles. Eram apenas nove (que bela Academia!), todos literatos de polpa e homens de espírito muito acima do vulgar.

Efetuavam-se as sessões na residência de Conrart, que, de todos, era o melhor instalado. Nelas ventilavam-se questões de política, de negócios, de ciência e de literatura, manifestando-se os membros da Companhia acerca do merecimento das obras que qualquer deles pretendesse publicar. As reuniões eram seguidas de passeios ou de jantares.

Foi essa a primeira idade da Academia – "*verdadeira idade de ouro durante a qual com toda a singeleza e toda a liberdade dos primeiros séculos, sem ruído, sem pompa e sem outras leis mais que as da amizade, saboreavam em conjunto tudo quanto a comunhão dos espíritos e a vida do raciocínio possuem de mais doce e mais encantador*".

Boisrobert, recebido um dia no pequeno cenáculo, afeiçoou-se a ele e recomendou-o às boas graças do cardeal de Richelieu. Pouco tempo depois, em 1634, surgiu oficialmente a Academia Francesa, nascida daquele pequeno rudimento, mais modesto, sem dúvida, mas no qual havia seguramente mais ordem, mais labor, mais solicitude, mais disciplina e mais sinceridade.

Quando surgistes para as letras, a nossa Companhia estava já, desde muito, incorporada; mas o vosso espírito, visceralmente acadêmico, já se afeiçoara à existência e à vida de um pequenino cenáculo de poetas, em que, a par do vosso, cintilam igualmente os belos talentos de Hermes Fontes e Pereira da Silva, preeminentes figuras do nosso Parnaso.

Como Conrart, como Chapelain, como Cerisy, como Malleville e como Boisrobert, fostes verdadeiramente acadêmico antes da investidura oficial. Viestes agora para este templo, que é apenas maior e mais iluminado, e onde (com grande ingenuidade se afirma) é definitivamente realizada a conquista da imortalidade. Vossos companheiros virão também, e em boa hora, para eles e, sobretudo, para a Academia, que já está tardando em fazer obra de reparação e de justiça, recebendo no seu seio alguns dos maiores e mais gloriosos representantes da vossa geração.

Vinde ajudar-nos, ilustre confrade, na realização dessa obra benemérita, enviando a outros candidatos, que freqüentemente nos batem às portas, o copo cheio d'água a que há pouco vos referistes (ainda que seja de água com açúcar...)

Que sois um dos mais belos astros daquela plêiade, todo o Brasil o sabe; e para enumerar os predicados excelentes e os altos títulos que justificam a galharda conquista dessa Cadeira, basta-me reproduzir o que me foi dado dizer da vossa obra e do vosso espírito quando tive de manifestar o que pensava acerca do vosso primeiro livro: *Colunas*.

Posso afirmar que por esse tempo nem vos conhecia: uma simples apresentação e alguns minutos de palestra, quatro ou cinco anos antes do aparecimento daquele trabalho, haviam-me deixado apenas uma ligeira recordação, e esta mais do cavalheiro fino e gentil do que propriamente do poeta, ainda tímido e retraído.

A amizade, que hoje nos liga, veio, é bem de ver, depois da crítica e como conseqüência dela; não a ditou, portanto, nem influiu como inspiradora do julgamento.

Forro-me, pois, à tarefa de traçar novamente o vosso elogio, pois que ele já está definitivamente feito nas colunas do *Registro Literário*, de 30 de agosto de 1922. Eis algumas das minhas palavras de então:

> Só agora me chegou às mãos este volume de versos dado à estampa em 1920 e cujo aparecimento não foi, em tempo, devidamente saudado, como de obra verdadeiramente bela e notável entre as melhores que se têm ultimamente publicado no Brasil.

Luís Carlos é, com efeito, um grande e inspiradíssimo criador de beleza, que alia a arte pagã e escultural da Grécia às concepções sugeridas pelo sentimento cristão, filiando-se assim à nobre estirpe dos incomparáveis artistas do Renascimento, entre os quais fulguravam os gênios de Da Vinci, Miguel Ângelo, Rafael e Ticiano, a par dos de Erasmo, Camões, Shakespeare e Cervantes.

Quanto à correção e ao valor do seu admirável trabalho, basta dizer que, de 152 composições, contidas em volume de 254 páginas de texto poético, *nenhuma é medíocre*; e que, em 3.088 versos, *só encontrei 4 que me pareceram forçados ou duros, além de uma única estrofe com rimas homófonas.*

Em toda essa copiosa messe de poesia, *nem num erro de linguagem!*

Dou-lhe, por isso, as honras de um *Registro* inteiro.

Admire-se, antes do mais, a limpidez destes versos:

Tempo – essência do Espaço eterno. Tempo – fio
Da vida, mas que enleia a vida e a morte agoura,
Ligando o que hoje cria à destruição vindoura,
Cada berço nascente a um túmulo vazio!

Ilude, se é veloz; engana, se é tardio,
Porque só se lhe altera a força imorredoura
Quando encanece o campo ou quando o campo aloura,
Causando o outono, o inverno, a primavera e o estio.

Transforma as cousas: cerra um astro e outro descerra;
Mas, sem que a vida enerve e sem que a morte afoite,
Mantém a coexistência orgânica da Terra;

Desvenda, aos poucos, tudo o que o mistério açoite,
E ao Sol sempre cingindo o mundo, o mundo encerra
No eterno ciclo – a aurora, o dia, a tarde, a noite.

Dessa quase impassibilidade passa facilmente o Autor para a poesia de sentimento e de emoção, sem os quais não existe a verdadeira arte. Luís Carlos penetra a fundo nos mais íntimos recessos da alma humana e traz de lá o calor e a vida para as suas mais belas criações espirituais.

Com o título "A ruga da minha fronte", encontrará o leitor um dos melhores sonetos do livro:

Quanta gente me diz, ao ver-me o rosto:
– Que dor escondes, ou que mal fizeste,
Para que tragas em teu cenho exposto
Novo sinal da cólera celeste?

Se estás na vida longe do Sol-posto,
E se achas rosas num caminho agreste,
Por que hás de ir caminhando com o desgosto,
Vendo em cada roseira o teu cipreste?

– É que formam minh'alma incompreendida
(Alma de pensativo caminheiro)
Um sorriso, uma lágrima e uma trova;

E, enquanto vou pensando em minha vida,
O pensamento, que é o melhor coveiro,
Vai-me na fronte desenhando a cova.

É uma pequenina e belíssima jóia, formada de quatorze pérolas iguais e sem jaça. Não as fazem mais rútilas, nem mais puras, os melhores e mais aplaudidos cultores do verso na nossa terra.

Leia-se agora o esplêndido soneto "O Poeta":

Ninguém saiba quem sou. Quero viver sepulto
Na minha solidão grandíloqua de asceta,
Preferindo aos clarões do mundo a luz secreta
Que aclara, quando é sonho, e abrasa quando é culto.

Perpasse eu pela vida aparentando um vulto
Envolto no pudor, como visão discreta;
Mas que surja, por fim, transfigurado em poeta,
Da crisálida azul em que o meu ser oculto.

E, através da efusão fecundante do dia,
Suba àquelas regiões, de onde os sóis não se somem
No equilíbrio imortal da suprema harmonia;

E fique, no esplendor que as eras não consomem,
Provando, pela glória estranha da poesia,
Como pode caber um deus dentro de um homem!

Vê-se, por aí, quanto preza o Autor a sua arte, e a conta elevada em que tem a poesia.

Leia-se, porém, ao lado desse soneto de pensador, a seguinte composição, que nasceu toda do sentimento:

Minha filha!... Que magia
Tem a sua natureza,
Que acorda tanta alegria
Na minha tanta tristeza!

Minha filha... Minha glória...
Mais que glória, meu amor:
– Vitória estranha, vitória
Do meu prazer contra a dor.

Minha filha... Céu na Terra,
Sonho, aroma, estrela, aurora;
Bem que os bens todos encerra;
Bem que os bens todos melhora.

Minha filha... Meu tesouro;
Minha musa rosicler.
Botão que, em tempo vindouro,
Não será flor, mas mulher!

Minha filha... Não me cansa
Ir-lhe assim contando a idade:
O dia de hoje – esperança;
O dia de ontem – saudade.

Minha filha... Minha palma...
Meu sobressalto... ai de mim!
Filha, filha da minh'alma!
Não sei de outra filha assim.

Não resistirei, porém, ao prazer de transportar para este *Registro* as seguintes estrofes:

Já não ouço cantar na minha vida
A fonte do meu ser! Era tão pura
Que não teve a existência merecida,
Sob a forma de humana criatura.

Quem a visse, pensava: "Não a visse
E antes julgá-la-ia uma quimera."
Se era menos que santa na velhice,
Era mais do que Mãe. Não sei o que era.

Sei apenas que, moço, e ela velhinha,
Quando juntos ficávamos a sós,
Uma nuvem de estrelas nos continha:
Era a Virgem-Santíssima entre nós.

Trocávamos os seres por magia
Numa tão funda reciprocidade
Que, às vezes, ela moça parecia
E eu parecia ter a sua idade.

Mas se ela esta ilusão tinha ao meu lado,
Numa sinceridade de evangelho,
Em vez de rir, tomava um ar magoado,
Que lhe doía imaginar-me velho.

Não se pertence mais à espécie humana
Depois de tão seráfico esplendor;
Morreu para apurar-me a alma profana
No silêncio lustral da minha dor.

Lá se foi para Deus na glória infinda...
Mas não me abandonou! Era tão boa!
Quanta vez vem do céu, mais doce ainda,
Dá-me a indulgência do Ângelus e voa!

Ao irmão, que foi o poeta Francisco de Paula Monteiro de Barros, dedica o Autor o seguinte *Epicédio*, que, além de inspirado pela mesma doçura e delicadeza de sentimentos, é um dos melhores sonetos que se tem publicado nos últimos tempos:

Por ti, que foste o meu primeiro mestre,
Por ti, que foste a graça, a glória, o orgulho
Do nosso antigo lar cheio do arrulho
E da poesia de um pompal campestre;

Por ti, que eu busco em vão, por mais que adestre
O cego olhar, no surto ou no mergulho,
Sondando, ora o céu calmo, ora o marulho
Do mar, trincando o seu grilhão terrestre;

Por ti, noite estrelada em minha vida,
Silêncio vivo, sombra estremecida,
Doce fantasma das desertas horas;

Por ti, meu pobre irmão – extinta palma –
Chora minha arte, pelos olhos da alma,
Estas quatorze lágrimas sonoras...

Fora preciso transcrever todo o volume, para dar idéia das inúmeras belezas contidas nos versos deste grande poeta, que honra o Brasil e a sua geração. Não disponho, porém, de espaço para tanto, e é preciso deixar ainda muita cousa que possa despertar a curiosidade do leitor, de cuja biblioteca, por mais medíocre e modesta que seja, não pode deixar de fazer parte, em bela encadernação, o precioso escrínio poético intitulado *Colunas*.

Eis o que eu disse então, eis o que eu subscreveria agora, acerca das *Colunas*. Mas vieram ainda os *Astros e Abismos*, e, para mostrar que estes são também escrínios de lindíssimas pérolas, basta o soneto intitulado "Aos meus amigos":

A tímida alegria que me resta
Depois de tão recônditos castigos,
Vem de vós, meus dulcíssimos Amigos,
Que ainda me dais uma ilusão de festa.

Dentro da minha solitude honesta,
Que só me tem valido desabrigos,
Sois vós que me sorrides nos perigos,
Como se abrem clareiras na floresta.

– Sonâmbula visão de ermo profundo,
Eu sou, por minhas lágrimas, no mundo,
Entre vós, por quem gozo em merecê-las,

Como os rios, à noite, cujas águas,
Por prêmio de cantar as suas mágoas,
Lá vão cantando e recolhendo estrelas...

É com essas credenciais que sucedeis a Alberto Faria – espírito revolucionário, irreverente e em tudo antitético do vosso.

Já lhe traçastes as linhas do perfil, forrando-me à tarefa de uma análise exaustiva.

Não é muito vasta a obra do nosso saudoso companheiro; mas através de todas as suas páginas transparece o espírito arguto de *folclorista*, a preocupação da vernaculidade, o amor da terra natal.

Eram diversos os vossos temperamentos, diversas as vossas inclinações, o que não quer dizer que ele não soubesse também compreender a Beleza.

A vós, porque a ela rendeis um culto de verdadeiro esteta, chamam-vos, como à Academia, *guarda fiel e emperrado do Parnasianismo...*

O Parnasianismo!

Entre nós ele foi apenas à distinção elegante e abotoada dos que sucederam à negligência da geração anterior. Mas quando assim não fosse, não é verdade que à Academia caiba a tarefa de defender esta ou aquela seita, este ou aquele credo literário.[I] Cabe-lhe tão-somente a defesa do que é já um patrimônio sagrado da humanidade e que a horda amotinada e ululante dos novos bárbaros pretende enodoar e destruir, como que para quebrar o padrão da eterna Beleza, que eles não sabem ver, nem são capazes de interpretar.

O que a Academia não pode fazer é, revolucionária e criminosamente, proscrever os eternos preceitos e as normas imperecíveis da harmonia, da ordem, da proporção e da elegância, só porque pretendem alguns profanadores substituí-las por uma andrajosa indigência de idéias, vestida grotescamente, e sarabandeando lúbrica e sem pudor, em descompostas e desopilantes arlequinadas de carnaval.

I Ainda há pouco deu ela mostras do seu espírito de tolerância e de justiça, conferindo, com o seu voto, o Prêmio de Poesia de 1925 ao talentoso literato paulista Sr. Guilherme de Almeida.

Se é, pois, no sentido de poeta escorreito e asseado, de forma e de linguagem que se há de tomar o epíteto de *parnasiano*, com que pretendem menosprezar o vosso culto de ateniense pela beleza do *Parthenon*, fio que só vos sobejem motivos para vos orgulhardes da invectiva, que vos sagra definitivamente um dos mais solícitos e mais brilhantes entre os maiores sacrificadores de Apolo.

Orgulhai-vos desse nobre e elevado título, senhor Luís Carlos; e, poeta das *Colunas*, no momento de penetrardes os umbrais deste cenáculo das letras, tanto mais radioso e triunfante quanto mais apedrejado, vinde murmurar comigo a "Oração na Acrópole", despolida mas religiosamente transplantada da língua de Voltaire, de Racine, de Saint-Victor, de Flaubert, de Anatole France e de Renan, para o nosso vernáculo, pela incapacidade do vosso modesto, mas esforçado paraninfo, que só alardeia a glória, ou a vanglória, do único título até hoje por ele conquistado: o de guarda noturno da literatura brasileira!

ORAÇÃO NA ACRÓPOLE

"Ó nobreza! ó beleza simples e verdadeira! deusa cujo culto traduz razão e sabedoria, e cujo templo é uma lição eterna de consciência e de sinceridade! Chego tarde demais ao pórtico dos teus mistérios; é carregado de remorsos que me acerco do teu altar; para encontrar-te, consumi-me em pesquisas sem conto.

A iniciação, que, por meio de um simples sorriso, conferias outrora ao Ateniense apenas recém-nado, tive de conquistar à força de meditações e à custa de longos sacrifícios.

Nasci, ó deusa de olhos cerúleos, de ascendentes bárbaros, entre os Cimérios bons e virtuosos, que habitam a orla de um mar caliginoso, eriçado de escolhos e sempre açoutado pelos vendavais. Ali mal se conhece o sol; flores são os musgos marinhos, as algas e as conchas variegadas, que se encontram no fundo das baías solitárias. As nuvens parecem desbotadas, e a própria alegria chega a ser um pouco melancólica; mas há nascentes de água fria que borbotam dos rochedos, e os olhos das raparigas são como essas fontes verdes, nas quais, em fundos de ervas onduladas, espelha-se o azul do céu.

Meus mais remotos antepassados aventuravam-se a longínquas navegações, cruzando mares que os Argonautas não conheceram. Ouvi, na minha juventude, as canções das viagens polares; fui embalado ao som da recordação dos gelos flutuantes, dos mares brumosos e cor de leite, de ilhas povoadas de pássaros que cantam a horas certas e, que, quando levantam o vôo, todos juntos, velam a face do céu.

Sacerdotes de um culto estranho, vindo dos Sírios da Palestina, encarregaram-se da minha educação. Eram sábios e santos; ensinaram-me longas histórias de Cronos, criador do mundo, e de seu filho que, segundo a tradição, empreendeu uma viagem pela terra.

Seus templos, ó Euritmia, medem três vezes a altura do teu, e assemelham-se a florestas. Falta-lhes apenas solidez; esboroam-se ao cabo de quinhentos ou seiscentos anos; são fantasias de bárbaros, que supõem ser possível fazer alguma cousa duradoura e perfeita fora das regras que traçaste aos teus inspirados, ó Razão!

Mas esses templos me agradavam; eu não havia ainda estudado a tua arte divina, e encontrava neles a divindade.

Lembra-me bem dos cânticos que neles ouvia, então: – "*Salve, estrela dos mares, rainha dos que vivem gemendo neste vale de lágrimas...*" Ou então: – "*Rosa mística, Torre de marfim, Casa de ouro, Estrela da manhã ...*"

Ah! deusa! quando esses cantos me acodem à memória, meu coração se confrange, e quase me torno apóstata!

Perdoa-me um tal ridículo: não podes imaginar o encanto que os mágicos bárbaros puseram nesses versos, e quanto me custa seguir a pura e fria razão. Ainda mais: se soubesses quanto se tornou difícil o teu serviço! Toda a nobreza desapareceu. Os Citas realizaram a conquista do mundo. Não há mais república de homens livres; só há reis oriundos de um sangue espúrio, majestades que te fariam sorrir!

Pesados Hiperbóreos acusam de levianos os que te servem. Uma *pambeocia* formidável, uma coligação de todas as parvoíces, desdobra sobre o mundo uma cobertura de chumbo, que não deixa respirar. Até mesmo os que te cultuam hão de inspirar-te piedade!

Recordas-te daquele Caledônio que, há cinqüenta anos, quebrou o teu templo a marteladas, com o intuito de transportá-lo para Tule?

Fazem todos o mesmo...

Escrevi, segundo algumas das regras que mais estimas, ó Teoné, a vida do moço deus a quem servi na minha meninice; pois eles me tratam como um Evêmero; escrevem-me, perguntando qual o escopo que visei; não estimam senão o que concorre para dar rendimento às suas mesas de trapezitos.

E para que é que se escreve a vida dos deuses, ó céus, senão para fazer amar o que houve neles de divino, e para mostrar que essa divina essência vive ainda e viverá para sempre no coração da humanidade?

Não te recordas de um dia em que, no arcontado de Dionisodoro, um feio e pequenino Judeu, que falava o grego dos Sírios, chegou aqui, percorreu o teu átrio sem te compreender, leu as tuas inscrições às avessas e julgou ter encontrado no teu asilo um altar dedicado a um deus, que seria o *Deus desconhecido*? Pois bem: esse Judeuzinho venceu: durante mil anos consideraram-te um ídolo, ó Verdade; durante mil anos o mundo foi um deserto onde, não medrou sequer uma flor!

Durante esse tempo, emudeceste, ó Salpinx, tuba sonora do pensamento!

Deusa da ordem, imagem da estabilidade celeste, eram culpados os que te amavam; e, ainda hoje, depois que à custa de ingentes esforços conseguimos aproximarmo-nos de ti, imputam-nos ainda a prática de um crime contra o espírito humano: o de havermos quebrado cadeias que não serviam de obstáculo a Platão.

Só tu és jovem, ó Cora! Só tu és pura, ó Virgem! Só tu és sadia, ó Higia! Só tu és forte, ó Vitória! Guardas as cidades, ó Prómacos! Tens os predicados de Marte, ó Aréa; teu ideal é a paz, ó Pacífica!

Legisladora, fonte das constituições ditadas pela justiça; Democracia, tu, cujo dogma fundamental é que todo bem promana do povo, e que onde não há povo para nutrir e inspirar o gênio, nada existe; ensina-nos a extrair o diamante das multidões corrompidas!

Providência de Júpiter, divina operária, mãe de todas as indústrias, protetora do trabalho, ó Erganéa, tu que fazes a nobreza do obreiro civilizado e o colocas em fortaleza tão acima do Cita preguiçoso; Sabedoria, tu, que Zeus fez sair das próprias entranhas, depois de haver respirado profundamente; tu que vives dentro de teu pai, completamente unida à sua essência; tu, que és sua companheira e sua consciência; Energia de Zeus, centelha que acendes e

que conservas o fogo no cérebro dos heróis e dos homens de gênio; convertenos em espiritualistas consumados.

No dia em que os Atenienses e os Ródios lutaram pelo sacrifício, preferiste habitar entre os Atenienses, porque estes eram mais sábios. Entretanto, teu pai fez descer Plutus, envolto numa nuvem de ouro, à cidade dos Ródios, porque eles haviam também tributado honras à sua filha. Os Ródios foram ricos, mas aos Atenienses coube em partilha o dom do espírito, isto é, o verdadeiro enlevo, a eterna alegria, a divina juventude do coração.

O mundo só se salvará se voltar para ti, repudiando os vínculos bárbaros. Corramos, venhamos todos em tropel!

Esplendoroso será o dia em que todas as cidades que se apoderaram de alguns destroços do teu templo (Veneza, Paris, Londres, Copenhague) repararem os furtos praticados, formando teorias sagradas para reconduzirem as relíquias usurpadas, e dizendo: "*Perdoa-nos, ó deusa! foi para salvá-las dos maus gênios da noite!*"; e reconstruírem as paredes ao som da flauta, para expiarem o crime do mísero Lisandro!

Irão depois a Esparta, para amaldiçoar o solo em que medrou essa alimentadora de erros tenebrosos, e insultá-la, porque deixou de existir.

Firme na tua fé, resistirei às minhas fatais conselheiras; ao meu cepticismo, que me faz descrer do povo; à minha inquietação de espírito, que, mesmo depois de encontrada a verdade, faz que eu corra ainda ao seu encalço; à minha fantasia, que, ainda depois de se haver pronunciado a Razão, não me permite permanecer sossegado.

Ó Arquegeta, ideal que o homem de gênio encarna em suas obras-primas, prefiro ser o último nos teus domínios do que o primeiro em outra parte. Agarrar-me-ei ao estilóbato do teu templo; esquecerei todas as disciplinas que não forem a tua, far-me-ei estilita sobre tuas colunas, colocarei a minha célula em cima da tua arquitrave.

Irei ainda mais longe: por ti, se me for possível, tornar-me-ei até intolerante e parcial. Serás o meu único afeto. Aprenderei a tua língua, desaprendendo tudo o mais. Serei injusto com tudo quanto não te diga respeito; servo serei do último de teus filhos. Exaltarei, lisonjearei os atuais habitantes da terra que deste a Erecteu; procurarei admirar-lhes os próprios defeitos; convencer-me-ei, ó Hípia, de que eles descendem dos cavaleiros que, bem lá no

alto, em cima do mármore da tua frisa, celebravam a sua festa perene. Extirparei do meu coração toda fibra que não estiver imbuída de raciocínio e de arte pura. Cessarei de estimar as minhas doenças, de folgar com a minha febre.

Mantém o meu firme propósito, ó Salutífera, ajuda-me, ó Salvadora!

Quantas dificuldades estou prevendo! Quantos hábitos espirituais terei de mudar! Quantas recordações encantadoras terei de arrancar do coração! Tudo pretendo tentar, mas falta-me confiança em mim próprio. Foi demasiado tarde que te conheci, ó beleza perfeita!

Serei, talvez, inconstante; praticarei fraquezas. Uma filosofia, bastante perversa, levou-me a acreditar que o bem e o mal, o prazer e a dor, o belo e o feio, a razão e a loucura, se transmutam uns nos outros insensivelmente, por meio de gradações tão imperceptíveis como as do pescoço de uma pomba.

Assim, nada amar, nada odiar, absolutamente, deve ser a verdadeira sabedoria. Se uma sociedade, uma filosofia, ou uma religião, houvesse possuído a verdade absoluta, tal sociedade, tal filosofia, ou tal religião, teria vencido todas as outras e seria a única a viver na hora presente.

Todos quantos até aqui julgaram estar com a razão, enganaram-se completamente. Poderemos, por ventura, sem desmedida ousadia, acreditar que o futuro não nos julgará também a nós do mesmo modo que julgamos o passado?

Eis as blasfêmias que me sugere o meu espírito profundamente arruinado.

Uma literatura absolutamente sadia como a tua, só conseguiria hoje despertar o fastio.

Ris-te da minha ingenuidade... O fastio, sim... Estamos, corrompidos: que fazer? Irei mais longe, deusa ortodoxa, e contar-te-ei a íntima depravação da minha alma.

Não bastam razão e bom senso. Há poesia no Strimão gelado e na embriaguez do Trácio. Tempo virá em que os teus discípulos serão tidos também como discípulos do tédio. O mundo é muito maior do que supões. Se tivesses visto as neves do pólo e os mistérios do céu astral, tua fronte, ó deusa sempre calma, não seria tão serena; tua cabeça, mais ampla, abrangeria diversos gêneros de beleza.

És verdadeira, pura, perfeita; teu mármore é sem mácula, mas o templo de Hagia-Sofia, em Bizâncio, produz também um efeito divino com os seus tijolos e a sua caliça. É a imagem da abóbada celeste. Ruirá por terra; mas ainda mesmo que o teu santuário fosse bastante amplo para conter uma multidão, ainda assim, ruiria também.

Um imenso rio de esquecimento conduz-nos para um báratro sem nome. Ó abismo, és o único Deus! As lágrimas de todos os povos são lágrimas verdadeiras; os sonhos de todos os sábios encerram apenas uma parcela de verdade.

Tudo, no mundo, é símbolo e sonho.

Os deuses passam como os homens, e não conviria mesmo que fossem eternos.

A fé que alimentamos um dia não deve servir-nos de cadeia: nada mais lhe ficamos a dever desde o momento em que solicitamente a enrolamos na mortalha de púrpura em que dormem os deuses mortos."

* * *

Sr. Luís Carlos:

A vossa atitude de recolhimento, de unção, de êxtase, de embevecimento e de sonho diante da invocação dirigida à suprema Beleza por um dos maiores sacerdotes da Arte, mostrou bem claramente que vós sabeis rezar muito melhor do que eu. Aqui é, pois, o vosso lugar.

Para aqui entrastes, não como pseudo-expoente de alguma suposta ou hipotética preeminência, mas como expressão real e verdadeira da única cousa de que precisa alguém ser expoente para penetrar ufano e de cabeça erguida numa academia de letras: a literatura nacional e a arte de bem dizer, ou escrever.

Em nome da nossa Companhia, eu vos saúdo: sede bem-vindo!

Discurso do
SR. OLEGÁRIO MARIANO

e

Resposta do
SR. GUSTAVO BARROSO

Sessão solene extraordinária
do dia 20 de abril de 1927

I

DISCURSOS ACADÊMICOS

SR. PRESIDENTE, Srs. Acadêmicos:

Ainda naturalmente conturbado pela surpresa do vosso gesto acolhedor, descerrando-me as portas desta Casa ilustre depois de duas tentativas malogradas, permiti-me evocar um episódio de uma novela que li na minha infância e cuja reminiscência ainda hoje me abala a sensibilidade e me umedecem os olhos. É a história comovedora de dois adolescentes russos que se entregavam ao pesado labor de caçar ninhos de águias no Cáucaso. Moços e destemerosos, mal dealbava, ganhavam a encosta abrupta sobraçando um rolo de cordas, uma forquilha de ferro e a matalotagem necessária à refeição frugal. Chegados ao alto da montanha, distendiam o olhar de aventureiros pelo céu que flutuava como uma bênção tranqüila sobre a escura garganta do despenhadeiro. Aquele céu quase de exceção naquelas regiões, era para eles, invariavelmente, uma esperança de melhores dias. As nuvens que passavam atropelando-se ao vento, ora translúcidas de sol, ora pejadas de tempestades, criavam, na imprecisão dos contornos, a arquitetura fantasmagórica de uma cidade encantada de castelos medievais de torreões vermelhos e pontes levadiças onde pairava, levíssimo, o pensamento dos dois adolescentes numa doida volúpia de aventura e de beleza épica. Quando voltavam à realidade melancólica, tontos do êxtase que os empolgara, era para o reinício da árdua tarefa que lhes assegurava a subsistência. O mais novo, tipo ágil e intrépido de acrobata, descia, atado pela cinta, a encosta a pique; o outro, mais espadaúdo,

continha na forquilha tosca a descida da corda. Depressa o corpo, em prodígios de malabarismo, oscilava no ar como um pêndulo. Embaixo o abismo escancarado, em cima a pureza do céu tranqüilo. A um sinal convencionado, o corpo estacava para o impulso do balanço, e, varando o côncavo da rocha, agarrava-se às arestas onde as águias, longe da maldade humana, já talvez numa atmosfera de mundos superiores, trabalhavam os ninhos. A essa hora era sempre fácil a colheita. Enchia a sacola de ovos, dava o sinal na corda e, logo, o irmão içava o corpo com a força indomável dos seus músculos de ferro.

Um dia... Há repetidamente na vida que vivemos a fatalidade de um dia. Acordara sem dúvida de olhos contentes o audacioso violador de ninhos. Tudo o impelia para a aventura costumada. Ao penetrar o rincão desejado, um grito selvagem abalou a brutalidade da rocha, despertando-a do sono multissecular. De súbito, envolveu-o uma revoada fantástica e ele, no pavor da surpresa, sentiu que a morte lhe andava em torno e à espreita. Arrostou-lhe a catadura tremenda, viu-lhe os olhos faulhantes, viu-lhe o aspecto sinistro e pensou no desfecho inevitável. Um minuto mais e estaria condenado sem remissão. O braço de autômato desembainhou a adaga para a última defesa: foi uma luta de minutos que teve intensidade para muitas horas. Cada golpe alucinado, desferido às tontas, espalhava uma revoada de grasnos e de penas em meio ao alarido imprevisto. A águia, várias vezes ferida, acometia sempre e sempre, desprendendo chispas das duas brasas redondas dos olhos, aqueles olhos com reflexos de racionalidade, que apontavam ao conquistador temerário o caminho da morte. Num arranco supremo, retesou os membros, firmou-se na corda e desferiu o golpe final. A águia, atingida em cheio, revoluteou e abrindo as grandes asas na tentativa de um esforço derradeiro, foi afundando, afundando pela gorja do abismo impenetrado. Lindo teria sido o golpe, mas a corda que sustinha o corpo, estava por um fio, ferida também no desespero da luta. Embaixo sempre o abismo; em cima o céu imenso e entre o abismo e a vida, – a escarpa que se lhe afigurava intransponível. Ao ritmo do corpo que manejava a corda, o corpo ensangüentado ia subindo... ia subindo na manhã clara. No alto, quando seus pés pisaram a rocha musgosa, o irmão, atônito, recuando de espanto, sem coragem para estreitá-lo num abraço, viu que ele tinha a cabeça toda branca e ria para o céu. Estava louco.

* * *

Cheguei, por fim, ao píncaro da montanha. Há tanta luz cá em cima que sinto a visão enturbada. Malgrado a aspereza da escalada, não tenho os cabelos brancos nem o corpo a sangrar por mais que a minha luta se parecesse com aquela do herói da novela eslava. Trago, sim, é um grande cansaço dessa luta não pequena, luta de inteligências em que venceu, como não fora de esperar, o mais obscuro e o mais humilde dos que ansiavam pela vossa glorificadora Companhia. Os que concorreram comigo lealmente, muito mais mérito estadeiam e não serei eu que o oculte de certo. Por isso, talvez, as duas minhas primeiras investidas não lograram êxito, pelo vosso seguro espírito de justiça. Outro qualquer retrocederia sem ânimo. Eu não. Teimei em bater-vos à porta, estimulado pelo orgulho de sentar-me um dia entre vós, meus mestres e meus amigos, para poder trabalhar com mais entusiasmo e perdoai que vos fira a modéstia – e mais talento, que o talento é, por força, contagioso.

Não creio que a minha obra apenas iniciada me conceda legitimamente a subida honra que vindes de conferir-me. Nem sei bem porque foi atendido o meu apelo, se tão desmerecido é ainda o meu ativo literário. Provavelmente atuou, a modo de valor primacial, a vossa magnânima simpatia, e, logo o pressentimento do que, com o vosso exemplo, poderia criar o confrade que vos fala tão emocionado. Prometo-vos, por isso, sob a palavra mais sagrada, esforçar-me por merecer o vosso galardão e a vossa Companhia, trabalhando sem outro pensamento que o de colaborar na elevação cada vez maior desta Casa tão asseteada, mas tão ambicionada.

No momento de entrar este recinto pela mão do meu prezado e ilustre Sr. Gustavo Barroso, concedei-me, Srs. Acadêmicos, a mercê de adiantar algumas palavras acerca da minha formação literária. Vede nisso o começo da plena satisfação que hei de dar-vos por vos haver solicitado uma poltrona nesta Casa e uma poltrona em cujo espaldar fulguram três luminosas expressões do gênio brasileiro. Pequena, crede bem que o direi sempre, não foi a minha ousadia.

O homem nem sempre é, como se assevera, um produto do meio em que se forma, no sentido moral e físico. Se por uma face a natureza tropical me emocionou desde o berço, na minha província, sonorizada de violas e cantadores, de outra encontrei-me adstrito a uma cidadela revolucionária, riscada de tumultos e oratórias clangorosas, muito mais avassalante. O ruído das agi-

tações daquele tempo memorável tomou-me na lembrança o lugar da toada e do desafio dos violeiros do norte, embora estes, de preferência, me acariciassem a alma em formação. Isso porque, quando abri os olhos sôfregos para a vida, empolava-se em redor de mim com o estrépito abolicionista a preamar republicana que desde 1817 parece não sofrera nenhuma solução de continuidade. Contemporâneo do advento da Abolição, senti que me derramaram no sangue ânsias de independência e de humanidade. Meu Pai, figura bíblica no cenário político da época na minha terra, senão no Brasil imperial que agonizava, com a cartilha que me pôs diante dos olhos, ensinou-me a grande arte de seduzir pelo coração. Foi com ele, nas suas atitudes de homem e de batalhador intimorato, nos seus gestos de supremo liberalismo em face do calvário malsinado da escravatura, que aprendi a lídima significação da poesia humana, porque, Srs. Acadêmicos, foi meu Pai o primeiro poeta com que privei e que me sensibilizou, poeta da Abolição através do exaltado visionário, abrindo as portas de sua velha casa e o seu imenso coração ao infortúnio da raça proscrita sem olhar para trás como aquele Brissot da Revolução Francesa, para ver se o seguiam e o aplaudiam. Em volta dessa casa que era o baluarte inexpugnável dos homens de ação naquela hora histórica de que nos devemos sempre orgulhar, relampejava, à maneira da divina coluna que vanguardeou as gentes de Moisés, o espírito generoso da liberdade dos homens esmagados pela mácula étnica. Autênticos torneios d'Ágora acordavam em cada pelejador da boa peleja instintos de leões indomáveis que arremetiam, magníficos, contra interesses e preconceitos do capitalismo e da política mal orientada. A salvaguarda dos seus princípios que eram, no fim de contas, os direitos à vida daqueles mártires negros, determinava, como era de supor, episódios de raro denodo que ainda se hão de gravar na história da nossa grande Pátria.

Aflorando dessa cheia revolucionária, era, pois, natural que houvesse em mim a galhardia heróica e o desempeno quase descomedido daqueles girondinos do norte, estrepitando no vozerio demagógico. Mas, assim não foi. Uma índole diversa modelava-me o temperamento e torcia-me o rumo do destino. É que ao contato de homens que se batiam, de refrega em refrega, e pregavam as suas idéias em comícios na praça pública, eletrizando, alucinando e arrastando os auditórios, aparecia com o seu diadema de estrelas à fronte, pura entre as puras, sorrindo um sorriso que era mais do céu que da terra, a

imagem de minha Mãe a quem Nabuco chamou na *Minha Formação* – "um puro Carlo Dolce". A ela devo, mais talvez que a meu Pai, o condão de ser poeta e de, muito cedo, afeiçoar-me religiosamente a esse plectro que me impôs à vossa simpatia, plectro que quando firo, como que ouço a música inicial do seu beijo acordando aleluias na minha saudade.

É o instante de volver um olhar retrospectivo, de alma serena, e reler páginas desse livro que escrevemos de memória. Passarão, dessarte, como num painel igual àquele da vida de Santa Genoveva, de Puvis de Chavannes, um por um, os episódios dramáticos que fizeram de minha Mãe uma dominadora figura de lenda. Vejo-lhe os olhos azuis em lágrimas, vejo-lhe as mãos lívidas a cortar algemas de escravos, vejo-a exortando e estimulando os arautos das justas comiciais, vejo-a empenhando todas as suas jóias para que Nabuco, vitoriosa expressão de combate, não fosse derrotado num pleito renhido e vejo-a, afinal, cercada de gente humilde, o organismo enfraquecido por vigílias forçadas, ir cerrando mansamente os olhos, aqueles olhos profundos e consoladores que, com uma lágrima, mitigaram a amargura de tanto coração.

Quando a necessidade de instruir-me num centro maior levou meu Pai a transportar-me aqui para o Rio de Janeiro, ingressei no Colégio Pio Americano. Recordo pelo simples desejo de evocar o ambiente daquele colégio celebrado então nos domínios da pedagogia e a minha iniciação, adiante, no Árcade depois de Alberto de Oliveira, professor de literatura, fundar a sociedade literária "A Arcádia", para estímulo de seus alunos. Esse professor, o nosso mestre Alberto que ali está a ouvir-me, animou-me, naquele periódico colegial, com estampar-me os versos e premiá-los benevolamente. Com que febre, concluídas as lições do dia, pensava os meus poemetos trôpegos de mocidade e arrumava, rima a rima, os quatorze andares do castelo de cartas de um soneto. Vê-los a seguir em letra de fôrma era um contentamento de jovem rapsodo. Mais tarde acheguei-me a Guimarães Passos. Guima o prefaciador de um livro que publiquei aos dezesseis anos, foi o meu guia no momento em que cuidei numa finalidade literária. Já glorioso, o poeta insigne dos *Versos de um Simples* não se sentia diminuído em encaminhar o passo vacilante de um confrade. Às suas lições e conselhos muito devo ainda hoje e, pelo fato de o não haver olvidado, rendo-lhe nesta evocação o meu preito de saudade.

Daí por diante, sem quaisquer preocupações de escolas literárias sob a contingência do motivo ou da forma, não pretendi ser mais que poeta, bastando-me esse pouco para conseguir tudo. Não realizei, é claro, o poeta adivinho, de altas prerrogativas com teorias estéticas pré-determinadas. Preferi invariavelmente deixar a alma, pela minha mão nervosa, dizer o que lhe aprouvesse num instante de alegria ou de tristeza. Nunca desejei mais do que isso, embora concordando com o velho Lamartine que a poesia é também "*le souvenir et le pressentiment des choses*". Pedi-me tudo de minha desvalia, menos um verso com insígnia escolar que reflita um solene postulado estético ou filosófico. A minha poesia há de ser sempre lastreada de uma sabedoria espontânea que também não sei como obtive. As almas e as paisagens que nela aparecem, melancólicas ou alvoroçadas, surgiram sem sombra de sacrifício, que umas e outras estavam presas à minha emotividade de lírico incorrigível.

Nesta hora, dia a dia mais em êxtase diante da minha terra e da minha gente, tão bela e tão boa, volvo para ambas a sensibilidade e as exalto e as abençôo com uma devoção enternecida. É o exemplo do nosso amado Bilac cada vez mais vivo na admiração brasileira, preferindo, muitas vezes, a qualquer motivo, o que bendissesse desta nossa Pátria unida e forte. Sem pretender incidir no regionalismo de horizontes limitados, parece-me que é o momento de explorarmos as nossas reservas folclóricas, tão ricas como as que mais o forem neste pletórico. Novo Mundo, cantando ao mesmo passo a terra morena e moça que assombra o estrangeiro pela sua exuberância prodigiosa e desabrochar em vergéis incomparáveis exaltando o homem que a povoa e a opulenta. Eu por mim comprometo-me a colaborar nessa obra que há de ser eminentemente nacional, uma vez que nela se moverão os nossos heróis em tipos reais ou lendários, esplenderão os nossos aspectos panorâmicos, gorgolejarão as nossas cachoeiras, correrão os nossos rios, avultarão as nossas montanhas, florirão os nossos jardins e fulgurarão as nossas noites em incêndios maravilhosos nas clareiras das matas, sob a bênção estrelada do Cruzeiro.

Mas já é tempo, Srs. Acadêmicos, de falar nos nomes que iluminam e assistem esta poltrona.

* * *

Joaquim Maria Serra Sobrinho! Que íntegra figura, íntegra e grande pela mentalidade e pelo heroísmo moral!

Nascido em 1838 na gloriosa Atenas brasileira que já nos dera aquele cronista inconfundível do *Jornal do Timon* como o nosso sempre moço e sempre grande Coelho Neto, Joaquim Serra revelou-se, desde a mocidade, o que soube ser depois, no pleno esplendor da sua máscula inteligência. Reuniu esses dois poderes admiráveis e tão desunidos sempre – caráter e talento. Fácil ser-me-ia demonstrá-lo com alguns episódios da sua vida de homem, de funcionário, de publicista e de político. Mas aludirei a outras faces de sua personalidade que é histórica, como a dos seus companheiros de geração e de prélio libertador.

Rumando muito moço para esta antiga corte de S. M. Pedro II, com a intenção de matricular-se na Escola Militar, Joaquim Serra quis foi conhecer e penetrar uma arena maior onde pudesse desenvolver a ação que já lhe agitava o sangue. Destarte, aqui fixou residência, abandonando a idéia de vestir farda militar. Ocupara anteriormente diversos cargos públicos na sua Província ilustre e como aqui em 78 o de Diretor do *Diário Oficial*, de que, com dignidade, se exonerou por divergir do gabinete de 15 de janeiro de 82. Pobre, mas altivo, na incorruptibilidade de quem não costuma sobrepor o interesse de qualquer ordem a um leve princípio de ética, ainda assim foi deputado à 17.ª legislatura pela sua Província. Tudo isso, porém, nada representa na hora de se rememorar a ação poderosa de Joaquim Serra na Campanha Abolicionista. Ela foi, sem interrupção, uma das clavas tremendas contra o escravagismo autoritário que buscava amparar-se sob os argumentos de uma estranha economia política. O cronista tenaz de "Argueiros e Cavaleiros" n'*O País*, como o dos "Folhetins Hebdomadários", da *Gazeta de Notícias*, dos "Tópicos do Dia" e do "Domingo a Domingo", não cessava de rebatê-los depressa e definitivamente, afirmando que nenhum Império poderia, com honestidade, assentar as suas bases numa ignomínia como a escravatura. Confundia, pois, por obra daquela sua maneira única de expressar-se, os adversários mais enfibrados. E isso, dia a dia, com um ritmo teimoso de pingo d'água, cansando e descoroçoando os renitentes. Dele disse Nabuco, com a sua autoridade de tribuno magnífico, "ele não deixou passar um dia sem a sua linha. Minado por uma doença que não perdoa, salvava cada manhã o que bastasse de alegria

para sorrir à esperança dos escravos, a qual viu crescer, dia por dia, durante esses dez anos, como uma planta delicada que ele mesmo tivesse feito nascer". Bem sabeis o que há de verdade nessas palavras de Nabuco, como nessas outras, incisivas de André Rebouças: "Serra foi o publicista que mais escreveu contra os escravocratas."

Em meio à luta que foi, afinal, do povo contra o poder, este preso aos interesses dos entusiastas da escravidão, Joaquim Serra, malgrado a saúde frágil, operava prodígios de resistência física sempre à vanguarda, na trincheira mais exposta à fuzilaria adversa, com uma coragem que parecia crescer cada manhã, através de cada croniqueta. Machado de Assis relembrou em novembro de 88 quando "feita a abolição, desabrochada a flor, morria ele"... "A cintilação do espírito era a mesma – a frase brotava e corria pela folha abaixo, como a água de um córrego murmurosa e fresca". Mais adiante acentuou o mestre de *Quincas Borba*: "Creio que Joaquim era principalmente um artista. Amava a justiça e a liberdade, pela razão de amar também a arquitrave e a coluna, por uma necessidade de estética social. Onde outros podiam ver artigos de programa, intuitos partidários, revolução econômica, Joaquim Serra via uma retificação e um complemento; e porque era bom e punha em tudo a sua alma inteira, pugnou pela correção da ordem pública, cheio daquela tenacidade silenciosa, se assim se pode dizer de um escritor de todos os dias, intrépido e generoso, sem pavor e sem reproche."

Quem haverá merecido encômio tão alto de pena tão avara? No entanto, isso ainda era pouco. O pelejador indomável era ao mesmo tempo e com o mesmo vigor, o folhetinista, o comediógrafo, o historiador, o humorista e o poeta. Comprovam-no com eloqüência o "Sem Rumo", do *Jornal do Commercio*, com seu costumado traço pessoal; *Sessenta Anos de Jornalismo*; *A Imprensa do Maranhão*; *O Remorso Vivo*; *Os Melros Brancos*; *O Jogo das Libras*; *Epicédio à Morte de Manuel Odorico Mendes*; *Um Coração de Mulher*; *Quadros* e outros trabalhos, muitos outros, de vários gêneros, do mais sisudo ao humorístico. Joaquim Serra não realizava o espírito especialista; ao contrário, o seu cérebro tinha as facetas desses diamantes bem nossos que parecem cegar-nos o olhar fascinado.

Não me afastarei da personalidade de Joaquim Serra, sem me ater um pouco mais ao poeta para acordar um fato da minha juventude escolar. Dos

trechos de literatura da *Selecta Clássica*, de João Batista Regueira Costa, um, em verso, desde que o li, não me abandonou a memória. Aprendi-o insensivelmente, como aprendemos certas canções populares à força de ouvi-las repetidas a todo instante. Era a famosa "Missa do galo", correntia composição septissilábica, de feição descritiva, que, lida, ficaria depois a cantar-me no ouvido:

Repica o sino da aldeia,
Troa o foguete no ar!
O rio geme na areia,
Na areia brilha o luar.

Quantas vozes, que alegria!
O povo da freguesia
Corre em chusma, folgazão.
No caminho arcos de flores,
Por toda parte cantores,
Folguedos e agitação.

Ali no largo da ermida
O tambor toca festeiro,
Se apinha o povo em redor;
E a igrejinha garrida
É toda luz e fulgor.

Vêm do monte umas devotas,
Têm o rosário na mão;
Uns camponeses janotas,
Calças por dentro das botas,
Seguindo o grupo, lá vão!

O sino da freguesia
Da branca igreja da aldeia
Cada vez repica mais;
O povo corre à porfia,

A capela já está cheia,
Soam trenos festivais.

.....

Céu de estrelinhas douradas,
Estrelas de papelão:
Brancas nuvens fabricadas
Da plumagem do algodão!

Anjos soltos pelos ares,
Peixes saindo dos mares
Feras chegando de além,
Marcha tudo e vêm na frente
Os reis magos do Oriente
Em demanda de Belém.

.....

Eu disse muitas vezes a mim mesmo esses versos que me encantam. Esqueci o nome do poeta que, por inconsciência de menino, não sabia ser o de um dos lugares-tenentes da revolução social que determinou um novo ciclo para a história do nosso país. Lendo depois o seu livro *Quadros*, comecei a descobrir as belezas rústicas que o poeta cantou, da gente e dos costumes de sua terra:

Ei-lo aí! É o Vicente
E mais o ruço-queimado!
Oh, homem, fala c'o a gente!
Venha um abraço apertado...

Que demora! Seis semanas!
Pois patuscas nessa idade?
Eu aqui a plantar canas,
Tu folgando na cidade!

Toma a bênção do padrinho,
Menino, deixa esse galo;
Moleque, sai do caminho,
Tira a sela do cavalo.

Solta-o depois no terreiro,
Fecha a cancela c'o a tranca...
Compadre, tome primeiro
Um bocadinho da branca.

E que suavidade embaladora na "Cantiga à viola" de uma tão viva nota sertaneja:

Tu foste na encruzilhada,
Saíste ontem da aldeia;
Eu te conheço a pisada,
Eu vi teu rastro na areia...

Estou de tudo inteirado:
Vais sozinha ao igarapé;
Sei quem mora do outro lado
Na casinha de sapé...

.....

Vi lascada a cajazeira
Onde teu nome escrevi;
Pedra de raio certeira
Só o meu deixou ali.

.....

Quando do céu se aproxima
Alguém que morreu de amar,
Hás de ver que lá de cima
Cai uma estrela no mar.

.....

Não fosse o muito que ainda tenho a dizer, reproduziria cenas de seus trabalhos de teatro para comprovar o que adiantei lá atrás, – que o espírito de Joaquim Serra foi arestado e fulgurante como um diamante brasileiro de boa água.

* * *

Compreendei agora, Srs. Acadêmicos, com que alta e dominadora emoção um filho de José Mariano falará de José de Patrocínio. Esse brasileiro extraordinário, com haver sido o gigante negro da Abolição, foi tocado de gênio, na sua expressão mais empolgante. Patrocínio teve prerrogativas de símbolo. A palavra desse negro formidável adquiriu miraculosamente fulgores apocalípticos. Surpreendeu, domou, arrastou as multidões sequiosas de liberdade e de humanidade com o seu soberbo império, despertando a exclamações estentóricas a consciência da época entregue à inominável miséria moral da escravidão, dos políticos e estadistas que a defendiam já às portas deste século. Não ignorais que quase desaparecem o jornalista e o político, diante da figura oracular do tribuno.

Confesso-vos que me minguam recursos críticos, pobre poeta que sou, para plasmá-la como devera, estudando-a com o poder que ela reclama, descobrindo na sua envergadura ciclópica novos valores, particularidades novas. Patrocínio exige um espírito do mesmo vôo potente que o critique como ele próprio criticaria alguém da sua assombrosa estrutura.

Quem poderia lá prever que aquele modesto fluminense, da cidade de Campos, servente de uma farmácia de hospital, tinha um destino admirável a cumprir, batendo-se por um ideal de tanta formosura cristã? É que Patrocínio não viera pisar esta gleba áspera que pisamos para aviar receitas, mas, antes, por vontade de Deus, nascera e se fizera homem para desoprimir oprimidos, abrir ergástulos dos feitores asselvajados e libertar e erguer e nobilitar e humanizar uma raça desditosa.

Ferreira de Araújo disse, certa vez, e com razão, que Patrocínio "foi a concretização do espírito nacional". De fato, seu verbo repercutidor reunia em torno de si os soldados da causa generosa, incitando-os a arremeter contra as muralhas do carrancismo escravocrata. O grande diretor da *Gazeta de Notícias* escreveu depois: "No ardor da peleja confiava mais no quadro des-

critivo dos horrores do cativeiro do que nas vantagens econômicas da Abolição." Nabuco destacou-o sempre com toda justiça. O nosso saudoso Osório Duque-Estrada, cuja perda ainda me confrange o coração, falando no seu volume *A Abolição*, sobre a campanha que abalou os fundamentos do Império e acabou atirando-o por terra, afirmou que as suas maiores figuras foram José do Patrocínio, Rui Barbosa e Joaquim Nabuco. Realmente, Srs. Acadêmicos. Basta uma evocação ligeira da continuada ofensiva de Patrocínio na praça pública e na banca de jornal.

Em 77, já com insígnias de Generalíssimo, entrou francamente para o jornalismo, formando ao lado dos melhores redatores da *Gazeta de Notícias*. Quatro anos mais tarde, com a morte de um dos proprietários da *Gazeta da Tarde*, Dr. Ferreira de Menezes, adquiriu essa empresa. Daí escreveu a Victor Hugo pedindo o seu apoio para a causa abolicionista. Em setembro de 87, abandonou a *Gazeta da Tarde* para fundar a *Cidade do Rio* onde, parece, cresceu o seu ímpeto combativo. O ardor era o mesmo daquele homem que fundara a Confederação Abolicionista e redigira o famoso manifesto endereçado ao corpo legislativo. Nomeado, com Joaquim Nabuco, delegado daquela Confederação na Europa, conquistou depressa simpatias. É que o seu nome já rompera fronteiras e oceanos. Em Paris, havendo escrito uma memória sobre a libertação do elemento servil no Ceará, reuniu, num banquete, senadores, deputados e jornalistas, com os quais trocou pensamentos. Foi, então, ovacionado. Patrocínio, mesmo não sendo negro – "o negro" – como ele próprio se apodava – em 26 de janeiro de 85, quando Nabuco, coberto de glórias, chegou eleito Deputado por Pernambuco, exclamou na sua oração calorosa da sacada da *Gazeta da Tarde:* "Joaquim Nabuco! O representante de um milhão e meio de escravos ajoelha-se aos pés do redentor de sua raça!" Que lhe importava a cor da epiderme, se lhe sobravam brancuras no espírito e no coração!

Como escreveu Araripe Júnior naquele seu notável ensaio que antecede o *Contrastes e Confrontos*, de Euclides da Cunha, Patrocínio "nascera com a oratória no sangue. Tinha incorreções de forma, deslizes filosóficos, insobriedades de imagens, mas uma vez na tribuna ou no artigo de fundo de um periódico, era um tumulto feito homem". É que ele – acrescentou logo – "ainda que mestiço, recebera a força inteira da educação mediterrânea e, no

seu cérebro, ao mesmo tempo que irradiava o verbo latino, levantavam-se os sirocos das terras adustas da África, os quais varriam tudo nos dias de cólera". De poucas molduras surgirá tão perfeita a envergadura de Patrocínio, do Patrocínio da conferência sobre a emigração chinesa quando quis agredir em público o Barão de Cotegipe. Relede, Senhores, as palavras em que Araripe conta o triunfo estupendo dessa conferência em que, vivíssima, se alteou a "sórdida Pequim" para, em seguida comover o auditório ao iniciar "o capítulo mais lírico que já me foi dado ouvir dos lábios de um orador" – continuou Araripe. "O poeta dos escravos, das reivindicações históricas não fazia esforços nem usava de arte para fazer chorar, e, pondo a vivo os caracteres, as palavras desse mestiço de gênio escorriam sangue." Crítica entusiástica essa e que bem refletia o gênio de quem cresceu desmesuradamente nos entrechoques da luta titânica. Perdoai-me que insista. Ninguém melhor que Patrocínio simbolizou a campanha abolicionista na Corte e no Sul do país. Apesar de vultos tão ou mais altos, o animador por excelência foi Patrocínio. E isso se explica: tudo nele era mais vibração; todo ele ardia na chama messiânica, e quase como em holocausto fazendo elevar o tônus sentimental das multidões. Hipnotizando-as, amoldando-as, doutrinando-as, afastava-as cada vez mais da mentalidade escravocrata. Tão submissas ele as teve, tais prodígios com elas operou que hoje nos custa acreditar. Dois episódios resumem a mais longa análise.

Certa vez, no calor da oratória, o homem de cor que eu celebro nesta noite para mim gloriosa, empregou uma expressão falsa, mas que o auditório, empolgado, não chegou a perceber. Porque se não fora a hipnose a gargalhada teria espocado. Patrocínio no seu arroubo: "Nós, os latinos..." Era sincero e estava de todo esquecido da epiderme delatora. A verdade é que, malgrado isso, era, por dentro, mercê da cultura, o mais latino talvez dentre todos os que o ouviam.

De outra feita, porém, foi a repetição da cena pelo avesso. Patrocínio ia falar, quando grupos de escravagistas, disseminados no teatro, desandaram a vaiá-lo. Gritos reboaram na abóbada do edifício. Das galerias, das platéias e dos camarotes rechinavam como foguetes escarninhos os assovios do refrão entontecedor: "Fora o preto cínico!" – a que respondiam em delírio achincalhante: – "Fora o Zé do Pato!" – O orador, ereto junto às gambiarras, espe-

rou. Esperou, sereno com uma resignação apostolar, um hausto da multidão cansada de vociferar. Em um segundo qualquer teve a frase que determinou uma reviravolta completa. Tal a psicologia multitudinária. Quando houve esse instante de trégua, Patrocínio aproveitou-a para dizer com uma voz estentórica, mas repassada de desespero e piedade: – "Quando Deus me deu a cor de Otelo foi para que eu tivesse ciúmes da minha Raça!" – Ó milagre do verbo na alma inexplicável das multidões! – não acabara o período, apenas esboçava a imagem shakespeareana e imensa para que o teatro todo, como um homem ou como aquele monstro dannunziano de mil cabeças, se lançasse no frenesi do aplauso vibrante.

Assim foi ele pela vida – sempre despertando ou arrancando emoções, risos ou chufas, na hora de falar ou de escrever. Não traía jamais o seu espírito profunda e instintivamente liberal. Ratificou-o na imprensa, na tribuna ou no livro. Tendo sido a Inglaterra grande propulsora da libertação dos escravos, ao tempo da guerra anglo-transvaliana, quando toda a imprensa brasileira clamava contra o golpe do imperialismo britânico, Patrocínio defendeu com surpresa o ponto de vista contrário. E essa campanha que nenhuma compensação lhe trouxe no momento foi, no aceso da Grande Guerra Européia, a chave com que a sombra rediviva do orador abriu as portas de um cárcere para que voltasse à liberdade e à vida o filho que lhe herdou o nome e que foi, com o atual comissário dos Sovietes para os negócios exteriores, Sr. Titcherine, o único a salvar-se do equívoco tremendo que teria como desfecho o nó corredio na garganta.

Mota Coqueiro, ou a Pena de Morte, sua obra mais divulgada, é um romance de improvisação. Foi, como sabeis, escrito nas desoras da redação, aos pedaços, precisando o autor verificar onde havia deixado o relato da véspera. Ressente-se assim de todos os defeitos da obra que se escreve sobre a perna. Se bem que a primeira edição do editor Domingos de Magalhães tivesse 274 páginas, toda a matéria poderia ser condensada em metade disso, ou pouco mais. Porque – notemos – o orador metafórico continuou no romancista inflamando-se em contacto com as fórmulas sociais e os fatos, mas sempre com a preocupação de encantar o leitor de um dia. A substância propriamente ideológica de *Mota Coqueiro* é fraca. Da sua ação, que se desenvolve na costa fluminense de Maricá à barra de Itabapoana, ressaltam, com o ataque

ao erro judiciário que leva o inocente à pena capital, algumas formosas paisagens e caricaturas de tipos rurais, com os seus defeitos e qualidades.

O Patrocínio construtor do balão-dirigível é já "um sol agonizando sem crepúsculo", como ele disse de Danton numa página memorável. Vejo-o ainda, com infinita melancolia ali na estação suburbana de Engenho de Dentro, o paletó coçado, a barba falha e grisalha, o passo lento, esperando pobremente o trem para a cidade. Vinha do seu "barracão" e dava a idéia de um titã vitorioso, mas fatigado, o mesmo que sofrera a deportação de Cucuí, lá no longínquo Amazonas, para receber a homenagem daquela petição em seu favor com a assinatura inicial do grande Vacquerie.

* * *

É chegado agora, Srs. Acadêmicos, o meu momento de recolhimento e de êxtase.

Careço de muito atilamento e de muita serenidade crítica, porque Mário de Alencar viveu mais perto do meu coração. Platoniano devotado, esse cuja poltrona dignificada venho hoje ocupar, compreendeu, em verdade, o que disse o mestre harmonioso do "Jardim de Academus" que "a virtude é uma obra de arte". Homem e artista, com aquela elegância moral que o acompanhou através da vida ruidosa, ombro a ombro com homens de temperamentos diversos, Mário de Alencar não realizou senão o ensinamento platoniano, com criar, dia a dia, paciente, silenciosamente a obra de arte de sua virtude. Daí os amigos leais que deixou e que não cessam de lamentar-lhe o desaparecimento.

De uma grande delicadeza moral, Mário sabia impor-se à afeição das criaturas mais esquisitas e temperamentos mais reservados, como Machado de Assis. E, como a ele se uniu depois o criador das *Memórias de Brás Cubas*, amando-o com um amor de mestre mais velho.

Srs. Acadêmicos, diante desta poltrona que Mário de Alencar iluminou com o brilho da sua inteligência e a bondade consciente da sua alma, não sei o que mais me preocupa, se o dever de apurar a minha capacidade para não a deslustrar ou a obrigação de purificar-me num banho lustral de harmonias para lograr ser bom como ele. Pertenceu Mário ao número dessas figuras que o tempo na sua corrida vertiginosa não consegue apagar do recôndito da

nossa saudade, antes, como os bronzes patinados pelos séculos, avultam cada vez mais, crescem no cenário humano, dando a impressão de que continuam a agitar-se entre nós como personagens redivivas do drama eterno que se desenvolveu nas páginas de seus livros. Através do prisma artificial das artes que se renovam, essas figuras quase lendárias enchem os nossos olhos de um clarão de alvoradas. Para nós, no momento desordenado que atravessamos e que quer ter a vaidade de ser pragmático, elas representam a época de ouro, o outro tempo dentro do qual se formou a nossa inteligência e se consolidou, a golpes de estudo, a nossa cultura. Expressão de um longo período literário, esse herdeiro heráldico dos nossos maiores líricos atravessou não poucas gerações, conservando, em todas elas, o necessário equilíbrio mental, a justa medida, o sentido da proporção e a serenidade que, afinal, lhe particularizaram a obra. Mário, realizador que buscava ser das sentenças do discípulo amado de Sócrates, tinha sobretudo o culto da beleza moral. Para ele esse culto sobretudo era uma espécie de religião. Nervoso, raquítico, pequenino, tímido e desambicioso, tudo nesse homem representava ansiedade por dominar o feixe de nervos que lhe punha constantemente a vida em perigo. Mas vencia sempre no domínio de si mesmo, por obra da energia interior que jamais lhe escasseou. É que não esquecia as palavras de Horácio nas *Odes*: – "Lembra-te de conservares uma alma igual." Privando da sua intimidade, pude penetrar-lhe os arcanos do coração – lago quieto, às vezes, outras vezes agitado, de onde qualquer mergulhador voltava sempre com as mãos cheias de pérolas. É dessa figura impressionante e até singular na história da literatura brasileira que venho ocupar-me, ainda aturdido dentro da clareira aberta pela sua morte nesta casa espiritual de Machado de Assis.

Recordo – e com que saudade! – uma tarde em que saímos juntos, a passeio, ali em Teresópolis. Éramos três: – Magalhães de Azeredo, Mário e eu. Caía a noite, grande noite constelada, envolvendo na magia do silêncio árvores e montanhas. A cidade virgem, coroada pela Serra dos Órgãos, despira a túnica doirada de Anacreonte para vestir um manto radioso de estrelas. Mário, que geralmente falava pouco, diante do espetáculo formidável da terra meio adormecida a embalar as colinas nos seus braços de árvores, pôs-se a falar baixinho. As cousas que ele murmurava eram tão belas, tão harmoniosas, tão penetrantes, que eu senti, ao prestígio da sua palavra, que aquele homem

retraído e pequenino crescia diante de mim como um deus no cenário da paisagem miraculosa.

Cada gesto que esquecia no ar era um traço bíblico, cada evocação que fazia em êxtase, penetrava-me a alma numa carícia inédita. Magalhães de Azeredo, o grande poeta das *Odes e Elegias,* caminhava absorto; eu, maravilhado. A uma curva do caminho, paramos. Ante a cigarra humana que falava manso, uma outra cigarra estridulou num balsedo. Mário sorriu e pôs-se a ouvi-la com enternecimento.

– "Seu Olegário, você é um homem feliz. Ela veio saudar o seu poeta!"

Não sei dos três qual o mais poeta.

Poeta e santo como aquele sereníssimo Francisco de Assis, Mário de Alencar trazia o espírito do seu tempo na perpetuidade do sangue. Fruto de uma árvore sonora, voluptuoso do buril, lapidava as criações da inteligência e da alma para tornar-se cada vez mais digno dela. José de Alencar era o Brasil primitivo senão selvagem, atravessado de senhores truculentos e caciques de tribos, roncando no estrépito das cachoeiras, no galope dos ventos, no baque das grandes árvores centenárias.

Mário era o Brasil desta hora, apurado pelo influxo de uma civilização renovada e superior e que nos vai, pouco a pouco, distendendo os horizontes para conquistas definitivas. Aí estão os seus livros que valem para todos os que lêem e o conheceram de perto por um fiel retrato psicológico e mental do poeta e do prosador. Individualidade fascinadora, ele soube cumprir o seu destino na terra e realizar aticamente a obra que havemos sempre de admirar. A faculdade de expressão, expurgada de quaisquer falhas de linguagem e de pensamento, ele a possuiu como raros escritores do Brasil.

No seu entranhado culto da arte, pensava como eu penso, não sei se com muito espírito crítico – que nada vale a inteligência sem o contato do coração. Ela é vaga, imprecisa, inacabada. O coração entra com a matéria-prima que é o sentimento para coroar a obra de perfeição e de beleza.

Em qualquer página, que caía sob a avidez de nossos olhos, aparece como através do cristal dos espelhos, traço a traço, linha a linha, a sombra taciturna do artista lapidário que a trabalhou, às vezes com aquela sua melancolia indulgente, outras com aquela sua graça elegante e amável.

Quando com quinze anos apenas, publicou o primeiro livro de versos, *Lágrimas*, nada pôde a crítica adiantar acerca do poeta que surgia. É que o primeiro livro, genial que seja, nunca reflete integralmente uma individualidade: vem sempre de sugestões alheias. Tributário de outros rios maiores, o pensamento em seus primeiros passos é apenas um ribeiro obscuro que traz nas águas o ritmo inquieto e as paisagens efêmeras das caudais de onde veio. Depois de muito correr e ondular cortando campinas, fecundando searas, tonificando raízes, sofrendo o jugo das represas, é que começa a sentir, na própria força propulsora, as energias adormecidas. Agita no lençol das águas a poeira das estrelas, abre as asas libertas e vai por esse mundo, nômade e insubmisso, vingando nos calhaus que arrasta, nas barreiras que solapa, nos troncos de árvores que arranca, a herança humilhante da sua antiga dependência. Agora, sim, é um grande rio porque é só.

Quando conseguiu desvencilhar-se de sugestões alheias, Mário de Alencar integrou-se na sua individualidade com um pessimismo que tinha um sabor peculiar entre Machado e Anatole. Aí começa a ascensão gloriosa do poeta inconfundível dos *Versos*. As qualidades essenciais esboçadas naquele volume aludido e em algumas prosas dispersas, se foram acentuando, livro a livro, até adquirirem a escorreição celebrada. Ele era o beneditino das letras. A sua frase, no conto ou no verso, no romance ou no ensaio, denunciava para logo o cinzelador incontentado. Afora a pureza de linguagem em que ninguém o sobrepassou, havia invariavelmente uma tal harmonia de idéia, uma segurança tal de conceito que o artista exigente que ele era, depressa se traía. Religiosamente devotado à arte como ao seu mestre Machado que tanto o animou, Mário jamais deixou de cultuá-la com estranho fervor, respeitando-a e respeitando-se.

A feitura ou a publicação de uma página era bem um ato desse seu culto que cresceu muito mais, certamente, na convivência de uma cidadela de livros de que foi guardador por isso que exerceu irrepreensivelmente, por anos e anos, o cargo de diretor da biblioteca da Câmara dos Deputados. Esse, talvez, o motivo por que, escrevendo tantos livros, tão poucos editou. Os seus filhos, que lhe veneram a memória, vão publicar a novela em verso *Flor do Campo*, o romance *Sombras*, a 2.ª série dos *Versos*, *Páginas*, *Palavras, Palavras...*, os ensaios sobre *Literatura Brasileira*, *Pela Academia de Letras*,

Páginas de Minha Vida, os poemas *Goethe* e *Prometeu*, além de outros muitos trabalhos que hão de ser reunidos com espírito de unidade. Dessas obras inéditas como das que publicou, em vida, repontará com o mesmo viço e o mesmo traço de perfeição a individualidade daquele que foi uma das colunas desta Casa pelo que produziu sem ruídos reclamistas e pela sua dedicação inexcedível.

Quem lhe critique a obra, dificilmente, afirmará se ele foi melhor poeta que prosador, melhor ensaísta que novelista. O escritor, nesta ou naquela expressão literária, era igual na sua beleza e na sua superioridade. Este soneto, já legitimamente célebre, é, por exemplo, de uma perfeição de obra-prima:

Como aquele esperado mar que um dia,
Tardos, subindo a inóspita montanha,
De longe, hostil, selvagem terra estranha,
Os gregos avistavam que surgia...

Arfando vinham, vendo que os seguia
A fome, a sede, o frio, a insônia, a sanha
Bárbara, e a morte; e, mais que dor tamanha,
Matava-os silenciosa a nostalgia.

Súbito um deles no alto cimo berra:
O mar! O mar! E a multidão que avança,
Ecoa: O mar! que enfim o mar descerra.

A pátria aos olhos seus – Alma, esperança!
Também um dia o mar verás e a terra
Que embalava os meus sonhos de criança.

Quem quer que releia os poemas dos seus livros, publicados ou inéditos não se afastará desse meu juízo que é, aliás, o da crítica de bom aviso. Nos *Versos*, I.ª série, lá estão aquelas estrofes que me parecem repassadas da mais profunda emoção:

Tangem sinos de missa. Passa gente
Que vai rezar,
E fico triste e invejo-os, eu, descrente,
Vendo os que vão passando alegremente
Sonhando o que eu não posso mais sonhar.

Eles têm o consolo da esperança.
Mas eu, que tenho mais?
Pobre espírito meu que nem alcança
A doçura do céu que é de bonança
E a alegria dos sinos matinais!

Fui em busca do bem e da verdade
E só achei
Onde existia a crença, inanidade,
E em lugar de alegria, esta saudade
De quando eu não sabia o que hoje sei.

Tangem os sinos; vozes de alegria,
E eu ouço o coração
Que bate e ecoa como voz sombria,
Som da noite cortando o azul do dia:
Tudo é ilusão, tudo é desilusão.

Um doloroso pessimismo envolve quase sempre a obra do poeta. A plangência lírico-romântica, à maneira de uma toada de berço, comove, acaricia, anestesia como nesses versos:

Enquanto estou a teu lado
Enquanto estou a teu lado
Enquanto estou a teu lado,
De tudo mais deslembrado,
Só eu sei que há o nosso amor.

Em teus olhos, teu sorriso,
Quanta cousa vejo eu!
Em teus olhos, teu sorriso,
As delícias que eu diviso,
Só há neles e no céu,
Talvez nem haja no céu!

E "Em outro tempo"? E "Manhã de Agosto"? E a "Paineira"? E todos os outros trabalhos do livro? E este formidável soneto "O Africano" que não quero deixar de dizer-vos:

Costuma estar ao sol em pé junto à porteira
Da fazenda, onde escravo arrastou toda vida,
De um dos olhos é cego, e já do outro a cegueira
Lhe vai grudando à face a pálpebra caída.

Do corpo seminu sob a pele entanguida
Se esboça a secular ossada quase inteira.
E a aparência ele tem esguia e denegrida
De um tronco solitário em queimada clareira.

Dizem que ensandeceu de dor no mesmo dia
Em que morreu seu dono; outros, de nostalgia;
Outros que é feiticeiro e simula mudez.

Porque às vezes lhe vem súbita vida estranha
E ele pula e descanta e risos arreganha.
E ágil ginga no jongo ao batuque dos pés.

As mãos invisíveis da vida como daquela sua rendeira laboriosa teceram a trama do seu destino tocado de uma espécie de melancolia resignada e que se difunde pelos seus versos, lidos sempre com o maior encanto.

O prosador de *O que Tinha de Ser* como dos *Contos e Impressões*, a começar por aquela deliciosa página "Tia Lulu", foi notável. Os seus tipos vivem uma vida real, e a sua paisagem estremece fisicamente. Nada de derra-

mes hiberpólicos, de tropicalismos verbais, mas uma tranqüilidade e um ritmo disciplinado, na frase apropriada e irrepreensível. Por tudo isso sentireis a razão com que todos nós devemos lamentar o desaparecimento de Mário de Alencar que, ainda moço, muito mais nos poderia dar em arte perfeita. No refúgio de sua casa, daquela velha casa da Marquês de Olinda onde viveu amado pela sua companheira e amando-a acima de tudo, tendo em cada filho o seu melhor amigo, sendo ele ao mesmo tempo o melhor amigo de cada filho, quando não criou novas páginas, admirou e traduziu Hugo, Poe, Heredia, Tennyson, La Fontaine e outros. O seu desejo era trabalhar, trabalhar sempre, obreiro incansável que foi das nossas letras moças.

Além do dever que me compete como ocupante da Cadeira que ele tanto dignificou, como seu amigo fiel, irmão de Ideal e de Sonho, prometo glorificar-lhe a memória, concorrendo com o meu trabalho paciente de operário modesto para alevantar, pedra a pedra, e apontar às gerações vindouras, o monumento do seu nome puro e grande como a sua obra.

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

SR. OLEGÁRIO Mariano,

Em tempos que longe, bem longe vão, quando ainda em derredor da famosa Távola Redonda, o rei Artur reunia os seus altos e valentes barões, entre os quais Galeão das Ilhas de Além, Lançarote do Lago e o grande Perceval, – contam os velhos *mabinogion*, perfumados de poesia céltica, que, na sala de tão ilustre assembléia, só tinham acesso os filhos de reis e os artistas "que trouxessem consigo a sua arte".

Uma feita, Lug, filho de Eithlenn, apresentou-se à porta do palácio real de Tara e a entrada lhe foi recusada. Enfuriado, encrespou as sobrancelhas à sombra da pala de aço do capacete, cruzou os braços nervosos sobre o peito largo, fitou o porteiro hostil, atroou os ares com o *diaspad*, – o uivo legal de protesto, e clamou:

– Abra a porta! Eu sou um *mabinog*, um menestrel! Eu sou poeta!

A estas palavras mágicas, a esse sésamo, logo os batentes de carvalho cobertos de grossas ferragens e de pregaria doirada rodaram sobre os quícios gementes, e o *dystein*, o intendente real, avançando mesureiro, disse a Lug, filho de Eithlenn:

– Vinde, senhor, e escolhei o vosso lugar. Hoje, aqui sois o primeiro!

AS PORTAS E OS CORAÇÕES DA ACADEMIA

Delegou-me a Academia poderes para receber-vos. Nomeou-me, pois, seu *dystein* nesta noite festiva e eu vos repito com intenso júbilo, que bem

sabeis avaliar por terdes certeza do muito que vos quero, as palavras pronunciadas há tantos mil anos:

– Hoje, aqui sois o primeiro!

Às portas desta Casa, altas figuras, que podemos assimilar aos antigos filhos de reis pelo seu valimento, têm batido em pura perda e raras as têm visto abertas em virtude de nossa fraqueza mortal, porque, não vos iludais, nós – os imortais não pretendemos ser de essência divina e somos fragilimamente humanos.

Esta Casa foi feita, como os paços de Tara, para os artistas que tragam consigo a sua arte.

Logo de início, no vosso discurso, não esquecestes as duas malogradas tentativas para serdes dos nossos. Em ambas, posso assegurar-vos, a Academia, ocupada com outras contendas, não pôde ouvir bem a vossa voz. Mas, no momento em que ela, intensa, lhe chegou aos ouvidos, bradando: Sou poeta! – bem sabeis que, não somente as portas, mas os corações da Academia se abriram para acolher-vos.

A IDADE DOS POETAS

Estáveis fadado à Academia, Sr. Olegário Mariano. Em 1906, quando eu ainda não sonhara pegar da pena e vivia à solta, em tumultuosa boêmia pelas praias e sertões do meu Ceará, esporeado pelo ardor dos dezessete anos, publicáveis, aqui, no Rio que eu sonhava deslumbrante e tentador, com a alma alvoroçada de desejos, lá no fundo da minha província obscura, o vosso primeiro livro de versos. Estou quase a fazer-vos uma pergunta indiscreta:

– Que idade tínheis?

Contenho-me e não insisto, que às damas e aos poetas se não pergunta a idade. A mocidade das damas está na beleza que apresentam. A mocidade dos poetas está nos versos que fazem. Lede o "Rauso" de Alberto de Oliveira. É um soneto de vinte e dois anos!

OS PROFETAS DA ELEIÇÃO

Prefaciando esse livro, Guimarães Passos, entre outras coisas simples e belas, afirmava ao leitor: "Os versos que vais ler são de um menino (perdoa-

me, Olegário), que tem bastante talento e zelo para não pensar que já atingiu à perfeição, e que seus versos já lhe dão direito a uma Cadeira na Academia Brasileira." O grande Guima achava que era cedo para entrardes na Imortalidade – e como não! porém o vosso nome já lhe lembrava a Academia. Isto em 1906, há vinte e um anos! E mais perto de nós, bem mais perto, o espírito sarcástico do esquisito Apporelly, sob o título "Os últimos cigarros", referente às "Últimas cigarras", prenunciava o vosso triunfo na efêmera página dum jornal carioca:

É popular e querido
Pelas suas obras bizarras...
Olegário é conhecido
Como o "poeta das cigarras"...

E Mariano vai gozando
Felicidade completa,
Porque as cigarras vão dando
Para os cigarros do poeta...

E' forçoso que se diga
Que a ansiedade popular
Em torno dele... formiga...

Pois todos acham que, um dia,
Cantará até rebentar...
As portas da Academia...

Vê-se, portanto, como disse Lamartine, por vós citado, como afirmou Chevrillon, de Rudyard Kipling e eu repeti, quando a este aqui, saudei, que os poetas são em verdade profetas.

A GLÓRIA DOS POETAS

Sois um poeta, Sr. Olegário Mariano, na mais lata acepção dessa palavra. Dissestes, e com a maior razão, que, – sem quaisquer preocupações das

escolas literárias sob a contingência do motivo ou da forma, não pretendestes ser mais do que poeta, deixando a alma dizer o que lhe aprouvesse em instantes de alegrias ou de tristezas. Eis aí a causa principal de serdes, entre os nossos poetas, um grande poeta, porque sois vós mesmo, sem artifício, sem ouropéis, sem máscaras, vós, integralmente vós, com os vossos defeitos e as vossas qualidades. E, na singeleza sem par dessa naturalidade, reside por certo a vossa maior glória.

"Não pretendi ser mais que poeta, bastando-me esse pouco para conseguir tudo", acabais de dizer. Tendes de sobra motivos de orgulho para essa afirmativa. Poucos têm sido na nossa terra, tão madrasta às letras, poeta como vós. E não há no mundo glória maior do que a dos que fazem versos, desde Valmiki e o velho Homero até Dante e Camões, até Shakespeare e Victor Hugo, até Samain e Verlaine. Mesmo entre nós qual o general ou o estadista, qual o orador ou o jurisconsulto que fez estremecer a alma nacional e deixou-a vibrando ainda poderosamente após ter ido esconder-se na sepultura, como Olavo Bilac? Que glórias maiores no Brasil do que a de Gonçalves Dias e a de Castro Alves?

Lembremos os versos do uruguaio Marcelino Pérez:

Cuando no haya poetas, que será de la vida?
Que será de las astros, y la fuente y la flor?
El silencio y la, sombra, en la tierra dormida...
Que será de las almas? que será del amor?...

OS POETAS E OS REIS

Pausânias, o primeiro folclorista da civilização mediterrânea, diz que antanho os poetas viviam com os reis. Anacreonte morou com Polícrates, tirano de Samos. Ésquilo e Simônide de Argos eram comensais de Hieron de Siracusa. Dionísio favorecera Filoxenes de Citera, que lhe dissera, um dia, preferir ser condenado a britar pedras a louvar os maus versos do déspota siciliano.

Entre parêntesis: os poetas são sempre muito perversos nas suas respostas aos poderosos. Ibn Errumi, poeta árabe do califa Mutahid, ofendera numa

sátira o vizir Kevim, que o envenenou por vingança num banquete íntimo. Quando o poeta, cambaleando sob o efeito da peçonha, procurava sair da sala festiva, Kevim perguntou-lhe, maldosamente:

– Aonde ides?

– Onde me envias, replicou o outro.

– Então, dai lembranças a meu pai...

– Eu não vou para o inferno, tornou o poeta e emborcou morto.

OS POETAS E A VIRTUDE

Antágoras de Rodes e Aratus de Solis gozaram da intimidade de Antígone, soberano da Macedônia. E Pausânias assegura que Hesíodo não obteve tais favores por ser preguiçoso e que Homero preferiu uma grande reputação e uma glória sólida ao convívio com os grandes. Todavia é ele quem nos apresenta o poeta Demódocus cumulado de honrarias nos banquetes de Alcinous e nos diz, na *Odisséa*, que Agamenon, partindo para a guerra, deixara a rainha sua esposa acompanhada por um poeta.

Nesse tempo, os poetas faziam profissão de guiar os homens à virtude e de incutir-lhes o amor do bem, tanto que Egisto, a fim de poder corromper Clitemnestra, teve de exilar numa ilha deserta o poeta que a guardava. E sobre os mares em fúria, varridos pelo temporal, surgiam até delfins miraculosos que carregavam às costas os poetas em risco de se afogarem, como aconteceu com Árion.

OS POETAS E OS CÉSARES

A mão cruel e poderosa dos Césares protegeu, muitas vezes até carinhosamente, os poetas. Horácio, Virgílio, Lucrécio, Propércio, Tibulo e Catulo receberam os benefícios do Palatino. A aventura misteriosa em que Ovídio se envolveu a outros levaria à morte; a ele levou somente ao exílio, onde cantou as saudades da esplendente coroa de poetas que honrava Roma e a quem Roma honrava. O infame Domiciano apreciava Marcial e muito custou a castigar Juvenal pelas suas sátiras.

OS POETAS E OS BÁRBAROS

Vede os conquistadores bárbaros escutando, acalmados, as gestas, os rimances, as loas, os lais e as trovas dos menestréis. O califa Harun-al-Raschid entretinha-se alegremente com Abu-Nurras e Tahir, general do califa Mamun, pagava a Abu-Tamman, por uma quadra, quarenta mil *dirrhens* de oiro. Vede na rude existência medieval a poesia florescer entre combates e rapinas como uma flor entre espinheiros.

Todo o idealismo dos troveiros que andavam de longada se resume nessa maravilhosa história, eternizada por Edmond Rostand, de Joffroy Rudel, que vai ao Oriente em busca da Princesa de Além, da qual a fama da beleza chegara até ele, no seu solar da Aquitânia, e a quem já tinham chegado os versos em que ele essa mesma beleza celebrava.

Vede, na vida negra de traições maquiavélicas e ensangüentada de crimes borgíacos dos príncipes italianos do Renascimento, os poetas passarem como cisnes alvos sobre águas turvas, tal qual disse Mereikowski de Leonardo da Vinci com Ludovico o Mouro. Então, os versos de Boccaccio viajavam com as suas credenciais de diplomata e Dante Alighieri era embaixador do Duque de Ravena junto à Sereníssima República de Veneza.

E nem preciso lembrar a auréola de poetas que cercava o Rei Sol nos esplendores de Versalhes, para acabar de dizer-vos, senhor Olegário Mariano, que fazeis bem em ser somente poeta, porque em verdade sois grande coisa.

OS POETAS E A FORTUNA

Que importa nem sempre a fortuna seja companheira fiel da glória, se a glória é bem maior e muito mais saborosa do que a fortuna? Uma vez, o sultão Mahmud encontrou na mesquita onde ia orar, um velho maltrapilho que escrevia qualquer coisa sobre a parede.

– Que fazeis aí? – perguntou.

O desconhecido respondeu-lhe:

– Emir dos crentes, sou o poeta Firdusi, envelhecido pelos trabalhos e emagrecido pelas privações, e estou fazendo a conta dos camelos carregados de oiro que me prometestes pelo meu livro...

Envergonhado, corrido, o sultão, que nunca mais se lembrara de pagar ao seu poeta, mandou entregar-lhe uma carga de dinheiro.

Dizei-me, Sr. Olegário Mariano, que preferíeis – ter escrito o *Schah-Nameh*, o esplendoroso *Livro dos Reis*, ou ter recebido a preciosa caravana do erário real? Bem sabeis que ao Senhor pequenino os Magos levaram, no presépio, mirra, oiro e incenso. A mirra provou-a ele nas amarguras do Pretório ao Calvário. O oiro deixou para que outros lhe tocassem. E, decorridos dois mil anos quase, ainda diante d'Ele só se queima o incenso...

MATANDO A POESIA

Não estou a incensar-vos, porque em alta conta tenho a vossa obra. No momento que passa, a desorganização da sociedade, que por aí vai à matroca, sem o leme da religião e sem a bússola da moral, reflete-se na vida literária. Os grupos com alcunhas em *ismo* afloram de todos os lados, sem que os seus componentes saibam direito ao que vêm e o que pretendem. Como na senilidade do império bizantino, ressurgem outros *epistológrafos*, *asmatógrafos* e *epitalamógrafos*, com rótulos diferentes. A mercadoria é a mesma: falta de talento, e, sobretudo, falta de cultura. Estamos num desses períodos em que, segundo dizia Goethe com tristeza, os próprios poetas se encarregam de matar a poesia.

ANACREONTE REDIVIVO

Esboçando um cenário da antiga Roma, Jean François Bladé aponta-nos velho aedo escravo à margem do Tibre:

– "*Vieil esclave, chante encore.*

– *Passe ton chemin, grammairien curieux. Passe, illustre sénateur. Je chante ce qui ne vit plus que dans mon âme.*"

Como esse aedo antigo, não cantais senão o que vos anda n'alma e eis por que a vossa poesia, – veio de água corrente, construção leve de areia, canto estridulado de cigarra em dia estival, poeira de sol, neblina de luar, bem brasileira no sentimento, bem nossa no lirismo faceiro, é tão encantadora e tão serena, e vós nos pareceis um Anacreonte redivivo, um Anacreonte reencarnado nesta pátria ardente e deliciosa.

Como o poeta de Téos, bem o sei, sois capaz de preferir a vossa alegre liberdade ao oiro dos Polícrates. Como ele, sois um poeta sutil e sem artifício, gracioso e discreto, cantando a divindade das cigarras, o prazer, a vida, a natureza, e os encantos maravilhosos do amor. O outro, quando de Samos tornou a Atenas, por ordem de Hípias foi buscá-lo uma galera de cinqüenta remadores. Infelizmente, nesta que vos leva *ad immortalitatem*, não somos nem podemos ser mais do que quarenta...

O CANTO DAS CIGARRAS

Aquele a quem sucedeis nesta Casa e que foi meu dileto amigo, Mário de Alencar, com a sua nítida visão das coisas desde muito tempo já vos tinha perfeitamente compreendido. Em agosto de 1918, ele vos escrevia: "Agradam-me sempre os seus versos: não se parecem com os dos outros, e é já um motivo de gosto ouvir entre tantas vozes uma voz distinta." Nessa mesma epístola, achava que o canto das vossas cigarras se antenuava sob a vibração luminosa do estio. Faltou-lhe acrescentar que esse estio claro e vibrante era a vossa luz interior, que dá aos vossos versos as cores da vossa alma. Eis por que, no mesmo ano, Bilac podia dizer da *Água Corrente*: "o murmúrio desta água cantante, *sangue da terra*, embalou, encantou, consolou o meu espírito em dias e noites de enfermidade triste..."

Mas ouçamos o canto das cigarras:

CONSELHO AMIGO

Cigarra! Levo a ouvir-te o dia inteiro,
Gosto da tua frívola cantiga,
Mas vou dar-te um conselho, rapariga:
Trata de abastecer o teu celeiro.

Trabalha, segue o exemplo da formiga,
Aí vêm o inverno, as chuvas, o nevoeiro,
E tu, não tendo um pouso hospitaleiro,
Pedirás e é bem triste ser mendiga!

E ela, ouvindo os conselhos que eu lhe dava,
(Quem dá conselhos sempre se consome...)
Continuava cantando... continuava...

Parece que no canto ela dizia:
– Si eu deixar de cantar, morro de fome...
Que a cantiga é o meu pão de cada dia.

NOITE SONORA

Anoiteceu. Pelas montanhas veio
Lentamente o crepúsculo caindo...
O céu, redondo e claro como um seio,
Ficou, de lindo que era, ainda mais lindo.

O vale abriu-se em pirilampos cheio,
Luzindo aqui, e ali tremeluzindo...
No regaço da treva, úmido e feio,
A natureza adormeceu sorrindo...

As ciganas, na sombra, se calaram;
As árvores no bosque farfalharam
Na esperança de ouvi-las e de vê-las...

Caiu de todo a noite quieta... Agora,
O céu parece uma árvore sonora
De cigarras cantando nas estrelas...

O ENTERRO DA CIGARRA

As formigas levavam-na... Chovia...
Era o fim... Triste outono fumarento!...
Perto, uma fonte em suave movimento
Cantigas de água trêmula carpia.

Quando eu a conheci, ela trazia
Na voz um triste e doloroso acento.
Era a cigarra de maior talento,
Mais cantadeira desta freguesia.

Passa o cortejo entre árvores amigas...
Que tristeza nas folhas... que tristeza!
Que alegria nos olhos das formigas!...

Pobre cigarra! Quando te levavam,
Enquanto te chorava a natureza,
Tuas irmãs e tua mãe cantavam...

As cigarras de Anacreonte eram gregas; as nossas são bem brasileiras, porque as cantais, não só nesta rica, bela e forte língua que falamos, mas com as nossas expressões familiares, com o nosso acento melancólico e com o gosto da nossa folhagem, da nossa água e da nossa terra. É verdade que lá vos escapou um outono, porém não se podem compreender em clima algum poetas sem outonos...

A ÁGUA QUE CORRE E CANTA

Desde vosso primeiro livro com prefácio de Guimarães Passos e desde mesmo a elegante *plaquette* dos *XIII Sonetos*, que esse brasileirismo no sentir e na expressão dia a dia ressuma mais caracterizado. E a maior razão do encanto dos vossos versos é que nos sentimos irmanados com eles. Bebemos todos da vossa clara e suave *Água Corrente*, água que corre e canta:

AS DUAS SOMBRAS

Na encruzilhada silenciosa do Destino,
Quando as estrelas se multiplicaram,
Duas sombras errantes se encontraram.

A primeira falou: – "Nasci de um beijo
De luz, sou força, vida, alma, esplendor,
Trago em mim toda a glória do desejo,
Toda a ânsia do Universo... Eu sou o Amor.

O mundo sinto exânime aos meus pés...
Sou delírio... loucura... E tu quem és?"

– "Eu nasci de uma lágrima. Sou flama
Do teu incêndio que devora...
Vivo dos olhos tristes de quem ama,
Para os olhos nevoentos de quem chora.

Dizem que ao mundo vim para ser boa,
Para dar do meu sangue a quem me queira.
Sou a Saudade, a tua companheira,
Que punge, que consola e que perdoa..."

Na encruzilhada silenciosa do Destino,
As duas sombras comovidas se abraçaram
E de então nunca mais se separaram.

O veio dessa *Água Corrente* mais se azula e transparente fica, embora borbulhe de emoção quando cantais a memória augusta de vossa mãe, a tão querida Dona Olegarinha, alma boníssima que na vossa se derramou, heroína da Abolição, cuja morte fazia em 1898, o grande Joaquim Nabuco dirigir a vosso pai esta carta, que peço permissão para ler:

Meu caro José Mariano,

Apesar de afastados um do outro pelas peripécias políticas dos últimos anos, conservo-lhe sempre os sentimentos da nossa velha camaradagem e por isso o golpe que o feriu tão profundamente afetou-me também pela lembrança viva que guardo de D. Olegarinha, tão boa quanto bela.

Nunca me há de esquecer na eleição de 14 de setembro o modo pelo qual ela se associou à nossa comum e grande vitória. As agitações da sua vida, na República, sobretudo, em que ela deve ter passado por transes atrozes pensando em V., conservaram aquele coração extremoso em constante abalo. Foi talvez o mais duro tributo que V. terá pago à horrível política do nosso tempo. Eu como seu amigo, faço votos para que depois de tão doloroso sacrifício, V. pense no dever que tem de economizar a sua própria vida no interesse agora de seus filhos.

Creia, meu caro amigo, que é de todo o coração que lhe escrevo estas linhas.

Seu sempre dedicado

Joaquim Nabuco.

Perpetuais, como bom filho e bom poeta, a memória da santa nesta doce poesia:

PALAVRAS DE MINHA MÃE

Quando, num dia calmo, eu vim ao mundo,
Minha Mãe-santa e nobre Flor de Lis,
Disse, olhando os meus olhos bem no fundo:
– Meu filho! Hás de ser bom e ser feliz!

No decorrer do tempo, na bravia
Onda humana que ruge e se encapela,
Cada cousa de mal que acontecia,
Eu me lembrava das palavras dela,
E era um gozo infinito o que eu sofria.

Hoje, homem feito, a alma de crenças morta,
Colhendo males pelo bem que fiz,
Inda ouço a mesma voz que me conforta,
Sei a sorte que tenho... mas, que importa?
Quero iludir-me para ser feliz.

AS VOZES DO PASSADO

Platão queria banir de sua República ideal os poetas como inimigos da verdade e Santo Agostinho propunha infamá-los como aos comediantes. Referiam-se aos que arquitetavam fábulas perniciosas, ou ultrajavam a Divindade. Triste da república onde não pudessem medrar os verdadeiros poetas, aqueles que fazem sua lira do próprio coração.

Não vos baniria o filósofo da sua República, Sr. Olegário Mariano, nem vos expulsaria o santo de sua comunidade, porque a beleza e o sentimento dos vossos versos abrandariam decerto a aspereza dos seus preconceitos. E, quanto mais o tempo passa, mais vos sinto eu voltado para a vossa terra e para a vossa gente, às vezes até como que em êxtase, apurando o ouvido a fim de escutar as vozes do passado.

AS RESERVAS FOLCLÓRICAS

Confessais no nosso formoso discurso que, nesta última fase de vida literária, procurais lançar mão das reservas folclóricas trazidas da meninice, que passastes nesse grande Pernambuco, terra de heróis e de mártires, adormecido ao luar como um gigante, sonhando o sonho tumultuoso das revoluções idealistas, segundo no-lo pintou o poeta.

Hillebrand, o cavaleiro coberto de aço duma lenda medieval, depois de errar mundo afora, voltou à terra do berço para nela, como duro castigo, sentir-se estrangeiro. Não vos acontecerá jamais isso. Sois bem nosso, bem ligado ao torrão por inúmeras raízes e já começais a seguir o excelente conselho dum folclorista francês: "*Puisqu'il t'a consolé de tout, demeure fidèle au passé. Ce qu'il en reste encore hâte-toi de le recueillir.*"

De como dais cumprimento a essa nobre missão atestam os aplausos dos que vos lêem e dos que vos ouvem. Não preciso estender-me em considerações acerca da vossa poesia eminentemente folclórica, que pretendeis enfeixar, para gozo dos nossos espíritos, no futuro *Canto da Minha Terra*. Nele figurará decerto o inimitável e delicioso "Tutu Marambá":

"Tutu, marambá,
Não venhas mais cá,
Que o pai do menino
Te manda matar."

No seu berço de rendas, com brocados d'oiro,
Os olhinhos redondos de espanto e alegria,
Ele olha a vida como quem olha um tesouro...
– Meu filho é o mais lindo desta freguesia.

O filho da coruja!
A boquinha em rosa, a mãozinha suja,
Com os dedinhos gordos já dá adeus.
Fala uma língua que ninguém compreende...
Toda a gente que o vê se surpreende:
– Tão bonitinho! Benza-o Deus!

É redondo como uma bola.
O seu polichinelo com um grande guiso
É a única cousa que o consola...
Meu filho é o meu melhor sorriso.

Que noite clara anda lá fora!
O luar entra no quarto, manso e lindo,
Com a expressão angélica de quem chora...
Roça o berço: o menino está dormindo.

Então, a voz que mal se sente,
Vai cantando maquinalmente:

"Tutu, marambá,
Não venhas mais cá,
Que o pai do menino
Te manda matar."

O SACI

Não esqueçamos o lindo poemeto *Saci Pererê*, em que o feitiço da noite brasileira nos empolga e os versos dançam na nossa imaginação como o endiabrado lutino:

Corre, corre levando na carreira
A ânsia dum grande sentimento oculto.
É o saci pererê. Gênios da mata,
Vede-o: o cabelo verde se desata
Ao vento, afaga as árvores, enlaça
Os troncos, pára e, olhando a selva inteira,
Parece que no olhar profundo abraça
Todo o esplendor da terra brasileira!

A LENDA DA IARA

Há muitos anos, um poeta do norte, desbravador do caminho tradicionalista, Teles de Sousa, hoje quase esquecido, pôs em versos a lenda da Iara, tão bem aproveitada por Afonso Arinos, que o grande Couto de Magalhães salvara do olvido e que até nós chegou com o perfume da raça tupi:

Era na taba dos Manaus, outrora,
Num recanto de virgem natureza,
Onde, risonha, se alevanta, agora,
Do Rio Negro a próspera princesa.

E o filho do tuxaua preparara
O necessário pra sair à pesca;
Cantava além fatídica cauã...
E depois se dirigiu numa igara
Ao pequeno regato que refresca
A ponta do Tarumã.

Era da tribo o moço mais formoso!
Ágil, robusto e forte e destemido,
Assim tão destemido e valoroso
Ainda outro não tinha aparecido.

Quem da floresta virgem no regaço.
A zarbatana destro manejava,
Cuja flecha, certeira, não errava
O aracauã atravessando o espaço!

Quem o tacape com valor brandia
Da guerra nos embates,
Era o moço tapuio, a quem cabia
A palma nos combates.

Era o orgulho da taba dos Manaus
E do velho tuxaua o sucessor,
Que dos Mundurucus feros e maus
Fora sempre o terror.

E o filho do tuxaua preparara
O necessário pra sair à pesca.
Cantava além fatídica cauã...
E depois, dirigiu-se numa igara
Ao pequeno regato que refresca
A ponta do Tarumã.

E assim por diante.

Nestes versos frouxos, cheios de defeitos, embora com certa inspiração, a lenda mal sai da ganga primitiva para a literatura na verdadeira acepção desta palavra. Tanto assim que, no *Cancioneiro do Norte*, Rodrigues de Carvalho a incluiu entre as produções populares. A vós coube, Sr. Olegário Mariano, introduzir a Iara no mundo das letras, envolta nas galas da poesia. Por vós, o tema indiano foi tratado por mão de mestre, cinzelado como um hostiário de Frei João de Segóvia. A distância que vai do poemeto complica-

do e frouxo de Teles de Sousa, aos vossos versos leves, polidos e sintéticos é tão grande que, no dia em que alguém maldosamente quiser cotejar as duas produções, podereis responder de cabeça ereta que o material foi o mesmo – reserva folclórica, mas, no meio, consoante a receita espanhola, houve necessidade de *poner talento*:

Senão vejamos a vossa Iara:

Jaguarari, o filho do tuxaua,
Era formoso, elástico e sensual.
Tinha nos olhos o ímpeto bravio
Da água do Grande Rio
Quando passa em tropel, quando ruge em caudal.

Destro, selvagem como um potro,
Vê-lo era ver na glória matutina
A bandeira das asas em troféu,
O gavião de penacho que domina
Toda a floresta e faz maior o azul do céu.

Quando na igara pequenina e leve
A correnteza múrmura descia
Ao clarão flamejante do arrebol,
À proa, o filho do tuxaua parecia
Um pássaro de fogo em caminho do sol.

O puma ruivo e hostil, de olhos de ferro em brasa,
No enredado cipoal da selva acesa,
Ou o veado arisco ao pé do buriti,
Não tinham a bravura, a insolência, a destreza
Nem a elegância de Jaguarari.

Ninguém como ele arremessava a flecha
Do arco reteso. A flecha ia, certeira,
Ao gesto varonil do braço nu,

E cortava, de súbito, a carreira
Por vales e grotões, do caitetú.

Na taba dos Manaus, havendo festa,
Ao rufar do trocano, ele terçava
A tangapema de tal jeito, que a uma voz,
O grupo dos guerreiros proclamava
Jaguarari o mais valente e o mais veloz!

A seta ervada da zarabatana
Que ele assoprava às árvores, sorrindo,
No orgulho de um guerreiro sedutor,
Rompia o espesso matagal, ferindo
O carachué na castanheira em flor.

Ao florescer da mamorana, quando
Fendia a igara a superfície plana
Da água que se encrespava em frenesi,
O vento sacudia a mamorana,
Jogando flores em Jaguarari...

No canto das mulheres o seu nome
Vibrava, ora em relâmpagos de ameaça,
Ora plangendo como os urutaus.
Esse nome que, dando orgulho à raça,
Era a glória da taba dos Manaus.

Nas tardes silenciosas, a canoa
Do jovem deus, banhada pelo poente,
Ia, ligeira como a jaçanã,
Ao sabor do destino da corrente,
Rumo da ponta azul do Tarumã.

E lá ficava horas inteiras... Vinha
A noite e a água, em balanço, como um berço,

Apurava-se em música a embalar
Jaguararí num grande sonho imerso,
Sob a melancolia alva do luar...

– "Que pescaria é essa, filho, que entra
Na noite imensa que me desconforta
Como o presságio de uma sorte má,
Na hora em que ronda a natureza morta
O espírito funesto de Anhangá?

Nunca lhe ouviste a voz maldita e cava?
Anhangá, altas horas, quando passa
Eriçando o cabelo aos capinzais,
Espalha como a sombra da desgraça
O veneno das dores imortais."

Assim se lastimava a mãe tapuia
Ao ver o filho amargurado e aflito
Entrar com passo tardo a habitação,
Trazendo os olhos cheios de infinito
E o infinito do céu no coração.

Às palavras da mãe enternecida
Jaguararí, absorto em suas mágoas,
Olhava-a muito e em seu olhar cruel,
Toda a profunda solidão das águas
Borbulhava num lúgubre tropel.

– "Filho! Guardo nos olhos a lembrança
Da derradeira vez em que sorriste...
A alegria esvoaçava em torno a ti,
Hoje vives sem alma, sempre triste,
Olhando as águas como o maguari.

Os jurupis perversos da floresta
Na hora em que o vento os arvoredos corta,
Os jurupis envenenaram-te o ar.
O acauã vem cantar à nossa porta.
Dize, meu filho, que te faz chorar?"

– "Mãe! Eu a vi! Como era linda! Tinha
Os cabelos caídos pelas ancas
Como raios de um sol que não tem fim.
E o corpo branco como as garças brancas
Tremia caminhando para mim...

Quando ela canta os pássaros se calam.
A tarde absorta fica mais tranqüila
Ao som daquela voz vinda do além.
Quedam-se os rios todos para ouvi-la
E a cachoeira, a escutar, pára também.

Ela olhou para mim e abriu-me os braços...
Era linda! Toquei, desfalecendo,
Seu corpo nu de uma nudez sem véu
Que ia de manso desaparecendo
No fundo da água que reflete o céu.

Eu quero ouvi-la ainda! Quero vê-la...
Quando sobre a intranqüila natureza
A iaci vem surgindo, devagar,
Não tem a melancólica pureza
Que anda boiando a flor do seu olhar."

– "Tu viste a Iara! Foge, filho amado,
A Iara mente! Nos seus olhos vagos,
Na luz verde que espalha em derredor,
Como da água parada de dois lagos
A morte ri para matar melhor."

E a velhinha chorava... No outro dia
A canoa nas águas que a levaram
Passou de igarapé em igarapé...
Os Manaus, quando a viram, murmuraram:
– "Lá vai Jaguarari pescar tucumaré!"

Mas, de súbito, enchendo a tarde imensa
Um grito abriu-se na alma do infinito,
De quebrada em quebrada a se perder...
As mulheres choravam nesse grito:
"Corre, gente, vem ver! Corre, gente, vem ver!"

Dois corpos enlaçados num só corpo,
Ao bramido monótono e tremendo
Da cachoeira em diabólico escarcéu,
Iam de manso desaparecendo
No fundo da água que reflete o céu...

.....

Hoje, as águas que passam dia e noite,
Ora em fúria selvagem que espadana,
Ora gorgolejando aqui e ali,
Quando cai uma flor da mamorama
Cantam de mágoa por Jaguarari...

AS NOSSAS COISAS

Louvo a brasilidade das concepções deste jaez! Louvo todo pendor artístico para as nossas coisas. Mas o meu louvor é sem exageros, embora seja eu um regionalista. Sinto-me, pois, à vontade dentro deste assunto. Já li algures que é preferível tratar das nossas coisas em caçange a falar da Grécia ou da França em língua de bom quilate. Insurjo-me contra essa opinião. Um artista brasileiro pode escrever, pintar e esculpir motivos estranhos à nossa terra e à nossa gente sem deixar de ser brasileiro. O cunho do seu nacionalismo está na sua interpretação. As maravilhas esplendentes saídas das manoplas informes

do Aleijadinho são da arte barroca do sul da Europa; contudo nada mais profundamente brasileiro. E Bilac, cantando Frinéia ou Cleópatra, não as cantou com o dátilo ou o espondeu acaio, nem com os ritmos doces do Egito helenizado; porém sim com versos refulgentes como o nosso sol, perfumados como as nossas matas e impregnados de langor como a nossa saudade.

O CABOCLISMO

Fora dessa concepção larga, considero o que se tem pretendido impor como cânone de arte, na prosa e no verso sobretudo, um *caboclismo* exagerado e uma limitação da liberdade de artista.

Na nossa psique não continuam somente a se entrechocarem três elementos raciais básicos: negro, índio e luso. Pelas contingências da evolução, somos hoje mais universalizados: luso-brasileiros, ameríndios-brasileiros, áfrico-brasileiros, anglo-brasileiros, franco-brasileiros, teutos, tchecos, iberos, sírios, ítalos ou poloneses-brasileiros, conforme as regiões, todos, entretanto, brasileiros a se difundirem neste imenso cadinho de oito milhões de quilômetros quadrados, que há de ser um dia o orgulho do continente!

Vosso brasileirismo, Sr. Olegário Mariano, acentuamos bem, está fora dos estreitos moldes apregoados, e inscrito de coração na fórmula larga que abrange todas as concepções do espírito. Sois uma individualidade e não um autômato dentro dum nacionalismo exagerado. E é de tal largueza de vistas que tem a irradiante simpatia impressa nas vossas atitudes, ressumante da vossa personalidade e derramada pelos vossos livros.

OS ANTECESSORES

Sr. Olegário Mariano, sucedeis nesta Casa, na Cadeira de Joaquim Serra, a duas grandes figuras. Curvo-me reverentemente ante a memória da primeira, José do Patrocínio, que só de nome conheci, herói quase lendário que tão bem nos apresentastes. Curvo-me reverentemente ante a elegância moral e mental de Mário de Alencar, que foi dos meus melhores amigos e sobre cujo túmulo verto lágrimas de saudade. Estudastes com serenidade e doçura, como devíeis, essa figura de que posso falar, porque com ela privei. Era uma alma eleita, de estranha sensibilidade, de percuciente inteligência,

todo sentimento, todo vibração, todo coração, duma inteireza moral magnífica. A Academia jamais o esquecerá, porque ele nunca trabalhou que não fosse a prol da Academia!

OS POETAS FELIZES

Embriagado pelos vossos versos de oiro, afastei-me das praxes acadêmicas e não fiz a resenha bibliográfica da vossa obra poética nem alinhei a data do vosso nascimento, do vosso primeiro dente, da vossa indefectível formatura e até da vossa eleição. Perdoai-me essa falta de academicismo na minha oração, tão distante dos moldes clássicos dos Isócrates e Quintilianos, tão distante! É que preferi contar das emoções que me transmitis, da maneira como as nossas almas se compreenderam. Talvez tenha feito de menos; todavia a minha intenção era fazer de mais...

Afirmam comumente que os povos felizes não têm história. Pois os poetas felizes não têm biografia. Vós, Sr. Olegário Mariano, segundo confessais, exagerando, com o simbolismo duma lenda zaporoga ou moscovita, as asperezas da escalada que vos trouxe a esta Casa, creio que vos sentis neste momento feliz. Entretanto, mais felizes, acreditai, sentimo-nos nós todos por vos abrirmos mais que as nossas portas – os nossos corações, repetindo:

– Hoje, aqui sois o primeiro!

Discurso de
D. AQUINO CORREIA

e

Resposta do
SR. ATAULFO DE PAIVA

Sessão solene extraordinária
do dia 30 de novembro de 1927

I

DISCURSO DE D. AQUINO CORREIA

SENHORES:

Triste e paradoxal condição é, de quem entra para a imortalidade das academias, depararem-lhe, desde logo, os troféus da morte, no vestíbulo desses olimpos terrestres, onde se não devera respirar senão o perfume das coisas eternas, como as ambrosias, os néctares e os louros.

Assim é também hoje, neste salão azul, cor das atmosferas siderais, em que vejo cintilar na doce atração dos afetos superiores a mais formosa constelação de intelectuais da minha Pátria, lembrando-me o verso sagrado do florentino:

Luce intellettual piena d'amore!

Mas enquanto se me enleva o espírito, na contemplação do suave simbolismo ambiente, eis que se lhe impõe o dever de atentar numa poltrona vazia, sobre a qual pairam, niveladas aos mortais, as sombras de quatro semideuses da Academia. E eu me quedo a refletir, melancolicamente no contraste imenso que aí vai, com a divina legenda a irradiar, lado a lado, neste olímpico cenário, à maneira de via-láctea luminosa: *Ad immortalitatem!*

Nisto uma voz do além-túmulo, voz de um desses manes protetores desta Cadeira, murmura-me aos ouvidos os célebres carmes, conhecidos desde a infância:

Porque choras, Fileno? Enxuga o pranto,
Que rega o teu semblante, onde a amizade
De seus dedos gravou o eterno toque.

Ah! não queiras cortar minha esperança,
E de dor embeber minha alegria.
Tu cuidas que a mão fria
Da morte, congelando os frouxos membros.
Nos abismos do nada inescrutáveis,
Vai de todo afogar minha existência?
É outro o meu destino, outra a promessa
Do espírito, que em mim vive e me anima.
A horrenda sepultura
Conter não pode a luz brilhante e pura,
Que soberana rege o corpo inerte.

Nem assim, entretanto, se me tranqüiliza a mente, porquanto essa não pode ser a imortalidade, com que acenam as academias, sendo ela, como é, apanágio de todos os espíritos, tanto daqueles, sobre os quais resplandecerá numa auréola, como daqueloutros, que à semelhança de Calipso em sua ilha solitária, sentirão a desgraça da imortalidade: "*malheureuse d'être immortelle*".

Lembram-me então as oitavas épicas, em que o poeta dos *Lusíadas* tão bem define a imortalidade conferida pelos homens. Ouçamo-lo:

As imortalidades que fingia
A antiguidade, que os ilustres ama,
Lá no estelante olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da fama,
Por obras valorosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso,

Não eram senão prêmios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo com os varões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos;
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Enéas e Quirino, e os dous Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

Tal é a imortalidade, que, à semelhança da árvore da vida em meio ao paraíso terreal, floresce no mundo, através dos séculos, ao bafejo da aura gloriosa da posteridade. Esta é a que também viça nesta Casa, e à sombra das suas frondes imarcescíveis, como aqueles vates que Virgílio nos pinta sob o arvoredo sempre em flor dos Campos Elíseos, vivem os grandes, que, mortos embora, a Academia sagrou com o selo da sua eleição e da sua glória.

Dentre eles avulta hoje, a figura empolgante daquele, em torno a cuja cadeira deserta, há um ano atrás, aqui se emprazavam os seus confrades, numa expressiva "sessão de saudades", e à honra de cuja memória, hoje aqui nos achamos novamente reunidos, entre sorrisos e luzes, para o rito solene das apoteoses.

DO BERÇO À REPÚBLICA

Senhores:

O ínclito sócio, para quem hoje aqui se enflora de homenagens o panteão da Academia, parece ter já trazido no próprio nome, a predestinação aos lauréis da imortalidade: Lauro.

Saído embora de humildes origens, fez-se um nome nacional, que passou à história, glorificando o Brasil, e especialmente o céspede feliz, em que se lhe embalou o berço.

Foi este, como sabeis, o simpático Estado, que ainda hoje irradia os esplendores do nome cristão da sua história, engalanado, para sempre, em lírios de virgindade e palmas de martírio: Santa Catarina.

É a poética terra das dunas alvas, sorrindo ao sol das praias, por onde, como um solitário de esmeralda, a formosa ilha, em que floresce a Capital, se engasta ao continente, por entre o colar de pérolas das atlânticas espumas.

É a terra histórica, donde na antemanhã da nacionalidade, partiram os primeiros conquistadores, que devassaram os sertões austrais do meu Estado natal, na derrota fantástica para os sonhos do Eldorado.

Fecundado pelo sangue dos seus primeiros colonos, numa tragédia bárbara e nefanda, o solo catarinense produziu esse povo, em que se diria perdurar a têmpera rija de um dos seus antepassados, o insulano dos Açores, afeito à vida numa terra instável, que vibra em terremotos à flor dos mares infinitos. Daqui, talvez, a tenacidade e coragem dos seus filhos, imortalizada na bravura indômita dos "barrigas-verdes"; daqui talvez, a habilidade dos seus políticos, em meio aos maremotos das paixões humanas; daqui, enfim, a inspiração dos seus homens de letras, em que parece refletirem-se as amplidões marinhas, ora no brilho dos seus íris e das suas ardentias, ora na mortecor melancólica das suas tristezas insondáveis.

Assim foi que de lá saiu Luís Delfino, a derramar pelo mundo afora, como um príncipe oriental, a pedraria faiscante dos seus versos; de lá se ergueu também a musa do "poeta negro", celebrando em vozes de vulcão, ou "vozes veladas, veludosas vozes" todas as vertigens agoniadas da sua alma; de lá surgiu, enfim, a visão legendária de Anita Garibaldi, que apesar da sua vida bordada de lamentáveis aventuras, bem revelou essas qualidades extraordinárias que fizeram dela a incomparável amazona de dois mundos.

Tal foi também a terra natal de Lauro Severiano Müller.

Filho de agricultores prussianos, nasceu ele a 8 de novembro de 1863, na vila, hoje próspera cidade de Itajaí, à beira do rio homônimo, o seu rio natal, que ele evocaria, mais tarde, nestes acentos de imensa ternura: "rio sagrado, cujas águas vi embevecido, na minha infância, correrem no seu leito natural e belo, e hoje, ausente, revejo correndo no leito, que a saudade lhe criou eterno na memória do meu coração".

Ali cursou as primeiras letras, partindo aos 16 anos para o Rio, onde deixou o balcão do comércio, em que se iniciara, para freqüentar em Niterói os bancos do Liceu de Humanidades.

Em 1882 matriculava-se na Escola Militar, a célebre Escola, na qual, mais do que a Praia Vermelha, onde era sita, dir-se-ia que vermelhava então, ao sopro de Benjamin Constant, a frágoa juvenil das idéias de liberdade.

Assim foi que ali, aluno, alferes-aluno, engenheiro militar e bacharel em ciências físicas e matemáticas, desabrocharam-se-lhe no cérebro os ideais da Abolição e da República, floração bizarra da democracia em sua alma de teuto-brasileiro.

A alvorada republicana de 15 de novembro de 1889 veio encontrá-lo no seu posto, ao lado da histórica figura eqüestre do Marechal Deodoro, como jovem escudeiro medieval de olhos azuis e cabelos louros, na plena realização dos sonhos de uma nova cavalaria.

A MUSA DA SUA VIDA

Pode-se dizer que data daquele dia, a vida pública de Lauro Müler.

Nela reconhecem todos que a política foi a egéria do seu pensamento, o cerne da sua atividade, o pano de fundo no proscênio de seus triunfos.

Nem todos, porém, acordam num juízo definitivo acerca de seu sistema político.

Para alguns foi ele a "raposa de espada à cinta", tipo da astúcia envolvente e perigosa, modelo de habilidade pouco escrupulosa no escolher processos para chegar ao fim, uma como encarnação republicana do herói de Maquiavel, o príncipe aperfeiçoado à sombra das liberdades do barrete frígio.

Nada mais justo, ao contrário, pelo que li e aprendi de Lauro Müller, do que alongar da sua memória tão caluniosos conceitos. Bem sei que não é fácil manter uma consciência de vestal, em meio aos lenocínios da política. É possível, pois, tenha ele sabido dissimular para reinar, de acordo com a máxima célebre: *qui nescit dissimulare, nescit regnare*. Possível é que nem sempre tenha dito toda a verdade, e até mesmo, no uso de um estratagema político, preconizado já por Talleyrand, se tenha servido da palavra para encobrir o pensamento. Quase certo é também, tenha tido muitas vezes que fazer vista grossa aos erros dos amigos, multiplicando-lhes ademais os favores, e fazendo pesar a justiça sobre os adversários. Destes e outros recursos, havidos por ino-

centes em política, e dos quais não são muitos os que hoje se escandalizam, é bem possível tenha-se ele valido para adaptar-se ao meio.

Disso que aí fica, distam ainda muito, como se sabe, os processos do maquiavelismo, que adotando a perfídia e o crime, quando pareçam consultar aos interesses do Estado, arvora em bandeira a famigerada teoria de que o fim justifica os meios, e não hesita em sacrificar-lhe os mais legítimos e sagrados princípios de consciência humana, uma vez que se oponham na prática, à execução do plano político.

Lauro Müller, ao invés, foi um semeador de princípios. Basta ler o seu belo discurso, hoje conhecido justamente pelo título: *Ideais Republicanos*. Dele extraio a esmo e vos ofereço aqui estas sentenças, em que bem se reflete a sua escola política:

"A subordinação aos deveres cívicos, diz ele, é o maior título de merecimento para o cidadão de uma pátria livre." "No regime, que adotamos, o governo é o exercício de uma delegação temporária. A essência dessa delegação está no voto. Fraudá-lo deveria ser o maior dos crimes políticos. Mas não é, e antes, constitui, se não a glória de alguns, ao menos a razão da existência política de outros." "É a intolerância que nos desgoverna, ou venha ela do exagero partidário, ou nasça da ambição de conservar ou adquirir o mando. É dela que nascem os governos prepotentes e as oposições facciosas: dois extremos que se confundem na obra comum de destruição das liberdades políticas." "Só é salutar o progresso que brota do desenvolvimento da ordem. Para que exista, é mister que haja justiça, não a que se decreta, mas a que se observa."

E alhures, no seu discurso de recepção nesta Casa, deixou ainda esta sentença moralizadora:

"Nem noutra realidade assenta a grandeza de um homem de Estado, senão na fortaleza de ânimo para afastar de si mesmo as suas e as alheias paixões pessoais, desbravar o caminho de todos os perturbadores, para identificar-se com as aspirações e nobres ambições da coletividade."

E melhor ainda, na conferência realizada, a 15 de novembro de 1921, em sessão solene da Liga da Defesa Nacional:

"Para servi-lo (o regime republicano) os seus homens precisam de ter ambições, não de subir às posições elevadas, mas de elevar-se no conceito de si próprios e na estima dos seus concidadãos; não na grandeza material, que é

a ambição dos instintos inferiores, mas no aperfeiçoamento de sua vida moral, que é a suprema força dos moços e o supremo consolo dos velhos."

Firmado nestes princípios, Lauro Müller, venceu na política, pela vivacidade e finura do seu espírito, pelo conhecimento que tinha dos homens e das coisas, pelos amavios da sua palavra, pela sua elegância na luta, o que fez Assis Chateaubriand compará-lo a um jogador de florete; mas sobretudo, pela ciência profunda e rara, se não única, dos problemas nacionais e da nossa evolução política, estudada por ele, não com o olho da crônica, que, como ele próprio diz, "vê as datas na sua expressão material de medida do tempo", mas à luz da história, que as considera "na alma dos acontecimentos, de que são elas a síntese culminante".

"FAZER ENGENHARIA"

Senhores:

Tão modestos foram os inícios da vida terrena de Lauro Müller, quão brilhantes os da sua vida pública. Surgiu ele na parada triunfal do primeiro 15 de novembro, para ir logo em seguida, aos sós 26 anos de idade, chefiar o governo provisório da sua província natal. E "o menino tirou distinção". Nestes termos, ao menos, dizem que se referiu Deodoro à administração do precoce estadista.

Nem desceu mais dessas culminâncias, senão para se bater na planura como soldado, pela defesa e consolidação do regime. Da Assembléia Constituinte ao Congresso Federal, como deputado e senador, do governo constitucional do seu Estado aos Ministérios da República, a sua carreira política se manteve daí por diante, e sempre, nessa cumeada, onde, entretanto, dois cimos se destacam em relevo, num diagrama expressivo. São eles os dois períodos da sua atuação como ministro de Estado: o da Viação e o das Relações Exteriores.

Abre-se-lhe o primeiro em 1902. O Brasil emergia de uma longa época de transição, com as suas fases de abalos, demolições e reconstruções. No quadriênio anterior, Campos Sales, auxiliado poderosamente pelo gênio de um mato-grossense, Joaquim Murtinho, reconstituíra as finanças. O País refeito podia assim retomar serenamente o rumo do seu destino

"talhado para as grandezas,
para crescer, criar, subir".

Raiou então no horizonte político a presidência gloriosa de Rodrigues Alves, aureolada por uma verdadeira constelação de ministros e auxiliares.

Aí é que Lauro Müller entrou desde logo a brilhar como estrela de primeira grandeza. Ao assumir a pasta da Indústria, Viação e Obras Públicas, cifrara ele o seu programa em duas palavras: "fazer engenharia". E foi o que fez. Mas é que a sua engenharia tinha o bafejo superior das inspirações do homem de Estado. Tão grandioso fora, por vezes, o seu plano, que parecia raiar pela utopia. Mas dele, como bem notou o Sr. Coelho Neto, poder-se-ia repetir o que de si mesmo dizia Lesseps, a quem foi ele já tantas vezes comparado: "julgaram-me um sonhador, mas provei que sou um homem prático".

E viu-se efetivamente o desenvolvimento extraordinário, com que ele soube impulsionar todos os serviços a seu cargo, desde a viação ferroviária e telegráfica até as obras públicas, em que resolveu problemas seculares da maior relevância, como o cais do porto desta soberba metrópole.

Ninguém melhor do que o Dr. Miguel Calmon, seu imediato sucessor naquele Ministério, podia resumir a gestão de Lauro Müller, como o fez, quando lhe disse numa síntese eloqüente: "imprimistes ao País, das margens do Madeira e do Mamoré à barra do Rio Grande do Sul, a vibração de uma energia privilegiada, pois não houve faixa do seu solo, trecho das suas águas e, mesmo, digamos assim, parte da sua atmosfera, a que não beneficiasse a vossa ação administrativa, tantas foram as estradas de ferro, os portos, as linhas de navegação e os fios telegráficos, com que o dotastes".

Mas a obra-prima da engenharia de Lauro Müller, a sua obra de ciclope, em que abatendo seiscentos prédios, transformou como por encanto, saneando e embelezando, a velha cidade do Rio de Janeiro, foi certamente a Avenida Central, a que mais tarde, completando assim o pensamento do seu planeador, que a imaginara um como pórtico das nossas relações internacionais, foi dado o simbólico nome de Rio Branco.

Ele próprio em tanto a prezava, que a punha na altura de uma conquista republicana, chamando-lhe "a Avenida que a República fez".

Senhores: nesta hora em que vos falo, essa avenida esplende e se alonga, de mar a mar, numa galáxia de ouro por sobre a terra. Está toda estrelada, rivalizando com o firmamento.

Nela os edifícios públicos ostentam a sua arquitetura imponente. O comércio rebrilha nas suas vitrinas de luxo. Há um gorjear de óperas no espaço. Os cinematógrafos fervilham. Mil carros rodam num corso incessante. Acotovelam-se representantes de todas as raças. Soam línguas de todos os povos. Sente-se, enfim, uma civilização feliz, que passa cantando em marcha luminosa.

É o sonho patriótico de Lauro MüIler, que ali se concretiza. É a epopéia do seu trabalho, que ali palpita. É o monumento da sua glória, que ali refulge, iluminando a Pátria.

SUCESSÃO GLORIOSA

Cinco anos havia que Lauro MüIler deixara aquele Ministério, quando a nação se viu dolorosamente envolvida no crepe do mais pesado luto. E não só a bandeira da Pátria, senão que, bem se pode dizer, abatiam-se em funeral os pavilhões de todos os países.

É que o Brasil acabava de perder o seu grande chanceler, Rio Branco, personificação augusta da sua diplomacia perante o mundo.

A repercussão no Itamarati foi a de um soçobro sísmico. Deixemos que no-la conte um, que a sentiu de perto, o Sr. Hélio Lobo: "todos na casa, diz ele, veteranos e noviços, tremeram pelo desconhecido, que assim se nos abria. Nove anos de labuta tinham colocado o meneio das coisas exteriores, entre nós, num nível tão alto, que difícil fora achar-lhe continuador cabal. E é glória de Lauro Müller dizer que seus ombros sustentaram galhardamente a herança, que não desmereceu, e antes avultou em lustre."

Aí está, em poucas palavras, todo o elogio da política internacional de Lauro Müller, chamado nessa hora à sucessão de Rio Branco. Suceder ao barão, sem quebra de continuidade, teria sido já uma grande glória. Mas Lauro Müller fez mais ainda.

Sabido é como, nos últimos anos de Rio Branco, a organização de nossa defesa nacional fora algures mal interpretada, envolvendo em nuvens de antipatia e desconfiança a nossa diplomacia no continente.

Foi o que Lauro Müller procurou desde logo desfazer, não só por meio das missões Campos Sales e Júlio Roca, em que "os dois povos (brasileiros e argentinos) foram solidários com os seus governos, secundando e consagrando as intenções destes, com as mais expressivas demonstrações de simpatia e entusiasmo", como também pela celebração do tratado do A.B.C., assim designado na história como sabeis, pelas iniciais dos nomes das nações, que o firmaram: Argentina, Brasil e Chile.

Verdade é que este pacto de amizade não foi mantido oficialmente, em conseqüência de vicissitudes da política interna. Pode-se mesmo discutir em tese, o critério diplomático, em que se inspirou no promovê-lo o seu ilustre patrono.

O que não há negar, são os nobres intuitos de concórdia, em que levara a mira, e os efeitos imediatos que surtiu, testemunhados para sempre, estes e aqueles, nos três carvalhos, que então cada um dos representantes dos países contraentes plantou em Buenos Aires, ao lado um dos outros, três monumentos em um só, num simbolismo grandíloquo de união e fraternidade.

Razão teve, pois, o Sr. Félix Pacheco, para chamar a Lauro Müller "símbolo vivo de união" entre as Repúblicas sul-americanas. E não menos o Sr. Ministro Ramos Monteiro, quando, referindo-se ao discurso do embaixador Lauro Müller no Paço Legislativo de Montevidéu, por ocasião das festas centenárias da independência do Uruguai, disse que "o eco dos ecos das suas palavras se repete e repetirá naquele recinto, como um cântico sagrado à liberdade e à confraternização da América".

Ia assim Lauro Müller honrando as tradições gloriosas da diplomacia brasileira, também no manejo quotidiano dos seus importantes negócios e na efetivação de várias iniciativas, entre as quais as consolidações das leis do Corpo Diplomático e Consular e, principalmente, a reunião levada a efeito no Rio de Janeiro, da Comissão Internacional de Jurisconsultos, encarregados de codificar o direito americano, público e privado.

Eis senão quando se conflagra a Europa, alastrando-se a guerra em proporções inauditas e formidáveis. Delicadíssima era a situação de todos os

chanceleres, mas a do brasileiro sentia-se agravada, querer ou não, pelo seu caráter de teuto-brasileiro, em face do papel, que no conflito assumira a Alemanha.

Ele cumpre o seu dever, interessa-se patrioticamente pela sorte dos brasileiros na Europa, faz ouvir, em notas imparciais e brilhantes, a voz do direito contra os abusos da guerra, mas pensa, com toda a convicção de sua alma, que em dada fase da luta, o Brasil não devesse ir além da ruptura das suas relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha, nem da posse fiscal dos navios alemães surtos em portos brasileiros.

Entrementes, cresce a onda favorável à revogação integral da nossa neutralidade, avoluma-se, atinge o seu auge com a declaração do estado de guerra entre os Estados Unidos da América e o Governo Imperial Alemão, e irrompe finalmente, marulhando ao longo das avenidas e praças, sacudida agora pela tempestade da palavra de Rui Barbosa.

Impossível opor-se-lhe, e Lauro Müller, em carta de 2 de maio de 1917, aproveitando habilmente a abertura do Congresso Nacional, demitia-se do cargo de Ministro das Relações Exteriores.

Como quer que se ajuíze da sua atitude, nesse momento agitado da nossa diplomacia, uma verdade, como veremos, sobrepaira a todas as acusações e diatribes, de que foi vítima: o seu patriotismo.

RIO BRANCO E LAURO MÜLLER

Disse Lauro Müller em seu discurso de posse nesta Academia, que lhe cabia então, pela segunda vez, a "gloriosa humilhação" de suceder a Rio Branco.

Associemos, pois, mais uma vez, não para humilhação de um, mas glorificação de ambos, estes dois nomes ilustres, que o destino assim entrelaçou em nossa história.

Fácil não é cotejar duas figuras como essas, que, mesmo no físico, dir-se-iam aproximadas unicamente pelo contraste.

O que impressiona em Rio Branco, é a majestade, em Lauro Müller, a elegância das linhas e dos gestos.

Rio Branco foi o chanceler por excelência. Iluminou o Itamarati, durante nove anos a fio. A obra, que dele nos ficou, é quase toda diplomática, e esta não tem rival.

Lauro Müller foi menos diplomata, do que político e estadista. Não teve tempo, ou antes sazão, para desenvolver a sua ação diplomática, posta à prova em situação das mais difíceis e melindrosas.

Rio Branco veio, quase intacto, da monarquia. Foi a mais bela projeção do império na república, um como glorioso traço de união entre os dois regimes. Não fez política republicana. Foi um estranho ídolo, que a monarquia impôs à adoração dos democratas. Estava assim providencialmente talhado para, nas regiões altas e serenas da política internacional, reatar as tradições aristocráticas da diplomacia brasileira.

Lauro Müller foi, ao contrário, um produto genuíno da república. Quando subiu para o Itamarati, levava já um longo passada político, com a sua experiência, mas também com as suas inevitáveis taras e desvantagens.

Rio Branco imortalizou-se numa diplomacia luminosa de estudos, toda emoldurada em cartas geográficas e documentos históricos, sob a irradiação de talentos como Euclides da Cunha, que se gloriavam de ser "satélites na órbita de um imortal".

Lauro Müller não foi homem de livros; confiava mais nas subtilezas do seu espírito e na habilidade incontestável da sua política.

Rio Branco, removendo triunfantemente as questões de limites territoriais, lançou bases as mais sólidas e largas à nossa política externa.

Lauro Müller se propusera a construir sobre esses alicerces, o edifício da nossa expansão e grandeza diplomática.

Rio Branco foi sagrado pelo gênio de Rui Barbosa, em deus Término das fronteiras da Pátria.

Lauro Müller, com o programa edificante de paz e confraternização que esboçara, teria talvez encarnado nos fastos da nossa chancelaria, o Hermes grego, o deus ágil das relações pacíficas e civilizadoras.

"AD IMMORTALITATEM"

Começara apenas Lauro Müller a gerir a pasta das Relações Exteriores, quando a Academia Brasileira o elegeu em um dos seus imortais a 14 de

setembro de 1912, exatamente para a Cadeira vaga pela morte de Rio Branco, a quem já ele sucedera nas elevadas funções daquele Ministério.

Só tomou posse, porém, a 16 de agosto de 1917, quase cinco anos mais tarde.

Muito se tem dito e escrito em torno a essa consagração do seu nome, no supremo areópago das nossas letras. Murmurou-se que não era letrado, e só entrara para a Academia como expoente da política ou da engenharia, acrescentando-se maliciosamente que levara por único título as obras do porto.

Na própria sessão, em que se lhe ia sufragar o nome, a mais agitada talvez das eleições da Academia, trovejava contra ele o verbo de Salvador de Mendonça, declarando perentoriamente: "ou a Academia tem hoje as suas Termópilas, ou abre-se a porta à invasão da Hélada", segundo rejeitasse ou não, a candidatura do ministro. Mas este venceu, por vinte e dois votos contra quinze.

Força é reconhecer que Lauro Müller não podia competir, em credenciais literárias, com o seu preclaro contendor, o Dr. Ramiz Galvão. Deve-se mesmo convir em que não foi ele um homem de letras, tal como são aqueles que no dizer de Rui Barbosa, passam a vida "na contemplação do belo, nos laboratórios da arte, no culto das letras pelas letras".

Neste sentido, porém, o próprio Rui, como sabeis, não se tinha a si mesmo em conta de literato, porquanto na sua vida, assevera ele, "as letras entram apenas como a forma da palavra, que reveste o pensamento, como a eloqüência que dobra o poder das idéias, como a beleza aparente que reflete a beleza interior, como a condição de asseio, que lhe dá clareza às opiniões, que as dota de elegância, que as faz inteligíveis e amáveis".

O mesmo, e, já se vê, com muito mais razão, pode-se afirmar de Lauro Müller. O que ele fez com os seus bordados de general fez também com o verde bácaro das lides literárias: preferiu-lhes a atividade política.

Dele escreveu o Sr. Medeiros e Albuquerque, em sua diáfana linguagem:

> Era uma figura deliciosa. Pertencia a uma raça de homens de valor, que gostam mais de ler homens e coisas, do que ler escritos. Porque nunca foi um grande devorador de livros.

> Clemenceau, pintando a oposição entre Poincaré e Briand, dizia do primeiro que sabia tudo e não entendia nada, do segundo que não sabia nada, mas entendia tudo. Lauro estava, não exatamente nas mesmas condições, mas muito mais perto desta segunda categoria. Entendia tudo, com muito pouca leitura.

O próprio Lauro Müller, aliás, de si mesmo atestara que era "mais afeito a fazer que a dizer".

Isto não obstante, tenho para mim que lhe não faltaram talentos intelectuais, para fazer jus a uma poltrona acadêmica: inteligência viva e cintilante, cultura não vulgar, e o que é mais, um estilo não só gramaticalmente correto, como também elegante nessa limpidez e concisão, que emprestam a muitos dos seus pensamentos um ar venerável de brocardos.

Bem pouco valeria este juízo, se não tivesse a corroborá-lo a autoridade inconteste do Sr. João Ribeiro, que assim fala: "Lauro Müller não cogitava absolutamente em ser acadêmico, ainda que as suas qualidades de espírito, de cultura e de bom gosto lhe estavam a indicar o posto, que honrou durante alguns anos."

E o Sr. Medeiros e Albuquerque acrescenta ainda que "se Lauro quisesse fazer literatura, tê-la-ia feito com superioridade. Foi com superioridade, que fez jornalismo, quando quis entrar nele".

Assim é que, ao recebê-lo aqui, na vossa ilustre companhia, pôde dizer-lhe, com a sua voz de oráculo das letras, o Sr. Afonso Celso:

> Há em vós um fino e esclarecido amador de arte, possuidor de uma das nossas mais escolhidas galerias de pintura, o que revela apurado senso estético. Há em vós um orador fluente, elegante, comedido, sabendo dizer o que quer, como quer, só o que quer, e quando quer, do que são prova os vossos inúmeros discursos diplomáticos, nos quais jamais escapou uma frase deslocada, uma palavra dispensável ou insuficiente. Há em vós, um delicioso *causeur*, e a *causerie* verdadeira, apanágio de poucos, é modalidade artística requintada, subtil, maravilhosa. Há em vós um homem espirituoso, arguto e solerte, de quem por aí correm ditos a Talleyrand, com a malícia, mas sem a maldade deste, antes, de ordinário, impregnados da vossa substancial bondade.

A herança literária do saudoso acadêmico, não é certo vultosa, mas basta a comprovar, até mesmo pelas simples citações que vão nestas páginas, a verdade de tais assertos.

UM SONETO

Dele nos restam ainda, assinalando florescências efêmeras da sua primavera de estudos, umas poucas de produções poéticas.

Se lhe não acrescentam elas florões à coroa literária, merecem todavia lembradas, revelações interessantes, que são, do seu espírito estudioso e culto.

Delas uma se destaca, profundamente significativa, porquanto, ao invés do que se podia esperar, não representa mera flor da sua fantasia, senão antes bela expressão do seu cérebro de moço. Dir-se-iam mesmo versos de um pensador.

Aludo ao soneto, já hoje histórico, escrito em 1887, na Escola Militar, para um concurso íntimo entre colegas do curso acadêmico. O tema, dos mais transcendentais, era nada menos que a existência de Deus, a ser tratado filosoficamente nos quatorze versos de um soneto.

Três dos concorrentes deram o seu trabalho à publicidade: dois em versos decassílabos e o de Lauro em alexandrinos. Este último diz assim:

Há mundo limitado e mundo indefinido...
Quem susta o pensamento, excede a Josué!
A ciência não pode, além do conhecido,
Deter a crença humana e derrocar a fé!

Dois mundos há no mundo: o cosmo dividido...
Aqui, eis a ciência: além, sempre de pé,
O incognoscível duro, imenso, soerguido,
Esfinge perenal, foi ontem o que hoje é!

Por isso eu sinto sempre, atrás das aparências,
Acima da ciência, acima da razão,
Um ser que vem na história, a par das consciências,

Mais belo, cada vez que o homem os dotes seus
Podia melhorar, formando a concepção
Do ser misterioso, a quem chamamos Deus!

Como se vê, à parte alguma idéia menos clara ou menos ortodoxa, algum desprimor de técnica, e tal ou qual aridez inerente ao assunto, a composição não é má, e como tal, inserida pelo senhor Laudelino Freire, no seu conhecido florilégio de sonetos brasileiros.

Mas o verdadeiro valor desses versos está no refletirem a mentalidade filosófica do jovem alferes. Sabe-se, de fato, que, por aquele tempo, o materialismo de Spencer e o positivismo de Comte agitavam apaixonadamente a alma da escola. As crenças eram vivamente atacadas em nome da ciência. Triunfava em quase toda a linha o ateísmo.

Não deixa, pois, de ser notável a atitude desse moço, que ali, em pleno teatro de negações e ruínas, proclama assim, num vibrar de versos fortes, verdades como esta:

A ciência não pode, além do conhecido,
Deter a crença humana e derrocar a fé!

Tem-se aí a impressão de que, ao concluir o soneto, num ambiente de escândalo, a sua alma estava de joelhos, diante desse "ser que vem na história, a par das consciências, o ser misterioso, a quem chamamos Deus".

CULTOR DO VERNÁCULO

Mas os versos de Lauro Müller lançam também um raio de nova luz sobre a faceta propriamente literária do seu caráter, no que concerne ao culto do vernáculo.

E a razão é que em nenhum outro exercício, como no versejar, tanto se evidencia o gosto em cultivar a língua, nem tanto se aprimora a pena no escrevê-la.

Aliás, já foi notado, em curiosa observação histórica, como a prática da própria versificação latina tenha influído beneficamente, à luz dos fatos, na escrita da língua francesa.

Verdade é que o hábito diuturno e quase exclusivo da linguagem metrificada, pode emperrar e dificultar a prosa. Mas não é menos verdade que, máxime no período da formação literária, o cultivo do verso, entremeado com o da prosa, possa aproveitar, e tenha, de fato, aproveitado aos maiores prosadores.

Escutemos a respeito a palavra de mestre do Visconde de Castilho:

> Com este tão fácil como agradável tirocínio (o da versificação), diz ele, se afaz o ouvido para escrever a prosa nacional com muito mais graça e afinação: verdade esta que poderá parecer nova e tontaria a alguém, mas que era já credo velho para Maury, para La Harpe, para Rolin, para Voltaire, para Plínio, para Quintiliano, para Cícero e para os mestres de Cícero, os grandes homens da grande Atenas.

E, com efeito, a arte de versificar não somente obriga a maior cópia de vocábulos, como também adestra no manejo da lima, a que dava tanta importância o velho Horácio e com ele os grandes mestres, afeiçoa o estilo a frases lapidares, e afina o ouvido para melhor dar aos períodos da prosa essa cadência, ora suave, ora forte, mas sempre harmoniosa, de que só o verso parece ter o segredo.

Haja vista o que sucedeu a Tácito, o insigne historiador, que esmerando-se naturalmente em dar exórdio solene a esse monumento das letras romanas, que são os *Anais,* entoou, sem o querer, a sua primeira frase, pelo ritmo épico dos hexâmetros:

Urbem Romam a principio reges habuere.

Não há mister alongar estas considerações, para encarecer a lição que se depara nesta página da vida de Lauro Müller.

Conquanto não pensasse em professar letras, procurou ele estudar a fundo o pátrio idioma, como o prova esse tirocínio poético e a correção dos seus escritos, marchetados, por vezes, de não poucas elegâncias.

É que bem compreendera não ser apanágio de literatos o conhecimento do vernáculo, tão útil, se não necessário ao homem público, cujas prendas e

prestígio tanto realça, dando-lhe clareza às idéias, propriedade aos termos, brilho às frases, precisão ao comando, energia às ordens, nobreza aos sentimentos, distinção ao trato, suavidade às negativas, eficácia ao discurso, encanto à palestra, e, enfim, todos esses efeitos mágicos da palavra, que se admiram nos grandes condutores de opiniões e vontades.

Tal é o exemplo, por sem dúvida oportuno e proveitoso, que a todos dá Lauro Müller, mas particularmente aos homens de Estado, como ele.

Não só estes, porém, senão os próprios homens de letras têm ainda algo a aprender na psicologia do notável político.

"UTILE DULCI"

Por pouco que se estude a vida de Lauro Müller, nota-se-lhe, desde logo, um espírito voltado para a realidade das coisas, e preocupado em realizá-las.

Traço característico, ressaía-lhe até no discutir as questões, porquanto, avesso a delongas, encaminhava habilmente soluções conciliatórias e plausíveis, o que valeu às suas opiniões a alcunha pitoresca de "estampilhas", para significar que, em geral, punham termo aos debates.

No trato das letras, como vimos, bem se pode dizer que só se utilizava delas, como quem pule e afia um instrumento para o trabalho.

Ele próprio, aliás, confessa algures de si mesmo que "não empregava em explanações de tese de governo o esforço e o tempo, que podem ser aproveitados na ação administrativa".

Vai nisto um belo exemplo, não somente a estadistas e políticos, alcandorados muita vez no lirismo das idéias, como também aos homens de letras.

A literatura não pode reduzir-se a mero diletantismo. A "arte pela arte" é legenda vaporosa e inexpressiva. Nos horizontes diáfanos das letras há de brilhar um norte mais luminoso!

Já não falo dessa literatura que por aí vai derrancando-se obscenamente em pornografias, verdadeiro crime contra tudo quanto há de mais sagrado e caro.

Falo dessoutra, que, embora não descambe em tais excessos, contenta-se de agradar, não se importando com aproveitar aos espíritos.

Esquece-lhe que a verdadeira divisa do brasão literário foi já traçada, há dois mil anos, em duas palavras imortais: *utile dulci*. É preciso aliar o útil ao agradável.

Dir-se-ia que a mesma sabedoria falou aí pela boca do velho Horácio. São dessas fórmulas imutáveis como a própria essência das coisas, ideal eterno, que há de sempre merecer o sufrágio de todos os séculos: *omne tulist punctum*.

Das minhas leituras de adolescente, ficou-me a cantar dentro d'alma um sonoro verso italiano, tanto me impressionara ele, desde a primeira vez que o lera:

Odio il verso, que suona, e che non crea.

É como se o poeta, aliás um reacionário, dissesse que odeia o verso, e o mesmo se diga da prosa, que se esvai na melodia dos sons esflorando as almas, sem penetrá-las, para criar idéias e plasmar caracteres.

E de fato, não pode o letrado desinteressar-se da sociedade, em que vive. Ora, a moral da juventude, a santidade dos tálamos, o culto da autoridade, as grandes aspirações da alma nacional e, enfim, todos os deveres para com Deus e a Pátria, são outros tantos interesses coletivos, contra os quais conspiram incessantemente as paixões humanas.

Faz-se, pois, de mister conservar sempre alerta contra a insídia desses assaltos, as virtudes fortes, em que se apóiam a família e a pátria.

Nesta cruzada sacrossanta não pode faltar, nem nunca alhures refulgirá melhor, o dourado espadim do homem de letras.

Que perversão, pois, e que tristeza não é ver a literatura, no afã de lisonjear perigosas sensibilidades, mancomunar-se, não raro, com essas mesmas paixões, açulando instintos que não carecem de estímulo, senão antes de freios e bridas!

LUMINOSOS EXEMPLOS

Quem há, pelo contrário, que se não entusiasme ao ver um imbele poeta como foi Tirteu, arrastando exércitos à vitória, ao só poder mágico do seu estro e dos seus carmes?

E como se não agiganta a nossos olhos a figura de Castro Alves, quando põe a sua lira e a sua musa ao serviço da Abolição, pleiteando no verso uma das causas mais nobres e santas da nacionalidade!

Assim pensando, tenho para mim que uma só das orações patrióticas de Bilac, acendendo o entusiasmo pelo dever e pelo sacrifício na alma dos moços, vale mais do que todos os seus versos de ouro, fazendo-lhes fremer o sangue adolescente em amores fáceis e quiçá impuros.

Uma das obras mais gloriosas da antiguidade pagã, afigurou-se-me para logo o *Hortensius*, de Cícero, dês que me foi dado ler o capítulo admirável, em que Santo Agostinho nos conta como esse livro, hoje infelizmente perdido, inflamara-lhe o espírito moço no verdadeiro amor da sabedoria.

O árdego mancebo, que até ali andava esfolhando em vôo rasteiro, por entre os rosais malditos do vício, as páginas de fábulas e retóricas fofas, sente desde logo, ao influxo da nova eloqüência, desapertarem-se-lhe aquelas como asas de águia que em remígios tontos a princípio, firmaram-se-lhe em seguida, e para sempre, na mais estupenda ascensão para o sol a pino da verdade.

Era a literatura do paganismo preparando providencialmente a inteligência do futuro doutor da Igreja, até que uma voz misteriosa, como sabeis, lhe deparasse os versículos predestinados da sagrada escritura, em que, por fim, se lhe revelou a sabedoria, em todo o esplendor da verdade e em toda a energia da virtude.

Bendito e mil vezes bendito o livro pagão, que assim salvou para a humanidade o gênio transviado de um Aurélio Agostinho!

Nem sei de maior glória, a que possa aspirar homem de letras, do que esta, a de orientar a mente e o coração das gerações renascentes, para o culto da ciência e da virtude, do dever e da honra, de Deus e da Pátria.

Praza aos céus que o senso prático das realizações, distintivo do caráter de Lauro Müller, venha caracterizar também a nossa literatura, tornando-a em mentora suave dos espíritos, na odisséia gloriosa da raça pelos séculos em fora.

O SEU PATRIOTISMO

Mas entremos, senhores, o mais brilhante capítulo da vida de Lauro Müller, onde se lê no alto, em versais de ouro, a sugestiva palavra: patriotis-

mo. São páginas claras e vibrantes, cuja sinceridade não sei como possa ter sido jamais posta em dúvida.

Refiro-me, como é fácil adivinhardes, à atitude por ele assumida no Itamarati, em face da formidável conflagração européia. Quis-se ver aí, na sua neutralidade, o influxo de tendências germanófilas, em colisão com os verdadeiros interesses da nacionalidade.

Nada mais falso. Pode a sua diplomacia ter errado. Mas, se errou, foi sempre cuidando de bem servir a Pátria. Nem o futuro, aliás, o convenceu do erro. Ainda em novembro de 1919, ao receber nesta Academia o Sr. Hélio Lobo, expunha ele, nestes termos cheios de convicção, o seu pensamento:

> Bem merecida foi a culminância que reconhecestes na nota do nosso Ministro Taques, sobre a estadia de navios beligerantes em águas neutras, a propósito do famoso caso Alabama, de que nos saímos, como sempre, com honra para o nosso pavilhão e conceituoso relevo para o nosso renome.
>
> Escapou-me escrever "como sempre" e já agora não me retratarei, sujeito embora à pena de vitupério, fazendo abranger no conceito os anos de neutralidade que o Brasil, em presença da mais generalizada e terrível das guerras, viveu – cauto e digno – em mórbido período, cuja convalescença, em graus diferentes para as diferentes nações, é nesta hora o pesadelo dos estadistas e os sofrimentos dos povos esgotados.
>
> Uma falsa modéstia, que poria a pessoa antes da Pátria, não autorizaria quem quer que fosse, para esconder-se, a calar, mutilando a história, uma prolongada ação que houvesse merecido de grandes e liberais nações o conceito de modelar. Não vai nisso senão o prazer intenso e profundo de haver mantido, sem desmerecimento, uma linha de conduta já incorporada, com lustre para o nosso país, no patrimônio das suas tradições.

Nutrisse ele embora, o que era natural, simpatias pela Alemanha, o fato é que soube colocar acima delas o seu dever cívico e humanitário, como o provam as apreciadas notas antigermânicas contra o bloqueio sem restrições e contra o torpedeamento do vapor *Paraná*; o seu modo de encarar o incidente do Brasil com a Alemanha, na Liga das Nações, e o seu horror ao "imperialis-

mo desenfreado, (são expressões dele em 1917), que está assassinando e incendiando a Europa e quase o mundo inteiro".

Referindo-se a Lauro Müller, fez o Sr. Medeiros e Albuquerque a seguinte declaração, num depoimento valioso, e, como sabeis, perfeitamente insuspeito: "não tenho e nunca tive a menor dúvida de que entre o Brasil e qualquer outra nação, o seu grande, o seu real, o seu indiscutível patriotismo nunca hesitaria".

Se isto não bastasse, aí está toda a sua vida, que foi uma vibração perene de patriotismo, perpetuado no ritmo cristalino dos seus escritos, outros tantos hinos ao Brasil e ao seu povo, ao seu passado e ao seu futuro.

LIÇÕES DE PATRIOTISMO

E o seu era um patriotismo sadio, que se não perdia em ditirambos à beleza da terra, nem, como dizia ele próprio, em "expansões equatoriais de exaltadas e imaginativas superioridades". O a que ele aspirava, era formar a alma da Pátria, no estudo da sua gênese histórica e na consciência dos seus grandiosos destinos. Ouçamo-lo:

> Bem é que o recordemos, para que os moços, que em livros universais aprendem ser a história a mestra da vida, se não esqueçam de que a história pátria lhes deve ser o mais amado dos mestres.
>
> Cada vez mais avigorados seremos, se melhor soubermos fortalecer o sentimento de nacionalidade, em contraposição à bastarda condição de filhos sem pátria, a que se aviltam espíritos desviados por um internacionalismo amoral, adquirido em viagens de prazer, ou sorvido em leituras, que só pela face brilhante, nos fazem conhecer as coisas exóticas. Para que não caiam nessa miséria orgânica, aos moços devemos ensinar o culto da língua – tão formosa e rica – que possuímos, e nela e por ela, como nas boas famílias se pratica, dizer-lhes o que possui materialmente a sua Pátria, que é a sua família entre os povos, para que conheçam o presente; e mostrar a cada geração o que ela é e representa, contando-lhes como foram e o que representaram os seus antepassados. Sobretudo nos turbados tempos que vivemos, nada parece mais necessário do que ensinar o Brasil aos jovens brasileiros.

> A preocupação suprema deve ser organizar a Nação, que não existe forte, senão fazendo fortes os seus nacionais. A primeira condição para essa realidade, é o sentimento de união entre os filhos da mesma terra natal, e o propósito, em tudo e por tudo, de lhes dar a primazia nas várias esferas da atividade, no âmbito da pátria.
>
> Foi pela união que os nossos antepassados, desamparados da metrópole desfalecida, restauraram a integridade pátria, numa luta de 30 anos. Nessa epopéia revigoro, por vezes, o meu espírito, pelo convencimento de que a energia do nosso povo não falhará à Nação em dias infortunados.
>
> Para que eles não voltem, é mister que, os sabendo possíveis, não os facilitemos com os nossos descuidos, e nem os provoquemos com os nossos erros. E maior não conheço eu que o de não ver que o máximo perigo, para o Brasil, seria o perigo brasileiro, resultante do progresso desordenado, órfão de uma educação nacional e falho de uma organização sólida e segura, amparada na subordinação constante de todos os brasileiros às leis liberais, que por nossa vontade nos regem, e no respeito invariável às autoridades que elas criarem.

Quanto não censurava aqueles que, no seu dizer, voltam do estrangeiro com os sentimentos nacionais "tão cobertos de contrafacções, quanto de etiquetas de hotéis as malas com que perambulam!"

O que ele desejava, era que "conservássemos a simplicidade e o comedimento das antigas maneiras, e também a de vestir da nossa gente, para que os nossos vindouros não se notabilizem no futuro pela algazarra das conversas e discussões, pelos desgarres ou arrebicados dos gestos, pela altura a que elevem os pés nas salas e salões, nem pela efeminada elegância cinturada, que faz o desespero daqueles a quem a idade vai arredondando".

São, como se vê, palavras de um patriota sisudo.

E era este patriotismo esclarecido, que o extremava no interesse por todas as coisas do Brasil, e para citar-vos uma reminiscência pessoal, lembra-me ainda como o ex-superior das Missões Salesianas de Mato Grosso, hoje bispo de Petrolina, o Sr. D. Mallan, contava-me, comovido, o carinho paternal, com que Lauro Müller recebera a visita de um jovem índio mato-grossense, e se empenhara eficazmente em prol da catequese.

Nem será fora de propósito afirmar que foi ainda o patriotismo, um dos sustentáculos da sua fé cristã, no meio da atmosfera revolta, em que se

lhe expandiu a flor ardente da mocidade. Bem conhecia ele os vínculos históricos e naturais, que enlaçam no Brasil, a nacionalidade ao catolicismo. Dele é este formoso pensamento: "em todas as casas, ao lado da *Ceia de Cristo* de Leonardo, que recorda a nossa comum filiação espiritual, deveríamos alçar todos, pobres e ricos, mas irmãos no amor da mesma terra natal, a *Primeira Missa*, de Victor, representação comovedora dos dias, em que o Brasil recebeu o batismo da fé, com que nasceu para o convívio do mundo".

E na curiosa poesia, de que nos fala o Sr. Medeiros e Albuquerque, dedicada a Pedro Álvares Cabral, e feita em colaboração por vários acadêmicos, a quadra escrita por Lauro Müller, é exatamente a única, por onde perpassa um hálito de inspiração cristã:

Foi no dia pascal dos crentes do Evangelho,
Que a Cruz veio contigo às terras do Cruzeiro:
Quando o gentio a viu, sorrindo, hospitaleiro,
Sorria o Novo Mundo ao Continente Velho.

Esta fé o acompanhou por toda a vida, e foi ela ainda o seu anjo à beira do mundo, quando, a 30 de julho de 1926, sob as bênçãos do ministro de Deus, desse mesmo Deus, cujo nome fizera timbre de gravar nos seus discursos mais solenes, exalou o grande espírito, aqui mesmo, no aconchego da terra brasileira, tal como ele sonhara ao escrever que "só na Pátria se pode morar e morrer, completando, sob o mesmo céu e a mesma paisagem, o ciclo que começou a vida".

PERORAÇÃO

Aí tendes, Senhores, num esforço pálido embora, a figura imortal, a quem hoje me cabe a honra de suceder nesta Cadeira, patrocinada pela musa clássica do Padre Sousa Caldas, e ilustrada pelos solstícios brilhantes de Pereira da Silva e Rio Branco.

E a vós, Senhores Acadêmicos, é que devo esta honra insigne, realçada ainda mais, não só pelo sufrágio extraordinário, com que ma conferistes em

primeiro escrutínio e primeira eleição, como também pela escolha feliz do nobre confrade, que em vosso nome vai receber-me nesta Casa, o Sr. Ataulfo de Paiva, em quem todos reconhecem um árbitro das elegâncias, tanto das letras como das maneiras fidalgas.

Assim é que a palavra se me enflora aqui espontaneamente na expansão dos mais vivos agradecimentos, que vos aqui deixo consignados, e dos sentimentos da mais profunda admiração e enlevo, com que hoje penetro os umbrais solenes da Academia.

E eis que uma reminiscência aqui me empolga, inspirando-me estas últimas páginas.

Não há muito que estes muros ouviram, em sessão magna, como esta, a oração blasfema daquele, que renegando os princípios da beleza espiritual do cristianismo, foi jurar aos pés de uma deusa falsa, na Acrópole de Atenas, uma profissão de fé literária, pagã e fútil.

Vazada embora em moldes helênicos, não passa toda ela de uma dança mágica de palavras à flor dos lábios, porquanto ele próprio confessa que dentro, nas profundezas da alma, como os sinos da lendária cidade de Is, submersa no mar da Bretanha, cantavam-lhe ainda as crenças de outrora, e o seu coração, bem que dilacerado pela dúvida, repetia-lhe sempre, como a lira de Orfeu, o mesmo estribilho santo dos amores cristãos da sua infância e da sua mocidade.

Permiti-me, pois, que também eu, sem o brilho do fascinante estilista francês, mas com todas as veras da minha alma, venha professar perante vós a simplicidade do meu credo literário.

ORAÇÃO NA ACRÓPOLE

Senhores:

Ao entrar para a Academia, senti que, também eu, galgava as alturas de uma acrópole, não de uma acrópole em ruínas, mas acrópole imortal, onde os Propileus não perdem a elegância ática dos seus mármores, e o Partenon cristaliza para sempre o sorriso divino da beleza. É a radiosa acrópole da nossa arte literária, da qual vós, Senhores Acadêmicos, sois as colunas vivas e gloriosas.

Tal como o peregrino do país bretão, áspero de rochedos e ventos, também eu venho de longe, mas dos sertões cheios de sol e de flores, onde o cristianismo aclimou os seus ideais de celeste poesia, tão bem como naqueles mares sombrios do norte, ou sob os céus claros e risonhos da Hélade.

Mas não venho maldizer como ele, senão antes abençoar num hino de gratidão e amor, esses "sacerdotes de estranho culto, provindo dos sírios da Palestina", que educaram a minha juventude, e, há duzentos anos, lá vão traçando nas solidões bravias da minha terra algumas das mais fúlgidas estrofes da nossa epopéia bandeirante.

Os templos que lá eles ergueram, não são "fantasias de bárbaros, que se esboroam ao cabo de quinhentos ou seiscentos anos"; mas são desses monumentos imperecíveis no seu simbolismo eterno, cujas harmonias fundiram em lágrimas o coração do grande Agostinho de Hipona, e cuja eloqüência sobrehumana tem arrebatado a alma artística dos Huysmans, no surto maravilhoso das suas ogivas e dos seus símbolos para o azul do infinito.

Não venho como ele, apostatar desse culto, cujo encanto nem ele próprio soube negar, o doce culto à Virgem Maria, Ela, a "Estrela da manhã", no céu da minha infância, a "Torre de marfim" dos sonhos mais puros da minha adolescência, a "Rosa mística" dos meus cantares de moço, a "Casa de ouro" das minhas esperanças; Ela, cuja formosura esplende nos séculos, através das telas incomparáveis de Rafael; Ela, a musa do Tasso, a que não coroa a fronte com os louros caducos do Helicão, mas com as estrelas imortais do céu; Ela, a suprema inspiração do Dante, no êxtase luminoso do Paraíso.

Não venho, em suma, abjurar nas aras de uma arte agonizante os cânones sublimes do cristianismo, os quais, longe de contrariarem a verdadeira arte, a espiritualizam e elevam, convencido como estou de que a mesma expressão grega da beleza, como a romana do direito, mais não foram do que o natural aperfeiçoamento da humanidade, para o batismo resplandecente do evangelho; da mesma forma que a argila bruta do éden amoldara-se nas feições do primeiro homem, para receber na fronte o sopro divino da vida.

Venho, sim, denunciar perante vós essa literatura do cepticismo e da dúvida, literatura que, por parecer original e profunda, blasfema de tudo que é sagrado e puro, de tudo que ignora ou não quer entender; literatura incons-

ciente, que forja frases como esta: "Ó abismo, tu és o único deus!" como se também o nada não fora um abismo.

Mas creio na literatura da razão e da fé, da esperança e do amor, da religião e do patriotismo; creio na literatura, que é uma alavanca de ouro elevando os corações para o ideal e para a virtude; creio na literatura, que, à semelhança da olímpica Hebe, propicia aos espíritos, em vasos de filigrana, os manjares da imortalidade; creio, enfim, na literatura, que à imitação dos cânticos de Moisés no deserto, acompanha, orienta e suaviza as marchas gloriosas da civilização, para a Canaã dos seus eternos destinos.

II

DISCURSOS ACADÊMICOS

MONSENHOR,

Em seu labor fecundo e intérmino, a Academia, instituída e formada para recolher e exaltar os mágicos triunfos do talento, jamais foi buscar em plaga tão ocidental e, raro, em sítio tão distante, para compor integral e harmonicamente o seu quadro orgânico, um gentil homem das letras, figura assim de genuíno literato.

Pertinaz nos seus anseios de perfectibilidade, inflexível no seu empenho de premiar, incentivando, as demonstrações soberanas do cultivo da língua e da literatura nacional, compraz-se a Academia em vencer as mais largas distâncias e atrair ao seu seio, quente de entusiasmo e satisfeito de glória, como neste momento, o patrício ilustre que, numa hora de tamanha elevação espiritual, a enche de verdadeiro encanto.

A ditosa terra do recipiendário não é hoje um "fim de mundo" que o bravo viajor só atingir possa depois de vencidos mil obstáculos, quiçá outros tantos perigos. Para aquelas regiões já vimos, com os nossos olhos, alçar o vôo, mansa e majestosamente, pondo à prova a audácia e a resistência humana, a águia moderna, que, rumorosa, atravessa nuvens e suporta tempestades, a devorar quilômetros por minuto, num deslizar vertiginoso, em que aproxima povos e ativa os sentimentos do amor.

A viatura alífera pode vencer em horas o percurso que medeia entre o coração pátrio que nos agasalha e a metrópole provinciana assente no maravilhoso e sobranceiro palmar dessa linda terra, "terra noiva do Sol". Mato

Grosso, cuja configuração se assemelha à do próprio país de que é porção inseparável e guarda de extensa fronteira, oferecendo das suas fartas e úberes entranhas o ouro, colhido outrora à flux, o diamante e mais gemas, as essências da mata e outras preciosas espécies da flora, é reservatório colossal de precioso e incalculável valor.

Riquezas tão copiosas pela Natureza entesouradas em uma região onde pródiga também ela foi na distribuição dos cursos de água, agigantados aqui e ali, e nas formidáveis estagnações, que pompeiam a espaços a portentosa *Victoria régia*, eram como um índice seguro de que o solo abençoado, sob que jaziam, possuía condições para ser o imponente cenário em que viria à luz um espírito fadado a altos destinos.

Milhares e milhares de léguas do nosso vastíssimo interior são, por certo, motivo de justo orgulho para quantos se deliciam com a idéia de grandeza territorial da pátria amada. Ai, porém, de quem precise comunicar-se com os nossos dilatados sertões! Sulcados por inúmeros caudais, que o barco, raro, corta, e cheios ainda de florestas quase inextricáveis, têm eles, à parte a doce e suave poesia que estas trescalam na sua robustez virginal, um viver de modorra e de quase esquecimento do mundo.

Até onde chega a locomotiva, parece haver um frêmito de animação e uma aura assecuratória dos proveitos da civilização. Mas – para que iludir-nos? – o correio é tardonho; as estradas, uma *via sacra*; o telégrafo, soberbo na sua discrição, míngua as notícias. Sem embargo, somente o caminheiro resta impávido; e ninguém é capaz de dissuadir o sertanejo, testo mas pervicaz, espelho da raça, de um propósito de viagem pelo mato adentro. Embrenhando-se pela floresta, atravessando, intrépido, grandes águas, galgando encostas, pousando, indiferente, em abrigo ou ao relento, ele só se detém no termo da jornada. E, se este demora num gasalhoso, ameno e culto *Senhor Bom Jesus de Cuiabá*, bastas reflexões hão de acudir-lhe à mente, ao considerar, não sem largo e pesaroso suspiro, quão longe está, na realidade, mesmo com os prodígios do aeroplano, o término feliz dessas rudes derrotas ao longo das selvas bravias e remotas.

A boa e civilizada gente do grande Estado ocidental, só há pouco, em data recentíssima, teve a sacudi-la um espetáculo novo e deslumbrante. Madrugara, na placidez dos seus lares. Senão quando, erguendo os olhos e

procurando no céu o que na terra, embaixo, pressentia não encontrar, viu, atônita, pairar entre as nuvens, a zumbir qual inseto ciclópico, uma ave misteriosa, de proporções nunca vistas.

Pássaro branco? Pássaro verde? Pássaro azul? Nada disso. Uma passarola tricolor, – verde, branco e vermelho, – as cores do lábaro da Itália. Era o vôo da raça latina distendido brandamente sobre as lendárias florestas virgens: – demonstração viva do poder da fé, na execução perfectiva do belo sonho de Bartolomeu de Gusmão, que se concretizava naquele "*Santa Maria*", dirigido pelo nobre De Pinedo, em audaz remígio desde as brisas balsâmicas do Mediterrâneo, adejando, na sua rota atrevida e gloriosa, curioso e maravilhado, até avistar ao longe os "itambés dourados da Chapada".

Pairando, entanto, àquela altura, mal sabia o famoso e intrépido aeronauta que por ali perto estava, quiçá, em sua igreja do Bom Despacho, a formular preces pelo sucesso do aventureiro do espaço, um príncipe da Igreja cujo trono máximo se ergue realengamente na Cidade Eterna, onde o salutar bafejo da Universidade Gregoriana lhe não pudera sopitar, antes acalentar viera, em boa hora, os arroubos do sonho aos primeiros arpejos da inspirada lira.

Se a aeronave despertou, na alma do feliz rebanho, a funda emoção de um mistério que se dilui numa armação rija, entre regras de mecânica e de aeronáutica, bem possível é, também, que ao querido e virtuoso pastor, sabendo-a a cortar a imensidade celeste, houvesse acordado, com a benigna impressão do azul fascinador – desse azul que tantas vezes nomeia nos seus carmes, – indômitas saudades da legendária terra onde o seu coração amantíssimo vibrara primeiro à doce inspiração da musa angelical.

E a província ocultava ao grande mundo o bardo místico que, no silêncio augusto da cela, dava aos estos da flórida imaginação um curso, em mimo e auso, tão elevado como o que, em altura, seguia o aparelho aerostático.

A província, isolada por acidentes naturais, a centenares de léguas do coração de um país de oito e meio milhões de quilômetros quadrados, abranja embora um sexto dessa área, se a não aviventa o sopro de progresso intenso que de dia em dia e cada vez melhor a aproxime dos vastos centros da atividade humana, é atroz degredo em que só não sucumbe quem jamais haja sentido o voluptuoso contacto dos grandes focos de civilização, sorvendo-lhes, na plenitude, os doces amavios.

Sem a contemplação dos ilimitados horizontes, que se descortinam das amplas metrópoles, o espírito sequioso de luz ou, ainda, apercebido de dons, longe das magnas oficinas do pensamento ou das massas de escol em que rebrilham sábios julgadores, se não tem a iluminá-lo algum estranho facho que o gênio ateie, pouco e pouco desanima e se abate, definha e se retrai, obscurece-se, esteriliza-se, até engolfá-lo o marasmo, passo vizinho da morte.

Os pássaros azuis, verdes, brancos ou vermelhos que se alimentam de essência podem, como que miraculosamente, transpor, com velocidade fenomenal, águas e terras, abrir caminho à civilização encurtar distância aos transportes, as relações sociais. E em tal empresa nada os supera, nem sequer iguala. Passar, porém, caudalosos rios que cimba alguma corta, penetrar florestas e cerrados que cipós e lianas tornam inextricáveis, vencer chapadões, e, demais, retificar mapas e levantar novos, demarcar estradas, trazer ao grêmio civilizado os nossos irmãos selvícolas, inteligentemente, afavelmente, como lídimo democrata, amante da ciência ao coração aliada, disso é capaz um Rondon, por seus feitos, benemérito da Pátria e da Humanidade.

Não viesse, entanto, o preclaro General, guiado pela sua extraordinária visão, à capital do país, não falasse, não escrevesse para o grande público, não subisse à tribuna das conferências, para ser ouvido por toda uma multidão de curiosos entremeada de cientistas e políticos, não recorresse às projeções luminosas, para mostrar ao vivo, com os resultados dos seus árduos e ingentes esforços, as maravilhas e o estado real dos nossos abandonados rincões, e ninguém, cá fora, chegaria a ter exato conhecimento de tão notáveis façanhas e a proclamar *urbi et orbe* o excepcional merecimento do seu autor.

É que a Capital constitui, por excelência, o núcleo em que se alteia a tuba da glorificação, como centro máximo de expansão, de vida, de difusão. Se "a Literatura e a Arte são, no bom e no mau sentido, cortesãs", como algures se avançou, bem mais segura, iniludível, é a "ação cultural das populações citadinas do centro", na frase de um erudito escritor e crítico acatado, o Sr. Tristão de Athayde. À Capital, sede dos mais formosos e variados monumentos, – como estes, fonte de perenes sugestões, – aí não está imprimindo pasmosa atividade o mais hodierno e popular instrumento de correspondência universal – a radiotelefonia, – quotidianamente falando, cantando para o país inteiro?

Sem o feliz agasalho ou a soberana consagração da Capital, quanto tempo teriam aguardado *os* lauréis da Fama *os* provincianos ilustres – para citarmos apenas os desaparecidos da vida objetiva e só alguns – Gonçalves Dias, aqui imprimindo os *Primeiros* e os *Segundos Cantos*; Alencar, escrevendo na Tijuca o *Tronco do Ipê* e *Sonho* de *Ouro*; Rui, Joaquim Nabuco; Castro Alves, celebrizando-se em São Paulo e aqui encontrando eficaz acolhida em Machado *de* Assis e Alencar? E Capistrano de Abreu – o superno historiógrafo e festejado lingüista, retraído e solitário, cuja tumba ainda rorejam as lágrimas quentes das saudades que deixou? Mestre de mestres, se – para preparar, embora sempre recolhido, a sua vastíssima erudição, – não viesse para aqui, deixando a luminosa terra dos jangadeiros, onde é realidade a vida espiritual dos seus filhos, – não sei se nos seria dado prantear, como agora, fortemente apertado o coração, um dos mais privilegiados cérebros que se têm consagrado à literatura e à ciência.

Lícito nos seja, entanto, obtemperar que a regra – da difícil expansão intelectual provinciana, assim em termos de se estabelecer, dada a persuasão das premissas, – não foge, por boa, também à regra: registra exceções. E mal não deve haver que confessemos, na melhor intenção, aliás, que do nosso conhecimento são, entre outros, que a lista formam, dois casos típicos, admiráveis, raríssimos nos anais literários, pelo brilho extraordinário de que se revestem: recente um; ambos, porém, quase contemporâneos.

Duas celebridades se formaram na taciturnidade do seu recesso, – praieiro o de uma, campesino o da outra, – e a província mesma, onde desabrocharam, sem que nunca houvessem vivido cá fora, lhes sagrou os nomes em aclamações que ainda hoje reboam triunfalmente até no coração do país. A primeira... Já lhe adivinhastes o nome, Srs. Acadêmicos: vislumbro-o na fulguração dos vossos olhos, que se incendem à simples evocação, velada embora, de um vulto que vive em nossa imaginação e viverá para todo o sempre, na de quantos tiverem haurido no manancial das letras e da ciência a seiva vigorosa que elaborou: – o mestre eminente que foi Tobias Barreto, – salvante da sua obra, claro está, as ímpias e extravagantes tiradas, que aos espíritos sinceramente amantes da crença não é dado aplaudir.

O glorioso chefe da Escola do Recife jamais quis pontificar na terra de Mem de Sá, cujos tradicionais encantos, patenteando as esplendorosas dádi-

vas da pródiga Natureza, a incitar o Homem ao culto incessante do Belo, não possuíram, contudo, o condão de tentá-lo. É que o mestre genial não se dignava de descer até nós. Ansiosos de abeberar-nos nas suas sábias lições, nós é que tínhamos de ir até a ele. A mocidade acadêmica do sul, tornando usança ir à capital pernambucana estudar certos anos do curso jurídico, voltava embevecida das suas preleções, dominada pelo seu verbo altíloquo e vasta ilustração, e convertia-se, justiceira e reconhecida, no mais intenso propagandista do seu talento.

Regressando da peregrinação escolar, bem-aventurados por terem comungado com o exímio sergipano nos seus profundos estudos, os jovens excursionistas volvem, jubilosos, ao sítio donde partiram, formando valorosa falange que em toda a região meridional havia de proclamar a grandeza do astro que os deslumbrara às margens do Capiberibe.

Tobias Barreto, mestre, orador, poeta e filósofo, não precisava, pois, sair da sua província para resplandecer.

Pouco mais tarde, reinante ainda a ordem monárquica, e, depois, já em dias da República, vozes autorizadas, aurifulgentes, fazem-se ouvir, cheias de ardente fé, qual se abrasadas fossem pela sublimidade de uma nova idéia: e é então que quase toda a Escola do Recife, obedecendo à mesma senha, se encaminha, radiosa e potente, para o Rio de Janeiro, a falar sobre o provecto e acatado professor, o orador terso e facundo, o polemista, o crítico vibrante, o poeta dos *Dias e Noites*.

À testa da forte plêiade colocou-se Sílvio Romero, de viseira erguida, impávido e sereno, desvelando em serviço da causa a sua vasta erudição; e, fiéis à doutrina e orientação do Mestre, cujas pregações sugestivas e harmoniosas souberam destramente assimilar e com êxito completo difundir, vieram para a propaganda vigorosa, ativa e permanente, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Inglês de Sousa, Graça Aranha, Urbano Santos, Martins Júnior, Fausto Cardoso e outros.

Razão, pois, me assistia quando, acorde com a primeira restrição, declarei que Tobias Barreto, para irradiar a luz do seu gênio pelo país inteiro, não precisava sair da sua cara província.

Eis-nos agora em face da outra exceção à regra das celebridades literárias circunscritas à província.

Voltai-vos para o ocidente do Brasil, para a região dos Guaicurus, éden dos naturalistas, meta dos bandeirantes, estação terminal sonhada pelos caçadores de esmeraldas, onde a majestade do cenário patenteia prodígios da Criação, e prenuncia o advento de novas grandezas de toda ordem na frutificação da inteligência humana.

Aí, "sob os flabelos reais de mil palmeiras, tão verdes, sobranceiras e lindas como alhures não as há, sobre alcatifas da mais verde relva em meio à verde selva", qual inspiradamente canta a *Cidade verde – Cuiabá* – o filho seu dileto que a vida e o coração à Igreja consagrara; aí, na pureza de um sacro eremitério, espírito sempre voltado para o azul dos céus, na beatitude fervorosa de um crente feliz, ides encontrar, mente às Musas dada, esse cantor do filial reconhecimento, o poeta de *Terra Natal*.

Vede-lhe a formosa cabeça, de linhas harmoniosas, onde os cabelos alvinitentes, emoldurando rosto em que se espelha exuberante mocidade, são antes índice de invejável nobreza, e os olhos, grandes e luminosos, que parecem, a quem fitam, ungir de paternal piedade e afeto; reparai-lhe no talhe esbelto, que mais alto sombra sob a violácea capa viatória sobreposta à loba, envolta pela faixa episcopal, e nas mãos patrícias e aveludadas que afagam na saudação como na bênção, no aspergir como no declamar; aproximai-vos dele, – e sua pessoa vos comunicará, a par de um saudável equilíbrio intelectual, de uma polida distinção, – invejável segredo das naturezas superiores, – a mais funda, a mais viva, a mais luminosa, a mais insinuante simpatia. É um antístite da Igreja, filho de Dom Bosco: – é Dom Francisco de Aquino Correia.

Para ufania vossa, Monsenhor, sois essa outra exceção na república das letras pátrias: vitória do espírito, celestialmente e longe iluminado, que, recolhido em silenciosas paragens, súbito, transpõe barreiras, galga o espaço e se acolhe em regaço de prestigiosos confrades.

Deixai, porém, que, por momentos, vos contemplemos no manso redil da igreja. Ali, cercado e querido das suas amadas ovelhas, que em tempo algum conheceram mais solícito e angelical pastor, Monsenhor, extático, vela, acalentando as Musas bonançosas e tentadoras como, para as almas de eleição, é a própria Virtude.

O ilustre Salesiano, fiel aos preceitos da sua venerável Congregação, agita-se incessantemente, educando, curando e salvando almas, socorrendo

necessitados, despertando iniciativas, no afã incansável do lídimo obreiro do Bem.

Senão quando, ao celebrar-se o centenário da nossa independência política, aqui desponta um clarão de luz perenal, suave, acompanhado de harmonias líricas inebriando a Cidade. São os versos prelatícios que chegam: é o livro verde. Surge o Poeta.

Cinco anos se escoam apenas. Quem quer que haja lido *Terra Natal* conter-se não pôde indiferente ante a revelação do bardo que brandiu o plectro em plaga tão remota, fremindo de são patriotismo, sem outras armas além do seu vívido amor ao solo que o viu nascer, a sua impertérrita virtude e aquela esperança por ele erigida em décima musa do Parnaso.

O julgamento da obra – pavor e tormento dos escritores novos – deve ter despertado no Autor as emoções mais gratas. Pleno foi o sucesso que lhe assinala o reduto crítico do jornalismo, de onde, sob o título *Registro Literário*, empunhando, indefesso, a férula de Aristarco, lançava virilmente suas palmas o terror dos noviços que era Osório Duque-Estrada, de saudosa memória.

Ei-lo percorrendo, "embora sem prevenção", mas com "acentuada desconfiança" (di-lo, sem rebuço), as primeiras páginas da brochura, na qual se davam à luz da publicidade versos de um poeta para ele "até então desconhecido" e – incrédulo, acrescenta, com malícia, – "além de tudo, arcebispo"; ei-lo para logo proclamando que figuravam no volume algumas produções suficientes "para revelar um escritor de real talento e cujo espírito se alteia, por vezes, a regiões muitíssimo elevadas".

O severo julgador, que o espírito revolucionário da época reputava um crítico vermelho, "pasmou, certamente, de se lhe deparar, como afirma, 'um bispo a dedilhar as cordas da lira em plena manhã do século XX'; mas, – timidamente embora, importa ponderar, – assim pasmou porque não vira as *Odes* do mesmo augusto menestrel, em cujo belo 'Prelúdio', composição admirativa, se acha finamente justificada a conciliação perfeita entre o báculo e a lira, quando tem a patrociná-la a figura hierática de um poeta qual Leão XIII".

Era de ver, porém, como lhe sorriram logo o hino "bem torneado e sonoro" entoado ao glorioso berço e os formosos sonetos que à satisfação de

transcrever não se furtou, – este "que qualquer dos nossos bons poetas assinaria"; aquele, que se lhe afigurava "melhor, talvez, do que esse", – os quais por si só "bastariam para elevar acima das produções vulgares a obra de D. Aquino".

O fino perfume que sente evolar-se de versos tão fluentes convida-o a prosseguir o folheio, no qual outras produções se lhe denudam "que serão lidas com prazer pelos mais exigentes em assuntos de arte e de poesia", e, nesta altura, dá o soneto *Três Lagoas,* "inquestionavelmente obra de verdadeiro poeta" e "capaz de impressionar qualquer leitor e grangear para o Autor um lugar de honra no Parnaso", tais as suas expressões.

Mais e mais dominado pela rara beleza da obra singular, traslada *Pantanal*, *A Lufada*, e *Rio Madeira*, para realçar e melhor comprovar, no seu dizer, "os predicados evidentemente pouco vulgares que patenteia o Autor como paisagista vigoroso e capaz de interpretar, ao mesmo tempo, a alma das coisas e a poesia da natureza".

Afinal, no auge da aclamação, indiferente à própria disciplina acadêmica, e como arras do seu contento, ele, que não ressumava blandícias nem complacência, não trepida em descobrir de público o seu voto, – e aponta ao Poeta uma Cadeira nesta Academia. Mais não se poderia dizer.

Coisa curiosa! À sagacidade profissional de Osório, afeito à respiga e joeiro diário, homem de imprensa, fiel amante de livrarias, havia escapado o juízo que acerca de uma outra obra – *Odes* – e do mesmo autor, cinco anos atrás, emitira, em um dos seus folhetins de mestre da crítica, o sábio Sr. João Ribeiro.

Nem uma restrição opôs este consagrado filólogo ao primor dos versos. O seu louvor, completo e sem tibieza, o absorve todo naquele dia, fato esse menos comum em crítico da estirpe de João Ribeiro.

Observai com tento as suas expressões. Amando e sentindo a grandeza da antiga poesia sagrada, e reconhecendo que "todos os sentimentos e coisas nobres inflamam o nosso poeta, – a religião, a pátria, a mocidade, o heroísmo, a bandeira, o sacrifício", – colhe o grande crítico na obra em apreço os motivos do seu juízo, proclamando, afinal, que "a lira sagrada, emudecida há mais de um século, desde Sousa Caldas, em todos os recantos onde soa a língua portuguesa, vibra agora novos acentos, com o vigor, com a meiguice e doçura

de um renascimento da Fé", pois, em verdade, conclui, as poesias de D. Aquino "dão à Igreja brasileira o seu primeiro poeta".

Tarefa, portanto, mais grata não se nos pode antolhar do que a de folhear, com o carinho devido a delicados lavores, as inspiradas páginas do cantor antístite, cuja *Terra Natal* é um tesouro de arte, tornado mais precioso pela cívica inspiração que o anima inteiro. Cada composição que encerra é uma jóia burilada por mão magistral. "Bandeirantes", "A monção", "Véu de noiva", "Ninho em flor", "Tapera", "O boi cuiabano" são vôos de alma de verdadeiro bardo.

Nas *Odes*, em dois volumes, enfeixou ele as raras sobreviventes das suas produções primevas e ulteriores cantos, todos de graça sutil e sublimada inspiração, "transportes deliciosos de uma alma de noviço, de sacerdote e de Bispo, para quem Deus é o ideal dos ideais, a Poesia infinita, pela qual tudo é belo, e sem a qual tudo é nada..."

Os encantos, portanto, do trovador que hoje temos a fortuna de receber revelam-se nas *Odes* de maneira triunfal como no primeiro livro citado. "Ao Divino Mestre", "Musa celeste", "Morrer! dormir! sonhar!", "O lázaro", "Caveira idolatrada", são jóias que a outras se unem para formarem o escrínio de *Salmodias*; "Alvorada", "O Colégio do Carmo", "A perdiz e a jaó", "As mimosas sensitivas", "Filomela" e ainda outras constituem o de *Melodias*; e "Deus", "Natal", a "Inveja", e outras mais, acompanhadas de excelentes versões do latim, italiano, espanhol e inglês, com o remate de composições de métrica latina, que Monsenhor burilou nos seus tempos universitários de Roma, são as *Rapsódias*, última parte do admirável trabalho.

Nas resplendentes belezas que pompeiam as suas mágicas produções, cada qual mais apurada e tersa, mais diserta e iluminada, o poeta e o prosador se ombreiam.

O seu fundamental título de glória reside precisamente na elegância e esmero da linguagem, fiel espelho de entranhado amor ao Belo, de que lhe irrompeu, em memorável sessão para instalar o "Centro Mato-grossense de Letras", o apelo ao estudo do vernáculo e ao cultivo da forma e do fundo literário.

A Cadeira que nesta Academia tem por patrono o Padre e Doutor Antônio Pereira de Sousa Caldas, primeiro e mais abalizado intérprete da

poesia sagrada na literatura portuguesa, segundo o conceito de Fernandes Pinheiro, e notável pregador, cuja voz tão funda e santa comoção causou às seletas assistências que, um século atrás, se apinhavam na igreja de Santa Rita, ereta nesta cidade, reveste-se hoje das galas mais faustosas para alojar o seu novo ocupante, também padre e doutor, poeta e pregador, elevado, porém, pelos seus méritos excepcionais, à nobre dignidade de Arcebispo de Cuiabá.

Estranho não pareça que, antes de receber com as honras de que é merecedor o eminente prelado, praza à Academia acolher o lúcido trovador, exímio cultor da linguagem e fino artífice do pensamento.

Em uma das maiores solenidades com que nos deslumbra a Igreja Católica, qual a da pomposa sagração de um Bispo, avassalado pela majestade da liturgia, perdido embora em meio à nave de suntuosa catedral, apenas ressoantes as primeiras harmonias do grandioso *Ecce sacerdos magnus*, – e antes mesmo que os olhos se embevecessem no contemplar a régia ascensão do glorioso antístite ao sólio, – sem dúvida, sentiríamos nós, católicos, dobrarem-se-nos os joelhos, na submissão beatífica do crente, e pulsar-nos mais forte o coração, numa reafirmação pura de fé.

O humilde confrade que ora tem a palavra e espera, dentro em pouco, gozar a suprema honra de estar ao lado do recipiendário, fremiria, satisfeito, se naquele augusto momento, por um movimento mais de disciplina religiosa, e em penhor de filial piedade, pudesse opor um terno ósculo no anel simbólico e sagrado.

Neste cenáculo, porém, – onde as pompas do rito literário encantar também soem duradoura e soberanamente, – a entrada do Poeta, sobre acordar dulcíssima comoção, representa, por sua vez, a marcha triunfal do lídimo dignitário do alto clero, em sua rútila trajetória para o Ideal. Nunca serão menores as homenagens e reverências a tributar-lhe, numa expressão de fé nos destinos da cara pátria, nem menor será talvez o seu contentamento e justo orgulho.

Protraindo, pois, para breve espaço, as honras a conferir ao Príncipe aureolado da Igreja, a Academia, – por que não o dizer? – timbra em asseverar, antes de tudo, que tem hoje ingresso no seu seio a figura indiscutível de um literato do maior tomo, imbuído da supina aspiração do culto do Belo por amor da Virtude.

Muito há que, em nosso país, jaz adormecido o estro sacerdotal, sem que se possa facilmente atinar se os eternos temas de índole religiosa, moral ou cívica não mais apaixonam as naturezas sonhadoras, sequiosas de perfeição, nem se os problemas sociais, cada vez mais complexos, em permanente desafio às almas de eleição são vistos já eivados de prosaísmo, nem mesmo se os espíritos mais cultos se deixam ainda absorver em profundas cogitações.

José Veríssimo, de saudosa memória, mostrava-se quase sempre injusto em extremo ao referir-se às coisas e aos homens da nossa Igreja; mas, um dia, o respeitado devoto da história da literatura nacional (com que dor no coração o lembro!) não deixou de ter certa razão ao argüir que nenhum feito notável dos que a História Pátria regista, engalanada, mereceu do nosso clero as honras de uma epopéia, de uma ode, de um hino... E ele então lembrava a Independência, as lutas pela liberdade, os episódios de guerra, a abolição dos escravos, e outros.

Dir-se-ia que o clero nacional guardou a sua sabedoria, além das suas acrisoladas e reconhecidas virtudes, para o labor silencioso do claustro ou do templo, para o ministério do púlpito, para a catequese, como, em tempos idos, para os martírios políticos, nas revoluções em prol da Independência e de outras causas nacionais. Com isso, esqueceu as Musas.

Quem quer, todavia, que cioso das nossas coisas e da nossa gente, perlustre, de ânimo desprevenido, os fastos, já consideráveis e magnificentes, da nossa história de povo independente, há de encontrar em abundantes páginas, a derramar sobre elas, no serviço da religião, da ciência, das letras e da política, o candor do seu zelo e da sua caridade, os estos da sua inteligência e da sua sabedoria, as cintilações do seu engenho e da sua eloqüência, os ardores do seu patriotismo e até do seu martírio, um sem número de representantes do clero católico, secular e regular, desde os mais graduados aos mais humildes, vencidos uns, vencedores outros, todos, porém, recobertos sempre de honra e lustre.

Onde, porém, entre os inúmeros servidores notabilizados da religião, os Poetas? Claro que não aludimos aos simples versejadores nem a alguns raros, raríssimos, levitas que, de quando em quando, conseguiram vagas produções em caprichosos momentos de piérios devaneios.

Onde os versos que celebrem tantas ações e feitos patrióticos, como os que têm marcado a nossa história de povo em formação, ou cantem glórias outras, virtudes humanas, fados ou o imenso manancial do Belo que é a Natureza? Pois a figura de Tiradentes, quase religiosa, na frase de Dom Duarte Leopoldo; a do Padre Miguelinho, a do Padre Roma, a do Padre Mororó; a Confederação do Equador, com esse extraordinário Frei Joaquim do Amor Divino Rabelo – o Frei Caneca, – que, no seu apostolado, soube aliar a fé com o patriotismo e cuja morte foi a de um mártir, – não são monumentos de inteireza e abnegação, merecedores, na própria grei, de uma nênia, uma ode, um hino?

É que os orvalhos d'alma raramente caem "na profunda, na estupefaciente aridez do nosso meio literário católico". A expressão não é nossa; mas com que recolhimento e pena a repetimos! Lançou-a um erudito escritor patrício, jornalista e crítico, católico sincero e militante: o Sr. Jackson de Figueiredo.

O autor de *Coluna de Fogo* e de *Afirmações*, realçando, em recente livro, o nome de um poeta genuinamente religioso – Durval de Morais, – exalta os poetas de Nossa Senhora. Tem-se nesse trabalho um florilégio dos bardos, principalmente nossos, que entoaram louvores à cândida Virgem dos Mártires.

Não é curta a lista dos nossos vates que cantaram e vão cantando as eternas e não só inconfundíveis, mas ainda inatingíveis, belezas da Virgem Santa.

O aureolado nome de Monsenhor se lhes inscreve no rol. E igualmente lá está o de Afonso Celso, o qual, com o doce carinho do seu lirismo amoroso, no belo e místico *Mês do Rosário*, conta que a Virgem Imaculada "o seu favor derrama sobre todos; que acolhe compassiva todo o cansaço, que mitiga as dores, e o amargor adoça de todos nós".

Entre os inspirados marianos deve enfileirar-se, e lá deve estar, ao lado de Bilac e Raimundo Correia, o excelso Príncipe consagrado – Alberto de Oliveira – que, num álbum, ainda ontem, primorosamente cantava: – "Glória, Maria da Glória, que vai aonde os mais não vão; as mães dos homens, na história ficam; esta, à excelsa glória, sobe, onde os anjos estão."

E no número ainda se inclui o mavioso e também místico poeta do *Rimário*, Sr. Aloísio de Castro; mas este cantor ameno, no seu formoso e muito sincero soneto "Devoção", contempla uma Madona, mas uma Madona de sorriso Gioconda, "com seu cabelo repartido ao meio, olhos magoados..., expressão das Virgens de Leonardo", e, por fim, cicia, comovido, esta súplica: – "Ó Tu, Nossa Senhora dos Amores!"

No minucioso e paciente estudo a que se entregou, descobrindo a torrente dos poetas de Nossa Senhora, conseguiu o Autor apenas coligir alguns belos nomes de sacerdotes que lhe dedicaram versos; e, ainda assim, foi mister contar, entre estes últimos, um belíssimo soneto atribuído ao Padre Feijó, uma jóia de inspiração, mas a respeito do qual o abalizado colecionador declara que dificilmente se pode crer que seja da lavra do Regente.

Forçoso é, pois, convir em que tudo isso é pouco, muito pouco, em matéria poética de feitura sacerdotal, para um século de vida independente, neste vasto país, onde o Catolicismo encontrou ninho propício no coração da grande massa, e onde o clero – nunca é demais repetir – mostras eloqüentes deu sempre da sua cultura e da sua entranhada fé.

Na expressão não nos enganamos. Uma prova está na festa desta grande noite, festa dúplex, pois que – ninguém se iluda – esta deve ser, e também é, a festa do Clero Brasileiro, da sua intelectualidade e das suas virtudes. Nunca se esqueça este da justa e excepcional homenagem que a Academia lhe presta, na pessoa de um seu eminente representante, sem que a isso a obrigassem as disposições das suas leis internas. Já agora, dentro dela, e como lhe agrada, haverá, como já houve, uma voz adequada para dizer da grandeza e dos feitos da Igreja, e principalmente, da poesia religiosa da nossa terra.

Bem-vindos sejam, assim, os versos resplendorosos de Monsenhor. A dulçorosa música dos seus cantos, pontilhada de anseios de perfeição que tem por modelo a Cruz sagrada, a mais nítida imagem de honra, de patriotismo e de glória, na expressão de Almeida Garrett, há de, por si só, – não como um toque de clarim a despertar as turbas, mas como o chilrear de mil pássaros num matinal crepúsculo, trinando sobre a beleza do Evangelho, em prenúncio de maior claridade, – acordar, incender e propelir para melhores destinos essa nobre mocidade que, preparando-se para um viver de desprendimento das coisas temporais, de defesa contra a hidra da corrupção, de exercício e patro-

cínio de todo bem verdadeiro, num constante transporte para a Suma Perfeição, povoa os nossos seminários, absorta nas meditações místicas e, como o Anjo Custódio, "ajoelhada no Cruzeiro, banhando de lágrimas benfazejas as vestes luminosas".

A sua lira, mais celígena que terrena, ressumando pureza, serenidade e vigor, deve amiúde soar entre essas almas consagradas a elevados misteres, à cuja cabeceira nunca será demais que habitualmente pousem, ao lado do "Breviário" anoso, *Terra Natal* e o duplo volume de *Odes*.

Cérebro privilegiado, espírito fadado às alturas, Dom Francisco de Aquino Correia – vimos anunciar à Academia, como grande e agradabilíssima surpresa, – foi no momento o Bispo mais moço, já não diremos do Brasil, ou de toda a América, mas do mundo inteiro, porquanto, fato raro nos anais da Igreja Católica, aos 29 anos de idade o nosso preclaro confrade cingia a mitra.

Não admira, pois, que reverenciando uma juventude coroada de tão alta dignidade, os partidos políticos da sua terra, então em franco dissídio, apelassem, certa vez, por efeito de nobilitante e salvador convênio, para a sua sabedoria e para o seu patriotismo, cônscios do prestígio do seu ramo de oliveira, elegendo-o presidente do seu estado natal. Hóspede da Política, a ela serviu apenas numa transitória conjuntura, ainda assim tão só para harmonizar interesses, restabelecer a concórdia, promover, enfim, a felicidade do povo, fazendo do seu governo um ministério de ordem e de paz; e, ao deixá-lo, sob bênçãos e aplausos, Monsenhor assumia a Arquidiocese da sua terra, que, por promoção a mais justa e merecida, um ano antes lhe tocara.

Modelo bem acabado de devoção e inteligente prática dos sentimentos religiosos e cívicos é o que ora se oferece à mocidade dos seminários, à qual, como a ninguém, não deve ter passado despercebido que, no rodar de quase um século, coube ao novo acadêmico quebrar o pesado silêncio em que, no cultivo da arte poética, mergulharam celas e adormeceram presbitérios.

Por isso, Monsenhor, – e porque a expressão espiritual da vida se resume na Poesia, – qualquer que seja a propensão da vossa mente inspirada, sinta ela o sacro fogo arder, ou se incline para as suaves e ternas baladas do amor da Natureza, – cantai, cantai muito, cantai sempre; cantai, sobretudo, a alegria e a ventura cristã de viver, pois só assim pode realmente o ente humano envelhecer sorrindo, como queria Bilac.

À escassez de elementos nacionais é talvez devido o fato de se ver, de quando em quando, recrutado para o número dos nossos trovadores o extraordinário vulto de José de Anchieta, o memorável espanhol que viu a luz em Tenerife, o poeta excelso da Virgem, que a adorou e serviu no seio das nossas florestas bravias e a cantou ao longo das nossas praias, inspirando, quase três séculos depois, ao quérulo Fagundes Varela, o imperecível *Evangelho nas Selvas*.

Não temos até aqui tratado, e intento nosso não é falar, de autores profanos que hajam escrito poesias religiosas, mas tão-somente ocupar-nos dos sacerdotes e monges que, tendo nascido sob o céu do Cruzeiro do Sul, se tornam alunos das Musas.

Quais os que compõem o quadro deficiente? Gregório de Matos Guerra? O afamado "Boca do Inferno", como ficou conhecido, satirizador infrene, – por irrisão dos Fados – magistrado e, posteriormente, vigário geral e procurador da Mitra, escreveu, na verdade, belas e inspiradas poesias líricas e religiosas, conforme acabam de averiguar pacientemente esses três penetrantes cultores da Arte, admiráveis beneditinos das letras brasileiras, – Srs. Afrânio Peixoto, Constâncio Alves e Ronald de Carvalho. Mas o Sr. Araripe Junior, crítico entusiasta do grande ingrato, é o próprio a confessar que a "sua literatura era a da chalaça" e o qualifica mesmo de "alma maligna, caráter rancoroso, relaxado por temperamento e por costume". Ademais, o boêmio incorrigível apenas por acaso foi padre, em conseqüência de um ato do 1.º Arcebispo da Bahia, visto não ter mais que ordens menores; e, antes que um lustro volvesse, exonerou-se dos encargos, não sem crivar das mais torpes sátiras o próprio Prelado, seu benfeitor.

Luís José Junqueira Freire, o glorioso patrono da Cadeira que tenho a honra de ocupar, foi um frade "sem fé, sem piedade e sem unção", e não era sequer "religioso, no grande e elevado sentido da palavra". Envergando durante apenas uns quatro anos o hábito de Frei Luís de Santa Escolástica, por efeito, sobretudo, de infeliz paixão amorosa; despediu-se da vida terrena, sem que no claustro outra coisa o inspirasse que não fosse "o horror e o desespero da vida monástica".

Júlio César de Morais Carneiro, o grande Júlio Maria, foi padre efetivamente, no espaço de cinco lustros. Que padre! que pregador! e que filósofo!

Os versos, porém, que produziu foram, no dizer do Sr. Jônatas Serrano, seu erudito e fiel biógrafo, "poucos e incolores, de rimas paupérrimas e inspiração anêmica; à trivialidade dos conceitos, à pobreza das imagens, à impropriedade da adjetivação, se juntam freqüentemente deslizes e até erros de métrica, sendo o poetar, para ele, simples passa-tempo sem pretensões maiores" e constituindo o seu versificar mal, "senão pecado grave do literato, pelo menos fraqueza e imperfeição".

Decididamente, cumpre confessar, – não importe a mágoa! – exceção feita dos nomes de alguns mais, bem raros, tonsurados menestréis, cujas composições, – como as desse harmonioso Antônio Bastos, que ora tange, entre as luzes do Norte, a sua harpa religiosa, – havendo transposto as lindes paroquiais, não lograram ainda criar aos seus autores a celebridade que cerca os três já citados, – só retumbam gloriosamente na mansão das letras pátrias os de três outros, grandes professos-poetas, astros de primeira grandeza, a deslumbrar perenemente os evos.

Frei José de Santa Rita Durão, o vate agostiniano, erigindo no *Caramuru* o seu imperecedouro título de glória, legou-nos um poema nacional por excelência, em que defeitos e falhas cedem o passo às rútilas belezas das cenas que representa, no que foi alguma vez o Autor peado pelo recato da sua alma virtuosa, como ao tratar o drama amoroso que serve de núcleo ao poema, onde "o seu estado de frade, e frade de bons costumes, o privou de dar-lhe a emoção que nos poderia ainda comover".

Frei Francisco de São Carlos, franciscano, tomou da lira por devoção e amor ao culto de Maria, compondo o poema da *Assunção da Virgem*, que, na opinião de Pereira da Silva, "é um troféu de glória, levantado à literatura e à pátria".

O Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas, – o maior de todos, aquele a quem a Academia conferiu o patronado de uma das suas cadeiras, hoje em festa para receber o novo ocupante, – deixamos, de indústria, para o fim. Àquele a quem coube ser o melhor poeta da sua época, o mais vigoroso lírico dos predecessores imediatos do Romantismo, qual o considera o próprio Veríssimo em momento de ação da veia iconoclasta, homenagem excepcional é devida nos solenes instantes que atravessamos. Como seu Anjo da Guarda, veio a Poesia ampará-lo na soledade do seu coração, tocando-o uma inspira-

ção celeste; e, ao termo da peregrinação que o encaminhava para o centro da unidade católica, entregou-se ao altar, desde então dirigindo o seu estro para a religião e o seu amor para Deus. Bastam para imortalizá-lo as *Poesias Sacras e Profanas*, as quais, com a tradução dos *Salmos de David*, formam verdadeiros monumentos de glória para o seu Autor.

O vate imortal não carece de ditirambos para que a sempiterna beleza do seu engenho pompeie, maravilhosa, em toda a plenitude. Mas, pela mesma estrada que o Padre Sousa Caldas trilhou e soube juncar de virentes flores da sua alma piedosa, vem, mansamente, a colher triunfos, dirigindo seguros passos, o novo servidor da Igreja e da Academia, seu sucessor em vários títulos.

É que entre ele e o digníssimo recipiendário há pontos de admirável afinidade, tanto na pessoa como nos atos e na obra. Irmãos no estudo das ciências e das letras, na predestinação eclesiástica, no exercício da caridade, no império do púlpito e na inspiração poética, eles dão-se as mãos sobre o espaço de um século, e desse modo celebram, no seu inefável concerto, o mirífico e inextinguível poder da centelha divina.

Monsenhor! Como toca ao coração de um crente essa doce e meiga palavra pela qual se diz a um grande, a um Príncipe, a um excelente Pastor da Igreja a jucunda expressão – "Meu Senhor", – que outra não é a do suave vocábulo – *Monsenhor!*

A ninguém importe a presunção, algo generalizada, de que só a camareiros seus, expressamente agraciados, a Autoridade Romana outorga essa bela denominação honorífica, de hierarquia eclesiástica, sem dúvida, mas, em realidade, também de particular, de nobre, de excepcional tratamento social, dos lados em que demora o espírito de nobreza, de graça e de galanteria aprimorada.

Nisto, como em tudo o que respeita aos termos, não há como respigar nas fontes preciosas da lexicologia clássica, para o que, além dos mestres que ensinam na língua camoneana, se inscreve um certo Emile Littré, que, narram as boas crônicas, levou vinte e cinco compridos anos a compor um dicionário, trabalhando dez a doze horas a fio; e todos eles, num coro harmônico, explicam o vocábulo e firmam a aplicação preconizada.

E a Academia Francesa, nossa Mestra, que nos orgulhamos de ter por molde, como esclarecia Nabuco, aí está nos ensinando que assim deve entender-se, que, por serem sempre os grandes da Igreja justamente ciosos dessa

honra singular, ela confere a linda mercê aos chefes de diocese e aos cardeais que transpõem os seus dourados pórticos, da mesma maneira que a sociedade culta da França antiga a outorgava aos príncipes de sangue real, aos marechais e, em rigor, a pessoas de dignidade eminente.

Honremos, pois, desde que pisa pela vez primeira a nossa passagem vestibular, desde o tratamento a dispensar-lhe, o egrégio e novo acadêmico.

Monsenhor!

Antes de dar por findas, em nome da Academia, estas desgraciosas mas sinceras expressões de regozijo, diremos que, apartados do campo da Poesia, se contemplarmos a tribuna sagrada, melhor do que nunca, a grandeza e exuberância deste maravilhoso país se manifestam sem restrição, ao distinguirmos as vozes de sacerdotes afamados que, dominando turbas de fiéis e acendendo o espírito católico, reboam, cheias de ardor e zelo, nas naves dos templos, e cujos ecos repercutem até aos nossos dias. Não mais é caso de se incluir no número dos triunfadores do púlpito nome algum de estrangeiro, mesmo que houvesse aqui professado e vivido por longos anos, conquistando justas glórias; já se pode – não é ousadia dizê-lo, – não só dispensar, mas deixar mesmo de invejar o nome do grande Antônio Vieira, príncipe dos oradores sacros da sua terra gloriosa e – na expressão de Castilho – mestre guapíssimo da nossa língua.

Temos os nossos e de boa casta: um Padre Antônio de Sá, por exemplo, jesuíta, êmulo de Vieira, – diante do qual chegou a brilhar com toda a intenção, – e chamado O Príncipe da Oratória Eclesiástica; o beneditino Frei José da Natividade, cognominado O Sutil; o franciscano Frei Francisco Xavier de Santa Teresa; o bispo Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas de Castelo Branco; o Padre Antônio Pereira de Sousa Caldas, – ainda nesta seara, e com descomunal fulgor, – o sacerdote extraordinário cuja palavra mágica soube atrair verdadeiras moles humanas, que se premiam, extáticas, até nos templos de além-mar; Frei Francisco de São Carlos, O Sereia do Púlpito; Frei Francisco de Santa Teresa de Jesus Sampaio, filho de Assis, como o anterior, e considerado o Bossuet brasileiro pelo sábio Sr. Ramiz Galvão, o grande panegirista nacional; Cônego Januário da Cunha Barbosa, o lidador da imprensa, ao lado de Ledo, na pugna da Independência, e apontado pelo seu coetâneo Mont'Alverne como um gigante da oratória; Frei Francisco de

Mont'Alverne, cujo nome sozinho enche uma época, coberto de "aplausos, coroas e ovações de que nenhum orador, nenhum filósofo ousara ainda gloriar-se"; e já nos nossos dias, entre outros, os falecidos, – tão-somente – Dom Antônio de Macedo Costa, o Padre João Manuel, Monsenhor Luís Raimundo da Silva Brito, Padre Francisco de Paula Rodrigues, e o grande – repetimos com ênfase e sincera convicção – o grande Júlio Maria.

E atualmente, nesta Cidade, – para que nada falte, – um pugilo de sacerdotes iluminados, soldados da Fé, sob a égide do eminente Cardeal Arcoverde e a sábia direção do ínclito Arcebispo da Eucaristia Dom Sebastião Leme, atrai aos templos e deslumbra, com a luz dos seus peregrinos talentos e o arrebatamento de espíritos abrasados no Evangelho, massas compactas de crentes e de meros intelectuais, assim cooperando, no mais alto grau, para que o púlpito brasileiro continue a realizar, com brilho sempre maior e máxima eficiência, a sua santa e civilizadora missão.

O professo-poeta, em Dom Aquino Correia, jamais obumbrou o imponente clérigo-orador, dominador da tribuna, arrebatador das multidões de crentes. Sempre empolgado pelo ideal do Belo, a que incessantemente animam a devoção do religioso e o ardor do patriota, ei-lo aqui e ali, em assembléias profanas, da mesma maneira que no púlpito, doutrinando, exortando, proclamando um bem, comemorando um evento magno.

O seu famoso discurso inauguratório do Centro Literário da sua terra natal; a sua luminosa conferência no centenário do Dante; o elogio fúnebre em que destilou, pela voz do Arcebispo, toda a ternura de um filho amantíssimo; a sua oração gratulatória no jubileu sacerdotal de D. Helvécio, Arcebispo de Mariana; a vibrante saudação que proferiu na festa em homenagem à histórica Bandeira do 17.º Batalhão dos Voluntários Mineiros, a sua recentíssima e eloqüente oração pelo centenário do *Jornal do Commercio*, são tesouros da oratória, que, sobre serem verdadeiros modelos, adornam e enriquecem, para edificação das sucessivas gerações, os anais imorredouros da Eloqüência.

O seu púlpito não se circunscreve ao âmbito do templo; dilata-se até aonde o entusiasmo, servido por um senso lúcido, o possa conduzir. Vemo-lo na imprensa católica e alhures. De uma feita, deixa o extremoso prelado, serenamente, quase despercebido, a querida Arquidiocese, para vir, à distância, no foco máximo da atividade pátria, dizer dela todo o bem merecido, pintá-la

com cores escolhidas no imo peito, festejando aí, se tanto for preciso, o centenário da sua fundação. Muito pode o amor! Já sentenciou Camilo: "Depois do Céu, quem mais pasmosos milagres faz é o Amor."

Mais uma vez aí se patenteia que pertence ao centro da vida nacional o condão de celebrar os extraordinários triunfos e de ser o mais côngruo cenário para a realização de excepcionais cometimentos.

À tarde, junto à suspirosa praia de Copacabana, em salutar colóquio com esse outro insigne e sempre festejado dignitário da Igreja, Dom Sebastião Leme, – "a grande alma que de longe se admira e de perto se ama", como à justa o aprecia, – hauriu Monsenhor o incitamento prestigioso que o decidiu a pôr ombros e alfim executar com êxito magnífico o pastoral empreendimento.

Enlevado pelas idéias que assentara sobre o seu plano, tinha-se o bom prelado recolhido à residência hospitaleira de Botafogo, a tranqüila e acolhedora "Casa dos Lazaristas", – quando o despertou gentil convite para lançar a bênção divinal – a quê? – a um prado de corridas, bem que fosse o novo e deslumbrante hipódromo de antiga e conceituada sociedade prazenteira e aristocrática – o Jóquei Clube. Não vacilou. À hora aprazada, em pleno campo, no meio de todo o imponente esplendor da Natureza, túmida de galas, num quadro emoldurado pelo intérmino lençol esmeraldino, à cuja beira dorme a laguna secular da Gávea, e pelas montanhas vestidas de vegetação pujante, ali, ante o imponente painel, surde o requestado Arcebispo e solta, no espaço, em meio de uma multidão em festa, o verbo seu fluente, castiço, inflamado de religião e de patriotismo.

A sua oração em planície rasa, ecoando pela cidade inteira, foi então o acontecimento literário de mais agradável comento e singular relevo. Tarefa difícil, venceu-a – sob a égide da Fé, que naquele momento se erguia soberana num hissope argênteo, – a Eloqüência, eterna sedutora, ao serviço de um talento de escol e de um coração boníssimo.

Três lunações não eram transcorridas após acontecimento tal, abre o Instituto Histórico Brasileiro as suas portas para receber Dom Aquino Correia, seu novo consócio. Há uma multidão que se apinha, ávida de ouvir e ver o prelado cuja fama correra célere, com os ecos da oração da vasta campina verde. A sessão ordinária torna-se solene. Assoma Monsenhor à tribuna, e dos seus lábios dulcíloquos brota a conferência do *Centenário do Bispado de*

Cuiabá, que remata sob as mais ruidosas aclamações. Fora uma obra-prima que acabara de encantar a seleta assistência.

Calou forte no espírito do auditório a conferência do Instituto. Que força, porém, a do Destino! Ainda ressoantes os ecos da memorável sessão, – eis que a Morte, fria e inexorável, num golpe cruel e traiçoeiro, uma vida mais ceifava neste grêmio, arrancando da Cadeira que tem por patrono Sousa Caldas e na qual durante nove anos se conservou, cercado de gerais carinhos, o saudoso Lauro Müller, seu terceiro ocupante.

Ocorrido o traspasse, e declarada a vaga, um nome logo se impunha ao exame dos leitores: – o de Dom Francisco de Aquino Correia, perfeito embaixador da república das letras. A sua eleição foi uma das mais correntes, lógicas e mansas que jamais efetuou a Academia: – um e único escrutínio proclamou a sua vitória. O cenáculo requeria mais uma voz harmoniosa e meiga que do pranteado morto e dileto confrade dissesse todo o bem de que merecedor se tornara, quer pela sua grande cultura, quer pelos seus apreciados feitos. E amplamente corroborado está o acerto da sua escolha pelo esplendoroso discurso que a assembléia acaba de ouvir e cujo encanto nem com o tempo se lhe esvaecerá.

Ao acurado estudo, ao atencioso carinho com que tratou da individualidade de Lauro Müller nada podemos aditar sem que isso implique uma eiva, a que, sem fazer, se forra a aplaudida oração.

Sentimo-nos comovidos. É intenso o nosso abalo ante a imarcessível caroa de saudades ali enastrada à memória daquele que trouxe por credenciais à Academia, com as láureas de engenheiro, professor, doutor por universidades estrangeiras, além de uma brilhante folha de serviço; de ordem cívica e política, o trabalho de alto descortino e meditação em que enfeixou os *Ideais Republicanos*, e no qual vemos o pronunciado gosto literário do seu pranteado autor.

Monsenhor!

Novo e sensacional triunfo acabais de conquistar. A fascinante oração com que deslumbrastes este cenáculo concretiza na forma, resume na essência e exprime no idealismo o legítimo padrão de glória de quem, como vós e qual o dissestes, crê na literatura da razão e da fé, da esperança e do amor, da religião e do patriotismo.

Glória assim excelsa não a possuís, porém, só: comparte-a a estremecida terra natal, onde se dilui em ternos e castos beijos a visão dos entes amados; comparte-a a Igreja Católica Apostólica Romana e, nela, a Ordem de São Francisco de Sales, em cujo regaço haurido haveis as doçuras requintadas da sublime religião do Calvário e se vos apuraram a alma e o espírito até vos alcandorardes no governo e hierarquia eclesiásticos; comparte-a ainda esta Academia, onde se cristalizam as inspirações da Arte em ascensão para o eterno Ideal, e perenemente retumba o verbo mavioso, inda que incendido, dos leais servidores das belas-letras; comparte-a, enfim, a Pátria idolatrada, que mais se revê em cada filho seu preclaro e a quem devemos, em sinal de ilimitado amor, todo o bem, toda a flor da inteligência, até a vida.

Bendita seja, pois, esta hora de mágicos encantos, em que a Academia, rejubilante e segura dos seus destinos, sonhando dias sempre mais gloriosos para a lida que incessantemente fomenta, recolhe no seu amorável regaço um excelso dignitário da Igreja, a desferir, em pleno verdor da vida, cantos maviosos e potentes, da sua lira afinada e cândida.

Discurso do
SR. ROQUETTE-PINTO

e

Resposta do
SR. ALOÍSIO DE CASTRO

Sessão solene extraordinária
do dia 3 de março de 1928

I

DISCURSO DO SR. ROQUETTE-PINTO

QUEM aqui chegasse naquele tempo, acreditaria em um sismo paradoxal: por toda parte, casas ruindo ou subindo, envoltas no pó avermelhado da moinha dos tijolos; parques em esboço, quando se não pode dizer se os estão fazendo ou desmanchando. Como se fosse crisálida gigante, abria-se, na glória de uma ecdise maravilhosa, a cidade do monte e do mar, minha terra natal. Tinham decidido renová-la os homens do governo; e o entusiasmo ganhou também os intelectuais.

Naquele tempo conheci Osório Duque-Estrada, diretor do Teatro Lírico Brasileiro, agasalhado no S. Pedro, onde se preparava uma ópera de Araújo Viana. No fim de uma aula um dos colegas seduziu-me; era preciso auxiliar a grande iniciativa de arte nacional. Fôssemos patriotas!... E eu, por patriotismo... figurei nos coros da *Carmela*.

Não era, então, o empresário o homem gordo em que se volvera nos últimos tempos; mas um rapaz trintão, ativo e ágil, de fala incisiva, muitas vezes irreverente. Talvez por isso mesmo, se foi linda a estréia, agitados correram os ensaios. Mal serenavam os bastidores, surgia logo outro *caso* armado, quase sempre, pelo ânimo irrequieto do empresário. Data dessa época a sua paixão pela arte lírica; e esta lhe deve, entre outros serviços, os libretos de *Anita Garibaldi* (Rio, 1911), posto em música por Francisco Braga, e *Dirceu* (Rio, 1914), cujo *spartito* foi entregue a G.M. Bosio.

Para *Carmela,* cujo libreto não é dele, escreveu Osório a letra da barcarola hoje popular:

Quando os teus lábios de rosa
Dão-me a ventura de um beijo,
Em doce e lânguido harpejo
Tudo começa a cantar...
A lua, ouvindo, a medrosa,
Ao vento conta e desliza...
E tudo a lépida brisa
Repete às ondas do mar...

Muitos dos versos de Osório contribuíram à formação de um canto brasiliano mais próprio para salão. Entre brocados e pelúcias a modinha tem o ar triste dos beija-flores encastoados em broches de ouro. Quero a modinha, mas lá fora, no descampado, irrompendo de uma nesga de luar, misturada ao marulho dos remos ou subindo de uma rede distendida em baixo de um laranjal, se não à beira do fogo, no rancho enfumaçado dos tropeiros.

Todos nós, ainda mesmo os mais sisudos, temos um certo *período* nas vibrações da arca do peito; mal escutamos a modinha, entramos em ressonância... Pode a fronte quedar-se imóvel ou enrugada pela severidade que o hábito impõe; no traçado da sua respiração os imperceptíveis acidentes, que denunciam movimentos emotivos, mostram, porém, que o homem austero vibra e canta sem querer, quando escuta a voz ingênua do seu povo. Ela precisa da amplidão do céu aberto.

Encontrou o poeta em Alberto Nepomuceno o autor magnífico de músicas delicadas, para as suas melhores estrofes. Quem dentre vós não tem ouvido entoar, ou não terá mesmo trauteado em hora de saudade, que é sempre a hora em que todos cantam baixinho, até os mais desentoados:

Quem se condói do meu fado
Vê bem como agora eu ando:
De noite – sempre acordado,
De dia – sempre sonhando.

O amor perturbou-me tanto
Que este contraste deploro:
Querendo chorar – eu canto,
Querendo cantar – eu choro!

Sujeito à lei dos pesares,
Não sei se morro ou se vivo;
Senhor dos outros olhares,
Só do teu fiquei cativo.

Por isso a verdade nua
Este tormento contém:
Minh'alma não sendo tua
Não será de mais ninguém!

No opúsculo das *Trovas Populares*, em que publicou estas quadras, relembra o conceito de Sílvio Romero, mostrando como tinha de ser triste o canto do homem nestas paragens. Ibero, afro, ou ameríndio, andava sempre o cantor às voltas com a saudade: saudade da aldeia abandonada, saudade da cubata destruída, saudade da mal oca incendiada! Lutas e perigos. Por isso mesmo a poesia popular pertence ao que de melhor pode encontrar o estudioso entre os documentos da vida moral e mental da nação. Das quadras criadas pelo povo, Osório muitas arquivou, deliciosas pelos conceitos, pelo lirismo, e pela graça. Sem ter sido dos nossos maiores poetas, coube-lhe um destino de garantida imortalidade: seus versos o evocam diariamente, nas canções que todo o Brasil repete:

Aos corações que vivem na amargura,
Ouvi dizer mais de uma vez: O amor
É das noites a noite mais escura,
Das dores todas a suprema dor...

E eu, a alheia miséria contemplando,
A mim mesmo, sorrindo, perguntava:
Quando a acharás também, minh'alma? Quando
Do seu poder hás de cair escrava?

E sorria e cantava. A glória acesa
Via das rimas no imortal tesouro;
E o mar e o céu e toda a natureza
Punha cantando nas estrofes de ouro...

Mas quando nem temia, certamente,
Que pudesse ser presa desse mal,
Feriu-me o peito, inesperadamente,
A mesma dor insólita e brutal.

Busquei na ausência o bálsamo do tédio,
Alívio à mágoa, lenitivo ao pranto;
E pior do que o mal foi o remédio
Que eu não supunha que amargasse tanto...

Ando eu muito enganado, ou então de tudo quanto ele deixou hão de ser a suas canções a porção sobrevivente. Serão esquecidos, desculpados ou aproveitados, os seus gestos de mosqueteiro da gramática; mas haverá sempre moços e velhos para adoecer daquele mal que tortura o sono, destempera a vida... e faz sonhar acordado.

* * *

Joaquim Osório Duque-Estrada nasceu em Pati do Alferes, Estado do Rio de Janeiro, a 29 de abril de 1870 e faleceu a 5 de fevereiro de 1927, à Rua Paissandu, 140, nesta capital. Era de uma família de militares. Seu pai, tenente-coronel Luís de Azevedo Coutinho Duque-Estrada, figurava entre os amigos do General Osório, de quem Joaquim recebeu o segundo nome. O Marquês do Herval foi seu padrinho. Osório fez seus estudos de humanidades no colégio Pedro II, onde em 1887, Sílvio Romero o distinguiu entre os alunos, prestando-se a prefaciar os *Alvéolos*, primeiro vagido do poeta, que contava então dezessete anos. Que vale penetrar fundo nesses favos e desarmar para a crítica a ingênua colméia?

Há, porém, ali, duas composições que sobrelevam: *A Monarquia* e *Na Fazenda*, soneto dedicado a José do Patrocínio, onde o aluno do Pedro II descreve a partida dos escravos para o trabalho, *sob o chicote do fero capataz*.

Monarquia é a composição mais significativa do livro. A Abolição e a República foram nobres paixões do nosso amigo: aproximaram-no de alguns dos maiores espíritos do tempo. Tratando mais tarde desses dois lances da história pátria, prestou Osório grande serviço à verdade e à justiça, sem contar o concurso pessoal que deu aos acontecimentos, e de que jamais pediu recompensa aos que a vitória colocou no poder. Nos seus livros, pela primeira vez, aos estudantes se depararam os nomes de Rui Barbosa, Patrocínio, Nabuco, José Bonifácio (o Moço), Antônio Bento, João Clapp, Joaquim Serra, Gusmão Lobo, Dantas, André Rebouças, gente de que os compêndios usuais não falavam, ao citar a Princesa Isabel e João Alfredo. As crianças não compreendem facilmente o que seja a tradição; mas, sem ela desaparece a pátria, reduzida a um bando de bípedes gregários. Tradição é a essência das lembranças acumuladas nas famílias de um povo. E os nomes que se conservam prestam serviço muito maior aos que vivem e aos que hão de viver, do que propriamente aos donos, para quem a fama não tem clarins e tubas que vençam a última surdez...

Por outro lado Osório Duque-Estrada era muito apaixonado; e nunca perdoou a José Bonifácio, o grande, o elogio de D. Maria I, proferido em 1817, na Academia das Ciências de Lisboa, quando o Brasil ainda ouvia os últimos batimentos do coração de Tiradentes.

O aluno-poeta do Colégio Pedro II, em 1887, oferece-nos mais uma prova, se preciso, de que a República não foi *obra de meia dúzia de soldados*, e sim desfecho de um longo preparo de opinião. Considero notável o testemunho dos *Alvéolos* partido de um adolescente, educando de uma casa que era a menina dos olhos do Imperador; de um moço que, além de tudo, não se filiava na corrente que Benjamim Constant dirigia.

Um caçador de pronomes tresmalhados poderia trazer atochado o samburá, voltando de uma excursão através do soneto consagrado à Monarquia. Não sei, e por isso não a estimo, a arte da sanguinolenta perspicácia. Mas posso armar a juçana para prender um verso revolucionário em que soa um grito histórico:

Tombe o cetro do rei como grilhão pesado!

Não compreendo por que se há de considerar mais significativo documento o célebre discurso do padre João Manuel, a 11 de junho de 1889, na Câmara do Império. O padre era político. O rapaz estudante falava, seguramente, de coração aberto. Para saber como sentia o povo, que juízo fazia a respeito do trono... prefiro o depoimento corajoso do moço poeta.

Hoje o povo sente que a proclamação da República não foi senão um episódio de um grande processo histórico. Não foi o último. Feita a Independência, ficaram as famílias brasilianas governadas por uma família portuguesa. A República afastou-a: mas todos percebem que o processo precisava continuar. Liames intelectuais e econômicos ainda nos envolvem; hão de romper de uma vez, quando pudermos acabar praticamente com as distâncias, que dificultam a disseminação da cultura e a organização nacional da riqueza.

A poesia, porém, continuava a cativar Osório Duque-Estrada. É de 1902 a *Flora de Maio*, o melhor dos seus livros.

A arte levou o poeta ao convívio e à amizade de Olavo Bilac, Vicente de Carvalho, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira. Ele foi, sem dúvida, menor que os companheiros. Mas aproximou-se dos maiores pela naturalidade do seu canto. Poesia, disse ele uma vez, é emoção; e a emoção é sempre fácil nos seus versos:

Hei de esquecer-te... (digo presunçoso
De cumprir tal protesto) – é bem que esqueça
Quem tanto esquece; altivo e caprichoso,
É justo, um dia, que eu também pareça!...

Hei de varrer de dentro do meu peito
Toda a memória deste amor ingrato!
E à noite vou beijar, quando me deito,
Tuas cartas, teu lenço e teu retrato.

* * *

Osório Duque-Estrada andava sempre ou muito alegre ou muito zangado. Por quê? Com quem? Não importa. Nos seus dias amáveis, era um conversador cheio de espírito, servido por memória invejável. Alguns versos da

Flora de Maio mostram, em poucas palavras, – eu só me aproveito de uma quadra – o juízo que ele fazia das mulheres:

É demais! Na mulher anda tudo trocado:
Nada há que para o seu orgulho o bem resuma
Como deixar morrer um poeta apaixonado...
É por isso que eu cá não morro por nenhuma!

Não direi que ele morreu por algumas: discursos como este, que vos estou recitando, querem-se discretos. E, depois, a mentira é a mais desculpável de todas as *licenças poéticas...*

* * *

Ao magistério, quer no Estado do Rio, quer na Escola Normal desta cidade, ou no Colégio Pedro II, levou ele sempre a consciência do professor que exige porque ensina. Era temido pelos maus alunos como era temido pelos maus poetas. Ele comparava, no seu último livro, *Crítica e Polêmica*, onde há páginas notáveis, o exame de um poeta ou de um escritor às provas que exigia, na Escola Normal, das alunas apavoradas. A crítica, dizia ele, por outras palavras, que não quero repetir aqui, está transformada numa *jaqueira*. Na linguagem de estudantes, o nome desta artocárpea cobre a tolerância desleixada dos examinadores que não reprovam nunca. Osório Duque-Estrada na crítica, na cátedra, no jornal, na Academia, na História do Brasil, foi principalmente um homem desabusado, que resolveu reagir contra tudo quanto lhe evocava o aspecto daquela árvore frondosa... Vós me direis, Senhores Acadêmicos, se, perdoadas as demasias do seu ânimo pugnaz, ele não está a fazer falta...

* * *

Ao lado de algumas peças de teatro alinham-se na bibliografia do sucessor de Sílvio Romero nesta Cadeira alguns volumes puramente didáticos: são a *História do Brasil,* para as escolas primárias; *Leituras Militares*, para os soldados; e a *Arte de Fazer Versos...* para rapazes em mal de amor. Não assim

a *Abolição*, das melhores páginas da sua vida, que, afinal, foi existência cheia de serviços.

Seu pensamento há de palpitar por entre as gerações: a gente pequenina, hoje mais feliz do que a do meu tempo, pode cantar o hino de Francisco Manuel; as estrofes de 1822 foram, tacitamente, repudiadas pelo povo. Muitas críticas, algumas severas e até certo ponto aceitáveis, têm sido feitas à letra de Osório que o Congresso Nacional premiou em 1912. Sejamos justos. Ela não é nenhuma excepcional maravilha; mas lembra com felicidade as quadras de Gonçalves Dias que já se incorporaram às trovas do povo, ótima condição para dar vida e fulgor a um hino nacional.

* * *

Se fosse indispensável classificar a poesia de Osório Duque-Estrada, acredito que não seria possível colocá-la fora das páginas, simplesmente líricas.

"Os espectros", "Poema de Iza", "Versos de um louco", "O Sonho de Colombo", "Ao General Osório", provam que só os sentimentos pessoais foram capazes de despertar no poeta emoção estética de certo nível A natureza nunca pôde levá-lo à emoção criadora. Amor e beijos... tanto nos *Alvéolos* como na *Flora de Maio*, foram semeados em profusão. Seu lirismo poucas imagens encontrou no meio cósmico:

Estala, coração! Ela também, querida
Entre todas, partiu, deixou-te a solidão...
Já não te resta mais nem um sopro de vida,
Nem um hausto de luz... estala, coração!

Não pecaste, sequer, e a injustiça te oprime!
Nem uma jura só, de tantas, se partiu,
E é forçoso expiar essa culpa de um crime
Que não quer o perdão, porque nunca existiu!

A ingratidão, por fim, veio bater-te à porta!
Mas um triste despojo encontrou nos umbrais:

A alma gelada e extinta, a alma vazia e morta
Que palpitou no amor e que não canta mais!

Dela desfeito, enfim, às lancinantes garras,
Já nem podes viver, já nem podes amar;
Extingue-te; no amor foste como as cigarras
Que em meio do verão estalam de cantar.

O poeta vivia, nos áureos tempos do seu canto, rodeado de bons camaradas que levaram o soneto aos píncaros da arte. No entanto, foi esquivo àquela forma, tão de gosto dos seus companheiros de tertúlia. Aos sonetos, cabem apenas uns vinte e oito por cento da obra literária de Osório Duque-Estrada. Seu metro preferido na *Flora de Maio* foi o decassílabo, em que estão construídos cerca de cinqüenta por cento das suas composições. Seguem-se, na ordem de freqüência, os versos de doze pés e depois os de sete.

Se a *redondilha* é o metro espontâneo dos que falam a nossa língua, vê-se que o poeta apaixonado das trovas populares era antes, no íntimo um vate erudito.

Certo que submeter a poesia à análise metódica dos modernos processos de crítica é fazer à arte o que os botânicos fazem às flores e os entomólogos às borboletas. Corta o coração ver uma *Loelia* dissecada num herbário, ou uma *Semiramis* espetada na lâmina de agave. No entanto – haurido o que nos pode ministrar de belo – para bem conhecer a alma do poeta, nua e sincera, para descobrir-lhe os processos de pensamento, é preciso algo mais do que a simples leitura emocional e meditada. Nem há por que surpreender-se a gente se o progresso, disciplinando a indagação, vai trazendo novos e melhores meios de conhecimento.

No que diz respeito à vida mental, a exigência cada vez maior de fatos precisos, sempre que há um julgamento a proferir, é característica dos tempos modernos.

Quem lê alfarrábios de ciência encontra longos discursos e complicadas teorias, para explicar fenômenos que até então estavam envoltos no mistério das causas próximas ou remotas. A palavra copiosa sempre foi recurso do

homem que ignora; tem servido muito menos ao homem que sabe. La Fontaine lembrava: *Qui parle trop veut tromper...*

Os críticos literários, na maioria, em todas as nações, parecem alquimistas metidos em um laboratório bem aparelhado com os recursos da química de hoje. Têm diante dos olhos o que há de mais seguro para esmiuçar o material sobre que hão de falar. Mas preferem *raciocinar* ou *discutir*, em vez de *verificar*. A crítica não tem mais o direito e ser a alquimia da literatura. A análise da abra de arte e a síntese da personalidade do artista, ou das suas criações, ou mesmo do ambiente social em que ele apareceu, tem de ser feita, sem prejuízo dos processos que são boa herança, pelos recursos da psicologia e da biométrica. Estas, sim, darão baldrames firmes à filosofia que se quiser tentar sobre as idéias do autor.

Sabe-se que a psicologia consegue, como a pescador de coral, mergulhar profundamente na alma dos homens, tirando lá do fundo um pensamento negro, ou róseo, que atraiçoa, num sonho, o segredo de que se vive, o segredo por que se mata, ou de que se morre.

A biométrica aplicada à crítica literária não é, de fato, coisa nova.

Niceforo propõe ousadamente que se aplique o método da pesquisa quantitativa, para verificar, principalmente, a *freqüência* com que aparece, na obra de arte, o caráter que se estuda. Consegue-se, desse modo, pôr em realce certas minúcias que, sem isso, ficariam desconhecidas e muitas são notavelmente significativas.

Para servir-me de um exemplo do grande mestre italiano, lembro a análise biométrica do estilo de Balzac. A média geral do número de vocábulos do escritor, através de todas as suas obras, é de vinte e seis por período. Mas se procurarmos traçar a curva de freqüência do número de vocábulos, encontramos dois pontos salientes que dizem respeito aos períodos de oito e de vinte e três palavras. Pois bem, o primeiro corresponde ao estilo da mocidade e o segundo ao da maturidade do escritor.

Pode, então, o crítico afirmar, com documentos à vista, que o estilo do autor do *Père Goriot* triplicou de amplitude. A análise dos diferentes períodos mostra ainda que, nas suas primeiras obras, domina o período curto, mas há numerosos que são muito longos; nas composições de plena sazão literária, dominam os períodos mais amplos, porém, entre eles, não existem nem os de

extrema brevidade nem os de comprimento excessivo. Conclusão: tornou-se mais homogêneo o escritor.

Abro a *Flora de Maio*. Em cerca de oitenta vezes que se utiliza de cores, Osório Duque-Estrada emprega quarenta vezes o *azul*, o *branco* e o *amarelo-ouro*; uma dúzia de vezes o *vermelho rubro*.

Nas imagens, colhidas ao acaso, nesse livro, são mais freqüentes: as flores, a luz, e principalmente a música.

Há idéias tristes na maioria das composições, como é de regra nos livros do começo do século, segundo o merencóreo impulso romântico do século passado.

Consenti eu vos recorde que, para estudar, como convém à nossa época, a tristeza que tão fortemente encharca de lágrimas a nossa poesia, é necessário não esquecer o que dela cabe realmente aos sentimentos normais de saudade ou nostalgia e o que possa ser parte de outras influências.

Luciano chamou à tiróide – *glândula da inteligência* – e hoje sabemos bem que amor, alegria, coragem, medo, tudo o que outrora era atributo puramente subjetivo do indivíduo, passou a ter expressões orgânicas, sem que, por isso, o estudo da alma perdesse qualquer dos seus encantos. A tristeza, na *Flora de Maio*, não é orgânica. Osório era um tipo eufórico. Era antes atitude literária.

Das características didáticas do verso, *metro*, *cesura* e *rima*, o povo mais se impressiona pela última. É freqüente vê-lo imaginar que há verso na linguagem falada, quando existem apenas duas palavras consonantes, que o acaso da elocução ajuntou. Ora, *poesia* não precisa nem de metro, nem de cesura, nem de rima: *verso* precisa principalmente de *ritmo* – que é função do metro. Mas o metro pode ser qualquer. A natureza, nas suas formas esquisitas, abre caminho aos renovadores...

Osório Duque-Estrada não admitia verso sem rima. Detestava os versos brancos. Em *Alvéolos* há uma só poesia desse tipo – "A Cascata"; nenhuma em *Flora de Maio*. A rima, dizia ele, dá sonoridade ao verso, auxilia a memória, encanta o ouvido, desperta a atenção, sugere idéias. Devem ser condenados, continuava, os *versos soltos*, que são, em geral, "de grande e insuportável monotonia!"

O autor dos versos brancos de "A Cascata" tinha mais do que o direito, tinha o dever de abominar os versos sem rima... Eu, porém, que pouco encontro na poesia brasiliana que seja tão lindo, forte e apaixonado como as "Palavras ao Mar" de Vicente de Carvalho, entendo que as rimas só poderiam distrair o ouvido, com prejuízo da emoção estética, se fossem postas, como guisas indiscretos, naquela sinfonia beethoveniana de idéias e frases majestosas:

Mar, belo mar selvagem!
O olhar que te olha só te vê rolando
A esmeralda das ondas, debruada
Da leve fímbria de irisada espuma...
Eu adivinho mais: eu sinto... ou sonho
Um coração chagado de desejos
Latejando, batendo, restrugindo
Pelos fundos abismos do teu peito.

Ficará certamente alguma coisa da grande agitação que nas letras os libertários vêm promovendo, no sentido de obter uma expressão ampla e livre, em que a idéia procura viver nua como as índias da Rondônia. A desarticulação do metro e a fratura da rima talvez sejam os mais valiosos remanescentes. A rima tem grandes inimigos; mostram-no as palavras de Fabre d'Olivet, que Alberto de Oliveira incluiu no seu prefácio à *Arte de Fazer Versos* de Osório Duque-Estrada: "Jamais le peuple qui rimera ses vers n'atteindra à la hauteur de la perfection poètique, jamais la vraie épopée ne fleurira dans son sein."

Também assim é demais. A rima é um dos instrumentos da orquestra poética; deve entrar naturalmente na composição, marcando tonalidades de beleza no desdobrar da sinfonia.

* * *

Não lhes parece surpreendente que um homem de gestos truculentos, de espírito altamente militar, que viveu comprando brigas e parecia andar constantemente repetindo baixinho, como Cirano: "Desagrado por gosto", –

não lhes parece interessante que ele tenha sido, nos seus versos, um amoroso do *azul* e da *música*?

Acompanhando-lhe as lutas o leitor espera encontrar na sua lírica tons rubros de fogueiras crepitantes, vozes metálicas de clarins a dilacerar a atmosfera, trovões, ribombos, que sei eu? Era o pelejador, como se vê, à luz do critério moderno, um emotivo, sentimental, a quem faltou o treinamento que seria preciso, para que, na existência, não se lhe deparassem os amargores encontrados, tantos e tão grandes que muita vez lhe golfaram da alma bondosa, mas enferma.

Não adianta insistir. Sempre que o poeta achou uma imagem de luta, combate, violência e não se contrafez, como aconteceu na poesia "Ao General Osório", francamente secundária, saiu-lhe da pena o que de melhor produziu, mas... foram lutas de amor:

Causa deste pesar sem lenitivo
És tu, a Diana caçadora e brava,
Que quer que eu sinta e que suporte vivo
Todas as setas que inda tens na aljava!

Ímpia e cruel, no ardor do gesto altivo
Vibras o dardo que o desdém me crava,
Porque eu, que sou do teu poder cativo,
Vi-te também do meu amor escrava!

Mata-me; vence, enfim! Quando a agonia
Turvar-me à face os últimos palores,
E a alma me achares regelada e fria,

Lembra-te, ao menos, que eu morri de amores,
Para que possas dessa aljava, um dia,
Todas as setas converter em flores.

Em os *Espectros* há um dos raros quadros de maldade existentes na *Flora de Maio*. Não desmente o asserto.

Osório Duque-Estrada – não sou eu quem o diz, repito o que a análise demonstrou – foi um bom e honesto coração, servido por lúcido entendimento. Seus assomos, sua combativa agitação resultaram principalmente de fatores educativos. Encontrou ele de um lado, desde a adolescência, o espetáculo borbulhante da libertação dos cativos, da propaganda republicana, e, depois, das revoltas militares. De outro lado, homem feito, foi acolhido na boêmia desabalada e irreverente, muito própria para educá-lo nos destemperos agressivos da crítica. Presidindo à sua formação psíquica, encontro o terceiro elemento decisivo: a influência incontestável de Sílvio Romero, a quem Tobias Barreto chamou "martelo das mediocridades", – martelo que muitas vezes ultrapassou esses limites...

Podendo escolher na grande vida de Sílvio Romero o que ela oferece de majestoso, na obra geral da nossa cultura, Osório Duque-Estrada, infelizmente, preferiu, amiúde, o que ela tem de menor. Na escala dos nossos valores intelectuais considero Sílvio Romero um dos mais altos, pela visão larguíssima dos nossos destinos, pelos quadros amplos e seguros da nossa evolução nacional, que ele soube definir à luz de uma cultura formidável. Esse é o Sílvio Romero – meu mestre. O mestre de Osório Duque-Estrada foi, além desse, o outro: o que lançou as fundações da milícia policial das letras, na qual o meu antecessor figurou com tão grande notoriedade.

* * *

Creio poder afirmar que não lhe dariam entrada nesta Casa os numerosos trabalhos críticos publicados durante muitos anos nos jornais do Rio. As constantes que definem a crítica de alta linhagem – que sabe sorrir discretamente à visão das coisas ridículas, ou indignar-se com as grandes faltas encontradas, reagindo e castigando com rigor, mas suscitando, na consciência do paciente, antes pesar do que revolta, – não se encontram na obra do nosso amigo. Não cultivou ele *música de câmara*, preposta a despertar elevadas emoções estéticas; antes, foi, na crítica, o amigo da *música de ópera*, que o fácil gosto popular contenta.

São manifestações accessíveis e, por isso, o jornal em que Osório Duque-Estrada escrevia o seu "Registro Literário" esgotava-se logo depois de chegado a algumas cidades do interior. Escolhidos, numerosos artigos do seu

"Registro" poderiam formar alguns volumes capazes de dar úteis informações a respeito do nosso movimento literário nos últimos dez anos.

Não seria difícil destacar da sua personalidade o aspecto que mais vivamente impressionou a opinião pública, e fazer à sua obra crítica uma análise semelhante a que sujeitamos a sua poesia. Não encontro vantagem nisso. Os poetas são mais felizes do que os críticos; podem receber logo depois de mortos, quando a não recebem durante a vida, a consagração dos louvores públicos. Os críticos, ainda quando muito grandes, mormente os da escola que ele seguiu, são como as árvores do pau-Brasil, vistas de perto têm muitos espinhos. Nós ainda estamos muito próximos do tempo em que Osório exerceu a sua atividade.

* * *

Osório Duque-Estrada, no começo de sua vida pública, serviu como Encarregado de Negócios do Brasil no Paraguai, missão fácil para quem se tenha identificado com a índole cavalheiresca e boa daquele povo; algo penoso para os que não lhe conseguem varar as trincheiras da leal confiança e da generosa estima. A guerra é sempre hedionda; deixa lembranças inextinguíveis.

Para Osório Duque-Estrada o patriotismo era principalmente orgulho nacionalista. Punha no Paraguai olhos de eixo muito alongado...

A história do conflito de 1864 não nos tem sido ensinada com a verdade que a consciência requer; durante o Império, havia o respeito às opiniões do Imperador; nos primeiros anos da República, os generais que o substituíram... eram gloriosos sobreviventes da guerra.

Dizia o meu antecessor que, em muitos pontos, a História do Brasil se acha "falsificada". Eu não quero perder o ensejo de afirmar que, em relação às origens daquele triste episódio, os moços aprendem uma história injusta. Não se diminui a glória dos nossos antepassados ainda quando se demonstra que o seu luminoso sacrifício poderia ter sido evitado.

Na hora em que faço a apreciação da obra de Osório não deixarei de recordar que o antigo Encarregado de Negócios do Brasil no Paraguai, – *falando de cadeira* – como dizia, chamou "puro sentimentalismo doentio e retórico de ideólogos desavisados e ignorantes dos fatos", ao lindo movimen-

to que no Brasil se está fazendo para o cancelamento da dívida que as gerações republicanas não desejam escriturar!

Não. Justiça não é retórica; nem eqüidade é sentimentalismo.

O ardor das paixões foi, e ainda é, de tal ordem, tanto aqui quanto lá, que o meio de poder alguém formar juízo imparcial a respeito de pontos essenciais, consiste em alinhar os documentos emanados de ambos os lados, antes e depois do conflito.

Separada a Cisplatina em 27 de agosto de 1828, garantida a sua independência pela derrocada de Rosas, em 1852, continuaram a viver no Uruguai, tomando parte ativa em sua existência de nação livre, e entrando forte nas suas lutas políticas, numerosos patrícios nossos. Tal como hoje, aos nossos olhos, fazem os italianos em São Paulo e os alemães no sul do Brasil.

É claro que os acasos da gangorra política levaram muitos deles a sofrer os percalços do partidarismo. Tinha o Império o direito de intervir no Estado Oriental para proteger os seus filhos ali estabelecidos?... Têm a Itália ou a Espanha o direito de se intrometer hoje aqui para proteger italianos ou espanhóis que lhes mandem queixas do Brasil? Não é bom falar nos compatriotas nossos que entravam naquele país alistados nas tropas arregimentadas para depôr o governo oriental...

Que fizeram os nossos dirigentes? Prestaram ouvidos solícitos aos milheiros de patrícios que *estavam sofrendo* no Uruguai, conforme as palavras de Saraiva. E decidiram pôr em prática os princípios que tanto nos repugnaram quando apareceram em plena Conferência Interparlamentar de 1927, no Rio de Janeiro.

No caminho, por estas alturas, surge o Paraguai. Mas, vem inesperadamente, como intruso cavaleiro andante da defesa alheia? Não. Aparece na mais estrita e regular situação de direito, obedecendo rigorosamente aos tratados que o próprio Império com ele assinara. E surge armado até os dentes... por obra e graça dos conselhos, das insinuações, dos auxílios que lhes foram dados, muito deliberadamente, pouco antes... pelo Brasil. Parece que afirmo um despropósito! No entanto é a lição de Rio Branco, com quem aprendi que as fortalezas de Humaitá foram iniciadas por oficiais do Brasil; é a lição dos nossos melhores mestres que, desde a missão de Pimenta Bueno, depois Marquês de São Vicente, o Império tinha conseguido fazer do Paraguai uma

potência militar, dando-lhe assistência e prestígio, obtendo ao mesmo tempo a adesão desse país ao tratado de 25 de dezembro de 1850, pelo qual os dois contratantes se obrigavam a defender as fronteiras do Estado Oriental.

Os diplomatas do Império tinham-se esquecido de incluir no tratado de 1850 uma pequena cláusula, reservando a S. M. o direito de entrar, livremente, na antiga Cisplatina, para proteger os seus súditos... Mais tarde *Conservadores* e *Liberais* entram na pendência de apurar a quem caberia o *erro* da intervenção. De onde vinha a inqualificável cegueira dos que negaram ao Paraguai aquele direito de que ele usou, primeiro, em tom pacífico de mediador, e, só depois, em tom de *ultimatum*, que vale uma declaração de guerra? Pelo progresso da minha terra tenho arriscado contente, mais de uma vez, a vida que ela me deu. Mas só compreendo o patriotismo que não precisa de mentiras para manter a existência.

Entramos na grande verdade histórica.

Declarada a guerra, patriotas iríamos todos tomar parte nela, estivesse ou não a justiça do nosso lado. Até Riachuelo (11 de junho de 1865) foi, se quiserem, aceitável a posição do Império. A fatalidade tinha arremessado à luta os dois povos. Que fazer? Mas no ano seguinte, o chefe inimigo compreendeu que estava vencido e, na entrevista de Jataiti-Corá (12 de setembro de 1866) – episódio de que em geral não se fala – pediu as condições de paz aos vencedores. Queria apenas lhe reconhecessem o posto supremo em que o seu povo o conceituava. Mas o chefe com quem a nação estava absolutamente identificada, para o Império, nada mais era do que um desclassificado. No conselho de Estado, em 30 de setembro de 1867, Nabuco protestava contra o inominável tratamento.

A resposta que deram, a quem pedia paz, foi quase injuriosa. Vencido? Pois então fizesse melhor do que Rosas, de Buenos Aires. Tomasse um barco atulhado de ouro, levando tudo quanto quisesse e fosse gozar o resto da existência na Inglaterra, protegido, durante a viagem, pela generosidade da Tríplice Aliança.

Se o chefe paraguaio nutria o desejo de conquistar pelas armas um porto de mar no Atlântico, dilatando as fronteiras da pátria à custa do nosso território – é coisa que ninguém dá provas. Documentos do arquivo de Lopes

mostraram, diz Rio Branco, que o ditador não mantinha a tradição militarista para guerrear o Brasil. Visava outros pontos.

Osório Duque-Estrada era ligado a gloriosos guerreiros. Nascera no último ano da luta. Não seria preciso mais para desculpar tudo quanto disse a respeito do conflito, que nós não devemos esquecer, e sim lembrar como quem recorda, com veneração, mas também cheio de justiça, um erro dos seus maiores. Tanto mais que é bem fácil abrir caminho aos bons pensamentos. São povos, disse eu uma vez, que a sorte irmanou para sempre, obrigando-os a cair juntos de joelhos na adoração de túmulos que ninguém pode distinguir. Cada metro daquele solo bebeu sangue de um avô nosso, ou guarda-lhe os restos decompostos. Ninguém poderá jamais dizer se o guerreiro que ali dorme é nosso ou deles. Envolveu-os a fatalidade na mesma mortalha de heroísmo.

Sendo certo que o desrespeito da fronteira uruguaia fora considerado *casus belli* pelo Paraguai; sendo certo que isso não era quixotesca valentia de um intruso, e sim cumprimento de tratados formais; sendo certo que o Paraguai ofereceu sua mediação no conflito – sumariamente recusada pelo Império, como podemos nós, republicanos da minha geração, em consciência atirar toda a culpa da guerra às costas do vencido?

Amor da Pátria, que não tine como o ouro da verdade, é moeda falsa do patriotismo. Não há, pois, nem retórica nem sentimentalismo, na voz dos que pedem aos chefes da nossa democracia considerem o erro do passado, no mais puro desejo de ver engrandecido o Brasil pela liberdade e pela justiça.

* * *

Quiseram os fundadores da Academia Brasileira, inscrevendo Hipólito da Costa entre os seus epônimos, significar, ainda uma vez, que, nas letras, não há lugar apenas para o romance, a poesia, e a eloqüência.

Ainda nesta minúcia seguiram o modelo escolhido.

Esta é a Cadeira dos professores; foi professor Hipólito da Costa, e disso viveu a maior parte do tempo; também o foi, e dos maiores, Sílvio Romero; Osório Duque-Estrada não fugiu a tal destino. O vosso novo companheiro não tem podido, nem querido, ser outra coisa.

O professor é o homem que renuncia ao mando, para se exercitar no conselho. É o que não pode, o que não governa, o que não guarda, nem acumula. Tal qual os mineiros que descem, penosamente, ao fundo da terra, e, à custa da saúde e do conforto, vão arrancar o ouro e a gema, que outros aproveitam, ele mergulha, pela noite alta, no que a Humanidade ajuntou e arranca de lá a opulência que há de repartir com os moços, bisonhos conhecedores dos meandros em que a verdade se disfarça.

Que importa ao trabalhador humilde a dureza da sua condição, se é sincero na atividade e tem a paixão das maravilhas que descobre?

Que recompensa vale o recordar, nas horas de tristeza, as almas em flor que fez palpitar, à visão dos encantos que com elas repartiu?

É o irremediável prisioneiro, que antes de morrer pode repetir com Sully Prud'homme:

J'ai voulu tout aimer et je suis malheureux
Car j'ai de mes tourments rmultiplié les causes.
D'innombrables liens, frêles et douloureux
Dans l'Univers entier, vont de mon âme aux choses.

Tout m'attire à la fois et d'un attrait pareil:
Le vrai par ses lueurs, l'inconnu par ses voiles,
Un trait d'or frémissant joint mon âme au Soleil,
Et de longs fils soyeux l'unissent aux étoiles.

La cadence m'enchaine à l'air mélodieux,
La douceur du velours aux roses que je touche.
D'un sourire j'ai fait la chaîne de mes yeux
Et j'ai fait d'un baiser la chaîne de ma bouche.

Ma vie est suspendue à ces fragiles noeuds,
Et je suis le captif des milles êtres que j'aime...
Au moindre ébranlement qu'un souffle cause en eux,
Je sens un peu de moi s'arracher de moi-même.

É a inquietação suprema que faz a glória humilde dos que vivem interrogando a natureza; é a doce tortura daqueles a cuja voz indagadora e apaixonada ela responde, para entregar, pouco a pouco, o segredo das suas verdades.

Pois estudar as coisas do Brasil é encontrar uma das bênçãos da existência, na hora em que a *política*, a *ciência* e a *arte* precisam travar-se solidamente, abrindo ao povo caminho mais curto para os seus destinos. A Nação espera dos políticos mais do que o *bovarismo* do voto das mulheres; precisa que eles se encarreguem de vencer a distância e de aumentar a eficiência do homem que trabalha.

A obra dos cientistas consiste em preparar o conhecimento da terra e da gente; está em plena floração, embora amargurada pela nossa pobreza individual, numa época, em que a ciência custa mais caro do que as jóias.

À arte e, principalmente, às letras, cabe uma posição magnífica no sistema: ligar pelo sentimento todos os valores humanos, enchendo o ambiente nacional de tudo quanto perfuma a existência e faz esquecer as penas do trabalho, tornando-o destarte mais fecundo.

À Academia Brasileira, pela situação prestigiosa que tem, deu o destino função primacial. Continuemos aqui relendo Fernão Mendes Pinto ou o Visconde de Castilho, a montar guarda à virgindade da língua portuguesa; o povo irá sempre recitando a *deixa* inconsciente, deturpando o mais possível o idioma, adaptando-o ou enriquecendo-o.

Recheiam-se os vocabulários de vozes brasílicas. Daqui a pouco acontecerá com os nomes da língua o que se passa com a gente senhora dela: haverá mais brasilianos do que portugueses.

O cotejo da língua falada no Brasil, no século do descobrimento, com a que se fala hoje, mostra em certos pontos transformações muito menos acentuadas do que as que se encontram comparando o português de Gil Vicente com o de Camilo ou de Herculano. Conservaram-se muitas formas arcaicas; e por entre elas cresceu uma vegetação exuberante de espécies novas, quase todas ameríndias ou africanas. É certo que o italiano e o alemão, senão também o japonês, hão de acabar concorrendo para o admirável desconcerto, tanto mais o quanto da Alemanha e da Itália recebemos por via popular, não a língua literária, mas numerosas formas dialetais. São elas que se impregnam de brasileirismos e fazem alguns livros, impressos no sul do Brasil, difíceis

para quem só conheça o alemão literário. Vê-se, por aí, como está sendo muito mais complexa do que parece a elaboração da língua que o Brasil falará nos séculos futuros. Os eruditos de origem peninsular não querem ouvir falar em *dialeto brasiliano*... Pois são menos orgulhosos, nesse particular, os de origem alemã, que admitem, – muito depressa, digo eu, – que no Brasil já existe um dialeto germano-brasileiro, como quer B.F. Schapelle (*The German Element in Brazil-Colonies and Dialect,* Filadélfia, 1917).

Não é possível, por amor ao português dos avoengos, ignorar todos esses movimentos idiomáticos, principalmente léxicos, quando se trata de coordenar os elementos da fala atual para o nosso grande dicionário.

No vocabulário da língua que falamos, em dez palavras, há, talvez, seis nomes de animais e dois de plantas. Se a Academia Brasileira considera aquela obra como fundamental justificativa da sua atividade, claro está que, sem cuidar da Natureza, pouco poderá fazer. Mas, quem batiza os acidentes do meio – é o povo. Ele tem voz nesse capítulo...

Entendo, porém, que aos eruditos cabe manter as tradições do idioma nacionalizador por excelência, encaminhando a evolução e orientando o movimento que tem de vir sempre da grande massa dos que falam. A Academia não figura como instituição estática, ancorada na corrente dos destinos da nacionalidade; seduz, por isso, ainda mais os otimistas do meu credo.

* * *

Encontro nesta Cadeira particular atração. Recordo-me bem da vida de Hipólito da Costa, que nasceu e morreu fora da terra do Brasil, mas sempre viveu por ela. "Patriarca dos Jornalistas", chamam-lhe alguns. Para mim foi antes o "Patriarca dos Educadores" desta nação. Muito mais do que com a informação ou com a crítica, traços essenciais do jornalismo, encheu ele a existência lutando para guiar os patrícios tanto na ordem moral quanto na ordem prática.

Tinha grande confiança nos moços do Brasil, o ministro do Reino, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, seguindo o exemplo de Martinho de Melo e Castro, o que mandou Alexandre Rodrigues Ferreira executar a *Viagem Filosófica* na Amazônia. Pela mesma época, despachou D. Rodrigo a Hipólito para os Estados Unidos e para o México, com o fim de aprender e

relatar o que encontrasse de melhor quanto às culturas e às indústrias. A 24 de janeiro de 1801, Hipólito da Costa entregava a D. Rodrigo a sua *memória* – publicada na *Revista do Instituto Histórico*. Penso ter alguma autoridade para afirmar: tal monografia só poderia ser redigida por um verdadeiro naturalista.

Em Lisboa continuou a merecer a atenção de D. Rodrigo. Mas à Inquisição chegara notícia de que Hipólito, na América, entrara para a Maçonaria. Em 1802 foi preso à ordem de Pina Manique. Encarcerado numa solitária que media oito pés por doze, cujos muros deitavam água, aí permaneceu mais de dois anos. E ao juiz que o interrogava, recusou-se o supliciado a responder, para não parecer que aceitava a posição de réu. Finalmente resolveu fugir. Um traço luminoso deixou ele, afirmando que só se evadira porque lançara mão da própria chave do presídio. Não cometera nenhuma falta; saíra pela porta principal da prisão... Ganhou depois a Inglaterra. Começou, então, em junho de 1808, a publicar o *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, revista mensal que viveu até dezembro de 1822. Ciências, letras, artes, política, indústrias, informações de uso geral, tudo ele disseminou pelo Brasil, que recebia de Londres o *Correio*. Este não é o lugar de recordar todos os trabalhos de Hipólito da Costa, cuja cativante biografia tem sido bem estudada. Seja lembrado, apenas, o elevado espírito de *educador público* desse patriota que morreu naturalizado cidadão inglês, para fugir ao ódio de Portugal. Clamava com linguagem forte, mas nunca injuriosa, às vezes, com fino espírito, contra os desacertos do governo. A Independência, a transferência da capital do Brasil para o interior do país, a abolição da escravidão, a introdução dos imigrantes europeus, a criação de institutos científicos, a liberdade religiosa, a instituição do tribunal do júri, a liberdade da imprensa, a organização financeira – eis o principal dos temas de Hipólito da Costa. Grande pregoeiro de verdades que lhe subiam facilmente do coração, aconselhava à sua gente: não se discuta a forma do governo; melhorem-se os costumes.

Tal é a onda de otimismo que moveu a sua atividade. Depois de ouvir a biografia de Hipólito da Costa, perguntou-me um jovem discípulo muito amado por que razão aquele homem, nascido no Rio da Prata, formado e torturado em Portugal, naturalizado inglês, queria tanto ao Brasil? Milagre do

seio materno... E quem sabe? Segredo destas montanhas, que prendem no amor sem limites os que um dia tiveram a sorte de vê-las, mesmo de longe.

* * *

Não tenho a ventura de conhecer suficientemente o espírito dominante nesta Casa, quanto a possibilidades construtoras de nossa gente, tão certo é que os homens juntos pensam de modo muito diferente do que pensam separados. Não sei, por isso, se vive aqui também o grande e malvado derrotismo que vai tentando desmontar a nação, como informe e pegajosa saculina. Tão pouco sei se aqui viceja o preguiçoso otimismo dos que se escondem para conjurar os perigos. Desejo, porém, afirmar na hora em que me entregais a tradição de Hipólito da Costa: trago no coração uma confiança definitiva nas realizações da raça, porque a ciência me tem ensinado que a terra é áspera, mas o homem é teimoso e forte. Não há talvez no mundo moderno povo tão pouco homogêneo e ao mesmo tempo tão uniforme quanto às suas características morais e quanto à sua identificação com o meio natural, duas constantes capazes de definir as melhores esperanças. Existe um sinal que os sábios consideram a mais importante das provas de decadência: é a diminuição natural dos nascimentos. Quando as crianças não encontram o carinho de que precisam para sorrir, deixam de abrolhar na estirpe da raça, como se, para castigar os povos que não são dignos de vida, porque não na sabem transmitir, a natureza quisesse privar de encantos a gente impura que tem a desgraça de existir. É o índice máximo da involução nacional. (Kültz, *Archiv für Russen und Gesellschafts-Biologie*, 1905.)

Considerai-o, então, no Brasil; dizei-me se a humildade da minha ciência não justifica estas otimistas esperanças. E no dia em que a pujança da raça puder encontrar, na educação, os meios de salvar os pequeninos que morrem antes de reconhecer o olhar materno, dizei-me, Senhores, que será das profecias desanimadoras, que urge escorraçar da nossa alma porque são mentirosas e más.

Tenho experimentado, perto e longe daqui, algumas misérias da minha terra e muitas das suas grandezas. A beleza maior do Brasil não é, porém, na hora que passa, para ser procurada nos rendilhados sedutores do ambiente, nem na cachoeira de Paulo Afonso, nem no Pão de Açúcar... O que o Brasil tem de mais interessante neste momento histórico é o esforço da sua gente

para constituir-se de vez, plasmando-se no *sangue* e no *meio*, na derradeira arrancada para alcançar, ao mesmo tempo, a sua própria *formação* e a *conquista* final do seu território.

Esse espetáculo, de um povo que vai cheio de bravura ou de resignação, carregando os dois pesos formidáveis que são o *problema da raça* e o *problema da terra*, levando-os ao desenlace glorioso, há de ser no futuro, quando for bem divulgado, a surpresa e a maravilha do Mundo. Nos mapas há muitos claros; indagai com atenção e achareis que em cada uma dessas *regiões desconhecidas* existem, ao menos, um rancho, um berço e uma viola. A carta não fala porque o violeiro descobre e leva para o túmulo o segredo do seu encontro, não por egoísmo, mas por fatalidade que a distância e o isolamento condicionam. Há cinqüenta anos, quando cada indivíduo não podia distender a ação sobre a superfície do globo, pela insuficiência dos meios necessários, *governar era povoar*; hoje um homem sozinho, com as máquinas de que dispõe, rasga a terra, vara o céu, espalha o pensamento, expande as forças dentro de uma área infinitamente maior. Então, dominando a distância, hoje – *governar é aproximar* –. Felizmente as *distâncias* que precisam ser vencidas não são as que separam sentimentos e costumes. São as grosseiras distâncias de território. A vitória do *espírito de nação*, expresso na linguagem, é hoje indiscutível e enche de surpresa os que vêm de outras pátrias percorrer a nossa. Foi sem contestação um laço que o pressentimento dos nossos avós armou para garantir o futuro, entregando-o ao carinho daquelas que, em todo o Brasil, sempre falaram aos filhos nas mesmas vozes e das mesmas crenças, preparando-os todos para aprender nos mesmos livros.

Encontraram-se também nos Estados Unidos da América do Norte índios, brancos e negros. Corram-se os mais interessantes volumes publicados acerca da literatura dos negros e dos mestiços, nos Estados Unidos. O de G.B. Brawlet (*The Negro in Literature and Art*, 1910); o opúsculo *Negro Literature*, no Décimo Quarto Relatório da *Atlanta Conference*, ou, melhor ainda, o interessante trabalho de Edward Byron Reuter *The Mulato in the United States* (Boston, 1918). Sempre a mesma verificação de insuficiência literária. E.B. Reuter afirma que até agora o sangue negro nada ou pouco produziu.

Em uma tese de doutoramento, apresentada à Cornell University, em setembro de 1923, e publicada em 1926, com o título *The Negro Character*

in American Literature, pelo Prof. John Herbert Nelson, da Universidade de Kansas, encontro notas semelhantes. É possível, diz ele, que à raça não se tenha ainda deparado ocasião propícia; talvez o período de desenvolvimento e educação tenha sido curto. Seja como for, a verdade é que a literatura dos negros e mestiços norte-americanos até hoje não teve relevo. Por quê?

Por que razão não deram eles um Machado de Assis, um Gonçalves Dias, um Tobias Barreto? É que o influxo da alma feminina, mormente pela religião, conseguiu formar aqui ambiente capaz de aumentar o coeficiente de velocidade com que iam caminhando os atrasados. Diríamos que o calor da afeição aumentou a intensidade das reações morais, – tal qual se passa no conflito das reações químicas, em que a energia térmica desperta afinidades insuspeitáveis e consegue inauditas combinações, entre corpos que longe dela permanecem indiferentes uns aos outros, através de todos os séculos da criação. Procure quem quiser outras razões. Foi esse mesmo fator que abriu no lar dos brancos o lugar dos outros dois companheiros daquela saudade de que vos falei no começo. É, ainda hoje, ele mesmo o abençoado responsável pela definitiva incorporação dos últimos chegados.

Todos vós conheceis esses que andaram correndo mundo, no desejo ansiado de vencer a terra, devassando as nações, sentindo o embalo de todos os mares e a vertigem de todas as montanhas, vindo, ao cabo de muitos anos, ainda robustos e fortes, – não porque se lhes tivesse amainado o primitivo impulso, mas vencidos por uma nova força de encanto inexplicável – fixar a vida nestas paragens, por amor dos filhos. Na história deles vejo o símbolo que me faltava: esta é a terra que prende, a pátria que tem o segredo de elevar o nível moral de todas as raças.

* * *

Bati mais de uma vez à vossa porta, mas fui sempre tão tímido, pela consciência da minha fraqueza, que mal se ouviu neste palácio a voz do recém-vindo. Algum de vós, é bem possível, tenha dito, como o poeta, ao escutar os primeiros sinais do postulante: "É o vento e nada mais."

Finalmente, veio a rajada da vossa generosidade, honrando-me de modo tão singular.

Quero dizer-vos agora, em voz alta, Senhores meus colegas, as palavras que o meu coração a todo momento me segreda. Ele tomou a seu cargo fazer que nunca mais esqueça o que vos devo. É um tirano que me leva sempre para onde quer, com a segurança de quem governa, senhor de todos os segredos do governado. Ah! Bem o conheço, esse teimoso! Acreditai-me. Há de passar o resto da vida repetindo, cada dia, tudo quanto for preciso para que seja perfeita a minha gratidão.

II

RESPOSTA DO SR. ALOÍSIO DE CASTRO

SR. ROQUETTE-PINTO,

Recordando-nos agora que mais de uma vez batestes à porta da Academia, antes que vo-la abrisse a eleição unânime que aqui tão aplaudido vos trouxe, dais-nos a ver que a persistência está nas vossas qualidades e que a ela muitas vezes coroa o seu devido prêmio. Há na persistência um quê de teimosia, nem sempre intolerável. Insistir no propósito malogrado pode ser prova de fé e de valor, ou quando menos daquela boa paciência, tão louvada em todas as cousas.

Boa escola, a das eleições acadêmicas. O candidato é por natureza sorridente e o protocolo obriga a visitas. Mas saber sorrir de uma eleição perdida, isso não será para todos. Alguns votos na primeira tentativa nada exprimem, ninguém quer prêmios de animação, e o bom é ter vitória plena e certa logo ao primeiro lance. Só os romanos, mestres na sabedoria da vida, haviam igualmente por vencedores os que venciam e os que não se desesperavam de vencer. Ao que não entra, o melhor é voltar costas, e pelo visto não fica deselegante ou sem propósito pôr-se às testilhas com a Academia e motejá-la, pelo menos enquanto não surge a tentação de outra vaga, que torne ao candidato a flor dos sorrisos.

Afinal, galantear Academias sempre será como galantear damas, e estas, ao que parece, ainda quando passem de quarentonas, não costumam dar a mão a beijar logo à primeira vez.

Com a vossa entrada cresceu em nosso grêmio o rol dos médicos, o que poderia trazer apreensões, porque em toda parte se diz que, seja o caso qual for, aos muitos médicos é dificil resistir. Mas de vós temos garantia de que não exercitais a medicina. Não é desnecessária a declaração, pois, segundo opiniões de muita conta, para os clínicos a porta é do outro lado, e quanto a isso de letras fiquem-se só com as de Hipócrates. Não falte, entretanto, no caso certa tolerância, ao menos por amor da indumentária, já que neste círculo ilustre onde há murças, capelos, barretes, estrelas de generalato, opas professorais, toga, mitra e báculo, poderia estranhar-se faltasse a beca dos médicos.

Mas assim ou não, ninguém se tema de vós que, profundo doutor, não conheceis a doutorice, nem a incoercível palraria do *furor loquendi*. A palavra copiosa, acabais de dizê-lo, "sempre foi recurso do homem que ignora".

Hoje fostes compelido a falar, mas cousa extraordinária num orador, não falastes de vós, e por outro lado nos trouxestes um discurso de idéias, o que já se pode admitir quanto a acadêmicos, aos quais noutro tempo dera a pauta o conhecido verso de Musset:

"*Nu comme le discours d'un académicien.*"

Sois douto, sendo moço. Assim pode ser quando cedo se começa, sem jamais abrir mão do estudo, e uma longa disciplina faz render o tempo pelo duplo. Mas o título de sábio que vos criastes não indica em vós, apenas, no sentido comum, a autoridade do homem de ciência, senão a do homem de cultura integral, que também na arte e nas boas letras foi haurir os fundamentos da personalidade. Sentando-vos em uma das suas cadeiras, a Academia laureou no artista o ciente. Porque não é de esquecer que um dos objetos fundamentais da vossa considerável obra científica, a etnografia brasileira, não poderia passar sem cuidado e interesse nesta Casa, onde a par dos estudos lingüísticos e literários, os assuntos essencialmente brasílicos e tudo o que diz respeito à nossa nacionalidade são seguidos com vivo movimento de simpatia.

Poucos os terão profundado como vós, em seus aspectos mais difíceis, estudioso que sois, há tanto tempo, da nossa terra, nossa natureza e nossa gente.

Mal transpúnheis doutorado a Faculdade, vinte e dois anos há, e já em vossa tese acerca do exercício da medicina entre os indígenas da América se vos declarava o gosto pelo americanismo.

Pouco depois a etnografia indígena do Brasil começou a ser o assunto predileto dos vossos silenciosos e porfiados estudos, e logo em 1916 surgiu a público essa *Rondônia* monumental, só por si bastante a consagrar um escritor. Que é a *Rondônia*? Uma obra de ciência pura e um hino à natureza.

Uma enorme região do nosso território podia ter-se por desconhecida até 1907, quando um general, como aqueles intimoratos missionários que no início da colonização intentaram os nossos sertões, por ela se embrenha com ousados companheiros. Era o início dessa obra patriótica, benfazeja e por todos os títulos admirável, que sagrou o grande nome nacional de Cândido Mariano Rondon. Ele abriu a vereda, entrou o sertão, sondou a terra, volveu, reentrou. De ano em ano, incomparável chefe, buscou melhores elementos de trabalho e aos compartes que perdia, sacrificados à feridade dos selvícolas e ao agreste dos climas, outros se substituíam, com valor não desmentido. Fostes um destes. Iniciando o vosso tirocínio no Museu Nacional, aí vos tocou examinar com reflexão de estudo os objetos indígenas recolhidos pela expedição Rondon. A vossa imaginação completava o quadro e a grandeza daquelas paragens, onde está como o coração do Brasil, para elas vos chamou. "A poesia daquelas terras remotas infiltrou-me o pensamento".

Foi a revelação dos destinos que iam tão ditosamente coroar a vossa carreira. Em 1912 partistes com a expedição. Era o mundo desconhecido que se abria à vossa ardente curiosidade científica, era o entrevisto no sonho que agora em realidade magnífica se vos descerrava aos olhos. Mais duro o caminho, mais bela a jornada. A terra crescia. Primeiro os campos, onde se perde, nos silêncios da tarde, o balir dos rebanhos. Palmilhastes Mato Grosso. Rasgando caminho, rompendo por tudo, cruzastes chapadas e chapadões infindos, lá "onde a siriema grita e o eco não responde", cortastes vales e cabeceiras de rios. Ao longe as serranias, a sombra espessa dos bosques, as florestas das montanhas. Avançais. Agora já se agitam as copas farfalhantes, passa o sopro das auras perfumadas. A mata rumoreja. É o cenário grandioso das regiões selvosas.

Por toda parte, em zonas tão ásperas e rigorosas de passar, onde a beleza da terra só à custa de perigos se revela, tudo perlustrastes, tudo interrogastes, flora, fauna, tudo notastes, e recolhendo da missão de tudo nos falais experimentado.

Do que nos referis se pode bater fé, não são novelórias ou contos de caçadas famosas, em que pelo geral se tolera e até se aprecia qualquer pique de exagero, com que a fantasia torne mais pitorescas as peripécias e os riscos no desemboscar a presa. Não nos recontastes aventuras ou perigos de que escapásseis por milagre, não vos malferiram as setas ervadas com que os rudes índios frecham os inimigos. Nada disso. Preferistes simplesmente ser o observador exato e o narrador verídico.

Todos sabem que o indianismo entre nós (não falo do indianismo literário, que já deu o que tinha de dar), não teve ainda no ponto de vista científico e social quem lhe trouxesse como vós tão sérios elementos de estudo. Versastes praticamente o problema que Gonçalves Dias, Couto de Magalhães, Batista Caetano, Barbosa Rodrigues e outros da mesma esteira já tinham considerado em ótimos escritos. Mas todos fizeram no assunto obra esparsa e parcelada. Capistrano de Abreu tem entre os mais um lugar distinto, com a sua esplêndida obra de vulgarização das conquistas da etnografia brasiliana da escola alemã, fundada por Martius, e a ele coube gizar as diretrizes verdadeiramente científicas de tais investigações entre nós.

Falar em Capistrano de Abreu não é somente invocar uma memória por tantas insignes prendas cara e respeitada, é associá-la a este ato, ele a quem tomastes por mestre dileto, ele que tendo-vos na mais ilustre conta nunca vos faltou com o prêmio da sua amizade. Grande e singular figura a desse omnilingüe Capistrano de Abreu, com o seu conversar bonacheirão e despreocupado filosofar, indiferente a gloríolas, dando aos ombros quando o exaltavam, como se desconhecesse o valor próprio. Poucas vezes se terá visto um sábio tão integrado na paixão das suas pesquisas, e se dissera que o seu pensamento vivia entre esses índios de por aí além, Brasil adentro. Ele vos preparou para a empresa que intentastes, porque ao partir para os longes onde campeiam os selvagens já possuíeis essa notável cultura técnica que ali vos permitiu levar a termo as complexas investigações que vos propúnheis. Fizestes *in loco*, lá nos tabuleiros da Serra do Norte, o estudo da população

índia revelada pelas expedições Rondon, e nos múltiplos aspectos da antropologia, da etnologia e das condições de vida, trouxestes à ciência um sem conto de observações, muitas até então totalmente desconhecidas.

A antropologia no Brasil teve cultores de mérito, João Batista de Lacerda, Rodrigues Peixoto, Nina Rodrigues. Mas fostes vós, porque assim o digamos, aquele que no vivo criou aqui essa ciência, e o que determinou os elementos para a exata caracterização dos tipos antropológicos da população do Brasil.

Nos Nhambiquaras fostes reencontrar, nestes dias da nossa época, o homem primitivo da idade pétrea. E então vos admirais de que, ao passo que a ciência moderna incessantemente opera no mundo maravilhosas e rapidíssimas mutações, só mui lentamente o homem se transforma.

Não sei se a razão estará toda convosco, e se o selvícola e o homem de civilização inferior se mostram inacessíveis, de todo ou em parte, à evolução civilizadora, por condição refratária e intrínseca de natureza étnica, ou se por efeito dos processos da civilização. Esta questão prende com outra, o papel social do homem civilizado sobre o selvagem, ao qual em vosso conceito o Estado deve meramente assistir, sem o intento de o incorporar à sociedade civilizada e à economia nacional. Mas não estará precisamente aí, nesse largar o índio à sua condição natural, o motivo dessa demorada transformação do homem, a que aludis, ao contemplar ainda na era atual exemplares humanos estacionados na condição da idade lítica?

O que até aqui sucintamente apontei dará idéia do vosso esforço de indianista e do quanto se vos deve no tocante às particularidades da vida aborígine do centro do Brasil. O índio na maloca, nas dilatadas rechãs ou na selva fechada, o caráter, a linguagem, as toadas, as canções, os tangeres, as danças, os ritos fúnebres, tudo aparece em vossos escritos, traçado a primor do natural nos seus aspectos mais impressivos com a palheta de mil cores da nossa paisagem.

Mas não vos contentastes com estudar por todas as formas o índio vivo, e devo recordar que a primeira dissecção anatômica da raça indígena fostes vós que a praticastes, com a ilustre colaboração de Benjamin Batista e Alberto Childe.

Eu recearia espraiar-me na análise de todos os vossos trabalhos científicos, e não seria aqui por certo o lugar de o fazer. Não falarei assim em vossos estudos sobre a fauna cadavérica e tantos outros. Mas não deixarei de saudar o descobridor da maior e mais linda aranha caranguejeira do Brasil (toleraime o adjetivo), a *Grammostola roquettei* das matas de Itapeva, no Rio Grande do Sul, determinada como espécie por uma autoridade de peso, o professor Melo Leitão.

A glória exige que os varões ilustres passem o nome a alguma cousa. Os homens de ciência também figuram, como todo o mundo, nas placas que indicam ruas ou estações ferroviárias. Contudo o que mais eles prezam é emprestar o nome à definição de espécies animais. Dar o nome a uma aranha, Sr. Roquette-Pinto, já vos devia bastar. Mas também um cogumelo tomou o vosso apelido, o *Endodermophyton roquettei*, batizado pelo Dr. Olímpio da Fonseca Filho. Nem é tudo, e o melhor está no resto, porque há um pássaro, que voa e transvoa nas solidões goianas, levando nas asas inquietas vosso nome através dos campos sertanejos. É o *Phylloscartes roquettei*, que a notável zoóloga alemã Senhora Snethlage assim crismou em louvor dos vossos serviços à história natural.

Que outra homenagem vos terá acaso tão fundamente tocado como essa, a vós que sabeis contemplar asas soltas no azul, e ao ver a ave que se pousa na flor abrindo de seu botão, vos tereis algum dia perguntado, como no verso de Bouilhet,

"*Si c'est la fleur qui chante ou l'oiseau qui fleurit...*"

Recordando os vossos serviços à ciência, abstenho-me de esmiuçar os valiosos estudos que vos ganharam foros de fisiologista. Não seria possível, porém, calar a grande distinção que vos tocou, quando há poucos anos fostes oficialmente organizar o ensino da fisiologia na Faculdade médica do Paraguai. Para tal fim aquele instituto solicitara do governo brasileiro o concurso de um homem de ciência. Quando fui chamado a fazer a indicação (porque eu dirigia nessa época a Faculdade de Medicina) propus o vosso nome, logo aceito, e de quanto acertou o nosso governo logo se fez prova

com o ótimo sucedimento que vos surtiu do curso em Assunção, onde o vosso saber encontrou a admiração devida.

Regressastes à pátria, depois de assim a ter belamente servido no exterior, retomastes vosso posto de labor no Museu Nacional, e dentro em pouco, vacante a direção do mesmo, eis-vos diretor. Era o vosso posto: àquela casa vos levara a palma de um concurso e ali passastes anos de estudo sustentado com alento. Não vos foi exigida certidão de idade. Em geral, para funções como essa se pedem anos provectos e aos diretores de museus não fica mal um pouco do aspecto histórico, algo que os faça, para efeito de harmonia, como essas antigas cousas veneráveis, a que se dá o nome de "peças de Museu".

Convenhamos que a República se afastou da tradição comum e para ali tem levado homens novos, a febril e fecunda atividade do Dr. Bruno Lobo, depois a do Dr. Artur Neiva e agora o vosso entusiasmo idealista, ardente e criador. E não vemos de outro lado, no Museu Histórico Nacional, radiar e florir a galharda juventude do nosso confrade Gustavo Barroso?

Os museus são tristes, o que a eles se recolhe vai como ao último fim dos seus destinos. Não seria sem propósito chamá-los o cemitério das cousas. Tudo é silêncio, e nas salas desertas, onde toa funérea a tardia passada dos guardas, que oscitam indiferentes, na visão fatigada e monótona do mesmo quadro, o visitante, olhando os escaparates, tem para os objetos um ar indefinível, que é curiosidade cansada e admiração tediosa.

Desconsolada glória dar fundo num Museu, para a contemplação dos pósteros. Que fado esperava o luzido chapéu de Napoleão? Numa das cenas do "*Aiglon*", Metternich, entrando um dos salões do palácio imperial de Schoenbrun, vê sobre a mesa o famoso chapéu bicorne e ironicamente o apostrofa:

"*Et si je te jetais, ce soir, par la croisée,*
Où done finirais-tu, vieux bicorne?"

E o granadeiro responde, na meia sombra, à parte:

"*Au Musée*"...

A posteridade é imponente, mas concordemos que o melhor das cousas é contemplarem-se na luz do seu dia, como a vida às arruma, no seu ambiente natural.

Foi por isso que tratastes de animar o Museu, luz, ar, vibração, movimento, vida, que tudo lhe vem da vossa assistência e do risonho eflúvio que de vós docemente se desprende.

Todos conhecem os preclaros serviços que assinalam a vossa conspícua direção naquela casa, onde contais por colaboradores um grupo de homens verdadeiramente ilustres. Com eles, desenvolvendo incessantemente as pesquisas nos múltiplos ramos da história natural, aperfeiçoais dia a dia no Museu um instituto científico, que cedo ou tarde, se há de incorporar à nossa Universidade, quando ela puder corresponder efetivamente ao seu nome. Isso não tirará ao Museu a sua eficiência como centro de educação popular que deve ser.

Somente, uma instituição que a tal fim se proponha precisa ter portas abertas dia e noite, e entre quem quiser aprender, entre o povo, por cujos interesses devem moldar-se os regulamentos. Esta observação faz lembrar o que certo dia passou em um Museu, onde se apresentaram dois rapazinhos. Ardia-lhes o ânimo na curiosidade do que esperavam contemplar, mil cousas que a imaginação prefigurava, quando a um deles cortou o passo o impávido porteiro. "Não entrarás!" Nisto sai o Diretor e o meninote para ele apela. Não foi difícil reconhecer o obstáculo à entrada: o menino era pobre e estava sem gravata; ora, sem gravata ninguém entra, é a voz do regulamento. Grave era a matéria, mas o diretor, homem sábio e piedoso, desatou a complicação desatando a própria gravata, que enrolou no pescoço do rapaz. Cumpriu-se o regulamento, e enquanto, rubro de alegria, lá se foi o pequeno, marinhando escada acima pelo Museu adentro, o Diretor levantava a gola do casaco e saía a filosofar que a gravata é na vida uma cousa mui essencial, não somente para estar em boa sociedade, senão ainda para cultivar o espírito. Duas vezes belo e magnífico foi assim, Sr. Roquette-Pinto, o vosso gesto: para dar vos privastes, e vestistes o próximo, alumiando-lhe o cérebro.

Do que até agora temos visto, o que mais deveras dá o traço da vossa personalidade e põe o selo nos vossos trabalhos é o entranhado amor das cousas da nossa terra, desde a formação da raça aos seus desígnios históricos. Em

tudo lhe cantais o esplendor. É a luz a jorros, é o solo ubertoso e abençoado, os campos e as flores olentes, os rios, os mares, as espigadas serras onde o olhar se perde em maravilhosos cicloramas e se deslumbra no esbraseado céu das tardes tropicais.

Esse culto do Brasil-natureza, que se trai em todas as vossas preferências no domínio científico, por igual se demonstra nas vossas predileções literárias.

Que prosador dentre os nossos desperta, mais que qualquer outro, a vossa admiração? É Euclides da Cunha, o amoroso dos sertões adustos, cujo estilo tem a pompa das selvas luxuriantes, o artista que rasgou a cortina desse encantado vale amazônico, o inferno verde de Alberto Rangel ou o verde paraíso de Raimundo Morais.

Qual o poeta que amais sobre todos? Nenhum como Vicente de Carvalho, que cantou a excelcitude do mar nos versos grandíloquos que ainda há pouco soaram dos vossos lábios comovidos:

Mar, belo mar selvagem
Das nossas praias solitárias!

Em todas as cousas dais a palma ao que é nosso. Aromas não os há como os das nossas florestas, e do nectário das nossas flores silvestres as abelhas lavram, no oco das árvores, o favo mais estreme e saboroso. Ninguém vos fale em abelhas de Himeto ou do Hibla. Mel tão doce não haverá como o do manduri, da bojuí preta, da uruçu ou da mandaguari, e estamos agora a ver-vos dando estalos de língua, pois, no depoimento que escrevestes, esse mel divino "tem requintados todos os perfumes das matas brasileiras e resume um poema de cheiro e de sabor".

Assim em tudo procurais revelar o Brasil aos brasileiros, para que não desestimem o que é da pátria.

Em toda parte se louva o que medra no torrão alheio e vem de fora. Não era de outra forma com os nossos antepassados lusos, de quem já no século de seiscentos lá dizia o mirífico D. Francisco Manuel de Melo, que lhe faltava paciência para sofrer os modos, quando apesar de nados e criados com as boas sopas portuguesas, com um pouco de ausência já lhes enfadava, ao

tornarem, tudo o que era do reino. Perpões não havia como os franceses. Botas, só as de Inglaterra. Casacas holandesas e calças borgonhesas. Ah! as modas de Bruxelas, as espingardas de Londres! "Em conclusão", fala o autor dos *Apólogos Dialogais*, "o negócio é posto por eles em tais termos que nem andar, nem vestir, nem comer se pode já à portuguesa".

Vós vos admoestais que se deve fazer tudo isso à brasileira. Mas concedei-nos, ao menos noutro terreno, algumas parisianices, já que esta Academia se modelou na francesa. E eu de mim só vos exoro me não leveis em mal a fantasia de preferir ao ramalhudo jatobá e à gigantea sumaúma, o choupo esguio e os perenes ciprestes da Grécia e de Florença.

Que o culto nacional, ou como hoje está por moda dizer-se, o amor da brasilidade, nos não prive do que, sendo belo, não é contudo nosso, nem o ser nosso sirva por desculpa ao que porventura for mau. Na epígrafe de que tão amiúde lançam mão escritores, pondo no cabeçalho dos livros "mau, mas meu", não está escusa que se admita, e ao leitor só lhe resta tirar por conclusão que, sendo assim, tanto pior.

Eu não seria (tomando o exemplo que mais aqui nos deva interessar) eu não seria dos que trocassem o bom falar português pelo que já hoje se quer chamar a língua nacional brasileira. Respeito o sentimento dos que propugnam a independência do nosso idioma, como o meu sempre acatado mestre Sr. João Ribeiro, e dou razão ao nosso brilhante Humberto de Campos, que poucos dias há, em nossos trabalhos ordinários, comentando recentíssimo dicionário português, estranhou não virem aí os brasileirismos com a indicação da origem.

Não se pode, por outra parte, negar que o desenvolvimento literário em certos pontos do norte e do sul do nosso território haja concorrido, nestes últimos tempos, com os motivos regionais de inspiração, para estabelecer na sintaxe e no vocabulário, certa feição própria do nosso falar.

Mas sou por dizer que nada justifica, no propósito de antecipar uma autonomia lingüística que só poderá vir com os séculos, se acoroçoem e desculpem invenções, modismos e deturpações de legítimo vernáculo.

Não vos foi preciso, meu nobre confrade, outra língua que o verdadeiro português para traduzir nos vossos escritos literários a vossa inspiração radicalmente brasileira.

Nos vossos contos já publicados e nos inéditos, tudo se passa no Brasil. *Vozes da Minha Terra* é um título que diz tudo, e no conflito do homem com a forte natureza, fundamento de todas essas páginas, tudo é Brasil e só Brasil.

Escolherei dois exemplos à ventura. "A Canoa" é a história da vingança de um tropeiro contra o pai da moçoila querida. Espreita-lhe a casa, vê o homem sair para a pesca no rio, entrar na canoa e adormecer à hora da sesta, ao balanço das águas. Matá-lo? Não. A corrente que o leve. Cauteloso aproxima-se do barco, corta-lhe as amarras, a canoa deriva, rio abaixo, arrastada para as pedras. É quando surge, bufando, a cobra, a imensa sucuri. Dá certeira o bote no homem, vira-se o barco na peleja e o horror se acaba no fundo das águas caudalosas.

"O pioneiro" é outra amostra do mesmo lutar do homem no meio nativo, arrostando a vida num rincão inóspito. O episódio mais interessante é o ataque do tamanduá-bandeira. O campeiro do sertão Paracatu contou o caso que com ele passou. Travada a luta, o animal, roncando, cravou-lhe as garras e não havia forças que o dobrassem. Afinal o caboclo o esfaqueia, mas o feroz bicho, arfando agonizante, nem assim larga a presa. Com esforço arrasta-se o pioneiro até à casa, onde a mulher consegue, enfim livrá-lo das unhas do agressor. E o sertanejo, fechando a narrativa, conclui que para as feridas do homem nada tão doce como as mãos da mulher. Mas mulher tem mãos e olhos, e nestes ninguém se prenda. O matuto sentenciou: "olhos de mulher são como garras de tamanduá".

Se em vossos contos literários palpita a alma ingênua e rústica das gentes do sertão brasileiro, já diversa é a nota em que se afina a vossa lira de poeta. Porque também sabeis falar com esmero a linguagem dulcíloqua dos versos, ainda que não tenhais dado à musa mais que o sonho de fugitivos momentos.

Como poeta, não sois homem do sertão, não cantais os idílios bucólicos e pastoris e o vosso lirismo tem os refinamentos do amor civilizado. Encanta-vos o vestuário feminino, rendas, tules, sedas, e na evocação de belas horas é o corpete que um dia se ajustou ao busto grácil da amada, que vos torna à memória e abraçais como se lá fora ela mesma:

Como alva teia de uma aranha agreste,
Tenho aqui, entre as mãos, todo rendado,
O corpete de crivos que me deste
Do cheiro do teu corpo perfumado.

Preferis em matéria de poesia, como homem de cidade, a linguagem repolida dos salões, e nunca versejastes no estilo da trova singela, em que a alma campesina transverte as suas alegrias e queixumes. Sentis fundo a comovente doçura dessas cantigas, mas, dissestes-no-lo há pouco, só as quereis na moldura em que guardem toda a sua expressividade, lá no escampo, quando o céu luareja as estradas solitárias. Convireis que isso é estar fora do nosso tempo, em que o violão troneia nas salas e o bailar é com a guitarra e a banza. Tudo afinal são cantares e folgares, e se diria que as chulas e lundus não valem menos que o sapatear das danças e batuques americanos, hoje requinte da elegância. Tudo caminha e o gosto é a novidade. Pois não se viu há pouco, em São Paulo, os coros ucranianos adotarem o cateretê?

Eu me fico convosco, e trovas e violas só no silêncio dos campos, quando o caipira despede, a quebradas, nas horas altas da noite, os descantes da sua tristeza.

Com razão se há de conceder a Osório Duque-Estrada, cuja Cadeira vindes aqui ocupar, o mérito de, um dos primeiros, haver revelado nas nossas trovas populares, que reuniu e publicou, tantas belezas nativas. Ele foi assim dos que concorreram a suscitar o gosto por essas flores anônimas das quadrinhas do povo e poetas ignorados, que trovam de repente, ao desafio, entre motes e ditotes. Mas Osório Duque-Estrada não perseverou nesse gênero, de que se acabou fazendo hoje uma literaturazinha. Sua veia poética, precocemente revelada, se declarou magnífica na *Flora de Maio*, tão louçã como o seu título, formoso livro que não passou e ainda vive. Ele seguiu a regra de todos e daí avante só poetava de longe a longe. Pouco a pouco o absorveu a crítica literária, e nela se ficou.

Os críticos profissionais são pelo geral homens frios, que acabam perdendo o sentimento da admiração, o ótimo não existe, e o ofício não permite louvar sem reservas. É preciso manter a autoridade descobrindo defeitos. Por isso, numa obra, o seu sentido geral, os por maiores, não costumam interessá-los, os pormenores sim. Afinal nesse esmiuçar, nesse ver e rever, mexer e

remexer, virar e revirar, de ordinário a muitos acontece o que lembrava Taine: olhar a tapeçaria pelo avesso.

Osório Duque-Estrada não tinha, porém, o temperamento do crítico, admirava e detestava, arrebatava-se pela beleza e tomava-se de indignação contra a tolice. Daí as suas apreciações se extremarem em desmedidas apologias ou em condenações finais. O crítico era o que nele o homem, alma ardente e apaixonada. Não admira, pois, que no longo período em que exercitou na imprensa a crítica literária, ele enristasse a lança em desabridas batalhas e provocasse contra si ódios e malquerenças.

Sendo bom escritor, ainda que um pouco gramático, Osório Duque-Estrada, que exceleu em livros de vulgarização didática, tinha o fervor do nosso idioma. Escrever mal não se perdoa, e se para o público ainda menos, era o seu lema. Ele atravessou assim a sua carreira, entre polêmicas e lutas acerbas, que nos tiravam da mornez habitual de um ambiente literário sem estímulo.

Que de vezes, nas sessões acadêmicas, sua voz se inflamava discutindo com ardor que ia até à paixão? Parecia pequena a causa do debate, uma questiúncula de estatutos, um parecer sobre prêmios ou menções honrosas? Tudo se lhe figurava considerável e o entusiasmo era *o* mesmo que nos grandes assuntos. Sempre convencido de que a razão lhe assistia, porque boa-fé não faltava, ele se empenhava a todo o empenho pela vitória do que defendia.

Não se poderia negar certa beleza à sua atitude, ainda que não raro pessoal ou intransigente em excesso. Mas o que tinha por dizer, dizia-o a peito aberto, com denodo e bizarria. Ele era uma opinião e isso não era pouco. O que nunca lhe ouvimos foram gabos de encomenda, louvaminhas ou cortezanices, porque em todas as vicissitudes de uma existência trabalhosa guardou estrênuo inquebrantável independência, que era afinal a sua força.

Na vida literária de Osório Duque-Estrada perdura um traço que não pode ser hoje esquecido, o seu provado amor desta Casa. Em todas as circunstâncias, nos prélios mais acesos, aqui e fora daqui, era a Academia o seu constante cuidado, e na defesa do seu programa se extremou com inarrefecido entusiasmo.

Faz um ano, por uma tarde de janeiro, ardendo em febre, os olhos escandecidos, caindo de cansaço, Osório na sua Cadeira porfiou manter-se até

o fim dos trabalhos, na última sessão a que assistiu. Vimo-lo, a seguir, prostrado no leito pela grave doença que o levou. Conversava sobre a Academia, informando-se da marcha dos debates. E finalmente, quando os progressos da sua maligna febre pouco a pouco o hebetavam, nas falas do delírio a língua entaramelada ainda deixava perceber o nome da Academia e dos seus companheiros.

Não pode ser, pois, senhores, com a fria expressão das apologias convencionais que hoje revoquemos a memória inesquecível do confrade que, vivo, nunca nos esqueceu, e todos, seus amigos e ainda os que por dissentimentos ocasionais dele viviam apartados, todos, agora que o tempo aplacou os braseiros, nos congraçamos na mesma recordação saudosa e nos volvemos com apreço para a figura de Osório Duque-Estrada.

Dando-lhe a sucessão a um espírito como o vosso, Sr. Roquette-Pinto, a Academia de algum modo guardou uma tradição, porque, há pouco o relembrastes, na Cadeira de que é patrono Hipólito da Costa, o patriarca dos nossos educadores, vindes depois de Sílvio Romero e Osório Duque-Estrada, ambos professores; e é vossa a confissão de que, igualmente professor, outra cousa não tendes querido ser na vida.

Nesse belo apostolado intelectual, a que consagrastes desde cedo vosso rico talento, há um tempo apareceis como professor de alta ciência e como educador popular, um de cujos serviços, e não dos menores, foi a iniciativa de concorrer para a vulgarização do ensino pela rádio-telegrafia e rádio-telefonia.

Na cultura omnímoda do vosso espírito tudo se diria obedecer, na imensa variedade dos conhecimentos, a uma unidade fundamental de princípios, e daí resulta, tão original e harmoniosa, a característica da vossa personalidade.

Não pondes tudo no só valor das teorizações, mas nas realizações práticas vedes o caminho do nosso progresso.

Bem podeis assim aparecer-nos, na suma consagração de hoje, como o símbolo do Brasil novo, da pátria onde, como nos dizeis, "a terra é áspera mas o homem teimoso e forte". Sois desses homens, caro e ilustre confrade, mas em vossa fortidão esplende aqueloutra, a força mesma de brasileiro, a força soberana da bondade, que é razão, desprendimento, altruísmo e amor.

E assim, ao dar-vos as boas-vindas da Academia, é para os moços de hoje que em nome dela me revolvo, para que abracem os vossos conselhos, aprendam do vosso exemplo, e saibam esforçar a obra que tomastes por empresa, executando com fé os nobres propósitos que farão amanhã a glória do Brasil.

Discurso do
SR. RAMIZ GALVÃO

e

Resposta do
SR. FERNANDO MAGAHÃES

Sessão solene extraordinária
do dia 23 de junho de 1928

I

DISCURSO DO SR. RAMIZ GALVÃO

Ex.mo SR. Representante da Presidência da República.

Ex.mo Sr. Presidente da Academia e digníssimos confrades.

Há alguns meses, quando a suma benevolência de distintos amigos me suscitou a idéia de nova candidatura ao ilustre e acatado grêmio da Academia Brasileira de Letras, antevendo eu embaraços que os pudessem contrariar, escrevi a um deles, que me honra com a sua estima, pedindo-lhe que abandonasse o seu generoso pensamento e lembrando-lhe aquela profunda sentença do grande Sófocles exarada na *Antígone* (versos 67 e 68): *tá perissá prássein ouk échei noun oudéna*, "é loucura empreender o que se não pode conseguir".

Os generais de valor, entretanto, quando a seus outros altos méritos reúnem a excelsa bondade do coração, não recuam do campo da peleja ao simples aceno de adversários, por muito valentes e dignos que sejam; mandam cerrar fileiras, desfraldar estandartes e correr à liça.

Assim se realizou aqui o pleito de 12 de abril, em que tive a fortuna de merecer o que vos solicitara, coroando-se destarte uma longa vida de trabalho com a palma da vitória, – generosíssima e fidalga honra, certamente superior ao mérito real do vosso novo companheiro.

Esta ventura insigne traz-me à lembrança um episódio da fértil e curiosa Mitologia grega, que tomo a liberdade de recordar.

Um caçador da Arcádia, por nome Alfeu, morria secretamente de amores pela ninfa Aretusa, que se lhe mostrara esquiva e que, para fugir às suas solicitações, graças ao poder de Diana, fora metamorfoseada em fonte. Alfeu, por sua vez, convertido em rio por influência dos deuses, abriu caminho e foi

ao seio do mar reunir-se à formosa Aretusa, que nunca lhe saíra do coração. Foi desta sorte premiada a sua constância.

Eis o caso. A Academia Brasileira de Letras, pelo influxo de um poder mágico, recebe hoje a saudação afetuosa do seu velho admirador, sempre cativo desta deusa, que tem aqui altares e uma plêiade brilhante de levitas, desde o amável benjamim da tribo – o distinto cantor das *Últimas Cigarras*, – até o aclamado príncipe dos nossos poetas, – o laureado cinzelador do *Livro de Ema*.

A Cadeira que devo ocupar, Srs. Acadêmicos, graças ao vosso generoso acolhimento, tem por patrono Araújo Porto-Alegre, nome dos mais justamente venerados assim na literatura como nas Artes e na História Nacional, – patrono que eu talvez escolhesse também, quando em 1897 tive a honra de ser convidado para constituir o grupo de fundadores da Academia, distinção que me foi oferecida pelo egrégio Lúcio de Mendonça e pelo saudosíssimo brasileiro José Veríssimo de Matos.

Efetivamente Porto-Alegre foi um dos ídolos da minha mocidade, particularmente ante a eloqüência máscula dos seus discursos proferidos nas sessões magnas do Instituto.

Passados tantos anos, julgo de meu dever prestar-lhe esta homenagem, a primeira que se lhe rende na Academia, porque só agora a sua Cadeira vagou. Outras já o Instituto Histórico tributou ao eminente rio-grandense pela voz do conselheiro Olegário Herculano de Aquino e Castro, em 1880, e a Escola Nacional de Belas Artes, em 1916, pela palavra brilhante de Basílio de Magalhães.

Fora abusar da vossa bondade traçar aqui com pormenores o quadro da longa e trabalhosa vida desse ilustre patrício, artista, professor, poeta e escritor insigne; como testemunho da minha admiração serão bastantes as linhas gerais do seu perfil no cenário da Pátria, à qual amorosamente ele serviu.

Rio-grandense do Sul, viu a luz do dia a 29 de novembro de 1806, na então vila e hoje cidade do Rio Pardo, naquele mesmo torrão pátrio em que abri os olhos para o mundo. Foram seus progenitores Francisco José de Araújo e dona Francisca Antônia Viana.

Seu primeiro nome – Manuel José de Araújo – esse ao tempo da nossa Independência, por sentimento nativista, muito em voga naquela época, mudou para Manuel de Araújo Porto-Alegre.

Feitos os primeiros estudos com grande talento, e animado pela proteção do Senador Antônio Vieira da Soledade, veio para o Rio de Janeiro em 1827 com o intuito de se votar à profissão de engenheiro. O instinto artístico todavia o conduziu em boa hora à Academia de Belas Artes, onde estudou pintura com o célebre João Batista Debret, – figura notável daquela famosa missão artística, que o governo de D. João VI, por inspiração do Conde da Barca, mandara vir de França, e que dirigida por Joaquim Le Breton nos trouxe, entre outros, os dous ilustres Taunay, o citado Debret e Grandjean de Montigny. Até 1831, aqui expôs trabalhos originais que lhe granjearam apreço; figura entre eles o quadro comemorativo da reforma da Escola de Medicina decretada por D. Pedro I, a 9 de setembro de 1826.

Tendo abdicado o primeiro imperador em 1831, partiu Debret para a Europa, e com ele Porto-Alegre se ausentou da Pátria.

Em Paris continuou a estudar pintura com o Barão Gros, o mais célebre dos discípulos de David, o famoso pintor da "Peste de Jafa" e das "Batalhas de Eylau e Wagram".

As suas dificuldades de vida eram, porém, enormes. Auxiliado, entretanto, por alguns distintos brasileiros, pôde realizar um de seus sonhos, conseguindo viajar pela Itália, Holanda, Bélgica e Inglaterra, onde a sua alma certamente se extasiou ante as belezas naturais, as maravilhas da Arte e as preciosas recordações históricas que a civilização acumulou nesses países do Velho Mundo. De regresso a Paris não se lhe atenuaram as agruras da vida, e só com o fruto de alguns trabalhos de pintura, e graças à magnanimidade de amigos e protetores, que o admiravam, conseguiu ainda prosseguir estudos, que constituíam a sua máxima preocupação.

Em 1837, temo-lo de volta ao Brasil. Aqui iniciou uma série de relevantes serviços, já como decorador, já como professor e afinal diretor da Academia de Belas Artes. Neste alto posto não lhe faltaram amarguras e ingratidões, que é aqui inútil recordar. Foram os acerados espinhos da vida pública, e em geral da vida humana, porque viver é lutar!

Assim como gozara da estima de Pedro I, continuou a merecê-la do segundo imperador: ambos fizeram sempre justiça ao seu valor intelectual e à inexcedível honestidade do eminente gaúcho.

De 1846 a 1858, distinguiu-se Porto-Alegre com grande realce no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como seu primeiro secretário e orador.

A 18 de maio de 1859, foi nomeado cônsul geral na Prússia, e daí transferido a 9 de fevereiro de 1867 para Lisboa.

Em 1873 o Governo Imperial nomeou-o membro da Comissão Superior brasileira na Exposição Universal de Viena, e foi ali que, ao lado de Varnhagen, tive a fortuna de o conhecer pessoalmente, há bons 55 anos, encantado pelo trato ameno e despretensioso que o distinguia, assim como pela agudeza do seu engenho. De ótimo serviço que ali prestou lhe veio o título de Barão de Santo Ângelo (decreto de 21 de maio de 1874).

A 29 de dezembro de 1879 fechou os olhos à luz o nosso eminente Porto-Alegre.

A sua obra literária foi notável e extensa: artigos de Crítica d'Arte e de Polêmica na *Minerva Brasiliense*, na revista *Niterói*, no *Guanabara* e outros periódicos do tempo; as suas belas *Brasilianas* inspiradas em adorável nativismo, e o grande poema *Colombo*, onde, ao lado de exuberâncias sem dúvida excusadas, mas provas evidentes da notável erudição do poeta, há, como disse com acerto Sílvio Romero, "versos tão sonoros, tão vigorosos, tão valentes, e tantas passagens tão nutridas, tão elevadas, tão fortes, tão eloqüentes, como em nenhum outro poema da língua portuguesa".

Lembram-se naturalmente os meus distintos colegas do saudoso acadêmico José Veríssimo de Matos, – parco, bem parco de louvaminhas, crítico abalizado e por vezes severo na análise. Pois bem. São da sua *História da Literatura Brasileira* estas palavras que tenho por justas:

> Há no *Colombo* uma realmente assombrosa imaginação e fecundidade de invenção, insignes dons de expressão verbal, como raro se achará outro exemplo na Poesia da nossa língua, magnificências de descrição verdadeiramente primorosa, revelando no poeta o artista plástico, correção quase impecável de versificação, vernaculidade extrema, engenhosas audácias de criação e de expressão, e outras qualidades que o fazem uma das mais excelentes tentativas para reviver na nossa língua, senão nas literaturas contemporâneas, essa espécie de poema.

Destas duas autoridades me prevaleço, bem vedes, preclaros Acadêmicos, porque a minha em tais assuntos bem pouco pode valer. Receio naturalmente que estejais no íntimo a recordar a conhecida frase atribuída ao grande Apeles: *ne sutor ultra crepidam,* e confesso que me assusta a simples idéia da increpação.

Se não fora o receio de alongar-me neste tributo de homenagem ao excelso patrício, trar-vos-ia nesta hora solene belíssimos trechos das *Brasilianas*: o famoso "Canto genetlíaco", onde o Coro das Províncias é um verdadeiro colar de gemas preciosas, desde o "Pará colossal" a depositar, como oferendas,

esquisitos perfumes, encerrados
num vaso em que pintara de Orellana
os combates e os sonhos do Eldorado!

até o pátrio torrão

Guerreira e altiva e nobre fronte erguendo,
guarnecida de louros conquistados
em seus mavórcios campos, chega e pára
essa heroína que há mostrado ao mundo
da espada rio-grandense o poderio!

Lembrar-vos-ia igualmente alguns quadros da *Destruição das Florestas*, cujo canto II – a Queimada – há sido sempre apontada como página descritiva do mais fino lavor, e cujo canto III – Meditação – é um apelo sensibilizador a grandes nomes da Ciência e da Pátria: o

Amável Freire,[1] *companheiro errante*
sobre os cimos das serras de Petrópolis,
que adoras a Natureza e lhe consagras,
sábio e artista, culto tão sublime!
.....

1. Alude ao sábio botânico e professor Dr. Francisco Freire Alemão.

profundo e solitário frei Custódio,[2]
que estudas a epopéia grandiosa
das idades da Terra, e que penetras
co'a mente aguda nos vitais mistérios
da vária criação...
.....
Querido Magalhães,[3] *irmão desta alma,*
que vezes tantas no ditoso exílio
meu peito arrebataste co'a torrente
que teu gênio borbota...
.....
Meu nobre Silva,[4] *meu patrício caro,*
que a passos graves triunfante marchas
por entre legiões de augustas larvas,
deixa os sepulcros dos helenos astros,
e do reino da morte a lousa fecha,
os doutos solilóquios suspendendo.

A todos convida o poeta a virem com ele saudosos à "erma campa na floresta", dizendo-lhes:

..... *Vejo campos*
semeados de arbustos ociosos;
vejo nos montes áridos roçados,
largos vales de inúteis capoeiras,
de reptis e de feras povoados,
sem que a mão do cultor, mão poderosa,
em férteis regiões destra os converta.

2. Frei Custódio Alves Serrão, insigne naturalista.
3. Domingos José Gonçalves de Magalhães, o poeta dos *Suspiros Poéticos e da Confederação dos Tamoios*.
4. Joaquim Caetano da Silva, sábio helenista rio-grandense, diretor do Arquivo Público e autor do livro monumental em que defendeu os limites do Brasil com a Guiana Francesa.

Choro dos bosques a riqueza imensa,
choro das fontes o benigno amparo,
dos rios a riqueza, e o ar saudável
que as florestas expendem de seu seio.

No grande poema dedicado ao descobridor do Novo Mundo há de fato páginas descritivas de incomparável brilho, que melhor do que eu conheceis. Todas elas confirmam o renome do meu glorioso patrono, membro daquela tríade luminosa que presidiu ao surgir do Romantismo na Poesia nacional.

Se, porém, como poeta, Araújo Porto-Alegre foi astro de primeira grandeza, é de justiça que também se consignem os seus méritos de prosador. Justifica-se destarte o conceito de um dos espíritos mais lúcidos desta Academia, que em um dos seus livros[5] assinalou este fato: "Não faltam grandes prosadores, que tenham começado como poetas."

Efetivamente, na primorosa obra lírica de Lamartine, as *Méditations* e as *Harmonies* antecederam de muitos anos a *Graziela* e a *Histoire des Girondins*; na do excelso Victor Hugo as *Odes et Ballades* abriram caminho à celebridade do genial autor dos *Misérables* e do *Quatre-vingt-treize*.

Mas, para que ir tão longe, se no seio desta gloriosa Companhia temos a prova do asserto? O saudoso e querido Machado de Assis, que dedilhou a lira nas suas belas *Crisálidas* em 1864, foi depois o primoroso escritor da *Ressurreição*, de *Helena* e das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881); o nosso adorável Bilac, que iniciou carreira com o seu belo volume de *Poesias*, abalou mais tarde auditórios com a sua prosa ardente e altissonante em Conferências e Discursos memoráveis; o ilustre acadêmico Medeiros e Albuquerque, que é hoje o festejado crítico das *Notas Literárias* do *Jornal do Commercio*, abriu caminho no mundo das letras com os *Pecados* em 1889 e com as *Canções da Decadência* em 1890. O distinto confrade Coelho Neto, hoje aclamado príncipe dos nossos prosadores, hoje conquistador da palma que pertenceu ao glorioso e extraordinário Rui Barbosa, e meu antigo companheiro na *Gazeta de Notícias* naqueles bons tempos do saudoso Ferreira de

5. Medeiros e Albuquerque – *Pontos de Vista*. Rio, 1913.

Araujo, teria acaso feito exceção a esta regra? As bibliografias brasileiras guardam sobre isto silêncio; mas sou tentado a crer, confesso-vos, que também ele ao alvorecer da juventude, na idade feliz do sonho, da esperança e das santas paixões, bebeu como todos nós, na fonte sagrada de Castália. É pecadilho, convenhamos, que não fecha as portas do Céu.

Assim Porto-Alegre foi distinto prosador, como se acentuara poeta nas *Brasilianas* compostas no pleno vigor da mocidade.

Fulguram na *Revista do Instituto Histórico* os formosos e eloqüentes "Elogios" dos sócios falecidos, que por espaço de alguns anos na qualidade de orador proferiu. Traçou ali perfis dignos de pena de Plutarco, com observações de psicólogo e de verdadeiro historiador.

Entre esses "Elogios" permiti que eu assinale particularmente os dos senadores Saturnino de Sousa e Oliveira, Manuel Antônio Galvão e Francisco de Paula Sousa Melo, o do insigne Marquês de Maricá, o do conselheiro José Joaquim da Rocha, o de João Batista Debret – seu grande mestre, e o de José Clemente Pereira.

Depois de Porto-Alegre não teve este gênero de Eloqüência quem o igualasse no Instituto senão Joaquim Manuel de Macedo e Joaquim Nabuco, que foram nomes aqui laureados, e Afonso Celso, que também ilustra com o intenso brilho do seu talento e do seu adamantino caráter o recinto deste glorioso Cenáculo.

Eis, preclaros Srs. Acadêmicos, em rápida síntese o que foi o meu emérito patrono, de cuja vasta obra seria justo se compusesse, ao lado da ampla biografia, um copioso Florilégio, como homenagem de Brasileiros patriotas a um dos mais dignos filhos desta querida terra. Porto-Alegre merece-a.

Homens e estátuas, bem sei, eternizam no bronze merecimentos reais; mas este outro tributo de admiração e amor também assenta nos moldes da Academia, que é um solar augusto do livro. O livro é a armadura dos nossos hoplitas na conquista da glória; é o facho simbólico das nossas Lampadefórias; é com ele que se justifica a aspiração traduzida no nosso emblema "*Ad immortalitatem*".

Esta Cadeira foi honrada desde 1897 por um dos brasileiros mais dignos e mais ilustres da minha geração: Carlos de Laet, primoroso escritor e polemista, mestre insigne e verdadeiro sábio.

Filho de Joaquim Ferreira Pimenta de Laet e de D. Emília C. Ferreira de Laet, nasceu nesta Capital a 3 de outubro de 1847.

Em 1861, matriculou-se no 1.º ano do Colégio Pedro II e fez ali um curso brilhantíssimo, conquistando em todas as disciplinas o 1.º prêmio, porque em todas as disciplinas foi sempre aprovado com distinção, e entre todos os distintos colegas foi sempre o primeiro.

Tenho desse tempo uma impressão pessoal, que nunca se me apagou da memória. Foi em 1867. Estudava eu na Faculdade de Medicina, e casualmente assisti ao exame que ele prestava de História Natural, tendo-lhe saído para a prova oral este ponto – o esqueleto humano. Sem discrepar uma linha de verdade anatômica, enumerou Laet e descreveu em linhas gerais os 214 ossos de que se compõe o esqueleto do homem: um prodígio de memória e de acerto. Desde esse dia começou a minha admiração.

Bacharel em Letras laureado, seguiu Laet para a Escola Central (hoje Politécnica), em cujo curso de Engenharia a distinção não foi menor: manteve sempre com galhardia o número 1 de sua turma.

Aquela carreira, entretanto, não o seduziu. Ele nascera para professor, e a primeira oportunidade que se lhe ofereceu, essa aproveitou sem demora. Em concurso brilhante conquistou facilmente em julho de 1873 a cadeira de Português, Geografia e Aritmética, – disciplinas que constituíam nesse tempo o curso do 1.º ano do Colégio Pedro II. Só mais tarde, reformada ali a organização dos estudos, desapareceu essa anomalia, e foi nomeado Laet, em 1915, professor de Português, tão-somente de Português, em que veio a ganhar a reputação de grande mestre, exemplaríssimo no cumprimento do dever, e encantador nas suas lições.

Foi ainda no regime monárquico que a sereia da Política o seduziu, e Laet aquiesceu em 1889 à recomendação do seu nome para deputado. Declararam-no positivamente eleito, não só por uma província, mas por duas a um tempo, Mato Grosso e Paraíba – regiões longínquas, que só pelos livros conhecia.

Seria essa a 20.ª e última legislatura do regime imperial, legislatura que estava convocada para 20 de novembro. Como se sabe, porém, o golpe revolucionário de 15 desse mês, que instaurou a República, anulou totalmente

aquele processo eleitoral, e o nosso sábio professor ficou destarte livre das seduções da Circe enganadora.

"A Política, disse há bem pouco, talvez com excessivo amargor, um convicto e ilustre republicano,[6] – a Política se parece tão freqüentemente com a prestidigitação, que não é de admirar que algumas vezes se aliem."

Laet felizmente para honra das letras, para o magistério e para a grande tribuna do jornalismo, escapou do perigo.

A vida do ilustre professor passou em 1890 por uma dolorosa provação. Logo após a proclamação da República, entendendo o Governo Provisório apagar todas as reminiscências e vestígios do Império, pelo Decreto n.º 9 de 21 de novembro de 1889 substituiu por "Instituto Nacional de Instrução Secundária" o nome do Colégio Pedro II.

Em fevereiro do ano seguinte me fora cometido o encargo de Inspetor Geral de Instrução primária e secundária, e nessa categoria tive de presidir à sessão de Congregação do referido Colégio no dia 2 de maio.

Naquela sessão pediu a palavra o professor Carlos de Laet, e com o desassombro que lhe dava o seu alto espírito de justiça, requereu que a Congregação votasse um apelo ao Governo, solicitando a restituição do antigo nome daquele estabelecimento de ensino, que merecera desde os primeiros dias do segundo reinado o amor solícito e desvelado do Imperador.

Surgiu tempestuosa discussão, e como nada se pudesse resolver em tais condições suspendi a sessão.

Dali me retirei, em ato sucessivo, para minha residência, mal podendo conjecturar o que ia suceder.

Pois bem: no dia seguinte li no *Diário Oficial* o Decreto de 2 de maio de 1890, em que se lavrara a demissão do benemérito professor, que exercera simplesmente um direito de petição e (por que não dizê-lo) da petição mais legítima e mais nobre.

Fácil será calcular o meu desgosto, e desgosto ainda maior, porque tive depois certeza de que Laet me atribuiria parte, pelo menos indireta, em semelhante violência, a qual de fato fora promovida por algum apaixonado informante, desejoso de cortejar o Poder.

---

6. *Notas Literárias*, por Medeiros e Albuquerque (*Jornal do Commercio*, de 29 de abril de 1928).

Por felicidade, essa suspeita injusta se desvaneceu depois totalmente ante qualquer prova, que porventura lhe foi dada.

Perdoar-me-eis, dignos Acadêmicos, a narrativa desses episódios da história antiga, mas é que eles retratam o talento e o caráter do meu exímio antecessor, glória das escolas em que estudou e ensinou, e depois, na vida pública, impertérrito campeão do justo e do honesto, corajoso arauto da Verdade onde quer que a julgasse encontrar.

O ato ditatorial, com que Laet foi então destituído da sua cadeira de professor, foi pouco depois transformado, graças à intervenção do emérito Benjamin Constant, nosso amigo comum, em aposentadoria que o não privou totalmente de recursos, e posteriormente foi o mesmo ato revogado pelo digno Presidente da República, Dr. Wenceslau Brás, que o restituiu ao seu posto de honra no magistério. O digno professor voltou assim à sua luminosa função até o ano de 1925, em que a última reforma do ensino, subscrita pelo ministro Dr. João Luís Alves, lhe deu aposentadoria e o dispensou da direção do mesmo Colégio Pedro II, exercida aliás com aplauso por espaço de alguns anos.

A sua competência no magistério não se limitou, entretanto, a esse estabelecimento; Laet foi igualmente professor no Externato de São Bento e no Seminário de São José, e na qualidade de diretor do Colégio Pedro II teve assento no Conselho Superior do Ensino, onde felizmente nos encontramos em 1919; aí, por espaço de cinco anos, tive ainda ocasião de o admirar; discutia com apreciado relevo as questões do ensino, merecendo alta estima dos seus pares.

No exercício desta importante missão é de justiça exaltar-lhe o valor. O verdadeiro mestre, como ele foi, é um dos fatores primordiais, se não é de fato o maior, no engrandecimento da Nação. O magistério prepara o cidadão de todas as classes para o renome da Pátria.

São nobres, nobilíssimos, o legislador, o paladino do Direito, o magistrado, o militar defensor da nossa bandeira, o engenheiro que rasga estradas, o médico que atenua os nossos males e prolonga a vida, o soldado de Cristo que aprimora as almas, o artista que cultiva o belo, o funcionário público que zela os interesses nacionais; é nobre, nobilíssimo o chefe, que do alto da nave, como atalaia vigilante e patriota, dirige o barco do Estado ao porto da prosperidade e da paz. São todos nobres, cada qual na sua função; mas o mestre

sobreleva a todos, porque é nas suas lições que eles se aparelham para o cumprimento do dever cívico, para a felicidade do povo e para bem-estar da Humanidade. O magistério, em uma palavra, é o apostolado superior, do qual todos os mais são irradiações, como um tronco robusto que se alimenta na terra para se esgalhar em ramos e se desabotoar em flores e frutos de bênção.

* * *

Foi como consumado mestre que Carlos de Laet foi chamado em 1897 para a falange dos fundadores desta lúcida Academia, cuja presidência lhe conferistes de 1919 a 1922, e onde também com brilho presidiu aos recentes e valiosos trabalhos do Dicionário. Aqui, estou certo, sempre o tivestes na maior conta e ele realmente a merecia.

O nosso saudoso Laet foi, além de professor, um operoso e distintíssimo jornalista brasileiro, e neste mister consumiu meio século da sua gloriosa existência.

Fez as suas primeiras armas em 1876 no *Diário do Rio*; trabalhou depois, de 1878 a 1888, no *Jornal do Commercio*, lavrando com primoroso cinzel esses famosos folhetins intitulados "Microcosmo", nos quais não sei que mais admirar, se o apuro castiço da linguagem, se a vasta erudição do escritor, se o sainete do crítico. Muitos deles são verdadeiras obras-primas.

A literatura brasileira assinala no jornalismo grandes nomes, desde Evaristo da Veiga, Octaviano, José de Alencar e Ferreira Viana, até Quintino Bocaiúva, Ferreira de Araujo, José do Patrocínio, o extraordinário Rui Barbosa e outros; nenhum desses, porém, como regra adstritos às questões políticas da época, abrangeu o vasto campo de lucubrações, em que a pena aparada de Laet brilhou. Em Política, Instrução Pública, Religião, Filosofia, Crítica e Arte, – em todos esses domínios lapidou Laet verdadeiras jóias com enorme talento, jóias que se encontram nas colunas do *Diário do Rio*, da *Tribuna Liberal*, do *Jornal do Commercio*, d'*O País*, do *Jornal do Brasil*, do *Comércio de S. Paulo*, d'*O Jornal*.

Em todas essas folhas a sua palavra obedeceu constantemente a um princípio moralizador e patriótico, como se pode depreender deste programa

7. *Microcosmo* de 4 de janeiro de 1880.

por ele próprio traçado[7] em dias de agitação popular: "Prevarica, no dizer do sábio, o lavrador que não se inclina sobre o arado. O meu arado é este pujante instrumento de publicidade, com que se arroteia o terreno das idéias; que o possam cavar bem fundo os meus débeis esforços, e bem cedo se desenvolvam os germens de fraternidade e de concórdia, que daqui lanço ao espírito de quantos me lerem."

Quando, em 1893, rompeu a infeliz revolta da Armada, que enlutou o país por espaço de meses, custando-nos a perda de tantas vidas preciosas, e que obrigou o Governo da Legalidade a medidas de rigor, Laet, como vários outros brasileiros que, sem razão talvez, podiam ser alvo de suspeitas, encontrou resguardo seguro no coração do benemérito Estado de Minas Gerais, dirigido então pelo saudoso estadista Afonso Pena. Quem vos fala neste momento foi um deles, e ainda hoje, passados 35 anos, bendiz a hora em que lhe foi dada a garantia dessa opulenta e tradicional hospitalidade mineira.

O nosso glorioso Laet encontrou-a em São João d'EI-Rei, a velha cidade, cuja história data dos fins do século XVII, quando, atraídos pelo descobrimento do ouro, ali se aglomeraram os bandeirantes, dando início ao povoado. Teve ela seus dias de prosperidade, enquanto as lavras produziram o ambicionado metal, causador neste mundo assim de tantos prazeres, como de tantas decepções e mágoas. Veio depois o declínio, e só em dias mais recentes promete ressurgir.

Dali escreveu Laet para o *Jornal do Commercio* artigos de valor, que em 1895 foram reunidos no volume intitulado *Em Minas*.

Enganar-se-ia com este título quem supusesse a obra uma simples narrativa de viagens.

Há de fato ali a impressão do ilustre visitante ante alguns velhos solares e antigas igrejas de São João d'El-Rei, entre as quais sobressai o famoso templo de São Francisco de Assis, que, na frase de Aureliano Pimentel, é "como uma epopéia de pedra".

Referindo também a sua visita à vizinha cidade de São José d'El-Rei, escreveu páginas realmente curiosas, em que descreve a velha casa, na qual, segundo a tradição, residiu Tiradentes, e outras relíquias que abonam o berço de Basílio da Gama, o inspirado cantor do *Uraguai*, e do sábio frei José Mariano da Conceição Veloso – autor da *Flora Fluminensis*.

O livro *Em Minas* contém, entretanto, capítulos de maior valia. No "d'As Cruzadas hodiernas" delineia o escritor a feliz expansão do elemento religioso nas diferentes regiões da Terra; no "Um soneto célebre" discorre sobre primorosa composição de D. José Mario Blanco em versos ingleses, soneto que suscitou versões mais ou menos felizes em latim, espanhol e português. Seguem-se os capítulos "Os herdeiros do Naturalismo", "Uma tradução de Horácio", "Pela Pérsia", e por fim "O grande problema histórico". Neste último o autor, a propósito de um livro de Lavolée, com alto critério analisa as velhas escolas filosóficas, desde Zoroastro até Comte, Spencer e Taine, concluindo por esta afirmação sintética: "Resumamos portanto. Catolicismo e Materialismo são as duas pontas do dilema. Em nome da Lógica, que é a lei da boa razão, estão fechadas todas as outras saídas."

E afinal acrescenta: "Quanto a nós, confidentemente nos abrigamos à sombra da Cruz, que não é somente um signo de crença, mas uma bandeira de combate e um guia no jornadear da Humanidade."

Deste breve transunto claramente se vê que o livro *Em Minas* traduz altas provas de saber, contém doutrina relevante, e exatamente aquela alta doutrina de que Laet se fez, desde a juventude até os últimos dias, propagandista e indefeso paladino.

Em toda a vasta obra literária deste insigne Acadêmico, ao lado das ironias e mordacidades ferinas, que amiúde lhe serviram de arma temerosa nas lutas da Imprensa e de tribuna, se acentuaram três características principais: a Fé robusta de católico que nunca se desmentiu, a sua convicção de monarquista impenitente, e a grande erudição que acumulara em longa vida de estudos.

Das ironias causticantes e das suas réplicas chistosas poder-se-ia compor uma curiosíssima collectanea.

É assaz conhecida a resposta fulminante que deu ao ilustre Camilo Castelo Branco a propósito da crítica agressiva feita pelo autor do *Cancioneiro Alegre* a um deslize, que encontrara na prosa do grande poeta Fagundes Varela.

Discussões de igual jaez teve-as o insigne jornalista com José do Patrocínio, com Valentim Magalhães, e particularmente com Sílvio Romero. Este erudito homem de letras foi, como se sabe, entusiasta ardoroso e incondicional de Tobias Barreto, o famoso poeta e filosofo teuto-sergipano, ante cujos

méritos tudo e todos se apagavam. Sílvio foi por sua vez o autor dos *Cantos do Fim do Século*, com que se alistou entre os alunos do Parnaso.

Em 1880, com exageros lastimáveis de moço e com as injustiças que a paixão gera por vezes nos espíritos ainda os mais lúcidos, Sílvio cometeu o delito e uma quase heresia, dizendo que havia na roda literária fluminense três românticos idiotas: Machado de Assis, o Visconde de Taunay e Carlos de Laet. Este aparou o golpe, e num dos seus "Microcosmos" dilacerou impiedosamente os *Cantos do Fim do Século* publicados em 1878.

Era por vezes feroz, convenhamos. Mas era em suma um grande espírito, e disto há nos referidos folhetins provas eloqüentes, quando tratava de assuntos graves.

Posso citar-vos, entre outros, o de 7 de novembro de 1880, em que a propósito da morte do Visconde do Rio Branco, traçou com mão de mestre o perfil desse distintíssimo Brasileiro, incontestavelmente uma das grandes figuras do Segundo Reinado.

A este propósito devo ainda lembrar a crítica judiciosa que fez do célebre decreto de 19 de abril de 1879, do ministro Leôncio de Carvalho, assim como os artigos que mais recentemente escreveu para o *Jornal do Brasil*, analisando a última reforma do Ensino secundário e superior em 1925.

Pelo seu indefectível apego ao princípio monárquico houve quem o censurasse e há talvez ainda quem por isso o crimine. Mas, dignos Acadêmicos, há convicções arraigadas, sinceras e firmes, que temos de respeitar, desde que elas não prejudiquem o dever cumprido pelo cidadão no mister público, que é porventura confiado à sua competência profissional.

Fala-vos assim quem não é suspeito à República. Efetivamente, desde o alvorecer do novo regime, sem desconhecer aliás os méritos do passado, que prestou enormes serviços à nossa Pátria, sem faltar à administração e à gratidão pessoal, que eu devia à memória do benemérito imperador D. Pedro II, reconheci também que, dadas as circunstâncias de 1889, era impossível a restauração monárquica; cumpria-me pois trabalhar com esforço e lealdade pelo progresso da Pátria republicana, porque o ideal da Pátria é superior ao de qualquer forma de Governo. E foi como procedi.

"Tiveste o encargo de preceptor de príncipes", objetar-me-ão talvez; mas, ilustres colegas, doutrinando e educando os netos do imperador, fiz

sempre questão de dizer-lhes que a soberania é do povo, com exemplos de trabalho, de estudo, de honradez, de benignidade, de tolerância e de virtude, se o seu concurso for reclamado. As coroas terrenas são astros transitórios, que luzem e se apagam. Há uma só coroa indefectível e necessária; é a do Supremo Senhor, que rege os destinos do Universo.

Bem se vê que na aceitação do nosso regime republicano discordei do insigne Laet, meu grande amigo.

Seria influência atávica? Não sei. Descendente de um americano do Norte e de mãe argentina, correm-me nas veias algumas gotas desse sangue liberal. Quem sabe se esta circunstância não influiu de alguma forma, por sutil que fosse, no feitio intelectual e moral do vosso novo companheiro?

O caso do eminente Carlos de Laet foi muito diverso, e esta consideração atenuante é digna de nota. A República recebeu-o com hostilidade, atentas as intransigências do seu período inicial, sem dúvida exageradas e por vezes condenáveis; mas o certo é que essa hostilidade se desenhou, se traduziu em fatos, daí o crescente azedume com que seu espírito combativo, analisando erros dos próceres da República, propendeu sempre para a defesa da instituição monárquica, que se desfizera em 1889.

Não é por isso, entretanto, menos digna de respeito e veneração a sua memória. Honremo-la, pois, com amor, e até com dobrado amor, porque, ao lado de altíssimo saber, Laet foi um modelo de coragem cívica, que jamais nunca se desmentiu nem diante de ameaças, nem por amor de mesquinhos interesses.

Falta-nos ainda uma face da medalha: Laet, o presidente do Círculo Católico, propugnador da doutrina de Jesus Cristo, o paladino dos direitos e do papel da Igreja.

Neste particular, é sabido, aproveitou todas as oportunidades para se manifestar sem rebuço. Quero referir-me especialmente a uma série de luminosas conferências, que fez no Círculo Católico, e a belos discursos pronunciados no Colégio Diocesano de São José. Todas essas produções do seu excepcional talento são ricas de erudição profana e sagrada. Muitas delas, um apóstolo, um príncipe da Igreja não as faria melhores, nem mais lógicas, nem mais persuasivas.

Laet fez suas estas magníficas palavras, que um chefe de Estado, de grande notoriedade histórica, dirigiu ao Clero de Milão em 1880:

> Sem a Religião caminhamos de contínuo nas trevas, e a Religião católica é a única que ao homem dá luzes certas e infalíveis sobre o seu princípio e último fim.
>
> Não pode existir sociedade sem Moral; não há Moral sem Religião; e portanto, só esta poderá dar ao Estado um apoio firme e durável. Sociedade sem Religião é navio sem bússola; em tais condições nem há certeza no rumo, nem esperança de aportar em salvamento.

Nestas palavras se resume o princípio fundamental de toda a produção literária e religiosa do nosso preclaro Acadêmico, que assim rematou uma das suas conferências:

> Ataquemos, Srs., o indiferentismo em Religião. Temperadas no Catolicismo, as almas saberão achar o caminho do Belo nas Letras e nas Artes, o da Verdade na Filosofia, o da Justiça no governo dos povos.
>
> E nesse dia, Senhor (dirigindo-se ao sr. arcebispo que presidia ao ato), nesse dia, não só em nossos templos como na praça pública, o Brasil, católico, proclamará o nosso Deus, o nosso rei Jesus Cristo, e caminhará, precedido da Cruz, à realização dos mais brilhantes destinos.

Formosíssimos conceitos estes, Srs. Acadêmicos, que um glorioso Bossuet subscreveria, e que, crente e modestíssimo Católico, aplaudo *totis viribus*, como programa indispensável à bendita e amada Terra de Santa-Cruz, como incentivo para a regeneração dos costumes que cada dia se faz mais necessária, como lábaro santo da Paz, da Ordem e do Progresso, como farol que ilumine o futuro da Pátria, repetindo-lhe todos os dias este conceito de Sêneca: *bonus vir sine Deo nemo est.*

Tempo é de concluir, meus ilustrados companheiros; mas não deverei fazê-lo sem vos dizer que o sucessor do grande Laet, abatido pelos anos e por uma longa vida de trabalho intenso, mal poderá corresponder à vossa benignidade, a não ser com o fervoroso aplauso que há de dispensar aos vossos triunfos.

Longe, bem longe de mim pretender a menor comparação com o inspirado Franciscano, que se imortalizou no panegírico de São Pedro de

Alcântara em 1854; mas daquele exórdio memorável há palavras que hoje cabem a este velho servidor da Pátria. São estas: "é tarde, é muito tarde!"

Subindo todavia à pira, em que oxalá se não apague a luz dos meus olhos, acompanharei solícito a pugna incruenta e benemérita dos lutadores pelo ideal, que vos congrega. Esse ideal, todos os sabem, é o brilho das Letras nacionais, é a conquista desta nova Íleon, em torno da qual se distinguem com tanto fulgor os nossos Ájax, os nossos Diomedes, os nossos Aquiles, armados, não de elmos, dardos e trácios espadões, mas de talento, de saber e de inspiração, que fazem e hão de fazer a glória do nome brasileiro.

É no anseio desta glória que reproduzo aqui, como remate, e estou crente de que do fundo d'alma repetireis comigo, aquela valente estrofe do Hino, em que o nosso ilustre Magalhães de Azeredo cantou as grandezas da Pátria:

Brasil, Briareu entre as nações da América
latino campeão do Novo Mundo
que o brilho juntas dos brasões do Espírito
aos dons do solo, vasto e profundo!

Tu, brioso e altivo herdeiro
dos tesouros da latina inteligência,
entre os pares o primeiro,
nutre um foco universal de Arte e Ciência.

Brasil criador,
pátria querida,
orgulho e amor,
da nossa vida!

II

RESPOSTA DO SR. FERNANDO MAGALHÃES

SENHOR Ramiz Galvão:

Sobre esta cadeira, em que vos sentais com tanta dignidade e tanto lustre, paira uma sombra viva. A Academia, dando-vos o lugar que pertenceu a Carlos de Laet, redime-se largamente de uma apostasia que muito vos melindrou e sente-se perdoada com a generosidade da nossa solicitação. Já devíeis ser desta companhia, mas não a quisestes, a princípio, nem ela vos quis mais tarde e, nesses 15 anos em que, de um lado e de outro, trocaram-se silenciosos desejos, pudestes ser esperado aqui suavemente, porque o convívio carinhoso, fidalgo e culto de Lauro Müller conseguiu compensar o vosso afastamento incompreensível.

Não vos coube a lugar que Rio Branco sublimou e que cobiçastes com o direito dado por nobreza, sentimentos e predileções comuns. A sorte reservava à vossa palavra a vida prestante e modelar de outro como vós, de igual crença, de igual mister e de igual engenho. Raramente se confundem, como agora, numa só oportunidade, a sucessão e a substituição. Ninguém melhor do que vós recorda a figura excepcional do companheiro egrégio a quem o tempo, como a vós, poliu na perfeição e no entendimento. Viestes ambos da mesma era, crescestes nas mesmas letras, andastes pelos mesmos trabalhos, seguistes os mesmos rumos, servistes às mesmas convicções, primastes na mesma sabedoria; ambos oriundos do humanismo erudito que, passados tantos séculos, engendra ainda, de longe em longe, ao sabor dos moldes clássicos, o moderno cidadão da antiguidade. Ele foi, como sois, na significativa coinci-

dência dos destinos, estranho depositário da tradição da eterna beleza e da eterna bondade humana.

Ateniense um, que sois vós; latino outro, que era ele. Ele foi esse Terêncio Varrão, afamado romano, poeta satírico, gramático, arqueólogo, historiador, sábio e fecundo, da estirpe e do estro patriótico de Névio e de Ênio, crítico zombeteiro, polemista, filólogo, vulgarizador infatigável e enciclopédico, ardoroso espectador da velha república e do império nascente. Vós, se não vestísseis o vistoso fardão, que é a libré da imortalidade, ao entrardes aqui aplaudido e consagrado, no brio da vossa figura romântica, sempre donairoso de porte e ainda exemplar de atitude, eu vos diria envolto na clâmide helênica, ressuscitando o lúcido Isócrates, orador amplo, harmônico, ritmado, também historiador, também preceptor de príncipes que, na época de Xenofonte, durante meio século, professou a eloqüência perfeita às multidões de toda a Grécia.

Cadeira predestinada essa, cuja tradição fértil o vosso nome mantém com galhardia. Parece reservada à longevidade robusta exercendo o patriarcado do trabalho. Porto-Alegre, o patrono, grande mestre das artes, encaneceu primoroso idealista e patriota. Foram magníficos os oitenta anos do vosso antecessor, altíssimo mestre das letras, fulgurante, desassombrado e fecundo. Vindes aqui, mais idoso ainda do que os outros, mas podendo ser admitido sem protesto entre os da nossa classe pelo aspecto sólido, a visão exata, a imaginação límpida, festejado mestre das ciências, amigo dos livros em convívio absorvente e fiel, consolando a existência longa na evocação erudita do passado e reverdecendo-a, ao mesmo tempo, na alegria das almas infantis, paternalmente aquecidas pela larga experiência do vosso conselho e pela brandura imutável do vosso coração.

Abençoada Cadeira que guarda o tesouro da velhice lustrosa, igual à agerasia de Sófocles, mais imponente do que a severidade dos seus juízes, livrando-o da sentença da interdição só com o ouvirem-no recitar o *Édipo Coloneu*, seu último poema, seu máximo argumento pela mocidade de um espírito alcandorado na perfeição. Ditoso fado vela sobre esse pouso de veteranos, homens duradouros e úteis. Sois o terceiro a enriquecer-lhe a tradição de perenidade infatigável, numa sucessão de vidas largamente experimentadas

na rudeza da obrigação apostolar, semeadoras daquela sombra remota que será o agasalho da posteridade.

Quem vos precedeu neste lugar, Sr. Ramiz Galvão, foi um homem raro e digno. Nunca desmereceu em qualidades, em ornamentos e em crenças. Traçou um caminho penoso e único, e percorreu-o sem hesitação, disciplinado no sentimento, independente na opinião, subordinado no dever, rebelde na impostura, irreverente na futilidade. Anos e mais anos passou pensando, escrevendo, ensinando. E quando a morte o escolheu quase sumariamente, mal lhe festejavam a formosa lucidez octogenária, ainda melhor pensava, melhor escrevia e melhor ensinava.

Na sua casa, que foi o lar de muito desamparo, exemplificou em afetos e em virtudes; no labor, que foi o pesadelo de muita inconseqüência, primou em energias e em temeridades. Afagou e feriu, acolheu e invectivou, acreditou e repeliu, serviu e desafiou, educou e combateu, pregou e demoliu, contrastes derivados da sua coerência a lutar com a gente e com o tempo, iguais no ardil e na hipocrisia. Não se explica, pois, por um inesgotável quinhão de ressentimentos, a sua teimosia partidária. Monárquico destemido e orgulhoso, muito menos a forma de governo do que a forma dos governantes forçou o seu radicalismo. Ele crescera e amadurecera na lição de respeito, de magnanimidade, de abnegação que o último depositário do poder perpétuo no Brasil soube dispensar aos que participavam do seu império. Então, daquela memória capaz de conservar a descrição minuciosa de 214 ossos humanos, nunca mais se apagou a lembrança confortadora, e, por isso, numa gratidão magnífica transferiu ao regime a excelência do seu servidor.

Ninguém negará a Carlos de Laet a sinceridade tanto na fé quanto nas convicções e na vocação primacial. Vocação de mestre, que acabais de enaltecer com o entusiasmo dos extremados serventuários do mesmo ofício. A palavra professoral, de que Laet dispunha com a maior largueza e a maior autoridade, nos países adolescentes ameaçados de desregramento ou eufóricos de inconsciência, esperando na latência dos seus grandes surtos o comando da arrancada vitoriosa; a lição magistral que instrui, prepara e amolda, tem sido, nos feitos de glória e de grandeza do Brasil, a mais poderosa arma de regeneração e de triunfo. Foi com ela que a nação aprendeu a altivez de sua independência, a coragem na defesa do seu solo, a abnegação na sua campanha eman-

cipadora, a fraternidade nas suas demandas confinantes. Cabe aos mestres, mais do que nunca, a missão formidável e sagrada de instruir um povo ansioso e aflito na confiança e na brasilidade; a brasilidade, a estrutura artística e poética do admirável Porto-Alegre que soube cantar:

Ó meu céu, meu céu querido,
Quando a meus olhos brilhares,
Min'alma irá pelos ares
Beijar teu solo florido...

e a confiança que vós, preceptor de príncipes, dissestes ter transmitido aos netos do Imperador, mandando-os obedecer à soberania do povo, para cuja felicidade um descendente de reis apresta-se no trato da tolerância, da benignidade e da virtude. Com certeza, hoje que sois simplesmente preceptor dos filhos do povo, tampouco permitireis que os preparem para garantir o proveito dos reis e a arrogância dos senhores.

Como o seu patrono e o seu sucessor, Laet formou no jornalismo militante. O jornal foi sua outra predileção e aí galgou um mestrado inigualável. A princípio, era o jornalista crítico, o cronista cintilante, o comentador gracioso, o narrador erudito. Entrou depois na liça política, onde perdeu lucros, mas conservou idéias, o que talvez não lhe sucedesse se o seu jornalismo fosse contemporâneo da política que, por semelhança, Medeiros e Albuquerque aliou à prestidigitação. Na *Tribuna Liberal*, seu centro de combate, ele conformara-se por um padrão de escol, o Visconde de Ouro Preto, varão fúlgido que, no pânico de 15 de novembro, encarnou a dignidade humana como síntese luminosa e derradeira de toda uma geração de grandes estadistas. De tal exemplo, nasceu a intolerância leal, a firmeza impetuosa com que Laet defendia a monarquia e os seus homens. Teve que sofrer o martírio da profissão, suspeito, espoliado, exilado, cada vez mais fiel à sua doutrina, cuja força amparara a liberdade morta que, outrora, fizera da imprensa o baluarte da república.

Como bom latino, porém, capaz de sobressair no círculo de Cipião Emiliano, resolveu mitigar-se nas linhas de Lucílio e cultivou a sátira, a companheira da maledicência, predicado de todos os indivíduos e de todas as

épocas, no dizer de Horácio, a geradora do desenvolvimento moral exemplificado na filosofia grega que, com Timon de Filionte, ridicularizou os vícios e os sistemas do seu tempo. E viva, pronta, impiedosa, a sátira foi o derivativo de suas queixas e o divertimento de todo o mundo.

Nesta Academia ele foi preclaro. Conferiram-lhe o decanato tanto a idade quanto o espírito. Por 30 anos, foi a nossa grande autoridade nos segredos da linguagem e, outro Aristófanes de Bizâncio, estudou e conheceu a fundo todos os clássicos.

Eis porque, Sr. Ramiz Galvão, eu vos disse que sobre a vossa Cadeira paira uma sombra viva – é o nosso companheiro, nunca esquecido, murmurando aos seus vizinhos bastante da sua malícia e distribuindo por todos nós o benefício do seu saber.

Para um tal vazio, só uma personalidade como a vossa, Sr. Ramiz Galvão, valido do tempo que não vos toca, dileto da lida que não vos poupa, querido da fama que não vos abandona. A vossa vida interessa desde o primeiro instante. Ao abrirdes os olhos, era o fim da sangrenta campanha separatista que sonhara a pátria de Piratinim e a véspera do motim praieiro, que só por efêmero não desfraldou a mesma bandeira. Logo depois, começava a tranqüilidade da nação. Nem o sangue americano, impregnado de puritanismo, nem a ancestralidade platina, trepidante de pronunciamentos, são precisos para explicar a simplicidade, a conciliação, a constância, a conformidade dos vossos propósitos.

Nascestes com o Brasil pacífico; depois levaram o órfão para a casa chamada dos Amantes da Instrução; o menino só, mas decidido, passou galardoado pelo Colégio Pedro II; o moço estudante seguiu, no convívio beneditino, a regra da meditação e da paciência; o homem douto recebeu as insígnias professorais num concurso em que o amparou apenas a capacidade; o estudioso pôde conviver com uma biblioteca inteira; o mestre foi chamado a educar os príncipes; o plebeu ganhou foros de nobreza. O Imperador, farejador de méritos, acompanhava toda esta trajetória. E assim, como o primeiro refúgio, pelo nome, vaticinara uma carreira à criança desarrimada, o colégio compôs-lhe a vontade, o mosteiro moldou-lhe os hábitos, os livros semearam-lhe a inteligência, o mister aperfeiçoou-lhe a tolerância, o brasão nobilitou-se na obscuridade da origem.

Que mais faltaria para plasmar uma intelectualidade generosa, uma consciência liberal, uma alma democrática?

Não faltou nem a lição edificante dos acontecimentos desenrolados aos vossos olhos, sempre ávidos e sempre indagadores. Testemunhastes toda a construção nacional que é a história do Segundo Reinado, larga e luminosa história de um homem que, da sua majestade, tirou o patrimônio moral de um povo, garantido na liberdade, na segurança, na vida coletiva, pelo império da lei, de que era vassalo o voto do Soberano, rei filósofo, ledor constante de Píndaro e de Ésquilo, os que, mesmo a Júpiter, vedavam os regalos satânicos do arbítrio e do despotismo. Nesta história conta-se que, acima do poder vitalício, havia o credo da autoridade obediente e toda a narração destes cinqüenta anos, mesmo a frase cruciante da guerra, transformada pelo sectarismo mirrado em investida de imperialismo algoz, pode ser resumida no empenho de um príncipe bizarro em sacrificar a realeza aos desejos do povo, longamente instruído nos exemplos de seu governo.

Como bom cidadão destes tempos, Sr. Ramiz Galvão, acumulastes uma velha cultura que assombra mais de uma geração. Clássico, vernaculista, erudito nas latinidades, provecto no helenismo, sois do mesmo tomo que o foram o vosso antecessor e o vosso patrono. Os homens da antiga norma madrugavam no engenho humanístico e sabiam compreender o prestígio das velhas civilizações. Hoje, o mundo basta-se a si mesmo, sustentando-se indeciso e versátil na corrente que o transporta. A seita do "arrivismo" isenta o fugaz dominador contemporâneo do inquérito do seu passado; não importa quem tenha sido, basta que o seja ou possa ser. Nada mais natural aplicar-se a mesma regra à humanidade, embora os seus fastos devam ser uma lição de coisas; um pensamento de Sêneca e os anais da república romana de Cícero são lições eternas... Mas, estudar esse passado é parar na meditação, e a hora atual não é dos que meditam e sim dos que calculam. E os que calculam não suportam a universalidade das regras de harmonia e de exatidão com que o espírito platônico, inspirado nos frisos do Partenon, construiu as virtudes da antiga sabedoria.

Presentemente, é inoportuno saber-se que verdadeiro cidadão só foi o participante do sangue e do gênio do seu povo, povo de alma alada, como o divino pensador, elevando o homem no conhecimento da Idéia, em cuja con-

templação o preceito socrático prepara os magistrados salvadores das instituições. Entretanto, como seria vantajoso saberem todos que o dever da moderação se aprende na escola de Aristóteles; que, pela lei, espartanos e atenienses sacrificavam a fortuna e a vida; que Timon denunciou a tirania das aparências; que um demagogo liberal e onipotente, por trinta anos de democracia áurea, deu o seu nome a um dos maiores séculos da história; que o desprezo do grego pelos bárbaros não significava o orgulho de Maratona, mas o horror ao despotismo; que, no conceito de Isócrates, é condição de bom governo, não o pórtico coberto de decretos, mas a justiça habitando a alma de seus homens. Os helenos criaram a razão humana, os latinos deram-lhe a ostentosa roupagem que, com a narração de Tito Lívio, gerou na era dos Antoninos a nova aristocracia herdeira dos atributos viris da Roma lendária.

Hoje, ninguém relata estas humanas relíquias nem as aponta à mocidade trêfega, porque a pedagogia pressurosa prefere confeiçoar as inteligências pelo processo da velocidade. O passado é morto, o presente é vertiginoso. O passado é a forma, o presente é o número. Tudo manda apressar para adestrar na cupidez, na aventura e no ganho. O idealismo da forma transe diante da prepotência do número. Talhada para o eterno, a humanidade evapora-se no instantâneo; no vendaval das alucinações esfolham-se as esperanças puras; o que foi eurritmia é hoje ataxia. É dolorosa a crise, mas passará se os povos esgotados seguirem, felizes e tranqüilos, para o remanso da simplicidade, porque enquanto as criaturas deliram na rapidez dos desejos sôfregos, a natureza eterna não altera o giro das esferas nem revela a palpitação invisível da vida misteriosa.

Os homens do risco e do ímpeto, se acaso forem valores, são-nos transitórios; só o homem de pensamento é valor sem usura. Sois, Sr. Ramiz Galvão, desta estrutura nobre, como um ateniense de Péricles ou um romano de Augusto, sabedor das nossas grandezas remotas, evocador das nossas epopéias esquecidas, a rever continuamente o legado das nossas bravuras, das nossas aflições e dos nossos sacrifícios.

Toda a vossa obra literária, toda a vossa produção intelectual é trabalho de restauração. Nas folhas do *Púlpito no Brasil* passam mais de 200 anos de palavra sagrada, vozes ungidas confundindo nas suas exaltações as magnificências da Igreja e a fortuna da nova terra que, na infância, se orgulhava da

flumen orationes, do padre Antônio de Sá, indiferente à Corte "roda arrebatada onde, atados de seus desejos, volteiam os cortesãos miseravelmente alegres" e também aos postos "subidas cujos degraus se vencem a quedas"; terra nova e distante, visão melancólica do desterrado Bartolomeu de Gusmão, lamentando nostálgico na tribuna concionária "seu peito tão de bronze que não arrebenta de dor e de saudade". Aos dezenove anos, estreastes no classicismo e na erudição com este volume de primores, onde vivem Vieira, Natividade, Sampaio, S. Carlos, Januário, Mont'Alverne, "todo o sal da terra que não perde o sabor e que se torna incorruptível".

Com a *Biografia de Frei Camilo de Monserrate* pagastes cordialmente a proteção beneditina, onde se resguardou e se temperou a vossa mocidade trabalhosa e humilde. São 500 páginas de perseverança e de afeto, esplêndida maturação da vossa mentalidade. A convivência conventual aproximou-vos do frade fidalgo, arqueólogo raro e epígrafo precioso, padroeiro da vossa iniciação, que vos preparou em paciência e recolhimento para as linhas que revivem e afirmam um bem-aventurado da sabedoria. A obra é piedosa evocação e documento de privilegiado engenho; a vida do frade douto, egresso da sua época e magnífico contemporâneo da antiguidade, vale por um incunábulo em que as iluminuras são o estro do biógrafo ungido no devotamento.

Só a vossa pena poderia erguer tal monumento. Quando aos vinte e quatro anos de idade aceitastes a incumbência de, na Biblioteca Nacional, preencher o lugar de Monserrate, o renome do sábio floresceu na vossa atividade, que João Ribeiro, Capistrano, Cabral, entre outros, ilustraram numa colaboração de escol. A casa dos livros, que prodigalizou a esta Academia dois dos seus florões, Teixeira de Melo e Constâncio Alves, foi a outra cela do monge, em cujo grande espírito continuastes na lida afincada de organizar, distribuir, catalogar, revelar, enfim, o tesouro que a instituição ocultava, pensando, como dissestes, "naquele zelo pela causa pública que é o moral dos cometimentos úteis".

Vai para quase meio século, deixastes a Biblioteca Nacional para onde havíeis transferido a legenda – "*Psyches Yatreion*" (remédios da alma) – que encimava o frontão da biblioteca de Mênfis; mas ainda hoje a vossa solicitude, a vossa mão, a vossa cabeça, guiam o indagador curioso e resignado. Em Pedro II, vezeiro na consulta aos alfarrábios, devoto daquele teto, apoiava-se a

vossa dedicação. Não está bem inventariado o vosso incalculável esforço, que Constâncio Alves, numa nota inédita, julga deste modo: – "Sucessor imediato de Monserrate, Ramiz herdou a erudição do frade, acrescentada de qualidades extraordinárias de criador e administrador. A Biblioteca de hoje é, pode dizer-se, obra dele. Iniciou uma grande era de remodelação. Instituiu um trabalho sério. Os empregados não tiveram mais lazer para ouvir nas horas de expediente o realejo dos bons tempos."

Nenhuma produtividade pode emparelhar-se com a que assinalou a vossa direção. São da época o magistral estudo sobre o abade Diogo Barbosa Machado, a publicação dos Anais, o repertório da exposição camoneana, e o famoso catálogo da História do Brasil, título suficiente para consagrar um nome benemérito.

Mas não cessa aí o vosso ardor de peregrino de remotas paragens. Os *Apontamentos sobre a Ordem de São Bento*, suave penhor de gratidão eloqüente, exaurem na corpulência e no arrumo dos episódios o acervo do nutrido saber e de santa misericórdia, que é a insígnia daquela confraria. Restaurador dos velhos costumes e dos fastos esquecidos, organizastes notoriamente o "Livro do Centenário" e os congressos históricos da Independência, compusestes as orações do Instituto e outros empreendimentos gigantescos que não vencem a invejável operosidade da vossa velhice verde.

Só o V*ocabulário*, produção singular e exímia, bastava como credencial à Cadeira que a Academia vos concedeu. Ninguém, novato ou inveterado pesquisador da linguagem verdadeira, dispensará assistir-se deste elucidário em diária consulta e contínuo proveito. Filólogo de preço, helenista único, contribuístes para a instrução vernácula com um livro duradouro, afirmação do vosso rigor de etimologista, defensor da grafia veneranda, intransigente na segurança secular dos caracteres mudos, estigmas da origem genuína, velha guarda irredutível e firme em meio da anarquia das simplificações das extravagâncias e dos regionalismos.

Não cabe uma crítica da vossa obra, Sr. Ramiz Galvão, nesta oração de boas-vindas. Aceitei a honra de vos receber somente para me aproximar do oráculo e ouvir as suas sentenças, lustrando-me na limpidez de suas palavras. O tempo, o labor, a cultura, o préstimo, a qualidade, alfaias todas vossas, são os pergaminhos da eminência de onde a sumidade do verbo reboa na vassala-

gem da admiração silenciosa. Como em Áulis, na tenda de Aquiles, só Nestor falará na assembléia dos maiores.

No Instituto Histórico deram-vos as perpetuidades na tribuna panegírica e voluntariamente vos investistes, pelo mesmo prazo, na serventia de restaurar as crônicas sepultas. Em orações perfeitas, e em escritos acabados, ensinais o nosso passado. Não conheço presentemente mister tão patriótico e tão promissor. Um dos mais graves sinais de inquietação nacional é o esquecimento dos dias fecundos de liberdade e de confiança; na hora das apreensões nada como se retemperar o desassossego na lembrança da tranqüilidade fértil. É o preito que se deve às vítimas da indiferença.

Muito tendes porfiado em tais propósitos de reparação e de justiça. Desde 1910, nos congressos de História, em 1922 nas diversas festividades comemorativas do primeiro século de Independência, em 1925 no centenário de Pedro II, com a vossa colaboração o Brasil antepassado exibe-se hercúleo e opulento, para orgulho da nossa raça. Mais fecundo não poderia ter sido o exemplo do vosso caríssimo Instituto onde moram as nossas glórias, veladas pelo amor que vós e os daquela Casa votais à vida do Brasil abundante e bemfadado. De tal exemplo proveio a patriótica predileção de hoje pelos estudos históricos brasileiros, dando corpo às dissertações e às biografias e interesse às divulgações ligeiras de ficção e de facécia.

É a reação natural porque o advento republicano quase perverteu a consciência nacional no julgamento do segundo reinado. Não foi, todavia, uma sentença definitiva, mas apenas o desvario ruidoso dos desensofridos e dos surpresos, convencionais inofensivos, terroristas apenas no colorido vistoso das roupas de espavento, com a feição inocente encarrancada na sombra misteriosa dos largos feltros desabados. Assim era a indumentária dos maiorais da propaganda que, por fim, só Quintino mantinha inflexível e hierático, em negror simbólico, a debruar de luto o seu aspecto melancólico e a sua voz plangente, compondo severamente a figura taciturna e profética da desilusão.

Destemperou nos conceitos a demagogia nascente. Uma voz mórbida gritou em plena Constituinte a apóstrofe irritante: "O Senhor Pedro de Alcântara foi um mau funcionário." A sanha democrática protestou lealdade com a demolição do passado e seus honrados servidores. Por isso, a gente empubescida após 1889 não encontrou quem lhes contasse a crônica do

Império decaído. Na primeira hora do triunfo, derrubaram símbolos, mutilaram monumentos, na insane pretensão de apagar o tempo e arrasar a história, supondo poder exilar no mesmo dia o Monarca e seus grandes exemplos. Mas toda esta geração menina, que não preparou nem desfrutou a República, sem o tédio dos enfartados ou a macilência dos preteridos, proclamou na idade madura, sucumbida de incertezas, a glorificação do brasileiro benemérito, canonizado 37 anos após o banimento, pela letra da lei republicana: "exemplo e lição da sua raça, na prática das mais altas e raras virtudes" (Decreto 17.125, de 1 de dezembro de 1925). Essas virtudes, Aristóteles ensina na sua *Política*, mandando não levar o princípio do regime às suas extremas conseqüências, para bem da pátria próspera e do cidadão feliz.

O Brasil inteiro consagrou o centenário de Pedro II. Colaborastes com toda alma, neste preito por dever de extremada devoção. Graças à nobre justiça da República, guardamos a relíquia das cinzas do excelso cidadão; podemos apontar, ensinando, a retidão da sua vida; nas estátuas eternizamos sua feição de bondade ou sua atitude de pensador. Pagamos honradamente uma grande dívida, não sem o murmúrio dos intransigentes que são hoje a prole escassa dos famosos históricos, os tutores da República nascente.

Os históricos, arautos da idéia revolucionária, sempre fixados no velho sonho, nunca deixaram de viver na inquietude combatente do seu extinto ministério. A boêmia letrada, a juventude escolar, o militarismo filosófico, constituíam o pelotão republicano, que o manifesto de 70 tocou a rebate e que a lei emancipadora reforçou pela conscrição dos ressentidos. Derrubada a dinastia débil, a condição do histórico tornou-se ou credencial de boas prebendas, ou orgulho de abandonos amargurados. Aproveitados uns na fartura da governança, definharam outros no azedume do esquecimento e estes não se convenceram da realidade do regime, acirrados sempre contra os usurpadores, continuando, malgrado a queda do trono, os privilégios da organização monárquica que tanto haviam desafiado as aguerridas caravanas dos predicadores da democracia. A velhice aquietou sobreviventes desesperançados e alquebrou legionários reivindicadores. O verbo dantoniano da propaganda sepultara-se epicamente na fornalha vulcânica; o apóstolo idolatrado, concitador da mocidade, emudecera depressa na morte resignada.

O histórico sentiu cedo o calafrio das duas tragédias e, impregnado de comtismo miliciano, de romantismo demagógico, de plebeísmo autoritário, plantou-se intransigente e inamovível à margem dos acontecimentos, faquirizado na contemplação do preconceito, desapercebido do novo rumo onde as contradições, as felonias e os despeitos atordoaram e tresmalharam na confusão e na rebeldia. Essa individualidade, tipo hirsuto e sincero na galeria política do país, mergulhado no sebastianismo dos prometimentos já renegados e das austeridades logo prostituídas, não mais perdeu o hábito da convicção querelante e áspera, derivando a sua acrimônia alerta na excomunhão dos adventícios favorecidos e aquinhoados. O sentimento antidinástico absedou o histórico no julgamento do monarca morto, cuja reparação provoca, de quando em quando, o comentário incisivo reincidente no erro de um juízo iníquo e tumultuário. Não abjuro, nesta homenagem calorosa, à minha congênita convicção republicana, como não renegastes, Sr. Ramiz Galvão, a vossa fidelidade ao Soberano amigo, que recusou o sacrifício de continuardes no desterro a educação de seus netos. Havíeis aprendido com os vossos protetores, os frades exemplares, o quanto é leve o hábito da pobreza. Não vos faltaram encargos de relevo, mas pelos costumes da época, era desonra andar aos sobejos nos proventos e nas propinas. Louca renúncia seria insistirdes no caminho do exílio e da penúria. Mas Benjamin Constant, a par dos vossos méritos, quis désseis à instrução do país republicano a garantia da vossa capacidade. Revertestes à canseira do magistério. No ensino municipal introduzistes as escolas profissionais; no secundário, professastes o grego; no superior, afastado da cátedra, volvestes, muito depois, à barafunda da sua decadência.

Faço aqui uma restrição à vossa habilidade no recompor e beneficiar a causa pública. Foi a única de vossas obrigações que não deixou memória. A inesperada exceção isenta-vos da responsabilidade. O ensino nacional, neste último quartel de século, arrasta-se golpeado de decretos, emplastrado de regulamentos, remendado de avisos, na resignação do mutilado, mártir de si mesmo, com direito quase ao descanso definitivo entre as cobiçadas riquezas dos museus ou as ruínas vivas e sagradas que se escondem nos esquecidos abrigos dos inválidos da Pátria.

Na carreira professoral, de que éreis renunciante de alta hierarquia, chegastes ao sólio pontifício. Presidente do Conselho Superior do Ensino,

Reitor da Universidade, assim encerrastes a vossa afortunada missão de mestre, recolhido à obscuridade quando a teratologia burocrática concebeu o mito polimorfo, figura canhestra, soprada do caos, impado de dignidade e de mandos, como nas apoteoses de entremez e nos cortejos de folgança.

A Academia foi buscar-vos, Sr. Ramiz Galvão, nessa penumbra repousante para seu serviço e para sua grandeza. Encontrou-vos à lareira alegre da caridade gazalhosa, prometendo a fartura da vida útil aos pequenos desaninhados, buliçosa reminiscência da vossa infância semelhante, no exercício de uma paternidade espiritual! Que linda sina a vossa! Hoje, mestrando a filhos do povo como ontem a filhos do príncipe, no abençoado fadário de prover a duas realezas. A Pátria não admirou a realeza do príncipe que devíeis conduzir; possa ela sentir um dia a realeza do povo que também vos coube preparar.

Discurso do
SR. ALBERTO DE FARIA

e

Resposta do
SR. HÉLIO LOBO

Sessão solene extraordinária
do dia 12 de dezembro de 1928

I

DISCURSO DO SR. ALBERTO DE FARIA

A HONRA de ser admitido nesta ilustre companhia é o prêmio da tarefa sinceramente concebida e honestamente executada.

Do trabalho a que me consagrei resultou um livro em que se focaliza na História do Brasil a figura de um homem de cuja benemerência como iniciador dos nossos melhoramentos materiais se ia diluindo a memória no correr dos anos, de cuja estatura de estadista, de diplomata, não havia, não há talvez ainda, consciência exata, de tal modo se ocultava na penumbra da carreira comercial um grande cérebro de construtor político, um grande coração de brasileiro.

Coube-me a fortuna de poder reunir papéis que se perdiam, documentos que se consumiam, de reavivar tradições que iam desbotando, a tempo de fixar as linhas desse vulto extraordinário em estudo que eu mesmo espero completar e que outros hão de embelezar.

Ao apoio que de todos os lados me veio por esse esforço em que a paixão do trabalhador supria a insuficiência do artífice, faltava a manifestação coletiva desta mais prestigiosa das nossas organizações literárias, a que Oliveira Lima denominou "o colégio que é a fina flor da inteligência nacional".

Não me passava pela mente solicitar, à sombra de Mauá, a honra subida que hoje até aqui me eleva. Pensei, sim, em disputar um dos prêmios anuais com que a munificência de Francisco Alves galardoa o trabalho ingrato dos cultores das letras. Mas, não se enquadrava meu livro em nenhuma das classes a que havíeis reservado prêmio no ano da publicação, e deveria eu,

assim, contentar-me com os generosos conceitos que, um a um, em cartas íntimas e em artigos de imprensa, me mandastes muitos de vós, em número sobre o qual a mais exigente matemática registraria, sem hesitação, o carinhoso e comovente aplauso da maioria absoluta dos meus atuais confrades.

O doloroso acontecimento que privou o Brasil do seu mais operoso historiador e um de seus mais ilustres filhos, gerou a ambição de disputar a honra de suceder-lhe, guardando esta Cadeira, na qual não poderia nunca ter a pretensão de substituí-lo, mas animando-me ao concurso pela qualidade que acidentalmente autorizava a não pensar em mim por amor de minha obra.

Ainda me soava aos ouvidos a voz generosa de Oliveira Lima, que, à aprovação largamente outorgada na imprensa do Brasil, da Argentina e da União Americana, juntava, em expansão íntima, esta frase que guardo como jóia de preço – "O seu livro é sobretudo uma boa ação".

Nestes termos solicitei os vossos votos e como tal me aceitastes, pois que outros títulos não exibia, nem possuo.

Não o poderia eu dissimular neste momento porque assim vos falei sempre; não o quereria mesmo fazer, de tal modo me basta e me enche de orgulho o brilho da glória reflexa de Mauá.

O humilde Jáo vive a sua imortalidade esmolando o pão para Camões. História ou lenda, o modesto javanês será imorredouro na língua que, antes de um século, falarão deste lado do Atlântico cem milhões de homens felizes, os detentores dignos das duas maiores obras de Portugal, como as qualificou Joaquim Nabuco – O Brasil e *Os Lusíadas*.

Deixo de inquirir, senhores, se vos inquietastes pouco da imperícia do artista, para só atentar na benemerência da obra. Não me cabe a mim deixar em suspenso a justiça do vosso ato; nem seria do meu interesse, como beneficiado, nem é do meu temperamento conservador pôr em dúvida autoridade de sentença irretratável.

* * *

Pelo que pessoalmente me diz respeito, vosso confrade hoje, impõe-se-me, porém, o dever de afastar suspeita que vejo esvoaçando neste recinto, acolitada pelo perdão dos bons corações, que eu houvesse faltado um dia com o respeito que sempre tive por esta ilustre corporação.

Vós me permitireis que explique a frase que aí anda a intrigar-me com a benevolência da sentença.

Seria elementar dever de cavalheiro pedir-vos humildemente perdão se ela não fosse antes gracejo que insolência, e gracejo em que outro foi o visado, outro a quem me prendia intimidade de longos quarenta anos.

Consenti, Senhores, que o faça aqui publicamente, em dever de cortesia, no momento em que fidalgamente me recebeis sem inquérito prévio de minhas culpas, com o desvanecimento que para mim resulta de chegar a esta Casa sob a égide da memória de Pedro Lessa.

Esse grande espírito foi o meu tutor mental.

Quando, aos 15 anos, entrei no turbilhão da vida acadêmica, a boa fortuna entregou-me a uma roda de moços aos quais o futuro destinava grandes papéis no serviço da pátria e na glória das letras, Raul Pompéia, Raimundo Correia, Alcides Lima, Borges de Medeiros, Júlio de Mesquita, Caldas Viana, Augusto de Lima, Pedro Lessa.

De todos foi Pedro Lessa quem manteve sobre mim, o Benjamin da roda, influência mais poderosa, tutela mais duradoura e carinho pessoal mais prolongado.

No caráter paternal de sua proteção a um menino que eu era, nasceu-lhe a esperança de que pudesse ser mais do que um estudante aplicado de direito; quis que, como ele e esses outros, fizesse carreira literária.

Sob sua direção ensaiei os primeiros passos. Com o frenesi da idade, invadi todos os estudos, embrenhei-me por todas as searas. Nada foi estranho a minha curiosidade; nenhum terreno científico e nenhuma escola literária ficaram defesos à minha audácia de segundanista.

A alimentação pesada para um estômago juvenil produziu a natural reação do torpor gástrico e do enjôo da alimentação.

Pedro Lessa desesperou da carreira literária do seu jovem pupilo.

A vida real nos separou depois de saudosíssimo convívio e cada vez mais nos distanciamos na direção de nossas atividades, ele caminhando para as culminâncias da ciência jurídica e das letras, eu, terra a terra, disputando a princípio na advocacia, depois do mundo dos negócios, a tranqüilidade material.

Lessa não me perdoava a deserção. Suas cartas, suas investidas verbais em fortuitos encontros, eram eivadas da desolação paternal de me ver irremediavelmente perdido, com o cérebro ossificado, como ele dizia.

De minha parte iam às vezes réplicas aos seus remoques, represálias às suas pungentes ferroadas.

Uma delas foi quando soube de sua candidatura à Academia. Escrevi-lhe endereçando minha carta para a Estrada de Damasco. Aludia aos motejos com que freqüentemente o ouvia referir-se ao incipiente Instituto.

No seu discurso de recepção, depois de vos confessar que nunca haveríeis recebido confrade que tivesse sido tão contrário à Academia na época de sua fundação e nos seus primeiros tempos, repetindo com aplauso, e dando-lhes curso, as censuras e alusões satíricas em que se desentranhou a velha mas não cansada maledicência indígena, e acrescentando-lhe notas de sua lavra de que ressumbrava certo malquerer – era a mim, no fundo da sala, que se dirigia o seu olhar malicioso quando acrescentou – "Felizmente não teve minha crítica a menor publicidade, escoou-se na intimidade das palestras entre amigos."

Não perdia Pedro Lessa o hábito de gracejar; e comigo o mote preferido foi daí por diante mofar do afastamento cada dia mais pronunciado em que me via do seu alto posto literário.

A eleição do meu ilustrado e saudoso homônimo ofereceu-lhe momento oportuno. Redigiu telegrama para o qual solicitou assinatura de vários acadêmicos que me davam a honra de sua intimidade. A jocosa mensagem, parodiando célebre dístico, dizia assim:

– "A Academia honra-se de ver em seu seio tão ilustrado cultor das letras. *Rien manquait à votre gloire, vous manqueriez à la nôtre.*"

Quando chegou o momento da assinatura de Lauro Müller, esse espírito saxão cultivado em estufas tropicais pôs a sua objeção: – "Deixemo-nos de brincadeiras com esse homem; tendo telegrama dos eleitores para sua residência, ele é bem capaz de pedir ao Supremo Tribunal um mandato de imissão de posse."

A malícia do político regalista era uma sátira ao *bom juiz político* que na Corte Suprema dirigia a corrente liberal que procurava contrapor-se por meio de *habeas corpus* e remédios sumaríssimos às delongas da justiça e às tendências invasoras das ditaduras governativas.

O telegrama chegou-me apenas com as assinaturas de Pedro Lessa, Rodrigo Octavio e Afrânio Peixoto.

Em cartão de visita repliquei ao relator: O ..... é outro Alberto de Faria – (Bem vedes que há aqui uma palavra suprimida).

Pedro Lessa retrucou: – "Agora, não resta mais dúvida; é o senhor mesmo; são todos assim depois que se apanham servidos. *Quand nous sommes quarante on se moque de nous; sommes-nous trente-neuf, on est à nos genoux.*"

Este duelo de gracejos entre amigos e velhos condiscípulos teve repercussão e eu soube que a *velha mas não cansada maledicência* indígena tinha dado asas à represália, atribuindo-lhe espírito para ferir a coletividade numa generalização que não era de meu intento.

Bem deveis compreender que não me cumpria a mim protestar.

Envaidece tanto ter feito uma frase que logrou foros de espirituosa, ou tê-la visto criar sob nossa paternidade, que só agora, depois que a dependência do vosso voto cessou e a gratidão me escraviza, tornava-se inadiável esta pública explicação, antes de aceitar a honrosa convivência que me ofereceis.

* * *

Os dois nomes inscritos na Cadeira que me cabe a honra de zelar, são os dos dois criadores da História do Brasil.

A vida desses ilustres historiadores parece ser uma o prolongamento da outra; elas se seguem cronologicamente e de tal modo se assemelham sob o aspecto da psicologia dos dois eméritos cultores de letras históricas e na finalidade dos respectivos trabalhos e aptidões, que o estudo de Oliveira Lima sobre a personalidade de Varnhagen, na belíssima oração proferida nesta Academia em 1903, tem aparências de autobiografia.

A uniformidade das trilhas por ambos seguidas é curiosa. A cinqüenta anos de distância, os dois partiram do mesmo ponto, viajaram os mesmos caminhos, exploraram as mesmas veredas para fim comum, – "investigar a história pátria, ressuscitar crônicas esquecidas nas bibliotecas e documentos soterrados nos arquivos, valiosos corretores de falsidades e ilustrados colecionadores de fatos."

Nesta tarefa estrearam em Lisboa como adidos do corpo diplomático brasileiro junto à Torre do Tombo, a mina onde ambos já haviam laborado, porque aí se tinham alistado anteriormente em duas gerações de notáveis homens de letras de Portugal, Varnhagen em 1842, contemporâneo de Herculano, de Garrett, de frei Francisco de São Luís, Oliveira Lima em 1890, discípulo amigo e colaborador de Adolfo Coelho, Teófilo Braga, Pinheiro Chagas e Oliveira Martins, de quem foi discípulo dileto e "...com quem aprendeu (como disse Salvador de Mendonça) se é que tais coisas se aprendem, a observar com justeza e a escrever com calma, nesse estilo direto e claro que constitui sua forma literária e devera ser a forma preferida dos bons espíritos".

O auxílio material de um emprego na diplomacia foi procurado pelos dois como meio de estudar nas próprias fontes os documentos e mourejar na obra de construir a nossa História. Quando começaram a trabalhar regularmente na Torre do Tombo, já os dois entravam sabedores de meandros e segredos daqueles arquivos porque por eles perambularam, quando completavam, sua carreira militar, um, seus estudos universitários, o outro.

É Oliveira Lima quem conta:

> Quando muito novo ainda, eu estudava paleografia na Torre do Tombo em Lisboa, tendo por mestre José Basto, um dos auxiliares de Herculano na obra grandiosa dos *Portugaliae Monumenta Historica*, costumava ansioso, esquadrinhar nos maços de papéis bolorentos de caracteres semi-apagados debaixo da poeira dos séculos, algum documento que na minha prosápia juvenil julgava dever ser decisivo para a solução de qualquer dos enigmas de nossa história, que os tem, conquanto date de ontem. Ora, era com surpresa e não menos vivo desapontamento que, em quase todos aqueles papéis, se me deparava a marca discreta de um pachorrento investigador que me precedera na faina, e que verifiquei não ser outro senão Francisco Adolfo de Varnhagen.

Nesse posto diplomático-literário ficou Varnhagen seis anos, e daí passou para Madri na continuidade do seu destino de fazer a História do Brasil.

Oliveira Lima, esse, foi conservado menos tempo, pouco mais de ano, pois que em 1892 era transferido para Berlim.

Com o auxílio dos vencimentos do cargo, onde buscavam confessadamente os recursos materiais de viver e os auxílios oficiais para devassar bibliotecas e arquivos, andaram os dois cobiçando, com meio século de intervalo, os postos onde houvesse História do Brasil a descobrir.

Durante essa longa peregrinação, pode dizer-se que ambos empregavam, das 23 horas da folga diária no serviço burocrático, mais de metade do tempo em investigações da nossa história colonial, em Lisboa, em Madri, em Simancas, em Sevilha, em Viena, em Londres, e que nunca pediram aposentadoria. Nem Varnhagen, que aos 62 anos falecia em Viena, trabalhando, como no ardor da mocidade, para completar a sua *História da Independência*, e que, pouco antes de morrer, quando a enfermidade o prendia ao leito, ainda escrevia a um amigo, o eminente Sr. Ramiz Galvão, a esse tempo diretor da nossa Biblioteca Nacional, enchendo a sua carta de questões de história pátria, sobre pontos escuros que desejava ver esclarecidos, e manuscritos cuja existência desejava conhecer. Nem Oliveira Lima, que já cruelmente ferido dos prenúncios da morte, no seu retiro de Lennox, onde pensou ter readquirido forças, gastava as últimas reservas de energia e de inteligência, escrevendo amiudadamente a um grupo de amigos dedicados, a Joaquim de Sousa Leão, a Afonso Bandeira de Melo, a Carneiro Leão, a Vicente Licínio Cardoso, a Max Fleiuss; a Gilberto Freyre, a mim, a outros, que nos felicitávamos de poder ajudá-lo, para pedir documentos, reclamar estatísticas, obter cópias, com as quais estava construindo o livro póstumo – O *Império Brasileiro* – e armazenando material para novas produções.

Quando ambos repousaram em terra estrangeira, apenas transposta a idade de 60 anos, deixavam, uma completando a outra, a obra mais vasta e, ouso dizer, a mais notável da História do Brasil.

Oliveira Lima fez justiça a Varnhagen quando escreveu que "ele foi sem contestação o criador da história pátria, senão em sínteses luminosas, pelo menos na comprovação essencial".

E igualmente era sincero Salvador de Mendonça, quando replicou, ato contínuo, que "onde parou a obra investigadora de nossa *História Geral* há de recomeçá-la e excedê-la o nosso ilustre confrade Oliveira Lima".

Estes dois homens, irmãos gêmeos na predestinação, em pouco se diferençavam.

Varnhagen foi sobretudo historiador. Aquecido ao sol meridional, esse brasileiro, em cuja sepultura os descendentes puderam escrever, orgulhosos: – "Nascido na terra fecunda descoberta por Colombo, iniciado por seu pai nas coisas grandes e úteis, estremeceu sua Pátria e escreveu-lhe a História", – tinha nas veias o sangue alemão e o sangue ancestral dos bandeirantes.

A mescla explica as duas grandes faces da sua individualidade – brasileiro apaixonado por sua terra e sua gente, e historiador que analisava friamente os homens do nosso passado, como outros sábios estrangeiros vieram, em épocas igualmente misteriosas, estudar o nosso solo, a nossa fauna, a nossa flora, aplicando aos problemas históricos e sociais o critério germânico da lei do mais forte – "herói nacional nenhum outro senão o invasor".

Da impassibilidade do homem de ciência resultaram-lhe os dissabores de ataques de seus contemporâneos, historiadores dominados de preocupações nativistas e de preconceitos indianistas.

Com eles comungaria mais tarde Eduardo Prado, quando escreveu:

> O eminente e excêntrico Varnhagen tem toda a dureza de um saxão que era e uma inexplicável índole deprimidora de toda a grandeza e de toda a beleza; é, enfim, o homem que, em nossa História, menoscaba de todas as heroicidades, da de Anchieta e da de Tiradentes, e diz que os Jesuítas foram outros orfeus que souberam humanizar as novas feras humanas.

De todas essas acusações tomou conta o ilustre Pedro Lessa; e uma a uma, analisadas, explicadas, pulverizadas quase todas, sucumbiram na seguinte sentença:

> Longo e complexo é o libelo que conclui negando ao historiador brasileiro o título de historiador, e rebaixando-o à categoria de um medíocre cronista. Crônica de mais de três séculos de vida de uma nação, feita metodicamente, com a reconstrução meticulosa e tão documentada quanto possível, de todos os fatos, de muitos anos de ininterruptas pesquisas e da aquisição de abundantes conheci-

> mentos das ciências auxiliares da história, e com o intento, confessado, de prestar subsídios ao estadista, ao jurisconsulto, ao estratégico, ao naturalista, ao financeiro, e aos vários artistas e também para fortificar os vínculos da unidade nacional e orientar e exaltar o patriotismo e enobrecer o espírito público, aumentando a fé no futuro e na glória das letras, não é crônica, é história.

Aliás, era ele próprio Varnhagen que, ao abrir a sua *História Geral do Brasil,* prevenira o ânimo dos leitores:

> Cada dia nos convencemos de que a história é um ramo da crítica, não da eloqüência, e que diante do tribunal dela o historiador não é um advogado verboso e florido, mas antes um verdadeiro juiz que depois de averiguar bem os fatos, ouvindo as testemunhas, com o devido critério, deve, feito o seu alegado com o possível laconismo, sentenciar na qualidade das leis eqüitativas da sociedade e humana justiça.

Quem considerar que ele era um homem de ciência, um historiador, que o meio, a educação, o sangue, a época, a gratidão, fizeram monarquista e dedicado à família imperial, compreenderá e atenuará a *dureza* com que emitiu certos julgamentos que desafiaram o juízo severo de Eduardo Prado e que o sempre estremado Capistrano sintetizou dizendo que: – "se Varnhagen houvesse funcionado como juiz de Tiradentes e Gonzaga ele não teria hesitado em assinar a mesma sentença que o desembargador Diniz e seus colegas".

Nem ele desejou jamais ser julgado de outro modo senão: "alheio a essa maneira demasiado viva, comovedora e sentimental que chega a debilitar até certo ponto a verdade".

O patriotismo reserva-o Varnhagen para os seus escritos literários, para a sua função diplomática, para a sua doutrinação política.

Aí se sentia à vontade. Como literato, onde bem sabia que tinha liberdades para a crítica e franquias para as lendas, organizava, com mais patriotismo que severidade, o *Florilégio*, obra em que José Veríssimo viu, entretanto, a fonte da nossa história literária, os *Épicos Brasileiros* e vários outros estudos; e escrevia, sem comprometer a responsabilidade de historiador, o drama épico-histórico americano *Amador Bueno*, em que confessa: "abordar um

ponto controverso da história, aproveitando em sua plenitude a legenda que a crítica não podia acolher sem ressalva".

Como homem público e diplomata, toda a sua vida decorreu na mais contínua e útil preocupação dos grandes problemas nacionais olhados do ponto de vista de um espírito superior.

Aí estão seus estudos sobre a preparação do anil, sobre a cultura do trigo comparado com as da mandioca, milho e arroz, a sua *Carta* sobre os melhoramentos nos engenhos de açúcar das Antilhas o seu trabalho sobre *O Tabaco na Bahia*, sobre a *Coffea Arabica*, sobre o *Café da Bahia*, as *Informações sobre a Cultura do Café em Venezuela*. Nem mesmo se esqueceu do mate em que ninguém ainda cuidava, *O segredo das sementeiras das plantas do mate*. Nem da cultura da vinha nos sertões do Norte, nem da amoreira numa censura ao governo da metrópole que se descuidara da riqueza da criação do bicho da seda.

Como homem político, vereis em toda a sua obra escrita que se a figura do historiador fosse menos saliente, não se deixaria em segundo plano o cérebro que viu com tanta segurança problemas em que os governantes não pensavam ainda e os resolvia com visão patriótica que hoje melhor podemos admirar.

O amor ao Brasil, que não chegava para escurecer a consciência do historiador, explodiu na revelação de uma alta capacidade política. Os seus estudos sobre a mudança da Capital para o ponto em que a Constituição republicana a votou; sobre a divisão territorial, propondo a remodelação integral do mapa político-administrativo do Império, "de jeito que tivesse cada província uma extensão de território proporcionada à das outras e suficiente população e riqueza para que gozasse proximamente de igual importância"; a sua sugestão da *Colonização européia por grupos* em toda a superfície, a sua preocupação do grave problema da abolição, batendo-se, tão adiante dos seus contemporâneos, pela libertação dos nascidos de mulher escrava, a sua propaganda de um regime inteligente das terras devolutas e de arrendamento das fazendas do Estado em contratos de curto prazo e não nas enfiteuses em que até hoje estamos embaraçados, a sua campanha pelas estradas de rodagem, as *estradas gerais,* hoje patriótico empenho do governo nacional, campanha que se acredita ter produzido o imediato ensaio da Estrada União e Indústria, todas as

sugestões políticas que se espalham na sua obra de historiador e na sua função profissional de diplomata, colocam Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, "o mais notável dos nossos historiadores", como o qualificou Oliveira Lima, entre os diplomatas de grandes serviços e os sociólogos de mais clara visão na formação da nossa nacionalidade.

* * *

A Oliveira Lima não caberia a glória, senão em parte, de realizar o vaticínio de Salvador de Mendonça.

Para recomeçar e exceder a obra de Varnhagen, não lhe faltavam atributos intelectuais, nem prodigiosa capacidade de trabalho. Mas, Oliveira Lima bem viu que mais útil e mais prático seria aquele caminho que tomou e que, por antecipação anunciava, momentos antes de ouvir a profecia de seu ilustre paraninfo.

Repetindo conceitos do Duque de Broglie, ele obtemperou que não era ainda o momento de surgir o grande historiador do Brasil; cumpria-lhe continuar a obra de Varnhagen, completando-a nos detalhes, juntando novas contribuições:

> O historiador tem de combinar a sagacidade da verificação com o talento da exposição, aliar a circunspeção do pesquisador à habilidade do narrador, o que, demandando, em rigor, para aplicar-se é evolução de um povo, tempo mais que o de uma vida e inteligência mais do que a humana, convida à elaboração das monografias... Não há com efeito quem não esteja convencido de que o século atual será irremediavelmente o dos especialistas. (Discurso sobre Varnhagen)

O Ministro que o tivera quatro anos por secretário em Washington poderia, calculando a tarefa pelo vigor intelectual do arquiteto, vaticinar essas proporções ao monumento; mas, o construtor mediu melhor suas forças e não se abalançou a empresa que não teria podido realizar.

Graças a essa modesta compreensão de suas possibilidades, é que devemos a Oliveira Lima uma grande obra de historiador.

É preciso não esquecer que tanto ele como o ilustre patrono desta Cadeira tinham escolhido a carreira diplomática como oficina de trabalho, pois nenhum dos dois tinha recursos de fortuna, nem o ambiente nacional proporcionava outros meios de fazer estudos sérios nas fontes de nossa história, nos documentos que andam espalhados pelas bibliotecas, arquivos e chancelarias estrangeiras.

Varnhagen teve sempre o amparo da mão protetora do Monarca ilustre a quem se fez carga, à falta de maiores defeitos, de ter andado por demais distraído com as letras, as artes e a ciência; sua carreira diplomática parece guiada pela preocupação imperial de ajudar a obra do historiador.

Deram-lhe os primeiros cinco anos de Lisboa e depois seis anos de Madrid, consumidos em reunir o material para a primeira edição da *História Geral*. Daí o passarem em 1859 para a América do Sul, a princípio no Paraguai, depois em Venezuela, Nova Granada e Equador, e depois no Peru, Equador e Chile; e no período que vai de 1859 a 1868 Varnhagen pôde ser também ator no vasto cenário da nossa delicada política continental.

Quando o incidente de Valparaíso determinou dificuldades para o diplomata que viu a sua vibrante nota modificada, segundo o ponto de vista oficial, em termos de mais agradar ao Governo Espanhol, a obra de historiador nada perdeu; antes, ganhou mais vasto campo. A Legação da Áustria iria acolher o diplomata que fizera dez anos de América, e, a bem da História, foi promovido a ministro do Brasil na Corte de Viena, onde empregou o melhor do seu tempo e os dez últimos anos de vida numa febril produção puramente literária, e onde refundiu a *História Geral* e reuniu documentos para a *História da Independência* e para outros estudos que Oliveira Lima exaltou devidamente como "provindo sempre de pesquisas pessoais e não da utilização do trabalho de outrem". Sua fé de ofício diplomática é um itinerário de historiador.

Não devia esperar Oliveira Lima, em 1890, quando entrou para a carreira com o mesmo pensamento de encontrar nela facilidades de historiador, que lhe coubesse sorte tão boa. A natureza do regime, a temporariedade dos governos, a instabilidade dos programas de Itamarati, não lhe podiam dar esperanças de vida igualmente propícia de historiador em vilegiatura pelas

legações. O seu temperamento exageradamente cioso de autonomia, estuante de susceptibilidade, também não o ajudava.

Foi só a necessidade de aprender a História nas fontes, que lhe aconselhou a mesma trilha de Varnhagen. Mais que em França são dolorosamente verdadeiras no Brasil as palavras de Taine: – "Quase sempre é necessário fazer da ciência e da literatura objeto de luxo e buscar alhures a subsistência."

Prevendo embora as surpresas do caminho, por ele enveredou. E foi até onde o deixaram trabalhar.

Dir-se-ia que a Fada da História lhe aparecera um dia e segredou, como a Macaulay: – "Deixa passarem riquezas e prazeres; eles vão e vêm como vão e vêm as ondas do mar. Deixa que se vão e no meio dessas oscilações fixa sobre mim o teu olhar de confiança."

Tudo o destinava a ser no Brasil colaborador precioso do século da História, que sucedeu ao século da Filosofia.

Oliveira Lima consagrou-se à tarefa de continuar a arrecadar material para a obra desse historiador que está por vir e que seria prematuro no Brasil.

Não foram além suas pretensões. Em boa hora.

* * *

A sua primeira contribuição veio de pronto. Em Lisboa, apenas instalado no posto diplomático, entregou-se aos estudos e à elaboração do trabalho com que o amor filial pagava o tributo ao torrão de nascimento, – *Pernambuco, Seu Desenvolvimento Histórico* (1893).

Nesse livro de mocidade, escrito aos 23 anos, desvenda-se logo a filosofia do historiador. É o trabalho em que volta ao período já estudado por Varnhagen para exame mais profundo da história do seu Estado natal.

Este livro, diz ele, "pretende ser singelamente o quadro da nossa evolução política e social nos quatro séculos de história que contamos, quadro desenhado a largos traços sem que, contudo, sejam desprezados os contornos valiosos e deixadas na sombra as feições interessantes".

O bairrismo lhe exalta o coração no hino aos feitos dos seus maiores, para lançar as linhas gerais das suas primeiras lucubrações de sociólogo.

> Pelas radiantes tradições de sua história, pelas harmônicas proporções de seu território, pela relativa densidade de sua população, pelo desenvolvimento de suas rendas, pela excelência de seu clima, pela uberdade de seu solo, pelo valor de seus produtos, pela facilidade de seus meios de transporte realizados ou realizáveis, acha-se Pernambuco destinado ao mais esperançoso futuro na nova fase da existência brasileira. Preparou-o a natureza para um formoso fado, rivalizaram os sucessos bélicos e os eventos liberais em circundá-lo de uma atmosfera sedutora e simpática, esmerou-se a fortuna em dispensar-lhe os seus dons mais preciosos...

E, desse âmbito romântico de entusiasmo provincial, parte para a mais vasta perspectiva dos problemas nacionais.

> Assim Pernambuco tem-se, ao contrário de outros Estados e apesar de seu benigno céu e da fertilidade de seus campos, conservado ao abrigo das levas de imigrantes europeus, que parecem querer submergir o Sul numa inundação de estrangeirismo, desbotando a idiossincrasia do produto brasileiro, já diferenciado e semi-integralizado, de seus característicos superior ou amavelmente revelados na literatura, na política e em outras categorias espirituais. No Norte, apenas visitado por uma diminuta imigração, incapaz de sobrepor-se ao elemento nacional e contudo suficiente para corrigir-lhe qualquer moleza pela ausência de luta pela vida, vai-se refugiando a alma do Brasil, manchada e irritada do constante desapego a que assiste em outras partes do país, meio açambarcadas pelos estrangeiros, aquilo que representa o tesouro de nossas reminiscências de pátria em seu aglomerado de trabalhos e de glórias. Ali subsistirá, com efeito, o Brasil, quando um dia, não se havendo oposto um dique à maré enchente dos asilados de outros continentes, a nossa nacionalidade se tiver afundado numa mestiçagem heteróclita de raças e numa divergência esterilizadora de sentimentos.

Quaisquer que sejam as restrições que cada um de nós possa opor intimamente ao ardor nacionalista do jovem secretário de legação, força é admirar-lhe a bravura do primeiro ímpeto que nunca se desdisse no decorrer de existência da qual é nota característica integral afirmação de sóbrio brasileirismo.

E não só o problema interno lhe assoberbava a imaginação. Do céu límpido do seu Pernambuco, da sombra generosamente protetora dessas mangueiras que seriam a nostalgia de sua longa existência de exilado, o diplomata estreante desenhava já os pontos de vista da sua orientação firme nos problemas internacionais.

A recordação é interessante, porque, mais tarde, uma de suas atitudes discutidas e maldosamente explicada como acesso de despeito, já aí está delineada sem respeitar até a medida de conveniência que se impunha a funcionário público de modesta categoria.

> Em face da Europa, ciosa de suas tradições porque delas timbra em fazer o seu brasão; esvaída no melhor do seu sangue pelas guerras e em boa parte da sua atividade pela emigração; enervada pelo militarismo arrogante e pelas repetidas paredes operárias, sacudida pelas discussões de prometedores programas políticos: ergue-se o colosso pletórico da América Setentrional, insolente da sua riqueza – crescente ao ponto de por ela sofrer o país crises de superabundância – absorvente em sua produção variegada; fundindo povos diversíssimos no cadinho de uma unidade de interesse que não de afeição; delirando na sua febre industrial. Não aspiremos nós, que poderemos ser uma das grandes nacionalidades do futuro, a seguir humildemente quer uma quer outra. Cumpre arrecearmo-nos do misticismo doentio da primeira, opondo à decadência que a espreita, o refinamento de sua cultura secular; bem como repudiarmos o naturalismo demasiado brutal da segunda, antepondo com fúria as preocupações materiais aos plácidos gozos espirituais.

O jovem secretário de legação tinha firmado o ponto de vista em que haveria de manter-se intransigente para origem de desgostos e abandono final da carreira.

Toda a sua obra de historiador, toda a sua carreira de diplomata, toda a sua honrada vida de cidadão, estava traçada nos moldes desse livro de juventude. Quem ler o *Pan-Americanismo*, escrito 25 anos mais tarde, não encontrará senão a continuidade de um pensamento que, com responsabilidades maiores e contrapondo-se à corrente, o Ministro Oliveira Lima assim se externava: "É preciso latinizar o Monroísmo, desmanchando-lhe o exclusivis-

mo norte-americano que o tem caracterizado dando-lhe foros de antipática doutrina protetora."

Nos livros que se seguiram: *Aspectos da Literatura Colonial Brasileira* (1896), *Descobrimento do Brasil* (1900), *Reconhecimento do Império* (1901) e uma série de memórias e conferências, ver-se-á sempre o alto espírito do historiador, verdadeiro, sincero, mas compenetrado da missão educadora do gênero literário.

A História é, em seu entender, "uma escola popular de patriotismo e moral". Despreza os detalhes, os acontecimentos crus. Dele se pode dizer como se disse de Guizot: "Não é biógrafo-cronista, pintor de costumes, amador de anedotas; conhece o parlamento, o campo de batalha, a praça pública, não conhece a sala de jantar, a cozinha, a alcova, o quarto de despir."

Parecerá talvez que há contradição entre as qualidades mestras do historiador, a franqueza, o culto da verdade, a selvagem sinceridade que tanto mal lhe fizeram, mas só a ele, e esse escrúpulo em deter a vista nos pontos menos brilhantes da nossa História. Não se furtou a sinceridade do escritor de enfrentar a dificuldade. Em uma de suas conferências na Universidade de Lisboa, prevendo que algum dos ouvintes o interrogasse se havia na História do Brasil alguma coisa de vergonhoso ou deprimente, antecipava-se bravamente em responder – "que, em verdade, não havia, mas que se houvesse não a mencionaria".

A sua História era educativa. Ouçamo-lo, que sempre o faremos com proveito:

> O passado não só envolve a tradição, como gera o incentivo da ação pela lembrança dos feitos gloriosos de outras gerações, que com a distância do tempo, perdem as asperidades e imperfeições e mais gloriosos ainda parecem, na sua idealização vaporosa, não se lhe conhecendo as sombras nem os defeitos. Assim, na pintura, por efeito da perspectiva, esfumam-se os contornos, esbatem-se as cores, corrigem-se as desigualdades e uniformiza-se a visão.

A História, insiste Oliveira Lima no estudo sobre Varnhagen, tem por intenção: – "formar e melhorar o espírito público nacional".

Aí está a explicação do contraste violento que se nota entre os processos de crítica do historiador e a sua ação de jornalista, de político, de sociólogo. A tolerância e a benignidade com os homens do passado resultam da necessidade de extrair bons exemplos para zurzir os maus atores do momento.

Tenho aqui depoimento pessoal a dar: – Um dia, recente, tomei a liberdade de estranhar o desabrimento da sua censura à ação política interna e externa de um de nossos governos, acentuando a doçura da sua linguagem quando atenuava e indultava os atos do passado, e imaginando o efeito produzido por suas palavras no sul do Continente. Replicou:

> Repare na diversidade dos assuntos de que me ocupo. Nas correspondências para *La Prensa* escolho assuntos em que possa abstrair das incapacidades que tão freqüentemente nos infelicitam no governo; no *Jornal do Brasil* não posso deixar de combater atitudes néscias e perniciosas. Ao meu país timbro em dizer as verdades sem indagar quem é ferido. Nem todas aliás digo para não parecer destemperado. Calo-me por vezes, muitas vezes mesmo, mas não minto para escondê-las.

Nessas linhas se estereotipa a compreensão que tinha do papel do historiador e do dever do homem público.

D. João VI, sua obra mais completa de historiador, é um produto desse feitio de espírito.

O velho rei passava à História envolvido ao manto do ridículo que lhe atraíam as circunstâncias penosas em que procurou refúgio para a sua coroa nas terras da colônia, a natural despreocupação de suas maneiras e hábitos e a infelicidade da aliança conjugal com uma mulher de espírito ambicioso e de costumes doentios.

O perfil do monarca seria retificado pela pena de Oliveira Lima. Os defeitos pessoais não foram ocultados, mas explicados com o critério do filósofo e atenuados pelo perfume da gratidão dos benefícios deixados:

> Encontra-se sem que se faça mister grandes esforços de indagação, o primeiro motivo de sua extensa popularidade, na sincera amizade testemunhada pelo soberano português à sua principal colônia, no apego com que a ela se prendeu,

> na íntima correspondência que se estabeleceu entre a sua personalidade e o meio. Se menos bem lhe ficaram por isso querendo na metrópole, maior foi a simpatia que desde então cercou o seu nome na antiga possessão.

E conclui do seu estudo, que constitui dois fortes volumes, de obra documentadíssima: "Em D. João VI as imperfeições de todo ser humano não chegavam para que desmerecessem as sólidas qualidades. Os seus pequenos defeitos contrapõem-se a um belo conjunto de virtudes, raro num monarca despótico."

Era esse o critério de Oliveira Lima julgando os homens do passado. Media-os pelos serviços prestados e não procurava o contraste de seus defeitos e erros. Tirava deles o proveito da lição para os contemporâneos e recomendava-os à gratidão dos que usufruem o patrimônio herdado. Na vida das famílias não é preocupação dos herdeiros apurar os processos por que os bens foram adquiridos. As galerias de retratos das casas nobres ostentam as condecorações e os troféus dos antepassados e não põem sobre a mesa, ao alcance do visitante, as crônicas de Saint-Simon.

E assim provoca a simpatia dos brasileiros para "o bom rei D. João VI, a quem o Brasil deve sua organização autônoma, suas melhores fundações de cultura e até seus devaneios de grandeza".

* * *

Bem diferente do historiador foi o jornalista, o diplomata, o político. Nestes aspectos diversos é que se desenha principalmente o valor moral da individualidade de Oliveira Lima.

Fora do papel de historiador, aparece outro homem – um combatente com todas as audácias, ferindo à direita e à esquerda, dizendo as verdades nuas e cruas, sem se preocupar com os outros e sobretudo consigo.

A carreira de diplomata não poderia deixar de ser prejudicada por essa bravia indisciplina de um escritor prolífero, de um jornalista militante e de um lutador político em freqüente atividade.

Valeu-lhe algumas vezes a alta estima de historiador; mas não pôde evitar que tão cedo se interrompesse carreira onde difícil será encontrar iguais ao seu valor.

Dele podemos repetir com restrições (e com as devidas desculpas) o que ele aqui disse de Varnhagen:

> O nosso historiador tinha qualidades negativas em diplomacia; era um impulsivo com rompantes de colérico e que se deixava instigar por considerações de eqüidade e de pundonor. Para ele a diplomacia não era a arte suprema de engolir desfeitas e disfarçar desaires. Achava-a compatível com a franqueza e a honestidade.

Não fugi do delicado assunto porque tenho contribuição pessoal a ajuntar aos numerosos documentos que da independência de caráter e do exagero de suscetibilidades nos oferece a carreira oficial do diplomata.

Faz-me prazer e creio que não vos será inútil no julgamento do ilustre cidadão, o conhecimento desse incidente, que determinou rompimento entre duas pessoas que mal se conheciam de vista e que depois chegaram a entreter relações estreitas (eu diria íntimas se não parecesse pretensioso), sem nunca se terem avistado de novo.

É o ponto inicial da série de fatos que deram em resultado o seu afastamento da carreira.

Um de nossos plenipotenciários desaviera-se com o seu ministro, que era o Barão do Rio Branco, e não guardava a linha das conveniências em relações oficiais e nas manifestações em público. Oliveira Lima, seu amigo pessoal, comentava pela imprensa, com liberdade demasiada, e com má vontade para com o chefe comum, os atos do seu colega.

Sinceramente, não vos poderia dizer por que razão entrei no barulho; ou o meu espírito de disciplina me indispunha contra o funcionário recalcitrante; ou a minha vaidade de vizinho, constantemente distinguido pelas generosidades do castelão de Petrópolis, me atirou na luta aberta por Oliveira Lima.

Certo é que um dia revoltei-me e escrevi, sob pseudônimo que me traía abertamente, instigando Rio Branco a um ato de energia – era urgente medida disciplinar que fizesse compreender ao plenipotenciário insubmisso, amparado no apoio da poderosa bancada de seus antigos companheiros de propagan-

da republicana, que a carreira diplomática, tanto como a militar, tanto como a sacerdotal, exigem supremos sacrifícios de discrição e de resignação.

Oliveira Lima não se dedignou de ir encontrar o anônimo e atirar-lhe o desafio nas colunas do *Estado de S. Paulo* para onde escrevia.

Com a violência habitual suspeitou-me de emissário do Barão do Rio Branco e atribuiu-me aspirações a posto para o qual só muitos anos depois, com surpresa de todos e principalmente minha, recebi de outro governo a honrosa investidura.

E nas suas crônicas semanais, lobrigou com outros vícios, o do interesse direto – "No Brasil já se entrou perigosamente, desmoralisadoramente, cinicamente, a propalar que a melhor condição para a diplomacia é ter fortuna."

Felizmente não me abandona a calma, nem no mais aceso da refrega, e repliquei com outro artigo em que sustentei serenamente que os dois altos funcionários deviam ser postos em disponibilidade. Mas, felizmente também, nunca me abandona o sentimento de admiração pelos valores reais e a sinceridade que protege a fraqueza do meu pulso ditou estas palavras no final do artigo-represália – "Ao menos o Sr. Oliveira Lima é um insolente de talento e trabalhador. Falta-lhe civilidade (eu era a vítima), mas tem alguma coisa para contrapeso; a tolerância do governo em relação a ele justifica-se."

Bem percebereis a necessidade de ressuscitar estas páginas esquecidas, ignoradas da geração atual, quando elas me poderiam ser lembradas contra a condenação que ora lavro das manobras políticas que, de crescendo em crescendo, obrigaram o diplomata a pedir sua aposentadoria.

Oliveira Lima vinha intrigado com a política dominante desde o momento em que tomou parte ativa, e, como sempre, apaixonada até à violência, pela candidatura Rui Barbosa à Presidência da República em 1909. Na sua absoluta despreocupação das comodidades pessoais, coerente sempre com o seu modo de aproveitar as lições do passado, sem indagar se doía aos contemporâneos a comparação, manifestou-se ele em expansão sincera numa palestra trazida a público com as demasias da reportagem, frisando certas superioridades da monarquia deposta. Ao Ministro de sua pasta, que era então Lauro Müller, apresentou em carta as explicações que julgou necessárias.

Deu-se por satisfeito o Governo, mas não se achou contente a política; e no terreno da recusa à aprovação do ato já resolvido de sua remoção de Bruxelas para Londres, surgiu a intransigência de uma política compressora, excitada de fervor republicano. A Oliveira Lima foi notificada a condição de escrever carta ao árbitro da política nos mesmos termos da carta ao Ministro, mas com certo complemento reafirmando, em termos mais claros, seu devotamento à República. Bem se compreende que de homem da envergadura de Oliveira Lima esta proposta tinha um *non possumus* prévio e irredutível. Não seria digno de outro, não seria possível tratando-se dele, discutir condições de submissão a forças extralegais.

"É evidente", disse ele pelo *Jornal do Commercio*, "que não escrevi carta alguma, no que fui aplaudido pelo Sr. Ministro do Exterior. Seria uma humilhação a que um homem de brio se não devia sujeitar. Que confiança, de resto, deveria merecer um funcionário que para segurar um posto, por mais importante, se prestasse a semelhante papel? A minha lealdade ao regime estava provada por 23 anos de leais serviços, durante os quais nunca pudera ela ser de leve posta em dúvida."

* * *

A carreira diplomática estava cortada. A vocação irresistível do historiador faria ouvir de novo sua voz imperiosa e as vistas sevoltaram firmes para "... esse espírito de investigação, esse imenso apetite de verdade que faz abraçar a vida com ardor ou suportá-la com coragem". Mas, não há dúvida que para a sua obra de fazer a História do Brasil, se a carreira lhe tirava algum tempo e criava-lhe, a espaços, dificuldades, era sempre uma esperança de novos estágios nas catacumbas onde vivem nossos documentos históricos.

Londres era ainda um grande arsenal sonhado; depois, Lisboa. Em Londres estivera como secretário cinco anos e dessa permanência resultou o *Catálogo de manuscritos relativos ao Brasil existentes no Museu Britânico*, que do erudito Salvador de Mendonça mereceu este elogio: "No dia em que Oliveira Lima puder fazer na Torre do Tombo e nos outros arquivos de Portugal o que fez em Londres, possuirá o Brasil o material quase completo para a sua História."

Londres, onde pretendia reencetar estudos e que lhe fora trancado pela brutalidade da política, e Lisboa, que era um sonho acariciado para depois, acesso cobiçado de diplomata-historiador, lhe ficaram também defesos, mesmo na vida particular a que logo voltou pela aposentadoria. A sua intransigência de princípios, a sua irredutibilidade de atitudes, não lhe permitiram a imobilidade no conflito europeu; e mais uma vez sacrificou a comodidade à irreprimível paixão de dizer o que sentia. Partidário da neutralidade do Brasil na Grande Guerra, compreendeu que o seu refúgio era a União Americana e para lá se transferiu com os seus livros.

* * *

E lá trabalhou; e lá o surpreendeu a morte.

Apropriando-me de pensamento de Joaquim Nabuco: – "Era como todas as vinganças que o homem de coração toma do seu país, uma vingança de amor."

O que ele fez nesses doze anos de degredo foi somente trabalhar mais livremente para o Brasil.

Lede o catálogo das obras que saíram ainda de sua pena e vereis que só há História do Brasil ou problemas brasileiros. Ser-lhe-ia fácil, escrevendo admiravelmente o inglês, escolher assuntos mais interessantes para o povo que o hospedava e mais rendosos para ele.

Mas, o que resultou desses doze anos longe do Brasil foram quatro livros e uma colaboração assídua de imprensa para o Brasil e para Buenos Aires sobre assuntos brasileiros. Os livros foram: *O Movimento da Independência, História da Civilização, D. Pedro e D. Miguel* e o livro póstumo *O Império Brasileiro,* trabalho sem par no assunto, pela profundeza e pela sinceridade das observações.

Com um *Tratado de Direito Internacional* que está terminado, e com as suas numerosas conferências e numerosíssimos artigos de imprensa, preencher-se-ia uma obra da qual se pode dizer, com pequenas alterações, o mesmo que ele disse da de Varnhagen:

> Com essas publicações avulsas sempre úteis e sempre interessantes organiza-se a mais curiosa das bibliotecas com volumes de todos os formatos, bulindo

em não sei quantos assuntos, escritos em português, em espanhol, em francês, em alemão e impressos nos mais variados lugares.

Nessa biblioteca ocupariam também lugar saliente os livros que escreveu nos postos onde não podia dar aplicação às suas aptidões de historiador brasileiro. – *No Japão, O Secretário d'el-Rey* – peça histórica, *Pan-Americanismo* (Bolívar, Monroe, Roosevelt), *Machado de Assis et son œuvre littéraire, A América Latina e América Inglesa*, série de conferências feitas em 12 universidades americanas, *Coisas Diplomáticas*, onde advogou, contra o espírito de classe, a fusão das carreiras diplomática e consular; *Nos Estados Unidos*, impressões políticas e sociais do grande povo; e *Na Argentina*, livro que muito valeu à aproximação e à confraternidade de dois povos.

* * *

Conhece o Brasil a obra do seu historiador, a folha de serviços não insignificantes do diplomata, para perdoar-me que tanto tempo tenha furtado ao elogio de sua obra e para que me reste agora tão curto espaço do que os estilos acadêmicos e a vossa benevolência me concedem para ocupar-me do cidadão e do homem público sobre cujas atitudes desassombradas era natural que se despejassem as cóleras daqueles aos quais magoava freqüentemente a sua indomada franqueza. Neste ponto, tenho que voltar à minha carreira de advogado, porque o despeito dos ofendidos criou uma atmosfera enevoada que é de nosso dever dissipar.

Oliveira Lima é acusado de ter legado a sua valiosa biblioteca, riquíssima de livros brasileiros e de história sul-americana, a um país estrangeiro, onde se exilara por despeito, de onde não pensava em regressar à pátria e onde quis que os seus ossos descansassem eternamente.

Aqui lhe devemos a solene reparação de levantar até este recinto tão injustas acusações para delas fazer sair brilhante e aureolada a figura moral do ilustre compatriota e para aprendermos no seu exemplo a amar a pátria com sacrifício e a servi-la com inteligência.

Processa-se ainda o inventário dos pouquíssimos bens de fortuna de Oliveira Lima e é fácil ir ler em cartório o seu testamento:

> No caso da referida minha esposa falecer ao mesmo tempo que eu, no caso de sinistro, por exemplo, ou de ter já falecido em data anterior à minha morte, será herdeira única e universal de toda a minha herança a Universidade Católica da América com sede em Washington, à qual já fiz em vida a doação de minha biblioteca com o seguinte encargo e fim expresso – de custear e manter uma cadeira de língua portuguesa e história literária e econômica de Portugal e do Brasil, bem como, se houver sobras, de distribuir subsídios entre quaisquer estudantes pobres, sem distinção de nacionalidade nem de cor, que cultivarem com zelo essas matérias.

A data é 1923; mas expressamente confirma a doação no testamento de mão comum que ele e sua mulher faziam em 1903 em Lisboa, antes da missão diplomática do Japão, e portanto no período em que se lhe abriam todas as perspectivas de brilhante carreira no serviço público.

Os acontecimentos posteriores determinaram que a doação da biblioteca fosse antecipada e que os dois cônjuges se desfizessem da parcela mais valiosa do seu patrimônio, a única valiosa poder-se-ia dizer, entregando-a em vida, não, como geralmente se diz, aos Estados Unidos da América do Norte, mas à Universidade Católica de Washington, isto é, a uma instituição de caráter universal, cujos recursos materiais permitem manter íntegra, aumentá-la, aquela enorme riqueza acumulada com as migalhas arrancadas ao conforto e ao gozo da vida de modestíssimo casal.

Se quereis uma filosofia maldosa, admiti a explicação de que esse usurário de livros buscava prolongar a existência do tesouro legando-o a quem mais esperanças dava de poder guardá-lo com carinho.

Se quereis a explicação verdadeira, acreditai, como eu e como todos que dele andávamos perto, que ele quis que a sua biblioteca que era rica e que o seu museu histórico tivessem a utilidade de servir de consulta à história e à aproximação inteligente das duas Américas. Ali, naquele templo de história pan-americana, se ensina a língua portuguesa, a história, a literatura e a economia do Brasil e de Portugal.

A não ser o sentimento inferior de ciúme da velha mãe-pátria da qual o historiador não nos quis separar, que outro sentimento pode brotar senão o da gratidão ao funcionário que converteu em livros, mapas e documentos, as sobras de parcos ordenados e ajudas de custo, para legá-los, juntamente com

os poucos recursos que restavam de bens herdados, àqueles que quisessem estudar a História do Brasil e a de Portugal e aprender a nossa língua?

O meu papel de advogado me obriga a insistir ainda na nota triste das injustiças com que é julgado o ilustre extinto: – ele se expatriara; não voltaria ao Brasil, nem quis que os seus ossos aqui voltassem.

Perdoai que a função de advogado me obrigue a fazer soar, na solenidade desta festa, a nota dolorosa do remorso.

Lede estas palavras de uma de suas últimas cartas, a que tem a data de 15 de outubro de 1927:

> Como me seria agradável ver os bons amigos que ainda tenho e essas terras de tanta saudade. Mas, além de ter afazeres de professorado, uma viagem, com o preço atual das passagens, representa grande despesa e não estou em condições senão de ir equilibrando meu viver quotidiano com os auxílios do meu trabalho de professor e de publicista dado a estudos históricos, porque me distraem, e à crítica dos acontecimentos e dos homens do dia, porque é o meio de não envelhecer espiritualmente.

É desse mesmo dia outra carta que o Dr. Levi Carneiro trouxe a público:

> Feliz foi a lembrança do nosso Amigo Alberto de Faria de transmitir-lhe o conteúdo de minha carta sobre o seu belíssimo discurso.
>
> V. Ex.ª acerta admiravelmente quando diz que me será agradável saber a conta em que sou tido... Longe da Pátria, mas sem a esquecer (e como o poderia, se dela trato diariamente?) essa é a minha única recompensa e a única a que aspirei. Gostaria muito de ir aí rever a terra e os amigos, mas circunstâncias há que me vedam essa satisfação.

Estas circunstâncias sabeis quais são, pois que, para bem assinalá-las, as duas cartas têm a mesma data.

* * *

Eu não teria a crueldade de falar-vos de coisas tão tristes nesta solenidade, carregando a nossa consciência da dor de vermos sofrer no exílio um

patrício ilustre que acumulou com as economias de muitos anos um tesouro em livros que são já os livros de consulta num grande centro para o estudo da história e da língua do Brasil, se não pudesse conjuntamente desafogar o nosso remorso, dizendo-vos que estava iniciado um movimento consolador de reparações morais ao insigne lutador.

O digno Presidente atual do Instituto dos Advogados já o consultara, de acordo com alguns amigos, sobre o programa de uma série de conferências aqui, em Pernambuco e em São Paulo.

O ilustre Governador de Pernambuco já o tinha convidado a vir ao Brasil para tomar aos ombros a tarefa de completar até os nossos dias a história do próspero Estado nortista.

Por seu lado, o Governo Federal tinha propósito de fazê-lo voltar ao serviço da carreira.

Infelizmente nenhuma dessas reparações pôde ser tornada efetiva por motivo da crise que o prostrou pouco tempo depois e cujo desfecho foi fatal.

O recente movimento diplomático teria dado ao Governo meios de pôr em posto elevado o diplomata da estirpe ilustre daqueles que, antes das credenciais de seu país, já possuem as credenciais da inteligência nas estantes das bibliotecas dos Ministérios, a estirpe em que esta Casa se ensoberbece de contar Magalhães de Azeredo, Luís Guimarães Júnior e Hélio Lobo.

Difícil seria encontrar quem mais nobres credenciais próprias pudesse ajuntar às de seu país.

Em Bruxelas, nosso conterrâneo, o glorioso rei Alberto reconheceria ao novo Embaixador o Ministro cuja conferência – *La Conquête du Brésil* – ele honrou com a sua presença, comparecendo em 1910, pela primeira vez em público depois de sua subida ao trono, em grande uniforme, no meio de sua corte e de seus homens de ciência.

Em Tóquio, seria o escritor que, em 1903, anunciava ao Brasil o Japão moderno, livro de alto descortino, e que ali realizava, como Encarregado de negócios, duas conferências em inglês sobre o desconhecido Brasil.

Em Portugal, encontraria funcionando a Cadeira de Estudos Brasileiros que inaugurou com uma série de conferências em 1923, a convite da Universidade de Lisboa.

Em Paris, os meios literários tomariam de novo contacto com o conferencista que lhes foi apresentado no anfiteatro Richelieu por Anatole France celebrando "Le Génie Latin" em Machado de Assis, e acolheriam fraternalmente o historiador a quem coube a honra de ser o primeiro brasileiro que fez na Sorbonne um curso: "Formation Historique de la Nationalité Brésilienne", a obra mais perfeita para dar ao estrangeiro uma impressão de conjunto do nosso desenvolvimento nacional, "et qu'un Français n'écrirait pas avec une clarté plus facile", como disse o professor Martinenche.

Nos Estados Unidos, ele seria o universitário conhecido e estimado, cuja morte o mundo científico americano registrou como uma perda sensível do magistério da grande nação e cuja indicação para *o* posto estava feita pelas duas mais altas mentalidades da época, Rui Barbosa, que escreveu que Oliveira Lima "era o único homem cuja escolha não derrogava a sucessão de Joaquim Nabuco", e Nabuco, que, preocupado com a falta que ia fazer aos interesses da política internacional por ele inaugurada e sabendo embora que não contava com a inteira solidariedade do antigo amigo, ainda assim repetia, pouco antes de morrer, que era a ele que cabia o anel de Alexandre.

Na República Argentina, encontraria de novo no alto posto o Presidente Irigoyen, que, em 1919, surpreendeu a sociedade buenairense e o mundo diplomático, indo em pessoa, ao hotel onde se alojava o conferencista Oliveira Lima, apresentar-lhe as homenagens da sua admiração.

* * *

Não será em nossa terra que seus ossos se consumirão. É disposição testamentária de muitos anos passados:

> Determino que meu corpo descanse onde ocorrer meu falecimento, sepultado ou cremado de preferência, se minha religião o não vedar, sendo adquirida uma concessão perpétua em campa rasa, a mais modesta possível, e não sendo em caso algum meus restos objetos de transporte *post mortem.* Como epitáfio escolho este somente: – Aqui jaz um amigo dos livros – sem indicação de nome.

Como vedes, há nisto apenas um traço de extrema modéstia. Se não morreu aqui, se seus ossos vão ser guardados em terra estranha, foi pela fatalidade que não nos permitiu pagar dívida que não nos vexamos de reconhecer.

A terra que recebeu o corpo de Oliveira Lima é terra nossa amiga e terra que queria a ele como a um filho.

Junto de seu túmulo e de seus livros permanece, muda de dor e sublime dedicação, a companheira ilustre que foi a auxiliar e colaboradora diária de sua obra, exemplar puríssimo da alma varonil da mulher brasileira.

A cena é tétrica, mas consoladora do nosso sofrimento.

Para os da têmpera de Oliveira Lima escreveu o Magno Poeta:

Que toda a terra é pátria para o forte.

II

RESPOSTA DO SR. HÉLIO LOBO

I

SENHOR Alberto de Faria,

Designando-me para vos dar as boas-vindas, acentuou a Academia o gosto dos contrastes, em que se compraz. Aos vossos títulos, opõe minha desvalia. Ainda bem que vossa alocução assegura o realce desta festa; e cousa que vos diga, por desluzida que pareça, e há de ser, não destoará do tom geral da solenidade.

Faz também praça esta companhia da indulgência, que se serve por vezes de mostrar. É dos doutos conciliar o rigor na bondade. Aqui isso se dobra em graça acolhedora porque, sabidos em remoques e paixões, tudo lhes vem a ser fonte de sabedoria.

Desnecessário era, portanto, que para penetrardes estes tetos, vos acudisse explicar o caso do *tolo é o outro*. Não são raros aqui os que terão zombado, antes, do que depois só mereceu louvor. É mesmo quase dos estilos andarem de sociedade, em noites como esta, a culpa e o arrependimento. Não formamos asilo de beatitude, ao contrário são também nossas as fervenças da carne e do espírito, a que aludia o clássico. De Voltaire não é, aliás, a confissão de que na sua Academia, nosso amado modelo, tinham entrada até os homens de letras? Não obstante foi acadêmico, o maior do seu tempo; a sua ironia cortava fundo: "Adeus, meu caro amigo, escreveu ao abade d'Olivet, posto que sejais acadêmico, quero-vos bem e vos aprecio de todo o coração:

sois digno de o não ser." Não é de todo vã lembrança, quando falo ao sucessor de quem se foi prematuramente, desavindo também conosco.

O de que, entretanto, se não dispensa a Academia é dos títulos à sua investidura. Tem o caminho livre quem dela desdenhou, contanto que, por nomeada e obras, esteja ao nível do seu padrão. Remoques, afinal, deparam seu remédio; mas o resto?... Preza-se ela de ser, e o será cada vez mais, afora quem bem sabeis, o espelho veraz da cultura nacional, pelo menos nalguns de seus mais altos cimos, – poetas, prosadores, diplomatas, jornalistas, advogados, historiadores, engenheiros, soldados, médicos, sacerdotes, oradores.

Direis que são todos letrados, e estou que sim, mas não terão tido acesso só pelas letras senão também, e preponderantemente, pelo que noutros campos realizaram. Se é exato, por exemplo, que, dentre os vivos culminantes, não quis a Academia honrar em Aberto de Oliveira senão o primoroso artista do verso, a maior glória vivente de nossa poesia, não se galardoou menos em Osvaldo Cruz, dentre os mortos exclusos, o higienista e o homem incomparável, que foi em ação o que sabemos e nos deu em vida o que tanto admiramos.

Bem o prova a poltrona que acabais de conquistar. Foi seu primeiro ocupante um historiador assinalado, ao mesmo tempo fiel intérprete do Brasil lá fora. No patrono, por sua vez, outros não eram a feição e os trabalhos, pois deu também realce à representação exterior do país, dedicado igualmente ao estudo do nosso passado.

Vós vos referistes, com justeza, em Francisco Adolfo Varnhagen e Manuel de Oliveira Lima, à índole combativa, para não dizer acaso bravia. Trabalhadores infatigáveis, não procuraram o lado cômodo das cousas, preferindo-lhe, por vezes, a atitude beligerante. Mas não é a vida mero espelho do que nos vai por dentro? Cada um conforme seu fígado, diziam os físicos de antanho, quando melhor acertaríamos, hoje, afirmando que a cada qual seus devaneios. O encanto da história consiste em que, sendo a mesma, é sempre outra; e o dos homens não está menos no mosaico de seus humores e predileções. Pois aqueles, como escreveu Vieira, "amam as cousas não como são, senão como as imaginam e o que se imagina e não é, não o há no mundo".

Em Oliveira Lima, cujo perfil tão cabalmente acabais de traçar, foi a existência um cuidado perene de nossos homens e de nossas cousas. Bem provastes que nos servia à sua feição, batalhadora no presente, complacente nos

dias idos, susceptível e vário, se quiserem, mas sempre brasileiro. Foi nesse aspecto que me tocou versá-lo de perto, quando, todo entregue à liberdade de escrever e argumentar, fundou em Washington a biblioteca de seu nome. Quando outros serviços não tivesse à terra natal, e foram largos, esse só bastaria para lhe consagrar o nome, – livros, documentos, cousas d'arte recolhidos anos após anos na sua longa carreira, centro de irradiação que dirá sempre, com autoridade, não só da cultura e da civilização brasileira, como deste nosso mundo latino-americano. Homem acima de tudo continental, deu à sua vida e à sua obra, ali, o significado de uma aproximação espiritual e humana, que as gerações vindouras não podem deixar fenecer.

II

O zelo do Brasil, na sua tradição histórica, nos seus problemas maiores, inspirou sempre aos vossos antecessores. Mais ainda, foi invariável em ambos, até o fim, o fruto em livros e estudos, quantos e quão proveitosos.

Não é por coincidência, tão senhora aliás de alguns de nossos dias, que com eles vos achais. Aqui é pleno vosso direito. Dizendo do elogio de Oliveira Lima sobre Varnhagen, julgastes, não sem razão, que se estudou ele a si próprio. Outro paralelo existe, que porventura já notastes, o de certas afinidades espirituais que vos ligam ao vosso antecessor: inclinação política batalhadora, arremesso no ataque, certo desabrimento na defesa, que as gazetas, de preferência ao livro, testemunharam. Eu acrescentaria, se me permitísseis, com o gosto pela carta como traço de amizade e desabafo interior, aquilo de Rodrigues Lobo, na sua *Corte na Aldeia:* "Homem de boa criação e, além de bem entendido, notavelmente engraçado no que dizia e muito natural de uma murmuração, que ficasse entre o couro e a carne, sem dar ferida penetrante". A diferença está em que, onde um deu livros sem conto, no curso de sua vida, o outro só sobretarde, quando os cabelos prateiam e pede o corpo mais repouso, se saiu com seu volume. Seria ainda de assinalar que, enquanto Oliveira Lima percorreu os quatro sóis, no exercício efetivo de uma carreira itinerante, vós por ela passastes apenas de vôo. Mas isto mesmo redundou, afinal, em maior glória para vosso nome, porque, embaixador em terras estra-

nhas, dificilmente teríeis produzido o livro de polpa, que é vosso *Mauá*. Se perdeu a carreira com a renúncia, ganhou a Academia, que aqui vos tem.

Não se desluziria aquela, antes se acrescentaria em lustre e serviços, com um titular de vosso tomo. Tínheis efetivamente tudo para atingir logo seu degrau mais alto, – cultura, conhecimento do Brasil, trato dos homens, franqueza. Não esqueçamos esta, porque está nas vossas qualidades e já não é mais do mundo a trama de enredos e vacilações, que se chamou a diplomacia secreta. Nada que se oculta deixa de saber-se algum dia; e os compromissos menos nobres encontram invariavelmente seu tribunal. Tudo está no saber dizer, já salientou para seu tempo, com prosa que seria para hoje, Choiseul: "La véritable finesse est la vérité dite quelque fois avec force et toujours avec grâce."

Andou por aí a vicejar a doutrina, de que variará a representação exterior, com as rotações da política interna, para lhe corresponder melhor às iniciativas e projeções. Se é verdade que, por vezes, alguns ministros políticos levaram a bom êxito, lá fora, negociações transcendentes, não é menos certo que, da carreira mesma, foram os resultados maiores e mais continuados. Só lembrando alguns cimos, a Paraná, Abrantes, Paranhos o Pai, opõe nossa tradição Penedo, Sousa Correia, Rio Branco o Filho. Se temperamento e cultura são dois equivalentes no meneio das cousas exteriores, vale mais o primeiro na falta de um deles, pois o tacto sem brilho não é maléfico, ao passo que a inteligência estouvada pode deitar muita cousa a perder. O que sucede é que, de sua natureza reservada, vive a carreira na disciplina; pouco do que constitui seu esforço total sai da reserva e vem a conhecimento público; e o sacrifício em silêncio, malgrado serviços cabais, forma, não raro, o drama íntimo, irrevogável e tremendo, como esse em que se finou nosso Domício da Gama, tão cedo apartado de nós, exemplar vivo de doçura, zelo também da profissão e amor do Brasil. O estancear por terras peregrinas, na representação oficial, traz ao espírito um equilíbrio de julgamento e um trato de cousas e gentes, muito de encarecer; mas vai acumulando suas horas crescentes de melancolia, à medida que os anos avançam e a Pátria, sempre perto no coração, se afasta cada vez mais, na escala do tempo.

III

Estudante, como Varnhagen e Oliveira Lima em Lisboa, ou aluno no Brasil do Colégio Queiroz, vossos pendores já eram tais que, laureado no segundo por méritos altos, vos foi então reconhecida, além da folga aos sábados, comum a todos os colegas, uma excepcional às quintas, "para assistir às sessões das câmaras". Não direi quando isso ocorreu, porque entre nós não há idades, sendo a mesma em todos, a da confiança e do trabalho; mas não há indiscrição em lembrar que sucedeu na época em que, existente já o plano inclinado que vinha ter à República, se agitavam no parlamento imperial as grandes questões, que a precederam.

A vocação política inspirava tanto vossos primeiros passos, que vos tinha no seu seio, aos 15 anos, o Clube Republicano da Faculdade de Direito de São Paulo; e, entre os nomes sumos, que vos cercavam, já era vosso amigo esse Pedro Lessa, de quem tão bem falastes e cujo trespasse nos deixou em fechada tristeza. Redator, depois, do órgão do Clube, vossa pena carregou também a fundo pela abolição. O ardor cresceu com os anos, desatando em belos frutos; mas não levou à política militante, que era de esperar, antes dela se conservou alheio, para ficar bem à vontade no seu feitio. Era o "Rompe, corta, desfaz, abola e talha", a que vos referistes mais tarde, e que não nos cairia mal, mesmo no ímpeto de outrora, desde que temos também nossa esquerda, e com ela nos vamos humanamente à imortalidade. Andorinhas viajeiras, as do meu molde se deleitam, quando lhes toca, como a mim agora, conversar a Academia, na observação do que por aqui vai. Nem sempre são harmonias nossas reuniões semanais; e quando nos falam no dicionário então para logo se vê negrejar, num repente, a tempestade. Quem disse, porém, que duraria? Anda em tudo o equilíbrio das cousas. É o dicionário o filho mimado, que cada qual quer emprumar a seu modo e nos traz em zelos, o que resultará certamente em obra digna desta nosso formosa linguagem.

Cousa ainda para acentuar, não vos colheu em suas malhas o jornalismo praticante. Grande tem sido a imprensa nos nossos destinos, grandes os nomes que a ilustram. De alguns editoriais sumariando épocas de tribulação ou dias pátrios, adveio, mais de uma vez, o clarão transfigurador. Tampouco se fez assim vosso renome. É que o papel foi outro, o de batalhar em combate

singular, só contra todos, sem disciplina nem sujeição, onde e como vos parecesse, interesse próprio, serviço da cidade ou causa nacional. Se, como dizia a antiguidade e recordou o grande Rui "nem Hércules contra dois", nas vossas pelejas o combate é de um contra muitos. Volúpia da acometida, ela está toda em vossa existência, sem mira de recompensas nem busca de posições, algumas das quais sabidamente ao alcance de vossas mãos. "É de meu temperamento ir logo ao encontro das dificuldades maiores", escrevestes um dia. Noutro, exclamastes vos faltar "energia para ficar quieto". A confissão, paradoxal na aparência, refletia, entretanto, um temperamento. Iniciada, ainda que para breve trecho, a profissão em que vos doutorastes, registrou a comarca de Campos absolvição total, nas vinte e quatro causas criminais que vos foram confiadas; industrial, depois, o mesmo sucesso coroou os vossos passos; e, por fim, advogado sem procuração, mas consciente do que vos pareceu o serviço do país, ficou-vos bem aquele dito de Du Paty, que com orgulho reclamastes, segundo o qual "l'ordre des citoyens est avant celui des avocats". Seguro dessa rota, não destes jamais de mão a campanha começada, por grandes que fossem seus espinhos, crescida a vontade na ordem direta dos tropeços. Ou, como nos *Lusíadas*:

Não tornes por detrás; pois é fraqueza
Desistir-se da cousa começada.

Disse Gilka Machado da sua opulência triste, essa necessidade do viver material que é fonte da força criadora:

Miséria, minha íntima riqueza,
Neste viver lentíssimo e enfadonho,

Imortal estatuária da beleza,
Dos versos dolorosos que componho!

Por certo que os cabedais, que vosso engenho vos granjeou, concorreram para uma situação singular no nosso país, a do bacharel que, apenas formado, dispersou a biblioteca incipiente e, sendo uma das mais completas

inclinações de advogado e jornalista, que nunca apareceram, deixou-se ficar à parte. Vós vos referistes um dia a alguns príncipes de nosso jornalismo, mas havia lugar para outro, não inferior. Lendo alguns de vossos a pedidos, tão numerosos quão vários os interesses que vos impusestes defender, folheando vossos memoriais de combate, vem-nos ao espírito o que teria sido tal pena, na direção de um desses respiradouros da opinião, que, a espaços, iluminam nosso caminho. A graça ali corre parelha com a leveza do estilo, o sarcasmo esfuzia no inopinado dos golpes, há uma gradação natural de efeitos que arma o desfecho, tudo movido por um espírito tenaz de lide que, não recusando discussão em nenhum terreno, é intratável na sua porfia.

Não há tempo para dizer de tudo, baste-nos lembrar que, de uma feita, a querela foi com vosso predecessor mesmo, a propósito de um caso diplomático notório, e ainda bem que, negando-lhe quase tudo, lhe reconhecestes talento e vontade de trabalhar. O conhecimento do homem corrigiu, depois, essa impressão de escaramuça, ligando os dois por uma grande estima. De outra, destes, a quem vos seria depois caro na família, e é entre nós dos maiores, sermão sobre a crise militar de Euclides da Cunha, quebrando o sabre diante do Ministro da Guerra do Império. Deslocado então nos meios literários, como vos confessastes, a propósito do "O Discurso de Afrânio", isso não vos impediu, com espírito, de chamar a contas a Academia, aconselhando-a a que fosse sempre, e nunca deixasse de ser, sobretudo nas peças oratórias de iniciação, e de acordo com o conselho francês, "l'asile des parfaites convenances et de la politesse exquise". "A Academia Brasileira, nos seus hábitos de imitar gestos e modos de sua veneranda progenitora, foi vosso aviso, bem poderia transplantar e cultivar com carinho a flor gaulesa por excelência, a mais fina e perfumada, a da boa sociedade." Ainda bem que evoluímos, tanto que aqui vos temos.

De outra vez, mais que a diversão de um espírito travesso, brincando com coisas leves, foi o caso de uma campanha ruidosa. Contenda memorável pelos interesses que abarcava e os nomes que envolvia, ela constituiu, nos onze anos que levou a concluir-se, todo vosso orgulho. Haviam reboado como trovões as palavras da opugnação e da defesa, autorizados tais extremos pela repercussão do pleito, um dos maiores do nosso foro; e se diria mesmo

nos ares o eco do ódio, "la colère d'habitude", de que falastes, pois paixão geral, que acaso entrou, era natural em lide de tanto tomo.

IV

A verdadeira campanha, a campanha nacional, vós reservastes, porém, para o fim, realizando-a não já entre homens e coisas vossas contemporâneas, mas revivendo uma grande e esquecida figura do passado.

Ao estudar a vida e obra de Irineu Evangelista de Sousa, foi articulado que vos apaixonastes a ponto de nos sairdes com um panegírico; como se fosse possível, de um lado, vos imaginar em tal empresa sem o entusiasmo que é vosso apanágio, e, de outro, supor que existência de tal porte pudesse acaso narrar-se sem o calor das grandes emoções humanas. Escrevendo de Mauá, a pena devia embeber-se fundo em todos seus triunfos e angústias, para os pesar até o âmago. A vossa realizou isso, porque levantou do papel um homem, já havia largos anos esquecido e que, entretanto, fora tudo, modelo de virtude ao mesmo tempo que gigante de realização até hoje não ultrapassado no Brasil. Vosso livro, além de tanta coisa a meditar, prova, ainda, que não vos minguaram os primores da bondade, sem os quais nada se creia no mundo. Não podemos admirar senão aquilo que temos no coração, ou segundo disse Cícero, no Diálogo da Amizade, e traduziu Duarte Rezende, "os bons amam aos bons e trazem para si atados por parentesco e natureza".

Em Mauá vistes bem o caráter e a ação, aquele direito no seu rumo, esta obrando prodígios para época tão noviça. Não conheço, na trama esplêndida da vida, coisa mais bela do que a entrega dos bens à concordata, numa renúncia total para salvação do que lhe importava acima de tudo, a honra. Quando a justiça brasileira, a justiça platina, a justiça inglesa pareceram faltar-lhe, sobretudo a primeira, não se lhe esmoreceu o ânimo, e seguiu adiante. Não a houvera reconhecido, num pleito célebre, "o freio dos poderosos da terra, a protetora dos estrangeiros, a reputação dos monarcas"? Era de penúria, entretanto, a situação pessoal, pois dos cristais, da louça com brasões, das canastras com o linho de cama da família, dos oratórios em que rezava, de tudo se despojou voluntariamente, depois de 45 anos de assíduo labor, em benefício da liquidação, que queria levada ao último vintém. Foi, então, que apareceu, numa bandeja de prata, como depoimento mais expressivo, a lem-

brança do inglês amigo e bom, que lhe guiou a vocação, deixando-o, aos 25 anos, senhor da sua casa e de seus negócios: "A Lízia Ricardina de Souza oferece este pequeno mimo, o seu ausente porém amante padrinho, Ricardo Caruthers." "Não quero outras armas senão as da moralidade e da razão", dissera já às vésperas da queda, e o repetiu dramaticamente, quase num soluço: "Só quero ser o caixeiro da liquidação, entregar tudo sem reserva alguma... A família tem em todas as hipóteses o arrimo de meu filho Henrique, que é bom; para mim bastam-me nove palmos de terra"... E quando, reabilitado, se foi de novo a Londres, para recomeçar, quase setuagenário, a estrada iniciada, aos nove anos, atrás de um balcão, havia no seu passo, nas suas palavras, a serenidade de que só os corações de grande fibra são capazes. Para mim, o maior encanto do vosso livro está nestes lances, nos quais o homem se excedeu a si mesmo e encontrou na fortaleza da vida interior suas horas de resignação. Para os de seu tope era consolo dizer, com Catão Maior, que "nem me arrependo do tempo que vivi, porque vivi de modo que não cuido ser nascido debalde neste mundo".

O homem de ação, por sua vez, lançou tantas e tão variadas empresas, que, para lhe medir bem o vulto, melhor fora pensar no que, com sua morte, deixamos de ser. Era, entre nós, aquilo de Lesseps, descrito em Renan e tão justamente por vós lembrado, "um desses colaboradores da fortuna que parecem ter a confidência do que quer, num momento dado, o gênio da civilização". Inaugurando-lhe, em Porto-Said, o monumento em sua memória, não achou o Visconde de Vogüé senão uma única palavra para defini-lo, a mesma que assenta ao vosso biografado: "Entrepreneur, réfléchissez au sens premier et à la beauté intérieure de ce mot..."

Mauá nos deu, realmente, quase tudo, o crédito bancário, a navegação no Amazonas, a indústria do ferro e da construção naval, o cabo submarino, as estradas de ferro, os diques flutuantes, o reboque a vapor no Rio Grande do Sul, os melhoramentos do Rio de Janeiro, onde o gás, a companhia dos bondes, o canal do Mangue lhe marcam indelevelmente as iniciativas. Era, entretanto, o tempo em que Bernardo Pereira de Vasconcelos, – e nada menos do que ele, – argumentava contra os trilhos, com o receio de que "no segundo dia de cada mês os trens parassem, por estarem esgotadas as cargas do interior"; e um estrangeiro, que nos olhou com simpatia, aqui dormindo

seu sono de liberalismo, Rybeirolles, nos descrevia como a cidade canicular e de negros, onde a arquitetura não existia e tudo era pobre, "feia lavra de cidade no esplêndido invólucro de suas matas", como a descreveu, dizendo dos começos do Pai, o homem primoroso e glória nossa, que foi Joaquim Nabuco.

V

Mauá, porém, não limitou ao Brasil o raio de sua ação, ampliou-a aos países vizinhos, num sonho de realização material só equivalente ao idealismo que o inspirava. A América do Sul, pelos trilhos e as águas, teria como propulsor o Brasil, com suas riquezas infinitas. Do reflexo dessa ação, num dos meios de mais direta influência, que a mim me coube conhecer e admirar, tive testemunho: o nome se lhe estampa no Uruguai em cais e estâncias; organização bancária, estaleiros, plantações de algodão, curtume, lavoura e moinhos de trigo, tudo lhe lembra ali os passos audazes; e, principalmente, vive a recordação do amigo estrangeiro, envolto, como nenhum, no remoinho dos acontecimentos capitais, durante largo período da vida nacional.

Documentos íntimos, que li e que conheceis como ninguém, retratam a sinceridade da sua obra, seu amor do país torturado, o ardente desejo de vê-lo caminhando altivo e pacífico, entre os melhores da terra. Tão fácil e, contudo, tão difícil: "Um país, escreveu, cuja felicidade invejariam muitas nações do mundo, de poder, com um só ano de colheita feliz, voltar ao regime da conversibilidade, depois de uma revolução, duas guerras externas e uma epidemia terrível." Hoje, que, purificada no fogo de irmãos, a República Oriental se ergueu a modelo, a lembrança do brasileiro não mais se apaga. Homem de negócios, evidentemente ele o foi; mas homem de visão excepcional, acima de nenhum de seu tempo, pela subordinação dos interesses imediatos a certos princípios espirituais e humanos, pelos quais lutou até os dias extremos.

O vendaval, que envolveu ao seu instituto em Montevidéu, foi, segundo pensastes, o início da crise que, tomando corpo depois aqui, o deixou prostrado. "No desastre, nesse infortúnio nacional, escrevestes, não houve culpa sua; houve erros alheios." E aqui é que me parece estar, um pouco, vosso engano. Adiantando-se muitos anos sobre o Brasil de então, Irineu Evangelista de Sousa foi um desses criadores geniais, como só os conheceram, na sua vastidão e complexidade, os Estados Unidos da América, – reis de

estradas e capitães de indústrias, sem cujo descortino não seria a nação a grandeza que hoje é. Mas, ali, tudo facilitava a imensa obra de coesão e desenvolvimento, território menos ingrato, capitais estrangeiros afluindo, clima adequado às melhores raças européias, instrução pública iniciada com a abertura das estradas, e circunstância não menor, a compreensão anglo-saxônia do trabalho em comum, sem as rebeldias latinas e seu esforço capaz de largos vôos, mas interminante e errático. Éramos, também, cerca de cinqüenta anos mais novos na vida autônoma. De modo que o problema integral, como nos propunha Mauá, só poderia ter, como teve, por força do meio desarticulado, solução fracionária, caindo o colosso ao peso da própria obra.

A figura central de Pedro II, a constelação de nomes que o cercou, devem estudar-se à luz da realidade brasileira, sobretudo o primeiro, a quem não se fez, ainda, toda justiça, como pêndulo fiel entre nossas deficiências e exaltações, no teatro do país territorialmente imenso mas parco de gente, com os rios desnavegados, as vias de comunicações escassas, o comércio cochilando, as riquezas intactas, sem educação política pelo voto, nem instrução pública. A lição do segundo reinado é a do homem, que, pelo equilíbrio de suas faculdades e o conhecimento do meio, nos permitiu crescer na integridade territorial e política, já que o progresso geral, sacrificado, acima de tudo, pela escravidão, só a República podia trazer em suas fórmulas e sua época, ensinando com a escola, descentralizando com a federação, povoando com o braço estrangeiro, unido pelas vias de penetração. E gêmea da felicidade espiritual, irradiada dos centros em moldes sempre melhores, é a outra, da prosperidade econômica, que ao Brasil vai também caber: uma zona igual à da Europa, mas sem barreiras alfandegárias nem questões de raça, na qual circulem livremente, num mercado de milhões de almas, todos os produtos da terra e da manufatura nacionais.

Brasileiro como os melhores, bem sentistes que nos faltava, para a realização de tais destinos, a palavra de fé com que os revelar, em conjunto, à nossa terra. Vosso *Mauá* é o catecismo dessa era, cujo esplendor se anunciou no sonho de um cérebro solitário, há mais de meio século. Bem compreendemos vosso orgulho e convosco exultamos.

Discurso do
SR. AFONSO TAUNAY

e

Resposta do
SR. ROQUETTE-PINTO

Sessão solene extraordinária
do dia 6 de maio de 1930

I

DISCURSO DO SR. AFONSO TAUNAY

AO ENCETAR o seu discurso magnífico, de recipiendário, nesta Casa, enunciou o espírito formoso de Afonso Arinos, tão cedo apagado, que, perduradoramente, lhe dera a nossa Academia a impressão de um templo cujo pórtico lhe parecia por demais severo, para acaso, alguma vez se lhe poder afigurar acolhedor e transponível.

A primeira evocação persistente da imagem da Academia se me prende a episódio da já afastada mocidade, quando, afanosamente, principiava a percorrer a bibliografia xeno-brasileira de viagens.

Entre os visitantes célebres do Brasil, no século XVIII, arrola-se Parny, em singular preeminência. Foi, quiçá, o primeiro acadêmico estrangeiro que no Rio de Janeiro haja pisado.

A leitura do que tão agradavelmente escreveu sobre este padrão do nosso orgulho pátrio e da beleza do Universo, constituído pela região guanabarina, instigou-me a, mais de perto, conhecer-lhe a biografia.

Parny, Evaristo de Forges, Visconde de Parny. Quase ninguém, talvez, o leia hoje detidamente.

Em todo caso, vivaz lhe permanece o nome, o que é imenso, no *mare magnum* das lembranças extintas, das obras e autores, do *tout passe* e do *tout lasse* intrinsecamente humanos.

Às duas sílabas do seu título eufônico se associa a recordação imediata de belo renome, em dilatada fase da literatura francesa.

Apreciada pelos contemporâneos, e pelos pósteros, a ponto de incitar a numerosos imitadores, alguns dos quais ilustres até, como Lamartine, à obra do poeta da *Guerra dos Deuses* assistem característicos de imaginação e elegância, graças aos quais conquistou direitos a um *non omnis moriar* perdurável.

O erotismo e a irreligiosidade sobremodo concorreram para estear a fama do homem talentoso, senhor de estro vivaz e abundante verve, a quem Voltaire saudou do modo mais desvanecedor, chamando-lhe "meu caro Tibulo".

Triunfal lhe foi a entrada na Academia Francesa, relata o biógrafo que me fazia acompanhar-lhe as peripécias da carreira.

A poltrona de que veio a ser o titular, fundara-a em 1637 volumoso, derramado épico, cujo nome graças à férula de Boileau escapou ao olvido total: Chapelain, o da *Pucelle*.

Já antes de Parny tivera a Cadeira número 37 vários ocupantes como Pavillon, Sillery, Devaines, Mirabaud, Wattelet e outros.

Nada me diziam tais nomes. Com afinco, e por desfastio da curiosidade, os rebusquei em muitas das enciclopédias francesas.

A alguns se consagravam magras, magríssimas biografias. A vários nem sequer a menor menção.

Por completo os circundava o "muro da treva e do silêncio" da poderosa imagem quentaliana. Nem a mais pequenina referência, contrariadora do seu como irremediável anonimato.

Quem haviam sido esses imortais? Deles que restava? Seriam então, assim, irressuscitáveis? A quantos desses bafejados, tão transitórios, da fama literária, se não aplicaria, agora, a faceta expressão de nossa gíria deles se podendo afirmar que se tinham convertido em "ilustríssimos desconhecidíssimos"?

A quantos se não ajustaria uma como que antonímia do famoso epigrama pironiano: "Embora acadêmicos nada haviam sido"?

Nunca se me deparara tão flagrante demonstração da inanidade de nossa imensa e mesquinha vanglória, impotente nos seus recursos infinitesimais de resistência à justiça do olvido, as mais das vezes, oracular.

E a imersão desses imortais ignotos no torvelinho da amnésia das gerações me recordou um dos melhores achados de certo e alegre contista, manejador emérito da velha, e, por vezes, nada casta facécia gaulesa.

Em dada ocasião, atribuíra o governo francês, a um de seus almirantes, chamado com toda a urgência a palácio, tão reservada comissão, tão e tão reservada, mas de tal modo reservada, que ele próprio, o governo, não tinha a menor idéia do que se tratava!

Assim, àquela série de imortais, pela segunda vez defuntados, trouxera o altissonante título, inerente à sua eleição, e conferidor da ilusória eternidade, o apregoamento irrevogável da insubsistência dos créditos, perante a débil, mas quase sempre justiçosa, memória dos exigentes pósteros.

Recorri às listas, avultadas, dos titulares das demais poltronas da Academia cardinalícia, paradigma da nossa e de tantas mais. Em cada uma, dentre, pelo menos, uma dezena de ocupantes, sobrenadavam três ou, quando muito, quatro nomes daqueles que, até hoje, realmente, da lei da morte se haviam libertado.

Um único desses assentos acadêmicos ufanar-se podia da série completa de seus titulares, estes sim, genuínos imortais: o famoso quadragésimo primeiro, cujos inauguradores se chamaram Descartes e Pascal, prógonos de Molière e Diderot, de J. J. Rousseau e Balzac, Beaumarchais e Le Sage, do abade Prévost e de Baudelaire, Flaubert, Zola e tantas glórias mais da França e da literatura universal.

Mas como teriam aqueles pobres Sillery, Pavillon, Devaines, *et reliqua*, tão completamente soçobrado no Letes das reputações literárias?

Acaso pertenceriam, estes imortais falecidos, falecidíssimos, à categoria daquele famoso Conde Huberto de Latour-Latour, da inventiva gaiata de De Flers e Caillavet? o acadêmico que depois de eleito, imortalizado, sentia em si qualquer movimento impelindo-o vagamente, muito vagamente, a refletir que devia principiar a escrever o que quer que fosse?

Só assim se explicaria que ao quidam Pascal houvesse a sábia e imortal Companhia, em sua fase instauradora, preferido o imenso Giry, autor de imortais... traduções; ao pigmeu Descartes o formidável Gomberville, celebrizado por uma circunstância de capital relevo literário: a guerra sem tréguas movida à conjunção "*car*" que lhe atacava os rijos nervos, e cuja *Doctrine des mœurs* é aquela obra procuradíssima... por causa do gravador de suas estampas.

Assim se solucionava o caso dos gloriosos antecessores de Parny. Preterira Pavillon, gênio em potencial, à nulidade do humanismo de Bayle;

suplantara Sillery, mentalidade profundíssima, mas *en herbe*, até o dia do seu trespasse, aos poetastros Regnard e João Batista Rousseau; Mirabaud, talento formosíssimo, mas em eterna fase larvar, mil vezes mais merecera as honras da eleição do que as mediocridades autoras desses romances desvaliosos intitulados *Manon Lescaut* e *Gil Braz de Santilhana*. E quando, em 1761, fora Wattelet eleito naturalmente, se refletira que a sua prosa, servida por elegante facilidade pictórea, valia cem vezes mais do que a obra daqueles dois zeros chamados Diderot e Jean-Jacques Rousseau.

A filosofar de modo simplista, mas imparcial, sobre o estranho caso, ocorreu-me a reflexão de que, assim como o espírito de eqüidade da opinião pública instituíra uma cadeira número quarenta e um, para os que não foram acadêmicos, quando imperiosamente o deveriam ter sido, tornava-se impreterível a criação de outra curul, extranumerária e simbólica, a cadeira número zero, chamemo-la assim, destinada aos acadêmicos efetivos que, ainda mais imperiosamente, jamais deveriam ter sido eleitos.

Assim seria a Academia Francesa representada pelo símbolo de uma função integrável entre os limites de mais infinito e zero.

E, instigados, por uma moda, nossa contemporânea, quase convertida em mania, seríamos levados a pensar na conveniência de se erigir, em face do busto de Molière, e do seu famoso dístico, um padrão homenageador do acadêmico desconhecido, do imortal desconhecido.

Integrada numa característica essencial da Humanidade, – aquela a que relembra a tão conhecida e solene observação contista, – já se compõe a Academia Brasileira, apesar dos três decênios escassos de existência, mais de mortos do que de vivos.

Desde que surgiu, com o quadro totêmico de quarenta lugares, fundou a opinião nacional a sua quadragésima primeira cadeira, prestigiada pelos nomes de brasileiros ilustres a quem, por este ou aquele motivo, jamais pôde acolher quando, para tanto, sobejos títulos lhes assistiam.

Receio, meus eminentes colegas, que o voto de vossa benevolência, expresso a 7 de novembro último, vos haja levado a um passo de que resulte a instauração daquela poltrona extranumerária, obliteradora do renome dos seus titulares.

Cessaria aliás o vosso cenáculo de ser humano se tal fundação, mais dias menos dias, se não realizasse, insuportável, como aos homens é, o fenômeno antinatural da perfeição.

Compelidos pelo espírito ático, essencialmente sutil e contraditório, fartos de vos sentirdes os êmulos do justo, mas monotonamente maçador, Aristides, a uma imprudência vos abalançastes. Seja-me porém permitido invocar, e em abono das intenções de vossa cordialidade, a simpatia com que avaliastes o esforço de longos anos de trabalho intenso e honesto, posto ao serviço de antiga preocupação pelo maior desvendamento dos fastos de nossa terra.

* * *

Para o exame de seus méritos devia o meu predecessor ilustre ter tido alguém cujos dotes de intuição permitissem o perfeito cumprimento do *ultimatum* sintetizado por dois decassílabos, em nossas letras famosos. Os que apontam a contingência do julgamento dos poetas por aqueles que poetas não sejam.

Tocou o elogio de Luís Murat a quem, jamais, imaginara a possibilidade de realizar a apreciação de qualquer obra poética. E, ainda menos, a de um espólio da valia desse que lhe legou o fundador da nossa poltrona número um.

Assim, apenas por obediência ao nosso regulamento, efemeramente tratarei de desempenhar as funções de analista de tão belo acervo.

Em aberto, permanecerá pois tal elogio que instante delego ao primeiro poeta a quem caiba ocupar a Cadeira de Adelino Fontoura.

Nascido a 4 de maio de 1861, em Itaguaí, num dos mais lindos recantos desta terra fluminense, suntuosíssima de paisagem, a Luís Barreto Murat girava-lhe nas veias, precípite, impetuoso, um caldeamento de sangues nórdico e meridional. E daí lhe proviera talvez a simbiose da pugnacidade e da irrequietude, dominantes de toda a sua vida.

Existência que, no dizer magnífico de Roquette-Pinto, foi uma rajada de entusiasmo e de paixão...

Filho de distinto médico, cujos nomes realizavam a associação de um apelido anglo-saxônio e outro francês, o Dr. Tomaz Norton Murat tivera por progenitora ilustre senhora de bela inteligência e elevada instrução, muito acima da média brasileira de seu tempo: D. Antonina Pereira Barreto Murat.

Era filha do conselheiro Antônio Pereira Barreto Pedroso, doutor de Coimbra, magistrado prestigioso, representante da Província do Rio de Janeiro, em diversas legislaturas do parlamento imperial, e a quem acompanhava a reputação de homem de bela cultura e notável energia. Valera-lhe esta circunstância, em 1837, a incumbência de presidir a Bahia, então a braços com a desvairada e mortífera Sabinada, que o regente, futuro Marquês de Olinda, tratava de sufocar.

Com brilhante êxito desobrigara-se da perigosa e sanguinolenta comissão.

Do Império, a que dedicadamente servira, guardou Barreto Pedroso o ressentimento inapagável, de, por três vezes, haver figurado em lista tríplice senatorial e não merecer o galardão da escolha da coroa.

À filha coube herdar a energia e a inteligência paternas.

Viúva, muito moça, deixara-lhe o carinhoso marido, prostrado em plena mocidade, muito parcos recursos e três crianças a educar. Com uma coragem e espírito de decisão, raríssimos, entre as brasileiras de seu tempo, intimidadas pelos preconceitos seculares da educação ibero-ismaelita que, freqüentemente, as infantilizava, enfrentou as agruras da vida.

Possuía, no mais alto grau, o sentimento da dignidade.

Acima de qualquer coisa, pretendia não ser pesada a quem quer que fosse. Ouvira dizer que em São Paulo conseguiria, facilmente, angariar discípulos. Não hesitou em transferir-se para a capital paulistana onde, instruída como era, vantajosamente poderia encarreirar os seus. Dentro em breve ali estava, a lecionar.

Assim, graças a um esforço admirável, pôde esta esposa exemplaríssima, e mãe inexcedível, educar os filhos.

* * *

Adolescente, percebeu Luís Murat os primeiros ecos que a infiltração da idéia republicana ia operando, reacendendo o braseiro das explosões de meio século atrás, agora reavivado, pelo contacto dos nossos com os homens do Prata, nascido graças à guerra do Paraguai.

Ainda não atingira vinte anos quando se lhe deparou o ensejo de presenciar a poderosa arrancada da opinião nacional, em prol da extinção do hediondo instituto, desonrosíssimo estigma do Brasil, perante o consenso do Universo.

Terminara então o estágio humanístico, matriculando-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde não tardaria a conquistar, entre colegas e mestres, merecido destaque, graças à inteligência agílima e penetrante como raras.

Era um belo rapaz, alto, esbelto, de vivíssimo olhar, traços muito regulares, e tez sobremodo alva, a contrastar com o negrume da basta e ondeada cabeleira.

A exuberância do temperamento levava-o a, apaixonadamente, comparticipar das estudantadas de toda espécie, nas múltiplas manifestações do *gaudeamus igitur*.

"Estudante levado da breca que fostes" dir-lhe-ia, anos mais tarde, Artur Azevedo, a proclamar conceito endossado pelo próprio buliçoso, pois em um dos seus livros o transcreveu.

Em 1879, na pequena cidade piratiningana e ainda preparatoriano, freqüentador do "Curral dos bichos" como se dizia em gíria paulista do tempo, fundava Murat o *Ensaio Literário*, órgão de certo *Clube Literário do Curso Anexo*.

"O homem nasceu para o trabalho, como as aves para o vôo", tal o dístico inscrito no alto da efêmera folícula, daqueles rapazolas inteligentes e sequiosos de popularidade.

Mas calhava bem o mote às tendências do estreante que, de fato, sempre se mostraria, durante meio século, o escritor apaixonado do manejo da pena.

Findo, em 1885, o curso jurídico, passou o nosso futuro acadêmico, imediatamente, a advogar no Rio de Janeiro.

Grande renovamento intelectual se operava no país no decurso dessa década presenceadora dos dois incidentes máximos de 13 de maio e 15 de novembro.

Vultoso grupo de moços de inteligência, e de talento, surgia no campo das letras, no da tribuna parlamentar e pública e, sobretudo, no jornalismo, agora ventilado pela influência vivificadora dos moldes introduzidos por Ferreira de Araújo, na *Gazeta de Notícias*.

Ali se levava de vencida o antigo espírito da imprensa nacional, sorno, gravibundo e oco, pesado como um dia de bochorno do nosso fevereiro.

Como que existia tal publicismo, para a divulgação exclusiva dos preços dos secos e molhados, catálogos de leilão, manifestos de lugres e patachos, e

sobretudo, para os anúncios de escravos fugidos, subordinados à clássica vinheta do negrinho de trouxinha de roupa dependurada da extremidade de um bastão.

Corriam os anos triunfais do Naturalismo e do Parnasianismo. No cenário fluminense, e com o maior realce, atiravam os homens da geração nova, os poetas como Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Afonso Celso, B. Lopes, Guimarães Passos, Lúcio de Mendonça, Múcio Teixeira, Fontoura Xavier, e tantos mais, ao lado dos prosadores como Aluísio e Artur Azevedo, Pompéia, Valentim Magalhães, Coelho Neto, Domício da Gama, Francisco de Castro e muitos mais; polemistas e propagandistas, como José do Patrocínio, Pardal Mallet, Silva Jardim, Alcindo Guanabara e outros; eruditos como Capristrano, Vale Cabral, João Ribeiro e outros.

Aos agitadores de novas idéias, e novos processos literários da capital do Império, se associavam nas províncias valores reais, indiscutíveis, como Martins Júnior, Eduardo Prado, Martim Francisco III, Vicente de Carvalho, Júlio Ribeiro, Artur Orlando e tantos mais.

* * *

Neste ambiente de excitação política e literária se afirmaram as características da personalidade original de Luís Murat.

Desde muito moço, revelara o jovem poeta a intransigência que o acompanharia até os últimos dias de vida.

Dele com toda a exação alega Artur Mota, o prodigioso sabedor da nossa história literária: "Espírito eminentemente combativo, com denodo pelejou sempre em todas as campanhas em que se envolveu."

Ele próprio Murat, no prefácio das *Poesias Escolhidas*, assim se exprimia: "O espírito que aviventou a geração a que pertenço, foi enérgico e decisivo."

Era admirável nos seus ímpetos cavalheirescos, em seus excessos mesmo. Que abnegação, que coragem, que temeridade!"

Com imenso entusiasmo lançou-se à luta contra o elemento servil e o trono solapado do quase ancião Imperador Magnânimo, a cujo estado de validez parecia fatal, indissoluvelmente, ligada a existência do Império americano.

Em 1885, aos 24 anos, estreava-se o jovem aedo fluminense, como autor de livro impresso, publicando os *Quatro Poemas*.

E, como receasse a acerba represália daqueles a quem já de longe, fogosamente, vinha combatendo, investia com os esperados inimigos, os malsins de uma crítica "charra e desmiolada, que badurreava pelas esquinas e cafés, enxovalhada pelo próprio descrédito, e a que, se não podia pôr-lhe barbilhos à ganância, para que o não mordesse, como se fazia aos animais, opunha todavia, a indiferença".

Esta apregoada insensibilidade ninguém podia considerá-la sincera, valha a verdade. O próprio Murat a cada passo a desmentia.

No prefácio do livrinho, esforça-se por expor o modo de conceber e interpretar a poesia, primeira demonstração de uma diretriz muito sua, por vezes exagerada, senão mesmo paradoxal, a que procuraria obedecer a vida inteira.

"Era tudo a Idéia! Desde que o poeta a dominasse, *ipso facto* se assenhorearia da forma!" proclamava, a verberar os confrades cujos esforços convergiam apenas para a contextura e meneio do verso.

Atraiu a obra do estreante cantor a curiosidade das rodas literárias.

Abroquelados nos ouriços do prefácio reptador, eram os *Quatro Poemas* um cartel aos parnasianos, que não podia deixar de ser correspondido à altura de sua violência.

Dentro em breve, aspérrimo, rompia Luís Murat, pelas colunas d'*A Vida Moderna*, com a rapaziada de sua geração, por quem, como era de esperar, não se viu poupado.

Em 1886, empolgado pelo avanço da propaganda abolicionista e republicana, entendeu tanger a lira guerreira a propósito de episódio histórico nacional, eterno clamor de vindita atirado à face da dinastia e do regime: o drama de 21 de abril.

Assim, executou *A Última Noite de Tiradentes*, em que ocorrem alguns trechos bons, mas não passa da mais fantasiosa deturpação histórica.

Ao assombrado leitor se lhe depara o mísero e nobre, o abnegado e impávido, mas inculto, mas ignaro Tiradentes, a discorrer por interminável e, sobretudo, eruditíssimo solilóquio, em que evocava o Kremlin e o Mississípi, o ventre de Moloch, as lágrimas de Esparta, Átila e seus hunos, Macbeth e outras figuras shakespeareanas, como a sediçamente meiga Cordélia e a interesseira Regana.

À cela do protomártir chega o confessor dos últimos momentos. Do modo mais indigno do seu ministério o interpela, a lhe exaltar a suprema ventura do viver.

E o pobre sentenciado, de quem se espera alguma apóstrofe da naturalidade da que o estro de Bilac soube traduzir, no clamor humano e estarrecente, do

Nunca morrer assim! Nunca morrer num dia
assim! de um sol assim!

o mísero inconfidente prorrompe em tremenda e eruditíssima invectiva filosófica!

Ele, Tiradentes, tão catolicamente resignado à morte, semi-apatizado pelos quase três anos de horrendo cárcere, blasfema, amaldiçoa o "Deus que mata e o rei que envenena!"

E divaga, divaga, por nova objurgatória, recheada de sábias alusões históricas, em que aponta uma série de nomes da sua especial execração e, certamente, notamo-lo nós, absoluta ignorância: os Bórgias, Luís XI, Filipe II e quejandos manipanços das frases feitas tiranicidas.

Tal a inverossimilhança desta composição estrambótica que o poeta a refundiu, vinte cinco anos mais tarde. Agora sob novo título, impessoal e mil vezes mais adequado, *A Última Noite de um Conjurado*. Era a plena confissão da impropriedade daquela obra dos 25 anos.

* * *

Pela imprensa, incansavelmente, continuava Murat a espalhar a abundância do estro poético e da prosa literária e vibrátil.

Empolgado pelo hugoanismo, lia e relia a obra do poeta da *Lenda dos Séculos*, comprazendo-se em afirmar, a cada passo, a altura do preito ao genial admirado.

Também o influenciavam, embora em menor escala, Théophile Gautier e os outros grandes próceres do Romantismo.

Nada o irritava mais do que tentar algum crítico uma aproximação de seu feitio literário com o de qualquer dos poetas nacionais, exceto Castro Alves.

Entendeu José Veríssimo poder afiliá-lo à escola do nosso, tão singelo e tão brasileiro, Casimiro de Abreu, e isto lhe provocou iradíssima denegação, revidadora e injusta.

Dos nossos escritores, fora ele, Veríssimo, contumaz e apaixonado "derrotador literário" quem, em matéria de crítica, maior número de dislates proferira.

Chamava-lhe discípulo de Casimiro! Por que não de Cláudio Manuel da Costa, ou de Tomás Antônio Gonzaga?! "O critério lhe andava às cabeçadas com a falta de gosto; dele tudo era possível esperar-se!"

"Não sou discípulo de Casimiro de Abreu nem de ninguém", concluía, abespinhadíssimo, o poeta: *mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre!*

Apesar de tão formal repúdio, diversos foram os reparadores, autorizados e do melhor quilate, que lhe assinalaram os pontos de contacto com o feitio suave e plangente, o lirismo do delicado e meigo, do mísero cantor das *Primaveras*.

Contemporaneamente, e sem tréguas, politicava Murat.

Dera-lhe a campanha propagandista real preeminência entre o grupo dos mais ardorosos paladinos do regime republicano.

Também não tardaria que o Estado natal lhe galardoasse os esforços, delegando-o em 1890 à Assembléia Constituinte, onde se revelou parlamentar saliente, orador fogoso, espontâneo, fluentíssimo possuidor de vocabulário opulento, angariado pelo exercício contínuo da poesia e da rebuscada linguagem.

Pouco antes, imprimira o primeiro tomo das *Ondas* em que se lhe acentuara a feição filosófica da poesia.

Filho grato, dedicava-o à Mãe admirável a quem tanto devia e a quem apostrofava: – "Santa, ó minha Mãe, meu sol primeiro!"

Neste livrinho, numerosas peças surgem transbordantes, de alusões literárias as mais variadas, históricas e mitológicas, assim como de aproximações clássicas, por vezes cansativas.

Esforça-se o poeta por atingir a grande e constante meta do antigo almejo: envolver nas vestes da métrica as lucubrações do raciocínio inquieto e erudito.

Mas, ao lado deste pindarismo solene e complicado brotam as irreprimíveis espontaneidades líricas, felizes, por vezes felicíssimas, nas comparações e imagens.

Ela me veio ver ontem... Que ruído
Houve no bosque e entre as esferas de ouro!
Eu caminhava trêmulo e esquecido
Dos arvoredos a seguir-me em coro.
Beijei-lhe a trança cor da noite. Em tudo
Havia um vago e tímido concerto,
Meu beijo andava nos seus beijos, mudo,
Como um tritão de pérolas coberto.

* * *

Mas turvavam-se os tempos e o poeta, arrastado pela política, entrara num triênio de larga agitação de vida.

Grande admirador do Marechal Deodoro, fora dos que lhe apoiaram o golpe de estado de 3 de novembro de 1891.

Assim, pois, semanas mais tarde estava arrolado nas bancadas daquela oposição irredutível que a Floriano Peixoto tanto combateu.

Um motivo especial em Murat atuava para que, tão impetuoso, guerreasse o marechal vice-presidente. Derrubara este, do governo fluminense, um amigo querido, o Dr. Francisco Portela, o presidente que assumira meceniano feitio para com muitos dos mais ilustres homens de letras do tempo, colocando-os como seus auxiliares de administração.

Do abrigo acolhedor de Niterói deslocara-lhe o substituto, os reconfortados plumitivos.

E eles, *irritabile, atque vindictae avidum, genus!* lhe exprimiram o rancor zargunchando-o longamente em prosa e verso, de epigramas inúmeros e furibundos, e trocadilhos pavorosos!

Em 1893, a 6 de setembro, irrompia na Guanabara a guerra civil, e deu Murat, aí, notável prova de coerência e intrepidez. Trabalhava com Patrocínio na *Cidade do Rio* e nesta folha imprimiu o manifesto do almirante Custódio José de Melo.

Precisou pois fugir ao rancor do governo e pelejar como soldado da Revolução. Pouco depois estava na capital catarinense ao lado de Guimarães Passos, naquele cenário estupendo que é o de minha cidade natal, onde se não sabe o que mais impressione, se a opulência da Criação, se a cordialidade dos que em tão admirável ambiente vivem.

Pitorescamente descreveu Guimarães a fase revolucionária do nosso poeta:

> Os chefes militares não nos revistaram, a Murat pelo menos, porque dentro da mochila, em lugar de balas, lhe encontrariam apenas uma bateria de rimas, e a Winchester que levava a tiracolo era a sua lira de ouro, copiada da do divino Apolo, e por isso tão sonora como ela.

Infelicíssimo se sentia o autor das *Ondas*.

Às apreensões sombrias agravava agora o reavivamento de contrariada paixão, irreprimivelmente surta na infância e dominadora de sua adolescência e primeira mocidade. "Belona a todos nós assoberbava, continua Guimarães Passos: todos só queriam saber do que se passava nos acampamentos. E Luís Murat escrevia os versos de *Sara*."

Mas não tardaria que a impassível tenacidade, arguta e metódica, de Floriano abatesse o desconexo movimento da marinha e do federalismo rio-grandense.

Conseguiram Murat e Guimarães Passos escapar à repressão governista que anteviam inexorável. Dentro em breve estavam no Prata.

> Numa cela, num cubículo, num quarto estreito do lazareto de Martim Garcia, no vão de uma janela, costas dadas a quem entrava, de chapéu e sobrecasaca, escrevia Luís Murat, – conta-nos o poeta de "O lenço".
>
> Tal o seu aborrecimento do exílio, que, posso dizer, era intratável.
>
> Éramos muitos os que então não tinham Pátria, porém ele, além da Pátria, que não podia ver, tinha uma saudade, saudade de uma mulher que personificava a Pátria.
>
> Era Sara, o seu amor de 25 anos passados, toda a sua meninice, toda a sua adolescência, toda a sua vida de homem.

> E nesse momento doloroso, a não ser a lembrança augusta de sua Mãe, todo o mundo se encontrava em Sara.

Sob esta influência paroxística resolveu o nosso torturado vate enfrentar os perigos da represália legalista. Assim, apesar das notícias apavorantes dos horrores de Anhatomirim, e do quilômetro 65, decidiu-se a arrostar os riscos do cárcere, ou coisa pior, sujeitando-se aos azares de um julgamento regular, como rebelde.

Compareceu perante um júri paranaense, que o tratou do modo mais benévolo, pois o absolveu por unanimidade de votos.

Voltando ao Rio de Janeiro, encontrou hostil ambiente por parte dos antigos correligionários, exasperados pelo rancor da derrota crudelíssima da véspera.

Acerbamente lhe exprobrou a conduta outro homem iracundo, o padre João Manuel de Carvalho, o velho e turbulento parlamentar, republicanizado nas imediações de 15 de novembro. Partira do Prata, afirmou, certo do perdão que, do Marechal Floriano, implorara.

A estes ataques respondeu o poeta no tom a que se habituara, e caso curioso: em 1895 apareceu ele, republicano rubro, a colaborar numa poliantéia publicada em homenagem à memória do último paladino do Império, o recém-caído de Campo Osório!

Verdade é que mais parece ter aproveitado o ensejo a fim de expor o seu caso ao veredicto da opinião pública do que para cultuar a personalidade do marinheiro ilustre. Fez-lhe contudo os mais elevados elogios. E, ao mesmo tempo, indignado com o padre João Manuel, que o apontara "ajoelhado aos pés tortos de Floriano Peixoto, a renegar o seu passado político", vivamente rebateu as acusações de que era alvo, apodando, com a maior violência, os adesistas vindos do monarquismo.

* * *

Afastado da política volveu Murat às lides literárias. Em 1895 divulgou o segundo tomo das *Ondas*, coletânea de versos, abrangendo composições da década de 1884 a 1894, cheias de fantasias irrequietas e extravagâncias do talento poético.

Sete anos mais tarde imprimia o poema a que impusera o nome da mulher tão amada e escapa ao seu amor. Dele daria vinte anos mais tarde segunda edição aprimorada. "Não era outra coisa, declarava, senão o pranto vertido sobre uma esperança desfolhada no albor de uma existência."

E, com singela imodéstia, do seu tentâmen afirmava: "possui Sara, como Laura ou Beatriz, as potências da dor que criam os poemas".

Perpassam-lhe pelas páginas do livro magníficos brados da alanceada paixão:

Vinte anos! um martírio que não finda!
E eu, que dos sonhos vãos me acautelava,
Vejo-te em sonhos cada vez mais linda!
Oh! como é bom amar, aos vinte anos, querida,
Na primavera em flor!

São páginas de queixumes, de acabrunhamento, de saudade e desesperança. Cheias de lirismo por vezes soberbo, escachoante, nelas as vozes da meiguice interrompem as apóstrofes da revolta ante o inevitável e o consumado. Mas, infelizmente, é o livro desigual, encerrando peças refertas de difusão e obscuridade.

No terceiro tomo das *Ondas*, datado de 1910, firmou-se a feição da poesia filosófica de Murat.

A impregnação hugoana nele transborda. O culto pelo poeta magno leva-o a aclamar, cada vez mais inspiradamente arroubado, a glória do "titão que álacre se entregara à tempestade da vida".

Em sua Musa que perfeição!
Se é chama de manhã, à tarde é sombra olente,
É o mantém do altar-mor, é a hipérbole, é o conceito,
Que a sugestão aviva e o termo escande e entalha
Numa onomatopéia altíloqua e imponente!

A tudo

Deu um sopro de vida, um claro pensamento.
O que escreveu no exílio, os astros decoraram!

E, ao terminar, irrompe-lhe largo clamor do mais legítimo estro:

Para os que pedem luz, Victor Hugo é a esperança;
Para os que pedem pão, Victor Hugo é a piedade.

A algumas das odes deste tomo das *Ondas*, dedicava o poeta especial apreço, delas tirando lindos motivos de envaidecimento. Neste caso se acham a "Vitória dos deuses" e o "*Requiem* e apoteose", comemorador dos triunfos de 13 de maio e a que remata o condoreirismo da apóstrofe:

Pode hastear, Luís Gama! o pavilhão do Amor.
Patrocínio! começa a tua apoteose!

A "Vitória dos deuses", consagrada aos heróis da Abolição, parece-me menos inspirada. Constitui nobre apelo a que os triunfadores se não desinteressem da sorte daqueles a quem libertaram, civilizando-os, orientando-os e dando-lhes sobretudo instrução:

De vós a Pátria exige ainda este sacrifício.
O eito não deve ter por sucursal o hospício.

Uma das composições do volume, a ode "Gralhas" tem pitoresca origem: motivou-a o fato de haver certo e impudente poetastro, em pública manifestação, recitado, como sua, longa poesia de Murat, o que lhe valera largos elogios dos jornais cariocas.

Indignadíssimo, verbera o plagiado a ignorância da imprensa que melhor devia conhecer os escritores pátrios. E, cada vez mais colérico, ao empenado gralho brada: "Falsário!" e à récua de seus imitadores "casta vil, que alastra como herpes!"

Para um homem de tão grande sensibilidade devia este incidente, até certo ponto ridículo, ter provocado a mais forte e aliás legítima irritação.

No prefácio deste terceiro tomo das *Ondas* e a contestar a execução de famoso aforisma boileauano, expõe Murat as causas de sua aversão ao soneto.

Com a habitual exuberância verbera o "gênero pernicioso, enganador e falho". Comprime o estilo e o apouca tirando-lhe a seiva e a idealização, desaparelhando-o para os surtos de grande hausto.

"É o pé atrofiado pelo sapato chinês."

Como exemplo frisante desta vis depressiva aponta o caso de Luís Delfino.

Dentro dos moldes restritíssimos do soneto irrompia, formidável, o estro do poeta catarinense, para logo depois, titubear, rolando, alfim, dos vértices atingidos, na projeção inicial "ao terreno descaroável do pletro".

Inflamando-se, subitamente, como tanto lhe conduzia ao temperamento, acrescentava: "o soneto está à mão de qualquer renteador, feito para descer aos alcouces".

"É um incentivo à mandriice. Apertado na sua coirela de quatorze versos, serve aos namoricos dos parvenus e a esterilizar energias adequadas às nobres missões educadoras. "

Acudia-lhe, porém, imediatamente, a ressalva do amor-próprio. Receava que lhe irrogassem a incapacidade de triunfar, na realização dessas pequenas peças verbalizadoras, tão pouco havia ainda, do gênio e da glória de um dos maiores poetas e pensadores do século XIX: Antero do Quental.

Em aproximação, aliás pouco modesta, lembrava que de Victor Hugo apenas se conhecia um soneto.

Assim, – anunciava-o, – seu próximo poema, já em adiantada elaboração, o *Novo Templo*, seria em sonetos.

E arrogante, orgulhosamente, proclamava: "quem pode o mais pode o menos!"

* * *

Nesta época, depois de longo afastamento dos mandatos políticos, voltara Murat ao Parlamento. Reaparecera, em 1909, na bancada fluminense da Câmara dos Deputados.

Pugnaz como sempre, tremenda guerra movia à agremiação a que chefiava Nilo Peçanha, então vice-presidente da República.

Alguns discursos dos que ali pronunciou, coligiu-os em volume.

Pouco lhe durou, porém, esta segunda fase parlamentar. Dos contactos com a política desagradáveis reminiscências lhe ficaram.

Daí as palavras de áspera recriminação com que, quase constantemente, verberou, nos últimos quinze anos de vida, a marcha dos nossos negócios públicos.

Furiosamente combatera a presidência Hermes da Fonseca. Longos anos mais tarde, ainda a caracterizava como "um agravo à dignidade dos homens livres" entre outros conceitos igualmente acerbos.

E o saudosismo da já longínqua juventude levava-o a duras comparações, desabonadoras dos tempos recentes.

Em 1917 fez arroubada e minudente profissão do credo religioso a que desde muito se prendera.

Deixara-se empolgar pelas doutrinas de Emanuel Swedenborg, de quem, talvez, haja sido o único sectário brasileiro de renome. A elas se entregara com as veras do habitual arrebatamento.

Exasperava-o a afirmação de que o grande místico, na fase apocalíptica da sua *Nova Jerusalém*, nada mais fora senão a vítima de irreparável cansaço, oriundo de um esforço cerebral, tão longo quanto descomedido, como raríssimas vezes o haviam comprovado os fastos da Ciência.

Do homem extraordinário, cujas doutrinas, posteriores à irrogada *surmenage* alucinadora, Goethe ridicularizou, e a quem atribuiu a alcunha de *Pater seraphicus*, tornou-se intolerante sequaz.

De nada lhe valeram as objeções das mais prestigiosas fontes.

E o recordar de opiniões dos mais célebres contraditores, como entre outros Kant, que dos swedenborgistas ironizava, aconselhando às autoridades curá-los "não pelo terror das fogueiras como aos demais espíritas, mas pela simples aplicação de um drástico", – proclamava o nosso poeta, em verdadeira *clama ne cesses!* a excelência do credo do iluminado de Stockolmo, "o maior pensador que à face da terra jamais viera!"

Infundira-lhe a serenidade necessária para poder avaliar a nobreza da vida e a magnificência do Universo. A alma se lhe abrira a novos influxos, carreando luz para os seus ângulos obscuros...

"À geração que vem substituir a minha, exclamava, posso dizer: remocei!"

Também! que hino de gratidão e entusiasmo entoava ao arquiatra da magoada alma!

Enveredando pela estrada da sugestão, e violento como sempre, passava a amaldiçoar as noções religiosas que, na infância, lhe haviam incutido. Jamais credo tão nocivo fora à Humanidade quanto o catolicismo, malgrado as bênçãos de Auguste Comte e todos seus corifeus.

Agora, sim, o seu estro se alimentava da verdadeira, da única sofia, inspirando-lhe um poema o *Novo Templo*, ensaio de reconstrução da Verdade pelo Belo.

Imprimira, pouco antes, pequeno volume de análise literária: *Félix Pacheco*. Das suas 75 páginas dois terços empregou-os numa dissertação místico-estética, tendente a demonstrar que na Bíblia, e sobretudo nos "Salmos", quando interpretados pelo prisma swedenborgiano, reside a única fonte de inspiração poética.

Prosseguindo, combateu os erros dos parnasianos encarniçadamente, procurou desmanchar a reputação, a seu ver *in totum* imerecida de Cruz e Sousa a quem sobremodo encarecera o ilustre poeta cujo nome servira de título ao livro.

Ao resto do volume enchem algumas poucas páginas consagradas à análise de parte restrita da obra de Félix Pacheco, tudo isto de envolta com novas divagações apresentadoras de pontos de vista estéticos do verso.

* * *

Antes de divulgar o tão anunciado carme swedenborgiano decidiu Luís Murat oferecer ao público uma coletânea de peças escolhidas a que resolvera dar definitiva forma. Mais de trinta anos abrangia de contínuo poetar.

Levara-o tal tentâmen a longo e aprimorado trabalho de buril.

Dentre estas *Poesias Escolhidas* umas tantas há a que inspira o credo do místico sueco. Nelas exprime o autor a inabalável crença na eternidade da alma.

A todas estas modalidades da profissão de fé envolve em geral, porém, hirsuta fraseologia.

Nos versos complicados surde-nos, freqüente, estrambótico vocabulário, por vezes jamais dicionarizado, referto de latinismos ainda não lusitanizados.

Subordinadas a velho veso, há, nestas peças, verdadeiros fogos de vista de alusões mitológico-geográfico-históricas, místico-literárias em que surgem alguns anacronismos agravadores de conclusões ilógicas.

Assim se adquire a impressão de que, impregnada da aura swedenborgiana, a musa do poeta brasileiro se tornara caliginosa além de campanuda.

Humildemente confesso a minha total incapacidade para encontrar satisfatórias abertas através do emaranhado garranchoso daquela como que caatinga místico-literária com que, pela segunda vez, tive contactos, depois da freqüentação das páginas de *Serafita*. Deixaram-me estas, aliás, a impressão de indescritível mixtifório, de uma das coisas mais enfadonhas que jamais conheci, apesar do apreço imenso em que me orgulho de ter o seu autor imortal, homem *qui toujours voyait grand...*

Enfim, swedenborgistas por swedenborgistas sejam lidos... e entendidos.

Mas, se neste volume das *Poesias Escolhidas* há o apocalipsianismo das composições subordinadas ao credo do iluminado escandinavo, nele também se encontram as coisas singelas, as vozes cordiais, os cantos espontâneos de uma alma impregnada de legítima poesia, transbordante de estro rico, meigo e elevado.

Pelo verso de Murat perpassam, então, soberbos laivos verlaineanos de infinita doçura apaixonada:

Dentro do meu coração
Cresce uma árvore frondente,
Onde uma triste canção
Gorjeia constantemente,

Um sabiá da floresta,
Cada ilusão que aparece,
Pergunta: que voz é esta
Que às ilusões adormece?

Cada folha e cada flor
Que cai dessa árvore imensa
São restos do teu amor...

A minha vida era calma
Sem parcéis e sem abrolhos:
Se eu tinha o céu em minh'alma!
E a tua imagem nos olhos!

A saudade da mãe admirável, levava-o agora, quase nos anos da velhice, a lhe alegrar em lindos versos o imenso reconforto que dela lhe proviera:

A tua mão me afaga e acaricia...
Só o teu coração recebe e acalma
O sofrimento do meu coração.
E o teu amor cresce-me dentro d'alma
Como uma flor cresce na solidão...

Quanta espontaneidade nos amavios das quadras de "Vendo-a passar":

Todo este espaço freme quando voltas,
Rosada e matinal, dos teus passeios;
Perfumam o ar as tuas tranças soltas
E espiam-te, sorrindo, os ninhos cheios.

Tua pele é tão branca que parece
Luz de luar derramada pelos vales,
Andas com o murmúrio de uma prece
E o aroma de uma a flor dentro do cálix.

A borboleta tímida recua
E diz-te qualquer frase quando passa
E, entre invejosa e extática, flutua
Diante de tanta luz, e tanta graça!

Fica-se pesaroso de que preconcebida orientação de espírito haja conseguido captar este límpido e volumoso veio de inspiração, para, numerosas vezes, o turvar no embate entre a dificuldade expressiva de um tumultuar de

intricadas idéias e a esquisitice de um sistema religioso, quiçá incoadunável às instigações do estro tropical.

* * *

Afinal, em 1920, apareceu o apregoado carme filosófico do poeta fluminense.

Fugindo à amplidão dos moldes antigos, condensara-se em pequeno número de páginas, a que brilhantemente prefaciou Félix Pacheco.

Entendera Murat, como notou o ilustre apresentador, realizar uma inovação nos processos habituais da factura dos versos, réplica brilhante aos que lhe censuravam "o abandono e desprezo pelos pequenos camafeus que no Brasil haviam virado mania".

No prólogo destes *Ritmos e Idéias* expôs o seu autor, abundantemente, as causas instigadoras dos seus novos cantares.

Imenso, afirmava, baixara o prestígio da poesia.

Quando se operasse o acordo entre a Ciência e a Religião, aí sim, toda a sua pureza, toda a sua graça, viriam à flor.

Inspirado pelo credo swedenborgiano queria transmitir aos leitores o seu conceito "do que fora o Homem e o que é".

Acompanhava agora o que entendia ser a linha do aclive descendente do despenhadeiro da Humanidade, quando, expulsa do Eden, rolara do plano superior da Verdade.

Em tom e desalento imenso bradava ao decaído filho de Adão:

Nenhum raio ficou
Do sol que te gerou
Que te nutriu, que te alentou na infância.

Mas,

Então a obra de Deus não é perfeita? Encerra
Um vício original?
Em vez do Bem o Mal,
Foi o que a sua mão deixou cair na terra?

Depois, avistando a cidade, que João de Pátmos vira rompendo de pavoroso caos, para resplandecer ao sol do Paraíso, divinizava o báratro da erronia do êxul paradisíaco desvirtuado da essência original.

Ao Crucificado, e em nome da Espécie, pedia perdão de tanta injúria. E ao Homem clamava que confiante na Redenção deprecasse o divino insultado.

Traduz-se tal prece por belo e conceituoso soneto sobre a Imortalidade da alma, que é das boas coisas do Poema:

Espera homem! Não é em vão, que à porta bates
De quem, por muito amar, abjuraste e ofendeste!
Resiste, com vigor, aos últimos embates
E acusa no Pretório o que ontem defendeste.

No impaciente corcel enterra os acicates
E, lançando-o aos galões, sobre o píncaro agreste,
Verás que já não são tão rudes os combates,
Nem tão revolto o mar, nem tão frio o nordeste.

Ah! tudo tem o seu desenlace e seu termo,
E o que rolou na arena, ou definhou num ermo,
Não se transforma em pó, ergue-se e volve à luta,

E continua a ser o que era ou foi na Terra,
Ganga que o ouro contém, húmus que a flor encerra,
E a vida, palmo a palmo, à podridão disputa.

Prossegue o carme na ardente profissão de fé de seu cantor, ansioso pela reintegração do Homem na incorruptibilidade edênica.

É tudo isto tão íntimo, porém, dos sentimentos da exaltação religiosa do autor que, para os profanos, ficam, a meu ver, a beleza e, sobretudo, a lucidez da obra, notavelmente prejudicadas.

Percebemos o poeta na situação do pensador que o gênio de Antero de Quental evoca:

Em vão lutamos! como névoa baça
A incerteza das coisas nos envolve.
Nossa alma, em quanto cria, em quanto volve,
Nas suas próprias redes se embaraça...

Nos nove anos que ainda lhe restariam de vida, após o aparecimento dos *Ritmos e Idéias*, imenso produziu Murat, mas nada mais publicou em livro.

Nem me seria possível, sob pena de compor alentado tomo, analisar a massa enorme de escritos por ele deixados, e freqüentemente do melhor quilate, capazes de por si só firmar alta reputação literária.

Refundiu muitas poesias, realizou numerosos ensaios de crítica livresca e histórica, redigiu volumosas crônicas de reminiscências, de apreciação dos contemporâneos, etc.

Há anos já, ferido de morte, hemiplégico, a vitalidade intensa da magnífica robustez constitucional se lhe concentrava num cerebralismo incansável.

Até o último alento esteve a produzir, a escrever, a ditar...

* * *

Como colocar Luís Murat no conjunto da nossa história literária?

O feitio de seu verso causa-me a impressão de que, freqüentemente dominado por invencível preconceito, esforça-se por contrafazer-se. Romântico até a medula dos ossos, hugoano, como tanto se orgulhava de ser, e o era, sentia, ao mesmo tempo, afinidades com esse parnasianismo dos contemporâneos que tanto combateu.

Dele o afastou talvez a aversão pessoal pelos corifeus brasileiros da escola.

Da valia, notável, de sua capacidade descritiva numerosos documentos existem. Entre eles a magnífica e tão justamente apreciada *Veneza*. Incompressível, o lirismo casimiriano lhe irrompia, a cada momento, em magníficos surtos, mais poderosos do que as instigações condoreiras. Estas aliás, muitas vezes, do mais alto quilate.

Discutida e discutível será a naturalidade do feitio de sua poesia filosófico-religiosa.

Aspectos superiores nela se nos deparam contudo, o da alta cultura histórica, filosófica, literária e o da ânsia espiritual, que a inspiravam.

Não podia, de todo, ser Murat um poeta para o grande público. E nunca o foi, circunstância que parece tê-lo vivamente magoado.

"Por que razão toda a gente aponta apenas três nomes, todas as vezes que se trata dos nossos poetas? Alberto, Bilac e Raimundo?" indagava, em 1902, Artur Azevedo.

> Não direi que Murat seja maior nem menor que qualquer dos três, nem a mim compete apreciar aquela apuração, aliás feita sem escrutínio prévio. Mas não conheço entre nós ninguém que tenha, como o autor de *Sara,* o verdadeiro tipo moral do poeta.

A questão era de mera assintonia entre Murat e o público; divorciara-se o autor das *Ondas* do gosto de seus contemporâneos graças ao seu pendor em querer *chasser le naturel.*

Organizasse uma coletânea do que lhe surdira *ex-abundantia cordis et ingenii* e o apreço dos coévos lhe aureolaria unânime a reputação de altívolo poeta.

Um predicado lhe incorporemos ao ativo, neste desvalioso julgamento de méritos: a originalidade, a resistência à involução pelas propensões do seu tempo, o culto pela Idéia. Displicente, tenaz, voluntarioso, desacompanhado, senão mesmo solitário, avocou-se o apostolado de uma escola nova no Brasil.

Terá conseguido, perante os pósteros, os fins colimados na defesa de princípios literários tão longa e valentemente sustentados? Resguardar-se-á do olvido aquele acervo vultoso, nascido de um sistema constrangidamente arquitetado? Quer-me parecer que não. Jamais bafeja o juízo dos pósteros o contraproducente *esprit qu'on veut avoir...*

Mas, assim mesmo, da obra dilatada do morto ilustre de 3 de julho de 1929, muita coisa perdurará.

Aquilo sobretudo por onde se expande a alma de um grande inspirado, traduzindo os ímpetos e os ditames da sua humanidade, as vozes da solidariedade de seu pensar, e do seu sentir, com as da sua, com as da nossa gente brasileira...

* * *

Sobremodo imperfeito, meus Senhores, este apanhado pelo qual procurei retraçar-vos a vida do meu antecessor ilustre e transmitirvos a impressão nascida da leitura atenta de sua obra.

É assunto que impõe estudo de largo tomo. Mais anos, menos, anos, encontrará quem o realize, dadas as dimensões da figura literária de Murat.

Não se pode cingir ao âmbito de um elogio acadêmico, constrito pela urgência dos minutos e *o* respeito indispensável à paciência do meu auditório ilustre, generoso, e cordato.

* * *

Recebo hoje nova e a mais honrosa recompensa da atração irresistível e diuturna que sobre o meu espírito, e desde os anos da infância, exerceu a noção da magnitude e da unidade de nossa terra.

No seu brasileirismo veementísimo comprazia-se meu pai, a cada passo, em recordá-la.

Estou a ouvi-lo narrar ao meu querido avô materno quanto, certa feita, na viagem de volta de Mato Grosso ao litoral, o desalentara a informação de um tropeiro: "Que distância há daqui Santos ?" indagara, sôfrego por chegar ao Rio de Janeiro, a abraçar os exemplaríssimos e estremecidos pais.

– Quatrocentas léguas, respondera-lhe, singelamente, o almocreve.

– Sempre no Brasil? interrompi-o surpreso.

– Sempre, certamente! respondeu-me meu avô, sorrindo. Isto não é nada para o Brasil, saiba-o você.

Quatrocentas léguas nada eram para o Brasil! Esta noção deixou fundamente perturbados os meus sete anos.

Quantas e quantas vezes, mais tarde, ouvi meu querido pai recordar uma imagem do Visconde de São Leopoldo, que achava singularmente bela e expressiva, evocadora da unidade estabelecida em nosso país pela homogeneidade das idéias, costumes e sentimentos: "É o Brasil como que formoso e gigantesco vaso alabastrino ao Império por Portugal entregue sem uma única frincha. Não temos, pois, o direito de sequer pensar na possibilidade de qualquer apoucamento deste legado imenso e glorioso."

A impressão de mistério, que malgrado o avanço enorme da civilização, e as formidáveis jornadas de Rondon – ainda envolve grandes tratos de nossa

terra, esta sensação do ignoto era, nos dias de minha adolescência, incomparavelmente mais intensa do que hoje.

Como que mesmo parece, com a entrada em cena da aviação, em vésperas de por completo desaparecer.

Sobre mim verdadeira fascinação exerceram sempre as soluções de continuidade do nosso povoamento, as grandes lacunas de nossos mapas, pois já então era o que as exigências da vida me forçaram a permanecer, um viajor infatigável, mas entre quatro paredes.

Vendo-me inclinado a tais indagações decidiu minha querida mãe, sempre solícita pela minha instrução, dar-me os melhores professores que de tais assuntos viviam no Rio de Janeiro.

Assim, durante um ano, estive em contacto com dois mestres eminentes de nacionalismo, a cuja memória, neste momento, quero oferecer um preito de saudade e reconhecimento.

Era um deles – desde muito desaparecido do mundo, – dominado pelo mais impetuoso e honesto brasileirismo, em contínua expansão explosiva de sentimentos: Alfredo Moreira Pinto. Vivia o nosso corógrafo, *nec plus impar,* para o entusiasmo da confecção de seu enorme e precioso dicionário.

O segundo, propenso à taciturnidade, entregue à meditação contínua, conhecia dos nossos anais as mais íntimas minúcias. – "Sabia e ressabia!" no feliz dizer de eloqüente sintetizador: Alberto Rangel. Era o "*Cariri jaguaribara*", como, afetuosa e abanheengamente, lhe chamava o boníssimo mestre Vieira Fazenda – a quem, em retribuição, e não menos afetivamente, interpelava: *Tapera velha!* Era o *magister magnificus* da ciência brasílica, cujo nome tanto merece ser o do patrono de nossa quadragésima primeira poltrona, não obstante, de sobra, haver provado não ter de todo querido pertencer senão à academia a que, malgrado seu, o haviam associado: a academia humana.

Durante vinte e cinco anos, dispensou-me Capistrano de Abreu a liberalidade extrema do mais leal e afetuoso serviçalismo, manifestação nova e iniludível daquela ausência diogênica de inveja que lhe formava o fundo do íntimo, divulgando, sem a menor restrição, os suntuosos achados do trabalho indefesso, e argutíssimo, amparado por mezzofântica memória.

Esta imposição da continuidade luso-brasileira apontava-ma insistente. Queria-a estudada sob novos aspectos e na maior intimidade.

– O que nos falta, sobretudo, é a história da dilatação continental e a da nossa civilização, – repetia a cada passo.

Em 1902, com entusiasmo saudou as primeiras e tão valiosas descobertas, por Washington Luís realizadas, nos até então ignotos inventários bandeirantes do Sertão, empilhados nos desvãos do Arquivo do Estado de São Paulo.

– Mais vale, às vezes, um destes autos, do que uma grande ruma de Cartas-Régias, – ponderava.

– Enverede por ali, dizia-me imperativamente, não esperdice tempo com Capitães-Generais e Vice-Reis!

Ao generoso *ultimatum* obedeci.

Assim me dispus a uma empresa que apenas vale pela exigência árdua do labor, a fidelidade da consulta às fontes e o desejo de servir à Verdade. Pois a narrativa da dilatação do Brasil pelos paulistas, avassaladores de milhões de quilômetros quadrados, que, por direito de bulas e tratados, deviam ser castelhanos, é tentâmen cujas dimensões cada vez mais se alarga e exige, para a sua explanação, o concurso de muitos trabalhadores animosos e encarniçados ao trabalho.

Contemporaneamente, e fato curioso, vivia um amigo excelente, – cuja memória persiste com especial saudade nesta Casa a que pertenceu e muito amou, – vivia José Vicente de Azevedo Sobrinho a dizer-me: "O destino marcou a você para escrever a história da nossa Paulicéia. Quem o mandou nascer no dia aniversário da elevação da vila de São Paulo a cidade?"

Deram os anos razão a estas instigações generosas que muito mais refletiam sincera amizade do que a valia das habilitações do instigado.

Já vários anos haviam decorrido desde que eu encetara uma carreira de que sempre auferi o maior desvanecimento: o serviço do Estado de São Paulo.

A princípio na Escola Politécnica de São Paulo, casa da ciência, que também é a da mais acendrado.

E ao lado de um ente excepcional pela inteligência, pela cultura e pelo coração, cujo nome quero recordar em testemunho de verdadeiro reconhecimento filial: Augusto Carlos da Silva Teles.

Em 1917, recebia eu do governo do presidente Altino Arantes a honrosíssima comissão, que até hoje procuro desempenhar à altura de minhas for-

ças: a direção do Museu Paulista, onde mercê de Deus consegui muito do que imaginara para, no solo da Independência, recordar a grandeza da Pátria e homenagear a formidável tradição paulista, consubstanciadora da vastidão de nossa terra, do Brasil uno e indivisível.

A ocorrência das festas centenárias de 1922 e o apoio do tradicionalismo veemente do Presidente Washington Luís permitiram a realização de um projeto que me era sobremodo caro: a decoração simbólica do Palácio do Ipiranga, alusiva à unidade e amplidão do Brasil, através do evolver de seus quatro séculos, e a instalação condigna da secção de História de São Paulo.

Contemporaneamente, prosseguira eu na pesada faina do esclarecimento dos fastos lacunosos, lacunosíssimos, do bandeirantismo.

A uma das esfrangalhadas laudas dos autos gloriosos e ainda inéditos dos inventários do Sertão devi uma das mais fortes impressões de minha vida.

Revestiu-se-me a contemplação de seus toscos caracteres trisseculares da majestade evocativa dos padrões quinhentistas, singelos e rudos, em que se esculpem as quinas ou a esfera armilar, chantados, aqui e acolá, pelas primeiras navegações do descobrimento, em Porto Seguro, no Cabo de São Roque, em Itamaracá, no pontal de Cananéia.

Não! mais grandioso se me afigurou aquele papel do que pedras lioses dos navegantes do Rei Venturoso e do Rei Piedoso. Porque se os marcos atestam a obediência de Netuno e Marte, "ao peito ilustre lusitano", as páginas do inventário bandeirante se condecoram com uma evocação que não é só portuguesa: pertence ao patrimônio da Humanidade.

E ainda: muito mais veemente significado brasileiro assumiu-me perante os olhos maravilhados o fragílimo *ceci* da lauda sertanista do que o marmóreo *cela* dos padrões litorâneos.

Prende-se o estranho e quase ignoto fato à história literária do Brasil; nada mais justo, pois, que o evoque eu agora, perante esta assembléia.

* * *

Aos 29 do mês de dezembro de 1616, e do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil seiscentos e dezessete, por ser já passado o Dia do Natal do Senhor, e por ser "morto e falecido" Pero de Araújo, naquele sertão de Paraúpava, na tranqueira e arraial do capitão Antônio Pedroso de

Alvarenga, mandou o chefe bandeirante que o seu escrivão, Francisco Rodrigues da Guerra, fizesse o inventário da fazenda "deixada pelo defunto, dando-se juramento a Ascenso Luís Grou, para que avaliasse as coisas, conforme sua consciência".

Era a bagagem do morto assaz considerável: roupa, calçado, redes, armas, ferramenta. Posta em hasta e adquirida pelos companheiros de jornada, a todos os termos de arrematação rubricou Antônio Pedroso, pospondo-lhe invariável, hierárquica e hieraticamente, as duas simples e fortes palavras: "O Capitão".

Singela e solene mostra desse instinto organizador, profundo entre os paulistas.

Instigação que levava aqueles homens, perdidos no deserto, no meio dos transes da vida tão precária, tão constantemente ameaçada, a cuidar zelosamente dos deveres jurídicos, a respeitar os direitos dos ausentes e a razão de ser social...

Dos toscos apontamentos ia o escrivão tirando os termos sucessivos com que cobria as laudas do seu instrumento jurídico, na repetição das sumárias fórmulas consagradas pela consuetude forense coetânea.

E aquela demonstração civilizada, no meio de tão bruta natureza, insensivelmente, lhe evocou os duros transes que ele e os seus iam vencendo através da floresta americana, à busca de encontros sanguinolentos; de refregas com topiães temininós, gualachos, pés largos, abiuéus e muitas outras nações de negros do gentio da terra; à cata das pintas ricas do ouro, da prata e das pedras; dos súbitos e possíveis assaltos dos monstros e avantesmas do sertão, homens e animais.

Matuiús de pés para trás, e corredores agílimos; coruqueãs antropófagos, de quinze pés de altura; guaiazis, anões formigantes, inumeráveis, crudelíssimos; giboiussús, serpentes imensas, e terríveis, cujas carnes constantemente se refaziam; *hahys* colossais, nas árvores alcandorados, vivendo do ar, mas matando, por simples ferocidade, os homens que lhes passavam ao alcance dos infindáveis braços.

E, em tropel, lhe acudiram à mente os sacrifícios indizíveis daqueles longos meses de privações, desde a partida de São Paulo, os víveres maus, péssimos, escassos, freqüentemente faltando, por completo; os dias de fome, em que, nem sequer, houvera a mastigar os *guaribas*, os "paus de digestão", a

perda dos rumos, os alarmes noturnos, as vozes misteriosas e aterradoras da Selva, os extravios nos pantanais, o assalto de milhões de insetos sanguissedentos, os entreveros com o gentio, o bochorno dos dias acabrunhadores do verão, as chuvas diluviais e intérminas, o ataque das moléstias ignotas e dizimadoras, a luta contra todos estes recursos de morte com que a terra, forte e virgem, obstinadamente recusava desvendar os seus segredos e repelia os devassadores.

Quanta miséria e quanta coragem! E quanto se lhe não inflaria o peito, num sentimento de orgulho imenso, ao refletir que ele, e os companheiros, serviam o nome luso com a constância e o espírito dos capitães e dos soldados das jornadas da África, e das jornadas da Índia!

Pertenciam àquela gente brava que, no desconforto extremo, na penúria das minúsculas caravelas, agüentava as calmarias podres, equatoriais, geradoras dos dias de desespero dos víveres putrefatos e formigantes de gusanos, da água imbebível, grossa e fétida; causadores dos horrores do escorbuto. Pertenciam à gente da maruja que forçara as tormentas do cabo de Bartolomeu Dias; vencia as insídias de árabes e persas, malaios e hindus; levara as quinas a Macau, a Nagasaki, às Molucas e onde a se mais mundo houvera...

Fora um dos de sua grei quem passara a grilheta da posse humana por sobre a soberbia do Globo não circundado ainda.

E o maior dos dinastas do seu século, a sacra e cesárea majestade de grande imperador quinhentista, concedera ao lugar-tenente, e sucessor, do formidável pró-navegante português o mais resplendente brasão e a mais altissonante divisa; aquela esfera terráquea agrilhoada pela rota do *Vitória* e acompanhada do mote pelo qual proclamara Carlos V a glória de Fernão de Magalhães: "*Primus circumdidisti me.*"

E agora, na terra americana, prosseguia, incansável, tenazmente insaciável, a epopéia lusa renovada pelos homens nascidos no planalto de Piratininga, de um cruzamento que elevava a mentalidade vermelha e reforçava a agilidade branca.

Afuroador da floresta americana, sentia o escrivão da bandeira a percepção confusa de que era um dos continuadores dos aventureiros das primeiras lides africanas do rei de Boa Memória e sua ínclita geração, um dos sucessores da maruja do Infante de Sagres, soldado do esforço português nas jornadas de África e do Oceano, da Ásia e da América.

Dilatava-se esse Brasil que as bulas e os tratados queriam mutilado. Ao castelhano, acaso encontrado, intimava-se a recuar bradando-lhe: "Esta terra é do nosso Rei e do nosso Conde donatário de São Vicente!"

E era a sua gente, a gente de sua vila de São Paulo do Campo, a gente já nascida no Brasil, quem promovia a obra do alargamento da terra de Santa Cruz, "pouco sabida".

– Nós outros, que aqui estamos, diria de si para si, mais padecemos, talvez, do que os vassalos da conquista da África e do Oriente!

E assim, de repente, irrompendo-lhe na alma, pela voz do Épico, o clamor da glória de sua raça, levou-o a irresistível associação das idéias e das situações a escrever, no dorso do inventário do mísero e obscuro soldado da bandeira da dilatação do Brasil, uma das estrofes narradoras do episódio máximo do Poema:

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeu truculento;
E o mundo, que co'o tempo se consome
Na sexta idade andava enfermo e lento.
Nela se vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol, quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a Armada se estendia.

No pélago africano, infindo, velejavam as naus do Gama e a costa do continente negro continuava intérmina, para o Meridião.

– Rumo ao Sul! Rumo ao Sul! era a inflexível rota que o *São Gabriel* apontava aos dois outros arcanjos e ao *Berrio*.

O mar tenebroso, os lusos iam singrá-lo, cheio de horrendos e torvos moradores, perigos e insídias de cada minuto.

Já a esquadra descobria, em novo hemisfério, nova estrela, metendo sempre para o Austro a aguda proa, deixando a serra aspérrima Leoa, e o mui grande reino do Congo, por onde o Zaire passa claro e longo, rio pelos antigos nunca visto.

E o escrivão, cada vez mais arrebatado, pela aproximação do lance culminante, prosseguia a escrever:

Assim passando aquelas regiões,
Por onde duas vezes passa Apolo,
Dous invernos fazendo e dous verões,
Em quanto corre de um ao outro pólo;
Por calmas, por tormentas e opressões,
Que sempre faz no mar o irado Eólo,
Vimos as Ursas, apesar de Juno,
Banharem-se nas águas de Netuno.

O poema se desenrolava maravilhoso, enchendo a alma áspera do sertanista de infindo abalo: a evocar as perigosas coisas do mar, que os homens não entendem, os negros chuveiros, as noites tenebrosas, os bramidos dos trovões que o mundo fendem, o lume vivo que a marítima gente tem por Santo em tempo de tormenta e vento esquivo, de tempestade escura e triste pranto.

E coisa certa de alto espanto era ver as nuvens do mar, com largo cano, sorver as altas águas do Oceano.

Findo o episódio de Veloso, que melhor descia os outeiros que os subia, passavam os cinco sóis, e a nuvem que os ares escurecera sobre as cabeças dos nautas apareceu.

Súbito, atroou aos ares o cavo bramido adamastóreo, tentando intimidar a audácia lusa.

E a voz do Épico atingiu a altura dos ecos imortais.

Quanto dominado pela indizível intuição da solidariedade de sua raça, não se sentiria o escrivão da bandeira pertencer àquela gente, mais que ousada, vencedora do filho aspérrimo da Terra, do titão oceânico, cujo domínio derruira?

Quanto não perceberia também ser um dos obreiros da glória e da dominação lusas sobre a vastidão dos mares e das terras, através das terríveis agruras da selva brasileira?

* * *

Assim, às margens do Araguaia, ou talvez mais longe, no coração do Continente, e em princípios da era seiscentista, ressoavam as estrofes d'*Os Lusíadas*!

Em muito maior recuo, e por várias diretrizes cardeais, implantaram as bandeiras – paulistas, baianas, amazônicas, e de outras procedências, – o domínio dessa língua que era a sua e é a nossa.

Impetuosamente impelindo o meridiano de Tordesilhas, para o mais longínquo oeste, deram-lhe um império três vezes maior do que aquele que, à fé da diplomacia, devia ser o seu!

As vozes latinas pelas quais no domingo de Pascoela, em Porto Seguro, e em ação de graças, confiou frei Henrique de Coimbra, pela primeira vez, à brisa do Brasil as palavras católicas da Boa Nova, as vozes da "última flor do Lácio", partidas daquele foco inicial, como que provocaram graças às navegações e às bandeiras outros tantos centros de propagação a exemplo do que se passa na ordem física dos fenômenos vibratórios.

A mesma doutrina eterna se prega, e com os mesmos fonemas, a distâncias imensas do ponto da primeira irradiação: em Santa Vitória do Palmar e em Santana do Livramento, no Senhor Bom Jesus do Cuiabá e em São Luís de Cáceres, em São Francisco Xavier de Tabatinga e em São Joaquim do Rio Branco, em São José de Macapá, em Santo Antônio do Recife...

Encerrado em tamanha vastidão, homogêneo, sem uma única modalidade dialetal, reina o português, avultado, opulentadíssimo, tendente a constituir-se, dentro de meio século talvez, em idioma de uma centena de milhões de brasileiros.

Conseguirá então, totalmente, redimir-se daquela restrição que ao amargor de Herculano fazia explodir. Satisfará ao anseio do otimismo de Ferreira.

Possuirá a plasticidade perfeita e a extensão com que sonhava o nosso grande poeta da *Via Láctea* e das *Panóplias*...

Tem a Academia Brasileira a glória de, em nossa terra, ser a legisladora de seu alto clangor, e suave modulação por onde perpassam "silvos de procela e arrolos de saudade de ternura".

Vejo-me hoje membro do seu Senado de tão notável brasileirismo.

É um complemento a outra e alta recompensa: o título de agregação a esse glorioso Instituto Histórico Brasileiro, cuja folha de serviços a nossa terra nenhuma outra pretere. E a cuja marcha ascendente, perlustradora de uma jornada a que brevemente assinalará o vencimento do centésimo marco milesimal, preside a ação admirável de patriotismo, constituída por Afonso Celso, Max Fleiuss, Manuel Cícero e Ramiz Galvão.

Alguns anos antes da Guerra Mundial, declarava notável escritor francês que, a seu ver, quatro instituições principais sintetizavam, então, os máximos expoentes coordenadores da civilização ocidental: o Estado Maior Alemão, o Almirantado britânico, o Sacro Colégio, e a Academia Francesa.

Esta atuação atribuída ao cenáculo richelieuano é a que *servatis servandis* me parece, e sem favor algum, poder inscrever-se ao ativo do nosso grêmio, dentro das fronteiras pátrias.

Vive a nossa Companhia em constante fogo.

É o que se nos vincula à consciência nacional.

As saudações devidas à minha eleição recebi-as às centenas, às muitas centenas. As mais altas, as mais afetuosas, as mais inesperadas. Uma grande onda de cordialidade e prestígio envolveu-me, confirmando as previsões de dois ilustres colegas e amigos queridos: aquele a quem a amizade impôs a maçadora e generosa faina da resposta a esta minha parlenda e ao mesmo tempo o ensejo de novo e assinalado triunfo literário, e aquele que em vários dos mais altos centros de cultura universal acaba de dar tão intenso valor à significação da intelectualidade brasileira.

É que da Academia Brasileira muito se exige, imenso se opera.

Atento vive o Brasil às suas decisões.

Anseia para que lhe ofereçamos a codificação brasileira, atualizada, deste idioma a cujo esplendoroso futuro americano prenunciaram os brados rotacísticos e ribombantes de *Terra! terra!* com que a maruja de Cabral saudou o monte surto do seio do Oceano, naquela imorredoura semana, quinze vezes secularmente festiva, da Páscoa do Senhor.

De nós se reclama a outorga da cidadania a dezenas e dezenas de milhares de vocábulos, vívidos, úteis, sutis, espalhados pela vastidão brasileira. E jamais catalogados, sequer por estes léxicos, que empafiosos, a brasonar da

messe arrolada, apenas conseguem oferecer o mais mendaz atestado dos enormes recursos vocabulares do neo-português americano.

Representa uma das grandes energias da homogeneização brasileira.

Ao seu como inapelável veredicto se delega a legislação de capital fator da integralização do país. E, cada vez mais incontrastavelmente preponderante. É que, com ele, sobretudo, pode a assimilação luso-brasileira contar para o conglobamento de uma infinidade dos mais díspares contingentes étnicos, afluindo de todos os cantos do mundo, para a amplidão de nossas terras ainda semidesertas e sofregamente procuradas.

A esta migração, fatal e enorme, devemos impor o afeiçoamento aos moldes de luso-brasileirismo essencial, concorrendo para os esforços componenciais de quantos pugnam pela *suprema ratio* da continuidade de uma tradição já quase quadrissecular.

Assim, permita-o Deus, me seja dado trazer algum contingente a tamanha obra.

E assim, também pela honra de tão alto chamamento, como este que vossa generosidade me conferiu, recebei, Senhores, e, de hoje em diante, meus colegas, os meus protestos de bem servir à Academia Brasileira.

II

RESPOSTA DO SR. ROQUETTE-PINTO

SR. AFONSO de Taunay:

Traduz uma injustiça, que fazeis a vós mesmo, o impulso que vos leva à possibilidade de integrar a Academia uma função de zero ao infinito. O posto em que ora vos achais de direito era vosso, porque estas cadeiras não nos pertencem, para os regalos da afeição ou do interesse. Dando-vos as boas-vindas, em nome da Academia, confesso a minha surpresa de não vos haver encontrado entre os meus ilustres eleitores, já figurando, naquele tempo, ao lado dos que servem aqui à cultura do país.

Não vos atormente, pois, o receio de que o voto de 7 de novembro haja tentado inovar a poltrona que a modéstia vos sugeriu. Sendo a tradição lembrança acumulada na alma coletiva, não me parece a velhice indispensável ao seu condicionamento, embora lhe dê, é certo, mais peso e maior prestígio. A correspondência de Machado de Assis com Joaquim Nabuco, publicada recentemente em nossa Revista, define um caminho que antes afasta a Academia dos outeiros inocentes do tempo de D. João V, jogos florais sem conseqüências. "Você sabe, escrevia Nabuco a Machado, a 6 de dezembro de 1901, você sabe que eu penso dever a Academia ter uma esfera mais lata do que a literatura exclusivamente literária"... E a 8 de outubro de 1904: "A minha teoria já lhe disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do país." Machado respondia concordando. No vosso caso, Sr. Afonso de Taunay, foi o que fizemos...

Quando considero o vulto e a importância da vossa obra magnífica, bem compreendo que houvésseis tardado. O peso da bagagem, como no verso de Musset, demorava o passo do caminheiro firme, vaqueano de todos os chãos percorridos em labor inigualável. Mas o que impressiona sobremaneira, na vossa personalidade, é o traço de humanismo que reponta sempre na frase despretensiosa e erudita.

Diplomado pela Escola Politécnica do Rio, professor da de São Paulo, levastes para os trabalhos históricos, dominantes no vosso tesouro, o espírito educado na ciência experimental, que ensina a julgar, com imparcialidade, homens e acontecimentos.

No exame do que o vosso olhar descobre e analisa há muito do engenheiro avaliando resistência de materiais... Os vossos juízos críticos, tantas vezes restaurando reputações de antigos vultos, como no caso de D. Francisco de Sousa, revelam o profundo conhecedor da balança, arma dos químicos e símbolo dos magistrados. Na direção do Museu Paulista pudestes aplicar de maneira feliz as condições pessoais acima apontadas. Devendo ser os museus a *miniatura da pátria*, – na terra e nos seres vivos – cumulastes as preocupações cívicas daquele posto eminente, em que também estais no vosso lugar. Compreendestes muito bem que o do Ipiranga é, antes de mais, um Museu Paulista. Pedir a cada um dos Estados um Museu sem a preocupação regionalista – é absurdo. Mas, com essa restrição, é apontar uma grande obra realizável e urgente, quando muitos aspectos da nossa terra vão sumindo. E ainda que seja um grande bem substituir o carro de bois, sobrevivência hindustânica, pelo automóvel ou pelo avião, o jequitibá pelo eucalipto, há grandes lucros espirituais na conservação de amostras dos seres que, compondo o ambiente em que surgia a nação, fizeram a riqueza dos avós.

Velando pelo progresso contínuo das vossas coleções zoológicas, mantendo com brilho a *Revista do Museu Paulista*, pensastes em tudo. Ao lado do Palácio do Ipiranga, fizestes erguer veneráveis engenhocas, desconjuntadas e gemedoras, que no interior, durante séculos, transformavam os produtos da terra em utilidades mais gerais. E apoiado pelo espírito superior de Alarico Silveira, fundastes os *Anais* do vosso grande e prestigioso instituto.

Nas canseiras e responsabilidades da administração jamais se esgota a vossa atividade, que anualmente nos entrega artigos, monografias e volumes mais de uma vez laureados pela Academia.

Tão grande é a vossa bibliografia! No entanto a lista dos vossos trabalhos não traz referência às músicas que tendes composto, improvisações no teclado de que sois senhor e amigo.

É que um dos segredos da vossa obra fecunda está na constante aplicação. Pois não é certo que realizais todas as manhãs o vosso momento musical, dedilhando Schumann, Chopin, Sílvio Dinarte ou Flávio Elísio – tendo na estante, diante dos olhos, no lugar da pauta, um jornal diário a cuja leitura procedeis, enquanto a melodia se desprende das vossas mãos fidalgas?

Meio excelente de ler os diários, amainando, ao compasso da música, os arrepios que poderia provocar o noticiário. Quem não for capaz de reconhecer, no teclado, os bemóis e os sustenidos, ainda assim poderá seguir o vosso método, visto que hoje a boa música é uma questão de mecânica...

Como romancista compusestes a *Crônica do Tempo dos Filipes*, que li, até o fim, na segunda edição, crismado *Leonor de Ávila* – já sem demasias, vivo, interessante, cheio de páginas soberbas.

Nele figurais lutas de portugueses e batavos, ambiente de uma leve intriga de amor, e mostrais que o episódio fundamental, na conquista holandesa, não foi econômico. Antes religioso. Um traço da Reforma, gizado no ultramar.

No domínio da lexicologia brasileira vossa contribuição tem sido, sem nenhum exagero, formidável. Em 1924 publicastes o *Vocabulário de Omissões* – coletânea de palavras correntes no Brasil, e em Portugal não registradas no mais conhecido dos modernos dicionários. Era o volume desdobramento de trabalhos anteriores, visto que desde 1909 havíeis começado a tarefa vultosa e útil que em 1914 tomou corpo no *Léxico de Lacunas*, completado em 1927 com a *Coletânea de Falhas*.

Para nós outros brasilianos, Sr. Afonso de Taunay, a vossa atividade, nesse capítulo lexicológico, teve duplo valor. Primeiro porque, graças aos vossos estudos e observações, fizestes entrar no rol oficial dos vocábulos milhares de termos que o nosso povo, na sua incontestável soberania, criou ou alterou. E, depois, pela coragem, atenciosa mas enérgica e decidida, com que respon-

destes à descabida pretensão de quem "não podia admitir sugestões brasileiras em matérias de vocabulário português". A invasão ultramarina doía aos nervos peninsulares. Vossa argumentação foi irrespondível: a linguagem de trinta milhões de brasileiros há de forçosamente contar maior opulência verbal do que a de seis milhões de portugueses, tanto mais quanto fortes contingentes vindos da Itália, da Espanha, da Alemanha, dos próprios indígenas e dos africanos, entraram a desfigurar o clássico idioma.

Ensinais que os ingleses dispõem de 500.000 vocábulos; 300.000 têm às suas ordens os alemães, e quase outro tanto os franceses. Os portugueses dispõem de uns 140.000... E, são palavras vossas, "das quantas línguas civilizadas é a portuguesa das mais pobres, quanto às tecnologias, ninguém o ignora. No entanto relutam em aceitar os milheiros de termos que lhes oferecemos."

Como recusar italianismos ou germanismos da língua falada no Brasil?

Segundo a vossa estimativa há mais de cem mil palavras brasilianas à espera do registro nos grandes léxicos.

Mas na admirável monografia não só consignais os termos brasílicos refugados pelos dicionários portugueses. Traçais um esboço curiosíssimo da distribuição geográfica de certos vocábulos, ensinando-nos que para eles há fronteiras definidas, como é, por exemplo o rio São Francisco.

O Brasil inteiro está convosco. Não pode ser bom livro para nós o dicionário que não consigna vocábulos que a nossa vida de família exige a cada hora.

Quanto à terminologia científica, provastes que os dicionários são simplesmente inqualificáveis, omissos ou, o que é pior, errados.

A língua não é um *fim*; é simplesmente um *meio*. Veste a idéia. É certo que muitos preferem a luva à mão; nós ambos, Sr. Taunay, preferimos que se tire a luva e se nos entreguem os dedos.

Digna de toda veneração é a filologia que conhece as coisas correspondentes aos *nomes*; essa, porém, em geral mostra-se muito modesta nas suas imposições e ousadias; e não comete erros como os que nos apontastes, em 1926, no opúsculo dos *Reparos*.

Quem pode ler, sem sorrir, o caso da abelha melípona que os cuiabanos chamam *guaxupé*, e o dicionário define como sendo *uma espécie de penteado*?...

Iguais à inqualificável leviandade, consignastes inúmeras. Então, o carrapato é um *crustáceo*! Mamíferos como o boto, passam a *peixes*... A intransigência com que nos querem ditar o vocabulário pessoas que só conhecem um terço, talvez, das palavras correntes no Brasil, porque o resto é constituído por expressões nascidas na terra americana, reponta igualmente no caso da ortografia.

Se todos concordam em que a única razão de ser da escrita é a representação dos sons da língua, tal qual se fala, o vocabulário não deve ser prejudicado pela sua tradução gráfica. Fora disso "*C'est comme si l'on croyait que, pour connaître quelqu'un, il vaut mieux regarder sa photographie que son visage*", na frase cortante de Ferdinand de Saussure.

Se a lição do grande mestre de Genebra exprime a verdade, quando a pronúncia é diferente não há razão nenhuma para que a escrita seja a mesma. Felizmente estamos caminhando para a estenografia universal e para o fonograma. No futuro darão golpes no espaço os partidários das letras simples ou dobradas, os paladinos do *s*.

A máquina de escrever matou os arabescos pretensiosos e torturantes da caligrafia; a ortografia há de ser desmontada pelo fonograma. Nos milagres da válvula termoiônica e da célula fotoelétrica, hoje, arquivam-se os sons, em uma longa fita, à medida que os vocábulos são pronunciados. Quem não desejaria os versos do nosso Alberto de Oliveira vivos na sua expressão, em vez de mumificados na mortalha de um livro impresso?

A tipografia, assistindo ao desdobrar do progresso, que tudo vem transformando ao redor dela mas respeitando-a, no que possui, de essencial, há de ser mero auxiliar. Certos livros, em futuro que me agrada imaginar bem próximo, serão pequenos *films* enrolados. Volumes manuseados pelos nossos descendentes hão de ser parecidos com os papiros dos antepassados; mas, em vez de guardar a imagem gráfica dos romances ou dos versos, conservarão as composições estuantes, na própria voz dos poetas.

Apaixonado estudioso da fala do vosso povo, pertenceis à corrente que nos parece em condições de engrandecer este país. Continuais, hoje, no mesmo caminho que vos levou outrora a guardar, como relíquia, um pedaço da corda em que desceu ao escuro da sepultura o corpo de Floriano Peixoto, gesto ardente da mocidade, cheio de simbolismo.

Não é, pois, de surpreender que a vossa obra capital tenha sido a *História das Bandeiras*, "história da conquista do Brasil pelos brasileiros..." na vossa linda frase.

Entre os discípulos queridos do nosso inolvidável Capistrano de Abreu, ao lado de Basílio de Magalhães, Calógeras, Washington Luís, Alfredo Élis, Alcântara Machado, Paulo Prado, Studart, Borges de Barros e outros notáveis conhecedores do formidável episódio bandeirante, tendes, Sr. Afonso de Taunay, autoridade singular.

Nos seis alentados volumes publicados cuidastes principalmente de compendiar o que se apurou, até agora, de rigorosamente exato, quanto à grande epopéia da raça.

A vossa exigência, o vosso apurado senso crítico, a vossa imparcialidade deram à obra decisiva um tom de segurança, raramente igualado, embora, ao que nos avisais, a síntese da história das Bandeiras não deva ser tentada por enquanto. "Episódio culminante dos anais brasileiros", escrevestes, pois a ele deve o país dois terços do seu território atual, foi no entanto o bandeirismo até quase os dias modernos tratado com grande descaso."

Com grande descaso!

Todos os nomes que há pouco recordei, até mesmo o do mestre maior, pertencem a publicistas de hoje. No Instituto Histórico, a que damos o melhor da nossa veneração, o "episódio culminante" até 1889 quase não teve eco.

Na lista das questões propostas aos velhos estudiosos, havia de tudo... menos teses a respeito das *bandeiras*.

Costumo dizer, Sr. Afonso de Taunay, que da comparação dos fatos antigos com os recentes tiro forças para sustentar o meu incorrigível mas consciente e equilibrado otimismo. Consenti, pois, repita convosco, nesta altura, que a história das *bandeiras* – o maior feito da vida nacional – é uma página escrita pelas gerações republicanas. O próprio Varnhagen, é vossa a observação, não lhe concedeu lugar à altura do seu relevo.

Com quanta saudade nos lembramos de Capistrano de Abreu, o decisivo iniciador da página soberba, apenas esboçada por Southey!

Como não recordar, neste momento, que a figura culminante de Antônio Raposo foi uma ressurreição do nosso tempo devida aos estudos de

Washington Luís? E Antônio Raposo – na vossa opinião – foi o maior dos bandeirantes, porque ampliou o nosso território.

Se a *História das Bandeiras* é copiosa consolidação dos documentos existentes, por outro lado acha-se referta de dados descobertos pelas vossas pesquisas infatigáveis; e, em pontos sem conta, corrige inúmeros erros, até os menos importantes, como os que transviaram José de Alencar, em *Minas de Prata*.

Mau gosto, imperdoável numa hora destas, seria o meu, se me propusesse enumerar todos os méritos daquela vossa obra monumental. *A História Geral das Bandeiras*, perpetuando o vosso nome deu-vos a imortalidade, única, suprema, desinteressada recompensa digna de um trabalhador da vossa estirpe.

Não desejo esconder, porém, meu nobre amigo, que me afasto do vosso ponto de vista há pouco recordado. Muito mais do que o "recuo do meridiano" – o que me interessa, no formidável episódio, misto de grandeza e humildade, tecido sanguinolento de glórias e opróbrios, não é o *território* – é a *raça*. Mais de uma vez tenho perguntado a mim mesmo, perplexo ao ver escritores brasilianos de talento e cultura repetir balofas necedades e respeito dos irremediáveis desastres sociais que seriam os povos mestiços, tenho perguntado a mim mesmo: como é possível crer mais nos livros falsos do que na própria natureza?

Sejam quais forem as tristezas que o espetáculo da vida nacional, em qualquer tempo, haja de suscitar em nossa alma, o Brasil é uma realidade; desmente as teorias...

Para São Paulo, escrevestes, não imigrou nenhuma grande figura da nobreza de Portugal e de Espanha. E ainda mesmo que muitas imigrassem... e fossem louras, digo eu.

A *combatividade* e a *mobilidade* – que considerais os dois característicos mais salientes do ânimo sertanista, são essencialmente ameríndias. Também não são louros os "hércules-quasímodos" que ocuparam a Amazônia, renovando aos nossos olhos, em outros termos, porque os tempos são outros, a epopéia dos *paulistas*. Nem *dólico-louros* são os que varam as canoas no Cuminá, vivos nas páginas de Gastão Cruls, pelejando a luta infernal que o

film documenta. Não há retórica que destrua a verdade; nem livro que desminta a vida.

Não sei, Sr. Afonso de Taunay, se fostes sempre bem inspirado consagrando no primeiro volume da vossa *História*, um capítulo ao que chamastes *arianização progressiva* dos paulistas, porquanto a antropologia ensina que o *sangue ariano* é uma utopia.

Em todo caso afirmais muito bem: "é com elementos quase unanimemente euro-americanos que efetua sua obra a *raça de gigantes* de Saint-Hilaire."

Relendo-vos, deparou-se-me um episódio quase desprezado na história das bandeiras, caso aparentemente irrelevante mas que, entretanto, tem, a meus olhos, grande importância porque traz à tona um fator espiritual de primeira ordem, por si só capaz de explicar muitos aspectos do grande movimento mameluco.

É o caso que "em agosto de 1671 chegava à Bahia grande número de *paulistas*, ao mando de Estêvão Ribeiro Baião Parente e Braz Rodrigues de Arzão, gente solicitada pela Câmara do Salvador para combater os Aimorés de Paraguaçu". "A conquista, diz Jaboatão, só teria o melhor efeito se fosse executada por *paulistas*, gente que se criava neste exercício..."

Assim foi. Terminadas as campanhas vitoriosas das expedições, ficaram na Bahia uns tantos *paulistas* que se puseram a assolar o distrito de Porto Seguro.

A D. Pedro II escrevia a respeito o governador-geral, Antônio Luís Gonçalves da Câmara Coutinho, em 1692, narrando as providências tomadas contra "uns quarenta paulistas que na vila de Porto Seguro, havia três anos, se haviam levantado de maneira que a governavam como sua, mandando matar a quem queriam, confiscando bens, fazendo outros insultos inauditos".

Com todo o segredo, adiantava o governador, fizera embarcar em uma sumaca cinqüenta soldados, dois ajudantes e dois sargentos, à ordem do desembargador Dionísio de Ávila Vareiro.

O desembargador facilmente liquidou o caso: "prendeu a todos dentro da mata, com admiração dos que conheciam os *paulistas embrenhados*". Uma testemunha acrescenta: "pareceu coisa milagrosa este sucesso."

Na sua simplicidade, o episódio destaca o imponderável elemento espiritual da resistência dos bandeirantes, a *disciplina*, enquanto organizados sob

o mando do cabo da tropa. Bastou que ela afrouxasse para que os valentes de Baião e Braz Rodrigues, no reduto que havia três anos dominavam, fossem aprisionados, sem demora, ainda mesmo embrenhados nas matas que conheciam como ninguém, e onde os soldados reinóis mal caminhavam.

Aliás, Sr. Afonso de Taunay, frisais muito bem a existência dessa *disciplina*, que para mim foi, talvez, a maior força dos *paulistas*. Os *testamentos bandeirantes* e tantos outros dados, consignados no livro admirável de Alcântara Machado, depõem no mesmo sentido.

E de onde provinha o regímen, fator tão decisivo? É só recordar que as *bandeiras* surgiram no arraial fundado pelos mais disciplinados de todos os religiosos. No influxo jesuíta dos primeiros tempos julgo encontrar, com toda isenção de ânimo, a maior parte dos elementos espirituais que fortaleceram, em normas severas, o ânimo dos *bandeirantes* e a decisão dos *sertanistas*. Mais tarde, os jesuítas sofriam dos seus discípulos... É da vida!

Nas "reduções" do Sul a influência dos Padres foi além do necessário ao condicionamento das conquistas. Dominadora. Chegou mesmo a transformar os caçadores guaranis em agricultores submissos. Por outro lado, ali, o meio espiritual indígena foi desde logo profundamente alterado. O catecismo sufocou, de início, as crenças antigas, desmoralizando velhas lendas e incentivos. Finalmente entre aqueles guaranis faltou o aventureiro ibero ou mameluco, elemento de mestiçagem e de inquietação, que os padres faziam todo o possível para afastar da "república".

Eu não compreendo que se procure explicação para o estupendo movimento nas doutrinas velhuscas da antropologia literária. Cartesiano que me confesso, encontro, no entanto, fatores psicológicos, muito mais decisivos do que aqueles motivos mecânicos e problemáticos.

Os homens que para São Paulo vieram de Portugal, portadores ou não de cromossomas nórdicos, pertenciam ao mesmo grupo dos que foram para a Índia, para a China e para a África. Por que razão o ânimo conquistador de tais supostos netos dinamizados de árdegos Vikings, não criou *bandeiras* semelhantes às de Antônio Raposo, em Guiné ou em Macau? E, ainda mais. Eu não acredito que tenha sido *apenas* a ambição da riqueza o móvel daqueles homens.

Em muitos, se não em todos, influiu o ambiente ameríndio criador e propagador de lendas capazes de animar o desejo de varar o desconhecido em

busca da *terra sem males*. Em São Paulo, naquele tempo, a própria língua era a dos índios. Deles recebiam os jovens, nas histórias do berço ou nas da puerícia, a infiltração da curiosidade, vício ou virtude que fez cair Eva no Paraíso e salva, hoje, a humanidade nos laboratórios da ciência.

O *bandeirismo*, como *varação de território* e *preação de índios*, é anterior à chegada dos colonizadores. Prática habitual dos Tupis. Com eles aprenderam os Iberos; e, mais bem dotados de recursos e de cultura, desenvolveram a lição...

Da própria Piratininga, a respeito dos índios, muito antes das bandeiras, escrevia Anchieta; "muchas vezes van a la guerra y auiendo andado mas de cien leguas, si captiuan tres o cuatro se tornan con ellos..."

Das formidáveis caminhadas indígenas há estudos modernos interessantíssimos e documentados. Para o Maranhão sabemos que partiram do Sul grandes bandeiras tupis muito depois de 1500. Claude d'Abbeville, em 1612, conheceu índios que haviam testemunhado a chegada da primeira migração, no fim do século XVI. Mais duas arrancadas semelhantes foram verificadas depois.

A primeira foi *defensiva*; foi *conquistadora*, a segunda. A terceira foi antes *religiosa*.

O grande móvel desta última, escrevi eu mesmo algures, foi a esperança de encontrar, um belo dia, a *terra sem males* – onde os frutos continuamente amadurecem e por si mesmos enchem os samburás, onde a caça nunca falta e vem, sozinha, oferecer as carnes ao caçador. Entre os Tembés dos nossos dias, ainda existe o mito do país maravilhoso. *Maíra* – criador do Mundo – vive em *Ikauéra*, terra situada ao ocidente do Pindaré e do Gurupi, a um mês de viagem da última aldeia. A casa de *Maíra* é grande e cercada de flores. Ao redor, as plantas úteis crescem espontâneas; ninguém as cultiva nem trabalha para colher o que produzem. As aves nidificam no solo; ninguém precisa trepar às árvores para furtar os ovos. As abelhas encharcam de mel o chão em que abrem colméias. Os companheiros de *Maíra* deixam-se viver docemente... o seu trabalho é dançar e cantar. Na terra de *Ikauéra* ninguém morre; só se chora de alegria. Ali, a gente envelhece para poder sentir as glórias do rejuvenescimento, que vem coroar sempre a idade avançada daqueles homens felizes...

Eis aí, mais ou menos, o que as índias contavam aos rapazes de Piratininga, infiltrando-lhes no pensamento o gérmen da curiosidade, que achou ótimo terreno no substrato sonhador da alma ibérica. Porque, essa lenda não é recente. Prova-o o episódio, quase incrível, narrado por Gandavo, no qual, por volta de 1539, algumas centenas de tupis da costa, ao mando de *Uira-uaçú* – (a Harpia), – tendo ao lado dois portugueses que morreram no caminho, partiram na direção do Noroeste, em busca de "*terras novas onde acharão imortalidade*" – diz o cronista. *Uira-uaçú* e alguns companheiros subiram o Amazonas e chegaram ao Peru, onde foram aprisionados pelo Vice-Rei, em 1549, segundo a crônica de Jiménez de la Espada. Compreendereis agora porque, Sr. Afonso de Taunay, vejo nesse glorioso *Gavião de Penacho* – o *bandeirante desconhecido*, que está faltando à vossa galeria do Ipiranga; e no ambiente criado pelos Tupis de Piratininga, encontro o condicionamento primordial e ordinário das *bandeiras*, ambiente que pôde agir mais decisivo, graças ao isolamento do núcleo de povoadores, separados da costa pela muralha da serra, e entregues à direção dos Inacianos, disciplinadores sem rival.

O mesmo imponderável elemento espiritual, até certo ponto comparável ao impulso que desencadeou as *bandeiras* místicas da Idade Média, na Europa, representa para mim mais do que o *índio*, mais do que o *ouro* e mais do que as *pedras*, a causa oculta e subconsciente do assombroso movimento.

Paulo Prado, à luz de um notável documento que fez copiar no Arquivo da Marinha de Lisboa, carta de Fernão Dias, dirigida a Bernardo Vieira Ravasco, escrita numa sexta-feira, 20 de julho de 1674, véspera da partida para a viagem de Minas – afirma, com toda a justiça: "O velho paulista não era o sonhador de riquezas fabulosas, o 'caçador de esmeraldas' que a lenda criou: vemo-lo frio organizador de uma empresa difícil, a que o animavam a lealdade e a devoção ao seu rei." Eu também penso assim.

Não era o baixo apetite que impelia o ancião, riquíssimo e prestigioso, no seu "lento caminhar". Sonhava com as pedras verdes – por cumprir a ordem do soberano, que era encontrá-las naquelas rechãs.

E tanto o rei conhecia a dedicação de Fernão Dias Paes Leme que, em data de 12 de novembro de 1678, embora sabendo o sertanista embrenhado a centenas de léguas de São Paulo, escreveu-lhe do próprio punho, pedindo que fosse auxiliar D. Manuel Lobo a fundar a Colônia do Sacramento, no Rio da

Prata! *Caçador de esmeraldas*? Ou escravo magnífico da sua lealdade? Soberano cumpridor do seu dever?

Por outro lado, lendo o que se diz dos *paulistas* daquele tempo, gente de turbulência sem igual, ferozes e intratáveis, mal se compreende como podiam os grandes *cabos das tropas* realizar os prodígios conhecidos.

Luiz César de Menezes, governador do Rio de Janeiro, mandava dizer a D. Pedro II (1691): – "Os moradores de São Paulo vivem como quase à lei da natureza e não guardam mais ordens que aquela que convém a sua conveniência..." Era voz geral!

Pelo sabido a respeito de algumas *bandeiras*, e particularmente pelo caso do enforcamento de José Paes, ordenado por Fernão Dias, no Sumidouro, como castigo de grave felonia, já se poderia suspeitar que os sanguinários heróis paulistas não podiam viver assim à *lei da natureza*...

A publicação das *Atas* e do *Registro Geral da Câmara de São Paulo*, das Sesmarias, *Inventários e Testamentos*, cerca de 80 grandes volumes, hoje entregues aos estudiosos graças a Washington Luís, veio esclarecer muitos pontos da vida dos bandeirantes. Os vossos livros, entre os quais não quero esquecer a notável *História da Cidade de São Paulo*, os de Élis, o de Alcântara Machado, os de Paulo Prado – bastam como informantes de quem queira fazer juízo acerca do meio social em que se criavam os heróis sangrentos e cúpidos.

Não há mais que citar uns três ou quatro episódios, como o de 1623 quando a Câmara resolveu a deportação dos *Omens de roim boqua que deffamavam os homens honrados*. A 10 de janeiro de 1632 obrigava os vadios *que não tinham oficio a tomarem amo ou despejarem a terra*. No mesmo ano, D. Benta Dias era obrigada a mandar colocar uma porta na sua casa de morada, que ela desejava aberta *à tout venant*... Certo Custódio de Souza Tavares em 1639, curandeiro de larga freguesia, era forçado a deixar a clínica, por não ter *carta de esaminação*.

Tudo isso são provas de policiamento social incompatíveis com a fama geral dos paulistas. Há, porém, um documento que fala por si mesmo, visto que nele se requinta uma preocupação que já vai desaparecendo nas cidades modernas: a 10 de janeiro de 1632, Sebastião de Paiva levou à Câmara o eco de alguns murmúrios públicos. Diziam que havendo, no meio da igreja, um

banco, dele tomavam conta, durante as cerimônias, Suas Mercês os oficiais, "com grande prejuízo e escândalo do povo por se tratarem mal as mulheres" – obrigadas a se sentar no chão.

Que fizeram os membros do Governo Municipal daquela vila, povoada por demônios? Não podendo atender a todas as senhoras... mandaram retirar o banco, privando-se de tal conforto, em gesto de cavalheiro.

Sanguinários, sim; mas honrados e organizadores. E, na guerra... como na guerra.

Uma república de salteadores não seria capaz de construir a obra durável da nossa formação territorial.

Encontro ainda uma confirmação do que penso a respeito da influência moral já citada, na transcrição que fazem das seguintes linhas, em que Pedro Taques, retratando o criminoso, explica o célebre crime de Alberto Pires: "nele não lavrou o buril da discrição de seus pais com a polícia em que criaram seus filhos, civilizando-os com a doutrina das escolas dos pátios dos jesuítas do Colégio de São Paulo."

O impulso do século XVII foi decisivo.

Vejo, em admirável continuidade histórica, o drama do descobrimento até hoje prosseguido; a sementeira das povoações ganhando sempre, cada vez mais, os recessos distantes; os trilhos e os caminhos cada vez mais emaranhados, enlaçando novas regiões.

"*Caçadores de petróleo*" exploram hoje a terra e levantam o curso dos rios; sertanistas, que têm o ímpeto e a resistência de Antônio Raposo, desafiam a mata e as cachoeiras para "*descer*" as *peças* que num sonho luminoso querem proteger e civilizar.

Nos momentos tristes de dúvida, costumo retemperar a minha alma desdobrando lado a lado os mapas seculares do Brasil. Tenho então diante dos olhos verdadeiros cortes antropogeográficos no tempo e no espaço. E como quem se compraz em comparar as fotografias da criatura amada, nas diferentes idades por que ela passou, acompanhando o surto das linhas que transformam o rosto impessoal no vulto gentil da mulher que vive e faz viver, ou morrer, leio nessas figuras a ascensão que os indiferentes não descobrem.

Pelo que aí fica, Sr. Afonso de Taunay, podeis ver que, se não estou sempre de perfeito acordo convosco, sou sempre um vosso humilde leitor

maravilhado pelo carinho e pela consciência, com que tomais parte no grande e nobre movimento intelectual que é, na República, a *história dos brasileiros que conquistaram o Brasil*.

* * *

A existência de Luís Murat – cuja figura evocastes há pouco nos seus versos inflamados, foi uma rajada de entusiasmo e de paixão; a vossa tem sido uma doce harmonia, cheia do altruísmo resumido no verso de Lucano:

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo.

Não vos acreditais nascido senão para o que é útil aos vossos semelhantes.

Na decoração do Palácio do Ipiranga, onde desdobrastes os requintes da vossa alma, entre painéis e estátuas magníficas, há lindos motivos humildes e comoventes: ânforas cheias d'água dos grandes rios que arrastaram os heróis para o desconhecido, no caminho da conquista integral do nosso berço.

A pátria é como a água dos rios – sempre nova e sempre a mesma.

Assim também tem sido a vossa digna atividade.

Há, por tudo isso, uma grande figura antiga que revive nesta hora e neste recinto...

Seja abençoado pelo seu povo, Sr. Afonso de Taunay, todo aquele que aumenta, pelo esforço honesto, a glória dos antepassados.

Discurso do
SR. GUILHERME DE ALMEIDA

e

Resposta do
SR. OLEGÁRIO MARIANO

Sessão solene extraordinária
do dia 21 de junho de 1930

I

DISCURSO DO SR. GUILHERME DE ALMEIDA

SENHORES Acadêmicos,

Existe, no mundo, uma terra que "Braçir", "Braxil", "Brazylle", "Ó Brasile", "Terra de Vera-Cruz", "Santa-Cruz", "Pindorama", "Terra de Pau Brasil", "Terra dos Papagaios", "Terra Brasiliæ sive América" foi chamada, e que Terra dos Poetas o é de fato.

Ora, aí, sob a invocação do descobridor da poesia plástica dessa terra (Gonçalves Dias), um poeta (Olavo Bilac), o revelador da poesia lírica dessa terra, fundou e deixou a outro poeta (Amadeu Amaral), o modelador da poesia inteligente dessa terra, uma poltrona acadêmica: esta Cadeira. E porque ela é, assim, na sua contextura, o amálgama firme e coeso da forma, da emoção e do pensamento brasileiros; e porque é toda a música, todo o amor e toda a idéia do Brasil, isto é, toda a poesia brasileira, pois poesia é ritmo no dizer, no sentir e no pensar; esta é, legitimamente, a cátedra da nossa poesia.

Assim, tal Cadeira, em tal país de poetas, tem que ser o "*angulus ridet*", o mais alto título, a recompensa mais elevada, a mais ousada ambição, o sonho mais enfeitado, o prêmio maior e melhor de todos os fascinados homens que fazem versos por aqui.

Todos estes têm o direito de desejá-la, de querê-la para si. Todos, indistintamente: os que se dizem ou são julgados antigos; os que são julgados ou se dizem modernos. Todos, indiferentemente, desde que sejam poetas de verdade. Porque não se compreende poesia verdadeira, como se não compreende nenhuma verdadeira arte, sem liberdade. Liberdade de quem não tem

nem pode ter escolas, isto é, prisões, outras que não sejam a sua própria vontade, a sua própria personalidade. Liberdade, por exemplo, de ambicionar, ou não, este posto acadêmico... Li-ber-da-de!

Eu fui um destes ambiciosos: o mais vaidoso, sem dúvida, por me considerar um poeta; e o menos merecedor, com certeza, por ter sido o contemplado. Sim, que é da sorte ser vária, irônica e incoerente...

E já que assim é, bem haja a fantasia esdrúxula do destino, que quis, com sua variedade, sua ironia, sua incoerência, dar a este lugar da Academia, para humanizá-lo um pouco, o seu primeiro, único, pequeno defeito: a presença do supérfluo, do inútil. Porque, na sua essência e no seu sentido e no seu destino, esta Cadeira acadêmica estava completa: tinha toda a realização natural, serena e íntegra de uma árvore.

Uma árvore... Ela estava presa à terra verde e virgem pelo trabalho múltiplo, obscuro e secreto das raízes pacientes que subiram e firmaram o tronco teso e a galharia forte: Gonçalves Dias, o ritmo brasileiro; rebentara no ar de sol a loucura das flores estalando de perfume e cor: Olavo Bilac, o lirismo brasileiro; pendera para o chão guloso a copa redonda e pesada de frutos como uma fronte que cisma: Amadeu Amaral, o pensamento brasileiro. Rama, flor e fruto – que mais lhe faltava? A inutilidade intrusa, a superfluidade intrometida... O vagabundo leviano e passageiro que viesse repousar um pouco na sua sombra, porque essa sombra lhe parecera amiga e boa, para dali partir, uma tarde, descuidado e frívolo, apenas deixando gravadas naquele tronco umas iniciais vadias, e levando, na alma e no corpo descansados, a cantiga livre daquela fronde musical, a tontura forte do cheiro daquelas flores e o gozo longo do gosto daquelas frutas...

É isso, só isso – e essa glória me basta – o que explica a minha passagem por aqui, sob esta árvore.

* * *

Esta árvore...

Muda que veio, por ondas quentes, sob ventos casuais, em caravelas sonhadoras, de uma árvore cantante e nobre, de além dos mares. Árvore heráldica. Árvore genealógica da nossa poesia.

Filha de reis, brotara na Provença de há dez séculos, entre oliveiras e laranjeiras e amoreiras e toda abraçada das vinhas pejadas do sul do Loire. Do seu lenho aristocrático, sensível e vibrátil cortaram-se lâminas secas e acústicas que se vergaram, finas, para o bojo gemente da "mandore", ou se enrolaram, ásperas, para a roda rangente da "vielle". E da "vielle" e da "mandore" poetas-reis, poetas-barões, poetas-senhores, poetas-cavaleiros tiraram o ai langoroso das "aubades'", ou o riso fino das "sirventes". Era o natal da canção. Era Guillaume de Poitiers dizendo à sua terra, a caminho da Palestina, o seu cortado e rouco "Chant d'Adieu"; Ricardo Coração de Leão pedindo, com Blondel, do torreão onde estão cativos, o seu resgate, na lamentação cavalheiresca de uma "rotrouenge"; Guy, castelão de Coucy, poeta-cruzado, chorando a sua "dame, compagne et amie", que ficava em França; Jean de Brienne, rei de Jerusalém e imperador de Constantinopla, conquistando, numa "pastourelle", uma "pastoure"; era Bertram de Born, senhor de Hautefort, no Périgord; Rambaut III d'Orange, Bernard de Ventadour, Conon de Béthune, Arnaut de Mareuil... Eram todos aqueles grandes gentis-homens de almas bruscas e nomes sombrios que, entre as pedras sombrias e bruscas dos "manoirs" da linda França, sabiam "la gaye science", e aí ficavam, pelas primaveras inteiras, até o primeiro cair das folhas, a "tourner gentiment des vers" na "langue d'oc" de tambor dos "troubadours"...

* * *

Desceu daí, dessa Provença capitosa, do cheiro de amor das suas flores de laranjeira, do sabor aperitivo das suas olivas, do beijo de boca pintada das suas amoras quentes, do mosto fresco das suas uvas acres pisadas nas tinas...; desceu daí uma fina e perfurante raiz da árvore sonora e alastrou-se, estirou-se, subterrânea, longa, verrumante, furando a rocha funda dos Pireneus, varando as terras, eriçadas de Espanha, para rebentar o solo simples e laborioso da Galiza e aí respirar, tomar fôlego e subir no ar em planta nova e forte.

A gleba era boa. Adubada generosamente de sangues invasores derramados em lutas escuras, aí vicejava uma língua abundante, compósita, variegada e versátil; à policromia, à flexibilidade, à inquietude, ao bulício, à vivacidade imitativa do latim juntara-se a aspereza de tropel das línguas germânicas despejadas do Norte brumoso em hordas de vândalos, suevos e alanos, que

ruem, ruivos, bruscos, brutos, esporeando ancas, entre estrépitos bárbaros de corcéis sem brida, brandir de montantes brunidos, roçar rústico de adagas e toques roucos de toscas buzinas; e juntara-se também a languidez cantante da modulada algaravia mourisca, cheia de estalidos de almenaras, tatalar de estandartes nas albarrãs das alcáçovas, bandurras e arrabis tangidos sobre alcatifas e alfombras, nos pátios coloridos de pavões, alfaias, esmaltes, azulejos, e cheirosos de sândalo, cânfora, almíscar, rosas, granadas...

Ora, um lirismo próprio, independente, original, já aí cantava pelo ritmo mais velho dessa língua, pela monotonia plangente e repetida do verso "paralelístico", que em Espanha se chamou "cossante": cantava "solo ramo verde florido, solo verde florido ramo"; e cantava as "ondas do mar salido" e as "ondas do mar levado"... Cantava... Era a Galiza. Era a Arcádia Católica: terra de romarias e lavras, com avelaneiras, estorninhos, pastoras louçanas, verdes pinos, ribeiras, bodas, hermanas, madres e amigos... Cantava... Ia cantando sozinha, planta agreste de serras, as suas serranilhas soluçadas de alalalas, quando pelo seu caule se enroscou a árvore moça e aclimada de Provença. E, juntas e trançadas, cresceram no céu pastoril. E, na voz e na sombra da árvore dupla, começou a bailar o ritmo novo, estrangeiro dos "troubadours".

Já então reinava, metrificando a vida, a corte poética d'El Rei Dom Dinis. A lei era a poesia. A canção era a fala do trono... Mas o Rei Trovador não invejava o provençal, porque sentia que "os proençais soem muy ben trobar" mas "non an tal coyta qual eu ey sen par"... Verdade! Dom Dinis descobria, definia e fundava, assim, intuitivamente, a poesia mais poética, o lirismo mais lírico, a melhor poesia e o maior lirismo de todas as línguas. Só mesmo a tristura dulçurosa de Portugal e a doçura triste do português seriam capazes de dar o que faltava – sentimento e alma – à bravura e gentileza da canção de Provença. E deram. E o endecassílabo limosino, fundido no "tono" e no "son" da "arte que mayor se chama", e cantado aí onde o lugar era amorável e a gente amorosa, ora encolheu-se todo da timidez dos que sabem viver de amor, ora todo se alargou da grandeza dos que sabem morrer de amor...

O lugar e a gente eram favoráveis, porque d'amores era a terra, e de velidas e todalas de muy bon parecer... E porque havia por toda parte, pastor's que cantan en as fontanas frias cantares que tuan, Deus mi perdom, que queiman candeas en as romarias e van por amigo fazer oraçom... E porque se

ouviu, um dia, en o leer, um cantar que das barcas vinha que iam para o mar. Cantar que chorava, poys que o partyr e o ficar sam males de igual trestura, ca o coydar e o sospyrar sam dambos desaventura... E foi cantando... E eis senão quando as naves, qual se esse canto a voz dos ventos fosse, ou fosse a voz das ondas tão mudáveis, ou de enganosas ninfas a voz doce, asas abriram no ar quais alvas aves, e o mar sumisso ante elas ajoelhou-se. E de uma à rija proa alguém seguia, sobre as ondas curvado, que dizia: – A terra em tal maneira é graciosa e é toda a praia chã e tão formosa e o arvoredo é tão muito, tão diverso de fruito, e os homens e as mulheres, quartejados de cores, tão gentis e tão curados, com seus corpos apenas asetados de penas como São Sebastião; e as aves de tão vária casta são; tamanha é a terra e de muito bons ares, tantas as águas, tantos os manjares, tanta a gente, que para o bem contar fora mister usar mais palavras que as ondas têm de bolhas, de astros o céu, as árvores de folhas, de areias estas praias, de lamentos e ais o cantar guaiado destes ventos...

* * *

Essa terra era este Brasil.

E assim foi que, nas quilhas dançantes das naves descobridoras, chegou à terra pura e nova um galho – o melhor – da árvore melodiosa. E aqui plantou-se. E aqui arraigou-se.

Por muito tempo – por três séculos – pareceu, porém, seca e morta a muda importada. Em torno do seu tronco triste praguejaram senhores brancos, grosseiros, armados, mandões, tomando conta de tudo, assaltando, saqueando, incendiando, derrubando; foragidos, degredados, expatriados, deportados, condenados a galés, transformando em alforria desregrada o que era castigo de crimes... Acorrentado ao seu tronco triste, gemeu de poracé o índio verde, enquanto em volta todas as liberdades riam como guizos: o quiriri chiava fino nas caatingas, e as pororocas borbulhavam, e Boitu ululava no mato, e havia, entre folhas, trilos de sabiá, de curió, de araquá, de sanhaçu, de juriti, de tapiranga, de inhambu, e miados de onças nas clareiras, e a voz distante e úmida e surda das cachoeiras... Crucificado no seu tronco triste, o negro bronco, descadeirado, gorila torto, macambúzio, trombudo, mandrião, fujão, fungou de calundu do banzé modorrento das senzalas, da cambada buzuntada dos mocambos, da bagunça esmolambada dos quilombos...

Num meio como esse, que os homens irreverentes e cobiçosos tornaram corrupto e corruptor, não podia mesmo viver quem nascera filha de reis. Que princesa saberia existir numa "Cour des Miracles"?... Por isso a pequena planta ofendida toda se retraiu, tímida e sensitiva, dentro da sua própria delicadeza. E por muito tempo – três séculos – pareceu seca e morta a muda importada da grande árvore.

Era preciso que uma brisa solta e higiênica esvoaçasse por ali. Era preciso um pouco de oxigênio naquela atmosfera impura. Era preciso arejar a estufa fechada. Era preciso o Romantismo, o nosso Romantismo, o duplo Romantismo brasileiro: essa coincidência de duas emancipações, essa libertação político-literária, essa agressão artística e patriótica, que fez uma literatura e fez uma Constituição. Era preciso Pátria. Era preciso...

* * *

...Era preciso Gonçalves Dias.

Esse podia ser a vida do arbusto que parecia seco e morto. Porque nas suas veias estava consumado, pelo rito amoroso da mestiçagem, o milagre da raça. Ele já era o Brasil. E, pelo caule raquítico da planta, as suas veias desceram, finíssimas, estriadas, por todas as nervuras, por todas as fibras do fuste, da cortiça ao alburno, do alburno ao cerne, do cerne à medula; e foram, na terra, trama tênue e trêmula de radículas ínfimas, contorção torva, tortura torta de raízes grossas... Desceram, para que por elas pudesse infiltrar-se e subir, por capilaridade, a seiva nova, o sangue virgem, o suor verde da terra. E subiu essa seiva, subiu esse sangue, subiu esse suor. E a árvore elevou-se toda, ascensional e altiva; e desdobrou no céu, como os dedos de uma grande mão que abençoa, a galharia curva; e toda se arrepiou do verde tenro dos rebentos; e espirrou e espalmou um repuxo esplêndido de esmeraldas polidas sob o sol...

E a árvore começou a cantar, então, o nosso ritmo primeiro. Cantou, no assovio dos ventos sedosos que passam nas folhas moventes e frescas, a igara que voga na fuga dos rios; a voz da Mãe d'Água nas lisas correntes que lavam e levam seus finos cabelos; a flecha que foge; Tupã nos trovões; os cantos dos Piagas; o uivar de Anhangá nas noites de lua, por selvas e praias... E cantou a cantiga guerreira de janúbias, borés, maracás; e dançou o seu guau emplumado – kanitar, arasoya, enduape – pelas tabas sagradas, em torno dos

Y-Juca-Piramas atados pela embira da vil muçurana; e cantou os tacapes tupis; o cauim que referve na argila; o Gigante de Pedra dormindo; e cantou o seu canto de morte... Manitôs, que prodígios cantou!

*

Mas o vento romântico, que assim fez tanto e tanto cantar a árvore, dedilhando-lhe os galhos como cordas e batendo-lhe as folhas como teclas; o sopro impulsivo do Romantismo estacou, súbito, no ar. E um nimbo oco de silêncio e quietude emborcou-se, em redoma, sobre a planta maravilhada. Uma atmosfera de milagre pairou, então, religiosa e clara, em torno dela. Um hálito vaporoso de metamorfose espiritualizou-a toda, pálido e sagrado. Qualquer coisa divina ia operar-se ali. E no pasmo parado da terra foi apontando, e apontou um pouco, foi-se entreabrindo, e entreabriu-se mais, foi-se escancarando, e escancarou-se toda, loucamente, triunfalmente, a floração.

Flores e flores. Tontura de cor; doidice de perfume. A primavera. Olavo Bilac.

Parnasianismo? Mas, como é possível insensibilidade no Brasil?

Ora, Bilac fez, para a forma brasileira, uma fôrma: a do seu coração. Ele foi todo o nosso amor: a flor reprodutora da árvore milagrosa. E tudo, em volta – os homens e os bichos na terra; as estrelas e as aves no céu – parou, para sentir a alucinação das cores e a palpitação dos perfumes da florada mágica. E, nessa embriaguez afrodisíaca, tudo da terra e tudo do céu foi, para mais e melhor amar, tomando a forma humana, que é a forma divina do amor, num antropomorfismo sexual, lascivo, ofegante, lânguido, desfalecido... Tudo, ao magnetismo excitante dessas cores e desses perfumes, foi ficando de carne viva e quente; foi ascendendo de uma chama estranha os seus sentidos: foi olhando com delírio, ouvindo com gula, provando com beijos, tocando com luxúria, aspirando com espasmo, humanamente... A terra., morna, suada e palpitante, era toda um só leito de um só amor...

Então, o índio guerreiro de Gonçalves Dias, envelhecido num Tapir, começou a sentir

o rumor do noivado estremecendo a mata,
sob o plácido olhar das estrelas de prata...

Tudo é gente, em derredor. E tudo ama. E tudo é amor. A Via Láctea debruça-se no céu, sobre a árvore florida e namorada, o olhar celeste para o seu baixando. E na floresta secular, sombria, o sol do amor, que não entrava outrora, entra doirando a areia dos caminhos. As estrelas conversam com os homens. Como um amante aos raios de um olhar, todo colado à terra enorme, o rio dorme aos raios de prata do luar. A névoa é toda um só rumor vibrante de atritos longos e de beijos quentes. Pelos jardins há falas misteriosas. A luz é um beijo longo; o vento é um choro... Arde uma sarça – e no ar o fumo toma formas e gestos de mulheres nuas, alexandrinamente portentosas: é Frinéia, exibindo ao Aréopago surpreso o triunfo imortal da carne e da beleza; são rainhas tentando santos na Tebaida; é Satânia, na alcova quente e perfumada; é Laís ante a cisma fria de Xenocrates, que o envolve, e enlaça, e prende, e a aperta loucamente... Agora, num gemido, uma alma inquieta passa: e há nas vozes da terra um desespero mudo, há palavras de fé que nunca foram ditas, há confissões de amor que morrem na garganta... A Pátria é uma mulher: é a namorada verde, que mostra ao bandeirante, entre as selvas dormida, o mundo por nascer que trazia no seio... Sobre a árvore amorosa, enfim, desce uma tarde; a última tarde dessa primavera. E tudo é mais amor sob o adeus dessa tarde. Há mais amor à língua que falamos, pelo viço que tem e pelo aroma de virgens selvas e de oceano largo; e porque em sua música ela encerra todo o feitiço do pecado humano. E há um vale sobre o qual almas de sinos expiram longamente pela bruma; e uma montanha que é feliz por ser última a receber o adeus do dia, primeira a ter a bênção das estrelas; e há rios que soluçam a ansiedade de todos os que morrem de esperança, de todos os que vivem de saudade; e há estrelas que caminham como ovelhas; nuvens de arquiteturas imprevistas, árvores que amam e que gesticulam à esperança e ao mistério do horizonte...

Gesticulam... Gesticulam... E porque é tarde assim, e porque uma sombra má, a sombra de uma noite sem fim, já se insinua sobre a terra; antes que o seu abraço negro possa sorver toda a cor de amor e todo o perfume de amor das suas flores, a árvore cantante gesticula, braceja, sacode doidamente, alucinadamente a fronde toda; e, num choro aéreo e leve de pétalas soltas, de cores volantes e de aromas livres, deixa sair sobre a carne moça do seu chão todas as suas flores para glorificar tudo que amou na terra!

* * *

Agora, é outono na árvore milagrosa. Ela se completa. Ela chega ao seu termo. Ela define a sua finalidade. Da seiva ascensional solidificada em tronco e rama, que era todo o ritmo elevado da terra, e da floração embriagadora borrifada em cores e perfumes, que era todo o lirismo sensual da terra, vai resultar a frutificação substanciosa empolhada em alimento e doçura, que será toda a idéia madura da terra. Vai afirmar-se, formada, íntegra, total, a poesia brasileira. À música do Brasil e ao sentimento do Brasil vai juntar-se o pensamento do Brasil. Depois de Gonçalves Dias e de Olavo Bilac, vai vir Amadeu Amaral.

Começa a pesar sobre a árvore adulta uma serena majestade. E ela inclina-se um pouco e fica imóvel e concentrada, como uma cabeça que medita. Globos verdes, polpudos, borbulham, pululam na copa, entre as folhas; bolhas sólidas espocam e empolam a pele mole dos galhos. Os frutos! São alguns, são muitos, são tantos, são demais. A árvore é toda um só fruto...

Amadeu... Um só fruto, feito só de uma substância, de uma só doçura, para um destino só. Ao alcance de toda mão. E quem o colhia e quem o provava sentia logo, entre os dedos e entre os lábios, um como novelo que fosse feito de fios de mel e todo se desenrolasse, derramando-se todo, assim suave e meigo, delicado e tímido, envolvente e duradouro...

Amadeu... Parece que o sinto, vivo, neste instante, aqui, perto de mim. Alto e calmo. Alto como uma aspiração para o céu. Calmo como uma conformação com o mundo. Seus movimentos têm uma moleza lenta de carícia. Há pureza e inteligência e resignação no seu perfil certo de águia prisioneira. Pelos seus olhos azuis, firmes e vagarosos, rondam vôos de pensamentos brancos, como asas soltas na manhã de um céu. Fala: e é como se estivesse dizendo uma prece. A sua voz é um fio moroso e baixo de água límpida. Não bate, não estala: flui, fleumática, paciente, alimentícia como o sumo fácil de uma fruta tropical.

Vejo-o e escuto-o ainda, tal como o escutara e vira, uma noite, há quatorze anos. Ele pousava a mão amicíssima no meu ombro e contava. Contava-me um caso singelo e tranqüilo, que lhe acontecera, havia dias. Andara por aí, uns meses, tratando de tudo, tratando de todos, menos de si mesmo. Tinha os cabelos crescidos desordenadamente, exageradamente. Era preciso cortá-los, civilizá-los. E Amadeu entrou num salão qualquer de um barbeiro qualquer

de bairro. E todo se entregou, esquecidamente, à leitura de um jornal e à fúria do cabeleireiro. O trabalho deste artista foi longo e completo. Cortou, desbastou, raspou, acertou, escovou, penteou à vontade. A navalha e a tesoura tagarela de Fígaro fazem um dueto com o silêncio e a abstração de Almaviva... E Fígaro, afinal, coloca um espelho-de-mão atrás da nuca renovada do freguês.

– Então, que tal, seu doutor?

Amadeu tem um susto. Volta ao mundo, isto é, ao espelho. Olha-se ligeiramente e aplaude com um gesto leve de cabeça. Então, o barbeirinho ladino, extasiado ante a própria obra, sedento de aplausos, exclama, impetuoso, exaltado, numa atitude de ópera:

– Agora, sim! Antes, o senhor até parecia um poeta!

Parecia um poeta! É possível que Amadeu tivesse, por um instante e aos olhos de um barbeiro, parecido um poeta. Foi um momento só e para um só homem. Passou.

Ora, Amadeu foi justamente o poeta que nunca "pareceu" um poeta. Porque ele "foi" um poeta. A sua vida e a sua obra dizem isso. Numa e noutra nunca houve cabotinismo, nem coube nunca a maldade. Há poetas (poetas?) de cabelos curtíssimos e que, entretanto, por mais que se mostrem tosquiados, hão de, sempre e somente, "parecer" poetas. Eles têm cabeleiras na alma, têm melenas na inteligência, têm gaforinhas no caráter. Sob essas comas insondáveis morreu sufocado o pouco que podia haver de bom numa natureza humana; e, na sua espessura, parasitas inconfessáveis vicejam e proliferam. Não são poetas, porque não são bons. E não pode haver verdadeira poesia onde não há bondade. Porque a bondade é a forma inteligente da beleza, e a beleza é todo o único material de todo puro artista.

Bondade! Amadeu foi o bom por excelência. Da sua vida de resignação, como da sua obra de pensamento, que é o fruto opimo e sadio da grande árvore da poesia brasileira, escorre, constantemente e para todos e para tudo e nutritivo e dulcíssimo, "the milk of human kindness". Não se pode logicamente separar a sua vida da sua obra, isto é, a causa do efeito. Uma e outra são coerentes, justapostas, adaptadas, exatas, iguais. Uma e outra são uma só e longa bondade. Ler e sentir os versos serenos e puros de Amadeu é ver e provar a sua existência mansa e branda. Eu abro os seus livros como se abrisse os seus dias. Porque são um diário íntimo, são uma autêntica autobiografia.

Leio. Vejo.

Há recolhimento e quietude de outono sob a árvore milagrosa, em cuja sombra estou pensando e sentindo, um instante. O grande fruto maduro e fácil solta-se, reto, do galho alto, e vai varando, num roçar de sedas rangentes, a folhagem farfalhante, e vem tombar, calmo, a meus pés, entre relvas neutras. Toco-o. Feriram-lhe a polpa sensitiva os espinhos bruscos de umas urzes. *Urzes...* Mas esse contacto de pele ferida é bom, porque é como, numa vida alheia, o contacto de outra vida dolorida, sofrida sozinha, sangrando na sombra, morrendo em silêncio. E essa carícia toda triste fala-me da existência muito interior de um

monge vagando em corredor escuro,
alheio aos ecos da comunidade,

que pára, às vezes, para ouvir uma ave

que seus arrulhos amorosos canta
no beiral de uma pobre casa antiga;

que fica desejando ver a vida deslizar pelo céu como a fumaça

que se eleva em bulcões pelo ar sereno afora,
e mansamente, e pouco a pouco se adelgaça;

que estaca, às vezes, numa volta do caminho; para olhar como ao longe, em sua vida,

além, além, alveja, alegre e mansa,
a aldeiola nativa da esperança;

que indiferente vai, pois sabe que, no mundo,

cada sorriso de alegria pura
promete mil soluços de tristeza...

Aspiro longamente o fruto suave. Há frescura de céu no seu cheiro saudável: frescura que ele traz daquelas névoas que bailaram na altura e todo o envolvem ainda, aqui em baixo. *Névoas...* É o aroma discreto que paira nas coisas que cercam as vidas caladas: aquelas vidas foscas de quem guardou da terra, como as conchas guardam do mar,

um remoto fragor de vagas e de ventos;

de quem apenas foi, na infeliz e confusa

escuridão do mundo, o paradigma
da Renúncia e da Paz, uma sombra e um enigma
perpassando sem ruído a caminho do Além;

de quem deixou

na terra uma reminiscência,
a de alguém que assistiu às lutas da existência,
triste e só, sem fazer nenhum mal a ninguém;

de quem rolou como os arroios que

lá se vão num rolar manso e tristonho;
cumprindo seu destino sem clamores
e sonhando consigo um grande sonho;

de quem amou a solidão porque ela

É um bem que nada custa. É um bem que jamais passa.
Goza-o quem o quiser, quando quiser;
e por mais que se goze e que nos satisfaça,
ninguém no-lo maldiz... Que mais se quer?;

de quem bem sabe a glória de ser bom:

glória que, como as outras, não encerra
o fulgor que envaidece e que fascina,
mas cuja luz é a única na terra
que parece divina;

e de quem sabe que a ilusão é assim:

antes vê-la fugir com uma luz perdida,
que possuí-la na mão como um pouco de lama...

Provo, agora, o fruto saboroso. Seu gosto é uma dulcíssima carícia. Nem há acidez no seu sumo, nem azedume entre os seus gomos. Tudo é brandura. Brandura de espumas: aquela brandura branca e macia que alisa o contorno na onda brava, que veste de noiva a rocha brusca. *Espumas*. "Este é o livro do poeta. Porque este é o evangelho da bondade. Porque este é o poema da bem-aventurança. Porque este é o cântico da sabedoria. Ele verte, por todos os seus poros, uma mesma, constante filosofia plácida e carinhosa de resignação, de tolerância, de consolo, de perdão, de sacrifício, de estoicismo, de abnegação, de renúncia. É quase budista na sua quietude, no seu desprendimento, na sua piedade. É o artista que confessa, com enternecedora humildade:

Eu não construo: canto... E entre todas as glórias
basta-me a de espelhar, em poemas incolores,
o perpétuo esplendor das coisas transitórias.

É o sonhador que quer que o sonho apenas possa

pairar na luz por um momento,
ser a nuvem que arrasta o olhar perdido – embora
suceda a cada esboço um desmoronamento!

É o apóstolo que diz ao discípulo moço:

Basta crer na Beleza! E basta a Mocidade...
[...]
Ama o que é forte e puro, odeia o que é perverso,
o que é baixo, o que é vil, tudo o que anda de rastros.
[...]
Que importa que o final, de todo humano esforço
seja um enigma, além, e, inda mais longe, nada?
[...]
E que importa, afinal? Afronta essa incerteza,
afronta a escuridão, glorificando a vida
no minuto de luz que arde, às vezes, num gesto!

É o crente, que parece a palmeira entre os raios:

solitário, na turba imensa que o rodeia,
erguendo para o céu, no doce arfar das palmas,
o anseio ascensional de uma fé que não verga.

É o sábio que repreende a tristeza dos fúteis:

Só vós, moços, chorais à vida que alvorece!
Só vós pedis à vida o que ela dar não pode
e só vós recusais os bens que ela oferece!

É, humanamente, o homem que sabe que, entre os homens,

A glória de durar é uma longa miséria...
[...]
O sonho de beleza, esse estado de graça,
não se fixa jamais: move-se como a vida...
A obra viva e perfeita é a que não foi concluída!

É aquele amigo em quem constantemente o amigo

procura a mão serena que o procura:
mão de que o afago se derrama,
como de um galho se desprende a sombra...

É o poeta que assim fala a um poeta improdutivo:

Sábio, soubeste erguer no silêncio um asilo,
claustro branco onde canta o sonho azul do poeta,
como a fonte que flui, sonora, no ar tranqüilo,
a encher perenemente a piscina repleta...

É o justo, é o puro, é o bom que pensa:

qualquer prêmio
macularia o alvor do sonho que me leva...

É o humilde que pergunta, entre as glórias do mundo:

A onda humana avançou, cresceu, ergueu-te numa
investida triunfal; depois, recuou desfeita...
Como há de a onda parar para que brilhe a espuma?

É o lutador, que se consola, consolando:

Tudo quanto me alenta o esforço é o próprio esforço...
[...]
O esforço é bom quando nos ergue e nos arrasta
no turbilhão da vida e do sonho! E isso basta.

Que me fica do fruto, agora, para a saudade dos meus sentidos? Uma semente casta e promissora e viva. Uma pérola na concha da minha mão. Devo lançá-la ao chão fechado e avaro? Devo guardá-la entre *os* dedos egoístas? E Amadeu me dá a sua derradeira lição de bondade. A sua voz vem tímida, de longe, como a luz velada, opaca, íntima, vagarosa de uma lâmpada antiga. De uma *Lâmpada Antiga*... Vem falar-me pelos poucos versos de um

soneto: aquele "em que se considera a vida semelhante à lavra da terra", e que eu acho central na obra do poeta, porque é central na sua vida, Em torno dessas quatorze linhas parece ter-se formado e gravitado e, afinal, concentrado a obra toda de Amadeu, a vida inteira de Amadeu. Ele me diz:

A terra é dura, o sol é bravo; a geada
destruidora; aves más e más formigas
assolam tudo, e a planta acarinhada
mal resiste a essas forças inimigas.

Que importa! Lavra sempre. Não maldigas
a terra ingrata. Não maldigas nada.
Talvez um dia o preço das fadigas
brote do sulco da robusta enxada.

Mas, quanto mais a terra é ingrata, e bravo
o sol e as aves são cruéis, e o resto,
mais valor mostrarás em continuar.

Que é gentileza não viver escravo
de ganância, e plantar só pelo gesto
religioso e sereno de plantar!

* * *

Senhores,

Aqui está, derramando sombras sobre mim, a árvore encantada da poesia do Brasil. Está inteira, em toda a sua pujança vegetal, completada harmoniosamente, da raiz ao fruto: ela tem o ritmo de Gonçalves Dias por fronde, o lirismo de Olavo Bilac por flor, o pensamento de Amadeu Amaral por fruto. De nada mais e de ninguém mais ela precisa. Mas alguém ou alguma coisa dela podem precisar.

Não há de faltar, um dia, na sua trama folhuda, festas ariscas de pássaros que aí venham esconder o amor dos seus ninhos, ou cantar a cantiga alegre ou triste da sua vida, ou buscar, no alimento alto, a força ligeira das suas

asas... Nem hão de faltar lianas amorosas que a enlacem e protejam; ou parasitas péssimas que finjam existir, existindo apenas da existência estranha da árvore... Nem hão de faltar namorados que fiquem sentindo, na sua sombra, a exaltação dos seus sentidos: o contacto de veludo do tronco musgoso, a linguagem múltipla das folhas espertas, a cor doida das flores luminosas, o perfume desvairado das corolas fascinantes, o gosto profundo de beijo das frutas cor de sangue... Nem hão de faltar lenhadores cegos que tentem abatê-la; ela, porém, sem um só gemido do seu lenho, sacudirá apenas ao golpe rude a fronde tranqüila e, numa bênção de folhas, de flores e de frutos, cobrirá de brando perdão a ignorância bravia dos bárbaros...

A todos – tudo ela dará de si.

E a mim, Senhores, que me resta ser para ela? E ela, que me reserva?

Já que um acaso propício aqui me pôs, que há mais que eu possa desejar e conseguir, que hei de querer e alcançar aqui, nesta sombra amiga, senão a felicidade bem simples de ser o efêmero e frívolo que chegou para passar? Aquele que chega apenas pela alegria de chegar; e passa apenas pela glória de passar!

II

RESPOSTA DO SR. OLEGÁRIO MARIANO

SENHOR Guilherme de Almeida,

Quis o destino, – caprichoso pastor de almas –, que se cumprisse, vinte anos decorridos, o vaticínio de um poeta que vos augurou um dia, num surto de entusiasmo, um lugar aparte na história da literatura brasileira. É que os poetas, nos dias que correm, representam o mesmo papel dos profetas do judaísmo.

São Paulo atravessava por essa época um período de extrema crise literária. Poucos nomes nas ciências, nas artes e nas letras conseguiam impor-se à indiferença do meio hostil. Remanescentes de várias escolas debatiam-se na mais árdua e dolorosa das incertezas, tentando a escalada da glória prematura. Outros, mais descuidados e menos precavidos, contentavam-se com esbanjar às mancheias pelos grupos, na redação da *Cigarra*, ou nos cafés boêmios do Triângulo, a pilhéria embuçada no anonimato que, como uma seta ervada de ironia, voava de boca em boca, ferindo a este ou àquele pseudo-homem de letras. Era o abrolhar da semente que Emílio de Meneses deixara cair no solo fértil de algumas inteligências de São Paulo, preparadas, sem dúvida, para mais altos torneios de galanteria intelectual. Ele que fizera da cidade tranqüila um palco de exibições desopilantes, criara no ânimo da geração inexperiente a volúpia inédita do *humour* manipulado a seu jeito, torcendo destarte o destino de todos aqueles que se deixaram levar pelos seus encantos de humorista de gênio. Daí por diante, no terreno literário, terçar as armas consistia em molhar a pena no veneno mais cruel e ferir com ela o adversário indefeso, que

aparava o golpe sorrindo, como a bendizer a fonte de onde provinha a inteligência da perfídia. De qualquer modo, nunca amaldiçoarei a irreverência do grande poeta dos "Três olhares de Maria", nem o ambiente por ele criado, porque lhe devo o primeiro contacto convosco e com a vossa arte, Sr. Guilherme de Almeida.

Éreis, se me não engano, uma das poucas ovelhas tresmalhadas, daquele armento agitado.

De índole diversa, amando acima de tudo a beleza da vida pura, representáveis, sem louvor, o único romântico que vinha, no momento, realizando a obra que se me afigurava um evangelho de lirismo em meio à descoordenada balbúrdia ambiente. Fazíeis ressurgir diante da displicência dos homens a poesia lírica que encarnava o objeto da minha única preocupação na vida, essa poesia cujos motivos emergem da onda anônima, vindos não se sabe de onde e que entretanto representam ainda o patrimônio melhor que nos legou a nossa raça carcomida pela fatalidade étnica de três heranças mal aventuradas.

Começou então a agitar-se em torno de vós, numa inquietação de abelhas ávidas, o bando alvoroçado dos críticos da terra, de rude aspecto e péssima catadura, de escalpelo em punho, esmiuçando, procurando, retalhando... Não acreditavam em vós, Sr. Guilherme de Almeida, porque não havíeis trazido para a vida monótona da cidade da garoa os cabelos verdes de Baudelaire, nem a orquídea cenográfica de Oscar Wilde. Pobre de vós, que viestes sutilmente, com pés de lã, atravessando a filigrana da chuva paulista à feição dos que passam pela vida sem se aperceberem do que vai por ela. E a cidade que vos deu no sentimento da garoa a meia-tinta dos crepúsculos humanos, mal demorou os olhos sobre a vossa cabeça sonhadora, mal sorriu à vossa passagem, porque éreis apenas, na vossa adolescência tropical, um transeunte a mais na vida citadina.

Cidade tentacular, convulsionada pela ânsia trepidante de milhares e milhares de autômatos do trabalho, poucos momentos dispunha para dedicar à sombra passante de um poeta. Amastes, sem embargo, esta cidade e dela fizestes a moldura íntima onde se agitaram os aspectos panorâmicos da vossa vida. Dentro dela, criastes, à maneira de Murger, longe dos homens, numa atmosfera de mundos altos, a vossa boemia silenciosa e egoísta. Reter a mocidade como retivestes a vossa, é o segredo dos milagres divinos. Ensinastes o

amor a uma geração inteira, mas como vos não habituastes a sacrificar a beleza da idéia pela tortura da forma, só muitos anos depois vistes celebrada a glória que vos acenava e sorria. Acreditai que esse *laissez-aller* meu e vosso criou para nós ambos a lenda de poetas de vôo curto e vida efêmera. Não poderíamos, na opinião desses senhores truculentos, ter as honras de poetas à altura, por não havermos ainda descoberto os enigmas da ciência ou da filosofia. Mal sabiam eles que a restrição, as mais das vezes, adorna o aplauso.

A demonstração de que aquelas críticas mal humoradas vos não desnortearam o rumo artístico, é que continuastes a criar os mesmos poemas ungidos dessa sensibilidade que se comunica às almas e nelas se infiltra, abrindo claridades na imaginação e despertando reminiscências consoladoras. Éreis, repito, o único romântico que, conduzido pelo coração, continuava a obra dos seus irmãos mais velhos, sonhadores que viam na arte, como Vincent d'Indy, "o único meio de vida para a alma". Se por um lado os eternos mutiladores de ídolos descobriam deslizes e restrições na vossa obra, tivestes por outro lado o elogio unânime das multidões embaladas pela música enternecedora da vossa poesia – espécie de espelho de mil faces onde as almas sensíveis encontravam, a cada passo, ampliados pela força de uma imaginação criadora, os suspiros magoados, as vigílias intermináveis, as queixas sem remédio, as renúncias redentoras, os arrependimentos que chegam tarde e os desvarios que chegam cedo, toda essa escala cromática de sensações que vem alimentando através de séculos e séculos a história amorosa da humanidade.

Devemos a essa primeira floração do vosso espírito as páginas comovidas do pequeno poema "Nós", breviário de sofrimento sobre o qual, numa displicência de nababo, derramastes, em torrentes de lirismo, o sangue novo que hoje circula nas veias de todos os trovadores líricos do Brasil, desses que enfrentaram de peito aberto a avalanche parnasiana e conseguiram fazer com que predominasse como finalidade lógica de todas as escolas, – o eterno lirismo brasileiro. O lirismo que teve a sua origem na poesia imaginativa do nosso *folk-lore,* que criou raízes supersticiosas na crendice do povo, que floriu de lenda em lenda e frutificou de alma em alma, que pela boca ingênua de Casimiro chorou a saudade de uma raça espoliada, que pela voz das fontes humanizou as árvores, que pela magia das noites brasileiras ensinou às criatu-

ras de Deus o sofrimento extático que vem das coisas resignadas da terra, esse lirismo não podia desaparecer sem que com ele ruísse num fragor de frondes desmoronadas, de galhos retorcidos e ninhos estilhaçados, a estrutura da árvore a que aludistes no vosso formoso discurso, brotada em terras de além-mar, há dez séculos, entre oliveiras, laranjeiras e amoreiras.

Mercê desse lirismo, sentindo na vossa profissão de fé o mesmo ideal novelesco que tumultuava na minha imaginação febril, nunca mais deixei que vos afastásseis do meu caminho, procurando encurtar distâncias para acompanhar os passos que vos conduziam rumo da glória.

Tocados pela flama do mesmo idealismo, momentos houve em que me parecia sermos uma só personalidade desdobrada em duas, levando ambas pela vida a desgraçada missão imposta pelo destino de cantar como as cigarras para comover a impassibilidade das formigas. E as formigas acordaram envergonhadas de haverem passado tanto tempo adormecidas. Acordaram para sentir a vida nos seus aspectos inéditos e desconhecidos.

A ton ideal, ouvre ton âme,
Mets dans ton cœur beaucoup de ciel!

Todas as almas se escancararam para que entrasse a chuva de estrelas que os vossos poemas espargiam.

Com o correr dos dias, identificado com a alma do povo que vos acompanhava de mais perto, começastes a desfiar vosso rosário de contas de ouro: *A Dança das Horas*, *Messidor*, *Era uma Vez*, *Livro de Horas de Soror Dolorosa*, *Natalika*, *A Frauta que Eu Perdi*, *Encantamento*, *A Flor que Foi um Homem*, e *Simplicidade*.

Antes de iniciar a minha peregrinação romântica pelas páginas de alguns desses poemas, permiti que diga de vós o que de Verlaine disse Rodenbach: "Ele escreveu como se rezasse..." Era bem uma oração dita em voz de confidência aquilo que de vossa boca saía.

Compulsemos primeiro o breviário inicial da vossa vida, onde espalhastes, em sonetos líricos admiráveis, toda a seiva da vossa alma apenas desabrochada:

Eu não fui mais que um cético suicida
que passou pelo mundo indiferente,
a passos leves, esbanjando a vida,
prodigamente, perdulariamente,

– É um pobre moço! Um doido! Nem duvida
dessa mulher! – dizia toda a gente.
Mas eu passava de cabeça erguida
e te levava a vida de presente.

Dei-te quanto pediste. Ingênua e nua
minha alma toda ficou sendo outrora,
tua, só tua, unicamente tua.

Quis dar-te mais; tu nada mais quiseste!
Pelo bem que te fiz, padeço agora
a saudade do mal que me fizeste.

Mas não passou sem nuvem de tristeza
esse amor que era toda a tua vida,
em que eu tinha a existência resumida
e a viva chama de minh'alma, acesa.

Nem lemos sem vislumbre de incerteza
a página do amor lida e relida,
mas pouquíssimas vezes entendida,
sempre cheia de engano e de surpresa.

Não. Quantas vezes ocultei a minha
dor num sorriso! Quanta vez sentiste
parar, medroso, o coração de gelo!

– É que nossa alma às vezes adivinha
que perder um amor não é tão triste
como pensar que havemos de perdê-lo.

Estes dois sonetos bastariam para caracterizar um poeta. São verdadeiros retratos psicológicos. Mas continuemos a nossa jornada através da "dança das horas".

Frêmito de asas, vibração ligeira
de pés alvos e nus,
que dançam, tontos, como dança a poeira
numa réstia de luz...

São as horas que descem por um fio
de cabelo do sol,
e vivem num contínuo corrupio,
mais obedientes do que o girassol.

Dançando, as doze bailarinas tecem
a vida; e embora irmãs,
não se vêem, não se dão, não se parecem
as doze tecelãs.

E de mãos dadas, confundidas quase
no invisível sabbat,
elas são silenciosas como a gaze
ou farfalhantes como o tafetá.

Frágeis: têm a estrutura inconsistente
da teia imaterial,
que uma aranha teceu pacientemente
nos teares de um rosal.

E entre tules volantes, noite e dia,
o alado torvelim
vertiginosamente rodopia
numa elasticidade de Arlequim!

Vêm coroadas de rosas, num remoinho
cambiante de ouro em pó:
cada rosa que esconde o seu espinho,
dura um minuto só.

Sessenta rosas vivas como brasas,
traz cada uma: e, ao bater
da talagarça diáfana das asas,
põem-se as coroas a resplandecer...

À proporção que gira à minha frente
o bailado fugaz,
cada grinalda, vagarosamente,
aos poucos se desfaz.

E quando as doze bailarinas, feitas
de plumas, vão recuar,
levam as frontes claras e perfeitas,
circundadas de espinhos, a sangrar...

Assim, depois que a estranha sarabanda
na sombra se dilui,
penso, vendo o outro bando que circunda
em torno do que fui,

que há uma alma em cada gesto e em cada passo
das horas que se vão:
pois fica a sombra do seu véu no espaço,
fica o silêncio dos seus pés no chão!...

Não, não é o silêncio que fica da dança das horas, – o que perdura é a ressonância que os versos deixam à flor das almas.

Ouçamos agora o "Momento do Amor":

O relógio de mogno, antigo, grave, enorme,
dorme
na angústia silenciosa
dos imensos salões abandonados,
na alma dos Gobelins, na vida misteriosa
dos espelhos fanados...

Dorme parado e marca
uma hora do passado, uma hora velha, uma hora
de outrora...
E lembra-se da mão que abriu um dia, uma arca
de pau santo e tirara a peruca, os pantufos
e o vestido de tufos,
para o minuete
sobre a volúpia do tapete...

E recorda-se então da marquezinha empoada
afogada em cetins, espartilhada:
uma estatueta de faiança...

E do cravo de Holanda que rompera
os compassos de uma dança
que era um sonho de sons na tarde cor de cera...

E do galante fidalgo
que, apoiado ao bastão de porcelana,
num passo airoso de galgo,
leve como uma renda valenciana,
tomara docemente a mão medrosa e pura
da Marquesinha toda século XVIII,
e numa velha mesura,
com muito de cortês e algum tanto de afoito,
como se todos os sentidos,
aflorassem-lhe à boca num momento,

beijou-lhe os lábios distraídos
num beijo esplêndido e violento.

O relógio viu tudo...

E no velho silêncio de veludo
que a música rascante desse beijo
bruscamente eriçou,
tremeu, ciumento e mudo, à frente do cortejo
das horas: e parou.

Parou... E agora imóvel mas radiante,
vive marcando com saudade
o instante desse beijo, aquele instante
que ficou sendo uma serena eternidade.

Há corações que param no passado...
No seu silêncio sagrado
eles repetem agora
um silêncio de outrora...

É o silêncio que existe na furtiva,
na saudosa atitude
da boca que se entrega ou que se esquiva,
da mão que diz adeus ou que atira uma flor.
Porque há uma eternidade, há um céu que não ilude
no momento do amor.

Quantas vezes eu disse a mim mesmo a história galante deste poemeto que tanto me encantava! Ele faz pensar. Ele recorda ao poeta palaciano e fidalgo uma porção de pequenas cousas que não ocorrem a todos. Mas é preciso continuar a divina colheita no *Messidor*, do qual destaco o soneto alexandrino do pórtico que é, por exemplo, de uma perfeição de obra-prima:

Sob um signo propício e um céu de bom agouro
semeei. A messe aí está. Pensa agora um segundo
que não valem os grãos que há nesse campo de ouro
o que um só me custou das dores deste mundo!

Para amadurecer o Messidor vindouro,
quanta vez vi sangrar o chão rude e profundo;
e o céu chorar a chuva; e o sol paciente e louro
suando a vida, subir seu calvário fecundo!

Colhe agora! E se houver papoulas na áurea trama
dos feixes, pensa então nalguma primavera
que passou como passa uma mulher que se ama...

E leva-as em sinal dessa desconhecida
por quem o semeador semeia o grão que opera
dentro da terra morta, o milagre da vida!

E o milagre da vida se opera na vossa "Saudade", que é sem louvor a página mais sentida do pequeno escrínio que guarda os "últimos românticos" do *Messidor*:

Só –
para além da janela,
nem uma nuvem, nem uma folha amarela
manchando o dia de ouro em pó...
Mas aqui dentro quanta bruma,
quanta folha caindo, uma por uma,
dentro da vida de quem vive só!

Só – palavra fingida,
palavra inútil, pois quem sente
saudade nunca está sozinho, e a gente
tem saudade de tudo nesta vida...

De tudo! De uma espera
por uma tarde azul de Primavera;
de um silêncio, da música de um pé
cantando pela escada;
de um véu erguido, de uma boca abandonada,
de um divã, de um adeus, de uma lágrima até!

No entanto, no momento,
tudo isso passa
na asa do vento,
como um simples novelo de fumaça...

E é só depois de velho, uma tarde esquecida,
que a gente se surpreende a resmungar:
"Foi tudo o que vivi de toda a minha vida!"
E começa a chorar.

Como poderei conter agora a onda de emoção que cresce na minh'alma ao tomar nas mãos trêmulas a vossa "ânfora de argila" que Sóror Dolorosa me estende num gesto de boa Samaritana?

Está cheia demais minha ânfora de argila.
Transborda a essência: és pobre e eu posso reparti-la
contigo, ó tu que vens de tão longe e tão perto
passas de mim! É longo, e estéril o deserto...
Meu vinho é puro e toca os bordos do meu vaso:
antes que o beba o chão, peregrino do acaso,
chega-te e vem matar no bocal generoso
a eterna sede do teu cântaro poroso!
Enche-o e parte! Depois, olha atrás... e recorda!
Todo amor não é mais do que um "eu" que transborda.

Deveis compreender que o meu desejo seria ir desfiando, noite adentro, o vosso interminável colar de estrelas. Estou certo que daria aos que me ouvem um encantamento quase voluptuoso; mas o tempo alvoroçado

não espera. Se ele parasse, como parou no mostrador cansado daquele relógio de mogno, teríamos nesta sala, perpetuada em êxtase, a eternidade da vossa glória.

* * *

Um dia, desencadeado de norte a sul, um temporal violento como um bando de centauros desbocados, quebrou a tranqüilidade da vida mental dos povos. Vindo não se sabe de que paragens remotas, ameaçava arrastar na fúria a solidez secular de todas as cidadelas acadêmicas, de todos os monumentos arquitetônicos, de todos os templos e de todas as galerias de arte a que chamavam passadista. Reminiscências históricas, tradições de pátria e de família, velhas casas solarengas de antepassados, tudo seria arrastado no torvelinho diabólico para a destruição e para a morte, afim de que se alevantasse das ruínas sagradas dos templos, das academias, das casas solarengas, – a grande cidade, a cidade fabulosa do futuro.

O temporal, entretanto, não era tão feio como parecia. Operado o milagre do dilúvio, as águas desceram, as bátegas da chuva transformaram-se em estalactites cintilantes, abriu-se um grande arco-de-aliança no céu sem raias, e as nuvens que se contorciam agitadas, se transmudaram em bandeiras brancas como asas de pombas em revoada, sob as quais a alegria dos homens veio comungar com a alegria da terra farta de tanta flor e de tanto fruto. E como as chuvas fecundantes preparam as searas para melhores colheitas, irrompeu destarte num sopro de brasilidade, a floração magnífica de poetas que por aí andam aos pares, aos bandos, – apóstolos da escola creacionista, é verdade, – mas sempre poetas, semeando as suas idéias e acordando de qualquer modo o marasmo em que a vida de muitos deslizava.

Aflorando dessas correntes agitadas ao impulso de novos ritmos era pois natural que, a exemplo de alguns, atirásseis dos ombros a velha túnica de preconceitos que vínheis arrastando. Para quem não acredita em teorias estéticas predeterminadas, a arte de renovar-se é sempre digna de aplausos, principalmente quando se consegue, como vós, manter, através dela, o equilíbrio mental, a destreza elegante, a elevação de pensamento e a pureza de conceito. Poeta de raça, não traístes jamais a vossa profissão de fé. A vossa arte, malgrado o movimento que se operou nos meios intelectuais do país, parece não

haver sofrido nenhuma solução de continuidade. Que poderão, portanto, dizer de vós os negativistas sistemáticos, se os vossos poemas ágeis, flexíveis, elásticos, musicais, continuam a manter na corrente moderna as mesmas qualidades que sempre os singularizaram na antiga? Isto vem provar que o entrechoque das escolas não conseguiu contaminar a vossa fibra virginal de poeta autêntico. Aí estão, como exemplo, o "Meu" e a "Raça", poemas modernos de uma rara opulência de ritmos, onde um colorista admirável conseguiu fixar aspectos de uma realidade tão flagrante que temos, às vezes, a impressão de ver a natureza palpitar fisicamente dentro deles.

Vejamos a formosura desta alvorada do poema "Meu":

Imobilidade alva da alvorada branca
toda enfeitada de miçanga.
As folhas estão paradas nos ramos quietos
para refletir ainda as últimas estrelas;
na grama as gotas de água são olhos abertos
para elas porque a terra ainda quer vê-las.
E esse fio teso prateado
que de um galho uma aranha deixou escapar
parece um fio de chuva paralisado
no ar.

Que pintor impressionista conseguiria realizar, em pinceladas breves, um quadro tão perfeito?

E a *hora propícia*? Que dizer do bucolismo penetrante, da fina sensibilidade que ressalta dessa pequena "impressão" colorida como a asa de um inseto?

Hora de se pensar em voz alta
no terraço das trepadeiras.
A claridade quase morta
esmalta
os vidros da janela e borda
de fios de ouro o leque das palmeiras.

Hora em que não há mais distâncias; hora
em que a primeira estrela vem ouvir na sombra
o canto verde da primeira rã;
em que cada palavra tomba
e se desenrola
silenciosa como um novelo de lã.

Parece que a feitura desses poemas modernos já não deflue naquele *laissez-aller* de que falei em começo. Agora é o artista lapidário que trabalha os diamantes para que saiam de suas mãos cuidadosamente perfeitos. Não sei, entretanto, se serão mais lindos que os primeiros:

Nós. Donatários? Caciques?
Zumbis? – Qual! Poetas e poetas
e poetas e poetas!

Ritmo do sangue, ritmo da terra,
ritmo da vida: do sangue que corre
nos corpos tostados e sãos;

dos rios que correm na carne da terra; da
vida que corre abrindo caminhos – vergões
na prole do chão...

Ritmos brancos, ritmos verdes, ritmos pretos
– soluço de galés
estertor nas golilhas
arquejos sob cangas...

Ritmos de vozes longínquas
– fados namorados
borés ferozes
umbigadas bambas...

Ritmos de cores
– nas naves brazonadas
nas armas emprumadas
nas listas das tangas...

Ritmos de danças suadas
em torno do engenho
em torno da maloca
em torno do tronco...

Ritmos de linhas torturadas
– mastaréus espigados
tatuagens selvagens
ângulos broncos...

Ritmos frouxos de luzes
– tochas de procissão
fosforescência na lagoa
fogueiras sob morcegos...

Ritmos curvos de tristeza
– saudade dos brancos
nostalgia dos verdes
banzo dos negros...

Ritmos de coração batendo
– corações navegadores
corações idólatras
corações feiticeiros...

Ritmos amazônicos de águas caudalosas
com caravelas
pirogas
navios-negreiros...

Ritmos de ventos livres
que estufaram velas
balançaram redes
chicotearam lombos...

Ritmos paralíticos do silêncio imóvel
estendido sobre
– capitanias
tabas
quilombos...

Ritmos de sombras longas
– ajoelhadas nas proas
trepadas nas árvores
acocoradas nas trevas desertas...

Donatários? Caciques? Zambis?
– Qual!

Poetas e poetas e poetas e poetas!

Diante do vosso ativo literário tão pobremente por mim evocado, compreendeis o motivo por que os vossos companheiros de hoje, atendendo ao apelo da vossa inteligência, vos acolheram de braços abertos, logo à primeira investida. É que sentimos que uma figura de rara projeção nas letras, como a vossa, precisava repousar numa moldura digna dela nesta Casa, nesta casa dos nossos maiores, tão asseteada por uns, tão caluniada por outros e tão desejada por todos.

* * *

A poltrona que vindes ocupar na Academia Brasileira – bem o sabeis – tem uma luminosa significação em meio às outras. Assistiram-na três expressões eternas da poesia no Brasil, três individualidades diferentes, tendo cada qual o destino dos rios históricos da nossa terra, que sob a bênção do

Cruzeiro caminham, ora tranqüilos, ora inquietos, ora obscuros, ora decantados, levando para destinos remotos a esperança de uma terra dadivosa que oferece o ventre fecundo à lâmina das charruas e das enxadas, com a mesma ternura com que desdobra as noites floridas de estrelas sobre as cabeças dos seus poetas, semeadores que são da beleza que tanto a dignifica e exalta.

Gonçalves Dias era o Amazonas tumultuário e violento que ao mesmo passo que levava de roldão troncos de árvores seculares e solapava barreiras intransponíveis, embalava os berços verdes onde dormem, na solidão palustre dos igarapés, as vitórias-régias. Este rio cintado de florestas virgens, fugido ao cativeiro das margens, no ímpeto da voragem, abriu na terra virgem do Brasil, entre muitos dois afluentes harmoniosos – Olavo Bilac e Amadeu Amaral. O primeiro, escaldado pelo sol dos trópicos, arremeteu em contorções de potro bravio e ganhou carreira mata adentro, desvirginando florestas, movendo engenhos, semeando lavouras, enquanto fixava no espelho móvel das águas as pirogas tapuias, o sorriso das iaras "de cabeleira de ouro e corpo frio", as amazonas "na cavalgada esplendida da glória", as estrelas que são "a força e a afirmação da vida", e o eco das lendas maravilhosas que ouviu em noites batidas de lua, contadas na narrativa lírica de algum *tuxaua* remanescente. A todos esses fenômenos de caráter sentimental devemos o seu grande, o seu arraigado amor, o seu amor quase carnal à terra do Brasil. O que nele se afigura êxtase e deslumbramento é apenas febre de sensualismo latente. Se uma árvore se debruça pensativa sobre o espelho das águas do grande rio, a refração transfigura-o, porque a árvore refletida deixa de ser árvore para ser mulher ao primeiro frêmito do seu contacto. E com que emoliente volúpia a água envolve a sombra da árvore! e com que saudade desce, depois, cantando, a corrente, na evocação daquela que lhe deu, a despeito de ser sombra, a falaciosa ilusão de ser humana. Foi sobre as águas desse rio miraculoso que gerações e gerações sucessivas se debruçaram, procurando beber no segredo das correntes agitadas a melodia desconhecida que tão fundo penetrou a alma humana. E a voz das águas contou, numa devoção enternecida, às gerações que se debruçaram, a epopéia bandeirante de Fernão Dias Paes Leme, ora fazendo-a reboar no "tropel dos índios e das feras", ora estimulando-a a "cantar na voz dos sinos, nas charruas, no esto da multidão, no tumultuar das ruas, no clamor do trabalho e nos hinos da paz".

E as gerações atônitas e maravilhadas aprenderam na voz das águas a amar acima de tudo nesta vida – a terra que lhes deu o orgulho de viver!

O segundo era um arroio humilde quando lhe acordaram no seio ânsias de independência e liberdade. Tributário do grande rio de onde lhe veio a volúpia consciente da beleza das cousas, reteve pouco tempo o seu filete de água, até que um dia, integrado na força propulsora das suas correntezas, antevendo nos horizontes largos a alvorada do Brasil que dealbava para o mundo, engrossou o dorso em espreguiçamentos de espumas, quebrou as algemas das margens, alargou o volume d'água e fez-se um rio.

É que uma voz profética vinda lá do recanto mais íntimo do seu seio, lhe despertava num eterno refrão, a promessa da glória:

Hás de inundar enorme o amplo vale, a planície...
Quando os astros no céu vierem à superfície,
Dormirás a sonhar todo coalhado de astros.

Vede-o agora. É um grande rio de águas translúcidas, que serpenteia, ora remansoso aos afagos da sombra, ora lépido e intranqüilo ao sol que o agita, abrindo leques de ouro na renda das espumas.

Mas o jugo da vida, a indiferença dos homens, ainda perseguem desgraçadamente o curso da água que se fez rio, envolvendo-o nessa névoa de melancolia que não há sol que desfaça. Basta-lhe, entretanto, o consolo da beleza, da beleza que é sempre triste.

Lançai os olhos sobre o lençol da água que se desenrola e na embriaguez do seu encantamento, guardando os aspectos simples que ela reflete, vereis humanizada a nossa terra em paisagens ondulantes, na perspectiva macia das aldeias brasileiras: os muros esborcinados de uma tapera debruçada sobre a recordação pungente de si mesma, uma cruz simbólica na encruzilhada dos caminhos; o penacho verde de um bambual pensativo como o último índio humilhado diante do advento da civilização; uma paineira salpicada de luz à sombra da qual os tropeiros descansam vergados pelo peso de léguas e léguas de áspera caminhada. A paisagem toda descansa de fadiga. Só o rio caminha, caminha, caminha, até que a noite desce, noite bonita, noite domingueira, toda paramentada de estrelas, para ir à festa do arraial pontear a viola

dos violeiros e emprestar a sua cumplicidade àqueles que ainda acreditam no amor...

Rio escuro da minha terra! Eu te bendigo, porque ouço na tua cantiga de embalo a voz desalentada que um nordestino fatigado deixou cair um dia nos meus ouvidos numa frase profunda para que eu sempre a repetisse, pensando nele:

– O Brasil, o nosso Brasil é tão grande que desanima...

Da árvore brotada na Provença aludistes aos poetas reis, aos poetas barões, aos poetas senhores, aos poetas cavaleiros que dela tiraram o ai langoroso das suas *aubades*. Da árvore transplantada fizestes de Gonçalves Dias – o tronco, de Bilac – a flor, de Amadeu – o fruto, deixando para mim a missão venturosa de cantar o pássaro que vai ser nos dias vindouros a sentinela vigilante da árvore sonora, o nosso pássaro, o Uirapuru – de canto mágico que, na opinião de um de nossos irmãos, era o "Orfeu do seringal tranqüilo".

Conta a lenda, entretanto, que ele foi um príncipe transmudado em pássaro depois de haver perdido em renhida batalha o seu reinado, o seu castelo, e os seus vassalos. Os vassalos por sua vez transformados em formigas não o abandonaram e levam agora a vida de escravos pacientes a defender a árvore onde ele, boêmio e descuidado, faz o ninho. Ao cair das tardes no alto Amazonas, quando o seringueiro volta ao pouso, depois de um dia de canseiras, pára em meio do caminho e põe-se embevecido a escutá-lo, porque vê na vida do pássaro desterrado o símbolo do seu próprio isolamento e sente naquela voz a angustiada saudade, a evocação de todas as vozes que vivem cantando pelas estradas solitárias da sua vida.

Confiamos, crede, na magia do vosso canto, Sr. Guilherme de Almeida! Ele servirá para chamar a atenção dos homens despercebidos que passarem ao fim das jornadas, – para o esplendor maravilhoso da grande árvore acolhedora que pende para o "chão guloso a copa rendosa e pesada de frutos", "tanto mais bela quanto mais antiga, vencedora do tempo e das procelas".

* * *

Vejo neste momento desdobrado diante da surpresa dos meus olhos, traço a traço, linha a linha, o quadro colorido de um poema de Schiller: Júpiter, num momento de enfaro, oferece o mundo aos homens, recomendan-

do-lhes, de mão espalmada sobre as suas cabeças, que façam irmãmente a partilha. Moços e velhos assenhoreiam-se de tudo, delimitando honestamente seus teres e haveres.

A partilha da terra está quase a terminar quando chega, retardatário e despreocupado como sempre, o poeta. Vem sonhando. Pára de súbito surpreendido pelo espetáculo e, não acreditando no que vê, prostra-se consternado aos pés de Júpiter:

– E não há nada mais para mim? Então eu, o mais amado dos teus filhos, nada tenho na partilha da terra?

– Mas onde andavas? – pergunta-lhe Júpiter.

– Mais perto de ti do que os outros – responde-lhe o poeta.

Os meus olhos mortais fitavam-te o divino semblante. Os meus ouvidos humanos ouviam-te a celeste harmonia!

– Que fazer agora? – torna-lhe Júpiter, se os rios, os bosques, os mares e as montanhas já me não pertencem?! Dei tudo aos homens. Mas tu, poeta, queres gozar comigo as grandezas do céu? O céu te estará sempre aberto...

Sr. Guilherme de Almeida:

Os deuses falam pela voz dos poetas. – Aqui tendes, na Casa espiritual de Machado de Assis –, um verdadeiro céu aberto. É vosso. Vinde e habitai-o!

Discurso do
SR. GREGÓRIO FONSECA

e

Resposta do
SR. ALCIDES MAYA

Sessão solene extraordinária
do dia 29 de outubro de 1932

I

DISCURSO DO SR. GREGÓRIO FONSECA

SENHORES,

Recordar e prever constituem dons peregrinos da inteligência. Recordar é privilégio do homem; prever, quase atributo da divindade.

Recordo...

A memória espelha-me, em relevos nítidos, envelhecidos, quadros e fatos. Entre a serrania e o pampa, contemplo a cidade natal. De permeio, desliza tranqüilo, remansado entre cachoeiras, o Jacuí, o rio da minha saudade. Ao iniciar-se o êxtase distingue apenas aspectos físicos. A pouco e pouco, a paisagem anima-se e transforma-se em palco de cenas vividas na minha juventude. Apercebo a casa paterna. Relembro as vicissitudes do meu lar, repentinamente empobrecido. Rememoro o acabrunhamento do meu Pai e o heroísmo de minha Mãe. Revejo-me nas primeiras lutas. Visito o prédio de armarinho, onde, aos quinze anos, fui ser caixeiro. Lembro-me do amor que dedicava aos livros, da admiração que sentia pelos poetas e do meu orgulho quando me tornei possuidor do volume *Poesias*, de Olavo Bilac, recentemente aparecido. Suave e cara reminiscência! Certo dia, à hora da sesta, em que a loja estava deserta, julgando-me só, eu recitava, com eloqüência, a um recanto de balcão, sonetos da *Via Láctea*. O patrão, homem prosaico, espreitava-me, e, inexoravelmente, dispensou o empregado declamador... Abandonei a carreira inimiga das musas... Fiz-me soldado. Ao recordar este passado distante, alteia-se refletida na memória, ressaltante de minúcias, a cidade onde nasci, a igreja, o

casario, e ao fundo, entre arvoredos, sempre o rio da minha saudade, lentamente rolando as águas claras.

Quem pudera prever!

A corrente da minha existência mudou de curso: alguns anos após, eu habitava a metrópole do Brasil. E conheci pessoalmente o vate-profeta da minha adolescência, na glória da ascensão. Amei-o. Não tanto pela beleza que criara, mas, talvez, pela alma e pelo coração. Vivemos, durante decênios, em fraternal convívio. Fui-lhe, ele próprio o proclamou, um irmão bem amado e quando pressentiu "a última curva do caminho extremo", elegeu-me, entre os inúmeros amigos, para ser aquele que lhe velasse a agonia. Depois... a generosidade dos confrades legítimos do poeta alçou-me à seleta companhia. Requintastes, ainda, em gentileza, designando para meu paraninfo, neste ato solene, um companheiro querido de toda a minha mocidade.

Bendigo da vossa bondade e abençôo a minha vida.

A Academia Francesa, que serviu de modelo à nossa, teve a nascença bafejada pelo sopro criador de Richelieu, a engalanar-lhe o berço de brasões. Aos seus membros concedeu a honra perpétua de contubernais da Casa Real e a regalia prestigiosa de poderem, incorporados, falar, diretamente, ao Monarca. Apesar de fundada em meio estranho a privilégios aristocráticos, a Academia Brasileira proveio de origem mais nobre: nasceu da amizade. Homens de letras, unidos por este alto sentimento de afeição e por idêntico amor à cultura que se manifesta em obras notáveis de Arte ou de Ciência, criaram-na. Onde a amizade fraterniza e impera, prevalece a benevolência. Só assim compreendo os vossos sufrágios.

Com o coração, fonte de tudo quanto penso, preso às palavras que pronuncio, eis-me aqui para tomar posse da Cadeira de que é patrono Maciel Monteiro, e que foi ocupada por Joaquim Nabuco e o General Dantas Barreto.

Poeta, jornalista, político e diplomata, Maciel Monteiro merecia a homenagem de ter o nome perpetuado no espaldar de uma poltrona acadêmica. O prestígio do diplomata desapareceu quando se lhe findou a vida mundana de enamorado; o renome do político e do jornalista diluíram-se com o tempo, restando apenas, de efêmeros triunfos, a lembrança do orador de atitudes

sóbrias e frase literária elegante. Sobrevive o poeta. O poeta e a lenda que a sua galanteria e os seus versos formaram.

Fulge-lhe ainda a auréola de Lovelace, de D. Juan a quem o amor matou... A lenda fará perdurar-lhe o nome, mas, no conceito final que a expressa, existe duplo contra-senso: D. Juan é um grande símbolo de dúvida e renúncia. Não encontrará nas sucessivas vitórias amorosas a paz definitiva, o termo feliz. Persegue-o o espectro da saciedade. E jamais morrerá de amor: a morte pelo amor seria uma redenção...

Nabuco, com excessiva modéstia regionalista, justifica a escolha do patrono, dizendo: "Nesse misto de médico e poeta, de orador diplomata, de *dandy* que veio a morrer de amor, elegi o pernambucano."

A Cadeira de Nabuco! Venho ocupá-la comovido, não, porém, humilhado. O piedoso Carlyle, que criou a nobreza do heroísmo para os poetas, dando à Poesia o sentido profundo de percepção do mistério sagrado do Universo, concede a honra de artistas não somente aos que pontificam, também aos que apenas percebam os ritos. Quem sente o sagrado calafrio estético ao meditar a *Divina Comédia* tem, ainda que em pequeno grau, alguma cousa das faculdades de Dante, – doutrina o apóstolo do culto à Arte. A inteligência criadora, penso, é como a graça divina: em irradiação intensa, – cega São Paulo; mas qualquer presbítero humilde, que anuncia o Cristo, possui imanente a centelha dos mesmos raios, diferença apenas de intensidade.

Liga-me a Nabuco um sentimento altruístico, por excelência, o que ele próprio definiu como sendo a felicidade: a admiração; e quem assim se expressou sabia que a pura substância da felicidade consiste em viver integralmente pela inteligência. Possuirei tal virtude? Chego, por vezes, a esquecer-me do que sou para deixar-me absorver por aquilo que admiro...

Conheço o poder de um *oh!* admirativo, quando proferido com profundo amor. Nos meus estudos sobre São Francisco adquiri especial dileção por Frei Masseo de Marignan. Frei Masseo era um dos companheiros do Bem-aventurado.

Simples e humilde, em qualquer recanto da Úmbria santa, ajoelhava-se, abria os braços, olhava o céu, e, pronunciando repetidas vezes, com tom de voz cavernosa, a imitar o arrulho das rolas – oh! oh! oh! de rosto alegre e coração jocundo, rapidamente caía em contemplação. Ora, um dia, o irmão

Jacques de Falleroni perguntou a Frei Masseo por que não mudava a fórmula de rejubilar-se em Deus, entoando outra canção. Respondeu-lhe o santo frade, radiando alegria: "Quando em uma coisa encontramos a felicidade, não devemos mudar de canção."

Aceito a definição de Nabuco: – "Felicidade é admiração, sentimento do que é belo em conta de participação com os que nos são harmônicos", e, como Frei Masseo, não pretendo também mudar de canção.

Entre os nossos homens célebres, Joaquim Nabuco destaca-se com distinção rara. A sua vida tem os característicos da obra de arte – unidade e beleza.

Desenvolve-se-lhe a atividade, na esfera política, através de mandatos legislativos, do jornalismo e da diplomacia e a atuação literária, pela sua vasta obra de escritor. A inteligência brasileira alçou-se em Nabuco a um dos seus vértices, – alto e amplo em perspectivas. O homem de letras, o poeta, que, num excesso de crítica interior, afirmou não ter feito poesia e, sim, eloqüência rimada, nunca se separou do político e do diplomata. Em outro meio e momento, tal a revolução inglesa, poderia ser, como Milton, secretário de Cromwell, não deixaria, por isso, de ditar o *Paraíso Perdido*. Ação e poesia, nele gêmeas, unificavam-se. Político, agiu sempre sob o estímulo de um móvel superior. Idealizava os fenômenos sociais com o senso estético que presidia à fatura da obra de arte. Ao contrário de Rui Barbosa, orgulhava-se da predestinação literária e considerava-a participante das suas glórias parlamentares.

Triunfador em política, a guirlanda da vitória conquistou-a na campanha abolicionista, combatendo pela fraternidade humana, a mais alta expressão da liberdade. Para servir a este ideal, ele próprio proclamou: "separar-me-ei não só do meu partido, não só da opinião pública e da conspiração geral do país, mas de tudo e de todos! Neste ponto, faço uma aliança com o futuro".

Mais do que qualquer outra, esta afirmação reflete a grandeza e a bondade da sua alma. Na causa da emancipação, o político partidário cedia lugar ao apóstolo, aliançando-se com a posteridade.

Descortinou, com amplitude e sagacidade, a multidão dos nossos erros, e foi, talvez, dos estadistas brasileiros o que melhormente os caracterizou, profligando os nossos males institucionais e traçando o quadro fiel das taras hereditárias que maculavam o nosso organismo representativo. Diagnosticou com perícia as psicoses perturbadoras do poder da opinião pública entre nós,

a anemia cívica reinante, em grande parte do Brasil e os vários *morbus* causadores da anarquia política e administrativa em que sempre vivemos.

Resumindo a sabedoria e a experiência de todos os nossos homens públicos do passado, ninguém compreendeu como ele o feiticismo que sempre nos inspirou a ficção do poder. A apóstrofe retumbante do tribuno dos pampas – O Poder é o Poder – expressava um axioma. Confirmando-a, dizia Nabuco, "o poder entre nós – e esse é um dos efeitos mais incontestáveis do servilismo que a escravidão deixa após si – é a região das gerações espontâneas. Qualquer ramo por mais murcho e seco, deixado uma noite ao alento dessa atmosfera privilegiada, aparece na manhã seguinte coberto de rebentos e folhas".

Profeta e paladino de uma grande causa, com o pensamento inteiramente preso ao seu apostolado, o abolicionismo foi, para Nabuco, a idéia interior e absorvente da totalidade da sua ação política. Com patriótico pavor e indução segura dos acontecimentos, articulava todos os nossos males em torno do maior, – a escravidão, chaga contagiosa, a infeccionar o organismo da nação, incapacitando-lhe o desenvolvimento.

Filiava a série de nossos erros evidentes em matéria política e administrativa à organização escravagista do trabalho. Daí provinha a degradação!

Desde o Estado providência, concepção genuinamente brasileira, salvando a indústria, o comércio e valorizando a lavoura, até o poder pessoal do Imperador, quando a quando acrescido em prerrogativas à revelia do povo, que, pelo hábito da escravidão, não dava valor à liberdade, todas essas aberrações sociológicas eram apenas aluvião de efeitos daquela causa perene. A monomania do emprego público, já então *morbus* avassalante, julgava-a Nabuco doença normal, em um país onde somente o negro trabalhava:

> A classe dos que assim vivem com os olhos voltados para a munificência do Governo é extremamente numerosa e diretamente filha da escravidão, porque não consente outra carreira aos brasileiros, havendo abarcado a terra, degradado o trabalho, corrompido o sentimento de altivez pessoal em desprezo por quem trabalha...

Todos os males do regime: marasmo econômico, crises financeiras, orçamentos mancos e sangrados, marinha e exército de profissionais, manti-

dos em engajamento pela disciplina do azorrague, tudo, Nabuco fazia provir do eito e da senzala.

E na tribuna do parlamento e dos comícios, nas páginas dos jornais e dos livros, a sua voz sonora e honrada e a sua pena convincente e elegante, armaram catapultas formidáveis, demolindo preconceitos e erros, em benefício da redenção de uma raça infeliz.

Vitorioso no dia 13 de maio, o "Spartacus da abolição", Patrocínio, delineou-lhe o monumento, em apóstrofes:

> Grande, solene, como há de ser guardado na memória da tradição nacional, na estátua que ele mesmo fundiu com o fogo da sua palavra e com o bronze do seu caráter.

A carreira política de Nabuco "verdadeira marcha triunfal", encerrou-se com a proclamação da República e, se não fora isso, vaticinava Rui Barbosa:

> A monarquia teria tido em Joaquim Nabuco a edição revista de seu pai. Ambos entrariam, então inseparavelmente, numa só obra, que, à semelhança da sua, historiasse – em vez de um – dois estadistas do Império.

A diplomacia, carreira que o atraiu ao terminar o curso acadêmico, foi o meio propício onde se lhe aprimoraram as qualidades encantadoras. O contacto direto com as velhas civilizações, a contemplação dos horizontes em que se desenvolveu, no ocidente, a história do progresso humano, o estudo dos monumentos criados pelo gênio artístico greco-latino, marcando-lhe os diversos estágios, o convívio com as personalidades ilustres representativas da inteligência e da cultura européia, poderosamente influíram na sua formação de homem perfeito.

Nabuco sempre foi um encantado pelas formas aristocráticas da vida. Deliciavam-no a suavidade das frases e a elegância dos gestos. Devia ter horror às sensações veementes e trágicas. Talvez daí proviesse o seu ódio olímpico pela barbaria escravocrata. Se o homem é um animal sociável, ele foi a mais nobre expressão da sociabilidade. Disse-o: "Não pertenço ao número dos

solitários, dos que bastam a si mesmos e podem viver consigo, só de arte, de história, de paisagem, de pensamento."

Na Europa, não se limitou à convivência com os altos espíritos preponderantes em filosofia, crítica e literatura – Renan, Scherer, Stuart Mill. Seduzia-o também o ambiente onde predominava o eterno feminino. George Sand, íntima dele, produzia-lhe o efeito de uma triaga romântica, inofensiva, em que se caldeavam, mutuamente destruídos, todos os venenos sutis de Eva. Os salões da alta sociedade francesa, herdeiros da maravilha que foi a arte da conversação em França nos séculos XVII e XVIII, e os confortáveis interiores, onde rutilava a sobriedade espiritual da aristocracia inglesa, temperada pelo *humour* peculiar à raça, exerceram influência capital no tom da sua existência e até na escolha dos ideais a que serviu.

A acreditarmos na confissão feita por Nabuco em página de saudade, o trato e a freqüência dos salões prestigiados com a presença das realezas orientaram e fixaram a sua conduta política. Quando acadêmico, iludira-se, dando ao velho Bagehot a honra de convencê-lo da excelência do parlamentarismo monárquico. Em Londres, renegou-lhe a ascendência doutrinária. Ouvi-o:

> Muitos argumentos me foram apresentados na mocidade a favor da monarquia; nenhum, porém, teve para mim a força persuasiva, a evidência, destes dois, um que me foi formulado no Píncio, outro que me foi formulado em Hyde Park: a princesa Margarida de Sabóia e a princesa de Gales. A republicanos de boa fé estética – ponhamos tanto os bárbaros como os anacoretas de parte – eu não quisera apresentar outros. A formosura das rainhas tem, quando é perfeita, um reflexo seu exclusivo, combinação de bondade e soberania, de encanto pessoal e grandeza nacional, de dependência, tremor mesmo, do destino, e proteção e amparo para os que se acolhem ao seu manto, que forma dupla projeção ascendente, do trono para o povo e do povo para o trono, que na ordem espiritual fez a Rainha dos Anjos comparar-se com o arco-íris.

Ao escrever estas deliciosas coisas já desaparecera, em Nabuco, por obra e graça dos "vibrantes açoites do padre Galhway, a anestesia religiosa"; o renanismo literário era-lhe, porém, inveterado...

Voltando, na República, à diplomacia, naturalmente coube-lhe a investidura dos mais altos postos. Embaixador junto do Rei de Itália, advogando

os nossos direitos no arbitramento sobre limites da Guiana Inglesa, edificou na defesa deles verdadeiro monumento de sabedoria e de atilamento jurídico. Criada nos Estados Unidos a primeira embaixada brasileira, foi escolhido para provê-la.

Este período, em que se encerra a sua gloriosa existência, valeu ainda fastígio para Nabuco, que soube impor-se pela atração pessoal, pela cultura, pelos pontos de vista americanos em política internacional, conquistando respeito e admiração na grande República.

Adaptando-se com facilidade a todos os meios sociais, Nabuco percebeu que a diplomacia nas velhas cortes européias era feita principalmente nos salões e nos ambientes aristocráticos; mas, nos Estados Unidos, grande democracia, onde prepondera a opinião pública, a sua ação deveria atingi-la em direto contacto e em conferências, nas solenidades populares, na cátedra das Universidades, a sua palavra se impôs como uma das grandes vozes continentais.

Ao político do Império e ao Embaixador da República igualava em valor e renome o escritor. Melindroso em mérito próprio, Nabuco afirmou certa vez "não ser artista, por lhe faltar a qualidade de representar, de criar a menor representação das coisas". Em suma, não realizava o conceito de Novalis: "O artista deve querer e poder representar tudo."

A ilusão de Nabuco é manifesta, essa faculdade, que outra coisa não é senão o poder imaginativo, fonte da inspiração, falta a muitos poetas e escritores, legítimos artistas.

Taine diz, com verdade, de Byron, que jamais se viu um tão grande poeta de tão curta imaginação. Byron não inventa, observa: não cria, transcreve. São as próprias mágoas, revoltas e viagens, apenas transformadas e coligidas, que põe em verso. Todas as suas personagens são o próprio homem – Lord Byron, contemplando-se a si mesmo e fazendo a epopéia do próprio coração.

Nabuco foi, portanto, um artista; os seus pensamentos e sentimentos, belos e eurrítmicos, reflete-os o escritor nas páginas que nos legou.

Em tudo que escreveu lhe transparece a iniciação estética. Na sua grande obra, *Um Estadista do Império*, a mais sincera e a mais verdadeira até hoje escrita sobre a nossa história política, pululam as páginas capazes de comover,

como as de Tácito, pela virtude dos caracteres que pintam e onde a sensibilidade do estilo e a justeza dos conceitos originais a transformam em obra-prima literária.

Minha Formação e *Pensées détachées* são, dos seus livros, os em que com maior clareza se lhe espelha a virtuosidade de escritor, como refletores de emoções profundamente sentidas e sinceramente compartilhadas.

Renan, "le ver à soie de la prose française", exerceu sobre Nabuco útil e fatal influência: útil, no tocante ao estilo e à aristocratização do pensamento; fatal, no que concerne às idéias e convicções. Ele próprio confessa o mal que lhe fez o antigo seminarista de Saint-Sulpice, separando-lhe a imaginação do raciocínio, em matéria de fé. Com efeito, efetuado este afastamento estabelece-se entre a imaginação infinita e o raciocínio limitado – a mágica ponte de ouro da dúvida, instituída como método de indagação da verdade, gerando, pelo dissídio entre o divino e a vida, a tortura da inquietação religiosa.

Quase náufrago nesse perigoso Tormentório em que o orgulho intelectual é a tentação sedutora, avalio-lhe a glória do triunfo e compreendo a sua feliz tranqüilidade, quando "no Oratório de Brompton, respirando aquela pura e diáfana atmosfera espiritual, impregnada do hálito de Faber e Newman, pôde reunir no coração os fragmentos quebrados da cruz e com ela recompor os sentimentos esquecidos da infância".

Seria doloroso que Nabuco, uma tão bela obra da criação, renegasse ao seu Criador!

O diletantismo filosófico de Renan não podia bastar àquela imaginação e, cedo, percebeu Nabuco que o Cristo d'*A Vida de Jesus* "era um anacronismo infantil de sábio e de artista". Vencido pela força do amor e pelo perfume da revelação evangélica, serenamente voltou ao seio da Igreja Católica, única depositária dos poderes misteriosos da salvação e da verdade divina.

Perdurou-lhe no espírito o renanismo puramente literário, a admiração pelos dons mágicos do estilo amável do feiticeiro dos *Souvenir's d'enfance et de jeunesse,* sem acreditar, porém, na possibilidade histórica da existência de uma arte anti-religiosa, pois, pensava ele que a estética do ateísmo teria contra si toda a arte criada pela Humanidade.

Na sua obra de pensador político e de artista, o renanismo, do qual completamente se libertou, serviu-lhe para dar forma escultural ao pensamento e ritmo musical à frase. Não foi um escritor que refletisse nas suas páginas de arte a opulência rude da natureza brasileira. Massangana é pura paisagem psicológica, em que o motivo principal que a espiritualiza é o sofrimento resignado de uma raça infeliz; nessas páginas de beleza, resplandece a alma bondosa e a inteligência clara e harmônica de Nabuco, criando em torno da escravidão uma obra-prima de amor e de justiça.

Na forma renaniana não cabia a nossa brutalidade quase primitiva. O próprio Renan, milagroso pintor dos horizontes, humanizados pela veneração e pela lenda e que o olhar de Jesus divinizou, contemplando a Guanabara sem história, nela veria apenas paisagem, simples paisagem, a que faltava o sentimento simbólico da beleza.

Nabuco, ático como o mestre, percebia essa dificuldade e, quando apareceram *Os Sertões*, assombrado pela rudeza do estilo novo, expressão justa do titanismo brasileiro, fórmula feliz de Alcides Maya, confessou, com sinceridade, dar-lhe Euclides a impressão de escrever com cipó, em vez de pena. Não compreendeu Nabuco que esse cipó tinha à ponta uma lasca de diamante, e abria no papel o sulco de frases lapidares, retratando a luta e o evolver das forças brutas da natureza – o Brasil.

* * *

Detive-me, quiçá, de mais a relembrar a nobre, alta e forte personalidade de Nabuco, tão sugestiva para todos os homens de pensamento, quando é certo que me atrai, precipuamente, o elogio do meu antecessor, na Cadeira de Maciel Monteiro. O Marechal Emídio Dantas Barreto, a quem me prenderam em vida, além dos sólidos laços da afeição hierárquica, acentuada admiração pela inteireza do caráter, a par da espontânea simpatia intelectual, conquistou com justiça e mérito a sua ascensão ao generalato acadêmico.

À noite de 7 de janeiro de 1911, engalanava-se o cenáculo das letras para o receber, e Carlos de Laet, entre acolhedor e irônico, dava voz de – *sentido* – à Companhia, conclamando-a, militarmente: "Está formada a guarnição da nossa Acrópole. Perfilam-se corretos seus ilustres batalhadores. Ressoa

em vossa honra uma fanfarra de aplausos. Estais no meio dos vossos camaradas. Sede bem-vindo, General!"

Leal nas suas afeições, quanto sincero nas suas palavras, o general fraternizou com a confraria, sempre de todos querido e admirado, pelo seu amor às letras, pela rijeza moral do seu feitio e pela bondade.

A vida de Dantas Barreto modelou-a a própria vontade e valorizou-a o esforço pessoal.

Foi-lhe berço Pernambuco, província onde, desde a reação épica contra os holandeses, se iniciou a formação da nacionalidade, e, talvez, como afirmou Armitage, o recanto do Brasil em que o espírito de independência primeiro surgiu e foi mais forte.

Em Bom Conselho, na zona humilde de Papacaça, num ambiente genuinamente sertanejo, nasceu, em 23 de março de 1850, Dantas Barreto. Fez-se forte na vida indômita das caatingas, nas surpresas diárias do labutar campesino. Ao atingir à puberdade, tendo apenas quinze anos, reboava através do país o grito de guerra contra os invasores da Pátria, e iniciavam-se as operações militares contra o ditador Paraguaio. Recife vibrava de entusiasmo cívico, excitado pela propaganda ardorosa dos seus oradores e poetas. No teatro de Santa Isabel, o condoreiro patriótico culminava, glorificando Pernambuco:

Tu tens nas unhas de pedra
Cabelo e trapo holandês...
.....
Levantas o braço forte
E o raio matas na mão!
Como um aceno de morte
Os Guararapes lá estão!...

Imaginai na conformação de uma alma juvenil com pendores românticos, a influência desse ambiente de exaltação e orgulho nacional. A criança sentiu-se homem e ei-lo, ainda adolescente, foragido da casa paterna. Voluntário da Pátria, embarcando com destino à campanha do Paraguai. Calculai a vibração e o entusiasmo juvenil que dominaram o pequeno recruta quando, ao

partir, entre os aplausos da multidão fremente, ouviu, no Cais da Lingüeta, os adeuses e bênçãos aos Voluntários Pernambucanos, proferidos por Tobias Barreto, o grande vate da época, animador entusiasta de um nacionalismo vingador, declamando as estrofes incendidas *d'Os Leões do Norte*.

O mundo sabe a nossa história. Tudo.
Que há de heróico, entre nós também foi feito.
Quem duvida? O oceano interpelado
É capaz de atestar esta verdade,
Arrojando indignado em nossas plagas
Armas, destroços e almirantes batavos!...
Ide varrer o Sul, tufões do Norte!
O Deus de Camarão vos abençoa.

Entre os *Tufões do Norte*, Dantas Barreto foi um dos mais enérgicos e bravios, atesta-o a sua fé de ofício militar. A idade em que principiam a firmar-se os sentimentos e a alma começa a enrijecer-se pelo exercício constante da ação e da vontade, o período da vida em que o caráter adquire solidez e a consciência entra em luzimento, passou-o, o futuro general, em acampamentos, em marchas, em entreveros, em batalhas. A guerra com o seu cortejo de imprevistos e de exigências dominativas e inadiáveis, amoldou-lhe a alma.

No Paraguai, recebeu o batismo, de fogo em Curuzu e Curupaiti, e lutou até ao fim da guerra, fazendo ainda a campanha das Cordilheiras. Bateu-se em Tuiuti, em Humaitá, em Itororó, em Avaí, em Lomas-Valentinas, e terminou a longa série de combates de que foi parte, acampando em Peribebui, já oficial do Exército, pois, em 1868, contando somente 17 anos, fora promovido a alferes, por bravura revelada na batalha de 24 de maio.

De Pernambuco herdara o ardor cívico e o legado da bravura; a luta plasmara-lhe o caráter, fortalecendo-o, mercê da confiança no próprio valor.

Terminada a guerra, iniciou Dantas Barreto a cultura do espírito, em áureo período de vida acadêmica, até à conclusão do curso, na antiga e tradicional Escola Militar da Praia Vermelha, ao tempo, fervedoiro de idéias novas e, mais do que foco de ciência da guerra, centro social de vasta e profunda cultura filosófica e científica. Partícipe de todas as nossas lutas internas,

desde a proclamação da República, ascendeu aos mais altos postos da hierarquia militar, sempre aureolado da fama como chefe intrépido e do prestígio de cidadão modelar pelo patriotismo.

Revelara-se-lhe a vocação literária e, colaborador assíduo das revistas escolares, pôs em evidência, ainda jovem militar, não existir antinomia entre a espada e a pena, nem superioridade das armas sobre as letras, como tentou demonstrar o Quixote.

Esses primeiros ensaios românticos, em páginas de ficção, ficaram sem continuidade na sua vida de escritor, pois, de logo, reconheceu não ser esse gênero afeiçoado ao seu temperamento, no qual predominavam as qualidades do homem de ação, e a eloqüência do homem de ação deve ser diferente, tem por base a clareza, reflete os acontecimentos. Os fatos, na sua verdade, sem atavios, são mais luminosos que revestidos dos ornatos da imaginação.

Naturalmente, Dantas Barreto foi atraído à literatura histórica, e nos legou, nesse domínio, vasta obra de real valor, recontando casos de guerra e fatos políticos de que foi *magna pars*.

Observou com profundo acerto Carlos de Laet que os melhores livros de Dantas Barreto "não são exatamente *memórias*, mas destas se aproximam pelo cunho da presença individual que em quase todas imprimiu. E, sob a calculada placidez do vosso frasear, prossegue Laet, ainda quando de vós mesmo, *more Caesaris*, apenas falais na terceira pessoa, sente-se que no escritor está o combatente e que, desoprimido da farda nos lugares literários, ainda sobre a impressão da campanha vos palpita o coração de soldado".

Nem sempre esta literatura de observação testemunhal, clara e precisa, contém a expressão "forte da verdade". A obra-prima na espécie, os *Comentários de César*, analisados frase a frase por quem poderia fazê-lo, por Napoleão, revelam múltiplos erros e falhas, sobre fatos concretos, principalmente quanto a localizações geográficas, plano de posições e marchas, comprovando que a retentiva de César era inferior às qualidades clássicas do escritor inigualável, pela correção e limpidez do estilo.

Sobre a inglória campanha de Canudos, escreveu Dantas Barreto dois excelentes livros. Ao primeiro, *Acidentes de Guerra*, entremeou-lhe certo episódio romanesco, talvez relembrança da juventude passada no sertão. Geralda

comove pela simplicidade e pelo sofrimento. Mas o valor do livro está, principalmente, no relato sincero da destruição da coluna Moreira César.

Os pungentes lances da tragédia foram admiravelmente narrados pelo General Dantas Barreto, desde a partida das tropas da capital da Bahia para Monte Santo, até à agonia de Moreira César.

Recordarei um trecho, descrevendo o embarque dos batalhões aquartelados em Salvador:

> Os soldados, obedientes à disciplina, marchavam calados, com indiferentismo aparente, no meio desse ruído que se fazia em torno das fileiras, pelos flancos e pela retaguarda dos pelotões, mas no fundo da sua organização habituada às emoções veementes, recolhiam com arrebatamento silencioso essas expressões que lhe abrasavam o coração até ao esquecimento dos seus mais caros afetos. Sabiam que marchavam sob a perspectiva de situações imprevistas; cumpriam o dever que a honra militar lhes impunha e iam satisfeitos. Representavam nesse momento de impressões inquietadoras a dignidade da Pátria, o brio das instituições das armas e nada pode exaltar mais a organização de um soldado do que esses sentimentos que se completam.

Quando a quando pontuam as páginas do livro, sincero e vívido, observações felizes, por humanas e dolorosas: "E só alguns dias depois retiraram o cadáver de Alberto do meio do caminho, para não espantar o gado que se destinava às forças de Canudos."

O outro, a *Destruição de Canudos* é a narrativa da derrocada final, feita por um técnico, ator de realce no drama. Depoimento insuspeito, às vezes rude pelo tom candente das brutalidades que condena, ficará na nossa literatura por conter páginas verdadeiramente históricas.

Não posso furtar-me de relembrar um dos derradeiros episódios após o incêndio da cidade de Canudos, o da chegada às nossas linhas das mulheres e crianças sobreviventes, enquanto os homens, poucos e exaustos, mantinham-se aguardando a morte, nos últimos redutos:

> Tinham a fisionomia aparentemente calma, o olhar estranho, de quem já não havia coisa alguma no mundo que lhes causasse espanto; pouco as inquietavam as multidões de soldados curiosos que viam em torno; não pediam compaixão, não faziam mistério do seu fanatismo: o que queriam era um bocado d'água, era um ambiente que não fosse de fogo, como aquele que acabavam de deixar. O mais pouco as inquietava. Dessem-lhes água até saciarem a sede, que lhes produzia vertigens e matassem-nas como quisessem depois; estavam conformadas com o seu triste fim.

É uma página verdadeira, simples e bela.

Nas *Impressões Militares*, título de um de seus volumes, trata especialmente de questões profissionais; mas, tão forte era o amor do general pelas letras, que, em advertência, declara: "Escrevendo-as cedo também às contingências do meu temperamento literário."

"Abandono de Corumbá" e "Invasão do Paraná", partes componentes da obra, pela fidelidade da exposição, pela clareza com que são expostos os acontecimentos e pela serenidade da crítica aos personagens em ação, justamente galardoam o General Dantas Barreto do título de notável escritor de memórias militares, emparelhando-o, na nossa literatura, a Taunay, Dionísio Cerqueira e Jaceguai.

A sua última obra *Conspirações* reflete a atividade política que exerceu, quase ao fim da carreira militar, após o generalato.

Os generais e a política, vasto tema, antigo como a história! Consubstanciando a sabedoria dos séculos, Taine, certa vez, afirmou: "os generais fortes à frente das suas brigadas são habitualmente fracos em argumentos políticos". Não aprovo nem contradigo a asserção, recordo apenas que "o político hábil é calculador avisado, pára a meio caminho, tateia, demora a olhar sobre os acontecimentos, mede o possível, emprega a lógica da prática e métodos contemporizadores". Por educação e influência de ambiente, o militar conforma o seu espírito em uma escola de disciplina que é ao mesmo tempo escola de autoridade. Habitua-se a mandar e a ser obedecido. O soldado executa normalmente as ordens recebidas, pois do cumprimento delas depende o êxito da sua missão. Em política é diferente: os verdadeiros estadistas precisam dar a impressão de mandatários de um poder mais alto. Em todo caso, a estatocracia será sempre regime perigoso.

O General Dantas Barreto em *Conspirações* recorda os desenganos sofridos na política e as lutas partidárias em que se envolveu. Governador de Pernambuco, procurou reagir contra o sistema oligárquico que infelicitava o Norte do país. Desfrutou alto e real prestígio, conquistado pela conduta modelar do administrador e pelo civismo audacioso das atitudes. Rompeu com Pinheiro Machado e lutou para conquistar o apoio do Presidente da República, que fazia forte o antagonista. Foi vencido. O sectarismo partidário tentou envolvê-lo nas suas malhas, mas o velho general era demasiado digno para participar dos acordos e conchavos, indispensáveis à conservação do poder, na politicalha da velha República.

Desiludido, silenciosamente, afastou-se das posições e da atividade militar. Passou a viver para as letras, para a família e para a Academia, prezando até à morte a ascensão ao convívio acadêmico, como a sua maior vitória.

O General Dantas Barreto amava a arte e bem-queria aos artistas, vasta família de sofredores e desiludidos, em que poucos triunfam e a maior parte sucumbem desalentados e vencidos pela falta de ambiente propício, estimulador ao esforço que despendem. Quantos para quem a floração da inteligência depende de continuado e torturante labor, quantos abandonam o sonho?

Ao começo, trabalham, estudam, anotam, meditam, esperançados em atingirem ao *Fiat* da inspiração, realizando a obra-prima que imaginam. Consomem noites de vigília, rebuscando idéias novas, na luta para a conquista de períodos perfeitos, encerrando noções originais e de frases com metáforas cintilantes como meteoros, deixando após rastilhos luminosos! Às noites sucedem-se dias de pesquisa exaustiva, de pensamento revolto de contenção febril, no esforço para perceber a aparência fundamental, origem do belo. A estes dias, seguem-se outras noites, meses, anos... Finalmente, o edifício encantado começa a surgir do subconsciente. Exultante, coloca-lhe o animador os primeiros andaimes e, com paciência beneditina, vai amontoando o material para a construção faustosa: sensações, idéias, imagens, pedras, calhaus polidos pela cultura, palavras. As palavras, seleciona-as: algumas, como as definiu Ésquilo, esbeltas e aristocráticas, parecendo envoltas em amplos mantos de púrpura; outras breves e alígeras, calçando

sandálias de ouro e vestidas de flores; e, ainda outras, encouraçadas de bronze, enérgicas e sonoras...

Súbito, o deslumbramento! E o artista, pobre Deus sem divindade, escuta o marulho de multidões de águas em tumulto; julga perceber do outro lado da existência terrestre o absoluto invisível e misterioso; e contempla, obumbrado, descer para si a esfera transparente da realidade idealizada, o segredo aberto de Goethe, onde vivem palpitantes os grandes símbolos humanos! Ouve-lhes os diálogos portentosos: Fausto com Helena, Prometeu com Antígona, Dom Juan com o Quixote, Napoleão com Zaratustra... Inesperadamente, claridades diáfanas, em lampejos cambiantes, irradiam, de forma inteligível, o espírito das paixões – do amor ao ciúme, do orgulho à calúnia, da avareza à inveja, do crime à caridade, a gama inteira dos sentimentos. E, aumentando o assombro no recinto fúlgido, aparecem serenas, luminosas de uma luz fixa de estrelas – Beatriz, a mulher que Dante criou para o amor no céu e Gioconda, a mulher que Da Vinci retratou para o amor na terra.

Desventurado Anfortas! O Graal continua retido no interior do sacrário mas, para resplandecer, fora preciso a fé e a obstinação de Parsifal!

O artista pensa ter atingido o momento da hipóstase criadora. Ilusão, falta-lhe ainda concretizar em arquitetura de forma, sólida e durável, tudo que viu, escutou e sentiu... O que resta fazer, demanda esforços hercúleos. Apercebe ser impossível continuar sem interrupção até à vitória final! Da faina dominadora e absorvente, afastam-no a luta pela vida, as necessidades materiais. Impõe-se-lhe abandonar temporariamente o lavor do prodígio em formação. Abandona-o, para depois volver. Retorna e recomeça. Pela falta de continuidade, o material acumulado envelhece e inutiliza-se. Esmorecem-lhe as energias e desiludido, concentra em si e para si todo o sonho que sonhou, vivendo-o, egoisticamente, nas horas de repouso que lhe sobram à conquista do pão.

Alguns, heroicamente, resistem e, sem temor à miséria, não contemporizam, abroquelam-se à sua arte como profissão, a ela exclusivamente dedicando-se. De um sei, orgulho e modelo para todos nós: – Coelho Neto, nela solitário, predestinado da ilusão, conservou-se e mantém-se íntegro e intacto dentro do seu sonho.

Aplica-se-lhe, sem paráfrase, um dos capítulos mais belos e sugestivos das *Fioretti*. Coelho Neto atingiu à Alegria Perfeita, no sentido místico da parábola, venceu-se a si mesmo, recusando os dons ofertados pelo mundo a quem o segue na conquista vã da riqueza e do poder, para tirar de dentro de si, em quase meio século de labor fecundo, circunscrito ao seu ideal e à sua arte, – a glória e o pão.

A Academia é, para esses, vitoriosos ou vencidos, refúgio e consolo. Sem preconceitos de escola, sem vaidades de primaciado, no seu âmbito todos fraternizam em torno do ideal, que, por intermédio do belo, busca atingir a verdade e o bem.

Neste recinto, entre Calibã e Ariel reina o último. Preferimos Ariel. Calibã inspira respeito e compaixão, mas é enganoso como a natureza; hirsuto, brutal como a caverna onde se acoita. Força virgem da terra, cava a gleba, semeia searas e inconscientemente pratica crimes e perfídias. Ariel, ao contrário, toca de leve o solo, adeja, veio do céu e traz-nos de lá "as estrelas mudadas em sonhos e mentiras". Calibã possui milhares de habitações opulentas, aqui, não lhe abrimos a porta, reside unicamente Ariel, com a sua louçania e enganos deliciosos de mensageiro do devaneio, do ideal, do pensamento, matérias-primas sutis que transubstanciam, em beleza, e realidade informe, apanágio de Calibã.

Ao receber a investidura acadêmica, tenho em mente a pitoresca definição de Olavo Bilac e com que saudade lhe pronuncio o nome nesta noite e neste recinto, caracterizando-a como único cargo realmente vitalício, inamovível, inamissível, fatal, e, acrescenta ainda o poeta, "nem uma pena infamante priva da tonsura acadêmica!"

Irrevogabilidade e fatalidade que têm os seus percalços!

Não me assustam os compromissos assumidos. Serei sempre o que sou, e, sem vanglórias ou aspirações descabidas, pertencerei à ordem dos tonsurados mortais. Na colméia acadêmica outros produzirão o mel delicioso, eu louvarei o doirado dos favos, o perfume do néctar, a perfeição do fabrico. Aliás, isso ocorre em todos os cenáculos da imortalidade. Na Academia Francesa, instalada no velho prédio do Instituto, há uma galeria de bustos de legítimos imortais eleitos pela posteridade: Voltaire, Diderot, d'Alembert e, de gerações mais recentes, Lamartine, Victor Hugo, Vigny... Domina-os, ao

centro, presidindo-os e assistindo-os com a sua glória, a estátua de Molière, um pobre cômico, que não pertenceu à Companhia. Mas, não é só. A mania dos bustos, em outras épocas generalizada, dá a impressão de que, ao entrarem para a confraria, os escolhidos levavam as próprias efígies envoltas no discurso de recepção. Há nos porões do Instituto, em desvãos mal iluminados, prateleiras sobrepostas onde se alinham centenares de outros bustos, irreverentemente acumulados. Com o decorrer dos anos, de séculos, alguns, quiçá por descaso dos serviçais, ao lhe espanejarem a poeira antiga, perderam a placa-etiqueta que lhes dava alcunha. Presentemente, a identificação tornou-se impossível, e estes bustos representam hoje imortais anônimos, talvez heróicos como o soldado desconhecido!

Apesar de ser a mais relativa das concepções, é o tempo implacável e, entre os homens, o seu transcurso destrói a própria imortalidade por eles criada! Não alimento ilusões: na galeria dos nossos imortais serei, em futuro não remoto, busto com etiqueta perdida, e, nos anais acadêmicos, um nome sem renome! Mas, d'Aquele que no princípio era o Verbo e fez perpétuo como o Universo o pensamento humano, do meigo Jesus, que, à borda do poço de Jacó, deu de beber à Samaritana pecadora a água viva que dessedenta para a vida eterna, de Deus, suprema justiça e primeiro amor, eu espero julgamento e imortalidade!

II

RESPOSTA DO SR. ALCIDES MAYA

SR. GREGÓRIO Fonseca.

Deparou-se-me num dos vossos ensaios, de fino lavor e sutis conceitos, o seguinte, digno de ser citado ao receberdes a saudação desta Academia:

"Pelo infinito desconhecido que idealiza, a arte pode ser também uma religião." Pensáveis assim em *Estética das Batalhas*, lamentando que a arte, ainda hoje, "se mantenha um culto sem organização ritual".

Era de modéstia, de encantadora modéstia espiritual, assaz conhecida e apreciada por todos os vossos amigos, o íntimo sentido dessas linhas, pois acrescentastes:

> Em toda religião sempre há uma barreira intransponível entre a grande casta dos crentes e a pequena, dos sacerdotes, únicos investidos do poder secreto da divindade.
>
> Em arte, cabe somente o pontificado aos senhores dos mistérios do culto – aos artistas... Sou um normal em crenças; as minhas supremas aspirações estéticas atingiram ao limite: amando a arte, servindo-a com fé convicta, que se aproxima da idolatria, sem jamais a profanar, fazendo-a. Na superstição máxima do meu culto, parafraseio Descartes: se pensar é viver, a arte é a vida intensa.
>
> E no meu santuário, um minúsculo gabinete de leitura, aproximo-me da felicidade quando, em um quase dormir, esquecimento de tudo que está longe

> de mim, sonho, gozo o prazer supremo de viver interiormente horas inteiras fora do tempo que passa; sonho, compreendo o invisível e sinto fulgurante a delícia de pensar, a delícia de existir. Acordado, de volta ao turbilhão da vida prática, ainda sou um feliz, um forte, um sadio, diria um fisiologista: não me recordo do sonho, tenho incapacidade completa em repeti-lo e nem sequer me importuna a mais leve lembrança dos fulgores sonhados. Isso demonstra exuberantemente ser eu a negação do artista: artistas são repetidores natos do sonho, imortalizadores do ideal.

Tais palavras, que vos nasceram do coração, num trabalho de pura crítica, votado ao gênio de altas civilizações, através de poemas, telas, estátuas, monumentos, escolas e sistemas, exprimem discretamente o mesmo delicado sentimento em reflexo nestes períodos tocantes a cerca de Joaquim Nabuco:

> A Cadeira de Nabuco! venho ocupá-la comovido, não, porém, humilhado. O piedoso Carlyle, que criou a nobreza do heroísmo para os poetas, dando à Poesia o sentido profundo de percepção do mistério sagrado do Universo, concede a honra de artistas não somente aos que pontificam, também aos que apenas percebem os ritos. Quem sente o sagrado calafrio estético ao meditar a *Divina Comédia* tem, ainda que em pequeno grau, alguma cousa das faculdades de Dante, – doutrina o apóstolo do culto à Arte. A inteligência criadora, penso, é como a graça divina: em irradiação intensa, cega São Paulo; mas qualquer presbítero humilde, que anuncia o Cristo, possui imanente a centelha dos mesmos raios, diferença apenas de intensidade.

Aludistes depois ao dom admirativo, de profundo amor que, misticamente, sublimava, ante os primores da terra e dos céus, o plácido semblante de Frei Masseo de Marignan, cuja breve canção, de puro enlevo, quereis seja a vossa. Porque "chego, por vezes, a esquecer-me do que sou, para deixar-me absorver por aquilo que admiro".

Percebe-se, desde logo, o intento que vos guiou ao nosso recinto; nem éreis obrigado a escolher coleção para a vossa imagem, em pósteras evocações de um instituto que vindes assistir com virtudes de preclaro caráter e luzes de raro engenho.

"Não alimento ilusões – asseverastes: na galeria dos nossos imortais serei, em futuro não remoto, busto com etiqueta perdida, e, nos anais acadêmicos, um nome sem renome".

E também: "Outros na colméia acadêmica produzirão o mel delicioso: eu louvarei o doirado dos favos, o perfume do néctar, a perfeição do fabrico."

Ah! sabíamos, bem sabíamos...

Entretanto, heis de permitir, sobre o tema versado em vosso discurso, nova citação, que se lhe ajusta:

Il est si doux, si beau, de s'être fait soi-même,
De devoir tout à soi, tout aux beaux arts qu'on aime!

Lindos versos, versos consoladores, estes, de André Chénier; e como, expressivamente, interpretam a alma dos intelectuais da vossa classe, Sr. Gregório Fonseca! Reproduzindo-os, pretendemos dizer-vos a meia voz, carme a carme, em confidência que não vos melindre – antes de mais demorado exame da vossa personalidade – quanto prezamos certos atributos inerentes a ela.

Simpática, em verdade, a tarefa de vos entender, nas harmonias de sentimento e idéia, de vida e de arte!

Sois na geração a que pertenço um dos melhores exemplos de unidade moral. Sois um poeta e um homem de vontade, um afirmativo, de reto e sereno ajuizar, e um criador imaginoso de sonhos. Projetais no plano comum da existência a beleza de superiores perspectivas. As normas valem, no vosso sensório, como princípios animados; a realidade somente vos impressiona transfigurada; pensais defrontando com visões submetidas a leis. Conversando-vos, ouvindo-vos, lendo-vos, recebemos invariavelmente uma impressão dupla, de forma e pensamento fundidos. Sem dúvida, surgis como um idealista; mas um idealista lógico, um idealista que aviva a geometria, antropomorfiza esteticamente a mecânica e descobre nas esferas celestes ritmos e ritmos, numa palavra, que espiritualiza a matemática, assim como, por método e gosto ínsito, tende a simetrizar o Belo e a sistematizar a própria idealidade. Quem, se não o autor d'*O Ciúme dos Deuses*, senten-

ciou, nestes peremptórios termos, entre as verdades particulares da ciência e as representações da arte?

"A ciência (lá está) é, as mais das vezes, ilusão da realidade; a arte é sempre a realidade dentro da ilusão e do sonho. Também a matemática não se isola do relativismo enganador das outras ciências, não se refere a realidades absolutas, mas a hipóteses", – afirma Stuart Mill, "a convenções", – sustenta Poincaré, ambos eminentes geômetras. Na aplicação ao real é que participa da verdade dele. Para a sensação das distâncias (notai: para a *sensação das distâncias*), prefiro a arte ao metro. Quando um sábio me afirma que da Terra a Sirius vão tantos milhões de bilhões de miriâmetros, tenho ímpetos de visitá-lo em trem de ferro; ao pensar na frase artística de Pascal: "Assombra-me o silêncio eterno desses espaços infinitos", imobiliza-me uma impressão nítida (vede bem: uma *impressão,* nítida) entre mim e Sirius: – o abismo. Não acreditei no átomo, nem creio no absoluto da lei de Newton; juro no entanto que o príncipe dos filósofos, Aristóteles, foi axiomático ao dizer: "A poesia é uma cousa muito mais séria do que a ciência e a história", esmagando Platão, que audaciosamente esculpia no pórtico da sua República: "Aqui, só entram os geômetras."

Fora talvez possível registrar irreverentes demasias especulativas em *O Ciúme dos Deuses,* ensaio cujas filigranas de estilo deixaremos à parte, considerando-o apenas como um documento psicológico. Feito é da presente oração revelar notas matrizes de um temperamento mental.

Que forte e mordente, o timbre escolhido para marcar, em produtos do gênio, a superioridade das criações artísticas sobre as descobertas da ciência!

É triste precisar de gênio, dizeis com ironia, Sr. Gregório Fonseca, para descobrir a lei dos ângulos internos dos triângulos, cousa perceptível com pedacinhos de papel cortado; e é doloroso ver Arquimedes nu pelas ruas de Siracusa, ao aprender a relação existente entre a diminuição do peso do seu corpo e a água extravasada na banheira. Em contraste, como seria glorioso o orgulho de Fídias, no silêncio de uma tarde ateniense, a contemplar iluminado, colorido pelo sol occíduo, o Parthenon, alto, sobre a Acrópole! Foi por compreender o nada do saber humano que d'Alembert, o geômetra eminente descobridor de métodos e fórmulas transcendentais, depois de con-

sumir a maior parte da vida na aridez matemática, exclamou com a *Aminta* do Tasso:

È perduto il tempo che in amar non se spende.

Comparai a humilhação resignada de Kepler, sábio genial, com a sobranceria de super-homem de um artista de gênio, Miguel Ângelo, por exemplo. Ao terminar esse livro extraordinário, a *Física Celeste*, Kepler, convencido da existência de um mundo fenomenal infinito, que nem de leve perscrutara, escrevia em prefácio: "Perdoai-me, Senhor, se, simples verme da terra, ousei levantar uma ponta do véu que encobria os vossos mistérios."

Atentai agora em Buonarotti, ao dar o último retoque ao *Moisés*: – *Parla!* – brada, num gesto largo de desafio, ao "outro", o criador de estátuas falantes...

Esse *Outro!* Esse! Nos formosos quadros, de ostentosa moldura lendária, de *O Ciúme dos Deuses*, Ele *não passava de... um dos outros*, de todos os outros, magníficos e vindicativos, que vitimaram a Prometeu, o gênio amigo dos homens, o decaído titã, criminoso ao olhar percuciente das divas potestades, e que afrontou milênios de castigos olímpicos por haver roubado, em benefício nosso, o fogo sagrado; mas, titã, ainda assim, vitorioso, pela ascendência do amor, que ensinara aos mortais, aperfeiçoando-os, embelecendo-os, sublimando-os.

Destacado o símbolo, pode dizer-se, em arte (eis o argumento central de *Ciúme dos Deuses*) domina, exclusivamente, o amor, que produz a *Némesis* vingadora dos olímpicos. Esse conceito ressalta evidente em todas as tragédias gregas, livros sacros, que, precedidos da teogonia hesiódica e da *Ilíada*, constituem a bíblia dos poetas.

Em obra anterior (*Estética das Batalhas*), a mesma idéia repontara em inspiradas folhas, em claras regras harmoniosas, em admiráveis iluminuras, em pequenas telas perfeitas, de firme traço nas figuras, de colorido indelével, de massas bem distribuídas em amplos panoramas.

Une-as o senso de beleza plástica e épica, a luta, que "será eternamente oceano de inspiração a escultores, pintores e poetas de gênio".

Ouvi um trecho sintético:

> A primeira manifestação estética do homem foi necessariamente um episódio de luta, reflexo da vida diária: luta pela existência contra os elementos, enfurnando-se; luta contra a fome caçando, dominando os animais mais fracos; e, quando a luta o assoberbou, quando os poderosos contrários, as feras fortes, a natureza brava, se aliançaram para vencê-lo, criou Deus. Deus é um episódio da luta, divinização do invencível, do vitorioso. O homem primitivo, insculpindo o primeiro *fetiche*, e adorando-o, contava egoisticamente com ele para a vitória. A batalha, embate coletivo, prevalece como soberano modelo das artes: luta ampliada, vasta, multiforme, caleidoscópio desmedido e variado da pose e da linha, onde assistimos ao entrechoque de todas as paixões e de todas as virtudes que ascendem à gloria.

Porfia com deuses, celebração dos aspectos e das forças terrenas, o amor divinizado, a glória, o combate, prélios e prélios, assinalando as teogonias, alentando civilizações, vivificando mármores, bronzes, telas, pergaminhos...

Estranhamento ante concepções desta espécie?

Se éramos, ao tempo, materialistas, abeberados nas correntes do experimentalismo, do evolucionismo?

Materialistas (forçoso, lembrá-lo!), e também poetas, sábios-poetas, críticos-poetas, sociólogos-poetas, teoristas-poetas... Só mais tarde, Sr. Gregório Fonseca, proejamos, de tormentas adentro, q. d., através de todas as luzes do século, à outra esfera, alumiada com a luz da fé... Artistas, entanto, sobretudo artistas, vós e vossos companheiros de cruzada, cultores de perfeição e ardentes visionários, íeis, de ciclo a ciclo das letras e das artes, à procura de arquétipos, de símbolos, de argumentos, de teses, mormente de vibrações de alma, sentidas sob o influxo de todos os efeitos do belo ideal, mas, relativo, terrenho, humanado...

Nota essencial, que, dentre as outras, se destaca, nessa época, é a glorificação do passado nas suas grandes formas genéricas de heroísmo e beatificação, de sublime esforço e de triunfo redentor, selecionados os intérpretes, cérebro a coração, de ato em ato, nas versões míticas, nos lendários, nas epo-

péias primitivas e eruditas, nos poemas de moderno teor, na guerra, na paz, na ciência, na justiça, no amor, nos sacrifícios, – em todos os sacrifícios – e nas vitórias da nossa espécie, às nuvens e aos astros alçada, senhora que sentiu ser de noções e de forças...

Rememoremos, de consciência, Sr. Gregório Fonseca, os nossos ídolos de tais jornadas ideativas, – pois que o eram todos, ídolos-deuses, ídolos-homens, ídolos-idéias, ou princípios, que de ídolos não passavam; nem passam, todos...

Que lhe incumbia pensar, sentir e fazer, a um artista, a vós, por exemplo, Sr. Gregório Fonseca, em meio assim, em tempo assim?

O que nos importava era a beleza: acertastes com a senda, aliás já por outros (e que outros!) devassada e trilhada, desde augustos e tenebrosos dias de ontem a terríveis (luminosos?) dias vividos e entrevistos por todos nós.

Citastes a Grécia e a Roma citastes; e, daquela, sobre o caráter monumental da *Ilíada*, escrevestes:

> Todo o mármore do Pentélico não bastaria para concretizar, esculturando-as, as cenas de luta que ela contém. Ao calor dessa inspiração, a escultura helênica de antes de Péricles aproxima-se a passos agigantados do ideal, superior a tudo quanto o Oriente até então produzira, por ser a vida, o movimento. Os artistas audaciosos, pelo orgulho da obra acabada, escalam o Olimpo e insculpem pela primeira vez, na frisa dos templos, os deuses batalhando entre os mortais; e, pela primeira vez, no modelar guerreiro moribundo do frontão do templo de Aphaia, o vencido mantém-se belo e doloroso, no mármore dos vencedores.
>
> Nascia também o elemento estético por excelência do combate: Policleto criava perfeito um ideal humano de força feminina, o tipo da Amazona guerreira, que será eternamente o mais belo e escultural soldado de todas as batalhas.
>
> Cortando essa vertigem para a perfeição, desabalava do Oriente entenebrecido a barbaria persa, transformando a Hélade sagrada num montão de ruínas. O gênio grego foi admirável na sua ascensão após o triunfo: quinze

anos depois da expulsão do último soldado de Mardônio, era o século de Péricles.

O velho Heráclito, precursor de Nietzsche, na sua linguagem genial e cabalística, afirmara uma verdade, dizendo ser a guerra o pai e o rei de todas as cousas e de todos os seres. Em seguida a Platéia e Salamina, – o Parthenon.

Enfrenta, agora, ao mundo grego o mundo romano, Cinocéfalos:

De um lado, a falange, emoldurada pelo Partenon, Palas radiante, pitonizas de Delfos, hierofantes de Eleusis e a procissão interminável das Panatenéas gloriosas.

De outro, a legião, enquadrada pelo Fórum, magistrados, tábuas cheias de dísticos, – leis agrárias, e a coluna monótona dos lictores, armados de feixes de varas.

Na falange, os Gregos, filhos legítimos dos deuses, nutridos na sabedoria pelo crime sagrado de Prometeu.

Na legião, os Romanos.

Na falange, os hoplitas fortes de Platéia; na legião, os vélites de Cannes, cavaleiros: os catafractas de Alexandre, diante dos céleres de Flaminius. Chocaram-se e Roma triunfou.

A lei, uma fórmula, venceu a beleza, uma criação.

Não reconhecestes, pois, a Roma, como legítima, a vitória de civilização traduzida, como poesia, no gênio coletivo, codificador da jurisprudência, no gênio político, formulado nas cláusulas primaciais do predomínio capitolino, e, com Júlio César, no gênio supremo de Virgílio...

"A expressão das paixões transmuta-se com os séculos", dissestes.

"A arte é imortal e não se repete; o seu símbolo supremo é Afrodite: amor e beleza, entrelaçados na luta."

Pérgamo, Antioquia, Alexandria, os triunfos do Macedônio "mesmo fora da medida ática", mas assombrosos de ânimo civilizador, os séculos clássicos, a Idade Média, Aljubarrota entrevista pelo prisma camoneano, a Renascença, a moderna França dos Reis e os seus padrões de cultura, de tudo isso, Sr. Gregório Fonseca, soubestes extrair em *Estética das Batalhas* fúlgidos raios estéticos, em feixe inolvidável. É o perfil de Napoleão, todavia, riscado a

capricho, embora de relance, que nos dais a justa medida do vosso estilo pinturesco e ladino.

> Napoleão é legenda, legenda vivida, igual às grandes legendas imaginadas. Grande sonho, o de Meissonier, o de pintar Erfurt – 1810!
>
> Os soberanos de toda a Europa reúnem-se em Congresso, convocados pelo Corso voluntarioso. Ao entrar na sala das sessões, cada Imperador, Rei, Grão-Duque, é anunciado pela alta voz de um arauto, enumerando-lhes os títulos e subtítulos da realeza.
>
> Reunidos, os potentados da terra pelo sangue e pela tradição esperam. O arauto pela última vez anuncia, numa palavra: – "*L'Empereur*", e, no meio de um grande silêncio respeitoso, assoma Napoleão, no uniforme dos Caçadores da Guarda, capote gris de Morengo, chapéu bicorne, enfumaçado, de Árcole.

Para que dizer mais?
Outra cena:

> Um episódio, entre muitos: no Egito, a batalha do Tabor, Kleber, ao centro de um quadrado heróico, resistindo ao combate furioso de um número décuplo de mamelucos em carga.
>
> Guiado pelo troar da artilharia, Napoleão marcha em socorro. Ao descortinar a beleza da cena, detém-se – artista, e o estado-maior que o cerca, em vez de ordens precisas de avançada, ouve exclamações à beleza imponente da tela, onde ressalta agigantado o vulto eqüestre de Kleber.
>
> Imaginai o que pensou Bonaparte! Beleza é evocação; dominava-o no momento o prestígio lendário de Saul, imortalizado em livros bíblicos!
>
> Napoleão tinha convicção da sua agigantada estatura épica; Desaix deralhe um trono em Marengo. Um túmulo para o herói! Napoleão escolheu: – Para Desaix, os Alpes por pedestal. E no cimo da montanha, em uma garganta do S. Bernardo, repousa o salvador de Marengo, olhando a Itália, palco da sua glória.

E esta, afinal:

> *Le Petit Caporal* era artista incomparável, conhecia como ninguém a cenografia épica: no cemitério de Gratz, o 84 de linha resiste, firme na morte, ao embate furioso de 20.000 Austríacos. Proclamada a vitória, Napoleão dirige-se imediatamente ao reduto dos bravos: um tambor toca a reunir; formam os sobreviventes, algumas dezenas; em continência, uma bandeira, crivo de balas. O Imperador aproxima-se, escreve nas dobras: 10 contra 1.

Era natural o deslumbramento dos artistas, à vista do Herói, em marcha de glória. E recordais:

> Os pintores franceses acompanharam a ascensão do vitorioso e com a cor, que d'Annunzio caracteriza como o esforço da matéria a querer ser luz, iluminaram a epopéia: Raffet, as avançadas tumultuárias; Vernet, o incomparável, a tragédia dos combates; Gross, os triunfos pessoais do César; David, o esplendor sereno da conquista, – Napoleão sagrado em Notre Dame, quadro histórico sem rival, que um crítico apelida de "processo verbal épico". E Austerlitz, Wagram, Yena, Eylau – a Europa repetida em uma vasta tela de batalhas.

Robert de La Sizeranne sustenta que o escultural e o pinturesco desapareceram da batalha moderna, reduzida a simples manobras matemáticas, e cita o fato da vitória de 1870 não haver inspirado, ao outro lado do Reno, obra d'arte de valia. Vai além, e sustenta que os próprios Franceses representaram apenas em telas julgadas obras-primas meros episódios heróicos ou de pequenos grupos de batalhadores.

É vigorosa a vossa réplica, Sr. Gregório Fonseca:

> Sizeranne é mau esteta. A observação é bem feita, mas não prova o postulado.
>
> Os Alemães, admiráveis no domínio da idéia pura, nunca o foram nas artes plásticas. Taine diz de Corneille haver criado as primeiras tragédias e fabricado as últimas. Os Alemães fabricaram milhares de quadros, jamais criaram uma tela imortal.

Depois, batalha é o épico através da pintura e da escultura. Não há épico sem herói e o herói em 1870 foi o soldado francês. Natural que as telas francesas imortalizem o seu herói.

De resto, os Alemães, patrícios de Wagner, o gênio mais cenográfico da humanidade, na opinião de Nietzsche, não souberam realizar na arte a cenografia prévia do personagem épico...

A Moltke, representante máximo da sua glória militar moderna, tiveram o mau gosto de perpetuar a figura em painéis fotográficos, pintando-lhe, uma a uma, as protuberâncias do rosto enrugado, em franca senilidade.

O herói é belo: Canova deu a Napoleão uma efígie capitolina de Augusto...

Engana-se Sizeranne: na batalha moderna, como na antiga, a arte tem fonte perene de inspiração. Que é o *1814* de Meissonier? Episódio comum de qualquer guerra, em qualquer tempo: um estado-maior avançando numa planície nevada, paralelamente a divisões que se deslocam. No entanto, *1814* é uma grande página épica: à frente desse estado-maior, marcha, pensativo, ainda cheio de fé, Napoleão, o herói. Retirai-o da tela e restará um quadro banal, tecnicamente bem feito.

Argutos comentários, períodos eloqüentes, concisos, leves, sóbrios; mas, sobretudo, quadros, vultos, desenho, colorido, proscênios, movimento...

Tentamos revelar o vosso talento de pintor, de um vero pintor da pena, espontâneo e de escola. Certo é, porém, que já, então, se descobriam nas telas, vez por outra, esbatimentos de contorno, esmaecimentos subjetivos de tinta...

Napoleão, vimo-lo, é legenda, legenda vivida, semelhante às outras, as imaginadas.

Cumpre, no entanto, não esquecer:

Fausto, D. João, Napoleão, hércules supremos do poder humano, os três, finalmente vencidos, tiveram a sua túnica de Nessus. Fausto, condenado à velhice eterna; D. João, ao martírio da saciedade; Napoleão, prisioneiro em Santa Helena: ironia da dúvida; ironia do amor; ironia da força.

Oh! o poeta de gênio capaz de enfeixar esses três personagens gigantescos em um poema imortal!

Que vos direi ainda, Sr. Gregório Fonseca?

Desejo somente recordar-vos que o autor dessas frases ainda se não apaixonara, como depois aconteceu, por felicidade própria e das letras, pela sublime legenda mística (também sonhada e vivida) do aureolado de Assis, daquele manso e meigo filho do céu, poeta da vida perfeita na terra tristonha e feia, cuja aspereza ele teve o divino poder de alindar espiritualmente; daquele herói-santo, acerca de quem esperamos, os amigos e confrades da Academia, o vosso prometido livro...

Ser-me-ia, decerto, gratíssimo entreter-me convosco de todos os outros trabalhos em que revelais, com o vosso talento, uma dedicação superior à defesa de grandes causas, nacionais e humanas, dos vossos discursos, como o de saudação a Olavo Bilac no Clube Militar, em admirável cruzada cívica, da biografia do Marechal Bento Ribeiro, do estudo sobre o nosso Aníbal Teófilo, de modelares artigos quais o relativo a Clemenceau, e dessa admirável conferência que é *A Arte*. São obras, aliás, bem conhecidas em nosso meio de imprensa, letras, salões.

* * *

Tentei refutar-vos, Sr. Gregório Fonseca, em matéria tocante ao vosso talento, que, nesta solenidade, a Academia Brasileira consagra. Consagramos em vós a Arte Brasileira, de que vos tornastes verbo eloqüente. Valeis pela clareza de idéias e de forma, pela incontestável e sedutora elegância de um estilo pessoal, que vos exprime e nos exprime, nosso, bem nosso, do Brasil contemporâneo, pelo amor às elevadas expressões de cultura humanista manifesto em vossa pequena, fragmentária, mas admirável, una, coleção de modelares páginas, a trechos, palpitantes de vida, agitadas sempre (é a nossa impressão) de motivos superiores ao contexto, trépidas, sonoras, palpitantes de vida, inéditas de altivo, arisco e, também, suave brio mental nas referências. Atesta em vossa escolha a Academia o nosso critério de, tacitamente aceita, indiferença para com o preconceito (os preconceitos, pluralizemos?) de toda a ordem, de escola e de escolas, de sistema e de sistemas e também de seitas e seitinhas e de grupos e grupelhos...

Confesso-vos, malgrado meu, haver interpretado, às pressas, e sem vênia, talvez com indiscrição, mas, decerto, com sinceridade e justiça, algu-

mas expressões de caráter espiritual que desejaríeis demorassem no foro interior. Quis mostrar que o autor em cuja obra encontramos tantas admiráveis passagens, é, embora não queira reconhecê-lo, um pensador, um escritor, um artista.

Discurso do
SR. ALCÂNTARA MACHADO

e

Resposta do
SR. AFRÂNIO PEIXOTO

Sessão solene extraordinária
do dia 20 de maio de 1933

I

DISCURSO DO SR. ALCÂNTARA MACHADO

Dentre as mercês que vos fiquei devendo, Srs. Acadêmicos, tenho por uma das melhores a longa e saborosa intimidade, a que me obrigastes, com a obra e a vida igualmente formosas de meu antecessor.

Vida muito simples. Obra que não peca pela abundância. A parcimônia desta, a discrição da outra, a nobreza de ambas estão a revelar, em sua unidade e coerência, como reflexos diferentes do mesmo lume interior, o feitio espiritual do homem. Foi ele uma dessas criaturas a quem o destino recusa o favor perigoso de acender entusiasmos mais ou menos provisórios, e concede a graça maior de suscitar simpatias perduráveis e unânimes. Poderá talvez quem lhe trace o perfil escapar àquele estado permanente de transe, àquele êxtase beato, que constitui, a acreditarmos no ensaísta inglês, doença profissional dos biógrafos. Ninguém haverá, todavia, que de seu convívio não saia enriquecido, e, depois de gozar a doçura de freqüentá-lo, se não confesse, como de público e reverentemente me declaro, discípulo do professor de honestidade no pensar, delicadeza no sentir e boas maneiras no dizer, cuja herança jacente nesta Casa houvestes por bem deferir-me.

RECIFE E COIMBRA

Em Recife veio à luz e viveu até à adolescência José Júlio da Silva Ramos.

O pai, médico de largo conceito, era nascido em Pernambuco, mas diplomado em Portugal e casado com portuguesa. Está assim explicado o fato de haver mandado o rapaz, logo depois de concluídos os preparatórios, a estudar leis na Universidade de Coimbra. Explicado, apenas. Porque não se justifica jornada tamanha em busca do diploma ambicionado, quando na cidade natal, a dois passos da casa paterna, existia em pleno funcionamento uma fábrica generosa e ilustre de bacharéis, que, se não sobreexcedia, também não sobestava à ultramarina.

Arriscado seria julgá-las tão-só pelo depoimento dos alunos. A caridade intelectual figura entre os poucos privilégios abandonados à velhice pela mocidade. Quando se tem vinte anos, nenhuma escola existe, que não seja hipogeu bolorento de verdades defuntas, e quase todos, senão todos os catedráticos se emparelham, no que toca à inteligência, com certos solípedes africanos de pelame vistosamente listrado.

Assim, não devemos fiar sobremodo no gesto de Benilde Romero, irmão de Sílvio e como ele desabusado e explosivo, que se despede naquele tempo da congregação atônita de Recife, com a declaração espantosa de que nada tem a agradecer-lhe, porque em postilas horrendas de carolice e pedantaria não se aprende patavina. Nem podemos tomar à letra a página de Eça, magnífica de ferocidade, transudante da "*splendida bilis*" horaciana, em que a Universidade conimbricense, mãe amorosa de tantas gerações insignes, aparece deformada, pelo malefício de palavras que silvam e mordem como víboras, em madrasta sem estranhas, toda entregue à volúpia sinistra de comprimir e escurecer as almas.

Basta a virulência de libelos tais para enfraquecer a acusação. Denunciam, porém, esses e outros sintomas a existência de alguma coisa de repugnante à consciência dos moços no espírito e nos métodos de ensino do Direito. As duas Faculdades andavam então esquecidas, como tantas se conservam ainda agora, dos deveres incumbentes a organismos de tamanha excelsitude na formação da mentalidade nacional. Abdicavam, por indolência, a dignidade soberba de centros de elaboração e irradiação do pensamento jurídico; e, tolhidas pelo teorismo dos programas e pela inépcia dos processos pedagógicos, não tinham sequer as vantagens suculentas, embora subalternas, das escolas meramente profissionais. Desviadas assim de sua missão de cultura como

de sua função prática, patinhando e remanchando no atoleiro da rotina, com professores atrelados ao compêndio e discípulos prisioneiros da sebenta, haviam-se degradado a máquinas distribuidoras de graus acadêmicos.

Se ambos os institutos se limitavam a fornecer pergaminhos em vez de conhecimentos, por que adquirir no estrangeiro artigo equivalente ao indígena em qualidade e preço? É que um demorava muito próximo, alojado no pardieiro leproso da rua do Hospício, com os seus aleijões e deformidades bem visíveis; e o outro, aos olhos saudosos dos pais e à imaginação famulenta do filho, tinha o prestígio invencível das coisas distantes no tempo e no espaço.

Pouco se lhe dava, aliás, a Silva Ramos, a maior ou menor eficiência das lições que ia receber. Não o seduziam, nem a beleza difícil do que ele chamou depois as regiões enevoadas da jurisprudência, nem as perspectivas lisonjeiras das províncias reservadas à atividade dos juristas. Se optou pela escola de direito, foi confessadamente por ser aquela que ócios mais largos lhe consentiria aos devaneios de poeta "*in esse*" e de cronista "*in posse*". Acertou na escolha. Em toda a parte o curso jurídico é estrada suave e batida, de rampas macias, e tão desimpedida de obstáculos, que nenhuma outra se lhe compara em facilidade e segurança. Recomendam-na singularmente aos espíritos romanescos as veredas extravagantes em que se desarticula e multiplica, de maneira que pode levar o caminhante às paragens mais imprevistas: ao parlamento, à literatura, à diplomacia, à lavoura e até, por vezes, ao Fórum.

Para escalar o Parnaso não precisava Silva Ramos de transpor o oceano. Poesia é função de certas almas, e não atributo de certas paisagens. Estará sempre e somente onde houver alguém capaz de justificar a definição de Emerson: o poeta é "aquele que diz". As palavras que emprega são as mesmas de que nos servimos. Ganham, porém, em sua boca, um timbre, um sentido, um prestígio inesperados. Criam imagens novas do universo. Reintegram a carne no verbo. Libertam do estado larvário as idéias e os sentimentos, que o comum dos homens não pode exprimir. Aumentam-nos em todas as dimensões o espírito e o coração. Tudo porque o poeta sabe realizar a união hipostática do pensamento com o ritmo.

O estímulo da hora, tê-lo-ia o jovem pernambucano, deixando-se ficar em sua terra. Abandonou-a, precisamente, num dos momentos mais patéticos da vida nacional.

Havia chegado o tempo da guerra do Paraguai, farto de sangue e de lágrimas, que são a matéria-prima dos poemas imortais. Esvaía-se o melhor da substância do Brasil pelas veias abertas dos heróis, enquanto subiam de todos os rincões para o céu indiferente o soluço das viúvas e o rugido das mães.

Os tempos tinham chegado, propícios à criação artística, porquanto dominados pelo signo da inquietação. Inquietação na ordem filosófica, abalada até aos alicerces pela irrupção do comtismo e do transformismo; no domínio estético, pelo advento dos hugoanos, e, logo depois, pela importação da poesia parnasiana e do romance naturalista; na esfera política, pela ressurreição da idéia republicana e pelo problema cruciante da escravidão. Processava-se na alma da juventude uma dessas roturas definitivas e bruscas com o passado que, no conceito de Macaulay, tornam duas gerações consecutivas tão diferentes uma da outra, como se pertencessem a povos estranhos; e nunca, por isso mesmo, os nossos meios acadêmicos se mostraram mais opulentos de valores espirituais. Se houvesse ficado no lugar em que nasceu, naquela cidade que, "sorrindo à sombra dos coqueiros", acenava a Gonçalves Dias, e aos olhos agudos de Eduardo Prado se apresentava "clara e limpa, à beira de lagunas, de rios, de canais, muito branca, muito sossegada, com as suas casas de azulejos e de telhados vermelhos", Silva Ramos teria sido condiscípulo de Joaquim Nabuco e Araripe Júnior, de Luís Guimarães e Inglês de Sousa, de Franklin Távora e Tobias, de Castro Alves e Rui Barbosa. Onde poderia encontrar uma ala assim numerosa e galharda de servidores da beleza?

ESTUDANTE COIMBRÃO

Depois de breve estágio na Escola Acadêmica de Lisboa, chega José Júlio a Coimbra em 1869. Não nos interessa, porque a ele nunca interessou de verdade, o seu currículo escolar.

Sai de casa, certa manhã, muito bem posto no uniforme, que veste pela vez primeira: capa traçada, batina curta e calção, tudo talhado a capricho pela tesoura impecável do Barata, alfaiate famoso, que tem a tenda no Arco d'Almedina: voltinha eclesiástica a vestir-lhe o pescoço; meias negras de laia; sapatos comprados ao Ervideira, ali no largo da Feira dos Estudantes. Vai seguindo, garboso e faceiro, até que, chegando ao canto da Rua dos Loios,

ouve o berreiro da estudantada, que monta guarda à Porta Férrea, para pegar "de cara" os novatos. Só então dá acordo do perigo. Procura, em vão, nas cercanias, um quintanista benemérito, "caronte" providencial, que lhe ponha à cabeça a pasta de veludo vermelho, único meio de transpor incólume o passo fatídico. Ninguém. Que remédio? Investe, suando frio, a barreira infernal; e atravessa-a por entre empuxões, repelões, canelões, até dar consigo nos Gerais, dentro do recinto da Universidade, com as canelas em fogo, os cabelos em desordem, escalavrados os sapatos preciosos e amarfanhadas a batina e a capa.

À noite, mal refeito do susto, resolve espairecer um bocado. Salteia-o uma saudade lancinante dos rios quietos e dos mares raivosos de Pernambuco. E se fosse ao "Ó da Ponte" ver a dança do luar sobre as águas do Mondego? Segue; mas, à primeira esquina, uma revoada de asas negras se abate sobre ele. São alguns segundanistas, que andam à caça de calouros. Posto no meio do círculo, tem de bailar, e cantar, e discursar, e dizer a tabuada. Deixam-no, afinal, depois de o terem "esmonado", ou tosquiado os cabelos, de uma banda só. Corre à casa, ansioso por ver ao espelho o estado a que lhe reduziram a cabeça. Que selvageria! Para distrair-se abre um livro, tomado ao acaso; e Quevedo consola-o da aventura nefanda, contando-lhe o que era o "trote" em Salamanca. Mil vezes a tonsura burlesca, do que o "gargajeo" imundo!

Passados os primeiros dias, José Júlio começa a sentir-se mais à vontade. Não acreditamos tenha assentado praça no regimento dos "ursos", estudiosos e pacatos, senhores e possuidores dos bancos da frente, submissos ao toque vespertino da "Cabra" e às badaladas matinais do "Cabrão". Será preciso lembrar que a geringonça acadêmica assim batizou os sinos aborridos da torre universitária? Maldita seja a "Cabra", que na véspera dos dias úteis interrompe a cavaqueira com os colegas ou o derriço com as tricanas, lembrando à gente que são horas de recolher à casa, acender o candeeiro de três bicos e mergulhar na sebenta! Raios te partam, "Cabrão", que nos dias de aula obrigas o estudante a saltar da "rabeca", leito humilde e gostoso de quatro tábuas armadas sobre cavaletes, confessionário de tantos sonhos e de tantas decepções!

O lugar de Silva Ramos não é também no fundo do auditório, no "poleiro" dos anfiteatros, na "coelheira" das salas rasas, onde, ninado pelo recitado pastoso e monótono do lente, pode o cábula dormir à vontade, após

uma noite esbanjada na taberna do "Homem do Gás" ou na baiúca do "José Maria", a comer sardinhas fritas e broas de milho, a esvaziar copázios de carrascão da "Bairrada", e a inventar nos intervalos a melhor maneira de endireitar o mundo.

É bem no meio, a igual distância das duas bancadas, que estamos a vê-lo. Espírito feito de ponderação e equilíbrio, atento à medida nas atitudes e à decência nas palavras, avesso aos gestos excessivos e às soluções extremas, são as zonas temperadas que mais condizem com o seu caráter. A altivez não lhe consente fingir que bebe com delícia o verbo magistral. Ressonar francamente, veda-o a cortesia, que nele não é verniz superficial, mas alguma coisa de orgânico e instintivo. O recurso é fazer o que estais fazendo agora: ter os olhos fitos no orador, e o pensamento e os ouvidos alhures. "*Peregrinantur aures*", dizia Cícero.

Para que dar atenção às preleções? Ali está a postos o "sebenteiro", que as recolhe e vende por alguns tostões, depois de litografadas pelo Pacheco, da Rua das Cozinhas, ou pelo Manuel das Barbas, do Marco da Feira. Manuel das Barbas, o Venturoso, poderíamos chamar-lhe, se déssemos crédito ao epitáfio que em vida lhe fizeram:

Litografava sebentas
Mas foi feliz: nunca as leu...

Nenhum professor existe, na congregação daquele tempo, digno do nome. Nenhum desses espíritos de negação ou de afirmação, empreiteiros de demolições ou arquitetos de hipóteses, que imprimem para sempre na alma dos discípulos o selo de sua personalidade soberana. Existem docentes, o que é a coisa muitíssimo diversa. Alguns, simpáticos e esclarecidos; outros, porém, últimos espécimes de uma fauna odiosa e grotesca. Déspotas de beca, autocratas de borla e capelo, arrogam-se todos os poderes sobre a consciência dos alunos. Impermeáveis às influências do momento em que vivem, ensinam o que aprenderam de seus mestres e estes de seus predecessores; e reputam sacrílega e menor veleidade de autonomia intelectual. Não se limitam a transformar a Universidade em senzala de inteligências: obrigam os estudantes, dentro e fora da escola, ao regime vexatório dos presídios. As ruas da Alta, onde se

concentram as "repúblicas", são rondadas, dia e noite, pelos archeiros e verdiais, esbirros da polícia acadêmica. Ai do rapaz que se mostre publicamente com a batina desabotoada, ou tenha andado a perseguir os neófitos durante a Semana Santa, ou seja, convencido de delitos quejandos! Põem-no logo sob "paternal custódia", eufemismo que disfarça o encarceramento na prisão dos Loios. Dentre esses megatérios do professorado, vários são francamente lunáticos. Há quem reprove, por sistema, todos os primeiranistas que apareçam nas aulas "esmonados" ou tonsurados pelos veteranos; como existe quem não aprove examinando que tenha o desaforo de chamar-se Franco. Inéditos e nulos, deixam apenas de sua passagem pelo magistério uma esteira de odiosidade ou de ridículo; e é na literatura anedótica da Universidade que vamos encontrá-los sambenitados de alcunhas vingadoras pela juventude: o Marmelada, o Cãozinho de Regaço, o Pedro Penedo da Rocha Calhau... Ao conhecê-los fica a gente a pensar porque a deusa tutelar de Atenas, que, com uma esfera de granito na mão, se anichava acima da cadeira professoral, se obstinou sempre em desatender à exortação famosa:

Minerva, faz-nos a esmola,
Se o pai dos deuses consente:
Deixa cair essa bola
Sobre a cabeça do lente!

Pouco importa afinal o que ensinam os catedráticos. De Coimbra só interessa o que fazem os estudantes.

Que hão de fazer, senão versos? Desde que pelos "saudosos campos de Mondego" passou Luís Vaz de Camões, há grande fartura de lirismo nos "ares lavados e doces", que vão "do Salgueiral até Celas". Nascida dos "formosos olhos nunca enxuitos", da linda Inês, a Fonte das Lágrimas é uma Castália em miniatura, que nunca se recusou a amamentar imparcialmente clássicos, românticos e modernos. Mais poetas se encontram à tarde, beberricando café na Delfina, passeando à sombra das tílias do Jardim Botânico ou sob os loureiros da Quinta dos Crúzios, cavaqueando nos bancos do caminho da Beira, do que papoulas nas searas do vale de Coselhas ou pardais no Choupal. Em noites de luar o Penedo da Saudade transborda de trovadores; e

basta um pouco de imaginação para emprestar a aparência de bosque sagrado à mancha escura dos olivais, que se estendem pela várzea, frementes de rouxinóis. Mas é principalmente nas bodegas oficiais da Academia que os cenáculos se formam e florescem.

A estas horas seria imprudência descermos pelo "Quebra costas" à cidade baixa, e, perdidos no labirinto das vielas sórdidas, irmos à procura das locandas do "Conselheiro Rodrigo" e do "Varão de Luxemburgo". Estamos a dois passos do canto da Rua Larga com a do Borralho, onde as tias Camelas têm a tasquinha ilustrada por tantas proezas memoráveis.

Ei-la, anunciada pelo ramo de louro à frente da casa. Logo à entrada, alguidares de barro sobre caixões de pinho regurgitam de sardinhas maravilhosas. O salão está vazio. À luz mortiça de dois renques de candeeiros entrevemos o mobiliário composto de tripeças cambaias e ensebadas, em torno de mesas atoalhadas de estopa. Ao fundo, como um altar iluminado, o fogão flamejante. As labaredas começam a lamber gulosamente as frigideiras negras de fuligem. De envolta com a fumaça da lenha crepitante, o cheiro das peixadas que chiam no azeite foge para a rua, a convocar a freguesia; e, aos magotes, os rapazes invadem o recinto.

Nem todos vestem o uniforme regulamentar. Alguns envergam burguesmente, "à futrica", a jaqueta ou a quinzena. Outros, de carapuça encarnada, colete de Saragoça, faixa vermelha à cintura, e, na mão, o varapau tremendo, fingem de campônios. Cachimbos, charutos e "milícios", que são os únicos e horríveis cigarros do contrato, empestam a atmosfera. Discussões. Piadas. Algazarra. E vinho à farta: o "vivo", que sai borbulhante da pipa; o "carrascão", leve e loiro como os seus primos da Renânia. Enquanto isso, a correr de uma panela para outra, no afã de mexer e remexer as enguias e as postas de sável, a mais velha das Camelas, toda engelhada, vestida de vermelho pelo fogaréu, lembra uma feiticeira em noite de Sabat. Tudo, com grande escândalo dos santos, que, pregados em efígie às paredes, levantam pudicamente para o céu os olhos pensativos.

Desenha-se de repente, em meio do tumulto, um movimento de atenção, como se diz nos anais parlamentares. É que acabam de chegar os poetas da Couraça. Que estudante há por aí que não conheça a casa de que lhes vem o apelido, sita à Couraça de Lisboa, com a porta e a janela escancaradas noite

e dia para o patamar de pedra? Onde o calouro, que não sonhe imitar-lhe a vida estouvada e desperdiçada de estróinas? Qual o novato, que não afague a esperança de colaborar na "Folha", semanário de pequena tiragem e larga nomeada, que, redigido por eles, desempenha no meio literário de Coimbra o papel de *arbiter elegantiarum*?

Espetaculoso e arrogante, de barrete húngaro à cabeça, mãos cruzadas nas costas, lábios franzidos por um sorriso mordaz, que sublima a impertinência de monóculo entalado no olho esquerdo, João Penha narra a história fabulosa do manjericão mofino e pálido, a que resistiu as cores e saúde, com regadelas de vinho. Ao lado do cantor dos paios de Melgaço e dos presuntos de Lamego, está um moço moreno, desbarbado, enxuto de carnes, máscara atormentada e revolta. É Gonçalves Crespo, que acaba de chegar das águas de Aljustrel. Toma do lenço, limpa devagarzinho os vidros da luneta e, grifando a narrativa com risadas largas que lhe desvendam a alvura dos dentes, agravada pelo trigueiro da tez, conta os episódios facetos da estação balnear. O último, não precisamos apresentá-lo: a pequenez do porte, os cabelos negros e curtos, a fronte escampada, os olhos cheios de faíscas, o nariz hebraizante, a petulância do bigodinho agressivo, o mento voluntarioso bastam para identificar Abílio Guerra Junqueiro. Parece preocupado. É que anda a premeditar o assassínio impossível de Dom João; e, inimigo pessoal do Padre Eterno, acaricia o projeto de abrir, como o Fídias de Charles Maurras, uma escola de sacrilégios.

Excluídos, naturalmente, do convívio dos triúnviros, formam rodinha à parte os noviços das letras. Deste ângulo podemos observá-los à vontade. Ali estão Silva Ramos, Garcia Redondo, Bettencourt Rodrigues, Antônio Cândido, em volta de um rapaz cabeludo e simpático. É alentejano, de Regüengos de Monsaraz. Deu-lhe a fortuna, por equívoco, o nome planturoso de Antônio de Macedo Papança, nome feito sob medida, não para um poeta delicado e fidalgo como ele, mas para um dos cônegos bojudos de Braga ou de Leiria. Qual o problema que estão discutindo, entre garfadas de sardinhas e goles de verde, esses rapazes mal saídos da impuberdade? O título do jornal, que lhes servirá de órgão. Escolhem-no ao cabo de caloroso debate. Chamar-se-á "O Peregrino", tão inexplicavelmente como se chama Papança o chefe do grupinho literário.

POETA LÍRICO

Com que alvoroço, algumas semanas depois da noite vivida conosco sob o teto enfumaçado das Camelas, Silva Ramos vê impressos em "O Peregrino" os primeiros versos que lhe saíram da lira!

Da lira, sim. Que outros emboquem a tuba estridente da epopéia; ou rufem o tambor das reivindicações políticas ou sociais; ou, metendo simplesmente, dois dedos na boca, apupem os pecados e vícios do próximo; ou, como prescreve a moda atual, se ponham a bater canhestramente, de mãos enluvadas, em atabaques africanos, ou a trautear, muito a sério, toadas pueris em cornetins e gaitas de vintém.

Poeta lírico é ele então, e sê-lo-á durante a vida inteira. A seu ver, só um tema existe, digno do instrumento com que, rasgando nos horrores do inferno um parêntese de paz e suavidade, Orfeu imobilizou nas mãos das Eumênides o chicote implacável e calou nas fauces de Cérbero o latido medonho.

Confessa-o no limiar da brochura vestida de lilás, em que reuniu os poemas da adolescência. Aí está uma usança que devera ser obrigatória. Posta logo no ingresso do livro, a citação denuncia as amizades espirituais do autor e as fontes, ocultas no subconsciente, de sua inspiração. A mesma inscrição terá, conforme o leitor, sentidos opostos. Pode representar para este o mais amável dos convites: "queira entrar!" Para aquele constituirá possivelmente advertência minaz, equivalente à nuncupatória encontradiça no peristilo das antigas moradias romanas: "*cave canem*!"

A epígrafe dos *Adejos* diz simplesmente: "*L'amour est tout... Aimer est le grand point*"... Nestes dois versos, que certa vez gotejaram, como dois pingos de sangue, do coração "soberbo e solitário" de Alfredo de Musset, estão concentradas uma concepção do universo e uma filosofia da arte rasgadamente líricas. É natural que tais sejam as de Silva Ramos, quando contempla o mundo com os olhos novos e enfáticos dos dezoito anos, e, alma desarmada de malícia, acredita ainda nas promessas ambíguas do destino. Espantoso é que se lhes conserve fiel na idade amarga, em que todos sentimos o nosso tesouro de ilusões e de sonhos desbaratado e saqueado pela experiência.

"Sempre igual a ele mesmo, sem nunca se contradizer, sem nunca se desmentir", com a sólida coerência que lhe é um dos traços marcantes da

fisionomia moral, o septuagenário não vacilará em repetir, sem embargo de tudo quanto já viu de torpezas e padeceu de misérias "pela vida afora", o credo magnífico do adolescente. "O lirismo não morre" (afirma-o bem alto no elogio de João de Deus), "porque o lirismo é o Amor, e o Amor a lei de atração universal, que rege as almas, infinitamente mais poderosa que a que rege a Natureza." Que assegura, em suma, senão isso mesmo, quando, de outra feita, se propõe a "extrair das coisas a essência de ternura que elas contêm?" E quando nos ensina, em fórmula ardente e clara como um diamante, em palavras que a Virgem de Ávila não renegaria, ser o prêmio do amor o próprio amor?

Aquele empenho ruskiniano em nobilitar os elementos pobres e comuns da vida; aquela intimidade com a natureza, que lhe dá o direito de tutelar o sol como a um "bravo camarada", à maneira do pobrezinho de Assis; aquela postura, que foi sempre a sua, mais contemplativa do que militante, mais de aceitação do que de reação, em face da fortuna, são outros tantos indícios de que em Silva Ramos o lirismo reflete a realidade interior; e o cravo inamovível que lhe sorri na carcela do casaco, será talvez, para os freudianos, a afloração do sentimentalismo censurado e seqüestrado pela hostilidade do ambiente.

AMIZADES LITERÁRIAS

Vôos incertos e prudentes de pássaro quase implume e ainda mal seguro do vigor das asas, servem-lhe os *Adejos* para aproximá-lo das figuras primaciais da poesia portuguesa. Das velhas e das novas.

Torna-se íntimo de Sabugosa, Teixeira de Queiroz, Macedo Papança. Deste, principalmente, que costuma levá-lo a saborear a primavera na quinta dos Colmeeiros. Admitido a galgar diariamente os seis degraus de acesso à casa de Crespo e de João Penha, pode admirar à vontade a alcova do primeiro, empapelada com estampas de jornais ilustrados, e, da janela do outro, o panorama tranqüilo de Coimbra, com os seus outeiros exultantes, como os do Salmo, às carícias do sol, ou aveludados e retocados pelo crepúsculo. Guerra Junqueiro dá-lhe a investidura de amigo vitalício; e não tardaremos a vê-los,

montados cada qual em seu burrinho, pela serra de Cintra acima, onde a "musa em férias" vai tonificar-se.

Passar-lhe em revista as amizades equivale a evocar todos quantos, por volta de 1880, "jogam os malabares das letras entre o Martinho e a Havanesa": desde João de Deus, macambúzio e meigo, com o seu sorriso unilateral de meia cara e meia boca, até o louro e doentio Cesário Verde, pintor delicado de realidades grosseiras; passando por Gomes Leal, de um pessimismo palavroso demais para ser sincero, e Fialho de Almeida, a quem falta em ironia o que sobra em acidez.

Vivendo assim com os novos, Silva Ramos não se julga obrigado a envolver os velhos no mesmo desprezo imparcial. Encarna então a velhice, a tradição, a literatura oficial, Antônio Feliciano de Castilho. É de ontem a ofensiva fulminante desfechada contra a sua autoridade pela escola coimbrã, sob o comando de Antero e de Teófilo; e percebem-se ainda os derradeiros lampejos de incêndio, que a revolução ateou, e o surdo rumor dos últimos desabamentos. Silva Ramos não vacila, entretanto, em transpor o pórtico do palacete da Rua do Sol, ao Rato, a fim de prestar homenagem ao sonhador de "*Felicidade pela agricultura*". Com que efusão o patriarca, pálpebras caídas sobre os olhos mortos, acolhe o brasileirinho, vindo do território ocupado pelo inimigo! O apreço dos que vêm chegando tem para os que vão partindo o antegosto da imortalidade. Em torno de Antônio Feliciano estão Henriques Leal, Bulhão Pato, Júlio César Machado e outros de tomo inferior. Silva Ramos ouve a leitura de um drama em verso de Júlio de Castilho e a recomendação de seguir a trilha dos maiores. Ignoramos a impressão que lhe produz o drama, filho bastardo da tragédia de Ferreira. A recomendação, acha-a detestável; e vira-a pelo avesso, quando lhe chega com a idade a vez de confeiçoar e propinar conselhos.

"Fuja quanto possível de imitar os mestres, que mais depressa lhe pegarão os defeitos que as virtudes", adverte ele com o seu claro entendimento ao neófito das letras, ansioso pelo roteiro da vitória. E ajunta: não se filie a nenhuma dessas escolas que por aí formigam, claustros onde os espíritos se escravizam à regra da comunidade, capoeiras em que não podem viver senão galináceos de asas mutiladas.

Tem razão. Antes dele, já havia firmado, em sua linguagem cortante e rútila de espadachim da crítica, Barbey d'Aurevilly que a poesia genuína é essencialmente solitária e individual: as águias voam sozinhas; andam desacompanhados os leões. Os verdadeiros artistas não têm modelo e desafiam a imitação. Mal acaba de fabricá-los (podemos dizê-lo à maneira cabocla), Deus quebra a fôrma e rasga a receita. Assim, aos principiantes que não sabem como empregar a imensa riqueza, que é a liberdade, o poder formidável, que encerra a inexperiência, e perguntam com angústia o que devem e o que não devem fazer, a resposta não pode ser outra senão esta, de Georges Duhamel: "Sede o que sois, e nada mais."

A sinceridade, eis a lição salubre dos que honram o espírito humano. Todos eles, por isso mesmo, sem distinção de épocas ou de gêneros, merecem que os conversemos, mão por mão, assiduamente. Dessa verdade compenetra-se desde logo Silva Ramos. Os parnasianos apresentam-no aos românticos. Os românticos, aos clássicos. Entre os autores de à cabeceira tem constantemente Camilo, Camões e Virgílio.

"O meu mestre Virgílio", é dessa forma que chama, com deferência e carinho, ao mantuano, que disse a beleza da terra violentada pela charrua, engravidada pela semente, e a sorrir, na glória da maternidade, quando dos flancos incansáveis lhe rebentam floradas e colheitas.

Do comércio diário com o outro, que cantou como ninguém o "mal que mata e não se vê" a "dor que desatina sem doer", a "ferida que dói e não se sente", vem-lhe a predileção pelo soneto

diamante que reflete...
a alma de Camões e a alma de Petrarca.

Vem-lhe, sobretudo, a densidade lírica de versos como estes, marcados "com o contraste da arte soberana", onde esplende a concepção mística do amor, a insatisfação da posse imperfeita, a fome do absoluto, a sede furiosa de imortalidade e plenitude:

Eu e tu. A existência repartida
Em duas almas. Duas almas numa

Só existência. Tu e eu. A vida
De duas vidas que uma só resuma.

Vida de dois, em cada um vivida.
Vida de um só vivida em dois. Em suma:
A essência unida à essência, sem que alguma
Perca o ser, – uma, sendo a outra unida.

Duplo egoísmo altruísta, a cujo enleio
No próprio coração cada qual se sente
A chama que em si nutre o incêndio alheio.

Ó mistério do amor onipotente!
Que eternamente eu viva no teu seio
E vivas no meu seio eternamente!

É o lirismo português, no que tem de mais característico, tal qual o definiu recentemente João de Castro Osório: o culto da foram e a transposição do sentimento para o plano metafísico. Estará com a verdade Boccaccio, quando assegura que poesia é, em substância, teologia? Será o amor, como pretende Bernstein, forma particular de santidade?

O LUSITANISMO

Paralelamente com o curso de Humanidades, feito nos clássicos de hoje e de amanhã, que não concluirá senão com a vida, vai Silva Ramos seguindo também o de Direito. Esse, termina-o, quase sem dar por isso. Acabam por ultimá-lo os menos apressados, como o vate do *Campo de flores*, cuja formatura consumiu tantos anos quantos a guerra de Tróia.

Recebe o diploma; e, sem saber ao certo o que fazer dele, diz adeus ao eco do Jardim Botânico e às trouxas de ovos de Cebola, aos aventais rendados e às chinelinhas de biqueira envernizada das tricanas; abraça, longamente, com os olhos úmidos, o burgo doutoral, que, debruçado sobre as colinas macias, se namora no espelho embaçado e trêmulo do Mondego, e toma o rumo do Chiado.

Deixa-se ficar por Lisboa. "Poeta mais por aqui, mais por ali", incorpora-se aos intelectuais, que fazem ponto na Livraria do Carmo e na Cervejaria Leão. Até que certo dia sente um apelo orgânico, a intimar-lhe o regresso. A observação é de Waldo Franck: depois de ter vivido verdadeiramente na Europa, compartilhando da existência de sua gente, o americano, para salvar a alma, tem de voltar à pátria.

Silva Ramos aproveita o ágape, que Fernandes Costa, Jaime de Séguier, Rafael Bordalo e outros lhe oferecem no restaurante da Mata, em Belém, para despedir-se, a um tempo, dos artistas, das letras e da culinária lusitanas. E parte para o Brasil.

Essa, e não outra, é a partida, que evocará mais tarde, comovidamente, em poema, que, pelo sentido dos valores e das proporções, riqueza discreta do colorido, elasticidade da perspectiva, e, sobretudo pela emoção que irradia, surda como o soluço abafado das dores condenadas ao silêncio, discreta como o sangue das feridas invisíveis rasgadas pela separação, ombreia com a "Mater Dolorosa" de Gonçalves Crespo:

Tenho-a presente, como agora, aquela
Dura noite da triste despedida.
A aragem levemente arrefecida
Da barca enfuna a desfraldada vela.

Distante, como em fundo de aquarela,
Some-se a mansa vila adormecida;
E a branda luz dos astros repetida
No rio as águas límpidas estrela.

Cena viva que a mente me descreve:
Dos amigos, em grupos pelo cais,
Vozes perpassam num sussurro leve.

Trocam-se as doces expressões finais;
E, enquanto os lábios dizem "até breve",
Os corações murmuram "nunca mais".

Nunca mais voltaria a Portugal. Para que voltar, se o trazia sempre no pensamento?

O espetáculo de outras paisagens, o atrito com homens estranhos, despertam às vezes, dentro em nós, apetites obscuros, que ignoramos, resíduos de fermentos ancestrais, que dormitam na modorra do subconsciente. Tal a virtude e tal o perigo das viagens. Quantos, em terra estrangeira, sentem de súbito a vontade absurda de gritar, como o poeta francês, ao defrontar-se com o desolado esplendor das solidões hiperbóreas: "*Ô mon pays tout à fait natal!*"

Silva Ramos explica pela preponderância da costela materna o entranhado lusitanismo, que nunca teve a fraqueza de desconfessar. Limitava-se, porém, a herança a desmoitar e adubar o chão para a semeadura, a carrear e amolecer o barro para o ceramista. Produto da multiplicação do fator hereditário pelas injunções do meio, cuja pressão robusta padeceu na quadra em que tem o espírito a plasticidade absoluta da argila, a paixão exorbitante de meu eminente antecessor pela grei e pelas coisas da banda de além justifica-se principalmente por motivos de ordem sentimental. Radiosa há de ser por força a visão que guarda de Portugal, no fundo da retina, porque é a imagem da própria mocidade; e as saudades que o alanceiam não são, afinal de contas, nem daquele pedaço amorável da península, nem daquela gente simpática, mas de si mesmo.

Tudo tem nele sotaque marcadamente lusitano: a prosódia, substância musical da língua, e a sintaxe, regimento interno do idioma; os hábitos e as inclinações; as tendências afetivas e intelectuais.

Daí, a ausência quase completa, em sua obra, da natureza e do homem brasileiros. A recordação da "alegre consoada das aldeias, ao pé do lume vivo a que se refogam os guisados", obscurece-lhe a memória das festanças caipiras, em que ao calor das fogueiras estalam os pinhões e rebentam as pipocas, enquanto correm largamente no terreiro engalanado com bandeirolas de papel a gengibrada, a garapa, o quentão. Malgrado a distância, avista, do outro lado do oceano, alguém que "atravessa a levada, equilibrando-se a custo nas alpondras resvaladias para escutar a cantiga da moleirinha, que sobe de azenha próxima"; e não enxerga, ali pertinho, o caiçara que abandona o remo, o piraquara, que esquece a pescaria, o tropeiro, que sustém o matungo caducante, o colono e o caboclo, que descansam a foice, quando, na doçura morna da tarde

tropical, ascende para o céu, como se fosse a própria voz da terra "desleixada e remissa e algo melancólica", o gemido lascivo de um violão.

Cronista delicioso, conversador exímio (que é a conversa senão uma crônica improvisada?) as anedotas, que lhe acodem ao léu da palestra ou ao sabor da pena, são todas importadas. Em vindo à balha a susceptibilidade dos homens de letras, logo intervém: "sempre me há de lembrar o que me sucedeu com Fernandes Leal, numa quinta-feira santa, em que juntos andávamos percorrendo as igrejas de Lisboa"... Ou então: "certa vez, subíamos o Chiado, eu e o Cesário Verde..." Alguém alude à incompatibilidade formal da morte com o riso. Outro se recordaria da página perfeita, em que o autor de *Quincas Borba* descreve o trespasse de Rubião: "A cara ficou séria, porque a morte é séria." Ele, não: "Júlio César Machado, por ocasião de um enterro, deu esta lição de seriedade..." Entra-se depois a discretear de matérias transcendentes, e ei-lo que atalha: "Conheci em Coimbra um filósofo, por nome Rosalino..."

A mesma inclinação transparece nos atos minúsculos e grandes da vida; na predileção pelas farsas temperadas à moda alfacinha e na escolha do patrono da cadeira acadêmica; no entusiasmo bem peninsular pelas touradas e na eleição da atividade social, a que se consagra durante meio século.

O PATRONO

Por que os povos que datam de ontem, os homens que conquistam de golpe a riqueza ou o poder, as instituições recém-nascidas, se não contentam com a posse do presente, e inventam, com maior ou menor felicidade, um passado?

Cerca-se o novo rico de telas, alfaias, mobílias de outras eras, pagando, sem regateio, a ilusão de ser contemporâneo das coisas antigas que lhe atravancam a casa. O filho do colono fabrica laboriosamente a prosápia que lhe falta, enxertando-se aqui nos "potentados em arcos" de Pedro Taques, ou nas "princesas" guaianases de João Mendes, e acolá nos "quatrocentos" do patriciado norte-americano. As novas Academias apressam-se em mascarar a geração espontânea, convocando e empossando sem consulta prévia mortos ilustres, e improvisando galerias de antepassados imaginários. Como explicar tudo isso? Um pouco, por vaidade. Muito, pela consciência lúcida ou obscura

de que a falta de tradição acarreta, à maneira das moléstias de carência, inferioridade orgânica; e pela certeza experimental de quanto são instáveis as construções desservidas de alicerces profundos e vacilante se mostra a legitimidade de títulos que não trazem a chancela do tempo.

Será talvez por isso que os fundadores desta Casa entendem não bastar o prestígio de suas figuras insignes à robustez da criação, e porfiam em brasonar-lhe as cadeiras com os esmaltes, peles e metais da melhor nobreza. Escolhem os paraninfos entre os mais altos representantes da ficção, da crítica e da eloqüência nacionais. Nem se conceberia que fossem tomá-los de empréstimo a estranhos, quando a Academia se constitui precisamente para afirmar que somos um povo dotado de caráter e destino próprios, desejoso tão-somente da glória "que possa vir de seu gênio".

Silva Ramos começa por eleger a Gonçalves Crespo. Lembram-lhe a abdicação feita por este da cidadania de origem, em troca de um mandado de deputado pela Índia às cortes de Lisboa. Decide-se então por Tomás Antônio Gonzaga, que nasceu e morreu português. Quem não percebe na substituição de um lusitano adotivo por outro de nascimento o imperativo das energias subterrâneas?

Sobejam, entre nós, bem o sei, historiadores e críticos apostados em abrasileirar compulsoriamente, contra a evidência resplandecente da verdade, o suavíssimo cantor de Marília. Esquecidos de que a probidade mais elementar nos intima a restituição do alheio, por muito empobrecidos que fiquemos, não se conformam com o empobrecimento que padeceríamos, perdidas as liras de Dirceu.

Para recusar ao poeta os foros do nosso compatriota, não seria eu tão leve, que me fundasse unicamente na circunstância de ter ele entrado o mundo às margens do Douro. Ninguém mais auriverde, sem embargo de bradarem o contrário os atestados de batismo, do que um José Clemente, um Vergueiro, um Barroso. Esses, todavia, fizeram ao Brasil o que Gonzaga sempre se absteve de fazer-lhe: a doação irretratável do coração inteiro.

Por mais que firme a vista, não descubro nenhures a prova de que se tenha desnaturalizado em nosso benefício.

Estará no fato de ser filha do país a sua inspiradora? Se valesse a consideração, ninguém saberia ao certo como classificar certos escritores, profissio-

nais do amor, que, à maneira de Pierre Loti, andaram a espalhar campos de demonstração e experimentação de erotismo em todos os continentes.

Consistirá na influência do meio americano sobre a poesia de Dirceu?

Antes de apreciá-lo por menor, direi por maior que o argumento nos levaria a balburdiar toda a geografia literária. Poucos serão os artistas que, sem desfalque de um átomo das virtudes radicais, não tenham enriquecido a sensibilidade e a inteligência, pela anexação de impressões e idéias colhidas em ambientes forâneos. Quem há, por exemplo, que não perceba no estilo vistoso de Victor Hugo a marca da Espanha, cujos poetas, já nos tempos ciceronianos, eram averbados de "pingue sonantes?" Para ele, como para Musset, Merimée, e, entre os contemporâneos, Valéry Larbaud, o mundo castelhano representa, na confissão do último, a Terra Santa, a pátria de eleição. Nem por isso nos será lícito incorporá-los à literatura espanhola.

Mas o pior é que a premissa contravém à verdade.

Se remontarmos às fontes, em que não podemos incluir as *Cartas Chilenas*, uma vez que o enigma de sua autoria continua a desafiar a sagacidade e a paciência dos eruditos, e todos os indícios colhidos até hoje desautorizam a identificação de Critilo com o noivo de Marília, verificaremos com surpresa serem de tenuidade e pouquidade flagrantes os vestígios da presença do Brasil na obra de Gonzaga. Tão escassos e diminutos, que, em vez de sensibilidade permeável às energias ambientes, delatam resistência invencível à ação física e social da Colônia.

A conclusão está na lógica das coisas. O poeta não viveu entre nós senão quatro ou cinco anos da meninice na Bahia e cinco ou seis da madureza em Minas Gerais; de sorte que toda a sua formação espiritual se operou na metrópole.

Ainda sim, é de sobremaravilhar que nas *Liras* se não vislumbrem, nem a sensação, nem o sentimento da terra; nem a turbação dos sentidos educados em outros climas, quando agredidos pela aspereza das formas, pela crueza das cores, pelos perfumes violentos, pelo gosto incisivo, pela voz bravia do mundo tropical; nem a compreensão e a adesão, que vêm depois, com o conhecimento e a posse da natureza pelo homem.

Céus e águas, serras e descampados, fauna e flora não existem para ele nesta província do planeta. Só a um pedaço de nossa gleba alude com doçura,

por ser o berço da desposada. Só uma onça aparece, ressabiada, a rosnar entre leões e tigres forasteiros. Só uma vez as palmeiras desfraldam, como bandeiras franjadas e esfarpadas na guerra contra os ventos, os ramos farfalhantes.

O ambiente bucólico dos árcades, falso e postiço, infunde-nos a nostalgia do que Marcial chamava o "*rus verum barbarumque*". O cenário das "liras" é pintado em Portugal. Dá azeite e vinho o casal onde assiste Dirceu. Recolhem às herdades os pastores. Fulvas searas de trigo e de centeio, freixos copados, olaias frondosas e olmeiros povoam o horizonte. O que sonha o vate, carregado de grilhões, na escuridão da masmorra, é voltar, livre e feliz, não à "pátria aldeia" da namorada, mas aos "saudosos lares" lusitanos. A sua atitude em relação ao Brasil está cristalizada naquela antítese involuntária e por isso mesmo singularmente expressiva, que contrapõe o "claro Tejo" ao "turvo ribeirão" do Carmo.

Em abono da tese contrária, invoca Sílvio Romero as estâncias graciosas, em que o poeta anuncia:

Tu não verás, Marília, cem cativos
tirarem o cascalho e a rica terra,
ou dos cercos dos rios caudalosos,
ou da minada serra.

Não verás separar ao hábil negro
do pesado esmeril a grossa areia,
e já brilharem os granetes de ouro
no fundo da bateia.

Não verás derrubar as virgens matas,
queimar as capoeiras inda novas,
servir de adubo à terra a fértil cinza,
lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
das secas folhas do cheiroso fumo,
nem espremer entre as dentadas rodas
da doce cana o sumo.

Versos puramente brasileiros, comenta o sergipano egrégio. Não: página friamente descritiva; poesia de reinol displicente, sem nenhuma inflexão carinhosa, sem nenhum estremecimento humano.

Que diferença de vibração e de temperatura na linguagem de Alvarenga Peixoto, árcade também, mas brasileiro de lei, ao defrontar-se com o mesmo espetáculo! Ouçamo-lo celebrar na oitava rima camoniana o heroísmo inconsciente dos tapanhunos, galés da mineração, grilhetas da enxada:

Esses homens de vários acidentes,
pardos e pretos, tintos e tostados,
são os escravos duros e valentes,
aos penosos serviços costumados.

Eles mudam aos rios as correntes,
rasgam as serras, tendo sempre armados
da pesada alavanca e duro malho
os fortes braços feitos ao trabalho.

Sente-se aí o que falta a Dirceu: o timbre inconfundível da simpatia e da ternura. É bem o mazombo que fala, transportado de orgulho e de paixão por

isto a Europa barbaria chama
... bárbara terra, mas abençoada!

GONZAGA E A INCONFIDÊNCIA

Adivinho a objeção que se arma no espírito de quantos me escutam: "e o papel de Gonzaga na inconfidência mineira?"

Revidar poderia que o fato não seria suficiente, só por só, para desnacionalizar o portuense ilustre. La Fayette, Byron, Garibaldi bateram-se pela independência de povos estranhos.

Prefiro, porém, seguir a tática de Regulus, causídico romano, de que fala Plínio o Moço, e desprezando os golpes preparatórios, saltar direito ao argumento e torcer-lhe o pescoço: "*ego jugulum statim video, hunc premo*".

O conhecimento das devassas relativas à conspiração mais alarmante do que perigosa de 1789 leva-nos à certeza de que o poeta foi suspeitado e condenado injustamente.

Os autos aí estão. Da maioria das páginas, em que durante vinte e nove meses a alçada foi arquivando, com o vagar e a volúpia de um colecionador de misérias, as ignomínias dos delatores, as abjurações dos conjurados, as fraquezas dos juízes, saímos, não retransidos de horror, como o Florentino, ao despedir-se "della valle d'abisso doloroso", mas com o coração a vomitar de nojo, talqualmente se houvéssemos atravessado o nauseabundo inferno de Swedenborg. Rasga-se felizmente, de onde em onde, uma clareira que descobre o céu. É que, laboratório estupendo de experiências "*in anima nobile*", permite a justiça penal apurar com precisão a resistência dos materiais de que saio feitos magistrados e testemunhas, acusados e vítimas. Esfarelam-se ou derretem-se nesse poderoso cadinho as almas de fraco metal; enquanto que, libertas das escórias da fundição, ganham as outras a têmpera do aço ou a refulgência do ouro.

Quase todos os inconfidentes se desmoronam e sucumbem em apostasias e malsinações. Três homens, três apenas, guardam na provação a linha vertical, erguendo-se à maneira de píncaros solitários, sitiados por tremedais e precipícios: Tiradentes, o padre Carlos de Toledo, Tomás Antônio Gonzaga. Triturados no potro dos interrogatórios infindáveis, metidos no corpo-a-corpo dramático das confrontações, acusam-se os dois primeiros com intrepidez e defende-se o último sem baixeza.

O maior, não preciso nomeá-lo. A filosofia da hora atual parece conter-se no provérbio chinês, que manda apequenar o coração. Passaram de moda a indignação e o entusiasmo. Para servir-me da expressão de Paul Morand, detestamos o excepcional, temos o culto do não-herói. Não importa: confesso minha particular devoção por Tiradentes. A humildade de sua condição e a ingenuidade de seus recursos, a contrastarem com a magnitude da empresa; a paixão pela causa, que lhe comunicava a atividade explosiva dos apóstolos, tornando-o "tão inflamado na matéria que até chegava a chorar"; a magnanimidade em tomar sobre si toda a culpa do "horrorosíssimo e atrocíssimo atentado" e em atenuar a dos companheiros, sem embargo das recriminações e afrontas que estes lhe atiravam, como a "um pobre sem respeito e louco"; a

serenidade e a simplicidade com que se houve no patíbulo fazem dele uma das figuras mais tocantes do nosso hagiológio. Não lhe faltam sequer a homenagem suprema, que é a injúria dos imbecis, e a amargura incomparável, que é a negação de um Capistrano. Porque existe ainda quem procure diminuí-lo, o que lhe confere a majestade melancólica de uma cruz apedrejada.

Gonzaga, no pretório, não parece aquele Dirceu que, sem pejo nem proveito, beija as plantas de quem desgraça:

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos...
... honras a quem castigas.

Não parece. O seu procedimento perante a alçada é todo ele de uma bela nitidez retilínea. Nega, do primeiro instante ao último, com energia e coerência impressionantes, a responsabilidade que lhe imputa

a insolente calúnia depravada.

E tudo converge para dar-lhe razão. Declararam-no estranho ao conluio os principais autores do projeto. Os poucos que o acusam, postos em sua presença, ou titubeiam ou se desdizem. A própria sentença condenatória constitui a melhor prova da inocência do condenado, tamanhas são a fragilidade e a inconsistência dos indícios em que procura firmar-se.

O que dos autos se colige é o que Gonzaga reconhece lisamente desde o início. Mais de uma vez, diante dele, Cláudio, Alvarenga e outros balancearam os elementos de que dispunha a população da Colônia para organizar-se futuramente em povo, e discorreram sobre a ameaça impendente de vir a Capitania a rebelar-se, caso se efetuasse o lançamento da derrama. Para José Veríssimo, Dirceu teria sido ouvinte desinteressado dessas palestras, absorvido como andava nos aprestos do casamento e da viagem à Bahia. Há, entretanto, uma circunstância a denunciar que não se limitou a ser testemunha indiferente do que se passava: a decisiva atuação, que teve junto às autoridades no sentido de suspender-se a derrama projetada. A única explicação plausível de tal procedimento é que, ciente do que se tramava, pelas indiscrições ou confidências dos conjurados, o ouvidor se viu acuado por este dilema: ou

denunciá-los, o que seria a maior das torpezas, ou calar-se, o que importaria em conivência. Foi certamente para não trair, nem as leis da amizade, nem os deveres de súdito, que pleiteou e conseguiu o adiamento das medidas fiscais, removendo assim o perigo do levante, sem comprometer os amigos, nem se acumpliciar com eles.

Não temos o direito de pôr em dúvida a palavra de um homem, cuja integridade, certificada pelos contemporâneos, resiste a investidas e insídias de toda a casta no decurso do processo. Ora, entre os álibis morais que opõe à acusação, figura este: filho do reino, onde possui bens e está o desembargador seu pai, os da terra não o convidariam para a conspirata. Objeta-lhe o interrogante, na linguagem do lobo da fábula: "mas o desembargador é oriundo desta América..." Ao que o indiciado replica vitoriosamente: "Que importa, se casou na metrópole e nunca mais voltou à sua pátria... e lá teve ao respondente e aos outros irmãos... e esta razão de amor é mais forte que a do simples nascimento?"

Vítima de inimigos, que o levaram ao cárcere, Gonzaga continua a sê-lo de panegiristas que pensam glorificá-lo, desmoralizando-lhe as afirmações e as atitudes. Declara ter consumido "as cópias emendadas de quantos versos melhores" compôs durante a mocidade, transcorrida em Portugal. – "Estás muitíssimo enganado", adverte-lhe um crítico, vindo cem anos depois: "foi no Brasil, muito mais tarde, que começaste a versejar..." Proclama-se lusitano castiço, vassalo fiel. – "Mentira", bradam-lhe de toda a parte homens que não conhece: "rebelde a teu rei e à tua gente, és brasileiro, inconfidente, republicano..."

Que pensará de tudo isso o poeta, se lá no assento em que demora

memória desta vida se consente?

Talvez sorria, com aquele sorriso dos imortais, composto de mansuetude e malícia. Ou talvez se irrite contra aqueles que se atrevem, como eu, a demolir, em nome da verdade histórica, lenda tão amável e bonita, esquecidos de que a história não passa quase nunca de um tecido grosseiro de mentiras prosaicas.

O FILÓLOGO

Ao contrário do patrono, o fundador inesquecível desta Cadeira conheceu a tragédia íntima que é pertencer a duas pátrias, amando-as ambas com igual fervor.

O lusófilo impenitente estremecia sobremodo o pedaço do mundo que lhe foi berço e túmulo; o Pernambuco, de que sempre se ufanou; esta cidade mágica, onde passou boa parte da existência de labor, delicadeza e probidade; aquele bairro de Humaitá, que muito especialmente bem-queria.

Soube resolver, entretanto, com argúcia e donaire, o conflito sentimental em que tantos sucumbem. Como servir aos dois países sem atraiçoar a nenhum deles? Servindo-os na defensão do patrimônio que ainda conservam indiviso, na preservação e cultivo da língua comum.

Desgraça não há maior, assim para a coletividade como para o indivíduo, do que o desencontro da vocação com o emprego, brincadeira funesta em que amiúde se compraz a fortuna. Vem alguém à luz, fabricado, da cabeça aos pés, para obedecer, e dão-lhe as circunstâncias o comando e a onipotência. Outro, que é ator de nascença, atravessa a vida inteira como espectador. E assim por diante. Imagine-se o padecimento de um cérebro sentenciado a fornecer bile, ou de uma serpente condenada a elaborar, em vez de peçonha, favos de mel...

Por felicidade sua e nossa, lembra Silva Ramos um órgão fabricado acinte para a função que entre nós desempenha durante cinqüenta anos.

O comércio com os mestres contemporâneos da lingüística e a assídua freqüentação dos autores latinos e vernáculos fazem que poucos o igualem e ninguém o exceda no conhecimento do idioma.

Sabe-lhe as nascentes remotas, encontráveis naquele "*sermo plebeius*", rude e sadio, que, trazido à Espanha pelos mercadores e legionários de Roma, não tarda a expulsar do tráfego diário os dialetos célticos, e sobrevive ao espostejamento do Império pelos bárbaros, terminando por submeter à sua lei os vencedores.

Acompanha-lhe a formação laboriosa, processada surdamente no seio do latim quotidiano, com a vitória progressiva do acento sobre a quantidade e a conseqüente deslocação para a sílaba tônica do centro da palavra; com a

atrofia e queda das desinências casuais e as limitações que daí resultam à liberdade primitiva na construção da frase; com a morte, o nascimento, a migração de vocábulos; com um sem-número de modificações fonéticas, morfológicas, sintáticas.

Admira-lhe, transposto o período inicial de confusão criadora, o desenvolvimento harmonioso; o trabalho de fixação e polimento literários, por influência dos trovadores e letrados nos primeiros séculos da nacionalidade; a transmutação do português arcaico em o português moderno, levado a efeito pelos clássicos da idade áurea; o muito que, desde então, vem ele ganhando em plasticidade, precisão e riqueza, graças à contribuição de afluentes novos e generosos, ao subsídio dos eruditos e dos homens de letras, à colaboração caudalosa das forças anônimas.

Porque conhece tão bem o passado quanto o presente da língua materna, não incorre no desacerto comum de malfadá-la. A resistência que ela contrapõe no torrão nativo à infiltração do árabe e do espanhol e à deste e do holandês no continente colombiano constitui o mais seguro e expressivo dos índices vitais. Vemo-la manter, em toda a parte, as posições conquistadas ao tempo do poderio lusitano. Não se contenta em conservá-las: insinua-se nas espécies vizinhas, invadindo-lhes o vocabulário. O fenômeno verifica-se na Índia, em Ceilão, no Extremo Oriente, conforme a recente demonstração de Rodolfo Dalgado; e, ao que informa Salvador de Mendonça, reproduz-se na própria costa oriental da América do Norte, por influência de uma pequena colônia de pescadores açorianos.

O organismo é robusto. Ilimitadas são as possibilidades que lhe ensancham a América brasileira e a África lusitana. Os tempos se aproximam (afirma-o Charles Gide), em que a língua de Rui e de Camilo será falada por trezentos ou quatrocentos milhões de criaturas.

– Que importa, dizem os pessimistas, se vive e continuará provavelmente a viver desconhecida do resto do planeta, proibida de circular fora de suas fronteiras naturais, condenada a ocupar lugar secundário no concerto das vozes civilizadas?

Por brevidade abster-me-ei de discutir o ponto de vista desses que se doem de saborear sozinhos os frutos, o aroma, a sombra do horto, de que são colegatários, e reclamam a presença de gente vinda de toda a parte para admi-

rar a excelência da terra e a perícia do hortelão. E, por lealdade, não formularei a hipótese de caber amanhã à língua portuguesa o primado, que a francesa arrebatou à latina, quando, na frase de Hipólito Taine, se tornou para os ocidentais "*l'art vivant d'écrire et de penser*".

Direi simplesmente que contravém à justiça imputar-se ao vernáculo a culpa da displicência com que olha o resto do mundo para a nossa literatura. Se nos desconhecem é que não merecemos ser conhecidos. Só interessa ao universo o universal; e, em que pese à vaidade indígena, não tivemos ainda quem escarnasse um estado de consciência da humanidade, um momento do destino da terra. Túmulos tão profundos e cerrados como esse em que nos julgamos sepultos, são o russo, o bengali, o norueguês; o que não impediu a difusão do pensamento de um Dostoievski, de um Tagore, de um Ibsen.

Além de informada, a estima de Silva Ramos pelo idioma é judiciosa e inteligente.

Encarar os fenômenos da linguagem como fatos naturais, e não como criações arbitrárias, estudá-los com igual interesse nos textos dos grandes escritores e no linguajar do povo, pesquisar-lhes o sentido profundo e as leis que os governam, eis a atitude mental de que se não desvia.

Filólogo consciente de seus limites, não será ele que, tomando à letra as palavras de Santo Agostinho, acredite na "*grammaticae pene divinam vim*". Nunca iremos surpreendê-lo ocupado em forjicar meia dúzia de regrinhas, pelo gosto de infirmá-las imediatamente com meia centena de exceções; ou entregue à tarefa subalterna de ciscar nos escritos alheios, à cata de cochilos e defeitos. Ninguém se parece menos com esses fiscais doentios da vernaculidade, vítimas desgraçadas e insuportáveis da fobia da impureza, que, desde o tempo de Horácio, vivem a atormentar o próximo e justificam até certo ponto o desabafo gaiato de Gomes Leal:

Quem é que manda no que é meu?
É a gramática ou sou eu?

Todas as lições que nos deixa delatam largueza de espírito, lucidez e segurança de discernimento.

Vede como resolve o tormentoso problema da colocação dos pronomes oblíquos. "Não sou eu (esclarece o mestre) quem os coloca: são eles que se colocam por si mesmos, e onde caem, aí ficam." Porque "a situação de tais elementos na estrutura da frase" não obedece a normas ditadas pela sintaxe ou pela morfologia, e sim "ao ritmo, ao número, à cadência" do discurso, "a princípios do domínio da fonética". Na pronúncia lusitana são átonas aquelas formas pronominais. Sucede o contrário na fala brasileira. Daí o fato de serem enclíticas em Portugal e tenderem para a próclise no Brasil.

Admirai a superioridade com que ele, tão amoroso das coisas portuguesas, considera a hipótese da quebra da unidade lingüística. A dialetação é fenômeno, que se processa em plano superior ao da vontade humana. "Ao tempo, e só ao tempo, compete produzi-lo." Dúvida, assim, não pode haver de que, em dia remoto, o nosso co-dialeto venha a tornar-se autônomo. A emancipação idiomática do povo brasileiro, já adiantada na prosódia, invadirá então a sintaxe e o vocabulário, em que principia a esboçar-se. Teremos aqui a mesma revolução, que, segundo o testemunho de Mencken, Lewinson, e tantos outros, se vai operando rapidamente nos Estados Unidos: não, deformações limitadas e esporádicas, mas o advento de uma nova expressão verbal, exigido pelo surto de um novo tipo étnico. Tanto assim que as edições inglesas de *Babbit* já se acompanham de glossários, para que se torne accessível aos insulares o norte-americano de Sinclair Lewis. Tempo virá, em que serão traduzidas para o português transatlântico as páginas dos sucessores de Valdomiro Silveira e Mário de Andrade.

Outro ensinamento salutar de Silva Ramos é o da temperança no apreço devido aos clássicos. Versemo-los com o respeito de fiéis, sem o fanatismo de beatos. Não há reputá-los depositários das verdades eternas em matéria de linguagem: na igrejinha dos quinhentistas, "como na igreja de Deus, há perdão para todo gênero de pecados"; e quem se disponha a reunir e consultar os evangelistas do idioma tem de ficar indefinidamente "à espera de que eles concordem". Não há imitar-lhes as galas e até os cacoetes de estilo: o ritmo vertiginoso da vida contemporânea não consente que adotemos como veículos das nossas idéias os coches suntuosos e pesados ou as liteiras tardonhas de outrora.

É exortando os alunos "a que leiam muito os que bem escreveram" antigamente e muitíssimo "os que bem escrevem" na atualidade, que Silva Ramos pratica o magistério. Um de seus discípulos, o grande poeta de *Libertinagem*, mostra-o sempre disposto a evadir-se do compêndio e a abrir as páginas de antologia, para dizer, com a fisionomia "subitamente remoçada" pelo entusiasmo, à classe maravilhada, estâncias de Camões e períodos de Vieira, Herculano, Machado de Assis. Aprende-se com ele a procurar nos novos e velhos padrões do vernáculo, não a "personalidade irregular de um infinito" ou "o atestado de bom comportamento de um pronome", e sim as formas superiores de tradução das idéias, a flexibilidade e a força, a claridade e a graça, a naturalidade e a limpeza.

A limpeza e a naturalidade, especialmente. O pensamento de Silva Ramos, temo-lo bem transparente nesta imagem: "Eu me envergonharia de falar mal, como me ocorreria de trajar com desleixo." Com desleixo ou com extravagância, poderia acrescentar. De algodãozinho ou de seda, conforme as posses de cada um, seja o fato que veste as idéias. Fiquem dependentes do gosto individual o corte e o colorido. Imperdoável é que em público se mostre alguém com a linguagem enodoada de solecismos e cacologias, ataviada ridiculamente de preciosismos, ou remendada com locuções peregrinas para disfarçar a indigência do vocabulário. Pode ser pobre o estilo. Nunca desmazelado ou menos decente.

Grandes, li não sei onde, grandes são os mestres que transmitem mais sentimentos do que conhecimentos. Silva Ramos ensina como poucos aquilo que se sente como ninguém: o amor da língua materna. Tem por ela atenções de filho e extremos de namorado. Foi a primeira que ouviu no berço. Implora e obtém de Deus o favor de escutá-la no momento do trânsito supremo. Para louvá-la, quebranta a sobriedade habitual e esbanja desbragadamente adjetivos: "nobre, opulenta, vibrante, sonora, formosíssima..." Para defendê-la, torna-se combativo e intransigente, ele, o mais pacífico e tolerante dos homens; e perde o senhorio dos nervos, ele, tão moderado e calmo, se porventura não consegue evitar a consumação do atentado. Platão afirma que a infração das regras da música, isto é, da poesia e do gosto, alui os fundamentos da república. Silva Ramos parece pensar da mesma forma, quando estão em jogo o pundonor e o gênio da língua.

Quer-lhe tanto bem que confessa ter sacrificado "à pesquisa insensata do fenômeno glotológico" o melhor do seu tempo, imolando ao filólogo o poeta impecável de "Nós" e de "A Partida", o cronista gracioso de "A Semana", o evocador de João de Deus, o crítico avisado de Bourget e de Veríssimo.

Seria o caso de maldizermos a filologia, se lhe coubesse de fato a responsabilidade exclusiva de ser diminuta e fragmentária a obra deixada por Silva Ramos no domínio das letras floridas.

As fadas presentes ao nascimento de meu antecessor esqueceram-se de conferir-lhe o dom magnífico da confiança em si mesmo. É porque não confia nas próprias forças, que adota "a cauta filosofia do silêncio", de que se não aparta, senão arrebatado no redemoinho da paixão. É a dúvida de quanto vale que lhe impõe abstenções imperdoáveis, até nos assuntos de sua predileção e especialidade. Recusa-se, por exemplo, a colaborar no dicionário de Santos Valente, sob o fundamento incrível de serem poucos os conhecimentos, que tem, do léxico português. É ainda e sempre o medo de afrontar a publicidade que o inibe de dar-nos produção correspondente às profusões de engenho e cultura tamanhas. A timidez, e, por influência do parnasianismo reinante ao tempo de sua formação estética, o desejo insaciável de corrigir-se, o requinte na lapidação da forma literária, com sacrifício da frescura, da abundância, da espontaneidade. A timidez a ânsia da perfeição e, também, a deficiência da vontade, que tem fôlego curto, e abdica diante do obstáculo.

Que a inspiração não lhe escasseia nem a facilidade, provam-no as admiráveis cartas íntimas, em que, liberto da ação paralisante daqueles fatores, dá largas ao pensamento e deixa correr a flux o que elas o obrigam a represar dentro da alma.

Dentro da alma, que lindas coisas tem ele! Se desenhar é suprimir, como pretende Max Liebermann, o retrato moral de Silva Ramos pode conter-se nestas poucas palavras: uma probidade inconsútil, uma bondade invencível.

De sua honestidade intelectual o melhor depoimento é este episódio. O governo de Floriano demitira-o do cargo de inspetor escolar por motivo de alguns comentários inocentes, que se permitira tecer, no semanário de Valentim Magalhães, em torno da situação política do país. Nesse momento de aperturas é convidado por Fernando Mendes a encarregar-se da seção

bibliográfica do *Jornal do Brasil*. Aceita o convite de braços abertos. O primeiro livro que lhe cabe apreciar são os *Estudos Brasileiros*, de José Veríssimo. Ainda bem! Mandam-lhe, porém, a seguir, publicações estranhas às suas preocupações habituais. Renuncia o lugar. E não há demovê-lo "por mais que pessoas experimentadas lhe assegurem não ser condição essencial para ajuizar do mérito de uma obra entender do assunto que ela versa". O aumento crescente do número de críticos demonstra, senão o acerto, a popularidade extraordinária da opinião dos homens ensinados pela experiência.

A magnanimidade de Silva Ramos é atestada, não por este ou aquele capítulo, mas por todas as páginas da existência. Teve a felicidade imensa de ser bom; de não conhecer a perfídia, o rancor, a inveja, a beleza equívoca dos amores inconfessos e as misérias em que se afundam e suicidam.

A sua indulgência não é apenas, como tantas vezes acontece, o desdém ou a preguiça de retribuir o mal. É a compreensão que absolve, a piedade que anistia. Bem-aventurado quem como ele não sabe a tristeza de ser amargo! Feliz quem tem o direito de dizer como ele que traz em sua prisão carnal a própria divindade!

"TODOS CANTAM SUA TERRA..."

Foi a esse espírito gentil, compêndio amável de elegância morais, que me chamastes a suceder, Srs. Acadêmicos.

Nas Academias, como no céu (houve quem o dissesse antes de mim), aparecem de quando em quando eleitos inexplicáveis. Designou-me a sorte para encabeçar a lista deles em o vosso grêmio.

Mas até nas maiores extravagâncias obedece o acaso a um determinismo secreto; e pode repetir a quem se mostra indignado ou aturdido com os seus decretos sem considerandos, a observação do demônio dantesco, ervada de malícia:

"*Tu non sapevi ch'io logico fosse*"...

Que motivo teria movido a Academia ao desacerto de escolher-me? Penso que o gosto bem feminino de variar. A paixão do contraste levou-a a

preterir os postulantes mais dignos em proveito do candidato menos parecido com o fundador e com o patrono da sede vacante.

Assim, nem por gracejo se lembraria alguém de pôr em dúvida o meu brasileirismo. Paulista sou, há quatrocentos anos. Prendem-me no chão de Piratininga todas as fibras do coração, todos os imperativos raciais. A mesa em que trabalho, a tribuna que ocupo nas escolas, nos tribunais, nas assembléias políticas deitam raízes, como o leito de Ulisses, nas camadas mais profundas do solo, em que dormem para sempre os mortos de que venho. A fala provinciana, que me embalou no berço, descansada e cantada, espero ouvi-la ao despedir-me do mundo, nas orações da agonia. Só em minha terra, de minha terra, para minha terra, tenho vivido; e, incapaz de servi-la quanto devo, prezo-me de amá-la quanto posso.

Amo-a com a ingenuidade e a cegueira inseparáveis do verdadeiro amor. Em sua paisagem tranqüila. Em sua gente menos sobranceira do que retraída. Pelas qualidades que lhe constroem a grandeza. Pela dignidade com que suporta a desgraça. Preocupada com as coisas essenciais. Idealista e prática, mercê da fusão harmoniosa das almas de Marta e de Maria. Ávida dos bens materiais, porque tem horror à dependência; mas igualmente ambiciosa das riquezas imperecíveis; e por isso mesmo tão ufana de suas fábricas e lavouras, como de suas escolas e de seus poetas. Faminta de progresso e respeitosa da tradição; a algumas braças dos cafezais de São José do Rio Pardo, o rancho de Euclides; junto às chaminés de Campinas, a mansão das andorinhas; ao pé dos arranha-céus de São Paulo, a árvore das lágrimas. A tal ponto generosa e "benéfica aos forasteiros", que se um deles chega, cheio de sanhas e de prevenções, logo se esquece de combatê-la e se põe a cortejá-la escandalosamente. Tenaz como a verdade. Paciente como a justiça. E, como a claridade, leal.

O nome varonil que no batismo recebeu dos jesuítas anuncia-lhe a predestinação radiosa. Nas primeiras palavras de Saulo, depois de siderado pela graça, preluz o temperamento dinâmico daquele que, sem perda de um minuto, vai conquistar o mundo para o cristianismo: "Senhor, que devo fazer?" A vocação histórica do paulista é, como a de seu patrônimo, a ação. Talvez se envaideça demais do que tem feito. Mas a modéstia é virtude eminentemente individual e quase privativa dos oradores...

O apóstolo das gentes não renuncia jamais as prerrogativas de cidadão romano. Ainda neste particular se lhe assemelha o povo que, sob a sua invocação, nasceu e cresceu no altiplano, à beira do Anhembi. Colonos e mamelucos afirmam-se desde logo "adversíssimos a todo ato servil", no conceito expressivo de Antônio de Sande. Ciosos dos foros de homens livres, não sabem viver senão dentro da ordem jurídica; e de quanto querem à liberdade estão sempre dispostos a dar o que Demóstenes chamava o testemunho da carne. Ao donatário da Capitania fala de cabeça erguida, nesta linguagem cheia de altivez e de franqueza, o senado da câmara paulistana: "Os capitães e ouvidores que Vossa Mercê manda, como os que cada quinze dias nos metem os governadores gerais, em outra coisa não entendem, nem estudam, senão como nos hão de esfolar, destruir e afrontar... e não há quem sofra tamanhos desaforos". Isso, em 1613... E, por sabê-la indômita e ingovernável senão por si mesma, alguém sugere (no século XVIII, bem se vê) a conveniência de ser comprada e arrasada a povoação "de San Pablo".

Cada um de vós poderá sem esforço reconhecer a própria gente no retrato, enfeitado certamente pela piedade filial, que da minha acabo de esboçar. Plasmadas com diferenças mais ou menos sensíveis de dosagem nas mesmas substâncias étnicas, vinculadas pela comunhão das aspirações e dos sofrimentos, as nossas populações têm aquela parecença íntima na diversidade aparente, que é o cimento melhor da unidade política.

Para manter-lhes a coesão, basta um pouco de cordialidade e inteligência. Cabe à Academia, que é a expressão luminosa do pensamento e da sensibilidade nacionais, o dever, de que jamais desertou, de apertar os elos de solidariedade, por uma compreensão e um conhecimento mais perfeitos, entre os brasileiros de todos os Estados.

Tal o ensinamento oportuno da solenidade, em que recebeis, pela voz amiga de um baiano de Lençóis, para ocupar a Cadeira dignificada por um pernambuco de Recife, um paulista de Piracicaba, cidade que tinha ao tempo de meu nascimento o augusto nome de Constituição.

Assim entendido, o vosso gesto é daqueles que, na hora atual, sobressaltada pela conjuração de apetites impuros, ódios absurdos e ideologias dementes, nos impõem a coragem de não descrer e nos dão o direito de não desesperar.

II

RESPOSTA DO SR. AFRÂNIO PEIXOTO

PERMITI-ME, senhor Alcântara Machado, para vos tranqüilizar logo às primeiras palavras, do emocional transe de neófito, que vos faça uma confidência pessoal. Há trinta anos, ai de nós... conheci um rapaz, que admirava a outro rapaz. Mas não sabia que este o era, também. Meu mestre, Nina Rodrigues, dera-me a ler uma de vossas memórias sábias e dela saí com a convicção que éreis um sábio médico provecto, tanto era a sabedoria, o juízo, a erudição, a segurança, a experiência, todas a deporem contra o bacharel bisonho que, na realidade, a subscrevia. Neste longo lapso de tempo, mais que bastante para que se mudem impressões, mantenho a que tive, de vossos primeiros trabalhos, que os outros engrandeceram, mas não melhoraram.

Não seria possível. Aparecestes já definitivo. A vossa musa é a da perfeição. Para que um fato público confirme este depoimento, lembrarei que as cátedras de Medicina Legal, tanto nas Faculdades de Medicina, como nas de Direito, sempre foram providas por médicos, vós constituís singular e honrosíssima exceção; sois o único bacharel professor de Medicina Legal de uma Faculdade Superior, após concurso público de provas que vos deram renome; sois hoje o príncipe dessa Medicina Legal no Brasil. Vossas memórias, escritos, lições, tratados, instruem minhas afirmações, que não serão contestadas. Por elas estaríeis bem aqui, como os grandes médicos ou jurisconsultos que se assentaram na Academia Francesa. Também foram dos nossos Osvaldo Cruz e Pedro Lessa.

O "ROUGE" DE MINERVA

Minerva é a sabedoria, e não apenas o enfeite dela, as letras.

Tranqüilizai-vos: não trairei o vosso anonimato, e pseudo-anonimato literário, mas devo e posso afirmar que, por esses enfeites da sabedoria, – o *rouge* de Minerva, que é a literatura, – bem podíeis estar entre nós... Vossa Medicina Legal, se fora preciso, me ajudaria a identificar "Álvaro Álvares". Por mais avaro que sejais de vossos tesouros, que selados relatam vossos secretos *flirts* com a Musa, sempre os indiscretos aparecem, que antecedem ao vale de Josafá, onde tantas surpresas nos aguardam. Aí, saberemos que sois poeta, e os que vos conheceram, nos havemos de perguntar: mas se foi assim, e tão bem, por que o escondeu? Há pudores inexplicáveis: o vosso vive em perpétuo combate com o vosso merecimento.

Há um poeta morto, já o disse outro poeta, em cada homem que amadurece, e já estáveis de vez, quando a idade apenas vos enverdecia. O poeta cedeu o passo ao professor, mas aqui, sem o perigo das notas, bem é que ouçamos o poeta. Era na moda do parnasianismo, de Heredia e de Alberto de Oliveira, moda que não passará, será reinventada, quando a esquecerem, porque poesia é sentimento na forma e a forma presume do sentimento. É o "Arroio":

Chorando, desce o arroio entre calhaus a fralda
Da colina, e a chorar pelo convale afora,
Sonha que longe, longe, onde refulge a aurora
Há abismos de safira e pegos de esmeralda.

Sonha... A actínia, a rodália, a fabulosa flora
Cujo estranho esplendor na solidão se balda...
A pérola doentia e pálida... a grinalda
De parcéis, que o coral entrelaça e decora...

Sonhando, o arroio chora, entre calhaus. Sorrindo
Às lágrimas, piedoso, o sol para contê-las,
De seus raios envia o mais loiro e mais lindo.

E no humilde cristal, efêmero tesoiro,
Ardem jóias de luz, estilhaços de estrelas,
Hieróglifos de prata e labaredas de oiro!...

De passagem, mostrastes, perdão, mostrou Álvaro Álvares, que podia galhardamente traduzir certo soneto intraduzível de Heredia, mas podia pôr na ânfora de cristal da forma herediana uma idéia piedosa e consoladora. Não prolongarei o vosso pejo, de vos afrontar, num salão de festa, com belos filhos vossos, que não legitimastes... Mas sempre quisera que ouvíssemos, depois de um som à Bilac, outro som, à Raimundo Correia. É o "Velho Tema":

O homem, de gozo e de prazer sedento,
Pede à vida as delícias que imagina;
E ela, sorrindo, as ânforas inclina,
Que vertem a volúpia e o esquecimento.

Qual a ardente ambição, que te alucina
Alma ou sentidos? O poder violento,
O ouro invencível, o deslumbramento
E a doçura da carne feminina?

Todos os vinhos que provares, todos,
Hão de amargar-te os lábios imprudentes,
E verás, triste vítima de engodos,

Que, escarnecendo do desejo humano,
Serve a Fortuna em taças diferentes
O mesmo vinho e o mesmo desengano.

Sede benigno com o poeta, que o merece. Por que trancá-lo a sete chaves, sob o ilusório juízo que pode prejudicar ao jurista, ao professor, ao sábio, ao homem público? "Não fazem dano às Musas os doutores", disse Antônio Ferreira, doutor e professor como vós, que teve desembargo, e tão bem arrazoou autos como poemas. Não há muito, para os nossos confrades do

Instituto Histórico, escrevestes um exaustivo ensaio sobre Gonçalves de Magalhães: ainda é história, mas já é poesia. Já foi tentação. Batestes à nossa porta, que se vos abriu prontamente. Terá a Academia amavio bastante para vos convencer que, aqui, os sábios podem namorar as Musas, – e alguns são ousados... – e não deparam os versos de Aloísio de Castro entre as suas receitas, nem os contos de Roquette-Pinto contradizem a sua antropologia?

O AVÔ BANDEIRANTE

Foi como homem público que vos impusestes à consideração e à admiração de vossos contemporâneos e qualquer quinhão que escolhêsseis, tão pródiga e generosa foi convosco a vossa natureza, que seria a melhor parte, *partem optimam elegit*, como se diz nas Escrituras. O difícil em vossa geração é escolher. E como é digna de vós, a vossa geração!

O orgulho não será pecado vosso, tão discreto sois, mas há confissões do inconsciente, que não mentem. Vimos que o pseudônimo do poeta era Álvaro Álvares, isto é, Álvaro, filho de Álvaro. Prosas esparsas nos jornais assináveis: "Pero Peres", isto é, Pedro, filho de Pedro: o filho se ufana do pai. Vos confessastes, sem o querer. Mas tendes razão: Alcântara Machado é filho de Brasílio Machado. E não será precisamente Pedro, senão mais antigo, Pero: Brasílio Machado é filho de José Joaquim Machado d'Oliveira.

Foi um varão ilustre, esforçado e douto. Foi soldado, batalhou nas campanhas do Sul contra Montevidéu e Buenos Aires, em 1812, herói em São Borja e Passo do Uruguai em 16, em Arapeí e Catalão em 17, Taquarembó em 20, chegando a brigadeiro em 44. Com a glória militar, tão prezada na América Latina, a imediata, a política, membro do Governo Provisório do Rio Grande, deputado por essa província na primeira legislatura geral, presidente do Pará, das Alagoas, do Espírito Santo, de Santa Catarina, deputado ainda por várias províncias, e pela sua, de São Paulo. Com a ação pública, o culto das Musas... o da história, o da geografia, memórias sobre índios, sobre estradas de penetração, sobre navegação de rios interiores, limites do Brasil com o Montevidéu, sobre o Paraguai... Machado d'Oliveira foi um bandeirante retardado, heróico e ilustrado. Dessa ilustração, além dos

escritos, ficaram provas nas sessões do Instituto Histórico. Não é ele, em 1847, um dos signatários de uma proposta, aí, para fundar-se uma Academia de Letras? O sonho de Machado d'Oliveira é o neto, Alcântara Machado, quem o realiza, membro dessa Academia, entrevista pelo avô. Se grande obra é um pensamento de moço que realiza a maturidade, uma grande raça se reproduz nos seus elos de tradição e esperança, uns repetindo, ou alcançando, o ideal dos outros.

No melhor de vossa obra, *Vida e Morte do Bandeirante*, em que sentistes e dissestes a obra formidável dos que, devassando o Brasil, lhe fizeram a periferia regional dilatada, há, debruçado sobre o vosso ombro de escritor, a sombra ancestral de Machado d'Oliveira, bandeirante moderno que, pela ação, vos daria os hereditários acentos de evocação comovida... Esse livro vos conduz à Academia, que vosso ilustre avô imaginou, para vós...

Sabemos agora, Sr. Alcântara Machado, porque a vossa obra tanto faz bater o coração da gente. A impressão só é comunicativa porque foi sentida, e só a sentistes, porque um bandeirante a viveu para vós. Uma obra de arte é apenas uma confissão involuntária, um depoimento fidedigno, e tanto maior, quanto mais fiel. A vossa fidelidade vos está no sangue, indelével, irretratável, exata.

É a vossa maneira de ser, sendo o que foram para vós os vossos maiores. Aquele culto dos "meus mortos", a tradição do passado, que foi a raiz do "egotismo" de Barrès, um adventício, vós é que o poderíeis celebrar... Em vós fala o passado, e de vós já fala o futuro... Não é que um jovem prosador modernista, de vosso lar, já é consagrado historiador, de Anchieta, de São Vicente, de Piratininga? Vossa fé, longínqua ainda, continua por diante...

DE TAL PAI, TAL FILHO...

Mas não antecipemos. De Machado d'Oliveira, veio Brasílio Machado. Não satisfeito com servir e amar ao Brasil, inventava um nome para tê-lo no lar e no coração: Brasílio foi o primeiro de uma série de brasileiros assim chamados. Este foi poeta, orador, grande advogado dos pretórios, abolicionistas, *leader* católico, universitário. Vinha daquela geração de Castro Alves, de quem fora amigo, sonhando a Abolição e a República, e "por mais de quaren-

ta anos deslumbrou as escolas e os tribunais, servindo a verdade e criando a beleza". Acabaria na ordem e na autoridade, da direção pública do ensino. Definiu Catão o orador, como uma investidura: o homem de bem que sabe falar. A ação moral de todos teve, neste, a floração externa da eloqüência, o que explica em vós tantos belos discursos, que estão nas vossas *Alocuções*, e não estão ainda todos em livros, mas ainda estão no coração dos paulistas. Não é o maior dos êxitos da eloqüência, sem ver o orador, sem lhe participar da ambiência, ouvir no meio da noite, à distância, pelo rádio, e aplaudi-lo, com veemência e comoção, como vos aplaudi, ainda o ano passado? É que vosso discurso, com a eloqüência de Brasílio Machado, tinha a ação de Machado d'Oliveira, e, na terra bandeirante, eram os avós todos que, pelo seu *medium* de eleição, sintonizavam em vosso gênio, no vosso coração, Sr. Alcântara Machado, exprimindo as angústias e as aspirações de São Paulo.

Voz da terra da gente no grande momento, os acentos eram desacostumados ao sábio, ao professor, ao jurista, ao escritor, que na vida pareceis, tolhido pelo vosso merecimento, "preferindo, à ilusão trabalhosa de fazer a história, o prazer positivo de contá-la..." Quando chegou porém a hora do dever, essa voz se elevou, como uma ação, à altura das ações épicas, também implícitas, na *Vida e Morte do Bandeirante*.

"VIDA E MORTE DO BANDEIRANTE"

É vosso grande livro. Desde o título, desde o ofertório, à primeira página, que já diz tudo. É a epopéia evocada pelo termo mesmo da existência e seu trânsito. Poderíeis invocar ascedência lusitana: há linhagistas, e há orgulho justo em não trair aos maiores. Um dos vossos ascendentes se entronca com a família de um grande sábio francês, João Batista Say. Outro, com Dom Marcos de Portugal, o genial compositor português. Não importa. É a Antônio de Oliveira "chegado a S. Vicente em 1532", que invocais. Não é ele que recebe Anchieta no natal de 53, como loco-tenente donatário, abrindo a porta de São Paulo à civilização cristã do Brasil? É o primeiro momento de vossa terra e de vossa gente. Essa terra, essa gente, é que vos preocupam. Não algumas datas e alguns nomes, sejam embora de heróis. "Como poderemos atingi-lo, – o objetivo essencial da história – se concentrarmos toda a atenção

em meia dúzia de figuras, esquecendo o esforço permanente dos humildes, a silenciosa colaboração dos anônimos, as idéias e os sentimentos das multidões?" E São Paulo todo que evocais.

E vos debruçais, piedoso e interessado, sobre vinte e sete tomos publicados dos autos, exumados dos cartórios e dos arquivos, que relatam, na morte, a vida dos bandeirantes... São inventários, são testamentos, mas, por entre as fórmulas tabelioas, lá vem o espírito do tempo, neles "descarregam a consciência", dão conta da vida e dos haveres, humildes que sejam, mas exatos, retratos fiéis de almas que se preparam para o justo juízo. "À luz que se irradia dessas laudas amarelecidas pelos anos e rendadas pela traça, dizeis vós comovido, vemo-las, a essas almas, surgirem vagarosamente do fundo indeciso do passado e fixarem-se, nas encostas vermelhas da colina fundamental, as casas primitivas de taipa de mão e de pilão. Recompõe-se por encanto o mobiliário que as guarnece. Sobre as mesas se dispõem as baixelas de prata suntuosa ou de estanho plebeu. Mãos invisíveis abrem as arcas e arejam as alfaias domésticas e o fato de vestir. As paredes se enfeitam de espelhos, armas ou painéis. Logo, porém, as cores empalidecem, as linhas se dissolvem, a miragem se desmancha; e no horizonte alargado, outro cenário emerge pouco a pouco e ganha forma e colorido. É o sítio da roça que aparece, com o casarão solarengo, posto a meia encosta, protegido do vento sul; as palhoças de agregados e escravos; os algodoais pintalgados de branco; o verde anêmico dos canaviais em contraste com o verde robusto e lustroso da mata circunvizinha; e arranhando o silêncio, a cantiga monótona de um moinho moente e corrente." "Pelas vielas do povoado, através das lavouras, deslizam sombras. Rebanhos trágicos de negros, da terra, ou da Guiné. Mamelucos madraços e atrevidos. Potentados de grandes séquitos, cheios de rudeza e gravidade, que passam e de repente desaparecem tragados pelo sertão..." e lá vão... lá vão os Bandeirantes.

SERTÃO E LITORAL

A História, assim, como a quisera Michelet, é uma ressurreição... Vosso amor aos vossos, Sr. Alcântara Machado, é tamanho, que fez para nós o milagre, a evocação vivida de vosso grande livro, empolgante, como um

romance de aventuras, a grande aventura nacional das Bandeiras, que devassaram o Brasil, e o fizeram, na sua comprida periferia regional, como na sua larga posse continental. Exato, entretanto, como um inventário, que minucia a vida, inexoravelmente. Dá-se conta de tudo, até de pobres pobrezas, e um testamento testemunha da fé como o último credo. Muito depois vieram os testamentos vaidosos que exibiam os legados, a invejar e admirar. Mais tarde, agora, não há mais testamentos, há o medo do fisco, há a vã glória de dar a impressão do que se poderia ter feito não dizendo o que se fez... Os vossos Bandeirantes confessavam-se ao mundo, mas para Deus.

Esse livro é trecho de história do Brasil, o melhor da nossa história colonial, a que não se aprende nos tratados formais, escumadeira do que sobrenada, por leve ou visível, mas que não diz da vida que ferve e tumultua obscura, ignorada, aos que não sabem sentir e observar. No vosso livro é que se sente nascer e vagir o Brasil infante. O Brasil que ia ser e seria, e será o Brasil, porque nasceu e cresceu forte e digno. Tanto, que não conseguimos acabar com ele, nós, desse Brasil, leviano e tonto, o Brasil superficial.

Porque o verdadeiro Brasil é o sertão. Nós, do litoral, somos a ponta extrema da Europa, neste continente.

A ganância do negro, para o trabalho, a escravidão africana, fez ao Padre Antônio Vieira dizer: "o Brasil tem o corpo na América e a alma na África". Agora, já sem escravos, à Europa, os do litoral, nos recolonizamos... Vivemos aqui a vida estrangeira, que nos importam modas e imitações. Temos a face voltada para o mar, para o Velho Mundo, que ainda não deixamos.

O Bandeirante fez o Brasil, porque tinha a face voltada para o sertão. "Sem ele, dizeis, não se concebe a vida: por os moradores não poderem viver sem o sertão, proclamam-no os oficiais da Câmara, numa vereação de *mil e seiscentos e quarenta anos.*"

Largado de Deus e do mundo, o colono tinha aqui a alternativa ou de viver a vida mesquinha, "arranhando as praias como caranguejos", na frase de Frei Vicente do Salvador, e foi o que fizeram os mofinos, embarcadiços, traficantes, gente mole e saudosa, ou haviam, os fortes, de afrontar a floresta, o deserto, as feras, os índios, sertão adentro, "cabo do mundo", para a conquista. Estes é que fizeram o Brasil.

Os do litoral vivemos desse Brasil, do outro Brasil, trocando-o por pouco mais de nada, que nos trazem os europeus. Disse desses e de nós, aquele Padre Vieira: "Vem um mestre de navio de Portugal com quatro varreduras das lojas, com quatro panos e quatro sedas, que já se lhes passou a era, não tem gasto: e que faz? Isca com aqueles trapos aos moradores da nossa terra: dá-lhes uma sacudidela e dá-lhes outra, com que cada vez lhes sobe mais o preço e os bonitos, ou os que querem parecer, todos esfaimados aos trapos, e ali ficam engasgados e presos com dívidas de um ano para outro ano e de uma safra para outra safra, e lá vai a vida."

Essa é a história do Brasil, a do litoral e a do sertão, Esaú e Jacó. Dois irmãos, um contra o outro. A arte contra o trabalho, o supérfluo contra o necessário. Jacó, vaidoso e desperdiçado, contra Esaú, modesto e laborioso. A indústria do litoral contra a lavoura do sertão. Uma tradicional, a outra adventícia. Uma vivendo à custa da outra. Um produz, o outro consome; um paga impostos e mais impostos, de exportação e importação, de consumo, o outro constrói avenidas, jardins, teatros, dá festas, emite papel-moeda, impede a exportação, prende o câmbio, imposições de sua vida de perdulário. E, por isso, um explora e vende o outro. Na fraude bíblica da venda dos direitos de primogenitura, houve um prato de lentilhas: aqui é Jacó brasileiro quem troca e quem come: decide pelo outro; impede-o de exportar, estabiliza a moeda, impõem-lhe o pouco que deve receber, do muito por que vendeu e, além de explorá-lo, ainda o afronta com a sua farra. O Esaú nacional sofre e assiste de longe, porque se votou a essa piedade, que é o seu martírio e a sua glória: fazer o Brasil, a despeito de nós, brasileiros...

BRASIL NASCENTE

Esse Brasil, o sertão, começou-o a fazer o vosso Bandeirante. Piratininga, o vosso, o nosso São Paulo, foi a sementeira, o posto avançado que a civilização pôs à ourela do deserto, já no sertão, para devassá-lo. "O paulista se interna em parte e desertos de sertões mais prolongados. Embrenha-se até o reino de Camã e nas partes do Peru. Não se pode prever quando virá de torna-volta. Passam-se às vezes seis, sete e até dezoito anos, sem que na vila se saibam partes dos que um dia se foram... Só depois de muito tempo, é que lhe chega a

notícia de ser o expedicionário falecido no decurso de sete anos, conforme o afirmam e juram número de testemunhas de experiência, que bem sabem o risco e perigo do sertão..." A morte é o menos. As calamidades, pestes, soalheiras, torrentes, traições, índios, feras, sofrimentos sem conta... Com a ambição dos "negros" a descer ou das minas a achar, vai-se talando o solo da pátria, lavouras se plantam, semeiam-se cidades, e lá vai o Brasil se estendendo até as lindes recuadas da América espanhola. Quando eles acordaram, esses espanhóis, o Bandeirante estava na escarpa dos Andes... O Brasil estava feito!

É esse Brasil nascente, – com a piedade de descendente de um Antônio de Oliveira, chegado em 1532 par fazê-lo, – quase em 1932, que um José de Alcântara Machado d'Oliveira, engrandecido o nome pelas façanhas e pelos méritos interpostos, "paulista de quatrocentos anos", nos vem contar, num livro que há de contar, na nossa literatura histórica, livro de ciência, porque informa, e livro de arte, porque comove e exalta.

FELIZ ANTECESSOR DE TAL SUCESSOR

O vosso discurso, agora aqui recitado, prova à Academia que bem se houve, enfeitando-se convosco, gema literária, que sois, do mais puro lavor, do mais raro quilate: página mestra de crítica é o vosso discurso.

Feliz Silva Ramos que vos teve por sucessor, pois que o devíeis louvar. Em França os acadêmicos têm metade da incógnita revelada, se conseguem fazer coincidir o trespasse com o acesso de um amigo ao posto da presidência: será este quem receba o neófito e, de amigo, será menos incerto o louvor, pois até na imortalidade já existem herdeiros ingratos, que nem o nome pronunciam de quem os beneficiou com a vaga. O parco sucessor de Anatole France subtraiu-o da posteridade de seu discurso... Por isso, os vaidosos, e que temem, pelo menos, a represália de um afrontoso esquecimento, ajeitam-se com a morte, em fúnebre humorismo. Moribundo, o dicaz Alexandre Dumas Filho teve medo de alguma seta envenenada, réplica às tantas que disparara, sem mais poder revidá-la, quando soube que, enfim, o Duque d'Aumale chegara à presidência dos Quarenta. Que bom, dizia a Claretie, morrer agora! é um príncipe-herói, e de tal nobreza e bravura só há a esperar a generosidade... Nós ignoramos o recipiendário e o recipiente dele, incerteza

completa, tão inseguros andam os tempos, que faz bem precária a nossa imortalidade... A sombra de Alcindo Guanabara teve aqui o seu dia de juízo, não lhe valendo sequer a piedade de quem lhe sucedeu... E se um Paul Valéry coincide com um Carlos de Laet! Há que pensar em um seguro da imortalidade, contra os danos póstumos, da Academia, a que nos sujeitamos, tão inocente, tão imprevidentemente... Jurisconsulto, deixo ao vosso senso do direito, esse de não sermos incomodados, num dia de festa, exatamente porque demos ocasião a dois discursos e a um tema literário.

Silva Ramos, que passou discretamente na vida, teve a compensação de vosso elogio. Não bastando evocá-lo, evocastes a Coimbra, que é como a lembrança juvenil de nossa nacionalidade. O Brasil foi aí estudante. Todos temos o encanto das tontices de adolescentes, que se passam nas benignas academias das faculdades. Coimbra é a escola simbólica onde adolesceram Portugal e Brasil. Silva Ramos foi aí o nosso último aluno, entre brasileiros e portugueses, João Penha, Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo. Deles guardou, tornando à terra natal, a impregnação juvenil da poesia.

GONÇALVES CRESPO E GONZAGA

Conservou a ternura de seus colegas. Quando um dia o fizeram acadêmico, porque não teria ênfase para fazer-se, e todos buscavam um ascendente espiritual para patrono das suas cadeiras, foi a um condiscípulo que ele buscou, e propôs o seu fosse: Gonçalves Crespo. Não são os acadêmicos obrigados sequer a exame de literatura, podem licitamente ignorá-la, e os colegas de Silva Ramos na Academia ignoravam a Gonçalves Crespo, nato poeta brasileiro, para se lembrarem apenas que se naturalizará português, para ser eleito deputado das Índias... Por uma conveniência política do homem, cuja vida Portugal assim dignificava, ingratamente letrados brasileiros rejeitavam um grande, grande poeta nacional. Nascido no Rio de Janeiro, em cujos arredores tinha uma roça o pai português, foi a saúde delicada que o levou a Portugal, onde se conservou na pouca vida que teve. Não dissimulou Gonçalves Crespo seu meio sangue. Seus versos falam de negros e escravos, sem vexame. Em carta a Machado de Assis, que sofria de ser mestiço, dize-lhe: "A V. Ex.ª já eu conhecia de nome há bastante tempo. De nome e por uma secreta simpatia

que para si me levou quando me disseram que era... de cor, como eu. Será?" Apesar da mortificação, Machado de Assis guardou a carta, que está nos nossos arquivos. O nosso José Veríssimo ouviu, da boca dele, as confissões de sua saudade, traduzida já em tantos belos poemas brasileiros:

Ah! quem pode esquecer o seu país natal!

Ele o escreveu. São os poemas da mais terna "brasilidade", (perdoem-me este substantivo da moda, tão cheio de presunções), que já se escreveram: "A sesta", "Na roça", "Ao meio-dia", "Canção", "A Negra"...

O vento que passe tranqüilo, de leve,
Nas folhas do ingá;
As aves que abafem seu canto sentido!
As rodas do engenho não façam ruído,
Que dorme a Sinhá!

O Brasil onde tanta gente escreve versos, mas há tão poucos poetas, não pode perder a Gonçalves Crespo que Silva Ramos nos reivindicou. Mas, polido, à renúncia dos outros, socorreu-se da ironia, e propôs a Tomás Antônio Gonzaga... Este era filho de brasileiro e portuguesa, o contrário de Gonçalves Crespo, mas nascera em Portugal vivendo no Brasil. Elas por elas; compensação em tudo. Seria também rejeitado. Engano. Será que a Academia é mulher, e por isso desdenha a lógica? O pretendente Gonzaga foi aceito, naturalmente por menos brasileiro do que o outro recusado.

Com efeito, aqui veio ter e aqui ficou porque obrigado: era magistrado, de seu ofício, e exercia a judicatura. É exato que o meteram numa conspiração e padeceu o martírio em África, por nós, pela Independência do Brasil. Não há no processo da Conjuração Mineira prova de sua conivência: sempre depôs que não se envolvera na conspiração; seu nome se pronunciava para dar emulação a outros, hesitantes; do Tiradentes tinha juízo "que era homem que lhe aborrecia" e "um homem daqueles podia fazer muito mal à gente, pelo seu fanatismo". O que há nos autos contra ele é a leviandade da inconfidência. Para aliciar prosélitos propalavam-se os nomes dos conspiradores; a posição

de Gonzaga, vulto influente, poeta e magistrado, facilitava para os fins da causa, que o desejassem entre eles, e o dissessem uns aos outros, e logo lhe davam função de fazer leis da nova república. Todos sabemos do corpo que tomam os boatos no Brasil. Gonzaga não será o único condenado político, por essa pródiga imaginação, em voz baixa.

Magistrado português em Minas, acabava de ser promovido a desembargador na Bahia, ia casar com Marília, como se meter numa revolução? Apesar de poeta, teria juízo. Sempre depôs assim, e os outros, conformes, o depuseram. Isto o homem; o poeta, esse é exclusivamente europeu. É arcádico, como no tempo. Em Minas poetando, só pensa em olivedos e azeite, em vinho e vinhedos, rebanhos, pastores, ficções da moda literária, ele zagal burguês, bem instalado na vida, que procura convencer a sua zagala tem o futuro garantido:

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, de expressões grosseiro,
De frios gelos e de sóis queimado...

Tenho próprio casal e nele assisto.
Das brancas ovelhinhas tiro o leite
E mais a fina lã de que me visto...

Tinha o que perder. Não o perderia pelo Brasil, o próvido Gonzaga. A diferença entre os dois poetas, pois que os dois homens se equivalem, o brasileiro vivendo em Portugal, o português no Brasil, é que um, Gonzaga, é só poeta português e que Gonçalves Crespo também é poeta brasileiro. A Academia repeliu o nacional e ficou com o reinol. Silva Ramos sorriu e exultou nele o muito que nele havia de português, coimbrão, a mocidade, sonetos do Penha, alexandrinos do Junqueiro, a bela forma pura dos clássicos e até sotaque persistente, que o denunciava por toda a parte.

GRAMÁTICO LIBERAL

Aqui, quase exilado, tratou da língua portuguesa. Foi professor. Foi gramático e filólogo. Mas com a liberdade carinhosa de amante, e não como

nós, que temos obrigações devotas de filhos. Nós brasileiros não transigimos com os clássicos portugueses: um pronome mal colocado desconceitua um escritor... Há nos jornais tendas de concerto às erronias, "como se deve" e "como não se deve dizer". Silva Ramos português sabia a língua como própria e era por isso livre, liberal, e nos ensinava que a prosódia, e não a sintaxe, governa a colocação dos tais pronomes. Porque vivemos em outro meio, clima e gentes, colocamos as idéias de modo diferente, e, como a fala, dispomos diferentemente as tais partículas. É inútil e ridículo, aqui e agora, querermos imitar os autores clássicos do século XVI, que falavam e escreviam naturalmente para o seu tempo, e hoje, com um tento que não temos, falariam e escreveriam para o nosso tempo. Foi Silva Ramos uma lição desse juízo, professando e escrevendo: vós lhe acentuais, devidamente, este mérito.

Seu ensino teve largo proselitismo. Ensino da língua, das letras, portanto, da arte substancial de escrever. Lá fora, nos colégios, era a mocidade. Ágil, bondoso, um cravo na lapela e uma indulgência nas notas, ela, a gramática, por ele, perdia a imposição e ganhava familiaridade; aqui, na Academia, era uma lição tácita de compostura e serenidade. Não se metia nas competições gramaticais. Passava longe do dicionário. Só o vimos zangar-se com as nossas loucuras ortográficas. Também era de mais, tanta caprichosa reforma. E exatamente quando morreu, foi que tornamos de um radicalismo que iria fazer, pela indumentária gráfica das vozes, uma cisão dialetal. A razão do vosso antecessor venceu, por fim. Fez-se a paz ortográfica, a *entente* cordial dos lingüistas: creio afastado o perigo de intervenção da polícia nas nossas sessões de linguagem. A tolerância de sábio do nosso bom Silva Ramos inspirará, aos exigentes puristas nacionais, que fazem aqui política, em assunto de língua portuguesa...

CADEIRA DA TRADIÇÃO

A meiga sombra de Silva Ramos se ajuntará bem, na cadeira de ambos, à vossa amena presença, sob a invocação de um poeta lírico, que transcende do Brasil e vai às nossas origens. Será a Cadeira da tradição a vossa, a de Silva Ramos, a de Gonzaga.

Este viveu aqui, aqui amou, e pelo Brasil sofreu o martírio: nós lhe devemos a compensação de o lembrar sempre, entre os nossos ascendentes espirituais, que são os nossos patronos.

Silva Ramos, poeta na mocidade como vós, trouxe com a castidade da língua a saudade da musa portuguesa, reivindicando, depois do brasileiro Gonçalves Crespo, o lusitano cantor de Marília, juntos na tradicional indistinção de sangue e de alma, no mesmo culto ufano de nossas riquezas patrimoniais, de aquém e de além mar.

Vós sois dignos deles, Sr. Alcântara Machado, se não os excedeis ainda, pois não só a Portugal, a língua e as letras, amais devotamente; vós invocais, no vosso amor fiel e constante, a gente portuguesa no Brasil, vossos maiores, os maiores de nossa pátria, os Bandeirantes que fizeram o Brasil, e fizeram São Paulo, desde Antônio de Oliveira, chegado a São Vicente em 1532, no primeiro dia da colonização de Martim Afonso, a Machado d'Oliveira, último bandeirante cultural, disseminado pelo Brasil e pelos interesses nacionais. Até Brasílio Machado, até vós mesmo, que em São Paulo somais toda a pátria, servindo-a, evocando-a aumentando-lhe as glórias, ressaltando-lhe o passado heróico e tradicional, para uma lição de civismo e de benemerência.

SÃO PAULO!

Como vós amais a esse Brasil, Sr. Alcântara Machado, no vosso amar a São Paulo! Tanto, que sois um retrato de vossa terra, um resumo de vossa gente. Laborioso, esforçado, inteligente, civil, polido, reservado, – sois também incansável, múltiplo, disciplinado, tradicionalista, destemido, idealista, como a vossa terra, a vossa gente. Não fostes quem a definiu? "O culto do passado, o orgulho da raça, a fidelidade aos compromissos, a aversão à desordem e à indisciplina, a coragem desassombrada na afirmação dos próprios ideais, são traços característicos do espírito paulista". "Mas em São Paulo, continuais, não vicejam as preocupações subalternas do exclusivismo regional. Herdeiros daqueles soberbos "violadores de sertões e semeadores de cidades", cujo pé, "como o de um Deus, fecundava o deserto", e que, investindo heroicamente contra o desconhecido, definiram os contornos do nosso território; descendentes dos Andradas e de Feijó, a quem se deve a formação da cons-

ciência nacional, não nos esquecemos dos deveres que decorrem das nossas responsabilidades na construção da pátria comum". Já era há vinte anos, em 1913, e não agora, que dizíeis isto: "São Paulo não é apenas uma terra de fartura e de prosperidade: é para todos aqueles que trabalham conosco, pela grandeza do Brasil, uma terra de hospitalidade e de justiça."

É que São Paulo é o melhor do Brasil. Cala-se a emulação de irmãos menores que o cercam, é o primeiro, e a ele cabe devidamente guiar a família. Porque em São Paulo começou o Brasil, civilizado e civil.

Não foi ali, na colina sagrada, que Nóbrega e Anchieta e seus companheiros fundaram o primeiro colégio jesuíta e puseram a tabuada e a cartilha da civilização nas mãos e na alma de índios, de mamelucos, de reinóis, e de seus filhos, os primeiros brasileiros?

Não foi dali que os Bandeirantes partiram para Minas, para Bahia, para Mato Grosso, para o Pará, o Amazonas, para os Andes, a Bolívia, o Paraguai, para Paraná, Rio Grande, Uruguai, a balizar o solo sagrado da Pátria com as ossadas brancas dadas ao deserto, mártires da nacionalidade, vítimas de uma ambição que nos conquistou uma autonomia e nos deu um patrimônio? O Brasil, di-lo a História, fê-lo São Paulo.

Donde nos veio José Bonifácio, o sábio que nos libertando, com a conivência de um príncipe, manteve sob um cetro a unidade nacional e com a dinastia nos privou, por esse século, do caudilhismo que campeava solto na América Espanhola, fracionada, e, ainda agora, em guerras consigo mesma?

E onde foi esse príncipe declarar livre o Brasil? Não no Amazonas, ou no São Francisco, senão no Ipiranga. Porque é na frente da casa que se arrostam os adversários e se fazem as proclamações. São Paulo é a frente e fronte do Brasil.

Não foi de São Paulo, esse grande Feijó, que disse, de sua terra, "eu me orgulho de ser de uma província, célebre pelo seu distintivo de honra e pundonor, e onde se faz timbre de cumprir o que se promete?" E que prometeu esse Feijó, e esse São Paulo, ao Brasil independente? Uma consciência nacional. Teve-a, desde a Regência. De Feijó, começa o Brasil em casa própria, e vivendo por si.

Não foi a liberdade dos negros fugidos nas serras do Cubatão que desmoralizou a posse escrava, e permitiu o 13 de Maio à Princesa Redentora?

São Paulo, que o promovia com um braço, com o outro preparava o trabalho livre, que seria a riqueza nacional.

A República, com a propaganda dos Prudentes, dos Campos Sales, dos Glicérios, de tantos iguais, não desponta em Campinas, antes de nascer para o resto do Brasil?

Onde o baiano Rui Barbosa deletreou as tábuas da lei, para nos ensinar o culto do direito e o sacerdócio da justiça? Nessa *alma mater* de vossa Faculdade de Direito, onde o mineiro Pedro Lessa lecionou a estudantes, antes de vir pregar no Supremo Tribunal.

Dessa Faculdade, desse São Paulo, desse Brasil, a que honrais como mestre, como escritor, como grande homem, – grande homem de bem, Sr. Alcântara Machado – é apenas justo que, cumprindo conosco e pelo Brasil, nós vos glorifiquemos. Sede bem-vindo!

Discurso do
SR. CELSO VIEIRA

e

Resposta do
SR. ALOÍSIO DE CASTRO

Sessão solene extraordinária
do dia 5 de maio de 1934

I

DISCURSO DO SR. CELSO VIEIRA

SR. PRESIDENTE da Academia Brasileira de Letras,
Srs. Acadêmicos,

À ironia do meu fadário e ao excesso da vossa benevolência aprouve que o menor dentre os publicistas brasileiros, autor de *Endimião e Anchieta*, viesse ocupar nesta Casa a sede aureolada pelos nomes de Tobias Barreto e Graça Aranha, na qual deveria aninhar-se o homem-pássaro, Santos Dumont, celebridade máxima deste país.

Entretanto, por suceder literalmente a um gênio inventivo, quase sem livros, na Academia Brasileira de Letras, posso agradecer-vos a honra sem o vexame próprio das sucessões ilegítimas, que nunca pretendi, ou das ambições ilimitadas, que nunca me turvaram o senso da justa medida. Posso mesmo fundamentar o meu reconhecimento, senão a vossa escolha, nesta existência consagrada à literatura, como lâmpada acesa, devotamente, na vetustez do seu nicho, à excelsa Madona reerguida, por uma crença imutável, sobre o desencanto de outras formas e a desilusão de outros signos.

Conheço bem os caminhos da vida e as quimeras do homem para não me exaltar no deslumbramento, em que voam os sonhos das mil e uma noites acadêmicas, estreladas de glória pela fugaz magia da posteridade. Mas a vocação artística, por vezes em guerra com as circunstâncias e os indivíduos, tem algo da vocação religiosa, desde o sacrifício ao êxtases, desde o silêncio ao triunfo, e é essa vocação que exulta neste momento, aos pés de Nossa Senhora da Arte, em face do próprio destino. Associando o meu trabalho efê-

mero ao prestígio imortal da Casa de Machado de Assis, – *ad immortalitatem* –, a festa do jardim de Academus enflora-me a jornada, clareia-me a penumbra com o lampejo de algumas horas, que fraternalmente vos agradeço, entre a miragem das palmas de ouro e a gentileza das boas-vindas.

I
TOBIAS BARRETO

Sob as asas quietas, pousam neste recinto as vitórias esculturais e pacíficas da inteligência, mas a inovação do nome de Tobias Barreto, ardentemente escolhido por Graça Aranha na sarça de fogo do Nordeste, deu à sede n.º 38 um sinal flamejante de cultura e combate. Enquanto os livros dos nossos demais patronos, sob os lauréis, pompeiam como florões da mesma coroa, os dele ainda sugerem levantes ou suscitam discórdias, como troféus de armas rebeldes.

Foi em 1882 o primeiro encontro de Tobias e Graça num pardieiro semicolonial, domicílio das letras jurídicas, a Faculdade do Recife. Tobias Barreto, paladino da ciência de Rudolf von Ihering e Hermann Post, recém-nascida e batizada nas universidades alemãs, desafiava a ciência arcaica da teodicéia e do direito, em concurso, fanatizando a mocidade com os prodígios da sua dialética. Era um mulato sem arrebiques, sem o donaire vulgar da mestiçagem brunida pela cultura: sob a testa enorme, na profundeza das arcadas, os olhos miúdos reluziam como dois carbúnculos; sob as narinas densas, eriçando-se, o bigode escurecia ainda mais a protuberância do beiço etíope; o mento quadrado e sólido acusava obstinação de forjador na bigorna ou de pugilista na arena. Dessa rude máscara, por uma sorte de exaltação oracular, a eloqüência fazia um semblante iluminado para o debate das escolas. O milagre do verbo, espiritualizando Tobias, dava-lhe ao gesto a força expressiva, ao olhar o fluido magnético, à voz o acento e o efeito das modulações irresistíveis.

Derredor do ídolo, transfigurado pela virtude sonora da eloqüência, desabotoavam as almas em flor, comprimiam-se atentos e ávidos os moços, entre os quais estava um menino, Graça Aranha, aos treze anos de idade, ardendo e vibrando à mesma impressão, confessada meio século depois nas suas memórias. Era o mais gentil dos estudantes, precioso tipo de escol, já cristalizado, etnicamente, nesta ebulição de raças humanas, explodindo em

variedades imprevisíveis. Repartidos, os cabelos sedosos de ariano ondeavam sobre a pureza da face, mas no âmbar dos seus olhos se adivinhava o anseio do espírito livre, no recorte sanguíneo da sua boca floria a audácia das negações. "Aos doze anos – lembra o antigo discípulo de Tobias – neguei Deus, aos quatorze neguei o direito natural, aos quinze neguei o princípio monárquico e o direito à escravidão. Dos dezesseis em diante acrescente às minhas negações a libertação estética. Quando cheguei ao Recife, aos treze anos e meio, encontrei Tobias Barreto... Eu estava apto para receber todas as demolições do direito natural e da teologia e propagar todas as revoltas contra a metafísica, contra a ordem política e social."

O efebo tropical nascera também para lutar, como os de Salamina ou de Platéia: vinha fadado à carícia e ao domínio, à revolta e ao renome. Transposta a meninice, estuavam nele, sublimados pelo adormecimento da puberdade inquietante, os desejos de uma vida nova, reino primaveril da inteligência. Ora a novidade criadora de Tobias germinava no seu elemento ideal, no seio virgem da mocidade: "... nós recolhíamos a nova semente, – refere Graça Aranha – sem saber como ela frutificaria em nossos espíritos, mas seguros que por ela nos transformávamos."

Para compreender semelhante fascinação acadêmica é força resumir o estado de alma dos jovens e o ciclo mental do fascinador. No aranhol da tradição acadêmica, a inteligência brasileira continuava a lenda de Aracnéa mudada em aranha, longe das correntes de saber positivo, que transformavam desde 1859 o espírito ocidental com o darwinismo, a teoria da evolução arquitetada na *Origem das Espécies*, mas antecedida por estudos vários – *As Metamorfoses das Plantas*, de Goethe; as conclusões de Geoffroy Saint-Hilaire sobre a unidade biológica do plano de estrutura; a *Zoonomia*, de Erasmo Darwin, avô de Charles; a *Biologia*, de Tréviranus; a *Filosofia Zoológica*, de Lamarck; e o *Manual de Filosofia da Natureza*, do mais temerário e mais transcendente naturalista, Oken. Entre os alemães, von Ihering aplicara já os princípios darwínicos à luta pelo direito, Hermann Post concebera já o direito como ciência positiva, um dos semblantes da vida cósmica, e a vetusta escola do direito natural, considerada emanação divina ou abstração humana, ainda povoava a escola superior do Recife com os seus fantasmas: o teologismo de Oudot e Taparelli, o espiritualismo de Ahrens e Bellime. Uma das

teses do concurso, aberto em 1882, inquiria se a doutrina dos direitos naturais e originários do homem se conformava com os princípios da ciência social. E eis a tríplice revelação de Tobias: I, só o monismo, dentre os sistemas filosóficos, pode elaborar a verdadeira concepção do direito; II, o direito é um produto da cultura humana, o princípio da seleção legal na luta pela existência; III, a sociologia existe apenas como aspiração, um *pium desiderium* do espírito científico.

Ora, entre os moços, como depõe um estudante daquele período, o Sr. Clóvis Beviláqua, circulavam desde muito as idéias de Comte, Littré, Dubost, ainda que eles preferissem já os evolucionistas de linhagem darwiniana, Huxley, Spencer e Haekel, mas nenhum desses oráculos traduzia juridicamente a concepção universal. Aos olhos extasiados da mocidade todas as ciências rejuvenesciam, menos a do Direito, caduca e trôpega. Foi o concurso de 1882, que assinalou para ela o instante soberbo do transformismo. Pela mão de Tobias, feio mulato sergipano, a ciência do direito, aformoseada nas brumas da Alemanha pelo gênio de Hermann Post e von Ihering, entrava magicamente no pardieiro das letras jurídicas, subjugando o espírito dos mestres, seduzindo o coração dos moços.

Destarte, finda o concurso em 1882 com o triunfo solar da primavera na Escola de Recife. Ante a grade inviolável, deliram na sala da congregação os rapazes, aplaudindo Tobias, quando o mais novo deles transpõe o obstáculo, de um salto, para voar aos braços do mestre. Como que vemos no amplexo de Graça e Tobias, helenicamente, um abraço de Hércules e Adônis.

* * *

Logicamente darwinista, esse batalhador seria o mais impressionante exemplo da sua doutrina – o *struggle for life*. Cedo, personificara Tobias a luta econômica e social pela existência. Nascido entre os violeiros agrestes de Sergipe, à sombra das quixabeiras, saíra da humildade rústica de um lar, aos treze anos, para as lições de música do maestro Santa Fé, para o curso de latim do padre Quirino e do padre Pitangueira; aos dezesseis, no Lagarto, já ensinava primeiras letras; aos dezoito, em Itabaiana, vivia como professor de latim; aos vinte e dois, tendo seguido para a Bahia com intentos eclesiásticos, desistiu das ordens sacras, apenas logrou fazer alguns preparatórios e volveu

de novo a Sergipe; ao vinte e três, rico de sonhos e odes, saiu da terra natal para os "braços nus da cabocla civilizada", imagem do Recife no seu cosmorama de poeta hugoano. Com os louros do bacharelado ambicionava a fama de poeta das turbas.

A poesia das serenatas, das improvisações, dos recitativos em desafios teatrais compôs-lhe no Recife uma lenda de boemia e desleixo. O estudante nunca se abismou, porém, na dissipação intelectual, sempre viveu do ensino, custeando os próprios estudos com a moeda escassa das lições de latim, francês, história, retórica, filosofia e matemática elementares, dadas a outros estudantes mais venturosos, até a data da formatura, quase aos trinta anos de idade. Tobias, retardatário do curso acadêmico, seria dez anos depois o renovador da ciência jurídica no Brasil.

Deixando o Recife pela Escada, cidade pernambucana do interior, a vegetar entre os canaviais, Tobias segregou-se aí, por um decênio, com os seus livros e as suas opiniões. Em dez anos (1871-1881), o solitário da Escada, que aprendera consigo mesmo o alemão e chegara a estilizar nesse idioma os próprios conceitos, germanizou-se pelo criticismo, desdobrado em estudos de religião, filosofia, ciência, literatura, direito e música. Se a França nos ensina a escrever, conjeturava ele, só a Alemanha nos ensina a pensar, e o elmo da Germânia invicta, pesando sobre o destino das raças, afigurou-se a Tobias o capacete de Minerva, deusa nutriz dos pensadores.

Em filosofia, contudo, ele seguira até 1868 o espiritualismo ou ecletismo francês, já imolado ao novo critério positivista, desde 1856, com ironia causticante e análise desfibradora, por um livro sem igual de Taine, o mais claro e cruel dos seus livros: *Philosophes français au XIX siècle.*Tobias ainda glorificava, nesse período, Royer Collard e Victor Cousin, Maine de Biran e Joufroy. Louvando no espiritualismo as descobertas psicológicas, feitas por observação dos fatos internos, sagazmente advertia aos psicólogos da escola que o emprego do método aplicado pelos físicos à observação da natureza franqueava a passagem das ciências morais ao materialismo e ao cepticismo. Não obstante, por outras passagens, o seu espírito se evadiu para outras ideações, logo depois, sob a influência positiva, ainda francesa, das leituras do Comte, Littré e Taine, conjugadas a estudos sérios da metafísica de Vacherot e da crítica religiosa de Scherer. Desde 1871, porém, é que ele começa a tri-

lhar definitivamente a sua estrada real – o caminho universitário de Jena ou de Berlim.

* * *

Antes da nova orientação germânica e científica, Tobias encerra como poeta o ciclo do nosso Romantismo, fundando a escola condoreira, de que foi Castro Alves o grande Iluminado. Em 1863, decaindo nas contrafações vulgares do lamartinismo, sem alma e sem cor, a poesia brasileira apenas modulava um cântico expressivo e melodioso, o de Fagundes Varela, cujo sentimento vai, por ditirambos e elegias, desde o bucolismo à religiosidade. Tobias, reagindo contra a pieguice lamurienta dos menestréis indígenas de Elvira e da lua, contra o maneirismo dos nossos pseudo-lamartinianos, deu-nos a frescura matinal de uma écloga e o perfume de um idílio naturista nos primeiros versos rústicos – *Beija-flor* e *Anelos*; auriga da escola condoreira, trovejante carro de fogo arremessado às nuvens, fez ressurgir a influência hugoana com os poemas. *A Vista de Recife* e *O Gênio da Humanidade*; interpretou a cólera e o civismo das massas nos seus cantos de guerra, saudando os heróis do Paraguai; difundiu o culto às glorias artísticas, pelos teatros, lançando ramalhetes de estrofes aos pés de Líbia Drog ou Júlia Tamborini; sublimou a paixão humana, como idealidade, no aureolado transporte do seu infinito amor, Leocádia Cavalcanti; reacendeu para a beleza morena de outra pernambucana, Maria d'Albuquerque, todas as flamas eróticas da alma tropical. Verdadeiramente, sejam quais forem as suas imperfeições ou dissonâncias, a lírica dos *Dias e Noites* entremostra, de onde em onde, não sei que flor numa estiolada, em cujo recesso a mais fria análise descobre o eflúvio noturno dos jasmins ou a ardência das rosas abertas ao sol.

* * *

Os discursos de Tobias, deflagrações do seu poder tribunício, empolgavam o auditório com a mesma veemência dos arroubos poéticos. Se o poeta já discursava em estilo condoreiro, à margem da guerra do Paraguai, o orador não seduzia menos do que ele, abordando teses jurídicas ou temas nacionais. Compreende-se que Sílvio Romero, estudando o primeiro, dedicasse frementes páginas ao segundo na *História da Literatura Brasileira*, como não se com-

preende que os apologistas do escritor e do orador silenciassem, até hoje, sobre as opiniões políticas dessa mentalidade inesgotável.

Antes de combater doutrinariamente o Poder Moderador, ficção romântica desenhada por Benjamin Constant, superposta como um ilogismo coroado aos órgãos da monarquia, já o seu espírito se erguera contra o poder pessoal do monarca, embora acentuasse que D. Pedro II era o político de maior sagacidade neste país. Desafeiçoando-se do império, não chegou à profissão de fé republicana, ainda que houvesse elogiado o Clube Republicano da Corte, em 1870, pressentindo a república, longe, por meteoros ígneos anunciadores da tormenta.

No partido liberal, em cujo seio foi um hóspede irrequieto, senão incômodo, a experiência trouxe-lhe o desgosto do liberalismo partidário, que ele julgava tão ineficaz, pela sua ambigüidade, quanto o partido conservador, pelo seu anacronismo, delatando nos dois a ausência de uma doutrina e concluindo ser necessário ao Brasil o partido único dos incorruptíveis, por derivarem todos os nossos males da hipocrisia dos governantes e da corrupção dos governados. Mas nenhum programa de ação regeneradora nos legou o indomável Tobias, naturalmente porque desconfiava de todas as reformas políticas nesta voragem social.

Eleito à assembléia provincial de Pernambuco, sustentou vigorosamente em 1879 os direitos da mulher, discorrendo sobre educação feminina para demonstrar aos adversários que o cérebro de Eva, não obstante o peso menor, vale tanto pela qualidade, especificamente, como o do seu companheiro nas aventuras edênicas. Dessa convicção de precursor do feminismo, entretanto, não evolveu para o marxismo. Individualista sem exagero, sectário da liberdade, refez agudamente a psicologia social da pobreza igualitária, ao escrever para os nossos dias: "O mais alto grau imaginável da igualdade – o comunismo –, porque ele pressupõe a opressão de todas as inclinações naturais, é também o mais alto grau da servidão. A realização da liberdade satisfaz ao mais nobre impulso do coração e da consciência humana; a realização da igualdade só pode satisfazer ao mais baixo dos sentimentos – a inveja." Cinqüenta anos depois, ninguém penetraria melhor do que ele no secreto determinismo das reivindicações de nivelamento social.

Tobias deparava o Estado constituído e a Nação amorfa, sob a cópia da monarquia inglesa, nascida historicamente do particularismo e da reforma, transplantada absurdamente para uma coletividade neocatólica e neo-ibérica, medrando no gosto secular da autoridade. Em vez do parlamentarismo: "grande desvario, *protonpscudos* do século XIX" – desejava para nós um governo autóctone, que surgisse da relação necessária entre as causas históricas e as formas políticas. Textualmente disse: "Alexandre Humboldt chamou a constituição inglesa um *produto oceânico*; nós seríamos ditosos, se também aquela que nos rege pudesse porventura se qualificar de um produto selvático." Por nosso mal, nunca lhe saiu da pena revolucionária o modelo selvagem, frondescente à maneira dos jequitibás, e as nossas constituições desabotoam, emurchecem como flores de estufa, mais ou menos exóticas. A ciência política de Tobias, outro aspecto do seu formidável criticismo, não descobriu o maior tesouro da selva – uma constituição brasileira.

* * *

Sob a influência do germanismo, Tobias conservou o mesmo temperamento apaixonado, transbordante e exclusivista. Em religião, desenvolvendo na exegese dos textos sagrados as idéias magistrais de Ewald, Strauss e Reuss, ou deificando os alemães insuperáveis, contra o saber de Guyan e a sua irreligiosidade; em literatura, hoje despindo os farrapos à indigência da novelística e amanhã propondo o estabelecimento de uma Internacional ou Inquisição literária, que funcionasse em Berlim, para consagrar ou desfazer as reputações européias e americanas; em filosofia, com as suas diretrizes haeckelianas, modificadas pelas reminiscências da teoria do conhecimento de Kant, os princípios formulados sobre a ausência de sincronismo da evolução emocional e intelectual do homem, a profundeza das glossas anti-sociológicas; em ciência jurídica, pela sua intuição naturalista e finalista do direito, pelos seus originais golpes de vista no campo do Direito Criminal, desde *Menores e Loucos*, miniatura de uma obra-prima, até ao *Fundamento do Direito de Punir*, como necessidade, que se impõe ao organismo social com a força da própria evolução; em arte, na polêmica travada sobre a música de Meyerbeer; em todos os domínios da inteligência, Tobias Barreto foi sempre o mesmo germanófilo irredutível, que levava o pangermanismo, no menosprezo de quaisquer outros

valores culturais, até ao desdém risível dos nomes, das obras de Comte e Spencer, gloriosos mestres do pensamento hodierno. Ele confessava que a Alemanha era a sua loucura, o seu *fraco irremediável*, e o douto Sílvio Romero elogiou-lhe o arrebatamento na propagação das modernas teorias germânicas, desenvolvidas por um critério pessoal, não independente, mas inconfundível. "Isso é bom, – opinava Sílvio – os iniciadores devem ser arrebatados, sistemáticos, exclusivos". Criticismo e exclusivismo não se me afiguram, no entanto, logicamente conciliáveis, mas dessa incompatibilidade nunca se apercebeu o espírito de Tobias, lidador, guerreando como um fanático, sob o estandarte imperial da Alemanha.

Não obstante a difusão das idéias positivistas evolucionistas, já circulantes entre os moços desse período, ilustrado pelos nomes de Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Martins Júnior e outros, afora os dos lentes José Higino e João Vieira, em cuja mentalidade transpareciam os novos rumos científicos, emanou de Tobias para o Brasil a concepção monístico-idealista do universo, aplicada aos fenômenos sociais. Noticiando a um colega de São Paulo o grande acontecimento, escrevia Gumercindo Bessa, estudante recifense: "Indaga por aí, por S. Paulo, se há um só estudante, um só lente, que tenha ouvido falar em monismo. Ninguém te aparecerá. Hoje, todos sabem que existe um sistema filosófico chamado monismo e qual ele seja. Aprenderam de Tobias, o espírito mais adiantado deste país."

Monismo... Do vocábulo precioso, mais tarde, Graça Aranha fez uma palavra mágica no labirinto das suas generalizações. Apenas, o esteta vinculava-se ao monismo naturalista de Haeckel – tudo é um, porque tudo é movimento – e o espírito do mestre refletia o monismo filosófico de Noiré – tudo é um, porque tudo se move e sente nos átomos iguais, de que se compõe o universo. Com o movimento – propriedade externa do átomo – prepondera a *causa efficiens*, com o sentimento a *causa finalis*, em todas as manifestações da vida cósmica. Donde a finalidade irredutível nos fatos do mundo psíquico e da ordem social, traduzida pelo conceito de Kant – "há um resto mecanicamente inexplicável", que Du Bois Raymond ampliou nesse outro: "Mecanicamente, não saímos da mecânica; não podemos compreender como nasce a consciência, como nasce o sentimento." Haeckel replicaria, com a temeridade própria dos fundadores de sistemas, que tudo isso nasce do fronema, do cór-

tex cerebral. Tobias Barreto, idealista e finalista, objetaria que a liberdade humana, sob lei natural, não tem só uma causa mecânica, mas também uma causa voluntária. Na escola de von Ihering aprendera que a natureza, interpelada sobre a causalidade fenomenal, responde por um *quia*, e a sociedade, inquerida igualmente, responde por um *ut*. Assim o mundo para Tobias – "não é só uma cadeia de *porquês*, como pretende o materialismo acanhado: é ainda uma cadeia, uma série de *para quês*, de fins ou de alvos, que reciprocamente se apóiam, se limitam, saem uns dos outros".

* * *

Longe do mundo especulativo e das suas abstrações, nos sectores do mundo real, onde as idéias se entrechocam, deflagram como os interesses, erguia-se para infindáveis lutas a alma primitiva do combatente, agigantado pelo estudo e pela idade. Nos belos tempos da musa condoreira, helenizando as origens ibero-africanas, Tobias Barreto dizia-se grego – *sou grego pequeno e forte* –, mas um sábio alemão, o Dr. Lange desvendou-lhe a grandeza acima do seu povo. Se o helenizássemos de novo, esse gigante reproduziria no velho sentido pugnaz um grego, não da Acrópole, senão da *Ilíada*, abatendo e injuriando os adversários, sob os olhos claros de Palas Atena, invencível Razão dos jogos florais e das lides cruentas. Somente, ao arco dos sagitários de Homero ele preferiu o martelo de Thor.

Adolescente, o poeta dos *Dias e Noites* fora um batalhador, fizera da poesia uma sorte de prélio, a guerra das duas rosas – Eugênia Câmara e Adelaide Amaral – ou das duas liras – Tobias Barreto e Castro Alves –, lançando versos, como granadas, ao marulhar de aplausos do Recife, onde a campanha do Paraguai, o tumulto abolicionista e as porfias teatrais lhe acenderam o estro, lhe inspiraram o canto. Essas granadas, caindo aos pés das atrizes, se debulhavam poeticamente em rimas, quando não explodiam sonoramente à face dos rivais, atiradas de um a outro varandim do teatro Santa Isabel.

Ensaísta e polemista, autodidata e poliglota, o gigante descoberto por Lange, classificado na raça dos grandes pensadores por Haeckel, investiu e golpeou os adversários em quatro idiomas – português, francês, alemão e latim –, porque até as cinzas de uma língua morta fumegavam, ao contacto da pena incendiária. Por mais de vinte anos, o mestre d'armas do pensamento nacional

bateu-se com amigos e ádvenas, poetas e juízes, doutores e clérigos; mediu-se com as sombras da teologia e da metafísica; batalhou contra os ventos desencadeados pela fúria tedesca dos seus escritos. Saíam-lhe os plebeísmos com os argumentos; sibilavam-lhe os dardos em remoques acerbos e agudos. Quase a morrer, ainda pugnava em torno do *Self government*, como em volta de uma cidadela, e acredito que, mesmo depois de morto, não lhe conviria senão a bem-aventurança do Walhala, onde os guerreiros imortais pelejam, desde o amanhecer ao meio-dia, sob a ramagem de ouro das selvas hiperbóreas.

II
GRAÇA ARANHA

Quarenta anos depois do abraço inicial, que o ligou a Tobias no concurso de 1882, Graça Aranha escreveu: "Nunca mais me separei intelectualmente de Tobias Barreto." Como reminiscência das jornadas e leituras feitas, não duvido. Como afinidade mental, porém, até onde caminharam juntos o novelista e *Canaã* e o ensaísta dos *Estudos Alemães*, o discípulo de Haeckel e o filósofo jurista da escola de Ihering, o legionário da França de 1914 e o fundibulário da Alemanha de 1870?

A influência de Tobias sobre o rumo de Graça foi já definida por este como desenvolvimento do espírito de negação em todos os campos da autoridade – a fé, a política, a literatura, a metafísica, a ordem social e a ordem estética. No dilúculo do seu jardim literário havia negrejado o manto renovador de um Mefistófeles tropical. Aos treze anos e meio, confessa-nos Graça que era um ateu e que estava apto para dizer corajosamente – *não!* às forças encasteladas na crença ou no uso, senhoras tradicionais do nosso mundo instável. Com uma ingenuidade, no diálogo de sombras do seu ocaso, ainda pergunta aos ancestrais donde lhe veio semelhante fúria destruidora... Há nesse furor literário um pouco de romantismo ou quixotismo. O nevoeiro da metafísica fora dissipado, muito antes de Graça Aranha, por outros raios solares, e através da máscara de Lenine, o maior iconoclasta do nosso tempo, nunca ressoaria os efeitos de um estilo canoro.

Evidentemente, o criticismo de Tobias pouco influiu num espírito predestinado aos vôos de Ariel por outros píncaros, outras paragens azuis, enquan-

to o do mestre não cessava de trabalhar na planície rasa ou nos degraus da montanha. Quando muito, deu-lhe o senso e o gosto da cultura moderna, positiva, na filosofia e no direito, sob as leis do novo império científico, anunciado por Lamarck, erigido por Darwin. Filosoficamente, ambos eram monistas; juridicamente, ambos faziam decorrer da luta universal pela vida a luta social pelo direito. Apenas, o monismo filosófico de Tobias vinha da escola idealista e neo-kantiana de Ludwig Noiré, conciliando o movimento e o sentimento, as causas eficientes e as causas finais. O monismo naturalista de Graça, ao revés, já em 1894, no prefácio à *Concepção Monística do Universo*, de Fausto Cardoso, não admite senão causas físico-químicas. É o hino à matéria polimorfa, desenvolvendo-se da nebulosa originária, donde raiou o sol, até ao cérebro de Haeckel, donde nasceu para os homens a verdade, na sua opinião de fetichista.

Simplificando todos os problemas, esquecendo todas as barreiras, para negar sem exame o teleologismo, o dualismo, o *resto mecanicamente inexplicável* de Kant, os sistemas em cujas linhas grandiosas reaparece o conceito da finalidade, Graça Aranha perfilha a intuição mecânica do direito, concebido por Fausto Cardoso, àquele tempo, como o estado de equilíbrio das formas do mundo moral, correspondente à harmonia dos céus ou gravitação no mundo físico, à harmonia do espírito ou consciência no mundo lógico. Tudo isso era brilhante, mas aéreo – um castelo suspenso das nuvens pela imaginação. Em substância, o universo constitui na síntese mais poderosa o teleomecanismo de Fechner: causas e fins concorrem no mesmo desenvolvimento universal, por um lado mecânico, por outro psíquico; e nesse domínio a complexidade fenomenal do direito não pode reduzir-se ao enunciado simples do movimento, em fórmula newtoniana. O direito, face da vida cósmica, força específica da vida social, é imposto pela natureza às suas relações, mas adaptado pela cultura aos seus fins. Entre o babelismo da escola espiritualista e o da escola histórica, desdobradas em vários matizes, a própria escola positiva desdenha o realismo unilateral, sentindo e abrangendo toda a realidade jurídica, a dos fatos materiais e a dos fatos psíquicos – dupla realidade visível e invisível, fundamento das suas construções. Entretanto, se a Fausto Cardoso havia bastado o mecanismo para a síntese monista do direito, por que não bastaria a Graça Aranha para a síntese monista da arte? Foi o que ele tentou fazer na *Estética da Vida*.

Relembremos a idéia consubstanciada nesse livro. Perene transformação da matéria-força, eis o *Universo*. Modo instantâneo da atividade universal, eis o homem. Na formidável dualidade subjetiva, – Eu e o Mundo – a consciência exprime o terror diante do Cosmos, e o sentimento do infinito avassala o espírito humano, torturado pelo anseio da Unidade. Não podendo reintegrá-lo a ciência no Todo Universal, porque a ciência não ultrapassa a observação metódica das causas e dos efeitos singulares, a fragmentação analítica da natureza em séries ou quadros fenomenais, o espírito busca a Unidade em outras fontes – a religião, o amor, a filosofia e a arte. Só uma dessas madres, porém, a arte – realiza com o seu pan-estetismo, criando imagens, cores e sons, a fusão espiritual do Eu no Todo infinito, concentra em perpétua alegria a luz necessária ao homem, para perceber, como percebeu Graça Aranha, – "nas miragens da consciência o inexorável e infindo mistério do Inconsciente". Nada mais obscuro e vago. Uma filosofia num estado de alma – o que ele denominava suprema libertação.

Tudo isso, confusamente, participa do monismo haeckeliano e do misticismo oriental, por inverossímil que se afigure semelhante amálgama. O anseio da Unidade é um remoto impulso ariano, tendente à fusão do nosso espírito no Ser universal e eterno: Brama. Do bramanismo ao cristianismo, através de sonhos e cultos, essa tendência mística renasce com a sabedoria ultravédica dos Upanishads ou a prece do Nazareno pelos seus discípulos. Mas o lugar da *unio mistica* é o santuário ou o deserto dos monges, não a *turris eburnea* dos artistas, posto que a arte, sob outros aspectos, seja também uma religião e tenha um sacerdócio de monges lapidários. Graça Aranha, de qualquer modo, transpôs o anseio dos livros sagrados para o domínio das belas letras, com uma particularidade a sublinhar: do espiritualismo passamos aqui ao materialismo. Sendo a alma, para este, um lampejo do córtex cerebral, o esteta procura a unidade, não pela fé, no demiurgo, mas artisticamente, pela miragem, na inconsciência da matéria cósmica. Haeckel não deixaria de sorrir dessa estética monista, que absorve o idealismo no mecanismo, quando ele antevia os dois conciliados, jamais confundidos, no soberbo paralelo de Goethe: o mundo real, objeto da ciência, e o mundo ideal, objeto da pura estética: *Wahrheit und Dichtung*.

Se o universo é uma série cambiante de imagens, refletidas num espelho móbil, a consciência, e o poder imaginativo da arte é a magia cósmica do homem, como supõe Graça Aranha, tudo se resolve na perpétua alegria da ima-

ginação ou da sensibilidade estética, refazendo a nossa unidade com o Todo. Esteticamente, prefiro o culto da Beleza, ideado por John Ruskin; metafisicamente, a filosofia da Imaginação, urdida através do Cosmos por Frohschammer, para quem a fantasia é o princípio de todas as cousas. Prefiro a nebulosidade germânica, e o tremeluzir dos seus faróis, ao despenhadeiro de Graça Aranha, que os leitores desejariam mais compreensível, nas aventuras filosóficas, se o próprio autor de *Estética da Vida* não tranqüilizasse a nossa incompreensão, declarando com imperturbável sisudez: "O ideal é sentir e não compreender, porque compreender é uma dualidade que nos separa do Universo."

* * *

Canaã, a obra-prima de Graça Aranha, esplendendo num píncaro solitário, que se fez depois inatingível para ele próprio, não foi concebida sob o influxo de tais pensamentos. O que há nesse romance é a vida em ponto grande, como exigiu Tobias Barreto aos novelistas indígenas da vida em ponto pequeno, descobrindo na contextura do romance europeu, com o advento de Walter Scott, não só afetos e lembranças, pugnas e esforços, mas também ciência, filosofia, arte, política e religião, a suma dos novos tempos.

Desde logo ressalta o valor de *Canaã*, nos seus perfis encantadores ou expressivos, angélicos ou rústicos, mas indeléveis, – duas efígies teutônicas, Lentz e Milkau, o homem férreo do passado e o homem livre do futuro; a loquacidade vária e a mobilidade simiesca do agrimensor Felicíssimo, demarcando a terra dos colonos; Joca, um fauno mestiço e esperto, com assombrações de currupira, entre as lendas do Reno, e danças de terreiro, entre as valsas alemãs; o implacável juiz Itapecuru; Maciel, fino letrado pessimista, que a vida lançara ao exílio do mundo bárbaro; enfim, a dor e a graça de Maria, agora com o seu fruto, dormindo nas sombras da mata virgem, sob a festa de cores dos pirilampos, mais tarde com o seu crime, penando na cadeia de Porto do Cachoeiro, e transfigurada pelo sonho, após o martírio, na suprema Visão de Canaã, à orla dos precipícios, onde os seus cabelos dourados semelham florestas, cuja beleza maternal recobre as gerações vindouras.

Esse livro perpetuou a sua originalidade como estilo e emoção, tema de raças em conflito e drama de almas em contraste, idealismo profundo, sentimento da paisagem e simpatia humana. Meticuloso e sóbrio, louvando a

estréia sem par, José Veríssimo aí exaltava a primeira e única manifestação literária, no Brasil, das novas correntes espirituais e sociais. Com a ideação relampeante de *Canaã* no cenário tormentoso das migrações contemporâneas, eletrizado pelo anarquismo e pelo imperialismo, tivemos um raro momento de gênese literária, ainda hoje comparável, porventura, ao fecundo momento inicial do *Guarani*. São instantes edênicos e abrasadores do mundo tropical. Fundem-se aí desejos nativos com as ambições e energias, que emigram para a nova pátria. Se o espírito de José de Alencar fixou a alma brasileira no convívio do português e do índio, entre a selva e o mar, Graça Aranha soube traduzir-lhe a inquietação no seu encontro com a alma de outras raças aparentemente civilizadas. E é curioso notar como a brasilidade suplanta o anarquismo doutrinário num livro, cujo espírito foi suspeitado, por vezes, de intenções ou idéias contrárias ao sentimento brasileiro.

Sem o querer, talvez determinado pelo subconsciente da raça histórica, em formação, Graça Aranha nacionalizou a própria alma cosmopolita de Milkau, suave anarquista, dialogando com o pangermanismo de Lentz. Afora extravios fortuitos, breves eclipses, inevitáveis num floricultor de utopias anárquicas, repercute a alma brasileira na ideação metafísica, sociológica e poética de Milkau. Ele recorda o santuário colonial de São João Del Rei com saudade e ternura quase nativas: aí está o culto das tradições. Ele desdenha os anátemas lançados à terra e o prejuízo aristocrático da raça: aí está, sem fatuidade, a confiança do homem brasileiro no seu vigor, que saiu de tempos heróicos abalados pelo tropel dos mamelucos, enobrecidos pela reação dos pernambucanos. Ele proclama a vitória da nossa linguagem sobre o alarido e a poeira de Babel: aí está o zelo do idioma, em que se articula e se aperfeiçoa a nossa humanidade. Ele se extasia perante a doçura dos nossos costumes: aí está o sinal de uma afetividade, cuja intrínseca virtude é extinguir todos os ódios, enlaçar todas as raças. Milkau refuta o pessimismo indolente de Maciel. Como um profeta, dissipa nos corações o temor de uma Europa invasora: "Não a temais nem a invejeis. Antes que se erga contra vós, ela se despedaçará." Prediz a aurora incerta e longínqua da Terra da Promissão, flor concebida humanamente no seio da mulher brasileira, humanamente orvalhada com todas as lágrimas: "Ainda não despontou à Vida. Paremos aqui e esperemos que ela venha vindo no sangue das gerações redimidas. Não desespereis."

O dialogo de Abel e Caim, redivivos e reconciliados em *Canaã*, avulta à maneira de um símbolo, projetado sobre o futuro. Mas para o Brasil tem ainda o sentido oculto de um Imperativo categórico: perseverar contra a dissolução anárquica ou a infiltração ameaçadora, de qualquer procedência, na sua Unidade geográfica e na sua Unidade moral, sobre o fluxo das ondas migratórias, com o mesmo sangue e a mesma fé, o mesmo gênio atlântico e a mesma língua sonora dos antepassados.

Depois de *Canaã*, o filósofo-esteta deixa o império da Arte flagrantemente viva para acompanhar o ilusionista – *Malazarte* –, a magia criadora das formas instantâneas e das ficções alegóricas. É este o segundo instante literário de Graça Aranha, o seu instante parisiense e teatral, que fez o encantamento de Camille Mauclair e o desapontamento de José Veríssimo. Demônio e símbolo, o estonteante Malazarte precede a *Estética da Vida*, anunciando-lhe já o pensamento, a audácia, o amoralismo impugnador de valores cristãos, na realidade os nossos eternos valores. Graça Aranha, nos três atos da sua lenda, retoma a dupla quimera indígena – o demônio familiar da puerícia travessa e a ilusão aquática da Iara –, quimera desenvolvida em aparições ou metamorfoses do instinto, Malazarte e Dionísia, o tentador e a sereia – ambos fugazes, mas felizes, na plenitude inconsciente do Universo. Entre as duas forças naturais, os dois seres alegres como o céu e o mar, conscientemente sofre o homem acorrentado à moral, Eduardo, com as suas decepções, os seus deveres, os seus amores incompletos ou indecisos, nublados de tristeza e dúvida. Ainda que o tentem Malazarte e Dionísia, a centelha do gnomo e a frescura da ondina, ele não poderá segui-los na oscilação da mesma barca, reinar como espírito livre, desejo livre, no mesmo palácio de coral. É tarde. A existência já o condenou à separação e à dor: Só a morte poderá entreabrir-lhe as portas iniciadoras. Mas a beleza dionisíaca, ao fugir sobre as ondas, arrebatada pelo demônio panteísta, sente que vai morrer. "*Ah! Joie. Si Dyonisia meurt...*". E em francês lhe responde alacremente o sutil Malazarte. "*La voix de la mer chantera toujours.*"

Por esse mar ilusório e cantante, ainda em busca da unidade inconsciente e da perpétua alegria, realizou-se *A Viagem Maravilhosa*, a derradeira viagem de Graça Aranha, ao pôr-do-sol. Teriam as vagas derruído o palácio de coral do gnomo e da sereia? Ter-se-ia evaporado entre as espumas e os escarcéus a beleza dionísica? À parte os sectários, que lhe gabaram os defeitos como

virtudes, houve nos leitores da *Viagem Maravilhosa* uma impressão geral de cansaço e tédio – a impressão das viagens sonolentas, por enfadonhas.

Graça Aranha, sem o vigor matinal de *Canaã*, perfaz *A Viagem Maravilhosa* com o espírito de revolta, que ele cultivou entre os insubmissos, mais ou menos jovens, mais ou menos rubros, temendo envelhecer nas erupções deste começo de século, atormentado pela crise econômica e pela idéia marxista. Da sua novela, porém, não se destacava um só temperamento de grande revolucionário com idealidade e bravura. Os seus agitadores são meramente criaturas de superfície, girando na própria ressaca do Flamengo: nenhuma dessas almas incolores traz consigo a força rebelde, que se desencadeou mais tarde no pampeiro da arrancada outubrista. Sem qualquer preconceito de época ou preferência de escola, suponho que o livro nada acrescentou à glória do esteta e do pensador, não obstante o movimento, a largueza, o impressionismo e a coloração de algumas paisagens ou de alguns episódios como os trechos de macumba e do carnaval, fragmentos esculturais num deserto. Pela instantaneidade, pela vibratilidade, o romance procura adaptar-se ao modernismo da composição cinemática e da trepidação mecânica dos novos tempos. Mas falhou a psicologia no desenho dos caracteres, a imaginação no enredo, o poder sugestivo nas evocações do ambiente social, a ideologia no debate dos personagens, o lirismo ou a tragédia na revivescência das paixões, a dramaticidade no choque dos interesses e dos sentimentos, a própria sintaxe no idioma. O egocentrismo de Filipe e Teresa, amantes infecundos, sob a idéia fixa da liberação pelo amor, põe um signo de esterilidade no seu pequeno mundo vaidoso, lascivo, inútil, onde a matéria se decompõe, sem cessar, para a mesma dança espectral de fogos-fátuos.

Enquanto os modelos culminam pela sobriedade e pela intensidade, a exemplo das construções geniais de Flaubert ou de Tolstoi, nesse amontoamento de períodos fragmentários há qualquer cousa dos *mounds*, onde a arqueologia recolhe os ornatos e detritos de impérios desfeitos: máscaras e cinzas, utensílios e armas. Nada mais heterogêneo, mais desconforme para a estesia de almas, que educaram o gosto literário na freqüência dos mestres ou no encanto das musas.

Com a esfalfante narrativa ou descrição urbana, em frases articuladas por série, traindo a mania loquaz dos pormenores inexpressivos com a indeci-

são dos tipos vulgares, apenas bosquejados, os lances e toques de baixo realismo, impotente para dar vida aos personagens, brilho ao enredo e força aos episódios, as digressões de fácil retórica parlamentar sobre a tecnocracia, o comunismo e a seca do Nordeste, quase toda a novela justifica a desoladora fórmula que lhe foi aplicada pelo Sr. Medeiros e Albuquerque: "Um grosso volume desinteressante".

A própria figura central não sobrepuja as demais no seu plano. Sibarita com ares de patriota, narcisando-se através de todos os lagos, todas as névoas e todos os charcos do caminho, desertando a causa revolucionária ao primeiro convite para a sesta e o gozo, Filipe, o herói do romance, que tudo quer destruir, fora do egocentrismo e nada sacrificar, dentro dos seus instintos, merece bem o comentário feito pelo Sr. Humberto de Campos ao romancista: "Espécie de Adrien Sixte, da criação de Bourget, é de lugar seguro, alheio à mecânica dos fatos, que ele, sem imaginar os males, que pode determinar com a extensão do seu prestígio, envenena, em nome da arte, as grandes correntes do pensamento e da vida."

* * *

Se a lenda teatral de *Malazarte* precede o ilusionismo sistematizado na *Estética da Vida*, o terceiro instante do romancista – *A Viagem Maravilhosa* – corresponde ao niilismo do *Espírito Moderno*. O apelo aos moços para a criação de outra literatura no Brasil foi eloqüente e fascinador, sem dúvida, mas o porta-voz não os enfileirava sob uma bandeira, que se definisse à luz da alvorada nas suas cores. Essencialmente, como traduzia ele o espírito moderno, cuja força dinâmica lhe parecia a boa-nova redentora do espírito nacional? Primeiro, como separação do passado no arrebatamento para o futuro; depois, como explosiva dissociação do presente ilusório; afinal, como delirante negação do próprio conceito substantivo. "O espírito moderno – assim falou Graça Aranha aos modernistas – é uma abstração. No momento em que o definimos e captamos entrou no passado." Entrou-se no passado, o futurismo acaba, em refluxo, na mesma correnteza passadista. Mas logo o hierofante declara: "O espírito moderno é dinâmico e construtor. Por ele temos de criar a nossa expressão própria." Subjetiva? Não. Objetiva, porque o objetivismo dinâmico – ensina o mistagogo – "é a expressão fecunda do espírito moder-

no". Será esse objetivismo, portanto, a lógica impessoal de um supranaturalismo contemporâneo? Não! – responderia Graça, porque o objetivismo, no seu entendimento, é a arte liberta da natureza, o exclusivo produto da força criadora do homem. Recaímos, então, no subjetivismo? Nada mais estonteante que esse jogo verbal de sofismas e contradições.

Não admira que a hoste dos futuristas, depois disso, envolvesse e arrastasse *o* capitão, para *o* deixar nos últimos dias à margem de um caminho sem beleza. Derredor de Tobias, na escola recifense, agrupava-se também a mocidade com o sagrado furor de hoste demolidora, marchando sobre a ruinaria da velha ciência, mas naquele período triunfal se renovaram algumas diretrizes do pensamento brasileiro, filiados no criticismo evolucionista. Do objetivismo dinâmico de Graça Aranha, porém, que outra corrente adveio para as letras? Nenhuma. O futurismo desmedrou na insignificância dos próprios resultados. Era um sujeito medíocre, de origem plebéia, incompatível com o próprio aticismo de Graça Aranha, a formação aristocrática da inteligência e da cultura, a linha social desse homem polido e repolido na freqüência dos salões de Paris, – diplomata educado por Joaquim Nabuco; amigo de nobres espíritos como Henri Bergson, Maurice Barrès, Camille Mauclair; harmonioso escritor, que dissera em *Canaã*: "...Escrever é cantar com a pena." Cedendo aos caprichos da moda revolucionária, decompondo o seu raio de sol para se fazer diabolicamente vermelho no espectro da nossa literatura, Malazarte quis apenas fundar o partido literário dos jovens com os seus manifestos e erguer a primavera contra um arcadismo inexistente, um baluarte imaginário da tradição, a Academia Brasileira, esta mesma Academia tão desejada e seduzida pelos moços, cujo trabalho nunca deixou de reflorir, nas festas ou nos pleitos acadêmicos, entre o perfume das rosas e o prestígio dos louros. Malazarte não chegou a ser fascista, mas o seu rublo partido literário teve a sorte comum aos partidos, que a nossa volúvel democracia embala por instantes e esquece por todo o sempre.

Graça Aranha desviou-se da Academia Brasileira com esse fatal modernismo, e em qualquer outro lugar da nossa cultura não acharia ele o espírito moderno mais livre de cânones ou de compromissos. Apenas, a mentalidade acadêmica tem razões biológicas, entre o passadismo e o futurismo, para excluir dos seus concursos as dissonâncias ou deformidades literárias. Evolucionista como foi, Graça Aranha esqueceu, todavia, que existem leis de

herança, de seleção e de progresso, iniludíveis, no mundo real e no mundo ideal, para as formas da natureza e da arte; que a vida conserva o passado nos germens e nos traços fundamentais, cultiva o presente na complexidade e no equilíbrio dos seres mais aptos, elabora assim o futuro por diferenciação e aperfeiçoamento. Uma sorte de teratologia mental, denominada futurismo, antepondo monstruosidades, formas incoerentes ou extravagantes, à medida e à pureza dos tipos, não imutáveis, mas logicamente perfectíveis, fora tão absurdo quanto o passadismo, que nos trouxesse dos arquivos milenários da terra os monstros aniquilados pela força e pelo ritmo da própria evolução.

Por mais que a literatura, industrializando-se com a sociedade, abrevie o estilo, reduza o ornato e a música, suprima devaneios ou comentários, acione o período, explosivamente, como o dínamo aciona o propulsor num vôo retilíneo, a arte será o divino sonho emotivo do homem, justificado pela razão eterna da beleza, ou deixará de existir, sem atmosfera, num orbe utilitário e edisoniano, entre a simplicidade geométrica dos volumes e a celeridade automática das projeções.

* * *

Quando o terror dos monstros escurecesse a alma inventiva e fascinadora, quando Helena ideal sucumbisse às mãos brutais de um ciclope, o mundo conservaria, não obstante, as cinco modalidades naturais do Belo na dança das folhas e das chamas ao vento, na arquitetura das nuvens e das rochas, na escultura das grandes palmeiras triunfais, na música das primaveras gorjeantes, na poesia dos seres, das cousas e das horas. Mas devemos tranqüilizar-nos porque o futurismo já desaparece com as suas extravagâncias, os seus pesadelos, e a sensibilidade ultra-moderna, em Paris, volta à nobreza da escola de Racine, palpita nas formas neo-clássicas de Baudelaire, transcende o parnasianismo com a *poesia pura* de Valery.

Espírito singular e sedutor, Graça Aranha foi o mais incontentável, porque foi o mais subjetivista dos nossos escritores, a despeito do seu farfalhante objetivismo dinâmico: em sucessivas metamorfoses da vida interior, bruscas variações do próprio Eu literário, foi o poeta anarquista, Milkau, o demônio jovial e erradio, Malazarte, o rebelde e apaixonado Filipe. Exaltava num dia a serenidade olímpica de Goethe; em outro, o furor destrutivo da

Ordem; agora, a ciência; depois, a ilusão; hoje, o triângulo do Partenon; amanhã, o tumulto da horda cubista ou dadaísta. Em cada movimento diurno da terra, saudava a aurora e lapidava o ocaso dos seus ídolos vãos. Graça Aranha foi o mais cambiante dos nossos estetas e a maior das nossas contradições literárias. Começa no germanismo, abraçado a Tobias, aferrado a Haeckel, e acaba por celebrar a vitória do espírito latino, em Paris, sobre a rude Germânia prussianizada. Devotamente, lavra as efígies acadêmicas de Joaquim Nabuco e Machado de Assis, em algumas páginas formosas, para investir um ano depois contra a realização de que se orgulhavam os dois mestres da Academia. Eloqüente e versátil, rebrilhante e impulsivo, tornou-se o homem das combinações irrealizáveis ou das mutações inconcebíveis, querendo aliar o método científico e a sensibilidade mística, fundir no período mais ígneo do mundo o ciclo de ouro do belo e desaparecer com a sua alquimia na voragem do absoluto. O anarquismo, por um lado, e o romantismo, por outro, eram-lhe duas asas em desequilíbrio para o surto dos pensamentos. Como que lhe revemos a instabilidade na irisação do seu caleidoscópio mental, sob as aparências da *perpétua alegria estética*, uma variante impossível, por fictícia, ela *perfeita alegria* religiosa de São Francisco de Assis.

Entretanto, poderíamos acentuar nesse destino as condições de uma existência invejável pelo nascimento, pela educação, pelo requinte, lembrando-lhe a cultura polimorfa, a carreira diplomática, as amizades ilustres em círculos nacionais e estrangeiros, a lição dos museus e a surpresa das viagens, mais instrutivas ainda que os livros, no dizer do sábio. À sua passagem, florindo os seus dias, multiplicavam-se afetos e aplausos, triunfos e carícias. Fielmente seguindo pelo amor e pela vitória, quase nada sofreu, quase tudo alcançou, entre o raiar e o cair do sol. Mas o dom perigoso da imaginação, que o enfeitiçara no berço e lhe imprimira à arte o selo candente, unindo-se à força negativista, era ao mesmo tempo a sua glória e o seu mal. Havia nele a indolência de um contemplativo e a insubmissão de um conspirador. O espírito vagueava pelos cimos, fantasiando combates ou erigindo Alhambras irreais, até que as visões belicosas ou fascinadoras o enlanguesciam, o encadeavam na moleza e na penumbra do sono. Reivindicador de todas as liberdades, pregoeiro de todas as libertações, Graça Aranha deixou-se atar por essas imagens vãs, foi o escravo dessas Iaras tropicais. Na volúpia do seu cativeiro o artista confessa:

"Pelo excesso de imaginação e pelo gozo de imaginar não produzi muito e muitas vezes abandonei a ação empreendida." Teve assim perturbada a sua finalidade, reduzida a sua fecundidade pela imaginação, quimera invencível, que lhe não foi possível refrear nem dirigir, mesmo voando na luz para o Ideal, entre os carros vibrantes e os corcéis frementes do sonho de Platão.

Quer pela inquietude, quer pela universalidade, não direi na órbita da filosofia, mas no processo evolutivo do romance brasileiro, o pensamento de Graça Aranha manifesta em *Canaã* uma essência renovadora, como o de Tobias na crítica e no direito. Se há espíritos letrados, em cujos livros o orbe parece descorar e envelhecer, fadado por um deus irônico à mesma sorte dos alfarrábios, que todos veneram, ninguém folheia, há também os mestres da vida nova, como esses, cujas idéias nos trazem qualquer coisa dos jardins adônicos ou das guerras alexandrinas. De onde em onde, remoça com eles a inteligência para criações harmônicas ou para conquistas heróicas.

Sinteticamente, o poema de Graça Aranha foi em *Canaã* o da Esperança, em *Malazarte* o da Alegria, na *Viagem Maravilhosa* o do Amor, e em todos esses livros o poema da Inquietação, oscilando entre o desejo e a dúvida, o saber e o sonho. Na fluidez mágica e móbil dos seus estados de alma, contudo, só uma causa não variou: o entusiasmo pela mocidade. E a imagem do Brasil, que o esteta idealiza no discurso aos jovens como um efebo livre, forte, belo, ascendendo e sobrepairando, traz-me a visão escultural de outro jovem, superposto ao monumento consagrado a Santos Dumont, em St. Cloud, pelo Aeroclube de França: todo ele um só impulso, ereta a cabeça, distendidos os braços na envergadura das asas possantes, abertas para o vôo.

III
SANTOS DUMONT

Passemos da *Viagem Maravilhosa*, de Graça Aranha, às *Viagens Maravilhosas*, de Júlio Verne, à fantasia das novelas aeronáuticas, vagamente continuada pelo sonho, dinamicamente excedida pelo gênio desse leitor brasileiro – Alberto Santos Dumont.

Em 1918, no opúsculo *O Que Eu Vi, o Que Nós Veremos*, ele recorda a influência do novelista francês de *Robur le Conquérant* sobre o seu des-

tino de inventor-adolescente, dando-lhe à vocação madrugadora o anseio de aventuras pelo caminho ignoto das asas, longe dos homens arraigados ao solo como os cinco milhões de cafeeiros da vasta fazenda paterna em Ribeirão Preto. Dos quinze aos dezoito anos, Alberto fora o hóspede gentil do *Nautilus*, da *Ilha flutuante*, da *Casa a vapor*; fora o deslumbrado companheiro, em silêncio, do Capitão Nemo, de Phileas Fogg, de Hector Servadoc; dera a volta ao mundo em oitenta dias; conhecera a profundidade oceânica, donde se esgalham as árvores de coral; navegara idealmente nos ares; em suma, com esses e outros heróis, essas e outras imaginações, antevira a idade mecânica do submarino, do automóvel, da aeronave.

Dir-se-ia que os germens atávico-hereditários lhe predispunham os surtos imaginativos à descoberta, lhe plasmavam com o determinismo das origens um tipo de inventor, fadado a realizar os devaneios da sua adolescência nas metamorfoses do nosso dinamismo. Com efeito, Santos Dumont vincula-se pelo sangue, diretamente, a dois insignes realizadores. O avô materno, Paula Santos, conquistou no progresso das indústrias e dos transportes de Minas Gerais o mesmo renome de Mariano Procópio e Bernardo Mascarenhas; o pai, Henrique Dumont, engenheiro pela Escola Central de Paris, nascido em Diamantina, construiu na terra mineira duas obras notáveis, – a ponte sobre o rio das Velhas, em Sabará, e o trecho de via férrea da Mantiqueira, entre Palmira e Barbacena. Aí teve Santos Dumont o seu berço, pendente da serrania, sob o teto de uma casinhola incrustada na garganta do lugar João Aires, escondida nas sombras da fazenda Cabangu, residência dos engenheiros da Central do Brasil.

No âmbito de outra fazenda, em Ribeirão Preto, quando o artifício dos locomóveis em miniatura ou dos soldados de chumbo retém os meninos da sua idade, Alberto conduz aos sete anos, através dos cafezais, os tratores de largas rodas maciças. Aos doze anos, em locomotiva Baldwin, familiariza-se com o transporte a vapor nas sessenta milhas da estrada de ferro, que serpeia entre as plantações. Como um violinista precoce, resolvendo por intuição as dificuldades, atingindo por milagre os efeitos da técnica, ele maneja e recompõe, sem esforço, os dispositivos do seu instrumento gigantesco – a usina. Enquanto o pai e os irmãos, a cavalo, percorrem os meandros da fazenda, o orgulho secreto do petiz é lidar com o mecanismo, reger o galope dos cavalos

mecânicos num sistema de forças, onde os escravos-autômatos de aço e de cobre, lançada em folhas e frutos a colheita aos reservatórios, alimpam, esmoem, despolpam, ressecam, peneiram e selecionam o café. Todas essas máquinas foram os seus brinquedos de infância.

Mais tarde, viajando a bordo das aeronaves literárias de Júlio Verne ou seguindo a trajetória dos balões acesos, que enchiam o céu das noites de São João, ele refletirá: "Um balão feito de boa seda, enfunado pelo gás, podendo erguer um homem, com a sua barquinha e o seu motor, seria tão facilmente dirigido nos ares como nas águas o navio. Se eu descobrisse o motor..."

Ainda não existia, porém, o dínamo possante e ligeiro, preocupação do jovem Alberto. O motor da usina e os tratores ingleses pesavam toneladas; as locomotivas, em uso no ramal com que o pai ligara a fazenda aos trilhos da Mogiana, eram decepções esmagadoras. Mas a viagem da família Dumont a Paris lhe entremostra o futuro. Um dia, na exposição das máquinas do Palácio da Indústria, dá-se o maravilhoso encontro de Santos Dumont e do motor a petróleo, um dínamo quase infantil, com exígua força de um cavalo. A certeza do ponto de apoio não alegraria mais o engenhoso Arquimedes, inclinado sobre a potência da alavanca universal. Como se o motor gerasse a força do seu próprio destino, Santos Dumont estacou, absorto e enlevado, porque sentira a possibilidade aerodinâmica das criações fantasiosas de Júlio Verne. O dínamo do Palácio da Indústria funcionava, trepidante, e ele ouvia nessa trepidação o bater das grandes asas de Ícaro, desafiando novamente as ondas do ar e os raios do sol.

Em 1891, pouco depois desse encontro, a emancipação e a fortuna deixam-lhe abertos os lugares fáceis do prazer ou os caminhos ásperos da ciência. Ao preferir o estudo, corajosamente, na vizinhança do *boulevard*, o estudante seguiu os conselhos do pai, engenheiro talhado para as construções e os ritmos da vida americana, que lhe dissera, pondo nas suas mãos, em títulos, várias centenas de contos: "Já lhe dei hoje a liberdade; aqui está mais este capital... Vamos ver se você se faz um homem; estimo que não se faça doutor; em Paris, com o auxílio dos nossos primos, você procurará um especialista em física, química, mecânica, eletricidade, etc.; estude essas matérias e não esqueça que o futuro do mundo está na Mecânica."

Leonardo da Vinci, séculos antes, vira na mecânica um éden, o paraíso das matemáticas, porque todos os sonhos, todas as cifras do gênio inventivo se fazem, na sua bem-aventurança, imagens ou movimentos. Conduzido por um preceptor espanhol, Garcia, através das ciências físico-químicas, Santos Dumont buscou avidamente nesse paraíso a máquina volante. Era-lhe preciso inventá-la, ganhar com esforço próprio o reino celeste da mecânica, e ainda o salteava um receio: empobrecer, dissipando o ouro do cafezal paulista com esses vagos monstros de seda, os balões, que erravam ao sabor das correntes atmosféricas, sem rumo, inflados pelo hidrogênio. Porque fosse menos temerário e menos ruinoso o automobilismo, Santos Dumont adquiriu a princípio um carro Peugeot, depois um triciclo veloz. Em 1897, a leitura do volume de Machuron e Lachambre – *André au Pôle Nord en ballon* – reavivou-lhe as idéias aeronáuticas, e um ano depois, sacrificando à glória o amor ao dinheiro, ainda mais, o amor ávido, ele atirou-se, como os voadores da lenda, à conquista dos ares.

Certa manhã de inverno, ascendendo pela primeira vez no aeróstato de M. Machuron, o brasileiro sentiu a sua predestinação, tamanha a facilidade com que aprendia as manobras, tamanha a serenidade com que enfrentava os perigos. Recoberto de neve, Paris branquejava-lhe aos pés, e a imaginação de um poeta vidente, se o acompanhasse, traçaria o poema do novo ciclo, feito de vôos radiosos e quedas sangrentas, na imensidade humana daquela página em branco. Ao poema dos ares Santos Dumont preferiu o almoço nos ares – um almoço regado a *champagne*, servido em pleno azul, defronte de um arco-íris. Daí por diante, começou a construir os seus aeróstatos.

O primeiro desses foi o *Brasil*, recortado em seda japonesa, minúsculo e gracioso como o desenho aéreo de um lótus no côncavo azul da grande taça, em que se coam os raios da aurora. Quer pelo diâmetro, quer pelo volume, o *Brasil* semelhava entre os demais aeróstatos uma estranha corola movediça, onde mal pousasse o aeronauta, peso-pluma de 50 quilos. Houve assombro nas oficinas, ante as dimensões dessa encomenda microscópica. Fantasia de louco, – teriam pensado os construtores. Mas o louco atravessou inúmeras vezes a cidade-luz no que ele denominava a sua "bola de sabão", uma bola iriante e ascendente – Brasil –, que havia de subir para não mais se evolar. Do balão pequenino dizia-se que Santos Dumont o guardava dentro da mala de

viagem. Um traço do *bel esprit gaulois*... Santos Dumont levava o Brasil guardado realmente no coracão, navegando pelos céus em busca da vitória.

Nesse e em outros balões erradios, antes das suas descobertas, e ainda sem o motor a petróleo, ele fez um curso de aperfeiçoamento das manobras aéreas. Em dezenas de experiências, conheceu os riscos e as sensações da aeronáutica. Ao exercício de pilotagem no oceano atmosférico, entretanto, ia seguir-se uma experiência mecânica e decisiva no *Bois de Boulogne*, o bosque mundano das tentações parisienses. Um dia, o ciclista Dumont suspende o seu triciclo a petróleo, atado por três cordas rijas, ao galho horizontal de uma árvore, ocupa o selim, observa com ansiedade o funcionamento do motor. Prodigioso instante o dessa árvore, o desse fruto amadurecido em longas reflexões. Nenhuma deslocação, nenhum abalo... Santos Dumont exulta. "Nesse dia começou – diz ele – a minha vida de inventor".

Levar um motor deflagrante num aeróstato fusiforme, usando no mesmo bojo o petróleo e o hidrogênio, era como subir ao encontro da morte, e antes o balonista, se desejava morrer, acendesse um havana sobre um monte de pólvora, na opinião do Automóvel Clube de Paris. Mas a intrepidez fabulosa não se modernizava em Santos Dumont sem estudos e precauções. Ícaro, desta feita, assimilara a prudência de Ulisses. Vendo que as fagulhas expelidas em todas as direções pelo motor poderiam queimar-lhe o balão, Santos Dumont suprime o silencioso, encurva para baixo os tubos de escapamento, e as faíscas lançadas à terra não chamuscam sequer o alvíssimo floco de seda. Notando que a expansão dos gases poderia atingir o dínamo, ele previne o mal com o afastamento das válvulas situadas à popa da aeronave. Contudo, não se trata só de evitar incêndios ou explosões: a fase nupcial do aeronauta e da mecânica terá de produzir o balão dirigível.

Não foi uma lua-de-mel num céu de anil semelhante noivado. Houve decepções e desastres, ventos e nuvens, erros e quedas, mas a vontade sobrepairava aos contratempos, uma estrela fiel tinha sempre o melhor dos sorrisos para Santos Dumont.

Jovem, rico, sem prole, casando o gênio inventivo à mecânica incerta, o amável celibatário fizera o mais perigoso dos casamentos – um casamento no ar –, e dessa união aérea, mas fecunda, nasceram-lhe quatorze filhos, como ele próprio chamava os seus balões em Paris. Nem todos os filhos parisienses de

Santos Dumont, batizados com algarismos pelo seu criador, nasceram ditosos e perfeitos. Os números 1 e 2, oblongos, emurchecido o primeiro no ensaio de Paris, desarticulado o segundo no temporal de Nice, quase lhe custaram a vida. Mas o n.º 3, ovóide, pairando sobre os tetos, sobre as torres, suscita a fundação do Aeroclube, e o n.º 4, um aparelho fusiforme, conquista os juros do prêmio oferecido por Deutsch de La Meurthe ao aeronauta que, em trinta minutos, fosse de St. Cloud à Torre Eiffel, contornasse o monumento e volvesse ao ponto de saída. E o filho n.º 5, gerado para maior celebridade, que vai fazer com a primeira viagem atmosférica, em ida e volta, o orgulho do pai de tantos outros balões imperfeitos ou insubmissos.

Teve um prólogo de romance e um epílogo de tragédia o famoso balão. Em 12 de julho de 1901, ao amanhecer, destaca-se de Longchamps, paira em círculos breves no clarão do nascente, evolui sobre as usinas do bairro de Puteaux, acolhido com estridor pelas sirenes em festa, volta ao local de partida. Vitorioso, mas insatisfeito, revendo o prêmio Deutsch, como um lampejo de ouro no ápice de ferro da sua pirâmide –, Santos Dumont circum navega a Torre Eiffel no mesmo dia e retorna sem dificuldade a Longchamps. Estava assim resolvido o problema do mais leve que o ar.

Não era possível, todavia, colher o prêmio Deutsch na ausência da Comissão técnica do Aeroclube. Entre as aclamações universais, perante a Comissão, o n.º 5 ainda contorna duas vezes a Torre Eiffel, mas um acidente o imobiliza, outro o despedaça, por ocasião do regresso. Dependurado à quilha por algumas cordas, em seguida ao beiral do teto de um prédio, que era de quatro andares, Santos Dumont salvou-se milagrosamente, com auxílio dos bombeiros de Paris. Aconselharam-no a desistir de outras ascensões. Tenazmente, porém, o aeronauta construiu o aparelho n.º 6, que foi o conquistador flutuante do prêmio Deutsch, em 19 de outubro de 1901.

Na tarde magnífica de outubro, coalhados de povo o aqueduto do Avre e as ribas do Sena, desliza o triunfador no seu polígono aéreo, de St. Cloud à Torre Eiffel, contorna o monumento, regressa por Auteuil, vitoriado pela turba do hipódromo, e repassa, enfim, sobre o ponto de partida, ao cabo de 29 minutos e 30 segundos. O tempo oficial da prova era de 30 minutos. Santos Dumont vencera. No delírio da multidão o próprio Deutsch de La Meurthe bradava ao herói: "O senhor ganhou o prêmio".

Sim, ele ganhara o prêmio e os seus juros, trazendo no dirigível, como signo, a flâmula em que fora inscrita, como legenda, uma variante camoniana, – *Por céus nunca dantes navegados.* Apenas, verificando-se o que sucede com freqüência aos iates de regata e aos cavalos de corrida, o n.º 6 havia ultrapassado a meta com velocidade irreprimível do percurso. Mas tocara, precisamente, a linha de chegada, em 29 minutos e 30 segundos, limite inferior ao tempo oficial. Para virar de bordo, para descer no aeródromo, o vencedor consumira, depois disso, minuto e meio. Foi com esses noventa segundos de evoluções independentes do horário prefixado, alheias ao objetivo do concurso, que os invejosos e competidores, alguns deles juizes da própria Comissão do Aeroclube, tentaram desluzir ou mutilar a esplêndida vitória, declarando excedido o tempo oficial por Santos Dumont.

Era um fato a dirigibilidade dos balões, uma das festas galantes de Paris a sua glória, desde a manhã de 12 de julho de 1902. Sábio ou poeta, guerreiro ou estadista, ninguém foi mais popular do que ele no cenário mais ilustre da vida contemporânea. Não obstante após a luta pela glória, devia ferir-se a luta pelo direito, contestado a Santos Dumont por alguns rivais, membros da comissão julgadora. Dentro e fora desta, exasperados pelo triunfo, mobilizavam-se antipatias contra o seu merecimento. Parville e o conde de Dion, do Aeroclube, um dos irmãos Renard, da Academia Militar de Meudon, os engenheiros Surcouf e Sureau, a *Nature* e a *Revue Scientifique*, abertamente os homens, insidiosamente as revistas, sustentavam nesse período as hostilidades. Ao lado de Santos Dumont, porém, estava uma força invencível no mundo. Estavam com ele a inteligência, o entusiasmo, a bravura, a justiça do maior povo da terra – o povo de Paris. Valoroso amigo da sua causa, o príncipe Roland Bonaparte, presidente do júri, declarou que, se fosse necessário, levaria a demanda aos tribunais, argüindo a suspeição de três julgadores da Comissão do Aeroclube. Houve na espécie um parecer decisivo, o de Georges Devin, advogado emérito, do Conselho de Estado e da Corte de Cassação. O parecer concluía: – "Santos Dumont ganhou juridicamente o prêmio Deutsch" – e o prêmio foi-lhe atribuído, tecnicamente, pelo voto dos sábios do Instituto. – "Foram eles que me salvaram", – dizia Santos Dumont, ao recolher os 129.000 francos. Na realidade, o voto dos sábios do Instituto salvara nessa emergência, além do seu direito, o interesse humano de outros

seres, – algumas dezenas de operários, artífices dos balões ideados pelo vencedor, e alguns milhares de pobres da cidade de Paris, aos quais Santos Dumont, até nisso brasileiro, destinou elegantemente os 129.000 francos do prêmio Deutsch.

* * *

E o segredo genial do aeróstato n.º 6? Haveria no seu bojo a complicação enigmática dos monstros dirigíveis? Não. O enigma é próprio do labirinto e Santos Dumont adorava a simplicidade, a transparência das soluções ao ar livre. Emmanuel Aimé, secretário do Aeroclube de Paris, já explicava em 1901 aos curiosos: "O brasileiro não fez mistério algum do seu sistema nem mesmo lhe requereu o privilégio. É simples e engenhoso."

Nada mais simples e mais engenhoso, com efeito, que o seu navio aéreo, impermeável, de seda branca do Japão, lustrada a óleo de linhaça, medindo 33 metros de comprimento por 6 de altura. Geometricamente, uma elipsóide alongada com extremidades cônicas. Dinamicamente, um aeróstato enfunado pelo hidrogênio, mas propelido, sob o governo do leme, pelas duas pás de alumínio da hélice, diretamente ligada à árvore do motor de petróleo.

A escolha desse motor, aprovada por Edison, foi o começo da revelação dumontiana. Se o dínamo a vapor, de Henry Giffard, e o elétrico, de Tissandier, haviam falhado na aeronáutica, Santos Dumont encontraria as duas soluções aerodinâmicas, no primeiro decênio do século XX, com o emprego do motor a explosão. Descobrira-lhe o funcionamento perfeito no ar, suspendendo o triciclo da corrida Paris-Amsterdã num ramo do Bois de Boulogne; modificara-lhe depois a estrutura, pessoalmente, na oficina da rua do Coliseu. O motor possuía agora quatro cilindros, em vez de um só, deslocava a força de 20 cavalos, e eram notórias as suas qualidades: redução de peso, acréscimo de força, ausência de fagulhas.

Para manter o balão sem uma ruga, como se fora a pele de um tambor, compensando as variações internas do volume de hidrogênio, Santos Dumont ajustou-lhe ao próprio tecido o balonete, alimentado pelo tubo, que o ligava à bomba de ar, situada na quilha. Para lhe esvaziar o bojo no caso de perigo, acrescentou-lhe à válvula de segurança dois remendos embutidos na seda

(*panneaux de dechirure*), que ele podia arrancar, instantaneamente, rasgando mais duas saídas ao hidrogênio.

Dependurado à parte inferior do balão por sólidas cordas de piano, um aparelho novo substitui a clássica barquinha. É a quilha, onde o navio aéreo tem o seu leme, o seu motor, a sua bomba de ar, os acessórios, entre os quais manobra o Capitão num cesto, de vime. Suspensos à proa e à popa, dois sacos de lastro compõem o sistema dos pesos móveis, corredios em vara de bambu, que lhe permitem deslocar o centro de gravidade, fazendo subir, descer ou equilibrar-se o balão, servido por mais um peso dianteiro e movediço – *o guide-rope*.

Acionando todos esses dispositivos por meio de cordéis, um homem franzino e ágil, Santos Dumont, realiza nessa engrenagem, como Liszt nas teclas e nos pedais do órgão-piano, ascensões e descidas de escala aérea, variações cromáticas de aerotécnica. Só, dedilhando as cordas do instrumento, ele singra os ares tranqüilos, em vôo abaixo de 300 metros, ao impulso do leme; ausculta e vigia sem cessar o dínamo, que o ameaça com as suas flamas, o seu rosnar; mantém a rigidez inflexível do balão, acudindo a bomba pneumática e enchendo o balonete: corrige o desequilíbrio da marcha ascensional ou suprime, o excesso de hidrogênio pelo jogo das válvulas; combina o manejo do *guide-rope*, a deslocação dos pesos-móveis, e a economia do lastro aos diversos problemas de altitude, velocidade e pressão interior do aeróstato. É no complexo de todas essas operações, todos esses acordes, que se lhe desdobra a sinfonia heróica, e nesta sinfonia azul, n.º 6, fora bastante um defeito de execução para fulminar o compositor. Mas a natureza apropriara Santos Dumont à complexidade, à finalidade mecânica do seu invento, dando-lhe um corpo ligeiro e esbelto, sangue frio, olhar penetrante, ouvido excepcional, tato infalível, músculos rijos, nervos de aço, a coragem tranqüila e a decisão instantânea dos fortes.

Emigrando para Mônaco, e aplaudido em novas ascensões pelo formigueiro humano, que negrejava desde os terraços de Monte Carlo até a orla da Condamine, o triunfante n.º 6 acabou nas ondas do Mediterrâneo. Fecundamente, o inventor celibatário ainda teve oito filhos aéreos, depois do náufrago, mas nenhum deles conseguiu esplendor semelhante para o seu número de ordem. Vestiam-se de seda, vagavam pelas alturas como boêmios do ar, dissi-

padores de gás, esquecidos da glória, e a inquietação desses efêmeros acabava sem eco e sem brilho. Das oito aeronaves somente uma, a de n.º 9 – *La balladeuse* – veio destinada à mesma evidência do seu irmão, conquistador do prêmio Deutsch. Era uma pequena aeronave de passeio, que viveu a mais alegre, a mais ruidosa, a mais brilhante das vidas parisienses. Fazia pontualmente o corso no Bois; freqüentava as corridas em tardes luminosas; descia à porta de casa na Avenida dos Campos Elíseos, com o seu papá Dumont. Foi admirada por 20.000 soldados e 200.000 espectadores na revista militar de Longchamps; elogiada pelo Ministro da Guerra de França em 14 de julho de 1903. Dançarina dos ares, *la balladeuse* arrebatou certa vez no seu giro elegante um pequerrucho norte-americano; outra vez, confiou-se ao governo aéreo de uma lindíssima cubana – *une jeune et très jolie Cubaine*, relembra Santos Dumont, justamente desvanecido, por haver pousado no leme da sua nau de seda branca essa mão de sílfide morena. Enfim, *la balladeuse* era uma feiticeira, cujo vestido-balão deixara pelas nuvens um perfume de rosa das Antilhas.

* * *

Inesperadamente, ao cabo de longa pausa, houve na descendência mecânica do Pai da Aeronáutica e da Aviação um híbrido glorioso, o *14 bis*, conjunto de aeróstato e aeroplano, do qual se desprenderia o último com a solução do vôo para os homens. Nesse conjunto realizou Santos Dumont várias experiências, em Bagatelle, adaptando-se ao novo aparelho. Desfez-se do balão, apenas, quando já era senhor das manobras no seu biplano.

Havia três anos, ele abandonara a oficina e os dirigíveis no parque de St. Cloud. Todos lhe diziam: "O senhor não faz nada; está sempre a dormir no seu quarto." Santos Dumont sorria, indecifrável, porque aprendera a ouvir e a calar, no espaço infinito e deserto, lidando com as suas esfinges aladas. "Sempre a dormir..." Que inverdade! A grande inteligência criadora jamais adormecera; isolara-se apenas dos homens, evoluindo, como se fecha na crisálida o mistério do vôo para a magia das asas rutilantes. Desde 1903 a 1906, repetem-lhe os amigos: "O senhor não faz nada." Entretanto, fechado com algarismos e desenhos, o inventor silencioso estava fazendo tudo.

Foi primeiramente, em desconforme biplano, um vôo incompleto de pássaro aturdido: não mais de 60 metros. Perdida no ensaio a direção, o apa-

relho caiu. "Apenas um salto" – comentam alguns espectadores, mas o aviador, sentindo que voara, ansiosamente refaz o aparelho, teimosamente gira ao nível do solo, para o governar sem hesitações, e em 23 de outubro de 1906, no campo de Bagatelle, perante a comissão científica do Aeroclube, vence a distância de 250 metros nos ares, demonstrando a possibilidade humana do vôo. Santos Dumont resolvera o problema do mais pesado que o ar.

Minuto incomparável na cronologia da navegação aérea, fixado por toda a imprensa do mundo, toda a lembrança dos homens. Um ano depois, o aeroplano *Farman* executa a prova de ida e volta; Bleriot atravessa a Mancha. Dois anos mais tarde, alegando o ineditismo das experiências feitas nas dunas de Kitty Hawk, em Carolina do Norte, contra a publicidade solar do vôo de Paris, os irmãos Wright disputam a primazia ao inventor brasileiro. Ironicamente, ao sair do seu avião, Santos Dumont pergunta à humanidade: "... que diria um Edison, Graham Bell ou Marconi, se depois que apresentaram em público a lâmpada elétrica, o telefone e o telégrafo sem fios, outro inventor se apresentasse com uma melhor lâmpada elétrica, telefone ou aparelho de telegrafia sem fios, dizendo que os tinha construído antes deles."

Por esse tempo, nasceu-lhe uma filha graciosa, voadora minúscula, que os parisienses, classificando-a no reino dos insetos de Fabre, pela diafaneidade, pela mobilidade vesperal, chamavam "*Libellule*" ou "*Demoiselle*". No breve aparelho, em que ele voava sobre Paris, ao cair da tarde, com o seu *record* original de 20 quilômetros e a sua provisão de gasolina para 15 minutos, o aviador Santos Dumont rematou o longo curso de piloto aéreo. Um decênio de estudos e emoções, trabalhos e perigos, havia-lhe deixado os nervos exaustos, e ele pôs fim ao prelúdio real das viagens maravilhosas do nosso tempo. "*Demoiselle*" chegara num surto feliz ao seu aeroporto: as asas transparentes da libélula, imóveis, faiscavam na incandescência da sua glória.

* * *

Jaurès viu em Santos Dumont o primeiro homem da aeronáutica: disse mesmo que só avistara a sombra dos homens nos balões, antes dele, tentando em vão dirigi-los. Melhor teria dito: a sombra dos homens nos ares, tentando em vão dominá-los. Porque os mitos, as lendas e os fatos cercam o inventor

brasileiro de aparições, de alegorias, de ancestrais gloriosos – todos os símbolos e todas as esperanças do vôo humano.

Ícaro desperta com ele do sono tenebroso e milenário, ascende outra vez ao sol, deslumbrado por essa audácia, esse renascimento, em que as asas desfeitas se recompõem, as asas sangrentas se levantam, as asas vencidas revoam e triunfam. Simão, o mago, voador neroniano do Fórum, demônio esvoaçante no seu carro de fogo, pode chamar-se também Legião, desde as tentativas da Idade Média, com o desastre de um remoto beneditino ou de um vago sarraceno, até ao martirológio da aeronáutica moderna.

Os fantasmas adejam, recaem, a exemplo de Bautista Dante, de Perusa, no final do século XIV. Alguns não se desprendem sequer da terra firme: apenas calculam, investigam, descrevem, como Leonardo da Vinci, no começo do século XVI, analisando o vôo dos pássaros, concebendo o helicóptero e o pára-quedas, sem possuir ainda noções fundamentais de mecânica, as leis de composição das forças. Pensava-se até então, exclusivamente, no artifício e no impulso da máquina volante. Cento e quarenta e cinco anos defluem para os sonhadores, para os espectros da aviação, quando o jesuíta italiano Francisco Lana-Terzi, em 1670, num trabalho relativo as propriedades físicas do ar, idealiza uma barca suspensa de quatro globos de cobre, ocos, nos quais seria feito o vácuo, mas a barca ideal nunca chegou a navegar com esse irmão de Loiola, que foi levado como feiticeiro ao julgamento do Santo Ofício. Já estavam assim definidos os dois problemas: subir na atmosfera como sobe a coluna de fumo; voar nas alturas, como voa o pássaro em liberdade.

Se o Padre Lana, copiado por Sturm e Lobmeir, não construíra o *Navis volans*, senão teoricamente, nada concluiu a análise científica, até hoje, vacilando entre os debates apaixonados e as estampas apócrifas, sobre as experiências indetermináveis do padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, nosso desventuroso patrício e tão discutido voador. Não obstante ápodos e escárnios dos poetastros de Lisboa, o artífice da *Passarola*, que era licenciado em cânones e lente de matemática, ainda logrou acolher-se à benevolência régia por doze anos, ainda foi um dos cinqüenta membros da Academia de História Portuguesa, até que em 1724, perdido o favor d'El Rei D. João V, não pode mais resistir ao embate dos ódios e acabou no desterro voluntário

de Espanha. Como os pobres das vielas ou das estradas, morreu no catre de um hospital, em Toledo.

Mais venturosos do que ele, os dois irmãos Montgolfier lançam o primeiro balão vazio na praça pública de Annonay, em 1783; o segundo em Versalhes, despachando para as alturas um carneiro, um galo e um pato, que saíram galhardamente da imprevista ascensão. Já o aeróstato de Charles subira no Campo de Marte, saudado pela artilharia. Depois, com timidez, sombras humanas aparecem num balão cativo; outras, com afoiteza, perpassam num aerostato livre. O francês Blanchard e o americano Jefferie vão de Louvres a Calais; Pilatre de Rozier e Romain sucumbem na fogueira do seu balão, a 600 metros de altura, sobre as dunas de Boulogne. Gay Lussac, Welsh e outros sábios, acercando-se das nuvens, medem a temperatura, captam o ar, nada mais obtêm. O plano do balão de guerra, observador sem estabilidade, e o plano do balão agrícola de Arago, por seu turno, são duas outras quimeras evanescentes.

Assim revemos o infantilismo da aeronáutica no final do século XIX, no albor do século XX. Nem as barquinhas munidas de hélices propulsivas e suspensas de aeróstatos oblongos, nem as máquinas a vapor ou os dínamos elétricos modificam o problema, essencialmente porque os aparelhos continuam sem direção, movendo-se apenas em sentido vertical por descarga de lastro e em sentido horizontal ao capricho dos ventos. Permanecendo os rumos incertos, os motores inadequados, os balões ingovernáveis, a ciência desilude-se do mais leve que o ar, temporariamente, dadas às condições da mecânica, da física e da química.

Tudo esperam das máquinas volantes, então, os amadores ou idealistas da aerotécnica. Mas, depois do serralheiro Bernier, dos seus curtos vôos pueris, no século XVII, que fazem os inventores e os voadores? São apenas tentativas abreviadas pelo infortúnio ou pela incapacidade as experiências de Bacqueville, de Blanchard, do voejante cabriolé, em que se despenha da torre de Etampes o clérigo Desforges.

Através do século XIX, ressaltam na história do vôo humano três efígies ilustres – o sábio inglês John Cayley, formulando mecanicamente a primeira teoria completa do avião; o sábio francês Penaud, que ressuscita essa teoria, seis decênios após, construindo um modelo de aeroplano, com hélice

posterior, acionada por uma espiral de caucho; o sábio alemão Lilienthal, vítima da experiência n.º 2.000, à procura de um motor mais leve e de um governo mais firme. Como desenvolvimento do princípio demonstrado por Launoy e Bienvenu, em 1784, perante a Academia de Ciências da França, o helicóptero seduziu os aeronautas, e eis que se multiplicam os ensaios até à ousadia de Ponton d'Amécourt, ajustando o primeiro motor ao dispositivo helicóide. À esperança das sombras aladas, porém, não correspondem os motores a vapor, a pólvora, a eletricidade a explosão.

Destarte, cada povo enumera no campo das máquinas volantes ou dos aeróstatos infelizes os seus fantasmas: Bartolomeu de Gusmão, Júlio César e Augusto Severo, o mártir, são os nossos espectros nesse desfilar de sonhadores amortalhados pela desventura. Quantos nomes e vultos e gestos! Quantos acenos vãos ao Desejado, ao Encoberto, ao invisível gênio realizador! Entre os arrebóis do século XX, afinal, destaca-se da onda verde-rubra dos cafezais um voador brasileiro, invade o céu de Paris, lança aos povos as duas soluções aerodinâmicas. Nascera o homem-pássaro. Vinte e cinco anos depois da minúscula "*Demoiselle*", com o seu vôo de 15 minutos, impossível contra o vento, possuiríamos os hidroaviões de 12 motores e 7.200 cavalos, transportando 150 passageiros, desenvolvendo 800 quilômetros por hora, e os superdirigíveis talhados em duralumínio, sobrepairantes, como palácios aéreos, à noite dos oceanos e ao nimbo das cordilheiras.

Houve quem perguntasse a Franklin, por ocasião do ensaio de Annonay, quando se elevou a primeira *montgolfière*: "Para que serve um balão?" Franklin sorriu, por sua vez indagou: "Para que serve uma criança?" Essa criança estava no berço em 1901: mal podia mover-se; ainda não podia orientar-se; e uma variação mais brusca da aragem lhe transtornava o equilíbrio. Santos Dumont refez-lhe a imagem, avigorou-lhe para as alturas o coração, deu-lhe o saber da aeronáutica e a ciência do vôo, abriu-lhe às duas formas o reino do espaço. E a criatura infantil, quase informe, desorientada no ar, sulcou as chamas da grande guerra, cresceu, fez-se o gigante "Zeppelin", o "Akron", o "Dox", correio das nações, vedeta dos litorais, vigia dos exércitos e das esquadras, inimigo dos baluartes de rocha e de ferro, dragão impelido contra as potências flutuantes ou submarinas. É um poder que desconhece

muralhas, desdenha ciclones, e o navegante dos ares, como o voador-combatente, ainda não saiu da primeira idade.

* * *

"Um autor – já o disse Mr. Abel Bonnard – está nos seus livros ou não está em parte alguma." Se o acadêmico Santos Dumont legou à posteridade o volume francês – *Dans l'air* – e o opúsculo denominado – *O Que Eu Vi, o Que Nós Veremos*, – noticiando episódios biográficos, resumindo impressões aeronáuticas, nesses dois escritos aéreos não está, propriamente, um autor literário, mas o autor de quatorze balões e dois aeroplanos vitoriosos. Essa literatura tem a singeleza dos diários de bordo. Na sua atmosfera sem clarões ofuscantes agrada pela facilidade, rapidez e sugestão de alguns trechos, heroicamente vividos. A verdadeira obra-prima de Santos Dumont – obra que não foi escrita, mas foi e é publicada em vertiginosas edições, – intitula-se a conquista do ar. O estilista da aeronáutica e da aviação burilou-a no azul, caprichosamente, em ascensões ou elipses, diagonais ou espirais, volteios ou desafios, períodos tormentosos ou alígeras frases, que eram curtos vôos dourados, ao amanhecer, vôos breves e róseos, ao pôr-do-sol. Esse autor, paradoxalmente, quase não está nos livros, e está em toda à parte, acima dos livros mais belos, acima da terra e do mar, na circulação inumerável dos seus poemas, das suas tragédias, dos seus volumes de aço e de alumínio – os aviões e os dirigíveis.

Nenhum brasileiro foi vitoriado como Santos Dumont pela turba e pelo escol da civilização. Entre as cidades, Paris, capital do mundo, erigiu-lhe o monumento de Saint Cloud e a coluna de Bagatelle; vai dar-lhe o nome a um *boulevard*. Entre os homens, Edison, o gênio maior da América inventiva, saudou efusivamente nele o bandeirante dos ares. Entre as mulheres, Isabel, a Redentora, prendeu-lhe ao pulso a medalha de ouro da sua fé. Quantas celebridades o engrandeceram! Quantas multidões o aclamaram! E o Brasil, cujo renome floriu no prestígio da sua universalidade, não lhe pagou até hoje a dívida monumental.

Ele foi simples, afável, modesto; por isso, talvez, o mais gentil dos super-homens, quando os homúnculos são arrogantes como os pavões ou estrepitosos como as gralhas. Sem aparato, não obstante o flamejar de tantas insígnias e o estrugir de tantos louvores, a sua vida técnica e a sua vida moral,

translucidamente, exemplificaram a modéstia aos soberbos e a continuidade aos volúveis, o desinteresse aos egoístas e a prudência aos incautos, o senso prático aos devaneadores e o senso econômico aos dissipadores, a paciência aos insofridos e a reserva aos indiscretos, a coragem para os atos decisivos e a confiança de todas as horas num alto signo. O voador predileto das auroras de Chantecler, das manhãs de Paris, guardava na própria timidez o recato da perfeição. Bem-fadado pelas origens, aprimorou-se lhe o caráter pela floricultura dos sentimentos cristãos.

Ele foi uma das almas brasileiras mais sensíveis, mais vibrantes, mais encantadoras do seu tempo. O amor filial transparece-lhe com a pureza e o fervor de um culto na veneração à memória do pai. O amor ao Brasil, com a mesma fidelidade, vai desde o batismo parisiense do primeiro vôo até à súplica dirigida ao governo, em 1916 e 1917, para fundar neste país uma escola de aviação, um corpo de aviadores. A despeito do temperamento retraído, fala em Santos Dumont o patriotismo revoltado: "...Quando a Argentina e o Chile – dizia – possuem uma esplêndida frota aérea de guerra, nós, aqui, não encaramos ainda esse problema com a atenção que ele merece." Em todas as circunstâncias, era bem o espelho da raça, o orgulho da pátria. Vencedor num pleito renhido, abandonava aos seus operários e aos pobres de Paris o ouro do prêmio Deutsch; ainda em outro litígio, reivindicando a primazia do vôo mecânico, saudava espontaneamente o valor dos antagonistas. Companheiro fraternal, repartia com Bleriot e Farman a glória das suas invenções; entusiasta, celebrava a imensa proeza atlântica dos aviadores lusitanos Sacadura Cabral e Gago Coutinho, a viagem homérica dos aviadores franceses Costes e Le Brix. É piedoso e altivo o seu gesto, como o dos heróis da cidade ateniense, quando ele depõe num Campo Santo de asas fulminadas os seus troféus e emblemas, revendo no martirológio dos voadores o progresso da aviação.

* * *

Santos Dumont, arauto do vôo, foi o amigo da paz. Desde 1908, *le petit* Santos, como os parisienses o tratavam, deixa o governo dos aeroplanos, mas conserva a preocupação das alturas, e acompanha enternecidamente os progressos da arte de voar. Em 1914, porém, vê com espanto que o firmamento do seu ideal se enevoa, e bandos de pássaros humanos esvoaçam, des-

truindo as vidas e as obras humanas. Vê bombardeados por aviões os lares indefesos, os hospitais de sangue. Nos fossos por onde rastejam ou na espessura de aço das torres blindadas, os combatentes ainda se resguardam, e ao poder ofensivo dos ares opõem a violência do canhoneio. Mas na ruinaria dos muros sem ameias, dos tetos sem reforço, os aviões despedaçam criaturas inermes – as mulheres, os velhos, as crianças – ou na insônia dos leitos sem repouso mutilam de novo os feridos, arrancam à dor suprema da morte um grito novo de agonia. Santos Dumont, *chauffeur* de um general francês, no começo da guerra, vê tudo isso num relâmpago, através do sul da França. Doravante, para ele, a tragédia interior tem o seu princípio, não mais terá o seu fim, senão depois da morte, se morrer é dormir, sem pesadelos, no álveo de um rio sem vibrações – o esquecimento.

Quanto mais alta a glória, desde Prometeu, maior o sacrifício. Em verdade, sob as aparências da ventura e da riqueza, Santos Dumont personificava as eternas contradições da máquina e do homem, trazendo consigo o drama ocidental da raça branca, todo o paradoxo e toda a angústia de uma civilização, que se aperfeiçoa mecanicamente, para decair humanamente, que se transfigura com a ciência e a indústria, para se abismar na rivalidade e na carnificina.

O prestígio de cidadão universal compõe-lhe à vida uma exterioridade invejável. Ele viaja, discursa no Aeroclube de Paris e no Aeroclube da América, gentilmente sorri aos novos, que o cingem de mocidade e entusiasmo. Nas alamedas de Hyde Park ou nas altitudes da cordilheira dos Andes, nos jardins de Luxemburgo, ou na vizinhança da catarata de Iguaçu, através do mundo bravio ou culto, ressoante de aplausos, Santos Dumont percorre o mesmo caminho triunfal. Por uma sorte de heliotropismo, cada vez mais deseja e procura o sol, fugindo alternadamente ao inverno dos trópicos e ao inverno da Europa. Aquecida num banho de luz vernal, trabalha a sua inteligência; embebida na claridade, a sua imaginação rebrilha, concebendo o transformador Marciano, para ajudar na escalada os alpinistas, ou o individualismo soberano do vôo, o aparelho Ícaro, tantas vezes sonhado, tantas outras desfeito, com que pudéssemos ligar aos ombros duas asas e romper os ares, voando e zumbindo em torno da rosa dos ventos – os homens como negros moscardos, as mulheres como novas libélulas no azul.

Habitando a fazenda natal de Cabangu ou o ninho petropolitano "A Encantada", o inventor compraz-se em multiplicar ligeiros inventos domésticos na alegria da natureza circundante. Ao redor de Santos Dumont, em Petrópolis, os cravos florescem como príncipes da serrania, sobre os quais se desfolha a coroa de ouro dos ipês. Mas o pai da aviação, príncipe do ar, não ama só as flores na heráldica da terra brasileira. A sua bondade envolve, como a da terra-mãe, seres e cousas, a velhice e a infância, os rebanhos e as árvores, os destinos encadeados ao sofrimento e os pássaros livres da floresta. Na sua residência de João Aires, todas as manhãs, enchia-se para as aves uma concha de sementes, erguida ao topo do mastro, em que ele hasteava a nossa bandeira, circundada pelos vôos, festejada pelos cantos da aurora.

* * *

Tanta delicadeza de sentimentos o predestinava aos maiores suplícios do coração. No primeiro decênio do século XX, em Paris, Santos Dumont e os seus companheiros do Aeroclube, precursores da navegação aérea, nunca imaginaram que os aeroplanos e os dirigíveis se tornassem poderosas armas de guerra. O vôo humano deveria fechar-se, para esses idealistas, no amplexo moral de todos os povos, através dos mares e acima das fronteiras, sob a proteção luminosa dos Gêmeos. Se o isolamento fora, entre os homens, a origem social da guerra, veriam os homens acelerada a fraternidade com a velocidade. Grande ilusão! Bem poucos eram ainda os navios aéreos da paz, tardios ou custosos, e apresentavam-se já por centenas, por milhares, as aeronaves construídas para a escolta e o serviço da morte.

Aos olhos de Santos Dumont cumpria-se o vaticínio do Padre Lana, roupeta negrejante da aviação, teorista da barca suspensa de quatro esferas ocas de cobre, que enumerava no século XVII os bombardeios, os incêndios, as catástrofes possíveis, se o engenho aéreo medrasse, e dizia constritamente, receoso do próprio invento satânico: "Deus nunca permitirá que tal máquina tenha êxito... para evitar muitas conseqüências, que alterariam as relações civis e políticas da humanidade." Isso foi escrito em 1670. Duzentos e trinta e seis anos após, dir-se-ia que a divindade permitira a Santos Dumont essa realização, confiando no seu humanitarismo, na sua filantropia, mas dela se apossa-

ram as energias do mal, e as visões temerosas do Padre Lana sobrepairam à nossa época, difundida nos ares a guerra explosiva em guerra química.

Vede, por exemplo, como o inventor brasileiro, angustiado, escreve em 14 de janeiro de 1926 ao Embaixador do Brasil na Liga das Nações: "Aqueles que, como eu, foram os humildes pioneiros da conquista do ar, pensavam mais em criar novos meios de expansão pacífica dos povos, do que em lhes fornecer novas armas de combate." Ainda uma vez, dramaticamente, a saudação aos aviadores Costes e Le Brix dá um lampejo de revolta à sua cólera: "No começo deste século, nós, os fundadores da Aeronáutica, havíamos sonhado para ela um futuro pacífico e grandioso. A guerra – que fazer? – apoderou-se de nossas trabalhos para fins de ódio fratricida." Essa idéia fixa não o larga, acentuando-lhe a fobia dos automóveis, dos auto-ônibus, de todos os veículos nutridos a gasolina, mais ou menos destruidores do homem, diferenciados por metamorfose em verdadeiros monstros: o *tank* arrasador, golfando metralha; o super-avião de combate, despedindo raios.

Não tardaria o desfecho crepuscular para o voador das horas matinais. Sobreveio-lhe o final, tragicamente ainda, entre os anseios e as convulsões da guerra civil. Esquadrilhas aéreas semeavam o terror na sua pátria e Alberto Santos Dumont fechou os olhos à visão dolorosa, à derradeira visão aeronáutica em face do mar, gravadas na retina morta, como num diamante enublado por uma lágrima, as imagens acesas do horizonte, que os vôos inumanos conflagravam. Universalizada pelo rádio, colhida pelas antenas, a notícia fatal varou no silêncio da noite, feriu na surpresa da onda hertziana o coração do Brasil.

Aos dezoito anos de idade, Santos Dumont aprendera, ouvindo o pai, que o futuro do mundo está na mecânica. Por nosso turno, considerando-lhe a vida e a morte, aprendem que o futuro do mundo não está no império da mecânica, mas na supremacia da moral. Se o mecanismo deu a humanidade o corpo gigantesco, de que fala Bergson, e esse gigante se fez alígero como um pássaro, transfigurado pelo inventor, Golias não será por isso mais belo, menos feroz, entre as constelações ou entre os vermes, sem o progresso harmonioso da alma, relativo à grandeza das suas formas. Deram-lhe asas o Pai da Aviação; falta-lhe ainda o vôo espiritual. Só a idéia cristã, no decorrer dos séculos, poderá engrandecer-lhe a consciência para outras adejos, sob um res-

plendor semelhante ao da perfeita Assunção, colorida pela fé ingênua e criadora dos mestres da Renascença.

Querendo fazer do próprio arco de triunfo um arco de aliança entre os povos guerreiros, Santos Dumont esperou, em vão, no amplo círculo de névoas, o pássaro azul da lenda, o íris sobre a montanha, e apenas viu nas brumas do seu ocaso que os abutres voejavam sobre os cadáveres. Acima dos vôos macabros, porém, flameje o nosso ideal na sua esperança e humanize na sua audácia o lema dos aviadores contemporâneos: *mais alto, mais longe, mais veloz*. Mais alto, para a estratosfera, com a ciência de Picard. Mais longe, para os desertos do pólo ou as montanhas da lua. Mais veloz, até onde? Roçando quimericamente os véus, a cabeleira, os anéis dos corpos astrais, desata-se o vôo sidéreo dos romances de Wells, das fantasias de Maeterlinck, das estrofes de Luís Delfino. – "Não se irá a uma estrela?" – indagava o poeta brasileiro, cosmeticamente, desvairado no turbilhão dos sóis ofuscantes, na espiral das nebulosas indefinidas. Se alguém pudesse atingir o divino estelário com envergadura de águia mecânica, não deveria levar somente as estrelas o impulso dado pelo nosso compatriota aos voadores humanos, mas também a sua miragem de fraternidade universal.

Santos Dumont... Ainda longe da paz, longe dos astros, ouvimos-lhe o nome através das cidades tumultuosas, donde ressurgem gigantes de aço, modernizando a mesma ambição, que se petrificou e aluiu na arquitetura da lenda bíblica. Santos Dumont, libertador de asas inumeráveis – as asas invisíveis do semideus adormecido ou acorrentado no homem... Com a sua glória voa e revoa o ideal soterrado nos destroços lendários de Babel. A empresa quimérica tornou-se o emblema contemporâneo, símbolo da nossa impaciência, jungida ao planeta, querendo violar o mistério infinito. Sob a fuga dos aviões ressoa a terra, como se fosse um orbe de cristal, e em vôos, pela atmosfera, e em ciclos, pela história, o alado gênio transluz na explosão de todos os dínamos aéreos, no arranco de todos os pássaros humanos, que se elevam ou se despenham com o mesmo vigor e a mesma febre da alma precipitada em abismos, hoje, para ascender outra vez, amanhã, no eterno desafio dos heróis aos céus.

II

RESPOSTA DO SR. ALOÍSIO DE CASTRO

SENHOR Celso Vieira:

Não sei se algum dia refletistes quanto à condição de quem deve de corpo presente receber, em público, elogios. Para uns é deleite, para outros provança. Os que vivem de encômios e sem propósito os buscam cada dia por mil formas, neles conhecendo todo o alimento e a razão mesma da existência, esses não podem ocultar a euforia que lhes traz essa apetecida digestão, preparadora do bom dormir e do bom sonhar; outros (e vos suponho neste número) desambiciosos de honrarias, em tudo pesando o relativo das coisas e o transitório dos juízos humanos, se não menosprezam o louvor será por não descomprazer os demais e por que não pareça recusarem com indiferença ou ingratidão o que, bem ou mal, se lhes oferece. Naqueles a vaidade em lua cheia. Nestes uma graça de cortesia, que é, no fundo, como resignação de vítima.

Vem-me agora à lembrança o que um dia passou com Olavo Bilac, em vossa presença. Um admirador o exaltava rosto a rosto. E o poeta calado. "Príncipe dos poetas!", soltava o homem, farfalhoso, agarrando-lhe os botões do vestuário, gesto muito useiro quando o agressor receia que a preia lhe escape às unhas. "Nenhum escritor te leva as lampas!" E o poeta calado. "Extraordinário, fantástico, colossal!" (três adjetivos muito do sabor dos trópicos). Afinal Bilac não teve mão de si e rompeu: "Por favor, não continue, não estou bem. Sou um homem doente, dispéptico e acabei de jantar." Inútil obseração. O colocutor sai-lhe à queima-roupa: "Cada uma das tuas crônicas,

na *Gazeta*, resolve um problema da vida!" E então Bilac: "Sim, da minha vida, porque me pagam cinqüenta mil réis".

Sr. Celso Vieira, não têm botões as nossas fardas e entre as nossas poltronas permeiam as de outros acadêmicos. Tendo que dar-vos as boas-vindas nesta recepção, serei hoje o vitimário, como o ministro dos sacrifícios, que entre os romanos imolava as vítimas. Acabais de jantar. Tranqüilizai-vos, vendo-me escorvar a garganta e compor o movimento para o discurso: serei comedido no panegírico.

Aqui entrais com uma vitória plena, em primeiro escrutínio. Sabeis quão raro é nesta Casa esse fogo visto, esse transpor o átrio logo de vencida. O resultado alegrou a todos, eleito um escritor de verdade, de conta, peso e medida. Mas o vosso prestígio, confessemo-lo, tirou à sessão aquela graça especial dos imprevistos, das marchas e contramarchas, dos escrutínios sucessivos, um, dois, três, quatro, o que às vezes parece pouco.

Pois já éreis dos nossos antes de entrar à Academia. Vossa modéstia, essa encantadora graça tímida que vos não permitira sonhar "o sonho das mil e uma noites acadêmicas", a que há pouco vos referistes, retardou a hora da vossa chegada. Daqui vos chamamos e lá, em Santa Teresa, na casa dos livros, onde uma lâmpada severa todas as noites se acende para a hora do estudo, que é como hora de oração, ouvistes o nosso convite. O gosto da divina solidão vos levou para essa Casa, que tem um pouco de santuário, porque nela viveu Carlos de Laet, no topo da colina, no Curvelo, o mais poético e formoso ponto desta cidade, ali aonde as auras chegam frescas, lavando os ares, e o olhar se perde na imensidade do oceano. Embaixo o turbilhão da vida agitada, num desenfreado corre-corre, o viver cada um fora de si no ruído trepidante e na confusão, que faz esquecer tudo. Na altura a paz da meditação e do sonho, o viver a sós, sem sair de si mesmo, ouvindo o próprio coração, que nada quer esquecer o conversar, à calada, com as estrelas remotas, a palpitarem marcando o tempo, nas refulgurações do céu profundo.

Não faltará quem pergunte se ainda há disto pelos tempos que vão e se os homens ainda têm olhos para olhar ao alto. A resposta, ei-la convosco, que sabeis compor uma vida onde há a força da contemplação, um pensamento altivo, a aspiração da serenidade e a alegria interior, que é o sublime em nós mesmos.

Nesse gabinete de estudo, onde a vossa pena traçou assídua tantas obras de primor, um discreto amigo vos acompanha nas horas do devaneio silencioso. Ei-lo ao vosso lado no retrato com que o nosso Adelmar Tavares ilustrou a conversação literária entretida convosco certo dia, para transmiti-la a um jornal de Recife. O companheiro, "Jick", esplêndido Angorá, perfeitamente digno de um soneto de Baudelaire, com afinada tradução de Felix Pacheco, não é de etiquetas, porque o vemos refestelado, aliás não sem certa gravidade erudita, entre livros e papéis, na vossa mesa de trabalho, onde, caneta em punho (sempre é bom gosto dar ao homem o símbolo da profissão) apareceis sentado com circunspeta elegância.

Ao ver tão bela gravura eu entrei a hesitar se éreis vós o retratado e, admirável surpresa, figurando-me no recinto e olhando pela janela, em vez das cerúleas claridades e dos morros que aqui nos cercam por toda a parte, divisei nos longes, através dos vidros embaciados pela neve, as águas do Sena, o cais, as pontes e em frente o Louvre. Quem ali estava à vossa mesa era Sylvestre Bonnard, e o gato aquele "Hamilcar" cheio de virtudes militares, como o pintou Anatole France, Hamilcar "príncipe sonolento da cidade dos livros", rebuscando junto ao fogão, defensor dos *in-folio* contra a chusma dos roedores malditos.

O estimável animal monta guarda à vossa biblioteca, prestigiado com a consideração de que o cercais; mas não ponho em dúvida que ele seja afinal convosco o que era Hamilcar com Sylvestre Bonnard, cujas palavras tinha em menor conta que as da governante da casa. Homens de livros, pensava o gato de Anatole France, falam sem dizer nada, as governantes sim, "palavras de bom sentido", como "o anúncio de uma refeição" e outras promessas agradáveis. Ai dos homens de pensamento, não são somente os gatos que tomam por vãs as palavras da sabedoria humana.

Que é a sabedoria na voz do mundo atual, com a sua mentalidade objetiva, o triunfo mecânico, o gosto do nudismo, pernas sem meias, no frenesi da desordem? O sábio, força é reconhecê-lo, está hoje em desvalia. Depreciaram-se as bibliotecas. Para o estudo não há mais nem tempo nem disposição. Um principal que se tornou acessório, e nem isso. Roubar horas ao sono para dá-las aos livros? Noites desveladas em lidada aplicação? Madrugar na mesa do trabalho, a fronte nos textos? Reservar à leitura esse mínimo de quatro horas

diárias de que ninguém pode abrir mão, prezando-se de culto? Hoje, moços e velhos, todos se perguntam para que tais luxos. Mais vale andar a flaino, conversar em coisas frívolas, ir aos cinemas e às praias, matar o tempo na testada dos cafés ou meter-se de gorra no carnaval do ano inteiro. A superioridade dos espíritos se afirma agora por processos novos. Pois venha já essa boa democratização que, segundo a fórmula do dia, nivele ombro por ombro os homens todos, na aurifúlgida mediocridade e na gozosa ignorância. No fim das contas todos chegam às mesmas alturas. É da época e não se torce o rumo aos tempos.

Nem mais sequer dos mesmos escritores se reclama a luz do estudo. Um escritor improvisa-se. Não é preciso o mestre. Qualquer homenzinho de por aí além se anima a versar letras e doutrinar, na imprensa ou no livro. Onde aprendeu ninguém sabe. Nasceu escritor. De qualquer modo se escreve e está bem: há sempre quem admire e nunca falta a pompa do elogio, com máquinas montadas, zabumba, lanternins e foguetório.

Amadurecido na força do estudo sério e da severa disciplina mental, tendo horror à popularidade fácil, que transige com o gosto dos incultos e despreza as dificuldades da arte, vós vos criastes como escritor, Sr. Celso Vieira, pela inspiração e pela técnica, um posto à parte, de extrema distinção.

Um longo e aturado tirocínio vos temperou a pena.

Passou rápida a infância, no sítio natal, em Garanhuns. Correndo através das sebes das pitangueiras, trepando a cantar pelas árvores, sentistes um dia a fragilidade dos ramos. Caído ao solo, o pássaro tinha uma asa quebrada, o vosso braço esquerdo. E então com certeza aprendestes que nenhum fruto se busca sem prova, nem nas árvores nem na vida.

Mas já Olinda vos chamava com os esguios coqueiros viridentes. Não subistes por eles; outra árvore, a do saber, vos atraía para as bibliotecas. Era tempo de granjear a vida e entrastes a uma livraria, em cujo serviço estivestes vários anos, livros sempre na mão, ora vendendo, ora lendo. Imitastes a Millevoye, que em tempos de rapaz (já de outra vez o recordei), moço de livraria, todo se dava à leitura. O patrão tinha princípios. Na livraria não se lê, negocia-se. E prenunciou: "*Vous lisez, jeune homme, vous ne serez jamais libraire.*" A experiência não falha, também vós não passastes a livreiro.

Da livraria ao jornal não é distante o passo. Eis-vos sentado a uma das mesas de revisão do *Comércio de Pernambuco*. Era por esse tempo Baltazar Pereira, diretor da *Província*, o mais grado dentre os jornalistas, em Recife. Certo dia lhe enviastes pelo Correio uma composição poética. Ele vos não conhecia. Gostou e publicou. A *Revista Contemporânea*, de Teotônio Freire e França Pereira, já vos acolhera com aplauso e o vosso nome entrou a luzir entre os poetas e prosadores recifenses, Demóstenes de Olinda, Paulo de Arruda, Miguel Barros, Faria Neves Sobrinho e outros. A *Província* não tardou em chamar-vos, confiando-vos, tão moço, a crônica dominical. Estou que nesta consagração acadêmica nada vos comoverá como o perfume desta saudade, a evocação dessas primeiras estréias e do espírito daquele que foi, no jornalismo, o vosso mestre. Vós no-lo pintastes num retrato verdadeiro, em que Baltazar Pereira aparece como o tipo da lealdade política, tendo-se constituído em Pernambuco, após o assassínio de José Maria de Albuquerque Melo, seu antigo chefe, o símbolo do destemor e da altiveza no prélio contra o poder. Bem se sabe o que os espera, aos que entre nós se levantam contra personalismos dominantes. Mas o ostracismo de vinte anos não o dobrou, e o grande poeta satírico que era Baltazar Pereira, distanciado no alto, preferiu a fala enganosa dos homens a conversa dos bichos, sorrindo nas alegorias do *Livro de Fábulas*, que compôs com simplicidade de mestre. O artista venceu e sobreviveu.

A atuação jornalística que com tão boa estrela iniciastes no Recife teve festejado seguimento na coluna de honra da *Província do Pará*, durante o laborioso septênio da vossa residência em Belém, aonde vos levara, como Oficial de Gabinete, o Governador Augusto Montenegro. Em 1915, já então entre nós, começamos a aplaudir o vosso terceiro ciclo na imprensa, nessa colaboração d'*O País*, que havia de durar, com breves pausas, por três lustros, e na qual vos firmastes entre os poucos mestres do nosso jornalismo. Folha de preclaras tradições políticas e literárias, a que Quintino Bocaiúva emprestara esplendor não superado, nas colunas d'*O País* tivestes por companheiros escritores de pulso, um Paulo Barreto, um Malheiro Dias, um Azevedo Amaral, um Alves de Sousa, para só citar alguns. *Endimião*, que reúne trabalhos publicados nesse jornal, é dos mais celebrados dentre os vossos livros.

Nas vossas formosas crônicas e nos vossos diálogos filosóficos não custa descobrir-se a concepção de arte que sempre vos guiou, esse amor do belo em si mesmo, do belo só em si, conforme a lição platônica. Comentando as coisas do dia, do pequeno fato vos alçais às generalizações, o vosso pensamento se alheia das influências regionais e um vivo sentimento do universal vos conduz à visão superior da alma humana, através de uma ironia que é também feita de doçura e de piedade. A humanidade agita-se, na contínua mutação dos tempos: a eternidade sorri do que passa.

Que deliciosa página simbólica essa *Tentação da China*, que agora entreescolho por amostra. Pois até no Celeste Império tudo se transmudou, virado o Imperador em Presidente de República. O europeu quer entrar, quer dominar. O chim sorri, certo de que, quando tudo passe, a China não passará. "permanência única na terra envelhecida", a China "torre de porcelana entre os bambus, donde o chim remira obliquamente, desconfiado e em silêncio, todas as nossas metamorfoses e mudanças, com aquele sorriso enigmático, indecifrável, amarelo, que é talvez o próprio sorriso da eternidade".

Com a mesma pena que traça amplas visões históricas, exceleis nos pequenos quadros, como nessas finas miniaturas psicológicas, que o Sr. Osvaldo Orico há pouco coligiu no vosso livro, digno do título *Para as Lindas Mãos*.

Sois dos raros entre os nossos escritores em quem se pode conhecer estilo, o donaire da forma, a palavra luzindo pela beleza de si mesma, nos mil valores que exprime, de idéia, contorno e som. Mas o estilo, flor de distinção e nobreza, dando ao artista a sua nota pessoal e única, como ao músico, no tanger o instrumento, o modo de desferir-lhe as cordas, o estilo reclama uma subtileza de sensibilidade que é verdadeiramente um dom de eleitos.

Nos recamos da vossa prosa tudo é alinho e decoro. Sente-se o toque aristocrático de um fidalgo de três solas, mestre do bom gosto, que foge o entono, o prolixo, o sem-sabor e a odiosa vulgaridade.

Vê-se que possuís a qualidade mestra do escritor, o saber do idioma. Já parece coisa de espanto amar as riquezas da nossa lídima linguagem, quando hoje ela por aí vai, desbotada, relaxada, desprezada, enquanto prosperam as chulices da gíria e o falar enxacoco. Pois quem mais se atreve à paciência de a estudar por muitos anos e ainda pela vida inteira? Isso de linguagem ninha-

rias, coisas de nonada. Se os erros gritam, vem por desculpa o uso, que faz lei. Cômodo e simples.

Mas que esplendor essa língua quando vazada com tão venusta forma e tão ricos matizes, como nas vigorosas páginas do vosso *Anchieta*, desse livro que há de durar, monumento da nossa literatura histórica.

Versando assunto copiosamente tratado, em quatro séculos, por penas eruditas de cronistas, alcançastes fazer, contudo, obra pessoal, em que a figura do grande apóstolo do Brasil se nimba como de um halo de beleza nova.

Eu vos confesso o meu desprazer pelos romances históricos e pelas biografias romanceadas. Ou a verdade ou a ficção. Que adianta ao fato real, quando o queremos conhecer, a fantasia que com o feio ou o belo o desfigura e o transforma? Em que se faz precisa à fantasia, que é de todo livre e tem o céu para voar e se basta por si, porque tudo nela se contém, a estreita realidade que lhe corta as asas? Não me seduz esse terreno neutro, em que se não sabe onde uma termina e onde começa a outra.

Fostes fiel aos fatos históricos. Tão formosa a vida de Anchieta, dir-se-ia que porventura a esmaltastes com a imaginação. Mas é que a verdade, a verdade nua, também pode ser bela. E a mais bela verdade é sem dúvida uma bela vida.

A infância, na branca Tenerife, o despertar da vocação, a adolescência em Portugal, noviço na Companhia de Jesus e aluno na Universidade conimbricense, assistimos às primeiras auroras do gênio de Anchieta (quero pronunciar "*Antxeta*", como no tempo do apóstolo, pois ali vejo, a sorrir-me, o Sr. Afrânio Peixoto, como a me recordar a sua reivindicação ortoépica e a dizer-me que o "*ch*" basco deve soar como "*tx*").

Eis agora chegando Anchieta à terra brasileira, em 1553, à cidadezinha que, havia apenas quatro anos, Tomé de Sousa plantara, encarrapitada no outeiro. A baía de Todos os Santos entressurge como em tela majestosa, no quadro em que a descrevestes. Ali "o lagamar translúcido, móbil, semeado argenteamente de conchas e calhaus, ondeando ao sol por vinte léguas".

> Verdejante, frondosa na espessura dos matagais, à esquerda, Itaparica defende e abriga a enseada. Por encostas e socalcos, à direita, encurva-se o anfiteatro de colinas, onde mal branqueava a *urbs*, desentranhada a pouco e pouco do

> âmago da selva que embebia na terra vermelha, cingida pelo mar vibrante, os seus milhões de raízes. Ao fundo, vaporizam-se os montes como nuvens tranqüilas, imóveis, azulam-se cabeços pedregosos, sobre os quais se desdobram ou se esgarçam véus, tecidos de névoas, bordados a ouro, desfeito em chuva. E todo o Recôncavo, além, desata em florões soberbos a magia dessas paragens com o seu numeroso arquipélago, o alvor das praias longínquas, o entrelaçamento dos mangues recobertos de ostras, a diáfana pureza dos ares, a fluidez murmurante das águas correntias.

Agora é o catequista, que entra em contacto com o índio, o índio que "respira à distância o cheiro da caça, do fogo e do mel", o índio que tem "a dissimulação do tatu ou da cobra verde", "a pele rija do tapir", "o grito da araponga", "o salto do bugio". Ei-lo, ajaezado, o Tupinambá, no autêntico retrato que bosquejastes em largas pinceladas e que estou certo ralou de saudades o Sr. Roquette-Pinto:

> Canibal da era neolítica, em pleno delírio cromático, num país de fogo e de sangue, o índio trazia o sexo apenas velado pela tanga, penas amarelas grudadas ao cucoruto, manilhas de outras, polícromas, nos pulsos e nos tornozelos, ramais de búzios ao pescoço, tembetás de osso e de âmbar ou de quartzo na beiçola, pingentes nas orelhas, adornos de barro cozido na face esburacada. Abaixo dos joelhos, como franjas, pendiam as tapacurás vermelhejantes, e por todo o corpo depilado, sinuosamente, ondeavam lavores negros ou rubros, feitos a tinta de genipapo ou de urucu. Outras vezes, sob a plumagem dos cocares, ele prendia às ancas uma roda de penas cinzentas, largas penas de ema, balouçantes.

Tudo é assim no vosso livro, tudo cores e aromas, como despertando o cheiro da terra inviolada.

Vemos depois Anchieta, já passado a São Vicente, tomar destemeroso, serra acima, o rumo de Piratininga: "Orfeu caminhava para o inferno selvagem". Que portentosa visão da natureza nessa caminhada, galgando a montanha:

> Abaixo se descortinava a profundeza, ampliada sempre, dos vales frementes de bosques, fragrantes de veigas. Segredavam as fontes, de pedra em pedra,

> como náiades brancas e frias e correr num desejo, para a ardência do sol. Vagamente, no espelho dos rios, a luz criava miragens de incêndio, o arvoredo punha sombras movediças, duplicando a agitação das copas. E através de penedos, chapadas, boqueirões, despenhadeiros abruptos, por onde se retorciam lianas, a formosura da terra semelhava o desafio de uma virgindade ameaçadora, mas irresistível, ao domínio potente dos homens.

Enfim, fundado o Colégio de São Paulo, fundada São Paulo, coração do Brasil. Mas eu vos não posso agora acompanhar através de todo o texto, nos intrépidos passos do Anchieta cuja incrível atividade dilatada por tantos lustros, entre constantes perigos e traições, sofrendo os últimos rigores nas proezas da catequese, Simão de Vasconcelos deixou marcada num simples e perfeito adjetivo retratando o padre, apoucado no porte, como "atuoso" na vida.

Que esplendor e variedade de quadros e tons, aqui e ali nos dais, com força de estilo incomparável à do Euclides da Cunha, dos *Sertões.* Agora o viver do silvícola, sacudindo a seta do arco, os combates do canibal, a tangapema vibrando o golpe nas vítimas. Noutro passo, aquela primeira missa, entre os selvagens, na aldeia de Iperoig, a "missa da primavera", "sob a ramada umbrosa e vernal do grande bosque". Não se corta pelo meio tão formoso período:

> Chilrava perto o riacho. Limpidamente, a gorgolejar nos pedrouços; era infindável a música dos sabiás pelas alturas, pelas folhagens dos buritis. Em volta os índios espiavam, acercando-se mais e mais da imagem de Cristo. As genuflexões, as bênçãos, os transportes da Eucaristia, ao ar livre, tudo maravilhava o gentio nesse ritual desconhecido e harmonioso. Trespassando a ramaria, arqueada, como um dossel verde-claro, vinha uma flecha de sol de maio atingir o crucifixo, aureolar os celebrantes, e o passaredo orquestrava derredor, com alegria ruflante e sonora, à missa da primavera.

Rodam os anos, crescem os trabalhos de Anchieta. Enfim no Rio de Janeiro. A criação da cidade. O reitorado da Casa de São Vicente. E depois as últimas viagens, o ocaso no Espírito Santo, a coroa final, a grandeza da humanidade para a entrada na glória. Destes à narração desses últimos dias

do santo uma expressão de insuperável beleza. Quando ele caiu de repente no chão, "foi como um lírio desfeito por uma rajada". Depois, "alçada a cruz, processionalmente, os índios de Reritigbá levaram-lhe o corpo fechado em uma caixa de cedro até à vila de Vitória". "Nesse pequeno féretro, pequeno como um berço, repousava meio século de prodigiosa heroicidade cristã."

Magnificando as nossas letras com o vosso *Anchieta*, mostrastes-nos, Sr. Celso Vieira, uma pena digna da Legenda Áurea ou de um Florário dos Santos. É um livro edificante pelo fervor espiritual e pela luz da fé, que radiando lhe atravessa as páginas. Não há nele exortações tonitruantes. A palavra é serena, mas cheia de unção, daquela força simples que nos influi a verdade e comove e acende ainda as almas regélidas. Lendo-se um livro assim, sente-se vivo o alento de Deus. E então é peito por terra, para levantar a esperança ao Criador e subir-lhe os apelos de nossa alma, ao Criador que do pecado e da miséria nos ressuscita para a virtude e para a glória.

Essa luminosa força de crença se sobredoura na obra do poeta, porque o vosso livro é como um poema, eu dissera outro *Evangelho nas Selvas*, capaz de irmanar-se ao portentoso canto de Varela.

Falando de poesia estou a transportar-vos para os tempos da primeira mocidade, com a recordação dos vossos ensaios poéticos, quando publicastes em Recife aquela expressiva amostra de simbolismo, na tradução do soneto das vogais, que celebrizou Rimbaud:

A *negro,* E *branco,* I *rubro,* U *verde,* O *turquezino,*

acabando com aquele sublime Ómega,

Ómega... o raio azul violáceo dos Seus Olhos.

Naquele tempo havia sonho e no "Noturno" nos dizeis sentir a alma deslizar por ele como

Um raio de luar numa cidade morta.

Depois, a retina incendida, o desejo em mil formas, vinha a visão amada,

Sobre a glória pagã de uma cidade em chamas.

Afinal, extinto o clarão onde se foi a alma inquieta? Desenganada,

No ermo crepuscular de uma cidade em ruínas.

Nessa formosa página lírica e em tantas outras que me fora grato citar, estava o poeta dos vinte anos. Foram-se os vinte anos. Foi-se com eles o poeta, ou acaso por se não descobrir disfarça os metros na prosa?

Eu tenho para mim que a poesia é flor da madureza e linguagem do coração experiente. Vede. Quem faz versos quando moço, de comum abandona a musa, amor de um dia; quem os começa a escrever mais tarde, quando a vida se espelhou no suor dos trabalhos, nos breves risos e nas longas lágrimas, então já não pode calar a lira nem fora dela encontrar a força das consolações superiores. Amor que não passa como passam as flores dos vinte anos.

* * *

O poeta e o prosador podem estar mão por mão com o jurista. É o vosso caso, em que o louro apolíneo vem hoje ornar a beca do austero secretário da nossa mais alta corte de justiça local, onde, entre embargos e desembargos, há tantos anos viveis com as letras do Direito, admirado e estimado dos nossos juízes.

Um secretário é tudo. É de todos o que mais trabalha e menos aparece, é o que organiza as coisas para a hora certa e move a roda. Mas não basta exatidão, meticulosidade e diligência. A função impõe-lhe especiais deveres, até no físico, que pede severidade e comedimento. O secretário é a discrição, a reserva, um homem que se não pode dar a expansões e precisa ter nos debates a que assiste a difícil virtude do silêncio. O entusiasmo da causa pode arrastar os outros, com altas vozes, ademanes e ainda mais. Mas o secretário, na cadeira, com o lápis apontado, há de guardar a imobilidade da estátua.

E a ata? Bem mais difícil ler uma ata do que ler um discurso.

Ramalho Ortigão, mestre de elegâncias, queria poucos gestos nos discursos lidos. A gesticulação, em verdade, vem de seu, espontânea, surge com o que se diz. E então, se o discurso é lido, já o orador não experimenta, ao pronunciá-lo, essa emoção primeira da idéia nascente, que lhe despertaria o significativo complemento do gesto.

Busque o orador nessa circunstância outros recursos da arte. Ler uma ata, à própria, é ler parado, com atitude gravemente inexpressiva, a voz como toada monocórdia. E se os ouvintes bocejam fastientos, é saltar sutilmente as páginas, antes que cabeceiem e descaiam na letargia. Que habilidade em tudo isso!

Na vossa brilhante e operosa carreira pública, Sr. Celso Vieira, a dignidade de secretário vos foi constantemente atribuída. Secretário de um Governador de Estado, secretário, por longos anos, da administração policial nesta cidade, secretário da Conferência jurídico-policial, secretário da Comissão codificadora das leis processuais do Distrito Federal, secretário da Conferência de limites interestaduais, secretário de um Ministro de Estado, ainda agora acumulais as funções de secretário na Corte de Apelação e na Comissão de nomeações e promoções da justiça local. Evidentemente uma predestinação ao secretariado.

Mas em todas essas situações sempre o secretário esteve de boas andanças com as letras e entre tantos escritos e ensaios que publicastes quero recordar os vossos experientes estudos de polícia científica, reunidos no vosso livro *Defesa Social*, que os competentes consagraram.

* * *

O amor das tradições, na certeza de que todo progresso intelectual tem as suas nascentes nos elementos preparados pela obra dos que vieram antes, o culto pelo helenismo nas perfeitas formas clássicas e pelo mistério das civilizações extintas, enfim, todas as características da vossa personalidade literária e do vosso espírito conservador estabelecem, em muitos pontos, aberto contraste com os princípios a cuja defesa se entregara, nos seus últimos anos de vida, um dos vossos gloriosos antecessores nessa Cadeira, o inesquecível Graça Aranha, cujo elogio vos coube traçar, já que a morte nos levara o sucessor imediato, Santos Dumont.

Neste, o desejo de conhecer as forças da natureza, essa curiosidade genial, que foi em todos os tempos o grande fator do progresso humano, o chamara à glória. Já imortalizado pelos seus remontes de águia, que voou livremente e buscou no alto o beijo da luz, ele não desdenhou contudo da imortalidade acadêmica, e com duplo respeito hoje lhe saudamos a memória.

Graça Aranha, distanciado da Academia desde 1924, aqui continuou e continua presente em nosso afeto e em nossa vívida saudade. Nada importa que estivesse noutro campo de idéias, em matéria de orientação literária. Não nos pusemos às más com ele e nunca deixamos de admirar no artista excelso de *Canaã* e de *Malazarte* a força do seu idealismo criador, transparente naqueles olhos encandeados pela ilusão e tão expressivos da sua bondade e da sua poderosa inteligência.

O fato é que ele, sacerdote que venerara a lei antiga e beijara a opa dos cardeais da nossa literatura, Machado de Assis e Nabuco, ele, contributário da nossa mesa, lactado desde a infância com as mais puras tradições clássicas, um belo dia renegou das crenças, fez pé atrás e desatando os laços que o prendiam a esta Casa, abdicando-se do título acadêmico, vestiu as armas da nova lei, afirmando espalmadamente, embora galante e cortês, que tudo aqui estava errado, que a Academia levava descaminho, que se mudasse de rumo, que era preciso tudo derruir pelos alicerces, num grande esborôo, como nos solavancos de um terremoto.

Lá fora o incitavam que saísse a medir o florete com os da sua companhia, lançando-lhes em crime o apego da tradição e o respeito dos séculos clássicos, onde não há senão bolor. Então ele esforçou a voz e lançou manifesto literário, fazendo penacho do que chamou *espírito moderno*. Foi a muito bem dizer uma sessão memorável. Com ele fizeram parceria e vieram de camarada, dando-se as vivas e gritando com desenvoltura, jovens confrades de sangue na guelra. A avançada foi brilhante, o discurso de Graça Aranha o rastilho que propagou o fogo à mina. Viu-se então que o puro entusiasmo literário, no fragor dos aplausos, por pouco não deu com tudo de avesso aqui dentro, nesta casa da polidez.

Mas assim como nós médicos às vezes nos equivocamos nos prognósticos, o de Graça Aranha quanto à Academia falhou redondamente. A Academia não morreu.

Fora injusto supor que o misoneísmo a levasse a viver fora do seu tempo e a desconhecer os fundamentos da evolução literária, com os seus ritmos infalíveis. Jamais houve aqui intolerâncias ou dogmatismos, aqui não se denunciam excomunhões e não é da Academia que vem o grito: nós é que somos a verdade.

Todavia, participar do movimento universal de renovação estética não é fazer tábua rasa do passado e adotar sem mais todas as leis de um gosto, que bem pode ser mau gosto. A história literária tem experiências do que valem e do quanto duram os movimentos que se não originam das lentas transformações sociais em cada povo, com a força do tempo, nascendo, ao contrário, como criações artificiais, meras improvisações, que pegam e passam com as modas, simples episódios na sucessão das verdadeiras escolas. Que diria o nosso Graça Aranha se ouvisse neste mesmo recinto o voto insuspeito do Professor Garric, quando no ano passado, depois de estudar as modernas tendências da literatura francesa, não hesitou dizer: "Ôh revient à Racine"?

No verdadeiro espírito literário alguma coisa existe, porém, superior às divergências individuais do julgamento e as preferências de ocasião, sobreposta ao movediço e mudável das correntes estéticas, que têm o seu vaivém com os tempos, como as marés no acesso e no recesso, com o afluxo e o efluxo das águas. Essa força permanente é o sentimento da beleza eterna, que cada um buscará conforme vê a vida.

Vós, Sr. Celso Vieira, empunhando o cinzel grego e afervorado na arte antiga com a paixão de uma grande e nobre alma, vindes dizer-nos que a beleza é o sonho.

Abro o vosso admirável *Endimião* e no mito helênico contemplo, na gruta de esmeralda ou de âmbar, o formoso pastor do monte Latmus, que abençoado dos deuses imortais se adormeceu sob o plenilúnio, "inacessível ao tempo que nos acurva e à dor que nos deforma".

Que traduz o sonho desse que "fugiu à realidade humana"? Perguntaste-lo às vozes da Grécia eloqüente e nem elas vos declararam o enigma. Nesse lendário sonho vedes "um lago, em cuja profundidade onicolor se espelham os signos da Inteligência humana e sobre o qual se debruçam com avidez os nossos desejos entreabertos na sombra, à maneira de grandes flores noturnas".

Sim, tomemos a realidade no sonho. A verdade não estará no escuro de um poço, onde a procurava o filósofo grego, mas no fundo de um lago transparente. A sabedoria é a ilusão da verdade, adivinhada com o sentimento. Andai conosco a embeber o olhar ansioso no cristal dessas águas e a louvar a vida no esplendor do eterno sonho. Sede bem-vindo.

Recepção do
SR. A. J. PEREIRA DA SILVA

e

Resposta do
SR. ADELMAR TAVARES

Sessão solene extraordinária
do dia 26 de junho de 1934

I

DISCURSO DO SR. A. J. PEREIRA DA SILVA

CREIO, Senhores,
Na imortalidade.

Ninguém me desengana
De que é divina a passionalidade
Da dor humana.

O que é pó, volta ao pó, mas a certeza
Desse destino igual
É condição da própria Natureza
E a minha crença é sobrenatural;

Pois, se tivesse os mesmos fundamentos
Da razão positiva,
Não se tornava cada vez mais viva
Nas horas dos soluços mais violentos.

Nas horas em que a morte prematura
Sem causa e sem razão
Priva os que ficam da melhor criatura
Que nossos olhos nunca mais verão.

Sim, creio em Deus! Em Deus, única Origem
E único Fim, e minha fé ovante
Aumenta a todo instante
Em que a dor e os meus erros mais me afligem.

Talvez fosse por mero comprazer
Que Hamlet chegasse àquela argúcia extrema
Do célebre dilema
Em que duvida do seu próprio Ser.

O coração também tem seus motivos:
Fé, Esperança, Amor,
Saudade – íntimo espelho refletor
Dos seres mortos e dos seres vivos.

Creio no eterno Espírito Onisciente,
Senhor do Bem, dominador do Mal,
– Numen que a Fé, por ser divina, sente,
E não vê a Razão por ser mortal.

No seu discurso inaugural, nesta Casa ilustre, declarou Luís Carlos que o melhor elogio de João Francisco Lisboa, fizera-o José Veríssimo, escolhendo-o para o patrono da sua Cadeira. Sintetizou, assim, exalçando-os, por sua vez, os méritos desses dois espíritos de eleição, representativos de fases tão distantes da nossa vida literária.

Evocando o nome do famoso estilista do *Jornal de Timon*, o autor da *Literatura Brasileira* afirmava a unidade do sentimento nacional de 1831 até nossos dias.

As contingências por que se vem orientando o nosso gênio, de povo, através de tantos anos de vicissitudes políticas e sociais, não alteraram, como se vê, o nosso amor ao idioma e a nossa paixão pelas boas letras.

Se em 1832 o jovem Francisco Lisboa já era notável e êmulo de Alexandre Herculano pela expressividade de sua elocução nacional, em 1916 não era menor, entre os mestres da língua, a reputação de José Veríssimo como clássico e doutrinador de estética.

Jornalista brilhante e temido, escritor notável e político de integridade moral até à abnegação, o autor do *Jornal de Timon*, da *A Vida do Padre Antônio Vieira*, e da *A Festa de N. S. dos Remédios* é por seus talentos e por suas obras um dos bens de mais alta estima do nosso patrimônio mental.

Quaisquer que sejam os traços diferenciais dessas duas individualidades, o certo é que ambas revelaram a mesma dedicação pela nossa cultura.

Comemoremos, pois, com José Veríssimo, o paraninfo que ele escolhera – esse estrênuo polemista genuinamente nosso pela desenvoltura do liberalismo ardoroso e pela plasticidade verbal própria, autêntica, "no qual, por mais que o contenha o seu bom gosto e natural compostura, vibram as paixões que lhe agitaram a mocidade e não estavam de todo extintas nem na sua alma, nem na sociedade que lha formara".

Essas paixões são as mesmas deste grande momento histórico: – as de um Brasil maior, cônscio de seus deveres cívicos, ciente de sua unidade moral, consciente de sua finalidade neolatina na destinação política do novo mundo americano.

"Brasileiro de origem e nascimento, brasileiro pelas íntimas fibras de sua alma e pelo mais profundo do seu sentimento", como diz Veríssimo, João Lisboa foi, é e continua sendo, em cada ocupante transitório desta cadeira simbólica, um justo motivo de ufania.

A nobreza desta Academia está principalmente em ser a guarda de honra de nosso patrimônio intelectual.

Cada uma de suas solenidades votivas é para nós, os que vivemos na crença da inteligência criadora, um ato de fé em nossa destinação étnica.

Para a Raça, o passado e o presente continuam no desejo sempre maior de atingirmos um pensamento mais lúcido e uma estilização mais perfeita, e nós, os indivíduos, somos os momentos rítmicos dessa emulação incoercível.

Efêmeros ou duradouros, temos que evoluir segundo o determinismo das nossas energias vivas. Contingentes, mas necessárias, são elas que nos exaltam as idéias superiores e mantêm essa eterna comunhão eucarística entre os seres visíveis e invisíveis. Para elas não há, com efeito, limites de tempo e de espaço, tal como se a vida fosse, em verdade, a mesma e eterna volúpia do futuro.

João Lisboa, Sílvio Romero, Veríssimo, Araripe Júnior, Osório Duque-Estrada, Nestor Victor, e só para falarmos dos mortos que fizeram críticas literárias; são espíritos integrados à nossa evolução cultural.

Devem-lhes as gerações sucessivas o exemplo, que deixaram, de labor invencível, alta cultura e probidade analítica.

Se muita vez erraram ou estacaram inquisitorialmente em conceitos ou preconceitos doutrinários, nem por isso desmerecem suas convicções honestas e seu desinteresse apostólico.

As novas correntes estéticas, iconoclastas por índole, nem sempre toleram as crenças impertinentes. Os "novos" de meu tempo assim procederam com José Veríssimo, cuja autoridade de crítico atingia as culminâncias, precisamente quando já era outro o senso da Vida e a juventude, proclamando-o revolucionariamente, lhe imprimia, em todas as esferas da emoção, a espiritualidade, a graça, o movimento e o ritmo inédito do Simbolismo.

José Veríssimo, como, aliás, os grandes vultos da poesia e da prosa contemporâneas, compreenderam certamente o rumor e a beleza diferente dessas outras vozes; mas persistiram no caráter próprio, como esses rios caudais, que nada desvia do curso grave e surdo, – curso que as nascentes lhe imprimiram às águas, vastas como o céu, que as admira, e as claridades que refletem.

Moços de ontem, só agora podemos apreciá-los com a experiência, único juiz que satisfaz o foro íntimo.

Podemos apreciá-los sem prevenção, porque Arte e Poesia são modos da mesma e eterna sofreguidão de Beleza e esta é sempre nova desde que alcance o milagre de uma realização viva.

Os moldes pouco importam. O Poeta, como todo e qualquer realizador de símbolos, tem o dom imanente do que porventura há de divino em nosso espírito humano e foi, é, será sempre o mesmo em todas as suas revelações.

É ele que cria as obras-primas para maior glória de todos os séculos.

Não há "velhos" e "novos", não há "passadismo" e "futurismo" senão estados de graça criadora, os quais, como a Perfeição que ideamos, desconhecem fórmulas, preconceitos dogmáticos ou invocações cronológicas.

José Veríssimo não teve, nem podia ter a vibratilidade da nossa adolescência, nem esta poderia apreciar, como um vinco de caráter, a sua atitude inflexível.

A verdade, porém, é que a Filosofia da Arte já havia descortinado outros horizontes e surgíamos, no plenário das nossas aspirações insofridas, orientados por uma nova interpretação finalística da Beleza.

Principalmente em Poesia.

A emocionalidade parnasiana havia atingido a perfeição possível com os grandes nomes da plêiade Bilac, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, Luís Murat, Raimundo Correia, João Ribeiro, Augusto de Lima, Emílio de Menezes, Luís Delfino e Francisca Júlia. Aos moços do tempo esse tecnicismo do verso só interessava como um nobre documento humano de consciência artística que eles aproveitariam a seu modo e em outro sentido: no sentido das tendências impressionistas e espiritualistas dominantes. Essas tendências, aliás, já se pronunciavam indistintamente em alguns daqueles poetas luminares e em outros, como o excelso Alphonsus de Guimaraens, Emiliano Perneta, Dário Veloso, Silveira Neto, espíritos cuja afinidade com a geração recém-vinda proclamava a Poesia Nova, direta ou indiretamente aqui chegada com os decadentes e logo depois com os simbolistas franceses e belgas, todos vindo ao encontro das nossas audácias juvenis. Foi assim que daquela nova corrente emotiva, ou por influição dela, surgiram, entre nós, alvoroços e abnegações que a história literária deve cultuar pela novidade do estilo e mobilidade sintática que imprimiram à Prosa e ao Verso.

Os arautos desse advento glorioso foram Cruz e Sousa, Gonzaga Duque, Mário Pederneiras, Castro Meneses, Hermes Fontes, Leoni Ramos, Paulo Barreto, Patrocínio Filho, Paulo Araújo, Augusto dos Anjos, Faria Neves Sobrinho, Paulo Gonçalves, Euricles de Matos e outros nomes admiráveis prematuramente desaparecidos. José Veríssimo, como já disse, não se tomou de entusiasmo por essa ruidosa festa da juventude irreverente. Mas nem por isso a sua atividade literária deixou de ser edificante e exemplar por sua vasta cultura e nobreza de atitude.

A José Veríssimo sucedeu o Barão Homem de Melo, estadista, historiador e geógrafo, cuja atuação didática, durante longa existência, foi tão fecunda e benéfica a tantas gerações.

Sucedeu-o Alberto Faria, outro apaixonado da nossa história literária, principalmente no que ela tem de mais intrínseco: a sua feição folclórica. Ouvi-o ocasionalmente uma ou duas vezes em tertúlias de letrados, mas guardei forte impressão de sua franqueza expansiva e abundância erudita. Nos livros *Aérides* e *Acendalhas*, a sua acuidade de filólogo e intuição crítica, apreciando ou comentando os motivos da poesia ou das coisas idiomáticas, são obras inestimáveis para os curiosos de psicologia indígena nas efusões dos seus instintos líricos. Não há talvez maior força para a intensificação da unidade nacional que os motivos folclóricos, invocadores, como são, das origens dos povos e dos múltiplos episódios e lendas de sua vida primitiva, de suas crenças e superstições. São eles que influem no desenvolvimento de um povo e, com os fatores mesológicos, contribuem para a formação dos usos e costumes, das qualidades e defeitos comuns às respectivas populações, sem que lhes contrarie o peculiarismo gregário e, antes, individuando todas como variantes rítmicas do mesmo sangue racial. Apreciando essas influências de origem, é que podemos compreender porque, num vasto país como o nosso, tão vário na geografia e nos climas quanto unitário nos anelos gerais das populações diferenciadas, a harmonia destas se impõe como um determinismo psíquico de suas conveniências políticas; porque as próprias diversidades resultantes desse peculiarismo eventual não só fazem que elas se sintam reciprocamente necessárias, completando umas, pelos contrastes e confrontos o que falta às outras, como também lhes estimula as forças criadoras, integrando-lhes os interesses mútuos, coordenando-as na mesma orientação étnica e identificando-as na unidade espiritual da mesma língua.

Se é certo que as sociedades se regem por leis análogas às leis orgânicas, não vejo razão especulativa que justifique a secessão do Brasil. Os poetas nada sabem de política, mas sentem, pela impulsividade dos instintos, que a sua gente repeliria qualquer idéia cirúrgica de desmembramento da pátria. Uma pátria ou é inviolável como a fé que lhe deu o nome, o sangue que lhe edificou a autonomia e a honra dos filhos que a exaltaram no conceito universal, ou deixa de ser um patrimônio de tantos sacrifícios e tantas glórias para degradar-se no vulgarismo locativo de uma simples designação geográfica. O sentimento inato desta verdade, temo-lo todos nós, filhos de todas as latitudes brasileiras, que, por isso mesmo, queremos o país integral, como o quise-

ram e fizeram os seus desbravadores bandeirantes e no-lo entregaram consolidado, livre e independente, os mártires de todas as inconfidências de nossa História.

Pátria! Quisera ver-te diferente
De todas as demais do continente,
– De todas as demais de todo o Mundo.
Tens um céu tropical e um chão fecundo,
Rios caudais, terras de hulhas e rosas,
Florestas virgens, minas dadivosas,
Tudo quanto num mundo adolescente
Deslumbra os olhos e fascina a mente.

Pátria de almas ilustres e homens de ação,
Filhos de heróis de espírito cristão,
Quisera ver-te exuberando vida,
Fértil e farta e de tal forma unida
Que não sentisses descontinuidade
Nos teus instintos de brasilidade
E fosses uma só, única e forte,
De norte a sul, como de sul a norte.

Quisera ver-te, Pátria, sem rival
Na emulação da tua paz rural,
No rumor de colméia das fazendas,
Na faina dos engenhos e das moendas,
Nos teus gados à solta e na expansão
Dos teus vastos roçados de algodão.

Pátria que a vista fica a contemplar,
Ébria de azul e de esplendor solar,
Quisera ver-te e hei de te ver um dia
Inda mais alta do que eu pressentia,

Porque tens tudo, tudo que é grandeza:
Clima fecundo, fértil Natureza,
A paixão da Justiça e da Eqüidade,
O sentimento da latinidade,
O culto do Dever, o instinto são,
Os dons da forma e da imaginação,

Toda uma gente de altivez tão boa,
Que um Cruzeiro Simbólico abençoa.

Luís Carlos, sucessor de Alberto Faria e o último laureado desta Cadeira, na ordem do tempo, foi também o único que lhe deu a glória da Poesia. Quis a vossa magnanimidade que participasse eu nessa glória, sucedendo-o. Quis ainda o Destino que fosse Adelmar Tavares o meu paraninfo nesta noite constelada de sonhos vivos e mortos, como a sua "Noite Cheia de Estrelas". Rendo graças aos deuses por me haverem proporcionado a ventura de ser conduzido pelo *Caminho enluarado* dessa alma peregrina à serenidade grave e sábia da vossa Companhia. Impõe-me a nobreza do motivo por que me preferistes um duplo reconhecimento: – o do poeta que porventura vos pareceu plausível e o do homem que a boa fortuna identificou, por longa estimação e admiração recíprocas, àquele de cujo elogio posso vos dizer com Fagundes Varela:

"Qualquer o fará mais belo. Ninguém tão d'alma o faria!"

Ninguém, sim; porque ninguém conheceu tão de perto Luís Carlos nas suas qualidades e nos seus defeitos, – se são defeitos os excessos das qualidades. Uma vida é a projeção de uma alma no Mundo. Para bem conhecê-la é necessário, inda que sucintamente, considerar-lhe as contingências biológicas e as circunstâncias eventuais do desenvolvimento. Umas e outras, felizmente, não foram desfavoráveis a Luís Carlos. Era um belo tipo de homem, cujas tendências espontâneas uma boa educação soube orientar desde a infância. A educação, no meu modo de sentir, não tem maior conseqüência se o indivíduo, chegado ao estado de compreender, não submete à vontade própria as predisposições inatas. A vontade é que é a base física ou psíquica de nossas virtudes.

Filho de um casal ilustre, – Dr. Eugênio Augusto de Miranda Monteiro de Barros, e dona Francisca Carolina Werna da Fonseca Monteiro de

Barros, – Luís Carlos nasceu e criou-se num ambiente propício ao desenvolvimento daquela distinção pessoal e daquela nobreza de idéias que o sagraram um doutor da gentileza. Os seus pais participavam da intimidade da família imperial, e todos nós sabemos quanto era, de fato, uma verdadeira *elite* a alta sociedade dos últimos tempos do Império. O Conde de Afonso Celso, um dos mais notáveis sobreviventes desse período ilustre da nossa vida cultural, fez interessantes revelações, a propósito dos ascendentes de Luís Carlos, quando manifestou o seu pesar nesta Academia, pelo prematuro desaparecimento do poeta. Ouçamo-lo:

> Durante longo prazo a família dos pais e avós de Luís Carlos, então na infância, habitou prédio contíguo ao da família paterna do orador, que, mais velho do que ele vinte anos, o conheceu e apreciou desde criança – e que linda criança ele foi!
>
> O avô, de quem adotou integralmente o nome, – o Dr. Luís Carlos da Fonseca, – era mineiro, como o pai do orador, o Visconde de Ouro Preto, e, como este, senador do Império pela Província de Minas Gerais. A avó, filha da Condessa de Belmonte, camareira mor do Paço Imperial, e a quem foi confiado o futuro imperador D. Pedro II, quando nasceu, e sua professora de primeira instrução e educação, fazia versos encantadores, mas só os mostrava aos íntimos. Uma das irmãs dele, senhora exemplaríssima, esposou o hoje almirante Pedro Cavalcanti de Albuquerque, querido amigo do orador. Foram das mais estreitas as relações entre os dois lares vizinhos. Menino ainda Luís Carlos, a mãe dele, também notável, como seus ascendentes e a sua prole, pela inteligência e virtudes, companheira de infância e particular amiga da Princesa Isabel, a Redentora, enviou ao orador algumas composições poéticas do filho, indagando em carta: "Diga-me, com franqueza, se lhe acha jeito para a poesia, como o de mamãe." Respondi que os versos me pareciam magníficos para a idade do poeta, a quem augurei fulgente destino social e literário. O delicado documento de carinho maternal entreguei-o a Luís Carlos, quando ele entrou para a Academia e ele mo agradeceu chorando. O orador evoca estas reminiscências, para outros insignificantes, mas para ele caríssimas, no intuito de comprovar que o prematuro desaparecimento de Luís Carlos não só o confrangeu no caráter de homem de letras, seu irmão espiritual na Academia, como ainda lhe feriu fibras profundas do

coração que lhe dedicava um afeto algo parecido com a ternura e o desvanecimento paternais.

Nasceu poeta, como se vê, o futuro autor de *Colunas*. Não só nasceu poeta, como teve a fortuna de contar um irmão poeta, e dos melhores líricos da época, Francisco de Paula Monteiro de Barros. Os excessos românticos criaram, entre as famílias, uma espécie de terror supersticioso contra a Poesia e os pais usavam de toda autoridade no preparo dos filhos para as vicissitudes quotidianas. É possível que, por este motivo, Luís Carlos se voltasse exclusivamente para o seu curso de engenheiro e só muitos anos depois reatasse, de novo, o ritmo de sua vocação literária. Durante essa longa ausência, as Musas não se teriam molestado com as Matemáticas? As primeiras eram uma vocação; as outras uma contingência. Mas todos nós temos que obedecer a essa contingência e nem por isso precisamos renegar os impulsos estéticos de nossa natureza. A vocação, sendo inviolável, não vacila e os obstáculos, na maioria das vezes, a estimulam. Luís Carlos é uma prova do quanto a vocação pode aproveitar até mesmo a riqueza técnica, amoldando-a aos seus fins.

DESTINO CÉLERE

As energias do meu ser congrego-as
No anseio de furtar-me a vãs demoras;
Segundos, para mim, minutos e horas
São metros, são quilômetros, são léguas...

Pautam-me a vida os trilhos como réguas,
Por sobre cujas féveras sonoras,
Dias e noites, vésperas e auroras,
Jungido ao trem, vivo a correr sem tréguas...

E, enquanto, assim, desgasto a argila impura
Em terra, sinto em mim que, mais aflito,
O espírito, buscando o ideal na altura,

Sobre o alado corcel do velho mito,
Num galope fantástico procura,
Através do infinito outro infinito...

Logo depois de formado e iniciado em sua carreira pública, passou ele a exercer as suas funções no Estado de Minas. Estava em plena primavera de vida e de coração, graças a um casamento feliz. Essa existência pura e tranqüila favoreceu-lhe o aperfeiçoamento profissional e a cultura geral do espírito.

Favoreceu-lhe principalmente a comunhão ou, antes, a união emocional com a Natureza. O ambiente não podia ser melhor. Minas é um milagre de horizontes espetaculares para o olhar, e para o espírito, toda uma evocação de dramaturgia histórica. É sempre o mesmo desafio à volúpia mirífica da visão que se multiplica e amplia com a variedade telúrica dos seus aspectos e a fascinação de lanterna mágica dos seus céus cromatúrgicos. É sempre a mesma sugestão cívica para quem lhe recorda os lances de heroicidade sangrenta em holocausto à vitória, inda que tardia, da nossa libertação política.

HORIZONTES

Horizontes vastíssimos de Minas
– Volúpia eterna dos contempladores,
Vibram, na transfusão de vossas cores,
Claras sonoridades matutinas.

Sois formados, talvez, de sensibilizada
Contextura sutil de pétalas cheirosas,
Porque em vós se pressente o olor que a madrugada
– Borboleta do Céu espiritualizada –

Com dois raios de sol, como antenas radiosas,
Dissolve nos jardins, desabrochando as rosas!
Quando os olhos mergulho em vossa calma

E longínqua alagoa policroma,
Tem-me o corpo a feição de erma redoma,
Porque me vai, dentro dos olhos, a alma!

Ambiente, como se vê, de pura brasilidade. Foi inefável a sua influência na imaginação de Luís Carlos. Ele guardou, para o sempre, na retina e na alma, essa impressão de grandeza e serenidade. Enquanto nos centros intelectuais se discutiam escolas e se injustiçavam reciprocamente parnasianos e simbolistas, Luís Carlos se entretinha consigo mesmo e compunha os seus poemas sem outros cânones que os ditados pelos próprios estremecimentos íntimos. Identificado, por bem dizer, com a majestade daquele meio físico e com as doutrinas clássicas, a única forma que convinha às suas idéias e emoções era a tradicional. Entre os poetas, já então considerados mestres, preferiu Alberto de Oliveira e Augusto de Lima; o primeiro, por seu panteísmo imagético; o segundo, pelo surto haekeliano da imaginação cósmica. Também os dois luminares do Verso souberam estimar o discípulo amado.

O primeiro, o Príncipe dos Poetas, disse-lhe em carta: – "Seus versos, como as rimas, não cedem em lavor aos mais apurados. Se o tempo, consoante autorizado juízo, não respeita senão as obras em que entra como colaborador, estas *Colunas,* lavradas com tanto desvelo, não são das que facilmente se derrocam; se tal se desse, até as pedras, as preciosas e sonoras pedras que as formam, clamariam contra o atentado."

O segundo, cuja memória estará sempre viva neste Cenáculo, pelo impressivo e imprevisto dos seus arroubos panteístas, não foi menos eloqüente: – "Poeta de grande estro, servido por uma imaginação privilegiada, conhecendo bem a língua e sabendo tirar dos temas mais simples os efeitos mais comoventes, o Sr. Luís Carlos tem já pronto um formoso livro a que deu o título de *Colunas* e em que há versos de uma grande beleza interior e modelados com perfeita maestria."

Não obstante o seu culto por esses dois nomes gloriosos, Luís Carlos tem expressão própria, como todo verdadeiro artista. Nela é que está o cunho da inteligência ou da sensibilidade pessoal. A expressão poética é a fisionomia da nossa alma. Na poesia, como na Música, a faculdade inventiva é tão interessante ou menos que o processo verbal, com seus arranjos e combinações prosódicas, suas alegorias e símbolos, suas cadências e ritmos. É ela que

comunica a quem lê ou ouve a mesma disposição lírica em que o poeta concebeu e viveu intimamente o seu poema. Desde que o verso produza o milagre dessa consubstanciação lírica, isto é, se imponderabilize com a idéia ou com o sentimento que queria transmitir a outrem e consiga transmiti-lo, não vejo como diferençar o pensamento da sua plasticidade expressional, ou seja, a idéia da forma; pois transmitimos nossa emoção a estranhos tal como a havíamos recebido e desejavamos que eles igualmente a compreendessem e sentissem como nós.

Parece, pois, que aquela distinção é mais teórica que real e só tem personalidade estética quem é capaz de se objetivar distintamente, individualisticamente.

O autor de *Colunas*, *Astros e Abismos* e *Amplidão* satisfaz, como raros, essa condição ingênita a toda obra de arte realmente duradoura.

É, por suas faculdades líricas de ideação e estilização, um poeta autêntico.

Mereceu a consagração dos críticos, da imprensa, da *elite* espiritual das duas últimas gerações.

Mereceu-a, porque tinha emocionalidade inata e sabia comunicá-la. Sua lira foi bem um septicórdio.

Quando quer, orquestra estrofes sonoras e vivas como um brasileiro, estrofes cujos efeitos prosódicos dão a impressão cromática do calor de verão dos meios dias tropicais.

SERTÃO

A canícula escalda... Espadanando adusto
No espaço os raios crus, relumbra, a pino, o fausto
Do Sol. A terra esturra... O vegetal, exausto,
Se estorce, sopesando a ramaria a custo!

Alastra o amplo deserto a estagnação de um susto.
Algares e álveos nus soltam, na ânsia de um hausto.
O bafo bochornal, que exsica o solo infausto.
Tudo estarrece, ao sol, num sofrimento augusto!

Um boi galgaz estrinca, ao longe, a agra caatinga.
Numa heróica ilusão, vingando todo o estorvo,
Em busca de um marnel, onde água, enfim, distinga!

E por sobre a amplidão do panorama torvo,
Num sarcasmo feral, porque o sol já se extinga,
Surge a noite à feição de um formidável corvo!

Quando é outra a sua emoção, este mesmo aguafortista se transfigura no pintor das tardes brasileiras, em cujas perspectivas seráficas parece que o desmaio das claridades tem melancolias a Schumann.

Sossego... Hesita o Azul... Timidamente,
Vésper espia, no alto, e, embaixo, espia,
Agonizando atrás de uma vertente,
O Sol, entre os troféus finais do dia...

Seguindo o rubro funeral do poente,
A sombra alastra a Altura... O tempo esfria.
Vibram, pelo ar, as coisas sutilmente
Uns vagos sons de estranha melodia...

Calma... Já pela síncope do ocaso
O dia apenas transparece raso.
Espessa, a noite cerra-se e flutua...

No espaço há um calafrio rutilante...
Calma... Como um suspiro do levante,
Entre silêncios vem surgindo a lua...

Qualquer das cordas do seu instrumento produz a mesma encantação. Nesta encantação Luís Carlos teve momentos de pura extasia. A sua intuição de poeta apreende, aqui e ali, motivos, cuja beleza realiza com imagens ou analogias inéditas. São verdadeiras criações. Para o seu impressionismo há sempre combinações imprevistas no mundo sensível. Sabeis, meus Senhores,

que a razão conhece o mecanismo lógico dessas combinações ou correspondências; porém, somente a curiosidade intuitiva pura e divinatória do poeta entrevê ou julga entrever essas afinidades esotéricas das coisas. Não só das coisas consideradas objetivamente, mas das suas relações com a nossa imaginação criadora, em cujo espelho interior como que tudo se reflete, integrando-se à pura espiritualização. Para interpretar e exprimir esses estados de alma é que os poetas se servem de processos indiretos, sugestões, imagens, metáforas. A metáfora é uma ênfase lírica. Só as almas reférteis de beleza, cheias de graça, isto é, de sensação imediata e de visão instantânea, conhecem esses recursos mágicos de dizer os seus enternecimentos imortais. Para elas cada palavra já é, em si mesma, uma metáfora, senão uma entidade móbil e múltipla nos efeitos de sua significação musical e léxica. É um poeta, e verdadeiro, todo aquele que tem esse dom evocador, revelador ou criador de metáforas – dom que a cultura pode aprimorar, mas que só os deuses conferem. Luís Carlos tinha essa riqueza de metáforas, conseqüência de um temperamento exuberante. Tinha-a nos livros de versos, como nos outros. No prosador de *Encruzilhada* e do *Rosal de Ritmos* há toda a floração verbal do poeta de *Colunas, Astros e Abismos* e *Amplidão*. O seu estilo é um só. A imaginação é sempre a força dominante no desdobramento dos assuntos. A cor, o som, a luz e a sombra são inerentes à visualidade tropical de Luís Carlos. Para ele, escrever é, antes de tudo, impressionar. Não resiste à eloqüência que Deus lhe deu. O escritor é um pintor. Sua pena é uma paleta e prefere a imagem ao desenho, o esplendor do vocábulo à seqüência fria do raciocínio. Para ele, a emoção é que convence, é que interessa, é que persuade. Para ele o que orienta a inteligência criadora é o sentimento, origem e fim de toda emoção. Para comunicar esse sentimento aos outros, o artista se serve do seu temperamento. Se este varia com os indivíduos, fora um contra-senso criticar tal ou tal autor por ser tal ou qual a sua feição psíquica. Seria o mesmo que obrigá-lo a deformar a própria emoção. Também pensei sempre assim. Por isso, a meu ver, o direito de crítica termina onde começa o senso subjetivo do crítico. Precisamente porque não há mais alta e nobre função na vida literária, é que os espíritos eminentes que analisam e interpretam devem ter toda cautela para não transpor esse limite. O conhecimento e a emoção neles devem ser tais que se compensem e compreendam, graças à razão pura, a psicologia de cada

artista. Só assim serão meritórios os seus conceitos. É com razão que a Sra. Albertina Berta, a este propósito, diz no belo estudo que fez da obra de Olavo Bilac que "nas literaturas adultas, os críticos autênticos granjeiam a admiração e o respeito, a estimação de iniciados e leigos pela afabilidade, pela competência e pelo discernimento". Se Luís Carlos tinha no sangue a paixão da imagem e da metáfora, o seu estilo não poderia ser outro e suas metáforas nada perderão com isto, desde que sejam como são, espontâneas e perfeitas, isto é, desde que exprimam, como exprimem, ao justo, os seus entusiasmos ou as suas angústias, seus desfalecimentos ou suas exaltações. Há uma virtude da qual o escritor não declina, nem pode declinar: ser ele mesmo, com todas as estranhezas que lhe notem, desde que a sua consciência não o acuse e a sua fé não admita outras inspirações senão as oriundas de seus ditames infalíveis.

Foi esse predeterminismo fatal que impressionou quantos conheceram Cruz e Sousa. Ninguém, como este poeta estranho, viveu entre nós o "Sentido do Azar e o conceito da Fatalidade", que a argúcia introspectiva de Félix Pacheco viu tão nitidamente no psiquismo inelutável de Charles Baudelaire e do qual dotou nossa literatura ensaísta de um dos mais incisos estudos de crítica psicanalista. Cruz e Sousa também tinha a paixão da imagem e da metáfora. – Paixão irresistível e que era, de certo, o tormentoso fragor de seu sangue de Dante Negro. Os Guelfos e Gibelinos da Crítica o desdenharam por seus excessos verbais; mas a sua locução não podia deixar de obedecer à passionalidade arterial das suas volúpias e tragedismos atávicos. Felizmente os admiradores íntimos, Tibúrcio de Freitas, Félix Pacheco, Saturnino Meireles, Nestor Vítor, Maurício Jobim, Castro Menezes, Paulo Araújo, Gonçalo Jacome, Carlos Dias Fernandes, Euricles de Matos e outros lhe salvaram as obras que foram todas editadas e exalçaram-lhe o nome, que a revista *Rosa-Cruz* ostentosamente glorificava em cada publicação. Hoje, graças à evolução geral das idéias e aos sacrifícios pessoais que concorreram para ela, a crítica já é mais humana e aprecia, compara, comenta, pondera, coteja diferenças e julga, muita vez, com simpatia surpreendente as concepções mais esquisitas. Antes assim. "Há certamente erros estéticos, diz Edmond Barthelemy, mas mesmo as literaturas em que excedem, as coisas não são tão falsas como geralmente se pensa." Parece-me que a crítica está adotando mais ou menos este

conceito eclético. Antes assim, repito, porque tudo leva a crer que a preeminência de imaginação e de sentimento é que individualiza as nossas ideações e realizações artísticas, imprimindo-lhes forma e significação originais. O caráter de cada escritor, isto é, o que há na sua natureza emocional fundamentalmente inflexível às contingências externas, têm de se trair nas suas obras como na sua própria fisionomia; porque, pois, lhe desmerecer a expressividade real, quando não pode ter outra, se for sincero ou não confundir arte com artifício, estilo com virtualismo sintático?

A falta deste critério foi que levaram tantos espíritos ilustres a acusações injustas ao Romantismo, considerado por eles mesmos como uma atitude filosófica, uma espécie de afetação voluntária dos próprios sentimentos.

A verdade é que o Romantismo era, antes de tudo, uma crise sentimental dos homens de 1830, tal como a rapidez poderá também ser diagnosticada amanhã como um mal do nosso século de naus-aviões e cavalos-motores. Tanto assim era que cada poeta imprimia às suas locubrações um timbre unipessoal impossível de ser confundido com o de qualquer dos seus êmulos. Musset, Victor Hugo, Lamartine, Théophile Gautier, todas essas almas de gênio são tais justamente pela pessoalidade que cada qual comunicava a seus versos em tudo semelhantes aos de seus pares, menos na substância íntima dos ritmos. Esta consideração pode ser feita relativamente aos parnasianos. Leconte de Lisle, Heredia, Sully-Prudhomme, Catulle Mendès são tão admiráveis na perfeição escultural das estrofes, quanto inconfundíveis na virtualidade emotiva que os distingue entre si. Vê-se, por aí, que o versilivrismo não surgiu da carência de outro instrumento capaz de pessoalizar os executantes, mas por motivos de natureza psicológica e que talvez coincidissem com a nova orientação filosófica a que Bergson acabara imprimindo tanta beleza dialética e subtileza persuasora.

Não há, pois, como desdenhar a forma literária porque seja linear e subtil, como em Machado de Assis ou transbordante e ruidosa, como em Castro Alves, Olavo Bilac, Cruz e Sousa, Luís Carlos. O temperamento será sempre a dominante psíquica entre as múltiplas energias que concorrem para a formação do que pensamos ou sentimos. O de Luís Carlos poeta e o de Luís Carlos prosador revela-se o mesmo, sem que deixe de lhe caracterizar especificamente as estrofes e os períodos, segundo imperativos

estéticos que tornam antônimas as duas formas de elocução. Realmente há prosa e verso. Nenhuma inteligência confunde emoções de natureza tão diferente. A mesma individualidade pode sentir uma ou outra e exprimi-las com as mesmas vibrações emotivas, mas estas não teriam forças para lhes desvirtuar o estilo e os fins específicos. Os grandes poetas e grandes prosadores, como Bilac e Humberto de Campos, são igualmente sonoros e claros em todas as lavras da sua pena prismática: poesia, conferências, crônicas, novelas. A elocução lhes vem da mesma fonte de encantações verbais. Apenas é onímoda.

* * *

Foi Castro Menezes, cuja morte prematura privou nossa geração do seu talento mais fulgurante, quem primeiro me falou de Luís Carlos.

– Não o conheces? pois é um grande poeta. Substituiu – porque Luís Carlos é engenheiro – o Pégaso pela Locomotiva.

Aludia, sem dúvida, à exuberância do seu estro. E contou-me, com a verve de seu espírito expansivo, como o conhecera em São Paulo. Fora ouvir Luís Carlos a propósito de tarifas da Central do Brasil e passaram, em seguida, a palestra, durante a qual descobrira o poeta.

– Um poeta autêntico e dos maiores da nossa grei.

Meses depois Luís Carlos vinha desempenhar, no Rio, na alta administração daquela Estrada, as funções de Chefe do Movimento. Fui recebê-lo e abraçamo-nos, como velhos amigos, porque Luís Carlos já havia lido o meu livro *Solitudes*. Daí por diante a convivência estimulou cada vez mais a nossa cordialidade. Durante o dia, era o trabalho em comum na repartição. À noite, o entretenimento literário em sua vivenda. Verifiquei que Castro Menezes não lhe exagerara os méritos. Fizemos a leitura do seu grande livro *Colunas*, cujos sonetos e poemas ainda estavam manuscritos e emendados, corrigidos, denotando tudo sério labor e viva ansiedade de perfeição. O meu entusiasmo por um poeta de emoções tão espontâneas e expressões tão corretas induziu-me à idéia de procurar-lhe editor. Luís Carlos não acedeu senão depois de muita insistência minha e reiterada afirmação de que seria absolutamente triunfal a sua estréia. Apresentei-o ao livreiro Jacinto dos Santos, que se louvara no calor dos meus prognósticos. E jamais esqueci o

meu desapontamento nessa ocasião; pois, enquanto o editor se regozijava com a preferência que lhe dava o editando, Luís Carlos fazia tudo para convencê-lo dos grandes prejuízos comerciais que possivelmente lhe poderia causar.

– Compreendo perfeitamente, dizia o Jacinto. O Sr. Dr. Ainda não é um nome lido nos jornais e revistas daqui. Mas eu sei que é um grande poeta.

– Pois bem! concluiu Luís Carlos, depois de longa reflexão: assinaremos o contrato, uma vez que fique explicita a obrigação da minha parte de reparar os prejuízos que porventura o amigo venha a ter.

O Jacinto olhou-me espantado. Na sua longa vida de trato comercial com autores inéditos, certamente nunca encontrara um só que lhe fizesse exigência de tal natureza: reembolsá-lo de possíveis prejuízos nas respectivas publicações.

Percebendo-lhe o espanto, intervim: O Dr. Luís Carlos é assim mesmo.

– Sem dúvida! exclamou Luís. Nunca me conformaria com a idéia de ter prejudicado a quem, como o nosso amigo, tão generosamente confia no meu nome.

O Jacinto concordou, como se vê, com a cláusula leonina e recebeu os originais.

O livro foi dado à publicidade, com extraordinário êxito de livraria e de crítica, êxito que, aliás, ele já tinha obtido nesta mesma Academia, na memorável sessão em que o nosso mestre Augusto de Lima tão eloqüentemente atraiu a vossa atenção para o grande poeta, cujos sonetos mereceram a honra da sua leitura e a glória dos vossos aplausos. Foi o grande acontecimento da vida literária de Luís Carlos. Viu, sentiu, compreendeu que a Academia Brasileira o recebera de alma aberta, sem nenhuma prevenção contra a sua engenharia, reconhecendo que ele realizara o milagre de harmonizar os ruídos mecânicos da locomotiva com os ritmos vivos do coração. Ele os conservou em equilíbrio, uns e outros, graças ao domínio que tinha sobre si, como técnico, e a sua justa intuição de beleza, como poeta. Tudo no homem, como no autor, guarda essa mesma equivalência. Perfeita harmonia de sua varonilidade plástica e sua sensibilidade. Força e bondade proporcionais. Combinavam-se, ao justo, nele, a gentileza e a cultura. A ética profissional não lhe alterou a

afetividade. A hierarquia fê-lo menos um chefe que um ídolo dos homens mais desiguais pelas origens e condições. Numa hora em que se discutia toda autoridade, a sua era um dogma para a multidão dos funcionários e operários da maior ferrovia nacional. É que essa autoridade tinha o seu fundamento na única lei que todos respeitam: a equanimidade. A equanimidade era o segredo aberto de sua vida, como foi e é toda a beleza de sua obra.

Não pude, Senhores, diferençar uma de outra. Verifiquei, durante longos anos de convivência quotidiana, que as ações do homem nunca divergiram dos sentimentos do poeta. As suas palavras eram tão belas como os seus atos. Com as primeiras abriram-se lhe as portas deste cenáculo; com os segundos afeiçoaram-se lhe todos os corações. Foi uma vida tão ilustre pelas obras, como edificante pelos exemplos. Em Luís Carlos equivaliam-se a Bondade e a Inteligência. Nenhum homem, como sabeis, pode ser apreciado fora das influências em que nasceu e se lhe cultivou o espírito. Essas influências são múltiplas. Não lhe alteram, talvez, o caráter; mas ou se harmonizam ou se não harmonizam com ele. Nesta última hipótese é preciso uma rara longanimidade, para que os indivíduos superiores conservem intangíveis as excelências do espírito, embora já estejam elas no sangue e constituam a razão atávica do seu destino ulterior.

A pluralidade das aptidões implica as desigualdades das condições individuais e sociais, causa das revoltas e conflitos de toda espécie. Mas isso é conseqüência de nossa condição de seres incompletos e imperfeitos, seres que só a ação redentora da Dor pode melhorar, induzindo-os à Consciência Universal de sua verdadeira destinação. Harmonizar neste sentido as inclinações e as idéias gerais, é a aspiração da Pedagogia, tão eficiente nas almas nobres, quanto precária nas inferiores. Estas vão resistindo a todos os recursos da Escola, mas nem por isso deixam de evoluir consciente ou inconscientemente pela própria ação do tempo. Essa evolução é lenta. A grande maioria fica sempre muito longe de compreender a *elite* dos contemporâneos. Daí, o drama íntimo de certas almas em seu convívio com a gente vulgar. Os poetas viveram esse drama em todos os tempos: uns ruidosamente, outros em silêncio. "Não ser conformista! eis o grande crime", exclamava Baudelaire. É o grito de todos os verdadeiros artistas. Eles têm um ideal e é a multidão que deve subir para aplaudi-lo, e não eles descerem para lisonjeá-la; porque, para

os artistas só há uma hierarquia: a inteligência. Toda a gente a encarece e deseja, mas raros a reconhecem e estimam.

As idéias e realizações deste século impressionante transformaram as condições sociais, mas não melhoraram a Psicologia individual. O acréscimo, que nos trouxe ele, em riquezas e utilidades, não compensa a cupidez mórbida em que nos lançou e a evolução da inteligência tornou mais lúcida e lancinante a nossa emotividade. Se há mais rumor e beleza na vida, o anelo de tudo absorver é mais insopitável, e a dor das possíveis decepções dos que confiam na própria coragem, e abatem, adquiriu acentos de angústias e inquietações jamais suspeitadas pela acuidade da tragédia clássica. É bem verdade, Senhores, que o homem moderno pode dizer com Goudal: "Este planeta não é tão desproporcional com o ser que o habita. Já é possível abrangê-lo todo de uma só vez. O avião pode fazer a volta ao mundo em alguns dias. Um radiograma nos informa de tudo quase instantaneamente. Conversarei, em breve, com meus vizinhos antípodas e o cinema me apresentará, na realidade viva dos minutos, os mais longínquos acontecimentos."

Sim! É bem verdade que a técnica fez tudo isso, mas prejudicando a atividade das energias afetivas, mas levando o Mundo ao caos deste momento de apreensões, para o qual não se discerne solução, mesmo porque o homem medíocre domina a massa igualitária e há crise de gênio como carência de fé. Viver intensamente essas tribulações da alma moderna e guardar, como um príncipe, nas palavras e nos atos, nos motivos e nos gestos, a fé jurada ao gênio da Raça – eis aí uma excelência de espírito que explica a admiração humana pela figura fraternal de Luís Carlos. Ele soube ser uma afirmação cristã da nossa gente. Numa hora negativista, de confucionismo invasor, quando a inexperiência dos moços se deixava contagiar pelo mentalismo infrene dos iconoclastas, ninguém melhor do que ele soube ser brasileiro na ternura por nossas coisas, na magnanimidade de nosso caráter, na confiança em nossa índole, na certeza da vitória de nossa têmpera de três raças caldeadas nas rudes etopéias marujas, no sacrifício do sangue líbio e na intrepidez nativa do gênio selvagem. A sua ascendência pessoal, nesse sentido, foi tanto mais viva quanto a nova geração o queria e admirava, como uma síntese que era, da força e da indulgência – as duas linhas verticais da Brasilidade. É, pois, para mim, um grande contentamento proclamar um ser tão nobre e comentar a

imaginação, a suntuosidade verbal e a ternura lírica da sua obra literária. Se a vida de Luís Carlos foi tão edificante de bondade, a sua literatura não foi menos eloqüente de beleza. Para Luís Carlos nada existe sem uma razão de ser. Graças a essa simpatia por tudo, sua Musa é rica de imagens novas e imprevistas. A crítica dificilmente encontraria um livro, como *Colunas*, no qual a alma do Poeta e do Homem estivessem em tão perfeita correspondência. Luís Carlos mereceu da Fortuna, sempre tão avara para os artistas, esse equilíbrio quase providencial do espírito e do coração. Tudo em seus poemas é harmonia da razão e do sentimento, da idéia e da forma, da inteligência e do instinto. Vivendo numa hora tão atormentada e entre outras almas tão diferentes, a sua soube manter, inalterável e pura, a mesma poesia de nobre elevação, culto a estética da língua, amor à forma perfeita e paixão por todos os anseios da criatura humana no que ela tem de excelente nas idéias, nos sentimentos e nas exaltações magnânimas.

A compreensão filosófica que tínhamos da vida era a de duas almas afins. Eu não posso deixar de recordá-la neste momento votivo.

Toda a beleza espetacular do mundo visível, com o ritmo eterno das estações, com o múltiplo esplendor dos dias e a solitude misteriosa das noites, nada significaria para nós, se não fosse uma representação profusa do nosso espírito. Em si mesmas as coisas não têm realidade emotiva. É a sua correspondência com o cérebro e o coração que as torna interessantes ao nosso destino. Excluído da vida moral, que é uma volúpia do perfeito, o universo seria um grande nada.

É nossa natureza imortal que lhe ausculta as forças latentes, estuda-as e compreende, como nas folhas de um livro de ilustrações, os signos vivos deste mundo. A poesia não está nas coisas, mas em nós. Só tem substância eterna aquilo que nós sentimos. É nisto que estão a nossa grandeza e a nossa miséria. E a Poesia é precisamente esse diálogo de esfinges entre o Homem e a Natureza. Pouco importa que os espíritos fáceis desdenhem dessas cogitações. Elas não são frutos da Vaidade. Como atribuir à vaidade a avidez de conhecer a vida para gozá-la em toda a sua plenitude feliz? Esse desejo é a substância mesma de toda ideação.

A ciência é ele realizado ou realizando-se no mundo das conjecturas, como a Arte e, especialmente, a poesia, é ele feito volúpia dos sentidos e do

espírito, exaltação, desespero, arrependimentos, remorsos, fome e sede de santificação.

É certo que hoje, mais que nunca, a humanidade parece entregue exclusivamente a paixões e a instintos de outra ordem. Mas notai bem que ela não é sincera. Pelo contrário. É uma fase de transição, que estamos passando nessa crise de alma humana, nessa paixão de riqueza material que faz da vida intensa uma tragédia de todo instante. Tanto é verdadeira esta impressão que os homens em sua generalidade pensam e sentem de um modo, agem e realizam de um outro. É o desacordo entre a consciência e os atos, impressivo sintoma de uma civilização incoerente. A vida não é, não pode ser essa obsessão do Rei Midas. Há interesses legítimos, como os há ilegítimos. Os primeiros não exigem, nem justificam a desarmonia entre os atos e a dignidade de seres livres e nobres. É essa noção do verdadeiro utilitarismo que o nosso século esqueceu. O que todos vemos, no geral, é a simulação e a dissimulação, ao invés de sentimentos equânimes e fraternos. Todo um sistema de pragmáticas e fórmulas desvirtua os intuitos e as aspirações superiores.

Multiplicam-se, assim, as causas de aflições, os motivos de desgostos, e as almas delicadas têm a sensação de vazio num mundo alheio a todos os bons pendores e onde tudo é instabilidade, inquietude, angústia, vertigem, insatisfação. Por isso mesmo a nossa sensibilidade tomou proporções desconhecidas e a poesia de agora, a poesia moderna, tem acentos de profunda melancolia.

O mundo, Senhores, é uma matéria plástica para a nossa imaginação. Trabalhá-la a camartelo, vivê-la na realidade impressiva das tintas, transformá-la nas retortas dos químicos, transfundi-la no milagre audível da música, estilizá-la como Flaubert, dar-lhe a eloqüência litúrgica das Basílicas e, na síncope do verso, imprimir-lhe o ritmo do próprio coração, – eis o grande dever, a nobre missão messiânica da Inteligência.

A Graça divina não nos deu somente a Vida, mas também esse vasto cenário de maravilhas para a volúpia insatisfeita da nossa curiosidade. A virtude estética está precisamente em saber contemplá-lo e exprimi-lo.

O poeta é uma voz íntima de tudo isso. É um temperamento autêntico, um revelador e um refletor do eterno. Para tanto não lhe basta a maestria da composição. É preciso que esta lhe brote das estrofes animada da própria

substância cardíaca dos ritmos... Como um ser vivo que é, se a sua composição não trouxer da gênese espiritual condições intrínsecas de seu próprio sangue, os versos não resistirão às vicissitudes do tempo.

A finalidade do Poeta é imanente. Como os temperamentos são tantos quantos são os homens, a poesia tem necessariamente de apresentar múltiplos, indefinidos aspectos. É tão natural a poesia da dor como a do entusiasmo, como a de quaisquer outras efusões líricas ou dramáticas.

Na Arte, como na Vida, não há hipocrisia impune. Iludem-se os intrusos que pensam confundir a multidão com uma angústia fingida ou que não tem raízes vitais em sua natureza imortal. Direi o mesmo dos temperamentos tristes que pretendem dissimular seu próprio psiquismo com uma efusão eufórica tanto mais débil quanto menos espontânea.

Sem sinceridade é impossível comover, persuadir, exaltar.

O artifício não dura mais que um minuto. Trai-se a cada instante. Pode, quando muito, criar fantasmagorias verbais. Nunca fará estilistas e, muito menos, poetas. Deslumbrará ingênuos ou leigos; mas será sempre vaidade, frivolidade, habilidade, invencionice. A poesia não é uma vaniloqüência e só aqueles que não são poetas, por fortuna ou infortúnio, poderiam julgá-la uma sublimidade ilusória.

Há almas que vivem e morrem de êxtases e de enternecimentos. Como compreendê-las? Como defini-las? O que delas sabemos é somente o que têm de visível. Ignoramos, ignoraremos a sua verdadeira substância, que é um segredo inviolável para elas mesmas. Luís Carlos era uma dessas almas. Tudo conspirou para fazê-la plenamente feliz. Tê-lo-ia sido? Não sei.

Para além da concepção egoística de felicidade há em certos seres eleitos carência absoluta de outros bens irreconciliáveis com as contingências planetárias. Também essas criaturas não são tão ingênuas que se recriminem ou culpem o mundo por serem tais. Preferem a resignação estóica à rebeldia estéril. Para elas, como disse Luís Carlos, o triunfo máximo está em florescer a frutificar em bondade e beleza, sejam quais forem as intempéries de cada dia. Pouco lhes importa o mais. Infelizmente a trepidação da vida raro permite que elas se mantenham na plenitude de sua espiritualidade. Daí, essa tristeza tácita, cuja causa obscura elas mesmas não percebem. Era o recôndito mal que Luís Carlos sentia e aceitava sorrindo como uma condição necessária à pró-

pria perfectibilidade. Dele, nele e por ele viveu, sofreu e morreu, cercado da glória de "profeta da Beleza e apóstolo da Bondade" na síntese feliz de Gustavo Barroso:

SUPREMO TRAVO

Esta muda tristeza indefinida,
Que prematuramente me envelhece,
Dando-me ao ser a contrição da prece,
Dando-lhe à vida a sombra da outra vida;

Este surdo pesar, que me intimida
E o ânimo quente, aos poucos, me arrefece,
Colhendo lágrimas em larga messe,
Sempre à mesma recôndita ferida;

É a condição da minha essência humana
E sente-a, apenas, quem, no curso incerto
Da existência falaz, nunca se engana;

Quem não vibra à ventura, que tem perto;
Quem, no seio de alegre caravana,
Compreende a sós a mágoa do deserto.

Este supremo travo, sentimo-lo também todos nós que vivemos esta hora espectantemente interrogativa. Como não senti-lo num momento de desespero das idéias e paroxismo das ações? Se os métodos, se as fórmulas, se as sínteses de nossa cultura cristã vacilam contra a anarquia dos instintos, como não sentir esse supremo travo? Por absoluta que seja a confiança no futuro da Ciência, não é menor a angústia de respirarmos um outro ambiente cujas impressões nos desolam de tão estranhas à atmosfera normal de nossa alma. Felizmente, como diz Joaquim Gasquet, há uma lei de constância lírica que mantém em estado de virtude poética as sociedades decadentes. O poeta é o intérprete dessa lei de constância lírica. Inda que tudo vacile, a virtude

recôndita da vida vibrará sempre nos entusiasmos ou nos desfalecimentos das suas estrofes. Vibrará com essa espontaneidade que não trai os corações e antes os identifica no mesmo sentido oculto do Destino. Sendo assim, pouco importa que as impressões, as emoções, os conceitos do poeta variem segundo a percepção de cada um. Nessa variação é que está a sua riqueza emocional. Seus desesperos ou suas resignações, suas crenças ou suas dúvidas involuntárias são outras tantas manifestações subterrâneas da beleza viva.

Bergson, concebendo a evolução criadora, teve um desses instantes de intuição profética, e o poeta não é mais que a expressão sonora dessa vertigem das almas e das coisas. Na coragem do seu sangue ardem todas as energias da Raça. Ele mesmo não atina com as causas incógnitas desses frêmitos fecundos; mas obedece às suas influências recônditas como a tudo que é determinado pelo seu gênio. O poeta pode não ser compreendido, porque nem todos os homens estão no mesmo grau de lucidez espiritual. Mas a sua voz será sempre anunciadora de uma verdade que a Ciência dirá cedo ou tarde. Há, com efeito, dois meios de conhecer: a intuição poética e a observação material. "As diferenças existem, diz Duhamel, mas somente na base; e no supremo céu da Idéia, Claude Bernard está sentado ao lado de Dante."

Aquele que trouxe das origens essa angústia de ser, não pode fugir às intranqüilidades e fragilidades do coração. Sua natureza eminentemente comunicativa tem carência de viver todas as alegrias e todas as lágrimas, porque todas as criaturas são igualmente dignas de amor e de piedade. A poesia é também um ofício divino. O ritmo é o ritual de suas oblações líricas.

Deus, com a sua presença invisível e a sua misericórdia por nossas fraquezas, assiste, de certo, à consagração mística da alma e do sangue propiciatório do Poeta. A inspiração é uma graça. Para alcançá-la ou merecê-la é preciso sofrer, como é preciso amar, e a alma do Poeta, como a Natureza no verso de Da Costa e Silva, é "tanto mais virgem quanto mais fecunda".

Sim! A Poesia é uma obra de Arte e de Fé, – uma obra de verdade e beleza ao alcance de todas as almas. É a revelação do Perfeito e do Imortal, tanto quanto podem caber um e outro nos movimentos rítmicos de uma estrofe:

Para além das virtudes transitórias;
Do luxo, dos brasões, do ouro e das glórias;
De tudo que é grandeza entre os mortais,

Há nossa estrela eternamente acesa,
Iluminando a mística beleza
De sóis e céus que não terminam mais...

Não creio que essa estrela se apague como as outras. Sejam quais forem as perspectivas futuras, o homem de amanhã viverá, como nós, os dramas da Razão e do Sentimento; sentirá as mesmas vertigens ou os mesmos deslumbramentos diante da Natureza e se auscultará com a mesma perplexidade com que nós outros nos auscultamos. Sua estrutura será mais forte que a nossa e seu cérebro talvez trepide como um dínamo. Outra vontade, outras forças, outras energias, outras ações e reações psíquicas lhe darão certamente outras impressões do mundo sensível e novas e imprevisíveis concepções do Amor e da Morte. Mas nem por isso deixará de ser o mesmo joguete das realidades e das utopias. Sua imaginação refletirá sempre, como as "Kodacks", as mesmas aparências falazes e sua volubilidade continuará eternamente insatisfeita consigo mesma. Permanecerão, pois, nos séculos a vir, os motivos íntimos dos outros séculos e a Poesia prosseguirá a sua missão civilizadora.

Senhores: há na minha sala de estudos uma cabeça de Cristo. É de Leonardo Da Vinci. Não precisaria dizer que é de um gênio, tal a sua estranheza. Para concebê-la e realizá-la, fora mister que, ao menos, no momento sublime, o Artista vivesse a Divindade tangível do único homem sem culpa. Só a Arte é capaz desses prodígios. Como os processa, nenhum alquimista da inteligência o saberia. Quero crer que o próprio Da Vinci quedava, muitas vezes, maravilhado, diante dessa imagem. É que já tinha descido do Tabor. Sim! a Arte é uma transfiguração. Transfiguração interior das almas de gênio para as outras. Aquelas são a única luz que não é deste mundo; estas, o espelho material que reflete ou refrata essa luz. Umas são a Aristocracia que nos provisiona de força, paciência, fecundação, vontade, coragem, ciência e beleza; as outras são a multidão que escuta, espera, sofre, confia, admira.

Encontraríeis na Paraíba, a Verônica do Nordeste, representantes autênticos dessa Aristocracia. Há entre os meus conterrâneos, gente de vontade heróica e consciência do dever, característica de sua psicologia nordestina, tão bem estudada pelo grande tribuno Castro Pinto, estadistas, jornalistas, oradores, romancistas e poetas, a cuja fama evidente deve a nossa Cultura legítimos títulos de glória intelectual. Preferistes a tantos valores notórios um

nome que só tem este mérito: haver sido fiel à sua própria destinação. Eu vos protesto, a todos vós, Senhores Acadêmicos, e ao meu Paraninfo, com sua oração constelada como a sua alma, o meu reconhecimento, e vos reafirmo a minha paixão de vida e morte pela Beleza.

É meu tormento. Chamam-lhe poesia,
Arte do verso. Chamo-lhe o madeiro,
A Cruz da minha noite e do meu dia.

– Cruz em que verto o sangue verdadeiro,
E em que minh'aIma em transes agonia,
E o coração se crucifica inteiro...

II

RESPOSTA DO SR. ADELMAR TAVARES

SR. PEREIRA da Silva.

Outra vez, hoje, como outrora, juntos, irmanados, unidos, coração a coração, nós três, para falarmos de poesia... Ele, vós, e eu. Luís Carlos, hoje, como ontem, como amanhã, como sempre, no halo da sua imortalidade, que o vejo como o vi, pela primeira vez, naquele morrer de tarde, em que me levastes à sua casa de São Cristóvão, como já tive ocasião de o evocar: – no jardim, ainda dia e quase noite, alto, nobre, e belo, com um braçado de rosas, e um anjo de olhos verdes a seu lado, que era sua filha, entre roseiras; e aquele ar de quem parecia carregar a fadiga da escalada de algum céu, como de Flaubert diziam os Goncourts. Mais nítido, mais vivo, mais presente, tenho agora o quadro nos meus olhos!... Vejo-o conosco, sorrindo o seu sorriso de santo, feliz da claridade celeste. Vejo-o, como o vi, sobraçando rosas para a vossa Noite Acadêmica, Sr. Pereira da Silva, – pois se os mortos vêem, ouvem, e vivem, – outra mais grata não poderia ser à sua Alma, nem tornar mais leve e contente o seu espírito.

Luís Carlos, essa criatura de exceção que passou pela vida, luminosa e levemente, como um raio de luz, e a quem nos uniram os laços de uma estima verdadeiramente fraternal, e para quem jamais secará a fonte da saudade de minhas lágrimas, teve além disso, convosco, Sr. Pereira da Silva, as maiores afinidades de inteligência e de sentimento, de espírito revelador e de emoção criadora. Essa "fatalidade sorridente" que é a Poesia, na vossa expressão, deu-vos a ambos os mesmos estremecimentos de alma no refletir a música velada

dos seres, e a mesma intranqüilidade espiritual em perquirir os arcanos insondáveis dos mundos que vão muito além do nosso conhecimento. A mesma destinação vos impediu nas esferas subjetivas. Embora preconceitos de escolas ou idéias preestabelecidas na conceituação de correntes estéticas, queiram ver dessemelhanças nos sentimentos que orientam os vossos ritmos, chamando a um parnasiano-herediano, e a outro simbolista de vinco místico, o que é verdade, é que no fundo vos irmanaram sempre as mesmas finalísticas de arte no anseio da perfeição, e as mesmas inquietudes em querer desvendar ou exprimir musicalmente tudo que o espírito reflete ou investiga diante do Universo visível, ou aparentemente visível, e do mundo interior que cada um de nós traz dentro do coração.

Se Poesia é, como entendo, imagem expressa de maneira musical, poderá um estéril convencionalismo classificar poetas desse ou daquele gênero, com tais ou quais tendências anímicas ou sensíveis, filosóficas e estéticas, porque afinal todos provirão de um mesmo ponto, – ramos de uma só árvore – ou vagas do mesmo Oceano. Se tudo tende à unidade, na direção atual do pensamento einsteiniano, havemos de marchar com o Mestre, para a sua teoria do "campo unitário". Ainda não faz muito, a imprensa revelava o que ele dizia a Papini da sua teoria simplificadora, fazendo-lhe ver que desde os tempos dos Gregos a ciência aspirou a unidade, e acentuava que na Vida e na Arte ocorre o mesmo. "O amor tem de fazer de duas criaturas um ser único"; e a poesia, "com o uso perpétuo da metáfora que assimila os objetos diversos, pressupõe a identidade de todas as coisas", pondo em relevo que as ciências caminham a passos gigantescos para se reduzirem à Física, e a Física a uma só fórmula: – *algo se move*. Se vemos Einstein querer a simplificação de teorias científicas universais, vemos Spengler frisar que a Estética concedeu sempre um valor supremo às diferenças conceituais, não temporais, entre os diversos ramos da Arte, obedecendo isso simplesmente a que se não tem sabido penetrar *o profundo do problema*, porque "as Artes são unidades vitais, e o vital não admite divisão", criticando Spengler que os rumos de uma "pedanteria erudita" vêm sendo o de quererem trazer separações no território infinito da Arte, atendendo-se aos *recursos e técnicas mais exteriores*, dividindo-se a Arte em artes particulares que "se supõem eternas com princípios formais eternos", quando, se as artes têm limites – "limites da sua alma convertida em forma",

– "esses limites terão de ser *históricos*, não técnicos ou fisiológicos", "uma arte é um organismo, não um sistema".

Ora, se Spengler verbera a divisão da Arte em artes particulares com princípios formais imutáveis, e cada artista tem a arte que expressa o seu temperamento, no seu tempo, porque dentro de determinada esfera nos domínios da Poesia, estarmos a descobrir diferenciações para colocarmos os poetas em províncias diversas, sob correntes e variantes estéticas?!... Cada um é a sua alma, e todos são poetas.

Estou convosco, em que em Poesia não há de como nos lotearmos em românticos, e parnasianos, e simbolistas, decadentes, pessimistas, passadistas, modernos, e futuristas, todos esses *ismos*, enfim, que desarvorastes na loquacidade daquele repórter, que foi por uma manhã, perturbar a serenidade do vosso lar, e a beatitude do vosso êxtase, para saber, Sr. Antônio Joaquim Pereira da Silva, se seríeis no conflito das escolas, pelo romantismo, ou parnasianismo, simbolismo ou modernismo, – e ao que, na *rotativa* da vossa mesa de estudo, – trançando as pernas como tão de vosso hábito, batestes a cinza do vosso cigarro de palha, e dissestes ao rapaz agitado, olhando-o bem nos olhos, martelando as sílabas da resposta desconcertadora:

– Meu caro amigo, em todos esses *ismos*, só a um tiro, compungido e respeitoso, o meu chapéu. (E solenemente) – o *ca-bo-ti-nis-mo...*

* * *

Na vossa poética, como na de Luís Carlos, – sem indagar de um a feição "herediana" ou – "delisleana", – ou do outro a leopardiana, baudelairiana, ou místico-pessimista, prende-me apenas que me encontro em face de dois Poetas no conceito schopenhauereano da "alta poesia", do poeta, – homem universal – que "se apodera da inspiração no seu vôo, e lhe dá corpo nos versos", espelho da humanidade, – onde a Natureza se debruça em todo o fulgor do seu espetáculo. Se me encontro em face de dois Poetas, estou conseqüentemente em face de dois filósofos. O Poeta sempre foi o filósofo que procura expressar em versos a Verdade, – essa pobre Verdade, – ilusão sonora do Mundo, que o homem persegue como uma criança a própria sombra, através de escolas e sistemas, teorias e pressupostos, velhas imagens que se renovam, cada vez mais falazes e fugidias, sobrepairando a toda essa logomaquia filosó-

fica, a Contradição, angustiando e aturdindo a nossa frágil curiosidade que quer saber... Se a história da filosofia é em grande parte um conflito de temperamentos, sendo Platão, Locke, Hegel, Spencer, homens que o temperamento fez pensadores – como quer William James – convenhamos que a Verdade ficará, para sempre, recolhida e tranqüila, no fundo do seu poço, sem que toda nua se nos revele jamais.

Diz-nos Bourdeau, – e quero o mais possível falar por suas palavras para lhe não mentir ao pensamento – que desde dois séculos vem a filosofia, pelo espírito crítico, pelo de exame e pesquisa inquieta, a rumar destinos novos para a humanidade, vincando a sua influência na arte, na política, e na religião. Ele observa que a obra de Karl Marx está impregnada de Hegel e de Feuerbach; que Sorel pôs sob a invocação dos mitos e da filosofia da intuição, o seu evangelho da violência; o drama musical de Wagner está todo penetrado da filosofia de Schopenhauer, e o modernismo católico, inspirado do pragmatismo. Frisa que desde 1870, dois pensadores de gênio que foram ao mesmo tempo dois grandes escritores, dominaram a pequena república da gente que pensa: – Schopenhauer e Nietzsche. Schopenhauer criou-se um público de *broyeurs de noir*, pretendendo levar-nos ao nirvana budista, ao ascetismo cristão, enquanto Brunetière nos aponta os caminhos de Roma, e Tolstoi os de Belém; e Nietzsche, que ele chama apóstolo da força e da alegria, evoca a vida "intensa e perigosa dos homens da Renascença pagã". Acha, porém, o pensador de *Philosophie Affective*, que não fizeram escolas, e desde Kant e Hegel, não vê mais fundadores de dinastia filosófica, pois os grupos se dispersaram, enquanto Ludwig Stein nos fala dos neo-idealistas, dos neo-positivistas, dos neo-românticos, dos neo-vitalistas, individualistas, evolucionistas, etc., concluindo-se de todos esses *neo* que "antigas idéias são retomadas, postas de novo, como se o pensamento estivesse condenado a girar nos mesmos círculos e a vazar nos mesmos moldes".

Voltaire dizia com amargura – "consumi cerca de 40 anos em minha peregrinação em dois ou três rincões do mundo, buscando essa pedra filosofal que se chama a *Verdade*. Consultei a todos seus adeptos da antiguidade, a Epicuro, e Agostinho, Platão, e Malebranche, e continuei na mesma pobreza! Se bem que no crisol desses filósofos haja uma ou duas onças de oiro, tudo mais é resíduo, *caput mortuum*, lodo insípido". E depois de debruçar-se

sobre a antiga filosofia grega, conclui, melancólico e irônico: – "Fora das asserções dos antigos filósofos, que é que me resta? Um caos de dúvidas e quimeras. Não creio haja existido jamais um filósofo, que haja proposto um novo sistema, que não confesse no fim de sua vida que haja perdido o tempo. Tem de confessar que os inventores das artes mecânicas têm sido mais úteis à humanidade que os inventores dos silogismos, e o que inventou a lançadeira da máquina, foi mais útil que o que adivinhou as idéias inatas."

Só uma verdade, porém, ressalta claramente verdadeira, Sr. Pereira da Silva, de todas as filosofias: – é a dor do nosso pensamento, na pesquisa da felicidade, na libertação do mal universal, na luta contra o Destino. Pensamos porque sofremos, ou sofremos porque pensamos? Qualquer das veredas que tomemos, chegaremos inevitavelmente a amargurada conclusão: – a dor do nosso pensamento. Perquirir, duvidar, investigar, interrogar, eis o eterno selo impresso ao sopro vital da primeira consciência.

Demos, porém, a palavra ao Eterno Presente, ao que está hoje, como ontem, como sempre, entre nós, – sorrindo o seu sorriso de santo, com as mãos cheias de rosas, – a Luís Carlos, nos quatorze versos admiráveis de

INQUIETAÇÃO

Desassossego do meu ser humano!
Mórbida exaltação dos meus sentidos,
Que me estende a sem fins desconhecidos
Com profundo sabor de abismo e arcano.

Pesa o Universo em mim como um tirano!
No olhar, cabem-me os céus indefinidos;
Nas conchas univalves dos ouvidos
As sinfonias trágicas do Oceano.

Quem sou no meu conspecto diminuto,
Para encerrar esse desígnio imenso,
De ver e ouvir a essência do Absoluto?!

Nesta interrogação vivo suspenso,
Sofrendo já pelo que vejo e escuto,
Sofrendo muito mais pelo que penso.

Assim, na mórbida exaltação dos nossos sentidos, sob a tirania do Universo, com os seus sem-fins de arcanos e abismos, – parece melhor ficarmos com a definição daquele budista de quem nos fala Alexandra David: – "a melhor definição da verdade, é o *silêncio*". Ou façamos pórtico do conhecido verso de Vigny, na "Morte do Lobo":

Seul le silence est grand, tout le reste est faiblesse...

* * *

Presas da angústia universal, – vê-se da obra de Luís Carlos e da vossa, Sr. Pereira da Silva, a mesma alma aflita, como a ave do oceano batida dos raios da tempestade, a procura da ponta de um rochedo. Ambos achais essa ponta de rocha na Religião. Na Religião Cristã. O homem diante do mistério, abriga-se no seu Deus. Em face do Infinito, da Eternidade, o homem vendo-se átomo, poeira, nada, refugia-se na sua crença, e grita para o seu Deus como uma criança que se vê perdida na escuridão. Só na tábua da fé, encontra esse náufrago a luz de uma longínqua salvação. As lágrimas dos homens e a poeira dos séculos estatuaram os seus deuses, levantando no Visível Intangível os símbolos da Fé. Sendo como sois, um poeta da "alta poesia", Sr. Pereira da Silva, voltando o vosso espírito para as cousas transcendentes da vida, e a investigação da Verdade, os círculos da Dor e as injunções do Destino, tatalaram a princípio, as asas aflitas do vosso espírito, como uma borboleta num vitral. Aturdido, diante de Religiões, Ciências, Artes, Filosofias, clamais em *Va Soli*, vosso primeiro livro, céptico e desalentado: – "Isso tudo... isso tudo... o que vale isso tudo"?!... para depois rumardes firme, e lançardes âncoras fortes na doce Religião de Jesus de Nazaré, como se vê de todos os vossos livros: de *Solitudes*, de *Beatitudes*, de *O Pó das Sandálias*, de *Holocausto*, de *Senhora da Melancolia*. Por todos os vossos poemas, ressoa um órgão profundo de templo cristão, e erra um perfume amável de turíbulo de altar. É que ficou por toda a vossa vida, no fundo do vosso coração, entranhada no vosso espírito, como *substratum* da vossa personalidade, o incenso da igreja de Araruna – a pequena

cidade nordestina da Paraíba, que se orgulha de ter sido vosso berço. Aos 8 anos, quando começastes a abrir os olhos para a Vida, quase não correstes as verdes campinas como Casimiro, porque o vosso dia transcorria entre a escola das primeiras letras e a igreja. Éreis o acólito, o coroinha, o ajudante da Capela da Conceição. Sopráveis as brasas do incensório, envergáveis a opa, tangíeis os pequenos sinos alegres que alvoroçavam a pequena cidade de ao pé da serra, e batíeis as profundas badaladas do sino grande que quebravam o silêncio da Borborema, e chamavam ao recolhimento e à prece as almas cristãs, pelas *Ave-Marias*. Despertáveis a inveja calada dos pequenos ararunenses de vossa idade, que vos olhavam de olhos úmidos, quando no coro a vossa voz de pureza e harmonia entoava os cânticos do Mês Mariano. Cerrada a igreja, abafada a última vela do altar-mor, vos recolhíeis à modesta casa paterna, – carpinteiro o vosso pai, como São José, – e aí era o preparo das aulas do dia seguinte, e o deitar cedo para o tanger das matinas. Sempre me falais dessa casa dos vossos primeiros dias: – pequena, baixa, atarracada, com o telhado esbeiçado para a calçada da rua, com uma meia porta e uma janela alta de onde víeis cair em bicas a água da chuva que tanto vos entristecia. A sala de frente era toda uma quinquilharia de bancos altos e de serras, e serrotes, e plantas, e metros, e limas, e puas, e formões, e enxós, e madeiras, e tabuados, e tornos, onde por entre isso tudo, vosso pai, curvado e triste, com a atenção de um químico num laboratório, desfiava os seus dias e os seus serões, cortando, lavrando, desbastando, aplainando, fazendo surgir entre as suas mãos de milagre tão lindas cousas de arte, numa lida sem descanso. Falais-me sempre das suas violas: – "Meu pai era para as suas violas, por todo aquele mundo sertanejo, o que era Stradivarius para os seus violinos. Eu me ficava horas inteiras a olhar e admirar a sua paciência na manufatura daquelas longas e leves caixas que iriam guardar os suspiros e as tristezas de amor dos poetas do meu sertão! Quando meu pai morreu, recolhi como herança, e conservei por muito tempo, uma cruz de madeira na qual ele trabalhou até as vésperas. (Profecia talvez, de meu Destino). Eu deveria chamar-me Pereira da Cruz. Hesitei em assinar-me assim. Mas, por ele mesmo, fiquei Pereira da Silva."

Um dia, vestido de luto, deixastes a pequena casa da vossa infância, a cidade de ao pé da serra, a igreja das romarias e das missões que tão funda impressão vos deixou, como se vê da vossa obra, deixastes a sombra azul da

serra natal, e aqui chegastes, como quem desperta de um pesado sono de breve noite. Nunca esse pequeno mundo, porém, saiu da vossa recordação!... Nunca a sombra da Borborema deixou de se esbater na vossa memória, nem a palavra daquele Frei Marcelo da Graça de Maria se amorteceu na concha do vosso ouvido, como esse doce misticismo cristão da Capela de Araruna jamais deixou de formar a vossa personalidade artística, lastreando e forrando toda a razão de ser da vossa poesia.

Isso mesmo, no-lo mostrais em *Beatitudes*, naquela "A Loa da Vagabunda", em que deixais falar toda inteira a vossa alma, e a vossa saudade, através da música, da sinfonia larga e maravilhosa dessas estrofes, cujo teclado é segredo pressentido tão-só dos grandes iluminados da Divina Arte:

Lembra-me bem da minha nobre terra.
Tudo era verde. Havia sobre a serra
Eternamente incensos de nevoeiro.
E vales, montes, – o ambiente inteiro
Era só flores, – um montão de flores
Em que eu fitava os olhos cismadores,
Feliz de ver-me num torrão fecundo,
Belo e floral como o jardim do mundo.

Lembra-me bem daquela Natureza:
Céus imortais em tons de azul-turquesa,
Campos ridentes, prónubos pombais,
Gados às soltas, cheiro de currais,
E, às horas fortes dos sertões, à sesta,
O conforto sombrio da floresta,
Alfombras mais suaves que o veludo...
O coração e o pensamento em tudo.

Eu era um Ser, eu tinha amor à Vida,
Tal qual se fora uma árvore florida.
Filha da Terra, era da terra amada:
Amava e ouvia tudo: – uma levada

Que ia a correr tumultuosamente
Para dar água pura a toda gente,
Um ninho balouçando na ramagem,
O desmaio da luz sobre a paisagem...

E depois de evocardes que aí ouvistes a primeira missa na igreja branca e pequenina, e que vossa alma, como a alma de uma criança, caiu de joelhos aos pés do altar da Virgem, entre montões de flores, e os vossos ouvidos recolheram eternamente o alado barulho dos pássaros votivos da manhã, clamais:

Ah! minhas horas íntimas, caladas,
Ermando ao largo e ao longo das estradas!
Arvoredos sombrios dos caminhos,
Romantismos de pássaros e ninhos,
A primavera reflorindo os montes,
As verduras idílicas das fontes,
A casa branca, a festa das abelhas,
E as andorinhas no desvão das telhas!

E hoje – que sou? – a eterna forasteira,
A Errante, a Vagabunda, a aventureira
De um lar deixado pelo mundo incerto...
Sou uma voz perdida no deserto;
A "desplantada" que ninguém compreende,
Fantasma, sombra, espírito, duende,
A Alma da Aldeia, expiando as culpas suas,
No tumulto das praças e das ruas.

Mas guardarei a minha dor obscura.
Nenhum de vós terá minha ternura,
Nenhum de vós, homens que estais passando!
E só, dentro de mim, de quando em quando
– Árvore morta das evocações –
Eu viverei *minhas recordações,*
A minha aldeia, o meu torrão fecundo,
Que hoje é que eu sei: era o jardim do Mundo!

Vivendo vossas recordações, nunca a "desplantada" deixou de gemer no fundo de vossa alma o seu canto aflito de inhambu saudoso dos seus céus imortais, dos seus campos ridentes, dos seus montes e vales floridos, dos seus arvoredos sombrios, das suas fontes idílicas; e, em plena vida, por outras terras e outras gentes, lembrando o pequeno ninho lá longe pendurado na ponta do pau d'arco nordestino, vos julgais "uma voz perdida no deserto".

Homem do século XIX, refletis no espelho de vossa alma o pessimismo que ele fez derramar no pensamento dos seus filósofos e no sentimento dos seus artistas, entendendo Metchnikoff que foram mesmo os poetas que encheram o século dessa concepção pessimista através de "sua sensibilidade exagerada", ouvindo-se, logo de começo, a nota de dor da voz oceânica de Byron que clamava através do bronze sonoro de suas estrofes: – "Our life is a false nature". Chame-se Schopenhauer, ou Hartman, ou Mailaender, – Schopenhauer que combinou na sua "filosofia hipocondríaca" Platão e o Buda, um a Arte, outro o Misticismo; – chame-se Leopardi, Lamartine, Verlaine, Baudelaire, Hugo ou Vigny, filósofos ou poetas – por todas as almas esbatia-se através dos séculos – a sombra misteriosa daquele Príncipe Predestinado que pervagara entre lótus azuis e figueiras imensas, nos bosques indianos, a pensar nos destinos da humanidade, e na dor como princípio e como fim de todas as cousas e seres de um mundo só de tormentos.

Se essa sombra imensa do *mal do século*, da *doença de Werther*, ou de *René*, se esbate na vossa Musa que encontra, como flor de sombra, ambiente próprio para melhor florir, revestis, como Leopardi, o vosso pessimismo de uma forma religiosa, que está em vós nessa dobra austera, sombria e ascética do Cristianismo. F. Caro assinala que cada um faz um pouco a religião à sua imagem, e aí põe a dobra particular do seu espírito, e por isso vislumbramos no vosso, Sr. Pereira da Silva, nitidamente, as linhas formadoras daquela filosofia grega – patrística – que tem como fontes da filosofia cristã a Bíblia, Philon, Plotino e Platão, – Deus como Bem Supremo, Deus – Razão Suprema, Deus – Espírito Supremo, e está na filosofia de São Justino, de Tertuliano, de São Clemente de Alexandria, de Santo Atanásio, de São Gregório de Nazianze, de Santo Agostinho, presidindo-vos aquela caridade cristã que emana da Moral dos seus filósofos, – sendo a bondade no homem, – caridade, amor de Deus e amor de todos os homens em Deus, e em nome

da qual, na eloqüência de São Paulo, tudo se suporta, tudo se crê, tudo se espera, tudo se sofre.

É verdade que Deus numa outra Vida
Há de punir os pulsos do homicida,
Há de chamar a contas o ladrão,
E os que denegam santidade à igreja,
E por ódio, maldade, infâmia, inveja,
Fizeram jus a toda maldição.

É bem verdade que se deve amar
Os que perderam tudo, a paz do lar,
O amor à Vida, os bens do coração,
E da existência venturosa em meio
Passam sem ter nesse prazer alheio
A mais humilde participação.

Sim, nós os filhos natos da Verdade.
Porque sentimos toda a humanidade
Em nossos lances para a perfeição,
Nós devemos dizer ao povo obscuro,
Como quem fala a um preso atrás de um muro,
Tudo que as almas justas lhe dirão.

Aninhado na vossa fé, a dor que cantais é triste, a verdade que pregais é triste, tudo, porém, o fazeis num arrulho de doçura, pois tem ela aquela mesma qualidade artística exquise que Faguet observou em Lamartine: – "É uma dor que não braceja, nem grita. Pinta estados de sentimento, sem ímpetos de violência, nem relevo duro, com o talento de tornar sensíveis os nevoeiros, as cerrações, as regiões brumosas e carregadas da Alma. Pinta essas horas crepusculares, de langores serenos que o fim dá a tudo, e têm para o coração impressões doces como passos mudos que marcham sobre musgos"...

* * *

Por uma manhã de 1895, lestes um edital chamando a mocidade a preencher os claros abertos na Escola Militar com a Revolta de 93. Abria-se a flor dos vossos 17 anos. Ficastes longo tempo com o jornal entre as mãos, e o pensamento distante. Estava ali uma bela carreira, – o soldado, a Pátria, a bandeira, o futuro.

Partistes para a Escola Militar, e vos inscrevestes, apertastes o cinto, envergastes a farda de botões de oiro, enterrastes à cabeça sonhadora o quepe com o número de vossa matrícula, e ao sol, e aos ventos de uma manhã gloriosa, jurastes à bandeira auriverde. Soldado, como Camões, e como São Luís, como Vigny, e como São Jorge, o poeta e o santo dormiam no fundo dessa alma entusiasta. Mas a Pátria preocupava as escolas e os quartéis. Conspirava-se. E – quem o diria? – o cadete Antônio Joaquim era um conspirador perigoso!... Sussurrava coisas tenebrosas entre os companheiros. Prometia. Afirmava. Sabia... Dizia versos que rastilhavam incêndios nos moços corações que os ouviam. Era já em 1897. Do alto de um tamborete, no pátio da Escola, por entre a luz mortiça dos lampiões, proferia palavras candentes a favor de Floriano, contra Prudente. Aquelas mãos magras e pálidas, suaves e pastorais, – que à semelhança de César Dominici sobre Amado Nervo, – "pediam a nobreza episcopal da ametista", faziam entrever as mais chamejantes bombardas, e por aquela cabeça "que reclamava a tonsura", estalavam chamas patrióticas e referviam idéias capazes de subverter todo o país no mais assustador dos cataclismas!... "O cadete Antônio Joaquim era um conspirador perigoso!..."

No dia em que subiu Prudente novamente ao governo, estáveis em armas. Fostes preso, levado incomunicável ao Quartel General, e deste, sob a vigia mais cautelosa, para o 23.º Batalhão de Infantaria, e depois vos mandaram servir no 13.º de Cavalaria do Paraná.

Aí, é que foi o sobressalto desse ingênuo e doce coração de mulher que é vossa mãe! Quanta infelicidade vinha a cair sobre o seu filho!... O número 13! As campinas do Paraná revoltadas!... O cavalo!... – aqueles cavalos bravios e guerreiros que o seu filho conhecia apenas em estampas de revistas!... Mas fostes, e dominastes os nervosos e luzidios cavalos, "de cascos relucientes y de ancas musicales", e correstes como sobre asas de Pégasos as verdes campinas, e varastes com a ponta de vossa lança as sombras azuis dos altos pinheiros gementes e gloriosos. Na intimidade de Dario Veloso, – o Poeta e o Santo, o

filósofo e o artista, que dormiam no fundo de vossa alma, desabrocharam inteiramente em ritmos, e só uma idéia vos tomava, noite e dia: – voltar ao Rio, completar o tempo de serviço, obter a *baixa*, e apanhar de um livro de Leis e oficiar com ardor no templo da Justiça. E assim o fizestes, voltando ao Rio em 1900 e pouco, quando entre nós irrompia a escola revolucionária do movimento literário simbolista, a desancar a Academia no seu primeiro decênio, (oh, as costas-largas da Academia!...) e malhando à vontade os nossos Coelho Netos e Murats, cognominados de *fósseis*, apegados às formas impassíveis de um parnasianismo retrógrado, e às tábuas movediças de um naturalismo agonizante. Procurava-se com Gautier o sentido que as palavras ocultam fora do senso vulgar, e a cor que encerram, como diamantes, rubis, safiras, esmeraldas que as palavras são, – sendo que Rimbaud chegou a ver, não nas palavras, mas nas vogais, a cor, – o negro do A, o branco do E, o rubro do I, o azul do O, e o verde do U. Procurando-se a cor, perquiria-se com Verlaine a música que as palavras guardam no fundo de si mesmas, como os búzios das praias, os barulhos secretos do mar...

De la musique, avant toute chose!
.....
Car nous voulons la nuance encore,
Pas la couleur, rien que la nuance....
De la musique encore et toujours!

O Simbolismo desfraldava-se, pois, para retomar a música de que o Parnasianismo e o Naturalismo haviam desapossado a Poesia. Sob a égide de Cruz e Sousa, pompeava entre nós a *Rosa-Cruz*, o hebdomadário vermelho capitaneado por Félix Pacheco, Carlos Dias Fernandes, Saturnino Meireles, e tantos, tantos outros. Procurastes a *Cidade do Rio*, de Patrocínio, e aí com Patrocínio Filho, Corinto e Pausílipo da Fonseca, Gonçalo Jácome, e Saturnino, e outros, sob o pseudônimo de *J. D'Alem*, ingressastes na imprensa carioca, e passeastes depois a vossa pena cintilante pelo *Jornal do Commercio*, pela *Gazeta de Notícias*, pela *A Época*, de Vicente Piragibe, e pela *A Pátria*, de Paulo Barreto.

Aflorando o vosso espírito no grupo do *simbolismo*, onde fizestes de Félix Pacheco, e Saturnino, e Jácome, e Carlos Dias, e Nestor Vítor, e Castro

Meneses, os vossos companheiros mais fiéis, a ponto de sair o vosso *Va Soli,* contemporaneamente com *Astros-Mortos* e *Felix-Culpa*, estáveis nas trincheiras dos petardos, éreis simbolista, revolucionário, carbonário, lenço-encarnado, mas *não muito*... como se diz na gíria carioca. Qualquer que fosse o templo onde se oficiasse a Beleza, vos descobríeis respeitosamente. A estrofe lamartineana, ou baudelaireana, leopardiana ou herediana, – Nobre, Antero, Junqueira, Raimundo, Murat, Bilac ou Alberto –, tudo ressoava no fundo da vossa alma profunda e mística com uma nota de piedade e reverência. Passaram as escolas literárias e os seus legionários junto de vós, e vós ficastes sempre o mesmo, olhando-os com aquela mesma serenidade com que víeis passarem outrora, assentado ao batente da casa branca de Araruna, nos vossos oito anos, – as missões e os missionários, que levantavam os templos de Cristo, pedra a pedra, na palavra da Fé, pelo sertão. Viveis, como Leopardi, no *eterno exílio*, e só a Poesia para vós, como para ele, é luz, e é guia, é pão, e é vida. Só ela é a Verdade. Conservais aquele aforismo de Baudelaire de que se pode passar três dias sem pão, mas nem um só sem poesia... Não fôsseis um sincero, Sr. Pereira da Silva, e não fosse a vossa obra toda uma expansão de sinceridade, – sangue, seiva, perfume e vida –, expressão de sua harmonia, ritmo feiticeiro da sua graça.

Pois se tudo abateu, tudo que engana,
Seguindo as leis fatais da vida humana,
(Leis de que a gente raro se persuade)
Tu me ficaste, límpida, incendida,
Como a graça floral da própria Vida,
Lua piedosa da Sinceridade!

Essa *sinceridade* vos tem sido ressaltada e alcandorada pelos vossos críticos, mesmo por aqueles que vos queiram apenas ouvir no grave e predileto teclado do vosso instrumento, no teclado da dor, e é essa sinceridade que faz do vosso pessimismo não uma afetação ou uma atitude, mas essa "grandeza triste" que Faguet vê santificada e venerada no templo da Arte Imortal. Dizeis a cada passo, pouco vos importar de como se aprecie a vossa atitude em face da Vida: – "Que importa a mim que me vejam um Santo ou um cínico?... Tudo depende da margem em que se coloque o curioso da minha sensibilida-

de. O que sou, acima de tudo, é um sincero. Se outros, como Camões, beberam o amor no leite, eu bebi com Virgílio as lágrimas da Natureza."

Lendo-vos, pode parecer atravessar-se uma floresta cerrada, onde de raro em raro se esgueira uma flecha de luz. Pode ser triste. Mas como é grande! Dante, Poe, Baudelaire, Chopin, Liszt, Beethoven, arrastam constantemente os grandes mantos da dor pelos vossos caminhos.

Como essas flechas de luz, a que me referi, cortam de espaço a espaço a cerração, cantais o Amor ou a Alegria. E que pena sentimos, depois, não ser sempre essa a nota da vossa Musa!... É como se mergulhássemos as mãos na água pura e fria da mata, e nos dessedentássemos da caminhada. Que frieza, que gozo e que perfume tem essa água! Será que toda essa pureza vem "da frágua e da rocha que a farpeiam, e a faz jorrar cintilações de estrelas", como dizeis em vossos versos? Mesmo quando a Vida vos oferece a taça do prazer, e vos pondera que cada dia e cada instante que vos dá, "vale uma taça de vinho de oiro espumante", vós a afastais dos lábios sequiosos, receoso do travo que está no fundo:

Mas eu lhe respondo: Vida,
Deixa-me só no caminho,
– Só, de boca ressequida,
Eu sei que a tua bebida
Tem mais lágrimas que vinho!

Se o Amor vos tocaia na encruzilhada, a vossa musa mística, na comparação de Dominici, semelha à andorinha da igreja, – escrava sempre da torre nos seus vôos. E assim, nós vos escutamos ao lado da mulher amada, naquela miniatura em sextilhas, tão festejadas pelos vossos críticos, e que ficarão na Poesia Brasileira antologiadas como paradigma do mais delicado lirismo:

Nós já nos vimos um dia
Nalguma velha abadia
Dos primitivos cristãos;
Tinhas a mesma beleza
E não fito sem tristeza
Teus olhos e tuas mãos.

Como se explica a saudade
Que tantas vezes me invade
Quando cismamos a sós?
Penso causas, e m'as dizes,
E eu sinto n'alma as raízes
Profundas de tua voz.

Lembro mesmo uma passagem:
– Certa vez, sob a ramagem
Das aléias silenciosas,
Comentamos reverentes
O milagre das sementes,
Das estrelas e das rosas...

Sim! Já vivemos um dia,
Na mesma velha abadia,
Em tempos que lá se vão.
A nossa alma é forasteira.
Eu já fui frade, e tu freira,
De algum convento cristão...

Se, como diz o ensaísta de *Tronos Vacantes*, fica muito bem sobre a fronte dos Poetas a coroa de luz do misticismo, e "na sua acepção mais pura, as religiões não são mais que Poesia infinita e eterna", – deixai-vos ficar com a vossa fé e com a vossa dor. A crítica já vos assemelhou ao Santo de Assis, que cantais a Beleza na humildade, as cigarras, os pássaros e as formigas, como vossas irmãs, as pedras da estrada e as águas das fontes, bendizendo as feridas do vosso caminhar! Chegais agora à porta da nossa Confraria. Podeis entrar, Irmão Antônio! Descansai com segurança. A sombra é amiga; o pão é puro; o vinho, amável. Já vos fazíeis esperar! Bem-vindo sede! Estais entre os vossos.

Discurso do
SR. OCTAVIO MANGABEIRA

e

Resposta do
SR. AFONSO CELSO

Sessão solene extraordinária
do dia 1.º de setembro de 1934

I

DISCURSO DO SR. OCTAVIO MANGABEIRA

SENHOR Presidente da Academia, Senhores Acadêmicos:

A fidelidade ao amor das letras, tenho-a manifestado por dois modos: primeiro, pelo carinho, com que timbro em zelar tudo o que escrevo, ou tudo o que profiro; segundo, pela profunda simpatia que instintivamente me liga às iniciativas ou aos homens, que exprimam, a cada momento, a vida literária.

Nunca fui, todavia, um literato. Não que o desejo de o ser me não houvesse tentado. Mas levou-me o destino a outros rumos. Por circunstâncias ocasionais, concluído, aos treze anos, o curso de Humanidades, entrei para uma escola politécnica. Dedicar-me de todo aos meus deveres, era o só meio que tinha de corresponder aos sacrifícios, em que se concretizavam, a meu proveito, os extremos de um pai desvelado. Estudando engenharia e, durante um certo período, ensinando matemática, vi assim decorrerem seis anos, pagando-me, de todos os esforços, com o prêmio das notas mais altas que jamais um aluno obtivera nas aulas que freqüentei.

Malgrado a relativa hostilidade do meio ou das condições em que se preparava o meu espírito, sentia irresistível sobre ele a sedução das letras, fosse a poesia, fosse a prosa, fosse o jornalismo. Estudante, por igual, de engenharia, mas de engenharia militar, na escola da Praia Vermelha, coroado mais tarde pela glória, uma das mais expressivas que já fulguraram nesta Casa, refere Euclides da Cunha que, nos seus cadernos de aula, entre operações e algarismos, não era raro encontrar-se um verso de Castro Alves. Mas o escritor d'*Os Sertões* parece ter preconizado, no poeta dos escravos, uma idolatria

para os moços, que os moços devem tanto mais prezar quanto, em geral, com a mocidade, se extingue. Pois de mim vos asseguro que à juventude passou e a devoção permanece.

REMINISCÊNCIAS

Encantado, mas indeciso, sem folgas, ou sem lazeres, parei, ainda assim, mais de uma vez, às portas do templo. Nele já começava a oficiar, desabrochando em grandes esperanças, que tão cedo, infelizmente, haviam de fenecer, um dos meus irmãos mais velhos – Francisco Mangabeira – a quem, não o tivesse Deus levado, bem mais que a mim caberia, por todos os motivos, a láurea que me outorgastes. Com uma tristeza que se reproduz, sempre que o trago à lembrança – neste momento sofro – a maior do que nunca – vi-o pagar, aos vinte e quatro anos, o doloroso tributo, que a Poesia, bela demais para o mundo, paga freqüentemente à desventura. Tinha eu, então, dezessete. Poeta, cronista, puro homem de letras que ele fora, promessa da geração que, adiante de mim, emplumava no campo literário, não ousaria recolher-lhe a herança. A imprensa e a tribuna acadêmica, inclusive a do magistério, no mesmo caro instituto em que me formara engenheiro, de preferência, me solicitaram, quero dizer, me acolheram.

Redator, ainda estudante, do *Diário de Notícias*, da Bahia, coube-me a sorte de iniciar-me na imprensa em um jornal que era uma escola, não só de boa linguagem, senão de boas letras. Dirigia-lhe a redação, a que me admitiu com as indulgências de preceptor magnânimo, Virgílio de Lemos, professor de Português e de Literatura, de Filosofia e de Direito, proclamado, na província, o maior polemista do seu tempo. Faziam-lhe companhia duas inteligências de primor, duas autênticas organizações literárias. Um, fustigado impertinentemente por uma dessas adversidades com as quais só pode o túmulo, acabou na humildade e na desgraça. Chamava-se Carlos Brandão. A palavra, em suas mãos, sofria as mesmas torturas, mas brotava nos mesmos lavores que os metais de bom quilate nas mãos dos joalheiros. A flor, que aqui lhe deixo, é a que deve, pelo menos, o testemunho dos que os conheceram, aos grandes merecimentos infelizes, que repousam na vala comum. O outro, o só dos três que sobrevive, encareço a fortuna de contá-la entre os que aqui me elegeram. A mais escrupulosa das modéstias, a mais invicta das perseve-

ranças, a mais austera das honestidades, construiu, pedra a pedra, em seu recanto, indiferente a recompensas e a títulos, praieiro, escritor de tradições e de narrativas praieiras, uma obra que faz honra à nossa literatura, Xavier Marques.

Do exercício de tais atividades – órgão de opinião e de combate, como eram o *Diário de Notícias*, e, em seguida, a *Gazeta do Povo*, em que ele se desdobrou – do exercício de tais atividades, foi um passo para a política, *ars magna*, consideravam-na os romanos o mais absorvente dos ofícios para os que o tomem a sério, para os que o exerçam com sinceridade. A matemática e a engenharia, pouco a pouco, se afastaram das minhas cogitações. Delas, por fim, apenas conservava, com os restos de uma cultura, não sei se malograda, os traços que me deixaram para sempre na formação mental.

PROFISSÃO DE FÉ

Resignado e obscuro, sem vanglórias e sem queixas, venho palmilhando ainda hoje, quando me abeiro já dos cinqüenta anos, a velha estrada cujos espinhos são clássicos. Aí, onde o grande livro em que se aprende é, sobre todos, talvez, o da experiência no trato das coletividades ou dos homens, e, entre os abrolhos, reverdecem flores – pois amargura não há que valha o consolo íntimo da labuta ao serviço da Pátria, quanto mais triste tanto mais amada – não sinto esmorecer na madureza a fé que me animou na mocidade. Que importa, no curso da vida, entre os rumores e as agitações em cujo seio vivemos, ora um, ora outro sino me tenham soado aos ouvidos? Acudo ao som dos mesmos campanários. Não creio senão no bem. Não amo senão o belo. Não me prostro senão ante a virtude. Não me rendo senão à inteligência, quando é ela uma força criadora de aperfeiçoamento ou de beleza. Os heróis a que erijo os meus altares e elevo as minhas preces são os que, humildes e bons, passaram na vida como um plenilúnio: e, exercendo entre os seus semelhantes, com a sabedoria na palavra, ou a sublimidade nos atos, as formas supremas da benemerência, exprimiram a energia no seu máximo, não tiveram jamais uma fraqueza em face do perigo, não se temeram do sofrimento ou da morte, aceitaram tranqüilos a cruz. Só as forças morais prevalecem. Só o espírito edifica. Bendita seja a Ciência, abençoada a Arte. Se o parlamento, a vida eleitoral, e, finalmente, a administração, mais a mais, me absorveram, não houve intempéries ou vicissitudes, inverno ou soalheira, a que não tivesse

resistido, no fundo do meu ser, a alma, o sentimento que me inspira o encanto pela forma, o culto da beleza literária.

Frondejava, no campo ingrato, uma árvore magnífica. Mais bela, mais imponente, mais altiva, nunca outra se ostentara ornando os arraiais. Renovavam-se nela as florações, cada qual mais deslumbrante, com a mesma fecundidade e exuberância com que dela se derramaram sobre a Pátria, durante meio século, os frutos mais opimos. Acolhi-me à sua sombra. Vi-lhe de perto a grandeza. Empolgante, nos dias tranqüilos, dir-se-ia crescer com os temporais, com que primava o céu em pôr-lhe à prova a força e a majestade. Até que o raio a abateu... Se alguma fase abençôo, na minha modesta carreira, é a que vivi na penumbra, respirando, entretanto, a intimidade do mais ilustre dos nossos homens políticos, que já pontificaram nas letras, do mais insigne dos nossos homens de letras, que já pontificaram na política. Será mister que lhe profira o nome? Com que sagrada unção sempre o declino! Rui Barbosa. Nunca o direito e a liberdade entre os homens, em toda a face da terra – quero ter o prazer de repetir – nunca o direito e a liberdade entre os homens, em toda a face da terra, terão tido mais alto a seu serviço e, ao mesmo tempo, mais pura a arte da palavra. Era da raça daqueles a quem louvava Sully-Prudhomme o heroísmo de trocar pelo tumulto e pelas desilusões da vida pública a tranqüilidade e, com ela, o grande prazer das horas que teriam podido consagrar, como tantas outras mais felizes, aos surtos do pensamento.

Talvez porque, em todo o caso, transluzissem, nos meus atos, nas minhas atitudes, os pendores que sempre me inclinaram para o serviço das letras, sob a forma, ainda que fosse, da admiração pelos letrados, vêm de longe os primeiros estímulos, que recebi de alguns entre vós mesmos, no sentido de propor-me à investidura acadêmica. Tais estímulos, com o curso do tempo, se foram de tal modo acentuando, que acabaram por vencer-me, posso invocar testemunhos, a obstinação na relutância. Sirva-me assim de escusa a timidez, com que só pouco a pouco, vacilante, subi estas escadas.

A VIDA PÚBLICA E AS LETRAS

Não era que, na minha opinião, a posse destas poltronas se houvesse de limitar, sem restrições, aos literatos propriamente ditos. Entre as letras e a política, entre a política e as letras, há grandes afinidades. Não é fora de lei,

nos homens públicos, a arte no dizer ou no escrever, nos discursos, nos artigos, nas peças oficiais, nos livros de defesa ou de combate, nas cartas e nas memórias. "*Presque tous les hommes d'action de la grande lignée ont su écrire et quelques uns ont été des écrivains remarquables*" – comentava, não há muito, avisado publicista da França contemporânea. "*Il semble qu'on ne puisse gouverner les peuples, les aimanter vers des grandes entreprises, prendre sur eux de l'ascendant, si l'on n'est pas pourvu de certains moyens d'expression.*" E, lembrando algumas figuras, colhidas "*au hasard, sur les sommets*", considera que, "*quand ils se racontent, ont à dire quelque chose, non seulement sur eux-mêmes, mais sur les autres, alors que tant d'écrivains de métier, ne sachant que celui-là et ne le sachant pas toujours mieux que beaucoup d'autres qui ne font pas profession d'être auteurs, souffrent de n'avoir rien à dire.*"

Deputado, muitos anos, guardo presente entre as reminiscências da vida parlamentar a dos requintes no estilo, a da riqueza, a do apuro, a da espontaneidade na expressão, com que, não obstante o campo impróprio do nosso regime presidencial, viu algumas vezes exibir-se, na malsinada tribuna, a eloqüência, com os seus esplendores. No orador, componha tranqüilamente os seus discursos, que valham como páginas artísticas, ou intervenha de pronto nos debates, elaborando de improviso a frase límpida e brilhante, apropriada a dirimir as dúvidas, ou a esclarecer os assuntos, há, sem dúvida, um tipo literário; como personalidade literária se há de reconhecer ao jornalista que, sob a emoção do fato que acaba de suceder, na vertiginosidade das horas, senão até dos minutos, de que às vezes apenas dispõe, lavre, ao correr da pena, o comentário, em forma lapidar.

Não sei de página mais consagrada, ou que melhor se popularizasse, nas nossas antologias, que aquela do sermão de Mont'Alverne, em que a tribuna, onde oferece o contraste das trevas em que vive mergulhado com a luz em que mergulha os seus ouvintes, e de então para sempre os seus leitores, é, contudo, para ele, um pensamento sinistro, pira em que arderam seus olhos...

No meio dos documentos, pelos quais se assinala Rui Barbosa grande entre os maiores escritores da língua em que foi mestre, não sei se outro haverá mais expressivo do que o simples artigo de jornal, com que fulminou, ao ter notícia da prisão de Andrade Figueira, a vilania em que se amesquinhara, não o honrado brasileiro, por ela inatingido, mas a situação a que ele opunha,

no aço de uma energia que nunca teve colapsos, o arminho de uma pureza que nunca transigiu.

A José do Patrocínio, ninguém lhe contestaria, tivesse ou não deixado às nossas letras o testemunho de um livro, a expressão literária que floriu naquele mestiço indômito, cuja pena e cuja palavra, na imprensa e na praça pública, reproduzindo nos quadros da vida do nosso espírito a imagem de Paulo Afonso ou de Iguaçu nos cenários da nossa natureza, iluminaram com um clarão do céu, para que todos a vissem, para que todos lhe tivessem horror, a negra iniqüidade das senzalas.

Era o maior prazer, para Bismark, o de ler um bom romance, e, dizia, não fosse homem de governo, seria romancista. Disraeli, aplaudindo-lhe o bom gosto, acrescenta que, sempre que se achava em atividade política, suspendia o labor literário, porque o tempo lhe não bastava para os negócios públicos. Não era ele, como se vê, desatento aos deveres a seu cargo, qual certo embaixador que a França teve um dado momento em Londres, e sobre quem, taxando-o de relapso, assim se expandia, em carta íntima, um dos seus secretários: "Você talvez se surpreenda ao saber que, precisamente no momento da prova eleitoral em que o ministério realista joga o seu destino, quando toda a política européia tem os olhos fixados sobre os gabinetes de Constantinopla e Saint Petersburgo, em uma hora como esta, o Sr. de Chateaubriand, que devia observar, com a mais profunda atenção, a atitude do gabinete de Saint James, só se ocupa, com os seus secretários, de bailes e mulheres." Enganava-se aliás o secretário. Nem só de mulheres e bailes cuidava o embaixador. É justo daquela quadra, da sua embaixada em Londres, que datam os primeiros capítulos dessa obra maravilhosa, sobre a qual passarão impunemente as gerações e os séculos, e que, em uma conferência realizada em Paris, ouvi do Sr. Herriot que, se toda a produção da literatura francesa houvesse de soçobrar, mas lhe fosse permitido salvar apenas um livro, seria o que ele havia de eleger, para guardar à sua cabeceira: *Mémoires d'Outre-Tombe*.

AS LETRAS E A VIDA PÚBLICA

Entra, sim, e não raro, a vida pública, pelos domínios das letras. Os grandes escritores, a seu turno, acabam por exercer sobre os espíritos uma tal fascinação e, pois, uma tamanha autoridade, que são compelidos a intervir,

sobretudo nas horas extremas – vede o caso, ainda recente, de Gabriel d'Annunzio – no comando dos povos, ou se fazem sentir, de qualquer modo, às vezes, sem que o percebam, como forças dirigentes.

Mais que os estrépidos de uma legião, ou o voto de um partido, falou, pela sua época em certos momentos históricos, a musa de Vitor Hugo, "eco sonoro" das aspirações dos seus compatriotas. Vibravam nas suas estrofes – assim se exprime, em um recente ensaio, um professor de literatura francesa em universidades alemãs – vibravam nas suas estrofes os ritmos da marcha, os apelos da trombeta, os rufos do tambor.

Muitos anos de propaganda, para a implantação, no Brasil, do serviço militar em novas bases, não teriam valido o que valeu um brado de Olavo Bilac, convocando a mocidade para o juramento à bandeira. A voz que então ecoou, de um a outro extremo do país, como se fosse um toque a reunir, já o país se tinha habituado à emoção, ao encanto de escutá-la. Tinha ela o esplendor da "Via Láctea". Ouvi-la, era "ouvir estrelas". Não fora senão ela que cantara o "Caçador de esmeraldas".

Nada concorreu mais em nossa Pátria para a abolição da escravatura que o "Navio Negreiro" ou as "Vozes d'África". Os que deram, mais tarde, a campanha, vencendo a 13 de maio, traziam no coração, quando nada no subconsciente, o fogo daquelas apóstrofes inflamadas pelo gênio. Contra o egoísmo ou a indiferença humana, exemplo e, ao mesmo tempo, exortação, reboava, clamando pelos mártires, a grande voz de além-túmulo, a voz do poeta hercúleo, que escreveu o "Adeus, meu canto", aos dezoito anos de idade: "Voz de ferro, desperta as almas grandes, do Sul ao Norte, do Oceano aos Andes".

No que toca os pensadores, não se contentando com o dizer, como toda a gente diria, "*qu'ils voient loin devant eux, qu'ils préparent l'avenir et tracent la tâche aux hommes d'Etat*", remata Anatole France: ..."*qui l'accomplissent avec des œillères, et parfois un bandeau sur les yeux, comme chevaux de manège.*" E, como se falasse a um auditório sul-americano, fez esta pequena restrição, sem dúvida mais polida que sincera: "*Je ne dis cela que pour les hommes d'Etat de la vieille Europe.*"

Absurda seria a intransigência que houvesse cerrado as portas de instituições como a vossa a tantos homens que, não vivendo das letras, ou essencialmente para as letras, não se dirá, todavia, que não mereçam tais dignida-

des. Pensava, entretanto, e penso que, só nos casos de verdadeira exceção, deve a Academia distinguir, sagrando em seus redutos, os que, fora dos círculos estritos da produção literária, exercendo outros ofícios ou outras profissões, não se esqueceram das letras, ainda que por algum de seus aspectos, e pela palavra escrita, pela palavra falada, ou, em suma, nas grandes ações em que brota e floresce a inteligência se definiram incontrastavelmente, de modo definitivo, entre as atividades do seu meio, no juízo dos seus contemporâneos, como inequívoca expressão mental. Seja ele ou não sacerdote, seja ou não oficiante, ao virtuoso, ao crente, cabe a graça. Culpa minha não será se fostes menos severo em relação a mim.

AGRADECIMENTO

Tenho, mais ainda, a agradecer-vos. Duas vezes prorrogastes o prazo que me era concedido pelas vossas leis internas para a posse na Cadeira a que os vossos sufrágios me elevaram. Sabe, aliás, o vosso presidente que, no que de mim dependeu, fiz por bem cumprir o meu dever. Dentro justo dos seis meses que para tal se prescrevem nos vossos estatutos, escrevi este discurso. Era pelo mês de fevereiro de 1931. Na montanha, onde então me achava, por mais bela que fosse a natureza, acolhedora e tranqüila, a neve que, em grandes flocos, caía das alturas, toucando de sua pureza alvinitente os campos e o arvoredo, me fazia sentir que aquela terra não era a da minha pátria. Sim, duas vezes me penhorou, no estrangeiro, a vossa benevolência. A bondade com que aprovastes, na tarde de 25 de setembro de 1930, a candidatura de um ministro, precisamente quando expirava o governo de que ele tinha a honra de fazer parte, não foi, contudo, menor que aquela que, por dois votos espontâneos, reafirmaríeis em seguida, com a mesma unanimidade, a um político proscrito das graças do poder.

Lícito me não seria citar nomes, lícito me não fora distinguir, entre os que aqui me honraram com os seus votos, tanto sou, a todos eles, igualmente agradecido. Não resisto, entretanto, a fazê-lo, haveis de mo permitir, no que diz respeito àqueles – nada menos, de nove – que, presentes e votantes, no dia da minha eleição, o desgosto me estava reservado de, procrastinada a minha

posse por cerca ou mais de três anos, os não ver figurando entre vós, hoje que enfim me venho a vós reunir.

Silva Ramos. Mestre desenganado do idioma, que foi uma grande paixão da sua vida, a flor que nunca o abandonou à lapela não deixava de ser nele um sinal de que, se a velhice conseguira embranquecer-lhe os cabelos e corcovar-lhe o corpo, não lhe penetrou jamais o espírito, desanuviado e juvenil, à beira dos oitenta anos.

Dantas Barreto. Retirado da vida publica e da carreira das armas, saiu do mundo das agitações e das lutas, onde viveu por mais de meio século, tão íntegro e tão puro como nele havia entrado no albor da mocidade, emergindo de origens modestíssimas para os altos postos do exército, da política e das letras.

Alberto de Faria. Organização combativa, a maestria com que exauria os assuntos, no pretório, na polêmica e no livro, só lhe era menor que a nobreza com que se portava nos combates. Assim até o fim, até no último – o que travou com a morte.

Luís Carlos. Lede-lhe os versos tão belos na sua simplicidade, e neles o tereis: a delicadeza nas maneiras, o primor nas qualidades, a graça, o encanto, no espírito.

Constâncio Alves. Quem o visse na modéstia do seu retraimento, mal amanhado, soturno, não pressentia talvez que ali a pena e a palavra, das que mais puderam honrar, na esfera da inteligência, servida pela cultura literária, as tradições baianas nesta Casa, sabiam ferir sobretudo as notas do humorismo, sabiam mais sorrir do que chorar.

João Ribeiro. Não vos faço injustiça a nenhum, dizendo que ele era aqui, a mais de um título, o primeiro entre os seus pares. Pode alguém concorrer à sua vaga. O que ninguém pode no Brasil, na geração dos seus contemporâneos, é ter a pretensão de preenchê-la, no gênero ou nos ramos de cultura a que ele se votou.

Augusto de Lima. Para que se tenha uma idéia do que era em beleza o seu espírito, da perfeição a que ele havia chegado na generosidade e na doçura, será bastante que se considere que a divindade que lhe inspirou na velhice, em uma eclosão de versos imortais, último canto do cisne, foi São Francisco de Assis.

Miguel Couto. Da medicina entre nós não foi apenas um mestre. Foi o mestre. Encarnação da bondade, tão chorada tem sido a sua falta, que eu quero ver nas proporções dessa mágoa, ainda lancinante, o seu mais alto elogio.

Por último, Medeiros e Albuquerque. No dia em que ele morreu, não houve no Brasil quem não sentisse que um grande claro se abrira no mundo das nossas letras. Tal era o espaço, sempre na estacada e na vanguarda, que ele ocupava na cena.

Debalde os procuramos, um por um, ao longo destas cadeiras, tão próximos ainda de nós que nos não resignamos à evidência do infinito que nos separa. Quando se regressa à Pátria, depois de um largo período, há uma saudade que, enquanto as outras se extinguem, parece que só agora, renascendo, se faz sentir na sua plenitude. É a das expressões da nossa estima, da nossa admiração, do nosso apreço, que a morte, na nossa ausência, andou ceifando. Mas fecho esta ligeira digressão, imposta por um dever a que não podia faltar, senão por sentimentos afetivos, que ainda são o melhor da nossa alma, e volto aos rumos por onde vinha vindo.

Senhor Presidente da Academia, senhores Acadêmicos.

Se há um posto, neste cenáculo, que exprima ao vivo e consórcio entre os que exerceram no Brasil o sacerdócio das letras e os que, vivendo em outros ambientes, a elas foram, de todo modo, fiéis, é este a que hoje assomo. Firmam-se aqui dois pontos culminantes da nossa literatura. Nunca o patrono e o iniciador de uma cadeira acadêmica se honraram mais um ao outro.

O PATRONO DA CADEIRA
E OS QUE PRIMEIRO A OCUPARAM

Rebento de uma terra lacerada, que havia de celebrar em tantas páginas de imarcescível beleza, hesitante nos seus primeiros passos, temperamento esquivo, uma existência que se limitou a menos de cinqüenta anos, dos quais alguns desviados para incursões na política, que tanto o ralou de desgostos, angustiado e enfermo, a natureza e as proporções da obra que José de Alencar produziu, quaisquer que possam ser as restrições que lhe tenham sido feitas, exaltam-no a uma estatura, a um como patriarcado, que lhe marca um lugar de relevo entre as nossas maiores expressões, verdadeiramente nacionais. Nem

sei para um escritor de maior título, ou de mais fúlgida imortalidade, que a de adaptado, no seu gênero, a todas as culturas, permanecer no convívio, na intimidade, no amor de todas as gerações, que lhe sentem no nome alguma coisa de abençoado e paterno, que lhe consagram, como lendas da pátria, os tipos, as histórias que narrou, que lhe repetem de cor, na infância, na mocidade, na velhice, as frases, os primores que escreveu, "para ser lidos – disse-o ele mesmo, prefaciando *Iracema* – na varanda da casa rústica, ou na fresca sombra do pomar, ao doce embalo da rede, entre os murmúrios do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros".

Poderia ter versado os grandes temas humanos. Asas, envergadura, lhe sobraram. Poderia ter escrito, sobre a humanidade, para o mundo. Preferiu cingir-se ao círculo das coisas brasileiras, senão à ingenuidade e ao bucolismo dos episódios indígenas. Preferiu cantar em prosa sua gente e sua terra... Sintamo-lo, veneremo-lo, em cada uma dessas paisagens, rios, montanhas e selvas, por que ele estremeceu; como, em cada canto de Florença, inscreveram, na pedra, os florentinos, os versos com que se atesta ao viandante, para que este se ponha em reverência, que o gênio, um dia, por ali passou.

Por outro lado, o episódio de um filho de proletários que, aprendiz de tipógrafo ele mesmo, entra na vida pelas suas agruras, e sozinho, os pés sangrando, galga, planalto e planalto, os cimos da cordilheira, e ei-lo proclamado, em sua época, o mais atilado e profundo dos nossos romancistas, ou mesmo, a certos aspectos, a figura maior das nossas letras, é beleza que se não sabe o que deva mais provocar, se orgulho, se comoção.

Para que a carreira literária houvesse correspondido de uma vez, e condignamente, aos seus deveres, em relação à Cadeira de José de Alencar, dir-se-ia ter sido bastante que a houvesse ocupado muitos anos Machado de Assis. Aberta, pois, que fosse a grande vaga, seria então bem o caso de, animando, no país, a atividade mental, prodigalizar-se-lhe o acesso a alguém que, profano embora, militando em outras paragens, aí, com lustre, exercesse, por qualquer das suas formas, honrando, igualmente, as letras, a vida da inteligência. Haveria, porém, como fazê-lo, sem ofender a representação na sua integridade, sem a comprometer no seu prestígio, sem reduzir *no* seu nível? Era difícil. Mas houve...

Menor, talvez, que Joaquim Maria Machado de Assis, na esfera das letras puras, não era, no domínio mais restrito das letras jurídicas, Lafayette Rodrigues Pereira. O jurisconsulto, na hipótese, civilista de obras clássicas, humanista de grandes reservas, ostentava os predicados de uma cultura privilegiada, e, o que mais importava no caso, a nobreza de um estilo que, pela concisão, pela clareza, pela sanidade da linguagem, se elegera modelo para os doutos. Nunca publicara um romance, ou um livro de versos. Ombros, nem por isto, lhe faltaram, para que não se houvesse de abater ao peso do nome egrégio que foi chamado a substituir.

Desaparecido Lafayette, verificou-se um fato singular. Outro advogado, outro jurista, que tinha, até certa época, circunscrito o seu renome ao foro de São Paulo, primeiro no interior, depois na capital, cintilando, de longe em longe, em produções literárias, impunha-se nitidamente, pela estirpe dos seus merecimentos, particularmente pelo modo por que os pusera em relevo, à sucessão na Cadeira que, pela segunda vez, a morte desolava.

ALFREDO PUJOL, O HOMEM DE LETRAS

Nascido na então Província do Rio de Janeiro, São João Marcos, aos vinte dias de março de 1865, transplantado, porém, logo cedo, para o torrão paulista, campo sempre aberto à atividade de todos os brasileiros, que dele tanto se orgulham, escola que é, a um só tempo, de trabalho, de cultura e de civismo, era Alfredo Pujol um desses homens que se vêm cultivando desde a infância, ao calor ou sob o influxo da animação paterna, e que enriquecem, a vida inteira, o espírito, sem planos preconcebidos, pela paixão da leitura, pelo gosto da beleza, pelo fervor da sensibilidade. Não se incumbam, por si mesmas, as circunstâncias de suscitar-lhes as ocasiões, e se reduz, muitas vezes, ao círculo dos íntimos, a impressão de um valimento que as massas ignoram. Ocorram, porém, as oportunidades, e não tardareis a fixá-los. A cultura, longamente haurida na meditação e no estudo, os sentimentos artísticos, desenvolvidos pela erudição, entram a florescer, surpreendendo, em primaveras esplêndidas.

Sabiam-no, de ciência certa, os nossos meios jurídicos, uma capacidade fulgurante. Razões que escrevesse, discursos que proferisse, nos plenários da

sua profissão, tinham todos a marca do mérito, despretensioso e legítimo. No entanto, ora jornalista, ora político, sempre advogado, diluía-se, em conseqüência, na dispersão luminosa, a personalidade literária que, antes de tudo, ele era. Há juristas que são homens de letras. Ele era um homem de letras que se fizera jurista. Revelara, em trabalhos esparsos, os seus merecimentos e pendores. A crítica, que lavrou, na flor da idade, sobre *A Carne*, de Júlio Ribeiro, é um título insofismável de escritor. Da crônica – *Os meus domingos* – que escreveu para *O Estado de S. Paulo*, há boas recordações. Não passara, todavia, no seu dizer, tudo aquilo, que, entretanto, um dos nossos maiores considerava já suficiente para conferir-lhe o direito às palmas acadêmicas, não passava, todavia, no seu dizer, tudo aquilo, de "ensaios e devaneios da mocidade, sepultados nas páginas efêmeras do jornalismo". Foi preciso que a Sociedade de Cultura Artística de São Paulo, como se lhe entregasse uma causa, se lembrasse de incumbi-lo – bendita a hora em que o fez – de uma grande missão literária. Foi mister que, em seguida, a Academia, coroando-lhe o êxito, lhe abrisse os braços efusivamente. Brotou à superfície a pleno sol um rico veio de ouro.

AS CONFERÊNCIAS SOBRE MACHADO DE ASSIS

No curso de conferências, em número de sete, que, sob os auspícios da citada instituição paulistana, Alfredo Pujol realizou em São Paulo, de 29 de novembro de 1915 a 16 de março de 1917, tudo inspira simpatia, tudo faz jus a que se batam palmas. A virtude, em Machado de Assis, associara-se ao gênio, e os dois erigiram, nele, uma entidade augusta. Celebrar-lhe a obra e a vida eram menos honrar o passado que construir o futuro. A expressão cultural do movimento cedia terreno ao seu caráter cívico. Só os que ainda não testemunharam, só os que ainda não tiveram ensejo de comover-se ante o modo por que se faz, em outros meios, a consagração dos grandes homens, lembrados, a todo tempo, por todas as formas de comemoração, à estima, o que vale dizer, à edificação dos pósteros, deixarão de estranhar a indiferença, o relativo desprezo, com que tratamos os nossos, como se já não bastassem, sobretudo no mundo das letras, tantos outros motivos de desânimo, tantas outras razões de sofrimento. Desde Plutarco, recorda, em seu último livro, um dos maiores

biógrafos dos tempos atuais, desde Plutarco, o estudo, a crítica das existências ilustres é uma necessidade que se impõe a cada geração que se levanta, a cada era que surge, a cada mocidade que alvorece.

Sentiu Pujol, na exatidão dos seus termos, a magnitude do mandato que havia recebido. Portou-se à altura dela em toda a linha. Temperado nos hábitos do estudo, não lhe fez dificuldades a vastidão da matéria, para descer, em todos os sentidos, a todos os detalhes, incidente por incidente, singularidade por singularidade, da grande vida extinta, livro a livro, capítulo a capítulo, da grande obra eterna. Erudito, ilustrou a exposição com as mais preciosas observações, reconstituindo e comentando, até onde foi cabível aprofundar as análises, a formação do glorioso espírito, e o meio em que se operou. Pôs em tudo os encantos do estilo, ou as galas da eloqüência, e rematou a obra de arte, dando-a a conhecer aos auditórios, que se reuniram para ouvi-lo, na dicção magistral que lhe era um dos brasões. As "pobres letras profanas", com que dizia contar, foram letras para o bronze, que as guarda imperecíveis. "As mãos grosseiras e rudes", como assim ele as supunha no desconhecimento de si mesmo, foram mãos de lapidário.

Tal o escultor que, burilando a obra-prima, não imagina que o mármore, que ergue à imortalidade, é o mesmo que o imortaliza, não teria Pujol pressentido que, no monumento que compunha, se modelava, ao mesmo tempo, a si próprio. Evocando Machado de Assis, comprazia-se em fazê-lo reviver como se lhe passasse a palavra, lendo-o, vezes sem conta, aos seus ouvintes. Prestamos-lhe hoje, a ele, a mesma grata e carinhosa homenagem, como se, vencendo a imensidade, que o envolve na eterna sombra, o trouxéssemos à nossa presença, e o víssemos palpitando, redivivo, nas próprias emoções em que vibrou. Entremos um momento no rosal. Colhamos, aqui e ali, alguns dos seus exemplares, inextinguíveis, através do tempo, no viço e no perfume.

A página, a meu sentir, mais expressiva, a que melhor fotografa, no conjunto das suas qualidades, o grande conferencista, é aquela em que, na terceira conferência, estuda ele a formação estética de Machado de Assis. Sinto que a extensão me não permita reproduzi-la na íntegra. Não me privo, porém, do prazer de repeti-la, ou de rememorá-la, quando nada em alguns dos seus tópicos:

> Tinha quarenta anos o novelista de *Iaiá Garcia* quando se desprendeu das últimas cadeias do romantismo. A sua cultura era então das mais sólidas e

completas. Embebido na serena beleza antiga, encontrava na arte helênica a perfeita conformidade com as tendências de seu espírito. Era um Luciano de Samosata, nascido e criado, em pleno século XIX, no morro do Livramento, no bairro dos marujos e das quitandeiras, dos catraieiros e dos pretos do ganho... Tinha o mesmo espírito fino e cáustico, o mesmo engenho e as mesmas graças, a mesma elegância e a mesma concisão, o mesmo cepticismo sorridente e a mesma tolerância melancólica, o mesmo horror dos sistemas e das hipocrisias, que fizeram do autor do *Diálogo dos Mortos* a mais completa encarnação do espírito crítico da *Decadência*.

Machado de Assis, com a extrema originalidade que o caracteriza, não sofreu a ação ambiente da sua época; superior ao seu tempo, viveu a vida interior do pensamento, criando com carinho a obra extraordinária, que é o monumento mais perfeito e mais sólido das nossas letras. Na formação do seu espírito, a par dos autores gregos, e pelo que se pôde inferir dos seus escritos e da tradição recolhida pelos que com ele privaram, tiveram primazia Rabelais e Montaigne, Shakespeare e Cervantes, Stendhal e Mérimée, Swift e Sterne, e, na orientação filosófica, Schopenhauer.

O trato da literatura helênica desvendava a seus olhos a perfeição imortal, que Péricles resumia nestas palavras: "graça e simplicidade". O aticismo, com a sua pureza luminosa, com o seu ritmo suave, com a sua razão serena, com a sua ironia alada, imprimiu à imaginação de Machado de Assis um encanto e uma doçura de que ainda não dera cópia a nossa escassa produção literária. Rabelais forneceu-lhe o modelo de um cepticismo comedido, naquele século trágico e heróico, de intolerância e fanatismo, e mostrou-lhe em Pantagruel a imagem de uma alma generosa e irônica, atormentada pelas violências e pelas misérias de seu tempo. O contacto de Montaigne, pensador da Renascença, absorvido pela antiguidade, comunicou-lhe o instinto da moderação e o senso profundo da vida, que constituem toda a sabedoria do autor dos *Essais*. Cervantes aponta-lhe, na sua triste filosofia, a irreparável ruína das ilusões, o terrível destino da condição humana, o eterno contraste entre a vida heróica e a vida vulgar, entre o sonho e a realidade, entre o sacrifício e o heroísmo, entre a bravura e a submissão, entre a piedade e a indiferença. Stendhal é, como Machado de Assis, um solitário. Isolado no seu pobre quarto de Paris, triste adolescente, sonhador e selvagem, sua alma nutria-se de profunda nostalgia e de amargas desilusões. Tal como o autor das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, nos seus dias turvos

> de pobre tipógrafo e revisor de provas, Stendhal despertou para a mocidade entre aspirações fugitivas, decepções cruéis e duros sofrimentos; mas, através de todas as tormentas, soube preservar a sua personalidade e extrair da sua própria vida a singular inspiração da sua obra. As privações e os desenganos fizeram vibrar a sua sensibilidade, apurando o seu espírito de análise e de crítica, na dissecação das ações humanas. A sua visão pessoal da vida foi a criação dessa obra admirável de psicologia, que Taine considerava a maior dos tempos modernos, rutilante de verdade e de clareza, e repassada de compadecida ternura, por entre o travo de uma intensa melancolia.

Manifesta-se, com a mesma beleza, a mesma segurança de conceitos, a mesma capacidade para as sínteses, relativamente a Shakespeare, Mérimée, Swift e, sobretudo, Sterne; e, antes de abordar a influência que pudessem ter tido no espírito do criador de Brás Cubas "as condições fisiológicas criadas pela nevrose que lhe atormentou a existência", observa, comparando-o a Schopenhauer:

> Num e noutro o pessimismo provém, antes de tudo, de uma misteriosa força íntima que lhe sombreava a visão das coisas. Mas, em Machado de Assis, o pessimismo nada tem de agressivo ou demolidor. Ele aceitou sem revolta o absurdo da natureza humana, e por isso o naufrágio das ilusões e o enigma do universo o deixaram quase impassível e indiferente. Refugiado no seu pensamento, como dentro de um sonho ele transmite à realidade das coisas a imagem sombria das suas próprias emoções, e idealiza a vida, no que ela tem de bondade ou de aspereza, através da sua alma ferida e lacerada.

Comenta, na segunda conferência, o retraimento e a discrição do autor de *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, e, daí, o horror que tinha pelos excessos de verbosidade. Um homem que o atalha no caminho, para, em tom descompassado, enchê-lo de elogios, é, a seu ver, um "sujeito derramado", que lhe "faz mal aos nervos". Uma senhora que falava muito e cujo nome era Inês, parece-lhe fora mais próprio se chamasse Inês... gotável.

Saudando Alfredo Pujol, neste recinto, por ocasião da sua posse, gracejava Pedro Lessa que, ao coro dos aplausos, que lhe festejavam, no país, a série de conferências, só teria feito, se vivo, alguma restrição, o próprio

Machado de Assis, que o julgaria talvez um pouco *derramado*. Não, por certo, naquelas passagens em que o conferencista se refere, sem meios-termos nem contemplações, à escassez de recursos do escritor, para pintar as nossas paisagens, ou os quadros da nossa natureza. Conta que ao elaborar Machado de Assis o romance *A Mão e a Luva*, saído da sua pena, folha a folha, para a publicação diária, seu amigo Ramos Paz, a quem ele havia exposto o assunto da novela, sugeriu-lhe fazer a descrição do magnífico parque do Conde de São Mamede, à Rua Cosme Velho, quando tivesse de narrar o encontro de Guiomar e Estêvão no jardim: – "A natureza inspirará uma bela página ao teu romance." Machado de Assis replicou-lhe: "A natureza não me interessa; o que me interessa é o homem." No segundo capítulo da novela, apareceram estas linhas: "O jardim ficava nos fundos da casa; era separado da chácara vizinha por uma cerca. Relanceando os olhos pela chácara, viu Estêvão que era plantada com esmero e arte, assaz vasta, recortada por muitas ruas curvas e duas grandes ruas retas. Uma destas começava das escadas de pedra da casa, e ia até o fim da chácara; a outra ia da cerca de Luiz Alves até a extremidade oposta, cortando a primeira no centro." Advogado, que o era, conclui o conferencista, não sem certa irreverência: "Ora, aí está o que conseguiu Ramos Paz na descrição do parque do Conde de São Mamede. Parece o laudo de uma vistoria forense...".

A habilidade para amenizar as longas dissertações, ornando-as de quando em vez, discretamente, de notas alegres, não obstante eruditas, ainda aí não se esqueceu de primar no gênero literário em que se estava exibindo. As relações entre José de Alencar e Machado de Assis, e entre ambos e a política, a impressão que, sobre o segundo, em plena mocidade, produziu o primeiro, em plena glória, inspiram-lhe mais de uma página, verdadeiramente interessante. Alma solitária – registra que sobre Alencar assim se externava Machado – incompatível com a política: "Primeiro em Atenas, era-lhe difícil ser segundo ou terceiro em Roma." Traça episódios ou personagens da época. E, com aquela sisudez que nunca o abandonava, intercala, de passagem: "O mesmo José de Alencar costumava referir a impressão que lhe davam, quando ainda criança, as reuniões do Club Maiorista, que preparava a revolução parlamentar da maioridade e que se faziam secretamente na casa de seu pai. Logo que chegavam os altos personagens da conspiração, era um reboliço em toda a casa

para o arranjo do chocolate com bolinhos e manuês. Vendo daí a pouco voltarem da sala secreta as mucamas, com as enormes bandejas devastadas, Alencar, desconfiado, comentava: 'Estes homens o que querem é chocolate...'. Quando, um dia, desiludido da política e ferido no seu legítimo orgulho, tornou ao seu doce retiro da Tijuca, 'escabelo entre o pântano e a nuvem, entre a terra e o céu', levou a memória daquela reflexão da sua infância, parecendo-lhe talvez que os homens que ficavam cá embaixo, 'na grande cidade réptil serpejando pela várzea', não queriam outra cousa senão o chocolate..."

Esboçando, já agora, a cena do crepúsculo, tudo sombra, a luz que se vai extinguindo, a treva que se vem aproximando, o silêncio, o deserto, a saudade, a desolação já no ocaso da vida que descamba, eis a delicadeza na expressão, eis na narrativa o sentimento, eis a doçura na tonalidade:

> Depois de *Ezaú e Jacob,* bem pouco produziu Machado de Assis. Morrendo-lhe a esposa a 20 de outubro de 1904, entrou-lhe também a morte na alma, com os seus tristes presságios e as suas sombras funestas. A perda da companheira querida desatou os fracos liames que os prendiam ao mundo. Ela tinha sido a luz e o consolo da sua existência atormentada de íntimos pesares. Amando-o e admirando-o, a sua Carolina foi para ele providência e abrigo. No seu labor solitário ela foi a guarda desvelada e terna de seu pensamento. Foi o confidente das suas penas e dos amargos segredos da sua alma torturada. "Morreu a minha memória", dizia ele, no seu lancinante padecimento. Perdida aquela alma irmã da sua, amargurado pelo abandono e pela solidão, enfraquecido de anos e de trabalhos, Machado de Assis errava na vida sem vida, apenas a ela preso pela saudade da que lhe deixara dilacerado o mísero coração. Não lhe faltou nesses dias escuros de viuvez o conforto dos amigos. Instavam com ele para que na glória da sua arte buscasse lenitivo para o sofrimento que o consumia. Era tudo em vão; a lembrança da esposa morta era a sua única razão de viver... Só em 1906 a custo se decidiu a reunir em volume algumas páginas de outrora sob o título *Relíquias da Casa Velha.* Abre o livro, porém, uma página nova, uma página do tempo dolorido da viuvez, em que Machado de Assis rivaliza com os maiores poetas de todos os tempos, e ascende às alturas em que ressoava a lira sonorosa de Camões. No soneto "A Carolina", a inspiração de

> Machado de Assis levanta-se para o céu nas asas da saudade, entre soluços de angustiosa desesperança.

Ninguém mais apropriado que o autor das conferências da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo para guardar entre vós o posto que foi outrora o de Machado de Assis. Nele não se sabe, com efeito, qual se afirmara maior, se a sinceridade no culto pela venerada memória, se o engenho no celebrá-la. Não julgou de outro modo a Academia. Tanto que a vaga se abriu, e muito não tardou que acontecesse, reconheceu-lhe o direito, e conferiu-lhe a Cadeira. Não é, pois, sem razão que articulo. Ninguém, mais naturalmente, chegou a esta eminência que o antigo advogado de Ribeirão Preto.

ORAÇÕES ACADÊMICAS

Solicitado invariavelmente pelos trabalhos profissionais, que o retinham sempre em São Paulo, duas vezes Alfredo Pujol subiu a esta tribuna. Uma a 23 de julho de 1919, ao tomar posse. Outra, recebendo Cláudio de Sousa, a 28 de outubro de 1924. Duas vezes a iluminou.

O estudo que fez, ao ser aqui recebido, sobre a personalidade de Lafayette, a quem substituía, não desmerece do que havia feito sobre a de Machado de Assis, a quem se uniu por laço indissolúvel. É a mesma consagrada mão de mestre, a versar e a exaurir os assuntos. Não sei até se, do ponto de vista da eloqüência, não terá pairado ainda mais alto. O jurisconsulto, o jornalista, o parlamentar, o homem de Estado, que assim discrimina os títulos do seu grande antecessor, ofereceram-lhe ensejo para, com o homem, traçar, conjuntamente, os cenários, os meios, a geração em que viveu, os atos de que foi protagonista, os episódios em que figurou. Tomemos ao acaso, por exemplo, as impressões que transmite sobre a adaptação de Lafayette ao parlamento que era, a bem dizer, o campo do regime. Vede, em um traço, a perfeição das imagens, em um detalhe, a capacidade do artista:

> Lafayette, antes de ser ministro, deputado e senador, nunca fora homem de tribuna. Fez-se, no entanto, insigne orador, desde o primeiro dia em que compareceu na Câmara para falar. A sua eloqüência tinha dois aspectos opostos: a do ora-

> dor doutrinário e a do orador combatente. Quando se erguia para expor e discutir uma tese constitucional ou um problema jurídico, a trama do seu discurso estava ordenada, a unidade do raciocínio estava traçada e o rigor das fórmulas delineado, por modo que a idéia sugeria repentinamente o termo exato e o rasgo flexível da locução. Repugnava a declamação e a ênfase; abominava os artifícios da retórica, impetuosa e vazia. Imperavam nas suas orações o vigor persuasivo e a profundeza dos conceitos e das sentenças. Era então o mestre exímio do direito quem falava, e todos o ouviam num silêncio enamorado e embevecido. Rompesse, porém, na tribuna, o orador combatente, rebentava nos ares, instantaneamente, com estrondo, uma tempestade. Estalavam os apartes e rugia um furacão de insultos. Lafayette cruzava os braços imperturbável e sereno, e esperava que o temporal amainasse. Transmudava-se em tais momentos o orador. Tomando agora o látego impiedoso de Juvenal, agora a flecha resplendente de Homero, destroçava os seus competidores com os sarcasmos mais amargos e os epigramas mais agudos. Mas quase sempre ria, como Fígaro ou Gavroche, e os motejos esvoaçavam como asas de abelhas doiradas.

Vede agora, em seguida, a maestria, com que, já que se ocupa da matéria, não perde o oportunidade para dar o retrato, em duas linhas, de cada um dos grandes oradores, que no momento dominavam a cena do parlamento do Império, ou nela surgiram como as esperanças marcadas pelo destino para a glória:

> Este orador ateniense nobilitou assim a tribuna parlamentar na quadra do seu maior esplendor. De feito, nunca subira tanto, no Brasil, a eloqüência política. José Bonifácio, uma torrente de estrelas, era majestoso e olímpico. Sua palavra cristalizava todas as maravilhas e todas as vibrações da natureza. Silveira Martins, forjando raios na tribuna, era audaz, intrépido, tumultuoso e dominador. Fernandes da Cunha, desordenado e desigual, prendia o auditório na magnificência da sua imaginação portentosa. Cotegipe, polemista sagaz e ardiloso, negligente na expressão, era calmo e sóbrio, mas as suas réplicas tinham movimento, vivacidade, fluidez e realce, enfloradas pelos brincos facetos da sua graça encantadora. Ferreira Viana era estupendo de fantasia e humorismo. A sua ironia, ridente e caprichosa, de uma transparência cintilante, borbotava as jóias mais imprevistas da zombaria e do paradoxo. Martinho Campos, oposicionista por temperamento, era

> mestre nas batalhas regimentais e tinha o privilégio dos lances extremos no embate dos partidos. Ouro Preto ressumbrava um orgulho de grande raça, uma vontade tenaz e um sentimento inflexível da autoridade. Andrade Figueira, na sua bravura selvagem, na rigidez dos seus princípios, era sombrio e taciturno, ouriçado de arestas escabrosas. Estrearam-se por aquela época dois moços, Joaquim Nabuco e Rui Barbosa, que apareciam na Câmara com a sedução e o prestígio dos conquistadores. O primeiro, adestrando-se todos os dias na tribuna, para vir ser mais tarde o vitorioso evangelizador da abolição do escravismo, não perdia azo de relatar as suas impressões da Inglaterra e as suas recentes leituras da *Revista de Edimburgo* e do *Times*. O seu busto escultural, o timbre argentino da sua voz, a gentileza das suas maneiras completaram nele um dos nossos oradores mais perfeitos. Rui Barbosa, que logo se mediu com José Bonifácio na discussão do projeto da eleição direta, já denunciava os surtos assombrosos da sua eloqüência, predestinado a ser no futuro o gigante da tribuna, sem rival no dom divino da palavra, que ele esculpe no mármore perpétuo e reveste de um suntuoso manto de púrpura.

Haveis de convir, Senhoras e Senhores. Nenhum tributo maior poderia eu prestar, mais alto, mais adequado, mais idôneo, à memória de Alfredo Pujol, que o de reavivar, com a citação de algumas de suas páginas, a simpatia e o louvor que hão de sempre votar-lhe, os que o lerem; e há de ser para vós, ao mesmo passo, um grato prazer de espírito o de ainda uma vez admirá-las.

No discurso a Cláudio de Sousa, tratando-se, além do mais, de um escritor teatral, o campo que se lhe oferece, o horizonte que se lhe abre é, particularmente, o do teatro. Será, na forma, possivelmente a mais bela das suas produções. A poesia de Vicente de Carvalho, em cuja vaga tinha sido eleito o novo confrade, merece-lhe, nem podia deixar de merecer de uma sensibilidade como a sua, palavras de exaltação:

> Não tem segredos, para Vicente de Carvalho, poeta do mar e do amor, como lhe chamou alguém, o sinistro ulular das águas revoltas, o murmúrio suave das ondas quietas sob o sudário do crepúsculo, a infinita solidão do deserto azul, a luminosa alegria das nossas praias, inundadas da espuma que brinca nas areias doiradas. O mar é o velho confidente dos seus sonhos, das suas esperanças, dos seus desencantos. Ele o confunde com as suas alegrias. Ou as suas mágoas, e o associa aos seus amores com enternecida volúpia.

Entra depois no assunto propriamente; e, em nada mais que meia dúzia de páginas, um verdadeiro encanto literário, discorre sobre o teatro no Brasil, na literatura e na cena através de três quartos de século, desde Martins Pena e João Caetano, até a atualidade. Comenta, por fim, um a um, tecendo-lhe alto elogio, os trabalhos de Cláudio de Sousa. Concita-o a prosseguir na mesma trilha. Por que motivo só descobrir, na alma humana, as suas enfermidades, que não deixam de ser, em última análise, as suas desventuras? Há ainda tanta luz e tanta flor por este vale de lágrimas... Irradia, então, na beleza destas seguintes palavras, que quero sejam dele as derradeiras hoje aqui reproduzidas, pois valem como um reflexo do grande espírito de humanidade com que passou pelas asperezas do mundo, ou pelo "mundo do pensamento e do sonho":

> A realidade não exclui o idealismo, nem impõe a reprodução dos aspectos torpes e repugnantes da vida. As coisas nobres também são verdadeiras. Não resta dúvida que a obra dramática deve exprimir as idéias do meio contemporâneo e realçar certos problemas que agitam as sociedades, copiando a imagem límpida e clara dos costumes de uma época. Cumpre, porém, encarar a vida com indulgência, extraindo dela o que possa elevar o pensamento e despertar a emoção.

A 20 de maio de 1930, naquela mesma cidade de São Paulo, que se desvanecia de prezá-lo entre os mais belos espíritos que ainda ali floresceram, finou-se Alfredo Pujol aos sessenta e cinco anos de sua idade. Aplicando-lhe uma expressão já conhecida, ocorre-me dizer, em sua honra, que o primeiro desgosto que deu aos seus amigos, ou aos que com ele conviveram, foi justamente o maior que lhes poderia ter dado. Foi o que a todos lhes causou, morrendo.

Militou na vida pública. Exerceu o jornalismo. Viveu, sobretudo, na advocacia. Mas precisamente às horas vagas, em que lavrou no campo literário, hão de ser as que mais o conservam na lembrança dos pósteros.

OS ESCRITORES E A IMORTALIDADE

Foi, não há dúvida, Alexandre Dumas uma das atividades mais fecundas, umas das imaginações mais portentosas que animaram as letras do seu

tempo. Velho, a dois passos do túmulo, glorificado por muitos, agredido, atacado por outros, que até o acusavam de fraude na elaboração dos seus romances, teve a sua hora de desânimo. Sonhou que, estando de pé sobre uma montanha, de que cada bloco era formado por uma de suas obras, sentiu subitamente esboroar-se, debaixo dos seus pés, aquilo tudo que ele pensava ser pedra, e não passava de areia. O filho, que lhe herdara o nome e o gênio, advertiu, consolando-o: "Dorme tranqüilo sobre o teu granito. Durará tanto quanto a nossa língua. Há de ser imortal como a Pátria."

Poetas! escritores! que tangeis a vossa lira, ou brandis a vossa pena, haurindo nos ideais a que servis, com o desinteresse dos apóstolos, o ânimo, o entusiasmo, a inspiração, que nunca vos abandonam... podeis sorrir da vida; porque a arte vos toma em suas asas e vos eleva acima das tristezas e das misérias humanas. Podeis zombar da morte: porque a vós sobrevive a vossa obra, e desta irrompe uma luz, que nunca mais se apaga...

Montesquieu, que fazia não poucas restrições ao grande ministro de Luís XIII, reconheceu, todavia, na Academia Francesa, por ele fundada – são estas as suas palavras textuais – "a porção mais nobre e mais durável de sua glória". O Conde de Saint-Aulaire, um dos mais recentes biógrafos de Richelieu, se não subscreve inteiramente o conceito, será apenas por considerar que avultam na sua obra outros serviços, porventura ainda mais relevantes. Mas, exaltando a grande criação, em que se ampliaram, de alguma sorte, os salões, onde já se punha em prática, em pleno absolutismo, o princípio da "igualdade ante a gramática, a sintaxe e a literatura", expande-se, em todo o caso, nestes termos: "Consagrando um santuário ao pensamento, não teria ao Cardeal passado despercebido que ia abrir um refúgio à independência. Fundando o novo instituto sobre a base da igualdade, abrindo-o ao mérito, sem nenhuma distinção de berço ou de fortuna, aquele absolutista emancipava o espírito. Mas, ao mesmo tempo, o ligava ao interesse público, pela virtude de uma instituição de caráter permanente, que consagrava o respeito do passado e o zelo do futuro."

O respeito do passado... O zelo do futuro... Feliz a instituição que, em cada geração, ou em cada época, puder dominar de tão alto as vicissitudes do presente!

II

RESPOSTA DO SR. AFONSO CELSO

I
SUBSTITUINDO

SENHOR Octavio Mangabeira:

Impediu a fatalidade que a vossa festa inaugural na Academia tivesse oficiante condigno das melhores tradições dela e dos vossos merecimentos.

Estava incumbido de receber-vos Medeiros e Albuquerque, cuja sempre lampejante e sedutora palavra corresponderia à vossa.

Foi-nos ele, porém, arrebatado, simultaneamente com outros padrões de força e prestígio do nosso cenáculo, e a sua ausência, hoje mais do que nunca, nos desola.

Dir-se-ia que rajada funesta invadiu um templo, apagando-lhe altas e fulgurantes luzes do altar, ou que Abaddon, o anjo exterminador apocalíptico, ou anjo do abismo, quis colher, de uma assentada, muitas almas de escol, para levar primoroso ramalhete aos pés do Altíssimo.

Assenti ao convite de substituir Medeiros, porque, conforme vulgar conceito, certas distinções, se ninguém as deve pretender, rejeitá-las, quando oferecidas, descambaria em desprimor.

Monsenhor Raimundo de Brito, glória da parenética brasileira, conheceu, quando exercia o reitorado do Colégio Pedro II, o então ali estudante Medeiros, a quem, seguindo o preceito cristão do amor ao próximo, embora lhe condenando os erros, consagrou grande e correspondido afeto, até morrer.

Arcebispo de Olinda, visitando-o Medeiros, no paço arquiepiscopal, apresentou-o o prelado a outro sacerdote, nestes termos: "Eis aí o único herege entre os meus amigos."

O mesmo diria eu, que, deplorando-lhe as ostentosas irreverências, evoco-lhe piedoso a interessantíssima figura, no momento de desempenhar a missão que tão bem lhe cabia, para, por mim, e, acredito, pela assembléia, render-lhe preitos de deferência e saudade.

Profundos dissídios políticos e religiosos nos separavam.

Ele sempre propugnou ardoroso o sistema de governo que faz derivarem de pleitos eleitorais todos os poderes do Estado. Admiti-o, outrora, mas, afinal, me convenci de que, assim como não compete aos soldados de um exército elegerem o seu general, nem aos membros de uma família escolherem seus pais, assim também a autoridade social deve ter origem diferente do falível e precário resultado das urnas.

A meu ver, precisa, no presente, a civilização, como tanto, talvez, jamais precisou, de dirigentes fortes, estáveis, independentes, superiores a partidos, corporificando indistintamente a nação integral, sem interesse e ambições particulares, oferecendo a dupla garantia de tradições ancestrais e de continuidade progressista, assegurada por sucessão predeterminada e natural.

Medeiros timbrava em mostrar-se refratário à religião, enquanto para mim está unicamente nos mandamentos daquela em que creio a solução de quaisquer problemas individuais e coletivos, – o refúgio, o consolo, a resignação, a esperança, ministradas pela certeza de reparações, em nova existência, à luz de sabedoria, justiça e misericórdias infinitas.

Manifestava-se ele depreciador implacável do Imperador D. Pedro II, de quem só depois da queda do trono me aproximei.

Entretanto, examinando homens e fatos, não sob prisma sentimental, mas ao critério da observação, experiência e comparação positivas, prezo-me de venerar, em grau ascendente, os talentos e virtudes domésticas ou cívicas do Magnânimo, julgando-o com direito à glorificação, não já do Brasil, porém da humanidade.

Sem embargo de tamanhas divergências fundamentais, muitos modos de pensar e de sentir me acercavam de Medeiros, quais, por exemplo, o

patriotismo, o culto das letras, a admiração e respeito de superioridades nacionais e estrangeiras.

Por isso, Sr. Octavio Mangabeira, inspirastes-nos, a ele e a mim, o mesmo sincero e vivo acatamento, de sorte que ambos vos chamamos para este grêmio, e se a sua saudação, infelizmente malograda, teria superado, de certo, a minha, em engenho e arte, eqüipolente lhe houvera sido em efusiva cordialidade.

E eis significativo atestado de serdes vós quem sois: espíritos antagônicos, prosélitos de doutrinas irreconciliáveis, sentiam-se irmanados, ante a vossa individualidade, e ansiosos aguardavam a vossa lamentavelmente protraída chegada ao nosso convívio, satisfação de que as vicissitudes da política privaram a Medeiros.

II
A ACADEMIA E O MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Com apreço comum, aquilatávamos as vossas credenciais.

Viestes desse viveiro de estadistas homens de letras que tem sido o Ministério das Relações Exteriores, antigo dos Negócios Estrangeiros.

Figurou nele, na quadra colonial, o exímio fidalgo, cientista, poliglota artista, Antônio de Araújo de Azevedo, depois Conde da Barca que, acompanhando a corte portuguesa, nos trouxe as suas opulentas livraria e coleções, incorporadas, após a morte dele, à nossa Biblioteca Nacional. Contribuiu, mais do que ninguém, para a elevação do Brasil à categoria de reino unido; fundou a Academia de Belas Artes: fez vir a famosa missão artística francesa, cujo mais ínclito benefício foi o de nos haver legado os Taunays.

Entre seus sucessores, eis o poeta Américo Elísio, isto é, José Bonifácio, o Patriarca, o ministro dos Estrangeiros da Independência.

Forneceu esse Ministério à Academia dois presidentes: Domício da Gama, ministro, e Rodrigo Octavio, digníssimo de o ser, investido de altos encargos diplomáticos.

Serviram na dita pasta, como ministros: o Barão de Loreto, o Barão do Rio Branco, Lauro Müller, Félix Pacheco e vós, sr. Octavio Mangabeira, o

que, com Domício da Gama, eleva a meia dúzia o número de tais serventuários, eleitos membros da Academia.

Pertenceram ao mesmo Ministério, em caráter permanente ou em comissões temporárias, os seguintes acadêmicos, ou patronos de cadeiras acadêmicas: Magalhães de Azeredo, Luís Guimarães Filho, Hélio Lobo, Gustavo Barroso, Ribeiro Couto, felizmente vivos; mortos: Hipólito da Costa, Domingos de Magalhães, Varnhagen, Joaquim Caetano, Gonçalves Dias, Maciel Monteiro, Francisco Otaviano, Visconde do Rio Branco, Pedro Luís, Porto-Alegre, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Graça Aranha, Jaceguai, Oliveira Lima, Salvador de Mendonça, Lafayette, Luís Guimarães Júnior, Aluísio Azevedo, Raimundo Correia.

Alguma omissão involuntária não prejudica a afirmativa dos vínculos entre o nosso Trianon e o Itamaraty.

Ao fato de haverdes vindo de lá juntais a vantagem de possuir um nome de família caro às letras, circunstância não dispicienda, pois na Academia Francesa, modelo da nossa, sempre houve uma bancada em cujo preenchimento se atende mais, às vezes, a linhagem do candidato do que a sua bibliografia.

III
FRANCISCO MANGABEIRA

É vosso irmão o ilustre parlamentar, jurisconsulto e constitucionalista João Mangabeira.

Era-o o admirável Francisco Mangabeira, comoventemente lembrado por vós e que, imolado na juventude, deixou, mais do que efêmeros brilhos meteóricos, obra de duradoura rutilação. Compô-la, no correr de extensas e arriscadas viagens, ou de ocorrências tumultuárias. Vitimou-o uma dessas moléstias rápidas, inesperadas, prematuras, de desfecho semelhante ao de um homicídio.

Terceiranista de Medicina, ofereceu-se ao Governo para servir nos hospitais de sangue da campanha de Canudos, e lá esteve, no meio da hecatombe fratricida, até à destruição do denodado reduto fanático de Antônio Conselheiro.

Formado muito moço, partiu para o Amazonas, onde tomou parte na revolução reivindicadora do Acre, e contraiu a enfermidade que o ceifou, como a Gonçalves Dias, a bordo do navio no qual volvia ao torrão natal.

Entre tão graves perturbações, cultivou sempre a poesia, escrevendo, em toda parte, formosos poemas, e colaborando na imprensa. Inéditos ficaram muitos de seus trabalhos, mas os publicados em prosa e verso bastam a abonar-lhe a fidalguia mental, de par com levantado caráter.

Em *Carta a um Morto*, dedicada a um amigo sacrificado na luta, explicou que a dedicatória traduzia por si só todo o protesto e toda a piedade que lhe assoberbavam o ânimo, ante aquela carnificina. Falava a um finado, porque os vivos pareciam não apreciar devidamente a desgraça da Pátria, verdadeiro pesadelo, tragédia épica.

Comparte das forças atacantes, admirava tanto os soldados destas como os obcecados adversários, vítimas todos de horrível erro. Pobres tabaréus impertérritos, em natureza árida, abrasada, hostil, a combaterem, com bravura louca, até ao derradeiro alento, sem jamais se curvarem, num gesto de cobardia ou submissão!

Francisco Mangabeira, corroborando Euclides da Cunha, traçou, ao menos, esplêndido epitáfio para o túmulo ignorado de tamanhos heróis desconhecidos!

IV
NOTAS BIOGRÁFICAS

O assim fúlgido nome de Mangabeira ilumina igualmente não poucos lances da vossa biografia.

Enumerastes alguns, com legítimo garbo, mas discretamente calastes outros, de relevo igual, senão maior.

Cumpre-me recordá-los.

Engenheiro civil e bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, aos 19 anos, com aprovações distintíssimas, quais ninguém ainda as alcançara ou alcançou na Escola Politécnica da Bahia, desde cedo conquistastes nomeada de destro manejador da palavra oral ou escrita.

Doutamente ali lecionastes várias disciplinas; exercestes, com idoneidade, funções profissionais.

Jornalista, formariam volumes os vossos artigos sobre diversas matérias.

Para certos homens de imprensa, observou Carlos de Laet, – o se tornarem autores de numerosos livros depende apenas de encadernação.

De vereador municipal de Salvador, vossa terra natalícia, passastes a deputado federal, aos 25 anos, e o mandato abrangeu cinco legislaturas sucessivas, mesmo em oposição.

Na Câmara, logo vos exalçastes, já na tribuna, já nas tarefas, menos em evidência, porém, porventura, mais profícuas das comissões. Elegeram-vos relator das de marinha, viação e obras públicas, finanças, as duas últimas de máxima responsabilidade.

Citam-se vossos pareceres como valiosas monografias, obras-primas no gênero, quer pela substância, quer pela forma.

Leader, proeminente em quaisquer emergências, ascendestes a 1.º vice-presidente da assembléia, o que, pela antiga Constituição, equivalia a substituto eventual do Presidente da República.

Tamanha autoridade angariastes, sancionada por belas consagrações cívicas, pela vossa operosidade lúcida, serena, íntegra, que recebestes a incumbência de traduzir o pensamento político dominante quando o Sr. Washington Luís leu a sua plataforma.

Ao organizar este o seu ministério, indigitava-se o vosso nome para qualquer das pastas, pois dos negócios de todas havíeis demonstrado amplos e sólidos conhecimentos.

V
MINISTRO DE ESTADO

Na Secretaria cuja direção assumistes, alçastes-vos ao nível dos mais laboriosos, seguros, clarividentes administradores, ministro de Estado e homem de Estado, expressões, muita vez, de duvidosa sinonímia.

Prova-o a introdução ao relatório correspondente ao ano de 1930, resenha dos trabalhos do Ministério das Relações Exteriores, sob vossa ges-

tão, obra de tanto esmero que pode ser considerada uma das justificativas do vosso acesso à Academia.

Compreendestes e praticastes a política internacional do Brasil, desde o Império, que caiu celebrando suntuosas festas em honra do Chile; solvendo o antigo litígio de Missões, com a Argentina, submetido ao arbitramento, de que nos adveio à vitória, e havendo nomeado delegados para a primeira conferência pan-americana de Washington, onde já se encontravam, nesse encargo, os ulteriores acadêmicos Lafayette e Salvador de Mendonça; – política de lealdade e paz para com todos os povos, sobrelevada por solidariedade e cooperação, relativamente aos do Novo Mundo.

Prosseguistes, – conforme dissestes, – no caminho aberto pelos vossos antecessores, que, todos, cada qual o mais que pôde, se esforçaram em conquistar para o país uma tradição que o não deslustra, antes o engrandece.

Mas prosseguistes com firmeza e descortino particulares.

Procurastes, dessa maneira, fixar a definição do território nacional, e, portanto, o mapa do Brasil, "elucidando os limites, o que é contribuir de alguma forma, para desanuviar o futuro"; aparelhastes os serviços do ministério, no sentido de auferir deles, o maior provento possível; reorganizastes e convenientemente instalastes arquivos, biblioteca, mapoteca; incentivastes pesquisas de história pátria e o culto pelo Direito; obtivestes o custeio para visitas recíprocas de intelectuais nossos e uruguaios; atuastes elevadamente em congressos reunidos aqui e no exterior; buscastes decidir definitivamente árduos assuntos.

Dizem que, numa chancelaria européia, existe um armário, contendo invólucros, alguns volumosos, com esta inscrição: *Negócios que o tempo resolverá.*

Sob a vossa inspeção, bem como sob a do vosso também expedito predecessor, não se conheceu, no Itamaraty, móvel assim.

Prestes a terminar o quadriênio ministerial, fostes, sem concorrente e por unanimidade, eleito para a Cadeira de que é patrono José de Alencar, homem de letras e estadista; criada por Machado de Assis, fino psicólogo e arguto analista da vida social, e, sucessivamente, ocupada por Lafayette, estadista e literato, e por Alfredo Pujol, emérito orador, jurista e letrado, espíritos privilegiados, com os quais o vosso apresenta muitas afinidades.

VI
NA ACADEMIA

A vossa eleição só não foi aprovada e aplaudida pelos detratores profissionais da nossa companhia.

Durante os três séculos de seu prestigioso funcionamento, jamais deixou de os ter a Academia Francesa.

Valentin Conrart, em cuja casa ela se fundou, seu diligente secretário, no correr de quarenta anos, sofreu constantemente epigramas, porque nada publicara.

Boileau satirizou-o no conhecido verso:

"*Je garde de Conrart le silence prudent.*"

Gracejava-se, assoalhando que as suas obras consistiam apenas nas atas das sessões e nessas mesmas atas o único escrito seu autêntico estava no próprio nome da assinatura...

Académicien – écrivain mis en quarantaine – definiu um dicionário humorístico.

Ainda, recentemente, *sous la coupole*, reeditou-se antiga anedota. Discutiam-se candidaturas, e mais de um acadêmico pronunciava-se hostil a uma delas. Defendeu-a autorizado colega dos impugnadores, alegando:

– "Pois eu votarei em Fulano, pelas seguintes razões: é simpático, sujeito inofensivo e bem educado, qualidade esta muito necessária na Academia. Só tem contra si uma cousa: os seus trabalhos literários, mas essa cousa é tão pouca cousa que não pesa, não o prejudica."

Nos discursos de recepção lá proferidos inserem-se, de ordinário, irônicas alfinetadas contra os recém-vindos.

Lembram esses maldizentes sistemáticos da Academia o escravo que, no desfile de triunfo, glorificação máxima, na velha Roma, acompanhava o herói, injuriando-o, no seu próprio carro majestoso, a fim de que ele não olvidasse que era mortal.

Também, em solenes ocasiões da Igreja Católica, admite-se um advogado do espírito que nega, e, simbolicamente, se mostra, ao ser proclamado um novo Soberano Pontífice, a transitoriedade da glória humana.

Segundo um pensador, o deprimir alguém continuamente uma instituição ou uma individualidade significa, afinal, depender dessa individualidade ou dessa instituição, fazer parte dela, como os bacilos do corpo que infestam, mas de que se nutrem.

A agressão veemente e pertinaz implicitamente reconhece e confessa a influência, a superioridade, do agredido sobre o agressor, e "a luta é, não raro, uma colaboração".

Acresce que os mortos por semelhantes verdugos costumam rigidamente sobreviver-lhes.

Podem, na sua tenuidade – insiste aquele pensador, – o pó, o fumo, a nuvem esconder uma estrela, mas pó, nuvem, fumo passam depressa, enquanto a estrela permanece impassível.

Camadas de lixo sobre um diamante não lhe destroem o brilho e o preço.

A questão é ser estrela ou diamante.

Joaquim Nabuco assinalou quão fácil é a arte de denegrir, ao pronto alcance de qualquer imbecil, mas a única que vale, a arte verdadeira, é a de encarecer e admirar, é a de criar, não a de demolir.

VII
OBRAS LITERÁRIAS DO SR. OCTAVIO MANGABEIRA

Argüiu-se-vos, como a Lauro Müller, Santos Dumont e Gregório Fonseca, a exigüidade da bagagem literária.

Ignorância ou má fé.

Com a carta em que formulastes a candidatura à Academia, oferecestes-lhe cinco obras, algumas em segunda edição: *Christus Imperat*; *A Nação e os Problemas de Governo*; *Tradições Navais do Brasil*; *Pelos Foros do Idiorna*; *Voto de Saudade*.

Cada uma delas preenche os requisitos dos Estatutos: tem reconhecido mérito, perante as letras.

Suscitaram todas elogiosas, fundadas e competentes apreciações, como as dos Srs. Melquíades Picanço e Carlos Pontes, que lhes apontaram a nobreza do pensamento, plasmado com elegante perícia e correção.

Na primeira, *Christus Imperat*, afirmastes, destemeroso do respeito humano, a vossa fé religiosa, intensamente católica.

Seguistes o exemplo de Chateaubriand, como vós, ministro das Relações Exteriores, de quem referistes o curioso caso de ser acusado por um de seus secretários, quando, em grave momento político e diplomático, chefiava uma embaixada, de só se ocupar com eles de bailes e mulheres, – increpação que ninguém ousaria irrogar-vos.

Entretanto, o genial apologista de *Le Génie du Christianisme*, exatamente na hora em que o seu auxiliar lhe atribuía futilidades, cuidava de obra bem séria: – a composição de suas famosas memórias.

Isso prova, ainda uma vez, o erro e injustiça de aparentemente insuspeitas informações, até oficiais.

Afirmou Chateaubriand: "A religião que eu tenho a glória de defender e propor à veneração dos homens é a religião que convém a todas os tempos e lugares, simples com os povos simples, esclarecida com os povos civilizados, inexcedível em sua moral, sempre adequada ao momento, religião de paz, que mais ama perdoar do que punir, que deve a duração às suas vicissitudes, e cujo martírio serve apenas para lhe assegurar a vitória."

Chegais à conclusão idêntica, professando a salutar filosofia do Evangelho.

Em *A Nação e os Problemas de Governo* – delineais sagaz e patriótico programa, insistindo na necessidade da defesa da União, "a nossa vida e penhor de nossa glória".

À complexa questão da coexistência, independente e interdependente, da União dos Estados aplica-se o velho apólogo norte-americano da mão e os dedos.

Desiguais, autônomos, formam, todavia, os dedos, com a palma, um só órgão: a mão.

Tirado algum dedo, a mão fica mutilada; mas, separado, o dedo nada vale, perece.

Concorrem todos os dedos para que a mão execute o seu trabalho.

Empenhem-se, concitastes, todas as unidades que a compõem pelo desenvolvimento material e moral, não só do trecho que territorialmente representem, como pelo do conjunto das mesmas unidades, de modo que a

expressão Estados Unidos do Brasil signifique realmente solidariedade, coesão íntima, vinculação indesatável.

Que à palavra política se deixe de ligar, como desgraçada e geralmente hoje acontece, a impressão de conchavos, nos quais aquilo que menos entra costuma ser o interesse público.

Reabilitem-se os políticos pelo acerto das diretrizes e moralidades dos atos.

Eis aí sentenças vossas, próprias a se inscreverem no pórtico dos estabelecimentos governamentais.

Em *Tradições Navais do Brasil*, descreveis, concisa e substancialmente, o passado de nossa Armada, gloriosa na paz e na guerra, – na guerra, por soberbas vitórias; na paz, por haver, quando menos, mais de uma vez, circunavegado o planeta, desfraldando galharda o nosso pavilhão entre as mais remotas gentes.

Numa dessas viagens levou, como embaixador à China, um futuro acadêmico, o na época, Artur Silveira da Mota, depois almirante Barão de Jaceguai.

Chegou à primazia na América, quando a guerra da secessão aniquilou a dos Estados Unidos.

Hoje, a sua situação se resume em triste lacônica frase: pessoal brilhantíssimo com material imprestável – situação deprimente que urge remediar, sem hesitação, sob pena de se trair o apelo de Nelson e de Barroso diante do inimigo.

País com extensas costas e rios navegáveis, como o nosso, destituído de marinha semelha belo pássaro possante, ansioso por magníficos surtos, e a quem tirassem as asas. Parafraseio nisto eminente estadista.

Em *Pelos Foros do Idioma* registrais vossos atos e palavras, equivalentes a atos, na defesa do elemento que, com a religião, mantém e fortalece, mais que todos, a coadunação e homogeneidade pátrias.

Vivos aplausos daqui e de além-mar aclamaram essa atuação.

Timbrastes sempre, consoante a frase inicial do vosso discurso, em zelar com carinho tudo o que escreveis e tudo o que proferis.

Com efeito, cultor do vernáculo e do discreto frasear clássico, o vosso senso atilado e progressista, conhecendo a evolução das línguas, sabe que se acha em nítida formação a brasileira, que se há de fatalmente diferençar da

lusitana, como esta se diferençou da latina, diferençada também de idiomas anteriores.

Já possuímos prosódia, vocábulos, construções sintáxicas, peculiaridades, modismos, positivamente nossos, e que, de dia a dia, se opulentam.

Virá a independência.

Acertadamente, todavia, procedestes, lidando pela expansão e prestígio do linguajar português, que é o de um dos mais vastos e auspiciosos redutos da latinidade.

Prescrevestes aos vossos agentes diplomáticos o mesmo empenho, por todos os meios idôneos e oportunos.

Defender a preservar a língua nacional, – na vossa judiciosa recomendação, – é uma das mais expressivas formas de preservar e defender a Pátria.

Contra as praxes, falastes em português, abrindo, nesta capital, um congresso, onde quarenta e quatro delegados estrangeiros constituíam considerável maioria.

Obtivestes a inclusão do nosso idioma entre as línguas oficiais de congressos europeus e americanos.

Promovestes a tradução para italiano e francês de produções de autores nossos, estimulando a propaganda da nossa intelectualidade no mundo culto.

Por esses serviços, de ordem literária, fizestes jus ao título de paladino da linguagem que, em memorável oração, conferistes a Carneiro Ribeiro, mestre de Rui Barbosa.

VIII
RUI BARBOSA – OS IDEIAIS DA BAHIA

Voto de Saudade encerra a saudação que erguestes, no Congresso Nacional, a este vosso insigne conterrâneo e particular amigo, seguida do parecer que emitistes sobre o projeto de lei relativo à aquisição, pelo Governo, da casa onde ele residiu, seu mobiliário, biblioteca, arquivo, manuscritos e propriedade intelectual de obras inéditas.

Em ambas essas produções, sustentastes exuberantemente que ele mereceu o epitáfio de sua própria autoria: *Estremeceu a Pátria; viveu no Trabalho; não perdeu o Ideal.*

No discurso, viu o emérito ex-ministro de Estado e ex-senador federal Dr. Francisco Sá, não só a evocação da figura imortal de Rui, como a ressurreição deslumbrante de sua eloqüência.

E o ex-ministro do Supremo Tribunal, em má hora dele afastado, Dr. Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, continuador ilustre de nomes preclaros na Independência os dos Visconde de Pirajá e de Torre de Garcia d'Ávila, enunciou sobre o mesmo discurso este juízo, no teor das suas luminosas sentenças: "Honrou as tradições da Bahia, provando que ela não perdeu o primado da eloqüência e os generosos ideais, nutridos pelos seus grandes estadistas."

Realmente, essa e outras orações vossas, constantes dos *Anais*, convencem, como a de hoje, de que subsiste aquela primazia.

Quanto às tradições e ideais baianos, nenhum bom brasileiro os poderá esquecer nem preterir.

Foi na Bahia que se estabeleceu o primeiro Governo Geral da colônia, destinado, na frase do ato régio que o instituiu, a conservar e enobrecer o Brasil.

Ali aportaram essas altas, puras, construtoras, abençoadas figuras dos nossos fastos, – os Jesuítas.

Ali, os moradores briosamente lutaram contra a invasão holandesa inicial.

Ali, obedecendo ao verbo inflamado de Antônio Vieira, repeliram os assaltos dirigidos em pessoa por Maurício de Nassau, inflingindo-lhe o primeiro revés.

Ali, o sangue de martírio da mulher brasileira, na pessoa de Joana Angélica, ungiu a bandeira libertadora.

Ali, como registrastes, se organizou a primeira esquadrilha nacional, comandada pelo lendário almirante improvisado João das Botas.

Ali, encetou o seu, sob múltiplas faces, benemérito governo em o Novo Mundo o Príncipe Regente, depois D. João VI.

Ali, ocorreram dois acontecimentos mais decisivos para a Independência do que o de 7 de Setembro: a abertura dos portos e o 2 de Julho.

Ali, funcionou a capital do país, durante mais de 200 anos, fecundos em obras de arte que dão direito à cidade, como a Ouro Preto, ao brasão de monumento nacional.

Ali, surdiu a trindade augusta, constelação, a que se agrupam outros astros, suficiente por si só para iluminar os nossos horizontes e nortear os nossos rumos: Cairu, Castro Alves, Rui Barbosa.

Batizou Tomé de Sousa a povoação nascente com o nome de Salvador e lhe outorgou, por armas, em campo azul, uma pomba, tendo no bico um ramo de oliveira, e a divisa – *Sic illa ad arcam reversa est.*

Nome, campo azul, armas, divisa simbolizam: salvação, reflorescimento, confiança, não obstante quaisquer catástrofes.

Eis os ideais da Bahia e do Brasil, eis-lhes a superna missão.

IX
OUTRAS OBRAS

As cinco composições que, sucintamente, acabo de apreciar, estimaram-nas (e o subscrevo) abalizados julgadores como atestados da alta consciência literária, a serviço das boas letras, cujos tesouros aumentaram.

Depois da solução de continuidade imposta pela revolução à vossa carreira pública, produzistes outras, também credoras de caloroso apreço, pelo polimento do estilo, exatidão de fatos narrados e pureza moral.

Pertencem a esta série as cartas abertas que endereçastes ao emérito embaixador Raul Fernandes e ao modelar magistrado Hermenegildo de Barros.

Há ainda as dirigidas aos eminentes Srs. Getúlio Vargas e Assis Brasil, infelizmente indivulgadas.

Com a epígrafe – *Um pregador da Paixão: Padre Elpídio Tapiranga*, escrevestes um primor de colorido descritivo, e comoção, tão delicada quão vibrante.

Pintais a procissão, na Bahia, do enterro do Senhor, "um dos atos mais tocantes que ainda, em nossos dias, se celebram em toda a Cristandade".

Comparais-la com a de Sevilha, de antiga e universal notoriedade, e hoje interrompida pela intolerância que levou ao excesso de se dispararem tiros, no derradeiro préstito, contra a imagem da Virgem.

Desenhais, à maneira de Pierre Loti, a capital da Andaluzia, – ruas estreitas, pátios ornados de laranjeiras, jardins por onde vagou Murillo, a catedral, insigníssimo monumento da Fé.

Na procissão da Bahia, a população inteira corrobora a sua fidelidade à cruz chantada em seu solo pela frota cabralina. Carregam o pálio altos personagens: os presidentes da Província, no Império, os governadores do Estado, sob a República.

Não sei se os interventores, na recém-finda Ditadura.

A nota culminante do imponente espetáculo está no sermão. Pregou-o, durante anos consecutivos, o vosso amigo Padre Elpídio Tapiranga, de humildade evangélica e irradiante simpatia.

Relatais uma de suas prédicas, singelas e empolgantes, sobre o centurião romano que, no Calvário, se converteu, como o bom ladrão, e apregoou intrépido a divindade de quem, entretanto, expirava supliciado pela justiça dos homens.

Delineais finamente o perfil de outro centurião de César, o de Cafarnaum, aquele que julgou a sua morada indigna da visita de Jesus, ao qual bastaria uma só palavra para curar-lhe o escravo enfermo, e cujo – *Domine, non sum dignus* – o celebrante da missa três vezes repete, antes da comunhão.

O procedimento destes dois militantes ensina quão salutar pode ser a ação das forças armadas, em angustiosas situações.

A propósito do Padre Tapiranga que, com méritos superiores, jamais quis passar de simples sacerdote, exaltais a sublimidade deste ministério, feito de renúncias e sacrifícios.

E confrontais o destino de dois célebres eclesiásticos, no começo do século XVII. Um, nobre, rico, amigo do soberano, bispo aos 22 anos, cardeal, aos 37, poderoso ministro da Coroa. Outro, capelão obscuro, plebeu, pobre, combatendo os abusos do clero e os vícios da sociedade de seu tempo. Aquele, no pináculo das grandezas, este nas ínfimas camadas sociais, conquistaram ambos a veneração da posteridade.

Chamava-se o primeiro Armand Du Plessis, e o segundo Vincent, a que acrescentou De Paul ou Depaul, proveniente do lugarejo, onde nascera.

Não obstante os grandiosos empreendimentos do primeiro, entre os quais avulta o da fundação da Academia Francesa, sobrepujou-lhe o segundo a glória, com o correr dos séculos.

Enquanto vários gestos de Richelieu incidiram e incidem até hoje em censura e condenação, todos os de São Vicente de Paulo, inspiram, cada vez mais, unânimes aplausos, bênçãos, reconhecimento, por parte da imensa maioria humana, – dos desamparados, dos sofredores.

Qual dos dois o maior? – inquiris.

Na época em que viveram, ninguém hesitaria em pronunciar-se pelo Cardeal.

Hoje, prevalece e de futuro prevalecerá aquele que a Igreja erigiu aos altares e a quem a Convenção Francesa quis levantar um monumento, um dos maiores apóstolos típicos da caridade militante.

Percorríeis a Côte d'Azur, cujas belezas naturais vos avivaram recordações das da Bahia, talvez superiores, quando soubestes que partira, de certo para a bem-aventurança, o Padre Elpídio Tapiranga, fiel e valente soldado de Cristo, como São Vicente de Paulo, embora de somenos realce.

Pedira ele que o inumassem em cova rasa e proibira a usual oblação de flores, "as da ostentação".

Atirastes-lhe, porém, de longe, essas da sinceridade, que não murcham e conservam perene olor, traduzindo compungida ternura, em termos inefáveis, que imperfeitamente acabo de resumir.

X
A QUEDA DE UM REGIME

Deploro também só me ser dado fazer pálido extrato de outro trabalho vosso, apropriado, como aquele, a preciosas seletas.

Refiro-me à narrativa – "As últimas horas da legalidade" – redigida, a 16 de novembro de 1930, no quartel do 1.º Regimento de Cavalaria, onde estáveis preso, e estampada em folhas de São Paulo e desta capital, sem a menor retificação.

Não compartíeis a tranqüilidade do Sr. Washington Luís quanto ao desenlace da revolução.

Começastes a arrumar os papéis do vosso gabinete, sentindo que o governo caminhava de encontro a um rochedo que o despedaçaria.

Pareceu-vos inútil e contraproducente a convocação dos reservistas.

Às primeiras horas de 24 de outubro, mal recebestes do Guanabara aviso telefônico alarmante, correstes para o lado do Presidente, dispostos para um drama.

Fostes o primeiro dos ministros a chegar e teríeis sido o último a sair, de noite, se lá não houvesse ficado preso, o da guerra, General Sezefredo Passos.

Não poucas vezes, – asseverastes – no correr de vossa administração, contornastes recomendações do Sr. Washington Luís, mas entendestes que, no momento, lhe devíeis absoluta obediência.

A vossa intervenção junto a ele e ante os fatos assustadores que se iam desenrolando caracterizou-se pela diligência, circunspeção e hombridade.

Calmo, animado e animador, obstinava-se o Presidente em enérgica resistência, a despeito de sucessivas decepções.

Rodeava-o pouca gente.

Ele próprio determinara que não se franqueasse ingresso: o barco perigava: quanto menos passageiros, melhor.

Relatais minudencioso, mas incisivo e impressionante, os episódios patéticos daquelas horas históricas.

Informado do convite ou intimação para que renunciasse, o Presidente reitera ordens de forte reação.

À ameaça de bombardeio do palácio, faz, a custo, que a família se retire, e diz: "Podem agora bombardear à vontade!"

Ouvindo tiros, prenúncio talvez do bombardeio, reúne o Ministério (primeira vez durante o seu governo), declarando que todos, ao menos os civis, podiam também se retirar, ao que unânime e calorosamente, sem hesitação, protestaram que permaneciam junto a ele.

A opinião era que cedesse, mas, pertinaz, mostrava-se irredutível. Já se aglomeravam grupos suspeitos às portas do edifício. Ordenou em vão que os dispersassem. Penetram no gabinete três generais insurretos que, no vosso testemunho, se portam cavalheirosamente. Oferecem-lhe garantias; recusa-as. Ponderam-lhe que a sua vida corre perigo e querem resguardá-la; retorque que

nunca fizera caso da vida e, naquele instante, mais do que nunca, a desprezava. Retiram-se os generais, advertindo-o de que ele responderia pelas conseqüências. "Por todas" – concluiu.

Cresce a agitação. Cortadas as comunicações telefônicas, invade a turba os jardins do palácio, o próprio palácio.

Permite-se aos criados que saiam. Um deles, velho servidor, pingava lágrimas sobre os objetos que reunia.

E comentais: "Minha experiência da vida ensinou-me que é mais freqüente nos humildes isso que chamam coração."

Redobram os brados da multidão impaciente; precipitam-se graves incidentes conhecidos. Franco e leal, comunicais ao Sr. Washington Luís a impressão de que cessara sua autoridade. Insistir ali pareceria até humilhante.

Por fim, acompanhado, entre outros, por Sua Eminência o Sr. Cardeal, que interferira solicitado, com exclusivo intento de evitar excessos e apaziguar os ânimos, o ex-todo poderoso chefe da Nação, depois de abraçar os companheiros, somente para os quais pediu garantias, partiu despreocupado, se não indiferente, da sua sorte, para a fortaleza prisão.

Só pensastes em sair, após a certeza de que ele fora, sem acidente, encarcerado.

Afigurou-se-vos então o palácio quase deserto, mas todo iluminado, um grande navio a soçobrar. Automóveis afastavam-se como embarcações que conduzissem náufragos à terra.

XI
O 24 DE OUTUBRO E O 15 DE NOVEMBRO

Comoveu-me intensamente, Sr. Octavio Mangabeira, o vosso depoimento, porque, há 45 anos, assisti a cenas semelhantes, porém para mim ainda mais pungentes, porque o protagonista vítima era meu Pai. A atitude do Sr. Washington Luís no 24 de outubro pareceu-se com, em 15 de novembro, a do Visconde de Ouro Preto, sendo que este sofreu mais dura provação.

Viu assestadas contra si as armas inimigas.

Surpreendeu-o o inopinado abandono daquele com quem mais contava para a defesa, a quem especialmente distinguira e que havia sido colaborador

incondicional do ministério até à derradeira hora, iludindo-o, simulando fidelidade.

Depositava nele a confiança irrestrita das consciências retas.

Ouviu a descarga que prostrou o seu colega ministro da Marinha, Almirante Barão de Ladário, de cujos ferimentos logo o inteiraram.

Afrontou as objurgatórias violentas do Marechal Deodoro, cercado de numeroso séquito exaltado.

Ameaçaram-no de fuzilamento no quartel de São Cristóvão, o mesmo onde vos enclausuraram.

Desculpável me fora o regozijo ao ver aplicar-se uma espécie de pena de talião, ou do "*quem com ferro fere com ferro será ferido*", a herdeiros dos derribadores do Império.

Não! Junto meus sinceros votos aos vossos para que tais espetáculos nunca mais se verifiquem no Brasil.

E um consolo me alenta, como brasileiro que põe a Pátria acima de partidos.

É que, tanto na primeira conjuntura quanto na segunda, assim na queda da Monarquia como na da República velha, quer o chefe do governo imperial quer o do decepado quadriênio, o monarquista e o republicano tudo perderam menos a honra.

Nenhum dos dois vencidos se abateu, ou se humilhou, e, ambos, sobranceiros, souberam manter ilesa a dignidade do poder civil.

XII
OSTRACISMO

Da prisão seguistes para o exílio, – penalidade infligida, no Primeiro Reinado, aos Andradas e outros brasileiros ilustres; a ninguém sob o Magnânimo; na primeira República, à Família Imperial, ao Visconde de Ouro Preto e aos Conselheiros Carlos Afonso e Silveira Martins.

A República Nova obrigou numerosos compatrícios a se refugiarem no estrangeiro. Suspendendo-lhes direitos políticos, inibiu-os de tomarem parte, como eleitores e elegíveis, na Constituinte, que, desfalcada, destarte, de abundantes e valiosos elementos, ficou no meu pensar, conforme já o expus, justi-

ficando a minha exoneração do Tribunal Superior Eleitoral, inquinada de incompleta, impossibilitada de considerar-se a manifestação integral do sentimento e da vontade nacionais.

Na Grécia antiga, a pena de ostracismo, banimento temporário, segundo o biógrafo e moralista que citastes, Plutarco, não era castigo a criminosos e, sim, satisfação moderada concedida à inveja, à vingança, à maledicência, ao temor da maioria eventual, contra cidadãos influentes.

Sofreram-na Tucídides, Melcíades, Temístocles e o mais célebre de todos, Aristides.

Conta Plutarco que, no comício banidor de Aristides, sentara-se ele junto de um camponês analfabeto que o não conhecia. Ao votar-se, rogou-lhe o camponês que escrevesse na sua cédula de sufrágio o nome de Aristides. Espantou-se este, inquirindo: "Por que razão queres tu desterrar Aristides? Fez-te ele algum mal?" – "Nenhum, nem nunca o vi, – explicou o outro, – mas estou cansado de ouvir chamarem-lhe justo."

Era esse, com efeito, o cognome conferido a Aristides pelos atenienses, e tão popular que de uma feita, num teatro, proferindo um ator as palavras – um homem justo, – toda a assistência se volveu para Aristides, apontando, aclamando-o.

Silencioso, atendeu ele ao camponês, escrevendo o próprio nome na cédula condenatória, uma concha, (*ostracon*, donde *ostracismo*), e devolvendo-lha.

Lavrada a sentença, retirou-se da cidade, exclamando: "Praza aos deuses que nunca Atenas se ache em emergências que a façam lembrar-se de Aristides."

Séculos mais tarde, Hildebrando, o grande Gregório VII, mumurou, ao expirar: – "Amei a justiça, detestei a iniqüidade, razão por que morro no exílio."

Mercê do Onipotente, não morrestes, Sr. Octavio Mangabeira, e que Ele vos favoreça com venturosa longevidade.

Antes, aproveitastes a forçada ausência da Pátria, para aprimorar-vos, viajando, estudando, trabalhando, e eis-vos, entre ovações, no grêmio dos imortais, assim maliciosamente apelidados, quando, entretanto, alguns deveras hão de sobreviver na veneração do porvir.

Depois do exílio, os Andradas serviram ainda muitos anos ao Brasil.

Aristides também, cumprida a pena, contribuiu para as vitórias de Salamina e Platéia e confiou-se-lhe a administração do Tesouro comum de toda a Grécia.

Por vossas comprovadas capacidades, sois um dos lídimos valores nacionais e atravessamos quadra em que nenhum desses valores poderá impunemente ser menosprezado.

No Brasil, conforme reflexão de um sabedor, o dia de ontem nunca foi obstáculo ao dia de amanhã, mas, ao contrário, lhe pode ser propício.

E, segundo outro: é inexato que política signifique sempre ambição. Essa é a pequena política. Chama-se a grande: dever, dedicação.

Vossos amigos, vossos confrades, vossos admiradores, isto é, todos os brasileiros sensatos e justiceiros, almejam que ao vosso regresso à Pátria suceda a vossa restituição aos postos de direção e responsabilidades, para os quais a Providência, prodigalizando-vos tantos predicados, parece que vos predestinou.

Sr. Octavio Mangabeira, a Academia Brasileira de Letras acolhe-vos, com júbilo, desvanecimento e confiança!

Discurso do
SR. RIBEIRO COUTO

e

Resposta do
SR. LAUDELINO FREIRE

Sessão solene extraordinária
do dia 17 de novembro de 1934

I

DISCURSO DO SR. RIBEIRO COUTO

SENHORES Acadêmicos,

Não ignoro que a vossa malícia – e talvez a vossa experiência – não costuma tomar muito ao pé da letra as confissões de humildade em posses acadêmicas. Será assim tão rara a espécie dos convictos do seu desvalimento? Pode haver, e disso desejaria ser exemplo, os que aqui chegam ainda meio incrédulos, confusos da aventura, extasiados da travessia para a qual, poucas eram as forças, pouco era o engenho, pouca era a arte.

Por isso mesmo, ao me acolherdes nesta Casa tenho a impressão de que a vossa hospitalidade também é castigo. Passando a viver entre vós, a conhecer de mais perto as vossas virtudes e a vossa sabedoria, meu ambicioso contentamento se mistura de um pouco de aflição, pelo erro inefável de repetir o ignorante entre os doutores.

Entretanto, como vos dignastes abrir as portas a alguém que uma certidão de registro civil insinua ser o mais moço de vós, parece que largo tempo terei, vivendo convosco, de convosco aprender.

A refletir na honra que me toca, apraz-me demorar o sentido no elevado prestígio de que goza o vosso grêmio. Foi obra do vosso trabalho e dos que vos precederam. Não se trata de um prestígio outorgado somente pela grei literária, mas de um prestígio nacional, com ressonância em todas as camadas sociais do país. De há muito que a Academia deixou de ter, como no tempo da *Revista Brasileira*, aquele ar fechado de reunião de família, quando se conversa baixinho sobre antigos parentes, antigas festas de aniversário, anti-

gos lutos. Não só nas metrópoles intelectuais, como em remotos pontos do Brasil, milhões de olhos estão fitos nas vossas obras e, ai de vós! nas vossas eleições. Quanto a estas, tendes sempre presente o fabulista, que pôs na boca do moleiro, além daquele delicioso "parbleu", o conceito célebre:

... est bien fou du cerveau
Qui prétend contenter tout le monde et son père.

Se Joaquim Nabuco pudesse estar ainda hoje convosco, e visse o interesse que despertam as eleições desta Casa, havia de sentir-se feliz. Seu objetivo era "popularizar as letras". Por isso mesmo, desejava aqui dentro alguns "*grands Seigneurs* de todos os partidos". Cumpriram-se, em proveito da Academia, os votos que ele tão finamente exprimiu na carta a Machado de Assis, escrita de Londres, em 1901: "V. sabe que eu penso que a Academia deve ter uma esfera mais lata que a literatura exclusivamente literária, para ter maior influência. Nós precisamos de um certo número de *grands Seigneurs* de todos os partidos. Não devem ser muitos (acrescentava com prudência), mas alguns devemos ter, mesmo porque isso populariza as letras."

Do prestígio popular da Academia tive uma prova tocante, há cerca de nove anos, quando promotor de uma comarca de roça, no Estado de São Paulo. A cidadezinha enternecia-me. Ali estivera, três lustros antes, ocupando o mesmo cargo, nada menos que o bacharel José Bento Monteiro Lobato. Já era o grande escritor dos *Urupês* e de outros excelentes livros, entre os quais as *Cidades Mortas*, em que essa mesma comarca nos aparece com o pseudônimo arguto de Oblívion. Já Rui Barbosa, em 1919, com a trombeta da sua eloqüência, perguntara à multidão do Teatro Lírico: "Conheceis o admirável escritor paulista?" Rui Barbosa, entretanto, não valia por um *veredictum* literário, e vereis por quê. Os jornais noticiavam que o Sr. Monteiro Lobato se apresentava candidato à Academia. Uma tarde, no cartório, o mais velho escrivão do foro local, pessoa muito inteligente no seu ofício, estava a aprontar-me uns autos para o preguiçoso "Nada a opor", da promotoria, quando, interrompendo de súbito o serviço, ajeitou os óculos no nariz e cravou em mim uns olhos de escandalizada surpresa:

– Me diga uma coisa com sinceridade: o nosso Dr. Monteiro Lobato tem competência para a Academia Brasileira?

* * *

O primeiro ocupante desta Cadeira, Guimarães Passos, encerrou uma época da cidade: o ciclo romântico da miséria por sistema e da confidência amorosa na confeitaria. Paulo Barreto, que lhe sucedeu em 1910, inaugura a nova era, a era das transformações materiais e da pressa, a era da vertigem. No seu discurso de posse, fazendo o elogio de Guimarães Passos, parece dizer, com impertinência e alarido, o ofício fúnebre da boêmia. É preciso agir com entusiasmo "no esplêndido espetáculo".

Vindo em seguida ao exuberante vencedor das alegres canseiras do trabalho, o discreto Constâncio Alves foi uma advertência. Há lugar para todos na tumultuosa vida moderna: até para os mansos filósofos desencantados. Os professores de energia e de otimismo precisam da vizinhança irônica dos mestres de cautelosa mansidão, que não saem de casa sem um guarda-chuva.

A biografia de Constâncio não é longa. Nasceu na Bahia, em 1862. Ali se formou em Medicina, vinte e três anos depois. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1933. Entre as datas extremas, põe-se apenas isto: escreveu para jornais e foi empregado de uma biblioteca pública.

Não exerceu a clínica. Não tinha jeito para tratar das enfermidades do corpo, ele, tão identificado com a vida do espírito, a ponto de parecer sempre esquecido da sua pessoa física. Entretanto, a renúncia dos médicos ao exercício da medicina nunca foi coisa que a ingrata humanidade lamentasse com exagerada pena...

De 1883 a 1890, Constâncio fez parte da redação do *Diário da Bahia*. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, trabalhou desde logo no *Jornal do Brasil*, que Rodolfo Dantas fundara, e ali se destacou imediatamente, apesar dos grandes vultos que o rodeavam: Joaquim Nabuco, Gusmão Lobo, Sancho de Barros Pimentel. Passou, em 1896, para o *Jornal do Commercio*, onde ficaria até a data da sua morte. Nunca lhe aprouve assinar o nome. Era: *C. A.* Ultimamente, apenas a primeira inicial.

O emprego da Biblioteca Nacional, para onde entrou em 1895, representou para Constâncio um porto de chegada. Sua paixão foi esta e somente

esta: ler. Conhecer tudo. A Biblioteca Nacional era a terra encantada. Foi ali que cresceu, dentro dele, a imensa harmonia silenciosa, que o fez feliz na pobreza, conformado na surdez e no isolamento.

Não devia ter sido muito diferente, na mocidade, a imagem que dele nos deu há pouco Humberto de Campos: "... pequeno, trajando o seu antiqüíssimo e invariável fraque, um maço de jornais amarrotados debaixo do braço, as costas ligeiramente curvas, a cabeça estendida para diante, como a das tartarugas, que espreitam, a marchar lentamente, a arrastar imperceptivelmente os pés, sem fazer o mais ligeiro ruído, como as sombras que se estampam nos muros." A pintura não difere da que, já dez anos antes, fizera Félix Pacheco, na própria presença do modelo, no discurso com que o recebeu aqui. Terá sido assim, portanto, a sua vida inteira: retraído, tímido. "Quem vos encontrar na cidade (é Félix Pacheco quem fala), meio encolhido e meio curvo, os ombros estreitos metidos em fraque talvez preto e coberto invariavelmente do capote, se o termômetro está abaixo de 30°, à cabeça um coco também quase preto, a expressão geral sem nenhum traço deselegante de boêmia antiga, balanceando um bocadinho o andar vagaroso, com jornais amassados ou brochuras; e livros apertados no braço esquerdo, o direito empunhando um indefectível guarda-chuva, que não previne nada contra o seu contemporâneo, o dilúvio, dirá logo: ali vai um tímido."

Já Rui Barbosa, entretanto, escrevera dele: "... tipo de qualidades generosas e brilhantes, que uma camada exterior de simplicidade e melancolia oculta aos que lhe não procurarem, sob a crosta da negligência e timidez, as riquezas escondidas." Era, para Rui Barbosa, "o escritor de raça, em quem o espírito, a distinção, o estilo, o bom senso, o tacto dos mestres da prosa moderna se casam com a paciência, a curiosidade, a penetração, o indefesso labor e os hábitos meditativos de um beneditino".

Joaquim Nabuco também não se enganara. Quando se tratou (nesta Academia, de dar sucessor ao Visconde de Taunay, escreveu a Machado de Assis, a 10 de fevereiro de 1899: "O Loreto disse-me anteontem que na *Revista* (*Revista Brasileira*, então sede da Academia), onde não vou há muito, falava-se em Arinos e Assis Brasil. Eu disse-lhe que minha idéia era o Constâncio Alves... mas, se V. não pensa que o Constâncio tem a melodia interior, a nota rara, que eu lhe descubro, submeto-me ao mestre."

Constâncio Alves andava então pelos trinta e sete anos. Não publicara livro nenhum. Compunha folhetins e artiguetes. Os assuntos, muitas vezes, eram ingratos: frívolos *faits divers*, acontecimentos de momentânea repercussão. Nabuco, porém, não se iludia. Nas linhas jornalísticas do *C. A.*, descobria a *nota rara*, que revela as projeções profundas de uma vida mais complexa, mais rica de planos e de mistério.

A timidez de Constâncio Alves não era fraqueza: fraco ou pusilânime nunca foi. Pelo contrário, castigava rudemente o adversário quando discutia. Tinha chistes que valiam como chicotadas sibilantes. À volta do fim do século, brigando com Carlos de Laet, ficou famosa a sua polêmica. E Carlos de Laet era o homem mais mordaz do seu tempo.

Félix Pacheco, ao receber Constâncio na Academia, teve a malícia de ressuscitar as hostilidades de outrora entre o novo acadêmico e aquele que era então o próprio presidente da Casa, e nesse venerável caráter estava presente à solenidade. Mostrou no seu discurso como Carlos de Laet, mesmo no aceso da batalha, sensível à sedução de Constâncio, não renegava de gabar-lhe as setas do carcaz: *chistosos artigos, espirituoso C. A., variações com a costumada perícia, variações no violino em que é mestre...* Essas e quejandas alusões lisonjeiras vinham sempre nas ordens do dia do inimigo.

O inimigo de antigamente presidia à sessão, reconciliado. Fazia tantos anos!

* * *

O Constâncio polemista, de há longo tempo não existia mais. Se o recordo, é tão-só para sublinhar este ponto: essa criatura triste e enfermiça, que sugeria nunca ter conhecido mocidade, também se afoitou em recontros e embates, e com galhardia; aliás, à maneira de um lutador gentil, que preferisse a volúpia dos pequenos golpes ferinos, aos prazeres pesados da demolição mortal. A polêmica não era a sua vocação. Logo havia de acomodar-se, de ficar a rir a um canto, a rir baixinho, com uma perversidade inocente, quase angélica.

Não escrevia para "toda gente", para o monstro necessário e multiforme que lê nos bondes, que devora a secção policial e a página de esportes.

Escrevia para alguns leitores delicados e fiéis. Ele tinha, como Stendhal, "the happy few".

Sua obra de escritor, esparsa em conferências e, sobretudo, em inumeráveis folhetins, havia de ser como a sua vida: cheia de pudor. Não se dá à primeira vista. Faz-me pensar em certas casas antigas, de nobres linhas imperiais, que se escondem atrás do arvoredo de um parque. Os guarda-portões montam sentinela, de ar severo. Nós, entretanto, sabemos que são guarda-portões de porcelana. O parque está abandonado e podemos invadi-lo. Oh! muito de mansinho, para não assustar os pássaros que cantam esquecidamente.

* * *

Os amigos de Constâncio foram poucos, pouquíssimos, como insinuou Afrânio Peixoto, ao escrever do modesto enterro atropelado: "Ao menos três amigos ele teve até o fim..." Será preciso que esses amigos recolham o anedotário do morto, que dará para um livro no gênero dos de Léon Treich: *L'esprit de Constâncio Alves*.

O letrado enciclopédico era de uma bonomia encantadora. A graça começava naquele aspecto sorumbático, desabrochando em surpresas: de cultura, de bom gosto, de *finesse*, de malícia. Acontecia como nas histórias antigas: o bicho feio estava na beira da estrada; as crianças jogavam pedras; o menino amoroso chegou perto e passou a mão por cima, devagarzinho; então, saiu voando um príncipe encantado, que levou o menino para o seu reino e lhe deu um tesouro.

Foi essa, pelo menos, a aventura de um candidato à Academia, que deixou para a véspera da eleição as últimas visitas, as que se lhe afiguravam enfadonhas, a acadêmicos suspeitos de não ter palestra interessante. Tomou um táxi à noitinha, depois do jantar, na certeza de que liquidaria o trabalho em poucos quartos de hora: cinco minutos aqui, dez minutos ali e assim por diante. Pareceu-lhe de bom alvitre começar por Constâncio, que não conhecia nem mesmo por ouvir dizer. Chegou, e Constâncio, na tranqüilidade do gabinete pobre, entre os velhos livros amados, começou a conversar lentamente, acerando as pontas da ironia nos tropeções da gagueira. Pouco a pouco, foi levando o candidato ao reino das encantações. Adeus, ponteiro e quadrante! O candidato esqueceu-se de tudo, esqueceu-se da própria Academia, e saiu de

lá alta noite. Estavam perdidas as outras visitas. Perdida, quem sabe, também a eleição. Para cúmulo, havia *o* táxi, com *o* chofer adormecido: marcava mais de cem mil réis.

Por escrúpulo, não devo falar muito desse Constâncio, do Constâncio anedótico. Quando não se foi testemunha de vista de uma bela vida como a sua, não se tem *o* direito de arriscar a pintura do retrato carregando nas tintas secundárias. O episódio acima contado, porém, é verdadeiro: foi o próprio candidato que mo transmitiu. Por isso, escapo à censura de Constâncio, quando defendeu de certas anedotas fantasiosas a memória de Laurindo Rabelo: "Os homens da natureza e da sorte de Laurindo, são como cabides em que qualquer pessoa pendura a sua anedota. E anedotas há que passam de celebridade em celebridade, como roupas de aluguel, de corpo em corpo."

Das respostas espirituosas, dos seus imprevistos, das suas esquisitices e dos seus encantos, falem os que com ele conviveram. Do agudíssimo instinto da sátira, que era típico do seu temperamento, basta-me o que ficou espalhado ao longo de toda a obra escrita, como um *leit-motiv* do cepticismo, espécie de guiso sutil a perturbar, de propósito, a harmonia profunda, a *melodia interior*.

* * *

Que delicioso livro Constâncio Alves teria dado se quisesse, como Sophie Gay, fazer uma *Physiologie du Ridicule!* Sua sátira não era agressiva: era um avesso do desencanto, a percepção do ridículo dos homens. Faz pensar no que Renan, seu mestre, escreveu do imperador Adriano: "*Toute recherche aboutissait pour lui à une plaisanterie, toute curiosité à un sourire.*" Poderia, por isso, murmurar como o outro, à hora da morte:

Animula vagula, blandula...

A morte, porém, colheu-o de sopetão. Estava lendo, sentiu-se mal, ergueu-se, rolou.

A última imagem que levou do mundo foi esta: a página de um livro.

* * *

A vida de Constâncio Alves passou-se inteira no paraíso da leitura. Nesse território transcendente experimentou a presença do mundo antigo e

do mundo moderno, sem necessitar, quanto àquele, de tocar em ruínas ilustres, nem de sentir, quando a este, a exasperada agitação das cidades. Ao fixar-se na filosofia de Schopenhauer, que foi a fonte do seu pessimismo romântico, já outras filosofias lhe tinham passado diante dos olhos: de Platão a Santo Agostinho, de Pascal a Kant. A poesia de todas as idades, desde a manhã virgem dos primeiros heróis gregos, até a meia-tinta confusa dos crepúsculos nórdicos, elevou dentro do seu coração o eterno murmúrio de sofrimento ou de alegria. Tudo ecoou dentro do seu peito, mas sem deixar ali – aves de pouso imponderável – a marca de nenhuma ambição, de nenhum apetite da matéria, de nenhum impulso muscular para o mal ou para o bem. Não teve outra voluptuosidade que não a do conhecimento abstrato. Era impossível que saíssem dos seus lábios estas palavras de André Gide a Nathanael: "Nathanael! Quando teremos queimado todos os livros? Não me basta ler que as areias são macias; eu quero que meus pés nus o sintam. Todo conhecimento que não foi precedido de uma sensação me é inútil." As suas *nourritures* não foram *terrestres*. Ouviria com prazer a exclamação de Gide: "Amorosa beleza da terra, a eflorescência da tua superfície maravilhosa!", mas não daria um passo para envolver-se dos seus contactos luxuriantes. Seu paraíso estava cheio de cores, de formas, de aromas e músicas: não precisava sair dele para receber, de cada frêmito, o êxtase da ventura.

A tal ponto preferia o mundo poético da imaginação, que confessou, em 1923, no jubileu de Miguel Couto, que "aprendeu os sintomas da peste de Atenas nos sombrios versos de Lucrécio" e "quando precisou de informações sobre a famosa epidemia de Florença, consultou o livro imorredouro de Bocaccio".

Sua divisa poderia ter sido igualmente: "*On se lasse de tout, moins de connaître.*" Teria, porém, de acrescentar-lhe a resposta daquele sábio grego à espavorida população da cidade, que fugia carregando tesouros, à aproximação dos exércitos de Ciro: " – Nada preciso levar; todas as minhas riquezas vão comigo."

As únicas riquezas em que considerou foram essas, as da cultura e da beleza moral.

"Sabia tudo, porque lera e lia tudo", escreveu dele Afrânio Peixoto. Entretanto, no segundo hemistíquio, assenta-lhe muito mal o verso de Mallarmé:

La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres.

porque nunca deu por findas as suas leituras.

Renan imaginou o purgatório "*lieu mélancolique et charmant où ceux qui ont quelque peine correctionnelle à purger seront très bien pour attendre*". Se Constâncio Alves ali espera o cumprimento de alguma pena correcional, será com um livro aberto.

Hélas! Não lera ainda todos os livros. As suas curiosidades se abriam em vastos, infinitos panoramas. O "formigão de biblioteca" tinha apetites insaciáveis, a começar pelas enciclopédias de arte, de ciências e de letras, até a bibliografia minuciosa e exaustiva dos seus autores prediletos, que eram sempre dos maiores da humanidade. Todos os clássicos gregos e latinos, todos os historiadores, moralistas e poetas de antigas idades ou da idade contemporânea, que deixou aos montões na casinha do Cosme Velho, testificam os itinerários familiares do seu espírito. Possuía largas prateleiras de obras sobre certas figuras que elegera, por afinidades secretas ou pela admiração, como São Francisco de Assis, Dante, Shakespeare, Goethe e Renan. Na língua portuguesa, os velhos cronistas foram seus companheiros. Era, entretanto, entre a educada ironia de Eça de Queirós e a perversidade mansinha de Machado de Assis, que Constâncio respirava com delícia. Assim também é que ele via o mundo, no trajeto anônimo entre o lar e a repartição; esse trajeto que fazia pensando na leitura interrompida em casa e na que ia continuar no emprego.

* * *

Em 1917, Constâncio escreveu uma das melhores páginas do seu *humour*, quando se ocupou de Paul Stapfer. Esse escritor francês, morto naquele ano, e já velho, sofria de uma obsessão: a mágoa de não deixar um grande nome. No seu estudo sobre as *Réputations littéraires* chegou a escrever, desabafando a angústia de viver metido numa cidade de província, a ensinar meninos: "*Jamais le temps perdu ne se rattrape complètement, et, pour poser les fondements d'une gloire, il n'y a pas de temps plus utile, de temps dont la perte soit plus irréparable pour un auteur, que celui de sa vie présent. Toute réputation littéraire est une victoire sur l'inattention et l'indifférence naturelles des hommes: il devient extraordinairement difficile de gagner*

l'oreille du public, quand le principal intéressé n'est plus là pour la remplir du bruit de son nom et de son ouvrage." Paul Stapfer morreu durante a guerra, e Constâncio, com um sarcasmo terrível, acha que ele "perdeu, assim, mais uma ocasião de ser mais conhecido do que era", porque "a atenção do mundo estava voltada para as grandes matanças, e não reparava nos óbitos avulsos".

Nessa missa profana, que Constâncio Alves disse com um ar demoníaco sobre o cadáver do confrade inquieto e infeliz, ele definiu toda a sua ética de letrado. Funcionário de uma biblioteca pública, podia falar com autoridade sobre o que chamou de "vulgar acidente" para um escritor: escrever livros que ninguém lê.

Natureza de tímido, Constâncio não quis arriscar-se. Esquivou-se à prova. Assinou a vida inteira *C. A.* e só publicou um livro – um único livro – para submeter-se à lei interna da Academia. Esse que viveu para as letras não pôde ser candidato enquanto não apresentou documentos regimentais. Só a isso devemos as *Figuras*, volume "suculento", como disse Félix Pacheco, escolhendo com precisão o adjetivo necessário.

São apenas vinte e nove folhetins, tomados entre as muitas centenas que escreveu ao longo de mais de quarenta anos. O humorista não quis, porém, incluir no livro (apesar de conhecer a voracidade das traças) uma só página que não fosse inspiradora de respeito e admiração. O próprio epitáfio de Paul Stapfer consola: consola os autores desconhecidos, pelo exemplo ilustre do outro... As *Figuras* aparecem todas banhadas de claridades favoráveis. Constâncio foi buscar em sua obra esparsa o que de melhor escrevera sobre poetas, estadistas, sacerdotes, homens de meditação ou de ação, tudo que a eles se referisse com simpatia ou solidariedade. Parecia considerar-se em dívida: havendo tratado, no mundo real e principalmente no imaginário, com tantas *figuras*, cumpria-lhe um depoimento em favor do gênio humano. Ainda quando, numa página ou noutra, a sátira lhe move a pena, é para rir dos homens, mas não desses bem-amados autores e amigos. Cheios de comunicativo enlevo são, por isso, os capítulos sobre Machado de Assis, Raimundo Correia, Castro Alves, Joaquim Nabuco, Rodolfo Dantas, José Bonifácio, o Moço, Rio Branco, Ferreira Viana.

Mesmo que de Constâncio Alves não pudéssemos recolher senão esse livro, ainda assim o espólio seria precioso.

Sua ironia é saborosa quando faz o perfil de São Tomé, inculcando-o como um cândido precursor da ciência positiva. "Não era o incrédulo irredutível, mas o observador que deseja atingir a verdade pelo exame desconfiado, pela verificação dos sentidos, e principalmente do mais cauteloso e do mais seguro ou menos incerto: o tacto."

Constâncio reclama para São Tomé a virtude de haver apalpado o corpo de Cristo na ressurreição e de ter, por isso, prestado à Igreja, com o seu testemunho, maior serviço que os outros apóstolos, convencidos apenas pela fé, sem o uso prudente das mãos indagatórias.

O leitor ortodoxo encontra heresia nessa página. Estará diante de um infiel? Será permitido falar de coisas sagradas com um sorriso zombeteiro?

Mais longe escreve que na alma do homem, para que este seja feliz, "deve haver sempre um inquilino sobrenatural". A fórmula é vaga e dissimulada, mas, poucas linhas adiante, o leitor ortodoxo ficará menos assustado: Constâncio deseja que São Tomé proteja a religião contra os maus inquilinos, contra "a má colocação de crenças". A seu ver, se os oradores sacros aconselhassem a devoção de São Tomé (santo sem clientela), muita gente deixaria de entregar-se a pitonisas, videntes, magos e quejandos. Comentando, então, o suicídio de uma senhora, impressionada com o terrível futuro vaticinado por uma cartomante, Constâncio imagina o que a infeliz teria ouvido do prudente São Tomé, se invocado na hora precisa: "Filha, vai se quiseres à casa da cartomante, mas não acredites no que ela te disser, guarda na memória o vaticínio e espera, sem pavor e sem contentamento. A dúvida que aguarda provas é destruidora de abusões. Empreguei-a mal, é certo, e fui punido. Aplicada, porém, ao que convém, traz sempre benefícios, e pode derrubar com um sopro os castelos que as adivinhas constroem com cartas. Filha, o baralho que elas manejam não é Evangelho. Eu, que duvidei do que disseram varões da mais alta seriedade, como eram os meus colegas, discípulos de Jesus, não posso permitir que creias sem exame em figurinhas ridículas como o Valete de Copas ou o Dois de Paus. Perde o dinheiro da consulta, mas não percas o juízo. Paga, mas vê, e, se souberes ver, não crerás nestas coisas."

Será pura zombaria? O leitor ortodoxo, a quem estas linhas feriram como estiletes traiçoeiros, verá noutro capítulo que não há razão para sustos.

A ferida foi superficial. Constâncio mesmo tratará de pensá-la, aplicando-lhe este retalho de generosa eloqüência, este cântico fúnebre entoado em louvor de D. Antônio de Macedo Costa, em 1891, quando o cadáver do bispo, vítima das prisões do Império, foi devolvido à terra natal num navio do governo republicano, como as honras póstumas de chefe de Estado: "Vai seguindo, caminho da Bahia, no *Purus*, D. Antônio de Macedo Costa. Amou na vida as tempestades, o rumor da luta, a agitação da peleja pela sua religião; é adequado a tão grande vulto o prolongamento dessa agitação e desses rumores, continuados agora pelo mar infinito, cantando exéquias em língua mais solene que o latim, no intervalo dos funerais católicos." "D. Antônio lembra pelo caráter esses bispos guerreiros da Idade Média que tinham à cinta a cruz prolongada em lâmina de espada." "O Estado católico encerrou numa fortaleza o padre que defendia a honra da fé comum; o Estado leigo muda uma fortaleza flutuante em capela, e faz que a força pública, que na monarquia trouxe o prelado em custódia, conduza-o, na república, em procissão!"

O escritor que assim erguia as sonoridades da sua voz para falar do cadáver de um padre, pode ser que fosse estranho ao sentimento religioso. À vista da vacilação de provas, e obedecendo ao seu conselho, permito-me duvidar, como o prudente São Tomé.

* * *

Constâncio não chegou àquele ritmo, àquela precisão e àquela graça no dizer, por simples instinto. Ainda que a quase totalidade dos seus escritos tenha sido preparada para o "leitor de bonde", como disse ele a propósito de Paulo Barreto, não tenhamos dúvidas sobre o trabalho do artista. A transparência e a música da sua estrutura vocabular não foi obra do atropelo, pelo menos no período disciplinar da maturação, da formação do escritor. As suas anotações a diversos livros, que tive em mãos, convencem-me de que o beneditino gostava da paciência de laboratório, sabia observar e decompor os materiais da obra dos mestres. Tratando de Castro Alves, escreveu: "Faltou-lhe repouso para as minudências da ourivesaria." Alguns originais seus, que consultei no Arquivo da Academia, não são limpos de emendas. Conhecia, pois, o minucioso lavor da urdidura, que torna diferente a linguagem dos

artistas da linguagem dos relatórios. Sabia que as palavras têm dimensões, peso, densidade, cor, melodia e cadência; que não é indiferente reuni-las em torno da mesa comum do sentido lógico ou do mistério poético; que há adjetivos de mau humor que ficam silenciosos ao lado de certos substantivos inoportunos, e há verbos que tomam a palavra, encantam os convidados, na claridade propícia dos complementos confidenciais.

O que nos priva do encontro freqüente com o artista, em Constâncio Alves, é a partitura ingrata. Seu instrumento não podia revelar todas as harmonias em folhetins a prazo fixo. A cada passo, entretanto, ele trai os requintes de precisão e de ritmo, de que era capaz, como na simples tradução destas palavras de Goethe a Byron: "Cantaremos teu destino, invejando-te: nos dias serenos e nos dias sombrios, teu estro e teu coração foram grandes e belos... Olhar profundo para contemplar o universo, simpatia para todas as angústias do coração... canto de que tu só tinhas o segredo..."

* * *

Por isso mesmo, seus melhores trabalhos foram os que escreveu fora da imprensa e depois de entrar para a Academia, cedendo à pressão dos que o admiravam e lhe pediam largos estudos e largas conferências.

Em qualquer deles o estilo é de uma graça envolvente, a análise é penetrante, a apropriação do assunto é completa.

Tratando de Anatole France em 1924, de páginas cristãs como *Le Jongleur de Notre Dame* e o *Cristo no Oceano*, escreve: "A leitura dessas maravilhas faz pensar nalgum velho escritor monástico, ou nalgum miniaturista medieval, que, em pergaminhos tão alvos como a túnica dos anjos, fosse caligrafando pias legendas e maneando com amor santas figuras."

Nesse mesmo ensaio deixou Constâncio outros conceitos que mostram a delicada substância do seu estilo e a atmosfera do seu pensamento: "Quando a ironia é branda e benevolente, e não ri nem do amor, nem da beleza, é virtude tão celeste como a piedade."

Como a fascinação que exerce Anatole France é enorme no seu espírito, aprimora-se em argumentar que o mestre não foi um céptico – e a dificuldade da causa dá mais engenho ao defensor. Chega a subir de tom, a gesticular com ênfase, exclamando que o mestre "cria no espírito clássico, que é

o espírito de ordem, criador da beleza perfeita. Cria no milagre do gênio grego, revelado em modelos eternos, de simplicidade inimitável. Cria na beleza, realidade radiosa, neste mundo de aparências obscuras. Cria na arte, que fixa, em ilusões amoráveis, as tristezas efêmeras da vida". Para fortificar os artigos do seu libelo *à rebours*, não esquece nem mesmo o *ex-libris* do conselheiro predileto: "*Lentement, mais toujours, l'humanité réalise le rêve des sages.*"

No ardente propósito de mostrar que Anatole France "juntou fibras do coração" à sua obra não estará, involuntário, o impulso de uma defesa em causa própria?

Ele também deixou, exposta à nossa comovida admiração, uma fibra sensível, e com que pudor ela freme! Foi o seu talvez único soneto, *Mater*, dedicado a Jackson de Figueiredo, escrito em julho de 1922:

Eras em plena mocidade, quando
Da nossa casa, um dia, te partiste;
E eu, coitado, sem mãe, pequeno e triste,
Fiquei por esta vida caminhando.

Assim – no meu amor – teu rosto brando
Do tempo à ação maléfica resiste;
E o meu é, hoje, como nunca o viste,
Tanto o passar da idade o foi mudando.

Tão velho estou, que já me não conheces;
Nem poderias ver no que te chora
Esse a quem ensinaste tantas preces.

E tão moça ainda estás que (se memora
A saudade o teu vulto) – me apareces
Como se fosses minha filha agora.

* * *

Se foi pouca, pouquíssima a literatura de imaginação que nos legou, nem por isso deixamos de apreciar a riqueza de sua *melodia interior* nos estudos sobre a sensibilidade romântica, Júlio Verne, Renan, Anatole France, Gregório de Matos, Laurindo Rabelo. O artista aí está, nessas lições modelares de um letrado perfeito, que mereceria de Afrânio Peixoto este juízo elegante: "o mais letrado dos acadêmicos". O elogio não é pequeno, sobretudo se atentarmos em que vivia, a esse tempo, aquele maravilhoso João Ribeiro, que em nosso país condensou toda a cultura humanística e literária da época, sábio do mais alto saber, irmão de Constâncio a tantos respeitos, inclusive pelo desencanto irônico e bonachão.

O estudo crítico de Constâncio Alves sobre Laurindo Rabelo, patrono da Cadeira 26, é abundante pela informação e delicioso pela forma. Destrói a falsa tradição que insistia em figurar Laurindo de violão debaixo do braço, a pedinchar jantares em troca de modinhas e recitativos. Restabelece o retrato moral do grande inquieto, autor (considera Constâncio) "da mais lancinante, a mais dramática das nossas elegias", "A Saudade Branca", que o desgraçado poeta escreveu à morte de sua irmã:

Que tens, mimosa saudade?
Assim branca, quem te fez?
Quem te pôs tão desmaiada,
Minha flor? Que palidez!
.....
Quem sabe... (Oh! meu Deus, não seja,
Não seja esta idéia vã!)
Se em ti não foi transformada
A alma de minha irmã?
.....

Depois, para provar que Laurindo não foi um imitador dos byronismos então em moda, asserto a que voltaria no estudo sobre "A sensibilidade romântica", observa: "Quem lhe conhece as tristezas da vida, não lhe estranhará as tristezas dos versos." Acompanha Laurindo em todos os lances da sua trajetória amargurada, nos lutos que sofreu o seu coração, nas injustiças e

perseguições que os poderosos lhe armaram. A faculdade da ironia (a mais imperdoável) ainda aqui serviu a Constâncio para pôr em relevo a nota rara e o trecho vale como uma jóia do seu *humour*: "Doutor, enfim, pela Escola do Rio de Janeiro, não pôde exercer a clínica por falta de clientes. Desconfiavam que homem de tanto talento literário, tanta lógica, não poderia curar; poderia, isto sim, com sofismas sutis, convencer o doente de que ele ainda estava vivo."

De uma curta notícia publicada no *Jornal do Commercio*, a 29 de setembro de 1864, informando da morte de Laurindo Rabelo, Constâncio faz o ponto de partida para a reabilitação magistral do poeta Lagartixa, identifica a sua enfermidade, acentua-lhe as linhas do caráter, mostra-lhe a honradez, a aplicação ao trabalho, os ímpetos da altivez bravia. Reduz a nada certas lendas que correram sempre sobre o boêmio lírico, transformado em tranqüilo pai de família após o casamento, e que dizia então: "Se o mar se casasse, o mar amansaria."

* * *

Ao traçar a "Vida dos Filósofos e dos Sofistas", Eunápio declara, de início, que se ocupará apenas dos "trabalhos mais importantes" e não das "ações secundárias", desdenhando assim do conselho de Xenofonte, que entendia: "... deve-se registrar até os acontecimentos miúdos na vida dos grandes homens." O tema é caro a Constâncio. No cabide da memória de Laurindo "qualquer pessoa pendura a sua anedota". O perigo dos "acontecimentos miúdos" está na facilidade com que são deformados. Todos os grandes homens, e até os pequenos, sofrem a colaboração gratuita dos seus contemporâneos, e dos que vêm depois. Também na conferência sobre "A sensibilidade romântica", mostra Constâncio quanto é falsa a imagem de um Goethe olímpico, insensível aos sofrimentos alheios, de mármore (diríamos hoje: de cimento armado). E, envolvendo-se nessa querela, quase um século depois, Constâncio faz questão de depor: "A verdade está nas cartas de Joana Schopenhauer ao filho, em que aparece Goethe no seu natural, singelo e afetuoso, e com a ingenuidade de um verdadeiro poeta."

Embora não acreditasse na glória literária, a que fugiu sempre, parece que Constâncio, de antemão, quis defender-se do século. Temia as anedotas que viessem a correr sobre o feiticeiro do Cosme Velho. Defendia o seu pudor.

O pudor desse homem discreto é o clima habitual da sua fechada existência. De raro em raro, uma frase entreabre-nos um escaninho: "Contam maravilhas dos beijos furtados; se forem como as leituras furtadas, hão de ser deliciosos." A revelação vem no estudo sobre Júlio Verne, professor extranumerário de imaginações adolescentes, cujos romances fantásticos enxertam muito compêndio de aula. Então – perguntamos – não sabia de beijos furtados a não ser por informações? Estamos longe das delicadas confidências do Petit Pierre sobre *La Dame en Blanc* e *La Dame en Noir*... Entretanto, nós bem sabemos – e nem todos por informação – que o ar morno da Bahia segreda aos adolescentes "uns mansos convites". Como se teria passado essa juventude, na terra natal? Na sua memória, Constâncio rasgou a página. Ficou perdida na viagem para o Rio, em 1891. Não são essas as folhas de livro que o professor de biblioteconomia ensinará a reconstituir. Por isso, devia parecer-lhe rebarbativo o cínico de Genebra, ao anunciar enfaticamente: "*Je veux montrer à mes semblables un homme dans toute la vérité de la nature, et cet homme, ce sera moi. Moi seul.*"

* * *

Esse doutor melancólico tinha nos dedos um poder demiúrgico. Tema erudito em que tocasse animava-se de uma vida estranha, trate-se de Gregório de Matos, da sensibilidade romântica ou de Júlio Verne, de uma doutrina literária, ou de uma questão biográfica. Podemos, então, representar o seu mundo interior como o velho parque da casa aparentemente morta. Quando Constâncio passeia, as estações se explicam, compreendemos a floração dos canteiros, o cair das folhas e a germinação da nova seiva. Não se pode, por exemplo, desejar uma síntese do Romantismo que seja mais lúcida do que a sua, nem da sensibilidade que esse movimento criou ao nascer na Inglaterra, ao passar para a Alemanha e ao invadir as fronteiras de França, produzindo, aí, ação e poesia, Napoleão e Musset. É todo panorama do *mal du siècle*.

Também ninguém estudou, como ele, em nossa literatura, o drama agressivo do Boca do Inferno. Na conferência sobre Gregório de Matos, a crítica de Constâncio atinge o máximo de finura sagaz e de força dialética. Antes de mostrar o alvoroço com que se anuncia, em Gregório, o sentido político e construtivo da sátira nacional, põe em relevo o contraste biográfico: o Boca

do Inferno a viver, metade da existência, em Portugal, afagado e admirado, e a desembarcar aqui, maduro em anos e em espírito, "com aborrecimento de emigrante, amargor de degredado, desdém de reinol". O quadro, depois, ressalta mais expressivo: o sentimento nativista a crescer com as sombras do crepúsculo.

Se recorda os seus desregramentos, é para salientar no fim que o "grande pecador de sempre não foi cristão da hora da morte": foi também poeta católico de profunda sinceridade. Com especial enternecimento cita os versos de Gregório moribundo:

Mui grande é o vosso amor e o meu delito,
Porém pode ter fim todo o pecar,
Mas não o vosso amor que é infinito.

Essa razão me obriga a confiar
Que por mais que pequei, neste conflito,
Espero em vosso amor de me salvar.

Acentua Constâncio a meiguice brasileira que há nos versos amorosos de Gregório de Matos, depois da sua integração no solo pátrio. Era agora meiguice ao jeito da nossa terra:

Já vos ides? Ai, meu bem,
Já de mim vos ausentais?
Morrerei de saudades
Se partis e me deixais.

É forçoso este argumento,
Tem conclusão infalível:
Irdes vós, e ficar eu,
Meu amor, como é possível?

As derradeiras linhas do estudo magistral, em que demonstra todos os pontos da tese com a precisa elegância de um silogismo, desperta-lhe a veia da

eloqüência, da eloqüência que nele dormia, sob a forçosa discrição tartamuda. É uma das suas melhores páginas, pela nitidez do traço, pela intensidade do movimento e pela saborosa seiva que empola cada folha desse ramo de louro: "Glorifiquemos, no mais antigo dos nossos patronos, o primeiro dos nossos clássicos, o cronista da sua época, o caricaturista impiedoso da sua gente, o poeta sacro e o poeta lírico que tirou sons harmoniosos da harpa de David e da viola do trovista; o que assinala com a sua figura longínqua, ainda grande à distância, o ponto inicial da nossa literatura; espírito descomunal, proceloso e rebelde que desabou sobre a Bahia, varrendo ruas e praças, invadindo casas, obrigando a um fecha-fecha de consciências assustadas, destelhando vidas e quebrando telhados de vidro, desembuçando crimes, flagelando ridículos e injustiças, arrancando à hipocrisia a cabeleira postiça, levantando poeira de escândalos, derrubando casebres de reputação mal escoradas, esbofeteando insolências, entrando em assovios por conventos e palácios, desencadeando-se num tumulto de silvos, uivos, berros e estrondos – e esmorecendo em brandos sussurros de reza – e expirando na suavidade de suspiros de amor."

* * *

Há uma velha gravura que representa um canto de biblioteca medieval. Ao fundo, uma janela com varões de ferro. Na estante de leitura, repousa um grosso livro de capa de couro. Outros, com o mesmo severo aspecto, se enfileiram num armário. Um frade, junto à mesa, depois de fechado o livro, medita. Que lhe terá contado naquele dia o companheiro silencioso? Abriu-lhe, quem sabe, caminhos cheios de sol, num país remoto, onde todas as árvores são encantadas, e em que descem das nuvens anjos surpresos, a ouvir o hino também celestial dos pássaros. Ou, quem sabe, revelou-lhe o poder de certas ervas que os bruxos aconselham pisar, nos almofarizes, de mistura com o coração em cinzas de repugnantes animais, para que da ambiciosa alquimia surja o elixir da beatitude. Ou, quem sabe ainda, recordou-lhe, entre iluminuras gentis, os versículos da sabedoria: "Mais vale uma só mão cheia de calma felicidade, do que as duas mãos cheias de trabalhos e de vãos cuidados." Na tarde que cai lá fora, a sombra parece insinuar também: "Uma geração desaparece; outra lhe sucede; a terra, entretanto, fica no mesmo lugar."

Imagino Constâncio Alves assim, na solidão estudiosa. O único tédio que não lhe ensinou a ciência foi o tédio dos livros. Tudo pode ser "vaidade das vaidades", menos o lindo mundo irreal, que possui para si só, e do qual muito a custo o veremos sair. Vaidade seria ceder aos impulsos da arte. Vaidade seria multiplicar em muitas obras a experiência do seu pensamento. Basta-lhe ser, para os "*happy few*", o humanista que se mascarou em comentador mordaz de folhetins hebdomadários. Poderia ter deixado uma obra sistemática, obediente a um plano orgânico, sem esse tom de acasos dispersivos, de encontro fortuito com os assuntos. Não quis... Tudo é vaidade das vaidades.

A atitude moral de Constâncio é um enigma de linhas esquivas. Não sabemos até que ponto influiu no seu espírito o conselho da filosofia schopenhauriana, que é libertação pela consciência, com a dominação da vontade, e contemplação indiferente da vida que passa. Em Constâncio, a lição agnóstica de Schopenhauer dir-se-ia muito vizinha da resignação cristã. Nessa existência de asceta livresco, de uma conformação voluntária e tranqüila, parece que falta pouco para a humildade franciscana. Talvez uma prece apenas. Talvez apenas um gesto: as mãos postas, em adoração.

* * *

Ninguém foi mais o oposto de Constâncio Alves do que Paulo Barreto.

O que num era renúncia, mansidão e indiferença, encerramento na vida imaginária, noutro era avidez de sensações, apetite espetacular de viver. Este sim, alimentava-se de *nourritures terrestres*: "*Chacune de mes faims attend sa récompense.*" "*Satisfactions! Je vous cherche. Vous êtes belles comme les aurores d'été!*"

Ao suceder-lhe nesta Cadeira, Constâncio pronunciou o elogio de Paulo Barreto. Crítica de muita finura, tocando nos pontos mais visíveis da obra, notando aqui o caráter de vertigem, ali a ambição de acompanhar os mestres, além a impaciência de escrever "para um leitor que não espera", o leitor de jornal.

O trabalho de Constâncio é cheio de argúcia, a começar na comparação entre Guimarães Passos e João do Rio, o primeiro despreocupado de hoje e de amanhã, o segundo "amando as letras sem descurar dos negócios". A cada período, Constâncio acrescenta um traço de Paulo Barreto, indica um relevo,

revela um contorno. Mostra como o rapazinho pobre se fez repórter, invadiu a vida com estrépito, criou uma situação e construiu uma obra, a largos passos, com pressa, ávido de saber e de ensinar, de ver e de contar, e morre, estouraaos nossos olhos, ainda jovem. "Foi o trabalho que o matou", diz comovidamente Constâncio.

Há, todavia, nesse estudo, qualquer coisa que me deixa no ar, com desejo de pedir mais, de suplicar a Constâncio que continue, que certamente há galerias subterrâneas por baixo do palco sonoro.

Direi, a meu turno, o que ele escreveu de João do Rio e Guimarães Passos: não eram feitos para se entenderem. Também João do Rio e Constâncio Alves, "quando se encontravam na rua, embora fossem pelo mesmo caminho, e juntos, levavam intenções opostas".

A ironia, em Constâncio, era "*branda e benevolente*", disfarce de uma filosofia pessimista, inimiga dos contactos da multidão. No outro, assumia um caráter de atividade pública, de combate campal. Não era vestimenta sutil, eu ia dizer clâmide grega: era o cravo verde de Oscar Wilde e era, também, cocar de plumagens tupis, num escandaloso amor à vida popular brasileira. O letrado de gabinete não podia sentir o artista cúmplice das ruas e da noite, insolente, sentimental e humano.

Entre os dois, um ponto de contacto: a banca de redação. Mas, que distância entre o rodapé de Constâncio e a coluna de João do Rio!

Constâncio dá a impressão de escrever para o jornal em pequenos desabafos meditados e discretos, em visitas de cerimônia, que o fatigavam um pouco. As permanências no plano terrestre não o prendem muito: volta logo para casa, encerra-se entre os livros inefáveis. Aí, integrado no irreal e no ilusório, retoma posse da sua força. Para esse Anteu, o solo era o imaginário.

João do Rio, na atmosfera do jornal é que vai multiplicar-se em energias criadoras, aprofundar o apetite da cultura e da experiência. Saiu de casa a correr, passou pelas ruas com delícia, subiu, as escadas da redação assobiando, mal teve tempo de pensar, de sentir, já está escrevendo: é uma novela, é uma reportagem, é uma conferência, é uma crônica mundana, é um artigo de patriotismo. "Adiante!" O alimento nervoso está por toda parte, nas ruas que percorreu, na esquina em que encontrou um amigo, na praça onde havia um comício político (ridículo ou comovente, conforme), na sala do secretário

onde apareceu um cavalheiro a pedir para ser entrevistado, ou a mulher do derradeiro assassino, com os filhos, chorando. Daí a pouco será uma Comissão das Classes Conservadoras, com um memorial sobre a Reforma das Tarifas. Depois, a diretoria do Bloco das Mimosas Cravinas à procura do cronista carnavalesco, Lord Pixinguinha. "Estão prontos os originais do incêndio da Praça da Bandeira?" O jornal é o tumulto, é a vida. A ele vêm bater, incessantes, todas as ondas do mar social.

Para João do Rio, o jornal foi um enriquecimento: de idéias e de revelações. Era o meio natural da sua inteligência: banhava-se nas águas revoltas, imergia, voltava à tona, como um tritão extasiado. Foi aí, sentindo a força das correntes e a fecunda elaboração das profundidades, que bebeu a energia que se desprende de toda a sua obra, o conselho tônico, a lição de atividade e de otimismo.

Não é o cronista mundano, nem o repórter das religiões, nem o fazedor de paradoxos que importa fixar. Conhecemos as suas viagens ao Cairo, as suas amizades em Istambul, o seu *spleen* no *Orient Express*. Sabemos com que justo fastio fumava um cigarro à porta da *Gazeta de Notícias* ou do *País*, e esse cigarro, forçosamente, era um cigarro turco. Tudo isso interessa pouco.

Sua personalidade espiritual era muita mais vasta. No fundo de tantas complexidades fascinantes, triunfava a ternura e o entusiasmo, o sentido construtivo da solidariedade humana. Era então o crítico do *Ramo de Loiro* (elogio de poetas e de artista), era o professor de sentimento nacional nas conferências do *Sêsamo* e do *Adiante!*, era o novelista doloroso do *Dentro da Noite*, d'*A Mulher e os Espelhos* e do *Rosário da Ilusão*. Quem poderá esquecer o seu *Bebé de Tarlatana Rosa*, tapando com a máscara o monstruoso buraco do rosto, e procurando matar a fome de amor na confusão favorável de um carnaval? Ou a *D. Joaquina*, velha, vencida, como um trapo, entre chufas de operários encervejados, a caçar moedas altas horas da noite, pelas ruas escuras, para sustentar os filhos madraços?

Quase toda a obra novelesca de Paulo Barreto é assim, como um jardim pela madrugada, povoado de sombras que se arrastam, que segredam, não se sabe se pedem esmola ou a satisfação de um vício. Sua humanidade é equívoca, brochada na treva da noite. Quando nos mostra, numa sala mundana, a conversa elegante da gente de escol, é para logo meter uma história triste, que

por um instante espalha frêmitos, evocando a miséria que anda lá por fora, no lusco-fusco dos lampiões, e se esconde por pudor. Entre esses dois extremos, a aristocracia dos salões e a plebe anônima das ruas, sua sensibilidade criou um tecido de compreensões cúmplices, estabeleceu uma comunicação invisível, como o ensinar que por toda parte, no alto e embaixo, é o mesmo ansioso bater do coração humano, e a mesma insofrida agitação dos corpos que pedem carícia e consolo.

Entretanto, como simpatizar logo com este senhor *blasé*, eloqüente nos paradoxos e nos galicismos, que à porta de um jornal, de casaca, vindo de uma festa diplomática, está prestes a ir escrever um artigo, e uma hora depois, precisamente uma hora depois, deambulará pelas praças desertas, escutando no mistério da noite a imensa queixa dos infelizes?

Esse senhor é quase desagradável. Confunde, engana, deixa atrás de si olhos perplexos e inteligências desconfiadas. "Temperamento lírico-irônico. A ironia é o lirismo da desilusão." Vai-se ver, por baixo da máscara de impertinência, Godofredo de Alencar está com uma lágrima ao canto do olho: acaba de atirar a carteira à D. Joaquina, por piedade gratuita.

Dele me informava um amigo, que dizia conhecê-lo bem:

– O Paulo tem horror à natureza. Não pode passar dois dias num hotel da Tijuca.

Entretanto, fez aquela sinfonia em azul, o seu embriagado canto a Belo Horizonte, o *Miradouro dos Céus*.

Não sei a propósito de quem, escreveu ele que precisamos procurar os homens nas suas obras e não na sua vida. A verdade humana de Paulo Barreto está nos seus livros. Assim mesmo, que fonte de equívocos para os desprevenidos! A toda hora parece cair em contradições. Entre essas contradições, por exemplo, estava o ímpeto de partir, a debater-se na sedução de ficar. "Partir é o verbo realmente delicioso de todos os dicionários. Partir é o único e real gozo inebriante, o gozo de deixar com dor ou com alívio, pensando no que pode vir a acontecer no futuro misterioso. Partir é o verbo que pauta a vida e a desagregação que ela explica. Partir é o supremo bem, é a ilusão de avançar, de libertar-se, de ir além." No entanto, comentando a "moléstia de mudar de casa", registra noutra página esta doce coisa, que se diria sair dos lábios de um

repousado patriarca: "Amar a casa é estimar a fixidez, é compreender as secretas raízes que nos ligam ao solo."

Toda a sua obra está cheia dessas raízes, que se incham de seiva, descendo voluptuosas no seio da terra brasileira. Poucos homens podem gabar-se, neste país, de haver escrito palavras tão claras e tão altas sobre o amor da pátria, o dever de servi-la, o saboroso imperativo da aceitação e do entusiasmo. Faltava-lhe o senso tradicional da língua? Não importa, sua lição de escritor vale pela nervosidade, pela procura de um ritmo novo, pela angústia de adaptar a expressão à sensibilidade moderna. A tradição, soube amá-la no passado da raça, como prova essa insistente meiguice pela terra portuguesa, que seus inimigos também não pouparam, insinuando que havia negócio onde cantava apenas o lirismo.

Uma noite, na redação da *Pátria*, contou-me o plano de um livro que pretendia escrever sobre Lisboa – desde a Lisboa das conquistas até a Lisboa de agora, fazendo desfilar através das idades as diferentes fisionomias citadinas:

– Vai chamar-se: *A sonata de Lisboa ao luar*.

Esse interesse pelo espírito português não o impedia de, sendo bem da nossa gente, senti-la como o mais belicoso dos nativistas. Pelo contrário, era o carinho pela terra das nossas origens ocidentais que o fazia compreender melhor, e agudamente, a poesia do fenômeno brasileiro, na natureza e no povo.

* * *

Em 1902, em Petrópolis, numa nevoenta manhã. Domício da Gama introduziu na sala de trabalho do Barão do Rio Branco um rapaz de vinte anos, que tremia. Pedia um emprego de secretário de legação. A missão Enéas Martins ia partir, a ocasião era boa. O rapaz não tinha nome, tinha apenas uma grande vontade de trabalhar. Era repórter.

O Barão foi amável e lamentou: as nomeações? ah! sim! uma pena, já estavam feitas, pelo próprio Dr. Enéas Martins.

O rapazinho despediu-se tartamudeando a sua confusão, atravessou a sala, apertou a mão ao cândido Domício da Gama, desceu à rua, andou desesperado pelas alamedas de hortênsias, tomou o trem. Maravilha da natureza serrana, quando se traz na alma "o lirismo da desilusão!" De todos os matos, ao longo da serra, parece que a folhagem acena conselhos: lá embaixo está o

mar, e a cidade imensa que se estende. Há, porém, nos pantanais da baixada, na raiz da montanha, campos de lírios que cheiram forte, que animam, que dão esperança, que insinuam os maravilhosos bens que há na vida, além de um emprego que se perdeu...

Paulo Barreto voltou para a redação do seu jornal. À porta, encontrou um amigo a quem contou a tentativa caipora. O amigo riu-se, sacudiu-o: por que fora ingênuo? Essas coisas dependem de empenhos. Como ousara aparecer só, exprimir com simplicidade uma ambição de adolescente? "Então, escreve Paulo Barreto, eu que vira o mundo se abrir tão claramente, resolvi não pedir. Era continuar no caminho para onde os deuses me tinham conduzido, e trabalhar, trabalhar, trabalhar."

Não traiu os seus deuses. A soma de trabalho desse escritor que morreu apenas aos quarenta anos, é enorme. E desse trabalho ficam milhares de páginas feitas a correr, páginas em que há duradouras lições de entusiasmo, elogios à beleza, à inteligência e ao esforço, conselhos de fé, exortações à piedade, ternura pela sua terra e pelas terras alheias, histórias de gente que sofre e êxtases da mais pura poesia.

O displicente das atitudes agressivas também se abria em doçura e sabia, então, murmurar certas baladas, como a daquele grilo que canta na noite: "Que estás a ouvir? Silêncio. É um grilo. Apaga a luz. Não aborreças o pobrezinho. Eu gosto dos grilos. O grilo é o único ser que nas cidades relembra a paz dos campos. É como uma folha verde da mata, aljofrada de sereno e de inocência, que soa a longa hora intérmina dos abandonos da terra. Deitemo-nos. Como estás cansada... Na rua passam automóveis a roncar, a buzinar. Os automóveis, alta hora da noite, conduzem a desilusão do vício. E vêm da rua, com o seu rumor, vozes que contam interesses, paixões, desequilíbrios. Espera, deita-te. Ouves? É o grilo. Recomeçou o seu grilar. Insistente, insiste, insistente. Fala baixo. Não o assustes. Fecha os olhos. Ao ouvir o grilo de olhos fechados, a gente lembra os campos sob o luar, as moitas molhadas de gozo da noite, a curva das estradas desertas. E até sente o cheiro da erva sã, aquele penetrante ar perfumado, que é a alma sutil do verde da terra, tão vário e tão igual – verde secular das árvores frondosas, verde quente dos matagais floridos, verde pálido das pradarias que ondulam... O grilo insiste,

insistente, insiste. Como é bom repousar num quarto simples, ouvindo o grilo. Faz tão bem..."

* * *

Para sentir a riqueza complexa desse homem instável, romântico, prático, mordaz, piedoso, ingênuo, exasperado, triste ou exuberante, variando de atitude a cada hora do dia ou da noite, a cada mudança do tempo ou da luz, é preciso ir ao fundo da sua sensibilidade, surpreender os mil reflexos da vida no espelho misterioso.

Na sua obra vive o Rio de Janeiro dos últimos trinta anos, a alma vária e voluptuosa da terra carioca. Ele conhecia o povo, todo o povo, desde os salões até os mafuás, do palácio à beira-mar aos casebres do último arrabalde. Não foi espectador da multidão: viveu com ela, andou com ela, sentiu o seu drama e a sua poesia perdulária. Viveu na rua carioca e morreu na rua carioca.

* * *

Senhores Acadêmicos:

Ao tomar posse desta Cadeira, quero unir num mesmo elogio os nomes dos meus imediatos antecessores: Constâncio Alves e Paulo Barreto. Eram diferentes, até mesmo opostos, no temperamento, na concepção da arte, da moral, da vida.

Ambos, entretanto, foram portadores de uma lição de grandeza humana.

Num, encontramos a meditação desinteressada, o enlevo gratuito da cultura no plano abstrato; noutro, a ação, a paixão de todas as formas sensoriais da vida quotidiana. Se quiséssemos reduzir essas duas personalidades a um esquema de sentido musical, poderíamos dizer talvez: Constâncio Alves ou a melodia interior; Paulo Barreto ou a sinfonia ambiente.

Ao entrar em vossa Casa, agradeço ao destino a oportunidade, que me deu, de falar com espontâneo amor de dois espíritos admiráveis, que honraram esta Academia e honraram a profissão de escrever no Brasil.

II

RESPOSTA DO SR. LAUDELINO FREIRE

SR. RIBEIRO Couto:

Quando, para aqui virdes pronunciar o vosso discurso de recepção, envergastes o fardão acadêmico, não vos esquecestes de sobraçar, para exibir-nos, a vossa certidão de idade.

Não o fizestes, estou certo, para zelos incitardes àquele dos nossos que, diante dela, deixa de ser o mais jovem da Companhia, senão para revelardes modéstia e, diplomata, que o sois, usardes para conosco de um gesto de polidez e elegância.

– "Como vos dignastes", dizeis-nos, "abrir as portas a alguém que uma certidão de registro civil insinua ser o mais moço, parece que largo tempo terei, vivendo convosco, de convosco aprender... meu ambicioso contentamento se mistura de um pouco de aflição..."

NÃO E NÃO

Não e não, meu ilustre confrade: nem vireis conosco aprender, nem motivos tendes para deixar dominar-vos de sentimento outro que não seja o que deve dar-vos a convicção de que é aqui o vosso lugar.

Legitimamente conquistastes esta Cadeira, e sabereis honrá-la como a honrou o vosso antecessor.

Dilatando-se vos naturalmente a vida a longes mais afastados, o que aqui vindes fazer, e certamente o fareis, será enriquecer de outros frutos excelentes da vossa inteligência o patrimônio das letras acadêmicas.

Não sois dos que possam ter o ânimo reprimido ou assaltado de qualquer aparência indistinta.

No primeiro dos contos que se compaginam em *Baianinha e Outras Mulheres*, ressalta esta expressão vossa – *Tenha medo não* – de tanta eloqüência revestida, e tão pertinente nesta hora em que vos recebo, que me não subtraio ao impulso de fazê-la minha para dizer-vos: – Tende medo não!

Entrai, Sr. Ribeiro Couto, e sede bem-vindo, que aqui todos vos receberemos com as homenagens devidas aos múltiplos predicados do escritor vigoroso e admirável.

Apenas nessa admiração que se vos tributa, sentimos o embaraço de apontar no conjunto da vossa obra, no livro e no jornal, a feição mais relevante: se a do romancista na *Cabocla*, se a do poeta no *Jardim das Confidências*, se a do novelista no *Clube das Esposas Enganadas*, ou se porventura o contista da *Baianinha* sobre excede o romancista, o poeta, o ensaísta e o cronista.

Poderá deixar vencer-se do enleio de aflição o candidato que conquistou o triunfo que alcançastes competindo com eruditos e sábios ilustres e celebrados?

Dir-se-á que a Academia, tendo de escolher um entre os três, preferiu aquele que é mais propriamente literato, embora nem sempre tenha observado a rigor esse critério.

CANDIDATOS E ELEIÇÕES

A ninguém será fácil conhecer os mistérios e surpresas de uma eleição acadêmica, quase sempre resultantes da necessidade em que se vê o candidato de levar ao conhecimento dos que têm de escolhê-lo as credenciais com que se julga no direito de aspirar à imortalidade.

Parece, e assim devera ser, que o que quer o candidato é que, se lhe faça justiça, firmada no conhecimento e exame de méritos, obras e serviços às letras.

Não raro entram nesse exame circunstâncias insólitas.

Será sem dúvida de imitar o que neste momento está a fazer notável crítico que, candidatando-se a uma das nossas vagas, resolveu, num curso de conferências públicas, estudar a vida e obra do acadêmico, a quem deseja aqui suceder.

Mas em eleições em que os sufrágios se fecham em sigilo cruciante, o que há curioso é a amnésia que em regra acomete os eleitos, que não querem que os candidatos de hoje façam o mesmo que fizeram eles como candidatos de ontem. Chegaram, e não mais se lhes importam os que vêm chegando... Para logo se tornam guardas vigilantes.

E fica esta singular metamorfose a oferecer aspectos interessantes.

Toda eleição é disputa, e quem disputa forceja por vencer. O que, em luta empenhado, os braços cruza, é que realmente nela se não empenhou, ou nela entrou sem querer disputar.

A escolha do vosso nome para ocupar a Cadeira em cujo espaldar brilha o nome de Laurindo Rabelo, traduz a vitória da inteligência com todo o viço da mocidade.

É que a Academia, Sr. Ribeiro Couto, pela ação de forças inelutáveis, está a sentir, e sente bem, que tem de apelar para os moços.

MOCIDADE E VELHICE

A velhice entre nós está em crise, e a que nos aflige é dolorosa: da morte já nos assalta o pavor. Tristemente vão os velhos aqui tombando, como se cada um tivesse mãos postas sobre ombros de outro, para que a fatalidade mais facilmente os mergulhe na noite eterna.

Só a mocidade resistirá ao trágico desse encadeamento de coisas cruéis que o destino regula.

Assim plantado à nossa porta tão medonho fantasma, com o desígnio implacável de uma *escala à vista*, para espaçar a dor adiando o luto, não há senão que buscar a vida onde ela, sorrindo em flor, é menos fugitiva, duvidosa e instável, opondo-se contra a fúria de Átropos a mocidade, que é saúde, resistência, esperança e força.

E a par com essa finalidade sem dúvida ilusória e falível, reclama a Academia, para os seus graves e sérios trabalhos, moços do vosso porte e valor.

OBRAS DA ACADEMIA

Acabastes de afirmar uma verdade de que, parece, andamos despercebidos: "Não só nas metrópoles intelectuais, como em remotos pontos do Brasil, milhões de olhos estão fitos nas vossas obras."

Dizei-me, prezado colega: que devemos entender por obras da nossa Academia senão precisamente as mesmas que realizam todas as Academias congêneres?

Acaso em Crusca ou Paris, Madri ou Lisboa, será lícito apontar-lhes missão outra que não seja fundamental e permanentemente a cultura da língua e das letras?

Justo não seria que se nos desconhecesse o tento que temos posto no desenvolvimento da literatura, estimulando-lhe mediante prêmios, a produção, e estudando dessa tribuna, que abrilhantastes, os seus mais representativos e máximos vultos.

A esta louvável atuação falta apenas o estudo de teses literárias, que semanalmente deverá ser feito, segundo prescreve o Regimento.

Não vejo que se possa cultivar, defender e preservar o idioma senão acumulando-lhe a riqueza e expansão vocabular num grande dicionário, que para cada povo é o seu primeiro livro: revivendo-lhe as tradições na reprodução de livros modelares; e, ainda, organizando-lhe a gramática, que nos dê uma tecnologia precisa e uniforme, simplifique a análise e comentários dos textos, evitando fantasias inovadoras, e fixe em formas definitivas os fatos lingüísticos mais comuns, que correm controvertidos.

Não há palavras que resumam as vantagens que a toda gente traria um compêndio elaborado nestes moldes simples e essenciais. O ensino da língua deixaria de ser a tortura, que é, sob a direção desvairada de professores que o ministram a seu alvedrio.

Não se julgaram diminuídas em fazer as suas gramáticas as academias de França e Espanha, enquanto aqui da nossa só cogita Afonso Celso, nome que pronuncio com veneração e inalterável estima.

A essa obra acadêmica dedicava também extremoso carinho João Ribeiro, que tanta falta nos faz, e de quem tanta saudade sinto.

A revivescência da cultura clássica tem sido feita na primorosa coleção – "Publicações da Academia", que se deve ao esforço de um só, que custe o

que custar há de mantê-la. E aqui o nome de Afrânio Peixoto aparece aplaudido e louvado.

O dicionário, pode dizer-se, perdeu o seu alento com o desaparecimento de Laet e João Ribeiro, e receio que se não salve, apesar do carinho do Sr. de Ramiz e dos esforços pertinazes e perseverantes de Cláudio de Sousa.

Antes de referir-me ao que de bom às letras tem dado a vossa pena, permitireis a liberdade deste apelo:

Vinde animar a fileira, aberta já de muitos claros, dos que convencidos estão de que entre as mais antigas e doutas academias do mundo, nenhuma há que deixasse de considerar como o mais útil dos seus fins a composição de um léxico.

E seria contra-senso o divorciarmo-nos desta verdade: a obra de um dicionário é a razão de ser fundamental de uma academia.

O CULTO DO IDIOMA

Não é sem coerência que vos dirijo esta exortação.

Sois dos que amam o idioma e lhe zelam as tradições.

Não quereríamos certamente, os do grupo anacrônico, que os escritores de hoje meneassem a pena com o rigor e requintes de purismo, com que no período áureo o fizeram os Sousas, os Vieiras e os Bernardes, mas desejaríamos que escrevessem de modo que não devorassem em vida a própria obra.

Obra mal escrita é obra que não vive. Só as que se vazam em linguagem correta e com esmero na expressão, não têm época: atravessam os tempos e nelas é que se transmite, de geração a geração, a língua polida e culta.

Assiste-se em Portugal, do século passado para cá, ao desmoronamento da língua, observa o douto Sr. Leite de Vasconcelos, e aponta por causas: a nenhuma leitura dos livros clássicos, o desconhecimento cada vez maior do latim, a influência da literatura francesa e a falta de sentimento patriótico.

Fato idêntico entre nós ocorre, agravado pelo jornalismo, pela oratória parlamentar e estilo oficial, escalrachos insanáveis, ou, na opinião de Rui, os mais poderosos corrutores da língua e do bom gosto.

Não seria erro afirmar que o senso da vernaculidade se nos vem delindo desde o vicejar da segunda geração romântica até chegar a esse português mestiço, a "essa miscelânea amorfa, emburilhada e rude".

O exagero do espírito nacionalista, entretanto, forceja por defender esse português bastardo, abrigando-o sob o rótulo de *língua brasileira*, como se nos fosse dado romper a unidade de um idioma, que é comum, para considerá-lo outro e diverso, apenas com o crismá-lo nacional.

Sem dúvida que, passando de pequeno ninho de um jardim da Europa ao estendal imenso de uma terra maravilhosa, teria ele de enramar-se, expandir-se e enflorar-se com a seiva da exaltação tropical.

Mas sem embargo do aumento considerável do léxico, das naturais alterações fonéticas e morfológicas, de certa modalidade da frase, e de todas as modificações, em suma, que se hão nele verificado através dos quatrocentos anos decorridos, continuarei convencido do que alhures já afirmei: subsistirá entre Portugal e Brasil uma fala inauferível, que será sempre a que se traduzir no gênio da língua, no seu *quid* substancial, na legitimidade dos étimos e no frasear admitido pelo consenso dos que a formaram.

O que há comum no patrimônio que nos herdaram portugueses não importa privar-nos de uma língua nacional, que nenhum povo deixará de ter a sua, mas não será certo tomarmos por mimese, senão respeito à ascendência de onde procede ao falar que nos partilhou o destino, o seguir a tradição escrita e o obedecer a ela.

A língua erudita, pois, que recebemos dos nossos maiores há de ser sempre, aquém e além-mar, esta mesma filha do Lácio, aqui independente e livre em seus movimentos.

Irritem-se embora os melindres do nacionalismo *chauvinista*, a verdade é a que, na sessão inaugural deste cenáculo, proferiu Nabuco: a língua há de ficar perpetuamente pró-indiviso entre portugueses e brasileiros.

Nada me leva a supor que desta verdade se não compenetre o escritor que no meneio da pena, genuíno e natural, sabe manter a nobreza da escrita e conceituar a literatura de onde ela tira as suas raízes.

Dedicais culto carinhoso à raça heróica e mãe, de quem dizeis de todo o coração:

Raça que abriu oceanos, e abriu continentes,
Que soube (que sabe) construir e cantar.

O POETA

E é natural num poeta esse culto.

A poesia será sempre um desvendar de emoções, que só o artista sabe exprimir.

Daí a elevação da sua linguagem, linguagem quase divina, em que a eloqüência é a própria revelação da aristocracia d'alma.

A vossa obra poética, Sr. Ribeiro Couto, inspira-se na tendência de penetrardes uma realidade, que idealizais, através da própria realidade sensível.

Não se vos importa a natureza na sedução maravilhosa das suas formas, quadros, paisagens e aspectos, senão o que ela tem de real nos seus mistérios e de sugestivo na sua harmonia e placidez. Não vos fala diretamente à sensibilidade o belo visível de um jardim florido, senão o que, nesse ambiente em flor, nos seus canteiros e rosais, nas suas açucenas e magnólias, nos seus lírios e cravos, espinhos e perfumes, despertando-vos a emoção, vos possa levar a ouvir um soluço, evocar uma imagem, sentir uma dor, ou chorar uma saudade.

São estas e não outras, as forças sugestivas do *Jardim das Confidências*, onde tudo é qualidade nativa, distinção original, sonho, meditação, vida interior, com a íris de uma realidade subjetiva, que é a nota mais característica e viva da vossa musa.

E por assim conservardes em meia-tinta e velada essa realidade, é que a vossa poesia, entre nós, é singular, toda vossa, e matizada de resplendores de que só uma inteligência de eleição a poderia banhar.

Sois acima de tudo lírico sentimental. Os motivos ou aspectos, diante dos quais parece enlevar-se o vosso estro, são simples e tristes, em chocante contraste com o vosso temperamento.

Sim, o vosso temperamento...

Não se me apagará da lembrança a violência da gentileza que vós, destemeroso e cadimo volante, para comigo tivestes, levando-me de automóvel a Santa Teresa.

Ruas tortuosas, dobradas de voltas e viravoltas, ladeiras e rampas não detinham o vosso ímpeto de motorista, que por pouco não precipitou o carro, perambeira abaixo, no oceano de luz que fica sendo a cidade para quem a contempla do alto daquela soberba montanha.

Corríamos, isto é, voávamos, e eu nada mais via, nem ruas, nem rampas..., mas, afinal, o inesperado: chegamos com vida.

Eu não sei como vos não seduziu a corrida do circuito da Gávea!

Eis o vosso temperamento: sempre com fascinação das coisas rápidas e arriscadas, vibrante, dinâmico, e no trabalho raro prodígio.

E é neste homem que se aninha a alma de um poeta de lira melancólica e suavíssima, alma de amigo cheio de ternura para os seus amigos.

Lendo-vos, Sr. Ribeiro Couto, poucos serão os que não sintam vontade de chorar; conversando-vos, poucos serão os que não sentem alegria de viver.

Penetrando as fontes da vida, ou sondando o profundo misterioso d'alma, tendes o dom de desentranhar emoções, que todos experimentamos, mas só o poeta as sabe exprimir.

Se de tão sublimada virtude exemplos tivesse de dar, mister seria citar as composições que formam o *Jardim das Confidências* e os *Poemetos de Ternura e Melancolia*.

Dentre elas distinguiria, na luminosidade serena e bela da vossa inspiração, estes revérberos de sensibilidade tropical:

– aquela chuva, chuva fina, que continua, fina e fria, a cair pela tarde;

– a velha praça adormecida, por onde ninguém passa, e parece que morreu a vida;

– aquela frase... "dessas que a gente vai deixando pela vida, ditas a uma mulher que a gente amava, quase, e que ficou também, como a frase esquecida".

– a alma que "...à mercê de velhas mágoas, é um pássaro ferido mortalmente, que vai sendo arrastado pelas águas".

– aquele portão de grade, que diz "nunca" no cadeado e nas chaves;

– o desejo da mão: "desejo de ficar sob a tua... Era para sentir que a tua ainda é mais leve";

– a noite monótona de um poeta enfermo, que se lembra que "longe, pensando nele, há uma velha que reza";

– a dor de um pai que, sob a carícia das palmas, chora em solitude, a morte da filha, e ouve ao longe uma voz de menina cantando;

– a vigília da mãe fatigada, que, às duas da madrugada, à janela entreaberta, olha a rua que se prolonga e se perde, deserta, com reflexos de espelho em cada gota d'água; e, por último, a moça da estaçãozinha pobre:

Quem sabe se a mulher esperada na vida
não era aquela da estação, não era aquela,
aquela que ficou lá para trás, perdida?"

Perdoai, delicioso poeta, o trazer-vos à reminiscência a imagem daquela que foi – a vossa velhinha de cabelos de algodão.

Possível será, em linhas mais eloqüentes e repassadas de maior meiguice, descrever este quadro de amor?

.....
Dizia-me que eu era "o neto de su'alma".
.....

Vivíamos os dois aos abraços e beijos.
E era tão grande e tão alegre o nosso afeto
que eu, que lhe adivinhava os mínimos desejos,
parecia seu noivo em lugar de seu neto,
Mesmo por gratidão, é impossível que a esqueça.
Em casa, se mamãe me ralhava ou batia,
ela é que me passava a mão pela cabeça.
Tinha os cabelos todos brancos... E sorria...

Quando me lembro dela, estrangulo um soluço.
.....
Ainda há bem pouco eu tive um misterioso sonho:
vi, surpreso, a avozinha a subir uma escada,
o dedo indicador sobre o lábio risonho,
como a me suplicar que não dissesse nada.
De longe ela me fez o seu gesto de bênção,
e no seu longo olhar de além-túmulo havia
essa vaga expressão dos olhares que pensam.
Tinha os cabelos todos brancos... E sorria.

Nunca mais a verei, como quando ela vinha
toda noite a meu leito, arrastando-se, tarda...

Mas, ao adormecer, eu bem sei que a avozinha
flutua sobre mim como um anjo da guarda:
vejo-lhe as mãos... vejo-lhe os olhos... a cabeça,
flor de algodão que era mais alva cada dia...
Pobre da minha velha, é impossível que a esqueça...
Tinha os cabelos todos brancos... E sorria...

E se essa velhinha de cabelos todos brancos aqui estivesse a assistir, sorrindo, à glorificação do "neto da su'alma?"...

Entrevejo-a no profundo do vosso coração.

* * *

Certo não criastes, Sr. Ribeiro Couto, uma escola, mas no vosso poetar se distingue tal modalidade, original e nova, que à arte imprimindo singular suavidade, sutileza e graça, vos coloca em posição de serdes imitado.

E como assim subistes a tamanha altura com o *Jardim das Confidências*, essa dignidade de primaz que com ele alcançastes, como que está a indicar-vos que deveis voltar do "Noroeste" àquele jardim encantador, onde perfumais em surdina as vossas confidências com a grande poesia.

O ROMANCISTA E O CONTISTA

A vossa obra, que se multiparte em contos, novelas, romance, ensaios, crônicas e traduções, confere-vos posto igualmente condigno entre os prosadores contemporâneos.

Nesses gêneros, no romance e no conto, sobretudo, firmastes individualidade, cercada de largo prestígio.

Vede, caro colega, que de romance e conto como já nos vamos sentindo inundados. Poucos, porém, são os que têm vossa sensibilidade e a magia do vosso dizer.

De fato vulgaríssimo, qual seja o de um moço enfermo ser mandado a conselho médico para um sítio do interior, fizestes um poema da vida rural, com o escreverdes a *Cabocla*.

Ao respirar os eflúvios das manhãs da roça, esse doente, aos primeiros contactos com a natureza rústica, desoprime-se da contrariedade que lhe causara a determinação paterna, e a seu próprio pai transmite, numa página de empolgante realidade as suas impressões:

> Que deslumbramento foi para mim aquela primeira manhã de roça no Pau d'Alho! Imagine que fiquei tão seduzido, que cheguei, ali mesmo, a formar o projeto (desses projetos) de ser fazendeiro e morar o resto da vida na roça... (Na roça, o senhor sabe, eu não posso fazer extravagâncias). A roça, papai, dá vontade de ser feliz e de viver uma vida parada. A impressão é de que ninguém faz coisa nenhuma e que a gente vive dando graças a Deus. Nas porteiras ou nos terreiros das fazendas, nos milharais ou laranjais as pessoas que a gente vê parece que brincam de tomar conta da natureza. Estão todos mais ou menos quietos, vendo o fordinho passar. Os passarinhos é que parece que trabalham, numa atividade danada, de uma árvore para outra, cruzando a estrada na frente da gente...

Esta carta, de que aí fica brevíssimo trecho, e porventura uma das mais vibrantes páginas do romance, revelando fina observação e muita naturalidade revestida de graciosa singeleza, já inculca a inspiração que tivestes de levantar ao viver provinciano indelével padrão, conservados no seu ambiente nativo os que realmente vivem aquela vida primitiva e simples.

Talvez se não subtraia o romance à justa observação do leitor que, empolgado até certa altura pelo encanto e vigoroso inexcedível do entrecho, sente que se lhe amortece o interesse com o desfecho vulgar dado à dramatização da personagem central. É que se ao romancista não tivesse ocorrido a idéia de resolver a vida da cabocla com o casamento, nela teria criado um desses tipos, que se fazem protótipos, dos grandes dramas humanos. Afinal é assim que se resolvem todos os romantismos... e aí está no que deu o vosso romantismo rural.

Se o romance, porém, deve ser a pintura da vida, ou dela conter parcelas de realidade, e não a de uma vida fictícia, não sei, distintíssimo acadêmico, se entre os melhores e atuais romances nossos algum exista que se possa pôr

ao lado da *Cabocla*, um dos mais belos livros de que deve ufanar-se a literatura brasileira.

* * *

A passagem do romance para o conto faz-se em vós, como se de lindo veleiro de velas infladas, navegando a cairo largo sob um céu límpido e mar bonança, passássemos para um bergantim doirado, "velejando horizonte em fora para um mundo de delícias".

Tudo deleite e encanto.

Com sinceridade afirmo-vos, brilhante confrade: maior do que o lírico melancólico do *Jardim das Confidências*, do analista arguto da *Cabocla*, do novelista do *Clube das Esposas Enganadas*, livro de humorismo exuberante – só o escritor que teve a glória de elevar o conto à altura em que o pusestes com *Baianinha e Outras mulheres*.

Quanta simplicidade e graça, inspiração e realidade nos vossos contos!

A revelação aliás desses atributos começa de acentuar-se n'*O Crime do Estudante Batista*, ficando à conta de primícias *A Casa do Gato Cinzento*.

Observou um dos vossos bons críticos que o que principalmente vos singulariza é o suave perfume de autobiografia que pondes, com discreto pudor, em todas as vossas páginas.

Induz-nos a observação de Paregrino Júnior a considerar que o estudante Batista reflete a primeira fase da vossa vida de pobreza, mas de esperanças.

Teríeis então vinte anos. Era a época em que, com o vosso irmão em letras, Osvaldo Orico, ficavam ambos até alta madrugada nos cafés do Largo do Machado, sonhando com herdeiras ricas e bonitas.

Para um dos companheiros já o sonho é hoje realidade, e o outro, contente, se lhe dirige: "A herdeira mais bonita e cobiçada do Brasil – a Academia – abriu-lhe os braços, deu-lhe a mão e o chamou para a poltrona azul que foi de Constâncio Alves, e onde paira a alma inquieta e vertiginosa de João do Rio."

E quase estou a ouvir o sonhador que ainda não entrou a segredar ao ouvido do outro: Veja agora o que faz com o velho companheiro dos sonhos e das noites veladas!

Quando em vós ou de vós se fala, caro colega, costumam os críticos ligar o vosso nome ao de outros poetas e contistas atuais, numa suposta comunhão literária, que ao meu ver não existe.

É possível, no entanto, notar certa afinidade entre o escritor do *Clube das Esposas Enganadas* e *Baianinha e Outras Mulheres* com aquele a quem chamou Rui o mágico do conto.

Uma das singularidades de Machado de Assis é aquela discreta e indefinível suavidade no escrever, de que usava para tudo melhor dizer.

Em variantes ou digressões só entrava para imprimir nelas, com inimitável graça, o cunho psicológico e vago de uma reticência.

Quando qualquer dos seus entrechos se encaminha para situações que, na urdidura natural, induzem o leitor a esperar um desenlace, o que surge em lugar do que se espera, é uma recriminação, uma sutileza, uma sátira... e o leitor que tire a conclusão.

É a realidade que cede o passo ao psicólogo, nessa forma singular de humorismo, que só cultivam privilegiados engenhos, porque fácil é degenerar em sensaboria.

A quem leia qualquer dos vossos contos, por exemplo, "Baianinha", "Uma criatura sem dono", "O bloco das mimosas borboletas", todos, enfim, do vosso escrínio, para logo acudirão reminiscências das formosas páginas daquele prosador medido e de doçura incomparável, escritor em quem madrugara o gênio, que o predestinara a ser, ao cabo de gloriosa ascensão, a ser... quem?, Sr. Ribeiro Couto, senão Machado de Assis.

Com este, sim, tendes semelhança, mas semelhança que nem vos ofusca nem vos apaga a personalidade, que se mantém distinta.

Originalidade e emoção, simplicidade e beleza são qualidades que possuís e revelais de forma que é toda vossa.

E quase estaria a dizer que sois presentemente um contista à parte em nossas letras.

O maior? Não o sei. O que sei é que os maiores não vos excedem; e quando vejo que deles vos aproximais, fica-me incontida esta curiosidade: quantos deram à literatura livro igual a *Baianinha e Outras Mulheres*?

Vencendo o natural temor de um juízo definitivo, acrescentarei que a *Baianinha* vos sagrou um dos mais notáveis, e porventura o mais brasileiro entre os nossos escritores de contos.

A *Baianinha e Outras Mulheres*, o *Jardim das Confidências* e a *Cabocla* asseguravam-vos o direito de penetrardes o mais alto cenáculo das letras, e em nome deste cenáculo, Sr. Ribeiro Couto, tenho o grande contentamento de saudar-vos.

Sede bem-vindo.

Discurso do
SR. RODOLFO GARCIA

e

Resposta do
SR. AFONSO TAUNAY

Sessão solene extraordinária
do dia 13 de abril de 1935

I

DISCURSO DO SR. RODOLFO GARCIA

SENHORES:

Manda o ritual que tendes adotado, e a cuja observância o recipiendário se não esquivaria sem desprimor, que as suas primeiras palavras sejam de graças à alta distinção que lhe conferis, chamando-o à vossa ilustre Companhia. Essa obrigação, de minha parte, não desejo seja apenas convencional: cumpro-a com profunda emoção, com perfeita sinceridade, pelo muito que me exalta o prêmio grande com que a vossa indulgência me galardoou.

De há muito sois vós credores de minha gratidão. Faz tempo, um dos vossos, senhor e dono de minha admiração e de minha amizade, apontou-me graciosamente (consta das atas de vossas sessões) um lugar já fora, nessa vasta poltrona quarenta e um, onde se acomodam, com mais ou menos impaciência, os que esperam um dia ocupar, aqui dentro, qualquer outra de número mais baixo...

Permiti recordar-vos que são antigas as nossas relações amistosas, e que mais de uma vez vos visitei cordialmente. Uma delas foi quando aqui se cuidou, na memorável quanto brilhante presidência de Afrânio Peixoto, da criação da Biblioteca de Cultura Brasileira, que hoje traz seu nome glorioso. Para organizar o programa das publicações históricas, Afrânio Peixoto lembrou-se de apelar para o saber incomparável de Capistrano de Abreu. Andava o mestre por esse tempo afundado em seus estudos de lingüística bacairi; mas, encantado com a iniciativa do amigo, a quem não sabia dizer não, depois de ter indicado as grandes obras de informação brasileira, que deviam fazer parte

da coletânea, designou a Eugênio de Castro e a quem vos fala para substituí-lo na tarefa de comentá-las e anotá-las, segundo o plano que delineara. Logo a seguir "o vento soprou de um quadrante contrário à direção da Academia e varreu-a". Ao pampeiro escapou tão-somente a *História* de Gandavo; o *Diário da Navegação* de Pero Lopes, de que Eugênio de Castro se incumbira, e os *Tratados* de Fernão Cardim, que eu preparara, tomaram rumo fora das publicações acadêmicas, que mais tarde vieram a recolher os *Diálogos das Grandezas do Brasil*, as *Cartas* de Manuel da Nóbrega, e outras mais.

Tenho, Senhores, em altíssima conta esses episódios, que assinalam a minha aproximação da Academia, com a fortuna de colaborar em seus trabalhos, e maior ainda de tornar-me um pouco vosso conhecido. A eles quero ligar a razão de ser de vossos dignificantes sufrágios. O vizinho do lado, nas relações domésticas, é sempre melhor do que o morador do outro bairro, a quem mal conhecemos.

* * *

Manuel de Oliveira Lima foi o primeiro ocupante da Cadeira que me concedestes em vosso cenáculo. Ao seu elogio acadêmico, brilhantemente traçado por seu digno sucessor, nada há que acrescentar.

Foi uma exemplar figura de erudito e de historiador, com quem de perto tratei no acolhedor solar de Parnamirim, quando os vagares da carreira diplomática lhe permitiam rever a terra natal. Dele recebi lições e estímulos, e de quanto o prezei basta consignar que a ele dediquei o meu primeiro livro. Criando esta Cadeira, em boa hora elegeu Oliveira Lima por padroeiro dela, para usar a linguagem tradicional de que se serviu, a Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. Em seu formoso discurso de recepção, celebrando a vida do patrono, como um dos fundadores de nosso patrimônio intelectual, justificou sua escolha, que vós de antemão tínheis homologado.

Varnhagen, por disposição testamentária, quis que à sua memória se erigisse um monumento no próprio lugar em que nascera: homenagem maior foi esta que lhe prestastes vós, perpetuando seu nome neste luminoso recinto. Historiador do Brasil, "o mestre, o guia, o senhor", ele o foi, e continua a ser, enquanto não tiver adimplemento a condição imposta há mais de meio século, cumprida a qual, quando o fosse, ele deveria descer de seu pedestal. O

único de seus contemporâneos, que lhe poderia fazer sombra, que com ele competiria pela vastidão de seu saber, por sua profunda erudição, em assuntos brasileiros – João Francisco Lisboa, proclamou-o em uma das suas cartas, antes da polêmica lamentável que os separou para sempre, "o pai da nossa História". Para o *Timon* maranhense, com a *História Geral do Brasil* "renovaram-se e purificaram-se as fontes, dilataram-se os horizontes", mercê de "uma investigação imensa, laboriosa e conscienciosa". Fazer mais ou melhor do que ele fizera, Lisboa reconhecia que era coisa que provavelmente se não havia de ver em seus dias: "porquanto, além do talento, consciência, dedicação e saber vasto e variado, para consegui-lo seria também necessário haver madrugado no intento e alcançar uma posição independente e azada para o pôr por obra durante a melhor e mais vigorosa quadra de uma existência igual e tranqüila". E concluía: "Nem a todos os mortais se apraz o destino a sortear com esse raro conjunto de felizes circunstâncias."

Por isso, em seu tempo, Varnhagen ficou só no campo dos estudos históricos, superior a todos. Pereira da Silva é o monografista superficial e infidedigno de um período relativamente moderno, porquanto os seus *Quadros de História Colonial do Brasil* são artigos de jornais sobre alguns fatos históricos, que não guardam entre si relação de continuidade; Abreu e Lima é o compilador arguto, mas afastado dos arquivos, que não vai além de Southey e seu plagiário Beauchamp; Melo Morais é o prestante colecionador de documentos, que publicou atabalhoadamente: nenhum deles havia de fazer frente a Varnhagen, que vasculhara os arquivos europeus e trouxera à história nacional uma contribuição formidável, tão valiosa que, passados tantos anos, em muito pouco tem sido sobrepujada; por isso mesmo, dos que vieram depois dele, nenhum lhe pretendeu disputar o primado das letras históricas, nem Capistrano de Abreu, nem Rio Branco, nem Eduardo Prado, nem Oliveira Lima, nem João Ribeiro, nem Rocha Pombo.

Confesso-vos, Senhores, que meu entusiasmo por Varnhagen vem de velha data, desde quando iniciei meus estudos sobre história do Brasil, ainda na província. Foi Alfredo de Carvalho, modelar erudito pernambucano, meu saudoso amigo da mocidade, quem me chamou a atenção para a *História Geral*. Li-a, e a impressão resultante foi que era diferente das outras histórias:

mais fatos, mais pormenores, mais crítica, mais lúcida interpretação, mais ciência, mais história, em suma.

Nesse tempo, na província, como no Brasil em geral, fazia-se questão absoluta, para que um escrito, um livro pudesse ser lido, que tivesse estilo, e por estilo entendia-se a superlativação à maneira de Eça de Queirós, em que o substantivo tinha que vir sempre escorado por dois adjetivos e às vezes mais, o adjetivo por um ou dois advérbios em *mente*, o que, na opinião abalizada dos estilistas, servia para dar ou aumentar a intensidade, o colorido, o pitoresco da frase; havia ainda o emprego compulsório das comparações, destinadas a animar o escrito de imagens evocativas: período sem uma comparação, ao menos, estava demitido de período. A arte de escrever era então complicada e difícil. Mas, apesar de também participar eu da influência derramada pela *Correspondência de Fradique Mendes* e pela *Cidade e as Serras*, li, como vos disse, e reli por meu prazer, o grande livro de Varnhagen, que os meus companheiros do cenáculo da Livraria Silveira, no Recife, em princípios do século corrente, incluíam em seu *Index librorum prohibitorum*, por pesadão, massudo, sem estilo... Vem daí o entusiasmo, a admiração, de que vos falei, pela obra do historiador do Brasil, acrescida sempre, no curso dos tempos, à medida que melhor a conhecia através de sua avultada bibliografia.

Mais tarde, quando os bons fados, pela mão amiga desse velhinho boníssimo que foi Vieira Fazenda, no salão de leitura do Instituto Histórico, permitiram que me acercasse de Capistrano de Abreu, das primeiras indagações que me fez, foi a propósito de Varnhagen. Parece que me saí menos mal desse exame de suficiência, porque o mestre, esquivo como costumava ser para os desconhecidos, conversou largamente comigo e terminou por convidar-me a visitá-lo em seu tugúrio (assim chamava sua residência) que demorava então nas grimpas da Rua Dona Luiza. Lá fui eu muitas vezes, e nunca desci aquelas ladeiras sem trazer uma dúvida resolvida, uma noção mais clara, uma indicação mais precisa sobre matéria em que o consultasse. E como me dava às vezes a incumbência de fazer verificações de alguns fatos que estudava, assim me obrigava a estudar também. Em certa ocasião preocupava-o uma provisão ou alvará que nos começos do século seiscentista concedia aos jesuítas da Bahia determinados favores, acoimados por Varnhagen de exorbitantes e escandalosos:

– Você procura isto na coleção Justino, – disse-me.

Eu conhecia um tanto os repertórios da velha legislação portuguesa; desse, porém, não possuía a menor notícia. Tive vergonha de confessar-lhe a minha ignorância, e perdi talvez uma semana a buscar a decifração da charada até que, afinal e creio que por acaso, consegui acertar; a coleção Justino era, nada mais, nada menos, do que a *Coleção Cronológica da Legislação Portuguesa*, por J. J. (José Justino) de Andrade e Silva. Quando lhe contei a minha atrapalhação, ele achou graça e explicou que a culpa não era propriamente sua, mas do Senador Cândido Mendes, que por amor à brevidade citava assim aquele repertório.

Depois o tugúrio passou para o porão da Travessa Honorina, em Botafogo, "sub Gigante de Pedra", de seu endereço aos amigos.

Éramos vizinhos de bairro, e mais amiudada, quase diária, tornou-se então nossa convivência. Ultimamente, revíamos juntos a terceira edição da *História Geral*. Quando o primeiro volume ficou concluído, Capistrano morreu, na aziaga madrugada de 13 de agosto de 1927.

* * *

Naquele mesmo salão de leitura do benemérito Instituto Histórico, diante de latas e pastas de documentos, vi pela primeira vez e travei conhecimento com Alberto de Faria. A lembrança desse encontro guardo fielmente em minha memória. Causou-me estranheza, confesso, que alguém de sua situação social, de seus afazeres profissionais, freqüentasse salas de leitura, e principalmente se ocupasse em consultar papéis velhos, em copiá-los e anotá-los; mas tive logo, e por ele próprio, a explicação de sua presença ali e do objetivo de suas pesquisas. Andava a colher elementos para compor o belo livro, que escreveu sobre Irineu Evangelista de Sousa, primeiro Barão e Visconde de Mauá.

Alberto de Faria pertencera à esplêndida geração que fez a campanha abolicionista e a propaganda republicana. Logo que deixou a Faculdade de São Paulo, formado em Direito, foi exercer a profissão em Campos, sua cidade natal. Ali, naquele centro de grande atividade intelectual, como era então a antiga sede da capitania dos Assecas, com um foro movimentado e culto, Alberto de Faria alcançou rápida clientela, pelo talento, pelo zelo e pelo

denodo com que defendia as causas que lhe eram entregues. Veio depois para o Rio de Janeiro, e foi como franco-atirador da imprensa, em longas e famosas polêmicas sobre diversas questões de interesse público, que o seu nome se tornou notável, firmando artigos em que além do saber do jurisperito, transpareciam as qualidades essenciais do escritor apurado e elegante, que se lê com prazer.

Quando se dedicou a estudar a vida de Mauá, esse grande homem era página virada na memória das gerações modernas: os documentos sobre ele eram escassos e esparsos; enorme havia de ser o esforço do pesquisador para reuni-los. Na devida escala, era a mesma situação em que se encontrou o biógrafo de Tito Lívio para escrever o livro de sua vida: uma data de Eusébio, alguns pormenores em Sêneca e Quintiliano, duas palavras lançadas ao acaso nas *Décadas*... Como o historiador de Roma, também Mauá não tinha história.

Para reconstruir-lhe a vida, Alberto de Faria levou anos de árduo labor e dela nos deu afinal o livro magnífico, a respeito do qual Capistrano de Abreu pôde confidenciar a seu amigo João Lúcio de Azevedo, em carta guardada na Biblioteca Nacional: "O livro sobre Mauá tem muitas novidades e é contribuição preciosa para a história do Segundo Reinado."

O plano desse livro, para ser compreendido, como que requer o engenho do arquiteto presente ao monumento ainda em construção. Batidos os alicerces, alteadas as paredes fundamentais, três vigas mestras irão garantir a majestade e a segurança do edifício: D. Pedro II, Caxias e Mauá – a ciência política, a ciência militar, a ciência econômica, em um momento histórico da unidade nacional.

São três símbolos essas três vidas igualadas na provação de um nobre ideal ao serviço e ao amor do Brasil, e que a própria morte nivelou em ocasos tocados de melancolia. Vede D. Pedro II, expirando no exílio, decaído e magnânimo; vede Caxias, na humildade cristã de seu retiro e na desilusão de suas glórias militares, pedindo lhe trocassem, na hora da morte, a farda de duque ou de guerreiro pelas vestes do cidadão; vede Mauá, honrado, pobre e esquecido, transmudando o dia fatal da "queda de um herói" no dia da compassiva "morte de um monge".

A imortalidade obriga-se a esses tributos, que a humanidade recolhe como sabedoria, lição ou conselho.

A biografia concebida no gabinete de estudo não guardaria, entretanto, em sua progressiva realização, as linhas harmoniosas de um primitivo plano arquitetural, que as primeiras páginas denunciam. Conter o surto de fogoso entusiasmo ante a vida dinâmica, múltipla e sugestiva do biografado, à proporção que se alterna o pesquisar com o redigir, não seria fácil tarefa a um temperamento mais de artista que de historiador, mais de jornalista que de biógrafo, como o de Alberto de Faria.

Buscando nos arquivos a massa de documentos desconhecidos de tantos brasileiros, talvez em princípio quisesse o autor criar sua "obra longe do bulício dos homens" para compor em traços mais precisos e puros a imagem que, a cada instante, a viveza das tintas de sua paleta anima e a luz de sua inteligência exalta; mas o vagar, a paciência, que o desenho e a execução das linhas clássicas requerem, não serão de seu feitio de homem e de escritor, mormente ante a fatalidade de ser retardada a grande festa da gratidão brasileira, de que se fez epígono.

O livro começará então, atentos o labor onímodo e a cultura revelada de quem o molda, como que a fluir entre o tumulto da opinião, ávida de conhecê-lo, e o silêncio do gabinete de estudo, valorizado com o material recolhido na peregrinação por bibliotecas e arquivos, em fontes particulares ou confidenciais, em manancial proveitoso da história do Segundo Reinado ainda por escrever. E assim, fácil será de notar-se quanto o espírito ágil do autor, – de vocação tão acentuada para a advocacia, para as questões financeiras, para a polêmica jornalística – o moveria a certa ausência de método nos assuntos que, ao correr da pena, vai tratando, ou na ordenação de detalhes primordiais, que os completam. Entretanto, o que os capítulos haveriam de perder em metodização de moldes clássicos, ganhariam em espontaneidade, vivacidade e imprevisto encantamento, ao tomar o livro a forma desses modernos estudos das grandes vidas, tão em voga na literatura contemporânea.

À maneira de Joaquim Nabuco, mas não dispondo dos *protocolos* traçados pela mão paterna, que o filho ilustre animou com seu estilo privilegiado, – Alberto de Faria conduzirá o leitor através da peregrinação comovida ao passado, sem esquecer o presente; e qual predestinado apóstolo que a meio da jornada da fé cria legiões, prosseguirá com elas, guiando-as, para lançar os alicerces do templo consagrado ao seu padroeiro, sobre a suave colina de

onde se admira o passado glorioso da nacionalidade. E, como ao deslocar dessa multidão, que dia a dia se avoluma, não é só o culto que a leva em arrebatado entusiasmo, o apóstolo não se esquecerá de, a cada instante, volver-se aos discípulos que o seguem, ou aos estudiosos que o escutam, para louvar-lhes o fervor com que caminham, ou a atenção com que param, para profligar com veemência os apóstatas que desertaram, e sutilmente falar aos indiferentes ou invejosos avessos ao entusiasmo e à gratidão. Se, vestindo a roupeta humilde e tendo a pobreza por brasão dos mais altos, o missionário, ao propagar sua doutrina nas selvas, enobrece sua vida e santifica-a tantas vezes na própria morte, alguma beleza romântica dessa missão terá quem, no século que passa e embora trajado ao figurino do tempo, levar com justiça sua palavra edificante ao seio das academias, institutos, salões da sociedade culta e oficinas de trabalho, para erguer do pessimismo em que se afundam os que vão descrendo da nossa raça e da memória dos nossos varões ilustres.

* * *

A Irineu Evangelista de Sousa filia Alberto de Faria na doutrina *saint-simoniana*, corrente um tanto mística, um tanto industrial que, após a morte de Saint-Simon, buscaria realizar tudo quanto o mestre pregava, e constituía o objeto das preocupações do século, segundo Faguet, ou que, na definição de G. Weill, pretendia "passar o poder espiritual dos padres para os mais notáveis entre os industriais, os sábios e os artistas".

Em essência, nada mais era do que uma corrente subversiva, que visava a civilização material, simbolizada no século da máquina em face dos séculos de Deus.

A doutrina de Saint-Simon e de sua seita, devendo estar para aquele tempo como Marx e o comunismo para os dias de hoje, – imaginai a influência que exerceria sobre a inteligência vivaz e curiosa desse moço rio-grandense do Sul, que aos onze anos de idade era caixeiro de uma casa comercial na capital do Império, a labutar das "sete da manhã às dez da noite", para seis anos depois passar a empregado de um estabelecimento progressista do alto-comércio, chefiado por um súdito inglês, o senhor Ricardo Carruthers. Imaginai como esse espírito jovem ainda, familiarizado tão cedo com a rudeza da vida, iria receber uma doutrina como essa, criada nos domínios da dúvida,

mas com lampejos de novas claridades. Ricardo Carruthers, "um dos melhores espíritos da humanidade, que se distinguia pela velha escola da moralidade positiva", – segundo dizia mais tarde o próprio Mauá; Ricardo Carruthers, "um santo", como lhe chamaria agradecido na presença da Sra. Viscondessa de Cavalcanti, – talvez nos dias que correm, consideradas as decisões ultraliberais que adotava, tivesse sua ficha com reservas na polícia de costumes... Entretanto, esse súdito britânico que a Mauá lecionou contabilidade e gramática inglesa, deu livros ingleses a ler; que o moldou um perfeito negociante inglês com absoluto senso de responsabilidade; que deu asas à ave implume que aspirava a largo vôo; que ensinou a Mauá, como disse Alberto de Faria, – "a lisura da palavra, o culto do crédito, e essa nobreza de processos com que, nos três últimos quartos do século XIX, o comércio fez das Ilhas Britânicas o maior dos Impérios" – esse belo exemplar de criatura humana é hoje credor do nosso reconhecimento, pela visão que teve em passar a um brasileiro de gênio, que contava apenas vinte anos de idade, a chefia da casa comercial e o zelo do próprio nome.

O Parlamento do Segundo Reinado foi, salvo para os valores reais da inteligência brasileira, em grande parte cópia de cenas, leis, processos decorativos e oratórios do Parlamento inglês; não assim o nosso comércio atrasado de antanho, que surpreso via surgir na figura britânica de Irineu Evangelista de Sousa um renovador da mentalidade mercantil e industrial em nosso país.

Vitorioso nesse campo de trabalho, em breve voltava Mauá sua visão privilegiada para a resolução dos grandes problemas econômicos, urbanos, nacionais ou internacionais, – que, esperavam para solucioná-los uma larga política liberal e progressista do Império.

Seu primeiro cuidado será para esta cidade com prerrogativas de Corte, mas que desmentia tão pomposo título, na falta de higiene de suas mal calçadas ruas, vielas ou praças, iluminadas à noite a azeite de peixe, de dia batidas de sol ardente, sem defesa de arborização urbana, por onde transitavam seges, cadeiras de arruar, mercadores cavalgando bestas, fidalgos ostentando árdegos ginetes, padres e frades, procissões e congadas, tropas e boiadas vindas do interior, escravos seminus sob o chicote do capataz insolente, na faina dura e braçal.

Diariamente acordada pelo bater de sinos das igrejas e adormecida ao intimativo toque do Aragão, que regulou sua moralidade noturna de provinciana por quase um século, a velha cidade colonial, quando não a favorecia o luar, destacando-lhe magnificamente as soberbas montanhas e a esplêndida baía, era soturna, deserta, apavorante.

No vice-reinado de Luís de Vasconcelos, entre 1779 e 1790, somente as luzes dos candeeiros acesos nos nichos pela piedade dos fiéis, em número de setenta e três lampadários – "22 na freguesia da Sé, 27 na da Candelária, 12 na de São José, e 12 na de Santa Rita" – espancavam timidamente a escuridão de pequenos trechos ou esquinas de ruas e becos. O caminhante noturno, para precaver-se das trevas e dos salteadores, se era homem de posses, haveria de fazer-se acompanhar de capangas e mandar um negro escravo à sua frente com o archote a iluminar o caminho. Já no vice-reinado do Conde de Resende se aponta como grande serviço seu ao Rio de Janeiro "a introdução dos lampiões de azeite, subsidiados pelos cofres públicos". Mas, ainda em 1840, cem lampiões colocados entre si a razoável distância, cuidados por negros cativos, eram quantos balizavam a iluminação da cidade. Tempos depois bastaram dois homens, Eusébio de Queirós, na pasta da Justiça, e Mauá, no seu benemérito ministério de bem servir ao Brasil, para dar à terra carioca um espetáculo considerado maravilhoso pela gente de seu tempo: a iluminação a gás.

Resolvia o problema esse processo de iluminação, ainda em 1834 combatido por um desembargador, talvez ilustre, que ao informar sobre a provisão de um privilégio nesse sentido, declarava "que o pretendente era um impostor, porque não podia haver luz sem torcida...".

Completaria, em parte, o bonde, ou a Companhia Fluminense de Transportes Urbanos e a Jardim Botânico, o que a luz do gás iniciara; viria a seguir a engenharia sanitária, abrindo o Canal do Mangue; o novo Matadouro, abastecendo de carne verde a cidade; o Estabelecimento da Ponta da Areia, meritório pelas obras iniciais de siderurgia e de construção naval, fabricando os encanamentos para o abastecimento de água à Corte: – melhoramentos todos esses criados pela iniciativa do grande cidadão, a quem a nossa moderna capital ergueu uma estátua, por lembrança de Paulo de

Frontin e do acadêmico Lauro Müller, que nesta Casa sucedeu ao Barão do Rio Branco.

Dando solução aos principais problemas urbanos, não se deixando abater ante a expressão de colosso geográfico que é o Brasil, Mauá ainda hoje pode desmentir os negadores da nossa raça e da nossa inteligência, com o haver estendido os primeiros trilhos sobre a terra brasileira, com haver feito silvar a primeira locomotiva no continente sul-americano. Trinta e cinco dias após a iluminação a gás da capital do Império, do fundo da baía, do porto depois chamado Mauá, a locomotiva *Baronesa*, que ainda ostenta seus oito decênios de vida com a graça e ligeireza de sua mocidade, "ganhava em vinte e três minutos os primeiros quinze quilômetros de trilhos do Brasil". Galgar a Serra dos Órgãos, que se lhe alteava indomável, e chegar a Petrópolis, seria ainda outra vitória de Mauá, vinte e oito anos depois, apesar da guerra de concorrência aberta pela estrada de rodagem União e Indústria, tão de justiça ligada ao nome laureado de Mariano Procópio.

Cumprira Mauá a palavra dada ao Brasil, na presença do Imperador, a 25 de março de 1854: "Não podemos parar." E assim, não só nesse setor geográfico, o pendão auriverde será levado pela primeira vez na frente das locomotivas, como também em outros setores havemos de lobrigá-lo, vencendo vales e serras, túneis e pontes, contornando encostas e beirando rios. O bandeirante de aço, que rasga o sertão esquecido, com sua pluma branca de fumaça, badalando o sino à chegada e à partida, será sempre o mensageiro bem-vindo, a voz sonora da esperança, que o sertanejo acolheu talvez rezando, como um milagre dos santos. E esse milagre – a vitória do caminho de ferro – em breve recambiará riquezas das cidades, vilas, sertões e portos de mar, seja pela Estrada de Ferro do Recife ao São Francisco, a segunda inaugurada no Brasil; seja em 1858, pela Estrada de Ferro D. Pedro II, criando a artéria central do nosso progresso; seja, dois anos depois, pela ligação da costa da Bahia com o grande rio brasileiro, e, em 1867, pela Santos–Jundiaí, que também será portadora do sentimento do litoral ao planalto de Piratininga, para rememorar ao paulista não só o primitivo caminho do Padre José, como ainda o mar, que ele esquecia ou esqueceu.

Mas, como todo progresso para ser realidade precisa do seu desembargador de 1834, esse também o teve na pessoa de um estadista notável, que,

por previdência excessiva, manifestara o seu "medo de que no segundo dia de cada mês os trens parassem por estarem esgotadas as cargas do interior". Esse conceito ficou olvidado nos nossos livros de história, mas o que convém que o tempo não apague na memória dos homens é que a todas as realizações de viação férrea nacional, ou a quase todas dessa época, direta ou indiretamente, está ligado o nome de Mauá, ou o seu prestígio financeiro, verdadeiramente extraordinário. E se, para as estradas de ferro das Alagoas, do Rio Grande, da Paraíba e de alguma outra província não foi solicitado o seu concurso, não será demais relembrar que até às nações do Pacífico ele pensou em levar os trilhos brasileiros; e que a *Minas e Rio*, anteriormente *Estrada de Ferro Rio Verde*, cujo itinerário recorda um dos caminhos mais batidos por bandeirantes que perlustraram o sertão das Minas, marcará "seu último serviço à viação férrea do Brasil".

Vencida a terra sertaneja, ligada parte da zona rural do trabalho agrícola aos portos de mar, era preciso também dominar os rios, e desses o maior do mundo, o mediterrâneo portentoso da América Meridional, para o qual os olhos cúpidos se voltavam e se voltam fascinados pelas maravilhas que a natureza aí prodigamente revela ou sabiamente entesoura.

O nosso patriotismo, segregando o Amazonas às nações conquistadoras pelas armas ou pelos capitais, não se melindraria, então, com o fato de Tavares Bastos e Gonçalves Dias aplaudirem o livro do Tenente Maury contra a clausura do rio-mar, mormente pelo fruto que se colhia, – a resolução do grande problema por um estadista brasileiro e pelo monarca mais liberal e democrata do universo. E se o título de estadista é patrimônio honroso de um Visconde de Uruguai, que em 1853 traçou a política avançada de abrir o Amazonas ao intercâmbio mundial, não menor patrimônio o seria de Mauá, que, tomando sobre si a aventura da empresa, faria, em breve, sulcar suas águas pelo navio de vapor, para despertar do secular isolamento os caboclos das barracas e dos paranamirins, o índio das igaritês e das ubás, ao mesmo tempo em que na sua esteira indicaria o caminho aos aventureiros dos *gaiolas* e aos regatões das montarias.

O feito de Orelana, descendo o rio empolgado pela miragem das Amazonas, e o de Pedro Teixeira, subindo-o para a posse de suas terras e águas, não serão maiores pelas conseqüências que trouxeram ao comércio, à ciência e

principalmente à unidade brasileira, do que o primeiro navio de vapor que Mauá armou para navegá-lo, das colônias de açorianos e algarvios que fundou às suas margens, do espírito nacional que semeou por essas regiões longínquas e olvidadas.

Depois de a locomotiva acordar e vencer o deserto das terras, o navio de vapor acordar e vencer o deserto das águas, ia o cabo submarino completar em 1874 a obra gigantesca da benemerência de Mauá, estabelecendo pela primeira vez a comunicação constante e rápida deste continente sul-americano com o mundo.

Da parte de finanças que se relaciona com o sistema bancário que Mauá criou, animou e difundiu, e foi qual sementeira benéfica para a vida econômica, agrícola e industrial não só do país, mas ainda do Rio da Prata, – Alberto de Faria nos dá esmerado estudo de especialista, em largos capítulos de seu livro. Sobre a atuação de Mauá nas finanças platinas, da sabedoria de seus conselhos de homem experimentado, com profundo conhecimento do povo amigo da Banda Oriental, fala-nos ainda em tantos outros, em que surgem aspectos políticos inéditos, providências e soluções desconhecidas, que estão a pedir a revisão da história brasileira do Rio da Prata.

Nos seguintes capítulos oferece Alberto de Faria por cenário o Parlamento do Segundo Reinado, quando ali tinha Mauá a investidura de deputado pelo Rio Grande do Sul, e na velha Câmara ainda soavam, feriam ou reboavam as vozes dos oradores célebres da época. Aspectos parlamentares interessantes são pelo autor revividos nesse ambiente, tendo por figura central o biografado, em lances memoráveis, como sejam o atrito político com o conselheiro Nabuco de Araújo, a guerra constante que lhe movia Zacarias de Góis, o repto que Silveira Martins lhe lançara; sua renúncia, por duas vezes, do mandato legislativo e as moções da Câmara em apelo para que permanecesse em sua cadeira, a fim de "vigiar pelos grandes interesses nacionais". Por fim, como parte mais empolgante de um romance histórico vivido por uma grande vida a encerrar-se na noite do esquecimento, da pobreza e da dor, Alberto de Faria traça as que deveriam ser as últimas páginas de seu livro, nas quais o advogado vem à barra do tribunal na defesa do constituinte ilustre, animando seu discurso com a comovida eloqüência que o momento augusto requer.

Os sonhos daquele a quem o autor filiara à corrente *saint-simoniana*, tinham agora refúgio na provação, no estoicismo, na bondade cristã, com que passava à vista da turba pelas estações do sofrimento, carregando a pesada cruz do descrédito com que a adversidade o flagelava, – a moratória e por último a falência, assinalada pelo Visconde do Rio Branco como "um grande infortúnio nacional".

A doença e a senectude quebrantavam as últimas forças do lutador para encerrar a vida exemplar, que Alberto de Faria salvou do esquecimento nas páginas memoráveis de seu livro.

* * *

Disse-vos da obra principal de Alberto de Faria, que lhe abriu as largas portas desta Casa, com uma bela maioria de sufrágios, em pleito disputado e memorável; dir-vos-ei a seguir, em breves palavras, de sua atuação de acadêmico durante o curto período de tempo em que o tivestes entre vós.

Desejo recordar-vos, dessa atuação, sua conferência lida neste recinto, em 31 de julho de 1930, sobre o Barão do Rio Branco, para vos significar convictamente que não conheço em nossa história política dos últimos tempos depoimento mais completo e mais interessante prestado por quem, vivendo ao lado dos acontecimentos, pôde observá-los com perfeita visão e absoluta fidelidade.

Rio Branco alcançava o terceiro quatriênio de sua gestão inolvidável na pasta das Relações Exteriores. O país atravessava na sazão a crise das deposições dos governadores estaduais maquinadas ou consentidas pelo poder central. O caso da Bahia, o inominável bombardeamento de uma cidade aberta, preocupava ao extremo o Barão, pela responsabilidade que tinha o governo de que fazia parte, e mais ainda pela selvageria do golpe que feria tão fundamente os nossos foros de povo civilizado. O Barão era o Brasil; sofria pelo Brasil.

Alberto de Faria, privando com ele, dá-nos o testemunho de suas torturas naquele momento histórico. Em Petrópolis, onde ambos se encontravam, teve o vosso companheiro ocasião de receber as confidências do grande chanceler e de influir em uma sua decisão suprema.

O caso baiano chegaria ao Tribunal Superior por meio de *habeas corpus,* que fora concedido para repor o governador espoliado, medida que o

governo não faria cumprir, como tudo estava a indicar. Naquele dia, aguardando na estação a chegada do trem das 6 horas, à busca de notícias do Rio, os dois se avistaram, e Rio Branco foi logo indagando das novidades:

– É o que aqui me traz, Sr. Barão; receio que elas sejam de alguma gravidade.

O chanceler mostrou-se surpreso, porque nada lhe constava: o outro esclareceu um pouco o motivo de suas apreensões:

– É possível que no Supremo Tribunal se tenha preparado hoje um foco de incêndio.

Passageiro do trem esperado, Leopoldo de Bulhões, interrogado quanto às ocorrências, respondeu com otimismo, naturalmente para poupar desgostos ao Barão, – que tudo ia na santa paz do Senhor; apenas, no Supremo voltara o caso da Bahia, com uns telegramas, em vista dos quais o Ministro Murtinho declarara que o Tribunal não podia confiar na palavra do governo; discutia-se à última hora, mas nada mais grave que nas sessões anteriores.

Apesar disso Rio Branco não disfarçava a sua preocupação e queria inteirar-se de mais alguma coisa de que desconfiava fosse Alberto de Faria sabedor. Este, afinal, não se conteve e disse:

– Penso que a situação é de causar sustos. A atmosfera do Catete é irrespirável de paixão e de irresponsabilidade. Se V. Ex.ª permite, dir-lhe-ei que é tempo de fazer valer sua força, evitando atentados que estão planejados em desprestígio ao Poder Judiciário.

Discutiram. O barão fazia ver que era ministro do Exterior e não podia entrar por seara alheia; a pasta política tinha ministro, a da Guerra também, e estávamos no regime presidencial. Alberto de Faria argumentava que ele não era ministro como os outros, porque era uma espécie de presidente de conselho, a força moral de que vivia o governo na opinião pública. Rio Branco explicava a situação e fazia revelações sobre o que se passava no Catete; queixava-se da doença e do abatimento em que estava, que nem podia vir à cidade. Ainda esperaram o trem de 7:30 para colher notícias, mas estas não foram melhores do que as primeiras.

No outro dia Gastão da Cunha procurava Alberto de Faria para dizer-lhe:

– Você fez uma verdadeira revolução ontem. Acaba de dizer-me o barão que passou a noite em claro, redigindo uma carta que a esta hora (seria meio-dia) desce em trem especial por mão do Enéas; é um pedido de demissão.

Sabe-se o que se seguiu. O barão ainda ficou no governo até morrer, três semanas depois. Quando se escrever a história desse período, o depoimento de Alberto de Faria terá de ser ouvido, porque exprime a verdade que engrandece a figura de Rio Branco, desde que a verdade oficial por ele próprio rubricada... "não é a verdade".

De mais dois episódios relacionados com o Barão do Rio Branco, Graça Aranha e Gastão da Cunha, vos falou Alberto de Faria; não os resumirei, como fiz com o primeiro, que era o principal, porque vós os conheceis, porquanto de alguma sorte eles respeitam à vida da Academia.

Ao fazer-vos as revelações que ouvistes então, o memorista lúcido e probo vos prometeu que, se o tempo e a saúde lhe permitissem, havia de dá-las a público, conjuntamente com outras. Desgraçadamente, o mal que o minava, abreviando-lhe a vida, não consentiu a realização dessa promessa, privando-nos do grande livro dessas *Reminiscências*, escritas à plena luz da verdade, que é a força da consciência e a regra da história.

* * *

A Alberto de Faria sucedeu nesta Cadeira José Francisco da Rocha Pombo.

À vossa escolha presidiu um critério superior de justiça; foi ela como que o prêmio bem merecido a esse preclaro homem de letras, operoso como poucos, tão mal recompensado em seus esforços. Tendes, realmente, em Rocha Pombo o exemplo de um indefesso trabalhador, em atividade intelectual constante, que foi toda a sua existência.

Sua contribuição para as letras nacionais, por isso mesmo, foi das maiores que se conhecem, versou diferentes gêneros, para avolumar-se extraordinariamente na historiografia, sua feição mais característica.

Vem de longe, dos fundos de sua província natal, o belo Paraná, sua iniciação literária. Aos vinte anos, em 1877, escreveu o seu primeiro estudo sobre instrução pública, divulgado na revista fluminense *A Escola*, de José

Serafim Alves, que mereceu transcrição honrosa na *Revista del Plata*, de Buenos Aires. Por esse tempo militando na imprensa paranaense, dedicava-se à propaganda republicana, no semanário *O Povo*, de Morretes, dez anos antes de ser proclamada a República. Depois, em Curitiba, escreveu romances, *A Honra do Barão* e *Dadá, a Boa Filha*, publicados respectivamente em 1881 e 1882, e *Petrucelo*, em 1888; seguiram-se ainda estudos sobre educação, *A Supremacia do Ideal* e *Religião do Belo*, aquele em 1882, este em 1883; e mais *Guaíra*, poemeto, 1886; *Nova Crença*, 1887; *Visões*, 1888; *Marieta*, 1896; *História da América*, 1889; *O Paraná no Cinqüentenário* e *Grande Problema*, em 1900; *No Hospício*, romance de questão social; *Dicionário de Sinônimos da Língua Portuguesa*, em 1914; *Nossa Pátria*, livro para crianças, que tem mais de sessenta edições; *Notas de Viagem ao Norte do Brasil*, 1918; a série de histórias estaduais, que compreende os estados de São Paulo, do Paraná e do Rio Grande do Norte, e ainda outros trabalhos menores, que me permitireis omitir nesta relação.

Desde 1897, Rocha Pombo deixara a terra natal. Conta um biógrafo que sua mudança para o Rio de Janeiro fora um gesto de desespero e de coragem. Estava reduzido aos magros proventos de um escritório de despachos no pequeno porto de Paranaguá, atividade que divergia absolutamente das aspirações de sua inteligência, e da qual mal tirava o necessário para viver. Reuniu, então, quanto foi suficiente para a viagem e abalou de Paranaguá, com os seus, para tentar a vida aqui, onde esperava encontrar ambiente mais propício ao desenvolvimento de suas aptidões para as letras e para o ensino.

Não vos direi, Senhores, de sua tragédia, que foi também a minha e a de tantos outros brasileiros, que tangidos pela necessidade de ganhar a vida são forçados a abandonar os estados por este grande centro, que é o Rio de Janeiro.

Aqui Rocha Pombo lutou como um bravo, com a fortaleza de ânimo, com o estoicismo de que seus íntimos dão testemunho; suas horas de aula multiplicavam-se, sua colaboração nos jornais era das mais assíduas, seus livros se acumulavam com sucesso: tornou-se conhecido, foi autor citadíssimo. Entretanto, à justa fama adquirida, a verdade desoladora é que não correspondeu o necessário proveito. Viveu sempre pobre, sem poder passar do subúrbio para a cidade.

Chegado ao Rio em plena maturidade de seu espírito, daqui a melhor parte da sua produção literária, os trabalhos históricos já referidos, e sobretudo a sua grande *História do Brasil*, em cuja composição consumiu doze anos, de abril de 1905 a junho de 1917, quando saiu o décimo e último volume.

É essa obra, no gênero, a mais vasta, a mais considerável da nossa literatura, pela superfície imensa que cobriu, das origens do Brasil aos dias presentes.

Mais de quatro séculos de História, na complexidade imensa dos acontecimentos humanos, constituem empresa digna de admiração, pelo esforço e pelo apresto que exige; tentá-la e realizá-la com acerto e perfeição, se não é das coisas impossíveis, dado o "raro conjunto de felizes circunstâncias", que João Francisco Lisboa insinuou em relação a Varnhagen, haveis de concordar que será pelo menos das mais difíceis.

Rocha Pombo fez o que foi possível fazer.

O conceito de Buckle, sobre os materiais acumulados para a formação da História, mais se aplica às velhas civilizações ocidentais que aos países da idade moderna, nascidos na época dos grandes descobrimentos, o Brasil inclusive. Outros são os materiais de que nos havemos de utilizar para escrever a nossa história, depositados, como sabeis, nos arquivos dos descobridores ou colonizadores, portugueses ou espanhóis, ou nos daqueles que em nossa vida se intrometeram, franceses, flamengos e ingleses. Esses depósitos têm sido explorados por pesquisadores da ordem de Varnhagen, João Francisco Lisboa, Antônio Gonçalves Dias, Joaquim Caetano da Silva, José Higino Duarte Pereira, Barão do Rio Branco, Oliveira Lima, Domício da Gama e outros; e os resultados dessas pesquisas opulentam grandemente o nosso acervo documental, muito embora não dispensem a consulta às fontes originárias.

Rocha Pombo, por impossibilidade de recorrer aos arquivos da Europa, e por escassez de tempo confessada para freqüentar os arquivos nacionais, ficou reduzido na elaboração de sua *História do Brasil* à contingência de aproveitar o que outros prepararam, conforme honestamente declarou.

Há um tanto ou quanto de verdadeiro no que disse um escritor inglês, citado pelo Conde de Ficalho, que o tempo da *história* passou, e estamos em tempo de *documentos*, cuja leitura é mil vezes mais interessante e mais instrutiva que a de todas as histórias. Descontado algum exagero dessa afirmação, o

certo é que a consulta às fontes conduziria por força o vosso companheiro à apuração de fatos que aparecem deturpados nos autores em quem fiou; uns tantos pormenores teriam de ser avivados em seu debuxo primitivo, um panorama mais exato do passado brasileiro desdobrar-se-ia aos nossos olhos. Poder-se-ia ainda criticar seu livro pela ausência de síntese, de que resultou sua grande extensão; haveria que dizer de seu método no expor dos acontecimentos, com a adição de notas que, em geral, constituem reiteração mais larga dos mesmos acontecimentos narrados por outros; exigir-se-ia, por último, menos dissertação e mais seleção.

Entretanto não há como desconhecer o extraordinário mérito da obra de Rocha Pombo, sua utilidade provada, os serviços prestados aos estudiosos, que a estimam sobre todas as congêneres. Se conferirdes a estatística das bibliotecas, verificareis que sua *História do Brasil* é, nessa classe, o livro mais consultado, o mais lido de todos, o que significa popularidade e vale pela mais legítima das consagrações.

Robert Southey, o historiador poeta, ao encerrar sua *História,* manifestava a absoluta confiança que tinha na aprovação dos homens para quem a escrevia, e da posteridade, a que a transmitia como um legado opimo. – "Daqui a séculos – dizia mais tarde a seu amigo Townshend – meu livro se encontrará entre aqueles que não estão destinados a perecer, e será para os brasileiros o que a obra de Heródoto é para os europeus."

Jamais ouviríeis a Rocha Pombo tal expressão de orgulho, que a serenidade de sua inteligência não admitiria, que não conceberia a modéstia de seu caráter; ouvireis, todavia, o juízo dos contemporâneos, em que há de decalcar-se o juízo dos vindouros, e este não será diferente daquele com que Southey contava para coroar sua obra.

II

RESPOSTA DO SR. AFONSO TAUNAY

SENHOR Rodolfo Garcia.

Ao exprimir-vos a saudação regimental com que a Academia Brasileira vos recebe, impõe-se-me, por associação de idéias, uma paráfrase da divisa célebre, procedente de dois dos mais gloriosos de nossos maiores nesta Casa: Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antônio Gonzaga:

Justitia quae sera tamen...

Chamando-vos à nossa intimidade quisemos dar satisfação a um reclamo repetido em todos os cantos do país. – Como? pois até agora não elegeu a Academia Brasileira a Rodolfo Garcia?

Maravilhoso instinto de justiça orienta o grande corpo eleitoral da opinião pública, cujos veredictos apontam os futuros titulares das nossas cadeiras.

E este eleitorado instituído pelo censo alto da cultura muito raramente se equivoca, ao fazer as indicações insinuadas ao nosso colégio. Nestes escrutínios prévios, e simbólicos, predomina o verdadeiro reconhecimento dos valores.

Qual de vós, meus prezados colegas, passa alguns dias sem ouvir sugestões desses eleitores do primeiro grau dos nossos comícios? enunciadas numa escala que se, por vezes, exprime a mera instigação da curiosidade, chega, também, a assumir o feitio da impertinência molesta?

– O que a Academia precisa é quanto antes eleger a V... – aventam os apaixonados dos estudos filosóficos e sociológicos.

– E a X... – rememoram os amantes das letras puras.

– E a Z... – reclamam outros, para quem só tem valor o cultivo dos assuntos brasileiros.

– E a W... – expendem os que preconizam o critério exponencial.

Este juízo, claro e exato, dos valores dos nossos academizáveis, de outro aspecto às vezes se reveste. Expande-se em recriminações, freqüentemente acerbas até, por se referirem a irreparáveis fatos.

Foi o que, ainda há pouco, novamente observei ao ocorrer o passamento de Calógeras.

– Deixou a Academia de chamar a si quem ao Brasil legou tão valiosa obra escrita, ouvi objetarem, amargamente, muitos destes zelosos do prestígio de nossa companhia.

E não temos o que responder a estas increpações, força é convir. Injustiça se cometera, e grave, comparável a outras, praticadas dentro das mesmas normas, para com diversos brasileiros dos mais notáveis.

Entre eles não incluo, porém, o nosso mestre Capistrano. Não foi nosso porque não o quis, fugindo aos encargos de membro voluntário de segunda academia, sócio involuntário que o haviam feito de uma outra, a humana.

No caso de Calógeras, jamais houve, de nossa parte, a menor atribuição depreciativa de seus extraordinários títulos e méritos.

Ocorreu apenas um embate de circunstâncias inconcordáveis.

São as nossas eleições raras e algo complicadas. E os seus processos, talvez um tanto arcaicos, em sua sábia reserva de experiência secular. Assim não se coadunam com alguns temperamentos de extremada susceptibilidade.

Não havendo ocorrido concessões recíprocas entre a retração do candidato ilustre e a inflexibilidade do regimento acadêmico, com isto sofremos rude perda, não se tendo inscrito em nosso cadastro o nome eminente de João Pandiá Calógeras.

Coloca-o hoje a opinião nacional em nossa Cadeira quadragésima primeira, de todas a mais gloriosa, onde, entre os mais recentes titulares, incluem-se Alfredo de Carvalho, Alberto Torres e Martim Francisco III.

* * *

Viestes trazer-nos, Sr. Rodolfo Garcia, o remate de uma vida, consagrada à nobreza dos serviços à nossa pátria e coroados pela ampliação, que é

quase um refazimento, de um dos maiores padrões de nossas letras: a *História Geral* de Varnhagen.

Às excelências da mentalidade, soubestes apor o sigilo do culto da honra, do dever e do labor.

Esta Cadeira, que é hoje a vossa, instituiu-a Oliveira Lima. Ao historiador ilustre de D. João VI sucedeu o fino espírito de Alberto de Faria. Seguiu-se-lhes o erudito, o trabalhador indefesso, o homem cheio de dignidade que foi Rocha Pombo.

Sois agora o titular e o mantenedor da integridade do prestígio de uma poltrona criada sob o patrocínio da grande memória de Francisco Adolfo de Varnhagen, onde sempre se assentaram, pois, representantes eminentes das nossas letras históricas.

Foi Oliveira Lima um destes trabalhadores, volúpticos do trabalho, sujeitos à auto-intoxicação do exacerbamento de um estímulo que tudo avassala. Correu-lhe a vida em condições de poder satisfazer ao império das preferências do espírito.

Daí a extensão de sua obra construtiva, cheia de argúcia, consciência e respeito à verdade.

Com ele muito privastes, e dele recebestes estímulos e provas do maior apreço.

Praticando, como Rio Branco e como Varnhagen, o *Ubique Brasiliae memor*, encheu Oliveira Lima os quadros de nosso corpo diplomático com a alta reputação de seu nome.

Por todos os países onde dignificou os créditos de nossa representação imprimiu o cunho de sua superioridade mental e cultural. Valeu-lhe ela a prestigiosa antonomásia conferida por personalidade ilustre da Europa moderna: embaixador da inteligência brasileira.

Impetuoso, talvez mais do que convinha a um historiador, nunca soube Oliveira Lima transigir com o que lhe parecia a expressão da verdade.

A rude expansão no manifestar das idéias e a crueza dos conceitos valerem-lhe ásperas críticas e algumas malquerenças sérias, políticas e literárias.

Não atingiu o ápice de sua carreira como tanto lhe era devido.

Pouco lhe teria custado a obtenção desse desiderato justíssimo. Ninguém lhe pedia subordinação, apenas um pouco mais de disciplina. Mas o

homem de selvática independência, que sempre foi, não consentia a mínima quebra daquilo que lhe parecia intangível, em matéria de respeito à dignidade. Preterido, agastou-se, melindrou-se e do mundo se foi, magoadíssimo, em atitude cipiônica para com a sua terra e a sua gente.

* * *

Tinha Alberto de Faria múltiplas feições culturais. Causídico de invulgar valor, alta inteligência prática, voltou-se, com a singular adaptação de aptidões, própria das inteligências claras e ágeis, para o estudo das nossas questões econômicas e financeiras em que se consumou mestre.

Mas, ao mesmo tempo, as afinidades do espírito o levaram, dominadoramente, a nunca se esquecer de empunhar a rabeca famosa de Ingres, dela tirando sons que bem sabia quanto podiam ser deliciosos.

Mundano brilhante, conversador, a todos encantando, observador que com rara finura surpreendia os feitios frisantes dos homens e dos fatos, por largo prazo viveu aparentemente alheio àquelas letras que tanto prezava. Dominou-se até o momento julgado oportuno para deixar o *naturel revenir au galop* e revelar-se aos círculos que legitimamente também eram os seus.

Aquele espírito prático de financista e economista que intimamente se casava ao do apaixonado das coisas da inteligência pura, conduziu-o ao exame demorado de uma personalidade a quem conhecera nos anos da primeira juventude.

E de quem, certamente, recebera a mais viva impressão, apaixonado, como era, das realizações do progresso e da civilização.

A pouco e pouco se foi deixando interessar pelas fácies da grande vida de Irineu de Sousa, tão variada em suas determinantes imperativas quanto fecunda pela obra que representa.

Largamente meditou sobre tão largo e complexo assunto. Compreendeu de relance o que lhe custaria a construção de um monumento à altura do glorificado.

Veio-lhe depois o temor da *lues Bosweliana* a que tão expressivamente se referiu. Sentia em si estas instigações, comuns a nós outros filhos do Brasil, o risco do empolgamento, perturbador da visão exata.

"Não há brasileiro que possa ser biógrafo, – causticava freqüentemente o terceiro Martim Francisco. – Nenhum de nós conhece o meio-termo. Ou o biografado vai parar à mão direita de Deus Padre Todo-Poderoso ou em Fernando de Noronha."

Procurando fugir a tal pecha empenhou-se Alberto de Faria em manter-se dentro desse meio-termo tão antinômico da nossa exuberância tropical, consoante o dizer do Andrada.

E, com a displicência elegante que lhe conhecemos, redigiu os capítulos da biografia notabilíssima que o consagrou. Filha da justiça e nascida de labor, iniludivelmente formidável, sintetiza-se em páginas que trazem o inapagável cunho dos escritores natos.

Dela acabais de nos dar eloqüente apanhado, reverenciador exato do nobre espírito a quem se deve o monumental padrão.

* * *

A Alberto de Faria sucedeu Rocha Pombo. Cabia-me receber este acadêmico eminente a quem a morte tolheu o preito da nossa máxima solenidade.

Teve a carreira de Rocha Pombo tropeços e dificuldades que os seus antecessores desconheceram. O pundonor dos encargos que a vida lhe fizera assumir impuseram-lhe os sacrifícios de invencíveis inclinações.

O Fado o criara escritor. E a imperiosidade da existência, numa demonstração de quase positiva malevolência, por longo tempo obstinou-se em não consentir que trabalhasse na seara de sua eleição.

A esta contrariedade opôs a inabalável firmeza do caráter e a inamolgável constância do trabalho. Porque, acima de tudo, colocava o repouso da consciência pela intangibilidade da honradez e a nobreza da independência.

Conservou sempre o garbo destes irredutíveis *self made men* que perlustram a estrada inflexivelmente reta do *non possumus!* e não as veredas escusas das vitórias da acomodação.

Nos anos da primeira mocidade, naquela linda terra paranaense que era a sua, seduziu-o a vida pública.

Aos vinte anos figurava na Assembléia Provincial, onde assumia posição de destaque. Tudo indicava que continuaria preso à política. Mas as preo-

cupações partidárias tomavam-lhe tempo demais para que lhe sobrassem as horas de convívio com os queridos livros.

Cedo deixou a lide parlamentar, sobretudo depois de perceber a extensão do que o extremismo das lutas partidárias causara à sua circunscrição natal, assolada pela horrorosa guerra civil de 1893 a 1894.

Passando a residir no Rio de Janeiro duros tempos lhe couberam, entregue ao rude labor do magistério.

Durante anos e anos, professou disciplinas que lhe valeram não só a elevada autoridade da palavra como o afeto intenso de numerosíssimos discípulos.

Outro grande magistério paralelamente exercia, o do homem que, à risca, praticava o código da nobreza das obrigações do chefe de família, e do cidadão impecavelmente honesto.

A sua eleição ao nosso grêmio representou verdadeiro preito de acatamento a quem sobremodo dignificava a nossa Nação e as nossas letras.

O que de vosso antecessor dissestes é a bela avaliação da sua existência e da sua obra.

A Rocha Pombo faltou, bem o dissestes, aquele "raro conjunto de felizes circunstâncias" que João Francisco Lisboa amargamente argüia ao venturoso Varnhagen.

Como historiador realizou o que lhe era possível fazer, dentro da contingência dos fatos.

Tamanha a má vontade do Destino para com a sua obra que até lhe impôs a enorme *capitis diminutio* da péssima apresentação material dos dez tomos da *História do Brasil*.

Que desânimo incute ao leitor a compacidade de suas páginas *in quarto*, onde a economia mesquinha do editor suprimiu as aberturas de parágrafo!

Raríssimos livros terão aparecido tão deploravelmente apresentados quanto o grande tratado de Rocha Pombo.

Basta que se lhe faça uma reedição, abrindo claros naquela massudez detestável, e imenso lucrará.

* * *

Assim, pois, Sr. Rodolfo Garcia, quarto titular de vossa Cadeira, tivestes, como predecessores, três brasileiros eminentes, todos eles empolgados

pela instigação do melhor aclaramento dos nossos fastos, ainda defeituosamente desvendados.

Um conceito se atribui a Pedro II que aliás pouco autêntico parece. "É a História do Brasil modesta porém honesta."

Por maior que seja o meu acatamento ao critério do Imperador Magnânimo, para mim uma das mais nobres, uma das mais majestosas figuras, não só do Brasil como da Humanidade, divirjo deste modo de encarar o papel do passado brasileiro no conjunto da História Universal.

Modestos? Estes anais que compendiam o heroísmo da longa e penosíssima reconquista nacional do século XVII? e encerram um episódio único, no conjunto dos fastos universais: o do bandeirantismo?

Honesta é a história do povo brasileiro como a de qualquer outra nação sua contemporânea.

Na mesma terra erma
A mesma Humanidade é sempre a mesma enferma,

proclama o gênio sombrio de Antero de Quental.

Sob o ponto de vista das nossas idéias atuais de maior brandura e maior respeito pelo fraco, não podemos considerar muito honestos os fastos de um país assinalados pelo desapossamento e a eliminação de raças menos armadas do que a branca. E a contenção crudelíssima, mais que tri-secular, decorrente da vigência da instituição servil.

Mas que povo se atreverá a nos atirar a bíblica pedra? Que nação colonizadora se animará a fazê-lo? Qual delas poderá argüir-nos de não haver praticado os nossos processos em relação aos povos de civilização mais rudimentar?

A história da Humanidade era, até bem pouco, essencial e quase unicamente a história de sua crueldade.

A do Brasil, na evolução dos seus feitios sociais, está, por assim dizer, ainda embrionária.

Os esforços dos que a constroem datam de ontem. Assim o seu acervo apresenta-se incomparavelmente menor do que o de sua história-batalha, campo em que sobretudo lavrou o vosso grande patrono.

Com todo o acerto lembrastes que a história do Brasil exige, hoje mais do que nunca, a inspeção dos acervos arquivais, onde a massa de papéis virgens é simplesmente imensa. E reclama a verificação das fontes já desvendadas...

Encontramo-nos por enquanto na fase da análise.

Os levianos e os invejosos que, consciente ou inconscientemente, praticam o *ne sutor*, apenas deletreiam uma monografia, por mais trabalhada que seja, e mais penoso lhe haja sido o preparo, recorrem logo a arrasador baldão: ao livro falta o espírito de síntese!

Mas síntese daquilo que ainda se não esclareceu bastante? Estão, naturalmente, as grandes linhas do exame de nosso passado estabelecidas e sobre elas podem os pensadores filosofar. De tal nos deram magníficas provas alguns altos espíritos como Capistrano e João Ribeiro. Mas isto não nos deve desviar da história analítica, tão imperfeita ainda.

Ouvidos moucos, pois, aos dictérios do negativismo sistemático! Continuemos na rude faina do exame meticuloso, deixando a facilidade das sínteses apressadas aos membros da legião sábia e gloriosa, desses Abades Vertot indígenas de que fazia parte certa e em seu tempo muito reputado escritor, a quem em sua terrível ironia argüia Martim Francisco III:

"A ninguém é dado poder gabar-se de ignorar, por completo, a história do Brasil antes de conhecer a fundo a obra do Sr. Conselheiro J. M. Pereira da Silva."

Perniciosa a confiança que muitos escritores, atuais e recentes, têm depositado em antigos narradores e naqueles que viveram a lhes repetir as palavras.

A muitos destes velhos e deploráveis bonzos já se vai dissipando a fama, derruída pela exegese dos retificadores.

De quanto é ainda insuficiente a perscrutação das fontes temos as mais evidentes e repetidas provas.

A divulgação recente dos documentos do Arquivo General de Índias em Sevilha, pelo sábio Pablo Pastells, veio, por exemplo, remodelar grande parte da história do bandeirantismo, provando quanto se deixaram os velhos cronistas jesuíticos influenciar pelos desvios da tradição oral, induzindo a seu turno em erro diversos autores de critério e honestidade. O conhecimento dos papéis do Arquivo de Marinha e Ultramar, de Lisboa, verbetizados por

Castro de Almeida, por incumbência de Manuel Cícero, trouxe infindos esclarecimentos a muitas de nossas obscuridades coloniais.

Com outra segurança podemos agora estudar os fatos relativos à dilatação de nosso território, que até do grande Varnhagen não mereceram a devida atenção.

Avulta hoje a contribuição impressa de nossos arquivos municipais, estaduais e nacionais. Mas muito há, contudo, o que traduzir.

De Portugal, imenso devemos ainda esperar.

Aí está, flagrantíssima, a valia de tal contribuição no manancial, opulento e novo, representado pela admirável *História da Colonização Portuguesa*, a cujas páginas assinam nomes do prestígio de Antônio Baião, Duarte Leite, Oliveira Lima, Cortesão, Pedro de Azevedo, Malheiro Dias, Júlio Dantas, etc.

E agora mesmo, nos últimos meses, não nos surge um apresentador de novidades retumbantes, sacadas dos recessos dos arquivos da Companhia de Jesus, como essas relativas ao patriarca João Ramalho e aos primórdios da cidade fluminense?

Que nos reserva em matéria de novidades, e do mais alto coturno, a incansável busca, procedida nos depósitos arquivais do Instituto de S. Inácio de Loiola, por esse erudito argutíssimo que é o Dr. Serafim Leite?

Quanta coisa não se terá de refazer à vista de suas descobertas?

Mais do que nunca e em toda parte a era é a das monografias e não a das histórias gerais, observava, há pouco, conceituado historiador francês.

Efêmero o apreço das obras globais, em relação às que esquadrinham restritos setores.

* * *

Incontestável rebuscador das fontes documentais, indignava-se o brando Pedro Taques contra o "oco e ruidoso autor da *História da América Portuguesa*", do áspero conceito de Capistrano. Não lhe perdoava haver fugido à inspeção pertinaz das fontes.

Tendo à sua disposição os arquivos baianos escrevera, no entanto, "sem a lição dos cartórios, mais por vaidade que por zelo".

Esta verberação dos processos do acadêmico dos *Esquecidos* quanto não é aplicável a uma legião de autores antigos, recentes, contemporâneos?

Professando verdadeira repugnância ao exame das peças documentais, desperdiçam tais repetidores impenitentes montanhas de papel de imprensa para divulgar as lucubrações próprias, de mera conjectura, ou a reprodução contínua de alheios erros, por vezes seculares.

À sua geração lançava Melo Morais o velho, o arrogante baldão de que no Brasil de seu tempo um único pesquisador consultara os acervos dos arquivos nacionais: ele, Melo Morais.

Reensinou Varnhagen o verdadeiro caminho; esquadrinhou imenso, e imenso aproveitou. Foi o magno derribador dos grandes jequitibás da nossa História, no dizer sempre expressivo e pitoresco de Capistrano, destes troncos que os seus sucessores "estão reduzindo a achas" e onde, muitos, vimos lenhando.

A floresta é enorme, porém, e nela ainda estão de pé jequitibás de elevadíssimos porte e corpulência. Nem todos conseguiu Varnhagen abater, que a empresa sobre-humana seria.

Viu-se isolado, que dos seus contemporâneos bem poucos se dedicaram ao estudo da documentação. Haja vista esta série de memórias de toda a espécie, insertas na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, a cujas páginas atulham desastradamente dissertações de palanfrório inútil, insuportável pelo gongorismo e a pieguice.

A um homem da cultura de Pedro II não podia escapar quanto mal inspirada andava a direção da *Revista*, condescendendo em abrigar tão deplorável literatura, em vez de inserir em seus tomos algumas coisas da massa enorme dos depósitos arquivais virgens.

Ordenou que em Portugal se procedesse à cópia de documentos brasileiros e assim recolheu, para o fundo do Instituto, notável massa de elementos da maior valia.

Mas os nossos arquivos, longamente, continuariam, contudo, a merecer o descaso dos governos, dos particulares e até dos especialistas.

Surgem, porém, em 1875, os *Anais da Biblioteca Nacional*, sob a orientação moderna de revista de publicação documental e bibliográfica. Inspira-os, por diversos anos, a conjugação dos esforços e do devotamento de Ramiz Galvão, a quem magnificamente secundam homens do valor de Vale Cabral, Capistrano, Teixeira de Melo, Jansen do Paço, Meneses Brum, Batista Caetano, etc.

A eles se deve a divulgação de tesouros documentais e bibliográficos, sobretudo esse, inestimavelmente precioso, e até agora insubstituível, *Catálogo da Exposição de História do Brasil*.

Na década de 1880 a 1890 imprimem-se os primeiros tomos das espaçadas publicações do Arquivo Nacional, menos valiosas do que as congêneres da Biblioteca.

Os volumes do Instituto Arqueológico Pernambucano revelam, entre outros, os resultados do rendosíssimo *iter* de José Higino aos acervos batavos.

Conhecedor da riqueza de alguns arquivos provinciais, sobretudo dos de sua terra natal, a Bahia, e sabedor da desídia que ameaçava a existência destes repositórios preciosíssimos, inspiradamente opera Vale Cabral a sua concentração na segura custódia da nossa grande livraria nacional, com tamanho acerto hoje confiado à vossa guarda de depositário fidelíssimo.

Benemérita faina!

Não se realizassem e estariam dispersos, Deus sabe onde, aqueles códigos ricos, à semelhança do que sucedeu com um dos mais preciosos destes livros do Brasil primevo, por Borges de Barros encontrado em mãos de um colecionador do Extremo Norte.

Singelamente, explicara este que um seu parente, passando, havia longos anos, pela Bahia, recebera o manuscrito, a título de recordação pessoal do amigo que o hospedara, o então diretor do arquivo provincial!

– Ora! Era livro que, desde muito, ninguém mais pedira! filosofava o pitoresco diretor.

Em São Paulo o acervo inestimável das *Atas da Câmara Municipal* jazeu num desvão de cômodo, contíguo à sala das sessões do Júri, durante mais de meio século. Providencialmente, não apareceram jurados desejosos de conhecer os pormenores da vida municipal paulistana nos primeiros séculos.

Assim mesmo, de 1880 para cá, extraviou-se o primeiro livro da série, o que encerra as vereanças de 1560 a 1562.

Do Rio de Janeiro mandou Cândido Mendes de Almeida pedi-lo emprestado e obteve-o! Pouco depois morria, porém, o eminente consultante, e o código jamais voltou ao seu dono, *hélas!* É esta pelo menos a tradição corrente no arquivo paulistano.

Assim também se extraviou o primeiro livro das atas da Câmara de Santo André da Borda do Campo, manuscrito de excepcional valia e o mais antigo documento da organização municipal no Brasil.

Do Arquivo de Minas Gerais ausentes se acham muitos dos mais evocativos e valiosos documentos das primeiras idades mineiras, peças da maior relevância para a história do bandeirantismo.

Legítimas jóias do patrimônio do grande Estado central, dele se alhearam há poucas dezenas de anos, segundo é voz corrente, e sua reincorporação ao instituto que os perdeu seria a mais justa e a mais desejável.

Com a República começaram os nossos arquivos a organizar-se e vivificar-se. Assim também, desponta a maioria dos diversos núcleos regionais de estudos de nossos fastos, cujos serviços já se mostram avultados.

No Império, além do Instituto Histórico Brasileiro só realmente prosperara o Instituto Arqueológico Pernambucano. O seu homônimo de Alagoas obscuramente vivera. Alguns congêneres de outros pontos do Brasil, haviam desaparecido, após efêmera existência. O do Ceará apenas acabava de ser fundado.

Em 1894 enceta Antônio de Toledo Piza a rica série, hoje extensa, dos *Documentos Interessantes*, revelação das riquezas do arquivo paulista, em que se inclui soberbo trabalho: o fruto do longo *iter* de Basílio de Magalhães no Arquivo Nacional.

Imprime Melo Morais Filho os poucos tomos dos *Anais do Distrito Federal*, pequena seqüela de volumes onde há bons mas tumultuários elementos.

Inicia Xavier da Veiga, em 1896, a *Revista do Arquivo Público Mineiro*, repositório de muita coisa de primeira ordem e de muito joio também.

E assim por diante...

Intensifica-se a produção dos Arquivos e dos Institutos. Surge a contribuição do Arquivo da Bahia, editada pelo incansável Borges de Barros, o trabalhador emérito e digníssimo, há semanas desaparecido; do Rio Grande do Sul, com Florêncio de Abreu, Simsch, Eduardo Duarte; do Pará, com Viana, Belido; do Ceará, com o exímio e seguro exumador que é Studart, etc.

E, fato sumamente significativo, aparecem os primeiros mecenas do Documento, ótimo índice de progresso cultural, como, fato virgem em nossos anais, é o da fundação do grande, rico e lindo museu histórico, fruto exclusivo

da generosidade de um particular, este que Alfredo Ferreira Lage doou à sua cidade natal de Juiz de Fora.

Imprimem-se papéis pertencentes a colecionadores como os do soberbo acervo do grande erudito que é Studart, os do belo e honesto sabedor que foi Moisés Marcondes.

A esta feição pertence a rica série "Eduardo Prado" devida à generosidade sabedora de Paulo Prado e à orientação indiscutida de Capistrano. Nela figuram peças de excepcional relevância, como as valiosíssimas *Visitações do Santo Ofício* a que ainda, com Capistrano, editastes e comentastes, assim como o fizestes, à reedição fac-similar da viagem de Clandio d'Abbeville.

Seguem-se-lhes o *Diário da Navegação* de Pero Lopes de Sousa, a que Eugênio Teixeira de Castro tão doutamente comentou.

Ninguém, contudo, como Washington Luís, de longe, tanto operou pela divulgação dos nossos repositórios documentais.

Largo tempo, empregara-o no, por vezes, penosíssimo decifrar do acervo paleográfico bandeirante de São Paulo, a que os insetos papirófagos e as degradações de toda a espécie, decorrentes do tempo e da antiga desídia secular, ameaçavam de completa e próxima destruição. Valera-lhe isto o aplauso caloroso de Capistrano em uma expansividade não habitual ao mestre cearense.

Publicadas as valiosas monografias sobre a vida obscura do homeríada Antônio Raposo Tavares e o governo acidentado de Rodrigo César de Meneses em São Paulo, afastou-o a política do campo da História.

Deixou-o, porém, do modo mais generoso, decidido a pôr ao alcance dos estudiosos a massa documental cujo deletreamento tantos esforços lhe custara.

Prefeito da metrópole paulista fez aparecer os numerosos e alentados volumes das *Atas* e do *Registro da Câmara de São Paulo*, série extraordinariamente notável. Por ela perpassam três e meio séculos e surgem os mais valiosos elementos para o melhor conhecimento da história de nossas instituições, nas páginas bárbaras de uma linguagem lusitaniforme, traduzidas por paleógrafos do valor de Francisco de Escobar e Manuel Alves de Sousa.

Presidente de São Paulo, ordenou a publicação da série extensa dos *Inventários e Testamentos* que tanta coisa espelham da vida do Brasil primevo.

Empossado na Presidência da República, mandou divulgar largo material do Arquivo e da Biblioteca Nacional na nova série dos *Documentos Históricos*.

Imitando o exemplo da Câmara de São Paulo começou Curitiba a publicar o seu largo arquivo, entregue ao eminente sabedor das coisas do Paraná, que é Francisco de Paula Negrão.

No exterior, renovando os processos de Joaquim Caetano da Silva e de Varnhagen, executara Rio Branco a ciclópica perquirição documental que lhe valeria os triunfos de Missões e do Amapá. E Nabuco lhe acompanhara os passos. Prosseguiram as buscas, como as que Jerônimo Figueira de Melo, por iniciativa própria, realizou em Viena e as de Alberto Lamego, também por conta própria, efetuadas em muitos pontos da Europa.

No Ministério do Exterior, a cultura de ministros como Azevedo Marques, Félix Pacheco, Mangabeira, Melo Franco determina a cópia da correspondência internacional, a concatenação dos documentos obtidos nas diversas capitais européias e relativos à nossa Independência.

Continuam as buscas requeridas por Calógeras. Realiza-as longamente, e com a maior dedicação, um dos nossos mais notáveis escritores: Alberto Rangel.

Assim também Pedro Souto Maior, tão versado nas coisas de Pernambuco, opera em Simancas e Sevilha, e Norival de Freitas, nos arquivos portugueses, ambos comissionados pelo Barão do Rio Branco, por Afonso Celso e Max Fleiuss, em seu contínuo e fervoroso zelo pela nossa tradição e a grandeza do Instituto Brasileiro.

Ainda é Alberto Rangel quem manipula o grande acervo pertencente ao Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança, procedendo ao inventário do opulentíssimo arquivo pessoal dos nossos imperadores.

Tínhamos depósitos de papéis e não arquivos realmente organizados à moderna. O primeiro desses grandes acervos remodelados foi o da Cúria Metropolitana de São Paulo com o seu meio milhão de peças, talvez.

Em que estado se achava! Era de confranger! Cometeu o Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva o serviço de seu restauro a notável especialista: Francisco de Sales Collet e Silva.

Ingente o labor deste grande arquivista e cartista, nobilíssima personalidade que acaba de desaparecer, sob o maior aperto de coração de quantos lhe conheceram as virtudes eminentemente católicas e o cavalheirismo perfeito.

Muito largamente dispendeu o ilustre antístite, mas hoje dispõe de uma instituição da maior valia e eficiência, pois não nos esqueçamos de que às eras primevas do nosso país se aplica o velho brocardo relativo às chaves de Pedro e à história medieval.

O segundo dos nossos grandes acervos, organizados à moderna, foi o do Ministério das Relações Exteriores, obra concebida pela clara inteligência de Octavio Mangabeira, apoiada num estado maior de realizadores da valia de Maurício Nabuco, Fernando Lobo, Fernandes Pinheiro, Mário Araújo e Cassius Berlinck, e secundado por numeroso corpo de valorosos auxiliares.

São suas instalações o que de mais inteligente se pode conceber, únicas, em todo o país, e talvez escassamente igualadas no resto do mundo.

Compreendendo que o problema essencial para os nossos climas é o combate à cevandija dos curculionídeos papirófagos, apresenta o Itamaraty um aparelhamento maravilhosamente adequado a este fim.

Alarga-se dia a dia, imenso, e em todas as direções a exploração de nossos fastos.

Os institutos históricos estaduais, notavelmente, imitam a atuação de, seu decano, o grêmio glorioso fundado por São Leopoldo, Januário Barbosa e Cunha Matos, objeto do constante desvelo de D. Pedro II e dentro de três anos centenário: o Instituto Histórico Brasileiro.

Por ele indefessamente zelam Afonso Celso, Max Fleiuss, Ramiz Galvão, Manuel Cícero, mantendo-lhe a grande tradição e imprimindo-lhe novas e fecundas diretrizes. Promovem congressos de história nacional e americana, produzem fartos e ricos tomos novos da velha e opulenta *Revista*, fazem realizar traduções e cópias documentais, reimprimem obras clássicas de nossa bibliografia.

Valorosamente seguem os institutos estaduais ao seu maior. Largas contribuições se adensam em suas Revistas, algumas delas apenas de ontem, por assim dizer, como se dá no Rio Grande do Sul em magnífico exemplo.

Sob o estímulo admirável de Bernardino de Sousa e seus companheiros, opera um deles, o da Bahia, verdadeiro prodígio, fazendo uma instalação de sede positivamente notável, como centro de cultura, como biblioteca e como museu.

Explora-se por toda parte a história regional com verdadeira minúcia.

Resenha sobremaneira extensa teria de proferir se apenas me limitasse a citar os monografistas jovens que cerram fileiras em torno dos especialistas já consagrados, de obra menos recente, como Braz do Amaral, Teodoro Sampaio, Bernardino de Sousa, Wanderley de Pinho, para a Bahia; Lúcio dos Santos, Feu de Carvalho, Abílio Barreto, Albino Esteves, N. de Sena, para Minas Gerais; José de Mesquita, Estêvão de Mendonça, Virgílio Correia, para Mato Grosso; Studart, Eusébio de Sousa, para o Ceará; Lucas e Henrique Boiteux, Costa Pereira, para Santa Catarina; Mário Melo, Estêvão Pinto, Samuel Campelo, para Pernambuco; Alberto Lamego, pai e filho, Matoso Maia Forte, Figueira de Almeida, Clodomiro de Vasconcelos, Antero Manhães, para o Rio de Janeiro; Aurélio Porto, Borges Fortes, Rego Monteiro, Sousa Doca, Alfredo Varela, Eduardo Duarte, Spalding, Adroaldo de Mesquita, Otelo Rosa, Manuel Duarte, Bahlis, Darcy de Azambuja, para o Rio Grande do Sul; Francisco Negrão, Romário Martins, Artur Ferreira Reis, Coriolano de Medeiros, para o Paraná, o Amazonas, a Paraíba; Leôncio Ferraz e Hermínio Conde, para o Piauí; Teodoro Braga, Jorge Hurley, para o Pará; Pais Barreto, para o Espírito Santo, Dunshee de Abranches, para o Maranhão, Venceslau de Almeida, para Alagoas, etc., etc.

A quantos estudiosos de valor não estarei, porém, fazendo a grande injustiça da involuntária omissão do nome, nesta sumária resenha dos servidores atuais da nossa tradição?

Em São Paulo, verdadeira coorte esquadrinha a dilatada seara ainda mal esclarecida dos fastos regionais. Pela contigüidade deste movimento, de que comparticipo, estou em condições de lembrar maior número de nomes de monografistas, vários deles já senhores de larga e prestigiosa obra, como Alcântara Machado, Paulo Prado, Alfredo Elis Júnior, Yan de Almeida Prado, Antônio de Alcântara Machado, Eugênio Egas, Carvalho Franco, Afonso de Carvalho, Plínio Airosa, Djalma Forjaz, Dias de Campos, Soares de Melo, César Salgado, Campos Aguirre, Ataliba Nogueira, Leôncio Gurgel, Amilcar Salgado, Geraldo Ruffolo, Nuto Sant'Ana, Nicolau Duarte, Dácio Correia, Leopoldo de Freitas entre outros muitos estudiosos coordenados pela atuação de Torres de Oliveira, à testa do já quadragenário Instituto Histórico de São Paulo, carregado de ótima folha de serviço à tradição regional e nacional.

Torna-se a especialização cada vez mais intensa, surgem as monografias municipais construídas sobre largas bases. Assim se dá, por exemplo, com Itu e Nardy Filho; Juiz de Fora e Abílio Esteves; Cataguazes e Astolfo e Artur de Rezende; Belo Horizonte e Abílio Barreto. Assumem até proporções inesperadas, em sua exaustividade, como em relação a Taubaté pratica Félix Guisard Filho a propósito do ninho dos bandeirantes do ouro.

Em torno do Instituto Brasileiro, coordenado pelo incansável Max Fleiuss, trabalhador entusiasta e fecundo, que bela série de nomes!

Aí estão Basílio de Magalhães, Tavares de Lira, Vilhena de Morais, Pedro Calmon, Hélio Lobo, Virgílio Correia, Costa Ferreira, Marques Peixoto, Alfredo Valadão, Noronha Santos, Leão Teixeira, Wanderley de Pinho, Vieira Souto, Brandenburger e quantos mais!

Outro grêmio do mais elevado prestígio evoca o cadastro da Sociedade Capistrano de Abreu com Paulo Prado, Eugênio Teixeira de Castro, Luís Sombra à testa e a quem secundam Jaime Coelho, Jacobina Lacombe, Urbino Viana, Luís Flores de Morais Rego, etc.

Isto sem contar este largo rol de rebuscadores, não agremiados, do mérito de Alcides Bezerra, Tobias Monteiro, Escragnolle Dória, Jônatas Serrano, Batista Pereira, Pedro do Couto, Barbosa Lima Sobrinho, Heitor Muniz, Baltazar da Silveira, etc.

Atraem os diversos ramos de nossa história a atenção zelosa dos especialistas. Antigamente só tínhamos cultores da história militar e da administrativa. E a do nosso intelectualismo se cifrava na história literária propriamente dita, esta assim mesmo recente.

Continuam os nossos fastos militares superiormente versados por autoridades do quilate de Tasso Fragoso, Lucas e Henrique Boiteux, Gustavo Barroso, Rego Monteiro, Sousa Doca, Mário Barreto, Borges Fortes, Paula Cidade e tantos mais.

Ao seu lado a história diplomática enriquece-se com a contribuição de Hildebrando Acioli, Rodrigo Octavio, Mário de Barros Vasconcelos, etc. A administrativa, com a de Fleiuss. A religiosa assaz descurada, durante os últimos decênios, volta a ser largamente tratada por autoridades como D. Duarte Leopoldo, Fr. Fidélis Mota, Cônego Raimundo Trindade, etc.

Os problemas sociológicos, tão intimamente ligados aos históricos, atraem a atenção dos pensadores, como se dá com Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Pedro Calmon, Paulo Prado, Alfredo Elis.

A análise das instituições e dos costumes, nascida em nossos dias; desenvolve-se intensa, inscrevendo-se entre os que a versam nomes do valor dos de Alcântara Machado, Pedro Calmon, Luís Edmundo, Noronha Santos, entre outros.

A do desenvolvimento cultural do Brasil opulenta-se com Artur Mota, Artur Neiva, Roquette-Pinto, Fernando Magalhães, Gastão Cruls, Agripino Grieco e tantos outros.

E ainda há poucas semanas dura perda sofreu na pessoa de Ronald de Carvalho.

Em seu campo, seja-me permitido frisá-lo, inclui-se certa monografia forte que versa sobre as explorações científicas do país a que não sois estranho.

As especializações exaustivas, efetuadas dentro de restritos limites, são documentos excelentes de grande avanço cultural. Assim nos últimos tempos aí estão, *verbi gratia*, a monografia esplêndida de Félix Pacheco, sobre as origens da imprensa brasileira, e, nas últimas semanas, a exegese profunda de Almeida Prado sobre os nossos povoadores primevos.

A heurística também apresenta documentos de primeira ordem, datando quando muito de ontem. De assuntos jamais cogitados se apoderam os estudiosos; assim Clóvis Ribeiro apresenta o belo *Bandeiras e Brasões do Brasil* e Álvaro de Sales Oliveira tem quase pronta uma *Numismática Brasileira* de insuspeitadas proporções. Preparam Laurênio Lago, Guerreiro de Castro, Marques dos Santos, Pereira Lessa, monografias sobre a medalhística nacional, paralisada desde a magnífica memória da Viscondessa de Cavalcanti, os nossos emblemas e estandartes.

A história dos fenômenos econômicos conta com uma falange de estudiosos e as suas monografias avultam, da lavra de perscrutadores como Victor Viana, Ramalho Ortigão, Hélio Lobo, Levi Carneiro, Pires do Rio, etc.

Nos nossos dias não há, por assim dizer, ramo de atividade nacional que não possua a sua bibliografia histórica, maior ou menor, sempre em todo o caso bem encetada e já nunca despicienda pela pobreza dos informes.

A biografia, igual e ultimamente, atrai numerosos cultores, a exemplo da extraordinária extensão tomada nas grandes literaturas mundiais.

E a ela se anexam as *Memórias*, as coletâneas anedóticas, todos estes instrumentos dos *petits à côté de l'Histoire*. Faltavam-nos imenso e a sua ausência determinava a secura, a aridez das páginas de nossos fastos.

Procura-se, ao mesmo tempo, refazer os trabalhos restritos, lacunosos, desprovidos de elementos dos antigos resenhadores de vidas ilustres.

Pelo aparecimento de livro que marcou época enceta-se nova fase na biografia brasileira. Com o *D. Pedro I e a Marquesa de Santos* de Alberto Rangel renovam-se os velhos processos do gênero.

Numerosos os biógrafos contemporâneos inspirados pela apresentação exata e minudente da figura de seus biografados, como Pedro Calmon, Celso Vieira, Vilhena de Morais, Carolina Nabuco, Wanderley de Pinho, Djalma Forjaz, Henrique Nabuco e Lucas Boiteux, Dunshee de Abranches, Osvaldo Orico, Marcos de Mendonça, Reichert. E os genealogistas, obreiros de uma seara ingrata, num país de arquivos desbaratados, esforçam-se em reconstruir as trajetórias do povoamento por intermédio dos fios das gerações.

De quanto é penoso o labor, posso dar testemunho pessoal pelo esforço que me exigiu estabelecer a ligação de minha família materna com os troncos dos primeiros povoadores vicentinos. Também sincero prazer me trouxe este êxito: sentir-me preso à terra pátria por quinze gerações brasileiras!

Na primeira plana destes indefessos linhagistas colocam-se Aurélio Porto, Francisco Negrão, Borges Fortes, Samuel Soares de Almeida, Artur Vieira de Rezende, Wanderley de Pinho, Pedro Calmon, Leôncio Ferraz, para o Rio Grande do Sul e Paraná, Minas Gerais, a Bahia, o Piauí, etc.

Em São Paulo, onde outrora o gênero atingiu tão notável desenvolvimento, sobremodo mais volumoso do que no resto do país, com as obras memoráveis de Pedro Taques e Silva Leme, há um grupo de dedicados como: Paula Leite, Sousa Filho, Carlos Silveira, Pompeu de Camargo, Melo Pupo, Moia, Vasconcelos de Drummond, entre outros. E nota-se um surto de renascimento.

Durante larga seqüência de anos, como que foram desprezadas fontes subsidiárias do mais alto valor, as dos depoimentos alienígenas, sobretudo os dos viajantes, no entanto cada vez mais tidas em apreço nos maiores centros culturais do Ocidente.

De capital importância se revestem não só para a história dos costumes como para a dos fatos políticos, escusado é lembrá-lo. Exemplo de tal frisante constituem as *Notas Dominicais* de Tollenare. Nem entre nós se poderia fazer exceção a uma regra universal.

Continuam, destarte, praticamente alheias à nossa bibliografia numerosas obras capitais cuja tradução, ainda por se fazer, constitui fato positivamente vexatório, para os nossos créditos civilizados.

Vertido Southey, assim mesmo tardiamente, notável série de anos decorreu sem que se cogitasse de incorporar ao nosso acervo literário diversas obras estrangeiras da mais relevante importância.

Extrênuo paladino da correção deste erro grave foi Alfredo de Carvalho.

O afinco com que procurou explorar o veio dos relatos dos viajantes produziu magníficos resultados. A esta nova orientação, por toda a parte vitoriosa, prende-se, nos últimos tempos, a passagem para o português da obra de Handelmann, e, brevemente, com a comemoração do centenário do Instituto Histórico Brasileiro, a narrativa da enorme jornada de Spix e Martius, também confiada por Max Fleiuss à competência de D. Lúcia Lahmeyer.

Assim, com verdadeiro açodamento, consultam hoje os nossos estudiosos a contribuição xeno-brasileira, a que tanto tendes interpretado, e como vós Studart, Melo Leitão, Eduardo Tavares, Rodolfo Jacob, etc.

Mas, neste campo, imenso há ainda a fazer. Continuam lamentavelmente inacessíveis livros e livros do mais notável interesse.

Basta apenas lembrar os que procedem do Brasil holandês, as obras capitais de Barlaeus, Marcgraf, Piso, Nieuhof, Montanus, as dos grandes cientistas e dos grandes viajantes do século XIX como Pohl, o Príncipe de Wied, Echwege, Darwin, Gardner, Burton, von den Stein, Ehrenreich, Koch-Grünberg, etc., etc.

Em outro campo, porém, processa-se um movimento de alto significado e fecundos resultados, o da restauração das nossas letras primevas por meio de reedições cotejadas e comentadas.

Coisa que outrora, há vinte anos passados, seria empresa consagrada a fragoroso malogro, hoje se traduz, no entanto, pela plena aceitação por parte do público.

Assim já estão postos às mãos dos consulentes muitos dos outrora inatingíveis volumes de nossas letras antigas.

Coube aos irmãos Weiszflog esta bela iniciativa a que benemeritamente vêm ampliando sempre.

Partindo da deliciosa *História* de Frei Vicente do Salvador, a que acompanham os comentários de Capistrano, quintessência da sabedoria do Mestre, prosseguiu com a *Cultura e Opulência* de Antonil, incomparável, insubstituível documento de nossa história econômica colonial, as obras de Pedro Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus, os dois cronistas básicos dos fastos paulistas, de Fonseca, o hagiólogo-biógrafo de Belchior de Pontes, e ainda com o sermonário e demais produções do glorioso e malsinado primeiro inventor americano até hoje ferozmente detratado pela inveja, a deslealdade, o erostratismo, este precursor imortal que foi Bartolomeu de Gusmão, sem cujo nome jamais se fará honestamente a história da Ciência Universal.

Mais vultosa do que esta série da Companhia Melhoramentos de São Paulo é a nossa Coleção Afrânio Peixoto, a que tão justamente impusemos o nome ilustre de quem a ideou e impulsiona, daí se originando magnífica doação à nossa paleoliteratura.

Nela vemos, entre outros, os anônimos *Diálogos das Grandezas do Brasil* e a *História da Província de Santa Cruz*. E ultimamente essas *Cartas dos Jesuítas* e essas *Cartas Anchietanas* erudita e sutilmente comentadas por Antônio de Alcântara Machado e pelo próprio propulsionador da belíssima biblioteca.

E lembremos ainda esses tomos avulsos como aquele cuja impressão se deve ao vosso esforço e ao de J. Leite, o nosso livreiro-bibliófilo, os *Tratados da Terra e da Gente do Brasil* do ilustre Fernão Cardim, a que coordenastes e saborosamente comentastes, as belas reproduções comentadas de Clado de Lessa, etc.

* * *

Este grande, este notável esforço que em tantas direções se efetua para o desvendamento das particularidades e intimidades de nossos fastos procurei compendiá-lo em súmula, sobremodo deficiente contudo.

Pretendi apenas assinalar, documentando-o, o desenvolvimento notável tomado, nos últimos anos, pelos estudos da História em nosso país, movimento de insuspeitáveis dimensões para quem há quinze anos atrás procurasse prognosticar o que poderia vir a ser.

Inçado de graves e numerosas lacunas, acha-se este esboço pontuado pela rememoração de nomes de algumas das principais figuras de nossa historiografia.

Omissões houve-as numerosas e injustas. Mas involuntárias, repito-o, friso-o, oriundas de lapso de memória.

Fenômeno sobremodo auspicioso, como índice de alta relevância, e a que não posso deixar de me referir, vem a ser o fato de que a História do Brasil se exterioriza cada vez mais nos meios elevados da cultura do Ocidente.

Assim melhor se integram os nossos fastos no conjunto da História Universal.

Já não se trata de estrangeiros a compendiarem o conjunto dos nossos anais, que tal já vem ocorrendo, secularmente, como o documentam numerosas obras que todos conhecemos, escritas nas principais línguas do Universo.

Algumas do valor de Southey, do interesse das de um Handelmann, de um Ferdinand Denis, outras desvaliosas, muitas insignificantes, algumas desprezíveis como a de Beauchamp, plagiário integral.

Vemos, em nossos dias, numerosos autores estrangeiros interessados já em pormenorizar largamente meros episódios de nossos anais ou feitios de nossa civilização.

Assim se dá, por exemplo, com Percy A. Martin, Rüdiger Bilden, Georges Raeders, Georges Le Gentil, etc., autores que à inteligência e à erudição sobrepõem a lealdade dos processos de composição.

E a nossa bibliografia, que já contava com o adminículo de obras excelentes, como por exemplo as resenhas de Garraux e de Canstadt, continua a chamar a atenção dos especialistas alienígenas.

É bem verdade que neste movimento de interesse pela perscrutação de nosso passado envolvem-se alguns milhafres literários. Do trabalho dos pesquisadores brasileiros entende ser *res nullius*. E assim com verdadeiro desplante se apavora com o fruto do labor dos pobres sul-americanos, gente a seu ver eminentemente tosquiável e escorchável.

Nestas condições vemos, por exemplo, o nosso grande Euclides da Cunha indignamente parasitado por um Cunningham Graham. Casos deste gênero se multiplicam entre os sectários da escola honesta e bimiliar do *sic vos non vobis*.

Num dos magazines de grande tiragem dos Estados Unidos, órgão de uma instituição pan-americana, publicou recentemente profuso autor sábias biografias de velhos cronistas nossos. São os frutos de suas pesquisas, sobremaneira penosas... nos textos impressos de escritores brasileiros, a respeito de cujos nomes sofre o honrado historiador de total e irredutível amnésia.

Surdo se mostra ao que lhe sussurra timidamente a consciência: *Sic vos non vobis nidificatis, aves!*

Ora! dirá, com os botões, se o próprio autor desses versinhos fez o que fez com a obra do pobre Ênio!

Privilégio não é deste ou daquele povo a prática destes métodos... asseados.

Eram outrora muito mais correntes ainda. *Je prends mon bien partout où je le trouve*, com toda a simpleza proclamava o comediógrafo imortal do século do Rei Sol.

À larga, nestes nossos Brasis, assim se procedeu sob a inspiração destes ditames.

Há apenas um século, talvez, incorporava Baltazar Lisboa singelamente, à sua obra, largos manuscritos de Pedro Taques como Capistrano descobriu. E Varnhagen, indignado, chamava a contas Abreu Lima, a propósito de proceder idêntico.

Entre nós, como alhures, continuam, e numerosos, os devotos, os devotíssimos de tais praxes impecáveis e algo rendosas.

Autores para quem a indicação das fontes de consulta constitui o mais árduo sacrifício, a mais dura e humilhante das confissões.

Política de avestruz! recorda a grande voz de Rui Barbosa em palavras que lhes atravessam contudo o insensível conduto auditivo sem os impressionar.

E os casos deste gênero reproduzem-se a cada passo e reproduzir-se-ão sempre.

* * *

Seria incompleto, porém, o meu rápido ensaio se acaso me não referisse aos trabalhos memoráveis de segunda escola histórica já de tradições seculares entre nós.

Emprega o seu numeroso corpo de adeptos métodos diametralmente opostos aos nossos.

E destes diverge, em absoluto, quanto aos resultados referidos.

Ao passo que caçamos em mata de limitada caça, arisca e de difícil apreensão, os nossos êmulos da segunda escola são os verdadeiros Nemrods dos mais ricos distritos cinegéticos.

Não há praticamente limites para os seus quadros de caça abatida.

Poderia a meu entender, e de acordo com os nossos pontos de vista, adotar como lema uma adaptação do famoso dístico de Eça: sobre a nudez total da fantasia descabelada o manto arquidiáfano da História.

Tão diáfano, até, quanto aquela célebre túnica do conhecido conto oriental cuja transparência levou certo rei à prática do nudismo perante os seus bons súditos.

Fato pitoresco, senão interessantíssimo: a imensa maioria dos sectários desta segunda metodologia procura, quase sempre, cuidadosamente, inculcar aos seus leitores que se norteia pelos nossos cânones!

Singular incoerência!

Não são estes, contudo, os ensinamentos e exemplos do expoente máximo de sua grei literário-científica, o historiador de quem todo o país conhece a lealdade dos processos, a franqueza da palavra, a valia e a graça dos achados e o espírito de exposição: o autor da *História do Brasil pelo método confuso*, o mestre humorista Mendes Fradique.

Como seu precursor, em matéria de sinceridade de processos, no rol extenso dos que cultivaram o gênero só conheço Roberto Maria de Azevedo Marques, o autor paulista, injustamente esquecido, do *Lenço de Luiz XIV*, livro pitoresco em que não se encontra sombra de Luís XIV nem o menor vestígio de lenço.

Viajantes filiados a este feitio numerosos averba a nossa xenobibliografia, desde Francisco Coréal, no século XVII, até Savage Landor em nossos dias.

A ela também se prendem esses cronistas que nos contam, ingênuos uns, maliciosos outros, os prodígios da nossa zoologia fantástica.

E também os etnógrafos crédulos da teratologia americana, influenciados pela *Imago mundi* e os bestiários medievais cheios de coisas assombrosas. E ainda os geógrafos do Eldorado e seu competente lago de Parimá.

Com o decorrer dos anos avulta o rol dos hiper-imaginosos interpretadores dos nossos fastos, estrangeiros e brasileiros.

Evoca a rememoração dos trabalhos dessa *gens* de imaginativa escaldante uma passagem da vida de Napoleão I, geralmente pouco divulgada. Deram-lhe Roberto de Flers e G. A. de Caillavet guarida na obra-prima que é *l'Habit vert*.

Nessa comédia inimitável encontramos uma americana inflamabilíssima, a milionária duquesa de Maulévrier, preocupada em compor um libreto de ópera oriental, rigorosamente histórico e baseado em autêntico episódio da jornada do Corso no Egito.

Resumamo-lo, porém: Vê-se o futuro *Homem dos Séculos* assediado pela paixão simultânea de duas filhas de um paxá: as lindas Fátima e... Ernestina. Atende Napoleão à segunda das apaixonadas. Em certa ocasião em que, à margem do Nilo, com ela se entretém no doce colóquio da frase-feita, surge-lhe a desdenhada Fátima que, em seu tresvario, cose o futuro Imperador a punhaladas e deita-lhe o cadáver ao rio!

Escusado é lembrar que este libreto, rigorosamente histórico, recebe verdadeira ovação da nobre assembléia perante a qual é exposto.

De Leipzig, e em 1839, expunha o douto historiógrafo teuto H. Bellani ao público da sábia Germânia, ávido por tudo o que pelo vasto mundo se passa, como decorrera, terrível e longo, o dissídio entre dois dinastas irmãos.

Tratava-se da luta feroz entre "aqueles dois últimos malcriados da casa de Bragança" no próprio dizer de um deles, da porfia entre o imperador abdicatário do Brasil e o rei deposto de Portugal, ambos primeiros em sua nomenclatura majestática: D. Pedro e D. Miguel. Historiava o erudito Bellani, portanto, a contenda terminada pela convenção de Évora-Monte.

Eis um livro que muito merece as honras da tradução integral. Justifiquemos tal conceito por meio de um único exemplo. Em um de seus capítulos, compendia-se fiel, fidelissimamente, a narrativa dos amores do nosso primeiro imperante e da sua grande favorita, a única aliás jamais exis-

tente em terras americanas, sob os grandes moldes clássicos europeus e do melhor tomo, próprios das Pompadour e das Kingston, das Du Barry, das Lolas Montes e quantas mais. Não se pense, porém, que Bellani escrevesse o romance da Marquesa de Santos. O seu livro é de história, de História com H maiúsculo.

Viria, a seu tempo e hora, a novela, um século mais tarde, com esse livro delicioso em que o nosso Paulo Setúbal saberia, com maravilhoso tato, mover-se entre os escolhos da exação histórica e as exigências imperiosíssimas do interesse da fabulação.

A essa favorita brasileira, a quem o mestre Bellani, entre parênteses, chama Dona Luiza, filha de rico proprietário de vasto cacaual, nos arredores da cidade de São Paulo, conhece o imperial bargante nos dias de sua jornada de Sete de Setembro.

Sob a sombra das árvores da *theobroma* ele a seduz, deslumbrando-a com a possibilidade de, em justas núpcias, conferir-lhe a coroa e o diadema do recém-fundado império americano.

Abandonada, tenta a terna, infeliz e desambiciosa criatura suicidar-se, esgotada por alguns meses da mais ansiosa e angustiada espera.

Procura "em plena floresta tropical" enforcar-se com um cipó, mas salva-a a vigilância incessante de velho escravo índio.

Sabedor desse incidente horrível e ainda de que breve nasceria novo rebento imperial resolve "o mais íntimo dos confidentes de Sua Majestade, o diabólico mulato López", assim o designa o nosso escritor saxônico, acomodar esta situação deplorável e perversa.

Por ele aconselhado, e usando das irresistíveis prerrogativas majestáticas, força Pedro I o casamento da ex-donzela do cacaual com um capitão de granadeiros de suas guardas, o Barão Von Schroetter, fidalgo alemão de velha linhagem, mas verdadeiro farrapo humano, emigrado para o Brasil e "sujeito que a troco de alguns cruzados se prontificaria a desposar, até, a sogra do Diabo", nova, pitoresca e sugestiva expressão do mestre Bellani.

Vem o novo e feliz casal viver no Rio de Janeiro, mas furibundo ódio empolga a desditada.

Há de vingar-se de tamanha infâmia! Pedirá uma audiência ao imperial abandonador e aí, certamente, o apunhalará, tão certeiramente quanto Louvel, não havia muito, fizera ao seu régio primo, o Duque de Berry.

Mas velam os deuses pelo Imperador e o Império! Certo dia cai do cavalo o objeto de tamanho rancor. Cai, quebra uma perna, e, milagrosa coincidência! é recolhido exatamente à casa de Dona Luiza, onde permanece enquanto não chega o coche que, a galope, o deverá levar a recolher-se no castelo imperial da fazenda de Santa Cruz!

E ali se renova, fulminante, agora mais do que nunca intenso, o afeto da floresta.

Dentro em breve, favorita em regra do Imperador do Brasil e agraciada com o título de Marquesa de Santos, mostra-se Dona Luiza a despótica dominadora, a senhora absoluta dos destinos da monarquia americana, sob os olhos embevecidos, já se vê, do BarãoVon Schroetter, promovido a capitão-mor!

Em nossas artes notável influência também tem exercido o método confuso, escusado parece-me lembrá-lo.

É ele quem inspira ao poeta italiano Rodolfo Paravicini o libreto do *Escravo* de nosso grande Carlos Gomes.

Assombrado, protestou meu Pai, e com a maior energia, contra a pecha de colaboração que lhe atribuíram em semelhante obra-prima. Nele entre muitas cousas de tal jaez ocorrem índios a falar em "cortes européias" e em Oceano Atlântico. E nele se revela a existência, na era quinhentista de Villegaignon em 1567, de numerosa nobreza, de gentis-homens e fidalgas francesas, hospedada no magnífico castelo, cercado de jardins e parque, da Condessa de Boissy... em Niterói.

O nosso ilustre Pedro Américo, em sua tela tão notável *Independência ou Morte!*, igualmente sacrificou ao método confuso. Incidiu além de diversas impropriedades na seguinte e ultra-interessante antecipação: nas patronas dos cavaleiros da escolta de Pedro I colocou as armas do Império que se fundava exatamente àquela hora de 7 de setembro.

Uma das conseqüências mais pitorescas de tal feitio de espírito é, porém, o ajeitamento das circunstâncias que tais processos insinuam aos seus aplicadores. Assim, certa de nossas cidades entende certo dia realizar uma

exposição regional e, para a cercar de maior prestígio, decreta, à fé dos mais controversos dados, antecipar de trinta anos a data do seu tricentenário!

E outra, solenemente, festeja o quarto centenário de sua fundação, por navegador célebre, que jamais às suas plagas aportou! E ainda por cima de tudo manda cunhar medalhas comemorativas de tal festa com a efígie do capitão-mor dessa armada quinhentista de naus... catarinetas.

Triunfos sobre triunfos, pois, da escola do mestre humorista, preciosa nesta nossa terra onde ainda tão pouco sabemos rir.

* * *

É mais que tempo, porém, de terminarmos.

No resultado do pleito de 2 de agosto de 1934, Senhor Rodolfo Garcia, não só se encerra a consagração da Academia Brasileira à vossa obra em prol da tradição nacional.

Traduz-se, ao mesmo tempo, o seu aplauso, à corte atual, avultada e valorosa, dos propugnadores do melhor esclarecimento de nossos fastos.

Sois aqui o representante desses desbravadores, maiores e menores, da selva já largamente descortinada por Southey, por Varnhagen, por Capistrano de Abreu, mas onde muita mouta cerrada e larga subsiste ainda.

Aqui se achava esta Cadeira de Varnhagen à vossa espera. E a Academia Brasileira jubilosa, dela agora vos empossa...

Discurso do
SR. PAULO SETÚBAL

e

Resposta do
SR. ALCÂNTARA MACHADO

Sessão solene extraordinária
do dia 27 de julho de 1935

I

DISCURSO DO SR. PAULO SETÚBAL

SENHOR Presidente,
Senhores Acadêmicos,

Para mim, que sempre vivi e escrevi no meu Estado natal, longe do fanfarreio gritante das gazetas e das rodas literárias da metrópole, não podia suceder paga maior do que a paga que me concedestes: ser galardoado com a mercê, alta e insigne, de membro da Academia Brasileira de Letras. Esta noite, portanto, senhores Acadêmicos, em que me abris festivamente o pórtico da Casa de Machado de Assis, o pórtico de vossa casa, isto é, da casa em que mora a mais nobre e a mais alevantada intelectualidade do país, esta noite, quero acentuá-lo prazerosamente aqui – é a grande noite fulgurante da minha desvaidosa carreira de letras. Não sei se foi, apertadamente, na vossa justiça, ou, complacentemente, na vossa generosidade, que vós decidistes dar-ma. Sei apenas que, assim o decidindo, vós me coroastes com as vossas mãos consagradoras; e eu vos agradeço, senhores Acadêmicos, eu vos agradeço aqui, no limiar desta festa, essa coroa de louros tão envaidecedora, com que premiastes o escritor da província.

Mas deixai também, meus Senhores, nesta linda hora risonha, em que as emoções mais íntimas se atropelam dentro de mim, deixai que, mal acabe de vos agradecer, eu me ausente precipitado destas galas. Sim, deixai que meu coração voe para longe daqui, fuja para a minha estremecida cidade de São Paulo, e lá, comovido e respeitoso, penetre por um momento, muito de manso, numa casa modesta de bairro sem luxo. Nessa casa, a estas horas,

nesta mesma noite, está uma velha toda branca, oitenta anos, corcovada, com o seu rosário de contas já gastas, a rezar diante da Virgem pelo filho acadêmico. Pelo filho que ela, a viúva corajosa, ramo desajudado, mas altaneiro, de família opulenta, criou, educou, fez homem – Deus sabe com que sacrifícios e com que ingentes heroísmos obscuros! Deixai pois, senhores Acadêmicos, que o meu coração voe para a casa modesta do bairro sem luxo, entre o quarto do oratório, ajoelhe-se diante da velha branquinha, beije-lhe as mãos, e, na brilhante noite engalanada deste triunfo, diga-lhe por entre lágrimas:

– Minha mãe, Deus lhe pague!

* * *

Senhores Acadêmicos, que ano trágico para as letras, e para o Brasil, o ano de 1934! Uma após outra, com esmagadora crueza, desabaram catástrofes rudíssimas sobre esta Casa. Miguel Couto, Augusto de Lima, Medeiros e Albuquerque, Coelho Neto, Gregório Fonseca, Humberto de Campos, João Ribeiro... Parecia que os deuses se compraziam, invejosos, em desfechar coriscos sobre titãs. Debalde, a cada raio que estralava, volvíamos desconsoladamente os olhos para o alto, e, na nossa mágoa, bradávamos contra aquela desatada sanha. Por que tão bruto furor na alma dos deuses? *Tantaene animis celestibus irae*? Por quê? Mas bradávamos em vão contra o fado inexorável. As clareiras, com a queda dos robles, iam-se abrindo largas, brutais, naqueles cumes onde, exatamente, era mais robusta, mais seivosa, mais atrevida, a selva do pensamento brasileiro. Entre os que caíram, tronco soberbo, com as grossas raízes mergulhadas fundamente no chão da terra nativa, com a larga fronde a fulgir no ouro bubuiante do sol, foi João Ribeiro aquele jequitibá magnífico, entrançado de lianas balouçantes, enfeitado de parasitas alegres, todo chilreado de pássaros, que uma faísca sacrílega feriu de golpe na majestade de sua força. E rolou por terra o gigante.

Gigante que, durante cinqüenta anos, bem cheios e bem vividos, outra cousa não fez senão o dedicar-se às letras, à arte, à cultura, ao alevantamento intelectual do Brasil. Espírito curiosamente polimorfo, surpreendentemente policulto, desses que sabem marear, desempenados e ágeis, por fundas e várias correntezas do saber humano, João Ribeiro, ao desaparecer, deixou nesta Casa, que ele tanto amou e tanto ilustrou, um vazio que se não preencherá tão

cedo. "*Il est des hommes à qui l'on succède, mais que personne reemplace*", disse-o Ducis, numa frase velha e célebre, ao substituir Voltaire na Academia de França. Jamais, senhores Acadêmicos, o conceito do poeta teve enquadramento mais ajustado do que neste momento. Sim, há homens a que se sucedem, mas que se não substituem. João Ribeiro não foi – ai de mim! – substituído. Nem seria fácil, confessemo-lo todos, no atual momento nacional, topar com um substituto que se emparelhasse no mérito ao mérito do sergipano ilustre. A personalidade dele, pelo seu porte e pela sua complexidade, é dessas que aparecem de quando em vez no correr das gerações. Contemplemo-la de perto.

* * *

Historiador, filólogo, folclorista, crítico literário, jornalista, escritor fantasioso, poeta, tudo João Ribeiro o foi. E, o que é o mais, excelente em tudo, deixou sobre tudo obras excelentes. Quantos volumes brotaram da sua mão infatigável? Algumas dezenas... E nessas dezenas de volumes, apesar da diversidade das matérias, ressalta logo, através do escritor racialmente brasileiro que ele foi, a obra alta de nacionalismo que ele realizou. Sim, obra alta de nacionalismo. Basta considerar (nem será preciso mais para que essa obra se delineie bem nítida) os estudos que João Ribeiro difundiu com o mais vivo entranhamento: o estudo da história, o estudo da língua, o estudo do folclore, isto é, – as três raízes que se afincam mais profundas no *substratum* duma nacionalidade. E há ainda a se notar, Senhores, que essa obra de nacionalismo se tornou concreta e eficiente – frisemo-lo bem frisado aqui! – graças à vocação do homem, vocação irresistível, que é a sua qualidade primacial, razão de ser das suas canseiras, escopo dos seus esforços, única finalidade dos seus labores: o professor. Pois João Ribeiro foi professor a vida inteira. Foi professor em tudo. Foi professor escrevendo livros didáticos. Foi professor escrevendo para jornais. Foi professor escrevendo páginas puramente fantasiosas. Foi professor escrevendo crítica literária. Foi professor quando, no colégio D. Pedro II, durante longos e suados anos, plasmou entre suas mãos, como argamassa viva, essas inúmeras turmas de adolescentes que hoje, em idade madura, estão aí pela vida fora a construir o Brasil.

E nesta noite, senhores Acadêmicos, em que, doridos, fazemos todos o elogio do escritor operosíssimo, já que não seria possível num só discurso analisar-lhe minudentemente a vasta obra cultural, ponhamos ao menos em destaque, embora desenfeitadamente, as vigas mestras que arcabouçam tão vultosa personalidade.

* * *

Comecemos pelo historiador. Dos vários compêndios sobre História, tanto antiga como moderna, que João Ribeiro deixou, aquele em que o professor pôs o seu melhor carinho, aquele que custou ao estudioso oito anos de honrados trabalhos, é um pequeno livro, escasso na aparência, mas notável como realização: *História do Brasil*, curso superior. Viu-se logo, ao aparecer a obra, que não se tratava de história ao jeito dos vetustos *tratadistas* coloniais, Gândavo, Gabriel Soares, Cardim, que escreveram aqueles ingênuos (aliás, tão saborosos) *Tratados da Gente e da Terra do Brasil*; nem de história seca, desenrolada ano por ano, à moda de crônicas, ou de recontos genealógicos, tal como a de Rocha Pita, a de Jaboatão, a de Taques; nem, também, de história pomposa, rebrilhante, desenvolvida à maneira das velhas histórias européias, como a de Southey e a de Varnhagen. Teve-se a sensação, diante da obra, de que, nas letras históricas brasileiras, havia surgido *algo nuevo*. Ou melhor: havia surgido um escritor que levara a efeito, sob uma orientação nova, uma história nova. Era bem verdade. E essa orientação havia sido aquela mesma que, numa página bem conhecida, enviada de Munique, delineara a pena arguta e profunda de von Martius. A pena daquele doutíssimo von Martius, que, arrancado em tão boa hora dos seus eminentes estudos, transcorridos no sossego civilizado dos Alpes bávaros, viera aqui, no primitivismo rústico do Brasil adolescente, estudar o homem, a terra, a língua, a fauna, a flora, e, para lustre de seu nome, lançar no mundo científico, além de outras, aquela obra imensa, obra típica de sábio alemão – "*Beiträge zur Etnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*" – que é hoje, como toda a gente o sabe, o livro criador da etnografia brasílica. Pois foi este mesmo von Martius quem, lá da encantadora e romântica Baviera, tracejou para os brasileiros, naquela sua curiosa página, uma lição de vulto, e, para a época, verdadeiramente admirável: "Como se deve escrever a História do Brasil". O que

vem dito aí, é, nos nossos dias, verdade comesinha. Ao tempo em que apareceu, contudo, representava uma revolução. E que é que pregava tal revolução? Recordemo-la, por um momento, nos seus pontos capitais.

Para von Martius, meus Senhores, o historiador brasileiro que ambicionasse ser "um historiador profundo e humano", deveria escrever uma obra em que, antes de tudo encarasse os elementos raciais da nacionalidade: o branco, o índio, o escravo. Que encarasse, com a contribuição de cada um desses três sangues na formação do povo e na própria evolução do país, a influência preponderante, tão decisiva, que, para o desenvolvimento e para o progresso da nação nova, tiveram os colonizadores cristãos, e, dentre esses colonizadores, notadamente – o jesuíta. Que encarasse também, não a história das províncias em separado, *embora sejam tais obras de preço inestimável*, mas, numa vista panorâmica sobre todo o Brasil, aquelas "porções do país que, por analogia de sua natureza física, pertencem umas às outras". Porções que se tornaram núcleos, donde, como de células-madre, irradiou-se pela terra inculta o movimento civilizador. Esses núcleos, no dizer de Martius (e que grande verdade esta verdade do sábio bávaro!), haviam sido: Maranhão, Pernambuco, Bahia, São Paulo.

João Ribeiro aceitou a lição que viera de Munique. E realizou-a com mão de mestre. "[...] a História do Brasil, diz ele, começou a ser escrita entre nós com a pompa e o grande estilo da História européia: perdeu-se um pouco de vista o Brasil interno [...]" No entanto afirma-o com incisão, "o Brasil, o *que ele é*, nas suas feições próprias e na sua fisionomia própria, o Brasil deriva do *colono*, do *jesuíta*, do *mameluco*, da *ação*, dos *índios* e dos *escravos negros*. Dei-lhes por isso uma grande parte, e uma importância que não é costume haver por eles, neste meu livro". Assim, meus Senhores, nem só considerou João Ribeiro a História do Brasil nos seus elementos raciais e nos seus elementos colonizadores, como também a considerou através daqueles núcleos formadores de que falava von Martius, núcleos conglobadores de várias regiões, isto é, na expressão do próprio João Ribeiro – "através das quatro células fundamentais, que, por multiplicação, formaram todo o tecido do Brasil antigo". E a obra, assim bussolada, saiu-lhe escorreita da pena flexível. Na execução dela, afim de melhormente suavizar-lhe o rude da matéria,

ei-lo, o escritor e o artista, ei-lo a evocar, em quadros cheios de vida e cor, cenas típicas, paisagens, feitos capitais da História brasílica. Vede o debuxo que nos deixou de uma *bandeira* pelo sertão! Com que justeza e com que realidade, João Ribeiro, o primeiro entre os historiadores pátrios, fixou, em livro didático, o que fosse a investida pelos mataréus adentro dessa (como dizia numa frase feliz) dessa "*cidade que viaja com os seus senhores e os seus governados*", cidade onde não faltavam contendas e rixas; crueldades e envenenamentos, cidade a que nada detinha – "nem os desfiladeiros, nem os precipícios, nem a sede, nem a fome, nem a guerra, nem as ciladas da terra desconhecida".

Sob tal plano, e com primores de elaboração, o historiador realizou o seu pequeno mas básico volume. Muita tinta, senhores Acadêmicos, ainda há de correr sobre a História do Brasil. Varnhagen e Rocha Pombo, ao escreverem as suas, que foram, como obras globais, (embora diferentes no mérito), os maiores marcos miliários cravados nas nossas letras históricas, coordenaram, com o material inédito que joeiraram em arquivos, aqueles materiais que obreiros anteriores também haviam coligido. Mas de Varnhagen para Rocha Pombo, de Rocha Pombo para os nossos dias, já se andou caminho largo. Apareceram outros e numerosos obreiros; apareceram outros e numerosos materiais. Eis porque acredito que em breve há de surgir no Brasil (e surgirá fatalmente!) o historiador novo, filho desta nossa idade nova, que fará a História Nova. Esse, ao erguer a mole, certamente há de sentir que, entre as pedras basilares do edifício, lá está, pequenina mas indestrutível, essa proba e remarcada obra que, como inesperado facho, apontou um rumo novo, bem brasileiro, às letras históricas do seu tempo: *História do Brasil*, curso superior, de João Ribeiro.

* * *

Com o historiador, meus Senhores, há a se considerar em João Ribeiro...

Senhores Acadêmicos, façamos um parênteses. Temos pronunciado várias vezes nesta noite o nome de João Ribeiro. E, muitas outras vezes, ainda haveremos de pronunciá-lo. Não será demais portanto que, nesta altura, digamos uma palavra sobre tal nome. Ou antes, e melhor, não será demais que o amorável João Ribeiro, com a sua graça brincalhona, nos dê estas deliciosas razões do seu apelido:

> Chamo-me (pouca gente o sabe) João Batista Ribeiro de Andrada Fernandes, nome tamanho para tão curto indivíduo. Ainda moço, cortei o Andrada, pois que o Ribeiro de Andrada, por auspicioso que fosse, podia parecer um apelido fraudulento. Cortei também o Fernandes, para evitar o João Fernandes, que se opõe a César nos provérbios. E fiquei João Ribeiro; e talvez fosse melhor ficar João Batista. Zanguei-me com o Batista, porque um padre, professor de latim, costumava apodar-me:
>
> – João Batista, abaixe a crista!
>
> E não só a abaixei, cortei-a de vez. Sou, pois, um mutilado, graças a essas anatomias remotas. Podia ser pior.

Esclarecido assim, tão chocarreiramente, o apelido do singular mutilado, continuemos a dizer que, com o historiador, há a se considerar em João Ribeiro, muito particularmente, o sabedor da língua. As gramáticas que elaborou, e, com elas, esses variadíssimos livros, *Fabordão*, *Estudos Filológicos*, *Dicionário Gramatical*, *Morfologia e Colocação de Pronomes*, *Curiosidades Verbais*, *A Língua Nacional*... falam, na sua multiplicidade, alto e largo, da notabilíssima cultura filológica do glorioso acadêmico. Sim, meus Senhores: notabilíssima cultura filológica. Nem há sombra de demasia no meu adjetivo louvador. Quereis acaso ter a amostra do que foi essa cultura? Lede (não vos será preciso mais), lede apenas as *Frases Feitas*. Nessa obra, que é um fascinante estudo da fraseologia brasileira, exsurgem, de mãos dadas, o glotólogo, o gramático, o historiador, o folclorista, o que vale dizer – exsurgem aí os muitos eruditos que, fundidos, formavam aquele erudito só que era João Ribeiro. Vereis então com que vastidão e solidez de conhecimentos, e, ao mesmo tempo, com que rebrilho, o investigador rebusca e explica, através da acidentada história da língua e através de rigorosas filiações etimológicas, vasta cópia desses modismos, dessas expressões pitorescas, desses anexins, numa palavra, dessas frases feitas, tão chistosas, que correm mundo de boca em boca. Não há fugir, Senhores: poucos, pouquíssimos, o igualaram no conhecimento do vernáculo. E que cultor devotadíssimo foi ele das letras antigas! E que ledor caloroso dos clássicos portugueses! Ele tinha paixão pela língua, enlevo ardente pelo *meigo idioma*, ternura de namorado por essa "bárbara flor do Lácio, inculta e bela", a que deu o melhor dos seus anos e a mais longa força do seu engenho. "A juven-

tude não ama os velhos e grandes autores, diz ele, pois a boa estimação dos clássicos, o carinho e o amor com que devemos cerca-los, é fruto da madureza do espírito, quando cessa a avidez das idéias novas, ou apenas diferentes, soberbas, bizarras e extravagantes."

Esse amor pela beleza vernácula, no entanto, não impedia a João Ribeiro de verificar que a cantante e nobre língua portuguesa, ao transplantar-se para a América, ao aclimar-se na terra do pau-de-tinta, temperando-se e caldeando-se ao influxo de elementos os mais díspares, já se amalgamara aqui diferente da da terra-máter, formando uma língua, sob muitos aspectos, nova, língua brasileira, ou melhor, *língua nacional*, como ele, falando a brasileiros, a cognominara. "Sem dúvida alguma, a nossa língua é a portuguesa; mas enriquecida e adaptada ao novo e longínquo ambiente, a que veio respirar. Não só enriquecida a vemos, mas ainda *reconstruída*, pela renovação de antigos elementos preservados desde a vida colonial." Certo, não queria ele que a língua nacional fosse essa algaravia plebéia e chula que aí anda, linguajar esmolambado de caboclos, aquele famoso "amplo surrão", de que nos fala tão grandiosamente Rui – "amplo surrão onde cabem à larga, desde que o inventaram, todas as escórias da preguiça, da ignorância, ou do mau gosto". Certo, certíssimo, não queria João Ribeiro uma língua nacional desse quilate. "Não é a defesa (esclarece) nem a apologia intencional de solecismos, e barbaridades e defeitos indesculpáveis. É muito mais erguido e alevantado o meu propósito. Trata-se da independência do nosso pensamento e da sua imediata expressão." Pois, acentuava – "falar diferentemente não é falar errado. A fisionomia dos filhos não é a aberração teratológica da fisionomia paterna. Na linguagem, como na natureza, não há igualdades absolutas; não há, pois, expressões diferentes que não correspondam também a idéias ou a sentimentos diferentes. Trocar um vocábulo, uma inflexão nossa, por outra de Coimbra, é alterar o valor de ambos a preço de uniformidades artificiosas e enganadoras". Depreende-se bem daí, pelo incisivo e claro de tais idéias, que João Ribeiro, tal como outrora José de Alencar, pugnava por uma língua (digamos lá) *abrasileirada*, isto é, por uma língua portuguesa, é verdade, mas língua já diferençada da de Portugal, língua ordenada, não há dúvida, mas língua com as suas expressões novas, com a sua prosódia nova, com o sentido novo que os vocábulos, ao atravessarem os mares, adquiriram na terra nova. E considerava ele

tão agudo o embate que, na hora atual, dizia já ir travado entre a língua portuguesa e a língua brasileira, que exclamava em fervoroso tom: "Estamos assim caminhando, como galés, por uma diagonal, entre duas forças que nos solicitam para rumos diversos: o *americanismo*, espontâneo, incoercível, natural e o *portuguesismo*, afetado e artificioso. Em tempo, o povo, que é o maior de todos os clássicos (no dizer de um deles) dirá a última palavra. E os gramáticos, de mãos vazias e para o ar, só terão aquela réplica memorável: *Kamerade*!"

Darão os acontecimentos razão ao filólogo eminente? Só o tempo o dirá...

Contudo, Senhores, a verdade bem verdadeira é que João Ribeiro, apesar da sua teoria sobre a *língua nacional* mostrou-se sempre (acentuemo-lo mais uma vez) um apologista ardoroso da boa, e limpa, e castigada linguagem portuguesa. "São próprias da infância da língua – dizia ele nas *Páginas de Estética*, – (ou das eras de preocupação prática que são outra infância senil) as imperfeições, a grosseria, a frouxidão, o desleixo com que se exprimem e se vestem os pensamentos, como se acaso há exprimi-lo com tanta névoa ou nueza". Ora, quem assim pensava, o professor que tal apregoava, tinha necessariamente de forjar, afim de por nas mãos dos discípulos que o escutavam, esse instrumento básico, insubstituível, com que se aprende a manejar o pensamento *sem névoa e sem nueza*: a gramática. Daí, como conseqüência, a sua *Gramática Portuguesa*.

* * *

O ensino da língua, ao tempo em que João Ribeiro apareceu na liça, vinha sofrendo o incoercível influxo renovador daqueles estudos histórico-comparativos, hoje tão vulgarizados, mas então moderníssimos, com que Bopp e Diez, Bréal e Whitney, haviam revolucionado o mundo dos lingüistas e dos glotólogos. Já Carlos Höffer, com um pequeno opúsculo, que fora como um toque de clarim, dera entre nós o sinal de alarme. E Pacheco Júnior, ao publicar a sua *Gramática Histórica*, rasgara, por entre a rotina conservadora dos velhos compêndios, uma trilha nova e fascinante aos estudos de filologia no Brasil. Foi então que se engolfou pelo caminho que se abrira, e se engolfou desabusadamente, toda uma falange de espíritos luzidos: João

Ribeiro, Lameira de Andrade, Fausto Barreto, Alfredo Gomes, Hemetério dos Santos, Sílvio de Almeida, Said Ali, Maximino Maciel.

Entre esses obreiros, tantos e tão desempenados, avulta com destaque o nome de João Ribeiro. E avulta com um destaque absolutamente inconfundível. Pode-se afirmar sem vislumbre de exagero, que, se não foi o pioneiro, foi o guapo sergipano a hélice mais possante, a mais vigorosa, que, para a sua difusão, tiveram no Brasil os ensinamentos de gramática histórico-comparativa. E isto, Senhores, nem só porque os seus livros sobre filologia alcançaram vasta e imprevista repercussão, como também, e principalmente, porque a sua *Gramática Portuguesa*, talvez a mais excelente de quantas já se publicaram entre nós, avassalou de golpe o mundo pedagógico do seu tempo. Não se apresentava ela, estufadamente, como a "ciência dos princípios imutáveis e gerais da palavra pronunciada ou escrita", mas, tão simplesmente, como a "coordenação e exposição das regras da linguagem". E lá vai o gramático, livro afora, fugindo à tão verberada "*terminologia gramatical abstrusa e cansativa*", de que impertinentemente se ressentem as obras da época, mas com a sua exposição límpida e fácil, a sua classificação clara e desempolada, a desenvolver deleitosamente a matéria, desde os princípios meüdos do som até as regras basilares da sintaxe, sem se esquecer de ensartar aqui e ali, com nenhuma canseira para o estudioso, antes com deleite e encantamento, uns resumos de teorias complicadas, cheias de sutilezas, tal como a lei de Grimm ou a classificação semântica de Pott. Tornou-se dessarte a *Gramática* de João Ribeiro, com as suas dezenas de edições, com os seus milhares e milhares de exemplares, a obra, no gênero, mais espalhada de então. Todos nós, os que aqui estamos, aprendemos abundantemente com ela. E, com ela, sem dúvida alguma, hão de ainda aprender abundantemente os nossos filhos. Que glória mais fulgente haverá, Senhores, para um semeador de livros, do que a glória de ter realizado um livro assim? Não sei! Mas sei que compreendo e sinto aquele comovedor enternecimento com que João Ribeiro nos conta:

> Um dos melhores instantes da minha vaidade sucedeu quando uma criança me perguntou:
>
> – Pois então o Senhor é autor de minha gramática?
>
> – Sou, minha filha, eu sou o autor da sua gramática...

Naquela pergunta, naquele ingênuo arregalar-de-olhos da criança, repassado de tão espontânea e tão quente admiração, ia, não há negar, um dos melhores louros do velho mestre.

Trabalhos históricos e pesquisas filológicas haveriam de forçosamente de conduzir a João Ribeiro...

Ainda, e outra vez, o nome de João Ribeiro! Não foi à toa que esse nome deu ao dono tantos incômodos! Não o sabeis? Aqui no Rio havia, além do Acadêmico, dois outros Joões Ribeiros: um, banqueiro; outro, refinador de açúcar. Por causa do refinador (o que foi bastante aborrecido!) teve o filólogo que se debater nas unhas do fisco. "[...] este bom refinador de açúcar, que infelizmente eu não conheço, é também meu *tocaio*, como dizem os gaúchos, ou meu *xará*, como dizem os brasileiros. Creio que por ele já paguei uma multa e imposto sobre a renda, porque eu não tenho renda alguma tributável." E por causa do banqueiro (o que foi ainda mais aborrecido!) o nosso filólogo teve, sem mais nem menos... que morrer! É ele próprio quem narra o caso: "[...] há poucos meses um jornal de Lisboa, creio que o *Diário de Notícias*, noticiou a morte do banqueiro João Ribeiro e pespegou ao artigo um retrato meu, apanhado não sei onde. Fui assim morto em efígie como nos 'autos' do Santo Ofício, quando a vítima lograva escapar. O caso, como anacronismo, não é grave, porque ando perto do fim. Depois, o mesmo erro foi aqui cometido, no meu amado Brasil, pelas folhas do norte. E não foi a primeira vez que morri." É claro que, com a inesperada nova, principiaram a chover telegramas de pêsames à casa de João Ribeiro. "Eu podia responder, diz ele, como Mark Twain quando, em Viena, soube que corria na América a notícia da sua morte. O humorista passou aos amigos este telegrama: *boatos respeito minha morte muito exagerados*. Eu não tenho consolação tamanha: dou-me por agonizante, desde que vinguei os 73 neste vale de lágrimas."

Perdoai, Senhores, pelo chistoso do que ouvistes, o inoportuno da digressão. Reatemos, porém, o fio seco desta parlenda. E continuemos a dizer que os trabalhos históricos e as pesquisas filológicas haveriam forçosamente de conduzir a João Ribeiro, como seqüência natural, ao estudo do nosso fabulário, das nossas cantigas, dos nossos mitos, das nossas usanças, das nossas tradições, numa palavra – ao estudo do nosso folclore. E conduziram-no, de fato. As investigações sobre disciplina tão sedutora, para a qual os etnógra-

fos se voltam hoje com o mais sôfrego interesse, ainda jaziam no Brasil, ao tempo de João Ribeiro, na sua primeira infância. É verdade que Sílvio Romero havia já, com os seus *Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil*, os *Cantos Populares do Brasil*, os *Contos Populares do Brasil*, lançado os alicerces iniciais do folclore nacional. Sílvio Romero, contudo, assim como os seus seguidores (tão poucos!) quase que se não entregaram a outra faina senão a de buscar e acumular o material folclórico. Faina de vulto, é certo, custosa e preciosa, mas que significa apenas parte da tarefa. Carecia, além de buscar, interpretar esse material. E esse trabalho de interpretação, trabalho melindroso, que demanda do exegeta, ao par de largueza de erudição, qualidades agudíssimas de penetração, esse trabalho João Ribeiro o desenvolveu no Brasil com uma bravura e um garbo que o engrandecem. E desenvolveu, nem só repelindo a corrente tão em voga, da interpretação astronômica, de que Max Müller fora o famigerado campeão, e de que, entre nós, Couto de Magalhães e Hartt se tornaram devotados aplicadores, como também, o que é mais, carreando para o estudo da matéria uma doutrina de rebrilho, então bastante nova, a da psicologia étnica, *völkerspsychologie*, que Wundt propagara com entusiasmos ardorosos. Assim, para João Ribeiro, existiria em todas as sociedades uma alma coletiva, alma do povo, que, com o atuar decisivamente sobre a alma de cada um, formaria como que o *substratum* profundo, racial, das agregações humanas. "Os rústicos, explana ele – os campônios, os elementos humanos de qualquer gregário, tribo ou sociedade, possuem em comum certas idéias e doutrinas elementares acerca das coisas. Selvagens, bárbaros ou civilizados, homens, enfim, possuem uma alma coletiva onde repousam as suas próprias superstições e crendices, as suas formas d'arte ou de ciência primárias, que lhes dão a intuição do mundo anterior, preliminar e precedente às criações pessoais, mais tardias, da ciência abstrata ou da arte culta. Nesse enciclopedismo inculto, formado de pensamentos elementares, de emoção e de inteligência, é que consiste a alma popular. E essa psicologia coletiva ou étnica, alma do grupo, alma da raça, é o fundo comum e a camada primigênia que explica e define o caráter especial de cada povo, no seu tríplice aspecto psíquico, antropológico e histórico." Estudar, portanto, o folclore, isto é: "estudar tradições, contos e superstições populares, é exatamente (concluía) – explorar esse antigo nível d'alma, já sobreexcedido pela civilização". Sob tal luz, João

Ribeiro impulsionou vivamente, com força marcada que foi do pensamento da sua geração, as investigações do folclore entre nós. O seu livro sobre a matéria aí está. Os seus ensaios aí estão. Proclamam eles, como testemunhos sólidos, o conhecimento enciclopédico que o douto Acadêmico possuía sobre a disciplina, o seu trato familiar com autores os mais remotos e os mais modernos, indianos e árabes, gregos e latinos, franceses e italianos, ingleses e alemães, a principiar da coletânea de Pantschatantra e do Bildpai, até os livros de João de Cápua e Lafontaine, passando pela comprida fieira, às vezes bem atemorizante, dos Esopos, dos Fedros, dos Fábios, dos Avianos...

Do valor da obra folclórica de João Ribeiro, dos sulcos que deixou, da orientação que a mesma imprimiu no Brasil a tais estudos, não o diga eu, que me falece a autoridade, mas sim um erudito de valor, Lindolfo Gomes, que é justamente apontado como um dos mais doutos folcloristas da geração:

"*Folk-lore* – livro a todos os títulos grandioso, considerado, e com toda a justiça, a obra clássica científica na etnografia nacional, obra imperecível, obra que consubstancia todos os ensinamentos relativos à matéria que trata."

Fechemos com tamanho louvor está descosida página. Para que mais?

* * *

Eu deveria ainda, com o historiador, com o filólogo, com o folclorista, que formam, ao que se me afigura, as linhas mais vincadas da personalidade cultural de João Ribeiro, eu deveria ainda destacar aqui outras linhas, umas fortemente incisivas, outras menos ressaltantes, mas que, ao entretecerem-se, completam e harmonizam esse homem de atividade tão vária. Assim, meus Senhores, eu deveria destacar o poeta. E, no poeta, aquele grego sonoro dos *museons*, tão equilibrado e claro, que cantou a Heles, a Lídia, a Lúcia, a Fúlvia. Principalmente a Fúlvia:

Entras no banho, Fúlvia, e a linfa mansa
Onde teu pé mergulha, estaca e mira...

Tudo se espelha n'água sonorosa
Que de vaidades cálida borbulha
Ante o misto de mármore e de rosa!

E, com o grego, o lírico de finas graças, o galanteador daquela arisca vizinha fronteiriça ("pálida vizinha, toda jasmins e rosas"), a quem dizia:

Antes de entrares, inda vens lá fora,
Ouço-te o riso no jardim cantando,
Tal se fosses um pássaro, Senhora!

Ou ainda o parnasiano, colorido e opulento, que evocou o esplendor morto de Pompéia:

Repara bem... Escuta os címbalos hiantes,
Mais a cítara, e o plectro, e as trompas sonorosas,
E, das doces e imortais avenas soluçantes,
Os sons que andam no ar cheirando como rosas.

Eu deveria ainda destacar o humorista delicioso que ele foi. E o pintor que ele quis ser. E o professor pachorrento, de quem se contam as anedotas mais pitorescas, aquele bom vovô, adorado pelos alunos, que dava as suas aulas no Colégio D. Pedro II "[...] com a s meias caídas sobre as botinas de elástico, os cordões das ceroulas compridas, desatados, os bolsos cheios, arrebentando de livros, de jornais, de revistas, e, não raro, sentado sobre o próprio chapéu [...]" como, tão ao vivo, o apanhou nesse instantâneo a pena dum cronista ágil. Mas isso tudo, senhores Acadêmicos, é matéria que não cabe em discurso. Exige obra de mais fôlego. E essa obra, lâmpada votiva acesa amorosamente à memória de João Ribeiro, essa obra que, tenho a certeza, toca fundo o carinho e a gratidão desta Casa, vem-na realizando fulgidamente, com o coração e o espírito, um discípulo amado do mestre, escritor de pulso, que é, sem favor, uma das penas mais galhardas dos nossos dias: o Sr. Múcio Leão.

Mas não é possível, mesmo nos apertados limites dum discurso, não é possível, sob pena de falta grave, que, ao fazer o elogio deste espantoso operário da pena, eu deixe em silêncio uma faceta incisiva dessa tão fecunda e tão variada individualidade: o jornalista. Não o jornalista que ele zurzia, no seu *Fabordão*, o de que motejava, o de que dizia ser "o vaidoso das letras, o da

vaidade efêmera das modas, dos dias, e da atualidade, para quem o *amanhã* é um martírio inútil e desprezível". Não! Ele foi um jornalista que fez do jornal um complemento da sua cátedra, fonte de ensinamentos, veículo de que o professor se servia com sagacidade, não para colher a gloríola o momento, mas, bem ao contrário, para plantar as raízes do *amanhã*. Assim, durante dilatados anos, enchendo as gazetas do tempo com a mocidade, sempre verdejante, do seu espírito, com o *humour*, sempre lesto, dos seus ditos alegres, ensinava todas as manhãs, em dois dedos de prosa, alguma cousa útil ao seu público, e, com inadjetivável paciência, respondia as mais heterogêneas, descabeladas, infindáveis perguntas sobre a história, etnografia, colocação de pronomes, filologia – sei lá o que mais? – que lhe vinham de todos os quadrantes do país.

Foi no jornal, ainda, que João Ribeiro fez crítica literária. Crítica? Não sei bem se foi crítica. Pois ele não acreditava muito nessa matrona azeda, de óculos pretos e palmatória. Antes, nas *Páginas de Estética*, entremostrou, com zombeteira malícia, a quase inutilidade dela. "A crítica, queiram ou não queiram, é planta parasítica e inábil, que nasce sempre tarde, e, não raro, como esta, a desoras." E nem só era *planta* parasítica e inábil, como também (acentuava-o filosoficamente) "[...] é escola de inimigos e ocasião de muitos desconsolos em matérias prudenciais e íntimas. Com ela se sacrificam os amigos; e, o que é pior até, se ganha o mentido amor dos desafetos e dos contrários". Por isso fez João Ribeiro aquela crítica tão dele, sem puas, indulgente, que sempre recebia com blandiciosos estímulos, compreendendo e perdoando, qualquer esforço literário, qualquer, por mais desluzido que fosse. É bem certo que às vezes, em meio àquele distribuir de loas, um entusiasmo súbito brotava-lhe irrefreado do coração, o tom da voz aquecia-se-lhe, os adjetivos tombavam-lhe enfeitados, como que a pena lhe flamejava escandente na mão: o garimpeiro havia topado com uma pedra rara. Não vacileis, Senhores: obra, quando assim louvada, é obra-prima de verdade.

Mas não nos esqueçamos também de relembrar aqui, como nota marcante, que João Ribeiro, na sua eficiente atividade de polígrafo, se viu envolvido várias vezes em polêmicas ferozes. "Uma ou outra vez (anotou ele) e creio que contra a minha vontade, entrei em disputas gramaticais e filológicas; tenho dado e apanhado, mas felizmente tenho apenas recebido ferimentos leves que me não obrigaram ao doloroso galicismo de *guardar o leito*. Vou

passando bem e inclino-me até à doutrina de que uma roda de pau, quando não quebra as costelas, contribui para uma reação benéfica e salutar." Pensando assim, e com esse risonho destemor, o rijo sergipano, de toledana em punho, saiu freqüentemente a campo a disputar justas, encarniçadas refregas gramaticais, em que pelejou sanhudamente com cavaleiros de pulso rijo, senhores de caldeira e pendão, Pacheco Júnior, Sílvio de Almeida, Leite de Vasconcelos, e, sobretudo, com esse lidador áspero, todo vestido de braçais, e de coxotes, e de guantes de ferro, Carlos de Laet, desferidor de golpes perfidíssimos, o mais causticante e o mais iracundo dos combatentes literários do seu tempo. O recontro entre ambos foi de aluir céus e terra. Na afogueada fervedura da luta (a que não impeles os feitos mortais, ó celerada paixão da gramática!) João Ribeiro, acossado, deixou, mais de uma vez, tombar da pena enfuriada a palavra *asnidade*. Ao que Laet, sempre cru, revidava com esta flecha ervada: "...o sujeito só usa termos assim; vê asnos em toda a parte: dir-se-ia que mora em palácio de espelhos." Mas o duelo tremendo cessou afinal. E, depostas as armas, vieram os anos amenizar o dolorido dos golpes. Os dois combatentes, que em verdade se admiravam, não se mantiveram pela vida afora, tal como a deusa séva de Virgílio – *aeternum servans sub pectore vulnus*. Não! Apaziguaram-se. Reconciliaram-se. João Ribeiro, sobretudo, que era doce de coração, bem longe de guardar no peito aquela clássica ferida eterna, guardava gostosamente, como uma das recordações divertidas da sua vida, a longínqua recordação da peleja ruidosa. Assim é que, certo dia, ao buscar na sua biblioteca um livro que não encontrava, foi à procura do filho:

– Joaquim, que fim levou o Forrobodó?

E como o filho o fitasse com espanto:

– Forrobodó?

– Sim, Forrobodó... Era assim que o Laet, na briga, chamava o meu *Fabordão*... Que apelido delicioso!

* * *

Digamos agora, senhores Acadêmicos, como fecho a esta desarreada arenga, que João Ribeiro foi um escritor de apurada raça. Estilista recatado, sem demasias nem altissonâncias, exato e probo, o grande acadêmico, na arte de escrever, há de certamente ficar entre nós como um mestre.

Versou ele matérias de variegado matiz e variegado tom; umas especializadas, outras áridas, todas difíceis, mas, ao versá-las, debastou aqui o arrevesado da doutrina, abrandou-lhes acolá a terminologia pedantesca e, sobretudo, com discreta arte, enfeito-as a todas com louçainhas e garridices de linguagem, "para que (como o aconselha o insigníssimo Bernardes) em companhia do suave entrasse o útil". Das suas obras, por isso mesmo, tal como das obras do próprio Bernardes, pode-se dizer como o frade licenciador "dão-se nelas as mãos, e se unem conformes, a clareza com que ensina e a erudição com que escreve".

Eis a razão por que é sempre um gosto o ir, conduzido pela magia do escritor, através das tantíssimas obras que o professor deixou. E esse gosto cresce, torna-se encantamento, quando, de improviso, a gente penetra com ele, entre surpreso e deleitado, por esse livro florido e boêmio, fruto sumarento da mais deliciosa vadiagem de espírito: *Floresta de Exemplos*. Nesse livro de erudito, mas de erudito fantasioso, livro encantadoramente feito de apólogos os mais saborosos, cheios todos de veladas sutilezas urticantes, nesse livro está o sergipano inteiro e verdadeiro, com aquela sua malícia reticenciosa, aquela sua ironia sem acúleos, aquela sua risonha displicência de filósofo bonacheirão. Porque ele foi, em verdade, um filósofo bonacheirão. Mas nem só bonacheirão: foi um filósofo arredio e tímido. Um desses que, na *selva selvaggia* da vida, fogem com medo da sombra acoutadora dos importantes, da amizade refulgente dos ricos, da companhia decorativa dos poderosos. Desses que, ao contrário daqueles farfalhudos fariseus do Evangelho (tão atuais, Senhor!) que amam os primeiros lugares na sinagoga, grandes saudações no foro e serem chamados de mestres pelos homens, procuram apenas, no recato penumbroso da vida sem fragor, a companhia amorável e silenciosa dos livros.

E não fosse acaso essa modéstia, não fosse aquele impenitente negar-se a si mesmo, que brota com tanta freqüência das suas páginas, então, senhores Acadêmicos, João Ribeiro, ao contemplar, no fim do seu rude e bem caminhado jornadeio, os livros que escreveu, os ensinamentos que espalhou, as gerações que instruiu, poderia dizer, com justificada razão, tal como disse Horácio, no verso célebre, com o seu impávido orgulho latino:

exegi monumentum aere perennius.

* * *

Senhor Presidente! Dever meu seria, nesta noite, ao ter honra de sentar-me na poltrona 31, relembrar os nomes de Pedro Luís e de Luís Guimarães: Pedro Luís, o patrono da Cadeira, autor daqueles poemas flamantes, tão famosos no seu tempo, "*Terribilis Dea*" e "Os Voluntários da Morte", poeta que, iniciando o movimento condoreiro da literatura brasileira, teve a glória de ser o precursor (e mesmo, em algumas poesias, o inspirador) de Castro Alves; Luís Guimarães, o primeiro ocupante da Cadeira, cantor finíssimo dos *Corimbos* e dos *Sonetos e Rimas*, aquele que, com a sua sensibilidade aristocrática, a sua profunda emotividade, tão docemente brasileiro, é um dos maiores, é um dos mais humanos, é um dos mais comovedores poetas líricos da língua. No entanto, vós bem o vistes, a personalidade de João Ribeiro, embora apenas debuxada, foi longa demais para que me sobejasse o tempo necessário ao cumprimento do gostoso dever. Mas Alcântara Machado, meu professor e amigo, professor que ontem me ensinava na Faculdade de Direito de São Paulo, amigo que hoje, por abençoada complacência dos fados, é o delegado que escolhestes para receber-me, em vosso nome, nesta Casa, Alcântara Machado, para delícia vossa, e com aquela sua ática finura, dir-vos-á dos donos desta Cadeira. E para que tenhais, sem mais delongas, o gosto de ouvir o paulista insigne, cujo nome honra e ilustra o meu Estado, eu vou abandonar a tribuna. Ao abandoná-la, contudo, senhor Presidente, seja-me concedido um instante ainda. Um instante só, rápido para deixar acentuado aqui, bem acentuado, esse papel preponderante, tão simpático, eminentemente unificador, que, nesta hora tumultuosa que vive o Brasil, está nobremente desempenhando a Academia Brasileira de Letras.

Vede, Senhores:

Aqui estou eu, homem do Sul, a fazer, bem ou mal, mas com sincero entusiasmo, o elogio de um homem do Norte, que, com o seu fecundo sentimento de brasilidade, serviu a Pátria, pelas letras, como os que mais a serviram. E isso tem, nos nossos dias, uma significação que carece ser frisada.

Senhor Presidente! O Brasil, no seu alvorecer, durante compridos anos, cresceu dividido em duas civilizações: uma, a do Norte, que se poderia chamar a civilização dos baianos; outra, a do Sul, que se poderia chamar a civilização dos paulistas. Uma, a civilização daquela gente de beira-mar, a civilização da cana-de-açúcar, a das casas-grandes, a que criou o patrimônio inesti-

mável das cidades litorâneas; outra, a civilização daquela gente de além-serra, a civilização que desbravou os matagais, a da busca do ouro e do índio, a que criou o patrimônio territorial da nação. As duas greis, como vivendo em terras diversas, arredadas uma da outra, foram se desenvolvendo quase sem se conhecer. Mas eis que um dia os homens do Norte, deixando a orla do mar, avançaram mais atrevidamente pelo *hinterland* adentro. Subiram às águas do São Francisco. E, pousando às margens do rio solitário, acamparam-se por aquelas rechãs, onde, ermos e selvagens, se espraiavam campos largos de criação. E eis que os homens do Sul, arremetendo-se pelo horrificante sertão dos Cataguazes, hoje o Estado de Minas Gerais, também foram dar às margens do mesmo São Francisco, e, por desígnios de Deus, às mesmas rechãs, onde, ermos e selvagens, se espraiavam aqueles mesmos campos largos de criação. Foi então que, de um dia para o outro, as águas arrepeladas do grande rio viram, com surpresa, lhanos e fraternais, o vaqueiro do Norte, com o chapelão de palha, e o bandeirante do Sul, vestido de couro, apertarem-se calorosamente, como filhos da mesma Pátria, as mãos rudes e cerdosas. Deu-se naquele instante, meus Senhores, nas barrancas do rio lendário, que é o grande rio unificador da nacionalidade, o milagre estupendo: fundiram-se as duas greis. Confraternizaram-se. Ergueram ranchos lado a lado. Os seus filhos casaram-se entre si. E, dessa remota fusão, lá se foram pelo seu destino afora, amalgamados para todo o sempre, o Norte e o Sul da nação.

Meus Senhores, nós estamos aqui, neste momento, em que um escritor do Sul, pequeno embora, glorifica exaltadamente um insigne escritor do Norte, nós estamos aqui a repetir o milagre velho: confraternizando o Brasil. É que a Academia Brasileira de Letras, para o seu orgulho e para a sua glória, tornou-se hoje, nesta hora acesa da vida nacional, o rio São Francisco do pensamento brasileiro: nós todos estamos aqui acampados às margens das suas águas ilustres, a entretecer apertadamente, porque entretecemos com o espírito, os elos sagrados da nacionalidade.

II

RESPOSTA DO SR. ALCÂNTARA MACHADO

A presença invisível de três vultos representativos de gerações muito dissemelhantes, mas igualmente assinaladas, enobrece a Cadeira, que, por decreto da Academia, passais a compossuir com eles de hoje para todo o sempre, Sr. Paulo Setúbal.

PEDRO LUÍS

O patrono é o vate de inspiração e verbo varonis, anunciador do movimento espiritual, que teve em Castro Alves a mais fascinante das encarnações.

A simples enunciação do nome de Pedro Luís invadem-nos a consciência algumas dentre as imagens estridentes e vistosas, que no penúltimo quartel do século transato fizeram a delícia de nossos maiores.

Vemo-la apontar "no escuro do horizonte", olhos povoados de alucinações, cabelos desgrenhados pelo vendaval, com o seu cortejo patético de abominações e de heroísmos, a *Terribilis Dea*.

Junto à mole de bronze e de granito, votada à glorificação do fundador do Império, ei-la que se levanta, saída das entranhas da terra, a sombra de Tiradentes,

Triste, pálido, calado,
No pelourinho, de pé.

À investida de "lanças fumegantes, brandidas por demônios", cambaleiam e tombam, à distância

Da grande morte os grandes voluntários,
Da liberdade os Briareus tremendos,

ou, em linguagem pedestre e cotidiana, os malogrados revolucionários poloneses de 63.

Posto de lado o que age em tudo isso de ênfase caduca, lembremo-nos somente de como essas rajadas de indignação e entusiasmo arejaram e sanearam o ambiente da época, empestado pela pieguice de bardos choramingas, e propiciaram o advento de um lirismo desenfreado e palavroso, mas transbordante de saúde e mocidade.

LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR

Veio um dia o enjôo das alturas, em que se perdem os condores; e a intemperança retórica voltou a ser monopólio dos tribunos; a solução dos problemas sociais, passatempo enfadonho e rendoso dos estadistas; a poesia, arte mais delicada, mais difícil e mais tranqüila.

Dentre os poetas houve então quem abrisse tenda de ourives e passasse a trabalhar com volúpia as gemas e metais de preço; e quem desse em imitar os escultores, lavrando febrilmente os mármores importados, em navios franceses, do Lácio e da Hélade. Outros, menos ambiciosos, se contentaram em fazer versos. Todos, porém, numa reação necessária contra os desmandos românticos, impuseram, com maior ou menor fortuna, ao sentimento o recato, à imaginação a continência, à forma a disciplina. É o tempo em que floresce Luís Guimarães Júnior.

Por que razão, chamado a substituí-lo nesta Casa, subterfugiu o vosso egrégio antecessor a estudar-lhe a personalidade radiosa? A incapacidade que proclamou, de entendê-lo, ao cabo de leitura vinte vezes reiterada, para "penetrar-se de suas paixões" e contagiar-se "de sua alma enamorada e pura", tem as aparências todas de uma evasiva. Não o será talvez: ao que dizem, Flaubert não compreendia Lamartine, o qual, por seu turno, não compreendia La Fontaine.

Se de algum defeito se ressentem as páginas de prosa, já esquecidas, dos *Contos sem Pretensão*, e os poemas sempre vivazes dos *Sonetos e Rimas*, é exatamente da carência de profundeza e densidade. Falam singelamente de cousas triviais: o culto quase religioso da família, a adoração quase ingênua da criatura eleita, o amor quase físico do pedaço de chão em que nascemos. Não recordam jamais as beberagens complicadas e perversas, que agridem o paladar e derrancam o estômago. Pensamento e estilo são, ao revés, pela transparência e pelo timbre, como a água cristalina, cheia de simplicidade honesta e de frescura, que irrompe da rocha viva em fontes cantadeiras.

Ninguém menos sibilino do que o autor de "Eva", de "Fora da barra", da "Visita à casa paterna", da "Primeira entrevista. O tom é sempre o mesmo do soneto liminar:

O coração que bate neste peito
E que bate por ti unicamente,
O coração outrora independente,
Hoje humilde, cativo e satisfeito,

Quando eu cair, enfim, morto e desfeito,
Quando a hora soar lugubremente
Do repouso final, tranqüilo e crente
Irá dormir no derradeiro leito;

E quando um dia fores, comovida,
Branca visão que entre os sepulcros erra,
Visitar minha fúnebre guarida,

O coração que todo em si te encerra,
Sentido-te chegar, mulher querida,
Palpitará de amor dentro da terra.

Não sei como em lírico de fluência e espontaneidade tamanha, Fialho de Almeida conseguiu vislumbrar um artista devorado pela ânsia da perfeição plástica, a manejar sem descanso o buril paciente. A verdade é que Luís

Guimarães Júnior se alonga do Parnasianismo na escolha dos temas e também na fatura, que investe amiúde contra as fórmulas implacáveis da escola. Não o empolgaram, nem a beleza das linhas, dos volumes, do colorido, nem a opulência ou o pitoresco do vocabulário ou das rimas. O que lhe importa sobremaneira é a cadência, a melodia, a música do verso.

Outra não poderia ser a atitude estética de um auditivo de seu porte. Quem há que desconheça quanto predominaram as sensações visuais de Victor Hugo e as olfativas em Baudelaire? À audição cabe a supremacia sobre os outros sentidos no intérprete das "Vozes da noite", da "Voz de Moema", da "Voz das árvores", da "Cantiga para adormecer", do "Piano", da "Guitarra".

São as ondas sonoras que lhe trazem a revelação do universo. O oceano parece-lhe "todo um só gemido". Dos rios morenos sabe apenas que soluçam convulsivamente. A noite se resume num silêncio enorme, rasgado de espaço a espaço pelos "uivos assustados dos cães", pelos "urros desconformes das onças", pela sonolenta melopéia das senzalas, e que, afinal sucumbe, ferido de morte pelo "canto festival dos galos". Fala a divindade; e repete-lhe as palavras o Cruzeiro do Sul. Falam com meiguice infinita os olhos das madonas silenciosas. Fala o arvoredo: mangueiras e palmeiras, tagarelas e indiscretas (não fossem elas do gênero feminino...), divulgam as confidências ouvidas de namorados incautos. Cantam as estrofes à maneira de rouxinóis medrosos. "Os boêmios vão cantando pelas estradas reais." É, entretanto, a voz da mulher que acima de todas se eleva na sinfonia magnífica de que participam os seres criados e incriados: voz "trêmula e queixosa" de escrava, que ao longe se despedaça em "doloridos ais"; voz de exilada, "harmoniosa e branda", em que sussurram os mares e murmuram as corredeiras da pátria ausente; "voz de contralto e de rainha", ardente e grave, a suspirar como as valsas de Strauss num violoncelo; voz encharcada de pranto, em que a alma apaixonada se esvai "da pálida Moema".

JOÃO RIBEIRO

A esse homem dotado maternalmente pela natureza de traços regulares, olhos magnéticos de domador de feras e multidões, máscara dos grandes

emotivos, nervosa e fremente; a esse diplomata obrigado por dever de ofício à galanteria no trato, distinção nas maneiras, apuro no trajar; consciência ancorada solidamente no porto seguro do catolicismo; coração vibrante de sensibilidade, limpo de fel, inóspito à malícia; engenho menos poderoso do que delicado e cultura mais replicante do que profunda, sucede entre nós João Ribeiro.

Se não fosse o receio de infringir a máxima proibitiva do emprego de palavras maiores do que as cousas, diria que ele constitui o avesso ou a antítese de quem o precedeu.

Estamos a vê-lo, com aquele ar muito seu de caboclo ensimesmado e aquela impressionante parecença com certas efígies populares de Sarmiento. Brevilíneo de compleição. Fisionomia estagnada. Olhar emboscado por trás das pálpebras solevantadas e espessas. Lábios carnudos, em que, de quando em quando, se desenha um sorriso equívoco. Gestos carregados de preguiça. Não enverga, como tanto lhe aprouvera e iria muito bem com o gosto abacial, o hábito dos frades, sumaríssimo e folgado; mas a vestimenta se limita a desempenhar com displicência manifesta a função meramente policial de impedir a nudez. Livros, folhetos, jornais atravancam os bolsos do casaco, ameaçando-lhes a integridade. Só o laço da gravata denuncia a intervenção de mãos cuidadosas. Mãos de esposa ou de filha, certamente.

Sob a modorra, o desalinho, a senilidade aparente há em constante vibração um espírito luminoso e travesso, maravilhoso de graça, penetração e agilidade. A tapera é o esconderijo de Ariel. João Ribeiro anda fantasiado de fulano de tal.

Quantas vezes se há dito e redito que ele conservou até ao fim as graças da juventude! Conservou-as, acrescentado-lhes, todavia, as forças da madureza. A sua mocidade vitalícia é como a dos troncos seculares, sempre iguais e sempre diversos, que periodicamente se desvestem das folhas caducantes e dos galhos mortos e tornam a enfolhar-se e florescer, integrados no ritmo da vida. Vem daí o prestígio singular da obra que deixou. Encanta-nos a todos, antigos e modernos, porque realiza o milagre de fundir o que na antiguidade existe de suculento e a atualidade encerra de saboroso.

Dos velhos, dos que foram longamente humilhados e traídos pelo destino, dos que perderam aos tassalhos, em amputações brutais, o melhor de si mesmos, tem a melancolia surda e imanente, o desengano sem azedume, a

desdenhosa conformidade com a fragilidade alheia e as injustiças da fortuna, que compõem a verdadeira sabedoria.

Dos moços, o desapego aos bens perituros, a reação instintiva contra as afirmações dogmáticas, a paixão do inédito, a versatilidade nas idéias e nos sentimentos. A versatilidade, sobretudo. Confessa-o, quando se reconhece na imagem da inconstância. "A vitória da instabilidade", reza a epígrafe de um retrato literário. Serviria para o perfil de João Ribeiro.

Das inconseqüências em que resvala não se vexa porque todas as verdades se lhe afiguram contingentes e transitórias. Começa por atacar as novas correntes literárias: acaba na compreensão ou, pelo menos, na tolerância. Abalizado em estudos de lingüística, faz-se o mais autorizado e querido dos gramaticólogos; o que não o inibe de insultar a gramática, chamando-lhe "o esgoto que recolhe a atrabílis e as revoltas dos desequilíbrios mentais". Sente-se morrer de vagarosa asfixia no ambiente da pátria; e, azado o ensejo de saciar "a fome de Europa", que o tortura, salteiam-no ímpetos de voltar do caminho. Acolhe com hostilidade o regime republicano, triunfo insolente da civilização mulata; mas acompanha Lúcio de Mendonça em rompantes jacobinos e termina simpatizante do comunismo russo. Versa amorosamente os escritos de Vieira, Bernardes, Fr. Luís de Sousa, divulgando-os, e o que é mais, imitando-lhes com discernimento as louçanias. Felicita-se, entretanto, por vê-los defuntos enterrados na indiferença pública; e lindamente aclama no povo brasileiro o maior dos clássicos. Na intimidade mete a ridículo a Academia, tão desejada a princípio como consagração a nenhuma outra comparável, testemunho decisivo de que *non nihil ergo sumus*, vestíbulo suntuoso, embora um tanto funéreo, da tranqüilidade final.

Nessas contradições, que sublinho em louvor da lealdade intelectual e sentimental do mestre e do poder que tinha de se renovar incessantemente, residem a sua modernidade e o seu encanto. A sua modernidade, se por essa palavra se nomeia, consoante a definição de Paul Valery, a livre coexistência, em um espírito culto, das idéias, dos sistemas, das tendências mais díspares. O seu encanto: segui-lo é desprezar a linha reta, caminho complanado e curto, mas insípido, e enveredar por estrada coleante e caprichosa, eriçada de bifurcações e cotovelos, que vai fazendo e desfazendo cenários, improvisando pers-

pectivas e renteando precipícios. A gente arrisca-se a perder o fôlego e a própria salvação eterna. Mas não se aborrece nunca.

Ninguém se enfada na companhia de homens assim, doente de curiosidade, guloso de experiências, cuja divisa bem poderia ser o conceito de Lessing: a volúpia suprema não está na posse, mas na pesquisa da verdade. Ou o fecho de "Ariane", de Pierre Louys: mais doce do que a conquista é a esperança, e mais doce do que esta é a saudade.

Pela curiosidade arrastado, explora quase todas as províncias da arte. Enamora-se da música. Tenta a seguir a escultura. É a pintura que o seduz por último.

Não há, de outra parte, gênero literário por que se não apaixone, com exceção da eloqüência. Tem-lhe verdadeira fobia. A tal ponto que às vezes lhe acontece estremunhar, suando frio, esganado por este pesadelo horripilante: sonha-se alvo de tremenda manifestação de apreço, obrigado a discursos torrenciais.

Como de praxe é de lira em punho que ingressa na literatura. Vítima do andaço reinante, levanta aos deuses e semideuses da Grécia um templo, que declara "feito de sangue", de seu trigueiro sangue nordestino. É a mesma aspiração de Albert Samain "ce rêve... de bâtir au soleil un temple ionien". O resultado não podia ser outro: alguns sonetos puramente cerebrais, da algidez e rigidez do mármore pentélico. João Ribeiro não vacila: sepulta-os "no silêncio eterno das cousas mortas". Porque sabe que "poesia é sonho e emoção"; e diz-lhe a consciência que não pertence ao número dos que se comovem com facilidade e consentem em mostrar-se comovidos. Eis, precisamente, a única restrição que me atrevo a fazer a uma produção tão grande na abundância, na variedade e na perfeição formal. Nada lhe falta, senão o calor da ternura humana, o rugido das paixões humanas, a fraqueza humana das lágrimas.

Se o poeta não lucrou sensivelmente em se embrenhar pela antiguidade grega em busca de Vênus Miriônima e de ninfas esquivas, muito ganhou o prosador com a viagem que em espírito empreendeu à terra natal da razão soberana e da beleza pura. Na contemplação de Palas Atena aprendeu o aticismo.

Assim educado, colocou-se na primeira linha dos escritores contemporâneos. Pela nitidez da inteligência. Pela erudição multiciente. Pela linguagem clara e intemerata, iluminada com as virtudes cardeais do estilo. A frase tem a

forma e o colorido naturais da idéia. A palavra está sintonizada com o pensamento.

Quantas riquezas o sábio polígrafo sergipano incorporou ao nosso patrimônio espiritual!

Reconciliou-nos com a gramática, transformando a megera em dama conversável.

Renovou a historiografia nacional, com a fixação dos tipos fundamentais da população, com o realce atribuído à ação dos fatores econômicos, e ainda com o entendimento, que revelou, de quanto influiu em nossa formação a existência de focos autônomos de civilizamento e cultura.

Imprimiu rumo científico aos estudos de folclore, esclarecendo-os à luz da etnografia e da história, e mostrando as correspondências inesperadas entre as parlendas infantis, as superstições, as parêmias, as fábulas, que correm por aí, e outras muito distantes no tempo e no espaço.

Fez, como bem acentua Múcio Leão, o jornalismo de idéias, o jornalismo que se compraz na criação livre da beleza e na divulgação das últimas aquisições do espírito humano.

Desarmou da férula magistral a crítica indígena. Inimigo pessoal dos dogmas, respeitoso da liberdade alheia, porque cioso da liberdade própria, conquistada à custa de muitas decepções e renúncias, nunca se arvorou em diretor enérgico da consciência estética do próximo. Situou-se invariavelmente na atitude de espectador complacente e desabusado do mundo das letras. Se lhe agradava o espetáculo, batia palmas, com uma discrição que as valorizava. No caso contrário dormia a sono solto, o que não o impedia de cumprimentar afinal o autor da peça com uma das muitas fórmulas ambíguas de cortesia, que servem indiferentemente para dar parabéns ou exprimir condolências.

Em apólogos e contos, de linguagem semelhante à de Manuel Bernardes em *Nova Floresta*, e intenção igual à de Anatole, no *Estojo de Nácar*, vazou toda a filosofia desencantada e toda a ironia sutil de um céptico bem humorado. A sensualidade também. De tais composições, adubadas, por vezes, "das picantes especiarias levantinas", a que alude Camilo, poder-se-á dizer, como Horácio de certos episódios da mitologia, que ensinam a pecar.

Dentre os que se detiveram, na admiração dessa figura complexa de erudito e de artista, fecunda em aspectos imprevistos e evoluções atrevidas,

houve quem recordasse Voltaire, Montaigne, Pascal. Atento à medida, não consentiria ele na prova terrível, que é a aproximação de culminâncias tamanhas. Confessaria apenas quanto se lhe entranhara no pensamento o veneno delicioso de Ernest Renan. Renaniano, o estilo maneiro e leve, com a sua harmonia insinuante e a sua elegância feita de clareza e sobriedade. Renaniana, a dileção pelos estudos lingüísticos e históricos, promovidos a instrumentos de precisão para o conhecimento dos fatos do espírito e chamados a usurpar o papel da filosofia na definição do sentido último da existência. E ainda a posição puramente sentimental de piedade sem fé e incredulidade benévola em face de todas as religiões, consideradas, a um tempo, falsas e verdadeiras, porque satisfazem momentaneamente a necessidade implacável, que sentimos, de encarar as cousas *sub specie æternitatis*, e enganar a fome, que nos devora, de imortalidade. E, enfim, o cristianismo subconsciente nesse irreligioso, a obsessão do Crucificado nesse incréu, a paixão desse ateu por tudo quanto fala de Jesus e de seus confessores; o que autoriza Plínio Barreto a dizer que ele se consumiu em rondar a Casa do Senhor, atraído pela formosura do culto, mas sem a coragem de entrar no santuário. Só no derradeiro instante se decidiu a fazê-lo, e, à maneira do quarto rei mago, da *Floresta de Exemplos*, pôde murmurar, "com a voz sumida e todavia alegre: "eu O vi".

O mestre conservou até o fim a convicção de que a vida é boa como um fruto gostoso. Da mesma certeza, ou da mesma ilusão, participava o discípulo, que, chegado ao termo da longa e cordial entrevista com o planeta, declarava levar saudades, sem saber se as deixaria. Deixou-as, unânimes e ardentes, o homem, a quem o destino concedeu a ventura insólita de se ver consagrado pela justiça dos contemporâneos, como um dos grandes momentos de gentileza e esplendor da inteligência brasileira.

PAULO SETÚBAL

Os condôminos da Cadeira em que vos estamos empossando, Sr. Paulo Setúbal, amaram sobre todas as cousas as letras floridas. Nenhum deles, porém, alcançou a mercê, que vos coube, de servi-las exclusivamente.

Nelas confinastes toda a atividade social; e a tal ponto se contém a biografia do homem na bibliografia do escritor, que, eliminado este, não se sabe o que restará daquele.

Murmuram, é certo, os malfalantes que há tempos desempenhastes vagamente um vago mandato de deputado. Tão rápido, todavia, e discreto foi esse comércio com a política provinciana que não destes sequer ao povo o direito e o prazer de vos ser ingrato. Assoalha-se também que no escuro do porão, entre badulaques e teias de aranha, conservais pudicamente enlatado um diploma de bacharel. Mas (perdoai-me a franqueza) outro vestígio não deixastes de possíveis incursões pelo mundo jurídico, senão o parecer que, antes de formado, tivestes a audácia de emitir com referência a um "caso intrincadíssimo de esbulho". Nada cobrastes do cliente ocasional, porque vo-lo proibiu a consciência. Quem vos pagou regiamente a consulta foi a vossa namorada de então, com dois daqueles beijos "estaladinhos e doces" de sua especialidade.

Não demanda coragem escapar, como escapastes, à advocacia: basta a impaciência de vencer. Nem é preciso grandeza de alma para não entrar nas campanhas liliputianas dos partidos: basta (ai de mim!) um pouquinho de juízo.

Extraordinário é que, em paga do muito que lhe quereis, a literatura vos tenha dado, com a notoriedade, o pão de cada dia. "Filho querido da Vitória", conquistastes de um golpe e consolidastes por meio de sucessivos triunfos a estima dos entendidos e o favor de um público fiel e crescente, consumidor insaciável dos livros, com que vindes enriquecendo, no sentido figurado, as letras nacionais, e, no sentido próprio, os vossos editores. Assim vos tornastes o mais popular, ou melhor, o menos desconhecido dentre os escritores pátrios da atualidade. Insigne é esse privilégio que vos outorgaram os fados em terra como a nossa, onde para não perecer à míngua, o escritor tem de submeter, quase sempre à contingência amarga de se acomodar na estreiteza de um emprego público.

Como conseguistes realizar o prodígio?

Submisso à tradição, principiastes por um livro de versos. Monteiro Lobato e Ricardo Gonçalves encabeçavam por esse tempo, em São Paulo, um movimento de resistência contra o exotismo na seleção dos motivos e o pedantismo na escolha da linguagem. Como eles procurastes inspiração na gleba em que vivemos e na gente que nos cerca. Matéria-prima que, em verdade, não é das mais preciosas. Mas que encerra, afinal de contas, um pouco daque-

la substância lírica espalhada em todos os seres do universo nas horas divinas da criação. A missão do artista consiste em descobrir e isolar da ganga, em que se oculta, essa poesia difusa e inconsciente, como quem trabalha toneladas de minério humilde, para encontrar quantidades quase imponderáveis de rádio.

Alma Cabocla é simplesmente a crônica de umas férias de estudante, vividas na atmosfera sadia e pacata do interior paulista.

Nenhuma paisagem ilustre. Nada de florestas falsificadas pela civilização, campinas vestidas de acordo com o figurino europeu, arroios freqüentados por náiades. O mato "cerrado e umbroso", feito à revelia da silvicultura, pela natureza, de "perobas, guarantãs, jequitibás, pau-d'alhos", com os seus largos silêncios retalhados, de quando em quando, por trilos de bem-te-vis e gaturamos, pios de nambus, estalos secos de taquaras. O campo de "joás e de guaxumas", todo enverrugado de cupins. Águas de lagoas paradas, "onde bebem juritis"; ribeirões sentenciados a trabalhos forçados nos monjolos; e, ao fundo, o rio tutelar que, traçando o destino da raça, vai resolutamente para o sertão. Lavouras bem nossas: milharais empenachados de ouro; verdes touceiras de cana; cafeeiros que sobem devagarzinho pelos morros e descem depressa pelas barrocas. Nossos, "os galpões de pau-a-pique"; a colônia "graciosa como uma vila, risonha como um pombal"; e, "no azul do espigão", o solar fazendeiro, com "a varanda cheirosa de bogaris", e os terreiros negros de piche, em que se roda o café.

Nenhuma cena que não seja copiada do natural. A queimada: "estalam os cipós; chocalham as serpentes; estouram os bambus, rachando com fragor". A moenda: "o engenho todo exala um cheiro a mosto, um forte cheiro de garapa azeda". A noite de São João: "lá fora, à luz da fogueira... a caboclada a bailar... num tremendo bate-pé"; no salão, os jogos de prendas, a quadrilha francesa, a menina a "batucar no teclado uns trechos do *Guarani*"; o moço que, depois de muito rogado, se dispõe a declamar alguns versos "ao som da velha Dalila".

Nenhuma personagem de exceção. Gente de ambições curtas, coração humilde, defeitos escancarados. Este volta do vilarejo, tresandando a pinga e "querendo à força brigar". Aquele, sempre acompanhado "de um perdigueiro

malhado, que salta no carreador", vive a contar caçadas imaginárias de onças que nunca viu.

É no prosaísmo rasteiro desse ambiente que o estudante encontra a normalista. Ele, metido em seu terno de brim, não tem cousa alguma de Lamartine. Ela, bem posta em seu vestido de casimira, não se parece com Graziela. São dois namorados cem por cento auriverdes. Namoram-se escandalosamente na igreja, durante a novena: à saída, terminada a reza; e nos passeios pela estrada afora. Acabadas as férias, ele volta para a cidade. É tudo. A moralidade da aventura banal, em que nada acontece, contam-se estes versos, que estão evidentemente fora da moda, mais toda a gente sabe de cor, ao invés do que sucede com outros, modernissimos, fáceis de fazer e impossível de guardar:

Dos lábios que me beijaram,
Dos braços que me abraçaram,
Já não me lembro... nem sei...
São tantas as que me amaram,
São tantas as que eu amei!

Mas tu (que rude contraste!),
Tu que jamais me beijaste,
Tu que jamais abracei,
Só tu nest'alma ficaste
De todas as que eu amei...

São assim os vossos poemas: fartos de emoção, ricos de naturalidade e frescura, capazes de traduzir em forma singela e democrática o que Hermes Fontes chamava os estados aristocráticos da sensibilidade.

Não me acreditaríeis se afirmasse terdes escapado sempre à vulgaridade, pecado específico da poesia regional. Mas, ainda nos trechos de concepção menos feliz, a frase é tão melodiosa, que inebriados pela música, chegamos a esquecer a letra.

* * *

Sofreis, como poucos, a fascinação do passado. Depois de vos haverdes debruçado sobre o vosso, minúsculo e macio, de menino e adolescente, quisestes conhecer o da nacionalidade.

Grande surpresa foi para vós descobri-lo bem diferente daquele, convencional e antipático, cerimonioso e carrancudo, atulhado de nomes e datas, mas vazio de interesse e de poesia, que havíeis aprendido nos bancos escolares. Em alfarrábios esquecidos encontrastes as lendas encantadas, as aventuras novelescas, as anedotas, as indiscrições em que toda uma época se desnuda e confessa, banidas, por incompatíveis com a circunspeção doutoral, dos tratados e compêndios. E tão maravilhoso ficastes, que desde então outra cousa não tendes feito senão partir conosco os achados valiosos.

Para melhor divulgá-los, na cruzada que empreendestes contra a "vastíssima ignorância nacional", adotastes, como veículo, as fórmulas da literatura de ficção. Provavelmente, porque entendeis, como Anatole France, que somente se digere com facilidade aquilo que se come com prazer.

Ensinais história, contando histórias. Perderá com isso, forçosamente, a verdade? Não acredito. Lá está no soneto vestibular de *L'Aiglon*: um sonho é às vezes menos mentiroso do que um documento. O alexandrino de Rostand se contenta em reproduzir o pensamento de grandes sabedores. De Macaulay, quando observa que as épocas defuntas formam território pertencente em partes iguais à razão e à fantasia. De Renan, para quem nos estudos históricos a alma é tão necessária como nas obras de arte. E, entre nós, de Euclides da Cunha, que reclama, para o entendimento perfeito do que se foi, a colaboração da poesia com a erudição. De outra forma teremos, quando muito, um relatório exato, minucioso e glacial. Não a história, que é sempre criação da consciência de quem a escreve, como interpretação, que deve ser, do que pensaram, sentiram e quiseram os mortos. Só a imaginação tem o poder miraculoso de tornar presente o passado, restituindo-lhe o ânimo, a voz, o colorido, o movimento, as aparências da vida, e transportando-nos, com as suas botas-de-sete-léguas, para o cenário e o clima psicológico de outrora.

Possuís, por mercê de Deus, essa faculdade mágica. Mostram-no os vossos ensaios de História romanceada.

Romance histórico, diz a subepígrafe de alguns. Sem fundamento, a meu ver. As duas variedades literárias se compõem com os mesmos ingredientes. A diferença está na dosagem. Numa a invenção é quase tudo: a antiguidade fornece apenas a tela, em que se exerce livremente a inspiração do pintor. A outra mais se parece com o trabalho de restauração de velhos painéis des-

botados e danificados pelo tempo: o artista se contenta em preencher os claros, avivar as cores, acentuar os traços.

Precisamente o que fazeis. Nem sempre se conforma o poeta com a pequenez da parte que lhe abandona o estudioso. Desforra-se, quando se abre o ensejo, com a interpolação, em a narrativa, de episódios e figurantes de que não há notícia nas crônicas. O leitor se apressa em vos perdoar, pois tem consciência de que o vosso intuito não é enganá-lo, mas distraí-lo. São mentirolas tão inocentes como aquelas com que, para divertir o auditório, os advogados romanos costumavam salpimentar as arengas, recurso oratório que Cícero designa pitorescamente por *mendaciunculis adspergere*. Não faltarão, de outra parte, críticos impertinentes, para pôr em dúvida a exação de certos pormenores. Dirá este que Pedro II nunca foi trigueiro. Aquele, que os mamelucos e sertanistas não falavam o atual subdialeto caipira, e sim a língua geral. Que importa? Não será com o auxílio do microscópio que se poderá apreciar a formosura de um panorama.

Dentre as imagens que retocastes, nenhuma vos apaixonou tão fortemente como a de Pedro I.

Há indivíduos (quem não os conhece?) capazes assim das asneiras mais descabeladas como dos rasgos maiores de abnegação e de heroísmo. Podem ser, tudo depende das circunstâncias, o orgulho ou a vergonha da família, e acabar, conforme o caso, na cadeia ou, prisioneiros do bronze, na praça pública. Mas, por menos estimáveis que sejam, toda a gente lhes consagra, no fundo, uma admiração e um bem-querer mais ou menos confessáveis.

O filho de D. João VI encarna em ponto grande, com o relevo e a ampliação resultantes de sua preeminência no plano da vida nacional, esse personagem destrambelhado e querido. Estamos fartos de lhe saber os defeitos de caráter e os desmandos de procedimento, os repentes brutais de impulsivo e a camaradagem aviltante com os fâmulos do paço, a prepotência desabusada, as demasias da sensualidade, o escândalo do concubinato oficial e das patuscadas grosseiras; e, na esfera política, a dissolução da Constituinte, a repressão crudelíssima do movimento pernambucano, a prisão e o desterro dos Andradas, a insolente exaltação dos Chalaças e dos Plácidos. Mas, em face das parcelas do passivo, quantos gestos cavalheirescos e impressionantes, desde aquele, teatral, do Ipiranga, até a reconquista, para a filha pequenina e

imbele, da coroa de Portugal! E quanta magnanimidade em reparar os desacertos a que o arrastavam o temperamento arrebatado e a embriaguez inevitável do poder! A abdicação tem a grandeza de uma expiação voluntária; a entrega do imperador infante a José Bonifácio, a beleza de uma espontânea penitência pública. O próprio reconhecimento dos filhos do pecado, que, apesar dos precedentes ilustres de Luís XIV e de Filipe IV, de Espanha, tanto escandaliza os contemporâneos, desvela a nobreza de um coração disposto a pagar sem regateio as dívidas da carne.

Eis porque não vacilamos em responder pela afirmativa à pergunta que alhures deixastes em suspenso: "E digam agora se D. Pedro I, até em suas estroinices, é ou não um tipo simpático?"

O mesmo não sucede com aquela que, na linguagem do tempo, foi "a moça do Imperador". A posteridade se recusa a contemplá-la, nimbada de cabelos brancos, no majestoso e lento crepúsculo de matrona. Desinteressa-se do louva-deus, em que os anos transformaram a cantárida. Teima em vê-la, repastada e farta, sensual e prolífica, lautamente instalada na sinecura confortável do concubinato imperial. Faltavam-lhe então, para seduzir-nos, a inteligência e a graça de um Pompadour, com o seu apreço pelas cousas do espírito, inspiradora de artistas e letrados, semeadora de castelos e palácios; como depois lhe faltaram, para nos comover, o calvário de uma La Vallière ou a morte dramática de uma Du Barry.

O que há de mais admirável no formoso livro que lhe consagrastes não é nem a informação abundante, nem o poder evocativo; e sim a delicadeza moral, com que dela soubestes falar isentamente, sem as fraquezas do panegírico e sem as crueldades do libelo.

* * *

Quem vos atrai, a seguir, a atenção é o desempenado e galhardo Maurício de Nassau.

Guia bem falante e bem documentado, mostrais o que era a dominação batava no auge de sua esplendidez precária. Visitamos em vossa amável companhia a Cidade Maurícia, com o Palácio de Friburgo, casa de prazer do príncipe, enfeitada de setecentas palmeiras esbeltas; com "as pontes de rijo tabuado, as grossas fortalezas, as ruelas pitorescas ensombradas de árvores e regadas

de águas cantantes". Daí passamos ao "Recife antigo, tradicional, onde os velhos homens da terra têm as suas casas de varandas de ferro, os senhores de engenho as suas moradas alterosas de boa taipa, os tratantes judeus as suas escuras lojas de moeda e de mercancia". Assistimos de enfiada à sessão da Câmara dos Escabinos, ao suplício de alguns soldados da Bahia, aos torneios de uma tarde magnífica de cavalhadas. Mais tarde, na calada e no escuro da noite, vamos ao Engenho da Várzea, onde João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros se conjuraram com os principais da colônia, para a expulsão dos hereges. Acompanhamos, enfim, as peripécias da campanha libertadora: o embate dos Tabocas, a matança de Uruaçu, a batalha dos Guararapes.

* * *

Impossível seria passar-vos despercebido o interesse dramático do "acidentado romance de aventuras", tecido "de surpresas e de acasos" e também de feitos valorosos e de torpezas, que, como em toda a parte, foi na América lusitana o descobrimento do metal fabuloso.

Pela temperatura dos superlativos com que celebrais as façanhas incríveis dos sertanistas, bem se vê que entre eles se inscrevem alguns de vossos maiores, nascidos à margem do rio sagrado, no porto de Araritaguaba. Rudyard Kipling confessa que, para agitá-lo, basta o cheiro das águas livres. A simples visão da corrente maravilhosa do Tietê despertava no paulista de antanho, herdeiro do nomadismo do português e do bugre, o desejo lancinante de partir.

O que conseguiram os barbaçudos "generais do mato" e seus companheiros anônimos de campanha, através de mil padecimentos estoicamente suportados ou cruelmente infligidos, contais, com viveza de tintas e abundância de pormenores, na série de estudos iniciada com *A Bandeira de Fernão Dias* e entrefechada com *O Sonho das Esmeraldas*.

É a peleja encarniçada, corpo a corpo, do homem brutal com a terra bruta. Esta, emboscada na mataria impérvia, por trás da linha fortificada das serranias e pronta a desencadear contra o inimigo os índios, as feras, a peste. Aquele, destemido e testarudo; ensinado pela natureza, que é escola de violência, dominado pela idéia fixa de topar um dia com o chão miraculoso, onde se colhe "o fruto sem semear".

Esse dia amanhece, afinal. Cataguazes, Casca, Sabarabuçu, Cuiabá rendem-se à obstinação dos bandeirantes. Sabida "a quantiosa máquina de ouro que vai pelo sertão", rolam em grossos caudais pelo caminho riscado a vermelho com o sangue dos pioneiros e de suas vítimas, a nata e a escória da Colônia, potentados e aventureiros, mercadores e pandilhas, frades evadidos do voto de pobreza e mestiças de olhos lânguidos e quadris ondulantes, *lascivos docili tremore lumbos*.

Espera-os o El-Dorado. O ouro aí está, ao alcance das mãos ávidas, nos veios, nos tabuleiros, nas grupiaras; rutilando à flor da terra, cintilando nas barrancas, faiscando nas areias, tremeluzindo na correnteza dos ribeirões. O que escapa às garras da fazenda real, aí está condenado à esterilidade nas arcas do avarento ou prostituído pelo perdulário à satisfação de apetites grosseiros; convertido em martelos de caninha, jóias de marafonas, paradas de jogadores; a suscitar fraudes e morticínios, rixas e iniqüidades; e, pelo abandono, que provoca, das lavouras de mantimentos, a promover a carestia das utilidades e os horrores da fome, que devasta as Gerais. Vemos então a realidade plagiar a fábula: morresse à míngua, na riqueza, como na miséria. O viajante depara às vezes o cadáver de alguém, morto de inanição, com a sacola abarrotada de granetes amarelos em uma das mãos e mísero sabugo de milho, já roído, na outra.

Pintado, em pinceladas largas, o cenário, desenhais cruelmente os atores. Perdem eles bastante, quando vistos à curta distância, bem iluminados, em toda a sua rudeza e truculência de primitivos. Claro está que me não refiro a bandidos e régulos da marca dos irmãos Lemes; nem a trampolineiros da laia de Sebastião Fernandes do Rego, em que se reúnem a obliqüidade da serpente, a sagacidade da raposa e a voracidade da saúva. Falo, sim, daqueles que a lenda vem disputando à história; dos Fernão Dias, dos Borba Gato, dos Anhangüeras; dos que fizeram imensa esta pátria, legando-nos o encargo, que não cumprimos até agora, de fazê-la grande.

Nada, porém, nos obriga a contemplá-los de perto. Continuemos a vê-los envoltos na bruma da poesia. Por que havemos de trocar a ilusão pela certeza? Quem nos diz que a verdade não está com Charles Le Goffic, para quem a melhor maneira de conhecer é acreditar, e mais vale amar do que saber?

Deste relance de olhos pelo que haveis publicado ressalta, conclusiva, uma impressão de coerência perfeita e unidade profunda.

Poeta, sois o cantor comovido e suave do que São Paulo encerra de mais extreme e castiço, – o interior, a fazenda, o caboclo. Romancista, buscais inspiração nas crônicas em que se conta ingênua ou enfaticamente como se edificou o Brasil. De sorte que até hoje nenhuma página escrevestes em que não lateje o sentimento da nacionalidade.

Nacionalista (desculpai-nos o reparo) não é, nem poderia ser a produção de João Ribeiro, freqüentador assíduo das idéias gerais, dono de pensamento libertário, e cidadão do universo, que, a exemplo de Thoreau, se recusa a considerar o mundo como um composto de povos ou nações. Nacionalista dos quatro costados é a vossa. Com ela não saímos nunca de nós mesmos; porque dentro em nós se comprime e atua a multidão dos mortos, de que descendemos, *dramatis personae*, ou espectadores silenciosos do passado tão piedosamente reconstruído em vossos livros.

Presentes em nós, aqui se encontram eles. Agradecidos ao que fizestes por salvá-los do extermínio total, que é o esquecimento, vieram comungar convosco, Sr. Paulo Setúbal, a hora de plenitude que estais vivendo; e, pelo ministério da Academia, glorificar em vós uma obra luminosa e sadia que não fala senão das coisas nossas, com o espírito de nossa gente, e uma existência de trabalho e probidade, consagrada toda inteira à semeadura augusta da beleza.

Discurso do
SR. VÍTOR VIANA

e

Resposta do
SR. CELSO VIEIRA

Sessão solene extraordinária
do dia 10 de agosto de 1935

I

DISCURSO DO SR. VÍTOR VIANA

SR. PRESIDENTE, Srs. Acadêmicos, minhas Senhoras e meus Senhores:

A ACADEMIA E OS JORNALISTAS

Agradecendo à Academia Brasileira de Letras esta grande honra, peço licença para considerar a distinção como uma homenagem à minha profissão de jornalista.

O jornalismo é um gênero literário – e dos menos enfadonhos, e os articulistas e cronistas são bem homens de letras. Hoje, não se sabe onde acaba o jornal e começa o livro. Todos os grandes livros dos últimos anos saíram nos períodicos, e assim, todos nós colaboramos numa obra comum, não sendo possível separar mais o escritor que escreve na imprensa do jornalista que publica livros. Tendo trabalhos sobre sociologia, economia política, ciências do governo e da administração, filosofia, psicologia, crítica literária – sou aqui, antes de tudo, representante da minha profissão principal, e honrado de ocupar uma Cadeira, cujo patrono foi jornalista como jornalistas foram o seu fundador e o grande poeta a quem me coube suceder.

Jornalismo e literatura exercem a mesma ação necessária e neste momento grave da História têm o dever de cooperar na defesa da liberdade do pensamento.

Entre os patronos desta ilustre Companhia, vemos grandes nomes que só foram jornalistas, grandes nomes que fizeram do jornalismo durante largo

trecho de vida sua preocupação dominante: – Evaristo da Veiga, Hipólito da Costa, João Francisco Lisboa, Francisco Otaviano, Manuel de Almeida, Joaquim Manuel de Macedo, Pedro Luís, José Bonifácio, o Moço, Tavares Bastos, Artur de Oliveira, Joaquim Serra, Bernardo Guimarães, Visconde do Rio Branco, Pardal Mallet, Raul Pompéia, França Júnior, Franklin Távora, figurando entre eles articulistas que formaram a consciência nacional e deram à nossa política a sua verdadeira expressão e lhe dirigiram a ação construtora.

Entre os fundadores da Academia praticaram sempre o jornalismo ou em fases decisivas da caracterização da sua personalidade – Alcindo Guanabara, José do Patrocínio, Medeiros e Albuquerque, Rui Barbosa, Olavo Bilac, Valentim Magalhães, José Veríssimo, Machado de Assis, Salvador Mendonça, Joaquim Nabuco, Artur Azevedo, Carlos de Laet, Pedro Rabelo, Guimarães Passos, Urbano Duarte, Domício da Gama e V. Ex.ª, Sr. Presidente, glória desta Casa e uma das melhores expressões da nossa verdadeira civilização.

As consagrações literárias da Academia confundem-se assim nos mesmos vultos do jornalismo brasileiro.

Nas sociedades em formação, as especializações não se podem limitar. Os homens de cultura carecem abranger todas as atividades, pois não há uma coordenação facilitando a cada qual um lugar próprio no conjunto das iniciativas de arte de pensamento. No Brasil, os poderes públicos nada fizeram até hoje para proporcionar o desenvolvimento das grandes vocações intelectuais.

Augusto de Lima teve de moldar sua vida a essas contingências de dispersão. Em outro país, o volume das *Contemporâneas*, seu primeiro livro de versos, publicado em 1887, já depois de formado em Direito, teria obrigado a um destino: em torno de seu sucesso se concentrariam editores, críticos, e discípulos e toda a atividade do autor se enquadraria pela diretriz indicada pelo primeiro êxito. No Brasil, Augusto de Lima continuou poeta, mas foi jurista, magistrado, professor, historiador, político, administrador, parlamentar e presidente de Estado. O intelectual, no Brasil, é o mais admirável de todos. Ele não perde o ideal, não transfigura sua personalidade, mantém intacto o sonho de produzir, apesar de envolto em ambientes diversos e ocupado em tarefas diferentes.

Nesse enciclopedismo dos países novos, os intelectuais conservam, na maior parte dos casos, um gênero predominante. Assim Medeiros e Albuquerque, que recebeu aqui Augusto de Lima, sendo poeta, *conteur*, historiador, crítico, ensaísta, cientista, era, antes de tudo, jornalista. Augusto de Lima, apesar da multiplicidade dos seus trabalhos, figurará na história da nossa literatura principalmente como poeta.

O autor das *Contemporâneas* não teve influência direta na direção partidária, mas foi militante e participou com entusiasmo de campanhas de projeção nacional como as da Aliança Liberal.

Lord Bryce descobriu a decadência dos povos – decadência das letras ao comércio – resultante do enfraquecimento do espírito público. O Brasil sofre às vezes o torpor mortal desse desinteresse. Mas Augusto de Lima protestou sempre contra essa apatia, tomando parte em caravanas de propaganda e agindo sempre como parlamentar e escritor.

Não há povo que resista à desagregação do espírito público. Para criar e conservar esse espírito público é preciso a contribuição de todos os intelectuais. Qualquer afrouxamento, qualquer dúvida nessa atitude caímos naquele erro que é a *trahison de clercs*.

A própria História do Brasil toma outro aspecto quando interpretada como uma projeção de idéias e não como uma expressão de caprichos. Por outro lado, o mercantilismo justifica a legislação colonial e o milagre da especialização de culturas tropicais como o liberalismo, a independência e sua expansão triunfante. A evolução da humanidade mostra que o êxito dos povos depende de condições naturais e sociais e que estes se engrandecem pela acumulação das culturas antigas e estrangeiras aproveitada sob o ponto de vista nacional e subordinada ao momento histórico, ao comércio mundial e ao aparelhamento técnico. Grandes acontecimentos brasileiros foram contingências da situação geral, e não compreende a História do Brasil quem não a define com os fatos universais e o movimento das idéias.

Essa História do Brasil revela o espírito de grandeza que tem sido a força na construção da nacionalidade. Todos que nos visitam desde os primórdios da nossa formação, estimulam esse espírito. Todos os viajantes, desde o século XVI, dizem que somos um país de futuro. Criamos a nação possuidora do maior território sem solução de continuidade e falando a

mesma língua, a região mais civilizada das terras quentes – origem das matérias-primas da técnica de hoje; fomos um império estável no meio de caudilhismos oscilantes; galgamos as serras, estendemos até ao planalto as estradas de ferro; fizemos da cultura do café – que agora querem arruinar – o maior acontecimento agrícola dos tempos modernos; somos um dos elementos da economia mundial; fundamos a maior indústria da América Meridional; acolhemos embaixadores das maiores potências; atraímos imigrantes e capitais do mundo inteiro; os nossos juristas são repetidos nas repúblicas vizinhas; aplicamos constituições nos dois regimes que foram modelos de forma e de distribuição de poderes; organizamos uma farmacopéia nacional; contribuímos para o estudo das moléstias do nosso clima; aparecem nomes de brasileiros nas coletâneas científicas da Europa; saneamos, elevamos e aparelhamos grandes cidades; apresentamos a maior literatura do sul deste continente; seremos em breve o povo mais populoso dos chamados latinos, ultrapassando a França e a Itália – e ainda exclamam que somos um país de futuro! Devemos ter orgulho dessa situação, embora pudéssemos ser mais do que somos se outra tivesse sido a política e possamos perder essas grandes conquistas se não soubermos ter orientação conveniente.

A nossa geração precisa organizar-se para entregar aos nossos sucessores um Brasil consolidado e digno desse espírito de grandeza, desse futuro com que todos nos acenam.

O esforço da conquista para abranger território tão vasto espalhou os núcleos de povoamento, e, para fazer o Brasil maior, enfraqueceu os seus centros de resistência. A interpenetração desses centros deve ser um dos fins da nossa política, que carece de finanças prósperas para realizar seus grandes destinos, pois os *deficits* consecutivos destroem os regimens e as sociedades que os toleram.

O globo é cada vez menor para a humanidade inquieta. Não podemos na América Latina viver como os outros – não o Brasil então dentro da paz jurídica – viveram no século XIX. O caudilhismo de alguns países sul-americanos tudo desorganizou, mas sem perda da independência nacional. No século XX, essa política boêmia não poderá subsistir sem arruinar todo o patrimônio construído pelos nossos antepassados.

De São Paulo, força formadora da força construtiva do Brasil, de São Paulo, orgulho e esperança do Brasil, foram os elementos primários da fundação da Minas do ouro.

A riqueza mineralógica obrigou a metrópole a enviar uma aristocracia intelectual que fundou o que a literatura brasileira teve em primeiro lugar como mais típico.

Quando os elementos da mineração se dispersaram foi que começou a se formar nessa parte do país a pequena burguesia que movimentou o Rio no primeiro 13 de Maio, na *Ficada* como então se dizia, no 7 de Setembro e sem cujo entusiasmo patriótico não se teriam precipitado o de 7 de Abril, a Maioridade e a Abolição.

A PEQUENA BURGUESIA E FRANÇA JÚNIOR

Essa pequena burguesia tem sido a grande colaboradora da consolidação nacional, e será a única força capaz de conciliação nesta hora grave. Depende de suas inclinações, de sua restauração ou do seu declínio o resultado do embate dos extremismos no caso em que ele se venha desencadear no Brasil.

As classes médias têm sido a grande educadora do povo do qual recebem constantes subsídios. Com o seu espírito crítico, sarcástico, mas patriótico, desencantado de alguns homens e fazendo de outros às vezes mitos populares – foram o agente criador da nossa opinião, a massa dos leitores dos livros e jornais, a razão de ser dos nossos romancistas poetas e publicistas. Com o seu vivo interesse pelos negócios públicos e pelas letras formaram o ambiente para o desenvolvimento do Império, tornaram possível Pedro II e seu parlamentarismo formoso e eficiente, o meio favorável sem o qual a coroa, a nobreza e o povo não teriam feito a unidade nacional e a fortuna do país. Pequenos negociantes, professores, profissionais nas carreiras liberais e técnicas, sitiantes, empregados do comércio e da administração pública e particular constituíram os elementos da coesão nacional e sua proletarização será a derrocada da organização brasileira. Mais alguns anos de inflação monetária e desordem econômica, e essa proletarização se acentuará e passará então o Brasil pelas provações dos embates das grandes classes e suas clientelas. Façamos pela coordenação política, social e financeira a restauração e a con-

solidação dessa destemida pequena burguesia brasileira! Ela foi sempre tão inteligente e irônica, tão compreensiva e consciente que leu, aplaudiu e popularizou França Júnior e Urbano Duarte, dois observadores de seus costumes.

Os que não procuram avaliar a importância relativa de cada esforço de observação poderão menoscabar trabalhos como os de França Júnior. Eu os considero dos maiores. Ele escreveu para agradar, para ser lido. Entretanto, produziu mais para a História da nossa civilização, ainda por fazer, do que muitos historiógrafos de profissão.

A análise dos hábitos e tendências da pequena burguesia carioca do século passado, levada a efeito por França Júnior, constitui um esplêndido estudo de psicologia social. Ali, o verdadeiro historiador futuro encontrará muitas razões, até agora desconhecidas, das transformações políticas. Por quê? Porque se o regime econômico altera hábitos e idéias, os costumes modificam concepções e o sistema social e político. França Júnior, nos seus folhetins e nas suas peças, fixou para sempre os traços de uma classe histórica.

Progredimos depois. As classes médias, recebendo trabalhadores elevados pela instrução e nobres arruinados fizeram o ambiente das agitações políticas, literárias e artísticas. A obra de França Júnior é assim o inquérito sobre esses pequenos burgueses brasileiros que nos fins do século XIX, diante de uma alta burguesia sem centro de convergência, de uma nobreza dispersa, de um povo sem organização, assumiram, de fato, o poder, derrubando e formando ministérios.

Outros escritores estudaram tão bem a nossa vida que se poderia estabelecer um questionário sobre as condições sociais do seu tempo e encontrar resposta nos seus livros e folhetins.

Manuel Antônio de Almeida pode ser consolidado em *testing*. A *Moreninha* de Macedo é um repositório de costumes como o Alencar dos romances cariocas porque o outro, aliás, o maior, é o Alencar das simbolizações nacionais. Bem traduzido, haverá um Machado de Assis capaz de despertar o interesse universal, mas há também um Machado de Assis narrando os fins de uma aristocracia desencantada e empobrecida e uma pequena burguesia no período da autocrítica construtora. Coelho Neto fixou mais costumes do que mesmo imaginou, e há na *Miragem* e na *Conquista* mais história moral dos últimos lustros do Império e primeiro da República do que em

muitos historiadores de carreira. O que há de honestamente indômito no temperamento das brasileiras do interior surge e se define em alguns dos melhores romances de Afrânio Peixoto, o grande escritor e sábio que é um dos beneméritos desta Casa.

França Júnior, que pretendeu divertir, vale hoje como documentação.

A psicologia das classes médias brasileiras no princípio da República aparece também nos folhetins de Urbano Duarte, do qual Augusto de Lima fez uma análise sutil no seu discurso de posse.

O poeta das *Contemporâneas* nasceu em Congonhas de Sabará, depois VilaNova de Lima e hoje Nova Lima, a 7 de abril de 1858.

CONGONHAS DE SABARÁ E O MARQUÊS DE SAPUCAÍ

É também a terra dos meus e em cuja praça principal se ergue a herma de meu bisavô, inaugurada por meu Pai.

Foi ali, naquelas paragens, que sob o impulso das bandeiras paulistas a ilusão do ouro se tornou realidade, e a civilização brasileira encontrou os verdadeiros fundamentos de sua estabilidade. Dali irradiou o novo Brasil, centro de atenção universal, fornecedor do numerário das nações, elemento da grandeza comercial de que havia de sair o esplendor do século XIX. O mercantilismo desfez-se com esse intercâmbio. O ouro, que os bandeirantes descobriram, modificou – como os sociólogos modernos reconhecem – a própria diretriz da História. Do Reino foi então enviado para esse rincão o melhor da administração civil e militar, a fim de coordenar a nova riqueza, em proveito do erário metropolitano. Essa aristocracia se foi tornando brasileira e participou logo dos movimentos de emancipação. Com esse deslocamento administrativo veio o Capitão-Mor Araújo da Cunha, pai do Marquês de Sapucaí.

O Marquês de Sapucaí, se não ocupou durante largo tempo a direção política, exerceu uma grande influência na evolução dos acontecimentos. secretário da Constituinte, ministro de Estado, presidente de províncias e da Câmara, ele teve ocasião de ir realizando nas várias funções uma obra que se consolidou na estrutura administrativa do Império.

Equilibrando os orçamentos, resgatando o cobre em circulação, reajustando o padrão às condições da mineração aurífera, fundando o nosso direito

orçamentário – pois já o tivemos – combatendo o parasitismo fiscal, foi, na Regência, um reorganizador modesto, mas eficiente e na restauração constitucional realizada pela maioridade uma das forças dirigentes do movimento vencedor.

Esse jurista, homem de gabinete e de governo foi também compositor musical e poeta, autor das *Violetas*, quadrinhas que andam em todas as antologias brasileiras, e de lindos sonetos camonianos, muitos dos quais o *Jornal do Commercio* publicou na sua seção especial de então. Foi jornalista militante, redator de editoriais do *Diário do Governo*.

A amizade de Pedro II e Sapucaí permaneceu através de muitos anos de convivência, e feita de preocupações científicas e estudos literários. Nos papéis de minha família há provas disso. Se o Imperador lia um clássico de qualquer língua, viva ou morta, e encontrava uma dificuldade e não estava o professor no palácio – escrevia-lhe uma carta com uma consulta. Se havia um processo – mandava-o a Sapucaí pedindo a sua opinião particular. Se havia um cargo a prover – solicitava-lhe informações sobre os candidatos. Se lhe enviavam um livro nacional ou estrangeiro e não tinha tempo de o ler – determinava a Sapucaí lhe desse impressões de leitura. Esse contato criou uma incompatibilidade política para Sapucaí e anulou relativamente cedo a sua projeção partidária, mas não diminuiu a sua ação ininterrupta para a vitória do regime parlamentar no Brasil.

Meu pai, Dr. Ernesto da Cunha de Araújo Viana, foi educado na casa de meu bisavô, porque meu avô morreu poucos anos depois de ter regressado, doutor em Medicina, de França. Ali recebeu o gosto pela cultura universal que conduziu para as realizações das belas-artes – tendo sido o mais entusiasta dos historiadores do nosso passado artístico e criador do movimento nacional a favor da casa de tipo colonial modernizado, muito antes de sua eclosão nos Estados Unidos e respectiva repercussão na Argentina. Ernesto da Cunha de Araújo Viana formou com a sua capacidade de sedução uma corrente pela arquitetura e os seus discípulos constituem hoje as equipes que deram à edificação no Brasil outra feição e outra compreensão artística. Antes dele, a profissão de arquiteto era raramente exercida por brasileiros. No curso de arquitetura da Escola de Belas-Artes havia um ou dois alunos. Depois de

sua campanha o curso povoou-se e os regulamentos que promoveu fizeram os mestres e os construtores de hoje.

Foi esse idealista – que soube dar interesse ao passado artístico do Brasil e atrair os jovens para o estudo da arquitetura – que inaugurou em 1917 a herma em Vila Nova como o descendente mais direto de Cândido José de Araújo Viana.

A VELHA CONGONHAS E VILA NOVA DE LIMA

Congonhas de Sabará, como Sabará e toda a zona de mineração, exerceu uma função importante na distribuição demográfica de Minas, quando com o esplendor da extração se desenvolveram também as outras indústrias então subsidiárias. A princípio, com o esplendor, a influência foi de atração e de concentração. Depois, na decadência, de redistribuição.

A crise não aniquilou a velha Congonhas que através de todas as vicissitudes espalhou por Minas a sua aristocracia que foi por toda a parte um elemento de cultura e de progresso – e mantém, ainda hoje, o primado da mineração do ouro no Brasil.

A extração do ouro brasileiro apresentou até os meados do século passado a maior quantidade até então conhecida. A falta de organização do comércio e da administração metropolitana proporcionou a emigração para os grandes centros europeus de toda essa riqueza. Disso devemos tirar grandes ensinamentos. Não basta produzir. É necessário também saber governar. A produção lucrativa carece de agentes de distribuição perfeitamente educados e que o governo não seja um elemento de compreensão e, portanto, de espoliação, porque só se comprime, qualquer que seja o pretexto, para prejudicar uns em benefício de outros.

CONGONHAS E SUA IRRADIAÇÃO DEMOGRÁFICA

A companhia inglesa de mineração, trabalhando ali, há tantos lustros, imprimiu uma feição nova à velha Congonhas. Há ali uma renovação produzida pela variedade dos fatores de prosperidade. Nesse contraste está o melhor do pitoresco de Nova Lima. Anglo-saxônia por alguns de seus costu-

mes, um pouco pelo sangue e pela arquitetura de alguns de seus arrabaldes, ela continua bem mineira por todos os outros aspectos. Centro de um comércio próspero e progressista, recebendo imigrantes de toda a parte, Nova Lima tem, nas suas praças, um misto de aldeia européia e de arraial mineiro, trechos de vida passada e de atividade moderna.

A professora D. Emília, irmã do poeta, foi um dos elementos da revalorização da gente local, e conseguiu dar a Nova Lima a maior percentagem de freqüência escolar de todo o Brasil. D. Emília era bem o símbolo daquela terra, cheia de recordações do passado e tão vigorosa nos embates do presente, nas letras, nas profissões liberais e técnicas e nos *sports*. A sua casa era, pela arquitetura e pelo mobiliário, puro século XVIII brasileiro. Entretanto, D. Emília foi a força dinâmica que criou gerações modernas naquele sítio tão antigo.

Congonhas, Sabará e suas redondezas, foram um centro de irradiação demográfica e econômica em Minas, espalhando a sua gente capaz, onde se misturam o sangue quente dos bandeirantes, a finura dos administradores antigos, e agora o novo influxo saxônio.

Foi desta terra, que transfigurou o Brasil, que partiu Augusto de Lima para fazer preparatórios e depois para estudar Direito em São Paulo.

A Academia de Direito vibrava, então, com a mentalidade nova que reformava a Europa. O Romantismo quebrava preconceitos e realizara uma obra salutar de associação de idéias como o liberalismo efetuara na política. Depois desse grande movimento, surgia uma arte menos pomposa e mais sutil. Na realidade o Parnasianismo e o Socialismo de um e de outro modo continuavam – mesmo quando pareciam divergir – o Romantismo e o Liberalismo.

Augusto de Lima sentiu despertar sua vocação literária, sob o influxo desse movimento.

AUGUSTO DE LIMA – POETA

O Romantismo exaltava o passado não longínquo, embora preocupado em criar o futuro. O Parnasianismo, Leconte à frente, preferia descrever a antiguidade clássica para mostrar os horrores da Idade Média.

Augusto de Lima compreendeu bem esse esforço de preparar o futuro com os exemplos do passado. Estreando bem moço, com um livro de versos, ele levantou os lemas novos com mais atrevimento do que os seus contemporâneos. A sua linguagem comedida, o seu senso de proporção tão graduado fizeram com que esse revolucionário fosse por toda a parte bem recebido e por todos aplaudido.

Não se encontra o futuro quando se esquece o passado. Augusto de Lima, vindo de uma terra tão enriquecida pela História, que continuava a construir a Minas moderna com a força da Minas antiga, não se perturbou com as inovações que o entusiasmavam, e o estudante de São Paulo, admirador de rebelados, guardou o culto do período da formação nacional. Os descendentes das terras impregnadas de História não podemos jamais olvidar o que os antepassados fizeram e o nosso sentido de evolução e progresso não se transforma jamais em fúria inconoclástica ou em desespero renovador. A História é um sedativo e o ambiente tradicional tempera as esperanças do futuro.

O poeta de São Paulo foi, portanto, o moço evocador da velha Congonhas, o revolucionário de palavras doces, sabendo por certo que o futuro é uma projeção do passado.

A vida literária de Augusto de Lima, para o crítico de sua obra começa, com a publicação das *Contemporâneas*. O sucesso do livro foi grande, sucesso de estima entre os colegas, sucesso na imprensa do tempo, sucesso para o grande público. Todos os rapazes que principiavam a fazer literatura escreveram sobre o volume e seu autor.

Jovens, depois grandes poetas e grandes críticos como Raimundo Correia e Araripe Júnior, viram nas *Contemporâneas* uma afirmação que os tempos não poderiam dissipar. Isso mostra a significação do livro, na história da literatura brasileira.

Augusto de Lima, como poeta, foi além dos seus contemporâneos de São Paulo. Sob o ponto de vista filosófico ultrapassou os outros. Como Heine, Sully-Prudhomme, e como Shelley – mestre de todos – revelou um espírito de dúvida mais avançado.

Sentiu e compreendeu, entretanto, Byron e Hugo, Guerra Junqueiro e Teófilo Braga. Nessas primeiras poesias como depois nos seus discursos e

crônicas conservou sempre a imagem da terra natal e sempre se lhe apareciam uma alegoria sobre mineração, um conceito sobre ouro, uma alusão aos bandeirantes e garimpeiros.

A humanidade culta estava sendo sacudida pelas idéias do tempo. Spencer, Darwin, Haecker, Wundt como Ricardo, Say e seus discípulos criavam um novo estado de alma. Essas concepções repercutiam na literatura.

A Academia de São Paulo processava também essa renovação, sobretudo através da França e de Portugal. Nos rapazes que começavam a versejar a influência direta dos poetas e pensadores estrangeiros era notória e empolgante. Em Augusto de Lima as leituras desses inovadores penetravam mais fundo.

Foi, portanto, uma personalidade à parte, um elemento novo entre os que abandonavam o gongorismo e indianismo sob o influxo dos evolucionistas e dos parnasianos franceses, e que principiavam a escrever com correção num português que não era o português de Portugal.

Estão entre vós, no esplendor de sua glória, três dos grandes inovadores desse tempo – Srs. Alberto de Oliveira, Filinto de Almeida e Afonso Celso.

Os grandes poetas brasileiros, antes e depois, marcaram a sugestão dos românticos e dos parnasianos. Augusto de Lima fica no meio-termo, parnasiano pelo gosto da forma, mais perto de Sully pelo filosofismo, com outras preocupações científicas. Há alguma cousa de Baudelaire, pouco de Leconte, e o sentido de Shelley aparece através dos franceses e portugueses.

O *Prometeu* de Shelley teve uma grande repercussão na literatura universal. Embora não traduzido, a sua índole e as suas intenções aparecem em todos os poetas das últimas gerações românticas e das parnasianas. Augusto tem, como todos os contemporâneos, a sua composição sobre *Prometeu* onde há mais de Shelley do que de Ésquilo.

Outra sedução intelectual dessa fase da evolução literária de Lima foi Heine. O poeta alemão protestava contra os preconceitos que encobriam o despotismo, e fazia vibrar a mocidade da sua pátria. Há nas primeiras composições das *Contemporâneas* muito da ironia cruel envolta numa finura quase distraída de Heine morando em França.

Essas e outras preocupações já fixadas conduziram a poesia de Augusto de Lima para o que o seu amigo e companheiro Raimundo Correia chamou de objetivismo, isto é, ausência de lirismo, de erotismo no bom e no mau sen-

tido, de sexualismo. Há poesias líricas, nas *Contemporâneas* e nos *Símbolos* – temas de amor, mas não somente esses trabalhos são em pequeno número como não caracterizavam os livros do poeta.

Os nossos parnasianos, mesmo quando imitavam a rigidez descritiva dos mestres franceses, terminavam quase sempre com uma imagem ou uma alusão de amor ou um traço de psicologia feminina. Augusto de Lima só vê os sentimentos e as paixões como alegorias de concepção do mundo ou para combate social. Os grandes poetas do Brasil moderno empolgavam pela virtuosidade, pela capacidade imediata de uma sugestão incomparável. Qualquer que seja a cultura do leitor se sente atraído – e feliz, a felicidade que a arte proporciona ao espírito e ao coração. A poesia de Augusto de Lima tem o mesmo poder, mas é preciso ser captada de outra forma, aos poucos, pelo saborear constante. É poeta para ser lido devagar, para depois aparecer com toda a sua força e imponência.

Dar-se-á com a poesia de Augusto de Lima o que se deu com a de Baudelaire. Não que produzisse escândalo como a do mestre francês; ao contrário, como já acentuei, a sua audácia tão espiritual e tão finamente disfarçada não ofende ao conservador mais susceptível. Mas porque terá de ir ficando mais célebre à proporção que os tempos forem passando como a de Baudelaire – agora objeto de atenção dos letrados do mundo inteiro. O Brasil participou, de um modo notável, desse movimento universal, tendo sido seu animador, um dos vossos, o Sr. Félix Pacheco, que traduziu para o português o que há de mais típico em Baudelaire e fez estudos críticos, biográficos e bibliográficos que a própria literatura francesa terá de consagrar.

A grande poesia dessa fase de Augusto de Lima é cheia de filosofia e de intuição social. Há nas *Contemporâneas* e nos *Símbolos* um sentimento da natureza das cousas, uma sucessão de alegorias que chegam a lembrar Milton, apesar das diferenças profundas dos processos e dos fins da composição. Há também o panteísmo, o estado de contemplação, resultante desses momentos de êxtase em que Victor Hugo falava com Deus. Em outras estâncias surge a ironia de Heine, pronta a rir, mas deixando sempre um pouco de melancolia depois da gargalhada sarcástica. Há o culto da forma mais de Mendès do que de Heredia. Perpassa às vezes o satanismo purificador de Baudelaire.

O exame das diversas produções do idealista do *Fausto* através da sua longa carreira, mostra a evolução que foi fazendo do ateísmo de Lefèvre para o cristianismo de modernos poetas franceses e italianos.

Há pensadores que se mostram – outros, de valor igual, que precisam ser procurados. Augusto de Lima, não é força que se ostenta logo. A leitura de seus versos e de sua prosa leva, portanto, a uma série de descobrimentos. A variedade da sua cultura, a largueza de sua erudição, a doçura do seu sentir, a penetração do seu pensamento, o fulgor de suas alegorias, o inédito de suas imagens, o *humour* de algumas das suas alusões são tanto mais impressionantes quanto mais relidos.

A análise das composições confirma essa interpretação. O *Através do Século* é uma linda evocação. Na mesma diretriz se desenvolve a *Descida*. Há qualquer cousa de hugoano na *Elevação*. A *Cólera do Mar* é cheia de substância na sua leveza. Há um novo ideal, acima do dos seus contemporâneos, nos *Ferreiros*. *O Inquisidor* não tem o metro mas as tendências de Junqueiro. O *Amor* é forte como uma epopéia romântica.

Aí tendes o Amor do século pujante,
a portentosa lei que há de reger o mundo...

Nos *Dois Cristos* há o ardor do ateísmo monista e no *Vulcão* e o *Sol* um idealismo mais vago.

O *Fausto* foi um dos poemas mais repetidos pelos jovens de 1900:

Talvez no seu jardim, mais belas das mulheres,
entre os risos azuis da Natureza nua
regasse a Margarida os brancos malmequeres
que depois desfolhou por ti, à luz da lua.

É o sopro de Marlowe e de Gœthe.

A *Herança de Prometeu* vai além de Shelley:

Tempo há de vir em que o Deus-Homem
no anseio dos esforços que o consomem

busque tocar no sideral assento,
cavalgando um condor de asas de arame;
irá restituir a chama ao céu
e obter indulto para o audaz gravame;
porém não há de achar mais firmamento.
Serás então vingado, ó Prometeu!

No *Prometheus Unbound* Shelley lançou, no meio de mais atrevidas alegorias, reivindicações políticas e sociais. O pensamento do *Prometeu* de Augusto de Lima é mais ontológico.

Teófilo Dias, Carlos de Laet, Raimundo Correia, Lívio de Castro, Araripe Júnior publicaram por ocasião da estréia de Augusto de Lima artigos louvando o poeta que começava com tanta força. Com o estilo que tinha na época, Carlos de Laet chamou o livro de "escrínio de jóias raras" e citou como esplêndidas as próprias composições irreverentes.

Raimundo Correia considerou o autor das *Contemporâneas* um dos maiores valores aparecidos, mas desejaria fosse mais egoísta, que não falasse tanto nos outros, que tratasse também de si. Raimundo preferiria que o poeta empregasse os seus grandes recursos e dons em composições de caráter mais lírico, pois o achou "impregnado de uma filosofia triste e desoladora e ao mesmo tempo, fascinante como o abismo, senão desse espírito em que notável escritor descobriu todos os sintomas da doença do século". Na realidade não havia somente dúvida no então jovem poeta – havia o estado de transição entre a dúvida e a convicção nova e seu aparente pessimismo era o de todos os homens, cujas idéias não coincidem com as de seus contemporâneos, com as dos amigos ou dos círculos em que vivem.

Para Araripe Júnior, ele era panteísta no começo do *Através dos Séculos*, céptico no fim, misto no *Amor*, ateu nos *Dois Cristos*, fetichista no *Polvo*, *Lágrimas do Regato* e na *Cólera do Mar*. Para o crítico, Augusto de Lima ia "banhar-se nas forças colossais dos séculos para surgir logo incandescente de transformismo e radiante de amor brasílico". Araripe desejava que ele "não deixasse cair na madorra tropical e soubesse viver com toda a força e intensidade a que tinha direito o seu gênio artístico". "Um homem desse valor não deveria restar inerte no momento em que o Brasil gravitava para o seu verdadeiro centro econômico e que alguma cousa vibrava no seu organis-

mo social. A sua composição *A Vida* indicava uma diretriz, pois era um canto à festa de recepção dos legionários do progresso que diariamente de todos os pontos da Europa irrompem através do Atlântico em demanda das nossas florestas portentosas".

O conceito de Araripe Júnior era mais do que um conselho – era uma definição. Augusto de Lima evoluiu, como já recordei, e no *São Francisco de Assis* foi o poeta místico, cristão, cheio de um *encanto novo* – saído da dúvida para a fé e para um êxtase – mais comovido.

AUGUSTO DE LIMA – PARLAMENTAR

Augusto de Lima, depois da sua fase fulgurante de poeta ao lado dos próprios renovadores da literatura brasileira, voltou a Minas, onde prosperou, granjeou justo renome e foi subindo como magistrado, professor, jornalista, homem de letras e político. Eleito deputado federal veio residir no Rio e passou a colaborar nos nossos jornais e foi diretor d'*A Noite*. As suas crônicas provocaram então merecida admiração. As *Noites de Sábado*, cuja parte principal foi incorporada em volume, mostram a evolução do espírito do autor do livreto da ópera *Tiradentes*, do poeta de *São Francisco de Assis*.

Publicista, administrador, homem de partido, jornalista, deputado, o poeta das *Contemporâneas* foi em Minas e no Brasil uma das primeiras personagens do seu tempo. Tratou na Câmara e no jornal de todos os assuntos importantes da época, ora com doce e carinhosa atenção, ora com entusiasmo profundo e às vezes com ironia de uma melancolia subtil.

Como poeta, participou do período renovador dos fins do Império e do começo da República. Como deputado foi um dos criadores da mentalidade nova, reclamando para o Brasil o que nós outros chamamos depois de política de construção.

Em discursos, projetos e pareceres, Augusto de Lima lidou na Câmara com temas transcendentes. Não é possível acompanhar o dia-a-dia desse fecundo esforço de persuasão. Basta recordar o que ele fez e produziu de mais sensacional, basta fixar os assuntos em que culminou e com os quais atraiu a opinião pública e movimentou a imprensa idealista e desinteressada daquela

época de intensa crepitação intelectual. Os fins de suas iniciativas eram dos mais necessários – ensino primário e normal, defesa florestal, proteção das obras de arte, mineração de ferro e ouro.

Foi, portanto, como parlamentar, um divulgador de planos novos, um formulador de idéias de organização, de meios de defesa aproveitáveis e úteis. É claro que dessa propaganda não resultou nenhuma lei. Mas essa campanha contribuiu para formação de uma mentalidade capaz de compreender as necessidades políticas. É a grande força dos parlamentos, da representação popular, tribuna aberta a todas as iniciativas e a todas as idéias e cujo simples funcionamento impede o regime da mentira dirigida.

O idealista que inspira, sugere e incita é tão eficiente ou mais do que o realizador que executa, pois este só pode fazer qualquer coisa de bem orientado, se constrói o que o outro idealizou. A toda exteriorização prática precede uma concepção.

Augusto de Lima, tendo promovido o estudo de assuntos tão importantes foi, portanto, um homem de ação no sentido que criou o ambiente para realizações. Ele foi também um erudito, um desses tenazes e modestos historiógrafos de Minas que, sem alarde, no exame constante dos documentos, vão refundindo toda a história do nosso passado. Foi durante muitos anos diretor do Arquivo Mineiro e aí soube descobrir muitas cousas, desvendar novos elementos de reconstituição.

O poeta das *Contemporâneas*, espírito enciclopédico, procurou contribuir para a valorização da nossa vida política e social.

Para garantir a expansão esplêndida da nossa civilização carecemos da sinergia de todos os elementos intelectuais. Augusto de Lima deu um exemplo praticando esse enciclopedismo imprescindível nas sociedades em formação.

Bagehot mostrou que é preciso um conjunto de idéias comuns para assegurar às nações a estabilidade jurídica, ambiente necessário para a verdadeira prosperidade econômica.

Os povos fortes obtêm essa mentalidade comum no meio da diversidade dos partidos e das lutas políticas. A ordem não é feita de compreensão, e sim de aceitação voluntária.

A unanimidade, não sendo sinceramente possível entre homens inteligentes, os regimes que a proclamam, são, portanto, sistemas de minorias armadas.

AUGUSTO DE LIMA – ARTICULISTA

As crônicas de Augusto de Lima publicadas nas duas primeiras décadas do século provam a sua cultura progressiva. Os comentários sobre a Liga das Nações e a tentativa do grande Wilson para estabelecer um regime de paz permanente organizado sob instituições preventivas estão cheios de ironia e de perversa generosidade. Ironia pela descrença que manifestava de que pudesse resultar qualquer cousa de sólido de todos os ensaios de uma organização contra a guerra. Generosidade porque o poeta desejava que a humanidade já tivesse atingido a um estado de inteligência, capaz de realizar esse velho sonho. Por isso, ele dizia que no caso de falência de todas as tentativas seria o caso para apelar para o Papa para que este intercedesse ao Padre Eterno "pela volta de Jesus Cristo com a missão já uma vez sangrentamente malograda de dar juízo a toda essa gente". Não era mais irreverência, era *humour*.

Noutro artigo, atribuindo tudo a um amigo, o autor mostra que no mundo tudo é mentira, a começar pelas estrelas que parecem tão pequenas e são maiores do que a Terra até aos galanteios que fazemos, falseando a verdade evidente. Contra o preconceito de raça ele protestou com todo o vigor – como democrata que era e cristão de verdade.

Há crônicas sobre o problema do trabalho, então discutido na Liga das Nações. Para Augusto de Lima trabalho e capital deveriam andar unidos no organismo social; queria o bem-estar de todos e para ele as *paredes* eram uma anomalia – uma moléstia que ao Estado cumpria corrigir pela criação de órgãos de equilíbrio.

Foi um defensor do sufrágio feminino. Foi um precursor na propaganda para liquidação das questões de limites estaduais. Tratou do problema florestal que tanto o interessou. Mostrou Morro Velho, a riqueza de Minas, recordando a obra dos ingleses de Congonhas e fundamentando a frase célebre de Gorceix – que se tornou um símbolo – "Minas é um coração de ouro num peito de ferro." "Muito difícil tinha sido aos paulistas descobrirem através das brenhas os vales auríferos de Itacolomi e do Rio das Velhas. Muito mais difícil ia sendo aos ingleses arrancarem o minério bruto de ouro a uma profundidade de dois mil metros abaixo da superfí-

cie." Examinando a definição célebre do professor Miguel Pereira de que o Brasil era "um vasto hospital", Augusto de Lima sustentou bastaria explorássemos as ricas jazidas de Minas para que a indústria próspera tonificasse a raça. E concluiu: "Vamos, Senhores, convertamos o vasto hospital numa usina metalúrgica."

Vê-se aí o gênio do poeta das *Contemporâneas*. O problema do Brasil, mesmo sob o ponto de vista sanitário, deve ser resolvido de um modo definitivo pela política de construção social e econômica. Tenho mostrado que o homem é um animal político que quando se isola se depaupera e atrofia. O problema do interior do Brasil é o de comunicação – pela educação – pelo transporte, pelo sistema bancário, pelo jornal, pelo livro, pelo rádio, pela cooperativa e pelo comércio.

Augusto de Lima estudou muito bem a figura de Evaristo, o organizador espiritual do equilíbrio que resistiu aos "embates em que se dividia a Nação nos dias agitados de 1831 a 1834". Nessas crônicas muito escreveu sobre mineração. A questão do aço também o preocupava. Toda a vez que ia a sua terra, Augusto de Lima deveria deparar as amostras das riquezas do subsolo de Minas. E vinha então chamar a atenção dos estadistas. Naquele tempo tudo poderia ser feito. Nada se fez.

A MISSÃO DOS INTELECTUAIS

Augusto de Lima, tratando do problema do ensino primário, foi dos que sentiram a importância da obrigação nacional de educar o homem do interior. Esse homem, apesar da sua simplicidade, é quem abre as terras do Brasil às novas culturas e é quem forma a riqueza que se atribui a imigrantes e industriais. O colono veio porque o homem da terra valorizou as plantações.

Atravessamos a crise que Augusto de Lima, na sua atividade parlamentar e jornalística, procurou evitar. A nacionalidade perderá seu centro de equilíbrio se não pudermos amparar os nossos patrícios do interior. Salvar essas populações, aparelhar o país para a criação de novas riquezas, estimular e não comprimir a produção e o comércio, a cultura científica, artística e literária, robustecer a pequena burguesia e dar operariado o lugar que lhe compete; ins-

truir, não pelas renovações catastróficas, mas pelo aperfeiçoamento contínuo, fazer da instrução tanto o estudo dos altos problemas humanos como o preparo técnico de cada lugarejo; proporcionar habitação sadia e alimentação nutritiva a todos, estabilizar a legislação para garantir o capital e o trabalho – eis as grandes soluções dos grandes problemas nacionais, além das que se enquadram nas nossas tradições constitucionais. Tudo isso depende de realizações; não de uniformização, mas de liberdade, não de centralização, mas de autonomia, não de isolamento, mas de comunicação.

A Academia pode, através dos prêmios Alves, ser um dos elementos primordiais dessa cruzada.

Aristóteles dizia que o homem luta mais pelo supérfluo do que pelo necessário. Quem carece do necessário não combate, atrofia-se. Por isso, o nosso homem do interior está quieto e não protesta.

Ainda este ano, a malária irrompendo, em centenas de municípios, dizimou milhares e milhares de patrícios nossos, e, sem um movimento de emoção nas grandes capitais. Quando nos centros mais ativos reclamavam trabalhadores para a lavoura, morriam de paludismo evitável milhares e milhares de brasileiros que não soubemos proteger e que seriam elementos de trabalho e produção.

A história da humanidade pode ser explicada pela luta entre o espírito de igualdade e os interesses da hierarquia. O fluxo e refluxo dessa concepção e desses apetites movem os indivíduos e as nações. Passamos agora por uma das fases mais violentas desse velho embate. Neste país de tão variados centros de povoamento e de atividades econômicas tão diversas – é necessário deslocar os choques para conservar a unidade. Essa tarefa nacional cabe aos intelectuais, aos homens de ciência, aos homens de letras.

Aqui não chegam os tumultos do dia. Aqui só interessa o que ficará na língua, nas instituições, nas obras-primas – patrimônio espiritual dos povos. Venho de uma casa, de um *Jornal* que, há mais de século, mantém esta imparcialidade esclarecedora, proclamando, através dos anos, o Brasil de sempre. Entro, portanto, agradecido e emocionado, neste recinto de seleção tranqüila, de perpetuação de glórias que não envelhecem e que são as forças eternas deste grande país, que precisamos fazer cada vez maior!

II

RESPOSTA DO SR. CELSO VIEIRA

SENHOR Vítor Viana:

Conta-se que um homem de Estado, em Londres, opinando sobre um homem de imprensa, rematara o elogio das suas qualidades amáveis com as seguintes palavras:

– Muito cortês, muito gentil. É pena tratar-se de um jornalista.

Ora, os jornalistas do mundo anglo-saxônio, que tanto admirais, ou do mundo neolatino, a que pertenceis, embora não se afidalguem todos como esse gentil-homem da publicidade, nem todos se imortalizem nas academias, são criaturas espirituosas, conscientes da sua força. Riram do menosprezo. E anos depois, abençoando os peregrinos do jornalismo, entre as formas e as cores da Renascença, no Vaticano, dizia-lhes Pio XI com a verdade infalível da Igreja:

– No século XX, meus filhos, São Paulo seria jornalista.

Assim, revivendo para o seu apostolado, São Paulo escreveria hoje os editoriais do *Osservatore Romano*, como traçava epístolas sublimes, outrora, aos Coríntios e Efésios. Não duvidemos. O lugar do evangelho e do sacrifício, da grande fé absorvente, da grande ação militante, conforme o Santo Padre, é no momento a boa imprensa, onde os pecadores se arrependem e se fazem apóstolos, à maneira de Saulo.

O JORNALISMO

Desse tumultuoso reino de evangelizadores e panfletários, catequistas e polemistas – o jornalismo – vindes para a serenidade acadêmica das letras.

No entanto, à Casa de Machado de Assis e Joaquim Nabuco, aureolada pelo sol de outros dias, não trazeis unicamente a febre da atualidade, que tudo empolga e acelera, tudo refaz e vulgariza. Polígrafo ajustado aos recursos da nova técnica e às forças do pensamento contemporâneo, sois deveras o simplificador e animador da vida corrente, o exemplo de valorização dinâmica da cultura, não perdendo um minuto do vosso horário nem uma parcela da vossa energia. Concebeis o mundo por instantâneos, abreviais em relâmpago o tempo. Mas a estirpe vos detém, por vezes, nessa rapidez ultramoderna, com o prestígio das sombras familiares, transmitindo ao publicista da vanguarda o culto de origens distantes ou imagens desfeitas.

Aluno do vosso pai, Dr. Araújo Viana, professor de História das Artes Plásticas e de arqueologia artística na Escola Nacional de Belas Artes, homem de raciocínio estético e severos princípios morais, aprendestes com ele a decifrar os epitáfios monumentais do velho Rio, descobrir no passado a beleza heráldica da *urbs* imperial, quase evanescente. Depois disso, ante a efígie do vosso bisavô, Marques de Sapucaí, reconstituístes a majestade crepuscular do Segundo Império com os mesmo ensinamentos paternos. A vocação literária despertou no âmbito das cousas extintas, na galeria dos vultos memoráveis. Quando o moço Vítor Viana surpreendeu os leitores d'*A Imprensa*, um dia, colorindo na minudência arqueológica dos seus comentários a máscara de uma cidade morta, já o espírito lhe andava, desde muito, seduzido pelo claro-escuro da tradição, pelo nevoento e difuso mistério das ruínas.

Seduzido, mas não subjugado, transpusestes pouco depois o limiar da cidade mágica de Osvaldo Cruz e Pereira Passos. Os elegantes do quatriênio Rodrigues Alves, que Bilac denominara os trezentos de Gedeão, inauguravam aqui o mundanismo europeu com outro guarda-roupa e outra linguagem. Fostes um deles, cronista de mundanidades em uma seção d'*O País*, britanicamente apurado no estilo e nas maneiras, exemplificando aos jovens tropicais a elegância *up to date* das rodas londrinas. Civilizava-se o Rio, binoculizado por Figueiredo Pimentel na *Gazeta de Notícias*. Janotas e casquilhos, peraltas e francelhos eram vocábulos mortos, espectros do glossário. Cada peralvilho de subúrbio, frisado pela mestiçagem, queria vestir-se como Brummel, conviva e modelo do Príncipe de Gales. Nascera das espumas de Copacabana ou do Flamengo a nossa primeira *miss* para os concursos de beleza. Paulo Barreto,

anunciando a era do automóvel, traduzira com urgência o *Leque de Lady Windermare*, e o vosso inglesismo de precursor da elegância carioca flamejava na seção d'*O País*. Não posso figurar-vos no começo da era automobilística, Sr. Vítor Viana, sem monóculo, polainas, um exemplar de guia da cidade e uma exclamação britânica, revendo as paineiras do Corcovado ou medindo a grandeza do Bico do Papagaio: *Very fine!*

Esse artificialismo, porém, fora apenas uma diversão fugaz da inteligência, adestrada pouco depois, em sérios estudos, para habitar e possuir maiores domínios: a *civitas gentium máxima* do Direito, a *urbs* imperatória da arte, a cidadela de ouro do capital e a cidade subterrânea do trabalho na economia política. Jornalista imberbe, vivestes o primeiro instante da metamorfose coletiva em crônicas de rua e de salão; pensador ilustre, amadurecido pela idade e pela ciência, passastes a viver fecundamente em livros e jornais, congressos econômicos e conselhos administrativos, as horas mais intensas do no Brasil-república. Só estas? Não. Também as horas dramáticas do novo ciclo internacional, desde 1914, o ano da vossa grande revelação estratégica, porque fostes na imprensa, a despeito do vosso feitio plácido, o homem revelado pela grande guerra, ao troar das bocas de artilharia pesada ou ligeira, descrevendo-lhe o cenário e os episódios, prenunciando-lhe as operações e o desfecho.

Certo, não vos elegeu o estado-maior das letras nacionais como professor de tática, ensaísta do belicoso gênero von Goltz ou von Bernhardi, nem divisareis na Academia um terreno propício à marcha das vossas colunas de aço, ao desdobramento das vossas cortinas de fogo. Mas na imprensa diária, em estado de guerra, a temerosa verdade é que ninguém poderia dar-nos, como fazíeis num artigo, o espelho incandescente das carnificinas. Sortilégio da vossa pena, faiscando entre as armas brancas ou negras, longe do canhoneio. E em estado de paz, jornalisticamente, poucos mestres rivalizariam com o autor dessas perfeitas sínteses, nacionais ou internacionais, tão vossas e tão inesperadas, quando pensamos naquele artífice da *nota social* d'*O País*, que desviara o carioca de francesismo para o anglicismo e impunha aos andarilhos o *footing*, enquanto não surgia no requebro dos nossos volteadores o *dancing*.

Se a especialização nos circunscreve ou nos caracteriza a individualidade, personificais a irradiação jornalística e enciclopédica de um povo através das letras, das artes, das indústrias, do comércio, da ciência econômica e da

ciência política, do nevoeiro e do labirinto sobre os quais nos ofereceis, cada manhã, a límpida imagem volante das anotações ou dos resumos.

Alcindo Guanabara, cuja ilustração era quase um sistema, objetou certa vez ao redator, que veio alegar-lhe o desconhecimento do assunto, distribuído para o comentário:

– "Ora essa! O jornalista foi exatamente feito para escrever sobre o que ele desconhece." A vossa concepção difere: o jornalista deve estudar sem descanso, a fim de produzir sem limite. Superprodução, nesse caso, pressupõe logicamente supernutrição. E devorais, por dia, não sei quantos volumes, em três ou quatro idiomas, possuindo como leitor os dois segredos de Camilo Castelo Branco: absorção infatigável, assimilação instantânea. Nem todos os papiros da biblioteca de Alexandria, queimada pelo vosso inimigo Eróstrato, saciaram a fome dessa espécie voraz...

Houve quem dissesse do erudito e arguto Remy de Gourmont:

– "Ele concentrou a inteligência de uma época..." Discordariam talvez os juízos. A inquestionável certeza, porém, é que ele fez a leitura de várias épocas e recolheu a ciência das cousas humanas para escrever na sua revista – o *Mercure de France*. – Nada vos aproxima da literatura gourmontiana, mas, recordando num sentindo menos clássico e menos crítico a variedade fascinadora das excursões intelectuais de Gourmont, desde a física do amor aos artigos sobre a guerra, quase estou a dizer, ante a policromia cultural da vossa tarefa de sociólogo, de economistas, de historiógrafo, que também folheastes a vetustez silenciosa de muitas bibliotecas e aprendestes cousas inumeráveis para escrever no *Jornal do Commercio*. Quantas lições improvisadas, ao apelo do telefone ou do telégrafo, nessa escola de publicidade universitária, brilhantemente regida por um dos vossos colegas da Academia, o Sr. Félix Pacheco! Mas nem todos sabem que, depois de José Veríssimo, como antes e depois de Medeiros e Albuquerque, vos coube no *Jornal do Commercio*, anonimamente, a formidável tarefa da crítica literária. Revoam-me aos olhos, de passagem, as folhas avulsas do livro sem fim, publicado o vosso nome. Escritores e poetas brasileiros, mesmo os poetas menores, não pagaram ainda, em recolhimento, o que vos devem como simpatia, compreensão, estímulo, apoio mental na penetrante análise das suas obras.

Dia a dia, o vosso espírito ilumina, em tipo miúdo, a colunata do órgão benemérito, advertindo, orientando, esclarecendo o Brasil. Que responsabilidade! Vai desde o relativismo de Einstein até à crônica musical, se o cronista adoece e as estrelas da ópera gorjeiam. Que dutilidade! Sob a monarquia, atribuiu-se ao *Jornal do Commercio* o destino de um ministério, e outro não é, ainda hoje, o ministério culminante da opinião pública no mais difícil dos governos – o das idéias sobre as massas. Esse governo representa, na vossa tribuna jornalística, um curso de aplicação dos princípios firmados na tribuna escolar de 1918. Orador da turma dos bacharelandos em Direito, o bisneto do Marquês de Sapucaí já situava os problemas nacionais com o mesmo tato, o mesmo *savoir faire* do estadista, cujo patriotismo saldou os compromissos financeiros da Independência e obteve o equilíbrio dos orçamentos, impossível milagre nos dias republicanos. Tecendo o elogio dos bacharéis, sob a láurea da formatura, observastes, então, literalmente, por atenuar o vosso panegírico e o nosso receio, que "muitos deles se fazem agricultores, industriais ou comerciantes... Benditos bacharéis!" Sim, devemos bendizer com o *mujik* Bondareff e o piedoso Tolstoi da fase rural todos quantos lavram a terra e amassam o pão. Mas a virtude específica do vosso discurso não foi o louvor dos bacharéis agrários. Foi a lucidez com que exprimistes o pensamento justo da nova geração: elevar o nível moral dos poderes públicos, enobrecer moralmente as instituições, cuidando sem cessar, as mesmo tempo, da higiene, do crédito, da riqueza, da instrução, do voto, da justiça, dos meios produtores e das armas defensivas, num sistema de realidades sociais e diretrizes correspondentes, firmadas pela técnica do Estado liberal. Nacionalizastes há dezenove anos, assim, o profundo conceito de Le Play: – "A geração que consegue dar ao seu país o pensamento justo, o pensamento coordenador do seu próprio destino, presta-lhe mais serviços do que lhe prestariam outras, anexando províncias inteiras."

O SOCIÓLOGO-ECONOMISTA

Semelhante justeza de pensamento, quer pela noção jurídica da ordem, quer pelo ideal progressista da unidade brasileira, já imortalizara a plêiade em que sobressaía o vosso egrégio antepassado, Marquês de Sapucaí, poeta das

Violetas e estadista da Regência, preceptor e conselheiro de Pedro II. O fidalgo do Império construiu e consolidou a sua obra no terreno das instituições, mas não quero lembrar senão alguns traços de espírito e cultura do retrato, que lhe fez o próprio descendente: – "Era tão sábio, escrevestes, quanto retraído. Poliglota, as principais línguas da Europa e todas as línguas antigas não tinham segredos para ele. Na sua biblioteca se encontrava de tudo e tudo lia e anotava. As perguntas por escrito que o seu imperial discípulo (Pedro II) lhe fez durante tantos anos... versam sobre os mais variados assuntos: questões de hebraico, de grego e de latim, de literatura moderna, de legislação, de prática administrativa ou de teoria política. Jornalista como Feijó... ele próprio escrevia em defesa do seu gabinete. Publicou então artigos que esclarecem definitivamente muitos episódios do seu tempo, das lutas da nossa unificação nacional e da formação econômica do país."

Atualizando-lhe a fotografia, distanciai-vos do conselho de Estado e das línguas mortas; imaginai com as suas perguntas infindáveis outro soberano – o público – em face de Sapucaí rejuvenescido, em frente à sua erudição, transportada para as colunas do *Jornal do Commercio*, e tereis aí o bisneto, Vítor Viana. Tereis no lugar do estadista, no próprio serviço do Ministério da Fazenda, o ensaísta do primeiro centenário da independência, que nos deu o – *Histórico da Formação Econômica do Brasil*. Agora mesmo, deveis sentir nessa continuidade ou metamorfose que o brasão e o solar da progênie se adornam com os lauréis da vitória acadêmica – a do escritor e do livro ardentemente consagrados pelo juízo de Coelho Neto. Recordemos no vosso triunfo as palavras de ouro do Mestre:

> Desde quando se dispersa em artigos de primoroso lavor, de fina observação crítica, de erudição vária e sempre profunda sobre os mais diversos assuntos o espírito formoso e dúctil desse escritor de raça? [...] dá-nos Vítor Viana [...], sob o título: *Histórico da Formação Econômica do Brasil*, uma verdadeira gema de alto valor intrínseco realçado pela forma lapidária na qual resplendem as múltiplas facetas do escritor, tão profundo no estudo quão brilhante na forma.

Assim vos enalteceu a forma e as idéias um príncipe das letras, mas deixemos o elogio ofuscante pela modesta impressão de um leitor. Considerado

o vosso livro em aspectos gerais, dir-se-ia que os indivíduos e episódios se apagam na urdidura magistral dos pensamentos: só deparamos aí, encadeados, fenômenos e causas; induzidos, princípios e leis. Tudo se encaminha para uma série lógica de teoremas e demonstrações. Pela primeira vez, mostrastes com o *Histórico da Formação Econômica do Brasil*:

– que as teorias mercantilistas indicaram aqui à metrópole um protecionismo traduzido em regime de proibição rigorosa;

– que o mercantilismo apressou o progresso da América, fazendo-a diferente, suplantado como foi ele, ao impedir no solo americano as culturas e indústrias européias, por diferenciações agrárias e extrativas da colônia, as quais substituíam os produtos do Oriente e nos asseguravam a clientela da Europa;

– que as doutrinas de Adam Smith e Jean-Baptiste Say precipitaram a independência do Brasil, como de toda a América, não tendo a nossa história crítica e sociológica, mesmo de leve, tocado nessa influência, antes do vosso livro. "A história tem sido feita erradamente, concluís, porque em geral os autores vêem homens, regimes, lutas, mas não vêem idéias, princípios."

Sob os princípios e as idéias, contudo, reaparece mais energicamente a vida em outras sínteses humanas.

Tanto pode a imaginação neste lugar, não obstante as fórmulas abstratas, que, a despeito de tudo, revejo nos capítulos do vosso grande livro, como reviu Wells na trajetória das civilizações, personificando-as, a complexa aventura emocionante de um homem, através do espaço e do tempo. Livre no seu deserto, o homem da era colonial é o demiurgo do novo mundo: sonho do Eldorado e caça de bugres, em começo; depois, lavoura extensiva na queima das florestas. Ele transplanta da madeira o canavial, de outras ilhas a pecuária, da África a humanidade servil. Faz do presídio o engenho, de algumas reses insulares o rebanho, do negro, do índio e da prole mestiça as cariátides fortes de uma sociedade cristianizada. O intercâmbio desenvolve-se para as suas capitanias, feudos mais tarde unificados, sob o vago absolutismo dos reis de além-mar. No século XVII já o homem brasileiro se define por sentimentos heróicos: o de expansão com que alarga o território, ao Sul, e o de nacionalidade que expulsa do Norte o holandês intruso; no século XVIII, após a descoberta das lavras de ouro e diamantes, ele centraliza a onda migratória, sangue e força plasmando o coração do Brasil. Impavidamente, segue o conquis-

tador da riqueza, através de canaviais apendoados, jazidas auríferas, cafezais sussurrantes. Como que em desafio ao poder metropolitano e ultramarino dos vice-reis, funda a nossa aristocracia territorial, dissipadora e escravocrata, não raro belicosa e altaneira, cujos filhos já instruídos, já diplomados por universidades européias, constituem, afinal, o espírito novo – espírito aberto no princípio do século XIX, por um lado, às ciências naturais e políticas de José Bonifácio, por outro, à ciência econômica de José da Silva Lisboa, espírito não só atraído pelas conquistas do Parlamentarismo Inglês, da Revolução Francesa e da Federação Norte-Americana, mas, também, amoldado ao liberalismo da escola clássica de Adam Smith e de Jean-Baptiste Say. Em 1808, com o Brasil-reino, esse homem coletivo obtém o franqueamento dos portos, a extinção dos monopólios, a liberdade plena das indústrias e do comércio; finalmente, com a independência, verá o predomínio do liberalismo econômico e social no seu país.

Mas poderia o homem brasileiro viver na terra natal sem decálogos próprios? Evidentemente, não. Se os idólatras receberam das mãos de Moisés, por duas vezes, os dez preceitos insculpidos em duas tábuas de pedra, é justo que ele possua, além de outros, o decálogo traçado no vosso livro à sociologia nacional: I. Não há raças inferiores. II. Não há climas hostis à civilização. III. A grandeza dos povos decorre da acumulação nacional de culturas antigas e estranhas. IV. A fortuna de uma nação depende do momento histórico, das condições do comércio mundial e do aparelho técnico. V. Os povos triunfadores são mesclados, possuindo cultura maior que a dos seus vizinhos. VI. O grau de civilização dos povos corresponde às culturas assimiladas e desenvolvidas por esforço autônomo. VII. Os fatores de riqueza variam na dupla escala da técnica e da permuta. VIII. A situação geográfica influi, desde que ela aumente as possibilidades naturais de intercâmbio. IX. O declínio das raças tem a sua causa no decrescimento do comércio e da cultura. X. A fortuna dos povos está subordinada ao equilíbrio jurídico e à disciplina das forças econômicas e sociais.

Nesta súmula de graves conceitos, luminosa e original, quando vos seria muito mais fácil copiar o esquema de Gobineau, o selecionamento de Lapouge ou mesmo o pan-germanismo de Chamberlain, esculpistes a tábua da esperança, a primeira lei moldada pela vontade enérgica do Brasil. Não me

associo de todo às vossas idéias: com os biologistas e os seus quadros, tenho a perdoável fraqueza de acreditar nas virtudes inatas da seiva e do sangue, na preponderância visível do cruzamento de tipos superiores em relação às plantas, aos bichos e aos homens. Deixarei intangível, porém, o vosso decálogo, sobreposto aos heptálogos ou dodecálogos com que os reformadores e os contemplativos brasileiros nos edificam. Uns e outros, sim: eu mesmo já perpetrei um decálogo tremendo, que os jornais divulgaram – o da república social de Alberto Torres. Não me arrependo. Entre os passadistas e os futuristas, não vai mal a um homem de letras, depois do meio século, esquecer Marinetti na Itália para imitar Moisés no Sinai. Claro está que os decálogos, com as suas generalizações, eternizam o debate das sinagogas e que só o primeiro deles, com os seus mandamentos, ainda constitui a base das sociedades para Le Play, a base da sociologia para Izoulet. Esse precursor gaulês do poder judaico-espiritual, composto de igrejas e universidades, propagando a sociologia *glorificada* e *santificada* por Zangwill na *Voz de Jerusalém*, a *sociologia filha do Decálogo*, sugere um golpe de Estado moral, um *dogma-fé*, um *decreto-lei*, como se diz agora, tudo isso para inscrever nas escolas da França, em grande livro aberto, desde a cimalha ao teto, os dez mandamentos da lei de Deus. Melhor seria que a humanidade os trouxesse, invisíveis, mas indeléveis, no sagrado recesso da consciência.

Sem golpe de Estado, permanecestes fiel ao vosso decálogo e publicastes, depois do *Histórico da Formação Econômica do Brasil*, em 1926, o *Banco do Brasil*, montanhoso volume de 1.036 páginas, onde o espírito pode fatigar-se, às vezes, mas donde se descortina, como nos alcantis, o círculo maior dos horizontes da nossa terra. Desde os tempos acadêmicos, Sr. Vítor Viana, a economia política foi sempre uma das minhas leituras prediletas, e o mecanismo dos bancos, descrito por Charles Gide, mestre da escola cooperativista, um dos meus enlevos de neófito desse curso. Nunca suspeitaria eu, porém, antes de ler o vosso trabalho, que a especialidade bancária pudesse arrebatar-nos aos cimos da própria ideologia nacional.

Civilizar é povoar, já o escrevera Alberdi, lançando as bases do federalismo argentino. Civilizar no Brasil é comunicar, pensastes, e através da barbaria, do caciquismo, da rotina, induzistes que "o problema do sertão é, antes de tudo, comercial e bancário". Para nivelar num plano de cultura e de rique-

za os centros isolados, a vossa física social retomou a lei dos vasos comunicantes. Os destinos do Banco do Brasil, poderoso instrumento desse método nivelador, identificam-se aí com os da pátria, e os deveres bancários são para ele dois imperativos nacionais: robustecer pelo crédito as atividades produtoras; valorizar o meio circulante pela metalização.

Se o tempo não me permite acompanhar-vos ao longo de 1.036 páginas, através de quatro Bancos do Brasil, devo inclinar-me perante a grandeza do último deles, ainda mesmo na fase insolúvel dos *congelados*. Deus lhe conserve a solidez e preserve o metal com que ele possa reerguer o câmbio e sustentar a moeda, empresa tão fácil, mediante a observância de alguns conselhos vossos, tão simples, ao Brasil econômico e financeiro. Somente, a facilidade e a simplicidade encantadoras dessas regras não acham neste país de financistas (por isso mesmo um país de finanças caóticas), o Estado e o indivíduo temperantes, cautelosos e comedidos, afeitos à parcimônia. Governantes e governados, somos todos mais ou menos pródigos, mais ou menos dissipadores e *deficitários*, como os senhores de engenhos, que o nosso André João Antonil, há 224 anos, bem contados e mal vividos, repreendeu na *Cultura e Opulência do Brasil*:

– "Cavalos de respeito mais do que bastão, charameleiros, trombeteiros, tangedores, e lacaios mimosos não servem para ajuntar fazenda, mas para diminuí-la em pouco tempo, com obrigações e empenhos. E muito menos servem as galas, as serpentinas, e o jogo. E por este caminho alguns em poucos em poucos anos do estado de senhores ricos chegarão ao de pobres, e arrastados lavradores, sem terem que dar de dotes às filhas, nem modo para encaminhar honestamente os filhos. Mau é ter o nome de avarento: mas não é glória digna de louvor o ser pródigo." Com essa prodigalidade vimos sumir-se o ouro colonial; revemos o Brasil financeiro, sob o aspecto ibseniano das grandes casas endividadas. Aliás, na passagem da ordem econômica à ordem moral do vosso livro, não faltam exemplos de sobriedade, equilíbrio e ponderação, consubstanciados nos valores e nas virtudes da *elite*, que, antes e depois da Regência, desde a infância até a velhice de D. Pedro II, patriarca e soberano, modelou e enriqueceu o Brasil, instituiu o ensino, a literatura, os símbolos e as concepções originais da nossa História, delimitou as fronteiras do Prata, expandiu as culturas agrárias, ergueu a monarquia liberal e estável, quando o

furioso tropel do caudilhismo ressoava nas fronteiras. Esperemos que a ciência da conduta, a disciplina do caráter, o desenvolvimento da opinião pública e o eugenismo ascendente da raça em tipos mais nobres recomponham soberbas *elites* nacionais.

O LIBERAL-DEMOCRATA

Dessa ordem moral do *Banco do Brasil*, contado um lustro, evolveis para o novo direito público, e os vossos trabalhos sucedem-se agora como revelações da arte de legislar num ciclo tempestuoso. *Uma Constituição do Século XX* (o Código de Weimar e a moderna Alemanha); *A Nova Constituição Espanhola* (Liberalismo-democracia); *A Constituição Inglesa* (O liberalismo e os partidos políticos); *A Constituição Austríaca* (A nacionalização do poder e a representação de classes); *O Regime Fascista e a Democracia* (A utopia reacionária e as realidades brasileiras); *A Constituição dos Estados Unidos* (As lições de uma longa experiência. Federalismo norte-americano e federalismo brasileiro).

Compreendestes que era tempo de lançar nas alturas da inteligência um protesto, sem dubiedade, contra os poderes ilimitados e opressores, o extremismo nacional da direita e o extremismo internacional da esquerda, a velha ditadura dos ricos e a nova ditadura dos pobres. As vossas monografias admiráveis, onde o pensador investiga e resume o Direito Constitucional de vários povos, não desenvolvem apenas teses versadas com autoridade por um jurista-sociólogo, orientado excepcionalmente no dédalo ou no turbilhão, que é o mundo europeu-americano, depois da grande guerra. Além do professor, dissertando sobre a matéria do curso, há em quase todas essas páginas o lidador, batendo-se pela sua doutrina, pelo seu ideal, pela sua fé – o liberalismo – com inesgotável, redobrado vigor expositivo e demonstrativo.

Embora me seja impossível pormenorizar convosco todos os movimentos e conquistas liberais, desde as origens anglo-saxônias e multisseculares da Magna Carta, deferida no século XIII, bem podemos encontrar-nos os dois, Sr. Vítor Viana, à sombra dos vossos livros, após a Reforma, a Renascença e a Revolução Francesa. Que avistamos nos fundamentos e nas culminâncias da cidade moderna senão a batalha do espírito livre, em sucessivas gerações, con-

tra o feudalismo dos nobres, o dogmatismo dos padres, o absolutismo dos reis, e agora o capitalismo dos plutocratas? É lutando pelos direitos do homem, sobre a ruína de privilégios inumanos ou de autocracias degradantes, que se elevam as sociedades, emancipadas, na relatividade necessária do seu aperfeiçoamento, na consciência iniludível das suas limitações. Mas nesses limites, gradualmente afastados, vemos elaborar-se todo o progresso das ciências positivas, da filosofia crítica, das artes, das indústrias e do comércio, difundir-se o império de todos os valores máximos – higiene, instrução, beleza, conforto e solidarismo, – através do mundo ocidental, cujas formas políticas se renovam e se democratizam com incessante energia no século XIX. O coro popular, segundo a frase do eminente Bourdeau, ocupa daí por diante a boca da cena. – "Os antigos protagonistas, reis, ministros de Estado, cingem-se agora ao papel subalterno de intérpretes da sua vontade." E a vida moderna, como os novos bens desconhecidos pela multidão servil de outras épocas, é uma conquista dos liberais – a sua dádiva ao futuro. Como já o dissestes, eloqüentemente, e apraz-me repetir nesta imperfeita democracia sul-americana, o liberal da escola inglesa é sobretudo um homem de consciência: – "Sendo rico, deu direito ao pobre; sendo nobre, reconheceu a força do povo; sendo anglicano, proclamou a liberdade das outras igrejas; sendo produtor, votou a liberdade de comerciar e de produzir [...] Nunca foi um egoísta. Despertou o povo, os povos, as raças para reivindicar os seus direitos."

Sim, tendes razão: com o exemplo dos Estados Unidos e os princípios de 89, foram despertadas as populações da América do Sul por essa voz libertadora, esse *fiat libertas*. Já o sentimento da autonomia pessoal, desconhecendo na América inexplorada as mesmas restrições de vassalagem, andara sempre unido às aventuras ou descobertas da nossa imensidade. Mais tarde, o espírito da independência brasileira aprende a ler, politicamente, folheando os textos do liberalismo ocidental, e a nossa democratização é bem o fenômeno de cultura das *elites*, que tiveram por mestres os publicistas, os economistas liberais, impregnados como estavam de Blackstone e Adam Smith os *leaders* da monarquia, de Bryce e Hamilton os da república, uns e outros embebidos no parlamentarismo inglês ou no federalismo norte-americano.

Historicamente, sempre nos foi odioso o cativeiro em qualquer das suas formas. A liberdade tinha o valor de uma palavra mágica nas revoltas

coloniais do Norte e do Sul; fizemos da emancipação dos silvícolas e dos africanos duas longas cruzadas; batemo-nos contra as ditaduras hispano-americanas; despedimos do governo os heróis, que se colocavam fora da lei; execramos ainda hoje o poder pessoal de oligarcas e tiranetes, caciques e interventores. Nada subleva tanto o coração brasileiro como o arbítrio de um homem, civil ou militar, sobre a existência dos seus concidadãos.

Em boa hora, num país de tradições e estatutos, sentimentos e campanhas liberais, insurgiu-se a vossa mentalidade contra o erro das ideologias extremistas, mais ou menos desvairadas no caos revolucionário. Se o egocentrismo capitalista vai sendo condenado por toda a parte, e a humanidade sedenta de justiça nos envolve como a atmosfera ou nos arrasta como o planeta, encadeados por lei de gravitação irresistível, não foi essa conseqüência humanitária da própria democracia, quer pelo industrialismo assoberbante, quer pela força representativa do voto popular? O estado de saturação democrática, em países modelares a exemplo da Grã-Bretanha, quase determina um estado de socialização econômica indireta, mas incontestável, sem catástrofes, sem horrores, evolutivamente, pelo jogo das atividades legais. Todos querem ali maior justiça no direito das coisas; ninguém aceitaria menor liberdade no domínio inviolável das pessoas. E como se define a alma jurídica do Brasil, desde as nossas origens, sob o influxo de tais princípios, não concebeis que ela se desintegre e resvale, ensandecida ou fanatizada, para a intolerância demagógica do Estado totalitário ou do Estado proletário, modalidades do pseudo Estado novo, o mais obsoleto dos Estados, com ilusórias vestimentas hodiernas, patenteando no mecanismo da sua economia dirigida, no seu exclusivismo partidário, na engrenagem do seu aparelho marcial e compressor, tantas outras variantes do poder absoluto, inerentes à barbaria, incompatíveis com a civilização.

Porque a civilização moderna, conforme evidenciais aos leitores (e deviam ler-vos com afinco, a esta hora, todos os jovens brasileiros), não se arraiga solidamente fora da liberdade. Ainda que ela conserve os instrumentos da riqueza, manejados pelos autômatos da tirania, e as aparências de um progresso quimérico ou de uma paz vacilante, sob o terror, nada supre a falta dos valores morais, dos atributos perdidos com a liberdade de consciência, de pensamento, de manifestação oral e escrita. Se o estado de necessidade ou

anarquia das massas, após tremendos flagelos, ocasiona regimes de exceção, volta o espírito livre a irradiar, cedo ou tarde, sobre o rumo dos grandes povos. Quando os facciosos ou os pedantes vos dizem que não há lugar no mundo para os liberais, abris o mapa-múndi, em resposta, e apontais serenamente a Grã-Bretanha, a França, os Estados Unidos, a Suíça, a Holanda, a Bélgica, e os países escandinavos, os domínios britânicos, a geografia das terras civilizadas. Abris uma por uma as constituições da nova Europa e assinalais a vitória do liberalismo em todas elas. Máculas do Sol não o degradam; eclipses do Sol não o apagam na trajetória infinita.

Experimentando a crise universal, mas desconhecendo as crises orgânicas do pauperismo, da guerra e da superprodução, a fereza e a inveja exacerbadas na luta das classes, os temores e as catástrofes sociais, que impeliram outros povos à renúncia da liberdade, não voltemos os olhos, hipnoticamente, para a extrema direita ou a extrema esquerda, tanto vale dizer para os ciclos pretéritos e as formas extintas, ressuscitadas por demagogos e autocratas. Olhemos convosco a civilização, da qual nasceu o Brasil, e a democracia, em que ele trabalha e espera. Se há princípios de socialização nacional, unificadores, que me apartam dos vossos conceitos ultrafederalistas, posso deixar-vos o meu irrestrito aplauso em outro domínio, onde o liberalismo e o socialismo não se entrechocam, valendo o primeiro como força de inspiração ideal, o segundo como força de inspiração prática, no dizer de Carlo Roselli. Humanamente sentimos que a liberdade é o supremo direito, adquirido pelo sacrifício de outras gerações, exercitado no âmbito das leis para o nosso próprio desenvolvimento coletivo, de sorte que o destino dos indivíduos autônomos, não obstante a hierarquia necessária, se revele em cooperação fraternal. Ainda somos dois liberais, Sr. Vítor Viana, enquanto não sois único, recitando alguma tradução, mais ou menos livre, dos vossos queridos alexandrinos hugoanos:

Não restam senão mil? Lutarei, sobranceiro.
Cem? Desafio ainda o tirano e os escravos.
Se apenas somos dez, sou o décimo dos bravos.
E, quando houver só um, serei o derradeiro.

Assim o último dos civilizados acabaria, com as formas superiores de coexistência jurídica, no isolamento do seu desterro. Entre os perigos de que se rodeia, a civilização já foi comparada a uma ínsula, batida pelo oceano tempestuoso. Configurando nela um arquipélago, não ficaríamos longe, talvez, da realidade atual: dessas ilhas encantadas e efêmeras, como as civilizações do Egito, da Grécia e de Roma, abismam-se umas no escarcéu da mesma barbaria, alteiam-se outras na explosão dos incêndios, outras acendem faróis tremeluzentes, sob um velário de brumas, ou apenas emergem das ondas procelosas. Entre o nevoeiro dessa perspectiva e o sobressalto deste momento, assistimos convosco "ao maior embate da História".

Estaremos acaso na iminência evocadora de uma daquelas culturas perdidas, amortalhadas para os vastos campos de ruínas, sobre os quais desfilam hoje, nebulosamente, os fantasmas da literatura alemã de Eugen Georg? Prefiro deixar aos necromantes literários o caminho das necrópoles e ater-me à clareza dos sistemas de lógica. Nem sempre devemos tomar os vocábulos progresso e progressividade, já ensinou Stuart Mill, como sinônimos de aperfeiçoamento e de tendência à perfeição. Bem pode acontecer que as leis da natureza humana determinem certos desvios, certas mudanças aparentemente inexplicáveis do homem e da sociedade ou mesmo necessitem de tais imperfeições. Para outros pensadores ainda mais reservados, ante as lacunas da nossa perfectibilidade, há tanto progresso como regresso na evolução dos grupos humanos e o eterno conflito do homem com a Natureza, com os semelhantes e consigo próprio faz de cada período um tormento coletivo. Esperemos com Stuart Mill, porém, que se defina a tendência geral para um estado de maior liberdade e perfeição.

Lá fora as ondas rebentam, acachoantes e ameaçadoras. Mas no embate ainda sobrepairam, como sentistes, as idéias em que se cristaliza tudo quanto repassa de fraternidade, justiça e doçura o coração dos homens – as graças helênicas, o cristianismo, a filosofia clássica e a filosofia moderna, a solidariedade humana, a democracia liberal, o socialismo construtor. Lidando por elas, assegurais em meio da batalha que a civilização há de triunfar, sob as asas dessas vitórias incruentas. E para o vosso triunfo pessoal, desde já, ilumina-se a Casa de Machado de Assis, eminência das letras, instituto e ofício de homens livres, pois que os fundadores desta Academia, definidos pelos seus ideais,

não compreenderiam o culto da arte sem a paixão da liberdade, comunicada ao espírito moderno, em vibrações de oratória fremente da *ágora*, pelo gênio estético e social do povo ateniense.

AUGUSTO DE LIMA

Ocupais neste momento a poltrona deixada por Augusto de Lima, o extraordinário poeta das *Contemporâneas* e dos *Símbolos*, das *Laudas Inéditas* e de *S. Francisco de Assis*, em verdade um grande poeta, que foi um espírito liberal, como o vosso, por vezes militante, por vezes organizador, invariavelmente fecundo, e que viveu dentro do corpo mais robusto a mais enérgica das vidas na magistratura, no professorado, no jornalismo, na política e no governo da terra natal.

Remontando pela ascendência à bandeira dos sertanistas e desbravadores, cuja intrepidez varava as brenhas, feria os montes, em busca das lavras auríferas ou dos ribeirões por onde faiscassem diamantes, ele nascera montanhês, perto do rio das Velhas, entre as baraúnas seculares, quase predestinado à mesma velhice alterosa, orgulho de uma selva ou de uma pátria. Homem das serranias, como que a Natureza lhe vincara o tipo moreno, ao sol dos chapadões, na rigidez informe do sílex ou do ferro, escondendo as cintilações de ouro e cristal da sua magia interior. Ele ouvira na infância as lendas minerais do Brasil subterrâneo e o pausado canto monótono dos bateeiros, que esfarelavam a ganga bruta nos morros do planalto de Congonhas do Sabará ou o leito de cascalho virgem dos rios, à cata de metais e gemas. Quando menino, andara léguas de sertão, cada manhã e cada tarde, por soletrar num banco de escola, remotíssima, o alfabeto do idioma português. Subiu para as letras e para a glória: formigão do Colégio Caraça, o seminarista fez-se mestre de latim e eloqüência; calouro em São Paulo, tornou-se mestre de Direito e poesia, celebrado nove anos depois do *trote* acadêmico, em 1887, no esplendor meridiano das suas *Contemporâneas*, por Teófilo Dias e Raimundo Correia, Lívio de Castro e Araripe Júnior.

Descendente de mineradores, garimpeiro ele próprio dos arquivos mineiros, como historiógrafo, a rebuscar e extrair o minério precioso das suas datas, esse homem dos alcantis foi acima de tudo um poeta, sentindo e pen-

sando harmoniosamente o universo. Transposta a meninice, o pequeno andarilho dos sertões, crescendo, iniciado agora no latim do poema *De rerum natura*, sistema de átomos do cosmo e de forças do gênio, andava léguas de caminho estelar, pelos visos da inspiração lucreciana, com a musa dos campos nativos, donde borbota ainda hoje uma cascata de ouro para o Brasil. Musa sombria chamou-lhe Augusto de Lima; sombria e grave, por vezes, foi chamada também a de Lucrécio; mas ambas esplenderam pelas imagens e pelos ritmos, guardadas as necessárias proporções, entre o poema da Natureza e a *ilha de coral* do nosso poeta, o cenário de uma cordilheira e a miniatura da Lagoa do Prata, ondeando ao vento, sob os leques das suas palmeiras aquáticas e esbeltas.

Alma lírica, perpetuando a emotividade criadora de arte, em face do mundo e através da vida, exaltada pelo sonho; alma panteísta, reconstituindo por estrofes a "unidade concêntrica dos seres" e o misterioso processo de transformação universal, Augusto de Lima não reviu, contudo, nesse panteísmo o seu destino, como Lucrécio não achou no epicurismo senão a tristeza, que lhe sugere na desordem atômica do mundo e na degradação da matéria a fuga dos seres mortais, em ciclos dolorosos:

Sic rerum summa novatur
Semper, et inter mortales mutua vivunt.

O autor das *Contemporâneas* plasmara em vibrantes composições a poesia científica e a poesia social. Mas no liminar do século XX, quando as ciências vitoriosas culminavam, o poeta dialogou com a esfinge – Psique intraduzível no reino dos sábios, que lhe não decifram jamais o enigma. Salteada pela dúvida, entretanto, a sua mentalidade não se regela: o pessimismo dele, como o dos fortes louvados por Nietzsche, prende ao arco a seta de ouro apolínea do meio-dia e ei-lo fremente de coragem, dizendo à vida: – sim! à morte: – não. Desiludida em face dos seus ídolos, ao entardecer, a musa de Augusto de Lima ainda retém nos olhos magnéticos a luz impagável da mocidade, na lira os acentos com que poetizara o dever, a justiça, o bem, a concórdia, o trabalho, o amor universal. E ao cair da noite, enfim, perpassa nas sombras como Belkiss, pelo deserto, com os tesouros, e perfumes, e segre-

dos de rainha lendária, que volta da magia para o desencanto, do noivado para o isolamento:

Sangrei meus lábios de beijar quimeras;
cegos de ver miragens tenho os olhos,
e de abraçar o vácuo os braços rotos!

Cedo ou tarde, porém, todos encontram a sua Beatriz Teológica (dizia Eça de Queirós), mesmo na poeira do *boulevard*. Senhor da métrica e da música, temperamento auditivo da família sonora de Orfeu, o poeta brasileiro encontrou-a no caminho dos heróis e dos cisnes – *Lohengrin* ou *Parsifal*. Subjugou a crise pessimista num trecho de ópera lírica – um daqueles trechos wagnerianos, que ele gostava de cantar aos amigos, em surdina – e evolveu para o misticismo do poema final – *São Francisco de Assis* – com a melodia simples e casta da hiperdulia:

Santa Maria dos Anjos,
Mãe de Deus, Nossa Senhora,
da Porciúncula alma e luz;
sê do poeta inspiradora,
embebe-lhe o estro na aurora
do doce olhar de Jesus.

Nessa claridade e nesse misticismo de aurora cristã, despediu-se dos nossos corações Augusto de Lima, como viajante madrugador, que se alongasse da terra, modulando o Cântico do Sol no seu derradeiro alvorecer. Até aos setenta e cinco anos de idade, foi sempre o mesmo andarilho matinal das eminências, bravo e rijo companheiro, que parecia esquivar-se ao tempo e rejuvenescer, mais alegre cada manhã, para inveja das sombras efêmeras e das vidas crepusculares. O poder do talento, da memória e da vontade enobrecia-lhe a robustez, verdadeira blindagem natural de um atleta, já intelectualizado pela cultura e ungido pelo cristianismo. Relembrando-lhe o vigor e a alegria, escreveu Humberto de Campos: "[...] estávamos certos de que ele viveria um século." Por mim, esperava que ele tivesse a lira encordoada para dois séculos har-

moniosos. Ai de nós! Cronos é um deus inexorável, e Augusto de Lima partiu mais depressa do que supúnhamos, depois de haver glorificado nas alturas o Sol e entre os homens a liberdade contra o absolutismo, que se engrandece com toda a pequenez ambiente, diminuindo os seus tristes vassalos:

Tu, Liberdade, não! Planeta sempre novo,
tens o engaste no céu da consciência humana;
por isso, a tua luz serena e soberana
se eleva tanto mais quanto mais alto é um povo.

Ao insigne poeta da liberdade, fonte de renovação histórica, nascente de glórias artísticas, sucede aqui um dos mais fortes e destros paladinos da nossa democracia. Neste recinto das belas formas literárias, servidas e amadas por todos nós, podeis igualmente acompanhar-nos, Sr. Vítor Viana, laureado como os demais no mesmo culto, representando contra os embustes e espectros, que passam com o despotismo, a beleza suprema das idéias liberais, que vencem e ficam.

Discurso do
SR. MÚCIO LEÃO

e

Resposta do
SR. A.J. PEREIRA DA SILVA

Sessão solene extraordinária
do dia 16 de novembro de 1935

I

DISCURSO DO SR. MÚCIO LEÃO

MEUS Senhores,

Aqui estou, porque me chamastes. Mas, se me chamastes, foi porque solicitei o vosso apelo. Sou, na vida, apenas escritor. Sempre o fui. Sinto que o hei de ser através de toda a existência. Se há, portanto, em meu país, uma instituição que congregue os escritores, a ela devo e quero pertencer.

Não procureis descobrir, nestas palavras, um documento de vaidade estulta. Bem reconheço o nada que sou. Mas sei, também, que há aqui lugar para todos, ainda para os mais modestos. Não vos posso prometer a radiação do talento, a solidez da sabedoria. Uma cousa, porém, vos prometo: é a boa vontade na colaboração que hei de dar aos vossos trabalhos, o entusiasmo confiante do soldado que, anônimo, combate na fileira. Esse soldado sabe, sem dúvida, que o destino jamais lhe dará o fulgor das estrelas do generalato... Mas, ainda assim, sorri, deslumbrado, para aqueles que souberam conquistar essas estrelas. E, sendo obscuro, exalta-se na glorificação dos que as merecem.

"Homem, *símbolo da eternidade aprisionado no tempo*, não são teus trabalhos – todos mortais, infinitamente pequenos, o mais importante dos quais não é talvez maior do que o mínimo deles – senão somente o espírito com que realizas, que pode ter algum valor e alguma duração!" – Isto exclama Carlyle, em palavras de consoladora sabedoria. E se quisermos buscar nos livros santos a exaltação dos trabalhos dos humildes, havemos igualmente de encontrá-la.

Lembro-vos, por exemplo, aquela piedosa lenda que narra a história do jogral de Nossa Senhora. Era um pobre homem, que não tinha riquezas, nem letras, nem talvez sabia dizer as orações. De seu, só possuía a arte grotesca de dar saltos. Pois era essa a maneira que ele tinha de glorificar a Virgem que idolatrava. Diante da imagem de Maria, punha-se a fazer as suas cabriolas. E fazia-as tantas vezes, com tanto entusiasmo de amor, que, ao fim, cansado, caía, desfalecido, sobre o solo. E a lenda informa que, comovida pela oferenda modesta, a Virgem descia do altar, e vinha beijar a fronte emperolada de suor do seu jogral.

Essa lenda é cheia de significações. Ela indica que também o trabalho dos humildes tem beleza e valor, desde que tenha sinceridade.

A ARTE E A PRIMEIRA PESSOA

Estou certo de que o hábito de falar de si próprio está entre as cousas mais antipáticas que um escritor pode fazer. Somos muito ingênuos em nossa vaidade, e chegamos facilmente a crer que constituímos o centro do mundo. Quantos de nós não acreditarão que é por sua causa que giram as estrelas nos espaços, que foi por sua causa que a criação toda se fez!

Esse hábito de falar de si é nocivo e perigoso. Em uma página de evocação, refere Gide que, pouco depois do famoso processo de Londres, foi procurar Wilde. O escritor inglês estava a findar os dias. Não havia perdido, na prisão, o fulgor do espírito, nem aquela graça que iluminava tudo o que lhe vinha da alma ou lhe nascia no cérebro. Os dois amigos falaram de mil assuntos, das coisas felizes ou melancólicas da vida, do sofrimento e da arte. Por fim, Gide ergueu-se para a despedida. E, ao dar-lhe a mão para o aperto fraternal, Wilde disse: – "Ouça, meu caro amigo... Quero que você me faça uma promessa..." E, depois de se referir ao aparecimento recente de *Les Nourritures terrestres*: – "É um livro muito bom... muito bom... Mas... prometa-me: agora nunca mais escreva – *Eu*..." Como percebesse que Gide o não compreendera, acrescentou: – "Em arte, você bem sabe, não existe a primeira pessoa..."

Eis o conselho de Wilde. Esse conselho era, talvez, ainda, uma forma de reação. Era a reação inconsciente contra a Inglaterra, cujo idioma levou até à obsessão das maiúsculas a tirania da primeira pessoa.

Seja como for, o hábito de falar de si é um mau hábito. Absolvem-me, porém, as circunstâncias excepcionais deste dia. Um discurso de recepção de Academia é como um exame de consciência literária.

Perdoai-me, pois, se vos digo alguma cousa de mim.

HUMILDADE ESPIRITUAL

Bem sei que as Academias são as vítimas constantes da malícia humana. Ser-nos-ia fácil, se quiséssemos tentar o trabalho, organizar uma pitoresca antologia de epigramas; e nessa antologia veríamos bem refletido o pouquinho que somos e o pouquinho que valemos.

Mas a verdade é que, não obstante todas as chufas e todos os doestos, as Academias vivem e prosperam por toda a parte. E em todos os países vão-se criando institutos dessa natureza, aos quais, como à Academia Francesa, como à Academia da Itália, como à Academia da Espanha, como à vossa Academia, cabe a tarefa de proteger um patrimônio precioso de cultura e gênio, cabe o dever de zelar, no meio de mil transformações inevitáveis, por uma cousa que deve ser una e eterna: o espírito de um povo. No Brasil vós já tendes evidenciado essa faculdade de conservar, entre transformações às vezes perigosamente rápidas, o patrimônio da tradição inviolada. Comparai, por exemplo, a solidez que conservais entre as borrascas que têm agitado a nacionalidade, com a precária resistência que a essas forças desencadeadas têm podido opor as instituições e as corporações de natureza política; e vereis que é convosco que está a segurança das tradições brasileiras.

Esse grande papel – o de ser o abrigo em que possam remanescer as idéias e existir, tranqüilas, as formas, – é que eu reivindico para vós, meus Senhores. E foi porque o sentia, e porque ambicionava colaborar convosco nessa tarefa útil, que desejei vir para a vossa companhia. Foi por ele que vos solicitei a honra de sentar-me ao vosso lado.

Não acrediteis que me tenha movido algum impulso de ambição descabida, ao volverem-se os meus olhos para o portal de vossa Casa. Não no acrediteis. Todo aquele que ambiciona uma Cadeira de Academia comete um ato de humildade espiritual. O gênio é, por sua natureza, áspero e solitário. Ele caminha isolado, e em si mesmo encontra a sua força e o seu calor. Nós

outros, aqueles que sabemos medir o nosso limitado poder e sondar o nosso limitado horizonte, nós é que sonhamos com o grupo e a companhia. As águias voam solitárias; as andorinhas é que voam em bando.

VOCAÇÃO LITERÁRIA

Escritor sempre fui... disse-vos há pouco.

E, realmente, Senhores, no mais fundo das minhas reminiscências, vejo-me solicitado pela força da irresistível vocação que hoje me trouxe até aqui. Adolescente, o meu divertimento favorito era escrever versos, a minha preocupação predileta era compor páginas de prosa. Uma pequena coleção de alguns volumes foi elaborada desse jeito, pelo menino cheio de sonhos, e, ai de mim, cheio já das angústias da criação literária. Muito desses trabalhos eu os guardo ainda hoje. São como velhos túmulos familiares, em que dormem os restos do sonho de um amigo distante e inocente. É natural que eu os ame.

Remontando a esse tempo, no qual eu não teria mais de treze anos, encontro as minhas primeiras ambições de vir a ser um dia acadêmico. Aquela era a fase em que, dirigido pelo incomparável mestre que foi João Ribeiro, aparecia, no Rio, todos os anos, o *Almanaque Garnier*. Era, como sabeis, uma publicação preciosa, cheia de informações científicas e literárias. Entre os assuntos que habitualmente acolhia, João Ribeiro, punha sempre a Academia Brasileira. Notas, informações, fotografias de acadêmicos, ali surgiam. Longe, no meu quarto de estudante, eu recortava essas notas, essas informações, essas fotografias. Cheguei a organizar, assim, uma galeria interessante. Quase vos digo que consegui antecipar de alguns anos o trabalho de elaboração do *Anuário Acadêmico*, que hoje publicais.

Para esse entusiasmo infantil pela Academia creio que contribuíram três elementos. Foi, primeiro, a leitura das *Páginas Escolhidas da Academia Brasileira*. É uma excelente antologia, organizada ainda pelo benemérito Confrade, cujo nome tive há pouco a honra de declinar. Li-a ainda nesse primeiro alvorecer das impressões espirituais, nessa révora da imaginação em que tudo é claridade, em que tudo se grava para sempre. Foi ali que primeiro encontrei a alma estrelar de Raimundo Correia. Foi ali que primeiro compreendi a arte sutil de Afonso Arinos. Foi ali que primeiro ouvi ressoar a lira

cheia de ternuras e harmonias de Olavo Bilac. Foi ali que primeiro amei a sensibilidade delicada, sinuosa e diluída em amarguras de Machado de Assis.

O segundo elemento que me trouxe o interesse pela Academia foi o *Canaã* de Graça Aranha. Lembro-me do exemplar desse romance que existia em minha casa. Alguém, entusiasta do escritor, lera-o antes de mim. E, para fixar a sua admiração, marcara a lápis as margens do livro. Isso me tirava um pouco o sabor da leitura. Mas, ainda assim, eu me embriagava de delícias ao ouvir as divagações filosóficas de Milkau e Lentz, embalava-me num amor comovido por Maria. E ainda hoje a música do estilo daquele escritor prodigioso canta, sonora, em minha sensibilidade.

O terceiro elemento de minha vocação acadêmica foi Joaquim Nabuco. É ele o grande homem da minha terra, o herói belo, generoso e legendário do meu povo. Comove-nos, a todos nós, olhar a figura clara desse Apolo, filho dileto da aristocracia, que se desfez de todos os privilégios da sua classe e desceu até às senzalas podres onde agonizavam os negros. E desceu para amá-los, e desceu para consola-los, e desceu para redimi-los. Há, na *Legenda Áurea*, uma figura singularmente piedosa e doce. É a de São Cristóvão. Forte, destemido, hercúleo, formoso, Cristóvão desdenha da glória e renuncia às ambições brilhantes. Por amor à humanidade, entrega-se a um mister humilde: vai morar à margem de um grande rio, para ajudar os viajantes que precisarem de atravessá-lo. Apoiado ao bordão, toma nos ombros de gigante todos os peregrinos que querem ir para a outra margem da corrente. Em minha imaginação, eu vejo Nabuco feito uma espécie de São Cristóvão do Brasil. Foi ele o gigante benfeitor que, tomando aos ombros possantes a raça negra, a conduziu da margem tormentosa da escravidão até à margem resplandecente e florida da liberdade.

MEU PAI

Quando comecei a sentir a vida e a compreender as coisas, a atmosfera que me cercava era de ardente amor por Joaquim Nabuco. Perdoai se, neste momento, interrompo o fio da minha oração, para evocar a figura de um homem que nunca esteve entre vós, que viveu no alheamento de todas as

ambições e de todos os sonhos de glória, mas que fez da vida o ininterrupto aperfeiçoamento do trabalho e da cultura.

Meu pai, Senhores, sempre viveu afastado de quaisquer competições políticas, todo entregue à encantação infinita dos seus trabalhos filosóficos. Era, porém, um espírito impregnado do mais profundo liberalismo. Abolicionista e republicano durante a mocidade, conservou até à velhice o culto das doutrinas humanitárias, que os teóricos da Revolução Francesa lhe tinham deixado impressas na consciência. Num volume de estudos filosóficos, publicado nos começos do século, ele doutrinava, numa reflexão que me parece fecunda: "Do coração humano sobe ao cérebro e do cérebro desce ao coração o grito contra a escravidão, qualquer que ela seja." E com estas palavras acentuava a sua fidelidade às lições dos mestres, os juristas de todos os tempos: "A força que secunda um direito é também um direito. Quando a humanidade compreender isto, o equilíbrio do direito trará o equilíbrio das forças." Foi essa alma banhada do mais ardente zelo pelos heróis do pensamento audacioso que me ensinou a amar Nabuco.

Juntamente com esse amor à liberdade, ele me incutiu no espírito, desde os meus primeiros alvores de consciência, o amor pela meditação e pela sabedoria. Dele é que trago essa incapacidade sem remédio para as coisas práticas, esse amor à indolente contemplação, que tanta vez me tem levado a compreender que sou um deslocado neste nosso mundo pragmático de hoje.

Professor de Filosofia na Faculdade do Recife vivia ele para a única delícia das suas cogitações espirituais. Muita vez me insurgi contra as divindades do seu culto, que tanto lhe exigiam e tão pouco lhe davam.

– Para que filosofias? perguntava-lhe eu. Para que filosofias?... O esforço dos pensadores não deve circunscrever-se às meditações puramente abstratas e desinteressadas: deve, antes, tender às aplicações de natureza prática. O valor dos cérebros humanos deveria ser aquilatado pelo critério da utilidade da obra que eles tivessem criado. Sabedoria de aplicações úteis! – eis o princípio que deveria dar a medida do mérito dos trabalhadores intelectuais. Uma partícula do cérebro de um homem como Pasteur, como Edison ou como Laënnec vale todo esse universo multiplicado em teorias, que é o cérebro de um Spinoza ou o de um Kant. E isso porque, enquanto esses dois filósofos viveram na contemplação pura do Absoluto, ou de um relativo que eles pró-

prios sabiam ser o único absoluto accessível ao homem, um Pasteur, um Edison e um Laënnec, cada um no seu ramo, cada um no seu laboratório, cada um no seu hospital, cada um na sua estufa, sondavam a vida na realidade precisa da vida, e, com o milagre do seu belo gênio, traziam novos contingentes de utilidade aos homens. Esses são os santos merecedores dos altares das gerações. Esses, os verdadeiros sábios. Para que, pois, filosofias, essas mansões vazias do Abstrato, esses impérios remotos do Impossível?...

Assim lhe dizia eu... Como única resposta, o enamorado das contemplações teóricas sorria...

Hoje, eu lhe não posso já dizer o que dizia outrora. Hoje, quero entoar a minha palinódia.

Vi-o, nos dias ásperos da vida, embalado e consolado por ela, por essa contemplação pura, desinteressada e generosa. Vi-o, escudado por ela, sobranceiro a ricos e a potentados. Vi-o, reinando no seu reino augusto, desdenhoso dos tesouros do mundo, sereno em suas necessidades, que eram mínimas. Vi-o conservar a felicidade no recesso de um gabinete mais humilde que muita cela de monge... Ali não havia veludos, sedas, ouropéis. Era tudo austeridade, simplicidade, uma pobreza de recanto de claustro. Mas ali vicejava a alegria, a alegria verdadeira! E se a venturosa conformação com as coisas se refugiou, um dia, em algum lugar na terra, foi ali certamente que ela esteve.

E por que isso? Unicamente porque, naquela câmara modesta, que só tentaria aos puros ascetas do pensamento, se movia uma alma que as contínuas meditações da filosofia fecundavam. Aquela câmara era, sem dúvida, pequena. Havia ali, apenas, a luz vaga, que dava uma janela estreita... Mas o pensamento que dentro dela se agitava era destemido. Era um pensamento que voava sobre continentes virgens e oceanos indomados, sobre povos, sobre civilizações e sobre universos. E o encanto dessas audácias, quem o criou, senão a Abstração sem mescla? quem, senão a pura contemplação filosófica?

Hoje eu atribuo à ciência, que é ou se torna útil, um lugar preclaro na consciência e no destino do homem. Mas, acima dessa utilidade, quero colocar a contemplação desinteressada das coisas. Em suma, se ao terreno fechado dos filósofos ousarmos levar as expressões da poesia, eu vos direi, um pouco com Aristóteles, que a filosofia é alguma coisa divina. Ela é a coroa de estrelas, que resplandece no cimo dos conhecimentos humanos. Somente aqueles

que por inteiro se entregaram ao seu amor exigente encontraram na terra as verdadeiras delícias do pensamento.

A JUVENTUDE DE HUMBERTO DE CAMPOS

Definindo-se, a si próprio, no prefácio de suas *Memórias*, Humberto de Campos se dá como "um homem que fez sozinho a sua marcha desde as vizinhas do berço, e lutou, sozinho, contra todos os obstáculos de sua própria condição e contra todas as tentações que o assaltaram pelo caminho." E ajunta: "Não cheguei muito alto, de modo a ombrear com os escritores notáveis do meu país, porque vim de muito baixo. Mas percorri maior distância do que eles, porque vim de mais longe."

Sua vida, ele a reconstituiu, minuciosamente, até a idade dos dezesseis anos. É uma vida modesta e vulgar.

Nascido em 1886, em Miritiba, no Maranhão, Humberto de Campos era filho do comerciante e fazendeiro Joaquim Gomes Veras e de sua esposa, dona Ana de Campos Veras. Miritiba é uma doce vila, que dista algumas horas apenas de São Luís. Está edificada sobre um pequeno rio, não longe do oceano. Assim, foi o mar quem primeiro ensinou à criança que havia de ser um escritor ilustre a poesia maravilhosa da solidão povoada de mistérios.

Humberto viveu um pouco sob a obsessão de sua cidadezinha natal. Evocou-a, sempre, com emoção. Em uma de suas quadras, assim a celebra:

Eu nasci como a gaivota
Perto do mar, entre escolhos...
Por isso é que não se esgota
A água do mar em meus olhos!

Depois, num dos sonetos mais suaves da nossa língua, pintou-a de novo, pintando a sua primeira saudade de imigrante:

É o que me lembra: uma soturna vila
Olhando um rio se vapor nem ponte:
Na água salobra, a canoada em fila...
Grandes redes ao sol, mangais defronte...

De um lado e do outro, fecha-se o horizonte...
Das ruas somente... a água tranqüila...
Botos na preamar... A igreja... A fonte
E as grandes dunas onde o sol cintila...

Eu, com seis anos, não reflito ou penso,
Põem-me no barco mais veleiro, e, a bordo,
Minha mãe, pela noite, agita um lenço...

Ao vir do sol, a água do mar se alteia.
Range o mastro... Depois... só me recordo
Deste doido lutar por terra alheia!

Desde quase o berço, fica órfão de pai. A pobreza, a miséria rondam o lar, onde uma triste mulher luta heroicamente para alimentar os filhos. A vida leva-o a exercer misteres humílimos: ele é, agora, praticante de alfaiate, depois caixeiro de balcão de venda, mais tarde aprendiz de tipografia, lavador de pratos de um botequim... Se variam os ofícios, variam também as paisagens: Miritiba e Parnaíba, ilha Grande ou de Santa Isabel, São Luís, Belém do Pará... Eis os ambientes em que a sua alma de criança e adolescente se plasma. E, se variam os ofícios e os ambientes, variam também as tendências do espírito. Aqui o temos doce e compassivo; ali o temos malicioso e mistificador; mais longe o temos apaixonado pelos banhos noturnos, no rio, em companhia dos meninos de sua idade; e finalmente, o temos palpitante, glorioso de esperanças imprecisas, no primeiro embalo da vocação literária...

Esta primeira fase da existência ele a rememorou, tanta vez comovido e terno, tanta vez amargo e doloroso, nas páginas de suas *Memórias*. Este livro, porém, vem apenas até ao raiar do século. E quando, nele, nos despedimos de Humberto de Campos, deixamos o escritor ainda adolescente, em Belém, a vibrar na admiração ardente de Coelho Neto, o cavaleiro andante da literatura, que, àquele tempo, havia ido ao Norte do Brasil, a levar aos gentios as lições de sua crença e de seu amor à beleza da arte escrita. É sob a fascinação inevitável de Coelho Neto que, de ora por diante, se vai desenrolar o fio da vida de Humberto de Campos. Depois que o deixamos, no último capítulo das *Memórias*, as suas aventuras no grande rio são numerosas. Ele vive longos anos em excursões no Purus, no Madeira e no Juruá. Viaja pelo Ceará, pelo

Piauí e pelo Maranhão. Em 1908, dirige, no Baixo Amazonas, a exploração dos seringais. Tem, então, um contato direto e diário com a vida dos homens mais infelizes que existem no Brasil. Vê os seringueiros explorados, humilhados, assassinados, trucidados.

Esse mundo de Dostoievski enche de indignação a sua alma entusiasta. E ele começa a escrever, nos jornais de Belém, vibrantes artigos de protesto. O chefe político do Estado, o Senador Antônio Lemos, pressente no jovem jornalista destemido a força do talento e da cultura. E oferece-lhe um lugar na *Província do Pará*. Pouco depois o convida para seu secretário particular. E, sucessivamente, o nomeia para os cargos de chefe de seção da Prefeitura de Belém, diretor da Secretaria do Conselho Municipal, secretário da Comissão Executiva do Partido Republicano Paraense, secretário da Municipalidade.... Está-lhe prometida uma bela viagem: ele irá à Itália, terra dos seus sonhos, irá ver algumas das coisas mais formosas do mundo... Mas sobrevém um período de lutas políticas. E as lindas esperanças se desfazem!

HUMBERTO DE CAMPOS, POETA

O que não se desfaz nunca é, porém, o sonho do homem de letras que há em Humberto de Campos. Com efeito, é ininterrupta, desde o primeiro momento, a sua atividade literária. Desde que, nos primeiros albores da mocidade, descobriu, em seu íntimo, a vocação das letras, não deixou mais de produzir. Serviu, primeiramente, à poesia. Depois serviu à prosa. E, como prosador, nós o temos jornalista e cronista, autor de contos e de memórias, crítico, ensaísta. Não tentou, que eu saiba, o romance, porque lhe não sobrou tempo. Imaginou, entretanto, escrevê-los, e mais de uma vez, em artigos avulsos, disse o que haveriam de ser esses livros, se o destino lhe desse o lazer necessário para realizá-los. Nenhuma província literária lhe ficou vedada. E ele bem poderia repetir, ao se encerrar o ciclo dos seus dias, a bela palavra de um grande homem: "Fiz-me tudo para servir a todos."

Seus primeiros versos despertam um entusiasmo grande no Rio e em todo o Brasil. Traziam uma nota nova. Humberto de Campos era, de certo, um epígono do Parnasianismo. Tendo nascido para a vida do pensamento no instante em que no país ecoavam, com estridor, as grandes vozes de Olavo

Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, era nas pegadas desses mestres que ele caminhava. Tinha a sedução dos assuntos históricos e das grandes paisagens. Mas, ao lado desse velho arsenal do Parnasianismo, trazia uma tendência sua e nova: o gosto da poesia local, a faculdade de transformar em musicais sonetos os aspectos da existência ou do cenário do Amazonas. Celebrava os descobridores duros que se foram perder nas regiões aspérrimas do Brasil, e, sobretudo no Solimões, no Madeira, no rio Negro. Celebrava Pero Coelho, descobridor do Ceará, e o Padre Francisco pinto, catequista de Ibiapaba. Celebrava La Ravardière, fundador de São Luís do Maranhão, e Caldeira Castelo Branco, fundador de Belém do Pará. Celebrava Pedro Teixeira, o primeiro civilizado que subiu o Amazonas, e o Padre Luís Figueira, que levou a cruz aos índios, nas regiões remotas do rio-mar. Celebrava Bento Maciel Parente, e Maurício de Nassau, e o Padre Antônio Vieira, e Domingos Afonso Mafrense, povoador do Piauí. Celebrava a mansidão dos jesuítas e a tristeza fatalista dos seringueiros.

A Amazônia deu-lhe motivos imensos. Ele cantou o irapuru, evocou as visões dementes de Orellana, memorou a tribo desfeita dos Aturés. E assim cantou, também, Manôa, Diego Ordaz, Lopo de Aguirre, Afonso de Herrera, todos os violadores do Eldorado...

Como um resumo dessa tendência de sua poesia, quero citar-vos o soneto *A Amazônia*:

Este é o palácio da Mãe d'Água... O dia
Não corusca de sol como corusca
Seu mais frágil portal, que espanta e ofusca
De encantados metais e pedraria.

Ai, entretanto, de quem corre e o busca!
Ai de quem, ao transpor-lhe a frontaria,
Tomba lá dentro com volúpia brusca,
Arrebatado pela verde orgia!

Mães e noivas do Sul, ao noivo e ao filho,
Se andam no Euxino, entre marnéis e escolhos,
Dizei que fujam de frontais em brilho.

Lá vive a Iara, a náiade-cetáceo...
E desgraçado de quem põe os olhos
Nos traidores portais desse palácio!

Essa preocupação dos temas amazônicos foi facilmente suplantada por outras inspirações. Humberto de Campos detém-se na contemplação da psicologia e dos sofrimentos do seu povo... Debruça-se sobre a sua própria vida, vendo rutilarem, nos longes, as miragens de ouro e luz da meninice... Entrega-se aos caprichosos devaneios do amor... Toma todos os rumos dos sentimentos ou das idéias. E vai buscar a poesia profunda que em tudo existe.

Há uma contradição dramática na alma do brasileiro. Provindos de várias raças, nós vivemos solicitados por ímpetos e tendências antagônicas. Queremos partir sempre; e simultaneamente queremos sempre ficar... Ouvimos o apelo da terra em que nascemos, e que nos prende; e, no mesmo instante, ouvimos o chamado da sereia da aventura, que nos quer impelir para longe... Essa contradição é que constitui, sem dúvida, a amargura e a delícia das almas formadas, como a nossa, pela superposição de várias almas diferentes. Eis como Humberto de Campos fixa esse estado de espírito:

Esse teu corpo moreno Apolo,
Esse espírito bom de bardo afoito,
São, meu irmão, o símbolo do solo
Brasileiro no século dezoito.

Vibras mais que ninguém: é lira de oito
Cordas teu coração. De pólo a pólo
Debalde anseia essa agonia um coito,
Busca debalde essa cabeça um colo!

Teu corpo é um campo de batalha: uivando
Sentes três raças, em fartura ou sede,
Pelas tuas artérias batalhando.

E eis porque sentes, dia a dia, à toa,
Essa ambição de apodrecer na rede
E esses impulsos de brigar em Goa!

Uma tal balbúrdia no espírito é feita, realmente, para criar tragédias intensas... Daí essa inquietação do homem que se procura a si mesmo e que se não acha nunca, do homem que busca e pede o amor, a consolação do amor, e não encontra, jamais, nem mesmo essa consolação!

E eu, sem rei! eu, sem Deus! eu, sem ter dama!...
Nestas cruzadas, qual o cavaleiro
Que não crê, que não serve, que não ama?

Qual o templário que, a lidar, como eu,
Maneja a lança pelo mundo inteiro,
Sendo rebelde, misantropo e ateu?

Onde é que passa, escudo à mão, na História,
Cristão guerreiro, idólatras domando,
Sem ter quem teça os seus troféus de glória?

Quem já viu, em que tempo e em que lugar,
Um herói cavaleiro batalhando
Pelo simples prazer de batalhar?

Ninguém: que a terra nunca teve espada
De quem, sem rei, sem Deus e sem amante
Se expusesse, feroz, nesta cruzada!

Ninguém: que nunca teve lança à mão
Guerreiro audaz ou cavaleiro andante
Sem ter amor e sem religião!

Ninguém: que, em febre, nesta doida lida,
De alma queimada numa ignota chama,
Sou, miserável! O único na vida,

Que não crê, que não serve, que não ama!

Os versos de Humberto de Campos têm de admirável, sobretudo a musicalidade perfeita. Não sei de outro poeta que tenha tido tão agudamente,

no idioma português, a ciência do ritmo. É essa música que lhe dá aos poemas uma cor especial na literatura brasileira. E dizer de um poeta que ele tem o dom da musicalidade perfeita, é dizer alguma cousa... A vida, toda ela, é música, é ritmo.

Tal é a poesia de Humberto de Campos, meus Senhores. Eu poderia resumir o meu juízo sobre ela, dizendo-a a poesia dos metros claros e das rimas impecáveis. Mas acrescentarei, também, que ela é, em certos passos, a poesia da nostalgia, a poesias da melancolia. Em uma palavra, ela é, também, a poesia do pessimismo.

JORNALISTA E CRONISTA

Publicado, em 1911, o seu primeiro livro de versos, obteve Humberto de Campos a celebridade repentina. Carlos de Laet saudou-o, num dos artigos do *Microcosmo*, de *O País*, como a um próximo candidato à Academia. "Mais alguns anos (dizia Laet) e teremos o Humberto na Academia, coroado de louros, com um discurso por cima". O Sr. Afonso Celso, Medeiros e Albuquerque cobrem de rosas a musa adolescente.

E lá fora o entusiasmo é o mesmo. Guerra Junqueira brada, deslumbrado, que se aquilo é *Poeira... certamente é poeira de astros...* Fialho de Almeida exalta o novo cantor, achando-o "perfeito como um grego, flexuoso e sensual como um verdadeiro americano". Em Paris, Tomaz Lopes, indo visitar Edouard Schuré, perguntou ao sábio se conhecia algum autor brasileiro. Schuré levantou-se, caminhou até à estante, tomou de um livro e o mostrou ao visitante curioso. Era o livro de Humberto de Campos!

É por esse tempo que ele parte para o Rio. Aqui o vemos, desde 1912 até 1916, tentando a carreira burocrática. Faz-se funcionário da Secretaria dos Negócios do Interior e Justiça. E ali, no intervalo dos ofícios que redige para a assinatura de Rivadávia Correia ou Herculano de Freitas, retoma os seus suspiros de amor, alinhado-os em sonetos, ou medita a composição de alguma crônica de estilo castigado.

É que já a sedução da imprensa o chama de novo. A sereia enganadora, que ele deixara em Belém, acena-lhe hoje no Rio... Humberto é agora redator do *Imparcial*. Estamos numa das fases mais vibrantes da imprensa brasileira.

Acabamos de vir de uma grande campanha nacional. Há poucos anos, Rui sacudiu a maré-morta de nossos prelos com a agitação salutar do civilismo. Agora, ou pouco depois, teremos as vibrações novas, que aqui despertam os ecos da luta que se desencadeia na Europa...

O *Imparcial* refletia, na sua vivacidade inquieta, o ambiente do Brasil e do mundo. Em sua redação congregavam-se nomes dos mais brilhantes das letras brasileiras, naquele momento. Dois de seus redatores, Osório Duque-Estrada e Goulart de Andrade, acabavam de transpor os umbrais de vossa Casa. Humberto de Campos ligou-se desde logo com os mais representativos nomes de nossas letras. São seus amigos Coelho Neto, Olavo Bilac, Emílio de Menezes. Dessa época retém ele reminiscências pitorescas, que, depois, através de lentos anos, de vez em quando contará em crônicas de jornais.

Desde esses dias, e por mais de vinte anos, a sua atividade de cronista se multiplicará, quase sem solução de continuidade. Ele percorre várias redações, nessa peregrinação melancólica que no Brasil é a vida de um jornalista. Seus pseudônimos são vários e enchem colunas e colunas das folhas cariocas. Às vezes, seus artigos aparecem, simultaneamente, no Rio e em São Paulo, na Bahia, no Recife e em Porto Alegre...

Descontente dos jornais, em certa época ele tenta uma revista. Não creio que essa tentativa lhe tenha trazido alguma vantagem prática. Desiludido, regressa à banca de redator dos diários da cidade... Suas crônicas vão-se multiplicando. Dá-lhes Humberto o melhor de sua emoção, enche-as de poesia, de paisagem, de doçura, de ritmo e de cor. Seu estilo, que é um dos mais corretos e claros que as letras brasileiras têm visto, vai-se aperfeiçoando dia a dia. Ele vai encastoando, em cada uma dessas páginas, uma referência da história ou da lenda, a passagem da vida de um varão famoso, a citação de um grande livro sagrado ou profano. Suas crônicas constituem, desse jeito, verdadeiras *florestas*. São *silvas*, como as que, em outros séculos, foram tão do gosto dos escritores de nossa língua. E, por essa tendência, Humberto de Campos, mais, talvez, do que qualquer outro escritor brasileiro, está incorporado à falange ilustre desses que se chamam Manuel Bernardes, Dom Francisco Manuel de Melo, Frei Luís de Sousa.

Não sei se todos os leitores de Humberto amam esse aspecto de suas crônicas. Eu, de mim, o amo, achando, nele, o sabor delicioso que tem a obra

de certos autores clássicos. É que Humberto de Campos sabia bem o seu ofício... Estava no caso da observação de Montaigne, que queria que cada um só escrevesse sobre o que sabe e tanto quanto sabe... Não foi outro o programa que Humberto seguiu na composição de seus livros. Essas pequenas crônicas, que a sua pena ia diariamente jogando no papel, refletem-lhe a emoção, e, melhor ainda, refletem-lhe o pensamento. Por isto, são fecundas. Só o pensamento cria, meus Senhores. Que é o sonho, que é a poesia, que é o amor, que é a vida, que é o universo todo, com os seus prodígios, senão um simples reflexo de nosso pensamento?

LITERATURA FESCENINA

Nas colunas dos jornais em que trabalhava é que Humberto de Campos cada dia ia publicando uma anedota pitoresca, uma historieta espirituosa. É no enorme acervo do povo, na imaginação onímoda das multidões, que ele vai buscar os motivos e os assuntos. A fantasia popular é riquíssima. Só com o recolher essa imensa produção, que cada dia o gênio novelístico das esquinas arranja, um folclorista paciente poderia fazer obras-primas de graça, argúcia e malícia. Foi o que procurou fazer o vosso Confrade. A seção obteve, desde logo, grande êxito. E, pouco a pouco, Humberto se foi apossando do gênero. Por fim, o Conselheiro XX tornou-se uma das necessidades diárias da cidade. O tom das anedotas, que a princípio era apenas faceto, foi-se tornando mais livre. E, em breve, era francamente fescenina a literatura que o Conselheiro produzia. Isso inspirou contra Humberto de Campos a suspeita de autor imoral. E graves acusações desabaram sobre ele.

Mas, meus Senhores, eu não acho que essas acusações sejam justas. Segundo entendo, não existe literatura imoral. A literatura é, sempre, e apenas, o espelho das sociedades que a produzem. No caso de Humberto de Campos, imoral não seria o Conselheiro XX – seria a sociedade que produzia, que exigia que se produzisse, o Conselheiro XX. Será suficiente olharmos, ainda hoje, as cifras das edições dos livros de Humberto de Campos, para desde logo o verificarmos. As duas séries de *Poeira...*, livros graves e belos, onde o sonho era alto e a imaginação era pura, não tinham chegado além da segunda edição. Enquanto isso, os volumes facetos do Conselheiro XX cres-

ciam, cresciam, cresciam em tiragens sucessivas. Em pouco anos, a *Bacia de Pilatos* alcançava doze milheiros: *Os Gansos do Capitólio* e o *Vale de Josafá* alcançavam cada um treze milheiros; *A Serpente de Bronze* alcançava quatorze milheiros; *O Tonel de Diógenes* alcançava dezesseis milheiros. São êxitos colossais, para o Brasil. E penso que somente ultrapassados – se, acaso, o foram – pelo êxito que vieram a ter, na última fase da vida de Humberto, os volumes melancólicos e desolados em que ele confidencia com os leitores sobre os seus sofrimentos e desgraças íntimas.

Bem vedes que a literatura do Conselheiro XX não era imoral: – imoral era, sim, a sociedade, cujo espírito aquela literatura refletia. Homem de gosto, de sensibilidade e de poesia, não acrediteis que Humberto de Campos deixasse de sentir a atroz melancolia de ter de assumir aquela humilhante caracterização, para encontrar uma forma fácil de ganhar o sustento. No íntimo, o poeta andaria a percorrer as regiões suaves e paradisíacas, onde se apraziam as Armidas dos seus sonhos. Continuava no idílio com as mulheres puras dos seus poemas prediletos. Mas, se a sua literatura refletisse apenas a pureza e a doçura, quem lhe pagaria os miseráveis mil réis que os contos rabelesianos do Conselheiro XX cada quinzena lhe davam?...

Vemos, atualmente, uma longa florescência de escritores audaciosos, que não recuam diante da pintura dos quadros mais torpes. Poderemos, em boa justiça, dizer que são imorais esses autores? Ou imorais não seremos, de preferência, todos nós, que, numa cumplicidade covarde, permitimos que esses escritores existam; nós, que fornecemos as condições necessárias ao seu desenvolvimento, fechando os olhos, como os fechamos, às chagas que nos ulceram, e que constituem nódoas das mais vilipendiosas da civilização contemporânea?

ELEIÇÃO ACADÊMICA – A MOCIDADE E A ACADEMIA

Assim, estava Humberto de Campos consagrado como jornalista. Seu nome circulava, já, por todo o Brasil. As folhas cariocas invejavam o diário feliz que lhe acolhia a colaboração tão procurada. Aqui e ali surgiam outros articulistas, alguns também de talento, que procuravam imitar-lhe o gênero... É então que a glória vem buscar o escritor maranhense.

Realmente, é por esse tempo que Humberto de Campos vê realizar-se o vaticínio amável de Carlos de Laet: a Academia abre-lhe as portas, e ele aqui entra, "coroado de louros, com um discurso por cima". Laet tem a alegria de presidir à sessão em que ele é recebido. Em três lustros, tinha Humberto de Campos feito um longuíssimo caminho, desde as tardes sem pão de Belém até à glória do mais alto instituto de cultura do seu país. Ao ser recebido nesta Casa, tinha apenas trinta e três anos. E, com a sua eleição, a Academia Brasileira mostrou que ama os jovens.

A vossa tradição, Senhores, é bem esta: é a de que amais e quereis os moços. O vosso primeiro evangelista dizia, no maravilhoso discurso em que corporificou os sonhos da Academia nascente: "Uma censura não nos hão de fazer: a de sermos um gabinete de antigualhas. A Academia está divida ao meio entre os que vão e os que vêm chegando; os velhos, aliás, sem velhice, e os novos; os dois séculos estão bem acentuados, e se algum predomina é o que entra; o século XX tem mais representantes entre nós do que o século XIX."

E vede como, inicialmente, a Academia foi um impulso de moços. Dois dos fundadores desta Casa não tinham ainda chegado aos trinta anos, quando a voz de Lúcio de Mendonça os convocou para a primeira reunião. A lista dos fundadores cuja idade se estende dos trinta aos quarenta anos, é vasta. No meio desses rapazes, um homem que todos amam e glorificam, Machado de Assis, aparece-nos, hoje, como se, naquele momento, já fosse um ancião venerando. Pois esse ancião era apenas um qüinquagenário! A Academia que se formava não se dirigiu aos gabinetes ministeriais, nem aos escritórios dos políticos de prestígio, não foi buscar os grandes nomes da magistratura, ou do patriciado, para trazê-los ao seu seio. Bem ao contrário, dirigiu aos meios onde existiam, livres e esquecidos do sorriso da fortuna, os talentos que representavam autênticos valores literários. Foi às redações dos jornais, foi, algumas vezes, permiti que vo-lo diga, às mesas boêmias dos botequins. Para cá vieram poetas e crônicas, autores de novelas e autores de reportagens, unicamente porque com eles é que estava o verdadeiro espírito literário do país. Esse amor pelos moços, pelos homens sem posição e sem prestígio oficial, a Academia o tinha evidenciado, ainda melhor, na escolha dos seus patronos. Olhai os nomes de alguns desses rapazes magníficos, nossos avôs na glória destas Cadeiras: Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu são quase adoles-

centes – têm apenas 21 anos; Junqueira Freire tem 23; Castro Alves tem 24; Adelino Fontoura tem 25. Artur de Oliveira, Varela, Evaristo, Laurindo, Rabelo, Manuel de Almeida, Martins Pena, Pardal Mallet, Pompéia, Tavares Bastos, Teófilo Dias estão todos entre os trinta e os quarenta anos. Fiel a esse amor pela juventude, a Academia Brasileira, sempre acolheu os moços. Paulo Barreto transpôs os vossos umbrais aos 29 anos.

E Nabuco, que, desde o primeiro instante, frisava essa tendência, manifestava a sua satisfação, ao verificar que na Academia estava certo de *não encontrar a política*. "Só assim – concluía ele – não seríamos um parlamento."

Creio que não me engano se disser que ainda hoje vos orienta esse voto de Joaquim Nabuco. É à mocidade, meus Senhores, que está destinada, no Brasil, a realização de todas as grandes obras. A mocidade é que traz consigo a fé, o calor, o entusiasmo, e todas as vibrações generosas. Para bem sentir a vida que lhe fugia, o grande rei precisou conchegar a sua velhice melancólica ao seio adolescente de Abisag.

Eu não vejo mal nenhum em que para aqui venham homens muito jovens, uma vez que já tenham dado a demonstração cabal do seu talento. Na França a láurea acadêmica em geral coroa os velhos. Mas a França tem outra literatura, incomparavelmente mais rica, – e, porque não dizê-lo? – tem a média de vida bem mais elevada do que nós. Aqui vivemos menos, improvisamo-nos todos, por assim dizer – e também nos vamos muito mais depressa. Um homem como Raul de Leoni ou como António de Alcântara Machado, só teria uma forma de ser acadêmico: é se aqui tivesse entrado bem moço. No Brasil, ao morrerem, ambos já tinham criado obras que os sagrariam à vossa glória; em Paris ou em Londres, talvez ainda andassem a cursar as aulas da Universidade.

A Humberto de Campos coube, em vossa Casa, a Cadeira que está sob a invocação de Joaquim Manuel de Macedo, o gracioso criador de *Moço Louro*. No prélio teve como competidor Lima Barreto, o infeliz criador de *Isaías Caminha*.

Vinha substituir a Emílio de Menezes, o terrível poeta. É o próprio Humberto quem assim retrata Emílio: "Homicida pela palavra, a sua estátua, quando ele a tiver, deve trazer nas mãos, como a de Harmódio, em Atenas, um punhal e um ramalhete."

A Cadeira fora criada por Salvador de Mendonça, cuja obra e cuja vida Humberto se comprometeu a estudar, ao tomar posse do lugar. Não o fez, porém, que eu saiba. Aquele *que penetrou na vida entre espinhos e dela saiu entre flores*, ainda está, em vosso seio, a desafiar quem lhe estude a atividade intelectual e os dias da existência.

FUNÇÃO DE CRÍTICO

Foi o jornalismo que conduziu Humberto de Campos à crítica.

Leitor de todos os livros, seduzido, sobretudo, pelos escritores clássicos, o vosso confrade criara, através de vários anos de labor infatigável, uma grande cultura. Certo dia, o diretor de importante folha carioca resolveu aproveitar-lhe o cabedal imenso, entregando-lhe a responsabilidade de uma coluna literária. Seu caso foi, assim, como ele próprio observou, um pouco semelhante ao caso de Paul Souday. Era Souday, desde a mocidade, repórter e redator do *Temps*. Chegara aos 43 anos, quando Adrien Hébrard, diretor daquele matutino, o designou para a coluna de crítica literária. Souday verificou, então, quase com espanto, que a sua finalidade era realmente aquela.

Será um gênero literário legítimo o gênero crítica? Eis uma interrogação que desafia tempo e papel... Confesso que não creio na legitimidade da crítica. Essa arte (se a pudemos classificar como arte, desde que é impossível incluí-la na categoria das ciências) não tem uma orientação, um rumo, sequer uma norma fixa. Baseia-se toda em critérios discutíveis e precários, como são os do gosto, os da sensibilidade, os da cultura. Por que motivo darmos a um homem a função de legislador, de abridor de caminhos, de regulador de processos e sistemas nos domínios literários? Por que motivo eleger um entre alguns milhões, para lhe dar essa incumbência? E se o seu gosto não estiver de acordo com o nosso gosto?... E se a sua sensibilidade não vibrar em uníssono com a nossa sensibilidade?... E se a sua cultura não estiver orientada no mesmo rumo da nossa cultura?... Todos vós conheceis os casos mais clamorosos de incompreensão no terreno da literatura. Heine detestava Hugo. Flaubert não suportava Lamartine. Tolstoi abominava Baudelaire. Diante disso, como aceitar, considerando-os infalíveis, os veredictos da crítica?

Acresce que é fácil reduzirmos a nada, quando a olhamos de mais perto, a obra dos críticos. Mesmo os mais altos, mesmo os mais sutis – como é fácil destruí-los! Voltaire, que chegou a essa fórmula admirável: – *excelente crítico seria o artista que tivesse muita ciência e muito gosto, sem preconceitos e sem invejas* – Voltaire conta-nos, a esse respeito, belas histórias. Desencanta-nos, por exemplo, da crítica de Boileau. Queria o poeta uma rima para um verso que acabava em *aut*? Nada mais fácil: punha-se a denegrir agora Bourseault, depois Hénault, mais tarde Quinault, conforme as ojerizas do momento...

Quanto a Humberto de Campos, ele se deu muito bem no exercício dessa *pequena magistratura literária*. Trouxe, para a crítica, as grandes qualidades do seu espírito: o gosto sutil, a clara intuição dos sentimentos, a cultura, contemporânea de todas as civilizações.

Ele foi, entre os críticos que mantiveram atividade efetiva nos jornais brasileiros, um dos mais claros e seguros. Sua crítica não visava, como queria Sainte-Beuve, a ser um *secretário público*: não ambicionava representar o juízo geral sobre um livro ou um autor; pretendia, apenas, *dar um julgamento sincero e individual da obra literária, para esclarecimento do público e conseqüente orientação das suas leituras*.

Achava-se Humberto colocado entre duas gerações bem diferentes nas tendências e no espírito: de um lado, estava a geração dos parnasianos e dos naturalistas; e do outro lado, estava a geração dos poetas e escritores revolucionários que, com um estrépito violento, veio renovar os ares da nossa literatura. Sua crítica procura ser, assim, um ponto de contato entre as duas mentalidades.

Surge, aqui, um problema angustiante:

Qual poderá ser, em um país como o Brasil, a tarefa de um crítico? Numa literatura fecunda, realmente criadora, a crítica tem a sua missão relevante: a missão de classificar, a missão de organizar, a missão de orientar. Mas aqui, com a nossa legião infinita de analfabetos, com essa produção esmagadora de livros que não podem decentemente sequer ser incluídos numa coluna de registro literário... que haverá de fazer o crítico?

E, com efeito, a situação em que se vê colocado um homem que tem a seu cargo o exercício da crítica, em um país como este, é uma situação bem

difícil... Por um lado, ele faz esta consideração melancólica – a de que, numa terra de tão poucas letras, todo aquele que se dedica às letras, mesmo que sejam ruins, comete um ato de heroísmo, digno pelo menos de simpatia; por outro lado, vê-se às voltas com essa outra cogitação atormentada: – a de evitar louvar, por dever de puro policiamento literário, o que é tolo, ou frívolo, ou medíocre.

A crítica, em nosso país, tem sido uma função mais árida e mais martirizante que outra qualquer. Tivemos, sem dúvida, um período áureo do gênero, com a floração de Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior. Mas o tempo em que viviam esses escritores era bem diferente do tempo em que vivemos nós outros. Eles não sofriam essa inquieta trepidação que nós sofremos hoje, na época do rádio, da televisão e do zepelin. Tinham nas suas crenças literárias uma solidez que, eu creio, em nossos dias, nenhum de nós tem mais... E, existindo numa época de progresso menos intenso, em que o Brasil não tinha atingido ainda o nível de civilização em que o vemos hoje, o ócio lhes era longo, para que eles pudessem dedicar compridas horas à meditação e à leitura.

As condições da vida, porém, tornaram-se ásperas. Já agora o ambiente moral e espiritual do Brasil é muito diverso daquele que cercou os três mestres da nossa crítica no século passado. A nós, não nos é possível despender, com o exame dos autores e dos livros, o repousado tempo que eles gastavam. O ritmo precipitado dos dias que vão correndo exige uma velocidade crescente, que não permite descanso. E, enfim, a média da produção mental, que se conserva cada vez mais baixa, aniquila, em todos os trabalhadores intelectuais o gosto pela atividade crítica.

Considerai o infinito material que têm produzido os críticos brasileiros, para deixá-lo de lado, como coisa inútil – e podereis compreender, só com esse fato, o terrível amargor que representa para eles o exercício da crítica. De quantos trabalhos desse gênero, assinados por nomes prestigiosos, como os de Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Capistrano de Abreu e tantos outros, estão cheias as colunas dos nossos jornais – sem que esses autores jamais tivessem pensado em dar a forma de livro a nenhuma dessas páginas! João Ribeiro perdeu, com a atividade de crítico, longos anos de vida. Elaborou, assim, artigos e ensaios, que dariam para compor, se fossem reuni-

dos em volume, uma pequena mas preciosa biblioteca. O desdém com que ele encarava essa hipótese era, porém, profundo.

E sabeis que esse tesouro de Creso anda todo disperso, à espera, talvez, de que a piedade maternal da Academia o reúna, para dar-lhe a forma definitiva de livros. Estou certo de que poderia dizer o mesmo com referência a Medeiros e Albuquerque.

Humberto de Campos, que não escreveu tanto quanto João Ribeiro ou Medeiros e Albuquerque, tem, igualmente, uma cópia numerosa de estudos de crítica, ainda não recolhidos em volume, mas perfeitamente dignos dessa homenagem.

Nas dificuldades com que arcava, sendo crítico, Humberto de Campos tomou um partido inteligente: selecionou alguns livros e alguns homens. E, em vez de perder tempo, escrevendo sobre algumas centenas de autores que literariamente nem chegam a existir, dedicou as meditações a três ou quatro dezenas de legítimos homens de letras. Esses, estudou-os ele com minúcia e penetração. Sua crítica tem isso de interessante, e muito raro, no Brasil: não se deixa enredar nos preconceitos das escolas. Ausente e acima dos grupos literários, ele dedica as reflexões a escritores de todas as tendências. Os modelos que escolhe estão tanto no Classicismo, quanto no Romantismo, tanto no Parnasianismo, quanto no Simbolismo, quanto no mais desvairado Modernismo. É com a mesma compreensão e simpatia que estuda Joaquim Nabuco e Ronald de Carvalho, Luís Carlos e Gonzaga Duque, Guimarães Passos e Manuel Bomfim.

Esse traço de imparcialidade, de aceitação de todas as correntes, imprime um caráter especial à sua crítica. Creio que esse caráter o assinala como um dos críticos mais autorizados que temos possuído.

AMOR PELOS AUTORES ANTIGOS

O vosso confrade viveu no estudo e na contemplação dos escritores antigos. Sua atmosfera espiritual foi, de preferência, a atmosfera de Péricles em Atenas, a de Horácio em Roma, a de Firdusi na Pérsia, a de algum santo piedoso, ainda assim erudito e amigo das letras profanas, na Idade Média italiana ou espanhola. Sua freqüentação das lendas árabes começou nos dias da

adolescência. E esse amor pelas princesas e pelos dervixes das *Mil e Uma Noites*, prolongou-o ele até aos derradeiros dias da vida. Na última fase de cronista, ainda lhe encontramos páginas e páginas em que nos reportamos àquele mundo mágico de poesia e sutileza. E que melhor documento desse amor poderíamos querer do que seja todo esse livro escrito *à sombra das tamareiras*, livro no qual perpassam símbolos tão vivos, figuras tão palgitantes, que de certo encheriam de delícias a alma do poeta do *Shah Nameh*?...

Curiosa, essa fuga perpétua para o passado! Curiosa, essa fuga em que vive Humberto de Campos! De forma geral, podemos dizer que não há uma só página escrita por ele em que deixemos de ouvir o verso de um poeta antigo, em que deixemos de encontrar a meditação de um antigo moralista. Único entre os nossos escritores atuais, ele tinha a audácia de citar em latim os autores latinos. E, para maior malícia, não apresentava nunca o correspondente em português dos trechos citados! É bem verdade, Senhores: na sua aparência física, Humberto viveu conosco, em nossos dias; mas, na imaginação, e talvez até na sensibilidade, ele nunca foi contemporâneo nosso...

Essa reflexão transporta-me a uma passagem de George Brandès acerca de Anatole France. Em visita ao mestre do *Jardim de Epicuro*, observou Brandès que ali, na cidade dos livros, não se encontrava um só volume assinado por um autor contemporâneo. Interrogado a esse respeito, Anatole France disse:

– Eu não possuo nenhum livro moderno. Não conservo os que me enviam. Mando-os para um amigo que mora no campo.

Surpreendeu-se Brandès e perguntou-lhe se os modernos não lhe mereciam curiosidade. A isso retorquiu Anatole France:

– Meus contemporâneos nada me interessam. Tudo o que eles me podem dizer, eu sei por mim mesmo. Petrônio me ensina coisas muito mais úteis dos que Catulo Mendès.

Sentindo a sua curiosidade cada vez mais espicaçada, Brandès tornou:

– Ao menos um, entre os autores contemporâneos, você guardará na sua biblioteca. Onde estão os volumes de Anatole France?

– Também não os coleciono, respondeu o criador de *Taís*.

E logo ajuntou:

– Um homem que construiu um palácio conhece-o tão bem que não suporta estar a contemplá-lo de vez em quando. Eu não poderia andar com os

meus livros na mão. Que haveria de fazer com eles? Direis que isso poderia evitar que eu estivesse a repetir-me... Pois ficai sabendo que eu não o evito. Eu me repito constantemente.

É claro que Humberto de Campos não levava o amor pelos autores antigos a ponto de excluir inteiramente os autores modernos. Acredito que, pelo menos os vossos livros, senhores Acadêmicos, ele não os mandaria para o *amigo do campo*. Mas é claro, também, que, como Anatole France, ele sentia um aborrecimento glacial diante de certas formas do pensamento contemporâneo. E evitava esse aborrecimento, fugindo, em espírito, para as velhas épocas, de uma cultura mais fina e mais harmoniosa que a nossa cultura de hoje.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

É esta a ocasião de estudarmos as idéias de Humberto de Campos, com referência aos problemas gerais, de organização social e moral. Nesse terreno teríamos longas disquisições a fazer, se lhe fôssemos examinar os vários livros. Esta parte do meu estudo terá que ser forçosamente sumária, servindo, apenas, como indicação de alguns pontos essenciais das convicções do escritor.

Com referência à organização social e política dos povos, Humberto mostrou-se, sempre, um partidário dos ideais republicanos, da democracia, tal como a temos em nosso país. Ele está longe de aceitar – pelo menos para a nossa terra – as soluções extremas.

Confessa-se perfeitamente convicto dos defeitos que inquinam as sociedades contemporâneas. E no entanto – acrescenta – não tem coragem de afirmar que as sociedades melhorariam, se fossem organizadas de maneira diversa daquela que hoje predomina...

Volve os olhos para o Brasil, e examina as possibilidades, que acaso teríamos, de uma transformação de regímen. Essas possibilidades, se existem, parecem-lhe muito remotas. Em seu entender, o comunismo, para medrar, seja onde for, precisa, antes de tudo, da ação lenta dos líderes. Medrou na Rússia, porque ali existiria, previamente, esse trabalho. "No Brasil – pergunta-nos – onde estão os homens capazes de conter as massas?"

Seu ceticismo político leva-o a crer que "os únicos governos bons são aqueles que jamais se realizam". Mas, se lhe perguntássemos o que é um

governo bom, talvez Humberto nos desse uma resposta simples... Ele sonha um governo que, evitando os excessos do regímen comunista, caminhe, na doutrina e na prática, até aos limites do socialismo. Quer as grandes tributações para as fortunas, quer a repartição equânime da economia, quer o nivelamento das classes. Num artigo dos mais interessantes que escreveu (*Os Párias*) dá-nos a enumeração das reformas que no Brasil lhe parecem urgente. Em primeiro lugar, quer melhorar as condições do proletariado, interessando-o na propriedade das fábricas, dando-lhe participações nos lucros; em segundo lugar, quer que se faça uma revisão em nossa legislação agrária, suprimindo os latifúndios; em terceiro lugar, defende uma distribuição mais radical das rendas, de forma que tenhamos mais hospitais, mais higiene, mais escolas, mais serviços de assistência; por último, sustenta a necessidade da revisão da lei do serviço militar, com o intuito de melhorar as condições de vida no interior do país. Essas são as medidas mais imediatas que Humberto vê para o Brasil.

Tendo largamente examinado o assunto, conclui a sua dissertação sobre o comunismo com estas palavras: "O comunismo é um fenômeno internacional ou universal, mas que eu temo ver em execução no Brasil, porque conheço, como partícula dele, a índole e o coração do meu povo."

ORGANIZAÇÃO MORAL DA FAMÍLIA

Até aqui temos visto quais são as idéias de Humberto de Campos, com relação aos problemas políticos, e, especialmente, ao seu vago socialismo. É tempo de examinar as suas opiniões sobre a organização moral da família.

Como sabeis, Humberto de Campos dedicou-se, sobretudo nos últimos anos da vida, ao exame de muitos casos de consciência, que lhe eram levados ao julgamento. "Eu não nasci para amigo dos felizes, mas para confidente dos desgraçados", diz-nos ao se referir à numerosa clientela de desiludidos que o procuravam. E o trato diário com essas tragédias íntimas, que lhe eram levadas a exame, conduzira-o a uma desoladora impressão acerca do que seja a justiça dos homens. Ele acabou por concluir, melancolicamente, que a Justiça traz na mão uma espada, quando deveria trazer um coração...

Quais as idéias de Humberto de Campos com referência a esses problemas morais, que lhe eram apresentados?

Tradicionalista em moral, amigo das evoluções lentas e pacientes, ele é o paladino das instituições estáveis. A organização da família, no tipo que nos legaram os doutrinadores romanos, e a conservação das relações jurídicas consagradas no *Corpus Juris* e nas *Ordenações*, tiveram nele um defensor. Evidentemente, esse defensor é um homem de olhos abertos, capaz de ver a realidade das coisas. Humberto sente, por exemplo, o drama pungente das sociedades do tipo da nossa – drama que decorre, todo ele, do antagonismo que se observa entre o retardamento das leis e o adiantamento dos costumes, que essas leis se destinam a regular. Vivemos dirigidos por códigos que foram elaborados no Brasil do século passado, isto é, num país ainda bem longe de uma perfeita civilização. E que costumes vêm regular esses códigos? Os costumes que assimilamos hoje, através principalmente do cinema, – isto é, os costumes dos países mais adiantados do globo... De maneira que se dá, em nosso foro moral, uma diferença de nível, se assim posso exprimir-me, que nos leva a situações verdadeiramente patéticas.

Os Pangloss de nossa terra, aqueles que acham que vivemos no mais perfeito dos mundos e na mais perfeita das sociedades, decerto não notam essas diferenças de nível. Mas Humberto de Campos as observava. Ele apontou, intemerato, a necessidade de acomodarmos as leis aos costumes, de sorte que os Códigos venham a refletir melhor a mentalidade do século em que vivemos.

Sustentou a necessidade de criarmos várias leis, algumas das quais, já pertencendo, lá fora, ao rol das coisas velhas, seriam aqui inovações capazes de nos trazer um tremor de íntimo receio... Nesse grupo estava, em primeiro lugar, a lei do divórcio. Em um artigo bem característico – "A condenação de Otelo" – examina ele uma série dessas chamadas *questões de honra*, nas quais vários maridos enganados se viram compelidos a matar as esposas. Humberto pesquisa as causas desses dramas, aponta-as. Depois procura para elas os remédios adequados. E nos diz: "Não é punindo, mas prevenindo, que se curam as chagas sociais. Facilite-se o divórcio integral, em que o homem, restituindo à mulher a sua liberdade, nada tem mais com a sua subsistência. Nem vida em comum, nem nomes, nem interesses."

É na ausência do divórcio que, a seu ver, se baseiam as mil tragédias matrimoniais, que para ele apelam, pedindo-lhe um conforto e um conselho.

Ninguém teve tanta acuidade para enxergar a razão de ser de todos os dramas domésticos que por aí vão, dia a dia, ocorrendo. E essa razão de ser ele a encontrava toda nos preconceitos que regem a nossa atual organização da família.

Um dos temas prediletos das análises morais de Humberto de Campos é o adultério. Ele explica esse crime como um resultado dos prejuízos que envolvem a nossa lei do casamento. Em seus livros achamos pensamentos tendentes a essa demonstração. Alguns poderiam ser aqui citados. Eis uma de suas reflexões sobre o assunto: "Quando a mulher escolhe, ela própria, a sua cruz, está no dever de levá-la ao Calvário, sem a faculdade, a não ser em casos excepcionais, de atirá-la ao chão, unicamente porque apodreceu no caminho." Falando à heroína de um drama triste, ele dirá, pouco depois: "Mulher possuída, mulher depreciada. Mulher conquistada hoje, mulher abandonada amanhã. Não suponha que o amante de algumas horas se transformasse em esposo para a toda a vida." Em outra página, doutrinará a uma terceira das suas infelizes consulentes: "O amante não é melhor do que o marido, senão porque a mulher o vê poucas vezes. Ao fim de algumas semanas, ela sente o coração cheio dele, e ele, com a posse, não tem senão ânsias de libertação."

RELIGIÃO

Quais seriam os pontos de vista de Humberto de Campos com referência à religião? Por mais de uma vez, ele trata de assuntos religiosos. E creio não errar, se disser que a atitude do vosso Confrade, nesse terreno, foi a atitude da simpatia afetuosa, mas um tanto irônica. Ele amava a religião, sem ter os princípios da religião. Acreditaria, talvez, porém, sem fé, numa vida superior, segundo a sutilíssima fórmula a que chegou um dos mais admiráveis escritores que já se sentaram em vossas Cadeiras. Essa atitude de Humberto era, um pouco, a atitude de muitos dos melhores espíritos desse sugestivo período cultural, que antecedeu à grande guerra. Muitos deles se ocuparam de coisas de religião – e com que emoção, com que suavidade o fizeram! Eu não precisaria analisar a obra profana desses escritores, que nos disseram os prodígios da vida de São Juliano, o hospitaleiro, de Santa Taís, de São Sereno, o mártir sem crença, de Santo Onofre, de São Boemundo, e até os mistérios da

igreja do Diabo, para vos mostrar como esse modo de encarar as coisas da crença, – isto é, o da comoção misturada com a ironia, – estava generalizando entre os autores mais ou menos provindos de Voltaire e de Renan, nas últimas décadas do século XIX e nos começos do século XX.

Humberto crera, no início de sua vida. Crera como todos nós, quando somos crianças, no Brasil. Tivera essa doce religião de berço, bebida, juntamente com as primeiras palavras que pronunciara, bebida na mansidão do regaço materno... A vida afastara-o das orações e não lhe dera mais ocasião de meditar sobre esse assunto. Certo dia, achando-se enfermo, ele quis rezar como outrora... "Um dia, senti que a Morte se achava ao meu lado. Procurei no cérebro as palavras do Padre Nosso. Achei-as todas. Mas não as encontrei, como queria, no cofre do coração..." Seu ceticismo torna-se agudo. Leva-o a sorrir dos que crêem com excesso. Ele próprio se confessa um desiludido, um descrente irremediável. "Se Tomé creu, porque viu, eu – ai de mim! eu, o cético sem remédio, eu, o manso rebelado sem cura, eu, o último filho de um século que bebeu veneno no berço – eu não creio, nem mesmo vendo!"

Certo dia, conversam Humberto de Campos e Goulart de Andrade. O poeta de *Névoas e Flamas*, de cujo convívio encantador a Academia tem estado afastada, relata ao amigo a história de sua conversão. Era ele inteiramente incréu. Mas, um dia, leu o *En route*, de Huysmans. E logo a sua alma encheu-se de claridade, e seu coração palpitou de luzes novas, como palácios que estivessem em festa... Eram as crenças que lhe chegavam. E Goulart de Andrade, agora seguro de sua religião, encarava, sereno e confiado, os sofrimentos da vida e os obscuros mistérios da morte...

Humberto ouviu-o, atentamente. E, em resposta, declarou-lhe que não podia compreender essa conversão. Para poder crer – acrescentou – exigia uma evidência do raciocínio. Enquanto a crença lhe viesse pelo sentimento, e não pela inteligência, não a poderia ter... Orgulho humanal e vão! – exclamaria um crente. Esse homem que, para crer, queria encontrar as provas racionais de que são verdadeiras as afirmações da fé, estava, afinal, no caso de todos os indivíduos que vivem na terra a procurar uma visão de Damasco.

Até onde o levaria essa incredulidade? Não encontro, em nenhum de seus livros, nenhum desses gritos audazes, de negação formal e desesperado ateísmo. Apenas o vago ceticismo de quem deixa ficar à espera das hipóteses... Apenas o vago ceticismo de quem procura e sente "a presença de Deus na humildade das coisas mansas"...

Essa atitude parece-me sábia, Senhores. Mesmo quando formam céticos, evitemos os abismos sem remédio das negações definitivas. Quem sabe?... Bem pode ser que existam as coisas de que não respeitamos! E a verdade é que o filósofo, o pensador que se sente incapaz de compreender o problema da existência de Deus, e nega, por isso, a existência de Deus, comete um ato de tanta temeridade intelectual quanto o estudante de ginásio que se sente incapaz de compreender um teorema da geometria, e nega, por isso, a existência da geometria.

O PESSIMISMO DE HUMBERTO DE CAMPOS

Devo dizer-vos que, ao lado dessa tendência à conservação, Humberto de Campos tinha da vida uma concepção profundamente pessimista. Em uma das suas coleções de contos humorísticos, encontro um apólogo que bem reflete o seu pessimismo. – Expulso das portas douradas do Paraíso por ordem do Pai Celeste, o primeiro homem se vê nos caminhos solitários, sem companheiro nenhum para compartilhar da sua dor. Súbito, verifica que alguém, seu semelhante, o segue em silêncio. Ao intruso pergunta quem é e o que deseja. Nenhuma resposta. Assombrado, deita a correr por montes e vales, saltando rios, atravessando florestas. Caindo a noite, o vulto desapareceu. O homem já rejubilava na alma, quando a aurora despontou, de novo, no céu, naquele azul do céu da primavera do mundo. E, com a manhã, voltou o companheiro funesto. O primeiro homem interroga-o de novo, com ânsia, quase com desespero. E o intruso, por fim, consente em falar:

> – Eu sou o Sofrimento! Irmano-me com a sombra do teu corpo, durante o dia, porque só o sono, filho da noite, apaga as angústias do coração.
>
> E impelindo-o para diante:
>
> – Vamos: marcha para frente. Eu serei, na terra, a alma da tua sombra.

> E sumiram-se, a Sombra e o Homem, um atrás do outro, na imensidão do deserto.

Essa mesma concepção amarga e desalentada está em todas as páginas deste escritor. Lembrai-vos daquele tenebroso capítulo do *Gênesis*, que se acha no primeiro conto de *O Monstro*. – Era ainda na infância do mundo, e na terra caminhavam dois espectros longos e vagos, a Dor e a Morte... Foram elas – a Dor trazendo a água e a Morte trazendo o barro – que criaram o homem. E, no fim, já o homem criado, as duas dissentiram...

> – Quem o criou fui eu, dizia a Morte. Fui eu quem contribuiu com o barro!
>
> – Fui eu, gritava a outra. Que farias tu, sem a água, que amolece a lama?
>
> E como nenhuma voz conciliadora as serenasse, resolveram, as duas, que cada uma tiraria da sua criatura a parte com que havia contribuído.
>
> – Eu dei a água! tornou a Dor.
>
> Eu dei o barro! insistiu a Morte.
>
> Abrindo os braços, a Dor lançou-se contra o monstro, apertando-o, violentamente, com as tenazes das mãos. A água que o corpo continha, subiu, de repente, aos olhos do Homem, e começou a sair, gota a gota... Quando não havia mais água que espremer, a Dor se foi embora. A Morte aproximou-se, então, do monte de lama, tomou-o nos ombros, e partiu...

Eis o pessimismo lancinante. Eis o amargo pessimismo, que dá a cor a todas as páginas de confidências pessoais de Humberto de Campos. Eis o pessimismo crepuscular, que torna tão difusa a luz que ele projeta sobre os seus artigos da última fase, esses artigos que estão recolhidos, em grande parte, nos *Destinos...*, nos *Párias,* nas *Sombras que sofrem*, nas *Notas de um diarista* e em *Sepultando os meus mortos*.

Na longa solidão das suas noites e dos seus padecimentos, esse homem poderia repetir a triste palavra de Schopenhauer: "Se um Deus criou este mundo, eu não desejaria ser esse Deus. Os sofrimentos deste mundo me dilacerariam o coração."

HUMBERTO DE CAMPOS E A POLÍTICA

Embora acidentalmente, teve Humberto de Campos certa atividade política no cenário do Maranhão. E o estudo de sua personalidade ficaria incompleto, se eu, que em rápidas linhas, não examinasse essa face de sua existência.

Na mocidade, estivera o vosso Confrade um pouco interessado em assuntos de política. Amigo da situação paraense, fora um dos articulistas mais vigorosos da *Província do Pará*. Posteriormente, vindo para o Rio, aqui permaneceu, durante mais de três lustros, alheio a toda política, só preocupado com a sua vida de homem de letras.

Em 1926, o Maranhão designou-lhe uma cadeira na Câmara dos Deputados. Humberto rejubilou, não tanto, talvez, porque achasse a entrada para o Congresso uma honra excepcional; mas, sim, porque as vantagens materiais que o cargo lhe dava eram singularmente tentadoras para a sua até então modestíssima verba de escritor e jornalista. Em entrevista que concedeu a uma folha carioca, pouco tempo depois de ter vindo para a Câmara, dizia: "O homem que, tendo uma pena na mão, e possuindo já uma personalidade, se alheia da coisa pública, em um país em que se não pode desperdiçar a menor parcela de energia, comete, mais do que um crime, uma deslealdade com a sua pátria." E acrescentava: "...mesmo assim (isto é, certo de que a sua atividade ia ser mais subjetiva que objetiva), mesmo assim, não prestando aparentemente serviço nenhum, o homem de letras é útil ao seu país, pois que, ocupando um lugar, impede que esse lugar seja ocupado por um elemento de desordem, instrumento de uma energia negativa e destruidora."

Ao sabê-lo candidato a uma cadeira de deputado, Lauro Müller, o mais sutil dos acadêmicos, chamou-o ao recanto de uma das janelas desta Casa. E os dois travaram um diálogo curioso.

Lauro: – É certo que você vai, mesmo, ser deputado?

Humberto: – É... sim!

Lauro: – Como sabe?

Humberto: – Sei, porque estou incluído na chapa.

Lauro sorriu, de maneira singular. E lhe deu, então, este conselho:

– Escute menino... Quando o chefe do seu partido lhe disser que você está incluído numa chapa de deputados... você não creia que é deputado.

Quando vier a eleição, e o seu nome for votado... também não creia. Quando chegar à Câmara, e se vir empossado na cadeira... ainda não creia. Só creia que é deputado, quando o pagador do Tesouro lhe aparecer, no fim do mês, e lhe pagar o subsídio.

Bastante reconheceu Humberto, alguns anos depois, a prudência dessas palavras. Era deputado, freqüentava a Câmara todos os dias, tinha a cadeira garantida pela Constituição... mas veio a revolução, em meio do mandato, e ele não recebeu mais os subsídios a que tinha direito!

Devo dizer-vos que Humberto não acreditava na política. Nunca sentiu a menor identidade com os processos que ela exige. E viveu sempre demasiado absorvido pelas preocupações de artista e escritor, para poder entregar-se com entusiasmo a qualquer outra profissão. Para dar a sua inteira impressão acerca dessa atividade, bastar-me-á citar a página em que ele conta a história de um rapaz que um dia desejou ingressar na atividade política. Cheio desse desejo, foi o rapaz procurar o maioral do partido, no qual pretendia alistar-se. Recebido pelo chefe, que lhe apoiou o propósito, foi-lhe em primeiro lugar recomendado que tivesse no mais alto grau dois dons: o da paciência e o da renúncia. Cumpria-lhe forrar-se dessas duas virtudes, únicas que levam os homens a suportar a injustiça dos amigos e a infâmia dos adversários. Prometeu o candidato desenvolver o mais possível as duas qualidades. E o chefe imediatamente experimenta a sinceridade da promessa, aludindo a uns certos dinheiros de uns certos órfãos, que o rapaz teria desviado... O moço protesta, cheio de indignação. O velho adverte-o de que, assim suscetível à cólera, ele não irá longe... E vai, de todas as formas, humilhando a alma do rapaz. Diz-lhe que ele não é filho legítimo... cobre-lhe de suspeitas a honra da esposa bem-amada... O exercício dura algumas horas. O rapaz, que saíra desanimado da presença do chefe, volta-lhe ao escritório no dia seguinte. De novo começam as experiências. E o candidato ouve agora, conservando um sorriso inalterável, todas as injúrias que lhe são ditas. Só então o velho ergueu-se, abraçou-o, e lhe disse:

– Agora, sim... Agora você pode entrar para a política.

E incluiu o seu nome numa chapa do partido.

É fácil concluir que o homem que tinha essa idéia sobre a política havia de levar muito pouco a sério a atividade política... Foi o que fez Humberto de

Campos. Ele emprestava o nome, o fulgor de sua personalidade, à bancada do Maranhão. Era tudo. A deputação seria, para ele, uma espécie amável de sinecura. Creio que não há motivo para censurá-lo, pela displicência com que ele encarava o mandato. Sua atitude era, aqui, um pouco renaniana. Ninguém melhor do que o poético exegeta da *Vida de Jesus* terá pregado a necessidade das sinecuras como auxílio e estímulo aos pensadores e aos artistas. No seu velho *purana*, no *Futuro da Ciência*, diz Renan: "A maneira mais natural de proteger a ciência é a das sinecuras. As sinecuras são indispensáveis na ciência. Constituem a mais digna e a mais conveniente das formas de pensionar o sábio, e têm, além disso, a vantagem de agrupar, em torno dos estabelecimentos científicos, nomes ilustres e altas capacidades." Anos depois, em um dos dramas shakespeareanos de sua velhice, ele volve à mesma tese. É Próspero quem, já na agonia, pede a Calibã vitorioso uma sinecura para Ariel todo poesia e pensamento... "Calibã, eu tenho um pedido a fazer-te... Ariel e Celestina são incapazes de lutar contra as dificuldades da vida... Eu te peço para Ariel uma sinecura, a guarda do castelo de Sermione, que não tem a mínima importância para a República de Milão... Isso bastará amplamente para as suas necessidades..."

Humberto teve, assim, a parte de Ariel. Coube-lhe a guarda do castelo de Sermione, em nossa república de Milão.

E tende a certeza de que nunca um mandato de deputado foi melhor concedido do que esse. A representação dos nossos Estados, no tempo de Humberto, que é o nosso tempo, nunca se orientou por um critério de razoável seleção de capacidades. Nunca se orientou pela necessidade de escolher nomes que representem alguma coisa como atividade útil, como pensamento ou como elevação moral. No meio dessa multidão inexpressiva e incaracterística, que todos os períodos de renovação parlamentar enviam para o Congresso, não seria a mais justa das coisas que aparecesse o nome de um homem afastadiço dos manejos políticos, cujo único título aos sufrágios dos conterrâneos fosse constituído pelo talento e pelo saber? Pensar é a mais bela das coisas. Criar uma alta construção literária, elevar, nas regiões do pensamento, o nome do seu país, erguendo obra de idéias fecundas e beleza desinteressada, eis uma tarefa que assegura a qualquer homem o direito a todas as recompensas.

Era isso, afinal, o que fazia Humberto. E, dando-lhe a cadeira na representação federal, o Estado do Maranhão apenas lhe pagou parte da infinita dívida que com ele tinha contraído.

O CREPÚSCULO DE HUMBERTO DE CAMPOS

O pôr-de-sol da vida de Humberto de Campos apresenta indivisível tristeza. O homem tinha vindo, a sofrer e a se amargurar com as coisas, e chegara um pouco além daquele *meio do caminho de nossa vida*, que são os trinta e cinco anos... Trazia o espírito cheio das noções adquiridas no trato diuturno dos bons autores, na meditação amorosa das obras-primas. Trazia o coração cheio de experiências, mas ainda apto às emoções. E sentia que estava no momento de deixar que o seu mundo interior se realizasse, nas criações mais belas e soberbas.

Esse meio do caminho da vida foi-lhe, porém, aspérrimo e tenebroso. O destino, que sempre pesara sobre ele com impiedade, açulava, agora, contra a sua triste sombra, onças e lobas, mais ferozes que aquelas que outrora haviam surpreendido o Dante. E Humberto começou a percorrer os círculos do seu Inferno.

Velhos males, que, ainda quando ele saía da adolescência, o tinham levado ao leito dos hospitais, recrudesceram. Seu cérebro, fonte generosa de onde brotavam rios de consolação, que iam banhar tantos corações em desespero, seu cérebro confrange-se em padecimentos intraduzíveis: nasce-lhe, em ponto central, um tumor! Esse tumor determina que as extremidades de Humberto de Campos cresçam.

É já em meio dessas amarguras e desses calvários que o destino lhe traz uma nova provação. A taça de fezes desse Jó precisa estar sempre transbordando... É que, certa manhã, ao deixar o leito, depois de uma noite de vigília, Humberto é informado de que o movimento revolucionário, que caminhava do Rio Grande do Sul, está vitorioso. Deputado governista, ele sofre as humilhações impostas aos vencidos. Perde o mandato, e em circunstâncias bem dolorosas: possui em casa apenas alguns mil réis e está com uma dívida de algumas dezenas de contos! É forçado a entregar aos credores o prédio que

tinha edificado, sonhando deixar um recanto seguro à esposa e aos filhos. É a miséria, a desolação, que, uma vez mais, o visitam...

Que fazer, em meio a essas inquietações? O casal Humberto de Campos aluga uma casa na praia do Flamengo. Arrenda a estranhos alguns quartos... Ele dirá, a esse propósito, com o seu triste sorriso entremeio de lágrimas: "Vivo, hoje, um pouco, da sobra da sopa, aliás, deliciosa, que a minha casa se prepara para os outros..."

Mas os dias vão passando, e as coisas consentem em mudar um pouco. Lentamente os horizontes se vão desanuviando... A generosidade do governo provisório ouve os tristes lamentos do poeta, e vem ao seu encontro, para dar-lhe uma consolação e um apoio. Humberto é diretor da Casa de Rui Barbosa, é fiscal de ensino. Tem, enfim, um cobertor, sob o qual pode abrigar a nudez, na melancolia das noites geladas. Ele é sensível à espontaneidade do gesto do chefe do governo. E, ao aparecerem as suas *Memórias*, envia ao Sr. Getúlio Vargas um exemplar em que escreve as palavras que eu peço licença para repetir aqui, pelo muito que elas contêm da alma e do coração do vosso Confrade:

> Ao eminente Sr. Dr. Getúlio Vargas, esta homenagem de profunda e comovida gratidão, pela generosidade carinhosa com que acompanhou, na adversidade e na doença, um pobre escritor que foi seu adversário político, e que, ao oferecer-lhe esta humilde lembrança das suas letras, pode repetir, consolado, os dois famosos versos de Luís de Gôngora:
>
> *Por tu espada y tu trato*
> *Me has cautivado dos veces.*

Restam-lhe, porém, as dores, os gólgotas do sofrimento físico. Há dias em que os nervos lhe doem muito, distendidos e sensíveis como se fossem cordas de violino... Há dias em que a cegueira lhe furta o contato divino com as coisas... Miséria... Angústia... Dor... Expectativa ansiosa da morte...

E, ainda assim, Humberto de Campos sonha... Sonha coisas infantis, comovidas ou graciosas, coisas que vai relatando aqui e ali nas crônicas diárias. Sonha com os amigos mortos, os companheiros dos velhos tempos, os mestres que primeiro o guiaram... Mas os sonhos mais belos que faz aquele

farrapo triste de homem são ainda os sonhos de acordado. Ele quer a vida, ele ama a vida, ele suspira pela vida! Oh!... meus Senhores, como é doce um fiozinho de crença para aquele que não pode mais crer! Como é suave, e profunda, a fagulha rápida, a entreluzir, perdida no céu, para aquele que está cercado de nuvens tormentosas!

Desesperado, Humberto procura o reino onde, eternas, vicejam as esperanças. Vai ao mais famoso dos ledores de destinos que existem na cidade, procura um quirólogo de ciência provada. Para chegar a crer, apela para a história e para a lenda, para a verdade e para a mentira. Demonstra a si mesmo que a quirologia é uma ciência infalível. Alinha casos e casos em que ela se tenha comprovado. Por que razão agora, com ele, a palavra do Mago haveria de falhar!... Não! É certo que essa palavra não há de falhar! E, dentro da noite da sua amargura, agora tocada de um vago luar de consolação, Humberto de Campos ouve as promessas da vida, que a boca de um homem lhe anuncia: – Terás dinheiro... não muito, talvez, mas o suficiente para viveres bem o resto de teus dias... Viverás uma longa vida, provavelmente até aos setenta anos... A mais formosa e ambicionada de todas as glórias te sorrirá: terás grandes prêmios na tua carreira de letras... e, mais tarde, mudado o regímen político que hoje vigora no teu país, terás ascensões novas...

Humberto vacila, incrédulo; mas sorri, esperançado... A treva que o cerca é realmente espessa e longa. Ele abre, por um momento, a janela, para contemplar as estrelas. Quem sabe?... é nas noites mais densas que as estrelas têm mais brilho... E ele se põe a chamar os amigos, os leitores, toda a gente. Ouçam-nos todos! Ouçam-no bem! O destino acaba de assumir com ele grandes compromissos! Vamos a ver se agora o destino toma vergonha!

Sabeis que o destino ainda desta vez "não tomou vergonha"... A incursão que Humberto fez no reino obscuro da quirologia, e na qual lhe foi prometido chegar até à idade de septuagenário, ocorreu em janeiro de 1933. Menos de dois anos passaram, e, sem dinheiro, sem prêmios, sem glória, ele deixou que o véu de Ísis caísse sobre o seu rosto.

O que foram esses últimos dias de Humberto de Campos, vós o sabeis, Senhores. Vós o acompanhastes no martírio, nesse martírio que dia a dia ele desfiava, como um rosário triste nas mãos de um agonizante.

Na casa de saúde ou no apartamento onde residia, a vida ia-lhe decorrendo, ia-lhe fluindo para a morte. Não creio que algum espetáculo humano me tenha confrangido mais o coração do que as visitas que naqueles dias tremendos fiz a Humberto de Campos. A doença tinha chegado à maior intensidade. Olhando-o, diríamos já discernir a seu lado àquela *sombra pálida e gesticulante*, de que falava o historiador da Revolução Francesa.

E cada dia o seu espírito se ia polindo, até atingir a claridades etéreas e ideais. Aquele homem triste trazia no peito o coração harmonioso de Apolo. E deu-se, com ele, o mesmo fenômeno observado por Gautier em Gerard de Nerval. Caminhando na loucura, Nerval tinha, à proporção que o mal progredia, uma clareza cada vez maior no estilo e nas idéias.

Nas visitas que os amigos lhe faziam, Humberto de Campos consentia em sorrir dos próprios padecimentos. O bom humor não o abandonou jamais. Era com uma ironia envolta em misericórdia que ele se referia ao seu *rabicho*, nome que batizara a sonda que os médicos o obrigavam a trazer.

Bom humor, sim... Mas apenas para que os amigos não possam ver as lágrimas que lhe vão caindo dos olhos quase sem luz. Quando está só, ele se concentra com a sua dor. E o diálogo que com ela trava é angustiado e triste. – Minha Dor, tem piedade de mim!... parece dizer Humberto. Eu tenho-te dado tudo o que possuo! Dei-te o meu olho esquerdo, que já não serve para nada! Dei-te o meu olho direito, que não abrange o campo que abrangia outrora. Dei-te tudo o que em mim era alegria, esperança, consolação! Tem piedade de mim, minha Dor!

E ele sonda o mundo em torno a si... Vem caindo a noite... É quase hora de dormir, é quase hora de rezar... A alma, nessa hora, se cobre de véus de tristeza... E, por cima de tudo, chegam novas melancolias... Vem a melancolia de considerar que a única coisa que lhe resta, o seu próprio destino de escritor, falhou e está morto: "Nada escrevo que traga o selo da durabilidade, murmura. Nenhum artigo, sequer, que não esteja destinado a apodrecer no dia seguinte. Nem uma frase, ou uma imagem, que tenha recebido injeção de formol! E eu, sem ilusões de glória, e com a angustiosa, a terrificante certeza de que não deixarei uma obra, e, talvez, nem ao menos, a lembrança do meu nome – pois que o nome é a sombra, sobre a terra, de uma obra ou de um feito, e não pode deixar sombra, conseguintemente, no sol, a árvore que não nasceu."

Assim diz ele. E em outra passagem anota: "Manhãs de neurastenia... Noites de sofrimento... Síncopes dos nervos... Síncopes do cérebro... Síncopes da vontade... Desejos de dormir... Ânsia de chorar..."

Enfim, busca, na história da literatura, casos de homens de letras que muito tenham sofrido. E o exemplo de Scarron vem-lhe à memória. Ele se sente como um irmão do pobre aleijado. E é destinando-o a servir de inscrição ao seu próprio túmulo, que verte para o nosso idioma o famoso epitáfio do poeta francês:

O homem cansado da lida
Não inveje deste a sorte:
Ele conheceu a morte
Mil vezes dentro da vida.

E quem por aqui se afoite
Não faça barulho enorme,
Pois esta é a primeira noite
Que Humberto de Campos dorme!

Eis aí, Senhores, a pobre imagem melancólica do vosso Confrade, todo alanceado de decepções e martírios.

GLORIFICAÇÃO

Eu não quero, porém, encerrar minha oração, deixando em vosso espírito essa figura dolorosa. Esta hora é a hora da glorificação, e não a do pesar. A imagem de Humberto de Campos que eu desejo fique impressa em vosso espírito é a do homem suave e afetuoso, do homem acolhedor e fraternal, a cujo seio iam abrigar-se tantos corações cheios de dúvidas. É a imagem daquele que compreendeu todas as dores humanas e que soube, por instantes, esquecer os próprios padecimentos, para aliviar os padecimentos dos outros.

Realmente, creio que, em Humberto de Campos, houve, pela primeira vez, no Brasil, um escritor que serviu de conselheiro e guia, de consolação e luz, para uma parte da humanidade. Ele recebia, todos os dias, cartas de todos os pontos do Brasil, pedindo-lhe opiniões e conselhos. Meninas inocentes,

que pela primeira vez amavam, queriam ouvi-lo sobre o seu amor. Mulheres que não compreendiam mais os maridos, maridos que não amavam mais as mulheres, desejavam que fosse ele o intermediário, o árbitro das dissensões domésticas. Das prisões os criminosos enviavam-lhe pedidos, queriam um pouco da sua solidariedade e da sua ternura... Há, até, quem lhe solicite empregos... Da Bahia, uma menina de doze anos conta-lhe, numa carta, como, cada noite, a sua família se reúne, para ouvir a leitura dos artigos do escritor queridíssimo... Do Piauí, um grupo de senhoras, suas leitoras, envia-lhe um álbum impregnado de meiguice feminina, todo dedicado àquele cajueiro que outrora, na imprevidente infância, Humberto tinha plantado em Parnaíba... De S. Paulo, uma senhora escreve-lhe, para queixar-se de um filho travesso que de todos os males que vai cometendo se desculpa com esta frase: – "Pior do que isto fazia Humberto de Campos quando tinha a minha idade"... De uma outra cidade paulista, uma menina manda-lhe lembrança curiosa: arranca cento e oitenta e um fios de cabelo e com eles borda o nome do escritor. Ao enviar-lhe a lembrança, adverte-o de que ali *está um pouco do seu pensamento*... E assim todos os procuram. Nessa multidão de amigos sem nome há gente de todas as classes, de todas as camadas. Há brancos e negros, há ricos e pobres, há homens e mulheres, há cegos, há surdos, há leprosos...

E ele, o homem solitário, ouve esses gritos, atende a esses pedidos, conforta esses abandonos. À proporção que se torna mais só, sentimos que a sua faculdade de solidariedade humana se aperfeiçoa. Somente aquele que viveu na solidão, e se banhou nas suas águas dolorosas, soube conhecer o encanto misterioso e triste das almas e das cousas. Isolado, Humberto de Campos veio desenvolvendo, dia a dia, o dom de compreender os companheiros de peregrinação da vida. A cada um deles deu um pouco de amparo ou de afeto. Há uma atitude paternal nesse homem que apenas passou dos quarenta anos, mas ao qual a vida, pelo sofrimento repetido, já deu uma ancianidade augusta e venerável.

Este Humberto de Campos – amado de todos, ouvido por todos, procurado, glorioso, alto em sua imensa simpatia humana – é que eu quero que fique impresso em vosso espírito. É ele, sem dúvida, um dos grandes orgulhos do Brasil contemporâneo. E diante da sua imagem aureolada, eu desejava, apenas, lembrar a deslumbrada exclamação que outrora Gorki teve diante de Tolstoi:

– Vejam que homem maravilhoso existiu na terra!

II

RESPOSTA DO SR. A.J. PEREIRA DA SILVA

SEDE bem-vindo, Sr. Múcio Leão.

Sois, em verdade, um escritor, um jornalista, um crítico, um romancista, um contista, um poeta, um homem de letras completo. Alguém já me havia falado de vossa infância dedicada aos estudos. Principiastes a aprender estilo aos doze anos de idade. Preludiastes versos, tentastes contos, perpetrastes críticas, fizestes literatura de todo o gênero. Tudo isso para vós e para os vossos íntimos. Essa biblioteca manuscrita ainda a conserva a ternura maternal da Sr.ª dona Ceci Carneiro Leão, como preciosa relíquia que é dos primeiros surtos e estremecimentos do vosso espírito. Como vedes, mesmo que não o houvésseis confessado agora, já era conhecida a vossa vocação.

Não sei por que esse horror à primeira pessoa, a que aludis em vosso discurso. Deixemos Oscar Wilde com os seus paradoxos. Aliás, não creio na sua sinceridade. Era muito formoso, esse Narciso inglês e genial, para não gostar de falar de si. Não. Em arte, o Eu é que é tudo. Orgulho ou miséria, só o Eu é que é uma afirmação da consciência humana. Tudo o mais não passa de matéria-prima para a retorta mágica desse alquimista ridículo ou sublime.

Hugo disse a verdade: nenhum de nós tem honra de ser uma vida à parte. Minha vida é a vossa; vossa vida é a minha; viveis o que eu vivo. O destino é uno. Quando vos falo de mim, falo de vós. Como não o sentis?...

Fizestes bem revelando a vossa infância, porque se vê que, de origem, o próprio do vosso espírito é a curiosidade. Filho de pai tão ilustre, é possível que a tivésseis herdado já assim tão ponderada, mesmo na adolescência. Faço

a conjetura, porque vos noto trabalhado de idéias e sentimentos profundos desde os vossos primeiros escritos.

Talvez houvesse também concorrido para tanto o curso de vossos estudos superiores, nessa Faculdade de Direito do Recife, tão merecidamente orgulhosa de suas tradições didáticas, e sob cujos influxos decorreram, de 1914 a 1918, os dias aurorais da vossa adolescência e da vossa mocidade. Passastes uma e outra entre uma colméia alvissareira de belos espíritos: Barbosa Lima Sobrinho, Edmundo Jordão, Orlando Sete, Manuel Sete, Oliveira e Silva, Maviael do Prado, e tantos outros, que hoje fulguram nas letras, no jornalismo, na magistratura. Bebestes, como eles, naquela faculdade, cujo prestígio mental, como a de São Paulo, tanto acelerou, entre nós, o futuro das gerações sucessivas, as lições de grandes mestres da cultura jurídica, tais como Aníbal Freire, Henrique Milet, Gondim Filho, Odilon Nestor, Meira de Vasconcelos e a figura de relevo de vosso pai Laurindo Leão, adorado pelas gerações que ensinou, filósofo e homem de letras de tão marcante e notória atuação, e cujo perfil acabais tocantemente de traçar em página de tanto esplendor e viva justiça que ficará sendo, entre as vossas, a de mais sensível e irresistível beleza. Chegara o momento de virdes à publicidade, e foi no *Diário de Pernambuco*, de Carlos Lira Filho, dirigido por Manuel Caetano, que ensaiastes, em iterativa colaboração, os primeiros vôos, estudando Graça Aranha, Eça de Queirós, Oliveira Lima, Afrânio Peixoto, Machado de Assis, Afonso Arinos, Assis Chateaubriand e outros. Esses ensaios atraíram, para logo, a admiração dos espíritos de *elite*. Apenas, quando chegavam à redação – deveis estar lembrado – causavam um verdadeiro alvoroço. Traçáveis os vossos ensaios em caligrafia de tão difícil leitura que os redatores do *Diário* se agrupavam em torno à grande mesa do chefe (nem sempre os homens de letras são de letra), para descobrirem o que havíeis escrito. Paciente, Manuel Caetano reproduzia em sua letra perfeita os vossos trabalhos, para tranqüilidade da pobre gente da tipografia e da redação.

Com Barbosa Lima Sobrinho e Edmundo Jordão, formáveis uma trindade tão cordial e tão íntima, que residindo este último a dezesseis léguas de distância do Recife, e dando expansão a esta vossa inata inquietude e amor pelas caminhadas – andarilho terrível que sois vós! – arrastáveis Barbosa Lima Sobrinho por todas essas léguas, para Goiana, a cidade da legenda e do sonho,

a cidade que tão gratamente ressoa ao ouvido do nosso querido Adelmar Tavares – "Minha Bruges pernambucana" – como ele o diz, como um Rodembach, nos seus poemas evocativos – "Minha Bruges pernambucana com os seus verdes canaviais, as suas usinas de açúcar, as suas velhas igrejas cinzentas do tempo, os seus canais adormecidos, onde os barcos pousam como cisnes", cidade onde certamente ele viu partirem aquelas barcaças, "Rosa Branca", "Luz do Dia", "Navegantes", "Flor do Mar", levando trigo para os enfermos, vinhos e jóias para os felizes, madeiras para tálamos e ataúdes.

Dessas caminhadas à Cidade Gloriosa há várias páginas por vossa obra. Uma delas, e das mais lindas, é a *Poesia do Nordeste*, na qual estudais as produções do nosso folclore, e outra, a daquela procissão descrita na *Promessa Inútil*. É da primeira este trecho tão sentido e tão comunicativo:

> Há recordações que nos ficam eternas. A memória das nossas emoções é longa e consoladora. E tudo aquilo que embalsamou de poesia e sentimento a doçura da nossa infância continua, através dos tempos, a brilhar em nossa alma, sobre-dourado de um infinito encanto, de uma divina graça. O feitiço da terra é um desses filtros prestigiosos. Nós, aqueles que nascemos nos Estados, e fomos forçados, pela vida, a emigrar, nós bem sabemos as solicitações dessa voz antiga quanto são ardentes e fortes. Os mais ilustres e os mais humildes, todos ouvimos a delícia dessa voz, e todos a ela cedemos. Joaquim Nabuco, que escreveu em ouro livros de pensamento e de meditação, narrou esse poema, suave e ao mesmo tempo amargo, da saudade da terra natal. E o escritor confessava, com uma encantadora ingenuidade, que, longe embora, em cortes pitorescas, entre homens finos e mulheres belas, tinha, sempre, diante dos olhos, a visão das terras da infância, e nos ouvidos, a música dos canaviais balançados pelo vento. Mercê desse mesmo sentimento, que Nabuco definia, é que todos guardamos, pela vida adiante, a recordação dos quadros onde formamos a alma e o espírito, e a lembrança do mundo onde lentamente nos iniciamos nos sofrimentos e nas delícias do Universo.

Vindo para o Rio, aqui chegastes em 1919, e, logo depois, aos 21 anos, já éreis o crítico literário do *Correio da Manhã*, função essa que deixáveis mais tarde, substituído por Humberto de Campos, para ingressardes no *Jornal do Brasil*, no qual, provisoriamente, indicado pelo próprio mestre João

Ribeiro, o substituístes no "Registro Literário", e, depois, de maneira definitiva, quando ele se partiu para o "Reino das Sombras".

O vosso primeiro livro, Sr. Múcio Leão, os *Ensaios Contemporâneos*, é de uma gravidade admirável em estréias literárias. É possível que houve concorrido para isso o momento em que apareceu. A Grande Guerra vinha absorvendo todas as inteligências. Surpreendeu a vossa em plena juventude. Consciente ou subconsciente, a calamidade memorável deveria ter influído em vossa psicologia. Deveria, não. Influiu, decerto, como aconteceu a todos nós, os espectadores de uma civilização, que se acreditava fundamental e irredutível, e abatia, de vez, como um teto, sobre nossas cabeças. Era impossível que vossa imaginação, educada pelo gênio clássico, mantivesse o equilíbrio num mundo que ruíra de fato e não mais logrou até hoje o ritmo que lhe imprimira no espírito, durante vinte séculos augurais de esperanças, o gênio messiânico de cristianismo.

Uma justa apreciação sobre os *Ensaios* notará que foi considerável a reserva de vossas energias íntimas contra os embates da nova mentalidade. Resististes até certo ponto aos delírios iconoclásticos da hora, e o trabalho inicial – *Das Condições de Cultura no Brasil* – é uma prova deste asserto. Digo até certo ponto, atendendo ao cepticismo do livro, que é, a meu ver, um reflexo mental daquela hora expectante. Daí, certamente, as vossas apreensões de noviço depois da leitura das obras e da observação dos caracteres morais e espirituais das nossas duas últimas gerações de autores. Estudando-as, aliás com simpatia e discernimento, acabastes quase desolado; pois só vos ficou, de nossa atualidade intelectual, uma impressão de desarmonia e da anarquia de alma, de pensamento e de ideal, numa hora de tanto pragmatismo científico e tecnicismo utilitarista. Essa impressão talvez não seja injusta. A verdade, porém, é que uma nação obedece a leis naturais de desenvolvimento. Essas leis são demasiado complexas e por isso podem admitir interpretações diversas. A nossa sociogenia, a nossa e a de todos os povos da América, processou-se em circunstâncias tão inextrincáveis que qualquer estudioso dos nossos assuntos históricos encontra elementos para as suas ilações pessoais. Daí a variedade de critério filosófico dos comentaristas de nossa evolução indígena. Para uns parece insignificante o que, para outros, é um motivo de ufania. Questão de pontos de vista ou de opiniões, igualmente meritórias, porque visam, cada

qual a seu modo, o mesmo objetivo: a verdade. Por isso não leveis a mal que eu tenha, nestes assuntos, o meu modo de sentir, um pouco diferente do vosso em 1923 – modo de sentir que hoje talvez já não seja o mesmo.

Quer-me parecer que, nos defeitos geralmente atribuídos à nossa psicologia, deve ser levada em linha de conta a falta de experiência e conhecimentos, que não tínhamos, nem podíamos ter, justamente nas épocas em que nos envolveram os episódios mais significativos do destino de povo ainda em estado embrionário: a Independência, a Abolição e a República. Não obstante, penso que os homens dessa fase da vida nacional revelaram qualidades excepcionais no desempenho dos seus papéis históricos. Idealismo, inteligência, coragem, espírito de sacrifício, virtudes heróicas, encontraram neles figuras vivas e reais, nos momentos de propaganda e das realizações, por vezes dramáticas, das suas idéias e dos seus sentimentos cívicos.

Considerado assim, do alto, abstratamente, parece que somos um povo de contemplativos, alheios à sua própria destinação. Mas a realidade dos fatos da nossa história, e a galeria que já possuímos de homens eminentes em todas as ordens de ação cultural, não justificam o cepticismo teórico, ainda que bem intencionado, do comum dos nossos críticos e etnologistas.

Em regra, esses argumentam baseados em comparações com outros povos europeus. Mas esse método de verificação de valores é rigoroso demais aplicado às gentes americanas. A balança será sempre contra nós. Nada mais natural: em um dos pratos da balança figuram, apenas, alguns séculos, que não são nada contra os milênios do outro. O que é admirável é que o fiel da balança, mais de uma vez, já tenha oscilado em nosso sentido. Não é isto uma prova de que, apesar de todas as contingências de nossa origem, temos vencido de tal forma o tempo e o espaço que já nos libramos – *Deo gratias!* – nas mesmas esferas superiores dos outros povos? Este é o meu modo de pensar. Talvez seja critério de poeta. Talvez sejam razões sentimentais as que me levam a ser tão otimista. Mas não seria nobre nem justo que as recalcasse no espírito e no coração.

O vosso livro inicial é digno da estima dos estudiosos porque é todo inspirado no verdadeiro sentimento da imparcialidade. Quereis advertir, e advertis, de fato, em vários capítulos, os homens e os moços das novas gerações, dos prejuízos morais que vós mesmo sofrestes, na formação do vosso

espírito, e que entravavam, e ainda entravam, o desenvolvimento harmônico da nossa cultura. Vossos conceitos são de tal modo elevados que se impõem à simpatia daqueles que apreciam as coisas de outra maneira. Há, porém, nos *Ensaios*, páginas de evidência tão bela que serão unanimente admiradas. Tal, entre outras, o estudo sobre Machado de Assis. Nele, discreta, mas profunda, palpita a vossa emoção íntima diante dessa figura tão impressionante, que dificilmente se compreende como houvesse *levantado, em ouro e luz*, e numa raça tão nova, a mais fulgurante das obras literárias que ainda foi concebida e vivida na mais sábia e pura ourivesaria do estilo. A análise a que submetestes o homem e a sua obra ofereceu a mais feliz oportunidade ao vosso espírito crítico e à vossa plasticidade expressional.

Não resisto ao desejo de ler, pelo menos, um trecho de ouro desse estudo tão comovido e comovente:

> Machado de Assis teve um destino singular. Nascendo num lar humilde, passou a existência sem nenhum desses traços fortes, crespos, que parecem assinalar os homens de gênio. Vindo de uma extrema pobreza, teve ocasião de contemplar e analisar a vida, no que a vida tem de mais doloroso e de mais absurdo. Dotado de um senso de observação interior incomparável, capaz de discernir com a mais clarividente das precisões o universo de dúvidas, de amarguras, de sofrimentos, que é cada um espírito, ele se deliciou em vasar, nos seus livros, essas observações que somente a retina de um homem de gênio seria capaz de recolher. Mas não nos iludamos: nada há nele de frívolo nem de superficial. Nesse poeta, nesse psicólogo, sábio na arte de animar com uma vida suprema as visões mais impalpáveis não há a menor das exterioridades. Suas análises são tão-somente de almas; suas anatomias são de espíritos. Lendo-o, muitas vezes cerramos as páginas de seus romances e nos perguntamos: – "Aonde foi esse homem buscar essas impressões, em que abismo de coração, em que silenciosa profundidade de almas"? – Tal de suas páginas narra o estado de espírito de um sacristão que, tendo recebido para as almas uma cédula de dois mil réis, fica a lutar consigo mesmo no desejo de guardar essa espórtula. E que análise minuciosa, horrivelmente torturante, Machado de Assis fez, com esse episódio tão simples! É que ele teve o segredo único do gênio: adivinhou o mecanismo dos sentimentos alheios. Ibsen, descrevendo um anormal, transmite-nos a impressão de ter sido,

> ele próprio, um anormal; Dostoievski narra o crime de Raskolnikoff e o seu terrível mundo cerebral, como se fosse, ele próprio, esse celerado. Flaubert sofre, com Madame Bovary, todas as torturas do envenenamento por arsênico; e o maior de todos, Shakespeare, como é alternativamente louco com Hamlet, apaixonado e terno com Romeu, apaixonado e sofredor com Otelo, e doce com Miranda, e puro com Ofélia! É que esses homens têm o poder divino; eles vêem desenrolar-se o quadro doloroso e pungente da alma humana. Único, no Brasil, esse desventurado, esse singularíssimo Machado de Assis possuiu a chave do segredo maravilhoso.

O capítulo dedicado a Raimundo Correia é outro lindo retrato, inciso e conciso, do poeta perfeito. Falando de Raimundo Correia, dizeis: "não posso deixar de me sentir fascinado. Esse poeta era complexo e profundo".

Como se vê, o cepticismo teórico do primeiro capítulo dos *Ensaios* não resistiu ao exame direto das grandes figuras das nossas letras. Ao contrário, estimulou e aprofundou as vossas faculdades de apreciação justa.

Outro sentimento não me inspiram as páginas sobre Renan, isto é, – "sobre a vida e pensamento de um filósofo harmonioso, cuja sabedoria era temperada pelas belas luzes trêmulas de uma poesia sem fim e o idealismo fecundado por uma paixão ardente da razão e da verdade".

Muito haveria que dizer de vossa atividade de jornalista, crítico literário, romancista, novelista e contista. Como poderia fazê-lo? Faltam-me duas coisas essenciais: a acuidade analítica e o tempo. Não seria justo, porém, que na hora em que a Academia proclama a vossa consagração, deixasse eu de destacá-la, ainda que sem o brilho merecido. A curiosidade, que é a dominante de vosso temperamento, não podia deixar de conduzir-vos, como conduziu, às lides da imprensa. Não lhe bastariam os livros. Como Humberto de Campos e tantos nomes gloriosos na literatura propriamente dita, tendes dedicado a ela a inteligência, a cultura e a presteza de estilo que ela impõe, nesta hora de precipitação, ao dinamismo sensacionalista dos seus servidores. O artigo de fundo, o comentário político do momento, o suelto, a entrevista ocasional com as individualidades de exceção, a crônica do dia sobre as idéias e sobre os acontecimentos mais controversos, o registro social encontram, na agilidade de vossa pena, a vida e o movimento indispensáveis ao êxito profissional. Por isso mesmo, apesar do vosso feitio retraído, gozais dos vossos contemporâ-

neos esse prestígio que só se conquista pelo mérito real e pelas vitórias incontestadas. O jornalista tem que ser o intérprete instantâneo de todas as idéias e sensações transitórias. Vivê-la, pois, diariamente, a todo instante, é uma prova de exuberância mental, é fazer da própria vida nervosa dos nossos dias matéria plástica ao arbítrio de nossa inteligência. O jornalista, o repórter e o escritor se confundem nessa azáfama de verdadeiro paroxismo intelectual, que é a imprensa diária.

A vossa obra, Sr. Múcio Leão, é uma prova evidente deste conceito. Que nos apresentais, na sua variedade, senão o reflexo da tragicomédia que vivemos? As diferenças que ela oferece são outros tantos modos de ver da vossa personalidade. Mudam os aspectos, muda o estilo. E o plumitivo de há pouco cede a pena ao crítico de agora. Vem a serenidade, a reflexão, a consciência, a sondagem da análise nas correntes subterrâneas das ações e dos sentimentos humanos. E nas linhas e entrelinhas dos livros que a crítica vai buscar a sua razão de ser, a sua nobre razão de ser: – "estudar, como diz Ernest Hello, as idéias mesmas, interrogar, no escritor, a verdade que ele serve ou deveria servir e o erro que adotou e devera ter combatido". – É uma espécie de exame da consciência alheia, uma arte difícil, porque implica qualidades excepcionais, não só inatas como adquiridas na escola viva da própria experiência. Pela sua causa e finalidade, é ela a mais alta função espiritual. Tendes desempenhado essa função com a tolerância e emulação que dignificam o mister e acrisolam as intenções incipientes dos verdadeiros temperamentos estéticos. Vê-se bem, na vossa maneira, que tendes o vinco espiritual dos vossos mestres. Vosso espírito crítico se plasmou sob o influxo de Renan e Sainte-Beuve, de Lemaître e Anatole France, de Machado de Assis e João Ribeiro. O entusiasmo discreto pelos mais privilegiados, e um sorriso, que é um misto de benignidade e ironia, pelos outros. Procedeis, sem dúvida, como uma força de estímulo e de incentividade, cujos propósitos imprimem aos espíritos novéis o ânimo para os triunfos certos ou prováveis ou impossíveis.

Para provar a sutileza e a penetração de vossa crítica não me seria preciso mais do que referir-me ao vosso livro *João Ribeiro*. É uma justa apologia ao homem, ao poeta, ao professor, ao sábio, cuja memória deve ser exaltada como exemplo de vida ilustre. De trinta anos para cá nas escolas, nas

Academias, nos livros, as gerações estudiosas não encontraram melhor guia. Todo o Brasil contemporâneo se abeberou nessa fonte inesgotável de saber. João Ribeiro foi além do professor. Foi um missionista. Na imprensa, na cátedra, nas livrarias, em toda a parte e por toda a parte, encontrávamos, sempre, essa bondade humanista, essa erudição estimuladora, essa inteligência dadivosa, essa cultura enciclopédica, esse milagre vivo de memória, de método, de vontade, de raciocínio, – de todas as prerrogativas de um educador e orientador de gerações. O tributo de discípulo amado, que vindes prestando à memória desse Mestre de princípios e normas tão nossas, pela benevolência e desinteresse, é a melhor prova do quanto a sua influência foi real e enobrecedora. Vosso convívio de espírito e coração com esse Doutor das belas e boas letras vos deu o senso da medida, a paixão da beleza, o equilíbrio no juízo crítico. Não lhe exagerastes, num átomo, as excelências de caráter, nem procurastes as sombras ou os entretons para atenuardes, na expressão dessa fisionomia, os defeitos que porventura tivesse a sua humanidade. Fizestes obra de uma consciência que procura refletir outra. Para tanto, além do afeto, era mister que estimulásseis em vós mesmo as idéias e emoções que definiram o modelo, ou melhor, o ídolo de vossa admiração. O labor, apesar de árduo, não vos arrefeceu o anelo. Tão forte foi este que, ainda sob a impressão recente do luto da grande perda, iniciáveis aquela série de conferências que atraíram para a sua biografia e a sua psicologia a admiração de quantos ainda ignoravam o que numa e noutra havia realmente de singularidade e beleza.

Essas conferências constituem obra de tocante probidade intelectual. A afeição e a verdade ajustam-se na forma e no fundo das apreciações, dos conceitos ou dos comentários. Viveis com o pitoresco do estilo anedótico ou com as sutilezas da crítica psicológica os múltiplos aspectos dessa inteligência, tão peregrina nos seus dons especulativos e na sua própria afabilidade intimista.

A vossa minudente interpretação da obra de João Ribeiro, prismática e complexa como a sua psicologia, ficará sendo um verdadeiro elucidário para os futuros críticos dos espíritos de *elite*, cujas associações e dissociações de idéias precipitam a caracterização específica do gênio brasileiro.

Do contista e romancista que sois falam mais alto que a minha palavra os aplausos que tem alcançado o aparecimento de cada um dos vossos livros – *Promessa Inútil, Prêmio de Pureza, No Fim do Caminho, Castigada*.

Promessa Inútil deu-vos a coroa, concedida pelo Instituto de Cooperação Intelectual de Genebra ao melhor livro no gênero.

Em *Castigada*, romance de ação e de paisagem, usos e costumes cariocas e nordestinos, revelais vivas qualidades de observador, descritor e fixador de caracteres humanos. Estudais a vida da mulher moderna no Brasil e os sérios problemas que ela suscita, e que, no entanto, são encarados "com esse sorriso de fútil ironia com que recebemos tudo quanto vá além de uma dourada exibição de talento". Se, em *Castigada*, fizestes, com perfeito conhecimento de técnica, o romance social, não fostes menos afortunado na fatura, isto é, na forma e no estilo do romance psicológico, o romance de análise sutil e silenciosa, que é *No Fim do Caminho*. Era de esperar que tal acontecesse a quem já havia burilado aquele impressivo estudo "O Idealismo no Romance", um dos melhores capítulos dos *Ensaios*. O gênero é o de Machado de Assis, e Humberto de Campos lhe fez o paralelo com o *Memorial de Aires*, demonstrando as afinidades de técnica e pensamento entre os dois livros, e de caráter e de destino entre as figuras principais de um e outro, o Conselheiro Aires, ministro aposentado em Viena, e Antônio Pedro, ministro aposentado do Supremo Tribunal Federal. Esse confronto, por si só, com um livro de tal excelência vale pelo mais invejável encômio aos vossos justos desejos a um lugar nesta Casa, que é de Machado de Assis, modelo vosso e de quantos aqui lhe veneram a glória tutelar. Mas, não satisfeito com uma comparação tão significativa, Humberto de Campos assim confessa, no mesmo estudo, completando-a, a sua admiração ostentosa pela vossa obra:

> Romancista, contista, ensaísta, ou poeta, o que aparece, em cada um dos seus livros, ou das suas criações, é sempre o Sr. Múcio Leão, isto é, o escritor elegante e sóbrio, o artista em que se fundem a graça a palavra e o encanto do pensamento. Cada livro seu é um desdobramento, apenas, da mesma personalidade – circunstância que, impedindo a variedade da obra dentro do mesmo gênero, é uma garantia certa contra a vulgaridade.
>
> E é por isso mesmo que certa vez, perguntado na Academia, qual dos nomes novos escolheria se fosse permitido ao acadêmico indicar o seu sucessor, isto é, o herdeiro da sua poltrona, respondi sem tergiversar:
>
> – O Sr. Fernando de Azevedo ou o Sr. Múcio Leão!

> Esta confissão, que ficará valendo aqui por um bilhete póstumo aos acadêmicos que nos sobrevieram, dirá ao criador do Ministro Pedro o que é, intimamente, a minha admiração pelas suas virtudes literárias, pela graça do seu estilo, pelas tendências da sua cultura e do seu gosto, pelo equilíbrio, em suma, da sua palavra e do seu pensamento.

Se é verdade, como creio, que os mortos velam pelos espíritos que amaram e deixaram no mundo, Humberto de Campos certamente vos está aqui aplaudindo conosco, embora com a sua presença invisível. Consenti que colabore também na justiça com que acabais de pronunciar o memorável elogio dessa figura tão estranha pela inteligência e pelo infortúnio que não pude ver morta sem proferir esta apóstrofe:

HUMBERTO DE CAMPOS

De corpo exausto e de alma combalida,
Após um longo dia de canseira,
Vim de deixar na terra derradeira
Os despojos mortais da tua vida.

Toda a cidade estava encandescida
Sob a luz deste dia de soalheira,
Luz sonora, luz cálida, vívida
Como a luz da tua alma, Humberto, em Poeira.

E agora, à noite, penso a sós comigo:
A glória, o sol dos mortos, grande amigo,
Trouxe-te, presta, o láureo galardão.

Teu destino foi mau como Procusto.
Mas a dor nos redime, Deus é justo,
E não há gênio sem consagração!

Além das credenciais de prosador, trazeis as de poeta. Os *Ensaios* já vos indicavam como tal. Nos capítulos – "O espírito da nova poesia", "A poesia

do Nordeste", "Raimundo Correia" e outros – a emoção do estilo trai a cada instante, o poeta latente do *Tesouro Recôndito*. Só mesmo um poeta versaria tais assuntos como o fizestes. Os sentimentos que inspiraram essas páginas não teriam brotado tão espontâneos de vossa alma, se esta não fosse naturalmente inclinada às solicitações do ritmo. Sem uma tal receptividade íntima, não teríeis compreendido tão bem o nosso folclore, sentido tão intimamente as correntes poéticas de emoção nova, e interpretado de alma tão afinada os frêmitos dos corações musicais

Por tudo isso, era de esperar o Tesouro Recôndito que já estava nos rumores imperceptíveis de vosso sangue. Cada um de nós tem o seu senso íntimo. Eu diria: o seu prelúdio interior. Ouvimo-lo em certos estados de alma, que alguém define assim: inconsciente, latente, ativo. Mas não é isso que é a inspiração, a poesia? Qualquer que seja a explicação teórica do fenômeno, o certo é que em alguns temperamentos ele se manifesta na espontaneidade rítmica das estrofes, tal como se manifestam os gorjeios na efusão lírica dos pássaros.

Ouçamos a vossa Musa, em dos seus estados de graça:

Todos vós, todos vós, só viveis meditando
Nas coisas que possuís.
E nem vedes que, assim, ides a alma entregando
A sonhos vãos e vis.

Olhai, porém, para essas várzeas flóreas;
Vede os lírios dos campos viridentes,
Que os vales enchem, na sazão vernal.

Nem o rei Salomão nas suas glórias,
Nas suas glórias mais resplandecentes,
Teve uma pompa igual...

É a linda parábola bíblica. Como, aqui, a instintiva afinidade da Poesia e da Religião se ajustam na letra e na harmonia do verso! Como as duas liturgias, a da Natureza e a do Espírito, se confundem no mesmo ato de contrição e desejo de que os homens ascendam, pelo desprendimento dos sonhos vãos e vis, à vida perfeita, isto é, à vida sem preocupações de riquezas

ou inquietações de consciência! Pouco importa que essa visão superior da alma humana pareça fora das cogitações atuais. O nosso destino interior nola impõe a todo momento como a única razão de ser da nossa própria inteligência, cuja origem e finalidade cada vez mais se nos afiguram imperscrutáveis e divinas. Os místicos têm toda a razão. Há uns claros-escuros intelectuais que somente os temperamentos dos artistas, votados, por desígnio secreto, à Perfeição, logram viver nos seus momentos eucarísticos de concepção e composição estéticas.

A simplicidade é o que mais me agrada, Sr. Múcio Leão, nos vossos poemas. Os versos vos surgem das próprias inclinações. Sentis a necessidade de vos integrardes à beleza visível ou aos estremecimentos íntimos da nossa natureza imortal.

Os estremecimentos de um coração de poeta! O seu mundo inexprimível de impressões, refrações, reflexões, sentimentos, idéias, formas substanciais que não logram nunca vir à luz das realizações plásticas! Muitos dos vossos versos revelam as origens de onde emergem, isto é, as fontes vivas de onde correm, transparentes, o seu rumor e a sua frescura. Nada de requintes em vossa composição. Estesia natural, sem artifícios, vibrando como um instrumento acústico.

A Natureza é ainda quem vos sugere aos sentidos todos os entusiasmos ou apreensões. Estais identificado a ela como uma planta – planta humana, cujos conceitos rebentam como frutos.

Entrai a porta menos nobre.
Bebei do mais humilde vinho
Que der a mais humilde mão.

Lembrai-vos, sempre, que o caminho
Que for mais árido e mais pobre
É que conduz à perfeição.

Para a vossa musa, em plena graça dos primeiros módulos, tudo é emotividade. Ouvir e ver basta-lhe às vibrações. Não lhe faltam nem claridade ambiente, nem motivos de ternura, condições essenciais à verdadeira poesia.

Esse estado de alma, ou, melhor, de harmonia perfeita das duas realidades, a subjetiva e a objetiva, ou seja, a estética e a especulativa, ou melhor ainda, a mística ou imanente e a lógica ou racional, é que imprime à poesia o seu duplo mistério de expressão humana e divina: o verso e a música. O fascínio desse mistério varia em cada autor, vindo em uns do sentimento, em outros dos sentidos: neste, dos instintos, naquele das idéias ou das intuições puras.

Ouçamos ainda essas lindas estrofes do vosso *Tesouro Recôndido*, já que o tempo não nos permite ouvir outras e outras não menos significativas do vosso numen poético:

"Quem diz que a felicidade,
Jardim de meandros subtis,
Não seja a simples vaidade
De quem pensa que é feliz?"

"Eu também, meu irmãos, como vós, perjurei!
Ante o altar do meu Deus piedosamente orei,
Cheio de crença o olhar, de esperanças o peito,
E não cumpri, depois a palavra que dei!"

"É noite. Os céus fulguram, silenciosos.
Novas constelações desabrocharam
Como jardins ardentes, num tremor.
Eu sonho, sob os astros generosos,
Como um dia, há milênios, já sonharam
Meus primeiros avós na terra em flor."

Tendes, Sr. Múcio Leão, a vossa maneira autêntica de sentir e pensar como poeta e prosador. Melhor do que eu, sabe a Academia apreçar os vossos méritos. Nela encontrareis o vosso ambiente. Mantemos aqui a crença generosa de que o sentido da vida é o da inteligência. Foi a lição que nos confiaram os gênios protetores deste cenáculo. Temo-la como verdadeira, e todas as nossas energias profundas são para bem interpretá-la, senti-la, vivê-la no fundo e na forma das palavras eternas. Mercê da força viva da fé, eles,

os mestres, nos animarão a nossa apetência de mais luz e beleza na estilização do que pensamos e sentimos. Não é o senso alegórico da vanglória que aqui nos reúne, mas o fervor recíproco por nossas letras e por todas as vocações literárias do Brasil, – deleite para nós e dever de consciência para com as juventudes que se devem suceder melhorando, aperfeiçoando, sublimando os atributos étnicos; pois, só assim, um dia estaremos à altura dos nossos desígnios, se o destino cíclico das civilizações porventura deslocar a glória mediterrânea do gênio latino para os povos adolescentes do Novo Mundo.

Afigura-se-me que os dois instrumentos mais poderosos para levar uma nação à plenitude de sua forças harmônicas são a Política e a Literatura, isto é, a ação direta dos estadistas na realização das idéias úteis, e a influência dos intelectuais na formação educacional do espírito coletivo.

É esta correlação, acorde necessária, que desejamos ver bem compreendida. Há uma visível inquietude e um vivo espírito de renovação no Brasil deste momento. São sintomas de revivescentes impulsos propulsores, que não podemos nem devemos recalcar em estado latente. Ao invés disso, impõe-se o dever de trazer à tona essas aspirações surdas, orientando-as no fio do pensamento da raça. Tal foi sempre a nossa orientação. "A Academia, disse-o a Comissão de Poesia em 1926, – a Academia não tem, nem pode ter, preocupações de escolas ou pautas, como se lhe tem procurado atribuir. Não! A Academia tem em mente a legenda de Santos Chocano: *Na arte cabem todas as escolas, como num raio de sol todas as cores*. Se bem que seja dos seus princípios fundamentais velar pela pureza da língua e defender o sagrado patrimônio dos nossos antepassados clássicos, ela não marcha às avessas, como aqueles *Matuiús* de que nos fala Bilac no seu *Tarde*, que 'quem os segue vai para o passado, quem os imita foge do futuro'. A Academia procura, apenas, nas escolas onde se encontre a beleza em sua plenitude e serenidade. Ela pode estar em todas as escolas, como estão num raio de sol todas as cores."

Para a Academia, como vedes, só há uma distinção: a do culto da verdade e da beleza como a concebe, compreende, sente e vive a expressão imperecível da nossa língua.

Tudo quanto obedece, na ordem especulativa e emotiva, a esse impulso finalístico, a Academia admira e exalça, como obra aceleradora e cristalizadora das nossas energias.

Lendo-vos, sentindo-vos, acompanhando-vos, Sr. Múcio Leão, vemos que esse é o espírito que também vos solicita e orienta. Vinde, pois, com a glória da vossa juventude e da vossa inteligência, colaborar em nossa ação, de equilíbrio e de estímulo às virtudes imortais.

Discurso do
SR. MIGUEL OSÓRIO DE ALMEIDA

e

Resposta do
SR. ROQUETTE-PINTO

Sessão solene extraordinária
do dia 23 de novembro de 1935

I

DISCURSO DO SR. MIGUEL DE ALMEIDA

SENHORES!

Quando foi inaugurada vossa Companhia, deixou Joaquim Nabuco transparecer, por demais claramente, suas dúvidas sobre o êxito do novo e assustador empreendimento: "A primeira condição da perpetuidade é a verossimilhança, e o que tentamos hoje é altamente inverossímil", dizia ele. Entretanto, a fé, ou, melhor, a boa-fé talvez pudesse produzir esse milagre de realizar o inacreditável. Ainda assim, não compreendia Nabuco, ou não previa, a possibilidade de afirmação de uma Academia sem a colaboração lenta e indispensável do tempo. "As Academias, como tantas outras coisas, precisam de antiguidade", explicava ele. "Uma Academia nova é como uma religião sem mistérios; falta-lhe solenidade. A nossa principal função não poderá ser preenchida senão muito tempo depois de nós, na terceira ou quarta dinastia de nossos sucessores."

Quem hoje aprecia vossa ilustre Companhia, quem procura avaliar-lhe a alta e incomparável ação na vida social e intelectual do Brasil e quem pesa e mede o seu grande prestígio, sorri com benevolência das previsões cépticas ou pessimistas de vosso primeiro Secretário-Geral. Mostra vossa Academia toda a grave e imponente beleza da maturidade, ostenta com a conveniente discrição esse amável e tranqüilo sorriso, que provém da serena consciência da imortalidade, e já lhe não faltam alguns mistérios, alguns enigmas indecifráveis; por isso não arrefece a curiosidade sempre ativa em torno de vós. Extraordinariamente precoce a vossa maturidade, e não cometerei a estouvada indelicadeza de lembrar a data de vosso nascimento...

Constitui Nabuco mais um exemplo de quanto, no Brasil, é perigoso fazer previsões. Habituado a acompanhar e estudar, pela formação de literato e vida de diplomata, as lentas estratificações com que a evolução de países velhos constitui a estrutura lógica e necessária das sociedades, não podia ele admitir que desprezado ou iludido fosse o tempo. Não contava com a seiva rica e fecunda de terra nova tal qual a nossa, onde o calor tropical acelera a maturação dos frutos e apressa o ritmo da assimilação.

Certamente, e Nabuco bem o sentia, uma Academia não resulta apenas da reunião de algumas dezenas de homens de letras, ainda que escolhidos entre os maiores. Deve formar entidade à parte, resultante da fusão das personalidades que a compõem, mas sem deixar de constituir uma unidade superior. Só existe realmente uma Academia quando, ao enunciarmos-lhe o nome, não nos vêm imediatamente ao espírito, com nitidez das imagens pessoais, as figuras de seus membros. E verdadeiros acadêmicos são aqueles que, ciosos de sua independência, das características de suas mentalidades, sem atritos e sem esforço, se adaptam a essas normas superiores, ainda não expressamente formuladas, finas e delicadas por serem eternamente polidas e repolidas, invisíveis quase, de tão tênues, mas que se sentem e a pouco e pouco enleiam e prendem.

Regras, imposições, preceitos, limitações, impedimentos, leis? Nada que mereça tão antipáticas denominações, mas um pouco de tudo isso e alguma coisa mais. Ao mesmo tempo, inibição e estímulo, originados do receio de mal fazer e da aspiração para tudo que é belo e benfazejo, elevado e nobre, alevantado e puro. Ideal de cultura, no mais largo sentido do termo, revestido de várias formas, expresso de diferentes maneiras, manifestando nas idéias e estilo do escritor, na inspiração e ritmo do poeta, nas pesquisas e dissertações do historiador, nas concepções e técnica do sábio, na moral do homem de Estado, na magnânima austeridade do diretor de consciências.

Os verdadeiros títulos de nobreza são, na época atual, conferidos pela Academia. Não reconhece ela direitos hereditários, mas aceita os direitos adquiridos, e, em certos casos, com penetrante dom de antevisão, prevê os direitos futuros. Profundamente compreende ela que, no mundo do porvir, as forças intelectuais e espirituais farão cada vez mais sentir sua influência na organização da vida coletiva, porque isso é necessário, é enelutável, é fatal. A nobreza, outrora atribuída quase exclusivamente ao valor militar, tende a

humanizar-se, muda de direção, afirma-se pela inteligência e caráter, pela benevolência e espírito de justiça.

Quando, surpreendido como sempre ao conseguir a realização de minhas aspirações, verifiquei ter sido tão honrosamente admitido em vossa Companhia, procurei fazer um exame de consciência. No meu caso reconheci um traço de vossa benevolência, e a mim mesmo perguntei se deveria apresentar agradecimentos como homem de ciência, cuja vida tem sido dedicada à pesquisa de algumas esquivas, fugidias e relativas verdades, ou como alguém que, por motivos vários, tem empunhado a pena para escrever algumas coisas necessárias de dizer e talvez inúteis de ouvir. Seria preciso, sem chegar ao paradoxo, justificar, ao ser recebido em uma Academia de Letras, o título de escritor do qual só me apercebi, e ainda dado por alguns, há muito pouco tempo? Os homens de ciência de minha geração cedo compreenderam a impossibilidade de isolamento, daquele esplêndido isolamento no qual se compraziam. Se há sábios apaixonados pelas pesquisas, que a tudo preferem os mais inacessíveis domínios das idéias e conhecimentos, outros nunca de todo perderam o contato com o mundo ativo e sofredor. Os primeiros são anacoretas para os quais não existem tentações fora do deserto; em lugar do areal adusto e ressecado, sob sol escaldante e esterilizador, encontram a sombra de frondosa árvore, os olhos se deleitam na contemplação de rica e luxuriante floração, os ouvidos percebem o rumor sussurrante das idéias a esvoaçarem, aladas e puras, à procura da cabeça dos eleitos. Os segundos, mesmo quando nesse deserto, têm ao ouvido o eco das vozes humanas, raramente alegres, o mais das vezes elevadas em lamentos e não raro em imprecações. Não aceitam a bela e pura ciência só como refúgio; tomam-na como elemento de ação. O mais abstrato e transcendente dos conhecimentos possui esta grande e afetiva virtude: faz-nos perceber por instantes, embora fugazes, a veia da eterna corrente que através dos séculos, das civilizações e das vicissitudes da História, passa pelas almas e fecunda os espíritos. Pô-la em contato com o maior número possível de homens, aspergir sobre estes algumas gotas que refrescam e purificam, é tarefa sedutora. Algumas vezes não pude resistir a essa sedução e, conquanto nada pudesse dar, ao menos pareceu-me lícito indicar a direção a seguir.

De uma feita, porém, prestei maior atenção a vozes que pareciam reclamar alguma coisa além dessa contemplação de abstrações e transcendências: um consolo, amparo para dores mais humanas, imediatas e, enquanto no laboratório passava horas fazendo medidas rigorosas e complexas, ou porfiava no afã de resolver equações destinadas a traduzir, em termos precisos, as manifestações visíveis da realidade obstinadamente oculta, em casa deixava correr a pena em pálidas tentativas de exprimir as angústias de algumas almas sem abrigo. Quando tudo acabou, aos fisiologistas apresentei uma teoria matemática e físico-química de excitabilidade, aos amigos mostrei duas ou três centenas de páginas; à falta de melhor mereceriam elas o título de romance. Romance? Não o sei ainda. Alguma coisa que, sem ser real, poderia ser verdadeira, sem reproduzir fatos passados, pois tudo era simples produto da imaginação, bem correspondia às observações e experiências de muitos. O resultado não se fez esperar. Vários fisiologistas, surpreendidos pela estreita concordância entre as deduções matemáticas e os fatos estudados nos laboratórios, não ocultaram o espanto e – por que não dizê-lo? – a ligeira desconfiança sempre despertada pelas construções intelectuais exatas, receosos de uma imaginação talvez excessiva. Os críticos literários não pouparam censuras à minha falta de imaginação, contando em romance coisas sem dúvida vividas por personagens que não podiam deixar de ter existido.

Não sei, portanto, Senhores, e difícil acho decidi-lo, a que devo a grande honra de vir hoje ocupar um lugar entre vós: se ao romance que se encontra em toda obra de ciência, mesmo na mais severa e árida, se à ciência e experiência que se acham em todo romance ou obra de imaginação. Vossa Academia já tem mistérios e de hoje em diante ser-me-á vedado procurar levantar para os outros os véus que os encobrem... Meu exame de consciência aponta-me, entretanto, um dever e este, como tudo que se faz em vossa Companhia, muito agradável de cumprir: o de manifestar minha gratidão sem procurar, neste caso, aprofundar vossos intuitos...

* * *

A multiplicidade de interesses de vossa Academia, o culto por tudo que diz respeito à inteligência e ao espírito, – o romance, a história, o ensaio, a poesia, a ciência, a crítica, a conferência, o ensino, a eloqüência, – tiveram vivo

representante, raro, senão único, nesse homem privilegiado a quem venho suceder. Medeiros e Albuquerque era, antes de tudo, alguém que compreendia e que, nessa faculdade nunca esquecida e a todo instante aperfeiçoada e aguçada, encontrava inesgotável prazer. Sua inteligência, rápida, acolhedora, exercitava-se sem descanso na insaciável ânsia de assimilar, saber, perquirir. Sua capacidade de análise estendia-se a tudo, a si próprio, como aos mundos longínquos, aos que o cercavam como aos primitivos homens pré-históricos e aos espíritos envoltos na névoa poética das superstições e idealizadores de mitologias. Para ele não tinham fronteiras os diferentes domínios de conhecimento ou de ação intelectual; passava de uns para outros, percorria-os em vários sentidos, sempre atento e não raro encantado, horrorizado ou deslumbrado com o que se lhe deparava.

Daí alguns traços de sua personalidade, por vezes mal interpretados. Não é impunemente que se desenvolve e hipertrofia a tal ponto uma das faculdades sem o equilíbrio compensador das outras. De Medeiros nem sempre podiam ser completas as grandes satisfações intelectuais. Faltava-lhe, como falta a todos aqueles, sobranceiros e altivos, porém desprovidos de bases para as crenças, qualquer coisa a servir de apoio ao enfrentar os grandes mistérios da vida e do universo. Não se dobram, como Medeiros nunca se curvou, não se submetem, e ele conservou até o fim a serena satisfação da completa independência; mas tudo contemplam com o sorriso amargo da desilusão sem esperanças. Para que se lhes oferecer consolo, apenas bom para outros menos fortes? O vazio da vida, quando aceito com ânimo poderoso, não deve intimidar: pequenos nadas acabam por enchê-lo. E nos momentos difíceis suporta-se a dor e sofre-se em silêncio:

Nada é tão nobre como ver quem sabe,
trancado dentro de uma dor sem termo,
mágoas terríveis suportar calado!

Medeiros, atônito e dolorido, assistia ao desaparecimento de todos os sonhos e ilusões; quando muito exprimia em algum poema, muitas vezes sem versos, seu estado d' alma:

> Foi aqui um jardim formosíssimo, cheio de flores estranhas e raras, foi um deslumbramento de corolas multicores, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de

> seiva, vibrantes de perfumes... Hoje é um pântano de águas estagnadas e verdes... As flores, não houve quem cuidasse delas... Tudo morreu!... Havia perfumes... há agora miasmas... Dantes os pássaros vinham cantar nos ramos verdes dos arbustos... Hoje no paul verde e sombrio, por toda orquestra, coaxam os sapos à noite... Das palmeiras de outrora só resta uma... as palmas todas já se desprenderam e, secas, bóiam meio enterradas no lodo, sobre o marnel... Apenas o estipe verde aponta ainda para o azul, para o eterno azul indiferente...
>
> O pântano será então como as almas, que já tiveram fé e crenças e ilusões, mas hoje destilam os miasmas do Desengano, molestando os corações que se aproximam delas; será como as almas onde só as saudades e os remorsos coaxam lugubremente e que até a crença em Deus – estipe verde de palmeira a erguer-se para os céus – até essa já perderam..."

Entretanto, a qualquer compromisso de consciência Medeiros preferiu o ateísmo absoluto e as conseqüências que daí pudessem advir. Tornou-se descrente, supondo ter sido a isso levado por estudos e leituras, e nunca mais deixou de agir e falar de acordo com tais sentimentos e idéias. A religião, ou melhor, todas as religiões nele encontraram terrível adversário. Argumentos, discussões, alguns desde muito conhecidos, mas revigorados – e de novo brilho enriquecidos, espalhados foram em profusão. Sobretudo não esquecia de empregar a ironia e, não raro, também o sarcasmo por armas de combate. Suas conferências públicas são férteis em exemplos desse modo de relatar as coisas de religião, subtraídos os fatos ao ambiente de espiritualidade, privados do envolvente e vago perfume de mistério e reduzidos à mais simples e material representação. Em tais condições é certo o efeito humorístico, os atos se amesquinham e o cômico provém do contraste entre a pequenez e vulgaridade das cenas e a grandeza e venerabilidade dos personagens.

Indício seguro de quanto foram sinceras as crenças anteriores é essa sistemática oposição. O verdadeiro e completo ateu nunca sente necessidade de combater qualquer crença divina, a menos que se ela torne a origem de estado de espírito generalizado e perigoso para a sociedade. São-lhe igualmente indiferentes todos os credos e, se estes apenas constituem erros tradicionalmente mantidos, inclui-nos entre os inúmeros que por si destruíra o tempo. A preocupação de fazê-los desaparecer, e em particular um deles, revela um de dois sentimentos: ou revolta contra ilegítima e, portanto, reprovável usurpação de

consciência, ou luta íntima contra dúvidas que minam, apesar de tudo, o absoluto do ateísmo, a necessidade de renovar amiúde as provas da inanidade das crenças e a demonstração para si próprio da coragem de afrontá-las com irreverência.

Em Medeiros talvez coexistissem os dois sentimentos. Chegou ao ateísmo após longa e intensa meditação. Leu centenas de obras religiosas. Trabalhou a questão como grave problema, no qual a inteligência acabou por vencer, mas sem dúvida a vitória não foi tão completa como sempre procurou supor. E essas crenças, talvez dormitando quase apagadas no fundo, bem no fundo da alma, ele as temia, receava vê-las ressurgir no dia em que a inteligência vigilante e atenta se tornasse enfraquecida pela velhice ou pela doença. Dirigindo-se ao próprio cérebro, exclamava veemente: "Cérebro meu, tu vês, tu sentes quanto os deuses são ridículos... E, no entanto, um dia, quando a velhice te entorpecer, quando um sangue de moléstia, pobre e envenenado, te alimentar, tu podes bem, desgraçado, renegar as conclusões altivas e serenas do teu esforço e voltar a essas crenças fúteis e loucas, que hoje desprezas... Pobre de ti! Contra o que tu serás talvez amanhã – protesta hoje! Dize que, se isso acontecer, esse renegado que a Morte acovardou não te representa... Cérebro meu de hoje, protesta, firme, contra a miséria que tu podes ser amanhã."

Não o traiu o cérebro. Conservou-se fiel até o último instante. Com o sorriso nos lábios, tranqüilo, esperou a morte. E impossível não é que ainda lhe tivessem vindo à mente as belas palavras de sua oração à água:

> Água, quando eu estiver um dia, dentro da Terra, no leito de que ninguém se levanta, lava-me de tudo que em mim foi baixo e vil, e, desagregado meu corpo, leva-o, molécula por molécula, à seiva das grandes árvores e das pequeninas flores, à placidez quieta das lagoas e à turbulência formidável das vagas do oceano; passeia, algum tempo, um pouco de mim no teu giro incessante, da terra ao mar, do mar ao céu, e do céu de novo à terra; mas, por fim, um dia, transporta-me aos gelos eternos dos pólos, onde eu possa afinal dormir na tua brancura imaculada, único túmulo em que tudo é cândido, em que não há nada nojento e podre.

A sinceridade de Medeiros era, pois, completa. Ser sincero nem sempre é fácil, principalmente quando a razão assume um ilusório predomínio absoluto. Este tem sido o grande trabalho da psicologia moderna: evidenciar quanto possível os motivos obscuros das atitudes e ações, para os quais a razão não encontra justificativas, e que se impõem com invencível força apesar das análises racionais em contrário. O subconsciente, o inconsciente, essas regiões ocultas não se sabe onde, imaginadas para conter e conservar os componentes incompreensíveis e insólitos das personalidades, todo esse conjunto de imperativos, que reserva surpresas nos instantes menos previstos, obstáculo ao conhecimento de nós mesmos, e atraiçoa-nos, rebaixa-nos ou eleva-nos, tudo isso outrora chamado por Pascal *o coração*, com as razões não reconhecidas pela Razão, impede-nos, malgrado nosso, de saber quando somos, em verdade, sinceramente sinceros. Às vezes, atitudes, doutrinas, sistemas filosóficos empolgam-nos pela nobreza, ou a lógica de suas razões, a coerência ou solidez de seus princípios; a sinceridade de nossa escolha é completa e parece-nos não mais ser possível agir ou pensar de modo diverso. Mas, eis que alguns fatos novos não se enquadram no sistema adotado, obrigam à correção da atitude ou invalidam a doutrina aceita; sobrevêm fatalmente momentos de perplexidade. Quando as idéias e sentimentos são sinceros, eles se incrustam e incorporam como partes inseparáveis da personalidade humana. Esta sem o querer obedece a uma lei de conservação. A sinceridade para consigo mesmo induz a intenso sentimento de respeito e mesmo de proteção à personalidade ameaçada; impõe direção oposta a sinceridade para com a verdade inédita e nova. Inevitável é o conflito e nem sempre o resultado é claro. A dúvida é um torturante estado de espírito. Os que a aceitam e com ela vivem, dela se alimentam e mesmo a cultivam, não são fracos, hesitantes e baldos de energia. Nenhuma força sobreexcede a essa de eternamente fazer flutuar as opiniões, nenhuma energia mais poderosa do que essa de a todo instante destruir e recomeçar. Só algumas resistem a esse permanente estado de inquietação. Os mais acabam por uma resolução definida, em um ou outro sentido, por afirmações sem provas, ou negações sistemáticas, de certo modo ainda forma de afirmação de um estado de equilíbrio e repouso aceitável.

Em constante esforço de sinceridade, Medeiros respeitava em excesso a própria personalidade intelectual. Da inteligência fazia admirável instrumento de classificar e ordenar. Sedutora harmonia caracterizava-lhe o conjunto de idéias e em nenhum momento eram consentidas as sombras, ou tolerados os claros-escuros. Logo, para eliminá-los, sobre eles projetava a luz do raciocínio. Nem sempre, entretanto, teve o cuidado de verificar bem quais os efeitos artificiais devidos a reflexos, os tons emprestados por seu sistema próprio e pessoal de iluminação, e os desvios que a refração produz. O conjunto satisfazia-o, e a esse conjunto permanecia fiel o resto do tempo. Fiel a si próprio, portanto leal para consigo mesmo, mas por isso desarmado diante do perigo insidioso e sempre presente: o automatismo dos raciocínios, a fixidez de certos caminhos dedutivos. Quantas vezes as mais livres inteligências perdem a noção que, com a sua liberdade, acabam elas por se fazerem suas próprias escravas, e, além disso, exercem tirânica pressão sobre outros elementos da mentalidade?

Quando se lêem em curto prazo as obras de Medeiros e Albuquerque fica-se impressionado pela variedade, pela extensão e, acima de tudo, pela unidade e homogeneidade. Mas, depois, em meditação prolongada, o sentimento de insatisfação vai aos poucos se avolumando. Por quê? Não sei, Senhores. Talvez fosse de desejar um pouco menos de coerência, talvez se esperasse encontrar um pouco mais de contradições. Quase meio século escreveu ele para o público, e se alguma coisa cresceu e aumentou durante tão longa vida de trabalho foi a preocupação de ser franco, e dizer tudo que à mente lhe vinha. Entretanto, em sua obra não existem dissonâncias que não encontrem a resolução em acordes perfeitos ou, se o preferirdes, não teve acréscimos o grande edifício construído nos tempos da mocidade. Encheu-se, ornou-se, enriqueceu-se; as linhas mestras conservaram-se inalteradas.

Talvez, uma vez por outra, compreendesse Medeiros quanto o mais simples e leal dos espíritos pode ser enganador e armar-nos algumas perfídias. Nas poesias da juventude exaltou a embriaguez, incitou aos vícios. Ele, porém, nunca bebia. Pardal Mallet diagnosticou logo, ao ler os versos dedicados ao absinto, a sua completa ignorância e inexperiência do tóxico. De fato, a *Canção Báquica*, os versos sobre o absinto, as perversas poesias sobre o amor, "toda essa exibição imoral", diz o próprio Medeiros, "não passava de

literatura". E muitos anos mais tarde sorria ao escrever: "Para que, entretanto, essa exibição de vícios? Creio que ela era apenas uma forma de espírito revolucionário, que procurava todos os modos para manifestar-se: em religião, em política, em moral... Mais nada."

Tal tendência para as atitudes extremadas, fixadoras pouco exatas de fictícia personalidade, essa ostentação de irreverência em relação aos princípios fundamentais da sociedade, todos esses elementos são, muito freqüentemente, os sinais iniludíveis de quase incurável timidez, de invencível pudor com o qual os grandes emotivos cercam e abrigam a sensibilidade por demais viva. É indescritível o que sofrem elas, as almas delicadas! Quando têm a seu serviço inquieta e absorvente inteligência, não são apenas os fatos exteriores, os acontecimentos quotidianos, os causadores de dúvidas e obsessões, angústias e dores. Idéias abstratas, problemas filosóficos, questões metafísicas; o sentido da vida, a significação da morte, as bases da moral; fundamentos da religião, legitimidade da ciência e, em nível menos transcendente, os princípios de organização social e política, tudo, tudo é pretexto para esse sofrimento *sine materia*. Nada escapa ao exame, à analise, mas o que define o exame e acompanha a análise, é a ânsia, a emoção, em uma palavra, aspecto dramático de que tudo se reveste. Descobrir que a religião é ilusão herdada de geração em geração não tem importância para espíritos pouco sensíveis; concluir que até hoje a moral não achou bases definitivas, quando em seu nome é conduzida a Humanidade, não significa grande coisa para alguém pouco preocupado com o julgamento de seus atos; considerar a morte como o limite intransponível da vida do indivíduo, sem nada além do momento em que o corpo se decompõe, não abala profundamente aqueles para os quais a vida de todos os dias é suficiente. Numa grande alma, porém, a ilusão de todas essas descobertas, o desaparecer desses mistérios, ou mesmo a negação das soluções recebidas que tão suavemente a sustentavam causam grave e às vezes decisiva crise. Dessa crise de adolescência intelectual é a intensidade a medida da nobreza do espírito, da elevação e pureza dos sentimentos. Por ela passou Medeiros. Como a tantos outros perseguiu-o a tentação da fuga, do abandono, do suicídio.

O seu pessimismo, forma abstrata de um pessimismo de origem acentuadamente intelectual e emotiva, descendo a impregnar e deformar todas as

faculdades, e mesmo todos os instintos, secava-lhe as fontes da alegria de viver e envenenava-lhe os sentimentos; não era entretanto por esse tempo um gênero literário à procura de sucesso. Pouco insistiu em seus escritos sobre essa fase; os grandes e verdadeiros pessimistas temem deixar ver a escuridão em que se debatem. Apenas uma ou outra alusão; assim no soneto "Resposta", no qual já se notam alguns indícios de fadiga, saciedade, e esgotamento da capacidade de sofrer:

Hoje até mesmo o pranto já nos cansa.

Em vão procura o poeta na poesia "Nirvana, o olhar de Deus: tudo é mentira, o Bem sossobra, o Belo esvai-se e a Verdade,

única luz restante,
entre os escombros do porvir, em pé,
também treme e vacila agonizante,

e conclui:

que se extinga afinal
a vida derradeira!
e role e caia a Natureza inteira
num aniquilamento universal!

Chegado a tal grau de desespero, ao pessimista não parece suficiente o suicídio, que apenas suprime o sofrimento do indivíduo. Por que desaparecer deixando atrás de si tão absurdo e revoltante Universo? Seria injusto, inútil, nada ficaria resolvido. Que tudo se acabe, a vida se aniquile, e só, inerte, inconsciente, continue a matéria, no eterno turbilhão indiferente de reações mútuas, obedientes a leis sem significação.

Na transposição da dor para o exterior, nessa dilatação progressiva e contínua, faz-se o primeiro passo para a salvação. Atribuindo ao Universo inteiro o cruciante mal que oprime e asfixia, provoca-se o relaxamento da tensão, alivia-se o peso esmagador e insuportável. Pouco a pouco a fadiga aneste-

sia e entorpece. A negra situação de pessimismo paulatinamente evolui para uma incolor posição de cepticismo. De tudo descrer, a tudo negar importância e valor pode ser triste e deprimente, mas não mais é excessivamente doloroso. E depois, com o tempo, aos poucos os olhos se reabrem, os ouvidos recomeçam a atentar aos sons, de novo os contatos se impõem à atenção. Sem querer, os olhos percebem que as flores, no fundo, nada valem, nada representam, mais ainda assim são muito mais belas e agradáveis do que a maioria das coisas por eles contempladas; os ouvidos preferem o canto dos pássaros ou o sussurro dos riachos aos ruídos descompassados e violentos; os dedos comprazem-se no contato das superfícies macias e aveludadas e distinguem-nas das asperezas e rugosidades. E, com renascente confiança, a inteligência vai confessando a si mesma que algumas idéias são muito mais úteis, sólidas e harmoniosas do que outras, alguns sentimentos consoladores e nobilitantes. Sim, a vida é absurda, o Universo incompreensível, nada tem significação, mas..., nem tudo está no zero absoluto. Há coisas melhores ou mais belas. O Bem e o Mal, o Belo e o Feio, o Nobre e o Mesquinho, o Superior e o Inferior, toda a escala de valores ressurge, reaparece, reassume os seus postos. E por que o não escolher, por que o não optar, por que o não tentar todos os esforços, já que a vida é desilusão, no sentido de criar novos valores e melhorar os que existem? Por que não cultivar novas ilusões? São belas por si algumas coisas; pelo menos, assim nos aparecem. Criemos, pois, a maior quantidade possível de beleza, aperfeiçoando-a e purificando-a; em uma palavra, desenvolvamos a Arte. Na conquista e domínio dos fenômenos naturais alguns dos conhecimentos revelados pela experiência mostram-se-nos úteis; no constante labor da adaptação de nosso espírito ao mundo que nos cerca e sobre nós reage, aparecem-nos fecundas algumas idéias; tratemos de ampliá-las, descobrir os meios de conquista mais efetiva e de domínio mais eficaz, procuremos as condições de melhor adaptação, quer dizer, façamos Ciência. Certos atos humanos são causa de males, outros mitigam o sofrimento, aliviam as dores, ou proporcionam alegria e bem-estar. Por que não sistematizá-los, não aconselhar uns e reprovar outros? E quem tal tentativa faz está muito naturalmente fazendo, a seu modo, o que se chama Moral.

Isso tudo explica, Senhores, o aparente paradoxo: os grandes pessimistas, ao evolverem para um tolerável cepticismo, transformam-se, não raro, nos homens mais altivos, idealistas e amáveis deste mundo. Isso tudo faz também compreender certas bizarrias ou atitudes estranhas; não temem eles voltar ao abismo de onde vieram, que, aliás, para eles, ainda é refúgio.

De sua crise saiu Medeiros preparado para a vida que viveu. No meio de suas intenções, sempre alevantadas, nobres e puras, insinuava-se, por vezes, o ressentimento contra as grandes construções humanas, em cujo exame passara tantos momentos de angústia e de desespero. Tolerante, mas de tolerância não raro amarga, quando transparecia o involuntário desprezo por ela disfarçado. Extremamente operoso, mas pronto a deixar perceber que o trabalho era meio de encher o vazio da existência, sem constituir mérito considerável. Defensor de causas justas, e entretanto – sempre sereno a denunciar assim a ausência de paixões profundas, e com isso reduzindo o prestígio de sua ação. Apesar do estilo descuidado e simples, de clareza sem par, escreveu para as massas, e nunca teve sobre estas considerável influência. Elas pedem que se lhes faça vibrar os instintos; a inteligência, os raciocínios, a ordem lógica das deduções para elas não têm significação; sentem confusamente e esperam a aprovação dos sentimentos. Inútil explicá-los ou pô-los em ordem.

Para o quadro a ser formado por sua vida e atividade Medeiros e Albuquerque criou, pois, esta moldura: o realismo, o materialismo, o racionalismo. Assim apareceu aos olhos de toda a gente, analista, raciocinador, inexorável em suas deduções, de ânimo forte em aceitar todas as conseqüências. Estas iam às vezes demasiado longe. Com a coragem dos grandes tímidos, que coram diante de uma bela mulher e enleados ficam em situações nas quais todo o mundo se move com naturalidade, mas não parecem levar em conta os perigos reais que arrostam impassíveis, Medeiros, com a pena na mão, ia até às enormidades se estas se impusessem como conclusão forçada de seus raciocínios. Quando, porém, tinha tempo para libertar sua verdadeira natureza, esta vinha à tona e apareciam as contradições: então Medeiros, como na realidade o era, entremostrava o fundo magnânimo de sua alma. Esparsas pelos seus escritos encontram-se destas frases: "O que faz a superioridade do homem sobre os outros animais é que ele compreendeu como na luta pela vida uma das armas mais eficazes é a bondade, é a assistência recíproca, é a

caridade..." "O sonho do futuro... há de ser quando sempre que dois homens se encontrem, sejam de povos, sejam de raças, sejam de classes diversas, possam apertar as mãos como amigos. Não há sonho mais nobre que o da grande fraternidade humana."

Tornou-se de seu feitio não recuar diante de afirmações profundamente graves sobre questões fundamentais, mas recear os mal-entendidos em torno das idéias menos importantes. Vede bem o mecanismo psicológico desse modo de proceder. Não há risco de se tomar ao pé da letra uma categórica sentença sua sobre o infanticídio, ou sobre a legitimidade do assassinato de professores que reprovam indevidamente os estudantes. As idéias do leitor não se abalarão por isso. Mas, quando se trata de questões menos compactas, sobre as quais a maioria não possui opinião profundamente enraizada, seria perigoso e até de menos probidade induzir a conclusões falsas. Medeiros, toda a vida, teve instintivo receio da ironia. Sabia manejá-la, porém, tinha o cuidado de prevenir aos leitores ou auditores que estava gracejando. E assim incorria nas pequenas faltas de civilidade do autor que deixa perceber opinião tão pouco lisonjeira sobre o espírito de seu público. Não importa; preferia isso a concorrer para vislumbres sequer de idéias errôneas. Suas passagens irônicas são, em seus efeitos, sempre atenuadas pela terminação cautelosa e precavida. Também seus paradoxos só se desenvolviam, livres e brilhantes, quando ninguém pudesse ter a ingenuidade de duvidar da insofismável e visível intenção de fazer paradoxo.

Não só em relação a si próprio, a suas idéias e sentimentos menores Medeiros e Albuquerque tomava tantas precauções com o fim de evitar mal-entendidos. O mesmo processo emprestava ainda a muitos de seus personagens. Quando, no diálogo, a intenção irônica é sublinhada por sorrisos, ou gestos, tinha ele o cuidado de assinalar o gesto ou o sorriso e, se em certos casos o personagem deve no espírito do leitor produzir boa impressão, fá-lo dizer o que ele mesmo diria em idênticas condições.

Isso porque, Senhores, em muitas ocasiões nas figuras criadas por Medeiros, romancista ou narrador, se notam patentes semelhanças com ele próprio. Intencionais talvez não fossem, mas o escritor não fugira à regra: atribuir a seus personagens idéias e sentimentos, aspirações e atitudes, impressões e lembranças que lhe pertencem. Quantas frases, quantas descrições são

encontradas quase idênticas em seus romances e contos, em suas memórias, em suas conferências ou narrações de viagens! E quando, com caráter simpático ou nobre, queria pintar um personagem, dele fazia retrato no qual sem dificuldade é possível reconhecer as qualidades que mais apreciava e prezava.

Nunca se preocupou Medeiros com a classificação e sistematização das escolas literárias, como também não se impôs a si mesmo exigente disciplina de qualquer dentre elas. Devia sentir que, em torno das modas e tendências, as discussões podem facilmente degenerar em total incompreensão do que de belo e verdadeiramente artístico há na literatura. Alguns grandes espíritos, Guy de Maupassant, Ernest Renan, Anatole France – e quantos outros poderiam ser lembrados! – já haviam combatido, cada um a seu modo, a pretensão de estabelecer regras estreitas e sistematizadas e, portanto, de conter o impulso da criação original em moldes preestabelecidos, nos quais, à custa de deformações causadoras até de monstruosidades, é o talento forçado a se adaptar.

Abrindo um pequeno parêntese, permiti, Senhores, assinalar o prazer que sinto neste momento, ao pronunciar os nomes dos três grandes artistas acima citados. Vossa Academia: dos poucos lugares onde ainda possível é, sem receio e sem pejo, falar de alguns escritores cuja influência foi das mais fortes e acentuadas sobre as gerações passadas entre as quais, sem dúvida, muitos não hesitam em incluir a minha. À viva força, quer o futuro agora ao presente se substituir e deslocar para o passado tudo que aí se encontra. Como, nos dias que correm, é difícil, sem previamente tatear e sondar o ambiente, citar uma idéia de Maupassant, opiniões de Renan, paradoxos de Anatole France! Há poucos anos em Paris, num salão literário começou alguém uma frase: "Anatole France..." quando foi interrompido por um jovem escritor: "*Anatole France? – C'est vrai, il me semble bien que j'ai déjà entendu prononcer ce nom là...*" Talvez, por isso, nem sempre os jovens, tão cheios de vida, de talento e força, compreendem a mentalidade das Academias. É a paixão o que o caracteriza, e, neste ponto, devemos confessar serem eles felizes e invejáveis. E a paixão não admite discussões, nem compreende o espírito da tolerância. Fruto da experiência e da sabedoria, o vosso modo de apreciar as coisas pela sua real essência de beleza, independente da forma atual em que se cristaliza essa essência, se lhes afigura, no seu veemente entusiasmo, quase falta de caráter...

Maupassant, pois, no admirável prefácio do romance *Pierre et Jean* mostrou como são legítimas todas as escolas quando correspondem às tendências verdadeiras dos escritores que as representam. "Não nos irritemos, dizia ele, contra nenhuma teoria, pois cada uma delas é simplesmente a expressão generalizada de um temperamento que se analisa."

Em resposta a inquérito literário, Renan, com o seu aspecto benevolente que, apesar de tudo, o fazia parecer velho eclesiástico, disse a seu interlocutor: "*Les modes littéraires... c'est puéril, c'est enfantin. Ce n'est pas intéressant, non, vraiment. Dans deux ans, il ne sera plus question de tout cela...*" Já quase vencido mas insistente, o jovem literato que conduzia a entrevista, ainda falou de um ou outro escritor e depois, em último esforço, lembrou os simbolistas, os psicólogos, os naturalistas... Então, Renan apenas respondeu, "*Ce sont des enfants qui se sucent le pouce.*"

Anatole France, este, mais de uma vez, deixou-se catalogar. Por algum tempo figurou entre os psicólogos. Algumas outras etiquetas lhe foram aplicadas. Mas, todas as vezes que falou de si ou de outros, pouco se preocupou com as pretensões classificadoras. Foi ele mesmo sempre vário e numeroso. Abandonou-se, entregou-se às flutuações de seu pensamento fluido e elástico e, ao mesmo tempo tenso e forte. Revia-se nos livros dos outros e em vão a si próprio procurava em seus próprios livros. Fazia crítica subjetiva, porque acreditava ser ficção o aspirar ao conhecimento da personalidade dos autores que, no espírito de cada leitor se revela de modo diferente. Não raras vezes sustentou ser a estética destituída de fundamento, porquanto cada afirmação pode ser amparada por deduções e raciocínios tão legítimos como os que conduzem à afirmação contrária.

Em seus contos e romances Medeiros deixaria os críticos bastante perplexos. Realista? Naturalista? Psicólogo? Impossível dizê-lo. Nunca manifestou grande cuidado em construir a psicologia de seus personagens, de modo que estes moralmente se nos imponham, obrigando-nos a reconhecê-los, amá-los ou odiá-los, criticá-los ou admirá-los. Os tipos por ele postos em cena, esquecemo-los facilmente; não se fixam em nossa memória. Não nos apresentam essas complicadas análises de estados da alma, nem sintetizam modos de ser, quase não merecem a denominação de *tipos*. A psicologia, dentre as ciências a que mais interessou Medeiros, tinha para ele um valor geral e, por isso,

não devia ser diluída ou restringida a alguns casos individuais. Dentro da estrutura de seus escritos movem-se homens e mulheres apenas como indispensáveis suportes de história imaginada e interessante de contar.

Superficial exame levaria a incluir Medeiros entre os realistas ou os naturalistas. Os temas escolhidos, sua técnica de composição e, sobretudo, as influências literárias que sofreu autorizariam a qualquer crítico profissional a tirar essa conclusão. Sobressaem em seus livros as dificuldades encontradas pelos escritores realistas. Propunham-se estes, em suas obras, a representar toda a verdade, e só a verdade da vida quotidiana e, por assim dizer, normal. Aí se encontra o primeiro obstáculo. Tomado ao pé da letra, semelhante programa imporia a composição de relatórios, memórias ou biografias, precedidas de pesquisa rigorosa, de severa discussão de documentos e depoimentos. Impossível; mesmo redigidos no melhor dos estilos, tais escritos não seriam literatura. Era necessário, pois, que nada fosse real ou verdadeiro, mas que tudo pudesse ser. O romance realista precisa ter personagens imaginários, que se fossem, por uma espécie de mágico poder, criados vivos, e nos aparecessem e se tornassem conhecidos nossos, os achássemos perfeitamente naturais; deve contar cenas, descrever sentimentos, ou relatar fatos que não coincidam exatamente com fato algum, sentimentos ou cenas observados ou conhecidos, porém, sempre dentro das possibilidades admitidas. Nessa escola tudo é verdade menos a própria verdade... No fundo o que se encontra sempre é a imaginação rigorosamente vigiada e fiscalizada pela experiência pessoal e a experiência coletiva. O resultado é a formação de categorias, se não explicitamente formuladas, ao menos implicitamente contidas no envolver lógico da composição e no acanhado bom senso da verossimilhança, tímida e limitada. O receio do inverossímil foi uma das constantes preocupações dos autores e, devido a esse receio, fogem eles às bases do sistema para furtivamente, com as devidas precauções, introduzirem alguma coisa da realidade verdadeira; isso não deve ser percebido...

Procurando ficar dentro dos limites do possível, os realistas não percebem que toda forma de arte por eles adotada assenta sobre uma convenção disfarçada; proclamam o predomínio e o culto da verdade, e, quando aceitos, tacitamente se lhes atribui poder que deveria ser sobrenatural: o de, em qualquer momento, sem nenhuma indicação precisa, saber tudo que se passa no

mais recôndito das almas, ou na mais secreta das circunstâncias. Logicamente, os romances ou os contos realistas deveriam ter sempre a forma de confissões de personagens. Mas assim não é, e diante das afirmações de princípios nas quais o rigor dos argumentos não faz concessões, ter-se-ia a tentação de perguntar: tudo isso talvez seja a verdade; como, porém, poderia sabê-la o autor?

A onisciência do artista é admitida sub-repticiamente, sem discussão. Pensando bem, não haveria dificuldade maior em tolerar tal convenção. Mesmo em ciência se insinuam processos mentais dessa natureza, malgrado o rigor e a disciplina dos raciocínios. Não foi o grande Henri Poincaré que, em um de seus mais subtis escritos sobre a filosofia das matemáticas, demonstrou serem os postulados da Geometria apenas *convenções disfarçadas*?

Medeiros mais de uma vez abusou dos direitos de onisciência do autor e criou situações que, por conjunto fortuito de circunstâncias, representam singulares exemplos de tal sistema. Levou, sem o perceber, o processo ao absurdo e ele próprio, muito mais tarde, ministrou os dados para o julgamento desse absurdo. Em seu livro sobre os *tests* relata um, usado em certa época pela polícia de Londres no exame dos candidatos. Contava-se-lhes a seguinte história: Em certa igreja um homem, ajoelhado ao lado da esposa, ouvia o sermão. Bruscamente caiu morto. Submetida a interrogatório a mulher explicou o caso. Havia o marido sonhado achar-se na Revolução Francesa, condenado à morte; o momento em que ia ser guilhotinado coincidiu exatamente com o instante em que ela, com o leque, e para despertá-lo, lhe deu na nuca leve pancada. A emoção foi excessiva e ele morreu, de susto. Para obter boa nota deveria o candidato mostrar a impossibilidade da história contada. A mulher, assim como ninguém, nunca poderia saber o que ocorrera na mente da vítima, que passou do sono diretamente para a morte.

O gênero de absurdo de semelhante história, cuja evidenciação é *test* simples, encontra-se em muitas produções literárias.

Dois contos escreveu Medeiros que em diferentes exames poderiam servir de *tests*. Deles basta-nos lembrar este: Um jovem, estouvado, feliz e despreocupado passa doloroso dia de meditação sobre a morte de seu melhor amigo, estudante da Politécnica e incorrigível pessimista, que se suicidara com um tiro no coração. No momento de deitar-se o *rapaz alegre* examina o revólver igual ao do companheiro perdido. Adormece. Sonha ou, antes, longo e

opressor pesadelo desenrola-se com as imaginárias cenas do suicídio do amigo. Quer intervir e, dormindo, toma do revólver, colocado junto ao leito; o tiro parte, a bala vara-lhe o coração.

Em tais casos não há fugir à questão: como seria possível conhecer o sonho do personagem morto encontrado sobre o leito? Em boa lógica, contos dessa natureza só poderiam ser apresentados como hipóteses, aliás, inverificáveis, para explicar fatos que, dados os precedentes, nos parecem inexplicáveis. A respeito do "Rapaz alegre" percebe-se ter tido Medeiros muito tarde um sentimento de alívio: na conferência sobre o sonho pode relatar fato que teria sido autêntico. Em São José de Além-Paraíba, alguém sonhou com uma briga entre um galo e um peru. Interveio à faca e feriu o peru... ferindo-se gravemente, pois em si próprio dera as cutiladas.

Os romances e contos de Medeiros eram, pois, histórias inventadas, nas quais a imaginação, em momentos de repouso, cedia o lugar às reminiscências do passado. Mas, quase sempre, em minúcias secundárias.

Onde se sente que Medeiros não se filiava integralmente à escola realista ou naturalista, é na decidida preferência por situações insólitas cujo desenlace é difícil de achar. Para um de seus romances só encontra uma solução. Em cena inesperada, o marido, já tendo motivos de desconfiança, surpreende sua mulher Laura em uma aléia do jardim a ouvir declarações de um sedutor profissional; insulta-o, violento e desesperado. Os dois sacam de seus revólveres e... todos têm a ilusão de um só tiro. Simultaneamente as armas haviam disparado; saíram mortos ambos os contendores, este com o crânio perfurado, aquele com o coração varado. O desfecho brutal era a imprevisível conseqüência do plano de Laura, para desviar a atenção do marido, pouco confiante, do primo, seu único amor, platônico, aliás, com quem não casara por imperdoável erro do destino. A morte do marido de Laura, que não tinha chegado a merecê-la, também pode ser levada à conta da amoralidade do destino. Tudo ainda estava perdido, pois razões de sobra tinha o primo Mário para estar profundamente ferido com o procedimento de Laura, que só podia mal interpretar. Ela explica-se, por carta, comunica-lhe sua intenção de suicídio, ingerindo dose mortal de narcótico. Mas, para os leitores, que sem dúvida não desistiram das esperanças na realização dos direitos de Laura e Mário à felicidade completa, isso seria cruel demais. E tanto custou ela a achar o

veronal que, logo após a sua ingestão, necessária para mostrar a sinceridade de seu intuito, Mário, arrependido e aflito, apareceu com o médico e os socorros salvadores, a tempo de tudo resolver.

Nem sempre podia Medeiros fazer tantas concessões à exigente sensibilidade dos leitores. Quando a certo ponto chegavam as situações, outro remédio não havia senão sacrificar os personagens, a fim de evitar a violação de princípios sagrados de moral. Em *Marta,* Leopoldo só encontra esta solução: o suicídio por motivos ignorados de todo o mundo, menos do autor e dos leitores...

Não poucas vezes em seus contos, o leitor, comovido e enternecido, descobre grandes riquezas de sentimentos. Histórias românticas de vidas inutilizadas por cego acaso ou de amores perdidos por escrúpulo sutil ou ideal imarcescível. Aqueles dois velhos da "Flor seca" nunca se uniram porque, quando jovens, o *sim* dela não podia ser dito de viva voz ou escrito em carta; deveria ser gravado em um amor-perfeito seco, deixado entre as folhas de um caderno. Assim foi feito, mas, às mãos do rapaz não chegou. Seu professor, maníaco pela literatura latina, inadvertidamente o colocara entre as páginas de um volume. Já era tarde quando foi descoberto. "Você tinha respondido? – Você não viu? – Que tristeza! Os olhos dos dois encheram-se de lágrimas... Ele tomou-lhe a mão encarquilhada e seca na sua mão também seca, também encarquilhada, e apertou-a com emoção... Murmurou sacudindo a cabeça: – Só agora..." Estes dois velhos ainda farão umedecer muitos olhos, ressecados pela descrença e ceticismo, a receberem, assim, o doce orvalho dos sentimentos esquecidos, quando, à noite, as estrelas inacessíveis e puras lembram os sonhos para sempre evolados, lá no alto, à nossa espera...

Este outro velho médico, bonacheirão e alegre, forçado a fazer confidências, conta seu único amor. No baile conhecera a noiva e, pouco depois, dela fora obrigado a separar-se. Tinha ela a seus olhos todas as perfeições; encarnava todos os ideais. Mais ainda divinizou-a a ausência. No momento de revê-la, recuou. Para que, possivelmente, destruir tal ilusão? Melhor seria guardar a imagem única. "Nunca mais a vi; não procurei saber notícias suas." Amara-a demais para poder arriscar a vida em comum. Não há aí uma idéia fina e delicada? Resistir às contrariedades de todos os dias será bom ou mau

indício para a grandeza e intensidade do amor? Lembrai-vos do diálogo entre Madame du Deffand, já cega, e seu fiel Pont-de-Veyle:

– Pont-de-Veyle?

– Madame?

– Où êtes-vous?

– Au coin de votre cheminée.

– Couché, les pieds sur les chenets, comme on est chez des amis?

– Oui, Madame.

– Il faut convenir qu'il est peu de liaisons aussi anciennes que la nôtre.

– C'est vrai, Madame.

– Il y a cinquante ans...

– Oui, cinquante ans passés.

– Et, dans ce long intervalle, pas un nuage, pas même l'apparence d'une brouillerie.

– C'est ce que j'ai toujours admiré.

– Mais, Pont-de-Veyle, cela ne viendrait-il pas de ce qu'au fond nous avons toujours été fort indifférents l'un à l'autre?

– Cela se pourrait bien, Madame.

Em vários contos, Medeiros dá liberdade à instintiva ternura pelas crianças. Sente-se bem quanto as estimava, como conhecia a sua encantadora maneira de expressão, e como soube compreender os ingênuos, porém fortes sentimentos que as dominam e, muitas vezes, quando injustamente vilipendiados e reprimidos, são recalcados para se manifestarem como vagas de fundo, invisíveis, nas nevroses e obsessões.

Por alguns considerado grande poeta, Medeiros cedo abandonou a arte do verso. Segundo os moldes consagrados, a poesia era para ele uma prisão e, bela que fosse, insuportável como todas as prisões. Seu pensamento multiplicava-se, enriquecia-se. As variadas tonalidades de suas idéias não toleravam a simplicidade voluntária do ritmo certo, ou de ressonância verbal periódica. A exuberância da floração, continuamente desabrochada em seu cérebro, terreno inesgotável, levou-o a dizer: "Minha alma é como uma floresta... Floresta, sim, e como as de meu país, tumultuária, variada e anárquica." Essa floresta não se prestava à harmonia metrificada do verso. De fato, sua alma não era

jardim bem alinhado em figuras geométricas, calculada disposição, onde flores raras são cultivadas à custa de esmero e cuidados.

Não quer isso dizer que Medeiros não sentisse, ou não compreendesse a poesia. As críticas e análises que empreendeu levavam-no a prever o seu desaparecimento, muito embora só visassem a poesia considerada como forma de expressão e não a grande e profunda poesia das coisas, capaz de se exprimir sem versos. Quando moço, ainda menos independente de pensamento, mostrou quanto era capaz de ser poeta. De origem intelectual seriam suas poesias. Mas, qual o poeta autorizado a afirmar serem suas produções espontâneas, naturais, e, por assim dizer, involuntárias? A poesia é arte, onde, como em todas as artes, o gênio, ou, pelo menos, o talento impera, mas na qual não é possível dispensar o estudo, a técnica e o trabalho. Nem se diga ser na alma dos poetas a emoção mais viva do que na alma de outros. Emoção, elemento sem o qual nada de bom se faz neste mundo! É necessário educá-la, contê-la, discipliná-la, dirigi-la; jamais combatê-la ou destruí-la. E até os mais aparentemente áridos e secos homens de ciência, se nos fizessem confidências, poderiam mostrar quantas emoções profundas e grandes, de beleza, harmonia, ansiedade e exaltação encontram na pesquisa a que se entregam a fundo e por paixão.

Estudou Medeiros a origem da poesia, acompanhou-lhe a evolução e concluiu ser ela forma primitiva da arte, destinada a desaparecer como regra, ou, antes, libertar-se, purificando-se e desprendendo-se de suas atuais cadeias. Insiste ele sobre a transformação, com o tempo, de muitos poetas em prosadores. "Assim portanto, escreve, que o artista da palavra se sente senhor absoluto das várias formas de expressão, o progresso individual para ele consiste em passar da poesia para a prova. A marcha inversa – que seria uma marcha regressiva – ninguém faz". Entretanto, a causa dessa evolução individual dos poetas pode ser outra. Voltaire já havia escrito: "*Le loisir fut certainement le père des Muses; les affaires en sont les ennemis et l'embarras les tue.*"

Não cabe a mim, Senhores, decidir se a Medeiros assistia a razão. Enquanto houver poetas haverá poesia e esta estará assegurada em sua imortalidade. Os poetas, obedientes às Musas, e aqueles que sabem descobrir ou criar outras, imortais como suas maiores, formam raça privilegiada; para ela não existe o declínio e o fim.

No caso de Medeiros, a evolução do poeta para o prosador talvez não fosse devida à crescente maestria no manejo das formas de expressão. A política, a administração, o jornalismo e o magistério cada vez mais lhe absorviam as preocupações e a imensa capacidade de trabalho. Dominado pelo romantismo político das novas gerações, tomou parte na propaganda republicana. Como sempre acontece com aqueles que necessitam de forte trabalho de sugestão externa e mesmo de auto-sugestão para se apaixonarem por uma causa, entregou-se ele de corpo e alma a novos ideais. No momento da proclamação foram-lhe confiadas importantes missões.

Os propagandistas das revoluções sociais e políticas, em geral, pensam mais na parte destrutiva dos programas do que na preparação e organização de coisas futuras. No espírito de todos os seus propugnadores a República foi ponto de apoio para a oposição sistemática aos representantes da Monarquia. Afigurava-se mais como sedutora e bela miragem, mal definida de formas, pairando longe sobre o futuro promissor, devida à inquietação, aos anseios e descontentamentos da hora que passava. O próprio evolver do exercício da propaganda, a embriaguez da luta, a vontade de exagerar o pessimismo acerca do presente e o otimismo cheio de esperanças em um porvir entrevisto no torvelinho de idéias teóricas e pouco assimiladas, levaram os românticos batalhadores a pintar com as mais escuras cores o quadro da política e da administração brasileiras de então.

Como foi feita a República, até hoje não se pode bem saber. Um conjunto de circunstâncias, um pouco o acaso, a extrema fadiga, o desânimo e talvez a bondosa filosofia do Imperador, a indiferença ou, quiçá, o desejo de mudar por mudar, quase como distração de um povo ainda pouco desenvolvido. Medeiros, porém, trabalhou por ela e logo foi aproveitado em cargos de responsabilidade.

Da propaganda e exercício da política e da administração ficaram-lhe duas idéias sobre as quais nunca se cansou de insistir. A oposição feita à Monarquia transformou-se em oposição pessoal e permanente a D. Pedro II. Quanto à República, nunca pôde concordar com o regímen presidencial adotado pela Constituinte de 91. Compreende-se bem como em seu espírito essas duas idéias deviam estar estreitamente associadas: imposição de lógica e de coerência. Adepto sincero do parlamentarismo, contrário à hipertrofia do

poder pessoal que, no regímen presidencial, é conferido a homens não raro chegados ao supremo posto pelos acasos e vicissitudes da agitação política, não estaria ele muito longe de reconhecer o erro da destruição de um governo parlamentar, coordenado e moderado por um Chefe de Estado que por herança, tradição, interesses de família e educação, se mais não houvesse, integralmente se identificava com o país. Além disso, Medeiros escreveu: "O povo... não compreende os assuntos de um modo inteiramente abstrato." De fato, para as massas e, no tempo da proclamação da República, as massas no Brasil ainda eram incultas, as idéias de Pátria, organização social, progresso e bem-estar moral são por demais sutis. Uma figura de Monarca, aureolada de histórico prestígio e cercada de respeito, simbolizando os destinos do país, concretiza em si as aspirações difusas e semiconscientes do povo. O serviço do rei é alguma coisa cuja finalidade é mais próxima e imediata do que o serviço público ou o bem da nação, tão vasta e difícil de conhecer e condensar em síntese ao alcance de todos.

Portanto, a sinceridade de Medeiros, ao entrar na propaganda, quase esteve atraiçoá-la. Ela própria impedia-o após ele ver e reconhecer o erro em que caíra. O regímen presidencial, em sua opinião, "foi uma surpresa e um logro"; o progresso de nosso país desde a proclamação da República "não se fez por causa do regímen presidencial, mas apesar dele"; esse regímen é "estável para o mal e instável para o bem"; o regímen presidencial trouxe como conseqüência fatal de seu mecanismo, uma corrupção moral inominável: "ele é o regímen das adesões e traições". Apenas transcrevo aqui algumas das proposições que servem de títulos aos capítulos de seu livro *O Regímen Presidencial no Brasil*.

A seu ver, o regímen parlamentar tinha todas as vantagens. No tempo da Monarquia, teria ele sido um tanto reduzido em seus benefícios pela ação pessoal do Imperador. Era necessário, pois, justificar a seus próprios olhos, e isto o fazia inconscientemente, por uma reação psicológica que não percebia, o movimento do qual resultou a perda de todos os bens do regímen por ele sinceramente admirado e continuar a demonstrar quão indesejável se lhe afigurava a pessoa de D. Pedro II. Às vezes, seu indefectível amor à verdade, que podia ser iludido, mas a que nunca voluntariamente faltava, levava-o a escrever uma ou outra frase bem significativa: "Depois dos incessantes testemu-

nhos de todos os chefes de partidos da monarquia brasileira, é impossível negar que D. Pedro II tivesse tido uma influência permanente. E se a que ele exerceu *não foi muito má*, ninguém sabe o que seria a da Princesa Isabel..."

Em sua maturidade poderia Medeiros, melancolicamente, repetir o conceito de Maquiavel: em política não se trata de escolher entre o bom e mau, mas apenas de saber escolher entre o mau e o péssimo...

Pondo ao serviço da causa parlamentarista os recursos de sua dialética, capacidade de escritor e cultura, trabalhou pela boa causa. Útil ou inutilmente? Ninguém pode asseverar serem ou não possíveis tais ou quais transformações políticas, máxime em se tratando do Brasil. Incontestavelmente, como bases de suas conclusões tinha ele larga série de observações pessoais, grande experiência administrativa e parlamentar e meditado estudo do andamento das formas de governo em diversos países. Impressiona, em sua argumentação, o contato permanente com a realidade. Muito de propósito, afasta-se das dissertações bem compostas e solidamente arquitetadas, para recordar este ou aquele fato particular em que as reações individuais se apresentam com toda a significação.

Se houvesse sido, entre nós, adotado o regímen parlamentar, Medeiros teria podido, na Câmara ou Senado, prestar grandes serviços. Certamente foi ele deputado, mas a um Congresso cuja ação era pouco mais do que zero. Sem dúvida trabalhou, apresentou projetos, defendeu algumas causas, atacou outras. Mas tudo isso era o desempenho do dever, sem nenhuma possibilidade de desenvolvimento eficaz. A redução progressiva da influência parlamentar na política brasileira impediu a criação ou a evidenciação de grandes valores pessoais. Medeiros não foi sacrificado, o prejudicado foi o país.

Não lhe faltavam, de fato, as tribunas e os meios de se comunicar com o público. O jornalismo oferecia-lhe terreno para a luta, e nesse terreno seria difícil superá-lo. Tudo, por ele, era analisado, comentado, criticado: o pequeno fato do dia, a última resolução administrativa, o movimento da política, os livros de literatura ou de ciência. Sua lucidez de espírito era incomparável. Seria possível em certas questões não adotar a sua opinião, mas ai de quem a desprezasse!

Não era nem podia ser enciclopédico, porém, possuía sobre inúmeros pontos idéias claras e bem orientadas. Dotado de extraordinária memória,

tendo o que se poderia chamar o vício da leitura e organizado o seu trabalho de documentação com perfeito método, podia em muito pouco tempo sobre a maior parte dos assuntos apresentar dados ou informações precisas.

A obra jornalística de Medeiros e Albuquerque, esparsa em muitos milhares de artigos, representa considerável e respeitável esforço. Efêmera, visava a ação imediata, e destinava-se à vida curta. Entretanto, para o futuro, os historiadores que, com probidade, quiserem estudar a evolução política e administrativa do país e procurar ouvir voz sincera e poderosa, dizendo desassombradamente os juízos de um homem clarividente, durante mais de quarenta anos, voltarão às velhas coleções de jornais. Sem dúvida, sentirão nessas folhas amarelecidas a vibração inextinguível.

Por todos os cultores das letras, interessados pelo que se convencionou chamar idéias gerais, os estudos de crítica literária e as conferências de Medeiros, conservados em numerosos volumes, são relidos com proveito e prazer. Modo todo pessoal de fazer crítica. Não discutia nem analisava escudado em princípios de estética; nada tinha de pedantesco. Fazia o que ele próprio denominou crítica impressionista. Dizia impressões, contava associações de idéias sugeridas pela leitura, comparava e, com sincero entusiasmo, tinha a amável preocupação de salientar o que encontrava de realmente belo. Custava-lhe atacar ou demolir um livro, pois só criticava os que lhe pareciam ter mérito. Possuía a primeira qualidade do crítico: simpatizar com as alheias produções, instintivamente colocando-se no estado de espírito e nas condições do autor em seus momentos de criação.

Ainda durante os últimos tempos, seria no Brasil impossível ou quase impossível a homem, como Medeiros e Albuquerque, dar à sua atividade intelectual direção única e definida. Cedo compreendeu ser sua principal missão explicar, aligeirar, esclarecer, dissociar, facilitar aquilo que se apresentasse obscuro, difícil, compacto, maciço. Não falhou à sua missão. Pouco a pouco tornou-se polígrafo.

Trouxe-lhe isso em certos meios alguns inconvenientes; o trabalho do polígrafo é considerado secundário e superficial. Com que graça se justificou ele em páginas de todos conhecidas! Polígrafo ou não, Medeiros prestou a este país imensos serviços na introdução de vários movimentos científicos ou

intelectuais. *Tests*, doutrinas de Freud, ocultismo, hipnotismo, tais os objetos de alguns de seus mais afamados escritos.

Amador de ciência sempre o foi, e amador em mais de um caso capaz de ombrear com os profissionais. Não pode, é claro, formar base sólida para pesquisas seguras. Faltou-lhe a austera e rigorosa disciplina da inteligência característica dos verdadeiros pesquisadores. Não entrou arregimentado no combate pela verdade; era antes um livre-atirador. Em tal caráter, quantas vezes precedeu às vanguardas, e outras vezes organizou e ordenou o terreno conquistado. Várias passagens de seus livros demonstram noções claras dos métodos e processos do trabalho científico. Nunca perdeu ocasião de ensinar, de salientar o papel da ciência na história da civilização e a parte a ela reservada na constituição da humanidade futura. Escreveu frases como esta: "A verdade é que a ciência é que leva o mundo." Por tudo isso, Senhores, Medeiros e Albuquerque bem mereceu da Ciência.

Tão grande e sustentado esforço, tão absorvente atividade nunca o impediram de ser um admirável *causeur*. Sua bela e atraente figura despertava a simpatia e, com a voz um tanto velada, de timbre pouco firme, sem efeitos estudados, quase sempre mesmo tendente à monotonia, conseguia prender a atenção por tempos esquecidos graças sobretudo ao interesse do que dizia e à agilidade do espírito. Ainda como *causeur* fazia conferências. Ao ouvi-las, dir-se-ia serem apenas conversações nas quais por força das circunstâncias só ele falava.

Sua amabilidade e delicadeza eram perfeitas.

Não se abandonava facilmente, mas era de absoluta lealdade para com os amigos.

A vida de Medeiros e Albuquerque foi agitada, fértil em episódios interessantes, cheia e sempre difícil e afanosa. Nunca procurou resolver os problemas de carreira por concessões e processos quaisquer que não fosse o trabalho; a este atirava-se sem reconhecer fadigas ou fraquezas.

Um de seus traços característico foi a constante preocupação de dizer mal de si próprio, ou apresentar-se como alguém perdido de pecados e faltas. Disse-o em todos os tons: sorrindo com displicência ou então, grave, consciente do que asseverava. Não se contentava com afirmações, com as quais seria lícito ou não concordar. A respeito dele mesmo contava fatos, proezas, com a insofreável intenção de dissipar qualquer dúvida. Nada disso em rela-

ção às atitudes profissionais, ou à moralidade do homem público. Tampouco no concernente à probidade do intelectual ou do escritor. Nesses pontos era intransigente. Tinha, porém, perverso prazer em escandalizar. Reação de tímido e emotivo, à procura, na afronta à opinião, de vingança e castigo? Orgulho, desprezo das convenções, respeitáveis quando insignificantes, porque amáveis, intoleráveis quando pretensiosas, solenes e mascaradas com o grave título de princípios? Penacho de cavalheiro a demonstrar a todos e, principalmente, a si próprio que não teme este ou o outro mundo? Pequena mania, inocente divertimento? Convicção enraizada, inabalável ou instintivo anseio de penitência e humilhação?

Talvez um pouco de tudo isso.

Nos artigos e conferências cada vez que falava de religião, não se esquecia de prever a futura vida no inferno. Ainda no prefácio de suas memórias, ressoa o característico tom de tais ocasiões: "Mas um defunto que deve estar, quando tu leres isto, leitor amigo ou inimigo, em pleno inferno, com 100.000 graus de calor à sombra (se é que no inferno há sombra), faz lá caso de responsabilidades..." Mas, também, dirigindo-se ao filho morto, em página impregnada da dor sem remédio, resistente até à resignação: "Fizeste bem, meu filho... Tu acreditavas que eu era bom, sincero, generoso. Se te fosse dado penetrar os arcanos de minh'alma, arcanos de que nem mesmo eu tenho consciência, verias que sou uma fera como as outras, tão hedionda como as demais."

Vontade íntima, pode dizer-se mística, nunca inteiramente satisfeita, de se rebaixar e amesquinhar aos olhos do mundo. Culminou nas célebres páginas finais da autobiografia. Aí Medeiros teve o receio de não ser acreditado. Multiplicou as precauções, lançou mão de todos os recursos, foi até à prolixidade e ao luxo das minúcias inúteis, fez coisa fora de seus hábitos de escritor.

A psicologia faz compreender porque assim agiu e contradiz a matéria de suas narrativas em relação a esse ponto. Discreto, recatado, preocupado até aos quarenta anos só com as coisas intelectuais, poderia então ser vítima do demônio do meio-dia; mas da infernal legião sem claros de demônios *de midi* e de *l'après midi*? Não insistamos. Prosper Mérimée escreveu um dia: "*L'amour peut tout excuser; mais il faut être bien sûr qu'il y a de l'amour.*" Acharia Medeiros perdoável tudo que contava justamente pela razão contrária? Estava seguro de que não se tratava de amor...

Senhores! Durante algumas semanas estive, através de livros e escritos, em permanente contato com o espírito do grande Acadêmico. Cresceu em mim a admiração pelo homem com quem havia trocado apenas algumas centenas de palavras. Homem que tanto sofreu, lutou e trabalhou, bom e generoso, fiel aos amigos, amável, nunca se deixou abater e dominar; e acreditava ser um ente pervertido e abominável, excomungado e danado, como proclamava à face do mundo! Entretanto, "ninguém sabe se é digno de amor ou de ódio", conforme a sentença atribuída ao Santo Espírito. Por isso, a princípio sem saber porquê, depois cada vez mais conscientemente, à medida que me esforçava por compreendê-lo, uma recordação de leitura procurava tomar forma em minha memória. Por fim, reapareceu nítida e precisa: era o episódio da história de São Pafúncio, lido havia muitos anos. Contou-o Ernest Helo e eu o resumo.

Depois de viver no deserto, em inimaginável austeridade, Pafúncio, um dia, fez uma prece singular:

– Senhor, entre os vossos santos, qual aquele com quem mais me pareço?

– Pafúncio, Pafúncio, responde-lhe a voz celeste, tu te pareces com o músico que canta naquela aldeia próxima de Heracléia.

Pafúncio saiu à procura do músico e encontrou-o na taverna.

Perguntou-lhe o que havia feito para chegar à santidade e, no auge da estupefação, consigo mesmo pensava: "Eis aí o santo com o qual me pareço!"

E o músico respondeu-lhe: "Sou o último dos miseráveis: minha vida é uma série de abominações e tenho horror de mim mesmo."

Pafúncio insiste e pede minúcias. Nada, nada tinha feito de bom. Enfim, a muito custo, consegue o músico lembrar-se de dois episódios de sua desgraçada existência. Um dia, com o seu bando, encontra uma virgem das consagradas a Deus e, respeitoso, leva-a ao mosteiro donde havia saído. De outra feita em pleno deserto descobre formosa mulher. Procurava esconderijo, a fim de evitar a prisão onde por questões de dívidas já se achavam o marido e os filhos. Tudo que carecia, deu-lhe o músico, até mesmo o dinheiro necessário para o pagamento da dívida. Reconduziu-a à cidade e em troca nada exigiu.

Se, nos dias que correm, no deserto houvesse solitários, as carnes laceradas pela flagelação e emaciadas pelo jejum, na ânsia de chegarem à salvação da alma e à santidade pela tortura do corpo e privação de tudo que suave e amável torna a vida, e, um dia, algum deles tivesse perguntado às vozes celestes

qual o santo com o qual mais se parecesse, não é impossível que, surpreso, ouvisse: "Tu te pareces com aquele escritor e jornalista de São Sebastião do Rio de Janeiro." E, quando o solitário encontrasse Medeiros e perguntasse como tinha chegado à santidade, ouviria uma franca e gostosa risada: "Mas eu sou excomungadíssimo! Já tenho o meu lugar marcado no Inferno; leia a história de minha vida nas *Memórias*." E, se o solitário insistisse em saber alguns atos seus, salvadores da alma, Medeiros nada contaria, e ele voltaria ao Deserto mais perplexo do que Pafúncio diante do músico de Heracléia.

Medeiros nada contaria, mas quantos outros os poderiam contar, por ele, desses atos e ações grandes, fortes, e admiráveis! E a justiça divina, – misteriosa sabedoria, – "leva em conta todas as coisas relativas porque ela é absoluta". Julgará ela que os cilícios, as flagelações e o jejum não são mais torturantes do que as torturas de um espírito elevado, desamparado e só, baldo de certezas e entregue a todas as dúvidas, e o Deserto não é, para certas almas, mais vazio do que a vida no século?

II

RESPOSTA DO SR. ROQUETTE-PINTO

SENHOR Miguel Osório,

Como se fora um prêmio, deu-me a Academia Brasileira o honroso encargo de receber o sucessor de Medeiros e Albuquerque.

Este lugar onde estou, pelas tradições e pela grandeza dos que por aqui transitaram, é sempre luminoso; tem brilho bastante para que ninguém repare agora naquele que está falando. Uma alegria cheia de saudade – o ser chamado a celebrar convosco a lembrança imperecível de um grande amigo, que foi dos mais claros e burilados espíritos do país. Contentamento e ufania também... por serdes vós quem sois: um companheiro muito mais moço, admirado e querido.

Um poeta, ainda que dos maiores, não me pareceria muito à vontade na herança de Medeiros. De certo os seus versos são lindos, mas a poesia, naquele eterno apaixonado das pessoas e das coisas belas, sempre foi atitude transitória. A arte de exprimir os pensamentos sob metrificada forma parecia-lhe exausta; a extinção da métrica, longe de empobrecer as letras, quebradas as simetrias, virá permitir que as idéias sejam transmitidas mais amplamente. É o que ele pregava: "O essencial é que o pensamento se exprima bem."

Um poeta acrescentaria... e da maneira mais bela possível. Mas o talento de realizar era tão grande naquele homem lógico! Apesar de tudo deixou versos deste porte:

Meu coração de tanto palpitar,
dá mostras de sentir-se fatigado.
Dentro dele se agita o meu passado,
como um plangente, um soluçante mar.

Ora sacode as ondas de vagar
num lamento monótono e magoado,
ora dele se eleva um alto brado
de tristeza, de angústia, de pesar.

Mas o grito maior que dele parte
sobrepujando as outras agonias,
da Morte diante da terrível lei,

é que sinto que vou abandonar-te
quando tu mais de mim precisarias,
filho do filho meu que tanto amei.

Medeiros escreveu contos vigorosos, romances interessantes e admiráveis livros de viagens. Um romancista não encontraria o seu paradigma na complexa personalidade do vosso eminente antecessor.

Mas se um homem de ciência de molde antigo, poeirento, hirsuto, rabona escura e olhar paranóico sobranceiro à turba ignara, não poderia evocar a imagem luminosa do nosso amigo, já o sábio moderno e ágil, claro como sois vós, vivendo a existência árdua e feliz dos laboratórios, sem esquecer que em nossos dias o indivíduo isolado da massa humana é fóssil sem valor, esse poderia bem lembrar Medeiros, que foi, para mim, principalmente, um cientista transviado, espírito pesquisador antes de tudo, que a vida não permitiu seguisse o caminho da inclinação natural.

Medeiros e Albuquerque nasceu no Recife aos 4 de setembro de 1867. Fez seus estudos no Brasil e em Portugal, países em que a cultura científica mal começava a ser levada em conta.

No tempo de moço, os rapazes faziam exame de retórica; e de muito longe ouviam falar da história natural. Rui Barbosa quase escandalizava tradu-

zindo as *Lições* de Calkains em que há boas noções de zoologia elementar. Pura formação coimbrã, literária e clássica.

Medeiros, porém, era dono de um instrumento cerebral de incomparável agilidade, conforme a feliz definição de Agripino Grieco. Fórmulas vazias o enfastiavam. Para ele o melhor estilo é o que tem mais pensamento no menor número de palavras.

A concisão e a clareza cartesiana do que escrevia deixam manifesto o penhor que o levaria a ser, de fato, um apaixonado estudioso da ciência. Diletante? Sim, porque a sua terra não lhe pôde oferecer ambiente mais propício. Se mais resignado e talvez mais calmo, evidentemente poderia ter feito, no terreno da pesquisa, tanto quanto outros. Houve, porém, dominante, um fator de inquietação que o levou ao jornalismo, no seu conceito "a mais perfeita e a mais completa das belas-artes... arte da vida moderna". Houve também epicurismo intelectual, muito daquela deliciosa vadiação do espírito, encanto da existência e desespero dos pessimistas. Qual de nós dois, Sr. Miguel Osório, terá autoridade bastante para erguer a primeira pedra? A biblioteca de Medeiros, pela variedade dos assuntos, era uma livraria. Ao lado das grandes composições de todas as literaturas, tratados de biologia e, sobretudo, de psicologia experimental, livros de magia, de anedotas, de arte e de esoterismo, de religião e de eugenia. Medeiros vivia caçando curiosidades. Certa vez, na sua casa hospitaleira tirou da gaveta uma caixa quadrangular, tendo numa das faces diversos mostradores sobrepostos. Algumas pequenas maçanetas giravam, cada qual comandando um dos mostradores. Era uma nova máquina de compor histórias literárias, contos ou romances, que ele mandara vir dos Estados Unidos. Nos mostradores, de cima a baixo, apareciam, pelo rodar das maçanetas, nomes, títulos profissionais, verbos indicando os acontecimentos da novela desejada, lugares em que cenas se poderiam passar, crimes ou desastres para os personagens, intervenções da justiça ou da religião... Sugestões para arranjos e combinações de pessoas, ofícios, acontecimentos. Coisas da América do Norte. Medeiros conheceu a engenhoca no fim da vida, quando toda a sua obra admirável na literatura, na ciência e no jornalismo estava realizada. Com a sua diabólica e sempre alerta curiosidade, talvez tivesse algum dia querido experimentar as virtudes da caixinha. O que

ele legou na herança opulenta, foi sugerido pela vida, que sabia analisar e reconstruir, olhos penetrantes e cérebro privilegiado.

Ainda a respeito da sua inclinação para a pesquisa científica recordo-me de um episódio. Certo dia, ao terminar uma das nossas reuniões, pergunta-me ele por que não poderiam os homens aproveitar, na alimentação, a erva que nasce à-toa... Discutimos as poderosas razões que me levavam a responder pela negativa quanto às vantagens da idéia. Mas, a instâncias suas, para que a experiência pudesse ser realizada mais facilmente pelo indivíduo que deveria ensaiar o regímen, obtive que um dos meus colegas do Museu reduzisse a pó, no vácuo, a frio, conservando-lhes as virtudes, algumas folhas. E o material foi entregue ao insaciável investigador. Logo depois adoecia, e desistia do ensaio.

Essa ânsia incoercível de poder diretamente desvendar os segredos do mundo, o delírio de indagar, que vem através dos séculos condicionando o progresso, a fúria de saber – eis, para mim, o traço definidor daquele grande espírito.

Mais que outro qualquer podeis dizer, com autoridade, se Medeiros não foi o sábio transviado nos labirintos da política, do jornalismo, da literatura.

A sua refinada sociabilidade, a extrema simpatia, não consentiram que Medeiros vivesse aprendendo para o seu egoísmo e prazer pessoal exclusivamente. Timbrava em repartir com os companheiros o que ia colhendo. Os seus amigos sabem da alegria com que mostrava as novidades que descobrira na imensa bibliografia constantemente manuseada. No seu *ex-libris*, entre outros atributos profanos, há um diabo... Pois o Príncipe Vermelho não deve ter aprendido muito na interessantíssima biblioteca de Medeiros, porque os livros estavam sempre nas mãos do proprietário e senhor, que não lhes dava trégua nem descanso.

A graça natural, o bom gosto, a erudição de boa escolha, davam às conferências de Medeiros um encanto superior. Talvez sejam elas o melhor da sua produção, mesmo do ponto de vista social, porque, ali, foi agente dos mais eficazes na divulgação da ciência, da arte e da literatura. Trabalhou por elevar o nível intelectual da sua gente. Eu não conheço nenhum serviço que mais obrigue a gratidão da posteridade. Deve ser posto ao lado de João Ribeiro, mesmo ao vosso lado, Sr. Miguel Osório, visto que na vossa biblioteca não há somente o relato de novas descobertas, pesquisas originais, mas

também muito do que de melhor em matéria de ensino público se há feito por aqui.

Dos seus trabalhos, os que Medeiros mais prezava eram os de psicologia teórica e aplicada.

Não é a ocasião própria para discutir se ele tinha razão. Com segurança, e sem desmedido elogio, pode dizer-se que realmente conseguiu sozinho galgar as culminâncias das ciências difíceis da sua preferência. De passagem quero citar o que fez para difundir as doutrinas de James, a psicanálise e tantas outras. Não deixarei no esquecimento os seus estudos do hipnotismo, que Miguel Couto prefaciou, e o seu admirável, pequenino tratado dos *Tests*, além dos artigos que autorizadas publicações especializadas acolheram com apreço. A respeito da sua vida de administrador ouvimos há pouco Maurício de Medeiros. Quantas medidas interessantes e úteis ele pôs em prática ou aconselhou. No Distrito Federal, o primeiro Laboratório de Psicologia Experimental – foi sua criação.

A 13 de junho de 1934 desaparecia Medeiros e Albuquerque deixando uma obra magnífica e sincera saudade. Nestas salas a sua voz encantou multidões, acendeu debates. Nunca, mesmo nas mais fortes discussões, tratando de assuntos ou pessoas que o apaixonavam, deixou de ser o polido e atencioso adversário, companheiro bem humorado e prestante.

A Medeiros e Albuquerque e a Afonso Celso, nosso querido presidente, pela doença temporariamente de nós afastado, devemos um espetáculo de rara beleza. De Pedro II, que para Afonso Celso é sempre o "Magnânimo", na constante e veneranda admiração, Medeiros mais de uma vez disse francamente o que pensava. Sempre Afonso Celso retrucava no protesto de todos esperado e ouvido com respeito. Entre os dois homens tão sinceros jamais houve uma frase ou um gesto áspero ou mau, no tratar da pessoa do monarca ou de outros casos que também os separavam. Por estes tempos de intolerância e de força, quando por toda parte tentam reviver práticas em que o pensamento é mais torturado, às vezes, do que o corpo, deixai-me dizer que a cena era digna do encontro das duas almas diferentes e amigas, fazendo da Academia um lugar de grande bem-estar espiritual. Nem vos posso indicar o que mais crescia na minha estima, pelo exemplo que davam de tolerância e respeito pelo pensamento alheio.

Sois também romancista, Sr. Miguel Osório. Conseguistes facilmente exprimir, no estilo nervoso, as angústias de algumas almas sem abrigo que bem aconchegadas protegeis nos macios refolhos de aguda sensibilidade. Confessais que não sabeis ao certo se o vosso belo volume encerra um romance. Pouco importa. A vida, em si mesma, ainda é a melhor das urdidoras. No livro há gente tão viva que os críticos até imaginaram seres do vosso conhecimento objetivo. Gente que ama e sofre... Deve ser mesmo romance.

Os romancistas pensam que inventam; mas quando o livro é dos que ficam, a história foi um logro que a natureza passou no escritor. Estava dormindo nos complexos, diria Medeiros, nas dobras profundas da personalidade.

Não devem ter muita razão os críticos de que nos falastes. O homem de ciência – é lição dos vossos trabalhos – a não ser os que encarquilham na esterilidade das taxinomias exclusivas e pedantes, não pode caminhar sem o estímulo de um sonho de verdade e de beleza que a imaginação aquece. A verificação – é outra coisa.

Tendes sido o exemplo da vossa geração, arquiteto de edifícios biológicos complexos e úteis, alguns belos e poéticos.

Quem conheceu o solar do vosso pai – casa de requintes espirituais – o ambiente em que vos criastes, numa fraterna e preciosa agitação de idéias nobres e boas, não pode ter surpresa alguma vendo o vosso nome de professor dos mais seguidos luzir tão bem no Uruguai ou em Paris, falando aos alunos na Praia Vermelha ou aos colegas da Sorbonne. Surpresa haverá, muito justa, ao percorrer tudo que tendes realizado na fisiologia experimental, no meio ainda modesto dos nossos recursos nacionais. Fostes inovador dos mais firmes e brilhantes. E não achareis fora de propósito eu, que a todos vos conheço e quero, amigo de muitos anos, recorde agora o nome de Álvaro Osório, nosso mestre insigne e modesto, que não esqueceríamos jamais, no momento do vosso merecido triunfo. O caráter dos vossos trabalhos de fisiologia experimental é definido pelo arrojo das concepções, segurança da técnica, quase sempre criada por meios próprios, a tenacidade com que perseguis a verdade que se esconde e negaceia, quando no determinismo das indagações aproveitais recursos precisos, inclusive os do simbolismo matemático.

Será impertinência dizer que os leitores, em alguns casos, desejariam linguagem mais biológica e menos algébrica como Johannsen queria o estudo

dos fenômenos da vida: *com* matemática e não *como* matemática... No entanto a razão está do vosso lado. Lê-se no admirável Bayliss que, no fim de contas, os fatos vitais são sempre, em essência, mudanças, variações infinitesimais e, portanto, é tempo dos biólogos se prepararem no cálculo indispensável às teorias da sua ciência. Ainda aí, no Brasil, estais entre os pioneiros.

Mais de cento e cinqüenta memórias, notas ou monografias, versando assuntos originais, opulentam a vossa bibliografia científica. Seria evidentemente impossível esmiuçar uma por uma as notáveis pesquisas; hei de apontar, entre tantas, duas ou três, onde o vosso talento de sábio e filósofo mais se revela e se confirma. Toda a fisiologia tem merecido vossa atenção: os reflexos, a respiração, a excitabilidade dos nervos e dos músculos, as funções nervosas da pele, a circulação, a termogênese. Dos vossos estudos sobre o vestuário nos climas quentes, não direi nada. Não quero afligir os moralistas sisudos que a moda feminina, de tão pouco pano, irrita e desconsola. Não lhes direi nada das vossas conclusões.

O valor de toda a vossa produção foi reconhecido aqui e na Europa; a Faculdade de Paris vos conferiu o Prêmio Sicard e a Academia Brasileira de Ciências, o Prêmio Einstein.

Por isso deve ter repercutido vantajosamente para o nome do Brasil, no Instituto Internacional e Cooperação Intelectual, a escolha do vosso nome para a presidência do Comitê Nacional, cargo que, para atender a Aloísio de Castro, exerci durante algum tempo e vos entreguei como quem dá o seu a seu dono.

A descoberta de algumas leis que regulam a respiração foi, talvez, dos primeiros trabalhos vossos de eco internacional. Mas de todas as contribuições uma existe de valor singular, seja do ponto de vista puramente fisiológico, seja do ponto de vista filosófico. É o conjunto dos estudos sobre a pele. Depois de tudo exposto, rematais: "Descobrimos que a ablação total da pele, na rã, produz modificações profundas do comportamento do animal." A velha intuição que levou Chamfort à sua célebre, grosseira e pitoresca expressão, séculos mais tarde veio encontrar nas vossas mãos uma elucidação sem dúvidas ou exageros. O bom senso do povo por onde, no conceito do filósofo, surge a sabedoria, já desconfiava. Somente na rã? Deve ser mais geral o fenômeno. A pele influi no comportamento da miserável vida humana. Tanto que os antigos – vejo isso num meu alfarrábio, livro dos *Adágios, Provérbios,*

Rifãos e Anexins da Língua Portuguesa – os antigos *juravam pela pele*... No batráquio pudestes facilmente executar aquela tétrica operação do arrancamento. Mas a idéia, Sr. Miguel Osório, a idéia dessa técnica, que feroz imaginação não exigiu?

E como é interessante tudo quanto a respeito nos ensinais. "Enquanto permanecem alguns pedaços de pele, o animal pode apresentar modificações do tônus muscular e da coordenação dos movimentos, mas não se apresenta no estado de profunda apatia que caracteriza a ablação total." Depois de mostrar que o estado de torpor não deriva do choque, nem de qualquer substância segregada, acentuais que a "apatia das rãs é devida à ausência de excitação do mundo exterior. Os sentidos da visão e da audição sendo muito rudimentares na rã, o animal recebe pela pele as excitações necessárias para manter o sistema nervoso em estado de excitabilidade normal, para conservar o que se pode chamar o tônus do sistema nervoso".

Assim como a corda do violino só se torna capaz de vibrar, nas notas desejadas, depois de estar suficientemente distendida, no *tônus*, que para os músicos é a afinação, o sistema nervoso precisa também de certo grau de tensão fundamental específica. Na vossa descoberta, a pele e os órgãos dos sentidos *afinam* o sistema nervoso, para que ele possa vibrar nas reações que a vida impõe.

Será realmente verdade que os poetas pressintam, de longe, o que a ciência há de verificar?

Tu n'as jamais été dans tes jours les plus rares
Qu'un banal instrument sous mon archet vainqueur.
Et comme un air qui sonne au bois creux des guitarres
J'ai fait chanter mon rève au vide de ton cœur.

Numa página de Balzac as mulheres são como o violino, de que um virtuose tira melodias sublimes. Que pode dar um stradivarius nas mãos de um gorila?

Escrevi há pouco, e agora quero repetir, depois de reler os vossos trabalhos: "A pele é uma das maravilhas da história natural."

Cabe-vos, como se vê, louvor especial, ao caracterizar a estupenda túnica protetora e sensível, receptora específica dos apelos do mundo, condicionando os impulsos de onde surgem sentimentos e ações, fontes de que brotam as raças. Pensam muitos que o determinismo científico morreu de uma vez, porque os físicos não podem dizer qual será o átomo que há de explodir num momento dado, quando, afinal, hão de ter todos a mesma sorte.

Mas que vale um milímetro na medida da distância que vai da Terra ao Sol?

Trabalhos como os vossos, feitos com precisão e honestidade, são, de fato, um conforto para os que esperam tudo da ciência – na ordem *moral*, na ordem *intelectual* e na ordem *prática*.

Há mais de meio século vêm os sábios trabalhando para explicar os interessantes fenômenos da excitação elétrica dos nervos. Por múltiplas razões o problema apresentava dificuldades transcendentes. Depois de nove anos de pesquisas e cálculos, mil vezes renovados, corrigidos e acrescidos – conseguistes formular uma teoria geral da excitação, vosso trabalho capital que, por isso mesmo, tem de aparecer hoje aqui, ainda que numa breve menção. Mal de mim, que não conseguirei dar, nem de leve, a medida do que nele existe de profundo e belo!

Resolveste abordar o problema tentando uma teoria puramente matemática, sem nenhuma hipótese físico-química. A base da vossa edificação? Admitir que sob a ação do estímulo surgem, nos tecidos excitáveis, dois fenômenos opostos: um proporcional à intensidade da corrente, outro proporcional à perturbação produzida e ao tempo decorrido desde o início. Vossa teoria explica a reóbase – fundamento da cronaxia, de tão largo emprego na prática dos médicos; e dá conta do fato surpreendente, conhecido desde os tempos de du Bois-Reymond, de não agir sobre o nervo a corrente contínua senão no fechamento e na abertura do circuito, ficando o cordão nervoso como que indiferente durante o resto do tempo.

Também quando se varia bruscamente a intensidade da corrente contínua, o nervo responde no momento da variação. E só nesse momento. Pois os vossos estudos vieram igualmente explicar o fato.

Assim apareceu a noção da cronobase – característica racional da excitabilidade, relação entre a reóbase e a cronaxia, multiplicada por um fator.

Passastes depois para o estudo direto da excitação, buscando a interpretação físico-química. Ainda aqui fostes feliz, como quem luta bem armado e é digno da vitória, porque tem razão e não desanima nunca. Pouco importa saber o que o futuro fará desses frutos soberbos da vossa extraordinária capacidade. São trabalhos que hão de ficar nos registros da ciência entre o que de mais elevado houver produzido a nossa América do Sul para o tesouro espiritual da humanidade.

Medir a fadiga – sempre foi coisa muito difícil. Principalmente avaliar a fadiga dos outros, quando trabalham para nós...

O processo que imaginastes para medir o cansaço é simples e elegante. O índice da fadiga é a relação da força máxima desenvolvida pelo músculo, avaliada do dinamômetro, para a potência máxima, verificada no ergógrafo.

Os erros, que levam aos desastres, se não vêm da doença, nascem, na maioria das vezes, da fadiga. D. Miguel de Unamuno tem toda razão: a fadiga é o mal do mundo. Depois de tanto tempo em que os povos viveram agitados no turbilhão das conquistas de toda ordem, precisam dormir, como as crianças travessas, que se renovam nos sonos de pedra. O mundo será velho; o homem é muito moço. Há povos que mal conhecem o fogo e ainda ignoram o mais rudimentar conforto. Os mais civilizados há somente uns trinta anos conseguiram voar. Só agora se ouvem os homens de continente a continente. Nos arroubos da juventude a Espécie ainda não pode escutar a voz profética de alguns filhos mais sábios. Ainda crê na violência; e chama sempre justa a causa do seu interesse. A Humanidade não está decrépita; está cansada. Caminha com o passo incerto dos boêmios tresnoitados, pisando muitas vezes, sem sentir, as melhores e mais delicadas flores da cultura. Está cansada das maravilhas que andou fazendo nos dois últimos séculos. Exausta de sofrer e gozar.

De fartos documentos ressalta, pois, com vigor, a vossa personalidade de sábio; do artista aparece em outras tantas páginas a alma delicada. Lastimo sinceramente todos os que ainda não tiveram ocasião de ouvir as vossas apaixonadas interpretações de Beethoven ou Chopin. E as frases emocionantes e tumultuárias do Tristan, que tanto vivem no vosso teclado.

Nascido na cidade do Rio de Janeiro, fizestes os estudos secundários no Colégio Köpke – nome que recorda um dos meus mais estimados amigos, companheiro numa grande obra de educação popular; no Rio terminastes os

estudos superiores. Fizestes o vosso nome sem ter saído do Brasil. Fostes à Europa pela primeira vez, não como aprendiz, mas como professor que aqui mesmo teve a virtude de se aperfeiçoar e impor.

Dos maiores livros de ensaios publicados no Brasil, dois figuram na vossa bibliografia: *Homens e Coisas de Ciência* e *A Vulgaridade do Saber*. É difícil dizer qual o melhor. Tudo neles concorre para o brilho com que são tratados temas variados e empolgantes. História, Biologia, Arte, Filosofia palpitam em ambos. Muitas vezes o escritor parece em verdade trair a feição psicológica do autor, que nem sempre se compraz em fórmulas definidas, que seriam de esperar num pesquisador de tal envergadura. Chega a citar um trecho de Renan quando faz apologia dos estados obscuros anteriores à reflexão, estados que o mais claro dos escritores de todos os tempos achava particularmente fecundos para a criação. Mas seja tratando de *A Ciência e a Língua Portuguesa*, *As Mulheres e a Ciência*, de *A Arte de Esquecer*, do *Problema da Dor*, do *Sonho* e a Ação, ou escrevendo biografias e artigos históricos – *Pasteur*, *Pedro II* e o *Instituto de Fisiologia*, *Ewald*, *Miguel Pereira*, *Sofia Kovalewsky* – contribuístes para a literatura nacional com muitas páginas definitivas.

Quero dizer ao romancista das *Almas sem Abrigo*: nunca foi mais amável escritor do que nos dois volumes de ensaios, o estilo jamais teve tanta louçania. Abrindo ao acaso: "Em arte, como em tudo, o passado não pode ser desprezado, nem afastado... Mas pode ser esquecido, envolvido nos véus nunca inteiramente opacos do sábio esquecimento, do esquecimento educado, que anula as exuberâncias nocivas, mas não asfixia as sementes vivas e férteis. Estas renascem em formas novas e mais ricas, quando encontram as condições adequadas para o seu desenvolvimento, reunidas na alma nova das personalidades, raras, mas sempre existentes, que sabem ver e sentir."

Quanta sutileza nessa página! Que descoberta de extrema finura psicológica o *sábio* e *educado* esquecimento, que por desgraça não está ao alcance de todos! Sois das *almas novas* que sabem ver e sentir, almas preciosas até para os povos de velha cultura profunda e sedimentada. Entre gente que se debate nos lances morais e práticos da própria formação definitiva, agitada como as moléculas quando se orientam para o poliedro nuclear dos corpos cristalinos, são pontos de apoio da sociedade. Da penetrante visão há de a ciência recolher constantemente coisas belas como as que mal pude levemente

recordar; da sensibilidade apurada as letras hão de receber o carinho que tantas composições recomendam.

Depois de tudo isso, trazeis para a Academia, como queria Medeiros, o simples encanto do trato pessoal, a elegância discreta das atitudes.

Não vos preocupe mais a indagação dos nossos intuitos no caso da escolha feliz.

Quase estou em afirmar que nem mesmo foi causa – "o romance que vive em toda obra de ciência". Para os altos valores espirituais há sempre aqui um lugar. Mas os romances guardam o antigo prestígio. A humanidade é muito moça.

Aqui, Sr. Miguel Osório, onde hoje vos recebemos com tanta alegria, muitas vezes há de vir ao vosso pensamento a lembrança daquela nave iluminada, que na lenda medieval singrava o mar, varando o nevoeiro e a tormenta, rumo incerto quando faltava a tramontana, tudo sofrendo sem queixa, dominada pela visão da figura sem par de formosura e meiguice, que de longe atraía toda a cristandade. Depois vereis, de certo, que quase tudo hoje é diferente...

Mas bem depressa concluireis comigo que o mesmo sonho de luz e de harmonia continua. Os da nave antiga nem tinham "a agulha que dita o Norte"; só a Poesia os animava. Nós somos muito mais felizes; além da Arte, a Ciência nos ampara. Eles esperavam tudo da Conquista; nós tudo esperamos do Trabalho. Mas a Esperança é a mesma...

Discurso do
SR. ALCEU AMOROSO LIMA

e

Resposta do
SR. FERNANDO MAGALHÃES

Sessão solene extraordinária
do dia 14 de dezembro de 1935

I

DISCURSO DO SR. ALCEU AMOROSO LIMA

SENHORES,

Sem forma, sem cor, sem ruído, vejo sem ver, ouço sem ouvir, três sombras vagas que me acolhem, no silêncio desta assembléia. Nelas reconheço os vultos amigos de três grandes homens de bem que imortalizaram esta poltrona. Pela primeira vez em sua história, vai ela sentir-se grande demais para receber o ínfimo herdeiro de tão alta herança: Eduardo Prado, Afonso Arinos, Miguel Couto, padrões de gente boa, como em certos campos nos acenam para os vultos distantes dos paus-d'alho, padrões de terra boa. Nenhum dos três, em qualquer momento da sua vida, em qualquer página de sua obra, deixou de ser acima de tudo um homem, puro, simples e bom, sem artifícios com que a mediocridade literária costuma desumanizar as suas vítimas.

Leva a literatura o homem facilmente ou muito acima ou muito abaixo de si mesmo.

Eleva-o, quando representa uma exigência de sua natureza profunda. Degrada-o, quando exprime apenas o desejo de criar uma nova natureza, postiça e artificial.

No primeiro caso, coloca-se ela no próprio caminho da vida. Impõem-se, sejam quais forem os obstáculos, e tanto mais fortemente quanto maiores. Nem o sofrimento, nem mesmo a felicidade – mais difícil de vencer que o infortúnio, – conseguem desviar de sua ascensão aquele que sentiu um dia o apelo misterioso da voz literária. O "peso do amor", de que falou Santo Agostinho, aqui se mostra em toda a sua pressão. Para muitos é ela o grande

repouso, o único repouso. Por ela, pela poesia, pelo romance, pelo ensaio, falam todas as vozes misteriosas do universo. Chegam por ela, traduzidas em linguagem clara, as mensagens cifradas que os seres nos enviam. E mesmo quando outras vozes mais altas nos segredam e temos a graça de transpor as barreiras com que nos cerca a natureza criada, – leva-nos a literatura, a mais humana de todas as artes porque a mais próxima da nossa inteligência, – ao próprio coração da realidade e ao caminho de todas as ascensões.

Quantas vezes, porém, é bem diverso o que nos é dado ver nesse terreno. Em vez de inquietação literária, a displicência. Em vez do amor, a libertinagem. Em vez do drama da vida, o divertimento. Torna-se a literatura, então, um simples passatempo ou uma vaidade. À vocação imperiosa substitui-se a vontade de brilhar. Cede a tragédia de reviver a vida à preocupação de dizer coisas bonitas ou engenhosas. E enquanto o verdadeiro homem de letras participa, dolorosa ou alegremente, de todas as dores ou alegrias dos outros homens de quem se sente o intérprete e o guia, – deixa a vaidade literária apenas subsistir, no desejo malsão de aparecer, a ilusão ridícula das gloríolas e a tola preocupação da publicidade. Essa pseudoliteratura é o paraíso do individualismo.

Ora, estamos, ao que parece, nos afastando, lenta ou bruscamente, da sociedade atomista e dissociada, em que o indivíduo era Rei, – para novas formas sociais em que a coletividade, a massa, o grupo social ou as corporações readquirem uma importância que haviam perdido, em regra, no apreço das passadas gerações. Na sociedade corporativa e personalista para a qual nos encaminhamos, vem a função social dos grupos de cultura equilibrar a importância crescente dos grupos de trabalho.

Cultura e trabalho devem caminhar harmoniosamente, na sociedade, em benefício da vida nacional e do bem comum. Se em face da força do Trabalho, em seus centros de interesse; e da Política, em seus partidos vários ou em seu partido único, – não se reunirem as forças culturais, nas Universidades, nas Academias e nos Conselhos, para defender a independência do Espírito e os direitos da inteligência, do coração e da beleza, – veremos mais uma vez quebrado o equilíbrio das forças sociais. Em nossa adolescência, considerávamos as Academias como simples institutos de aposentadoria da decrepitude literária. E um de nós, repetindo A. France, na prova escrita de

uma disciplina cujo catedrático era membro desta Casa, cometeu a *gaffe*, não sei se voluntária, de escrever que – "enquanto certos povos primitivos faziam os velhos subirem às árvores, sacudindo-as depois para verem se ainda tinham forças de se agüentar, e, portanto, se eram dignos de viver, – entre os povos civilizados era o costume colocá-los nas Academias..."

Foi Graça Aranha um dos que romperam com esse preconceito e acreditaram na larga função intelectual da Academia. E muito me apraz citá-lo aqui, neste passo e neste recinto, onde, naquela tarde eletrizante de há onze anos passados, quando pronunciou sua rumorosa conferência sobre o "Espírito Moderno", – Augusto Frederico Schmidt, que ainda não era então o grande renovador da poesia brasileira moderna, e quem hoje vos fala, – o carregaram aos ombros, em triunfo, no fim da sessão, que se transformara numa espécie de batalha de Hernani.

Na soleira da Idade Nova em que nos encontramos, não devemos ver nas Academias uma jubilação literária ou simples consagração de vaidades – e sim o aspecto intelectual, justo e moderno, da organização social corporativa em que estamos ingressando. E ainda, a expressão viva e presente da tradição intelectual de um povo, como a considerava Jackson Figueiredo, cujo amigo recebe hoje em sua memória o que só a ele era devido.

Duas grandes forças presidem à evolução intelectual de um povo: a *tradição* e a *criação*. Constitui a primeira e *espírito comum* da nacionalidade, que se perpetua pelo nexo das gerações sucessivas. Ao passo que a força de criação é apanágio do *espírito próprio*, que se afirma, não em hostilidade ao espírito comum, mas dele distinto.

Da conjugação constante dessas duas formas de espírito é que poderemos chegar a erigir em nossa terra, em época impossível ainda de prefixar, uma literatura não apenas acessória às letras universais, não apenas de escassos êxitos excepcionais, como até hoje, – mas realmente fecunda, original e de tal sorte que não se possa tolerar sua ignorância em qualquer estrangeiro culto.

Nesta Casa das Letras Nacionais, que tem por função defender o espírito de tradição e vitalizar o de criação que o completa, – muito me apraz entrar pela mão dessa estirpe ilustre de escritores em que tão bem se conjugaram, para a dignidade da inteligência brasileira, aquelas duas formas de espírito que se completam na vida de um homem, como na história de um povo.

Voltando-me agora para essas sombras imortais que, nesta noite, pairam, silenciosas e invisíveis, sobre nós, vejo surgir a que mais perto de nós se encontra, tão viva ainda para todos aqui presentes, que parece seguramente a de um intruso a voz que ousa invocá-la neste instante. Continua entre vós Miguel Couto. Estais ainda a ouvir a inesquecível oração com que transpôs os vossos umbrais. Estais ainda a ver a sua grande figura pálida, de gestos longos, de voz velada e cariciosa, de olhos tristes e indormidos, deixando em tudo e em todos um pouco de seu coração inesgotável.

Os críticos, meus companheiros de infortúnio, bem conhecem uma dupla perplexidade, tão freqüente em nossa impiedosa tarefa. Ou bem murmuramos inquietos, a morder o lápis ou a caneta – "que vou eu dizer, Santo Deus, sobre este deserto!". Ou pelo contrário: – "Como escrever tão pouco sobre este mundo!"

Na segunda alternativa é que me encontro. Como falar de Miguel Couto, que foi um mundo, nos escassos limites de alguns minutos? "Não perdendo tempo", direis vós. E com razão.

Nasceu Miguel Couto a 1.º de maio de 1865, em lar modesto, condição logo agravada pela morte prematura do seu chefe, quando o filho mal contava cinco anos de idade. Começou cedo a viver, por conseguinte, pois que a fortuna é quase sempre uma escamoteação da vida. Vindo da Baixada Fluminense, triste e monótona, para Niterói onde estudou Humanidades, no Colégio Briggs, não teve a infância turbulenta e despreocupada de tantos outros. Cedo se habituou a ver, na casinha pobre de S. Domingos, os trabalhos domésticos e as vigílias de costura daquela mãe solitária e incansável, Marta e Maria ao mesmo tempo de um lar humílimo de subúrbio. Terno, desvelado, estudioso e tímido – crescia o menino sem folguedos, entre o estudo e o trabalho. Sorria-lhe, por certo, a dedicação inexcedível daquele anjo doméstico e tutelar, que tudo por ele fazia. Não lhe sorria a vida, no entretanto. E antes se apresentava como uma dura encosta a galgar, incerta de horizontes e segura apenas em suas íngremes ladeiras exaustivas. O adolescente, de temperamento vibrátil e feminino, logo se feriu nesses espinhos. Há homens que nascem para a luta e só nela se sentem à vontade. Dessa espécie não foi Miguel Couto, embora nunca tivesse fugido à arena, sempre que suas idéias o exigiam. Era-lhe a natureza uma daquelas que só se sentem bem na sombra,

no anonimato, num ambiente feminino e estudioso, de delicadeza, de aprovação e de carinho. Forçava-o, porém, a vida, muito cedo, a mortificar seu temperamento. Como a Glória mais tarde o forçaria a vencer sua moléstia. Feria-o, desde logo, nas perspectivas incertas do futuro, e na rudeza de sua impiedosa engrenagem. "Ai dos delicados!", exclamava Vauvenargues. Ai dos tímidos, dos que amam o silêncio, dos que lêem nas entrelinhas, dos que erraram de vocação. Aprendem depressa o caminho do sofrimento, que liberta o homem ou que o degrada.

O sofrimento prematuro, em Miguel Couto, o contraste doloroso entre um temperamento de arminho e uma vida rude e difícil de conquistar, sem amparo e proteções, longe de lhe diminuírem a natureza transfiguraram-na. Nunca se deixou vencer pelo contraste perene entre o excesso de coração de que sofria e o contato contínuo com a dor e a miséria, em que se viu desde menino forçado a viver.

Criança sem infância, teve também uma mocidade prematuramente amadurecida nas vigílias de estudo e nas longas horas de anfiteatro e de lições. Amigo íntimo de Azevedo Sodré e Alberto Torres, as maiores extravagâncias que se permitia aos quinze anos, como ele mesmo o confessou com emoção, era quando, com algum dos dois, – "na capital vizinha, ao cair da tarde, em passeios sem destino, dialogando como Teofrasto e Filaleto, resolvíamos as mais transcendentes teses político-filosóficas, por entre olharadas fugitivas às meninas molemente sentadas nos jardins, o que cada um ocultava do outro para não enfraquecer a rigidez incorruptível dos princípios". (*A Medicina e a Cultura*, p. 76.)

Foi num desses bancos, quem o sabe, que numa dessas tardes de passeio encontrou aquela que ia ser, por toda a vida, o seu anjo tutelar, o seu único amor, a companheira incomparável a que tudo ofereceu por toda a vida, prêmios, viagens, obras, títulos, glória.

Aplicado sempre, nunca turbulento ou extravagante, ia vencendo, passo a passo, num longo e doloroso esforço, a distância com que vinha disputar a incerta carreira da vida.

Confessaria mais tarde que a Faculdade de Medicina, onde ingressou em 1880, o deslumbrara. As becas dos professores, os discursos solenes, os concursos, as aulas, as sessões magnas com a presença do Imperador, ou o

borborinho dos páteos, tudo, tudo penetrava o íntimo da alma desse rapazinho tímido que, a fim de obter recursos para estudar, entregava remédios de manhã e varria a farmácia do irmão, em S. Domingos, onde só o conheciam por "Miguelzinho da Botica".

Remédios, doenças, misérias, vigílias de trabalho e de estudo, vagos namoricos, – eis as manhãs, os dias e as noites desse adolescente anônimo e ignorado, cuja morte, meio século mais tarde, faria estremecer um continente.

Formado, com que esforço!, em 85, quase ao findar o Império; já interno, por concurso, de Torres-Homem; primeiro aí como em tudo o que mais tarde viria empreender – hesitou entre a cidade e os campos... Tentou o interior. Esteve em Jaú. Mas acabou escolhendo o mais pobre dos bairros cariocas para se fixar: essa Prainha, que cheirava a maresia e a café, entre trapiches e favelas, onde começou suas canseiras, morro acima, morro abaixo, a 500 réis por consulta e a de dez tostões por visita, sem contar que o médico muitas vezes era quem pagava o remédio e a dieta...

Nada mais difícil do que iniciar uma carreira. Nenhum problema, talvez, mais doloroso para o mundo moderno, superlotado de diplomas. Tudo conspira contra a gente. Tudo é penoso e lento. Tudo hostil. E nesses anos primeiros de contato com a vida, é que muitos traem a sua vocação e seguem o caminho mais fácil ou oportuno. Não se deixou abater Miguel Couto por essa vida sem brilho e sem renome. Não procurou o emprego que descansa nem se contentou com aquilo que a vida quotidiana lhe oferecia. Continuava a estudar, sem repouso. Dava à sua tarefa, à sua profissão, à sua insaciável curiosidade científica e social, essa imensa capacidade de dedicação, que o faria, por toda a vida, conjugar o verbo *servir* em todos os tempos.

O Rio, velha cidade colonial, de ruas tortas e praias imundas, que a nossa geração em sua infância ainda conheceu em seus andrajos – era então cercado de um halo apavorante de contaminação, terror dos forasteiros e pesadelo dos higienistas, espécie ainda rara e tateante.

Fixando-se logo o jovem recém-formado sobre o problema máximo do momento, como o faria sempre ao longo de sua ascensão contínua pela vida, dedicou-se à febre amarela. Sobre ela concentrou os seus estudos e por longos anos pesquisou, em muitos milhares de casos, todo o quadro clínico e social do morbo impiedoso, que marcava o Brasil com um estigma de maldição.

Por treze anos a fio, foi o modesto médico da Prainha, o homem apenas de sua profissão. Formara-se a crisálida, lenta e laboriosamente. Nos círculos de amigos já se comentavam seu saber, sua assiduidade na Santa Casa. Em 1896, aos 31 anos de idade, recebia-o a Academia de Medicina, ainda moço, mas já respeitado, já conhecido, embora sempre tímido e deslizante.

Dois anos mais tarde, porém, dava-se o acontecimento dramático que de um dia para outro ia abrir-lhe de par em par as portas da grande notoriedade – o concurso.

Hesitou, recatado como sempre, e sempre desconfiando de suas próprias forças. Foi Azevedo Sodré que o arrastou à inscrição, por um ardil de amigo. Concorria com Pedro de Almeida Magalhães, já famoso, cheio de talento, exímio orador, vindo há pouco da Europa, favorito de quase todos, grande brigador além de tudo.

Argüiam-se, nesse tempo, reciprocamente, os candidatos. E aí se defrontavam a arrogância com a timidez, a eloqüência com a dialética, a ênfase com a simplicidade, como tão sóbria e evocativamente o descreveu Mário de Alencar: "Entretanto o vosso competidor não recorrestes a nenhum estratagema; usastes, como num diálogo a sós, do vosso saber e da vossa polidez; ao ímpeto nervoso opúnheis a calma, à cilada a defesa prudente, ao golpe atrevido a segurança; à facúndia sonora a expressão substanciosa, ao excessivo, a sobriedade, à ciência a ciência. E ficastes vencedor."

Foi a varinha de condão. De um dia para outro, mudava-se teatralmente o cenário. Revelara nesse concurso tal riqueza de saber, de finura, de segurança, de experiência científica, que os círculos médicos estremeceram, sentindo que uma força nova entrava em cena e que qualquer coisa de diferente vinha à luz. Um acontecimento, sua primeira aula. Ao ensino dogmático, erudito ou formalizado, tantas vezes árido e distante, que, salvo raras e gloriosas exceções, dominara até então, – vinha bruscamente suceder a palavra meiga, insinuante, velada, do professor que era um amigo, que conversava, indagava, colaborava com os alunos na explanação dos pontos. Foi uma era nova para o ensino médico, essa que Miguel Couto inaugurava com a sua vocação irresistível e insuperável para o magistério. "Dados concretos e objetivos (observa um de seus mais inteligentes discípulos e continuadores, Couto e Silva) substituíram os métodos acadêmicos e as digressões abstratas. A

doença cedeu lugar aos doentes. À clínica foi aliar-se fecundamente o laboratório, que pesa, mede, controla e põe fronteiras à realidade contra a nossa imaginação... Quantos grandes médicos e biologistas de hoje não foram contagiados por ele, por esse "vírus" sem cura, que é o interesse científico?"

Por trinta anos, a partir de então, ia ser acima de tudo o *Mestre*. Girou sua vida, doravante, em torno de sua cátedra. Foi logo à Europa para se preparar ao ensino, e pôr-se em contato direto com as fontes desse saber que longamente haurira, nas vigílias da Biblioteca ou do quartinho de estudante perene.

Chegaram então as honrarias sucessivas; a clínica de todo o Brasil; os trabalhos originais, que iam ligar seu nome para sempre a fenômenos orgânicos e os sintomas patológicos. Veio a presidência inamovível da Academia de Medicina e, com ela, da classe médica brasileira. Mas, já então, o amador que nele também havia, a despeito do profissional, alargava os horizontes deste último. Estudante incansável, não lhe bastavam, para as grandes arrancadas noturnas, os campos limitados da sua ciência. Prolongava-se por toda a parte. Fazia incursões em outros terrenos. Cultivava os clássicos, a ponto de escrever e mesmo de falar o latim, sem desdenhar os modernos. Estendia sua curiosidade a tudo. Lia incansavelmente. E dizem mesmo que, às ocultas, praticava o feio pecado da crítica literária, o que seria um consolo, aliás, para o sucessor... Quando em 1916 se apresentou, na Academia de Letras, à vaga de Afonso Arinos, só se espantaram aqueles que não lhe conheciam a obra ou a palavra.

Passou sua vida a ser, então, a de um símbolo nacional. Amado por todos, por todos respeitado, aceito sempre e nunca discutido – como que pairava numa atmosfera superior, acima dos partidos, dos dissídios, das correntes de idéias e realizações. Foi por algum tempo, sem posição oficial, sem pretensão de qualquer espécie fora a de servir aos seus, à sua terra e à ciência – foi como que o Árbitro Moral do Brasil.

Não podia deixar a política de atraí-lo para si. Chamou-o com insistência. Convidou-o a ocupar uma cadeira no Senado e o cargo de Prefeito do Rio. Recusou. Recusou sempre. Finalmente, ao se recompor o Brasil depois da Revolução, com maior insistência a Política foi bater à sua porta. E então, num sacrifício supremo pela Pátria, a cujo serviço ia colocar suas últimas energias, aceitou corajosamente o mandato de deputado à Constituinte. E logo sentiu o peso da imolação.

Ele, o Mestre, o Árbitro, o Indiscutido, foi logo descido do pedestal pela fúria iconoclasta das paixões e da miséria humana. Era o cálice final que devia beber, para a sua consagração definitiva. Cumpriu à risca, com uma honestidade cívica inexcedível, exemplar para todos nós, o seu dever de deputado. Foi coerente com as idéias anteriores. E sempre assíduo. Vi-o, poucos dias antes da trágica manhã de 6 de junho, falar na Câmara. Subiu à tribuna, na sua palidez tresnoitada, cercado de uma auréola de carinho. Sentia-se que era um homem diferente que ali estava, vindo de outras regiões do pensamento e da ação, de outro ambiente mais alto. Era a Ciência. Era a Bondade. Era a própria imagem do desinteresse que ali víamos. E todos acudiam pressurosos a ouvir de perto aquela voz velada, que mal rompia aquele ambiente tão saturado pela acústica da retórica ou da polêmica. Seus grandes braços finos se alongavam, ansiosos e reticentes, como que dando asas ao que dizia, para que levassem a todo o Brasil um comovente apelo ao saber, à cultura do povo. Não era o Orador que se ouvia, pois não o podia ser para aquele ambiente. Era o Homem de Bem, o Incorrupto que falava e fazia, sem que o suspeitássemos, o seu testamento cívico.

E foi assim, em plena atividade de corpo e de espírito, não que o surpreendeu a morte, pois há muito já que a via com serenidade aproximar-se, mas que a recebeu, polidamente, esse grande brasileiro. Modelo de marido, de pai, de mestre, de amigo, de servidor da Pátria – foi o homem "cuja função era ser bom" como o disse Alcântara Machado, com essa pura e sadia humanidade que é a decantação das grandes virtudes humanas, que nele resistiram a todas as seduções da Glória, da posição, da fortuna e do saber. Foi sempre e até o fim – pois soube morrer de bem como vivera – foi sempre, em todas as posições e em todos os momentos, na vida pública como na vida científica, coberto de honrarias e ouvido como um oráculo, o mesmo homem bom, das grandes virtudes simples e domésticas, que aprendera em menino, no regaço de um anjo, antes do Sofrimento e da Glória, quando ainda Miguelzinho da Botica, naquele lar humilde e terno de São Domingos.

A vida e a obra de cada homem nem sempre nele coincidem. Alguns há que valem mais por si mesmos do que pelo que deixam de si. Outros, ao contrário, estão todos em sua obra e vivem ou viveram apagados por ela ou apagando-se para criá-la.

Em Miguel Couto, completam-se harmoniosamente vida e obra. Uma não pode ser compreendida sem a outra. Como homem de ciência, humanista ou sociólogo, sempre em sua obra encontramos a presença fiel do homem, como no homem, por seu lado, a cada passo se encontrava a presença da obra, pois o professor é justamente a criatura, em que se congregam intimamente uma e outra, como que as levando consigo indissociáveis. Ensinar é viver a própria obra. Pode o professor mais tarde reduzi-la a escrito. Pode conserva-lhe a ciência, a originalidade, a eloqüência. Nunca será a mesma coisa. O professor, como o orador, é aquele que vive em público a sua criação oralmente, no ato mesmo da criação e não depois dela, como o autor. Comunica-lhe o calor, o gesto, a vida indefinível que se espalha por todo o nosso corpo e colabora, na aula dada ou no discurso pronunciado e que nada substitui, pois a vida é irredutível às suas partes, pensamento, vontade, imagem, graça ou sensação. E se leitor e autor são dois estranhos que travam quando muito diálogos à distância através de textos impressos e frios, – colaboram diretamente o professor e o aluno, o orador e o ouvinte, na lição ou na oração. E a obra nasce do contato direto das almas, o que lhe comunica qualquer coisa de insubstituível e de essencial, na espiritualidade do ato e na impressão deixada. No professor portanto, mais do que em qualquer pessoa talvez, conjugam-se, a ponto de confundir-se, a vida do homem e o sentido da obra. E Miguel Couto foi e quis ser acima de tudo professor. É dele a confissão: – "À minha cadeira dediquei todo o parco engenho que Deus me deu, todos os meus momentos, a tudo desprezando por amor dela, e com ela servindo à Pátria, segundo a fórmula – patriotismo é cada um cumprir o seu ofício com a maior fé. Ainda agora o meu prazer é preparar uma lição em noite de espertina – como são curtas as noites! – e a minha maior alegria é a certeza de que a fiz boa." (*No Brasil Só Há um Problema Nacional, a Educação do Povo*, p. 264.) Eis o professor em toda a consciência e a beleza da sua missão. Na qualidade de professor, divide-se sua obra, como sempre, em visível e invisível. O que nos deixou visível foi esse monumento da ciência médica brasileira que constituem os três volumes das suas lições de *Clínica Médica*. Falecem-me naturalmente autoridade e competência para avaliar do seu valor científico, ou didático, sobre o qual já pronunciaram, aliás, os entendidos, a sentença mais encomiástica. O que podemos e o que devemos acentuar é a beleza literária, a

elegância e a propriedade das imagens, a correção e a precisão da linguagem que da primeira à ultima lição desses volumes encantam o próprio leitor ignaro e o prendem de princípio a fim. É a mesma, a lição aí recebida, que Stendhal ia buscar todas as manhãs na leitura do Código Civil e que Miguel Couto aprendeu no trato quotidiano que manteve, por toda a vida, com os clássicos gregos, latinos e vernáculos.

Não que procurasse escrever "clássico" como fazem os falsos discípulos dos antigos. Não é outra a lição que os clássicos deixaram, senão a que ao artista dá a natureza. Não deve o artista fazer o que a natureza faz, e sim como a natureza faz. Não devemos também escrever o que os clássicos escreviam e sim aprender neles o *modo* de exprimir com a pureza o que se pensa com rigor.

Nas suas lições de clínica, mais remotas de qualquer intenção literária, como outrora Lafayette em suas lições mais técnicas do direito das coisas ou da família, deixando-nos Miguel Couto uma lição de estilo que qualquer homem de letras ganharia em meditar e seguir. Nenhuma palavra supérflua, nenhuma preocupação de ornato, nenhuma imagem desnecessária à compreensão do contexto. Da primeira à última página uma simplicidade, que nunca chega a ser vulgar, nem cede à tentação do efeito. E freqüentemente tal finura de traços e engenho no dizer, que revelam no professor e no cientista o homem de bom gosto. Ouvi esta página deliciosa sobre "medicamentos" que bastava para o ter colocado "*par droit de naissance*" não apenas na Academia de Medicina mas na de Letras: "Quem costuma tremer pela vida que lhe é entregue em confiança, vai devagar para ir seguro; começa pelas doses leves como quem tateia suscetibilidades e só aos poucos se aventura às doses mais intensas e para isto a ninguém precisa ouvir; basta não esquecer que é mais fácil matar o doente do que extinguir certas raças de treponemas que se enclausuram no organismo em zonas inexpugnáveis. Aliás, ou porque ainda não tenham confiança própria em nenhum medicamento ou de leitura a tenham em todos, os médicos novos são muito medicadores... Se os remédios clássicos e seculares, que conseguiram contrastar a ação do tempo e alcançaram os nossos dias ser oferecem assim à crítica, – imaginai agora esse aluvião de substâncias novas que chegam de toda a parte aos países consumidores como nuvens de gafanhotos e obrigam as drogarias a se fazerem de borracha

para os conter. Naqueles há ainda a os amparar a tradição que se compõem de meia verdade e meia mentira e é a facilidade da noção em voga ou imitação que os revigora; nestes nem isso, nove décimos, que digo! noventa e nove centésimos não representam a menor utilidade e nenhum progresso. Mas todos têm boa acolhida e se alastram porque a humanidade *blasée* precisa ser sacudida em tudo pela novidade e assim como há remédios que se empregam porque se empregam, outros há que precisamente são empregados porque ainda não são empregados..." (E mostrando de outra feita aos seus discípulos uma receita complicada): "Este homem que veio ao nosso ambulatório por causa de uma bronquite esqueceu em nossas mãos esta receita que vos passo sem o nome que a firma; vede que na garrafa entrou toda a botica, só faltando o boticário." (*Clínica Médica*, vol. I. °, pp. 76-79.)

Páginas de antologia, como essas que resumo e Machado de Assis não repudiaria, fora fácil citá-las às dezenas em sua obra científica. Basta, porém, a que aí fica para avaliardes que razão tinha Couto em afirmar de Francisco de Castro o mesmo que dele podemos dizer "grande professor só será aquele que for ao mesmo tempo um grande artista... Grande professor de medicina só o será se... a sua alma vibrar ao contato das verdades científicas, se souber achar no fundo árido, doloroso ou repulsivo dos fatos mórbidos a emoção estética e for-lhe a palavra tão vibrátil quanto a alma para traduzir essa emoção". (*Clínica Médica*, ibid., p. 35.)

Nesse pequeno auto-retrato se contém o que foi de fato em Couto o *professor*.

Se esta condensada sua obra visível de homem de ciência, nesses três volumes já hoje clássicos em nossa literatura científica – transborda de muito sua obra invisível de professor o âmbito de seus livros. Está escrita na memória dos seus internos e dos seus discípulos que por trinta anos lhe passaram pela enfermaria e pela cátedra, deixando-se seduzir pelo verbo e pelo gesto incomparável do mestre, insinuante e imperioso, cheio de humildade do verdadeiro homem de ciência e assombroso de erudição em todo o vasto campo das ciências biológicas. Não era o professor distante e dogmático que intimidasse ou entusiasmasse os seus alunos pela ciência apenas ou pela loqüela. Era o mestre que vivia a lição com os discípulos. Preparava-a cuidadosamente, pela noite adentro, como vimos, dando-a cada dia em forma diversa, mas

adentro sempre inexcedível. Tudo o mais subordinou Couto à qualidade de educador a que tudo deu em vida. E continua a dar depois de morto pelo que deixou de si, visível em seus livros, ou invisível na memória dos corações que é a saudade, ou na saudade da inteligência que é a tradição. Sua obra de cientista, desde o tempo das famosas pesquisas no Hospital São Sebastião (de que resultou esse monumento clássico da medicina brasileira, em colaboração com Azevedo Sodré sobre a *Febre Amarela* publicado em alemão em 1901, na Enciclopédia Médica de Nothnagel) – sua obra de cientista nasceu assim, dia a dia, intimamente ligada aos trabalhos públicos do professor e do clínico. Dizia Goethe que era esse, ao contrário do que deve suceder com a obra de arte, o método a seguir nos trabalhos científicos. E sabeis que foi Goethe um dos raros que podiam falar de cadeira, tanto de uns como outros. "Nas coisas de ciência (escrevia o grande gênio de Weimar) deve-se fazer exatamente o oposto do que o artista julga aconselhável; este faz bem não deixando ver publicamente sua obra até que esteja completa, pois é difícil que alguém lhe dê bons conselhos ou aplausos; depois de terminada sim, deve acolher bem, meditar no louvor ou na censura, aproximá-los da sua própria experiência, de modo a preparar-se e aperfeiçoar-se para uma nova obra de arte. Nas coisas científicas, ao contrário, é necessário comunicar publicamente cada experiência isolada, cada simples suposição, sendo altamente aconselhável não erigir um edifício científico antes que o plano e os materiais já sejam amplamente conhecidos, e já tenham sido julgados e escolhidos." (*Allgemeine Betrachtungen über Natur und Naturwissenschaft* – 1792, cap. 2.º)

Foi isso exatamente o que fez Miguel Couto, edificando lenta e publicamente a sua obra científica, baseada desde o início na experimentação do laboratório, na experiência do consultório e na divulgação do auditório. Foi, por isso mesmo, dos primeiros freqüentadores de Manguinhos, cujo nome Osvaldo Cruz imortalizou, como no-lo conta o sábio Henrique Aragão: "Em épocas há muito idas, tivemos a felicidade de contá-lo entre os primeiros pesquisadores que procuraram Manguinhos para realizar investigações ou esclarecer problemas... Era ele, já nesse tempo, alguém que possuía as mais sólidas e legítimas credenciais para estar ao nosso lado e nos prestigiar com o seu exemplo, sua palavra e seu saber, no momento em que, de dentro daqueles

mais que modestos laboratórios de Manguinhos, começava a surgir o forte núcleo científico nacional."

Só quase ao fim de sua vida, porém, depois de bem postos à prova os materiais de que se compunha, de livremente aventadas e discutidas as hipóteses, segundo o sábio conselho de Goethe, é que o homem de ciência consentiu publicar o seu monumento clínico, síntese de toda uma vida de pesquisador, de médico e de professor.

Quanto à sua obra de pensador social, que lhe completa a científica, se bem que incomparavelmente mais superficial e efêmera, como a cultura humanista preparara uma e outra – foi vindo a lume solicitada pelas circunstâncias.

Nos livros em que está recolhida, o que se sente é o alargamento da mesma personalidade afetiva e intelectual, que era no lar o mesmo que na enfermaria, na enfermaria o mesmo que na cátedra, na cátedra o mesmo que na tribuna, na tribuna o mesmo que nos livros, nos livros o mesmo que no Parlamento, e aí no Parlamento, onde a morte sorrateiramente o foi colher, o mesmo que na Eternidade, "*tel qu'en lui-même enfin l'eternité le change*".

Miguel Couto, na múltipla distribuição de suas atividades, no trabalho variado e intenso com que encheu os dias e as noites de uma existência exemplar, seguiu sempre uma linha única e invariável: a de sua própria projeção no seu meio e no seu tempo. E tendo sempre em vista o serviço de alguma causa.

Nasceu assim sua obra social do espetáculo confuso do Brasil biológico e cultural, e do grande, profundo e invariável sentimento patriótico que sempre teve, vivo e militante.

Via no Brasil duas grandes chagas – a ignorância nas almas e a fraqueza nos corpos. Contra uma e outra pregou, como um apóstolo incansável, a *Educação* e a *Seleção*. E ambas visando preparar e elevar o homem brasileiro: "Compreende-se, pois (exclamava ele em um de seus famosos discursos anuais na Academia de Medicina), que se façam todas as valorizações de todos os produtos da terra, contando que venham depois da do primeiro entre eles – o homem... Se o homem é o primeiro patrimônio de uma nação, a sua saúde, isto é, a sua capacidade de trabalhar e a sua cultura, isto é, a sua capacidade de trabalhar bem, hão de constituir os primeiros cuidados dos governos; robustez e força, ao lado de inteligência e educação, preparando o homem para a vida e para a vida de sua Pátria." (A *Medicina e a Cultura*, pp.

17 e 145.) Nesses trechos de orações, como que se contém a síntese das idéias por que, sem descanso, se bateu Miguel Couto toda a vida.

E não se limitou a pregá-las em livros e conferências, nos discursos anuais de Medicina ou nas orações de paraninfo, nas tertúlias dos intervalos das aulas e mesmo dentro delas, entre duas exposições técnicas primorosas. Levou-as para as "Jornadas Médicas", que foram uma demonstração do sentido social e moral que dava à medicina, completando a sua base científica, e cujo panorama assim uma vez resumiu: "Valorização do homem pela saúde e a cultura; a saúde dando-lhe a força e a beleza; a cultura, dando-lhe a ambição e a bondade." (Jornada Médica do Recife, disc. 28-07-28.) Foi também esse o programa social de sua vida. Levou essas idéias ao Parlamento. Converteu-as em emendas ou projetos de lei. Pugnou ardentemente por elas. E foi, para muitos, uma surpresa ver esse homem macio e insinuante, que parecia ser a própria imagem da Conciliação, a própria encarnação da Timidez, entrar na luta, desassombradamente, pela *cultura do povo*, para a qual queria abrir as pobres arcas do nosso minguado Tesouro, e pela *pureza da raça*, criando sem o querer, ele o estigmatizador da "peste rubra", casos internacionais que iam mostrar não ser apenas a luz que vem do Oriente...

Terminava a sua obra como homem de ação, que sempre fora vivendo suas idéias a procurando convertê-las em regras de vida para o seu povo.

Qual a lição que nos deixou esse grande homem de bem? Tantas, que nem as Graças, nem as Musas, nem mesmo... os Acadêmicos bastariam para enumerá-las. Uma apenas, a maior talvez, quisera tirar como moralidade da fábula de sua vida; – ou o homem humaniza a ciência ou a ciência desumaniza o homem. Foi Miguel Couto um belo exemplar de humanismo científico ou de ciência humanizada. Homem, sempre e acima de tudo, e harmoniosamente, sem que a inteligência, a pesquisa de laboratório, a cátedra, a erudição ou a glória científica diminuíssem em nada a simplicidade, o frescor, a candura do coração. Sofria com os seus doentes; amava como filhos os alunos; tinha para os amigos ternuras de namorado; e nem mesmo o dom das lágrimas lhe negara a Providência Divina. Saudando-o, disse-lhe uma vez outro homem de ciência, discípulo de que se orgulhava e de que hoje nos orgulhamos nós de ter por companheiro, Miguel Osório: "A ciência poderá um dia vos reclamar tudo o que lhe havíeis prometido. Mas o que vale a ciência,

falaz, precária e ainda balbuciante, diante dessa verdade eterna, insofismável, indestrutível: a caridade. E vós reunistes as duas." (*Poliantéa Jubilar*, p. 184.)

Deixou-nos um exemplo vivo na íntima e indissolúvel fusão que existe, na natureza das coisas, entre Ciência e Religião, entre conhecimento e amor, entre a inteligência e o coração. Sempre que dissociamos o fato espiritual, sempre que cortamos as ligações profundas e vitais entre a ordem natural e a ordem sobrenatural, e pretendemos suprimir qualquer dimensão do universo sujeitando-o à miséria de uma geometria metafísica apenas plana, – estamos longe da verdade profunda das coisas, e iludimos pela pobreza e pelos sofismas dos nossos sentidos. A inteligência completa os sentidos e a razão em nós, como a metafísica e a liturgia completam a ciência fora de nós. E na vida de cada ser humano consiste a verdadeira grandeza não em mutilar a natureza, mas em realizá-la na plenitude de suas possibilidades. A reconciliação integral entre as ciências da matéria e as do espírito, entre física e metafísica, entre observação científica e vida mística, entre o Mundo e Deus, será sempre a obra suprema do pensamento e da ação, a mais digna, a que pode prestar-se nossa mutilada mas infinita natureza humana. E é com alegria que venho encontrar no meu grande antecessor, nesse homem de laboratório e enfermaria, sempre virtual ou expressa, tanto em sua vida como em sua obra, essa plenitude da vida humana, a que nunca servimos com suficiente ardor e bastante entusiasmo. Pois a natureza é inexplicável dentro da própria natureza. E só o Infinito resolve o mistério das coisas finitas. Pasteur, ao ser recebido na Academia Francesa, deixou gravado para sempre, em sentenças lapidares, essa indissolubilidade que a sua vida de príncipe dos experimentadores encontrara, tanto no coração da realidade exterior, como na realidade do coração humano: "*La notion de l'infini dans le monde, j'en vois partout l'inévitable expression. Par elle, le surnaturel est au fond de tous les cœurs. L'idée de Dieu est une forme de l'infini. Tant que le mystère de l'infini pésera sur la pensée humaine, des temples seront elevés au culte de l'infini... Celui qui proclame l'existence de l'infini, et personne ne peut y échapper, accumule dans cette affirmation plus de surnaturel qu'il n'y en a dans tous les miracles de toutes les religions; car la notion de l'infini a ce double caractère de s'imposer et d'être incompréensible. Quand cette notion s'empare de l'entendement, il n'y*

a qu'à se prosterner." (Académie Française, *Recueil de discours*, 1880-1889, I; pp. 344-345.)

Na vida de um sábio completo, só é perfeita a atitude da inclinação para o estudo, quando termina na prosternação para a prece.

Foi sempre essa a lição de Miguel Couto. E sua vida um admirável equilíbrio entre a bondade e o conhecimento. Via na medicina alguma coisa de muito superior à simples arte de curar. São de seu discípulo, o jovem e já notável biologista André Dreyfus estas palavras: "Discípulo que fui de Miguel Couto, aprendi com ele a encarar a medicina não apenas como ciência de curar, senão e principalmente como arte de consolar. A ciência, por mais grandiosa que seja, por mais poderosa que se torne, a ciência, Senhores, não é tudo; e não é tudo, porque a ciência é essencialmente raciocínio e a vida humana, é, antes do mais, sentimento."

A existência e os trabalhos de Miguel Couto constituem uma viva ilustração dessa verdade. Pois, como disse outro grande sábio, dos maiores que o Brasil tem possuído, Carlos Chagas: "O homem bom, o homem clemente, o homem piedoso, é muito maior do que o homem forte. Miguel Couto foi, por isso mesmo, um dos maiores homens do seu tempo."

E reagiu contra o preconceito cientificista dominante ainda no seu tempo, religando assim *ciência* e *espiritualidade*. Soube ficar a igual distância do "diletantismo científico" que sempre declarou "abominar", e do fanatismo científico, para o qual tudo na vida se explica pelas ciências experimentais. Teve a grande coragem de ser o homem de ciência que não oculta o seu sadio cepticismo científico. Para melhor servir à Ciência, procurou sempre conhecer os seus limites. E a consciência dos limites da Razão é a grande dignidade do verdadeiro espírito científico: como a consciência dos limites da Fé constitui a grande dignidade do verdadeiro espírito religioso. Na soma de ambos é que encontramos a verdadeira medida do ser humano.

Essa *humanidade* profunda, que se nos depara na vida, na obra e na lição de Miguel Couto, também é, graças a Deus, a nota que mais intensamente ressalta na lição, na obra e na vida dos seus dois grandes predecessores. Assim tenham eles impregnado esta poltrona dessa tradição humanista integral, que considero a mais bela expressão da cultura sobre a face da terra.

Surgem, já agora, ao apelo da nossa evocação coletiva, neste ambiente de saudade e de respeito, as duas outras sombras que, invisíveis, pairam esta noite sobre nós.

Vemos Afonso Arinos e Eduardo Prado fundidos numa só memória, como foram, em vida, confundidos num só ideal e num mesmo amor. E com eles é a poesia da terra que se levanta; é a alma do povo que se abre a nós; é toda a nobreza do espírito brasileiro que reponta nesses dois "aristocratas do sertão", como os chamou Pedro Calmon.

Se quisesse aqui renovar o paradoxo do analfabetismo como índice do progresso, ninguém melhor do que Arinos, forneceria matéria para o fazer. O homem culto que ele foi; o familiar dos meios artísticos e literários do Velho Mundo, que por tão longos anos freqüentou; o peregrino fiel de todos os monumentos de arte humana, como sempre e invariavelmente se mostrou, – não podia entretanto ser apenas um romântico do povo rude dos sertões. O que Arinos amou naquele povo, o que nele foi buscar para dar vida aos poucos contos que deixou, poucos mais imortais em nossas letras, porque souberam traduzir, para todo o sempre, um dos aspectos indeléveis da alma nacional, – não foi sua incultura, mas a pureza do sentimento brasileiro, no "cerne da nacionalidade", de que falou Euclides da Cunha.

O homem do sertão e o próprio sertão foram para Arinos não apenas um tema literário, mas uma advertência para toda a nacionalidade, e muito particularmente para os responsáveis pelo seu futuro. Façam-se estradas, levantem-se escolas, curem-se moléstias, abram-se à civilização as portas dos nossos desertos interiores, – mas, por amor de Deus, preservem-se nessa massa rude, inculta, e por vezes doente dos nossos chapadões, o que neles representa a brasilidade de nossa inteligência e do nosso coração. O que Arinos queria, nem mesmo era o que Ghandi propugna para os seus Indianos. Tear mecânico ou tear à mão; automóvel ou carro de boi; alfabetismo ou analfabetismo; força de músculos ou franzinidade de tipo, – não é em nada disso que reside o essencial para o futuro e para a elevação de um povo.

Se tivermos no Brasil uma invasão de escolas tecnicamente perfeitas; um aluvião de hospitais com as mais modernas instalações científicas; uma aparelhagem industrial poderosíssima; uma legislação social perfeita; cinemas, rádios, aviões, livros e máquinas por toda a parte, – mas tivermos perdido

esse não sei quê, que não defino para não tombar na magniloqüência, esse segredo tocante de sedução e de incomparável lição moral que tantas vezes encontramos no mais humilde, no mais esquecido, no mais inculto filho da miséria e da ignorância, – se assim suceder, teremos trocado a primogenitura do *bem* e da *independência* pelo prato de lentilhas do primarismo cultural e da reles mitologia da curiosidade. Contra essa tradição moral e intelectual, política e estética, *possível*, é que se insurgia Afonso Arinos. E dedicou-se então, de corpo e alma, à defesa dos que encarnam, na sua humildade, no seu anonimato, na sua indigência, o próprio coração da pátria, preservado nesse misterioso e violento sertão. Não foi apenas um saudosista; não foi um romântico do analfabetismo; não foi um esteta que aspirasse a conservar fechado o sertão para gozo do seu diletantismo de viajante. Em suas viagens era o primeiro a levar para o *seu* sertão, e para os *seus* sertanejos, tudo o que de bom nos tem dado o progresso científico e industrial do mundo moderno. Não era a pátria estagnada como um grande parque fechado para uso de sibaritas desencantados do progresso, que desejava. O que ele queria era defender a sua terra e a sua gente contra a invasão do pedantismo cosmopolita que já via rondando traiçoeiramente os horizontes. O que ele queria, era que o Brasil continuasse a ser brasileiro e a preservar as fibras morais mais rijas do seu caráter. O que ele queria era uma arte verdadeiramente nacional, impregnada do amor, da beleza, das virtudes, do coração e da paisagem brasileiras. Tudo isso ele o quis apaixonadamente, de perto ou de longe, no Sertão ou em Paris. Pois raramente se viu tão belo tipo de homem, expressão tão sadia, tão pura, tão verdadeiramente aristocrática de uma raça que nele produzia, sem o concurso de qualquer *eugenia oficial*, um desses modelos por antecipação do que pode vir a ser um dia o tipo físico perfeito do "*homo brasiliensis*". E como conservou e cultivou, em sua alma grande e simples, essas mesmas virtudes autênticas que fomos encontrar na fisionomia moral de Miguel Couto, – nele nos defrontamos com um desses belos exemplares de homem, que nos reconciliam com a natureza humana, por mais que, por vezes, nos faça desanimar o espetáculo de fealdade e mesquinharia de que é também capaz essa misteriosa espécie animal, com que Deus, fazendo-nos Seus semelhantes, mostrou-nos realmente a Sua Onipotência...

Se Arinos foi, para nossa geração, não o romântico de um sertão embonecado, mas o revelador da sua fibra e da sua beleza natural e moral, tantas vezes rude e bárbara, – foi Eduardo Prado, para muitos de nós, o revelador da nobreza do passado brasileiro. Não tampouco em seu romantismo sentimental, que por tanto tempo vigorara oficialmente, e sim na sua dignidade. Começávamos já a ser invadidos pelo pessimismo histórico, que em Portugal matou o ânimo de uma geração, e que, aqui no Brasil, quase nos leva ao mesmo diletantismo nacional. Salvou-nos Eduardo Prado dos dois males iguais e contrários, tanto do farisaísmo histórico como do niilismo do nosso passado. Ensinou-nos o *abc* do caráter nacional, que é o interesse pela linhagem pátria. E foi restaurar, em nós, o respeito pelos regímens caluniados ou pelos homens esquecidos. Colocou de novo a história da nossa terra em sua tradição católica autêntica, e lutou, bravamente, contra todas as suas deturpações. Se Arinos defendia os nossos costumes, lutava Eduardo Prado pelas nossas tradições políticas. Se Arinos nos fez amar o povo rude do sertão, abriu-nos Eduardo Prado o peito aos rudes mestres de obra, portugueses e brasileiros, de nossa casa primitiva. Se Arinos pugnou pelas linhas mestras da alma brasileira, essencialmente cristã, revelava-nos Eduardo Prado as diretivas mais autênticas das instituições brasileiras, nascidas da mesma espiritualidade cristã e da mesma tradição ibérica civilizadora, da Monarquia que politicamente erguera o Brasil e da Igreja, que moralmente o formou.

Conjugavam-se assim seus temperamentos, seus ideais, seus métodos de ação intelectual e social. E preparavam a consciência brasileira para a defesa, iminente e necessária, contra as tentativas subseqüentes de envenenamento de suas fontes.

A lição desses três grandes homens de bem, – cujas sombras inquietas e desiludidas pela pobreza destas evocações estão quase a deixar-nos, – foi uma lição de fidelidade.

Fidelidade à Ciência humanizada, com Miguel Couto. Fidelidade à Terra e à Gente, com Afonso Arinos. Fidelidade ao Passado e à Fé, com Eduardo Prado.

O primeiro, levando-nos à confiança no futuro, à coragem de empreender grandes obras de saneamento, a largo prazo, da terra e do povo, pela cultura intelectual e pela seleção racial. O segundo, impregnando a nossa alma de

amor por essa terra, de respeito por essa gente, quaisquer que fossem as suas deficiências e misérias na comunhão profunda com uma e outra, pela preservação das grandes e puras virtudes herdadas dos antepassados. O terceiro, levando-nos pela mão a esses avoengos ilustres ou medíocres, daqui ou de além-mar, trazendo-os também até nós, e plantando em nosso peito o respeito indelével pela linha da nossa formação moral e pelo espírito de nossas instituições fundamentais.

Em todos três a fidelidade às virtudes profundas que formam o que há no homem de dignidade em sua personalidade individual, e, no brasileiro, de já diferencial, em sua personalidade coletiva.

Estamos vivendo, hoje em dia, uma hora de tal gravidade e de ameaças tão iminentes a tudo o que de precioso recebemos dessa tríplice lição de fidelidade, que não podemos permitir, sem mais, se percam os ensinamentos deixados por todos três.

O *homem brasileiro* que Miguel Couto colocou sempre no centro de suas preocupações médico-sociais; que Afonso Arinos imortalizou nas páginas de seus contos sertanejos; que Eduardo Prado valorizou ou pôs em brios, nos textos de sua historiografia militante e viva, – o homem brasileiro sofre hoje o que sofre todo o homem moderno.

Séculos de inversão moral, de dispersão política, de injustiças econômicas, de caos estético, de diletantismo pedagógico, isto é, de empobrecimento e dissociação absoluta na ordem do espírito; e, ao contrário, de imenso, ordenado e sistemático progresso científico e mecânico, isto é, de enriquecimento e de concentração na ordem experimental e material, – colocaram nas mãos do homem moderno instrumentos de força desproporcionados à diminuição de sua fibra moral e de sua unidade espiritual. Quanto mais necessitava de ordem e hierarquia na inteligência para dominar as solicitações de mais em mais prementes de uma "civilização afrodisíaca", como diz Bergson, – mais renunciava o homem à posse de uma disciplina filosófica e moral segura. O resultado é a imensa perplexidade contemporânea, a pululação de perguntas sem resposta, que ouvimos repontarem de toda parte.

Neste mundo em que o ritmo da vida se precipita, em que os valores se baralham, em que as revoltas se sucedem – bem é que peçamos às grandes sombras do passado, já libertas da inquietação, que o corpo comunica, a lição

de sua experiência já serena. E docilmente responde cada uma à nossa febril interrogação.

"Sede moços de corpo e de espírito, segreda-nos aquela sombra que mais perto de nós se encontra. Fugi dessa velhice precoce que é o peso das raças indignas de viver. Fugi da ignorância que deprime e anula todas as ascensões da alma. Amai a ciência, mas, notai bem que é no coração que está o segredo de cada homem e a perfeição de nossa espécie. Foi no trato diurno e noturno com o sofrimento humano, que aprendi a colocar a bondade acima do conhecimento. Muito sofrereis com isso, mas olhai para o fundo de vossas almas e vede se no seu espelho interior não se reflete uma Imagem que ultrapassa de longe todas as figuras que nela se reviram, e essa Imagem está coberta de cicatrizes e de sangue, mas aureolada pelo clarão da divindade."

"Olhai para o vosso povo, segreda-nos a outra sombra que a segue, e aprendei em sua alma simples e boa o segredo da vossa vitória. Não vos impressione o brilho dos progressos prematuros. Não vos seduza a sereia das idéias exóticas e cruéis. Não vos deixeis envenenar pelo filtro da vida fácil, efeminada e luxuosa. É mais fecunda para a pátria a virtude de um coração de analfabeto, do que o pedantismo nivelador da semicultura enfatuada. Que o progresso não vos arraste à negação do vosso caráter. Que a vossa arte e as vossas letras espelhem a vossa paisagem e a vossa alma. Que a força e o brilho dos audaciosos e aventureiros nunca vos façam renegar o tesouro de virtudes simples, sadias e, insubstituíveis que se guardam no coração do nosso povo, inculto talvez, mas generoso, doente talvez, mas polido e bom como nenhum. Amai os humildes e esquecidos tecedores da unidade da vossa pátria."

E o murmúrio se esvai com a sombra que se afasta. Mas fala ainda de mais longe a terceira.

"Fugi da ilusão de começar tudo de novo. Estudai as vossas origens. Não vos envergonheis da sua modéstia e do seu plebeísmo. Procurai conhecer o que nelas se esconde de superior e de nobre. Não se improvisa uma civilização nem se constrói sobre modelos estranhos ou sobre a falsificação das suas origens selvagens.

O que a torna grande e duradoura é a fidelidade aos seus verdadeiros antepassados, e ao ritmo da sua própria natureza. Voltai-vos para dentro de vós mesmos. Evitai procurar muito à distância o segredo da virtude, do pres-

tígio e da felicidade, que está todo dentro de vós. Sede fiéis à vossa Fé e ao vosso Império. E levantai sempre os corações ao alto."

Calam-se as três vozes. Ouço que segredam coisas entre si. Tão pouco e tão vagamente as entreouvi, que mal pude registrar suas palavras. Foi isso realmente o que disseram? É de tanto ou de tão pouco que precisa o homem brasileiro? Não sei. Seja como for guardemos essa lição de fidelidade humana. Servirá ela para reagirmos contra a tentação do inumano, que respiramos em cada canto do mundo moderno. Vive este entre a libertação dos instintos e o orgulho da inteligência, entre as solicitações do animal e o apelo do anjo, cada qual mais cioso da exclusividade dos seus direitos sobre nós.

Fiquemos na justa medida do Homem, que é ainda a maneira mais segura de ultrapassá-lo. Foi o que, vivendo e criando, nos ensinaram esses três padrões de nossa Raça, que Deus permita não tenham, só por cortesia, vindo receber-me nesta Casa, mas continuem a conduzir por toda a vida o obscuro sucessor de tal herança.

II

RESPOSTA DO SR. FERNANDO MAGALHÃES

SENHOR Amoroso Lima.

Acabais de ser incorporado a uma estirpe da melhor nobreza. Mereceis, sem dúvida, a honra de recordar as figuras de exceção, espíritos de largo anseio, que contribuem de modo impressionante para a bem-afortunada genealogia da Cadeira que vos pertence. É a última da nossa conta. Por isso mesmo, é o remate límpido de muitas perfeições, onde se acolheu a aristocracia do pensamento, e a que, com incontestável direito, dais o vosso nome, votado à revelação renovadora da vida.

Qualquer dos que vos precederam é um padrão. Feliz a época que os conheceu. Recolhidos ao patrimônio espiritual de um continente, só o lembrá-los, na hora das apreensões angustiosas, faz descer ao remoinho das inquietudes a proteção dessa energia sobrenatural, armadura da suavidade, que vela sobre os desalentos e os desenganos no caminho da purificação.

Mesmo mortos, eles abrigam. Criaturas eleitas. Almas de bondade, conservando as alegrias do coração. Almas de brandura, oferecendo o conforto da crença. Almas de luz, dominando a profundidade dos desesperos. Almas de sol, aquecendo a agonia dos abandonos. Uma linhagem imaculada de lealdade cristã. Nenhum desmereceu, nenhum duvidou, nenhum tremeu diante da morte. Todos talhados para as alturas. Do patrono – o Rio Branco libertador, ficou a lembrança da beleza varonil e o eco da facúndia dominadora. A atitude fidalga, evocativa e incorruptível de Eduardo Prado assinalava uma lapidação. Afonso Arinos, porte de bandeirante, decifrava o enigma das soli-

dões. Miguel Couto, suave e magno, oficiou no ritual de uma sabedoria misericordiosa.

Paranhos encheu a vida política do país com o seu gênio e a sua palavra; libertou vontades e convicções; arrancou do ventre escravo o homem redimido. Eduardo Prado exemplificou a nacionalidade fértil, restaurando os foros e os brasões da ancestralidade piedosa e tranqüila, diligente e próvida. Arinos sentiu no coração do Brasil, no sertão lendário e místico, a grandeza de um povo seduzido pelo desconhecido. Miguel Couto conviveu com gente castigada de males e de erros, desamparada na ignorância e consumida no sofrimento, e desdobrado pelo país inteiro, educou gerações para a caridade apostolar, humilde mas invencível, anônima mas eterna.

Todos penetrados da graça infinita de saber morrer. Fiel ao trono e ao altar, Eduardo Prado – consolidada a sua orientação religiosa – nas linhas da *Imitação* meditou sempre sobre "*Veritas est in Scripturis Sanctis quærenda*". Despedindo-se da vida, Arinos encomenda à sua devoção, confiante e estóico, a sua alma tranqüila. Fulminado de dor, instantânea e decisiva no verso de Sêneca, resumiu Miguel Couto a sua lição magistral e última. E o ministro maçom, chefe do gabinete de 71; o adversário impenitente do Bispo D. Vital, em cujo nome, copiando-lhe as virtudes, preservais uma mocidade ameaçada; esse Paranhos servidor, poderoso, patriota, redimido pela cruciação da doença corrosiva e lancinante, venceu os seus intermináveis momentos derradeiros murmurando entre estertores, no limiar da Eternidade: "Confirmarei diante de Deus aquilo que houver afirmado aos homens..."

É o pouso da fé, o lugar em que vos sentais. Tem uma tradição de humanidade: a argúcia política, o panorama do passado, o amor à natureza, a unção da filantropia... Itinerário para os píncaros. Quatro destinos diferentes, rumando para a mesma glória espiritual. O proselitismo emancipador e construtivo de Rio Branco; o ímpeto patriótico, fecundo e remoto, de Eduardo Prado; o encantamento do sertanismo inspirador e imperativo de Afonso Arinos; a ciência penetrante, balsâmica, prometedora de Miguel Couto...

"Nasci na grandeza", disse de si mesmo o Visconde do Rio Branco. "As fadas benéficas rodearam o berço de Eduardo Prado, dançando levemente, carregadas de dons...", escreveu Eça de Queirós. Herdeiro de um velho nome, culto e senhoril, viveu Arinos afortunado e próspero. Perdem-se,

porém, na multidão os antepassados de Miguel Couto: nem brasões nem cofres... Ele só, o primeiro, imprevisto e inesperado, compondo um nome, uma fama, um exemplo... Ele, o milagre, saído do nada, como a obra do Criador... Veio ao mundo com um fadário: subir. E subiu sempre, sem uma vacilação, sem um arrependimento. E só não subiu mais, ao termo de setenta anos preciosos e lúcidos, porque alcançara a morada das nuvens... Daí, ascendendo ainda, penetrou no mistério constelado do Infinito...

Trajetória sideral. Uma infância humilde e monótona, uma juventude enclausurada e pertinaz, uma maturidade transbordante e luminosa. Páginas singelas e comovedoras de um livro escrito no desempenho da fidelidade, segredo da vitória. Fiel ao seu sentimento, ao seu dever, à sua vocação. Amou com exatidão, obedeceu com humildade, curou com clarividência. Pode assim, no seu tempo, ser o maior homem, porque era o melhor e sabia servir; porque, longe do mando, consolador e pressuroso, sem cargos para distribuir, sem prebendas para oferecer, cercaram-no os aplausos, as dignidades, as dedicações e os fanatismos.

Ninguém como ele, com tanta simplicidade e tão larga ternura, comparável à sementeira silenciosa, germinando apesar das imprecações da tempestade. Ninguém como ele enfrentaria inerme a onipotência das armas e a ditadura dos códigos. Esse feitio missionário formou-se na resignação da criança desejosa e na tenacidade do moço desprovido. Mas o levedo do Evangelho, o levedo da idéia pura, fermentou a massa bendita e, mais tarde, a profissão nobilante prometia ao noviço o primado sobre todos os de seu tempo.

Nenhuma ocupação apura tanto a perfeição humana como essa de aconchegar os aflitos e os doloridos. Miguel Couto iniciou o seu ofício participando da mágoa dos desamparados. Exerceu a medicina compassiva e perdulária. Naquele pedaço indigente da cidade, ladeiras tortuosas e escadarias desencontradas, o casebre lúgubre conheceu-o novo e corajoso, fortalecido em dias provados e ansiosos, descontando em cuidados o peso dos seus presságios. O desprendimento sublima a arte e, no chorar com o infortúnio, há uma estesia celestial. Corra-se o trecho da miséria: o cenário triste das ruas lôbregas, onde o trabalho se castiga de vício, e das casas penduradas, onde corpos atormentados disputam o chão sórdido da dormida. Se a moléstia se junta com a penúria, os destroços humanos, náufragos da fatalidade extorsiva, des-

crêem do amor do próximo. E em ronda sombria, só passam os companheiros da mesma sina, cobiçando talvez a redenção da morte.

Quando a solicitude benfazeja se aproxima da doença lastimosa, não demora a esperança alentadora. A voz amiga embala os transidos, alivia os sofredores. O olhar, o gesto, a palavra, tecem o agasalho invisível onde o frio abranda, o pavor sossega, o silêncio promete, o sono esquece, e a vida reponta. Há meio século, passavam-se esses lances na morada do pobre, e socorro desafiava obstáculos para alcançar a desgraça. Andrajosa a doença, mas fraternal a medicina, as beatitudes envolviam as mortificações. Nesse ambiente de sacrifícios e de lágrimas, despontou a glória de Miguel Couto, em tarefa desinteressada e serena, espalhando perfume e claridade, na expressão votiva do seu rosto, de onde nunca desapareceu aquele sorriso, concordante e concludente, muito menos alegria do que reconhecimento.

Assim, teve ele o dom de poder escutar as multidões. E quando o mérito o levou à celebridade, o mesmo pendor nazareno acompanhou o seu prestígio, como havia revelado a sua obscuridade. A carreira de Miguel Couto deulhe supremacia oracular, mas a sua vida transparente catequizou ainda mais do que a sua palavra verdadeira.

Pela cidade toda, e mesmo longe dela, o médico modesto, transformado no professor conspícuo, dominou por valor e por benevolência. Não mais somente o conselho ou o juízo, fortalecidos de experiência vasta e de observação sagaz, projetavam a sua ação e o seu renome. Na cátedra, onde pregou por quase quarenta anos, nutriu discípulos inúmeros, formulou princípios duradouros, construiu doutrinas aprovadas. Plasmou caracteres, fortaleceu aspirações, instruiu mestres, preparou sábios. Pelo que, quando se soube que o mal, pressuroso e traiçoeiro, o fulminara de pé, por longas horas, lacrimosas e nevoentas, uma procissão ininterrupta e desconsolada contemplou a figura plácida do justo, adormecido na formosura da morte sorridente...

Move-se o mundo pela vontade de poucos. Daí o perigo dos chefes, tanto os violentos e os reacionários como os egoístas e os incapazes. Nos que comandam, a sofreguidão querelante incita à desordem, e o imediatismo insaciável destrói o conceito dos interesses superiores. Atributos especiais marcam as individualidades. A força não impele os convertidos: só o exemplo os atrai. Os santos, chefes que nunca perdem autoridade, comandam com as mãos

suplicantes e convencem com o corpo mortificado. O halo de santidade é o fim da jornada pelos passos da sublimação. Quanto mais conformado com as injustiças do mundo, as murmurações da vida, os transes do sentimento, mais humanizado o apóstolo singular que semeia embora não colha, que empreende sem contar com o êxito, e que marcha mesmo para o sacrifício...

Sabedor do seu mister quase divino, nele bebendo a inspiração comunicativa, Miguel Couto, dentro das mais altas realidades, foi o pastor que tange as ovelhas mansas para o aprisco e, sem orgulho ou cólera, leva as tresmalhadas sobre os ombros complacentes. Ouviam-no de todos os pontos do país. Os indecisos enchiam-se de certeza. Na sua cátedra, ofereceu troféus e aclamações, pregou aos moços o gosto da disciplina voluntária e, lamentando a vaidade intelectual, enalteceu o poder das realizações humildes.

Eis o homem. Igual, senão maior, a sua obra, cercada da consagração universal. Tinha o direito de sede nos maiores cenáculos da Europa e das Américas. Não foi mais na sua terra, porque prezava a renúncia. Mesmo assim, abriam-se-lhe as portas e os postos das academias e das universidades. Vazou, em muitos volumes, o arquivo da sua prática. Realizou a pesquisa, dando-lhe técnica e lógica. E na preocupação patriótica a que sempre se subordinou, os problemas médicos mais imperiosos, como o da febre amarela, o empolgaram. Se muito foi na poligrafia clínica, entrou poderoso nas questões sociais, defendendo a raça periclitante, desorientada no delírio dos movimentos, na alucinação das hipertrofias, no entorpecimento das iniciativas.

Veio a esta Academia por títulos de cultura rara. De ótimas e adequadas letras serviu-se, apurado na frase escrita com a elegância e o rigor dos melhores clássicos. Não preferiu o exclusivismo ou a insistência literária. Por isso mesmo, não gastou o vernaculismo e a arte na carregação e na futilidade. Arrolou-se entre os expoentes, que não deslustram esta companhia. Aqui ficou por perto de vinte anos, dando-nos o favor de sua convivência. E todos leram, vendo-o, as linhas do seu grande livro, a história e o valor da vida de um desbravador de almas, atravessando sem mácula a turbulência do paganismo moderno, a onda dos infames desejos e dos vergonhosos compromissos, para emergir na imensa paz espiritual, favorecido de meditação e de recolhimento.

* * *

Não o acaso, mas uma invisível Providência, trouxe-vos a este lugar, cuja continuidade espiritual só vós, Sr. Amoroso Lima, poderíeis afiançar. Ele não é "o instituto de aposentadoria da decrepitude literária", como o supusestes, arrancando à Academia, em nome de uma renovação, um dos seus florões – Graça Aranha, levado sobre os vossos ombros na tarde do rumoroso dissídio. Tínheis essa dívida aberta, e pagais pessoalmente agora as conseqüências dos arroubos da mocidade inadvertida. Compreendestes a ineficiência do protesto. O sopro da moderna emancipação não incutira no doutrinador adversário a confiança no seu credo. No instante único, ele foi firme; mas depois, permaneceu indefinido. Diante dos "espectros", não podia desertar o anunciador da verdade. Por culpa de seu silêncio, os companheiros, funebremente mascarados, se debateriam no erro e no equívoco. Lançou, em retirada veloz, a excomunhão, quando melhor fora subverter a Academia bolorenta, cujo anacronismo entretanto poderia ter usado no voto ascético de Machado de Assis, inaugurando a sua Casa como uma soberba torre de marfim destinada à contemplação.

Saldais a vossa dívida, dizendo, neste mesmo recinto onde promovestes a *revolta dos anjos*, que – "a evolução intelectual de um povo obedece à tradição e à criação". A criação, a que chamais espírito próprio, sendo privilégio, não tolera vulgaridade. A presunção perturba ou mata o senso dos inovadores, e a estética dos extravagantes muito se assemelha à concepção artística desconexa dos alienados. A metáfora onomatopaica , o verso solto, o exotismo delirante, a complicação tipográfica, são o arsenal inócuo do neofilismo libertário, entronizando, com a confusão dos métodos, a demagogia letruda, excêntrica e farandulária, que mistura as excelências e as mediocridades.

A tradição, espírito coletivo em que triunfais agora, é a voz eloqüente do passado soberano. Profanando-a, os rebeldes amotinam os entendimentos apoucados. Um postulado ambíguo, impressionando um raciocínio menor, provoca o erro autoritário. E o preconceito, pretérito ou futuro, é o mal infectante da tradição, que será assim a filha bastarda da sabedoria, quanto a rotina é a descendente legítima da ignorância.

Enfim, fugindo à balbúrdia das negações, merecestes o dom de penetrar respeitosamente no passado, cuja nostalgia o presente impõe. Nesse grande passado construtivo, o passado da resignação e do devotamento, educais

uma numerosa missão paciente, penetrante, confrontando os necessitados com os propósitos da vida nobre, evangelizando de novo a terra hostil e selvagem no materialismo ambicioso, percorrendo os ciclos infinitos de Carrel, feliz indagador da natureza: o ciclo do belo, onde se contemplam sábios, artistas e poetas; o ciclo do amor, que aligeira sacrifícios e mágoas; o ciclo da graça, recompensa suprema aos que procuram com fé o princípio de todas as coisas.

No conceito do milagroso experimentador, que pode prorrogar a vida tecidual, fulge a ciência espiritualista que poliu o vosso antecessor. Reconhecendo a invisível Onipotência, defendemos a superioridade humana: fora do seu domínio, o esforço, é agitação, a idéia é delírio. O orgulho ímpio aduba o fanatismo científico, negando o divino, procurando entretanto outro deus, desconhecido e transitório, diante do qual se desespera a humanidade sucumbida ou cruel.

Apesar de todas as teorias, de todas as descobertas, de todas as leis, a vida e a morte, o espírito e a matéria, o tempo e o céu, a ferocidade animal e a crueldade humana, são eternas interrogações. A aflição só descansa no profundo idealismo religioso, onde a provação acalma as dores, dando-nos a coragem de viver. Ricos, pobres, humildes, soberbos, tiranos, sacrificados, néscios, gênios, sejam quais forem, cada qual conhece os momentos em que o erro e a falta acusam e amedrontam a consciência, que se retempera no desejo inato, incontido e luminoso, de murmurar para o espaço a oração do arrependimento.

Sobre as nossas cabeças, vela o mistério dos mundos desconhecidos. Até onde tem chegado, a audácia dos homens sempre reconheceu o recuo do intangível. Mas não cessa a ânsia de subir. No alto, está a luz, está o pensamento do Universo, está o símbolo da perfeição. Buscam o firmamento os que têm ideal: os cúpidos descem ao fundo negro da terra. E entre abismos de claridade e abismos de escuridão, passado o suplício das anarquias demoníacas, das degenerações utopistas, da força do mal e do ódio, a alma dos povos, como a alma dos indivíduos, exalta-se na espiritualidade que compreende o infinito e dialoga com os mortos.

Louvada a harmonia com que prosseguis na humana expressão da Cadeira que vos coube. Humanistas sois, e máximo, dentro do método, dentro da filosofia: método que dispõe a cultura, filosofia que encontra na morte a evidência da imortalidade. Humanismo que se dobra diante das antigas ida-

des, de onde brotaram a etimologia dos sentimentos, e a evolução espiritual da espécie. Humanismo redentor, apontando o ímpeto para a salvação; exercício intelectual que desenvolve a "*Caritas humanis generis*" entre sonhos, realidades e decepções, embaladas na litania do passado que ainda ecoa na Acrópole, no Capitólio e nas ruínas da Sagrada Jerusalém...

A orientação moderna classifica as criaturas pelo interesse, e as enreda na turbulência das sindicalizações. Ódio organizado pela competição ameaçadora. No domínio do espírito, comunidade é obediência, é pobreza, é castidade; no da matéria, é rebeldia, é cobiça, é libertinagem. Os homens jogam-se às satisfações próximas, esquecidos das necessidades profundas. O esforço, colaboração e solidariedade, desanda no tumulto e no rancor. Loucura que a mentira das propagandas oculta maldosamente no fundo das desilusões. Então, a inquietude coletiva lamenta a ausência da simplicidade. O símbolo da faina feliz subsiste na memória dos anônimos. É a visão da forja ardente, derramando fulgores: lá estão o braço fiel, o fole alentador, a bigorna sonora, a fagulha estrelante, a alma, a fé, a alegria, a transfiguração do trabalho abençoado.

Na longa perspectiva dos acontecimentos rubros, anunciados, como cataclisma próximo, pelo horizonte negro, encastelado de tempestades, assistis ao "espetáculo confuso do Brasil biológico e cultural". Conduzindo a nação, as *elites* mostram decadência. A era imperial favoreceu os préstimos da sua gente, conhecedora da cultura clássica e, conseqüentemente, da humanidade melhor. Dizia-se então, pela boca dos históricos, que o país se entravava na mediocridade equilibrada. Realizado o sonho republicano, as mediocridades alastram e desaparece o equilíbrio...

Pesa especialmente sobre a mocidade popular uma época de desmoronamento, atentando contra a sua origem e contra o seu destino de continuadores dos heróis desconhecidos, praticantes do trabalho que foi sempre um ato de fé na humanidade, enlevada nos ritmos eternos. Prometeram à juventude, nascida na confiança e na fidelidade, a energia destruidora, fonte das irreparáveis desarmonias. Longo tempo de laicismo sectário deformou e agravou a despreocupação educativa. E quando a falsificação humanística, adquirida a bom preço, arromba as Universidades, a algazarra só defende o direito de não saber.

Biologicamente, no rito pagão da forma, no exagero funesto dos atletismos, a promiscuidade devassa os encantos da seleção e corrompe as fontes da

espécie. Não se apura a raça no atropelo dos instintos, nem garante a pátria em perigo o relevo dos músculos e a exibição das plásticas. Gente forte, é o lema. Mas deitados ao longo das areias do mar, na hora adiantada e intensa da obrigação, homens válidos estendem-se na imobilidade dos desocupados, pedindo ao sol causticante, não a medicina dos seus fulgores, mas a tonalidade africana da nudez provocadora. Era olímpica da força transitória. Um murro vale mais do que um livro. Aos poucos a dissolução campeia, a virtude indefesa temerá as ciladas do pecado. E Gabriel e Lúcifer carregarão as pedras do edifício futuro...

Por isso acabais de denunciar a hora das ameaças: "a inversão moral, a dispersão política, as injustiças econômicas". Outro que eu saiba, não existe, melhor do que vós, organizador da resistência capaz de restabelecer e de resguardar os bons princípios. A conspiração dissolvente maneja a miragem a ininterrupta ventura temporal e, coligando os desatinados, engrena na confusão a mocidade sem guia. A sugestionabilidade dos novos envolve-os na fantasia cruel das idéias odiosas, germinadas na ambição dos trêfegos. Mas ao lado das velhas heresias, das filosofias imundas, das ciências eróticas, segue a confraria da caridade, de que sois pendão altaneiro, obediente a um credo imortal, espalhando pelos recantos tristes da cidade o benefício da regra que, antes de tudo, protesta contra a caducidade do dever.

O materialismo resolveu trucidar, porque se sente morrer nos escombros da incredulidade. Inexplicável e inexplicativa, a matéria. A horda selvagem agride o espiritual, debatendo-se na ignorância raivosa. Revoltada, a incapacidade não tem uma atitude fraterna. Na arenga conspurcadora não há apelos, há ameaças. Afiançam a felicidade, não pela paz e pela doçura, mas pelo sangue e pela profanação. Enquanto o desordeiro lança bombas, o missionário derrama bênçãos. Mas o insulto vociferante não abafará jamais o murmúrio da prece universal.

Os atordoados imprecam. O homem pede socorro. É preciso salvá-lo dos automatismos políticos, das compressões partidárias, dos ensinos rapinantes, das amestragens pedagógicas. A crise é de sonhadores, sufocados de técnicos, na nostalgia do ideal, refugiados no remanso onde não medra o utilitarismo vencedor e fortificado, derramando metralha. Esta tranqüilidade, sim, será um dia a pátria que não se representa numa comandita aventureira,

mas só se integra numa comunhão espiritual, numa fé coletiva, numa generosidade transbordante.

Para lá caminhamos: o passado venerável e imemorial há de se impor ao presente atrevido e vertiginoso. Vertigem que não poupa vítimas. Duas realidades antagônicas: a roda veloz, alucinante, zunindo para o abismo, levantando pó; a roda mansa, cautelosa, cantante, em busca da tarefa, abrindo trilha... São assim os homens. Uns chegam rápido à morte, sem tempo de contemplar o panorama da sua geração. Outros, lentamente, semeando afeições, abrem sulco na consciência da sua época.

Mesmo, seja essa época a do paganismo que despudora os corpos púberes e as almas adolescentes. A sabedoria de Santo Tomás de Aquino manda freqüentar a natureza por causa do divino, "nessa esfera infinita, com o centro em toda à parte e a circunferência em parte alguma..." vale a perspectiva terrorista, porque gera o deslumbramento do martírio. O que é igual repousa, o que difere fecunda, disse Goethe. O erro vem da semelhança, sentencia Platão. Desta forma não claudicarão as vontades diante dos obstáculos. A dispersão política, de que vos arreceiais, só subsiste pela incompreensão e pela má distribuição das liberdades. A Igreja condena o liberalismo, se ele constitui reivindicação de independência absoluta, naturalismo filosófico aplicado ao domínio moral. Gregório XVI, no "*Mirari Vos*", denunciou a autonomia kantiana que emancipa o indivíduo das imposições morais, recordando a máxima de Santo Agostinho: "Nenhuma morte mais funesta às almas do que a liberdade do erro."

De fato, no pandemônio político abusam da metafísica da autoridade e se entrincheiram no excesso dos direitos soberanos e das liberdades intangíveis. A disciplina cívica, perturbada pelo panteísmo político, apura-se no preceito católico que aconselha pacientar com a temeridade despótica dos príncipes. Da ordem pública, ainda comenta o Doutor Angélico, cada um espera aperfeiçoamento da sua existência e dos seus costumes pela ação da virtude. Tal a coerência doutrinária que, séculos depois, na *Vie Spirituelle*, o Père Lagrange reage contra a noção naturalista da caridade, alma da democracia religiosa. O ensinamento não se destina apenas à massa irrequieta. O preceito da obediência praticante não se aplica somente à onda humana desgarrada;

maior e mais imprescindível a responsabilidade dos que precisam conhecer o rumo do bom governo.

Não menos reparadas, na verdade cristã, "as injustiças econômicas": "a luta entre o poder do ouro e o poder dos desesperos". Os padres da Igreja, em estilo severo que os escolásticos abrandaram, censuram a negação do regime distributivo, porque os afortunados insistem em não querer distinguir o suficiente do supérfluo. Adverte o ardente São Basílio que pertence ao nu a roupa guardada nas arcas e, ao pobre, o ouro escondido nos cofres. Fundamento de uma verdadeira doutrina jurídica: desde o século IV, para a Igreja, o uso do necessário é um direito e a posse do supérfluo uma intendência. Era assim que, aos ricos da sua Igreja, falava o Bispo de Cesaréa, há mais de 1.500 anos...

Será difícil, mas conhecido, o caminho da vida feliz. O efêmero, porém, não é a rota. Nem o efêmero nem o opulento. Palácios, festins, alfaias, moedas, não afugentam pesadelos. Bem-aventurado, o simples, contrito e agradecido, servidor do Pai Perfeito que, das alturas, tanto o afasta da tentação como o aproxima do pão de cada dia.

* * *

Em pouco mais de três lustros, escrevestes três dezenas de livros. Como assunto, tudo: o moral, o econômico, o jurídico, o literário, o pedagógico e até o político. Para cumprir a fórmula regulamentar não vos faltaram razões. Recém-vindo à maturidade, pensando com maestria, herdastes, e guardais, o magnífico espólio intelectual de Jackson de Figueiredo, o animador da vossa fé. Ainda não se havia focalizado o nome desse cavaleiro da nova cruzada e, entre os rumores de entusiasmo, corria a nova da vossa conversão, declarada na *Tentativa de Itinerário*, programa de uma campanha de renascimento "pela volta à religião que nos formou, pelo estímulo à ciência verdadeira, pela reforma social cristã de uma sociedade que se suicida na inconsciência paganizante, pela fusão da arte com a realidade, para arrancar a máscara do convencionalismo sem prejuízo do humano e do universal. E acima de tudo a reforma do homem íntimo, a orientação ao Santo mais que ao super-homem".

Estreastes na arena literária antecipando um triunfo com o estudo da vida fidalga e esmaltada de Afonso Arinos. Nesse surto, consagrou-se desde logo o ensaísta. Nascido sob o signo da predição, para vós a crítica foi antes

de tudo um instrumento de verdade. Ninguém se entendia na república das letras e os censores azedavam-se demais nas polêmicas contundentes. Sobreposto à confusão, fizestes o anacrônico renegar o absolutismo e o vanguardeiro evitar a desordem. Muito tem servido o clássico para encobrir a insuficiência e o moderno para disfarçar a ignorância. Nos arrebiques das linhas arrevesadas demasiadamente gramaticais, costuma faltar à inspiração; nas páginas desordenadas, esotéricas, essencialmente boêmias não é raro minguar a originalidade. E, molestado pelo superficial alheio à convicção que participa do fundamento moral de arte, desempenhastes o papel de comentador, derreando tanto a teimosia dos massudos como a leviandade dos inovadores.

Muito de malquerença vos tocou: tributo da estimação. Por conta do alegado insidioso, articularam-se principalmente os que se desesperam com a vossa austeridade. Assim é que, iniciado na moderna economia política, complexa e esquiva, a sociologia contemporânea, confusa e buliçosa, pensastes professá-las com a galhardia de todos os vossos empreendimentos. A intransigência obstou! No reinado dos pedagogos os irreais dispõem do dogmatismo pueril. Recalcando a razão, vetaram o vosso direito por hostilidade à vossa crença. O repúdio não maculou. Lá está indelével nas Escrituras que na cadeira de Moisés sentaram-se os fariseus.

Fora dos interesses e dos corrilhos a exegese política levou o vosso concurso à trincheira dos defensores da dignidade sentimental. Simulando uma ideologia altruística conspiram e arreganham os demolidores dos templos e dos lares. Dado o alarme, a vossa atividade jornalística despachou-se para todas as distâncias congregando os vossos fiéis. Assim sois o grande chefe, instruindo e educando, outro Frederico Ozanam, o santo leigo, como vos chamarão um dia, fixando na questão moral a questão social, "efeito menos do pauperismo verdadeiro do que da ignorância religiosa e da impaciência autoritária". Grande chefe que encheis uma vida ainda curta com uma utilidade sempre desmedida.

Destes textos há distribuída matéria esparsa para vários tomos. E se não traçais diariamente de mão própria o tema palpitante, o vosso estado maior traduz o que pensais na "Coluna do Centro", de um onde dirigis o bom combate. Não transige a vossa alta imparcialidade, nem mesmo diante do exclusivo trato regulamentar das práticas religiosas exteriores que, por si

sós não representam o verdadeiro espírito católico. Assim julgastes o problema da burguesia, e não temestes, chamando-a ao exercício da dedicação, censurar o egoísmo aflitivo e sôfrego dos candidatos ao Reino do Céu, que limitam o seu fervor à impertinência das súplicas exaustivas.

Privilegiadamente cristão, cuidais da vossa alma carregando os fardos alheios. Espontâneo e pontual, o vosso estilo combatente reveste de humildade invencível a vossa serena coragem. Ninguém vos negará a devoção, nem a sinceridade, e por isso podeis proclamar a falência da civilização burguesa, sem conceito de sacrifício, roída de individualismo, envolvendo os novos no ambiente do artifício religioso, subordinado às exigências do comodismo nepotístico ou do arrivismo ganancioso.

Recusastes permanecer no tumulto da gente que "nasce envelhecendo e de alma cansada, passando pela infância como moços prematuros e pela mocidade como velhos desiludidos". Enfrentais a estrutura do mal moderno sibarita e negativista, fermentando na indiferença religiosa, na neutralidade política, no laicismo pedagógico, no individualismo econômico. Os vossos escritos preparando a "Reforma Social", espiritualizando "a Política", organizando a "Contra-Revolução Espiritual", desmaterializando o "Direito Moderno", esclarecendo os "Debates Pedagógicos", anunciando o "Limiar da idade nova", desenrolam-se eruditos e definitivos, conferindo-vos a magistratura intelectual que condena a precocidade, o naturalismo, a ironia céptica, os três demônios tentadores da mocidade desprevenida.

Senhor de invejável organização cultural, destacado dentre os de melhor água na atualidade brasileira, sois uma figura primaz, inconfundível de pensador. Documentos de excelso sentido, os vossos livros bastavam para deferirmos a vossa solicitação. Mas, além da capacidade criadora, para maior irradiação desta noite festiva, direi também do fecundo apostolado que tem sido a vossa ação predestinada, apontando aos errantes e aos desarvorados a morada das virtudes.

Tendes um bando de discípulos. Eles transmitem a vossa palavra e copiam a vossa alma. Andam pelas colinas aflitas da cidade. Chama-os a toca, e eles já sabem consolar. Realizam com esforço o alívio da penúria, prometem com segurança a recompensa do sofrimento. Galgam por declives adversos e pedrosos, a crista do monte e, aos pés do Cruzeiro, desvendam aos revoltados

a ânsia da cidade enfartada de mal. Quando sobem, para o exercício da caridade, vão pelas mesmas veredas por onde, há meio século, Miguel Couto passou e venceu. Estranha coincidência, a desse encontro de vocações entregues, agora, tanto ao vosso culto incessante como à vossa vigilância paternal.

A Academia vê em vós, Sr. Alceu Amoroso Lima, o grande unificador de corações, reacendendo nos novos a chama gigantesca da transformação espiritual. No meio da noite escura, até os incrédulos se orientam pela marcha dos astros. Há um grande temor pelo futuro. O mundo tem medo de si mesmo. Mas o mundo é um conceito sagrado. Entrelaçadas as mãos, firmes e puras, na extensa cadeia da fraternidade, ufanos de sua origem divina, os homens de amanhã, como os rios oceânicos, seguirão pacíficos o seu destino majestoso.